Ano 1.° Arazêde, 5 de Janeiro de 1913 N.° 46

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

Politiquice barata

Por muito que dôa á consciencia dos nossos conspícuos homens públicos, que, num hibridismo de caratéres, de temperamentos e de convicções, norteiam os destinos da Pátria e da República, nós continuamos a afirmar que tudo isto corre lamentavelmente como no tempo da monarquia, em que havia as preocupações do mando, as vaidades mal contidas, as negociatas, as sinécuras e a veniaga, um pandemónio de acrobatas, de mistura com uma súcia de arlequins.

E' tudo quanto ha de mais risivel.

Prometeu-se, antes de implantado o nôvo regime, entrar a valêr na vida nacional, encarando a sério os problêmas mais urgentes para o ressurgimento da Pátria, estudando o meio de obviar a dificuldades imperiosas que de certo surgiriam com o advento da República. Tôdos os caudilhos do Partido Republicano se sentiam animados dos mêsmos desejos, firmados tôdos no propósito digno de resolvêrem o que de mais indispensavel carecesse a nação. O problêma da instrução corria em tôdas as bôcas cômo um recurso suprêmo do qual derivaria a felicidade e a consolidação da República. Escolas, educação do Pôvo, luz a jorros pelas camadas inferiôres que viviam mergulhadas nas trevas do obscurantismo e juguladas pelas férreas mãos clericais—eis um problêma cuja solução devia sêr rapida, mal a República fôsse um facto em Portugal.

Rompe o 5 d'Outubro. Madrugadas de esperanças e de anceios frementes fôram despenhando sempre na espectativa benévola dum periodo de renovação social e de bem-estar colectivo. Trabalhou-se muito durante alguns mêses e produziu-se muitas leis tendentes a rejuvenescêr uma pátria abatida pelos actos ferozes da monarquia. Depois... foi o que se viu, e é o que se vai vendo. Não se respeitam muitos artigos de leis basilares; conservam-se manjedouras caras para sustentar a gastronomia de certos pedantes; cada qual que tenha pruridos de importancia põe e dispõe de tudo isto cômo se fôsse *roupa de francêses;* não ha a democracia do Pôvo pelo Pôvo; não ha a firmêsa dos principios proclamados no tempo da propaganda e tão necessários agora para a estabilidade e florescimento da República; não ha a união dos espiritos republicanos mais fortes, mais superiôres e mais disciplinados, que deveriam metêr ombros á emprêsa grandiosa de elevar Portugal ao nivel das nações cultas e florescentes.

Que ha então? A onda avassalante e trágica da politica mesquinha a invadir tôdos os escaninhos da administração pública, cômo um verdadeiro pandemónio, mais nêgro e mais tumular do que o pandemónio de Milton. As scênas fantásticas e nojentas que fizeram sua época até antes do 5 d'Outubro têm-se repetido com tôdas as côres mais ou mênos carregadas, apesar de havêr muita gente que de propósito queira ocultar tôdas essas misérias. Não se pensa em mais nada que não seja na baixa politica. Nos ministérios, no parlamento, nas corporações administrativas, tudo está eivado da fobía monárquica, que é cômo quem diz, tudo vai seguindo os processos falhos do antigo regime.

E contudo, não é isto que nós querêmos, não é essa montureira de sistêmas e de critérios administrativos que hão-de triunfar. Já o dissemos: — a República, a verdadeira República, unitária, social, humana e grandiosa, ha-de fazêr-se ainda. O que para aí está é um sobado de farçantes. Tôdos querem governar para dar com isto em pantana. Ministérios cêem, ministérios se levantam, partidos se abatem e partidos se elevam; e no fundo, são tôdos a mêsma coisa, tôdos valem o mêsmo.

Forjam-se leis e as leis não se cumprem; vêem-se classes na miséria e não se lhes dá pão para mitigarem a fome. E todavia arranja-se dinheiro para sustentar pantagruélicos ventres; arranja-se dinheiro para comprar *cavalos de Estado;* arranja-se dinheiro para sustentar caprichos e luxos caros! E a Instrução, o Comercio, a Industria e a Agricultura, a morrêrem de fome, de inanição extrêma!...

Em que pensam então os govêrnos em Portugal? Em que pensa o parlamento desta República monárquica? Em politica de ninharias, em politica de castelos no ar, em politiquice barata, cômo geralmente costuma sêr a politica portuguêsa. E só nisto.

Coisas simples

As sufragistas

As sufragistas inglesas lá deram outro espectaculo.

Segundo disseram os jornais, uma sufragista presa por causa do atentado contra um ministro inglês, ao sêr interrogada pelo juiz fez dele gato-sapato como trivialmente costuma dizer-se, não obstante, a magistratura gosar na Inglaterra tanta preponderancia e respeito. Outras fôram ás caixas postais lançar para dentro materias córantes, deteriorando naturalmente correspondencias de importancia.

Será isto maneira lógica de fazer propaganda em pról dos direitos da mulher e de trabalhar por uma ideia?

Não. Estes actos revélam, se não processos anarquistas embora desvirtuados, pelo menos avaria mental... Pela fôrça não se pódem impôr; pelo direito não as atendem, propoem-se a fazer diabruras.

Eu não sei que expedientes usáram as mulheres norueguêsas para conquistarem o direito do voto, como de facto já teem, mas certamente não fizeram como as sufragistas inglêsas, pois que para conseguir vêr realizada uma aspiração que importa modificar a marcha das convenções sociais, é preciso trabalhar sem desfalecimentos e com a nitida compreensão daquilo que se pretende.

Entre nós tem havido uma deliciosa calma sobre o assunto. Não sendo D. Beatriz Angelo (que já repousa na paz do tumulo) e a «Liga republicana da mulher portuguêsa», em Lisboa, ninguem mais se importou de pugnar pelo direito do voto. Vem depois o Congresso, num gesto de generosidade *acanhada*, concedê-lo: generosidade, porque dar-se o que se não pediu já é favor; acanhada, porque tal direito só foi concedido á mulher possuidora de um curso superior ou secundario.

Admitindo em principio o direito do voto á mulher, eu não o pretendo para ela, conquistado por meio de revoluções quixotescas como fazem as mulheres da Gran-Bretanha, nem em comicios de soalheiro.

E' certo que se as nossas bem-aventuradas avós coévas do seculo passado cá pudessem vir agora e ver os agigantados passos que a mulher tem dado nas industrias, nas artes, nas sciencias, em tudo que diga respeito á luta pela vida e... até na politica, ficavam de espanto mais «passadas» que qualquer múmia do tempo de Ramsés II...

Mas, visto que as barreiras postas ante o progresso e as velhas usanças que faziam da mulher, méra serva da róca e do livro de orações, vão sendo transpostas, é preciso dar unidade ao trabalho e á propaganda para deles se tirarem os frutos desejados.

Assim, entre nós, eu desejava que antes ou a par de ligas politicas, as mulheres portuguêsas formassem associações de beneficencia que reprimissem muitos vicios sociais, que acudissem a muita miséria, que contribuissem enfim para fazer baixar nas estatisticas o numero do analfabetismo. Depois, sim, eu desejava, aplanados estes trilhos, que a mulher fizesse amplo uso do voto, conscia dos seus deveres sociais.

Entretanto é de crér que a mulher portugueza sendo tão pacifica (esqueçamos agora Brites de Almeida em Aljubarrôta) não queira exibir os ridiculos espectaculos das sufragistas inglêsas.

Dezembro de 1912.

Aurea Judit Amaral.

VERDADES

Diz um professor no nosso estimado colega do Porto, *A Federação Escolar*:

...Afóra o governo provisório, os governos da Republica pouco têm feito em beneficio do ensino popular. A instrução continua a ter a sorte da gatinha borralheira do conto das fadas. E' colocada em logar secundário, para darem a primazia aos aeroplanos, canhões, carabinas, cruzadores, etc.

Uma parte dos portuguezes andava com a cabeça pelo ar, mas agora, com a esquadra de aeroplanos, monoplanos e mais planos, acabamos por ir todos parár nas regiões sidérias, até os elementos se aborrecerem de nós e nos precipitarem, á laia de chuva, na Terra dos Malucos, que talvez exista perto da Terra dos Cegos, que Wels nos descreve.

Julgamos um enorme contrasenso o descurar a instrução, para só tratar da imaginaria defeza nacional.

Tal qual o que aqui têmos dito. Os nossos govêrnos, súcias de doidos que copiam da monarquia, não se importam com a instrução para nada e só pensam em armar castelos no ar. Depois não querem que se diga que isto é uma monarquia de barrête frigio, dirigida por homens que só têm de republicano... as unhas dos pés.

CRÓNICA DO PORTO

Agonisava o ultimo dia do velho 1912: E que agonia a sua, mãe genésica, que de convulsões no seu estertorár!

Ao largo, o velho Oceano, que por vezes se róça meigamente nos pés graciósos da nossa Foz, erguia o dôrso altivo num impeto feroz de alegria trágica.

E porque havia de rir o Oceano?

Oh! bem simples:

E' que eu afeiçoei-me á sua Foz, á sua areia, ao seu rugir, ao seu marulhar, á sua face glauca e magestosa, e daí a sua alegria selvática.

E' que êle sabe as dôres, as incertêsas por que a minha alma passou durante êsse longo periodo de 366 dias, e, como amigo, diverte se com a agonia do meu mais cruel inquisidor.

E' que êle sabe quantos prantos eu tenho vertido em suas margens, quantos soluços me tem espedaçado o pobre peito, e êle — o velho rugidor de antigas éras — chegou a apiedar-se...

E, entretanto, o velho 1912 morria na cruel agonia do remorso.

Ele, que estendêra o gigantesco corpo por sobre o mundo inteiro, tinha escolhido a Foz, a pitorêsca Foz, para repousar o coração — sarcófago letal de infamias e traições.

Sentia-se-lhe o palpitar do arcaboiço, como que com saudades de abandonar a vida e... o látego impiedôso da tortura aos pobres desherdados!

.....

Surgira o 1913.

Que serás tu, ó visitante, que novas surprêsas nos trarás, que novas decepções nos trarás tu?

Na realidade, eu volto a fitar as mesmas paragens onde o meu pungir se tem desenrolado; as mesmas piras d'holocausto onde o meu frágil corpo tem tombado tanta vez, n'um sacrificio cruciante.

Eu volto a fitar o mesmo sol, a mesma lua, testemunhas dos meus prantos; eu volto a ver os mesmos rouxinois que á tarde, entre os salgueirais floridos, confundiam com as minhas as suas queixas.

Eu volto a ouvir a musica do vento, dêsse velho algôs que tanta vez me retalhou as carnes resequidas, nas minhas visitas noturnas de sonhador amoroso á linda Foz.

Eu volto a aspirar os perfumes de candura, nuncios dum anjo puro e virginal.

Eu volto a saborear o ácre dos desenganos, o gosto amargo das desilusões.

Eu volto a tatear a minha fronte escandecida pelo sofrer, e contraída pela sinistra garra da tortura.

Eu volto, sim, eu volto a apreciar com os meus cinco sentidos os mesmos prelúdios que o velho ano que passou me soube dar para mais tarde colorir o mais doloroso epílogo!

Eu vejo, caro visitante, que a tua ampulheta não virá marcar os momentos do meu goso, mas sim as horas do meu sofrer.

Não voarei em tuas azas de condôr ás deliciosas paragens do gosar: tombarei por sob a crua foice que sobraças, numa queda mortal, irreparavel.

E' o destino, o crú destino, e portanto eu direi resignado qual musulmano:—Estava escrito!

Tudo se passará sem um queixume, porque a *hora do fim* está comnosco, disposta a auxiliar-nos ao nosso primeiro apêlo.

...E quem sabe, ó enigmático visitante, se tu, ao fazeres a tua despedida terás de passar por cima do meu tumulo?

Quem sabe?!...

Porto, 1 de Janeiro de 1913.

Gomes Monteiro.

E disse...

Entretem-se um jornaléco qualquer, que impropriamente uza o titulo de *Via Ferrea,* — devia chamar-se *Via-Léria* — a debicar no *Dever,* que nunca o ofendeu nem sensurou em coisa alguma, imaginando talvez que, agredindo malcriadamente a corporação redatorial dêste periodico, nos fére isoladamente a nós, que, fartos de coices e de ingratidões, um dia lhe virámos as costas e a quem, já depois disso, contudo, por um extremo de benevolencia e delicadeza, prestamos alguns favores.

Mas a *Via-Léria* engana-se. E verá se se engana ou não.

Queremos referir-nos á maneira pedante e insolente como se dirigiu ao *Dever,* no ultimo numero, a proposito do artigo do nosso valioso colaborador, *Sol,* pois, transcrevendo algumas passagens do seu escrito, chamou-lhe *pensamentos do Dever,* etc.

Ora nós já aqui temos acentuado que só é da responsabilidade da redação o que sem ligitima firma ou pseudonimo se publicar, e escusamos dizê-lo agora mais uma vêz.

Os colaboradores do *Dever,* que são todos criaturas muito nossas, teem a liberdade ampla de escolher, firmando ou não as suas produções com o seu nome verdadeiro.

Já não é a primeira vêz que a *Via-Léria* nos atira parelhas nêste sentido, e nós, cançados de aturar as suas palermices, vimos dar esta ultima explicação aos nossos leitores ferro-viarios, que felizmente são em elevado numero, e não á *especie* de jornal de classe... do Sul e Sueste, que consideração nenhuma nos merece, porque por demais conhecemos os seus processos jornalisticos e...

Mas a *Via-Léria,* que tem por cobrador, mentôr e môço de fretes um Pintainho qualquer, que mesmo no verão dá Saraivada, téme que nós nos atravessemos no caminho, fazendo baquear a pontinha de prestigio de que ainda gósa, mercê de meia duzia de ingenuos, e daí as suas inoportunas mas inofensivas arremetidas.

Porque nós, é forçoso confessalo, não temêmos nem Saraivadas Pintos Santos nem Viegas Bernardos Franciscos.

O caminho que nos propozémos trilhar é manifesto, é palpavel.

Quando ajudámos a fundar este jornal, a cuja corporação votâmos a mais entranhada das amisades, fizemo-lo guiados por um pensamento humanitario, tendo em vista a educação do povo da nossa aldeia e pondo os olhos na classe honrada e prestimosa a que temos a satisfação de pertencer, esperançados em que ela não deixaria nunca de estar ao nosso lado para escalpelisar malandrins que, arrogando-se de seus mandões e inspiradores, só teem em mira engrandecer-se á custa dos humildes que mensalmente lhes confiam a meia duzia de vintens da quota, etc.

E foi assim que, dentre outras secções abrimos a Ferro-viaria, já hoje abrilhantada pela colaboração erudita de algumas das melhores penas ferro-viarias, não nos poupando a esforços para torna-la cada vez mais util e interessante, pensando mesmo em alarga-la se a classe corresponder generosamente ao nosso intuito.

Mas que *Vias Ferreas* ou *ferreas vias* nos insultem, isso é que não admitiremos, pôsto que não estejamos dispostos a discutir ou questionar com quem quer que seja, pondo hoje ponto na polémica.

Podem falar á vontade.

ALMEIDA JUNIOR.

P. S.—Depois de traçadas estas linhas, a correr, a uma hora em que o repouso nos está chamando com insistencia, depois dum dia de labôr insano, deparámos, ao abrir uma carta que mão amiga nos enviou, com um arrazoado não menos impertinente, com a agravante de ser mais estupido e mais imbecil, que um Bátistinha das duzias, ali dos lados do sul, se lembrou de remeter á redacção d'um jornal, tendo antes esfrangalhado a gramatica e curvado o dôrso pedindo a insersão de tanta asneira e o despejo de tanta bilis e de tanta inveja.

Mas o *coiso* não merec que com ele se desperdice tempo.

Branco é... em Pombal o põe.

A. J.

Agradecimento

António Maria da Silva Ferrão, Maria da Conceição Mendes Ferrão, Emilia da Silva Ferrão Tavares, Alvaro da Silva Ferrão, Elvira da Silva Ferrão, José Maria da Silva Ferrão, Angelina da Silva Ferrão, António da Silva Ferrão e Alberto Borges Tavares, na impossibilidade de agradecêrem pessoalmente a tôdas as pessôas que se dignaram acompanhar á ultima morada sua sempre chorada mãe, sogra e avó, e bem assim á Redacção do *Devér*, desta localidade e outras, que noticiaram o falecimento e enviaram condolencias, a tôdos o seu reconhecidissimo agradecimento.

Traidôres

Um conjunto de circumstancias nos autorisa a dizer de novo que os traidores á Patria se movimentam para preparar qualquer coisa de grave que lhes pareça viavel nesta terra de bons portuguezes e duma extrema benevolencia para aqueles miseraveis de dentro e de fóra do paiz, que não podem tragar que a Republica portuguêsa seja de facto o regime que o pôvo bom e fiel escolheu para redimir a Patria querida.

Não haja duvida que nos ultimos tempos se começou a desenhar uma corrente grande contra a Republica e seus governos, inventando-se os boatos mais disparatados e acessiveis mesmo á inteligencia menos culta, e especialmente áqueles onde a instrução nunca entrou, para assim intimidar e desorientar os próbos aldeões que teem fé na Republica para engrandecer a sua Patria.

Todavia, ainda alguns cidadãos dedicados pelo novo regime repelem com um impulso de patriotas, esses pretenciosos boatos, e esforçam-se para os fazer parar, estando sempre em campo, ainda que preciso seja, á custa do maior sacrificio, para conservar o prestigio da Republica por ser a obra da Verdade.

Ainda que nenhuma acusação concreta, precisa, fundada em factos de magna importancia, se tenha feito ao regime que nos salvou das garras infames da monarquia, é certo que os miseraveis traidôres e assalariados da Companhia de Jesus, inventam, da fórma mais infame, boatos terroristas a que é preciso que o governo ponha termo, acabando com este estado de coisas que são a causa de sobresaltos nos espiritos mais tacanhos e incultos.

Parece-nos uma boa e sã medida, que se deem ordens positivas e claras a todas as autoridades administrativas do paiz, para fazerem cessar tal abuso.

Assim, ou terminam os boatos alarmantes, ou, quem lhes dér curso, terá que sofrer-lhe as consequencias.

Por muito agitada que seja a nossa vida politica, de maneira alguma devemos consentir que os agentes dos traidores corram o paiz lançando a *bilis* contra o novo regime e os seus homens, que todos os bons portuguezes e leaes republicanos devem defender com sacrificio da propria vida.

Ha dias, em certo sitio, chegou a afirmar-se que, na noite seguinte, rebentaria uma contra-revolução monarquica. Ora este disparate fez agitar os espiritos puramente republicanos que, no primeiro momento, ficaram, como era natural, indecisos.

Quem inventou aqueles boatos? Alguem, sem duvida, e que é preciso procurar para socego de todos.

Alguem tambem nos informou que, no dia dos boatos, trez talassas, conversando á porta da Havaneza, em Coimbra, falavam em coisas tétricas e até mesmo numa gréve geral auxiliada por empregados de caminhos de ferro.

O cidadão que isto ouviu e que pouco conhece Coimbra, foi em seguida procurar um agente civico para deter, para averiguações, os trez talassas; mas, não o encontrando proximo e voltando em seguida, já não viu mais os falsos portuguezes.

E' nisto que eles já pensam;—provocar uma intervenção estrangeira, visto que se convenceram de que restaurar a monarquia é coisa inteiramente impossivel.

Tudo serve a estes traidores encravados: calumniar a briosa classe dos empregados ferro viarios, quando é do conhecimento do publico que os trabalhadores dos caminhos de ferro lutaram sempre pelo ideal republicano e milhares deles sacrificaram a vida e o pão pela Republica, no glorioso dia da sua implantação.

Morram os traidôres!

A. F. A.

PEREIRA D'ALMEIDA

Parte no dia 7 para a Madeira este nosso presado amigo, antigo funcionario da companhia da Beira Alta e ultimamente chefe principal da Pampilhosa.

Pereira d'Almeida foi colocado como recebedor de concelho na ilha do Porto Santo.

Boa viagem e mil venturas.

Bibliotéca das creanças

Acaba de aparecer

NOEMIA

por J. Agostinho

E' o XV volume da *Bibliotéca das creanças* da casa Editora de Antonio Figueirinhas.

Noemia é um lindo romance cheio de gravuras, um bonito brinde para creanças. Cada volume desta bibliotéca, sobre historia, literatura, sciencia e arte, custa 100 réis br. e 200 réis encadernado. E' a bibliotéca para creanças mais variada e barata que se tem publicado entre nós.

Deposito geral no Porto: *Livraria Portuense* de Lopes & C.ª, Sucessor—119, rua do Almada.

Em Lisboa: *Livraria Ferreira*, 132—Rua do Ouro e *Livraria Brazileira*—Rua do Ouro, 192.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XL

Um artigo interessante sobre os «boy scouts»—O fim dos «boy scouts» é tornar cidadãos aptos para a vida—Emquanto os anglo-saxões progridem, hibernamos nós

Gastei ha bocado cinco minutos na leitura de um artigo de Paul Vuibert, publicado em *L'Education* e dela traduzido para *O Ensino Profissional*. Têma: os «boy scouts». Fil-a a principio descuidadamente; mas, numa certa altura, o interesse dominou-me. Vuibert expõe bem—e o assunto, que eu quasi por completo desconhecia, era sugestivo. Por isso, resolvi dar aos meus benevolos leitores—tam benevolos que até alguns me dirigem imerecidos elogios—uma ideia da original instituição, milicia ou como melhor queiram chamar ao «Boy Scout».

A ideia partiu, em 1908, do general inglez Baden-Powell, que, tendo feito a campanha do Transvaal, teve ensejo de admirar a estraordinaria preparação para a luta que revelaram *os povos das florestas virgens*. Homem inteligente, investigou quanto pôde a origem de tal facto. E foi encontral-a nesta coisa simples: o exercicio, ás vezes de uma violencia inaudita, a que os habitantes do sul da Africa submetem os filhos entre os 11 e os 18 annos. Constatou ainda que «a *super-civilisação* produziu um enfraquecimento da vontade e da iniciativa. Dá gerações de intelectuais e de sensitivos, de artistas e de sábios, de *diletantes* e de criticos; mas o fervôr da ação, do esfôrço, e do risco vai-se perdendo. Gostamos mais de vêr fazer do que de fazer, de repousar do que de ir para a frente, de gosar do que de criar. O entorpecimento, precursor da paralisia, ganha as nossas velhas sociedades».

Daí o lançar as bases do «Boy Scout», que já quando da coroação de Jorge V apresentou em Londres 30:000 membros, a que o monarca passou revista, e que hoje conta para cima de meio milhão deles. «*Estar apto* é a sua divisão e o fim de todo o seu esforço». Os dez artigos da sua *Lei* são comoventes, Eil-os:

«1.º A palavra de um «scout» é digna de fé;

«2.º Um «scout» é lial;

«3.º O dever de um «scout» é tornar-se útil e ajudar os outros;

«4.º Um «scout» é amigo de toda a gente e o irmão de qualquer outro «scout»;

«5.º Um «scout» é cortez;

«6.º Um «scout» é amigo dos animais;

«7.º Um «scout» obedece;

«8.º Um «scout» sorri e assobia;

«9.º Um «scout» é economico;

«10.º Um «scout» é puro em pensamentos, em palavras e em obras.

O resto da organisação aproxima-se muito da militar. Os «boy «scouts» têm as suas *patrulhas*, os seus *batalhões*, etc. Iniciados, têm de habituar-se ao trabalho manual. Deverão saber «acampar na floresta, construir abrigos e barracas de campanha, acender o seu lume, cozer o seu alimento, orientar-se pelas estrelas, seguir os rastos dos animaes»—numa palavra, *bastar-se a si proprios*.

A proposito, Vuibert frisa:—«Não será na verdade o «scout» chamado a repetir mais tarde os actos próprios da instituição em que se filiou: as vocações de sapadores e de exploradores são o menor numero e nem é para isso que ele se prepara. Uma disciplina exacta, a pratica de uma obediencia instantanea e um certo aspecto militar não significam de maneira alguma que deva esperar entrar em campanha um dia. Evidentemente, uma surpresa é sempre possivel—e, nesse caso, o seu treino «scout» ser-lhe-á um auxilio inapreciavel: mas não é aos trabalhos guerreiros que o destinam.—E' para as obrigações da vida corrente e para os deveres ordinarios do cidadão».

Tudo isto é encantador, pois não é? Mas só o compreendem bem os povos anglo-saxões—que, apesar de serem já hoje os verdadeiros dominadores do mundo, vão avançando sempre na estrada firme que um dia começaram a trilhar. Entretanto, nós... descançamos dos duros trabalhos que outr'ora tivemos...

PROF. MANUEL JOSÉ ANTONIO.

A proposito do livre pensamento

III

Qual a impossibilidade, para o livre-pensador, de conceber a existencia dum Deus regulador das nossas almas?

E' esta a terceira pergunta formulada pelo sr. José Maria Pinto Mouteiro a que chama, por outras palavras, a principal mola da questão, a mais ampla e mais complicada. Pois bem. Vamos nós procurar meio de desatar esse *nó gordio*, mas de forma a satisfazer tanto quanto possivel a, aliás fundamentada, curiosidade do sr. Pinto Monteiro.

Não preciso subterfugios, nem meias frases, para dizer o que sinto sobre tal assunto. Para isso, para demonstrar a não existencia do Deus patrôno das igrejas, sem interferencia na humanidade, apenas me servirei dos rígidos ditâmes da minha consciencia, que é como quem diz daquilo que nos ensina a logica racionalista.

Já tive ocasião de expôr ao sr. Monteiro, no primeiro artigo desta série, a minha opinião sobre o catolicismo e qual o Deus que eu, livre-pensador, concebo.

Desde os principios do cristianismo que a religião é considerada por homens de talento superior e espirito livre, como uma mentira, como um embuste lançado sobre o espirito fraco dos povos ignorantes para, pelo terror e ameaças de castigos lançados sobre a humanidade conseguirem a adoração desse Deus e deuses inventados á sucapa.

Lucrecio Carus, homem cuja vida decorreu na épeca do aparecimento do cristianismo, apesar de não possuir uma profunda bagagem scientifica, expunha todavia as suas ideias com a firmeza de logica, fundada na rasão, como qualquer dos nossos escritores mais avançados. No seu admiravel livro que se chama *De Natura rerum*, percorrendo o caminho do ateísmo tem ele numa pujança de verso e de imagens admiravel estas palavras repletas de verdade: «*Talvez digas que a minha filosofia incita ao crime o homem impio; oh! não é assim, porque a impiedade, o crime, são filhos da propria religião!*»

Ora, sr. Pinto Monteiro, isto diz Carus no primeiro século da religião cristã. O que não diria ele hoje, o que não sentiria aquele coração pleno de Amor e Verdade, se estivesse vergado, como nós estamos, ao pêso de vinte séculos de historia sangrenta? Sim, o que não diria aquela consciencia feita de Luz, se tivesse ao alcance do seu olhar, como nós aqui temos, uma estatistica minima, de Voltaire, que nos mostra nove milhões setecentos desoito mil e oitenta vitimas imoladas por amor de Deus?

Por estas e outras rasões como quer o sr. Pinto Monteiro que os livres pensadores e todos aqueles que guiam a sua vida pela estrada luminosa da Rasão, concebam a existencia dum Deus regulador das nossas almas?

O Deus da igreja, o Deus do clericalismo não existe, não pode existir, e eu dou a rasão da minha afirmativa.

Deus, segundo a opinião dos católicos, é pai de nós todos. Ora supunhamos que qualquer de nós é casado e tem filhos. Se o sr. Monteiro visse sofrer um filho, se o visse verter lagrimas de dôr, lagrimas esbrazeantes, horrivelmente devoradoras, que não sendo mitigadas o poderiam levar ao suicidio, á ruina e ao crime; se ele, por maiores que fossem os desgostos que lhe houvessem causado, ao sr. Monteiro recorresse pedindo-lhe protecção e amparo; eu creio que como eu, o sr. Pinto Monteiro lhe estenderia os braços, para apertar mais os laços de amor que desde sempre ligaram os pais aos filhos que sofrem, que lhe abriria o coração para nele receber as lagrimas e os gemidos do ente a quem déra o ser.

Com Deus não se dá outro tanto. Que importa que a humanidade sofra, que importa que ela asfixie sob o peso esmagador duma vida de lutas, trabalhos e canceiras e miserias; que importa que ela se afogue num mar tumultuario de lagrimas, de aflições e de pezares; que importa que ela implore a sua protecção, pedindo-lhe lenitivo para as suas maguas, rogando-lhe um raio de esperança para a anciosidade das suas paixões? Deus não a ouve, Deus não a atende. E' cego para ver a dôr, para ver a miseria, e surdo para ouvir as queixas e lamentos de seus filhos? Não tem uma palavra de conforto, um gesto, um sopro, qualquer coisa, emfim, que demonstre o seu poder? Mas nesse caso, se ele existe, é intensivo, mau, desapiedado, cheio de desamor pela humanidade, pelos seus filhos. Não, Deus não pode existir, sendo assim.

Já Tolstoi disse: *Deus ou é bom ou não existe*. Isto é uma grande verdade em toda a sua nudez!

Ora, sr Pinto Monteiro, um Deus que serve de capa de ladrões, um Deus que é conivente em usurpações, em latrocinios, um Deus que consente que á sombra do seu nome se pratiquem vilezas, se prostituam lares, se desvirtuem crianças, se cometa tudo o que é vil e abjecto, está longe de ser um Deus infinitamente bom e infinitamente perfeito; está longe de ser o regulador das nossas almas, o dirigente das nossas consciencias, das consciencias livres, puras, que anceiam pela verdade, que defendem a virtude, que espalham a Luz, a Paz e o Amor, que, finalmente, lutam pelo Bem e pela solidariedade humana.

Eu creio firmemente que o sr. Pinto Monteiro está convencidissimo de que esta é a pura logica, de que isto é a verdade, limpida, transparente, como um arroio cristalino.

En faço a justiça ao sr. Monteiro de o considerar bastante inteligente, de o crer consciencioso de mais para não acreditar que, se existe uma força sobrenatural que nos governa, essa força é simplesmente da Naturêsa, é a propria Naturêsa, na sua demonstração mais clara.

E o que vê o sr. Pinto Monteiro, o que vêmos nós, que possa agradar-nos ou entristecer-nos, que nos faça rir ou chorar, que se apresente linda, deslumbrante, cheia de luz, ou feia, hórrida e triste, que não deva considerar-se uma manifestação do poder forte e caprichoso da Naturêsa?

Se a palavra Deus foi inventada pelos poetas por simples necessidade de rima, mas se é tão sómente um sinonimo de todas as forças potentes da Naturêsa, está muito bem. Admite-se. Mas que á palavra *Deus* se lhe dê forma humana e que essa forma humana se encarne ainda em tres pessoas distintas para em nome delas se praticarem latrocinios, isso é que é risivel, isso é que não deve acreditar quem tem a iluminar-lhe o cérebro um vislumbre de rasão.

Pois quem é o racionalista que se convence que se um Deus existe que é poderoso, onipotente, que tudo ouve, que tudo vê, que adivinha tudo porque está *no ceu, na terra, em toda a parte*, sem que ninguem o veja, necessite de padres, de representantes para lhe transmitirem o que eu digo, o que eu penso, o que eu de joelhos contritamente lhes confesso? Pois como

se compreende que um Deus todo *poderoso*, todo *misericordioso* faça sofrer uma humanidade por ele criada? Como se compreende que um Deus tão repleto de perfeições fizesse uma sociedade tão imperfeita? Os grandes artistas, por maiores que sejam, não ambicionam realisar o seu ideal que é produzirem uma obra infinitamente perfeita, superiormente grande, na qual ninguem possa notar erros e imperfeições? Decerto que sim.

Mas o Deus de invenção clerical não pensa em mais nada que não seja dormir uma *sonéca*, á sesta, nos seus coxins de púrpura, oiro e diamantes. Cá para baixo, para a triste humanidade. sua filha espúria, nem se lembra de deitar um desses olhos metalisados por tantos seculos de persistente fitagem gananciosa dos roubos e más obras praticadas na terra pelos seus representantes.

Ora, sr. Pinto Monteiro, não está, com franqueza, convencido de que Deus é uma mentira?

Não está convencido de que a humanidade, em breve, se redimirá dos erros e preconceitos em que tem vivido envolvida?

Se o não está, é pena, porque o sr. Pinto Monteiro, que aliás se me apresenta ilustrado, poderia alcançar um logar de destaque na sociedade, apontando aos povos a ampla estrada da Verdade, o caminho da Virtude que tem por principio o trabalho honesto e proveitoso.

Oxalá que todos atendessemos a que só «reinará a paz e o amor na terra no dia em que tivermos compreendido que trabalhar para a felicidade dos outros é conquistar a nossa.»

Quelimane—Africa Oriental.

Umberto Beirão.

Mais uma subscrição a favôr da viuva de Manuel Mano

Recebêmos uma cópia duma nova subscrição aberta em S. Paulo a favôr da viuva infeliz a que aqui nos referimos ha pouco tempo, e promovida pelos snrs. José Pires Gachido e Manuel Dias Pereira. Em razão do grande espaço que nos tomaria a publicação de tôdos os nômes dos subscritôres, deixamos de inserir as quantias parcelares com que cada um subscreveu, limitando-nos a publicar a quantia total da subscrição, que foi no valôr de 322$300 réis fracos, os quais já fôram entregues á viuva.

A verdade está na mentira

Ser surdo, cego, mudo, insensivel e paralitico é para mim o ideal de todos os ideaes. Mas... emfim, esfreguemos um pouco os olhos e, embora contra vontade, digamos sempre alguma coisa, ainda que não seja senão para fazer crescer o numero daqueles cuja missão humanitaria consiste apenas em levantar belicosamente o trazeiro contra o estomago indefeso de qualquer desprevenido. Sim, porque eu bem sei que a bussola pela qual me guio nos abismos da vida é considerada, entre quasi toda a gente que me conhece, a coisa mais indigesta d'este mundo.

Compreendo. Mas a culpa não é minha, desculpem.

A perfetibilidade absoluta é coisa impossivel, porque cada um a desejaria a seu modo.

Demais, eu estou convencido que a Ilusão é quem estabelece o equilibrio de cada um na sociedade, dignando-se esta em compensação considerar desequilibrados todos os desiludidos do mundo. Ora como eu nasci já desenganado, segue-se que já nasci desequilibrado para os iludidos. Seja, muito embora, mas com a condição de não se me julgar nunca um vencido.

E senão vejamos:

Haverá por esse mundo fóra alguem que queira ter a digna hombridade de me fazer frente, negando-me o equilibrio da razão quando avanço que hoje, como hontem, (não digo ámanhã), é Sua Magestade Universal a Hipocrisia quem unicamente impera?

Sim, haverá por aí alguem que deseje albergar a garbosa pretenção de contestar-me que a unica verdade que hoje existe, com diploma de livre entrada em toda a parte, não seja a Mentira?

E, ainda, quem ha por aí que se sinta espicaçado pelo desejo de fazer caír sobre mim uma negação se eu levar a minha audacia até ao ponto de sustentar qué a Verdade nem sequer conseguiu transpôr ainda os hombraes da convencional e mentirosa organisação social?

E, por ultimo, haverá alguem que se julgue suficientemente solido para me negar a afirmação, que solemnemente faço, de que a Verdade ainda não transpôz a barreira humana simplesmente porque a sua entrada no seio da sociedade é tão temida como o poderia ser a evasão d'uma peste colerica e mortifera?

Ha alguem? Pois se ha, queira obter da Consciencia, se sabe e póde, a chave do imponente Templo da Razão, e, depois de pendurar no cabide da entrada o interesseiro Egoismo. a pifia Vaidade e a repugnante mascara da Convencão, penetre, com respeito, no interior d'esse Templo e diga-me depois se sim ou não eu penso bem quando, nos meus momentos de maior lucidez, amaldiço-o o destino que me foi dado na vida. lastimando-me dolorosamente por não ter nascido animal de qualquer outra especie menos repugnante do que aquela a que por desgraça minha pertenço. Sim, diga-me depois!

Mas emquanto não vejo alguem, deixem-me continuar persuadido de que eu sou o mais surdo-cego-mudo-insensivel-paralitico possivel, pois só assim mê póde ser suportavel a existencia n'um mundo onde nem o Amôr escapou á traficancia commercial de hegreiros e vendilhões tão infames.

Havia um remedio eficaz para evitar tanto nojo, bem sei, mas o chumbo vale mais do que os miolos. Nada de tolices. Antes uma norma filosofica que atenue a dôr da alma e facilite caminho á vida.

Essa norma, cuja indestructibilidade me garante a paz do espirito, não me cançarei nunca de repetir. E' esta:

«A Vida,—eterno e infinito misterio neste seio Infinito da Eternidade, determina Tudo como sendo necessario a Tudo, prefazendo Tudo a base-razão do Todo, Tudo, por isso, estando bem determinado. Porque Tudo é Filho da Vida e porque Vida Tudo é!»

Bem hajas, norma amiga! Conseguistes dominar-me pela tua benefica e saudavel conclusão, permitindo-me assim poder alcançar, mentalmente, a surdez-cegueira-mudez-insensibilidade-paralisia mais perfeita que imaginar se possa, sendo tambem assim conduzido, mesmo sem dar por isso, até ás portas daquela coisa em que muito se fala mas que jámais alguem conheceu: a Felicidade!

Lisboa (Bemfica), 25 de dezembro (dia de Natal) de 1912.

LEOPOLDO TORRES FERNANDES.

Manual do Viajante no Distrito de Aveiro

Almanaque d'«A Liberdade»

Apareceram já colados nas paredes os artisticos cartazes anunciadores do *Almanaque d'A Liberdade*, que brevemente deve ser posto á venda e que está despertando a mais viva curiosidade. O *Almanaque da Liberdade* é tambem um completo guia do viajante no Distrito de Aveiro, descrevendo as maiores curiosidades de todos os concelhos, dando muitos esclarecimentos uteis ao pescador, caçador, turiste, automobilista, inumeras gravuras representando as melhores paisagens e uma excelente carta itineraria da região.

Interesses do Concelho

O que tem feito a Camara Municipal?

Nada tem feito até hoje, que mereça dos seus municipes a mais leve referencia ou elogio.

Tudo tem ficado no esquecimento das diversas vereações que até hoje têm passado pelas cadeiras da Camara. Tudo tem passado despercebido dos homens que nos têm governado; mas, emquanto houverem homens, ha-de haver um pouco de iniciativa e boa vontade particulares, para fazer progredir e prosperar a terra que lhes serviu de berço.

Perdidas de todo as esperanças nos elementos oficiais, isto é, na Camara Municipal, que tinha por obrigação dotar o seu concelho com os melhoramentos indispensaveis á vida do seu povo, que até hoje tudo tem sofrido, uma comissão de patriotas de Verride vae dotar a sua terra com uma *escola modelo*, envidando para isso os maiores esforços para que os seus trabalhos sejam coroados do melhor exito. porque a que hoje serve a fim tão delicado, apesar de ser de renda, não reune os preceitos higienicos e pedagogicos exigidos pelo bom senso e pela logica indestrutivel dos factos.

E não haverá elogios, por mais sinceros que eles sejam, partam eles de quem partirem, capazes de traduzir a grandeza do seu patriotismo!

Que ponham aqui os olhos, os cidadãos das outras freguezias do concelho, seguindo-lhe as pizadas, se tanto fôr possivel, dando assim um exemplo de civismo e de patriotismo em prol da santa causa da Patria!

Mas se ámanhã a mesma comissão patriotica fôr pedir á Camara Municipal para que se lhe dê o terreno que julgarem indispensavel para a *escola modelo*, ela não o terá, porque a febre de aforamento de terrenos camararios chegou ao seu auge!...

Tudo aforou a Camara Municipal este ano, e é triste, muito triste, meus caros leitores, que, se ámanhã fôr preciso terreno para qualquer serviço da Camara, ela tenha de o comprar, por o não ter.

Que se aforassem os terrenos baldios da Camara nas freguezias do concelho, muito bem estava; mas que se não deixassem em sitio proprio terrenos que de futuro venham a ser necessarios para obras indispensaveis ás povoações, como sejam a construção de casas escolares proprias e outros melhoramentos que de futuro viessem a ser precisos, è que é muito para lamentar!

E' lamentavel, muito grave e sobre tudo vergonhoso!...

Mas que querem?

A Camara Municipal está sendo dirigida e governada por vereadores incompetentes que nada vêem.

O futuro e o progresso das freguezias do concelho, para a vereação atual, não merecem a mais leve observação e raciocinio.

Na sua mente nada lhes lembra do futuro; tudo é neles retrogradação e velharias, esquecendo-se de que estamos em pleno seculo XX, seculo de prosperidades, cujo modernismo é necessario seguir.

Se fosse uma vereação do seu tempo e de iniciativas, já ha muito teria sido demitida, porque não convinha á politiquice do Concelho, que é feita na sua maior parte por processos jezuiticos e reacionarios.

Tudo é bradar no deserto, é certo; mas emquanto nos restar um alento de sangue e de vida, protestaremos bem alto para que não fique sem reparo tanta inépcia e tanta desvergonha!...

Haja, ao menos uma vez na vida, senhores vereadores, um pouco mais de moralidade e patriotismo!...

A. Verão.

CORRIGENDA

No ultimo artigo saiu, por lapso de revisão, 3oo contos de réis. em vez de 3 contos.

A. V.

FALECIMENTO

Finou-se no Canedo, sua terra natal, o sôgro do nosso presado amigo e assinante sr. Abel da Costa Loureiro, bemquisto proprietario da mesma localidade.

Pezames sentidos á familia enlutada.

CORRESPONDENCIAS

Figueira da Foz, 26

(Retardada)

Agora, que por todo o Portugal sôa o eco da nsssa defeza, devia aqui soar o eco das obras que se devem realisar no porto e barra, de ha tanto tempo reclamadas. E' triste, deixem empregar a expressão, andar um navio de norte para sul, e vice-versa, em frente da barra, dias seguidos, mezes, não tardará muito que sempre, sem que alguem consiga trazel-o para dentro, de qualquer fórma. Está a barra seca, completamente fechada. Assim seja... e haja saude para quem a pôz em tal estado. Por morrer um soldado, perdeu-se a batalha.

Está fechada? Empreguem-se os esforços necessarios para a abrir, visto que os armadores nenhuma culpa têm do que a natureza possa fazer de um momento para o outro, sem haver sequer homens, sejam eles quais fôrem, que façam sequer um gesto para evitar tais calamidades, que dentro em pouco darão no completo abandono do porto. E teem razão, se assim procederem.

A barra, d'inverno, é como tem sido sempre a de verão, afóra alguns mezes, que nunca está á altura de dar entrada a navios de pequena lotação, conservando-se continuadamente n'um estado deploravel. Os armadores de navios do Porto, retiraram por completo a vinda a este porto, de todos os seus navios. Está o movimento maritimo reduzido aos navios da pesca do bacalhau, cujos armadores só se importunam quando os ditos navios teem de saír ou de entrar, e já não é pouco, afóra bôas representações que já teem feito sem resultado, tanto no tempo da monarquia, como da republica, a meia duzia de navios holandezes que aqui vêm de verão e que de certo poucas vezes cá tornarão a vir, e a 3 navios, pouco mais, de nacionalidade portuguêsa. E' de pasmar... em melhoramentos não se fala, porque de facto, ha outros de maior importancia, ao que dizem, e como a barra está á mercê da natureza, se ela entender que as coisas se devem prolongar, como estão, *um tanto melhor*, visto que se perde de todo o sentido n'este caso, e a Figueira então sentirá acabrunhar-se de tal modo, que as suas industrias e o seu comercio serão mais inferiores do que os d'uma aldeia.

Depois falaremos.

O Natal, foi aqui festejado unica simplesmente por um baile, na Associação Naval 1.º de Maio, e pelo impagavel gaiteiro de todos os anos, o *Zé Preira*.

Ainda existem estas pequenas lembranças. Felizmente nem tudo acabou.

Terminamos esta, desejando a todos os nossos leitores e amigos, Felizes Festas e Ano Feliz, em companhia das suas familias.

Apolon.

ANUNCIOS

Agua da Curia

Semelhante á de Contrexeville

Estimula a acção dos rins, que são os filtros do corpo humano.

Experimentai a agua da Curia.

(30) **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

VII

Clotilde esteve, porém, pouco tempo como governanta em casa da viuva que a recebêra; porque, constando depois a esta da devassidão em que ela se afundára, e reconhecendo-lhe a constituição doentia que ultimamente começou a pronunciar-se, e que a inhibia de dispender actividade no trabalho, resolveu despedi-la, com promessa de a colocar noutra parte ou de particularmente a protécionar.

Mas a orgulhosa, que dantes repelira favôres que muitas pessoas lhe queriam dispensar e esquecêra alguns que tinha aceitado, recusou tambem a protéção que generosamente lhe era oferecida.

Tomou então um grande expediente; o talvez unico expediente que tomam pessoas dominadas pelo orgulho e sobretudo pelo infortunio.

Pensou de novo em enclausurar-se!

E conseguiu entrar, como irmã de caridade, para uma congregação de religiosas existente em Lisboa.

Apezar de toda a morte da alma e de toda a ruina do corpo, aquela mulher, que foi um verdadeiro monstro de vileza, lembrou-se de envolver a terceira virtude teologal nos farrapos dum coração gangrenado.

Pede antes ao mundo, ó martir e ó cruel, a caridade para comtigo mesma e o perdão para a miseria da tua consciencia.

Serás menos vil e mais digna de dó.

NOTA—Já depois de escrita esta simples crónica, recebêmos noticias recentes, que nos dizem que a martir do Vicio acabou de baixar ao tumulo com o coração ralado pelo remorso e a alma esfacelada pela mingua do perdão que não recebeu neste mundo.

O seu verdadeiro nome era Candida dos Santos.

1908.

A verdadeira caridade

I

Na tarde serêna dum dia de primavera, á hora em que o sol acabava de agonisar no horisonte d'oiro, circumvagava na aldeia de C... a noticia aterradôra do suicidio duma mulher.

O caso era por todos vivamente comentado, porque tinha produzido extraordinária comoção.

Eu vou contar:

Havia algum tempo que o farmaceutico da terra, Luís Constantino (1), frequentava com assiduidade a casa do padre-vigario, João Madureira (1), sacerdote dos seus sessenta anos, grave e muito virtuôso, que exercia a religião com o verdadeiro caráter sagrado e edificante, com a unção sublime do cristianismo puro e benéfico.

O vigário tinha três irmãs que viviam na companhia dêle e que o respeitavam como a um director espiritual, com aquela veneração que é ás vezes religiosidade, mas que é sempre culto em almas puras e simples.

A mais nova das três era a mais formosa, a mais timida, a mais sentimental e a mais prezada do vigario, com o que as duas mais velhas tinham grande ciume.

Alheando-se de todo o prazer, dedicava-se como ninguem ao esmero da casa, velava pelas flôres dum jardimsinho, situado nas trazeiras do prédio, e repartia com os pobres as migalhas que cresciam da mêsa, santificando-as com palavras de confôrto, cheias de ternura docemente insinuante, como a sabia dar o seu coração d'oiro, amorôso e caritativo.

Muitas vezes se concentrava em pensamentos fundos, intensamente angélicos, elevando o espirito a uma atmosféra luminoza, a um ambiente odorifero, incomparavelmente mais belo do que todas as alegrias terrênas.

Dirieis uma pomba a librar-se no espaço etéreo, á procura duma clareira de luz.

As outras irmãs eram mais fogosas de génio, menos belas de rosto e menos inclinadas á caridade.

Ambas dadas a folguêdos e ao amôr mundano, eram intolerantes para com a irmã, só porque ela fugia ás diversões e ás festas ruidozas que algumas vezes se realizavam na aldeia.

Não respeitavam aquele temperamento, que era mais do êrmo que do bulício, e até, a principio, tentavam comprometêr a boa menina para com o irmão, dizendo-lhe que o motivo porque ela se entristecia era algum amôr oculto e ilicito que ele devia evitar quanto antes.

(Continua).

(1) Pseudónimo.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

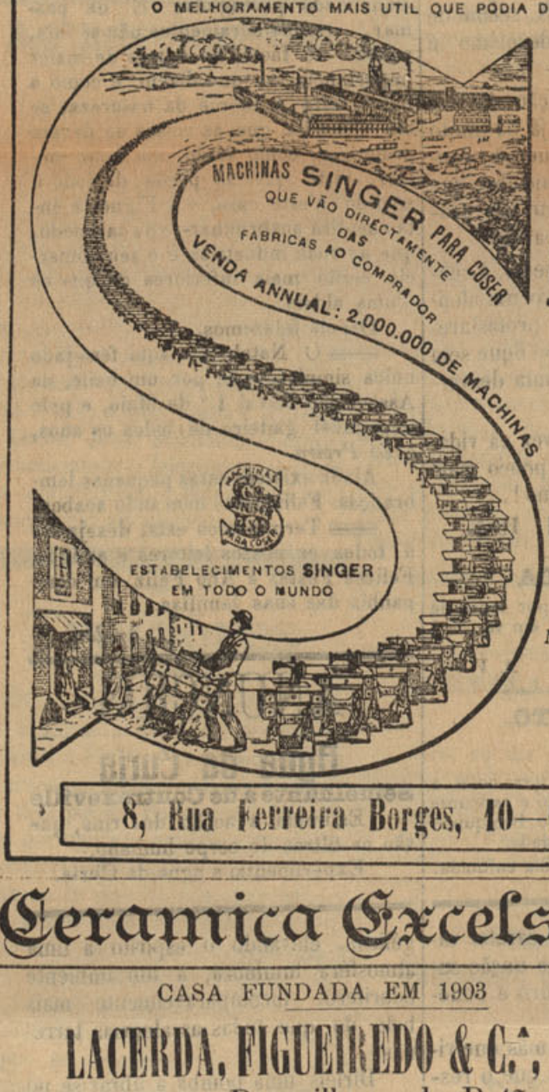
PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central. Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

Bicicletes de diversos autôres, desde 25$000 réis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramafones e musicas, em casa de

José M. Figueira

CANTANHEDE

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

MURALINE

Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha—**COIMBRA**

Ano 1.° Arazêde, 12 de Janeiro de 1913 N.° 47

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

NOVA AURORA SOCIAL

A DEMOCRACIA EM FESTA

O país democrático está em festa. Por toda a parte se respira já uma mais saudavel atmosféra política.

Todos põem os olhos na patria, no seu ressurgimento, na nova e significativa fase por que vai atravessar.

A crise solucionou-se e, diga-se a verdade, resolveu-se como se devia resolver—com a formação dum ministério partidário, o primeiro desde a implantação da Republica, e o que estava, natural e logicamente, indicado no actual momento historico que nos preocupa.

O sr. Dr. Afonso Costa, que não necessitamos apresentar aos nossos presados leitores, era, na presente conjuntura, nesta hora já alta de emancipação social e colectiva, a unica individualidade que, pelo seu passado politico e pessoal, estava na brecha para a formação do gabinete que é já um facto em Portugal.

E é por isso mesmo que o país está em festa.

Em festa de esperança, em festa de comunhão de ideias e estreitamento de crenças.

O povo das ruas, os humildes, que devem já tanto ao querido tribuno da Patria, esperam, agora mais anciosamente e mais justificadamente, que ele os não olvidará, que ele não esquecerá, agora investido no alto cargo que a nação lhe confiou, que foi o povo quem fez a revolução, quem ha-de consolidar a Republica defenitivamente, atravez de todos os obstaculos, de todas as contrariedades e vississitudes da vida.

Portugal estava, todos o constatavam com dolorosa magua, caminhando precipitadamente para o abismo, mercê de retaliações e degladiações politicas desencadeadas ultimamente dentro e fóra do país, dentro e fóra do Parlamento.

Havia já um como que pezadelo, uma como que duvida aterradora, sinistra dôr na alma atormentada dos revolucionarios, na alma fatalista dos velhos lutadores e dos dedicados servidores do novo regime.

Admitimos que se faça politica, mas politica sã, honesta, saudavel, imparcial.

A verdadeira politica que administra, educa e conduz os povos ao apogeu do bem-estar colectivo, ao menos, do relativo bem-estar financeiro e social.

O *Dever* sauda, nesta hora cantante de esperanças e patriotismo, pondo os olhos na patria amordaçada, o velho partido democratico portuguez, que é como quem diz o povo que moireja, os pobres filhos da plébe para quem o pão do estomago é sempre escasso e duro e o do espirito sempre ofuscado pela ingratidão da treva.

O *Dever* não está feliado em partido nenhum politico, mas, todos teem visto isso, esteve sempre aproximado do verdadeiro partido nacional, de que é chefe o actual chefe do governo. Tem acompanhado, com interesse, a sua politica, a maneira como se tem sempre conduzido, e, portanto, é logico que agora, nesta ocasião oportuna, saudando o homem—por ser o que mais encarna os principios,—não se esqueça que Afonso Costa, com o sêr o unico que poderá salvar-nos ainda, é suscetivel de errar tambem.

Mas o país conta com a valiosa cooperação de todos, e o governo ha-de frutificar; porque, a par do patriotismo dos seus homens, está a rara inteligencia do seu chefe.

O que foram os outros governos já nos não aquece nem arrefece.

Analizemos este, auxiliemol-o, prestemos-lhe todo o nosso concurso.

E' a patria que o reclama, é a dignidade nacional que o impõe.

Emquanto durar a ambição dos povos pela sua independencia, emquanto prevalecer o seu amor pelo torrão que fronteiras delimitam, temos o dever de trabalhar em prol do nosso engrandecimento e em prol da nossa emancipação.

Vida nova, novos costumes.

E' que o país democratico está em festa. Em festa de comunhão de ideias e confraternização de principios.

ALMEIDA JUNIOR.

CRÓNICA DO PORTO

A tradição, após as rabanadas do costume, fez a sua despedida e lá foi, lá foi... até ao ano.

Fechávam o cortejo os soberbos camêlos do Oriente, onde os Mágos, comodamente encarrapitados, se dirigiam á lapinha de Belem.

Coisas da tradição!...

Se muitos láres tivéram a harmonía sagráda dos risos filiáis, das bençãos paternáis, muitos houve — Senhôr — que apenas tivéram por convivas o Frio cortante, a Fóme horrenda, a Dôr esmagadôra!...

Quantos e quantos, ó pálido Rabi da Galileia, que, crentes na divindade, morte, paixão, resurreição e ascenção da tua cárne, sofrêram cruamente os transes da má sôrte?

Nada nêste mundo é infalivel, imutável, meu louco sonhadôr, tudo nêle é fantasía e desengano.

Ruirão as nóssas esperanças, as nóssas ilusões e as lembranças sagráda dos que mórrem ruirão egualmente no olvido.

Ruirão os velhos ritos, os carunchósos dógmas, as mitras dos teus preládos e, ó pálido judeu crucificádo, tambem a tua Igreja ruirá...

Depois... depois... um montão de ruínas fumegantes, um sôpro do nordéste, uma núvem de poeira que se esvái e... mais nada!

Tu não tornarás a nascêr, ó rechonchudo bambino de Judá, no teu humilde bérço de palhinhas.

Tu não voltará a surgir livido e ensanguentádo, sobraçando a tua cruz pesáda, ó meigo Nazarêno, nem voltarás a morrer entre ladrões nas vertentes sinuósas do Calvário.

Não, triste petroleiro, tu não voltarás a sêr lembrádo nem como Deus nem como louco.

A tua recordação que assobérba a mente a 260 milhões de crentes, em tempos d'hoje será ámanhã—triste verdade!----o pó das sepulturas... a cinza e nada! E depois que importa?

Tu não voltarás a este tremedál infame onde tudo é crime e malvadês, não voltarás a sêr escarnecido por quem te detésta, nem esfrangalhado por quem das tuas chagas faz comercio.

Não, tu não voltarás a sêr importunado por *sapientes defensôres* que afirmam que o velho casarão da tua igreja se conservará até á consumação dos séculos.

Dormirás o sôno do Esquecimento assim como eu e como todos.

Se o mundo é de ilusões e fantasias...

Porto, 8 de Janeiro de 1913.

GOMES MONTEIRO.

Pereira d'Almeida

Escreve-nos de Lisboa este nosso presado amigo, pedindo-nos que desmintamos a noticia aqui publicada no ultimo numero, respeitante á errada informação de haver sido nomeado recebedor do concelho em Porto Santo.

Lamentando o equivoco, apressamo-nos a desfaze-lo.

O nôvo Govêrno

Por motivo de sêr negada a concessão da amnistia ao snr. Antonio José d'Almeida, que assim pretendia iniciar a sua administração, e por motivos vários que nos bastidôres da politica se ventilam á bôca pequêna, foi convidado pelo snr. presidente da Republica a formar gabinête o chefe do Partido Democrático, snr. Afonso Costa, que na quinta-feira organisou o nôvo govêrno com os seguintes elementos:

Presidencia e finanças — Afonso Costa;

Interior—Rodrigo Rodrigues;

Justiça—Alvaro de Castro;

Estrangeiros—Antonio Macieira;

Guerra—Major Pereira Bastos;

Colonias—Almeida Ribeiro;

Marinha—Freitas Ribeiro;

Fomento—Antonio Maria da Silva.

O que será o nôvo govêrno só os factos, como sempre, o poderão demonstrar. E enquanto não virmos obras, formidaveis de energia e de rasgado patriotismo, continuarêmos a dizer, como numa elegia de morte, que a instrução, o comercio, a industria e a agricultura — fôrças vivas e palpitantes da nação — se encontram no mesmo estado de definhamento e de vilipendio em que as colocaram os govêrnos portuguêses.

E sempre dentro dos principios que nos norteiam, combaterêmos ou aplaudirêmos o nôvo govêrno.

Entretanto, esperançados numa nova era de ressurgimento nacional, originada pela acção governativa do dr. Afonso Costa, pômo-nos a seu lado no tocante ao saneamento de que carécem, principalmente, as aldeias e concelhos das provincias, e assim, sem contudo nos filiarmos em partido algum politico, mas porque o nôvo govêrno nos merece especial simpatia, dirigimos ao presidente do ministerio e ministro das finanças, o seguinte telegrama:

Dr. Afonso Costa — LISBOA.

A redação do *Dever*, de Arazêde, abraça V. Ex.ª e tem esperança na consolidação definitiva da Republica e prosperidades do povo português.

A Redação.

LUTAS SOCIAIS

Os ferro-viarios movimentam-se—Haja serenidade e reflexão—As greves serão contraproducentes no actual momento historico

Chegou, emfim, o momento de a prestimosa classe ferro-viaria compreender a sua alta situação a dentro das demais classes sociais contemporaneas.

Ia, por essa Europa fóra, um movimento febril de reivindicações em todas as classes do proletariado, e nós constatavamos, com desgosto, que só em Portugal a numerosa familia do proletariado ferroviario jazia sepultada no mar ingrato do indiferentismo colectivo, nesta já alta e significativa hora de amor e de justiça. Mas parece que o raiar do novo ano os despertou, chamando-os á luta, — velhos lutadores do ideal e da confraternisação — e que o sol da esperança em novas conquistas e regalias, lhes aquece agora as almas, avigorando-lhes o coração a seiva potente e odorante da fraternidade colectiva, do interesse associativo.

Nós quizeramos vê-los unidos,— como unidos os soubémos ha dias na Caixa Economica Operaria, — pedindo, mas sabendo pedir, não sabujando. Pedindo e argumentando com factos concretos, palpaveis, á lúz radiante da verdade insofismavel, da verdade limpida que traduza o sentir unânime das consciencias, que ilumine cerebros tacanhos que em tudo vêem obstaculos a vencer e altas barreiras a transpôr.

Fala-se em gréves com a mesma facilidade e semcerimonia com que se falava, antigamente, em velhos e gastos processos de degradação e de tibieza.

E' preciso, porém, que a classe dos moirejadores dos caminhos de ferro, muito especialmente da poderosa companhia portugueza, medite primeiro bem nas desastradas consequencias que uma gréve, neste momento de indecisões e traiçoeiros ataques á República portugueza, póde trazer e ventilar. E' necessario muita prudencia, e descortinar que, talvez sem darem por ela, por detraz da cortina impertinente, inimigos das instituições estejam manejando ou arquitetando o bisturi do infamante ataque.

Mas o publico, que não esquece que a classe ferro-viaria foi uma das que mais se sacrificou pela implantação da República, não olvidará tambem que nos ferro-viarios ha muito patriotismo e muito amor ás instituições vigentes.

A reorganisação da caixa de reformas e pensões dos empregados é que parece ser a causa originária do movimento que se está produzindo e propogando.

E com efeito, é de toda a justiça, é profundamente lógico que, no fim da vida, já depois de cansados e gastos do labôr de tantos anos, os pobres trabalhadores encontrem uma remuneração condigna, uma como que pequena compensação a tanta energia dispendida, a tantas horas de martirisado labôr, de tantissimas noites perdidas em cumprimento de deveres profissionais.

Mas a solução do conflito, que é melindroso, não se resolverá de pé para a mão, e não seria uma gréve, contraproducente nesta hora, que o solucionava a contento de todos e com a brevidade por todos anciada.

E' certo que a classe que nos preocupa possue associações, mas estas, segundo as nossas informações mais fidedignas, não foram ainda reconhecidas, contra tudo o que a lógica aconselha, pelas emprezas a que pertencem os agremiados.

E assim é que nos custou lêr ha pouco um manifesto da União da mesma classe, com séde no Porto, no qual se pedia aos associados que não acatassem uma ordem emanada dos poderes superiores, que a companhia não reconheceu ainda a associação, etc. E nós tirámos a seguinte ilação:—que a classe, afinal, não principiou por onde devia começar — pedir ás emprezas que as considerassem como associações que são, legalmente constituidas.

Por outro lado o aconselhar os trabalhadores ao não cumprimento duma ordem oficial, tambem nos não parece acertado, por isso que assim é encaminhar o proprio pessoal para a desordem, para a indisciplina.

Seria talvez mais praticavel deixar andar e continuar a luta com imparcialidade e criterioso alcance social, e convencemo-nos de que a vitoria seria de quem tivesse rasão, que neste caso bicudo não descortinâmos.

Consigam as associações ferroviarias, a exemplo do que se tem feito lá fóra, que as respectivas companhias ou emprezas as reconheçam, e terão com isso andado a maior parte do caminho das suas justas reivindicações.

Haja, contudo, serenidade e reflexão, pondo os olhos na Republica que tambem os olha com entranhado amor e que não tem nenhuma culpa dos seus sofrimentos, antes se prestará a colaborar na sua obra de emancipação.

Ponham os ferro-viarios os olhos no governo que acaba de constituir-se, com o opoio mais intenso e com a esperança mais intima de todo o país portuguez, que Afonso Costa encarna tão profundamente e tão arreigadamente.

Dirijam-se os ferro-viarios ao governo, e estamos certos da que encontrarão no querido tribuno, no grande amigo dos que sofrem e dos que trabalham, o mais decidido amparo para que tudo se resolva sem conflito, que é, afinal, a melhor forma de tudo se resolver entre nós.

Coisas simples

Educação no lar

Falei nas *coisas simples* da influência da hereditariedade moral das mães sobre os filhos e hoje vou, ainda que bem superficialmente, referir-me a outro ponto correlativo: influência das mesmas no lar.

Estas crónicas, feitas quasi sempre de fugida, não teem trazido a

lume coisas novas, pois que bem conhecida é a frase: *nihil novi sub sole*, mas tenho a animar-me a boa vontade de dizer alguma coisa de proveitoso das impressões colhidas no mundo que me rodeia.

Sabe-se que sociedades enfermam de muito variados males e um déles — como que a causa primária—é devido ao pouco cuidado que as mães tomam pela educação dos filhos, ou falsas bases em que essa educação assente.

Assim como de uma raiz pobre e em terreno árido não póde emanar abundante seiva que alimente a planta para dar bons frutos, tambem do lar onde seja descurada a formação do caráter dos filhos não lhes povoando o cérebro e coração de ideias esclarecidas e sentimentos elevados, serão êles (sem atendermos ás degenerescencias) na maioria dos casos, uns parasitas ou uns criminosos.

Que multipla responsabilidade a das mães!

A mãe que, por culpa sua, deixa caminhar desde pequeno um filho sem lhe corrigir defeitos, sem lhe incutir virtudes, é o ser mais pernicioso na ordem social. Essas desavisadas criaturas vêem muitas vezes ainda em vida o fruto da planta a que não deram cultura: seus filhos uns desgraçados caminham, em não poucos casos, para a prisão pela senda da vadiagem e tendo por guia a perversão.

A mãe, que sendo rica cria seu filho sendo vassala dos caprichos dêle — que irrisória condição!—que o deixa ser logo desde criancinha um tirano para os inferiores: os criados, os animais domesticos, e um egoista para com os pobres, não merece o nome de mãe porque esta palavra traz inerente a ideia de educadora.

A mãe que, sendo pobre, não trata de em seu filho inocular o amôr ao trabalho, á obediencia pacifica — base da prosperidade no trabalho — que o deixa ir como que á lei da natureza (esqueçamos agora Rousseau) ou que encobre as más inclinações nativas do mesmo sem tentar corrigi-las, não merece o nome de mãe, porque este termo tem em si uma ideia elevada e neste caso degenera em madrasta; verá seu filho alimentar todos os vicios, desrespeitá-la, sêr um virus deletério na sociedade que mais tarde será preciso déla eliminar.

Eu sei que, sem que a mulher seja instruida e educada não póde exercer a sua verdadeira acção no lar, mas penso tambem que toda a mãe por bem inculta que seja póde combater as más inclinações do «pequeno selvágem»—a criança—e fazer néla despontar virtudes.

Mas quê, geralmente observa-se este critério: a principio é muito criança, não sabe o que faz; depois acha-se um bocadinho de graça ás respostas atrevidas; por ultimo é o filho quem dá ordens e a mãe quem as executa! E' este o derradeiro degrau.

Tráte-se dessas crianças como deve sêr, das quais a sociedade espera uns verdadeiros cooperadores do bem e do progresso e não érvas maninhas que seja necessario eliminar.

A mãe deve levar seu filho logo desde criança no cultivo das qualidades pessoais: amôr ao trabalho e por tanto á independencia material; obediencia firme sem servilismos aviltantes; brio do caráter que bem regulado não levará ao egoismo; sofredor até onde possa sê-lo sem contudo sêr adepto do scepticismo; de génio esclarecido para conhecer o mérito da virtude. E, nas relações da vida social, sêr cumpridor da béla máxima de solidariedade, completando-a com a prática dos deveres de justiça.

E, sendo assim, deixaria de haver tantas desigualdades criadas por caprichosas convenções, como se atenuariam os efeitos do *determinismo*— as desigualdades da sorte.

Eduque-se com sólidas bases a mulher para que ela, sendo mãe, exerça proficientemente a sua acção de tão elevados designios.

Janeiro de 1913.

AUREA JUDIT AMARAL.

Uma questão escolar

Pede-nos o professor, snr. José António Valentim, a transcrição no *Devêr* de dois artigos que se relacionam com um processo escolar, em que se acham envolvidos o mêsmo snr. Valentim e um tal snr. Augusto Ladeiro. Ora nós desconhecêmos as bases da questão, ignorando os motivos que a suscitaram; e, cômo não quêremos metêr-nos na vida alheia—alem de parecêr tratar-se duma questão pessoal que póde sêr irritante—não corresponderêmos ao desejo do snr. Valentim. Não é por mênos consideração para com êste distinto professor, pois que o *Devêr* já pela pêna dum dos seus colaboradôres abordou ligeiramente o assunto, mas porque não querêmos abrir uma excepção com a publicação de artigos pessoalistas que vão de encontro á indole dêste jornal.

Só fazêmos votos para que a questão se liquide a bem das partes interessadas, e que se não repitam discordias entre funcionários da instrução, que devem seguir apênas o caminho da Paz e do Bem.

A VOZ DO PUBLICO

Sinite parvulos...

Hoje, ao abrir o *Dever*, li na segunda pagina a treplica do snr. Albino de Noronha ao seu ex-amigo e ex-correligionario dr. Ismael Sampaio.

Como o snr. Noronha aprendeu, nas ultimas horas da vida, o estilo ironico do nosso comum amigo Jaime!

Não sei que mais deva admirar na soberba treplica; se o estilo academico, se a ironia mordaz que nela resalta. O snr. Albino defende-se como um homem educado na primeira Universidade do pais; soube, como poucos, aproveitar a situação do dr. Sampaio e lembrou-se, para o fazer, daquele aforismo de Cicero—*nunca o homem desça tanto que olvide a sua qualidade de homem*. A ironia mordaz revela-se, todavia, quando sua ex.ª se compára ao velho leão moribundo da fabula, maltratado e corrido pelos outros animais, amigos seus em tempo aurio, e, para maior amargura, escouceado por um burro... para remate final.

Sublime comparação... mesmo sem o francês com que o snr. Albino a revestiu!

Os leitores sabem que no *Comercio da Louzã*, no *Dever* e na extincta *União* fiz a mais severa critica do snr. Albino de Noronha, quer *como homem de inteligencia*, quer *como administrador dos dinheiros concelhios*.

Nunca a ferocidade leonina de sua ex.ª me atacou, porque naturalmente *não era eu o burro de que agora fala na sua brilhantissima treplica* e tambem porque *este animal lhe merecia um conceito diverso entre os animais murmuradores da fabula*.

Ainda bem. Gosto de vêr assim o snr. Noronha... Mas gostava de vel-o tambem através o prisma duma resposta sua ás minhas coleras de *animal antigo*.

Porque me não responde, snr. Albino de Noronha?

Misterio dos deuses...

E' que o estilo ironico do nosso comum amigo Jaime se não permite chalaças com a *estupidez crassa* deste seu criado.

A minha carne é pouca e dura; não oferece outra coisa além de nervos e ossos e dizem os medicos que estes não podem servir, a estomagos doentios, como aperitivo regenerador.

No final da treplica o snr. Noronha lança, como uma taboleta primorosa, a citação do meu *exame de anatomia descritiva*, alegando que nesse exame eu fizera com mão de mestre (*sic*) a dissecação do cadaver politico dum meu correligionario. Muito obrigado. A minha comução por tamanha prova de deferencia é de tal ordem, que as minhas lunetas se encontram embaciadas pela humidade das lagrimas.

* * *

O dr. Ismael Sampaio é hoje democratico. Não mentiu, pois, o snr. Noronha; como, aliás, jámais o fês em toda a sua longa vida politica.

Mas, pelo facto de o dr. Ismael Sampaio ser um democratico, devo eu calar no amago do meu ser a verdade que a vida transata do novel correligionario sugere á minha rebeldia de sempre?

Deixarei, por ventura, de ser menos democratico—*dos mais sinceros e daquêles que nunca trocaram o seu crédo por um feixe de palha*! — pelo facto de zurzir com a verdade um correligionario meu? Era o que me faltava vêr... E naturalmente o snr. Noronha não compreendeu bem, apezar da ironia mordaz do nosso comum amigo Jaime, a minha delicada intenção. Aí vai, pois.

Nas verdadeiras democracias não ha sistemas, nem chefes; existem dirigentes responsaveis que submetem as suas opiniões á maioria. Isto é, não ha arcas encoiradas, nem scenarios encobertos — a luz tudo inunda de censura ou de aprovação. Talvez a ironia mordás do nosso comum amigo Jaime desconheça esta qualidade que abrilhanta e distingue o partido democratico.

E' verdade, para que heide negal-o, que no concelho a democracia tem sido mal compreendida; mas isso são pecados velhos, supurando de antigas chagas, que a agua forte da democracia ainda não conseguiu lavar por completo.

Não tem o snr. Albino a menor razão para querer lançar-me a suspeita de que *como democratico*—e por espirito d'odio — pretendo banir moralmente um outro democratico; se meti a mão em seára alheia foi porque o espetaculo permitido pelo dr. Ismael Sampaio, poderia, se não fosse devidamente explicado, dár margem a que sobre o partido democratico do concelho se fizessem as mais graves e mais asperas censuras, quando, muito pelo contrario, tal partido é só digno do respeito e da consideração de todos os que desejem vêr um dia implantada, nesta ridente terra de Montemor, o regime da moralidade.

Fica, pois, resalvada a tempo e nos precisos termos, a ironia mordás do nosso comum amigo Jaime.

* * *

Sobre os factos concretos que o snr. Albino cita contra o dr. Ismael, não tenho procuração deste senhor para os rebater um a um; e, ainda mesmo que a tivesse, havia de vêr-me pardo para enegrecer aquelle verdadeiro primôr de retorica.

Parece-me que melhor seria o snr. Albino de Noronha deixar na tranquilidade da sua administração de Oliveira do Hospital, o dr. Ismael Sampaio.

Não vá o snr. Noronha supôr — crédo, leão da fabula! — que eu pretendo dár conselhos á sua honradissima velhice. Diz-se evolucionista sincero e devotado. Pois fique nisso...

Eu admiro todas as intenções fortes: se a sua é dessa natureza aqui lhe deixo — sem o menor grão de pimenta! — exarado o preito da minha admiração.

E quando pretender beliscar mais uma vez, embora o faça com o maior cuidado, este seu humilde criado, queira usar da prósa caseira e não vá buscar a ironia mordás do nosso comum amigo Jaime.

Aquele Jaime, que linda criança! Tão pequenina...

Sinite parvulos...

29—12—912.

Jerónimo de Carvalho.

NA ESTANTE

Almanaque d'«O Mundo» para 1913.=Lisbôa=Prêço: 200 réis.

Acabamos de recebêr em elegante edição êste esplendido almanaque para o ano corrente e que contém mais de 300 paginas. Abrindo pelo retrato do dr. Afonso Costa e por umas belas efemérides indispensaveis a tôdo o escritôr e jornalista, segue uma interminável variedade de gravuras e de primorosos artigos de José Caldas, Magalhães Lima, Maier Garção e outras individualidades de destaque no Partido Republicano Português. Tambem contém algumas leis da República, retratos de deputados, senadôres e outros vultos politicos, e várias poesias cheias de ritmo e de energia patriótica.

A' ilustre redacção do *Mundo* agradecêmos o exemplar oferecido.

=†=

Catálogo da Casa Editôra de António Figueirinhas. =Pôrto.

Recebêmos e agradecêmos o catálogo, que é um repositório completo de várias obras escolhidas de Literatura, Sciencia, Pedagogia e Religião, com apreciações do mérito de cada obra. Pedir êste catálogo á Casa Editôra.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XLI

Ainda os «boy scouts»—Cômo se faz a iniciação dum «scout»—As leis e os hábitos dos «scouts» condensam tôda a dedicação, tôda a abnegação e tôdo o sacrificio humano

Continuêmos ainda a ocupar-nos dos «boy scouts». Façâmos mais algumas transcrições do artigo de Paul Vuibert, que vale a pêna

Diz êle:—«Suponhâmos que um inglezito de 11 anos, saudável e não muito desageitado, deseja pertencer ao «Boy Scout», e sigâmolo na sua carreira. Um amigo leva-o uma tarde ao local da rennião do seu *batalhão*. A sala tem um aspecto que lhe agrada imediatamente. Alguns aparelhos de ginástica, uma barra fixa, luvas de *boxe*, florêtes; em cima da mêsa, utensilios e jornais «scouts» e o seu *manual*; aqui, uma *patrulha* exercita-se a dar nós; acolá, alguns «scouts» executam um jôgo que parece interessá-los o mais possivel. Tôdo o mobiliário, isto é, as mêsas, os bancos e os aparêlhos de ginástica, sam da oficina anexa á sala. E' cumprimentado o nôvo camarada e imediatamente coméça a iniciação. Ha um certo número de coisas que lhe é necessário aprender antes de poder ser inscrito. Déve conhecer a *Lei «Scout»*, os sinais «scouts» e a saudação «scout». Déve saber como é composta a *União Yack* e a maneira correcta de a fazer flutuar. Déve, finalmente, saber fazer um certo número de nós corredios».

E mais adiante, depois de ter enunciado os *dés mandamentos* que transcrevêmos no último número, Vuibert continúa: — «O iniciado é arrastado pelo comentário prático da *Lei*, feito pelo «Chef Scout», a fazer tudo que lhe é possivel para praticar uma bôa ação diária. Editar uma semelhante obrigação poderia parecer bem temerário: acontéce, no entanto, que a regra da bôa ação quotidiana é observada pelos «boy scouts» de uma maneira muito geral; desempenham-se déla com uma alacridade que ultrapassa tôdas as esperanças.

«Ha a êste respeito histórias que encantam, comovedôras e heroicas. As mais das vêzes, a bôa ação pratica-se na sombra e fica desconhecida.—Este levanta-se um pouco mais cedo do que habitualmente, para ajudar sua mãi; estoutro racha tôdos os dias de manhan a lenha a uma visinha velha; aquêle, entrando á tarde em casa sem ter podido praticar a sua boa ação, veste o seu uniforme «scout» e faz exercicios diante do seu irmão pequenino, para o divertir».

Tudo o que incumbe ao «scout» praticar—desde o trabalho manual e os jogos até á simples conduta moral—visa a prepará-lo para ser mais tarde um membro prestante da sociedade. «Como cidadão, êle terá cedo ou tarde de se habituar á ideia de que o seu logar na sociedade o prende, o subordina, o despoja, num certo sentido, da sua personalidade e lhe retira qualquer coisa da sua importância; ora na escola do «Boy Scout» aprende-se a grande disciplina do *playing the game*, que consiste em aceitar no jogo o posto que é indicado, sem a si próprio se perguntar se em outra qualquer parte se não estaria melhor, e em tratar de ser no seu campo de ação da maior utilidade possivel. Terá, certamente, como cidadão de praticar atos de dedicação e de abnegação, de prestar serviços, de sacrificar o seu interesse particular ao interesse geral, talvez até de arriscar a vida: os «boy scouts» aprendem estas coisas, *preparando-se não sómente para si, mas tambem para os outros*. O proprio treino fisico tem um fim moral.—Este é um aspecto essencial da questão. Os «boy scouts», modernos cavaleiros andantes, vão pelo mundo em busca de serviços a prestar, de boas ações a cumprir, de auxilios a dar, de salvações a operar. Nas suas marchas ao longo dos caminhos, nos seus acampamentos na floresta, no meio dos seus jogos ruidosos,—jámais se esquecem da sua «lei» de dedicação e das suas «promessas». A'tivos, serviçais, bons, mesmo para os animais inferiores, mostram-se em todas as ocasiões os «amiguinhos de toda a gente»... A «promessa scout», na Inglaterra, é cheia de grandêsa. Ei-la:—*Promêto, pela minha honra, que farei tudo que me fôr possivel para cumprir os meus devêres para com Deus e para com o rei, para ajudar o próximo e para obedecer á «Lei Scout»*.

Esta simples «promessa» é um grande acto, como muito bem frisa Vuibert: é uma promessa feita pela honra—pela honra de uma criança, ainda não eivada dos vicios do mundo! Assim começam aquêles povos fortes do norte a ter uma nitida noção da dignidade—na idade em que nós, os portuguêses nos preparâmos para o exame...

PROF. MANUEL JOSÉ ANTONIO.

Interesses do Concelho

O que tem feito a Camara Municipal?

Se nada fez no tempo da monarquia, hoje, em pelena Republica, continua a não fazer nada, dizendo, da mesma maneira, que não ha dinheiro!...

Uma camara que nada tem feito em beneficio dos seus munícipes, dizendo que, por falta de dinheiro, não pode realisar melhoramentos, deve aconselhar os seus contribuintes a escolherem, livremente, outros concelhos que lhe garantam o seu bem estar, quer em melhoramentos para as suas freguezias, quer em meios de transporte, etc., etc.

Já aqui o dissemos com toda a sinceridade, e hoje de novo insistimos no mesmo proposito, conscios de que prestamos um grande serviço ao concelho, porque isto, tal qual como está, é que não pode continuar por mais tempo, dôa a quem doer!...

Certas pessôas tem-nos querido convencer de que a Camara nada mais pode fazer, do que tem feito, porque os seus rendimentos para mais não chegam! Poderá ser assim; mas até agora ainda não nos convenceram.

Queremos factos, porque palavras não bastam.

No primeiro aniversario da Republica, que foi festejado na Camara, (e que por sinal bem mal festejado foi, por oradores de meia tijela e baratos) o champagne correu em abundancia segundo nos disseram, porque não assistimos, para os magnates e grandes politicões, á custa da Camara, como no tempo da monarquia se fazia, sem nenhum respeito pelos dinheiros publicos, como o fizeram com as exequias de D. Carlos, que o champagne foi tanto, que, no dizer dos proprios *bebedores*, foi até lhe chegarem com... o dedo!...

Leiam e pasmem!

Era assim no tempo da odiosa monarquia dos adeantamentos: Se esperam, na Republica, a continuação

dos mesmos processos, estão redondamente enganados, porque isso jamais será consentido pelo povo.

Contam com isso?

Como se iludem!...

Os orçamentos fazem-se á larga, e nada vae a concurso publico, segundo nos consta, tudo se faz em familia.

Os tubarões da Camara são quem mandam em tudo isto. E' preciso extirpar do concelho os parasitas que o cercam, e fazêlo entrar em vida nova. Deixemo-nos, de uma vez para sempre, de sofismas, da mentira e dos *trucs* que foram a morte da monarquia, entrando a administraçãs camararia, no caminho da verdade e da lógica, se quizermos viver em paz e enveredar pelo caminho do progresso e das prosperidades a que temos direito perante a civilisação!

E' preciso, e torna-se urgente, que entre no concelho o saneamento moral e politico, iniciando-se uma nova era de prosperidades, que tanta falta está fazendo neste recanto do Mondego!...

E' preciso que se faça, mas já, politica e administração republicana. e não a continuação da bandalheira dos adiantamentos, que nos deixou á beira do abismo!

E' necessario que todos os portuguezes, dignos deste nome, se compenetrem do seu dever, e que temos obrigação de prestar, a esta ditosa patria nossa amada, todo o nosso concurso de patriotas.

Viva a Patria!

Viva a Republica!

A. VERÃO.

Ferro-viarios de Portugal

Sindicatos, Uniões & C.ª

II

Em consequencia dos factos agora suscitados entre a Companhia Portugueza e o Sindicato d'alguns empregados ferro-viarios, perdeu a oportunidade um artigo que eu tinha para o anterior numero do *Dever*, que, embaralhado com outros papeis, cá ficou sobre as mal dispostas taboas onde escrevo estes arrasoados. Lamento agora esta falta tanto mais quanto o artigo previa, como o que anteriormente aqui foi publicado, que o erro, o enorme erro da União e do Sindicato dos empregados ferro-viarios, se faria agora mais sentir.

Tudo são rosas emquanto os espinhos não veem.

Porventura o Sindicato ou União, (não sei mesmo como chamar-lhe) viveria na ilusão de que, desde que a Companhia necessitasse tratar qualquer assunto de interesse geral para a classe, a eles se dirigia? Não creio em tal, apesar de, no manifesto que acabam de fazer circular, se apresentarem surpreendidos com o procedimento da Companhia, por distribuir, directamente ao pessoal, a circular n.º 78, convidando-o a indicar os delegados que devem eleger o seu representante para tomar parte na comissão organisadora do regulamento da Caixa de Reformas.

Esperava o Sindicato ou União que a Companhia se lhe dirigisse para esse fim?

Seria ingenuidade de mais. Nunca o Sindicato ou União tal conseguirão emquanto se não organisarem legalmente e fôrem, por incomparavel maioria, eleitos pelo pessoal.

Para isto é inteiramente indispensavel que elaborem os seus estatutos e os submetam á aprovação do governo, depois do que, segundo as leis, a Companhia não se recusará a reconhecel-os, desde que, como manda a boa razão e a boa logica, eles sejam elaborados ponderada e conscientemente, e cuja doutrina se limite aos deveres d'uma associação de classe, não tentando exercer comandos em casa alheia e, muito menos, meter bico em medidas de caracter economico que a Companhia, no seu pleno direito, entenda por bem adotar. Ao contrario, o pessoal viverá sempre sob uma duvidosa atmosfera, e, a continuar sem solução este importante problema, não será para estranhar que os socios, que teem dado o seu apoio ao Sindicato, ámanhã lh'o retirem pedindo a sua demissão, como eu e mais alguns já fizeram o ano passado, quando os *defensores da classe*, aliás sem autoridade alguma, tiveram a desastrada ideia de votar a greve geral por solidariedade com os empregados da Companhia Carris de Ferro de Lisboa, quando da ultima greve em que a maioria do pessoal não era solidaria. Tanto assim foi que, logo que lhe foi garantida a liberdade de trabalho, retomaram os seus logares.

Não era admissivel que, por causa de meia duzia de compadres ou amigos ali dos lados de Alcantara, outros tantos, acolá de S. Apolonia, votassem a greve em nome d'uma das classes mais numerosas do Paiz.

Tirando a crença a quem a tem, ainda se torna nojento tudo isto.

Ainda conservo, vivamente na memoria, a lembrança da reunião dos ferro-viarios, efectuada no Entroncamento, para deliberarem sobre a infeliz ideia germinada da reunião de Lisboa, que o meu amigo Tiofilo, fiscal do governo do movimento e trafego, ali, no pleno uso do seu direito de socio do Sindicato, verberou com veemencia, pois o revoltou tão grande abuso de confiança, havendo quem gritasse, não sei se inconscientemente ou de má fé, que retirasse d'ali, porque áquela reunião não eram admitidas pessoas estranhas ao Sindicato. Bem entendido que o meu amigo logo lhe provou com documentos que estava ali por que tinha direito a estar.

Póde haver confiança em representantes d'estes? D'arreda!

Fez-se a greve, que ainda durava faz hoje precisamente 2 anos, porque a dois passos da revolução de outubro de 1910 tudo era aceitavel, e o pessoal, que em grande parte ficou surpreendido e nunca tinha visto coisa egual, desejou ver o efeito que fazia tudo isto parado. E foi simplesmente para isto, porque as melhorias que tiveram, foi apenas aquilo de que, por agora, bem podiam dispensar.

E não trataram do seu futuro.

Vão decorrer 2 anos e nada de util aparece feito depois de tanta *léria* e de tanto pamfleto que se tem por aí distribuido.

Tudo porque? Por começarem por onde deviam acabar.

Façam o que teem a fazer, e as adezões serão certas sem ser precisa a propaganda.

Estou bem certo de que alguma coisa conseguirão, sem recorrerem ao extremo, mas só quando se apresentarem unidos, sem ares insultuosos e ameaçadores, dispóstos a seguirem pelo caminho mais corrêto e ordeiro, traçado para a boa disciplina que todos nós temos o dever de seguir. No dia em que todos conhecerem bem os seus deveres, professional e coletivamente falando, assim como parece que conhecem os seus direitos, a vitória será nossa, sem termos recorrido á guerra.

Porque a Patria tambem periga.

9—janeiro de 1913.

SÓL.

P. S.—No próximo numero me ocuparei do que foi a reunião que ontem teve logar, no Porto, na séde da União ferroviaria.

Despertou-me o riso, no final da palestra, e o mesmo sucedeu a alguns, de quem acabo de receber carta, que no fim do *magistral discurso* se riram a bom rir, pois, segundo parece, o homem pouco se entendia. E' que o *papagaio* que o pronunciava, (lendo) dificilmente se fazia compreender no meio de tanto *papejar*, não havendo maneira de dizer, com clareza, a palavra *solidariedade*. Dizer *dous* é mais facil. Talvez o homem fosse curto de lingua...

SOL.

A crise de trabalho e a emigração

As desprotegidas classes trabalhadôras estão em face duma época torturosa, em que o trabalho escasseia e o infortunio impera, infétado pelas prepotentes agruras da fome e da miseria.

O nosso pôvo, costumado a comêr a um canto da lareira os seus feijões descançadamente, e não habituado a interpretar o que sejam os destinos duma nação, nem quais os seus dirigentes, atravessa uma fase convulsiva em que se debate a luta pela vida, atualmente desoladora e triste, tendo a agravá-la a falta do trabalho remunerador que impõe ás classes proletarias as tremendas dificuldades dum viver atribulado. A falta de trabalho geralmente sentida em todo o paiz, dá margem á assoladora corrente de emigração, que na sua exterminante rotina de despovoamento, deixa desertas as nossas provincias; deixa-nos sem braços que possam revolvêr os produtivos terrenos nos nossos campos, desenvolver as artes e fomentar a industria. O pôvo está depauperado e fraco, e a sua fraqueza deriva principalmente do fraco acolhimento que os governos lhe teem votado, não lhe desenvolvendo serviço onde por meio do trabalho insano e do sacrificio constante da sua fôrça, pudesse extrair o peculio suficiente para acudir ás necessidades instantes da sua vida. Imaginem: que maior tristeza poderá havêr nêste mundo do que um desprotegido trabalhador vêr diante de si a espôsa lacrimosa, os filhinhos andrajosos, tiritando de frio e o estomago pouco confortado, e querer procurar no trabalho o lenitivo para atenuar a sua miseria e este lhe sêr negado por não o haver? Terão os humildes operarios de submeter-se aos sinistros horrores da fome? Terão de sucumbir atribulados pelo sofrimento e rodeados pela miseria? Não; porque na sua mente existe uma ideia — a de abandonar a patria emigrando para paragens longinquas onde a vida é mais espinhosa, mas o viver mais facil!

Que saudades profundas não experimentarão esses numerosos contingentes de emigrantes ao abandonarem a patria querida, a familia idolatrada e os amigos dedicados? Mas, partem tristes e meditabundos derramando as amargas lagrimas da saudade e convictos que a patria que agora lhes nega o sustento, melhorará; e partem, deixando entre nós os vinculos sagrados do Amor patrio e do sacrosanto Amor da familia. Bom seria que os governos pensassem a sério nas diversas medidas de fomento, desenvolvendo trabalhos, para que os humildes, a quem tem sido votado sem compaixão a ingratidão e o despreso, encontrem na nossa terra guarida para, por meio do sacrificio do seu corpo, poderem usufruir os meios de subsistencia para si e suas familias, evitando assim esse infécioso mal que corroe o paiz:—a emigração.

Bom Sucesso, 27-XII-912.

Francisco Fernandes de Carvalho.

Teatro Gremio de Instrução e Recreio de Pampilhosa

Domingo, 12 de janeiro de 1913

Espectaculo promovido pelo grupo dramatico de Beneficencia em beneficio do mesmo Gremio. Programa: Drama em 1 acto—*Noite Maldita*. Personagens: Conde de S. Jorge, Marques dos Santos; Visconde do Monte, Alvaro Dias; Gonçalo, filho do conde, Alfredo Cabral; Florindo, filho do visconde, A. Cigarra.—Drama em 1 acto—*Novatos no Crime*. Personagens: Guilherme de Faria, A. Cigarra; Alvaro Castanhede, Alvaro Dias; Prudencio de Faria, Alfredo Cabral; Geremias da Fonseca, Mario Pedrosa.—Comedia em 1 acto—*A Hospedaria do Tio Anastacio*. Personagens: Anastacio Pinto, Alfredo Cabral; Mario Pinto, seu filho, Alvaro Dias; Walter Coberley, inglez excentrico, M. Santos; Pygmalião Pinguinhas, proprietario, A. Cigarra.

E' abrilhantado este espectaculo pela «Tuna Recreativa de Pampilhosa», que generosamente colabora neste beneficio.

O espectaculo principia ás 20 e meia horas da noite.

Preços do costume.

Sadoncho verdadeiro...

(PARODIA I)

N'este paiz d'ambição,
Onde a desgraça me tem,
Ninguem ha já que s'intenda
Grita o pai, e berra a mãe.

Melhoramentos... nenhuns,
Escolas... são sempr'enguiços,
Só não ha o qu'é precizo...
São estes os beneficios.

Sai Duarte, entr'ó Afonso,
Portugal sempr'ós baldões,
E logo que são entrados,
Recomeçam ambições.

Anistia... péd'o *Almeida*,
Nega-lh'á *Democracia*,
Nada querem os da *União*,
Pr'a *Independentes*, arrelia.

Para talassas, cebôla,
Pr'ambição, o feijão frade,
Ist'é qu'é uma *República*,
Com tanta Fraternidade!..

APOLON.

CORRIGENDA

No artigo de fundo do numero passado, onde se lê na 1.ª coluna: «fôram despenhando», leia-se: «fôram despontando».

Editos de 10 dias

(1.ª publicação)

NO Juizo de Direito da Comarca de Montemór-o-Velho e cartorio do escrivão do 2.º oficio—Mamede—correm éditos de 10 dias, a contar da segunda publicação dêste anuncio no *Diario do Governo*, citando quaisquer credores que pretendam deduzir preferencias á quantia de quarenta e três mil trezentos e cincoenta e cinco réis, depositada na Caixa Geral de Depositos, na execução hipotecária em que foi exequente Antonio Marques Serra e executados Francisco de Freitas e mulher Joaquina Marques, tôdos de Alfarelos, a estes ultimos penhorada na execução que nêste Juizo lhes move Sebastião Duarte, tambem de Alfarelos.

Montemór-o-Velho, 6 de dezembro de 1912.

O escrivão,

João Pais da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

(31) **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

O vigario falou-lhes então um dia assim, com uma grande bondade na voz e no olhar sereno:

— Não, irmãs! Joaninha é fiel ao seu coração e não pode proceder indignamente para comigo. Eu conheço-lhe o temperamento. Se a vêdes triste e pensativa, é porque cuida talvez na Vida misteriosa da Naturêsa que ela admira e adora, na caridade que comove e que engrandece as almas superiores, e no amor da Humanidade em luta que faz dum ser fragil um espirito heroico e combativo, crente nos verdadeiros principios e fiel ao cumprimento do seu dever.

«Se algum amor mundano ela tivera que lhe maculasse a alma, ela mo diria certamente, pois sempre lhe tenho apontado o caminho que vós não tendes seguido, porque sois filhas do mundanismo e vos haveis tornado surdas á minha voz.

«Muito sofro eu com o vosso procedimento ás vezes irregular e imprudente, com os vossos desvarios que vos pervertem e vos podem desonestar, com o vosso despenhar lento, mas constante, para o abismo das Trevas...

«Mas Joaninha póde amar, sim... e quem é que não ama?...

E o vigario tinha reverbéros nos olhos cheios de doçura.

— Quem é que não ama? — repetiu ele, olhando as irmãs fito a fito. Eu a Vida e Humanidade: o meu amor é heroico e sublime. Vós amais as loucuras do mundo e a vida estéril e banal: o vosso amor é vil, e o vosso espirito é baixo e mesquinho. Joaninha póde amar um homem, póde amar uma ideia, com o olhar sempre na Consciencia, e o amor dela será puro e sem mancha como a aurora risonha num dia de sol.

«Este amor não será licito, ou vós não conheceis este amor?...

As duas irmãs entre-fitaram-se constrangidas, e depois arriscaram, dominadas pelo mesmo pensamento:

— Talvez Luiz Constantino o não conheça...

— Que sabeis vós de Luiz Constantino?... Que sabeis, Maria, que sabeis vós, Isabel?—interrogou o padre João muito anciado.

— Apenas sabemos que frequenta esta casa e que conversa muito com Joaninha—responderam elas.

— Mas não é Luiz Constantino um homem honrado e respeitador da dignidade desta casa?

— E' certo, mano João—respondeu Isabel, a mais velha.

— Não é o seu coração o dum homem dedicado e sincero?

— E' verdade.

— Não tem dado provas de estima para com todos que privam com ele?

— Tudo isso é verdade —repetiu Isabel.

— Então que quereis dizer?

— Que um dia ele se esqueça do muito que deve á bondade do mano João — respondeu Maria — e que depois vos dê um desgosto, assim como a Joaninha.

— E esqueceis-vos de que ha o Destino?—perguntou o vigário, cheio de mágua.

— O Destino póde sêr bom até na desgraça em que nos lança.

— Sim, para experimentar a paciencia de quem deseja salvar.

— Talvez a vossa, mano João — disse Maria com olhar duro.

— A minha!

— Sim, a vossa. Podeis sofrêr muito por culpa dalguem.

— De quem?

— De Joaninha.

— Oh! não digais tal — volveu o padre, pondo as mãos em ar de súplica. — Não seja nunca por culpa vossa, que por culpa de Joaninha não ha de o Destino provar a minha paciencia.

— As pessoas em quem mais confiámos podem ás vezes falsear-nos — disse Isabel com firmeza.

— Mas Joaninha tem alma de anjo — disse o vigário com estranha palidez.

— Póde alguem torná-la demonio — retrucou a irmã.

— A Sorte ha de protegé-la sempre.

— Como nos ha de protegér a nós.

— Estarei preparado para tudo o que o Acaso me deparar—concluiu o padre João.

E afogou-se em pensamentos tristes.

Não ignorava ele os amôres da irmã com o farmaceutico, mas confiava na sinceridade de ambos, e muito mais na da irmã, que saberia ser um anjo da sua propria guarda, incapaz de violar o preceito da virtude.

(Continua).

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sêde em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

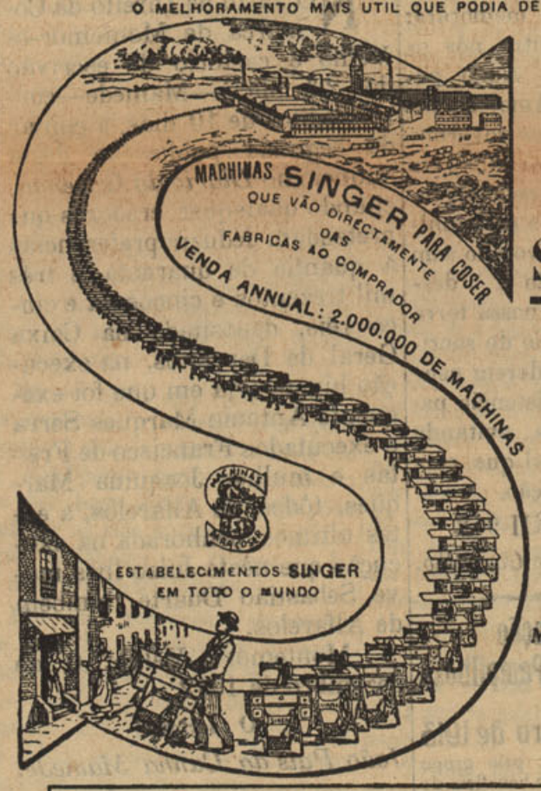
— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO
NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

CASA FUNERARIA

— DE —

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

Bicicletes de diversos autôres, desde 25$000 réis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramafones e musicas, em casa de

José M. Figueira

CANTANHEDE

MURALINE — Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 1.° Arazêde, 19 de Janeiro de 1913 N.° 48

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

Na Cidade das Sombras

IMPRESSÕES DE UM VAGABUNDO

A noite baixara até aos horisontes da cidade. Uma chaga enorme afogando-se em sangue, esbraseada e grande, dependurava-se no azul palido e nêgro de um ceu de crime. Baixavam sobre as montanhas as fogueiras do poente e os vidros das casas pareciam fornalhas. E eu, vagabundo, sentindo o coração mergulhado na sombra, caminhava sem destino pelas ruas pejadas de parasitas, como guelas enormes eternamente escancaradas para a vida inconsciente e adultera das multidões anémicas e dolorosas. Havia uivos descompassados de agonia, gritos surdos de fome, extranhas manifestações da vida humana, aproximando-se da animalidade crua das bestas.

E' a cidade. Eis a cidade...

Num largo horisonte de fôgo, vulcanisada, nevrótica, sensual, inconsciente no seu abismo eterno. E' um mar de podridões, um mundo que é uma caverna, um cano de esgôto aonde se infiltram na noite dos seculos, os germens da carne pôdre, os átomos destruidôres da carne e geradôres das larvas e das miserias. Todas as vezes que olho para ela, atravez do meu olhar que a sabe definir e compreender, eu sinto um fremito de pavôr, um silencio sagrado a inundar-me os dedos e as mãos geladas. Andaimes levantando-se em variadas fórmas, terraços amarelentos, alpendres desconjuntados, edificios agrupados como enormes massas de granito, ruas negras, janelas, telhados vermelhos, emfim, todo o seu organismo parece o organismo de um monstro, sorrindo á ironia do passado. E vejo toda a colmeia humana, todo esse formigueiro em continuo vai-vem, numa barafunda satanica que esmaga o espirito, numa ancia indiscritivel de saciar-se. E' a luta, a luta gigantesca e profunda que se desenrola em cada instante que passa. E aquela humanidade que ali vai, todo aquele torvelinho louco, é o mundo a procurar a seiva da sua existencia, o pão, o pão sagrado da sua alma misteriosa.

Oh! bemditos os que trabalham! se eu vejo toda esta colossal multidão de fantasmas arrastando-se, sinto lá em baixo o martelar alegre e quente das bigornas, o resfolegar das fabricas e das locomotivas, o arrastar dos carros, o cantar dos operarios, mesmo sobre as ruinas da sua desgraça. E' a Alma do trabalho, a bemdita epopeia da vida que vem trazer-me a nução agradavel da ressurreição dos sêres. Mas a noite cai, pesada como um mar negro de carvão e cinza. Toda essa humanidade que eu sinto e vejo, grita até ao ceo, enche o espaço com a sua suplica de vitoria. Vam morrendo os miseraveis sobre a derrocada e mesmo por sobre a derrocada, levantam em desafio os braços rijos e escalavrados de feridas, para o sol da terra-prometida. E vejo-lhe os punhos ensanguentados, brilharem ameaçadores por de cima da sombra da cidade maldita. Que querem esses miseraveis? Que quer essa turba que trabalha e moireja, noite e dia? E então compreendo que a canção que ha pouco escutára, era apenas um vago gemido, gemido dilacerante e rude de quem sufoca e de quem vegeta numa atmosfera envenenada. Porque não vejo eu subir até á luz das minhas janelas, essa turba anonima e sangrenta, blasfemando, rindo e cantando num espasmo gigantesco de loucura?

Ali assim a um canto de uma rua ha operarios esfarrapados, trabalhando; mais além passa uma turba toda de imbecis. Imbecilidade em tudo, no lar, na rua, no casino, no teatro, na escola e no lupanar. Brutalidade e crime no amôr, brutalidade e crime no trabalho, brutalidade e crime na sociedade. Que fazêr? A mulher, a criança, o homem, ei-los aí passam, sempre na mesma monotonia, na mesma inconsciencia e no mesmo desejo de luta. Passam multidões e multidões de degenerados, cretinos sociais arreganhando os dentes á miseria. E a cidade é isto. Chagas esvurmando pús, coração dolorido de eternas amarguras, toda uma biblia de mil milhões de egoismos. E eu vejo-a, eu sinto esse clamôr enorme que se ergue como um clarão de sangue, deante da paisagem triste e arripiadora da noite. Silhuetes descarnadas, fantasmas de Goya, penumbras de Rembrandt, passam deante dos meus olhos parados de terrôr, gritando, zig-zagueando, subindo e descendo num esgar trágico de morte. Lá em baixo desenrola-se o drama da vida. E eu sinto-o. No meu coração ha daquelas tragedias, na minha alma vive todo um mundo de semelhantes scenas. Os teatros enchem-se de chusmas, os eletricos vão correndo ao longo das ruas, as tabernas abrem as portas de par em par para a orgia do costume; a cada canto passam sombras, mulheres que vão entregar-se nas espeluncas em trôco de uns miseraveis cobres, canalhas que se entregam ao sodomismo, alcoólicos, epiléticos, sifiliticos, que vão buscar a carne do vicio e o suicidio da podridão. A *morgue* sorri-lhes lá de cima, do alto da cidade. O hospital, iluminado, com as suas janelas rasgadas parece a necrópole vingativa erguendo-se nos pincaros de uma Rôma nova...

— Rôma! Rôma!

Como eu sinto ao longe o rumôr confuso de paisagens distantes e misteriosas...

E todos esses miseraveis, toda essa corja de imbecis, atascados na canalhice e na lama, são a vitima eterna dessa outra não menos corja de bandidos que se afastam para os cafés e para os salões da cidade maldita. Eu amo-vos, miseraveis, eu compreendo-vos, eu não vos odeio, lastimo-vos. Três milhões de almas que eu tivesse, três milhões de ouro que eu possuisse, haviam de ser para vos arrancar da sombra e vos fazer erguer os braços, esses braços anémicos, para empunharem a enxada e a picarêta para a revolução da vida. A alma de poeta coaduna-se com a alma da revolução. Todos esses egoismos, todos esses argumentos brutais, quer sejam de mulheres estupidas, fanáticas, acanalhadas, quer sejam de homens vadios, repugnantes como as vossas chagas e inconscientes como a vossa ignorancia, caiem aqui, junto de mim, como um escarro que em pouco se evapora e não existe mais. Os revolucionarios convictos, nada vos prometem, nada vos darão no alvorocer do Futuro, mais do que a consciencia que vos falta, mais do que erguer as alabardas dos politicos e esfarrapa-las porque são o crime pesando por sobre vós todos, porque reconhecem a lei fatal da natureza que não permite os idolos, nem superioridades, nem inferioridades nos seres humanos. Pedi esmola, entregai as vossas filhas, vegetai como cães nas pocilgas envenenadas por uma eternidade, que ninguem lá irá levar-vos o pão sagrado, o carinho, o amor que aqueceria os vossos labios e faria rejuvenescer as vossas almas anestesiadas pelo ambiente da miseria, da tortura e da fome. Todos esses que passam aí fóra, apregoando sistêmas, rabiscando nos periodicos por distracção, todos esses que semeiam lindos idealismos de revistas para vos fazerem esquecer a dolorosa realidade, tende piedade deles porque são incoerentes nos seus principios, desequilibrados na sua orintação, vitimas de um atavismo estranho e fatal inerente á vida evolutiva dos factos juridicos.

Vem um diz-me que a religião é a panaceia dos vossos males. Resai, erguei os olhos para o céo quando estiverdes estatelados e moribundos nas valetas, sem pão, sem lar, sem abrigo. Deus compensará tudo. Oh! suprema formula do egoismo o mais requintado, o mais cruel que pôde imaginar a humanidade! Haveis de caír como cães, haveis de viver esfaimados, sem nunca levantar grimpa, sem nunca protestar contra o roubo flagrante que Deus instituiu, desde que originou a separação das raças e deu a uma turba preponderante os mantos e as purpuras da realêsa da vida!

Vem outro e diz-me que a vida é feita para a riquêsa, para os predestinados. Outro ainda embebeda-se para esquecer e adormece numa inconsciencia de bruto, resignado e satisfeito. E eu penso se o suicidio não seria afinal a ultima consolação de todos estes desprotegidos. Mas vejo a lei e ela é tão cruel, tão barbara, que nem ao individuo dá direito de propriedade propria. A sociedade que se aguenta no balanço, que come á tripa-fôrra, tem o codigo, tem a baioneta, tem a lei.

Venha donde vier o insulto, venha donde vier a origem desta separação criminosa, tudo isto, corações que amais, corações que tendes dentro de vós alguma fibra de sentimento, é o estado humano protegido por Deus e auxiliado na terra por milhões de milhões de pulhas.

— Rôma! Rôma!

Parece que vejo erguarem-se os teus mármores de fôgo por sobre estas cinzas. O meu olhar alucinado parece que vê ao longe no horisonte, o gigante de uma tragedia eterna. E' a fome que passa, arreganhando os dentes, esquálida e terrivel como a sombra de mil mundos...

E peço a essas almas que passam que olhem para esta horrivel tragedia. Mas os miseraveis continuam na sua evolução fatal, o egoismo levanta-se e volta a calar-me porque tenho mêdo, Mêdo que me arripia, que me gela o espirito como um halito de morte que passa. E a Cidade indiferente sorri-se, canta, desgrenhada e louca, bêbeda, a caír de sensualidade enorme. Chego á janela e ela parece incendiada, rubra de orgia, palpitante, gigantesca. E' bem a paisagem sobreumana, aterradôra, colossal, da chama que exprime a revolução vingativa dos deserdados...

* * *

Autopsiando essa multidão anónima que passa, essa massa obscura e cheia de caratéres pacificos, vamos encontrar a cada passo os traços ancestrais, as manifestações psicológicas de raças mortas. A creatura que vê e que examina o seu passado e pode baixar até á essencia da estrutura social, encontra os problemas assombrosos de mil questões; problemas históricos que nunca foram apercebidos, manifestações étnicas que jámais alguem conheceu. Aparecenos o problema económico, a engrenagem enormissima das relações moveis, o facto imenso da vida organica.

Analisando as nações modernas, em todas elas se examina um conjunto semelhante, mais ou menos desenvolvido, mais ou menos definido ou radicado. Aparecem governantes e governados, exploradores e explorados, imbecis e inuteis apegados á bestialidade cruel da ignorancia e do vicio. E em todas estas multidões sencontram verdadeiros factos que demonstram a sua luta reciproca. A lei pezando por cima delas esmaga-as e suicida-as. Em todas estas multidões ha mulheres que se vendem, crianças que se prostituem, homens que se embebedam, canalha meúda e degenerada cumprindo o fatalismo hereditario da sua raça. Pois bem; em um momento dado, observam-se fenómenos de desagregação profunda. Quem os origina? Quem os promove? Quem os semeia, quem os premedita? Se é uma revolução que estala, são os miseraveis. Se é uma guerra, se é uma lei, se é uma ordem, são os governantes: é o Estado. E o Estado tem tudo. Tem pão e miséria, riquêsa e opróbrio, pão e crime, e lama e oiro.

E alguns dêsses miseraveis, levantaram-se, olharam a iniquidade humana, a desigualdade social e atiraram ao vento o pregão da liberdade. E assim, os miseraveis conseguiram formular sistêmas e teem caído, desde séculos, por sobre os destroços das derrocadas nacionais. Alguns dêsses desgraçados observaram a propriedade e viram nela o crime, e desde logo compreenderam que devia ser repartida, que o homem deveria receber o prêço justo do seu trabalho para não ser espoliado. Pensaram no nivelamento das desigualdades económicas, na supressão da propriedade individual. E êsses homens foram chamados os socialistas. Os instrumentos do trabalho foram-se aperfeiçoando e aí teem ficado na historia, as mais eloquentes revoluções filhas desta ideia de ressurreição dos povos. A filosofia positivista ia-se arreigando nos espiritos e as teorias economicas, começavam a lançar as suas bases. Mas o socialismo, tão propagado e tão difundido já, arrasta consigo o mesmo mal de todos os regimes. Em resumo, as classes desprotegidas depõem nas mãos do Estado a biblia da sua salvação; era o suicidio, a abdicação dos seus direitos, na massa governativa, E o socialista espera ainda na regeneração possivel, modificando o meio e modificando consequentemente as condições economicas.

Viria depois uma nova organisação, mais justa, mais equitativa nas suas bases e nos seus principios. E eu perguntarei como Jean Grave: «Mas se o exercicio da autoridade só tem deixado atraz de si ruína e desolação, quem nos diz a nós que a autoridade que os socialistas vão estabelecer, dará melhores resultados?» E aqui vamos nós encontrar um dos argumentos fundamentaes do socialismo que o torna em uma doutrina contraria inteiramente ao anarquismo. O anarquista não é socialista e viceversa. O socialismo querendo apoderar-se da autoridade e o anarquista destruil-a; o socialismo acreditando na mudança economica por que delega em outros o poder, e o anarquismo porque confia sómente na iniciativa individual, na livre manifestação do individuo, desde logo se vê a incompatibilidade, o odio profundo entre as duas doutrinas. O ideal anarquista tão ignorado ainda porque dêle teem uma ideia confusa, aterradora, é muito mais amplo, muito mais humano, muito mais logico. O anarquista é o miseravel que passa confiando só em si, na sua iniciativa, no valor dos seus braços; é o que reconhece nos outros homens os mesmos defeitos, as mesmas fraquêsas e os mesmo direitos inerentes á vida humana. Por isso nada dêles espera, nada dos seus governos, nada das suas leis. O anarquismo é para muitos ainda a personificação do crime, é a doutrina da dinamíte, da desordem, dos bandidos e dos gatunos. Teem medo de ouvir falar nele como se fosse o papão do passado a presagiar tragedias.

Pois bem, não tenhais medo. Vêde o anarquismo por aquilo que foi Tolstoi. Dizei-me qual era dentre essa súcia de pulhas governativos, a criatura capaz da sua epopeia de abnegação, de amor humano, de moralidade imensa. E' certo que ha catastrofes de sangue, mas quem as origina é a propria sociedade e quem as espalha muitas vezes são aqueles ambiciosos que ela deitou á margem, negando-lhe o pão, negando lhe a gamela da politica. E num amor enorme, eu vejo essa humanidade erguer-se pedindo vingança. Vingança de séculos porque é a natureza que a exige. Toda essa engrenagem apodrecida das nações modernas já está em decomposição completa. Todas essas multidões que passam para os vestibulos da politica é porque reconhecem a fatalidade da vida, é porque sabem que teem de ir parar ás garras da canalha social, se não quizerem estoirar de fome e morrer como cães vadios ao canto de uma viela. A politica é o pior mal da humanidade. Por ella se rouba, por ela se esfaqueiam as leis e se torcem os códigos, por ela se fabricam baixesas sem nome, por ela se emprestam vidas e cabedais e se estirpam a navalha e á punhal, milhares de desgraçados. A politica é o odio, é a inveja, é o crime. Por ela tem de ser pulha meio mundo, por ela hão-de ser esganadas á fome as turbas sem patrimonio, por ela se erguem milhões de cadafalsos e se armam milhares de traições e de covardias. Na maior parte das vezes, o politico é o charlatão, o jogador em aposta com o Estado; ha-de mentir, ha-de roubar, necessariamente, implacavelmente, porque a politica é tudo isto.

Sabeis mulheres, para que criais os vossos filhos? E' para serem ámanhã as vitimas do capital, as vitimas do direito e da força. E agora, eu, que estou vendo neste momento toda a Cidade enorme, afogada na orgia eterna de mil séculos de condenação, pareço sentir o gemido vago de todo esse mundo pôdre. E quando eu visse aquele clarão apagado, aqueles carros quietos, aquelas locomotivas inertes, aquele resfolegar das fábricas

mudo, aquele martelar vulcânico das oficinas silencioso, eu perguntaria aos apostolos da sociedade corruta o que seria dêles, o que seria das suas riquêsas, o que seria das suas filhas. Era a morte social, a inércia, o tumulo absorvendo as cinzas.

Se ámanhã todo esse ruido se calasse, se os distribuidores deixassem de entregar correspondencia, se os maquinistas deixassem de guiar as locomotivas, se os mestres deixassem de ir á escola, se os trabalhadores deixassem de arrotear os campos, ai dêles, caíriam esfomeados aos cantos das paredes, amaldiçoando a vida. A sombra, a mesma sombra que eu agora vejo pairando por cima dos tectos adormecidos, havia de erguer-se como um fantasma solene e sagrado em volta da necrópole atulhada de cadáveres. E no meio dessa revolução calada, gigantesca, satânica, vêr-se-iam, trágicos, medonhos, os miseraveis tombar por sobre a derrocada enorme. Seriam os outros, os reis da terra, os milhões de parasitas que se afundariam nas estilhas quentes do edificio maldito.

Por entre as chamas dos incendios, eu vê-los-ia passar, vingativos e solenes na sua acção, afogando as traves odiosas, partindo, calcando e desmanchando as entranhas e os ossos calcinados da tragedia politica. A cada chama que o vento erguêsse mais uma trave caíria ás machadadas, mais um simbolo se despedaçaria, mais um preconceito havia de morrer. Para que não houvesse fome, para que as criancinhas não vagueiassem nuas pelas esquinas, para que as mulheres se não vendessem e as filhas aos malandros, á canalha vil dos privilegiados. Eu vejo-os passar lá em baixo, eu sinto-lhe as guelas a atulharem-se de oiro, emquanto do outro lado, na planicie, vejo outros de mangas arregaçadas, esfarrapados, manejando a ingrata picareta e comendo o pão negro de dias passados. Eu sinto todas essas lamúrias de patriotismo, de defêsas ôcas, de intrugisses parlamentares. Tudo isso é muito lindo, muito poetico, mas é tudo ôco. E aqueles que apregôam estas panacêas nacionais, não deixam de reconhecer nêles mesmos a inutilidade das suas tentativas. E mais uma vez, eu lanço meu olhar á Cidade da Sombra e fico a cismar no estranho fatalismo da Vida...

Coimbra.

UMBERTO ARAUJO.

IMPRENSA

A Voz da Justiça, valoroso bi-semanario republicano da Figueira da Foz, apresenta-se, com o advento do novo ano, de maior formato e nitidamente impresso. E' um jornal que honra a provincia e o povo da Figueira, pelo que o felicitamos, desejando-lhe longas prosperidades.

Gazeta da Figueira entrou no 22.º ano de existencia, a *Bairrada Livre* no 3.º ano e *O Livre Pensamento* no 2.º.

A estes três colegas enviamos saudações, desejando-lhes muitas venturas.

CARTA DE LISBOA

15 DE JANEIRO.

Um magistral discurso do grande estadista português, dr. Afonso Costa.

Foi hoje apresentado na camara dos deputados o orçamento geral do estado para o ano de 1913-1914, pelo eminente estadista dr. Afonso Costa.

O silencio na sala foi completo, convergindo todas as atenções para a bancada ministerial, para bem nitidamente se houvir a voz do estadista de valor e inegualavel amigo da Patria que neste momento grave ocupa a pasta das finanças e da presidencia.

O seu discurso foi grande e patriotico, e depois de se ter esforçado para honrar os compromissos que tomou, trabalhando dia e noite, apresenta á camara uma obra cheia de mérito e inteligencia que bem prova que o dr. Afonso Costa tem feito muitos sacrificios pela Republica, dedicando-se ao estudo de questões economicas e financeiras para que a prosperidade do novo regime assente na solução de grandes problemas.

Sua ex.ª, com aquele verbo que todos conhecem, afirmou de novo que cumprirá o seu programa, se todos o auxiliarem com dedicação e lealdade, para bem do paiz.

Frizou ainda que dentro da sala se encontravam os seus mais calorosos admiradores e os seus mais intransigentes adversarios.

Que sabia ainda que estes lhe dirigem calunias e injurias, mas queria ouvi-los ali, cara a cara, frente a frente, para responder-lhes a quantas acusações lhe fizessem. Que era ali, sim, que desejava ouvir as caluniozas razões de duvida que os seus inimigos propalam sobre a lealdade dos processos usados por ele, orador, para assim esclarecer o paiz ácerca de escuras manobras porventura feitas para entorpecer a ação do governo de que é chefe.

Os aplausos nesta altura são grandiosos, como grandiosos o foram ao terminar o seu valioso e monumental discurso, manifestando-se tambem as galerias num entusiasmo febril e dedicado ao homem publico que encarna o sentir do povo portuguez.

Pelo relato dos jornais diarios se poderá apreciar a grandiosidade da sua obra e o valor do seu discurso, que não por esta simples nota tirada em cima do joelho e com grande dificuldade por estarmos na galeria n.º 2, reservada, num aperto colossal de gente que a enchia.

——O tempo continua chuvoso e pelas ruas mal se póde transitar, devido á lama que acumulam.

——Teatros e animatografos, cheios de povo, e no Coliseu, entradas a meio preço.

Fernandes d'Almeida.

Ferro-viarios de Portugal

Sindicatos, Uniões & C.ª

III

Como o velho rifão diz que, o que é prometido é devido, eu vou ocupar-me do assunto a que me referi no *P. S.* do n.º passado d'este semanario. Alguem dirá que não é crivel que o *Sol* possa dar o extrato duma reunião efetuada a altas horas da noite, terminando muito depois das 00. O *Sol*, que só tem d'existencia umas certas horas extraidas das 24 em que se dividem os dias propriamente ditos, como diabo podia ele assistir áquela reunião?

Descancem os conferentes que o *Sól* não se vai ocupar, na integra, do que aquilo foi, porque, como diz o tal rifão, não vale a pena gastar cêra com ruins defuntos. Limitar-se-á apenas a registar aqui algumas palavras que lá foram pronunciadas para concretisar as suas afirmações e simultaneamente esmagar as acusações do «cano de esgoto» ali da Rua da Condessa, (salvo se o soalheiro é na rua do Eroismo, n.º não sei quantos, com comunicação diréta com o tal *cano* por onde passa todo o esterco misturado com *a graixa* que ali se gasta, que já pouco lustro produz, apesar do pescador em aguas turvas, que joga por de traz da cortina, bem se cançar com os puchões nas escovas. Nada de considerações a tal respeito, para que a responsabilidade d'estes artigos não possa ser atribuida a quem com eles nada tem.

O *magistral discurso* a que me referi, foi a leitura, á diminuta assistencia, d'um oficio em preparativo, e não sei se já enviado ao Sindicato de Lisboa, confirmando os panfletos por ai distribuidos, ou, melhor dito, chamar á desordem os elementos ignorantes que infelizmente ainda existem na classe, explorando por este baixo processo a sua ingenuidade. Continuando, diziam elles: «Somos solidarios com as resoluções do sindicato e, protestando contra o procedêr da companhia por haver distribuido diretamente ao pessoal a circular que já é por demais conhecida, insistiremos com este para que não responda» (aqui está o chamamento á desordem) «obrigando a companhia a reconhecer a união de classe e tratar com ela todos os assuntos que digam respeito aos interesses dos seus associados».

Houve quem alvitrasse que a União devia escrever, oficiar á Companhia Portugueza manifestando o seu descontentamento pelo gesto que acabava de praticar. Depois da resposta, a União oficiaria ao Sindicato no sentido de se combinarem as medidas a tomar em face da resposta da companhia; para que se não diga que a União trabalha em desacordo com o sindicato.

Uma voz responde do lado: «Escrever á Companhia?! E' melhor não pensar n'isso. Pois se ela não responde a uma simples reclamação que a União ferro-viaria lhe faz, em favor d'este ou d'aquele, muito menos responderá a este assunto.»

Continua o do alvitre que não foi aprovado: — então o que é «preciso primeiro que mais nada? E' obrigar a companhia a reconhecer as associações. A União ferro-viaria não abdica dos seus direitos»—responde um terceiro, é preciso assentar bem n'isto, etc., etc.

Eu não tinha voz naquela reunião, mas se a tivesse, teria começado por dizer assim: — A União ferro-viaria ou sindicato, até hoje, não tem adquirido direitos de especie alguma, porque se não tem sabido conduzir; e, se os tem, não são conhecidos da classe ou não os tem sabido e nem sabe fazer respeitar.

D'outra maneira não se explicam as declarações do ilustre membro do Sindicato snr. F..., quando afirma que a companhia não responde nem a simples reclamações. Se ha direitos, porque abdicar d'eles com a agravante de se terem iniciado negociações? E' que ninguem que, á distancia de palmo e meio do naris, veja o que se passa, se convencerá de que uma associação de classe, tenha ela o titulo que tiver, tem direito de exigir que uma impreza lhe diga a maneira e as razões porque dispõe do seu pessoal. Pois é tão sómente d'isto que se tem ocupado, tudo quanto por ai aparece reunido e sindicalisado, pelo que teem, não só perdido a autoridade, como faltado ao mais rigoroso cumprimento dos seus deveres coletivos.

Que teem eles que ver se o factor A. vae transferido para ali, ou o factor B. vae transferido para acolá?

Tratem da construção do palacete, que já não será pouco.

Desfaçam-se d'esses miseros cobres que teem em cofre, porque eles jámais serão precisos a quem os paga. Se um socio adoecer ou precisar d'um subsidio, que estenda a mão á caridade publica ou abra uma subscrição. Os primeiros patacos juntos são para construção de palacetes. Assim é que é bom.

Pobres imbecis!...

16 | 1 | 13.

Sól.

Dr. Ivo Xavier Fernandes

Foi colocado no Porto, como professor de instrução secundaria, este nosso amigo e presado assinante. Felicitamo-lo

Pergunta inocente

A junta de paroquia desta freguezia já reuniu para decidir sobre a questão da renda da escola e do usufruto do passal, com que o padre Laranjeiro, prior cá do burgo, se tem abotoado, por consentimento das comissões municipal e paroquial? Sempre gostavamos que o snr. Albino de Noronha e o snr. José Maria d'Andrade, respetivamente presidentes destas duas comissões, nos dissessem algo sobre o assunto.

Isto para que a lei não seja uma cebôla pôdre.

FALECIMENTO

Finou-se ha dias em Coimbra a sr.ª D. Candida Perpetua Vieira Dias, esposa do nosso amigo sr. Ricardo Diniz de Carvalho, considerado amanuense da 2.ª circumscripção escolar. A este nosso amigo, que acaba de sofrer um doloroso golpe, a expressão do nosso sentido pezar.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XLII

O novo governo.—O ministerio da instrução publica. —Uma profecia

Constituiu gabinete o snr. dr. Afonso Costa. O caso não nos impressiona—tão certos estâmos de que as coisas da instrução, as que mais nos interessam, continuarão á matroca. Se, em vez do dr. Afonso Costa, fôsse ao poder o dr. Antonio José de Almeida, passar-se-ia tudo da mesma fórma.

Não haja ilusões. Os homens da nossa Republica, tam joven e já tam infeliz, do que mais cuidam é da politiquice. Sem se incomodarem com o que deles poderão dizer os estrangeiros, sem caso fazerem dos comentarios acres dos nacionais de juiso,— êles insistem na sua obra antipatica de semear a sizania entre a familia portugueza, que confiadamente os elevou ás culminancias onde se encontram. Parece que uma rajada de loucura bateu o nosso pobre Portugal.

Depois, os mais sagrados compromissos antigos, muitos dos quaes fôram a verdadeira causa do engrossamento das hostes democraticas, têm para ai sido impudicamente despresados. Por exemplo: um dos pontos do velho programa do partido republicano era a criação do ministerio de instrução publica, como de absoluta necessidade para arrancar a escola das garras da politica suja, favorecendo-lhe assim o desenvolvimento progressivo. Pois mais de dois anos decorridos sobre a implantação da Republica ainda não foi possivel arrancar essa medida ao Parlamento — tam fertil, no entanto, em zaragatas, cabeçadas e asneiras...

Ah! Agora nos lembrâmos. — O snr. dr. Afonso Costa declarou a um redactor de qualquer jornal que ia insistir para que o projecto ao assunto referente fosse sem demora votado. Mas... nós não acreditâmos que êle consiga isso, pelo menos com a brevidade anunciada. Se até já um senadôr declarou que ia passar os serviços da instrução para o ministerio da justiça, considerando isso como a acertada solução do problema!

Nãc pertencêmos a nenhum dos partidos em má hora formados dentro da República. Julgâmos, por isso, vêr as coisas de alto suficientemente para não podermos ser acusado de parcial. E' dentro desta orientação que repetimos a declaração de que nenhuma confiança temos no governo presidido pelo ilustre chefe do Democratismo para resolver os pendentes problêmas da instrução. Quando muito, terêmos para ai algumas perseguiçõesinhas a professores. Oxalá nos enganêmos...

PROF. MANUEL JOSÉ ANTONIO.

Coisas simples

A festa da arvore

Está volitando em todo o paiz de sul o norte e oéste a éste (é rialmente nêste sentido) a ideia de fazer se em todas as freguezias a Festa da Arvore.

Não serei eu, que tanto gosto de vêr a criançada das escolas em festa e que tanto amo as arvores, quer esparsas na solidão dos vastos horisontes, quer vivificando a atmosféra nos povoados onde a sua presença infunde uma nota de sentimento e poesia; quem não aplauda tal iniciativa.

Plantar uma arvore é evidentemente trabalhar para o futuro e sem que, todavia, quem a plante tenha a certeza de lhe colher os frutos; é por isso que maior significado tem o acto, visto ser um bélo exemplo de solidariedade e filantropia.

Quem trabalha com o unico fito de fruír os lucros do seu produto embora tenha assegurado o provimento das necessidades primarias, é um egoista vulgar; mas, aquele que opéra de modo que os seus concidadãos e os vindouros possam usufruir o util produto do seu trabalho, tem a guiá-lo o espirito do altruismo e é o verdadeiro benemerito da humanidade.

Por tudo isto eu gosto sobremaneira de vêr as criancinhas plantar com as suas mãos afeitas aos inocentes brinquedos, não maculadas do contagio do mal, as arvores, pequenas como elas, mas que no futuro verão erguer altaneiras os seus exuberantes ramos; olhá-las-hão depois como uma recordação e uma gloria.

A iniciativa da realisação agora desta festa que mais vezes se tem feito entre nós, partiu como todos sabem, do «Seculo Agricola»; mas quem vai arcar com toda a responsabilidade do áto, todo o trabalho da acção (não se julgue pouco) todos os sacrificios correlativos, é sómente — o professor primario.

Quê? uma festa «nacional» onde todas as corporações tomarão parte segundo as praxes protocolares é unicamente trabalho do professor primario?!

E'. Se, felizmente, nalgumas terras do país ha quem olhe com atenção para os trabalhos escolares, na grande maioria o professor ou a professora acham-se sósinhos na execução de qualquer empreendimento de caracter exterior á escola e no final de contas é sempre dêles toda a responsabilidade.

Ao professorado que tanto produz e tão pouco recebe, que do seu irrisorio vencimento não póde tirar uma parcéla para adquirir um livro pedagógico ou assinar uma revista da mesma natureza, é que se distribue todo o papel de trabalho e acção.

A Direcção Geral tem produzido peças literarias para orientar os snrs. Inspectores, estes por sua vez teem feito palestras ou redigido circulares para guiar o Professorado na realisação da festa e no final, os mesmos professores teem de redigir relatórios e fazer conferencias... Para o «Seculo Agricola» as honras da iniciativa (e merecidas), para os professores o trabalho e a responsabilidade.

Possa contudo tirar-se destas festas o resultado pratico preciso e atingir-se o fim desejado para que a sociedade de amanhã se lembre com mais justiça e carinho dos seus devotados mentores — o professorado primario.

Eu, que tanto gosto de vêr a criançada das escolas em festa e que tanto amo as arvores, inspiradoras de poesia, com as quais o meu espirito sonhador em misticismo comunica, prestarei todo o meu auxilio á realisação da Festa da Arvore.

14 de Janeiro.

AUREA JUDIT AMARAL.

No artigo do n.º proximo passado onde se lê «degenerescencias» deve ler-se «degenerências».

Viscondessa da Marinha Grande

Na Figueira da Foz faleceu a semana passada, com 52 anos, esta ilustre titular, mãe estremosa do distinto poeta e nosso querido amigo, dr. João de Barros. A extinta, que aliava a um tesouro de virtudes primorosos dotes de inteligencia, teve uma morte muito sentida, pelo que endereçamos á ilustre familia enlutada e a João de Barros as nossas sinceras condolencias.

BRINDE

Os srs. B. Melo & C.ª, proprietarios do importante armazem de adubos quimicos e cal, da Pampilhosa do Botão, distribuiram pelos seus freguezes, como brinde, uma pequena mas elegante malinha de couro amarelo, destinada a arrecadar o dinheiro em cobre. E' cómoda e bem acabada.

Ao nosso amigo sr. José Martins Catarino, zeloso empregado da referida casa, agradecemos a oferta que nos fez dum dos objetos referidos.

CRÓNICA DO PORTO

A chuva em grandes bátegas fustiga as janelas do meu pequeno quarto de boémio.

E eu sinto-me feliz em ser embalado pelo soturno canto da Noite que tem as canções da chuva, as elegias do vento, o faiscar dos relampagos e o ribombar dos trovões.

Na suáve temperatura do meu ninho de sonhadôr, eu penso na imensidade de vagabundos que para aí correrão a tragica Sodôma da tortura.

Descalços e rôtos, á chuva e ás intempéries, eles, os pobres deserdados, irão chorando o seu fadario na crua solidão das horas mortas.

Eu definia o meu viver, por um prisma satânico e mau, mas — pensando a frio—ha sêres mais infelizes e mais desgraçados.

Volta á scena a filosofia do outro que, sustentando-se a hervas, se lastimava da sua triste sôrte. Mas, olhando em volta, viu um pobre animal que triturava os restos que aquele lançáva fóra.

— Não sou eu o ente mais desgraçado do mundo, pois que ha outros que aproveitam o que eu desperdiço.

Eu lembrei-me da sua filosofia e julguei repetir-se a mesma scena. Não, eu não sou o ente mais infeliz, porque ha tristes que cobiçam o meu trajar modesto, o meu calçar humilde!

E quantos e quantos não almejarão o abrigo inféto dum curral e um punhado de palha bem enxuta?

Quantos lamentos não esfacelarão o peito dos nómadas, ás mesmas horas que eu sonho no delicioso conforto do meu quarto de homem solteiro?

Tudo isto são verdades, cruas verdades que confrangem o coração humano e divertem o nojento pedaço de lôdo que palpita nos peitos do Egoismo.

. . . . . .

Meia noite.

O vento, nas ancias duma hiéna esfaimada, percorre as ruas da cidade adormecida da qual ele fez a sua floresta virgem.

Não ruge a ramaria dos robles seculares? Rugirão os telhados dos indigentes quando sobre eles passa numa febre vermelha de *razia*.

Não ondulam os matagais de capim?

Ondularão os párias sem eira nem beira, baqueando na terra humida e fria, famintos, enregeládos.

E depois?...

Uma máca puxada a quatro homens, um policia á rétaguarda, as portas da *Morgue* que se abrem e .. o bisturi da Sciencia que retalha o triste que sucumbira ao frio e á fome...

Agora é um desgraçado que passa rôto e desprezivel sem uma migalha de pão no estomago.

Para em frente duma padaria que ainda tem as suas montras iluminadas.

Que de fartura! quanto pão loiro e apetecivel naquele pequeno logar apenas separado do seu voraz alcance por um pedaço de limpido cristal!

Não estará esse pão a rir da fóme dos que passam?

Quem sabe?

Que fazer?

Passar adiante tristemente, resignadamente, na firme convicção de que aquilo lhe não pertence?

Mas o estomago?

Imitar João Valjean, num áto de desespero irreparavel?

Sim, sim, isso seria bom; mas a cadeia em cujo této figura uma Témis a jogar a cabra céga, não perdoaria, decérto.

Porto, 14 de Janeiro de 1913.

GOMES MONTEIRO.

TENTATIVA DE ARROMBAMENTO

Na madrugada de terça-feira ultima os ladrões tentaram penetrar na loja do sr. Augusto Baia, pelas trazeiras do predio, não conseguindo realisar o seu intento, em razão do proprietario ter acordado naquêle momento. Os gatunos evadiram-se, não sem terem ainda causado alguns prejuisos em louça que estava encostada a uma janela, e que os larapios ainda chegaram a abrir.

Dr. João de Deus Ramos

Vae, segundo as nossas informações, aliás confirmadas pelo *Mundo* de quarta-feira, ser nomeado governador civil do distrito de Coimbra o nosso querido amigo snr. dr. João de Deus Ramos, um dos mais ilustres pedagogistas contemporanios.

O dr. João de Deus Ramos, que é bem filho do grande poeta português que foi João de Deus, cuja obra inteligente e valiosa continua com entranhada dedicação, foi ultimamente governador civil da Guarda, onde serviu com zelo e actividade, inteligencia e acêrto a obra grandiosa da Republica, através de inumeros obstaculos que soube vencer, sempre com fé inabalavel no ressurgimento da Patria e modernisação de costumes administrativos.

Antecipadamente felicitamos o governo. O nosso concelho reclama, com insistencia, um homem da envergadura moral, intelectual e civica do dr. João de Deus Ramos.

Reclama-o o concelho e a reclama-lo está, de ha muito, todo o distrito de Coimbra, entregue, desde a implantação da Republica, ao caciquismo indigena qne tudo tem pervertido e corrompido.

E o dr. João de Deus Ramos saberá, se aceitar o encargo, se fizer mais este sacrificio em prol da Patria, promover, com ponderação e alevantado critério, o saneamento de que carece o nosso desgraçado districto.

Assim o esperamos.

Interesses do concelho

Viva a Republica!

Enfim! que estamos em presença dum governo que nos parece forte, estavel, o que sinceramente desejamos. E' ele dirigido por o homem mais inteligente e trabalhador deste torrão luzitano. Vamos, por isso, entrar na vida nova ha tanto tempo esperada com a maior das anciedades, pelo povo português.

Finalmente, esse momento é chegado, e todos, sem distinção de classes, devemos esperar, esperançados no homem que hoje preside ao governo da Republica, porque ele é homem para não recuar, antes avançar com prudencia e juizo, mas avançar!...

E' certo que os seus compromissos são de grande responsabilidade; mas ele saberá vencer todas as dificuldades, e crear uma nova era de progresso e civilisação a que Portugal se julga com direito.

Assim o esperamos, confiados na sua poderosa inteligencia, boa vontade e faculdades de trabalho. Mas é necessario que todos os bons portuguezes se compenetrem do seu dever, e o auxiliem na obra que vai encetar para bem de todos.

Não é só no governo da Republica que está o progresso do nosso paiz; mas que todas as corporações administrativas e administradores dos concelhos se compenetrem do seu dever, auxiliando tanto quanto possivel, a obra do governo, e assim teremos uma Patria nova e edificada em bazes solidas.

Infelizmente isso não tem acontecido pelo nosso concelho, onde nada se tem feito, e nada temos lucrado com a Republica sonhada doutros tempos. E porque? Porque continuamos a entregar a sua administração a monarquicos eivados da inépcia monarquica, deixando, como então, correr o marfim!...

Hoje, porém, não podemos consentir que isto continue na mesma podridão e bandalheira, sendo a administração do concelho entregue a republicanos e homens de trabalho, que nos livrem de tanta lama. Queremos que as leis da Republica sejam respeitadas e cumpridas, o que até agora se não tem feito!

A lei da separação tem sido letra morta, não sendo respeitada a logica da sua doutrina emancipadora. A' lei do registo civil tem acontecido outro tanto. Ha padres rebeldes á Republica, que ainda hoje disfrutam da proteção escandalosa de certos monarquicos que agora fingem de republicanos, habitando casas paroquiaes, emquanto as crianças, em idade escolar, se albergam em casas imundas e nojentas!..

E' preciso que o novo administrador seja homem liberal e sobretudo republicano, e faça cumprir as leis da Republica, e não faça como os seus antecessores, que se teem limitado, com raras excéções, é claro, a recebêrem o ordenado e a não saírem do gabinete..

Não queremos represalias contra as crenças de cada um, porque isso seria deshumano; mas tão sómente o cumprimento restrito das leis, e assim teremos caminhado na vanguarda da civilisação!

E' necessario e urgente que a atual comissão administrativa seja demitida, e entregue o municipio a homens do nosso tempo, isto é, a homens que compreendam os deveres do seu cargo, fazendo progredir o seu concelho com medidas de largo alcance e de imediata realisação.

Porque, convençam-se, que a atual comissão, jámais compreenderá a sua situação, demitindo-se.

Ela continuará na sua má administração, o que jámais consentiremos sem o nosso veemente protesto.

Faça-se, pois, e quanto antes, substituir a comissão, se não queremos continuar no mesmo lodaçal em que temos vivido. Porque a verdade é esta: o snr. presidente, que nunca se viu guindado a tão grande altura, só tem feito politica partidaria por vaidade; emquanto a administração, essa, tem estado entregue aos tubarões, que ele mesmo já classificou, que não lhe mereciam a confiança...

A comissão está morta e bem morta, para mais se não levantar, e para que o seu estado de decomposição não exale cheiro pestilente, podendo contaminar a sociedade, da sua inépcia, é urgente ativar o seu enterro!....

Assim o esperamos.

E' preciso, pois, que isto acabe, mas já, entrando o concelho em vida nova.

A democracia está em festa, disse o meu querido amigo Almeida Junior, e assim é.

Saudemos, portanto, no grande estadista snr. dr. Afonso Costa, a Patria livre, a Republica e a prosperidade do povo português!

XAVIER.

Um santarrão—lente da Universidade

Lembram-se os leitores daquêle célebre John Opie, de óculos com aros de ouro e *barbiche*, que andava pelos vagões de 3.ª classe a distribuir aos incautos folhêtosinhos para a salvação da alma? Lembram-se, com certeza, porque o *Dever* publicou alguns artigos a respeito dêsse *Opio* e dum seu colega *Gemada*. Pois agora saiu-nos o tal jesuita protestante... de fábrica coberta, professor de inglês do Curso Superior de Lêtras na Universidade de Coimbra! Vejam o que êle ganhou com a propaganda secréta dos folhêtos-carólas!

E' isto: a vida ainda está para os *talassas* e para os jesuitas de casaca e sotaina. Os propagandistas dos bons principios, os demolidôres das velhas doutrinas e dos carunchosos preconceitos, êsses deitam-se á margem e ficam esquecidos na penumbra dos seus gabinetes.

...Mas a nomeação do snr. Opie, ha pouco feita, deve ser obra ainda do sr. Duarte Leite, e por isso, dá cêrto.

ANIVERSARIOS

Passou no dia 17 o aniversario natalicio do nosso presado amigo sr. Joaquim d'Almeida, irmão do nosso presado camarada Almeida Junior.

O nosso amigo encontra-se ha tempo em S. Paulo (Brazil) e é um dos bons propagandistas e amigos do *Dever*.

Felicitamo-lo.

— Passou no dia 10 o aniversario natalicio da sr.ª D. Eufemia Faria Leite da Silva, esposa do sr. Hipolito da Silva, sub-Inspector da Beira-Alta e mãe do nosso presado assinante sr. João da Silva.

Parabens.

Tentativa de roubo

Na noite do dia 11 os gatunos entraram na casa do sr. João Vergeiro, do Zambujeiro, e tentaram roubar-lhe a carne da salgadeira, chegando ainda a conduzir algumas peças até á porta da rua. Como, porém, de dentro a mulher daquêle snr. ouvisse ruído, não deixou que os gatunos realisassem a sua façanha, pelo que deram logo *ás de Vila-Diógo*.

Faduncho verdadeiro...

(PARÓDIA II)

Da mais ditosa das mães,
Sómente rest'á história,
S'um compõe, outro desfaz,
Do 5 roubam gloria.

Dos bôlços da consciencia,
Pend'a nossa salvação,
Tragam-n'a já sem demora,
Democráticos ou *União*.

O estrangeiro é uma águia,
Que sempr'espreita matreira,
Sômos nós pitos zangados,
Com ambição duma freira.

Dantes era assim o mêsmo,
Bolas p'rá politiquice,
Portugal quer outro trilho,
Com mui menos criancice.

Tal politica quer batatas,
Os cofres querem dinheiro;
A defeza quer canhões.
P'ra tudo o Afonso é o primeiro.

Apolon.

NOMEAÇÃO

Foi nomeado Sub-Inspector do movimento da Companhia da Beira Alta o nosso presado amigo Antonio Borges de Matos Tavares, antigo chefe de secção do tráfego da mesma Companhia.

Foi merecida a distinção, pois Matos Tavares revelou sempre o maior zelo e compatencia nos logares que tem desempenhado.

Abraçamo-lo.

Recreio charadistico

Decifrações do numero 44: *Cadeado*, *Ismael*, *Entreter*.

Decifradores: *Amelia da Silva* (3), *Americo Antunes* (3) e *Viriato* (2).

CHARADA

1.º) Nesta data queria eu,—2
Tuas tranças côr do ouro.
Ser Erato e no Mondego—2
Cantar esse meu tesouro.

Liames.

NOVISSIMAS

2.º) A roldana é a aura para maltratar.—2-1.

3.º) Vi que o ataúde aperta o enigma.—2-1.

Vulcão.

ELETRICAS

4.º) Falar em publico não é muito frequente.—2.

5.º) E' sempre extorquir.—2.

Liames.

LOGOGRIFO RÁPIDO

6.º)

1—2—3—4 activo — 5—6—7—8—9 engenho

Asperamente.

Amelia da Silva

CORRESPONDENCIAS

Figueira da Foz, 15

Teem chegado inumeros recrutas para artilharia n.º 2 e infanteria n.º 28, aos quais é oferecida uma festa de saudação, que terá logar hoje, no *Parque Cinéma*, constando o programa de parte musical, animatografica e dramatica.

Fará uma alocução o ex.mo coronel Almeida, comandante de artilharia n.º 2.

—— Conserva-se agitadissimo o mar, o qual além de impedir o arranjo dos meios de subsistencia á classe piscatoria, da mesma forma impede o movimento maritimo, que desbanca a todo o passo, sem haver sequer quem se importune pelo arranjo da barra e porto, que qualquer dia exalam o ultimo suspiro á navegação. Antes assim...

Tornem a gastar contos de réis, sem necessidade, sem importantancia alguma para o que se consideram beneficios, que verão o apetite que faz, dispender outro tanto, da mesma fórma, tudo devido á impertinente mania de fazer calar reclamações justas, que se teem feito e farão. Para que veem mais 2:000$000 réis para desassoreamentos, sem valor material para o cáos em que barra e porto estão?

Para nos incomodarmos duplamente, vendo gastar tanto dinheiro, sem proveito sem necessidade. Construa-se a muralha-cais do lado sul, e verão a Figueira progredir. *Apolon.*

Editos de 10 dias

(2.ª publicação)

NO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho e cartorio do escrivão do 2.º oficio—Mamede—correm éditos de 10 dias, a contar da segunda publicação dêste anuncio no *Diario do Governo*, citando quaisquer credores que pretendam deduzir preferencia á quantia de quarenta e três mil trezentos e cincoenta e cinco réis, depositada na Caixa Geral de Depositos, na execução hipotecária em que foi exequente Antonio Marques Serra e executados Francisco de Freitas e mulher Joaquina Marques, tôdos de Alfarelos, a estes ultimos penhorada na execução que nêste Juizo lhes move Sebastião Duarte, tambem de Alfarelos.

Montemór-o-Velho, 6 de dezembro de 1912.

O escrivão,

João Pais da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

EDITOS DE 30 DIAS

(1.ª publicação)

NO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho e pelo cartorio do escrivão do 2.º oficio—Mamede—correm éditos de 30 dias, contados da segunda publicação deste anuncio no *Diario do Governo*, citando a ré Dona Frederica Fassini, tambem conhecida por Frederica Fassini Gavicho ou Frederica Carolina Josefa, ausente em parte incerta, para na segunda audiencia do mesmo Juizo, findo o praso dos éditos, vêr acusar esta citação na acção de divorcio letigióso que lhe move o marido bacharel Francisco Fausto Guedes Gavicho, residente em Tentugal, desta comarca, marcar três audiencias para a contestação, e seguir até final os têrmos do processo. As audiencias neste Juizo fazem-se todas as segundas e quintas-feiras, por 11 horas, no Tribunal Judicial, nos Paços do Concelho, sitos á Praça da Republica.

Montemór-o-Velho, 15 de Janeiro de 1913.

O escrivão,

João Pais da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55

COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz** — Camarneira — Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

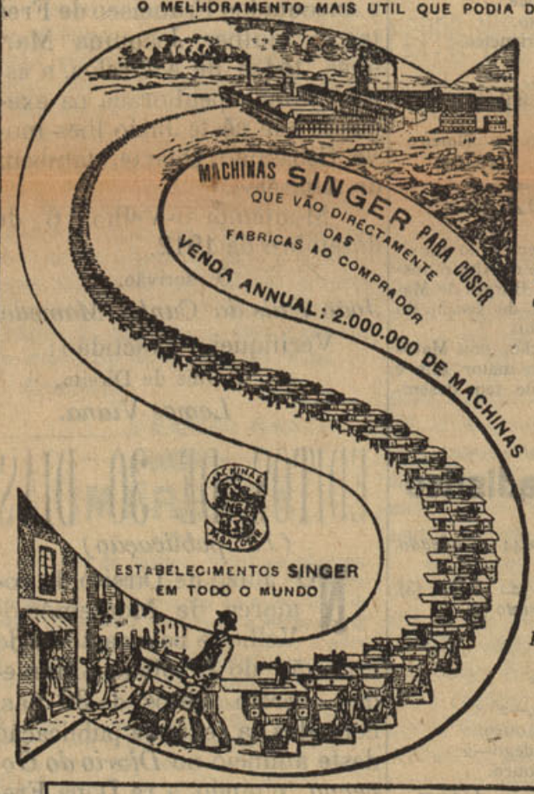
(Junto ao caminho de ferro)

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne. Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central. Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

Bicicletes de diversos autôres, desde 25$000 réis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramafones e musicas, em casa de

José M. Figueira

CANTANHEDE

MURALINE — Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com êxito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Queres passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha—**COIMBRA**

Ano 1.º — Arazêde, 26 de Janeiro de 1913 — N.º 49

O DEVER

Semanário Republicano

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Redação e Administração — ARAZÊDE

Pátria e Humanidade

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

Palavras intempestivas

E' inoportuno tudo quanto possa dizer-se nêste momento ácêrca da marcha governativa do sr. dr. Afonso Costa, pois que ha 15 dias apênas que está no poder, não se podendo por isso afirmar categóricamente se governa bem ou mal. Os seus adversarios que deviam ser os primeiros, por amôr á Pátria e á República, a não levantar dificuldades ao governo nascente, a não fazer previsões onde transpira o ódio, o pessoalismo e a ambição, são precisamente aquêles que começam já a contraminar as intenções benévolas do chefe do governo. Mas isto já assim sucedia em tempos idos, e então não nos deve assombrar.

Convem frisar que nós seremos os primeiros a atacar o governo, desde que ele se afaste, por seu voluntário propósito, do programa apresentado ao parlamento. Por isso mesmo é que ninguem deve entravar, com afirmações facciosas e virulentas, o decurso normal dos trabalhos governativos, sob pena de ser acusada de obstrucionismo toda a campanha levantada pelos inimigos do sr. dr. Afonso Costa.

Se no poder estivesse o sr. Antonio José d'Almeida ou o sr. Brito Camacho, o nosso raciocinio seria o mesmo, logo que o programa dêstes chefes políticos satisfizesse, como o do sr. Afonso Costa, as aspirações do povo português. Não olhamos a homens, mas a princípios; e logo que exista um homem que seja a incarnação dêsses princípios, nós admiramo-lo sempre, emquanto êle não negar o seu crédo político e souber honrar todos os seus compromissos.

A nossa atitude, como a de todos os portuguêses, afectos ou não ás instituições, deve ser benévola, serêna e justiceira, e não de ataque declarado á obra dalguem que pretende definir uma situação angustiosa, como é aquela que temos atravessado, e para cujo desiderato é indispensavel o concurso dos bons republicanos e dos verdadeiros patriotas.

Nêste momento, pois, é intempestiva a menor reclamação, a menor rasão de queixa, porque ainda não houve tempo de apreciar toda a acção do governativa do actual chefe do gabinête. Sua ex.ª prometeu tudo o que outros polílicos teem prometido já. Começou já a dar cumprimento ás suas promessas, tentando equilibrar o orçamento com uma redução no *deficit* de mais de 5 mil contos. E' esta uma base de tino governativo. Não podemos por agora fazer mais do que registar os seus bons actos políticos, não esquecendo aguardar a maneira como o sr. dr. Afonso Costa pretende harmonisar a vida dos diferentes ministérios — sem falar no futuro ministério de instrução — para que todo o mecanismo do Estado funcione normalmente, para que a instrução, o comercio, a industria e a agricultura não fiquem definhadas com as reduções agora feitas, e antes progridam e se desenvolvam mais, sem véxame para ninguem, governantes e governados.

Esta é que deverá ser a nossa espectativa. Quinze dias é pouco para se julgar da acção administrativa dum homem que sobraçou mil responsabilidades em tão melindrosa conjuntura para o país. Dêmos-lhe mais tempo, tenhamos paciencia para esperar, adocêmos mesmo o nosso pessimismo gelificante, deixando entreabrir um lampejo de esperança, e então, daqui a poucos mêses, quando a roda politica tiver dado várias voltas, com obstáculo ou sem êle, é que poderemos chamar á responsabilidade o chefe do governo, ou que teremos, em nôme da Justiça e da Verdade, de exaltar a sua obra, o seu esforço, o seu patriotismo.

Oxalá seja esta a melhor das hipóteses.

Dr. João de Barros

Consta que este nosso amigo e ilustre escritôr vai ocupar um dos altos cargos na Instrução Pública, o que é para nos regosijarmos, pois que o dr. João de Barros, pelo seu comprovado talento e pelas suas finas qualidades, ha de desempenhar com consciencia e elevado critério o cargo que lhe fôr cometido, por mais espinhoso e dificil, e com o que todos hão de lucrar.

Coisas simples

O "Cego do Maio,,

Mal que do mar á praia assoma um ai de dôr,
na salvadôra barca o homem salvadôr
lá corre, sobranceiro ao horrôr do cataclismo,
.....
Ganhou (que os traz ao peito) hábitos e medalhas,
nunca matando irmãos, mas a rasgar mortalhas!

Tomaz Ribeiro.

No indomável Oceano mais um sinistro: o naufragio do *Veronese*.

E' sempre assim; nas águas encarquilhadas do mar o mais fabuloso *Titanic* vale tanto como a folha sêca de um salgueiro ao sabor da corrente das levadas...

O altruismo nunca falha em tais lances para honra da humanidade e muitos corajosos põem a sua vida em risco iminente para acudir aos naufragos.

Bastantes dedicações houve agora a assinalar, pois de toda a parte, de onde podiam vir, acorêram salvadores; dentre eles destacaram-se os tripulantes do barco salva-vidas «Cégo do Maio» da Povoa de Varzim.

Ora o nôme daquele barco fez-me lembrar o humilde pescador povoense a quem chamavam o «Cégo do Maio».

Quem era? — Um filho do povo; alma magnanima e peito granítico endurecido nas lutas constantes com as vagas arrogantes e soberbas.

O seu mister? — Salvar vidas; não podia ter mais gloriosa missão. E, á sua morte, o seu espólio continha o nome de mais de cem vítimas por ele salvas do poder letifico das ondas!

Erguem-se estátuas a reis que sacrificam vidas e a sua levam no remanso da nulidade; a discipulos de Marte que incendeiam aldeias e massácram cidades; e, quem em vez de morte dá vida, jaz muitas vezes no esquecimento. Mas o «Cégo do Maio» não ficou no olvido, tambem tem uma estátua.

Derrubar custa pouco, pois que até esses pequeninos sêres da familia dos ortopteros—as termites, fazem ruir colunas; derrubar custa pouco, pois que até com duas palhetadas de tinta se enodôa um caráter ou um talento; derrubar custa pouco, pois que até a golpes de riso se desfazem trônos e se aluem teogonias, na frase austéra de Camilo; porém, o que mais facilmente se derruba e suprime —é a vida humana.

Gloria, pois, a quem arrisca a sua vida para salvar a de outrem.

Esse velho pescador da Póvoa não precisava do incentivo da recompensa para praticar os seus átos de heroismo, pois bem ficticio é o altruismo de quem assim não procede.

Contudo deu-lhe o Estado medalhas de mérito e os seus conterraneos erguêram-lhe uma estátua após a sua morte.

Um bloco de granito talhado em pirâmide quadrangular (truncada) serve de pedestal ao busto do pescador insigne; cércam-no as rêdes da pesca—simbolo do seu ganha-pão e a sua mão, calejada do cordame, cólocada na fronte, parece servir de antepáro á vista, para, livre dos raios do sol, prescrutar os mistérios das vagas. Era esta a sua atitude habitual.

Assim colocáram o seu busto em frente ao Oceano; vêem afagá-lo as brisas vespertinas e as gaivotas pairam em redor.

Olha-se: parece que adivinha a vida no bronze e que naquele mutismo se descobre o grandioso esforço daquele homem que a todo o momento espéra ouvir o grito lancinante do naufrago misturado com o bramir inconsciente da tormenta.

Melhor local não podiam escolher para a estátua, pois quantas vezes ele dali olhava as vélas que demandavam esperança e ouvia o soluçar continuo das ondas hialinas.

Agora, ao saber que os *poveiros* trouxéram o barco salva-vidas «Cego do Maio» para salvar os naufragos do *Veronese*, ocorêram-me estas simples palavras de homenagem áquele humilde filho do povo que «rasgou mortalhas» a mais de cem pessoas e que, na sua alma de filântropo insigne, tinha bem impressa a índole de português.

20 de Janeiro.

Aurea Judit Amaral.

No ultimo artigo, no segundo periodo, onde está um ponto e virgula devia estar sómente a virgula.

VERDADES AMARGAS

Foi chamado á administração do concelho, no dia 17 do corrente, por intimação do administrador substituto, o nosso amigo snr. Armando Verão, por causa duma correspondencia sua em que afirmava ter a camara gasto dinheiro em *champagne* por ocasião do 1.º aniversario da Republica.

Mas o que é isto? O que tem a administração com a camara? O vice-presidente foi acusado? Foi acusado o administrador? Mas porque foi o nosso amigo chamado, não ao administrador, mas á vice-presidencia?

Ah! já sabemos. E' que o snr. Andrade—conhecem o snr. Andrade, julgamos nós — persuadindo-se ofendido, na sua qualidade de membro da camara, quiz aproveitar esta fugida pelas cadeiras da administração, para *criminar* o nosso amigo?

Haja bom-senso, senhores!

E' de bom-senso que carece tudo isto que pelo concelho tem andado á matroca.

Mas estamos convencidos de que o bom tempo ha de passar. O bom tempo em que tudo era *dêles*.

CRÓNICA DO PORTO

No leito da dôr, atormentado por crueis sofrimentos, eu vou preocupando o meu débil espirito na confêção da presente crónica.

Aos meus ouvidos chegaram os tristes écos do naufragio do *Veronese* a duas milhas do porto de Leixões. Tresentas e tantas vidas suplicando socorro em vão, em vão!... gritos de desespêro esfacelando os peitos dos miseros naufragos que de perto fitam a terra em vão, em vão!... abnegação da parte de cá lançando cabos de vai-vem, em vão, em vão!... Depois um salvamento, outro, outro e outro, até que—bem remunerado esfôrço!—se salváram todos, todos!

Do terrivel desastre só resta hoje uma massa nêgra, muito nêgra, balouçando ao sabôr das aguas descontente, talvez em não têr sido o tumulo dêsse montão de vidas!...

Eis o que me viéram dizer por sobre o meu leito de dôr.

Sôfro, eis a verdade, e preciso repouso. Preciso ár e luz, preciso exhalar os meus suspiros na dôce placidez das carnes anestesiádas.

Talvez o ultimo, quem sabe?

Por isso, meus queridos leitôres, perdoai-me a ausencia por *algum* tempo.

Por algum tempo, disse eu, ou talvez por toda a eternidade.

Não se aflijam, no emtanto, limitem-se a fumar um cigarro á minha memoria!

Porto, 22—Janeiro—1913.

Gomes Monteiro.

Dr. João de Deus Ramos

Não se enganou o *Dever* quando noticiou, ha dias, a proxima nomeação de governador civil dêste distrito do nosso querido amigo, snr. dr. João de Deus Ramos, que á Republica e á Escola Primária tem dispensado todo o seu esforço de patriota fervoroso e de dedicado e inteligente pedagogista.

O dr. João de Deus Ramos não hesitou, como nós previmos, em fazer mais este grande sacrificio em prol da Patria que ele tanto âma, e saberá, convencidissimos estamos disso, governar a contento do povo, esquecendo a politica para cuidar, com o seu habitual culto á Justiça, dos supremos interesses da Republica.

Abraçando-o com alvoroço, o *Dever* felicita o povo do distrito de Coimbra que bem merecedor era dum chefe da envergadura moral e intelectual do dr. João de Deus.

MALDITA SEJA A GUERRA!

A proposito da questão turco-balkánica

Ha gráves dissenções entre os países,
Abre-se a hostilidade colossal,
Tão má que nos atérra.
A paz, a dôce paz d'aureos matizes,
Abre as ázas e parte ao irrial...
Maldita seja a guérra!

Maldita seja a lei que assim ordêna
O direito da força, simplesmente,
A' voz tôrpe dum rei.
Maldita seja a lei que assim condêna
O triste ao sacrificio horrepelente...
Maldita seja a lei!

A tirania infâme e sanguinária,
Numa cruel e cínica voragem,
Crispa as tirânas mãos
Armádas de punhal—arma sicária—
Para as tingir num ímpeto selvagem
No sangue dos irmãos!

Rúge a metrálha, ao longe, assustadôra,
Vomitando cruel os exterminios
Sobre a pequêna térra..
Quem tem fôrça é que sái a vencedôra,
Por entre um crepitar de morticínos...
Maldita seja a guérra!

Mundo corrúto e máu, mundo assassino,
Oh! de quantos venênos e traição
A tua bóla encerra.
Matar é o teu mistér, mundo tigrino,
Matar e só matar tua ambição...
Maldita seja a guérra!

Porto, 12 de janeiro de 1913.

Gomes Monteiro.

CARTA

Recebemos a seguinte, que publicamos:

Sr. Director do «Dever»:

Tendo lido hoje no seu conceituado jornal um artigo sob a epigrafe *Interesses do Concelho, Viva a Republica*, assinado pelo pseudonimo *Xavier*, nêle notei uma referencia que directamente me diz respeito, como oficial do Registo Civil nêste concêlho.

Assim, diz-se ali que a lei da Separação tem sido letra morta, não tendo sido respeitada a logica da sua doutrina, e que *á lei do Registo Civil tem acontecido outro tanto*.

Como funcionario superior do Registo Civil nêste concelho, prézo-me de ter cumprido e feito cumprir as disposições legais sem tergiversações, nem receios, e com a ponderação necessaria á boa execução duma lei nova que vem modificar os costumes, e obrigado, dentro das minhas atribuições, os meus subordinados a respeitar a lei, tal como ela é.

Que quer, pois, o articulista dizer, com a sua afirmação?

Se dalguem êle sabe que a não respeita ou que a não cumpre, é dever seu apresentar perante mim a respectiva queixa. Se é uma acusação directa que pretende fazer-me daqui o répto a dizer claramente, em que não tem sido cumprida ou respeitada, por culpa minha, a lei.

Tenho orgulho em que no concelho de Montemór-o-Velho, se tenha executado a lei do Registo Civil sem atritos e com boa vontade, e estou na suposição de que por todos ela tem sido rigorosamento cumprida; para isso tenho empregado todos os esforços e toda a minha energia.

Nêstas condições, sr. Director, não posso deixar passar em claro uma acusação vaga que imponderadamente se lance a publico, e por isso lhe rogo a fineza da publicação desta carta.

Disponha V. do que se confessa, etc.

Montemór-o-Velho, 20-1-913.

Armando de Carvalho.

INTERESSES LOCAIS

Um partido medico em Arazede

O *Mundo* publicou ha dias as seguintes correspondencias, que nos apressamos a transcrever, e que se referem á já célebre questão do partido médico, de que o *Dever* se ocupou em artigos sucessivos:

«Falou-se ha tempo, em Arazede, na criação de um partido medico, de que o jornal desta localidade se ocupou largamente, defendendo com insistencia este importante melhoramento em artigos consecutivos, mas, até hoje, o tão cantado partido medico ainda não apareceu. A comissão administrativa de Montemór-o-Velho tambem trabalhou assiduamente, combinando com o facultativo da Carapinheira o desdobramento deste partido, criando-se um nesta localidade. O medico depois arrependeu-se e eis Arazede privada deste importantissimo melhoramento. Ora, Arazede, como diversas vezes aqui temos dito, é a freguezia mais importante do concelho, tanto em área como em população, acrescendo ainda que a Carapinheira está em diversos pontos desta freguezes a 16 ou 18 kilometros de distancia, o que para um caso urgente não convem. Por isso, o partido medico em Arazede é da mais flagrante necessidade para a população desta freguezia.

O sr. dr. Couceiro custa-lhe largar Arazede, e, neste sentido, tem trabalhado junto dos seus amigos. Mas esta freguezia poderá estar sujeita aos caprichos de um só homem? Evidentemente, não. O sr. dr. Couceiro tem que a largar, pois que este povo não pode estar sofrendo para aumentar o cofre ao sr. doutor. O povo quer as suas comodidades e todos sabem que o povo de Arazede tem sido o mais desprezado do concelho.»

Dias depois dizia o correspondente do *Mundo* em Arazede:

«Continuamos a afirmar que o sr. dr. Couceiro não pode continuar a insistir em não dar o seu apoio á criação de um partido medico em Arazede. O sr. dr. Couceiro, para bem da morilidade e do interesse publico, tem que ficor privado desta freguezia e ser aqui criado o partido medico de que o povo da freguezia inteira tanto carece. O povo desta freguezia precisa, quando doente, de um socorro imedito, e que o sr. dr. Couceiro lhe não pode dar. Além disso os habitantes de Arazede e dos logares limitrofes são bem dignos de que se preencha esta grande lacuna para seu interesse. Bem sabemos que o sr. dr. Couceiro vem aqui dar consultas, mas tambem sabemos que é muito irregular na hora. Causa-nos dó vermos esta gente de rosto constrangido, á espera do sr. dr., que muitas vezes só aparece ás 20 horas! Será isto proprio de um facultativo que estima os seus clientes?

Quando o *Dever* encetou uma campanha para a criação de um partido medico em Arazede e apontou factos concretos para que este melhoramento fosse levado a efeito, o sr. dr. Couceiro disse que o partido medico de Arazede só seria criado quando s. ex.ª quizesse. Com que direito é que s. ex.ª faz uma tal afirmação? Já sabemos. S. ex.ª tem lampada acesa na Junta dos Partidos Medicos e tambem algum correligionario que não vai de encontro á sua pretensão, pois segundo nos consta s. ex.ª ainda não é republicano.

Na ocasião em que o *Dever* defendeu com tanta abnegação este tão justo melhoramento, o sr. dr. Couceiro andou pela freguezia angariando adesões. Arazede não pode, por causa de um homem, continuar a ser lesada nos seus interesses, ainda que para isso tenha de lutar contra o «talassismo» indigena. Um povo não pode ser escravisado, ainda que para isso os politicos se valham da intriga e da sua influencia. Sendo o regime país essencialmente democratico, não se compreende que ainda por estas aldeias se continue no regime dos favores e do compadrio. Isto assim não pode continuar. Arazede precisa de um partido medico para bem de toda a freguezia e apelamos para quem tem interferencia no assunto, que o resolva o mais breve possivel.

E nós continuaremos a dizer o que tem sido o sr. dr. Couceiro.»

Com efeito, nada mais justo que a criação de um partido medico em Arazede. O *Dever* já muitas vezes tem tido ocasião de reclamar este importante e imprescindivel melhoramento, sem que até hoje tenha sido atendido. Não temos espaço, nem tempo, para fazer uma análise conscienciosa á obra das ultimas vereações que se teem sucedido no nosso concelho, mas podemos afirmar que na sua generalidade todas teem votado ao desprêso e ao esquecimento a nossa freguezia, que aliás, e como muito bem diz o correspondente do *Mundo*, é a primeira do concelho em importancia e população. Antigo baluarte do caciquismo feroz, dêsse caciquismo que volta impertinentemente as costas ao santuário da Luz e da Verdade, para se curvar reverente ante o altar do deus pança, só agora começa a sair da caverna brumosa e estiolante onde a tinham encerrado a ignorancia e o preconceito, para entrar, ávante e grandiosa, no caminho do dever e da Justiça. E julgamos que não virá longe o dia em que este povo compreenda que não deve continuar a ser enganado, ludibriado e (permitam-nos a expressão) a ser comido.

O sr. dr. Couceiro não poderá então continuar a ter a nossa freguezia anexada ao seu partido, porque não póde cumprir com os seus devêres profissionais num partido que tem aproximadamente a população de 14:000 almas!

Sua ex.ª muito bem compreende tudo isto, mas tambem entende á maravilha que é preferivel lesar os interesses do povo, a prejudicar os seus!! Arvorando-se em *mandão* desta freguezia, ou que diz respeito a questões de saude publica, o sr. dr. dispende a torto e a direito, afirmativas que por serem dum despotismo quixotesco, nos provocam o riso! Esteja certo o sr. Couceiro que o povo ha de reclamar, como nós e o correspondente do *Mundo* temos reclamado, e o governo tem que colocar o interesse colectivo acima do interesse particular e a criação deste partido impôr-se-á aos nossos dirigentes como medida necessaria e momentosa.

Entretanto, o sr. dr. poderá continuar rindo-se das nossas reclamações, por ora desatendidas. Nós continuarêmos no nosso papel de defensores dos interesses do povo, ajudados já com a cooperação leal do correspondente do *Mundo* e esperançados de que se nos virão juntar todos os elementos que não consideram o estômago como viscera principal do organismo, tendo fé que nos será feita justiça.

E então, rirá melhor quem fôr o ultimo a rir...

Gômes Monteiro

Encontra-se gravemente enfêrmo este nosso querido amigo e cronista do *Dever*, o que deveras lamentamos.

Os nossos leitôres que têm lido com profundo interesse as cronicas de Gômes Monteiro, devem sentir, como nós, a falta temporaria das suas impressões de estilista puro e satirico. Fazêmos votos para que Gômes Monteiro se restabeleça brevemente, afim de não ficarmos privados das suas belas cronicas.

Gômes Monteiro, que é um desiludido da vida, escréve-nos uma sentida carta em que, dando-nos conta da sua enfermidade, como que se despede de nós, dos seus leitores e admiradores. Gômes Monteiro comoveu-nos. Mas nós temos esperanças de em breve o abraçar pessoalmente e de que ele retomará o seu apreciado pôsto neste semanario.

Desejamos, pois, ardentemente as suas melhoras.

Kemp Serrão

Foi nomeado governador civil de Beja este nosso querido amigo, que tem desempenhado, com alto criterio e rara competencia, em Coimbra, o elevado cargo de Inspetor de circunscrição escolar.

Abraçando o nosso amigo pela merecida destinção que o governo acaba de conferir-lhe, gostosamente felicitamos o povo do distrito a cujos destinos preside a comprovada inteligencia de Kemp Serrão.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XLIII

Ainda a constituição do novo ministério — Uma «coterie» — Economias — Quadros do professorado

Nenhuma má vontade nos move nem moveu nunca contra o ilustre chefe do govêrno que ha quinze dias começou a dirigir os destinos do paiz. Pelo contrario, têmos de ha muito uma funda simpatia e uma grande admiração pelo snr. dr. Afonso Costa, com quem tivémos a honra de travar relações ainda nos tempos sinistros que precedêram o 28 de janeiro. As nossas palavras do último artigo, porém, exprimindo uma convicção muito arraigada, podiam, na sua nudês, levar os leitôres ao convencimento do contrário — e por isso aí fica a explicação, que farêmos acompanhar de algumas rasões em que fundamentâmos o nosso pessimismo.

Em primeiro logar, é sabido que o ilustre estadista está, em grande parte, rodeado de uma *coterie* que não vê com bons olhos a escola e o professorado oficiais. Isto é do dominio de todos — e escusado será citar nomes, que mesmo poderiam dar a estas considerações uma feição que não está no nosso animo. Alguns homens de incontestavel valor e outros que nenhum valor teem, uns levados por interesses materiais e outros desorientados por paixões e por odios — movem-nos, aos professores primários oficiais, de ha muito uma campanha mais ou menos disfarçada, que é de presumir se reacenda agora mais decididamente. E, atentas as circunstancias, os resultados, até aqui pouco sensiveis, podem ser-nos prejudicialissimos.

Depois, receámos muito que os pruridos de economia que acompanham o sr. Afonso Costa nos venham atingir tambem — a nós que já tão minguado pão comemos. Os quadros do professorado primário, quando organisados, acarretam um aumento de despeza que muito bem pode assustar o presidente do conselho de ministros. Só da diferença de ordenado, cujo pagamento o art. 167.º da Reforma de 29 de março de 1911 garante a muitos professores, o Estado deve já algumas centenas de contos. E, se o sr. dr. Afonso Costa se opuzer ao seu pagamento, como nos parece muito provavel, irá descontentar a classe inteira que é e deve continuar a ser um dos melhores sustentáculos da Republica.

Emfim, pode ser que nos enganêmos. O futuro o dirá. — Se tal acontecer, lealmente darêmos as mãos á palmatória. Até lá...

Prof. Manuel José Antonio.

Desastre no caminho de ferro. —Uma rapariga precipita-se á linha, por equivoco.— O seu estado é grave.

Regressávamos, no dia 20, da Guarda, no comboio que dali parte ás 16 horas e, no mesmo comboio, em carruagem de 3.ª classe, viajava uma rapariga que se destinava ao apiadeiro do Sobral, com o bilhete de ida e volta n.º 251.

Chegado o comboio ao apiadeiro acima referido, notou-se que a porta do compartimento em que viajava a passageira se encontrava aberta, não se apeando ninguem.

O revisor do comboio, snr. José Mano, vendo a demora que havia no desembarque, disse para a guarda do apiadeiro:

— Veja se uma mulher que aí vem, (e apontava para o compartimento aberto), desce ou não, que o comboio está perdendo tempo!

A guarda cumpriu a ordem dada, mas qual não foi o espanto do revisor e de outras pessoas que estavam ouvindo, quando a guarda declarou que no compartimento não vinha ninguem e que apenas ali existia um pequeno cesto coberto com um pano branco. O revisor, que advinhou logo um desastre, desceu da carruagem em que viajava e, comunicando em seguida com o pessoal do comboio — condutor e guarda-freio — partiram a correr pela linha, assim como nós e outros passageiros, e, chegádos ao kilometro 200,810, onde se encontra uma casa de guarda, ali vimos, já na casa da guarda, uma rapariga que aparentava ter apenas 18 anos, banhada em sangue e sem fala, que os assentadores da via haviam apanhado e recolhido do ponto já indicado. A pobre rapariga havia caído á linha.

Averiguámos que a infeliz se chama Amelia, é filha de Maria, da freguezia de Sordeiral e criada da professora de Vila Franca de Dião, snr.ª D. Etelvina. Regressava, como já dissemos, da Guarda, e tinha ido ali levar uma menina, filha da professora.

E' evidente que não podêmos, com verdade, dizer como se déra o desastre, porque a infeliz, que ficou gravemente ferida, não falava; mas é crivel que, ao aproximar-se da casa da guarda, onde caíu, se confundisse com a casa do apiadeiro do Sobral, onde se destinava, e, abrindo a *moléta* da porta da carruagem, se debruçasse para abrir a *tranquéta*, e como o vento era intenso e soprava em sentido contrario, abriu rapidamente a porta e a pobre Amelia, perdendo o equilibrio, caíu á linha.

Os assentadores Antonio Nunes Madeira e Antonio Pires Delgado, fôram os primeiros a socorrer a desgraçada, chegando depois o capataz geral da via, snr. Casimiro Ribeiro de Carvalho, o condutor do comboio, snr. Luiz Farinha, revisor José Mano e guarda-freio Marques d'Almeida. O snr. Casimiro Ribeiro de Carvalho, empregado superior de via e obras, ordenou que se montasse em seguida um *vagonête* para ser a infeliz transportada para um dos hospitais da Guarda, o que se fez com prontidão.

E nós presenciámos todo este triste espetaculo!

O comboio era conduzido pela maquina 53, tripulada pelo maquinista, snr. Augusto Felicio e fogueiro Agante. O comboio partiu do apiadeiro do Sobral com 31 minutos de atrazo.

Devemos aqui afirmar que todo o pessoal do comboio, bem como o snr. Casimiro e seu pessoal menor, foram duma atividade e zêlo muito apreciados, dispensando todos os carinhos á desventurada Amelia, sendo, por isso, dignos dos maiores elogios. A nós contristou-nos devêras o caso e fizémos o que podemos naquela hora de dôr, em que toda a generosidade seria pouca.

A.

A conquista do ar

Eis emfim realisado o sonho doirado do grande português, padre Gusmão.

E' ele e só ele o inventôr dos balões, e com a sua passarola, o inventôr de tudo que ha e venha a haver que imitando as aves, se eleve nos ares e nêles se mova.

Escrevam muito embora os franceses que é aos irmãos Mongolfier a quem se deve a aereostação, mas acima de tudo está a verdade.

E' ao português padre Gusmão a quem o mundo inteiro deve a ideia, e, o que é mais, o inicio.

Claro está que não podia tal ideia limitar-se aos balões, pois que eles estavam longe de satisfazer ás condições precisas, mas foi o inicio; e isto, só por si, é muito, é muitissimo, é tanto, que basta para que o nome de Portugal fique para sempre conhecido e lembrado, e até invejado.

Os balões teem realmente mil contras.

A atmosfera cada vez menos densa, á proporção que o balão sóbe, faz com que o gaz que nêle se contem se dilate, e por vêses promova a rutura do tafetá de que é coberto; por outro lado, o facto de ser preciso alijar carga para se elevar, representa um outro perigo, pois que a carga alijavel, é limitada, e portanto, limitada a duração do vôo. Por fim, temos ainda a falta de um leme, ou cauda, que determine a direcção a seguir.

Estes males, previu-os e viu-os o padre Gusmão, e tentou modifica-los com a sua passarola, fazendo um raciocinio logico, e era o de que, se as aves voavam, preciso seria arranjar um aparelho em tudo semelhante e em que a acção de vontade fosse substituida por uma maquina, a que hoje chamaremos um motor.

Ela aí está nos aereoplanos.

O que se tem feito, pois, tem sido aproveitar e aperfeiçoar a ideia de um Português, o celebre padre Gusmão.

Em viagem, 23—1—13.

M. E.

A escola e o passal de Arazêde

A proposito da nossa local do numero passado, diz-nos o snr. José Maria d'Andrade, presidente da junta paroquial, que, tendo feito reunir a comissão no domingo ultimo, ficou resolvido levar hoje á praça o passal anexo á igreja, e pedir ao snr. administrador do concelho a sua intervenção para que a renda da casa da escola, que até hoje tem aquecido as algibeiras do priôr Larangeiro, revêrta em beneficio do cofre da mesma junta.

Cá ficamos á espera de vêr este compromisso realisado.

Espiritos "fracos,, !...

Em São Luiz (Estados Unidos) existe uma companhia ferro-viária que atualmente é dirigida por uma senhora (D. Mary S. Holladay).

Ao falecer, o marido desta senhora deixou muitas ações dum pequeno caminho de ferro de hipotético porvir. Ao ficar viuva, a snr.ª Holladay foi substituir o marido no conselho de administração d'aquela companhia e não tardou a demonstrar aos seus colégas que entendia melhor do negocio do que eles, pois que, em dois anos de inteligente e superior administração, fez com que se elevasse dum modo extraordinario, o valor das ações.

As ações que no tempo da marido nada valiam, representam hoje um capital de 2:350 contos de réis (avaliando pela moeda portuguêsa!)

Este e outros exemplos com que topamos a cada passo, dá-nos a certeza do quanto tem de falso o argumento apresentado por muitos que se dizem *ilustrados* de que, sendo a mulher *um espirito fraco* não póde exceder nem mesmo imitar o homem!...

...E o mais interessante do caso é que ás próprias mulheres nós temos visto confessar essa inexatidão...

J. Fontana da Silveira.

Morão d'Encarnação

Está de luto este nosso querido amigo, a quem a morte, negra parca esfomeada, sempre insaciavel, roubou um sobrinho ao qual votava entranhado amôr.

O desgosto que feriu o nosso amigo foi a causa determinante do seu afastamento das colunas deste jornal, que deixaram, por algum tempo, bem a nosso pezar, de ser abrilhantadas com a sua bela *secção instrutiva*, que já nos fazia falta.

Só agora soubemos do desgosto que sofreu, e só agora, portanto, nos apressamos a enviar-lhe o nosso cartão de sentidos pezames.

EM MONTEMOR-O-VELHO

Organisa-se o partido democratico do concelho e constitue-se a comissão politica municipal

O concelho de Montemor-o-Velho que, durante longos anos, viveu numa degradante situação de servilismo politico, tornando-se num verdadeiro sóbado onde só imperavam mandarins que usavam de poderes descricionários, viu na quinta-feira passada clarear a aurora da libertação, porque houve alguem que, num gesto heroico de dedicação e de sacrificio, colocou ao serviço do seu pais toda a boa-vontade e toda a energia que de momento podia dispender.

Esse alguem foi o sr. dr. João Bátista Loureiro que se propôs reunir naquele dia, numa das dependencias do velho hospital de Montemor, todos os elementos que, pelo seu passado ou pelas suas convicções, se mostraram sempre afectos ao sr. dr. Afonso Costa e ao seu partido.

Com efeito, pelas 13 horas do dia 23 da semana passada, reuniu-se numa das salas destinada para tal fim uma numerosa assembleia de elementos democraticos, que ouviu da boca do sr. dr. Bátista Loureiro as intenções claras, e perentórias que o levava a convocar tal reunião.

Tornando-se necessario democratizar o concelho de Montemor-o-Velho —disse o sr. dr. Loureiro—um dos concelhos que ainda viviam acorrentados a velhas tradições, deliberára convocar a reunião de todos os cidadãos que se haviam declarado admiradores da politica de Afonso Costa para ali poder formar um partido de força e energia que désse apoio ao governo que tinha por chefe o glorioso autor da lei de Separação.

«O motivo porque aqui estou, meus senhores, continuou o sr. dr. Loureiro, e mais ainda, o motivo porque eu me acho ligado com fortes laços ao partido do sr. dr. Afonso Costa, foi por vêr que este estadista com todo o seu talento, com todas as suas qualidades de energia e de caratér, era o unico homem que tinha arcaboiço suficiente para salvar o país. Eu tornei-me admiradôr de Afonso Costa desde que ele teve a audacia necessaria para expulsar duma vez os jesuitas de Portugal. Este acto grandiôso que só por si o imortalisaria, visto ter destruído o maior escalracho da vida politica portuguêsa, fez com que eu muito abertamente, apesar de ter votado sempre com a monarquia, me colocasse ao lado de Afonso Costa. Isto não quere dizer que eu possa abdicar da minha opinião, das minhas ideias, se porventura o sr. Afonso Costa àmanhã, por qualquer circunstancia forçada, errar conscientemente, afastando-se da linha do seu programa. Não. Eu, desejando o progresso do meu país, não o posso sacrificar aos caprichos dum homem; mas, enquanto o sr. Afonso Costa proceder com a nobreza e heroicidade de que tem dado exoberantes provas, eu, meus senhores, estarei a seu lado como modesto auxiliar da sua politica neste concelho.»

Em seguida o snr. dr. Loureiro fez a apologia da obra de Afonso Costa, exaltando a lei da Separação, referindo-se á força do seu partido, e aconselhou os presentes a uniremse como um só corpo para esmagarem de vez o caciquismo que lavrava pelo concelho. Disse que o cacique era conveniente, mas tomando a palavra na acéção de conciliador das consciencias, angariando adeptos pelo convencimento logico das boas doutrinas, e que, organisando ali o partido democratico e a comissão municipal politica, trabalharia em beneficio da Patria, mas como simples recruta, visto não se sentir com a energia e com a vitalidade precisas para arcar com as responsabilidades pesadas duma chefatura politica do concelho. Ficaria, depois daquele acto, como elemento orientador e conciliador da comissão, e nada mais.

Seguidamente, procedeu-se á eleição, por escrutinio secreto, dos individuos que deviam compôr a comissão, ficando assim constituida:

Presidente, José Luiz Ferreira Calvão, proprietario, com 64 votos; Secretario, dr Armando de Carvalho, oficial do registo civil, com 43 votos, ambos pela freguezia de Montemór; Tesoureiro, Manoel Teixeira, comerciante, com 69 votos, pela freguezia de Gatões; Vogais: Jerónimo Paiva de Carvalho, proprietario, com 67 votos, pela freguezia de Pereira; José Alexandrino Beja da Silva, professor oficial, com 66 votos, pela freguezia de Tentúgal; Manoel Bátista da Costa, proprietario, com 65 votos, pela freguezia de Verride; e Joaquim Soveral da Rocha, proprietario, com 59 votos, pela freguezia de Arazêde. Eleita a comissão, o sr. dr. Loureiro usou novamente da palavra para aconselhar energia e patriotismo á comissão agora eleita, seguindo-se-lhe o sr. dr. Fausto Gavicho que, num longo discurso, se referiu ás suas tradições e ao seu passado como monarquico, em que serviu, pela natureza das circunstancias, uma monarquia vil e nojenta, mas que em 5 de outubro, precisamente porque essa monarquia havia fracassado pela fuga covarde do rei, se sentiu impelido para um regime de paz, de ordem e de trabalho, mostrando a sua dedicação e a sua admiração pelo sr. dr. Afonso Costa, o unico politico que ele julgou sempre capaz de salvar a situação de Portugal, todas as vezes que ela fosse de crise e de dificuldades para a nação. A este respeito, muito mais disse ainda o sr. dr. Gavicho, mas a falta de espaço é que nos não permite alargarmo-nos em pormenores. Por ultimo, o orador, saudando os presentes na pessoa do sr. dr. Loureiro, a quem tece calorosos elogios, levantou vivas á Republica, á Patria e ao sr. dr. Afonso Costa, no que foi calorosamente aplaudido.

Voltou novamente a usar da palavra o sr. dr. Loureiro, agradecendo ao orador precedente as palavras benévolas que lhe havia dirigido, e de novo o sr. dr. Gavicho pediu a palavra para suplicar aos cidadãos presentes e especialmente á comissão que, quando nas suas futuras sessões houvesse de discutir assuntos politicos, o fizesse com sinceridade e consciencia, pondo de parte quaisquer questões pessoais que só serviam para criar atritos e acarretar o desprestigio. Foi muito aclamado.

Por ultimo, por proposta do sr. dr. Armando de Carvalho, foi enviado ao sr. dr. Afonso Costa o seguinte telegrama:

Dr. Afonso Costa, Ilustre Presidente do Ministerio—Lisboa.

O partido republicano democratico do concelho de Montemór-o-Velho, reunido em assembleia geral, para eleger a sua comissão politica municipal, e depois desta eleita, sauda V. Ex.ª, como primeiro estadista do país.

(as.) *A Comissão.*

Depois disto, e quando já eram 15 horas e meia, deu-se fim á reunião, que decorreu sempre no meio da melhor ordem e da mais viva satisfação de todos os presentes, sendo nessa ocasião lançados ao ar alguns foguetes.

A comissão reune brevemente para se ocupar da eleição das comissões paroquiais e doutros assuntos da vida politica do concelho.

* * *

No mesmo dia aderiu ao partido democratico o sr. Antonio da Costa Tabanez, proprietario, do logar dos Gôrdos, desta freguezia.

FALECIMENTO

A's 9 horas do dia 18 do corrente, faleceu no logar de Vila Franca, desta freguezia, um filhinho do sr. Joaquim Caetano Louro, distribuidor rural desta localidade, o que deveras sentimos.

DOENTES

Está doente o nosso presado assinante do Canêdo, snr. Abel da Costa Loureiro, a quem desejamos pronto restabelecimento e que depressa volte ao nosso convivio.

== Tambem se acha doente uma filhinha do nosso presado amigo snr. Armando Pereira, inteligente chefe da estação de Oliveira do Bairro.

A pobre criança, a quem desejamos rapidas melhoras, está em observação no hospital de Coimbra, entregue aos cuidados do habil directôr daquela casa de saude.

Professora oficial

Colocada em Vila Nova de Gaia, perto do Porto, deseja permutar com professor ou professora de Coimbra ou proximidades. A quem convier, dirija-se a U. A., Colegio Moderno, Cumeada—Coimbra.

Recreio charadistico

Decifrações do n.º 48: 1) *Erario*, 2) *Polear*, 3) *Arcano*, 4) *Orar-ráro*, 1) *Rapar*, 6) *Acremente*.

Decifradores: *Sun-yatsen* (todas), *Americo Antunes* (5), *Amelia da Silva* (5), *Viriato* (4), *Pai Piri* (2).

Quadro d'honra

SUN-YATSEN

Charada

(A PREMIO PARA O QUE PRIMEIRO ENVIAR A DECIFRAÇÃO DESTA CHARADA)

(*A «Liames»*)

1) Bela moça, a Maria—3
da Solidade. Em Ovar—1
é a mais linda rapariga
que existe... nesse logar.
Sun-yatsen.

2) Eu sou juiz musulmano—2
Nos moinhos sou teimoso—1
Dizes tu que eu sou magano!
O que eu sou, é ardiloso.
Liames.

Novissimas

3) Na tapada vi especie de marujo—2-2.
4) Nota em Aveiro o apelido—1-2.
Vulcão.

Metamorfóse

5) O labrêgo põe na cabeça o capêlo—2 L. C.
6) Faz vénia á planta—2.—S. M.
Pai Piri.

Tipográfico

6 5 A A Portugal

Sun-yatsen.

FALTA DE ESPAÇO

Por este motivo,—moléstia muito cá da casa, felizmente—ficaram para o proximo numero, além doutros artigos e varios originais, *O novo ministerio*, de *Apolon*, *Sondagens espirituais*, de Leopoldo Torres Fernandes; a secção Ferro-viario; *O que tem feito a Camara Municipal?*, de A. Verão; e *Traços*, de Professor Guilherme Ferreira da Silva.

A todos pedimos desculpa, e temos esperança de que em breve normalisaremos tudo.

Faduncho verdadeiro...

(PARÓDIA III)

Mote

Sentei-me um dia a pescar,
Pesquei tudo qu'encontrei;
Pesquei talassas e padres,
A todos domestiquei..

Glosa

Em casa do meu padeiro,
Tudo me fez esquecido;
Egas Moniz entretido
Cantava mui prazenteiro
O fado alegre e brégeiro
Em arrancos d'encantar.
Demissões teve a esperar,
A *amistia* caducou...
E eu, que nestas já não vou,
Sentei-me um dia a pescar.

Pesquei p'ró Zé um bom peixe,
De genio incomparavel.
Com altivez agradavel
A *amnistia* pôz num feixe,
P'ra que ninguem mais se queixe
De que por cá não ha rei.
Do que digo um pouco sei,
Mas com Afonso no poder
Nada ha já que temer:
Pesquei tudo qu'encontrei.

O tal peixe inconcebivel
Já formou o ministério;
Qual dos membros é mais serio
Sabê-lo é quasi impossivel.
Afonso Costa é invencivel,
E assim o notei nos frades,
E nas abadêssas-madres,
Que fugiam já com susto,
Emquanto eu bem a custo
Pesquei talassas e padres.

Apesar de me custar
Dizer um mote infeliz,
Ao centro do chafariz
Eu comecei a pescar
Tudo o que ouvia a chiar.
E lá jaz o que pesquei,
Depois que tudo embrulhei:
Padres e conspiradores,
E partidos de mil côres,
A todos domestiquei.

O *Toino Zé*, coitadito,
Ficou feito em rosquilha;
A reacção ao cantinho
Espera mortal pastilha.

APOLON.

CORRESPONDENCIAS

BARAÇAL, 20

Interesses locais

Sabemos, e podemos anunciar com o mais extremo regosijo, que em breves dias abrirá á exploração, para despachos de grande e pequena velocidade e bagagens, o apiadeiro désta localidade.

Teremos, pois, para as primeiras necessidades comerciais e ainda para o lado economico, despachos e chegadas até 180 k.ºs em conformidade com as tarifas em vigôr, o que parecerá pouco, mas é já importante para esta terra e povos visinhos que gosarão deste beneficio.

Como já anunciámos, uma grande comissão tenciona festejar o dia da inauguração com música e foguetes em sinal de grande satisfação por mais um melhoramento para esta terra de bons patriotas.

Se esta terra lucra com estes melhoramentos, não menos lucrarão as circunvisinhas.

Tambem podemos afirmar que a continuação da estrada de Freches a Parto da Carne, está em vias de proseguimento, pelo menos, o mais rápido até á freguesia de Açores, desde o *arraial*, onde paralisa ha bastantes mezes.

Quem escreve estas linhas, assim como um seu irmão, entregou ha dias em Coimbra ao ex.mo sr. senador Pedro Bôto Machado, uma representação ha tempos assinada pelas freguezias de Freches, Carincães, Maçal da Ribeira, Maçal do Chão, Villares, Baraçal, Minhocal, Veloza e Açores.

Sua ex.ª, que nos recebeu com a maior amabilidade, prometeu-nos que trataria na Camara do assunto, e o recomendava com o maior interesse ao sr. Ministro do Fomento.

Confiamos, pois, na alta competencia do sr. Boto Machado, que sempre se encontrou ao lado da justiça, visto que o seguimento da estrada do local—*arraial*—, aonde paralisou, nos parece que é de muita justiça e altos beneficios para o comercio e para o povo.

Todos os povos supra indicados, e muito especialmente o do Baraçal, saberão corresponder, em dia preciso, á generosa tarefa de que vai encarregar-se o distinto oficial do exercito, actualmente senador e ex-revolucionario e propagandista de mérito nos tempos da grande luta democratica.

Se sua ex.ª muito trabalhou para a implantação da Republica, estamos certos de que muito trabalhará para este e outros melhoramentos de que carecerem as povoações dos eleitores que o elegeram deputado de sua confiança.

Que nos desculpe e inteligente defensor do povo, daqui escrevermos estas modestas mas sinceras linhas, falando um pouco, mas ao de leve, no que trabalhou pela República desde o 31 de janeiro de 1891 até ao 5 d'outubro de 1910. *A. F. A.*

Figueira da Foz, 22

Um naufragio na Figueira da Foz.—5 vitimas.—Seria o alcool o principal causador de semelhante fatalidade? Assim o dizem.

No dia 19, quando o bote «Clementina» regressava dum passeio da Gala, tripulada por Antonio Marosca, Antonio de Sousa, Carlos Costa, João Dias Varela e Luiz Correia Lile, ao passarem junto da barra, por onde determinaram vir, as alterosas vagas voltaram o bote, e todos os que o tripulavam pereceram, só tendo aparecido hoje o cadaver de Luiz Correia Lile, o qual deu á costa para os lados da Leirosa.

Todos deixam viuvas e filhos na maior miseria, e consta que se irá organisar em seu beneficio um bando precatorio.

Ao que dizem, o alcool foi o principal culpado de tão inesperado naufragio. *Apolon.*

FALENCIA

Tribunal do Comercio de Montemór-o-Velho

POR sentença de 20 do corrente mez do tribunal do comercio desta comarca, foi declarado em estado de falencia o comerciante Virgilio Pereira de Carvalho, maior, morador em Pereira, sendo nomeados, administrador da massa falida, Antonio José Dias Galvão, casado, negociante, desta vila, e curadores fiscais, os requerentes Carlos Augusto Louzada e João Vieira da Silva Lima, negociantes, de Coimbra.

Foi afixado o praso de sessenta Dias para a reclamação dos creditos.

Pelo presente são citados todos os credores incertos ou desconhecidos da dita massa falida.

Montemór-o-Velho, 21 de janeiro de 1913.

O Escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.

Lemos Viana.

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

NO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho, e pelo cartorio do escrivão do segundo oficio—Mamede, correm editos de 30 dias, contados da 2.ª publicação deste anuncio no *Diario do Governo*, citando os interessados Tereza Aires Rodrigues, viuva, e Ana Aires Rodrigues e marido Adriano Nazaré d'Oliveira, todos de Alfarélos, desta comarca, ausentes em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, para todos os termos até final do inventario orfanologico a que neste Juizo se procede por obito de seu pai e sogro Manoel Rodrigues Serrano, morador que foi no mesmo logar, e em que é inventariante Maria Aires Rodrigues, viuva do inventariado.

Montemór-o-Velho, 15 de janeiro de 1913.

Escrivão,

João Pais da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

EDITOS DE 30 DIAS

(2.ª publicação)

NO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho e pelo cartorio do escrivão do 2.º oficio—Mamede—correm éditos de 30 dias, contados da segunda publicação deste anuncio no *Diario do Governo*, citando a ré Dona Frederica Fassini, tambem conhecida por Frederica Fassini Gavicho ou Frederica Carolina Josefa, ausente em parte incerta, para na segunda audiencia do mesmo Juizo, findo o praso dos éditos, vêr acusar esta citação na acção de divorcio letigiôso que lhe move o marido bacharel Francisco Fausto Guedes Gavicho, residente em Tentugal, desta comarca, marcar três audiencias para a contestação, e seguir até final os têrmos do processo. As audiencias neste Juizo fazem-se todas as segundas e quintas-feiras, por 11 horas, no Tribunal Judicial, nos Paços do Concelho, sitos á Praça da Republica.

Montemór-o-Velho, 15 de Janeiro de 1913.

O escrivão,

João Pais da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55

COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
TELEFONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Séde em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

Bicicletes de diversos autôres, desde 25$000 réis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramafones e musicas, em casa de

José M. Figueira

CANTANHEDE

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

MURALINE — Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 1.° Arazêde, 2 de Fevereiro de 1913 N.° 50

O DEVER

Director — MANUEL DE MELO

Semanário Republicano

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Redação e Administração — ARAZÊDE

Pátria e Humanidade

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

Na Cidade das Sombras

IMPRESSÕES DE UM VAGABUNDO

(CONTINUAÇÃO)

Entretanto, a orgia continua-se. O mesmo fôgo que eu vejo nos horisontes, cai por sobre a cidade em brasa. E eu admiro-a, com assombro, com terrôr. A paisagem é daquelas que a morte desenha aos meus olhos, grandiosa, tam sublime na sua alma como uma paisagem do inferno. Nela conheço o mundo. Por ela conheço as miserias todas da humanidade, os seus vicios, as suas futilidades, os seus caprichos e as suas desgraças. A noite parece que, envolvendo-a com a sombra mostra-a, inebriada, luminosa, ao meu olhar que a entende e a sabe odiar. Nesta grandêsa, neste enorme mundo é que se estuda toda a vida moderna, desde o mais recatado cubiculo até ao ultimo palacio. A cidade, apenas vem a noite, não dorme, desperta. Levanta-se, sensual, vulcanica, para a bacanal de todos os dias, para o banquete da fome e da carne. Mal a noite tomba como um mar de fuligem, estende os braços, esfrega os olhos e admira-se de ter escutado de dia o hino do trabalho no seu bôjo, emquanto sente ainda os seios amolecidos, os labios sêcos do alcool e do fumo, as formas enxovalhadas pelas nodoas do crime. Ao romper do dia, começa a faina pesada, o grito rude e angustioso dos pobres, a erguer ao céo a sua eterna supplica da vida. Os lupanares estam cerrados, mortos de cansaço. As desgraçadas venderam-se toda a noite, num furôr louco de dinheiro, como bestas inconscientes que se entreguem ao carrasco. Chusmas de degenerados vieram ali deixar os residuos do seu sangue apodrecido, centenas de bandidos e de pulhas ali foram saciar a sua bestialidade, esmagando, poluindo, destruindo os ultimos restos da sua consciencia, os ultimos vislumbres de humanidade. Lá dentro rojaram-se corpos, gritou-se, blasfemou-se, bebeu-se e cantou-se. Falou-se de Deus e da politica, falou-se na vida das familias, disseram-se obscenidades terriveis, porcas e repelentes como a imundicie dos esterquilinios. Ha pelas paredes retratos de pessoas ilustres, ha paisagens lindas como o sol, tudo isso escutando a miseria humana, o ladrar sensual das creaturas debochadas que por ali se rojam como cães vadios farejando a carne. Joga-se, dão-se beijos entremeados com vinho, abanca-se em qualquer sitio e come-se e dizem-se calunias. O lupanar é isto. Mulheres sem alma, inconscientes, numa inconsciencia esmagadôra e preversa, ali estam, vitimas do mundo, lançadas ao destino. Dir-se-ia que a morte quiz mostrar á humanidade um dos seus mais predilectos quadros de horrôr. E todavia, ao largo das ruas esgueiram-se os orgiacos. Emquanto elas ali estam, condenadas ao arbitrio da policia e á maldição de uma sociedade depravada, ás vezes cobertas de chagas e atribuladas de fome, de olheiras negras e corpos amolecidos sem vida, os apostolos da familia, os filhos, os irmãos, os pais, ali vam caír como num abismo, numa fatalidade terrivel, inexoravel. Os maridos devassos abandonam o seu lar e trocam aquela miseria pelo amor de um coração puro; regressam, trazendo no sangue os germens do sangue envenenado, destruidor, maldito. Pobres mulheres, pobres filhos. As raças degeneram-se e corrompem-se, numa verdadeira loucura, num espasmo enorme de deboche. E' este um dos caracteristicos mais visiveis, mais significativos da decadencia das raças latinas. Ide ao lupanar e vereis o que eu senti; tendes ali a cidade nos seus bastidores, conheceis imediatamente a sua alma, o seu coração intimo de prostituta. Paris é uma Roma de Nero no seculo XX. Em todas as cidades, emquanto ruge a fome, a luxuria levanta-se como uma chama colossal a açambarcar os povos.

No nosso paiz examina-se bem este facto. A raça portuguêsa é uma raça moribunda na sua moralidade, é uma raça que se suicida, dia a dia, caminhando para um desequilibrio acentuado. Nas classes mais ricas da sua sociedade decrépita, ha uma intensidade furiosa de cretinos, de tarados; desde o epilético até ao alcólica, desde o jogador até ao bebado, todas as graduações de uma escala de miseraveis.

A França é um paiz prevertido nas suas capitais. Nas ruas de Paris, noventa por cento das suas mulheres, casadas, divorciadas, solteiras ou viuvas, podeis ter a certesa de que sam impuras, viciosas, corrompidas. E quando á noite se abrem os teatros e circulam pelas avenidas milhares de sêres,—uma onda colossal se entrega ao mais requintado vicio. Mães que fogem ás escondidas, filhas que se entregam numa janela ou no vão de uma escada, maridos que roubam, noivas que se vendem a quem tiver mais cabedais, tudo isto, tudo este horrôr, toda esta enorme tragedia, eis a sociedade que passa, eis o seu amor, eis a sua vida, eis a sua historia. E dentre esta sociedade maldita, que trabalha e rouba de dia para se banquetear de noite, até caír, não ha ninguem que vá fechar as portas escancaradas das casas onde a mulher é como uma sombra, uma latrina onde se precipitam os residuos de um mundo inteiro! a lei vai até aí, chega até elas, mas não as levanta nem lhes dá pão, nem moralidade. E' ela que vai, pelo contrario, misturar-se com elas, arrasta-las pelos cabelos para ali, porque a sensualidade é grande, porque a luta da carne é terrivel. A escola começa no lupanár, a familia vem do lupanar e termina com ele, no hospital, na morgue e na vala. E' um circulo contínuo, implacavel e temivel. Como querem, pois, que nós amemos tal civilisação, tal progresso, tal crime? Como querem, pois, que nós não odiemos esse monstro, esse gigante fenomenal da tragedia humana? Não! E' por isso que essa engrenagem pôdre devia ser arrasada, até ao mais profundo dos seus alicerces; que não ficasse uma só pedra desse edificio secular, que a chama varresse as impurêsas todas, como um bafo purificador de oxigenio, como o halito de amor e de paz que destruisse os germens envenenados, para se construir depois a cidade do bem, da moralidade e da vida. Para que essas mulheres fossem libertas, para o campo, arrotearem as terras e semearem as seáras, cantando, braços nús, ao sol, o hino bemdito de uma ressurreição nova, de uma aurora de reivindicação e de solidariedade humana.

* * *

Como querem pois que se equilibre, logicamente, uma tal sociedade falha de caracter, de sentimento, de moralidade? Como querem pois que nós aprovemos todas essas manifestações de uma consciencia retrógrada, larvada, prostituida? Como poderá fecundar alguma semente produtiva, se as camadas estam pôdres, gangrenadas até á medula dos ossos, pelo veneno dos seculos? Como poder equilibrar uma tal sociedade? Como orienta-la? Como ama-la? Como defini-la? E eu ponho deante dos olhos de todos estas miserias, estas vergonhas, para que as encarem, frente a frente. Não as encubram, mostrem-nas a suas mulheres, a todos que existem por esse mundo; não lhes encubram as suas orgias, contem as suas fraquezas, a hediondez horrorosa que alastra por todas essas cidades perdidas e repelentes. Eu vou buscar essas mulheres ignorantes e levo-as pela mão, indico-lhes as chagas, aponto-lhes todas estas calamidades. Por que se tenta esconder aos seus olhos aquilo que a naturêsa lhes ensina? Por que se ocultam explicações positivas, concretas, da vida real? Que educação depravada se espalha para aí? Que orientação se dá aos filhos e ás filhas? Que sociedade é essa que entrega os homens do ámanhã nas garras de penitenciarias que sam a maior parte dos colegios, que humanidade é essa que entrega os produtos do seu amor á revelia, ao abandono, ao desleixo, esperando que os filhos tragam no fim de alguns anos uns vislumbres de educação, na degeneração atroz, no caracter de bandidos, como se tivessem sido um capital posto a juros?

Que escolas de crime sam essas? Que baixezas se geram nessa estrumeira? Nesse entulho pôdre cheirando a cadaveres, que coisa de util e de preciosa se encontra? Arrastam-se milhares e milhares de sêres, num verdadeiro viver de suinos, num contínuo marasmo de loucos e de pulhas? Pulhice e miseria em tudo. Pulhice entre o marido e a mulher, pulhice entre o irmão e a irmã, adulterios sem nome, escandalos a cada passo, tudo isso fermentando, tudo isso esganando os derradeiros factores de uma raça que podia equilibrar-se. Mas quê? Nessa sociedade que passa canta o oiro, a grandeza, a vitoria. Por oiro vendem as filhas, por oiro se fazem ignorantes, por oiro emprestam as mulheres e por oiro venderia a alma ao diabo se possivel fôsse. E' sempre o metal sonante, nada mais. Pela riqueza vagueiam corações aos milhares, aí assim pelas avenidas, sedentos de carne e de lama, esfomeados, terriveis na sua ambição enorme. Se um milionario ali aparecesse oferecendo a sua fortuna, veria formosas virgens entregarem-se-lhe, sem uma queixa, veria tudo, a honra, o amor, a consciencia, a dignidade, corpo, alma e divindade de toda essa sociedade miseravel e tôrpe, caír nas suas garras. A vida para quasi todos esses cretinos, é isto. Em casa ha fome, ha luta, ha horrôr. Na rua ha luxo, ha cinismo, ha traição, ha covardia. Quantas vezes a desgraça anda aí assim pelas vielas e pelos palacios, quantas vezes gritam e arrancam os cabelos de angustia, para satisfazerem uma divida, para pagarem um capricho, para seduzirem uma creança!

Que importa? Havendo dinheiro depois, ha tudo. Que importa que hajam creaturas morrendo aos cantos das esquinas, que importa que elas não tenham um pedaço de um farrapo para cobrirem a sua nudez? A onda marcha, caminha sempre, implacavel, sobreumana, como um deus, como um demonio. E a cidade canta, ri-se a tudo isto, a todo este torvelinho colossal de blasfemias e de crimes. A sumptuosidade chama as turbas, cega as, mata-as. Os deserdados olham para aquela eterna tragedia, que se desenrola aos seus olhos como um pedaço de céo asul e, por sua vez, caminham para o abismo, levantando os braços que pediam pão, para aquela chama tres vezes maldita, para aquela multidão tres vezes fatal e decadente. E o desequilibrio produz-se, a desagregação faz-se, e os desgraçados, em pouco, sam vitimas da sua ignorancia. E' que aquele oiro representava a fraude, o delicto, a usurpação; é que aquela sumptuosidade representava a personificação clara da impotencia moral. Por mais escoras que queiram pôr a esse edificio levantado pela força, ele não poderá deixar de caír, no decorrer dos tempos. E o baquear será tam formidavel, tam magestoso, como um abalo vulcanico que sacudisse as entranhas da terra desde a base, como um cataclismo cósmico que se desenrolasse gargalhando tragedias. Essa multidão prevertida puderá fundir-se? Essa canalha puderá resurgir? Não. Pois quê? a turba, sem arte, sem educação da alma, sem cultivo do caracter, pudera arrepender-se da sua conduta? Não. Como reconhecemos a inutilidade dos seus processos educativos, como sabemos as suas chagas, as suas infamias, repelimos toda a sua ignominiosa doutrina, toda a sua bandalheira, todo o seu esterco. Se envenenam a escola, se matam as creancinhas, se roubam, se semeiam por toda a parte a ambição, reputamol-os inuteis, julgamo-los como zeros inertes no campo social, cuja morte será lenta mas segura, cuja derrocada será demorada mas produtiva. Soará a hora tremenda do baquear, com uma significação precisa, com uma verdadeira clarêsa de liberdade. As maquinas monopolisadas nas grandes oficinas, a materia prima que atulha os arsenais, o aço que circula no ventre das fabricas, o livro que se estatela nas bibliotecas abandonadas, o direito, a lei, a papelada inutil, tudo isto será selecionado, apanhado, distribuido por esse mundo. O aço converter-se-ha, de baionetas e armas assassinas, em alviões e enxadas bemditas para arrotearem os campos de norte a sul, de oriente a ocidente. Os livros correrão por essa turba ainda inculta para que bebam nêles a ciencia do futuro; a materia prima será transformada, aproveitada, refundida. Essa engrenagem que range, gasta, apodrecida, não está condenada a desaparecer por si mesma, no evoluir historico da humanidade? Necessariamente. E quando lanço o meu olhar á cidade que ruge, parece que vejo fantasmas por cima do seu céo de sombra, vingativos, como anjos do exterminio, lançando o fogo vermelho de mil seculos a toda esta necrópole carcomida. E que paisagem grandiosa cheia de maravilhas e de arte!

Além, no horisonte, levantam-se linguas de sangue lambendo as torres, varrendo os terraços, abraçando os edificios, estilhaçando as vidraças, amalgamando todo esse mundo morto, numa pasta amorfa, num montão gigantesco, cheio de destroços enegrecidos, tombando, contorcendo-se como um molho de serpentes enleadas, por sobre o largo espaço da planicie! E' a Roma de Nero que arde, é a Roma das bacanais e dos marmores que se precipita no abismo, emquanto lá de cima, do alto, se escuta o poêma da ressurreição, a *Troiada* gloriosa de novos mundos!

E depois do silencio de morte, depois que nada mais reste que as cinzas frias desse gigante, os povos caminharão na sua marcha sonhada de ha tantos seculos, para a terra prometida do ámanhã. E sobre aquelas cinzas erguer-se-ham novos edificios, novos mundos. Essa literatura inutil, essa arte degenerada, essa burlesca montureira de larvados e de relapsos, toda essa escumalha, todo esse deboche, todo esse vomito de gangrena será varrido para sempre. E preciso que essa canalha não deixe atraz de si nem sequer um só átomo da sua vida de exploração, nem uma só célula do seu organismo maldito. A limpeza será completa, radical, segura, sem apelação possivel. Quando estenderem os braços encontrarão o vácuo, a sombra, o infinito; quando acordarem da sua noite de condenação nada mais verão que uma nova humanidade em marcha, caminhando lá longe na planicie, á luz do sol, sob a benção divina do asul e do trabalho. E emquanto se escutar a queda horrorosa dos pergaminhos, da massa amorfa e sinistra, sentir-se-ham as picaretas vingadoras, caladas, num trabalho de sapa, arrasando, cortando as terras e brilhando á claridade, em mil centelhas faiscantes de vitoria. Luta sem classificação, tremenda, sem egual nos seculos, esta luta é a luta que se espalha por todo o Universo, pela França, pela Alemanha, pela Inglaterra, pela Italia, por todo o mundo, sem obstaculos, sem vacilação. E' porque ela é o produto fatal da evolução, o produto implacavel da decadencia dos povos. Que importa que espalhem a lei, que espalhem a baioneta e façam a propagação das suas brutalidades de guerra? Que importa que eles queiram manter-se no balanço, aglomerando em volta de si toda uma corja de parasitas, curvando a espinha, rojando-se como mastins, farejando aonde ha revolta, aonde ha protesto de destruição dos seus regimens? Enganam-se quando pensam, os larvados, os bandidos da seara social, que podem torcer as guelas aos apostolos da ideia, do progresso, da liberdade. Quando se entram as fronteiras do nosso ideal, diz-se adeus para semdre a tudo, ao preconceito, á mentira, ao dogma, á farça. Tira-se a mascara odiosa da conveniencia ficticia, esmaga-se o vicio, abre-se o coração á esperança, abandona-se o idealismo quimerico do romance para se entrar na realidade concreta e dura da vida. Enganam-se quando pensam que não sabemos discutir, com argumentos cientificos, logicos, cerrados, o nosso ideal que é realisado, autopsiado e posto á vista das multidões ignorantes. O pensamento é sempre indestrutivel, inabalavel. Embora ponham milhares de bandidos inconscientes junio das fronteiras, embora levantem prisões e catedrais e lupanares; embora quei-

ram devastar os nossos principios em proveito proprio, nada mais farão que acender a chama, cada vez mais intensa, mais heroica, mais sublime!

Quem a arroja ao meio dos seus montões de codigos sam os operarios, é o mundo que trabalha e que, portanto, tem o direito de exterminar o que é nocivo porque ele é quem anda ao sol e á chuva, cheio de fome, construindo, dia a dia, momento a momento, as casas, as pontes; quem anda a revolver montanhas, quem anda o semear o pão das raças. Jámais conseguirão exterminar a ideia. Ela avança, no campo da literatura, no direito, na arte, na filosofia e na historia. Cada vez mais energia, tenaz conquistadora, porque é logica, porque é humana, porque é inabalavel Ponham-lhe as algemas do condenado, torturem os apostolos da sua evangelisação, tudo isso será inutil. Ela continuará a invadir o mundo como um sol redentor e puro pairando por cima desta sangrenta comedia humana, batendo as asas luminosas nas esferas de uma vida nova, sã, desenvolvendo-se e radicando se nos espiritos em flôr, ao clarão divino da mais completa liberdade...

Çoimbra.

Umberto Araujo.

A seguir:—*I—A tragedia governativa. II—Reivindicações femininas.*

Secção Instrutiva N.º 11

Horas d'Ocio

A preléção do Bátista

(*Continuado do n.º 44*)

O fluído elétrico acumula se na superficie dos corpos, executando comtudo, um constante esforço para se escapar, ao que se chama *tensão elétrica.*

Essa fuga dá-se de preferencia nos sitios bicudos, ou pontas; por isso, os chamados pára-raios (nome bem mal posto) são do feitio de pontas.

— Mas porque é mal posto o nome?

— Eu lhe digo: Suponhâmos que sobre um edificio passa uma nuvem carregada de elétricidade positiva, por exemplo. Essa elétricidade, por influencia, decompõe o fluido neutro do edificio, atraindo para o telhado a elétricidade negativa, e repelindo para o solo a positiva. Esta acção vae aumentando de poder, e como a influencia é reciproca, tambem a nuvem vae aumentando de poder elétrico, de fórma que, dentro em pouco, é muita a elétricidade positiva que existe na nuvem, e tambem muita a elétricidade negativa que existe na parte superior do edificio.

Dá-se então o duelo. Isto é: as duas elétricidades, ou, antes, as duas fórmas como a mesma elétricidade se nos apresenta, tendem a combinar-se para restabelecer o estado neutro.

E' então que entra em scena o pára-raios. Como é em fórma de ponta, a elétricidade escôa-se por ele a pouco e pouco, combinando-se com a da nuvem, diminuindo assim a força ou tempo elétrica dos dois adversarios. edificio e nuvem, e evitando assim que se dê uma combinação violenta, ou seja o raio. Logo, como vê, o pára-raios serve para proteger uma certa área, evitando assim que haja o raio. Como vê, pois, tem um nome mal escolhido.

— O senhor Bátista poderá dizer-me que vantagens encontra nas trovoadas?

— Que vantagens encontro?! muitas, muitissimas, tantas, que sem elas não poderiamos existir.

— Essa é nova!! Pois olhe que eu tenho um medo dos trovões, que bem os dispensava.

Jámais pelas ideias que me ocorrem á monte, de que não passa de castigo.

— Que pena que faz ouvil o!! Que de ignorancia que com isso revela, e que de maldade tem saído desses pulpitos e confessionarios!!

Maldade, sim, por que eles sabem bem o que devem ensinar, mas tambem sabem que o ceu poderia desaparecer no momento em que ensinassem ao povo a verdade dos factos.

Só vejetam e se desenvolvem nas trevas dos cerebros; para eles só lhes convem o homem-besta, e não o homem consciente.

Mas, não divaguêmos.

Para os ares evolam-se myriades de gazes diversos; todos, ou quasi todos, nocivos á nossa saude. Pois bem. Basta uma trovoada para que elétrisando-os, esses gazes se transformem só em dois, oxigenio e azote, reunidos em tal proporção, que dá o ar puro, purissimo para a nossa respiração.

— Mas os trovões?

— Olhe: quando se dá a combinação brusca das duas elétricidades, fica um espaço sem ar nenhum, no qual pouco depois entra o ar bruscamente; é a bulha proveniente dessa entrada do ar no vácuo que se chama trovão e que tambem tem as suas vantagens ou aplicações.

Como sabe, o relampago, o raio e o trovão executam-se no mesmo instante; e, como a velocidade da luz é instantanea, e a do som é de 340 metros por segundo, temos que, só depois de vermos o relampago, é que ouvimos o trovão

Temos pois uma maneira facil de calcular a distancia a que estamos de uma trovoada. e basta para isso multiplicar por 340 o numero de segundos que medeia entre a aparição do relampago e o momento em que ouvimos o som do trovão.

Figueira da Foz, 28 | 1 | 913.

(*Continua*).

M. E.

Sondagens espirituais

De palpebras descidas e com o pensamento em evolução, eu acabo de conjéturar mais uma vês que a Natureza, que muitos julgam o Todo Supremo, de nenhuma maneira poderá ser confundida com a Vida—Todo Supremo *unico!*

Sim, porque a Vida é o Principio *sem principio* e o Fim *sem fim* mais rigorosamente absolutos, a Natureza, na qual só póde vêr-se a detentôra do conjunto infinito das Leis, sendo tão filha da Vida como filho da Vida é Tudo; apenas com a diferença de que a Natureza é filha *atuante* e Tudo o filho *atuado!*

Ora sendo assim, como naturalmente só assim poderá ser, não é rigorosamente justa a substituição da palavra *Deus* pela palavra *Natureza.* Não! A palavra *Deus*, de cuja pantomineira base creio que hoje já ninguem careça, (a pantominice foi necessaria n'outros tempos, concordo, mas hoje sómente póde ser *util*), apenas encontrará uma boa e justa substituição na palavra *Vida*, porque esta é a *unica* que melhor poderá traduzir, para a compreensão e para a sciencia, o Infinito Misterio da Existencia Eterna e da Criação!

Haja, pois, a maxima veneração pela Vida, porque Ela é o Todo Supremo-Unico no qual tudo—Tudo!—está mergulhado!

Lisboa (Bemfica), 19 de Janeiro de 1912.

Leopoldo Torres Fernandes.

Interesses do Concelho

O que tem feito a Camara Municipal?

Pouco ou nada tem feito, como tantas vezes aqui o temos demonstrado.

E' vêr como, nesta epoca de chuvas, se transita por essas estradas e ruas das povoações, que são verdadeiros charcos. Mas a comissão administrativa, a nada se move, deixando que tudo continue como dantes, e votado ao maior dos abandonos, como se isto fosse a causa mais trevial da vida.

E' vêr como os serviços camarários andam desorganisados, fazendo-se os trabalhos quasi sempre no inverno, saindo, por isso, imperfeitos e mal acabados. O serviço braçal, para a atual vereação, não existe, nem sabem o que isso seja, porque o não fazem executar e cumprir como manda a lei, porque, se ele se cumprisse, muito se beneficiavam as povoações, que tão desprezadas se encontram de melhoramentos.

Mas não; tudo fica no esquecimento, e a comissão deixa correr o marfim, como se fazia na monarquia dos adiantamentos ilegais.

Repugna vêr como se empregam rapazitos em serviços que só a homens, com conhecimento de causa, competia fazer, como atualmente se está vendo.

Parece impossivel que isto se deixe chegar a este estado de coisas, sem que ninguem do alto veja este lodaçal!

Póde isto acaso continuar neste estado por mais tempo?

Não, mil vezes não!...

A vereação não póde continuar por mais tempo nas cadeiras da camara, porque assim lh'o impõe o povo, a dignidade da patria e da Republica.

Se a vereação compreendesse a sua situação perante o atual momento, teria ha muito pedido a sua demissão, demais a mais faltando-lhe, como lhe faltam, três membros efetivos, e estando em contradição com o progresso dos tempos que vão correndo.

Mas a vereação persiste em ficar, não querendo conhecer a situação em que se encontra? Então o primeiro áto do novo governador civil, será substitui-la.

Isto, e mais nada, porque é logico.

Para terminar, uma pergunta inocente ao snr. vice-presidente, que tão arreliado se tem mostrado com as verdades que aqui se têm dito: Quem pagou as bebidas que se serviram na camara municipal, por ocasião do 1.º aniversario da proclamação da Republica?

Falaremos mais a proposito, se isso merecer a pena.

A. Verão.

Transcrição

A *Educação Nacional* transcreveu na integra o artigo *Pinceladas* do nosso colaborador Manuel José Antonio, inserto no n.º 47 do *Dever*. Agradecidos.

Misérias sociais

... E a gente nota que vae, por essa Europa fóra, uma como que luta atrós, canibalesca luta entre as sociedades, degladiando-se... E admiramo-nos de que, em Portugal, sendo a educação de costumes menos cuidada, os homens e as coletividades se movam ataques, quer dentro do campo politico, o que é logico quando oportuno, quer dentro do campo pessoal, o que é sempre odiento e mesquinho.

Não temos, porém, de que nos surpreender.

Desde que a Biblia dos principios se esfarrapou folha por folha: desde que as ambições humanas vão num crescendo assustador, as degladiações de mando, as ambições e direitos de superioridade social hão de ser sempre um facto nêste país. Em Portugal e na Europa, mas na Europa mais do que em nenhuma outra parte do mundo, especialmente na Europa latina, mãe adótiva de tanta perversão e de tantissima miseria humana.

As guerras que ultimamente se teem desencadeado, não teem sido outra coisa mais do que a constatação, a prova irrefragavel das traições e dos desvários diversos das sociedades em luta.

E evoca-se o *patriotismo*, e o patriotismo não é outra coisa senão a lei imbecil que regula e sanciona a criminalidade, o morticinio entre os povos que ainda possuem essa falsa noção guiadora do ataque aos outros povos, cujo poder será mais fraco, cuja educação será mais escassa, mas cuja alma deve vibrar com a mesma intensidade que a alma dos atacantes que, em pról e em obediencia a falsas noções de humanidade e patriotismo, investem contra sociedades cujo mal seria a sua evidente inépcia, o seu manifesto atrazo coletivo.

E depois, os mais imbecis, os mais déspotas alcunham, os que pensam e sentem como nós, de anarquistas confessos, como se anarquista, na genuina e alta concéção do termo, fosse sinónimo de patife, de inimigo de tudo e de todos.

Anarquia é a que reina nas sociedades e nos povos que se não sabem conduzir de maneira a não merecer reparo. Anarquistas são todos os que, sem um léma, sem um fito que obedeça á lógica e ao bom-senso, disparatam por tudo e contra todos.

Mas nós sonhamos uma metamorfóse lenta, em que tudo se veja côr de roza. Póde a demora libertadora vir longe. Embora. Que venha. Porque a gente nota, por essa Europa fóra, uma como que luta atrós, canibalesca luta entre as sociedades, degladiando-se...

ALMEIDA JUNIOR.

Caminhos de ferro

Uma comissão de ferro-viarios, eleita pelo sindicato do pessoal, procurou o snr. presidente da Comissão executiva da Companhia Portugueza, afim de conferenciar.

Nem a Comissão nem a Associação foram reconhecidas pela Companhia..

Ferro-viarios de Portugal

Uniões, Sindicatos & C.ª

IV

UM ACHADO

Cada vez me convenço mais de que tem rasão de existir o adagio que diz assim: «aproveita o que não presta, encontrarás o que te é preciso».

Foi precisamente o que ha dias me aconteceu.

Passando em certo sitio, mais ou menos frequentado por empregados do caminho de ferro, encontrei um papelito que á primeira vista me pareceu um reclamo daqueles que os rapasitos aí pelas ruas distribuem aos transeuntes, anunciando algum espectaculo ou algum leilão.

Passando-me em seguida pela mente o tal adagio, eu curvei-me e apanhei o papelito.

Desenrolei-o e, na parte que me apareceu mais limpa, vejo o desenho duma maquina da série 40, seguida do titulo do papelito que era o *Ferro-Viario*. Comecei por examina-lo ponta a ponta e coluna por coluna. Senti uma profunda tristeza quando li no primeiro canto as seguintes palavras:

«Propriedade do sindicato do pessoal dos caminhos de ferro portuguezes».

Insurgi-me contra o papel, bem entendido, e redobrou a minha magua por ver que as primeiras palavras estampadas no jornal duma classe, sob todos os pontos de vista valorosa, e que por isso merecia e bem podia ser dirigida por capacidades competentes e por outros processos defendida, eram tudo o que ha de mais falso.

Eu aceito o desafio a quem quer que seja para me provar o contrario das minhas afirmações.

O pessoal dos Caminhos de Ferro Portuguezes não tem sindicato, e quem afirmar o contrario, não só falta á verdade e prova ignorar o que é um sindicato, como ainda ofende, usando ilegalmente este nome, os sindicatos realmente constituidos.

Isto deve dizer-se bem alto, para ser ouvido pelos empregados dos caminhos de ferro, sobretudo pelos que, julgando ter ou pertencer a um sindicato da sua colectividade, necessitam de compreender que isso é puramente falso. Uma vez bem compreendido, de maneira bem palpavel, haverá quem, por certo, modifique os seus costumes e até a sua linguagem.

Um dos principaes *rabiscadores* do papelito que achei é, como todos sabem, uma vitima e é vitima porque confiou demasiadamente no palavriado prégado nas reuniões do sindicato. Se ao contrario ele tivesse dado áquilo a importancia que aquilo só merecia, estou bem cérto de que não se insubordinaria, porque o seu passado indica claramente que é homem de caracter e suficientemente inteligente para compreender que, como os factos lhe demonstraram, *com teu amo não jogues as péras*. Mas o que lhe fizeram compreender foi que os ferro-viarios eram um objéto que se movia com toda a facilidade por meio d'uma corrente eletrica cujo transmissor estava na séde do sindicato.

Todos sabem que a causa da sua demissão foi por se occhpar da caixa de reformas, por processos que a companhia tem proibido. Isto, é claro, era de interesse geral para a classe.

Mas a classe, na sua grande maioria, não tem querido acompanhar os protestos movidos pelo sindicato contra tal demissão, apesar de a todos magoar, porque apuraram haver um pouco d'abuso e uma grande precipitação na maneira de tratar os assuntos mais sérios d'uma colectividade.

O Resultado é que a readmissão não vem, como seria para desejar, e o demitido lá continua ás sopas dos contribuintes para o sindicato.

Este espelho deviam todos os ferro-viarios trazer na algibeira para a miudadas vezes se verem a ele, e só assim se convencerem de que por processos violentos nada se conseguirá.

Lembrem-se que o *cordeirinho manso, mama a sua mama e ainda vae mamar a mama alheia.*

Quando a desmoralisação entra n'uma casa, anda tudo em desordem e já ninguem se entende.

As associações e os jornaes existentes servem só para difamar e acusar os seus contribuintes e os seus associados.

Isto é facil de demonstrar.

Sol.

Viagem presidencial

Foi imponente, grandiosa, a manifestação ao snr. Presidente da Republica, efétuada em Pampilhoza, na sua passagem por ali na quinta feira, quando se destinava ao Porto.

Mais de 2:000 pessoas de todas as classes sociais compareceram na *gare* do caminho de ferro a saudar sua ex.ª e o snr. presidente do ministerio.

Achavam-se representadas as autoridades do distrito e a camara municipal da Mealhada, na pessoa do seu illustre presidente, o nosso presado amigo snr. Joaquim da Cruz, que enviou ao *Mundo* o seguinte entusiastico telegrama:

Mundo

Lisboa

Pampilhosa do Botão, 3o

Gare estação, recepção carinhosa pelo pessoal das fabricas e ferro carris á passagem do Presidente Republica.

Duzentas creanças da escola e tuna Pampilhosa entoaram hino nacional durante a paragem comboio.

J. Cruz.

Tambem um orféon de crianças, acompanhadas pelos professores oficiais de Pampilhosa entuou o hino nacional que foi acompanhado pela tuna do logar, que espontaneamente colaborou na festa.

Uma filhinha do snr. Mourão, socio duma das fabricas de ceramica, entregou ao venerando presidente um lindo *bouquet* de flores naturais, recebendo do snr. Dr. Arriaga um beijo, dado com comoção e visivel internecimento.

Levantaram-se vivas á Republica, ao governo, etc.

Mario Simões da Silva

Retoma hoje o seu posto nas colunas do *Dever* este distinto colaborador, que dirige a secção das *Notas criticas* com pleno acolhimento dos nossos leitores. Esta secção fazia falta no *Dever*, porque ela fotografa os acontecimentos grandiosos que vão surgindo no tablado mundial, e a pena de Mario Simões sabe dar-lhe todo o relevo e todo o colorido proprio dum temperamento de artista.

Por este motivo rejubilamos nós, e certamente tambem os nossos leitores, pelo regresso de Mario Simões ao seu posto de critica.

Notas criticas

O movimento do 31 de Janeiro tem sido muitas vezes rememorado. Cada ano que passou depois d'essa data, em que o pôvo português, nas ruas do Porto, provou que ainda se lhe não gelára nas veias o sangue dos heroismos passados, foi aproveitado para uma palavra de preito aos vencidos e para uma palavra de estimulo ás legiões que lhes sucediam.

Hoje, porém, a solenisação d'essa data faz-se em circunstancias diversas. Não se verte já o pranto da saudade pelos que morreram aclamando a bandeira da Republica, pela primeira vez desfraldada. Não se aponta apenas aos que ficaram os clarões indecisos de uma aurora redentora e distante. Na terra dos cemiterios passa um frémito de vida. As flôres que crescem na campa dos vencidos estremecem de uma desconhecida emoção. Nos olhos dos vivos passa o deslumbramento da vitória.

O sonho fez-se realidade. A esperança fez-se certeza. O ideal fez-se facto.

Razão de mais para exaltar os heroicos lutadores de 31 de Janeiro. O seu exemplo frutificou. A sua obra concluiu-se, mas foram eles que a iniciaram. A semente então lançada á terra é hoje uma arvore poderosa, que desafia os vendavais da sorte.

A candida imaginação popular visiona muitas vezes a ressurreição dos sêres queridos. Se eles voltassem! Se, fosse embora um fugaz instante, os seus olhos extintos de novo raiassem com a luz que em vida os animava! Se eles porventura, galgando o espaço, fechando o parentesis da sepultura, pudessem, num relampago embora, contemplar a vida presente que para eles era a vida futura! O que diriam! O que fariam! Que palavras, que gestos lhes arrancaria o turbilhão das ideias e dos factos que sobre eles desabasse!

Se os homens do 31 de Janeiro que a morte colheu na anciosa espectativa do triunfo ou na dolorosa evidencia da derrota, neste momento, quebrada a campa pelo misterioso poder que a imaginação popular idealisa, se misturassem, desconhecidos e obscuros, entre a multidão palpitante que na sua cidade sagra, numa apoteose, a Republica vencedora, eu creio que só teriam um gesto, antes de abandonar essa vida efémera—o gesto de abençoar a morte que os fulminou, para que a Patria, a Liberdade, a Republica, pudessem assim viver, raiar na sua gloria imortal!

Mario Simões da Silva.

Falecimentos

Está de luto, pelo falecimento de seu estremoso pai, o nosso presado assinante de Lisboa, snr. Frederico Franco, a quem comovidamente abraçamos.

Faleceu no dia 25 do mês passado a esposa do snr. José Luiz Maria d'Andrade, zeloso secretario da administração do concelho de Cantanhede.

Enviamos sentidos pezames.

NOVO MINISTERIO

Voltou Afonso Costa ao poder; recomeçou vida nova em Portugal, e nova aurora rompe no horisonte com os seus scintilantes raios de luz lançados ao verdadeiro pôvo republicano, aquele pôvo que sabe avaliar a inteligencia d'aquele estadista, que compreende as suas belas qualidades de caráter, e que nota os inesqueciveis esforços que tem prestado em beneficio da patria que lhe foi berço, delxada pelos governos da odiosa monarquia, sem dinheiro, sem instrução, sem exercito, sem esquadra, com enormes e absurdas dividas, prostrada em pleno lamaçal d'onde não mais se ergueria, se o gesto incomparavel de 5 d'outubro não fôsse lançado a tempo pelo nosso heroico pôvo, e pelos que o elucidaram no caminho a seguir, que era o da Justiça e da Liberdade.

A tática e coragem do nosso illustre caudilho português, são tão logicas e claras, tão extraordinarias, que causam verdadeiro assombro aos seus maiores inimigos, politicamente falando.

E' êle o homem que em plena Camara dos Deputados, repleta nas galerias e nas bancadas, de curiosos, admiradôres e dos seus mais intransigentes inimigos, convida estes a expôrem frente a frente, as calunias e injurias que lhe teem dirigido, para que ali mesmo ele conteste e esclareça as ignobeis acusações, com malevolos fins, de que é alvo.

Esta assombrosa temeridade é mais que historica, e completa a imortalidade do seu autôr.

As suas obras de estadista, em prol da patria, são inegualaveis, e o principal exemplo acabámos de o notar na revisão que efectuou no orçamento, no diminuto prazo de 4 noites e 4 dias.

Temos mais: a sua entrada para a gerencia da pasta das finanças, foi assinalada de começo pela economia de 120 contos, que evitou fossem desembolsados, ficando nos bolsos dos importadores de milho da Argentina.

Finalmente, as ilusões que existiam sobre o sen alto talento, sobre a sua grande temeridade, acabam de murchar por completo.

Amigos, admiradores e inimigos volvem-se unica e exclusivamente para aquele homem, em quem o paiz confia, a quem o paiz considera como o mais audaz reformador da nova sociedade.

O povo bem sabe que emquanto aquele patriotico estadista estiver no poder, a consolidação das instituições está garantida, e a raiva e completa desorientação dos inimigos da Republica, dos talassas, será mortal.

A obra da Republica não está ainda completa. Para a completar é necessario que haja patriotismo, que haja união, de forma a evitarmos novas horas de desalento.

Afonso Costa, começou-a.

Afonso Costa põe-na sempre em bom caminho.

Afonso Costa completa-la-á com a ajuda do povo.

Nisto confia o paiz, esperando que a sua patria ocupe um logar de destaque, com a sua defeza garantida, e estamos conscios de que é este o caminho que trilha o actual ministério.

Viva Afonso Costa!

APOLON.

NOTAS

Referindo-se á ascenção ao poder do sr. dr. Afonso Costa, diz o professor, republicano historico, sr. Manoel José Antonio, no jornal republicano *O Dever*, de Manoel de Melo, que as coisas da instrução «continuarão á matroca». E esclarece: «Se, em vez do sr. dr. Afonso Costa, fosse ao poder o dr. Antonio José d'Almeida, passar-se-ia tudo da mesma forma. Não haja ilusões.»

Cremos haver nestas palavras bem intencionadas e desalentadoras, equivoco. O sr. dr. Antonio José de Almeida não deu nada de geito, é um facto. Não podemos asseverar o mesmo do actual chefe do governo que ainda não teve tempo de mostrar o que quere, o que pode e o que vale. Não esperamos muito do novo governo, mas positivamente esperamos mais do que se fosse outro o presidente do ministerio.

—E continua o mesmo professor, no mesmo jornal. «Os homens da nossa Republica, tão joven e já tão infeliz, do que mais cuidam é da politiquice.»

Lá isso tem sido verdade, mas pode ser que agora deixe de o ser. Falemos só em presença dos factos. Assim é que temos feito e só por isso nos apelidaram de talassas. Que faria se emitissemos juizos prematuros e hipotéticos?

—Referindo-se a promessas republicanas irrealisaveis, escreve mais:

«Por exemplo: um dos pontos do velho programa do partido republicano era a criação do ministerio de instrução publica, como de absoluta necessidade para arrancar a escola das garras da politica suja, favorecendo-lhe assim o desenvolvimento progressivo. Pois mais de dois anos decorridos sobre a implantação da Republica ainda não foi possivel arrancar essa medida ao Parlamento,—tão fértil, no entanto, em zaragatas, cabeçadas e asneiras...»

Registemos apenas a cruel verdade.

—Uma professora, a sr.ª D. Judit do Amaral, referindo-se á festa da Arvore, no mesmo jornal, escreve:

«A iniciativa da realisação agora desta festa que mais vezes se tem feito entre nós, partiu como todos sabem, do *Seculo Agricola*; mas quem vai arcar com toda a responsabilidade do acto, todo o trabalho da acção (não se julgue pouco) todos os sacrificios correlativos, é sómente—o professor primario.

. . . . . .

Ao professorado que tanto produz e tão pouco recebe, que do seu irrisorio vencimento não pode tirar uma parcela para adquirir um livro pedagógico ou assinar uma revista da mesma natureza, é que se distribue todo o papel de trabalho e acção.»

Já dissemos algo a tal respeito. Felizmente o professorado vai abrindo os olhos, não se deixando arrastar na onda patriotica, sem pôr os pontos nos ii.

Mas, no meio destas tristezas ha a consolação de que os secretarios das inspecções recebem 900$000 réis e os oficiais 500 e os inspectores 1:200$000 réis.

Nem tudo o que è negro é luto. E lembre-se mais o professor, que essa gente válida podia prestar alguns serviços.

(Da *Educação Nacional*).

Professora oficial

Colocada em Vila Nova de Gaia, perto do Porto, deseja permutar com professor ou professora de Coimbra ou proximidades. A quem convier, dirija-se a U. A., Colegio Moderno, Cumeada—Coimbra.

Recreio charadistico

Foi premiada com 10 lindos postais ilustrados a eximia decifradora, Amelia da Silva, de Coimbra, por ser a primeira que nos enviou a decifração da charada que no ultimo numero ofereciamos a premio.

—

Só no proximo numero daremos á publicidade a nota das decifrações e decifradores do numero anterior; e assim continuará deste numero em diante.

As produções para esta secção, deverão dar entrada nesta redacção até ás quartas-feiras inclusivé.

1) Nos belos tempos que amei
O' silfide da virtude—1
Entre risos estudei—1
A ilusão que nos ilude.

Em Paris ou em Bruxelas—3
Eu fiz meus sonhos d'amor
Entre vinte e cinco belas
Da ventura entre o ardor.

Nitrato

2) Mesmo aqui te confessei amor—1
Com mui fervor, e fervor sem fim;—1
Hoje porém, para te esquecer
Passo o meu tempo no botequim.

Liames.

Novissimas

3) Na musica o pão e a flôr é mulher-1-1-2
4) Na Beira e no Tejo existe o mimo-1-1.

Ravachola.

Charada aumentativa

5) Neste rio do Brazil--2
Oh! até me fugiu a voz!...
Eu vi em minha frente
Animal *bruto*, feroz—2.

Sun-yatsen.

Eletricas

6) A mulher é um pássaro!...-2

Ravachola.

7) E' sempre administrar.-2

Vulcão.

Biformes

8) Este prégo é uma flôr.-2
9) A ave é uma serra.-2

Liames.

Logogrifo rápido

10) 1-2-3-4-5-6-7 Engaste — 6-7-8-9-10 Portugal — Mulher

Enigma tipográfico

11) O / 151

Boémio.

DE LICENÇA

Está de licença o nosso presado assinante snr. Antonio Joaquim, chefe do distrito dos caminhos de-ferro onde ha dias se deu o horroso descarrilamento em que morreu o maquinista e ficaram feridos outros empregados.

TRAÇOS

Quando ha três anos saimos pela ultima vez as portas da Escola Normal de Coimbra, trazendo nas nossas mãos o diploma que nos dá direito a reger uma escola em qualquer freguezia de Portugal, pensavamos de modo bem diferente do que pensamos hoje. Julgámos a vida pratica um mar de rosas, muito diferente do que ele se nos apresenta.

O desconhecimento que tinhamos dos homens, levava-nos a crer que, em cada professor, encontrariamos um verdadeiro amigo, fosse qual fosse o crédo politico que professassemos, fossemos livres-pensadores ou católicos, protestantes ou maometanos.

A lembrança de que iamos dispender as nossas forças em prol da mais nobre causa, sorria-nos docemente. Tinhamos fé: Em nós que vinhamos dispostos a trabalhar, e na classe a que iamos pertencer.

Enganámo-nos, porém.

A fé que nós tivemos a ingenuidsde de julgar firme e inabalavel, sofreu golpe profundo.

A desorganisação que lavrava assustadoramente pela classe do professorado, desmentia, dum modo o mais categórico, o juizo de optimismo que a seu respeito tinhamos feito. Começámos então a ter horror á vida prática.

Que viviamos mal porque não estavamos bem pagos, que não possuiamos todas as regalias a que tinhamos direito pelo exercicio da nossa nobre missão, sabiamos nós. Mas tinhamos fé na união da classe.

Sempre pensámos que o bom senso não estaria tão desligado daqueles que mais obrigação tinham de o possuir.

* * *

Durante estes três anos de vida prática, em que as ilusões que tinhamos arquitetado em Coimbra foram caindo farrapo a farrapo, chegando-nos a convencer que só um grande esforço dos que amam sinceramente a Escola seria capaz de nos levantar, —durante estes três anos de vida prática, diziamos nós, temos ouvido frautear a já estafadissima ária da *União da classe*, em todos os tons, por todas as formas e feitios. Mas, triste é dize-lo, quanto mais se preconisa essa *União*, mais desorganisada a classe se encontra.

E podemos nós, professores, proceder assim? Não; não temos esse direito sem correrrmos o risco de renegar o papel que nos está confiado na sociedade.

Não estamos nós constantemente a aconselhar aos nossos alunos que se amem mutuamente?

Não estamos nós, a todas as horas, a todos os instantes, a dar-lhes lições de Fraternidade?

Que direito temos nós, portanto, de sermos inimigos, de nos odiarmos? No entanto, basta folhearmos os jornais da classe, para verificarmos estas profundas e tristes verdades. De quem é a culpa? Não sei, nem hoje procuro sabe-lo. Mas o que é preciso é atendermos a que ámanhã, os que hoje são nossos alunos, vendo que os nossos actos estão em desacordo com as nossas palavras d'outr'ora, eles que se acostumaram a ter por nós o maximo respeito e a maxima consideração, que tinham pelas nossas palavras o maior acatamento, começarão, por certo, a descrer na nossa pessoa. E isto é terrivel, como todos hão-de concordar.

Continuaremos no proximo numero, porque o assunto presta-se.

Prof. Guilherme Ferreira da Silva.

CORRESPONDENCIAS

Pampilhosa do Botão, 23

(*Retardada*)

Tiveram logar no dia 19, na quinta do Valdoeiro, da freguezia da Vacariça, os costumados festejos a Santo Amaro, com diminuta concorrencia de forasteiros.

Uma coisa, porém, ali se observou, com espanto de toda a gente republicana que lá assistiu.

E' o caso de, na parede fronteira da capela, se encontrar *escarrapachada* a corôa *real* da monarquia, e, não só na parede fronteira, mas tambem na cortina que cobria a porta já velha e carcomida.

Não fazemos comentarios. Póde lá estar o que o santo quizer lá ter. Mas já viram um santinho mais talassa?

Um assinante do «Dever».

FALTA DE ESPAÇO

Pela absoluta falta de espaço com que lutamos, deixamos de publicar n'este n.º, além de muitos outros escritos, os seguintes artigos: *Pinceladas*, de Professor Manuel José Antonio; *Coisas simples*, de Aurea Judit Amaral; e uma carta de Xavier.

ANUNCIOS

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

NO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho, e pelo cartorio do escrivão do segundo oficio—Mamede, correm editos de 30 dias, contados da 2.ª publicação deste anuncio no *Diario do Governo*, citando os interessados Tereza Aires Rodrigues, viuva, e Ana Aires Rodrigues e marido Adriano Nazaré d'Oliveira, todos de Alfarélos, desta comarca, ausentes em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, para todos os termos até final do inventario orfanologico a que neste Juizo se procede por obito de seu pai e sogro Manoel Rodrigues Serrano, morador que foi no mesmo logar, e em que é inventariante Maria Aires Rodrigues, viuva do inventariado.

Montemór-o-Velho, 15 de janeiro de 1913.

Escrivão,

João Pais da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

ANUNCIO

NO dia 9 de fevereiro proximo, por onze horas, no estabelecimento comercial de Bernardo Gonçalves Ferreira, administrador da massa falida de José Dias d'Abreu, negociante, solteiro, de Tentugal, se hade proceder á venda em hasta publica, a requerimento do mesmo administrador, e por lotes, de todas as fazendas do estabelecimento do falido, que se compõem de fazendas de lã e algodão e mais miudezas, e isto pelo maior lanço que fôr dado a cada um dos lotes postos em praça, além dos que já lhes foi dado pelo respectivo avaliador. Esta venda foi ordenada no processo de falencia requerida contra o referido falido pela firma comercial de Porto, Morais & Silva, Sucessor. Pelo presente são citados para a arrematação quaisquer credores incertos.

Montemór-o-Velho, 22 de janeiro de 1913.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.

Lemos Viana.

Agua da Curia

Semelhante á de Contrexeville

Estimula a acção dos rins, que são os filtros do corpo humano.

Experimentai a agua da Curia.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.
Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.
Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz** — Camarneira — Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia. miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

Bicicletes de diversos autôres, desde 25$000 réis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramafones e musicas, em casa de

José M. Figueira

CANTANHEDE

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

MURALINE Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

CASA FUNERARIA

— DE —

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA — **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 1.° Arazêde, 9 de Fevereiro de 1913 N.° 51

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — *ANTONIO ISMAEL DA CRUZ*

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

NA ESPECTATIVA

Dissémos outro dia que era inconveniente e inoportuno aventar hipóteses tendenciosas sobre a acção do governo do sr. Afonso Costa nos negocios publicos; e hoje continuamos a afirmar que é irritante todo o sistema de oposição movida pelos seus adversarios, que têm a mania de fazer simples cavalos de batalha das coisas mais naturais dêste mundo. Porque o sr. dr. Afonso Costa pensou em iniciar o seu governo pela redução do orçamento, logo os jornais oposicionistas, com o *Dia* e a *Republica* á frente alcunham este acto de *milagre* e *habilidade* politica.

Já é possuir uma errada visão dos factos sensacionais, que não deslumbram tanto pela causa que os motiva, como pelos efeitos a que necessariamente hão de dar margem. Ora, pelo que nós devemos esperar é pelos efeitos de esse tal milagre ou habilidade que tem sido o *nó gordio* de quantos se prendem com ele. E' uma charada que tem de ser decifrada, mas quem a ha de decifrar não sômos nós, nem a *Republica*, nem o *Dia*, nem nenhum dêsses clarins da oposição; ha de ser o sr. Afonso Costa. Este estadista que a propôz, ele é que tem de haver-se com ela. Devemos, porém, notar a condição unica para que a decifração seja verdadeira.

O sr. Afonso Costa, como homem duma só face, duma só opinião e duma só ideia, tem que honrar os seus compromissos; e, como tal, e para ser coerente com a lógica e com os bons principios, necessita de velar pelas forças vivas da nação que, em ultima análise, se reduzem á instrução, ao comercio, á industria e á agricultura. Além disso, para estabelecer no país a normalidade e a harmonia colectiva, tem que garantir o bem-estar relativo de todos os serventuarios da nação, de maneira que, a par da regularidade e do bom funcionamento em todos os serviços públicos, não haja reacções nem protestos da maioria dos cidadãos que estão ao abrigo das leis. Depois, garantidos os direitos de todos e olhando-se pelo cumprimento dos deveres de cada um, isto é, tendo-se feito uma boa politica interna e externa, sem desaire para governantes e governados, tem o sr. Afonso Costa decifrado a charada do orçamento, que tem causado engulhos a muita gente.

Com efeito—devemos tambem notar—se o presidente do ministerio reduziu as despezas da maneira flagrante como se viu, é porque conta com muitas receitas que hão de resolver as dificuldades criadas pelos melhoramentos a introduzir no país, como: o ministerio da Instrução, o aperfeiçoamento da Escola Primária e do professorado, a assistencia publica e a policia rural. O contrario seria uma incoerencia e a negação completa dos principios defendidos na oposição. Por isso, repetimos, a nossa atituda neste momento é espectante, serena mas justiceira. Aguardamos o dia em que o sr. Afonso Costa ponha á prova os seus sentimentos de justiça e humanidade, em que ele, na Republica, liberte das garras da fome e da miseria as classes que foram vilipendiadas na monarquia e ainda hoje o estão sendo para desdouro das instituições; o dia em que se sinta bem fundamente os efeitos duma renovação social que, como todos dizem e nós não contestamos, só o sr. Afonso Costa será capaz de inaugurar no nosso país.

Nesse dia, que não pode vir longe — ou melhor — nesse dia, que nós não admitimos que venha longe, o actual presidente do ministerio será então o idolo das multidões, o homem que incarna maravilhosamente os principios e que será a gloria do seu país. Até lá, vamos contendo a nossa impaciencia, vamos encarando os factos friamente, sem resaibos de indignação nem vislumbres de malquerenças, na espectativa benévola de quem vive impressionado por uma unica ideia: a ideia de ver o seu país dignificado, ovante de prosperidades e radioso de esperanças.

Já correu um mez sobre a ascenção ao poder do sr. Afonso Costa. Daqui a poucos mezes ha uma letra a vencer, ha uma divida que tem de ser liquidada. Quem a ha de saldar é o homem que quere honrar os seus compromissos. Além desse praso conheceremos o valor ou a ruindade de espirito dêsse homem sobre quem o país tem os olhos postos neste momento.

CRÓNICA DO PORTO

Fervilha o carnaval em todo o seu fastidioso programa.

Será belo, será folgasão, (terá mesmo dôces atrativos que eu na minha impertinencia de doente lhe não posso encontrar), todavia, eu acho-o estúpido, boçal e indecente.

Não posso admitir que se enocharquem as ventas a um cidadão a niagáras de éter e ácidos prejudiciais á cútis com a mesma sem-cerimonia com que eu aperto a mão a um amigo.

Julgo que me deve assistir a mesma sem cerimonia de retribuir o *cumprimento* esmagando a cara ao atrevido.

No final de contas é sempre carnaval.

Mas, meus muito queridos leitores, vâmos dar uma volta pelo Porto de sorte que nada nos escape déssa imundicie carnavalesca. Será conveniente sairmos bem armados, pois pode dar-se um encontro com algum peralvilho que em vez de ter sido aproveitado para gente deveria ter deixado os miolos nas paredes do quarto em que nasceu.

Mas, devagar, devagarinho que eu sinto-me doente e muito doente para poder acompanhar o vosso caminhar de homens saudaveis.

Eis-nos em Passos Manoel.

Aqui e ali, nêsses palheiros com nomes pomposos de *teatros-circos*, joga-se o carnaval, isto é, levanta-se a desmoralisação na sua marcha triunfante.

Além, adentro déssas janelas iluminadas, tão semelhantes ás janelas dos bordeis de luxo, são Grupos de dança que marcam na cartolina dos seus programas uma vistosa *soirée-masquée*.

Correm lá os *habitués* e os pais, os honrados pais de familia, vão tambem levando as filhas que, por sua vez, vão deixando a honra por traz dos bastidores.

E' nisto que se resume o carnaval...

Tanto oiro esperdiçado em coisas inuteis ou—ainda mais—perigosas e tantos estômagos sem pão e sem conforto!...

Vamos, caros leitores, vamos para longe desta corrução antes que o seu contágio nos corrompa tambem...

Porto, 3 de fevereiro de 1913.

Gomes Monteiro.

O Congresso republicano de Coimbra e os interesses do concelho de Montemór-o-Velho

O congresso distrital que decorreu em Coimbra em tres sessões entusiásticss e cheias de brilho, com representantes das comissões republicanas concelhias, não deixou de reflectir-se beneficamente no concelho de Montemór, atenta a maneira nobre e patriotica como nele se houve o sr. dr. Armando de Carvalho, que ao congresso assistiu.

Sem nos referirmos ás diferentes resoluções tomadas no congresso e aos interesses materiais reclamados para os diferentes concelhos, o que foi tudo revestido dum alto caráter de civismo, apenas destacamos os melhoramentos que o sr. dr. Armando de Carvalho reclamou para o seu concelho e que são, debaixo de todos os pontos de vista, justos e necessarios.

Com efeito, este cavalheiro, na segunda parte da 3.ª sessão, que se referia a interesses locais, pediu:

1.°—A ligação da ponte de Montemór com a estrada;

2.°—A criação de uma escola no Moinho da Mata;

3.°—A criação de uma estação telegrafo-postal em Arazede.

São tres petições de um grande alcance patriotice, a ultima das quais o *Dever* tem advogado com zelo e desvelado interesse. E agora o sr. dr. Armando de Carvalho, sem procuração de ninguem, acaba de reclamar espontaneamente para a freguezia de Arazede o que o *Dever* tem vindo tratando com grande empenho.

Não carece de justificação a necessidade de qualquer das tres reclamações; mas pela ultima toma a sua parte a responsabilidade o sr. dr. Armando, que nos escreve prometendo não descurar o assunto, emquanto não vir satisfeita tal reclamação.

E' isto motivo para nos regosijarmos por vermos que ha alguem de inteligencia e coragem que deseja colocar-se a nosso lado para nos ajudar a implantar em Arazede um melhoramento, como é o da estação telegrafo-postal, que tem o apoio de toda a freguezia. Agradecemos toda a coadjuvação que nos possa prestar o sr. dr. Armando de Carvalho, e fazemos votos para que os seus e nossos esforços sejam coroados do melhor exito.

Coisas simples

Educação superficial...

Beleza não é formosura nem lindeza: beleza é o resultado das graças; e toda a mulher bem educada pode ter graças: pode dar-lh'as a educação...

Garret.

Devido a uma gentileza que agradeço foi-me dado ler o terceiro de uma série de artigos escritos pelo sr. Almeida Junior para os primeiros numeros do *Dever*, tendo por tema a mulher portuguêsa.

Os artigos que tenho lido devido á mesma pena são de quem vê superiormente qualquer assunto a tratar e trazem sempre, aliada á opinião sensata, a nota de sentimento que lhe sugeriu as ideias.

No escrito apontado tambem se observam os mesmos predicados; o seu autor notou bem a indole da mulher portuguêsa, assim como viu que ela se ocupa bastante com assuntos superficiais e frivolos.

O exterior, eis tudo! Cultivando-o, julga-se a mulher perfeitamente educada.

Evidentemente a mulher portuguêsa tem progredido e assimilado as ideias do seu tempo; não ha duvida de que as senhoras transmontanas ou beirôas teem desdado os laços da rotina e átualmente se manifestam já no campo social, já no dominio das relações particulares impondo-se pela sua ilustração.

Mas ha! no âmago das civilisações ha sempre um não sei quê de remeniscencias de selvagem, e por isso tambem ha muita gente que se prende com o brilho dos europeis: —o exterior, eis tudo.

Procura dar-se á mulher, sendo rica, uma ilustração; pois que ás filhas dos pobres nem é dado aprender a ler: escolas ainda ha algumas, mas ha falta de assistencia para se poder cumprir a obrigatoriedade escolar e por isso essas pequenitas vagueiam pelas azinhagas colhendo flôres, rústicas como elas, e batem depois á porta do lavrador-proprietario mendigando, e isto nas aldeias, pois que nos grandes centros com a miseria vem o cultivo de variados vicios; ora, quando vejo estas pequenitas passar leio-lhes o futuro: uma noite sem luz...

Ha muitas senhoras, felizmente, que possuem fina educação baseada nos bons principios, o que faz realçar o caráter nativo da mulher portuguêsa e a sua missão produz benéficos resultados. Mas quantas outras todos nós conhecemos que aprendem muitas coisas de luxo e realce na vida exterior e que... constituem como que um reclamo a um marido, mas só uma coisa não aprendem e que precisamente deveria nortear as outras: aformosear o coração de ensinamentos morais e amor do Bem e do Belo, enriquecer a alma de pensamentos elevados, educar a sensibilidade de modo a poder impressionar-se com todas as manifestações da Arte mas não degenerar em atonia ou sentimento excessivo que é o precursor do fanatismo.

Verdade e triste verdade, é que as frivolidades no campo feminino teem os seus correspondentes no campo viril e por isso aparece sempre um pretendente que se fascina com os europeis da falsa ilustração ou no aureo metal, carimbo de um dote monetario (porque é tambem este agente, e quiçá o mais poderoso, que influe nos laços do amor!...) e não procura conhecer a mulher pelos seus dotes de coração. Juntam-se assim duas frivolidades que dão em resultado precisarem de perceptora — a *bonne* do estilo—para lhes educar os filhos como se a verdadeira educadora não devesse ser a mãe; é certo que ela nem sempre lhes pode dar a instrução, mas para isso é que foram criadas as escolas.

Ora a mulher assim educada num verniz exterior por força ha de ser o vácuo da casa; será pontual em ninharias, mas deixará esparzir á sua roda as fragancias do sentimento e poesia que o seu papel infunde e que só rescendem de um coração bem cultivado.

Escreveu Balzac que amar, sentir, sofrer, dedicar-se, é a essencia da vida das mulheres, mas estas palavras terão um significado nulo se as não nortear uma vontade firme e esclarecida.

Afinal de contas vemos a mulher escrava da moda, acorrentada a pequenos nadas da vida exterior toda ficticia, puramente arficial; só quem não tenha conhecimento algum da vida nos grandes centros é que não conhece a epopeia, o grande drama cujo fim, principio e meio é: saber fingir; enganar os outros e no fim as protagonistas são as primeiras a ser enganadas.

Não tenho autoridade nenhuma sobre o assunto e é verdade tambem que me encontro ainda no limiar da vida sem ter forçado a porta da experiencia, mas os factos apontados são bem comesinhos de todos.

Ficar-me-á de tema para outra vez a mulher atêa e a mulher fanática pela religião.

Eu só concebo a regeneração e felicidade dos povos por meio da morigeração dos costumes após a revolução das ideias; devendo ser a mulher quem primeiro desenvolva tal principio, eu desejava que ela trabalhasse para anestesiar a ilustração de ouropel com o verdadeiro fundo de moral.

Janeiro.

Aurea Judit Amaral.

No ultimo artigo onde se lê «acoreram» e «ocorerem» deve ler-se «acorreram» e «ocorreram».

TEATRO GREMIO DA PAMPILHOSA

Decorreram com animação os bailes carnavalescos efectuados no domingo gordo e terça-feira de entrudo no teatro gremio Instrução da Pampilhosa, onde se fez ouvir com agrado a bem organisada tuna recreativa do logar, cujo maestro foi incansavel para a boa execução do variado reportorio que se exibiu.

Sobresaiu o elemento feminino, que, em grande concorrencia, deu brilhante realce á festa, onde não faltaram os engraçados ditos do nosso amigo sr. Joaquim da Cruz, sempre *ravachol* e brincalhão.

José Nunes da Mata

Foi pedida por este nosso presado amigo a mão da snr.ª D. Maria Luiza d'Almeida, da Lourinhã, filha da snr.ª D. Maria dos Remedios d'Almeida.

O consorcio deve realisar-se brevemente. A noiva é um modelo de virtude, bem digna, por isso, do nosso amigo, que é um rapaz inteligente e honesto.

Secção Instrutiva N.º 12

Horas d'Ocio

A preléção do Bátista

Era favor se o amigo Bátista me dissesse alguma cousa sobre alimentação.

E' assunto que bastante interessa, e realmente não vejo que o tratem nas escolas, pelo que me parece conviria elucidar-nos, para por nossa parte o transmitirmos a outras pessoas.

— Far-lhe-hei a vontade. Tem razão. Mas, o mal tem origem noutro ponto

No nosso paiz tudo está ainda, e estará por muitos anos, desorganisado.

A todos falta educação proficional.

Não se escolham classes nem categorias, pois que é regra que não tem excéção.

O que ha, desde o advento da Republica, e isso já é alguma cousa, é muita gente animada de bôa vontade, mas que dificilmente poderão produzir cousa util. Não podem. porque não sabem.

E, creia, os esforços dos de hoje, só aos daqui a duas ou trez gerações poderão aproveitar.

Por emquanto, em materia de saber, ainda estamos navegando sem bussula e sem leme.

As nossas escolas, desde a primaria até á que queira considerar como a mais elevada, estão muito longe de satisfazer.

Ensina-se menos do que se deve, mais do que se precisa, e por fórma diferente do que convem.

Mas não veja nesta minha apreciação sincera. um vislumbre de censura ao professorado. Não.

O mal está em toda a nossa organisação, pois, que tudo era mau e antiquissimo: leis, livros e costumes. Mesmo do professor de hoje, pouco se pode aproveitar, e isto a despeito da sua melhor vontade e inteligencia.

Foi educado por fórma tão má, dizemos assim, que, mesmo contra sua vontade, e até sem dar por isso, se lhe vae refletir nas lições que dá aos seus discipulos. De modo que, só com o andar dos tempos o ensino poderá melhorar e chegar mesmo a ser bom.

E' triste, mas é verdade, e por isso o dizemos. Se não temos ainda a noção do fim para que estudamos, como podemos orientar o ensino?

Navegamos, portanto, sem bussula e sem leme.

Justificar as minhas palavras, é tudo quanto ha de mais facil e de mais penoso.

De mais facil, porque tudo são provas e exemplos; e de mais penoso, porque, como bom portuguez que me preso de ser, não posso escrever sem um pesar profuudo, porque o mal do meu país se deve tão sómente á pouca e má instrução do povo

Senão, vejamos: O que sabe e o que é a mulher portugueza?

Até me aflige escrever! A mulher portugueza nada sabe, e é simplesmente a femea do homem!

E' esta e só esta a origem do nosso mal.

Ninguem cuida da sua instrução,

Pois ela desempenha, na vida social, papeis diferentes e tão importantes, que é dela e só dela que depende a felicidade dum povo.

E' a mulher quem a todos ensina a pronunciar as primeiras palavras, a formar as primeiras frases, a seguir os primeiros raciocinios

E' a mulher quem, pela sua insinuação, fórma ou modifica o coração humano, e que, portanto, tanto póde contribuir para formar homens dignos e de bem, como para formar gatunos, assassinos e devassos.

E' a mulher que, armada com o seu saber, póde, quando esposa, aconselhar o marido nos transes dificeis da vida, bem administrar os rendimentos do casal, distraí-lo com a sua conversa, ajudal-o a ganhar o pão de cada dia, e, enfim, tornar duradoro o amôr e o respeito no *ménage*.

E' a mulher o primeiro medico da casa e a enfermeira constante.

E' a mulher a quem, pelos seus conhecimentos de higiene e constante permanencia na casa, está confiado o delicado papel de fazer conservar a saude das pessoas da familia

E' a mulher a quem, com o seu espirito culto e sã razão, pertence insuflar no homem o seu terno conselho, levando-o assim muitas vezes até aos mais heroicos actos de abnegação e heroismo.

Achaes pouco?

Como vêdes, é não só o alicerce na nossa educação e instrução, como ainda a sentinela vigilante que sempre a todos acompanha. Bem preciso é, pois, que o seu ensino seja cuidado a valer por aqueles a quem compete esse papel educativo Da escola, ocioso é falar. Mas, como disse, não chegámos a saber ainda para que estudamos.

Para que serve aprender francez, inglez, alemão, etc.?

Parece que seria para o podermos lêr, escrever, falar e entender!

Pois não é isto; e o erro deve ser meu e dos que assim o julgam, visto que, depois de aprovado num exame, nada percebe do que lhe disser um franccez, inglez, etc., nem mesmo escreveria uma carta a não ser em portuguez.

Estuda quimica. para quê? Não sabe fazer uma analise, nem uma combinação, não podendo, por consequencia, dar aplicação alguma ao que estudou.

Estuda-se muito, realmente, e todos, para tudo, estudam tudo. E' estudar de mais; mas, não se desenvolve disciplina ou estudo algum, e assim se constata o pouco estudo.

Sabe portanto o que é que desta desorganisação resulta?

Eu lhe digo:

E' que, tendo escolas para tudo, as não temos para nada.

Ou temos de ir estudar ás escolas dos outros países, ou então temos de importar os estrangeiros habilitados com esses cursos especiaes.

Mas, perdão. Temos divagado de mais.

Vamos lá falar um pouco da alimentação.

Figueira da Foz, 31—1—913.

(*Continua*).

M. E.

Dr. João de Deus Ramos

Regressou de Paris este nosso presado amigo, que ontem tomou posse do seu novo cargo de governador civil dêste distrito.

Abraçando-o, apresentamos-lhe cordiais boas vindas.

Muito grave

Apesar da lei da separação, hoje vigorando no nosso paiz, determinar o contrario, o sr. prior Joaquim Maria Laranjeiro, páraco desta freguezia, conserva em seu poder, com grave prejuizo dos interesses da Republica e compromisso para o guarda da igreja, as chaves do templo e das várias portas de arrecadação, ou antes, mandou fazer para seu uso uma chave para entrar e sair, quando quizer, na igreja.

Ora todos sabem que a junta de paroquia, sendo a principal responsavel de tamanho abuso, ainda nada comunicou superiormente, e o sr. prior, que não é pensionista do Estado, continua a usufruir os bens pertencentes á mesma junta.

Mais: quando o guarda, perante a lei o unico responsavel, por tudo o que existe na igreja, demonstra a má vontade da existencia de duas chaves, caem sobre ele imprecações e odios, maldições e o diabo.

Quando é que a autoridade competente se resolve a fazer ver ao sr. prior Laranjeiro que lhe é vedado possuir chaves da igreja e demais dependencias desta?

A junta é conivente nesta falta.

A junta, caja historia faremos qualquer dia, manobra á vontade do sr. Laranjeiro.

O passal rendeu o ano passado 80 alqueires de milho, e tudo, contra a lei, foi para as arcas do prior, que já se não lembra do alguidar e da faca que lhe puzeram á porta, nas Means do Campo, os seus paroquianos, tempos antes de vir para Arazede.

Não se lembra disto e nem a autoridade, a despeito das faltas que aqui temos apontado, se lembrou ainda tambem de fazer justiça.

Confiamos, entretanto, na réta conduta do sr. administrador, e esperamos que ele veja a gravidade de o prior possuir chaves da igreja e de tudo, de entrar e saír a toda a hora que lhe apraz, com tremenda responsabilidade para o guarda e para a junta de paroquia, que aliás tudo consente.

DOENTE

Está gravemente enferma a snr.ª Maria da Costa, de Vila Franca, mãe do nosso presado assinante snr. José Gomes Lourenço e irmã do tambem nosso assinante e amigo snr. Luiz Alves da Cruz.

Desejamos o pronto restabelecimento da doente.

Livro sensacional

MIREIA

por **Frederico Mistral**

Livro traduzido em quasi todas as linguas do mundo, *Mireia* acaba de ser traduzida em português pelos escritores distintos João Aires de Azevedo e Manoel Teles. *Mireia* é considerado livro tão belo como a *Odisseia* de Homero.

1 vol. de 256 pag. Preço—Br. 500; enc. 700 réis.

Livraria Portuense, de Lopes & C.ª—Porto. Em Lisboa—Livraria Ferreira e Livraria Brazileira—Rua do Ouro.

CARTA DO PORTO

A chuva, que incessantemente nos vinha atormentando desde todo o mez passado, pareceu intimidar-se com a brusca aparição do volúvel Fevereiro e suspendeu o chicote. Todavia nada de regosijos prematuros olhando-se a que Fevereiro... enganou a mãe ao soalheiro...

—— Passou o memoravel dia 31 de Janeiro indo a costumada romagem, com a assistencia do sr. Presidente da Republica, ilustre presidente do conselho e o digno ministro do interior. A despeito da chuva que então caía, a homenagem aos vencidos, foi o mais plena de sentimento e saudade!

—— Após, seguiu-se o carnaval que, como todos sabem, toma os dias 2, 3 e 4 do corrente, sendo posto na rua um bombástico cortejo de critica promovido pelos estudantes cá da Invicta.

Num dos carros destacava-se uma enorme figura do dr. Afonso Costa cavalgando um jesuita e mais atraz um pobre Zé Povo—vulgo Senhor dos Passos—caminhava ao seu calvario sobraçando uma enorme cruz de papelão.

Depois—mudando de assanto—temos capturas, roubos, facadas, desastres... o diabo!

Isto nos principios do ano, todavia, se as scenas se voltarem a repetir.

Deus super omnia.

Porto, 3 | 2 | 1913.

Nitrato.

A Republica ainda não entrou no concelho

Não nos preocupa neste momento saber se o concelho de Montemór-o-Velho é ou não republicano.

Queremos, entretanto, analisar um pouco o seu estado atual, sob o ponto de vista politico, o modo como se tem interpretado as leis da Republica, sobretudo a lei basilar, que é a lei da Separação.

Como toda a gente sabe, o concelho foi e continua sendo arreigadamente monarquista, devido, talvez, ao mau sentido que teem dado á palavra Republica, palavra consoladora, cheia de bondade, homens que, de perto, viveram junto do ex-rei Manolo, hoje feito conquistador não de tronos, mas de damas russas, e que parece, apesar de mortos, politicamente falando, vão dominando ocultamente, na sombra, a politica, não a monarquista, mas a evolucionista que é a mesma coisa, porque assim estão a salvo dos maus olhados.

Haja vista o que tem acontecido com alguns padres do concelho, que, apesar de odiarem a Republica e de a anavalharem quando lhes apraz, teem tido sempre a proteção das nossas autoridades, tudo ficando no olvido, tudo se abafando.

Fazem-se enterros e procissões depois do sol posto, e ninguem sabe que existe uma lei republicana que proíbe tais práticas religiosas depois do pôr do sol!

Perguntará o leitor se no concelho não ha autoridade que fiscalise a lei e nas freguezias um regeder nas mesmas condições?

Sim, existe tudo isso! Mas tudo isso, ainda hoje cá no concelho é dominado pelos *talassas* que, parece, são ainda quem *tudo lo manda*, para mal dos nossos *pecados*...

No concelho, creio, não existe uma unica cultual, e tambem, creio, muitas confrarias estão constituidas ilegalmente, fóra da lei, e seja qual fôr o novo administrador, tem de as dissolver por ilegais, como ha pouco foi determinado pelo ministro do interior.

O nosso concelho não pode continuar entregue a ineptos nem á reacção clerical, com prejuizo das liberdades e em detrimento de homens liberais cá do burgo.

E' preciso que a Republica entre no concelho desde já. Sem isso, nada se fará de geito, e serão inuteis tentações.

O nosso concelho—triste é dizê-lo—é talvez o mais atrazado de todos, devido á falta de propaganda das ideias liberais que tanto se faz sentir. Mas ela que venha, tanto pela palavra como na imprensa local, porque, sem isso, nada se conseguirá de util para este povo rude que não conhece os seus beneficiadores, antes continua agarrado ao antigo cacique monarquico, que é quem ainda impera.

E' urgente sacudir para longe o cacique, isto é, o cacique que compra as consciencias a peso d'oiro e que esmaga os povos a peso de opressão.

Fez pena presenciar que, a quando da passagem para o Porto do chefe do Estado, nem a Camara nem a autoridade administrativa foram á estação de Alfarelos, representar o concelho. Onde estava o *evolucionismo* metido nessa ocasião?

Mas, se em vez do sr. dr. Manoel de Arriaga passasse um D. Manoel nada faltaria, nem Comissão Municipal, nem o administrador com a respectiva bandeira. Nada faltava...

Como tudo isto é triste e causa pena, senhores do evolucionismo! São assim os partidarios do sr. Antonio Zé!

Mas os adversarios do grande estadista Afonso Costa, quando ele foi encarregado de formar governo, vociferaram que haviamos de ter agitação e desordem em todo o paiz, e mais coisas carregadas.

Mas os factos teem demonstrado exactamente o contrario.

Xavier.

Uma quadrilha de descarados e imbecís meliantes roubaram um d'estes dias na estação de Carregal do Sal uma porção de fardos de tecidos no valor de dois contos e tal. A policia investiga.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XLIV

O delirio militarista no nosso país é um disparate—Enquanto os propagandistas da Defêsa Nacional dão o maior vulto á sua genial ideia, está o povo sem instrução e a morrer de fome—Que pena, não haver juizo!

Ha tempos, um certo numero de oficiais de terra e mar, fortalecidos ainda pelo auxilio de alguns civis, empreenderam uma campanha intensa em favor do engrandecimento do nosso exercito e da nossa esquadra. Têm repetido conferencias por todos os centros principais do país, com o fim de interessar o povo pela sua ideia.

O Devêr, pela pena de alguem que soube vêr as coisas como elas são, já ao caso se referiu—pondo em destaque o que de disparatado ha, nas circunstancias atuais, em pretender-se gastar o que não temos, simplesmente para ostentarmos o luxo de vêr flutuar no Tejo grandes cruzadores, protegidos pela bandeira verde e vermelha, ou ouvirmos a cada passo o troar incomodativo dos canhões de grosso calibre, cujas cargas importam em contos de réis. Em outro logar, tambem nós já tivemos ocasião de frisar que, emquanto não tivermos escolas e estradas, as finanças equilibradas e a agricultura desenvolvida,—nada tem de patriotica a campanha, aliás bem intencionada, da «Comissão de Defesa Nacional».

Parece, agora, que, no referente ao assunto, os bons principios vão ganhando terreno. O ilustre economista, snr. Anselmo de Andrade, num artigo que tem sido muito discutido, proclamou a impossibilidade de serem satisfeitos os desejos dos militares e civis que da «Comissão» acima referida fazem parte. E, no proprio parlamento, o deputado e capitão, snr. Morais Rosa, encarando aliás a questão por outra face, verberou, em frases energicas e repassadas de patriotismo, o estendal de miserias que os conferentes por aí têm apresentado.

Ainda bem. Ainda bem—porque, se entraves não aparecessem á marcha da ideia, arriscar-nos-iamos a vêr, mais tarde ou mais cedo, o espectaculo pouco edificante de serem resolvidos emprestimos e sangrias ao povo, no valor de cem mil contos de réis, quando os nossos governos e o nosso parlamento se assustam só á ideia de que é preciso gastar com a instrução mais alguns milhares de contos.

O povo ignorante e a morrer de fome, mas protegido por uma boa esquadra e por um grande exercito, bem municiado e equipado—que soberbo, não acham!?...

Ai, a falta de juizo...

Prof. Manuel José Antonio.

Poetas e prosadôres

Riso amargo

(A' DISTINTA ESCRITORA AUREA JUDIT DO AMARAL)

Senhora: se algum dia ao morrer no poente
O astro incandescente,
O sol procriador,
Um rouxinol soltar um cantico dolente,
E' porque abandonei a vida repelente,
O mundo enganador!

Sem parentes, sem lar, sem um materno peito,
Apenas com direito
A' boa luz do sol,
Só pranto caírá no meu eterno leito
Do cantor pastoril, do cantor mais perfeito,
Do triste rouxinol.

«Abandonar a vida», eis o lema traçado
No livro do meu fado,
No meu destino triste,
Ir em busca dum porto amigo e desejado
Que transforme em bonança este mar agitado,
Se porventura existe...

Lutar e para quê? não será bem loucura
Lançar á Desventura
Uma esperança infinda?...
Mas, ah!... eu oiço ao longe a voz risonha e pura
Dum anjo que eu amei—ingenua criatura!—
Lutar, lutar ainda!

Eu sinto ciciar aqui, ao meu ouvido,
A gaze do vestido
Que levou a enterrar,
Eu julgo vêr-lhe ainda o labio incolorido
Balbuciar assim, exangue, amortecido:
—Viver, viver, lutar!...

Pois seja: lutarei, ó minh'alma sidéria,
Rirei desta miseria,
Da terra, alvar, disforme,
Até que o alambique déssa campa funéria
No trágico ruír da pútrida matéria
A ambos nos transforme.

Porto, 1 de fevereiro de 1913.

Gomes Monteiro.

Notas criticas

O rei de Espanha concedeu o indulto a todos os condenados á morte, menos a úm, fundando-se para isso em que ele é o mais culpado de todos. Não me parece facilmente justificavel a exclusão. N'esta questão da pêna de morte do que se trata não é de examinar culpas: é de atender á inviolabilidade da vida humana. Faz-se esse reu mil vezes mais criminoso do que se pretende que ele é, e ainda assim devia ser indultado. Em nenhum caso, em nenhum! a pêna de morte se admite. O agravo é feito mais ao espirito humano consciente, progressivo, afirmando a vida em todas as suas manifestações, repudiando a morte em todos os seus aspectos. Para o condenado, a morte póde até ser misericordia, se uma vida de torturas, que só é vida para sofrer lhe está inexoravelmente destinada. Não se compreende que cada vez que se solicita piedade, altruismo, uma elevação suprema acima de todas as paixões e de todos os preconceitos, se responda com uma nova sentença, concedendo ou recusando atenuantes. Não é isso o que se espera quando se invoca o respeito superior da vida, tão bela e tão generosa que com as mesmas seivas alimenta as flores e os monstros. Eu sei que, no caso que se debate, se desenrola um drama que tem a sua origem em encomportaveis miserias, drama em que gemem e uivam todos os protestos de uma humanidade sofredôra. Eu sei que, mesmo perante a justiça, enjaulada nas convenções sociais, os reus não mereceriam porventura condenação se o desejo de vindita não anuviasse o olhar dos julgadores. Mas repito: para o maior scelerado do mundo deveriam reclamar a vida como para o martir mais sublime. A pena de morte não mata os que executa; mata os que a promulgam, a ordenam e a consentem.

Mario Simões da Silva.

Descanso semanal

Os comerciantes desta freguezia reuniram o domingo passado, combinando entre si encerrarem as suas lojas ás segundas-feiras.

Fica assim prevenido o publico.

CARTA

Recebemos a seguinte, á qual, por consideração para com o sinatario, damos publicidade, mas não sem declararmos que nos alheiamos por completo da questão, visto que o dr. Armando nos merece muito conceito como homem e como zeloso funcionario da Republica:

Meu amigo:

Li hoje no seu «Dever» uma carta do sr. dr. Armando de Carvalho, oficial do registo civil, a reptar-me sobre o que eu disse, com respeito ao mesmo registo.

Ora eu, quando referi na minha correspondencia que o registo civil não era cumprido no concelho, não foi meu intuito melindrar os funcionarios que teem a seu cargo este serviço, nem tão pouco me queria referir a eles, longe disso, mas tão sómente ao povo na sua maioria analfabeto, que o deixava de cumprir muitas vezes por ignorancia, e queria dizer que é necessario que alguem lhe ensine as leis, que mais directamente lhes dizem respeito, como é a do registo civil, e que até hoje ninguem, oficialmente, se dignou, por qualquer forma ao seu alcance, insinar, e esse alguem, creio eu, devia partir da administração do concelho, directamente ou por intermedio dos seus delegados nas freguezias, por meio de muitos editaes, etc., etc...

Creio, salvo melhor opinião, que era isto que ha muito se devia ter feito e não se fez nem se faz.

E para terminar lhe direi que ainda ha pouco, numa das freguezias do concelho, só registaram um obito depois de sepultado. Não é isto uma falta?

A culpa é a ignorancia do povo, por falta de instrução; mas tambem é das autoridades que nada ensinam a esse povo..

Amigo, etc.

Xavier.

FALECIMENTOS

Faleceu em Pampilhosa do Botão o pai do nosso presado amigo sr. Adelino Diniz, cujo funeral se efectuou na segunda-feira com toda a solenidade, sendo muito concorrido por pessoas de todas as classes sociais.

Apresentamos á familia enlutada os nossos sentidos pezames.

*

Faleceu na quinta-feira p. passada o agulheiro reformado da Companhia Portugueza, em Pampilhosa, snr. Luiz Ferreira, que deixa na miseria viuva e 5 filhos menores.

Era um exemplar trabalhador. Que descance em pás.

Assuntos agricolas

As colheitas são boas quando os adubos são bons, apropriados e suficientes

Se todos os lavradores que verdadeiramente desejam ter grandes colheitas, que lhe dêem bons lucros da sua lavoura, aplicassem os adubos convenientemente, poderiam já hoje dizer o mesmo que ha pouco nos participa um lavrador do Alemtejo, de uma região que não tem terras de primeira qualidade. mas que podem produzir abundantemente quando bem adubadas: «Fóros da Boa Vista, Canha, 12—1—1813.— Cumpre-me dizer a V. S.ª que estou plenamente satisfeito com o aspéto das ceáras; estão muito bem afilhadas, côr muito carregada; emfim, estão muito melhor do que as dos meus visinhos, adubadas com o Superfosfato. Eu adubei com o Fosfato Tomaz, Kainite e Cal Azotada, e nãa quero deixar de adubar com os citados adubos. Pelo desenvolvimento que mostram, hão de dar um bom resultado.» (Original em nosso poder).

Em todas as terras que estejam para ser semeadas com cereaes ainda devem ser applicados os adubos referidos, ou então uma fórmula de Adubo Completo, da marca registada «Trevo de 4 Folhas». especial para a cultura e para a terra, visto que teem o azote, o acido fosforico e a potassa, necessarios para completa efficacia.

Para se ter abundancia de vinho, uvas bem amadurecidas e doces, boa rebentação e boas varas nas videiras, é indispensavel que a terra não esteja fraca e pobre ou exgotada, sendo, portanto, absolutamente indispensavel empregar um dos Adubos Completos da marca registada .Trevo de 4 Folhas»; para as terras argilosas, a fórmula n.º 548; para as terras arenosas, a fórmula n.º 516; para as terras calcareas, a fórmula n.º 316, para as terras humiferas ou muito estrumadas e negras, a fórmula n.º 551; de todas estas fórmulas aplicar a dose de 200 a 300 gramas de adubo para cada videira.

Nas terras em que as cearas já estejam nascidas, mas que se apresentem enfraquecidas ou atrazadas, não devem perder a ocasião mais propricia de aplicar o Adubo Especial de Cobertura da marca registada «Prodigio» ou seja o Nitrato Modificado com Potassa N. M. P. 104, empregando 20 a 30 kilos para cada alqueire semeado; este adubo tem o azote, que é indispensavel para fazer desenvolver os cereaes, mas, além disso, tem a potassa a qual é ainda mais indispensavel para se terem boas espigas e trigo bastante pesado; peçam esclarecimentos e experimentem já.

Os lavradores que tenham arvores de fruto, incluindo as oliveiras, não devem deixar de adubar este ano e não devem esquecer que é esta a melhor epoca, antes da rebentação, para se aplicarem os adubos especiaes, com resultados inteiramente eficazes e remuneradores.

Para a casa O. Herold & C.ª, com séde em Lisboa, ou para alguma das sucursaes, no Porto, Pampilhosa, Regoa e Faro, podem encomendar de qualquer adubo, para ser enviado pelo armazem respetivo.

Dirigir tambem a Fortunato Vaz, **Camarneira**—CANTANHEDE.

Padre Paulo Evaristo Alves

Começa hoje a abrilhantar as colunas deste jornal, com a sua valiosa colaboração, este nosso presado amigo, um dos muitos padres liberaes que comprehendem que a Republica é unica fórma de governo que ha de libertar Portugal em dias mais ou menos proximos.

O snr. padre Paulo é um espirito culto, a quem o povo da sua paroquia deve já muito.

Aproveitamos o ensejo de chamar a atenção do snr. ministro da Justiça para a sua correspondencia de hoje.

Nascimento

Deu á luz na quinta-feira passada uma robusta creança do sexo feminino a esposa do nosso presado amigo e assinante, snr. Alipio Geraldo Lopes, visitador de tração dos caminhos de ferro da Companhia Portugueza, em Pampilhosa.

TEATRO

Devem subir á scena, no proximo dia 16, no pequeno teatro d'esta localidade, as interessantes comedias «Guerra aos Nunes», «Páscoa e Quaresma», e as comedias infantis «Quem paga a conta?» e «O dia de S. Lamecha». O espetáculo promete uma grande enchente, sabendo-se que nêle tomará parte o espirituoso comico Antonio Baía, porque Antonio Baía revelou sempre bom gosto para coisas de teatro.

Recreio charadistico

No numero anterior, nesta secção, saíu *Biformes* em vez de *Duplas*. Fica rectificado.

Decifrações do n.º 49: *Cachopade, Cadimo, Matalote, Faria, Lapuz-Capuz, Salva-Malva, Viva a Republica.*

Decifradores: *Sun-yatsen (todas), Amelia da Silva, 6; Americo Antunes, 6; Viriato, 5; Pai-Piri, 2.*

Quadro de honra

Sun-yatsen

Charada

1) *Ao colega «Sun-yatsen»*

Colega, sim:—Francamente
Acho-te piramidal
Nessa tarefa fremente
Da matança charadal.
Colega, sim, realmente...

Pois se ainda ha bem pouco á China
Déste paz e liberdade,
Vens agora dar chacina
A' charada sem maldade.
Colega, sim, imagina...

Mas... o homem dissoluto
Quer descendesse de Adão,
Quer do macaco, é corruto.—2
'Stendo-te os ossos da mão:—2
Planta apenas dum fruto.

Nitrato.

2) Como é dôce—1
Alegre, suave,
Ouvir na roseira—1
O canto da ave.

Bohemio.

3) **Tipográfico**
6
T

Viriato.

NOMEAÇÕES

Foram nomeados inspectores do serviço de via e obras da Companhia Portugueza de caminhos de ferro, os nossos presados amigos snrs. João Gaioso Penha Garcia e Antonio Gaioso Penha Garcia, ficando o primeiro encarregado do serviço de pontes e o segundo exercendo as funções de chefe das oficinas d'Ovar.

Foram merecidas as distinções, pois trata-se de dois antigos e distintos funcionarios, que, á custa do seu trabalho honesto, tem sabido grangear as simpatias de que gozam entre superiores e subordinados.

Caminhos de ferro

Uma comissão de ferro-viarios procurou ante-ontem o snr. presidente do ministerio, com quem tiveram uma larga conferencia sobre a já celebre questão da Caixa de reformas e pensões. Falaremos sobre este momentoso assunto.

CORRESPONDENCIAS

Maçal do Chão, 6

Ao amigo que se lembrou de mim para correspondente desta freguezia para o denodado campeão da verdadeira democracia—*O Dever*—os meus agradecimentos.

Não poderei enfileirar com os ilustradissimos colaboradores que, ao versarem questões de reconhecida importancia actual, o fazem com uma elevação e forma aprimerada, que eu estou longe de imitar. Mas o que me falta em conhecimentos literarios, e sobretudo das lides jornalisticas, sobeja-me em amôr a esta querida Patria e á Republica, que veio livral-a das garras aduncas do jesuitismo ás quaes nos tinha entregado a fanatica Amelia d'Orleans. Posto isto, ao escrever as minhas noticias para *O Dever*, eu inspirar-me-ei mais neste amôr patriotico, do que procurarei *termos lindos* e *frases buriladas* que servem muitas vezes para esconder a verdade que se pretende ocultar, e como factos são factos e palavras..., leva-as o vento, eu apontarei factos sem me preocupar com a forma. Vamos lá, pois:

E' de lamentar que algumas freguezias deste concelho desconheçam ainda os beneficios que a Republica nos pode trazer, se nós, conjugando os nossos esforços, e pondo de parte antigos costumes, tomarmos para divisa:—Ordem e Trabalho.

Para este estado de atrazo tem concorrido a oposição ferrenha e tenaz que os padres não-pensionistas teem feito ao regime, salientando-se o da Rapa e do Minhocal. Estes dois padres, monarquicos confessos, podem tambem considerar-se verdadeiros conspiradores, pois não perdem ocasião que se lhe ofereça para dizerem mal da Republica, achincalharem as suas leis, ou deprimirem os seus homens mais eminentes. O do Minhocal, principalmente, tem um odio a tudo que cheire a republicano que leva a sua audacia a exigir quantias exorbitantes por sacramentos a pessoas que sejam mais ou menos afectas á Republica. E' preciso urgentemente que a auctoridade administrativa tome conta do *figurão*, pois nos dizem que até á hora da missa, nas suas praticas, ele ataca as leis do Paiz, o que, a ser verdade, deve ter um severo correctivo, para ensinamento dos demais *masmarros ajosuitados*.

C.

Baraçal, 6

Para falarmos de tudo, devêmos informar os leitores do *Dever* de que o carnaval este ano foi sensaborão em extremo.

A' parte uma *mascarada* de seis rapazes, nada mais se viu que merecesse atenção. Nem mesmo o nosso amigo Adriano se salientou este ano, apezar de envergar um habito que aparentava um padre no exercicio de beatisse, dos não pensionistas...

Com as chuvas, continua quasi intransitavel a estrada, sendo mesmo dificil o transito do local denominado *A Praça* até á ponte.

Já aqui tratámos ha mezes das pessimas condições de conservação da estrada do Baraçal á estação de Celorico. Está impossivel de transitarem nela carros, senão em toda, mas em parte.

A continuação do estado actual, representa a sua complete e rapida deterioração.

No centro desta terra, existe tambem uma oliveira que deita para a estrada grossas hastes e que, não só tiram a vista á estrada, vista do lado da praça, como ainda impedem que um cidadão possa seguir naquele ponto montado a cavalo, porque lhe toca com o chapeu.

Ao nosso prestante correligionario e amigo snr. Antonio Fernandes Costa Almeida, muito digno presidente da camara de Celorico, pedimos a fineza de tomar as suas providencias para que a oliveira seja aprumada de forma a desaparecer aquele inconveniente, assim como para que destaque um dos cantoneiros para reparar a estrada onde se reconheça mais urgencia, ou que nomeie, quando as circumstancias monetarias da camara o permitam, um cantoneiro para cuidar da conservação da estrada, como já em tempos idos existiu. Assim o esperam os cidadãos d'esta terra.

Apezar da colheita do azeite ter sido ótima este ano, já aqui se vende os 25 litros por 6$400 réis, preço feito por certos açambarcadores do Douro; e assim, a classe pobre, continuará a comê-lo mais tarde por preço mais excessivo.

O tempo tem estádo invernôso, não deixando que as terras altas se preparem para a sementeira da batata, que já devia estar semeada. Os centeios é que teem aproveitado com o tempo que atravessamos e dão esperança dum abundante ano cerealifero.

Ha o maior entusiasmo pela abertura dos despachos no apiadeiro, tendo a comissão já em seu poder avultada importancia para a festa que deseja levar a efeito no dia em que a Companhia da Beira os autorise como se espera já ha bastante tempo.

O nosso amigo Borges vai dár começo a um prédio junto do apiadeiro para ali instalar um seu filho com comercio por grosso e a retalho.

Que a Companhia da Beira não demore a abertura dos despachos, é o que anceia o pôvo do Baraçal e circumvisinhanças.

Fernandes d'Almeida.

Pampilhosa do Botão, 6

Fundou-se n'esta freguezia uma Caixa de Beneficencia Escolar, de cuja direção fazem parte os seguintes cidadãos: Presidente, Joaquim da Cruz; secretario, Guilherme Ferreira da Silva; tesoureira, D. Maria do Ceu Ferreira da Fonseca e vogaes, João Loureiro e Manoel de Sousa Andrade.

Esta Caixa, como se sabe, destina-se a angariar donativos para comprar todos os utensilios escolares necessarios aos alunos que frequentam as escolas d'ambos os sexos.

Devemos dizer com desvanecimento que a fundação d'esta instituição, teve por parte do povo da Pampilhosa o melhor acolhimento, pois d'isso é prova bem evidente, a já numerosa lista de socios e bem assim as respectivas quantias com que se subscreveram.

Mas, se o facto nos desvanece pelo bom acolhimento que teve esta ideia, mais nos desvanece ainda, se atendermos a que o povo vae, como prova este facto, compreendendo que não devemos esperar unicamente no que nos pode vir de cima, despresando o que nós, com a nossa boa vontade, poderemos produzir.

E' uma nitida compreensão de deveres, é um despertar de energias que enobrece o povo da Pampilhosa e nos alegra a nós bastantemente.

Oxalá que a ideia tenha a duração que nós lhe desejamos.

Da Assembleia Geral fazem parte os seguintes cidadãos: Presidente, Joaquim Simões Miranda; vogaes, Domingos Rodrigues da Silva e Joaquim Maria Pedrosa.

* * *

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

NO Juizo de Direito de Montemór-o-Velho, cartorio do terceiro oficio e no inventario por obito de José Rafael, de Tentugal, e no qual ficou como cabeça de casal a filha Maria de Jesus, do mesmo logar, correm editos de 30 dias, a contar da ultima publicação dêste anuncio, citando para todos os termos até final do mesmo inventario os herdeiros Maria Craveiro e marido Manuel da Cruz, Rosa Craveiro e Conceição Craveiro, ambas solteiras, e todos estes ausentes em parte incerta no Brazil.

Montemór-o-Velho, 27 de janeiro de 1913.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,
Lemos Viana.

O escrivão,
José de Paiva Bobela Mota.

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

NO Juizo de Direito de Montemór-o-Velho, cartorio do terceiro oficio e no inventario orfanologico a que se procede por obito de José Gonçalves Rama, da Torre. e em que é cabeça de casal o filho José Gonçalves Rama Junior, do mesmo logar, correm editos de trinta dias, a contar da ultima publicação dêste anuncio, citando para todos os termos até final do mesmo inventario, o interessado Joaquim da Silva Alheio, casado, ausente em parte incerta no Brazil.

Montemór-o-Velho, 27 de janeiro de 1913.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,
Lemos Viana.

O escrivão,
José de Paiva Bobela Mota.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sede em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

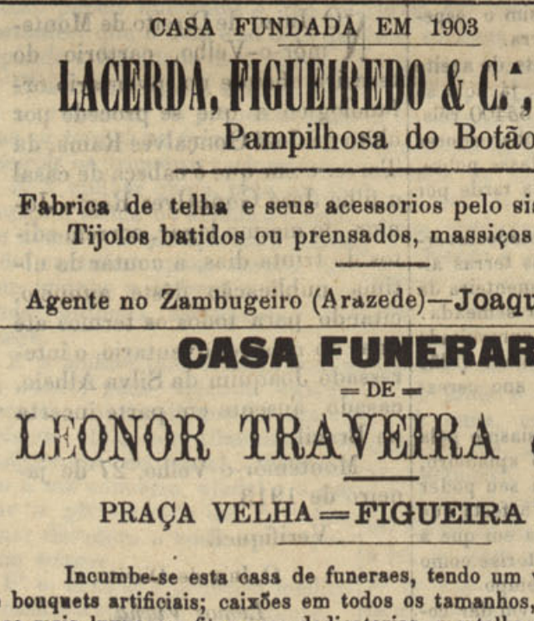
LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:
1$000
1$200
1$500

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez.
Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

Bicicletes de diversos autôres, desde 25$000 réis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramafones e musicas, em casa de

José M. Figueira

CANTANHEDE

MURALINE

Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 1.º — Arazêde, 16 de Fevereiro de 1913 — N.º 52

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

Redactor e editor — ALMEIDA JUNIOR

Administradór — *ANTONIO ISMAEL DA CRUZ*

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

MORALIDADE

De há longos anos que no nosso país não existe uma paridade indispensavel aos organismos sociais que pensaram um dia em perfectibilisar-se por modernos processos governativos para atingirem a meta do ideal que os faz apressar no concêrto harmónico dos verdadeiros organismos mundiais. Essa qualidade, êsse atributo que é o *substractum* de todos os atributos inerentes ás modernas colectividades, chama-se—*juizo*. Juizo é, pois, uma coisa de que ha muito anda divorciada a sociedade portuguêsa, e de tal forma que até os paizes dinasticos chegam a frisar o facto em termos que nos deprimem.

Se houvesse a intuição clara e precisa de que os governos em Portugal apenas deveriam servir para administrar a propriedade colectiva, de maneira a torna-la mais remuneradora, mais util e mais florescente, e que além disso, para imprimir caracter de vitalidade ao corpo dos cidadãos, deveriam servir tambem para os tornar forças produtoras, consciencias educadas, e não entidades amorfas—não veriamos lamentavelmente formarem-se partidos políticos a trouxe-mouxe, com a preocupação unica e feroz de que eles hão de servir para degladiar, para combater, que o mesmo é dizer, para aniquilar.

Um partido, qualquer que ele seja, a menos que se não apodére da noção radicada de que só póde viver para garantia da felicidade do seu país e dos direitos dos cidadãos que o compõem, não tem rasão alguma de existir. Em vez de ser um instrumento que sirva para canalisar energias reformadoras da sociedade, converte-se num trambolho, num tropeço, em que baqueiem todos aqueles que querem marchar para a frente. Deixa de ser um mobil de progresso para ser uma barreira estorvante e incómoda.

E' por isso que nós, em principio, não admitimos os partidos que só fazem luxo da sua politica como suprema base da sua existencia. Se o partido A sóbe ao poder, ainda mesmo que ele pense em governar com a nação, é combatido intransigentemente pelo partido B que lhe declara a oposição mais tenaz. Depois surgem os obstrucionismos que impedem a execução duma boa obra, ha as morosas discussões dos projectos de lei, nem sempre impregnados de bom-senso, ha a maioria de votos contra um projecto de utilidade publica, e por fim, após multiplas contradanças que têm sustentado o partido A na corda bamba, lá cai este partido de pé ou na lama para ceder o logar ao outro partido que irreverentemente lhe criticou os actos, por entre um estardear banal de merecimentos e de superiores critérios, e que, no fim de contas, vale tanto ou ainda menos do que o seu antecessor.

E' isto que tem de acabar; é isto que é nojento, que é repugnante e que revolta as consciencias mais pacificas. Ou a Republica se implantou para iniciar em Portugal uma era de rejuvenescimenio e de prosperidade colectiva, ou ela fica sendo um perfeito traslado do anterior regime, com todas as suas máculas e todas as suas torpezas.

Atendam, senhôres politicos, que o momento é grave. Está no poder um governo que prometeu trabalhar, honrando os seus compromissos; não lhe movam a sistmática oposição que era um caraterístico da monarquia, deixem-no agir livremente, desassombradamente; e depois—mas só depois—déem balanço á sua obra governativa, e se ela não corresponder ás aspirações mais ingentes da nacionalidade, terão então ensejo de lhe disparar em cheio os doestos mais formidaveis e justiceiros.

Antes disto, é necessario haver moralidade, muita moralidade; porque, havendo-a, é um agradavel sintôma de que começa a haver juizo, aquele juizo de que ha longos anos anda divorciada a sociedade portuguêsa, com pleno desprestigio para nós, perante o estrangeiro que, com rasão, nos apelida de *doidos*...

CRÓNICA DO PORTO

Como é triste o sofrêr entre o sofrêr dos outros!

Se á volta do nosso leito de martirio nos surge um sorriso de paz consoladora, se para nós se estende um braço bendito e carinhoso, o pungir é menor, a dôr é mais suave. Mas, se por sobre nós se inclina um peito em convulsões crueis, se ao nosso ouvido chega o grito dos que sofrem, ah! o sofrimento é rude, é crú, é insuportavel...

Era isto que o meu coração me segredava, uma destas noites, ao regressar a minha casa de triste solitario.

Numa viela de pobres meretrizes — que para aqui se chama rua de S. Roque — eu vi a força armada, numa vaidade inconcebivel de autoridade, arrastar essas pobres aos carceres nojentos onde faltam luz, vida e salubridade!

Mas... expliquemos o caso:

Chegou aos ouvidos da ex.ma Sacerdotisa da Moralidade que na rua de S. Roque se praticavam coisas odiosas, crimes colossaes...

Moralidade impunha-se, vicio tripudiava, mas, autoridade mandava e para isso resolveram expulsar as infelizes! A resolução fez-se verbo e o verbo encarnou e... habitou entre nós.

E então, n'essa soturna noite, lá foram as tristes cercadas por uma força de policia até ás nojentas prisões do Aljube, onde ha muito escasseia a vida, a luz e o ar vivificante.

E como elas choravam, como os seus ais se evolavam na escuridão da noite — pombas feridas contorcendo as azas!

E o cortejo lá ia, rua acima, em direção aos carceres funerios da santa Moralidade, esvaindo do seu seio de horrores o pungir das infelizes que uma sociedade prostituiu e a deusa lei reconheceu e sancionou!

Ainda muito doente, eu sofria cruelmente, e como é triste o sofrêr entre o pungir dos outros!

Luz, queremos mais luz, luz sacrosanta que nos dê direitos, luz redentora que nos dê vingança!...

Não bastaria ás pobres margaritas o escarneo da multidão, os motejos dos libertinos, a bordoada infame dos *souteneurs!*

Não. Era forçosa a Lei, a dura Lei de olhos vendados, que nunca pôde vêr os prantos amargos dos pobres oprimidos! ..

Porto, 10—2—1913.

Gomes Monteiro.

Os que teem fome!

Ilha dos Faisões, nov. de 912.— Quando embarquei, á saída de Fuenterrabia, no pequeno batel que devia levar-me a Hendaya, assaltou-me o mesmo bando de garotos, imundos e descalços, que me aguardava á chegada. Esperavam-me, grunhindo em vasconço umas palavras, onde se entendia só a frase «perra chica»: são os seus dez réis. Saltaram para dentro do barco, a querer dar-me a mão; ora, sujidade por sujidade, antes a da vasa do rio. Dei, ao bando, umas «pêras» e recusei o auxilio.

* * *José d'Alpoim.*

Coitados dos que choram, dos que, com fome e com frio, estendem por essas ruas e avenidas a mão esquelética á caridade pública!

«Sujidade por sujidade, antes a da vasa do rio.» E' que as mãos dos pobres, sujas mas talvez imaculadas, importunam sempre os que, esquecendo os mais rudimentares deveres de humanidade, passam óvantes em confortaveis *charrets* ou se refastelam em almofadadas poltronas fumando charutos caros, isto é, deitando fóra o que a outros tanta falta faz.

Coitados dos que choram, dos que, com frio e com fome, percorrem essas ruas apinhadas de ociosos, mas onde a miseria é mais funda, é mais contaminante a degração, mais nociva a sujidade, porque, a par da sujidade do corpo, ha, mais nociva ainda, a sujidade da alma, a sujidade do sentimento.

«Sujidade por sujidade, antes a da vasa do rio». Assim falou o sr. José d'Alpoim, referindo-se ao facto dumas criancinhas, sujas e descalças, miseraveis e famintas, lhe terem oferecido a pobre mão para auxilia-lo na saída do barco em que, contente e distraído, terminava um dos seus passeios em Espanha.

Mas os pobres, os que choram, os que sofrem, hão de ter um dia, esperanças temos disso, a sua hora de luminosa e compensadora libertação. E quando essa hora chegar, quando a humanidade se convencer de que a Vida é de todos, o sol do prazer e do conforto deve acalentar a todos, já os ociosos não preferirão, ás mãos esqueléticas dos desgraçadinhos, a sujidade das vasas das levadas que vão correndo a trajectoria que a natureza lhes marcou.

Mas... coitados dos que choram, dos que, com fome e com frio, estendem por essas ruas e avenidas a mão esquelética á caridade publica.

Almeida Junior.

Um padre reaccionário

O priôr da freguezia de Arazêde, padre Joaquim Maria Larangeiro, que quere agora celebrisar-se pelas suas tendencias reaccionárias, declarou domingo passado na igreja, á hora da missa, que não consentia dentro do templo as pessoas que não cumprissem com os preceitos da religião; que todos aqueles que apenas se limitassem ao registo civil não teriam entrada na casa do Senhor; e que faria gratuitamente os actos religiosos a todos os que a eles recorressem. Declarou tambem que não faria encomendação alguma de qualquer cadaver que em vida não fosse religioso, pois que, para isso, tinha recebido, ao que parece, ordens terminantes dos seus superiores.

E' isto que nos acabam de comunicar pessoas que assistiram ás declarações do snr. Larangeiro. Não curamos agora de saber se o padre Larangeiro recebeu frete do seu prelado ou doutra entidade eclesiastica para dêle se desobrigar perante os seus paroquianos, ou se foi ele mesmo que espontaneamente se lembrou de dar brado na igreja com tão insolitas declarações. O que é certo é que se trata dum padre, cômo muitos que por ai abundam, que têm o feitio de agredir a lei da Separação que tais abusos não consente e que n'esta freguezia está sendo desrespeitada pelo snr. Larangeiro, que quer arvorar-se em régulo d'aldeia, sem que as autoridades que têm interferencia no assunto puzessem ainda cobro a semelhantes anomalias.

Disse-nos ainda pessôa de confiança que o mesmo bombástico padre affirmára que, enquanto fosse prior de Arazêde, ninguem lhe tiraria o passal. Em que se baseia o padre Larangeiro para garantir o usofruto do passal anexo á igreja? Se o passal e a casa da escola do sexo masculino não foram metidos no arrolamento, urge que a autoridade do concelho o mande verificar para nêle sêrem incluidas aquelas propriedades do Estado. O que se não póde admitir é que isto por aqui côrra á matroca e ao arbitrio dum padre que não é republicano, que não é liberal, mas que faz o que quere, com conhecimento das autoridades.

Não largarêmos mão do assunto, enquanto não virmos situações definidas.

A Companhia da Beira Alta e a Associação Comercial da Figueira da Foz

Entre aquela Companhia e esta Associação foram ultimamente trocados os seguintes oficios:

Ex.mo Sr. Presidente da Associação Comercial da Figueira da Foz:

Tendo tido conhecimento de que a mui digna Associação a que V. Ex.ª tem a honra de presidir, dirigiu ha dias, á Direcção Fiscal do Governo, uma representação em que são expostas varias reclamações contra os serviços desta Companhia; permita-me V. Ex.ª que, em nome do seu Conselho d'Administração, aduza as razões que a ela assistem, para justifiação das faltas que V. Ex.ª e a sua muito respeitavel colectividade lhe imputam.

Segundo as informações que me foram fornecidas, ha na vossa representação—afóra os duros comentarios que ferem pela flagrante injustiça—tres acusações concretas:

1.ª—A insuficiencia do quadro de carregadores na estação de Figueira;

2.ª—A escassez de material destinado ao transporte de mercadorias;

3.º—A substituição de antigos agentes por gente nova.

Com respeito á primeira, cumpre-me informar a V. Ex.ª que, realmente, o quadro da estação de Figueira é limitado a 13 carregadores; porém, o numero de suplementares, admitidos nas ocasiões em que o serviço adquire maiores proporções, atinge — por vezes — o dobro e muito mais.

Numa empreza de apoucados recursos, como esta—sob o regimen de concordata—a Administração falsearia o seu mandato se não moldasse todos os seus actos nos principios do bom senso e da economia.

O alargamento de quadros, que parece ser indicado por essa Associação, para prever necessidades eventuais e para as que se dão apenas, momentaneamente, em certas e determinadas épocas, seria um dispendio inutil, incompativel com as regras da boa administração.

Passando á segunda—«a escassez de wagons»—limitar-me-hei a apresentar a V. Ex.ª as seguintes considerações:

1.ª que a plétora do tráfego, registada no corrente ano, quando todos os indicios politicos, financeiros, economicos, etc., faziam até prever um importante decrescimento na permuta comercial do nosso País, foi verdadeiramente anormal;

2.º que, em virtude da afluencia extraordinaria e imprevista de trafego, a falta de wagons não se deu sómente na Companhia da Beira Alta; mas sim, e talvez até mais sensivelmente, em todas as principais emprêsas ferro-viárias do nosso país, onde as requisições diarias não satisfeitas ascendem a muitas centenas de veículos;

3.ª que tendo sido, até á presente data, de 150 wagons o número mais elevado dos pedidos diários não satisfeitos por esta Companhia, desde que começou a acentuar-se a falta de material, bastariam apenas 30 wagons (já encomendados e cuja entrega deveria ter sido efétuada em junho passado) para a fazer desaparecer totalmente num mês (admitindo para a rotação de cada wagon o largo periodo de 6 dias);

4.ª que tendo sido já feita uma importante encomenda de material á Société Dyle & Bacalan, esta Companhia não só patenteou, em face das circunstancias acima enumeradas, o nitido desejo de bem servir o publico, como—inclusivamente — o de dotar todos os seus serviços com os maiores aperfeiçoamentos modernos;

5.ª que não tendo o construtor, por causas fortuitas que alegou, como gréves, acidentes, etc., feito a entrega dos wagons em maio, conforme o preceituado no contráto; não póde nem deve—em justiça—ser esta Companhia arguida de imprevidente ou de não cuidar atentamente nos interesses do publico, como parece depreender-se das ilações da vossa representação;

6.ª que, no intuito de impedir a repetição de semelhantes imprevistos, o Conselho de Administração, nas suas sessões de novembro ultimo, deliberou, além do material já encomendado, adquirir mais, no estrangeiro, pa-

ra entrega em 1913 (por todo o mez de agosto):

20 wagons L
20 wagons O
10 wagons G

mandando, tambem, construir nas suas oficinas de Figueira. 12 wagons.

A' terceira acusação, que é dirigida por essa colectividade, ou seja a que se refere á «substituição de antigos agentes por novos» dá me o ensejo de verificar, mais uma vez, com intenso pesar, quanto a critica é facil e quão dificilima, ardua e espinhosa é, hoje em dia, a missão de dirigir e administrar.

Terá, porventura, esta Companhia culpa de que um seu ex-funcionario superior, atualmente ao serviço do Caminho de Ferro do Lobito, tenha recrutado, de preferencia, de entre os seus antigos subordinados e amigos, os agentes de que aquele Caminho de Ferro carece para a sua exploração?

Póde esta Companhia ser arguida, com justiça, pelo facto de ter sido compelida a demitir alguns agentes, por faltas gravissimas e por queixas do publico, devidamente confirmadas?

Se ela tivesse procurado fóra o pessoal para preencher essas vagas, estou certo que muitos dos que agora a acusam sómente pelo facto de ter sido respeitada a escola de promoção, seriam, talvez, os primeiros a incrimina-la por ter impedido o acesso aos seus agentes e até... por fomentar gréves.

Por ultimo, transmito a V. Ex.ª, em nome do Conselho d'Administração desta Companhia, a expressão do seu intenso pesar, pela representação que, por essa Associação, foi dirigida ao Governo.

Lisboa, 27 de dezembro de 1912.

O Administrador Delegado,

Luiz Ferreira da Silva Viana.

—

Ex.mo Snr.

Dignou-se v. ex.ª dirigir a esta Associação Comercial o oficio n.º 11669, datado de 27 de dezembro ultimo, a proposito da representação que esta colétividade dirigiu, em 6 do referido mez. á Direcção Fiscal do Governo, a solicitar que fossem tomadas providencias que normalisassem os serviços de movimento dessa Companhia.

Não posso deixar, em nome desta Associação, a que tenho a honra de presidir, de agradecer a deferente amabilidade de v. ex.ª, sem contudo deixar tambem de fazer algumas observações que o oficio de v. ex.ª reclama.

V. ex.ª começa por dar-me a entender que não leu a representação que esta Associação dirigiu áquela Direcção Fiscal, e que foi publicada na imprensa, pois a ela se refere dizendo que o faz *segundo informações que lhe foram fornecidas.*

Se v. ex.ª tivesse lido a representação, decerto não teria classificado de duros os termos ou comentarios, como v. ex.ª diz, em que ela foi escrita, nem a teria acusado de injusta.

A verdade é que esta Associação não teve nem podia ter outra intenção que não fosse a de conseguir que essa Companhia corresponda, nos seus serviços, como é justo, necessario e de lei, ás reclamações publicas e ao interesse do comercio, que esta colétividade não póde deixar de defender sem faltar ao mais elementar dos seus deveres.

Nunca teve, nem poderia ter o intuito de ferir essa Companhia ou maguar v. ex.ª.

Se v. ex.ª pudesse ou quizesse ouvir as continuadas reclamações publicas contra os serviços da Companhia da Beira Alta, havia de convir que esta Associação foi bem suave nas suas reclamações.

Mas permita-me v. ex.ª que responda propriamente ao seu oficio, seguindo as suas considerações:

Insuficiencia de carregadores: A esta Associação ou ao comercio da Figueira, que ela representa, é afinal indiferente que o quadro dos carregadores da estação da Figueira seja maior ou menor.

Não insiste em pedir que o quadro dos carregadores seja aumentado. Pequeno ou grande, basta-lhe que seja suficiente para que sem demoras o serviço de pesagens de wagons com cal, sal e outras mercadorias seja feito sem inconvenientes e sem paralisação do restante serviço de movimento de pequena velocidade, e sem que os expedidores ou consignatarios tenham necessidade de contratar pessoal para fazer o serviço, o qual, todavia, nem por isso deixam de pagar á Companhia (despezas de manobras, etc).

Nada tem esta Associação ou o comercio local com a circunstancia que v. ex.ª indica dos apoucados recursos dessa Companhia, nem a de ela estar sob o regime de concordata. Nada tem que ver com a administração interna dessa Companhia. O que lhe importa é que as manobras para as pesagens dos wagons completos e que as descargas das mercadorias se façam regularmente, sem delongas, como devem fazer-se, a bem dos interesses do comercio e da industria, que neste ponto devem ser e são harmonicos com os da Companhia e certamente tambem com os bons principios do bom senso e da economia.

Escassez de material circulante: Não pode esta Associação concordar com a primeira consideração de v. ex.ª.

Não havia indicios politicos, financeiros ou economicos que fizessem prever importante decrescimento na permuta comercial do nosso pais. V. ex.ª, neste ponto, deixou-se seduzir pelas atoardas malevolamente espalhadas pelos inimigos das atuais instituições politicas, na intenção de lhe dificultar a marcha.

A revolução que mudou o regimen politico da Nação teve logar ha mais de dois anos, e nem ela, o que é admiravel, nem os acontecimentos que se lhe seguiram, o que é natural, dada a manifesta confiança geral no novo estado de coisas, causaram a menor perturbação nos negocios nacionais: publicos ou particulares.

Se o trafego da Companhia da Beira Alta era felizmente de ha muito sempre crescente sob o antigo regimen politico, nada fazia prever que ele não continuasse a aumentar e até mais sob o atual regimen, sob o qual é de esperar o resurgimento das energias nacionaes.

Era absolutamente de prever o desenvolvimento do trafego.

Peço a v. ex.ª que me dispense de apreciar algumas das suas considerações, taes como as que dizem respeito ao numero de wagons que essa Companhia encommendou e que espera muito brevemente. Ha muito tempo que se anunciam, da parte da Companhia da Beira Alta, identicas promessas.

São tambem assuntos que dizem respeito á administração interna da Companhia.

Pela parte desta Associação, e em nome do comercio local, direi a v. ex.ª, semelhantemente ao que deixo dito sobre carregadores, que nos é indiferente que essa Companhia disponha de mais ou menos wagons, bastando que ela disponha dos suficientes para satisfazer regularmente o movimento das mercadorias.

Agradeço a v. ex.ª a amabilidade das suas explicações; mas peço licença para lhe dizer que elas só teem o valor de amabilidades, emquanto as promessas de v. ex.ª não forem convertidas em factos concretos.

Substituição de pessoal: Tambem peço licença para observar a v. ex.ª que só nas suas provaveis — e bem infelizmente já verificadas — consequencias, a esta Associação póde interessar este assunto.

Se a ele me referi, foi simplesmente para indicar uma das provaveis causas da desorganisação dos serviços com que a Companhia está lutando e que v. ex.ª implicitamente confessa, atribuindo-a, afinal, á saida do melhor pessoal para o caminho de ferro do Lobito.

Longe está esta Associação do proposito de intrometer-se em tal assunto. Que a Companhia tenha pessoal novo ou antigo, isso é exclusivamente com ela e por fórma alguma com esta colétividade, que deseja simplesmente cumprir o seu dever, para com o comercio e o publico em geral, conseguindo, em termos rasoaveis, que essa Companhia satisfaça inteiramente ás justas reclamações que lhe foram feitas, não deixando de ter em vista que o serviço dos Caminhos de ferro é um serviço concedido pelo Estado, dentro de preceitos e de leis que devem respeitar-se e cumprir-se a bem das fontes da riqueza publica, e não á mercê de mesquinhas economias que não estão decérto no alto espirito de v. ex.ª.

Não devo terminar estas considerações sem tomar a liberdade de lembrar a v. ex.ª que a nossa representação á Direcção Fiscal do Governo, alêm de moderada, foi omissa em variados assuntos que dizem respeito á estação da Figueira.

Nesta estação, as retretes estão num deploravel estado de imundicie, como de resto todo o edificio da estação, o que não é proprio duma estação com a importancia que tem a da Figueira.

Estou certo de que v. ex.ª ignora, em parte, este vergonhoso estado de coisas a que urge pôr termo.

A iluminação na gare é outra vergonha ferro viaria. E' feita com uns mal preparados candieiros de petroleo ou acitilene, sem poder iluminante suficiente, podendo dizer-se que a gare quasi sempre está ás escuras.

Entre as linhas n.os 1 e 2, ha dois candieiros pequenos e tão sujos que pouco iluminam; só por acaso ali não se teem dado desastres por falta de luz. Entretanto, consta a esta colectividade que a estação de Luso, evidentemente com muito menos movimento, está sendo iluminada brilhantemente, com candieiros de sistema moderno.

Facil seria a v. ex.ª mandar adotar, nesta estação da Figueira, o mesmo sistema de iluminação.

Resumindo: a estação da Figueira precisa de uma completa transformação, porque tal como está só deprime a proprietaria e prejudica o bom nome da Figueira.

Avisos de chegada: Os avisos de chegada na Companhia Portugueza substituem as senhas das remessas e passando-se o recibo num deles, sem selo, o consignatario pode levantar a remessa que lhe é destinada.

Na Companhia da Beira Alta os avisos não teem este prestimo, pois não são aceites em substituição das senhas extraviadas; e, quando o consignatario precisa de levantar a sua remessa, tem que comprar por 10 réis um impresso (recibo suplementar) e selal-o com um selo de 60 réis.

Aonde a Companhia da Beira foi descobrir esta legislação, para exigir um selo de 60 réis em cada recibo suplementar, não sei; mas se ela existisse, certamente que a Companhia Portugueza a teria já aplicado nos seus serviços. Isto é o que me parece intuitivo; nem o Governo estaria a perder uma receita legal.

Espero, pois, que v. ex.ª se dignará providenciar para que os avisos de chegada da Beira Alta tenham a mesma utilisação que os da Companhia Portugueza, e tambem sem selo.

Aplicação de tarifas: Chamo tambem a atenção de v. ex.ª para o seguinte: Existem aqui tres fabricas de cal *que só queimam lenhas*, e alguns empregados da Companhia da Beira Alta, já por mais duma vez, a uma dessas fabricas, teem querido fazer pagar o transporte como *madeira*, ao que é simplesmente *lenha*; e se este abuso não chegou a efectuar-se e a dar logar a uma questão entre a Companhia e o consignatario, deve-se ao bom senso e criterio imparcial dos srs. inspector Prazeres e ex-chefe de Figueira, Bento da Cunha, que emendaram o erro do factor da pequena velocidade.

Terminando: creio que v. ex.ª estará plenamente de acordo comigo nesta orientação que aqui traduzo: fecilitar o desenvolvimento das industrias e dar rápido expediente ao comercio, não lhe creando nunca embaraços.

Estas considerações são inspiradas no interesse geral, sem exclusão do dessa Companhia, cujo inspector de Movimento, o sr. Prazeres, sempre procedeu correcta e honestamente, para com o publico, atende-o sempre com a maxima delicadeza, o que agradavelmente aqui deixo registado.

Saude e Fraternidade.

Figueira da Foz e Secretaria da Associação Comercial, 5 de fevereiro de 1913.

Ex.mo Sr. Administrador-Delegado da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes da Beira Alta.— LISBOA.

O Vice-Presidente,

João José da Costa Monsante.

CONSORCIOS

Consorciou-se no dia 11 do corrente com a snr.ª D. Candida da Conceição Lopes, o nosso presado amigo, snr. Alberto Mendes dos Santos, vulgo Antonio da Botica, revisor da Companhia dos Caminhos de ferro Portuguezes.

Foram padrinhos dos noivos o nosso tambem presado amigo Americo Cardoso da Silva, empregado muito distinto da Companhia das Aguas Lisboa e sua ex.ma esposa D. Rosa da Silva.

Desejamos aos noivos um futuro muito muito risonho e repleto de prosperidades.

Antonio da Botica é muito conhecido entre os ferro-viarios, porque, sem faltar ao cumprimento dos seus deveres, é rapaz muito divertido, ao lado do qual o tempo se passa voando.

*

Casou ha dias o nosso presado assinante Miguel Prieto, com a snr.ª D. Encarnação Marinho Lamosa.

Foram padrinhos os snrs. Francisco Marinho Mamosa e sua esposa.

Desejamos aos noivos felicidades e prosperidades.

DOENTE

Está doente o pai dos nossos presados assinantes do Travasso, srs. João Pereira e José Joaquim, aquele empregado da Beira e este do Norte.

O doente, que acaba de sofrer uma melindrosa operação, feita pelos abalisados clinicos srs. drs. Luiz Navega e Luiz Rosete, senador, acha-se felizmente em via de restabelecimento.

Desejamos as melhoras do doente, que, a despeito dos seus 74 anos de idade, bem merece ser venerado por ser um homem de bem.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XLIV

Um «doutor» que precisa de tosquia. — O «homem» entende que o professor primário fica bem pago com 490 réis por dia. — Que tem o professor a esperar de tais mazombos?

Aquela de um tal sr. Teixeira de Azevedo, como toda a gente bacharel formado e oficial ou coisa que o valha da direcção geral de instrução primária, fazer publicar em dois jornais de Lisboa, sob a forma de entrevista, umas considerações ácerca da falta de professores que se está fazendo sentir no nosso paiz tem justamente dado que falar no seio da classe a que pertencemos. Entre outros, *Bibiano Astreia*, que não tem papas na lingua, aplicou-lhe já, na *Federação Escolar*, algumas ripadas magistrais, que deixaram o *doutor* a escorrer sangue. E, nós, embora já um pouco tarde, não queremos tambem deixar o facto sem alguns comentarios, que não serão contudo originais.

O homem, se lhe fossem dizer que o exercicio da advocacia devia de ser permitido ao professor primário, era capaz de estoirar, quando mais não fosse de riso. E com rasão. Mas vem-nos declarar, todo revestido de autoridade que ninguem lhe admite, que um dos disparates da atual legislação escolar é não permitir o exercicio do magisterio primário a quem não tenha frequentado as escolas normais—nem aos proprios bachareis formados, como sua excelencia!

Na realidade, o sr. *doutor* não fez mais do que exteriorisar uma ideia dominante na sua classe. Quem frequenta a Universidade vem cá para fóra julgando-se apto para tudo—desdé dirigir o paiz até ensinar o povo. E, no entanto, os bachareis dão, com raras excepções, maus politicos—como dariam péssimos professores.

Mas em conceitos bizarros é o homem pródigo. Este outro ainda, para exemplo: um professor d'aldeia está muito bem pago com 180$000 réis. Ele o diz, revestido de auctoridade que ninguem lhe admite. E dilo porque, para sua excelencia e para os mais *doutores*, todo o serviço que por eles não seja desempenhado é ordinario e, consequentemente, não merece grande paga. E ainda porque julga, decerto, que o professor primário e a familia que acaso possua se podem alimentar de ar, ou então da graça de Deus, como se diz em estilo de egreja.

Vejam que terá o professor primário a esperar, com gente desta nos logares predominantes da direcção geral de instrução a que está subordinado. E ainda ha quem se admire de nós sermos péssimista...

Prof. Manuel José Antonio.

Carnaval religioso

Na freguezia das Febres, do concelho de Cantanhede, o beatismo, como lhe sôa mal aos ouvidos os divertimentos tão proprios destes dias, conseguiu que o páraco daquela freguezia consentisse em que nos tres dias de Carnaval estivesse a egreja aberta, com exposição do Santissimo, sermões e missa cantada a grande instrumental! Isto fazem as beatissimas criaturas, pobres de espirito, no intuito de chamarem o povo daquela freguezia ao verdadeiro caminho da religião, evitando que assim andem pelas ruas em folias, e em divertimentos tão proprios destes dias, que para eles representa uma ofensa á religião de Cristo. E lá vão todos aqueles santinhos passar os tres dias de Carnaval a mastigar padre-nossos e avé-marias dentro da igreja sem que se arrependa a maior parte deles, pois que, antes de para lá irem, e depois de lá virem, andam pelas propriedades alheias a usurpar o que os seus donos por lá teem, assim como praticam outros actos muito mais condenaveis.

Santas criaturas, que em morrendo vão mesmo direitinhas ao... Ceu.

E não haver neste mundo quem os corresse a... batatas.

J. Marques Figueira.

REFLEXÕES

A higiene da alma é tanto ou mais necessaria que a higiene do corpo.

Uma conquista a saude (prazer pessoal); a outra conquista a Liberdade (prazer que transmitimos a todos os homens, indistintamente).

Uma proporciona-nos a vida; a outra ensina-nos a viver.

=

Sejamos bons e seremos felizes.

=

A Sociedade que proteger a criança e educar a mulher, será no futuro uma Sociedade prospera e feliz, porque é n'essas entidades que se forma o genero humano.

=

Mentir é profanar o que existe de mais santo no coração humano: a consciencia. E' afirmar factos que Ela não sanciona por que os não *sentiu*.

J. F. da Silveira.

CARTA DO PORTO

O que vale o olhar arguto da nossa policia. Seu ótimo serviço. Seu bom comportamento. — O «Veronese». — A Carris.

Em 7 do corrente, á noite, quando da Camisaria Confiança saíam as costureiras, deu-se um caso devéras lamentavel que mais uma vez provou os ótimos serviços da nossa policia.

Como agora anda em moda a repressão das *mulheres toleradas*, o cabo Bernardino Lopes, acompanhado por tres guardas, acercou-se de algumas operárias que ali trabalham e deu-lhes voz de prisão como se elas pertencessem á triste categoria das pobres meretrizes! Para mais, uma dessas operárias, sendo casada, tinha o seu marido á espera déla num dos passeios fronteiros.

Então caiu o Carmo e a Trindade.

Ninguem bem intencionado aprovaria a censuravel proeza e por isso se levantaram enormes protestos que teriam sido fatais se as autoridades superiores não tivessem comparecido como compareceram.

Agora o cabo *famoso* encontra-se suspenso e vai responder.

No fim de contas, esta é bem de cabo de esquadra!...

A par disto, o comportamento da já tão tristemente célebre corporação é o que se pode ver. Ha dias foi condenado em dois dias de prisão um guarda por faltar á sua hora de turno e porque foi encontrado em completo estado de embriaguez. Levou só esta pequena *talhada* olhando-se aos serviços prestados no salvamento dos naufragos do *Veronése*.

E, por falar no *Veronése*: Dos feridos que se encontravam no Hospital da Misericordia sómente dois sofrem o curativo.

Coitados, mas felizes, todavia... Felizes porque na solidão do seu leito estão libertos dos *beijos* dos negregados motauros da Companhia Carris.

Mortes, atropelamentos e que mais sei eu?

Encheria o jornal e não diria tudo

Porto, 10 | 2 | 913.

Nitrato.

Manoel d'Almeida Junior

Pede a todas as pessoas de suas relações e outras que tenham de lhe dirigir correspondencia, a fineza de o fazerem para o *Hotel Porto*, Rua do Amparo, n.º 12—*Lisboa*.

Notas criticas

«A manufactura do ouro será para os nossos filhos um brinquedo de crianças» — disse Edison a um jornalista americano.

Estou já vendo daqui as novas gerações arregalando o olho na espectativa da riqueza para todos. Fazer ouro! O sonho dos alquimistas, a obcessão formidavel que simultaneamente despertava a cobiça dos ambiciosos e a fantasia dos poetas! Nicolau Flamel vai resuscitar. Sem ser necessario enterrar um raio de sol, durante oito mil anos, para se converter em ouro, como Averrhoes pretendia, esse ouro fabricar-se-á com tanta facilidade, tão pequeno dispendio de inteligencia e esforço, que até as crianças o fabricarão.

O sonho converter-se-á na realidade, diz Edison. O que era o pensamento ancioso e frustrado do mundo antigo tornar-se-á a vulgaridade singela e banal do mundo futuro. Simplesmente cumpre observar que então todo o seu miraculoso poder se desvanecerá, como se apaga o raio do sol de que os astrologos o supunham composto. O ouro é precioso, o ouro é onipotente, por ser relativamente raro. Desde que se fabrique como vidrilhos passará o seu valor a ser minimo, senão nulo.

Vêr-se-á então homens, que seriam milionarios em nossos dias, arremessando de si, com desdem, como miseros e insignificantes calhaus, as mesmas barras de ouro por que os seus antepassados deliravam, nas alucinações da cobiça e do crime.

Nunca o mundo será tão pobre como quando pudér fabricar punhados de ouro. Esse ouro será bem um brinquedo de crianças depois de ser a maxima ambição dos homens. O seu brilho suscitará um prazer infantil. Será um brinquedo que, como todos os brinquedos, acabará por ser desprezado. E a humanidade futura não acreditará que a historia goteja sangue das suas paginas, onde se inscreve a luta terrivel por esse metal amarelo e desvalorisado que a desencadeou durante milhares de anos, resplandecendo, como um idolo, sobre a hecatombe das suas vitimas.

MARIO SIMÕES DA SILVA.

DE LICENÇA

Está no goso de alguns dias de licença o nosso respeitavel assinante snr. Joaquim Ribeiro, revisor muito zeloso da Companhia dos Caminhos de ferro Portuguezes.

Que em companhia de sua ex.ma familia aqueles dias passem felizes é o que sinceramente lhe desejamos.

«Petições de recurso»

São dois folhetos que recebemos da livraria França Amado, de Coimbra, um da pronuncia do arcebispo-bispo da Guarda, e outro da do cónego José Alves Matoso. Em ambos figura como advogado o dr. Manoel d'Oliveira Chaves e Castro.

Agradecemos os exemplares oferecidos.

Jorge Barata Salgueiro

Do Porto, onde havia ido tratar dos seus importantes negocios de commissões e consignações, regressou a Lisboa este nosso presado amigo e assinante, que na capital do norte tambem é agente da Companhia Internacional dos Wagons Leitos e dos Grandes Expressos Europeus.

JORNAIS E REVISTAS

Recebemos o «Arauto Escolar», interessante revista semanal para professores, de que é director o distinto professor primário sr. J. Gonçalves Queiroz. Insere secções de critica, prática, literária, pedagógica e oficial, todas proficientemente tratadas.

Ao novo colega, que se publica em Aveiro, desejamos longas prosperidades.

= Tambem recebemos «A Lanterna», folha humoristica ilustrada, que se publica em Lisboa, e de que é director-proprietario o sr. Campos Dumas. Insere secções e notas hilariantes, que desopilam o baço de quem saboreia o seu humor.

Agradecemos.

Regresso

De Lisboa, onde foi em serviço do «Seculo», de que é muito digno correspondente no Porto», regressou a esta cidade o nosso amigo snr. Augusto Porto, com quem a primeira vez tivemos o prazer de tratar, deixando-nos a impressão bem nitida de que é um rapaz ativo e de clara inteligencia, bem digno, por isso, de desempenhar o logar que occupa na espinhosa missão do jornalismo.

Imprensa

Entrou no 2.º ano de existencia o nosso presado colega de Coimbra «A Humanidade», que defende com brilho e firmeza o grande ideal da emancipação humana.

Felicitações e votos de prosperidades.

ADESÃO

Ao Partido Democratico aderiu o nosso presado amigo Antonio Maria Rodrigues Monteiro, habil farmaceutico nesta localidade.

Mercado de Cantanhede em 6 de fevereiro

Milho branco, 550 rés; amarelo, 530; trigo tremez, 750; mourisco, 750; centeio, 1$100; cevada, 450; aveia, 800; aveião, 420; arroz, 1$500; serradela, 900; feijão môcho, 1$040; branco, 840; amarelo, 940; rajado, 740; frade, 840; carraço, 840; brazileiro, 960; canario, 850; ervilha, 1$100; tremoço, 700; grão de bico, 1$000; chicharo, 460; azeite, 2$700; vinho tinto, 800; branco, 950; vinagre, 400; aguardente, 2$800; geropiga, 1$800; batata, 400; lã, 3$400; trevo, 40; sal, 160; azevem, 150; castanha, 500; fava, 850.

NA ESTANTE

Os Quatro Livros da Mulher —II—O Livro da Dona-de-Casas, por Paulo Combes. Casa Editora Figueirinhas—PORTO. Preço: 500 réis.

E' como o antecedente um tesouro de ensinamentos e um guia seguro da mulher na moderna sociedade. Com citações de autores consagrados e com notas explicativas e substanciosas que servem de complemento ao texto, *O Livro da Dona-de-Casa* é uma obra digna de figurar nas bibliotheças populares. A edição é artistica e a tradução esmerada.

As Arvores, por José Agostinho. Casa Editora: idem. Preço: 40 réis.

As Arvores são um poemeto ao Pinheiro, ao Castanheiro e á Oliveira, em que o autor, em versos cantantes e sonóros, realça o valor das tres arvores tão uteis e tão maravilhosas. Edição elegante, propria para premios escolares.

A Floresta Maravilhosa (conto), por Maria Pinto Figueirinhas. Casa Editora: idem. Preço: 40 réis.

Como o seu titulo indica, é um pequeno conto que procura, pelo maravilhoso e fantástico, prender a imaginação débil das crianças, o que facilmente consegue pelo precioso entrecho da narração, a que algumas sugestivas gravuras pôem maior realce. A edição é atraente, tendo na capa uma bela gravura a côres.

A Religião e a Natureza, por José Agostinho. Casa Editora: idem. Preço: 100 réis.

José Agostinho, o privilegiado do Senhor que ainda se não despiu das ideias abstractas—apesar de aconselhar num dos seus livros que não nos devemos prender com o Abstracto—aparece-nos com novo opúsculo a valorisar, a enaltecer, a unificar a ideia de Deus, como causa suprema de tudo, e a apostrofar filósofos-materialistas porque não comungam nas mesmas ideias. Mas se Deus existe, e se ele é uma joia como o pintam os seus acérrimos defensores, porque não mandou ele ainda um cartão de agradecimento ao Zé Agostinho, que é um dos seus engraixadores mais assiduos?

Mireia, por Frederico Mistral—Tradução de João Aires d'Azevedo e Manoel Teles. Casa Editora: idem. Preço: 500 réis.

E' um poema provençal em doze canios, cheio de episodios campestres, envoltos numa poesia atraente e insinuante, que chega a despertar o interesse pela simplicidade real da vida aldeã. A tradução em prosa é correcta e esmerada. A edição é elegante e artistica.

As Noites do Avósinho, por José Agostinho. Casa Editora: idem. Preço: 100 réis.

E' o 8.º tomo que descreve minuciosamente os factos grandiosos da historia de Portugal, começando pelos acontecimentos da guerra peninsular. E' uma obra para espiritos infantis e para a educação do povo.

O Sacramento do Bátismo, por D. João, arcebispo de Angola e Congo. Casa Editora: idem. Preço: 100 réis.

O cónego Vidal, do seminario de Coimbra, lembrou-se de defender o 1.º sacramento da egreja como coisa indispensavel para a felicidade futura, e entre outras coisas diz que, quando alguem não batisado está *in extremis*, convinha ter ao pé um *bonzo* para lhe entornar a untuosidade seráfica das suas carolices. Cada um vende o peixe conforme lhe apraz.

Agradecemos os exemplares oferecidos a esta redacção.

A agricultura e os adubos

O Fosfato Tomaz

Este magnifico adubo fosfatado salienta-se cada vez mais pelos resultados que produz. A casa Herold teve ha dias no seu escritorio em Lisboa a visita dum lavrador do concelho de Sobral de Mont'Agraço, que numa terra seca semeou milho com Fosfato Tomaz em abril de 1912. O milho desenvolveu-se de uma forma entusiasmadora, rapidamente e muito bem. Depois de colher o milho, o lavrador semeou em novembro de 1912 trigo no mesmo terreno sem nova adubação. Pois o trigo tambem está que é uma maravilha, como contou o lavrador satisfeito.

Os inimigos do Fosfato Tomaz dizem dele quantas informações desfavoraveis podem inventar. Não se deixe, porém, o lavrador influir, mas experimente e com cuidado. A experiencia pouco custa. Cuidado, porém, com Fosfatos Tomaz baratos, porque são ordinarios e de pouca solubilidade apesar das garantias dadas nos catálogos.

A' sombra da fama do Fosfato Tomaz puro aparecem adubos de aspecto parecido mas de natureza muito diferente.

O Fosfato Tomaz tem entre outras vantagens a de obrigar o Superfosfato a conservar-se de preço baixo, porque lhe faz concorrencia. O lavrador portuguez tem, pois, vantagem em gastar bastante Fosfato Tomaz. E' claro que juntamente devia aplicar adubos azotados e potassicos.

Fosfato Tomaz inexcedivel em qualidade, assim como todos os mais adubos elementares e completos fornece, debaixo da marca registada «Trevo de 4 folhas», a casa O. Herold & C.ª, com séde em Lisboa, Porto, Pampilhosa do Botão, Regoa e Faro.

Queiram os srs. interessados escrever para o armazem que lhes ficar mais perto.

Dirigir tambem a Fortunato Vaz, **Camarneira--CANTANHEDE**

CORRESPONDENCIAS

Baraçal, 12—2—913.

Estrada do Baraçal á estação de Celorico.—Continuamos a pedir á Camara Municipal de Celorico da Beira e em especial ao seu digno presidente, o nosso prestante correligionario e amigo, snr. Antonio Fernandes Costa Almeida, as mais urgentes providencias para reparação da estrada e de preferencia dentro desta terra, assim como o desaparecimento dos troncos duma oliveira que junto da praça, não só impede o transito de cavaleiros montados, como ainda prejudica sensivelmente a paisagem.

Desejamos os interesses desta terra por direitos eguais, mais devemos aqui manifestar, quanta esperança e confiança temos no ilustre cidadão presidente da Camara, para que as providencias a tomar não sejam demoradas como esperamos e expusémos no numero anterior deste jornal. E', pois, em nome dos cidadãos desta terra que insistimos e continuaremos a insistir neste assunto.

Talassas.—E' triste afirmal-o, mas ainda por aqui os ha, e tão inconscientes, que, nem mesmo se justificam quando alguem os incrépa á justificação de serem talassas. Porquê?

E' facil a resposta.

Inconscientes e fanaticos que ainda temem que D. Manôlo voltará a ser o reisête dezejado pelas canastras e pulhastros da peior especie. Soceguem, criaturas sem brio. D. Manôlo foi corrido como um cão, assim como todas as suas vergonteas daninhas, e nunca mais voltará a governar nesta terra tão roubada e enxovalhada por uma monarquia de bandidos, como o foi toda a familia dos Braganças.

Aproximem-se da Republica, senhores afastados, e terão ocasião de verificar que se sentirão bem e toda a gente os classificará de bons portuguezes.

Num dos proximos numeros indicaremos aqui, em letra redonda, o nome dos talassas a que nos referimos.

Patriota.—José Maria dos Santos, honesto e bom, é um crente sincéro do nôvo regime.

ANUNCIOS

FALENCIA

Tribunal do Comercio de Montemór-o-Velho

POR sentença de 20 do corrente mez de tribunal do comercio desta comarca, foi declarado em estado de falencia o comerciante Virgilio Paiva de Carvalho, maior, morador em Pereira, sendo nomeados, administrador da massa falida Antonio José Dias Galvão, casado, negociante, desta vila, e curadores fiscais, os requerentes Carlos Augusto Louzada e João Vieira da Silva Lima, negociantes, de Coimbra.

Foi fixado o praso de sessenta dias para a reclamação dos créditos.

Pelo presente são citados todos os credores incertos ou desconhecidos da dita massa falida.

Montemór-o-Velho, 21 de janeiro de 1913.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei:

Lemos Viana.

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

NO Juizo de Direito de Montemór-o-Velho, cartorio do terceiro oficio, e no inventario por obito de Maria Dias Ferreira e no qual ficou como cabeça de casal o viuvo José Pereira de Carvalho, do Arneiro do Cepo, correm editos de trinta dias a contar da ultima publicação deste anuncio, citando para todos os termos até final do mesmo inventario os interessados João Gomes Cavaleiro e José da Cruz de Sousa, ambos casados e ausentes em parte incerta no Brazil.

Montemór-o-Velho, 11 de fevereiro de 1913.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

O Escrivão,

José de Paiva Bobela Mota.

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

NO Juizo de Direito de Montemór-o-Velho, cartorio do terceiro oficio e no inventario por obito de José Rafael, de Tentugal, e no qual ficou como cabeça de casal a filha Maria de Jesus, do mesmo logar, correm editos de 30 dias, a contar da ultima publicação dêste anuncio, citando para todos os termos até final do mesmo inventario os herdeiros Maria Craveiro e marido Manuel da Cruz, Rosa Craveiro e Conceição Craveiro, ambas solteiras, e todos estes ausentes em parte incerta no Brazil.

Montemór-o-Velho, 27 de janeiro de 1913.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

O escrivão,

José de Paiva Bobela Mota.

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

NO Juizo de Direito de Montemór-o-Velho, cartorio do terceiro oficio e no inventario orfanologico a que se procede por obito de José Gonçalves Rama, da Torre, e em que é cabeça de casal o filho José Gonçalves Rama Junior, do mesmo logar, correm editos de trinta dias, a contar da ultima publicação dêste anuncio, citando para todos os termos até final do mesmo inventario, o interessado Joaquim da Silva Alheio, casado, ausente em parte incerta no Brazil.

Montemór-o-Velho, 27 de janeiro de 1913.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

O escrivão,

José de Paiva Bobela Mota.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
TELEFONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston. S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sede em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Such*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPEL RIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

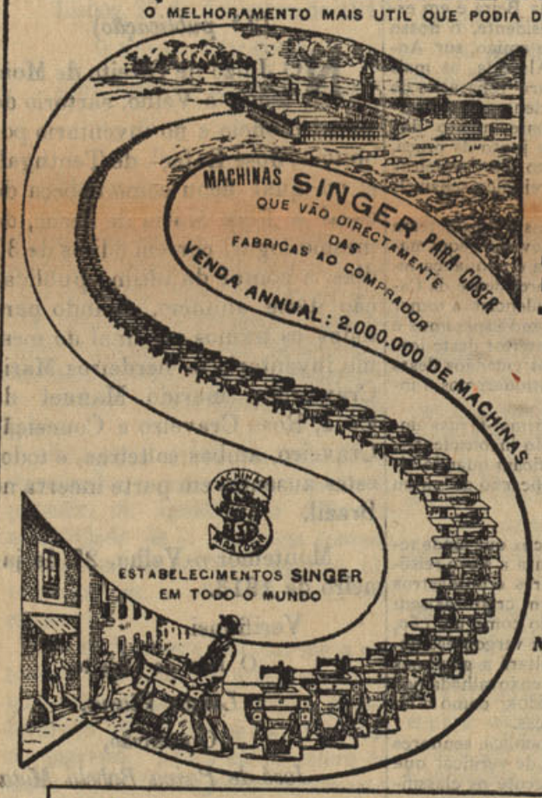
PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne. Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

Bicicletes de diversos autôres, desde 25$000 réis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramafones e musicas, em casa de

José M. Figueira

CANTANHEDE

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

MU ALINE — Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

CASA FUNERARIA

— DE —

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA — **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 2.° Arazêde, 23 de Fevereiro de 1913 N.° 53

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os autografos.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

Portugal e Colonias Portuguezas—Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trismestre, 30 centavos.
Brazil — Ano, 2 escudos, fortes.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Redação e Administração — ARAZÊDE

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

O nosso aniversário

Os aniversarios jornalisticos entram já hoje, póde dizer-se, no banalismo das coisas terrenas, pois que tais factos, significando um ano a mais de trabalho no coeficiente da vida geral dos individuos, pouco representam perante o nosso povo, que não está habilitado a avaliar os inumeraveis encargos que pesam sobre os que um dia se lembraram de penetrar no pórtico do jornalismo.

Para nós, dentro do acanhado meio em que vivemos, significa muito, muitissimo, o facto que hoje aqui comemoramos. Num meio ingrato, onde floresce o cardo e a urze, inteiramente desacompanhados de alguem que compreenda o nosso esforço e a nossa missão; num meio que nos tem negado o menor auxilio para a empreza que encetámos, só a boa vontade e a lisura na honra dum compromisso teem feito com que nós ainda hoje aqui estejamos a falar de cabeça erguida, apesar de todas as contrariedades, de todos os dissabores, de toda a ordem de sacrificios.

Deve dizer-se mesmo que, em ultima análise, o *Dever* não representa mais que uma longa página de sacrificios. Temos sacrificado a nossa tranquilidade, o nosso dinheiro, a nossa saude, em prol duma freguezia que, se bem que não tenha reconhecido os nossos generosos intuitos, é todavia merecedora de ter alguem que pugne pelos seus interesses e que a defenda de todas as explorações. Assim vamos correspondendo á ingratidão de muitos que desprimorosamense têm procedido para comnosco.

Mas não importa. Nós já contávamos com odios, com hostilidades, com vinganças de todos aqueles para quem o *Dever* é uma arma de combate, uma sentinela vigilante dos seus actos menos correctos. Isto mesmo o dissémos ha um ano aqui, e neste logar. Nada, porém, nos fará deter na nossa marcha cortada de abrolhos e de obstaculos nem sempre inexpugnaveis. Lutaremos, emquanto tivermos saude e emquanto nos não faltarem os minguados recursos de que dispômos. Só uma circunstancia muito contingente nos poderia fazer mudar de opinião. De resto, continuaremos na nossa obra de educação e de reconstrução social, seguindo sempre o caminho traçado no começo.

No activo da nossa vida jornalistica pouco haverá a registar de interesse moral e material para esta freguezia; mas se não temos realisado tudo a quanto aspiramos, é porque a isso se têm oposto rasões e factos que muito nos magoaria ter agora que referir. No entanto, ainda não perdemos as esperanças de dar uma completa efectivação a todos os nossos desideratos. Isto nos basta para estarmos bem com a nossa consciencia e para ficarmos com a certeza de que não nos desviámos um ápice do nosso programa.

Os nossos inimigos—porque nós tambem os temos—anavalham-nos na sombra, malsinando as nossas intenções e tentando embargar os nossos passos no caminho da perfectibilidade humana. Não é isso, comtudo, que nos fará desanimar. Vamos andando sempre conforme podermos, mas com independencia de caracter; sem a mira no interesse, que não queremos buscar, mas antes alvejando ao melhor acondicionamento da colectividade e á sua felicidade mais completa.

O *Dever* está hoje no mesmo logar que escolheu. Não está sujeito a homens nem a partidos. Se mostra a sua admiração por qualquer vulto político, é porque esse vulto póde incarnar em si principios que o *Dever* defende. Mas se hoje exalta esse vulto, ámanhã póde condena-lo por motivos justificados. E nisto se resume a sua independencia, a sua clara orientação.

Nesta hora de regosijo para nós e para aqueles que a nosso lado trabalham, não nos move outra preocupação que não seja a de sermos uteis ao povo desta freguezia e ao país, em geral, que tem sido e continúa a ser desprezado por aqueles que o norteiam. Não são, porém, hoje oportunas as recriminações feitas a quem quer que seja, e por isso, terminamos por saudar todos os nossos amigos e colaboradores, toda a imprensa digna e honesta, e todos os que nos teem auxiliado na nossa obra de emancipação e de felicidade colectiva.

Ha um ano!

Havia muito que eu acalentava a ideia da publicação dum jornal na minha aldeia. Não conhecia, quando pensei nisso a sério, Manuel de Melo. O Umberto Beirão conhecia eu desde criança. E' meu parente e *era* meu amigo. Restava-me Soveral da Rocha, meu condiscipulo e meu companheiro de infancia. Manuel de Melo era um rapaz conhecido no meio pedagógico. Tinha mesmo o seu nome feito. Inteligencia lúcida, fecunda e cultivada, eu tive, quando m'o apresentou o Umberto, a ideia de que estava na presença dum escritor consagrado, dum homem emfim de altos recursos literários, de ponderação e de lógica. E não me enganei, ou, melhor, não me enganaram os factos.

Foi ha um ano! Lembro-o com saudades, sentindo na alma, bem vivo ainda, o fogo da esperança na vitalidade da nossa obra.

Escrevi-lhes cartas sobre cartas, recebi cartas sobre cartas. Assentei, um dia, com o Umberto, hoje em terras longinquas de Africa procurando a vida, lutando, no dia da reunião para definitivamente se combinar a publicação do primeiro numero dum semanário. Faltava o titulo.

Ele havia tantos!...

Pois bem. Partimos, juntos, para Coimbra. Uma vez na tipografia da *Gazeta*, todos alvitrámos, lembrámos nomes, etc. Nenhum servia.

Ele havia tantos!..

— *O Dever?!*... Ha de ser o *Dever*.

E Manuel de Melo dizia isto comovido, visivelmente impressionado. Dir-se-ia que a sua alma de crente sincero na regeneração humana teve um lampejo de luz que irradiou por sobre as nossas cabeças. E todos concordámos.

Devia chamar-se *Dever* este pobre semanário que tantos desgostos e tantos trabalhos nos tem causado no curto lapso de um ano, mas em prol do qual, ao lado dos nossos companheiros, uns auzentes outros fieis á sua promessa e ao seu entusiasmo de sempre, temos feito o que temos podido sob todos os pontos de vista. E não será muito facil desanimarmos. Muita gente nos tem aconselhado a deixarmos a tarefa que voluntariamente nos impozémos, já sabendo que só desgostos e canceiras dela usufruiriamos. Nunca quizémos. Sentimo-nos sempre bem ao lado dos nossos companheiros de trabalho. E conservâmos neste momento o mesmo entusiasmo, a mesma fé inquebrantavel de quando fundámos a empreza. Não esperávamos remuneração, porque tinhamos como certo o sacrificio a que jámais nos quizemos poupar. E sacrificios estamos dispostos a fazer.

Alheios a baixas politiquices, o nosso fim é bem outro, é bem diverso. Temos os olhos pregados não já tanto na Patria, que essa governa-se bem, mas na humanidade inteira, porque, qualquer que seja a nacionalidade a que pertençam, os povos tem todos o mesmo direito á vida, como têm o mesmo dever pela luta.

O nosso programma tem-se fielmente cumprido. A nós se agregaram, e isso nos orgulha e nos tem feito amar cada vez mais os principios que professamos, elementos de valor intelectual, moral e literario, tais como: — com profundo júbilo o constatamos — João de Barros, o consagrado poeta nacional; João de Deus Ramos, notavel pedagogista e actual governador civil deste distrito; Umberto Araujo, Mario Simões da Silva, Gomes Monteiro, Manuel José Antonio, Aurea Judit Amaral, ponderados escritores contemporaneos, e outros cuja reconhecida inteligencia de muito nos tem valido.

E' acanhado o meio em que vegetamos. Pensámos até em que acanhada seria a esfera da nossa acção. Mas o povo, para o qual exclusivamente trabalhamos, para o qual vive, embora modestamente, o nosso jornal, como que nos vae compreendendo, como que vae sentindo a necessidade da sua emancipação educativa, e outra coisa não é o acolhimento lisongeiro que nos tem dispensado para que a nossa obra progrida e se desenvolva, frutifique e dê, portanto, o resultado que nos preocupa.

Mas ele havia muito tempo que eu acalentava, suavemente, a ideia da publicação dum jornal na minha aldeia. Mas não conhecia, ao tempo, o Manuel de Melo. E ele é hoje, afinal, o meu melhor amigo.

Já lá vae um ano! Um ano de trabalhos e sacrificios, que nos deixou, ao menos, a certeza do dever cumprido.

E' que nós conservamos, neste momento, a mesma fé inexgotavel, o mesmo entusiasmo de ha um ano.

Almeida Junior.

CRÓNICA DO PORTO

Ainda que detestando os gósos passageiros d'esta vida, eu cedo, por vezes, á tentação de n'êles tomar parte. Eu sei que após o definil-os nús e descarnados, teria que fugir té as montanhas solitarias onde o *virus* da infamia não atinge.

Todavia, eu vou vivendo numa atonía lássa, crusando com patifes de *smoking*, rufias elegantes, rameiras que arrástam setins e pedrarías, ás quais uma corrúta sociedade chama damas honestas, esposas amantissimas.

Eu vou vivendo, eu vou andando, eu vou sorrindo.

Um sorriso, pensáe! O lento desabrochar d'uns labios carminádos, o transmissor fiel das nossas alegrias, o nuncio angelical dum coração feliz! Um sorriso... quem tal diria!? Não seria melhor o desprezar? Oh! não. Ha coisas que uma indiferença cruel não póde punir e um deprezo atroz não póde castigar: restruja então a gargalhada alvar, a casquinada fria mais aceráda que o aço dum bisturi, mais causticante que um ferro em braza...

E aqui se interrompeu a voz interior que cá dentro, muito cá dentro se debatia com o meu «eu», para novamente me aconchegar ao seu firme proposito: — Ri hoje, ri amanhã, ri sempre e, quando a morte chegar junto de ti, ri da miseria vil que para ahi ficará a fervilhar.

Sim, éla deve ter razão, muita razão, carrádas de razão. Foi rindo que eu comecei jogando o meu pião; foi rindo que eu conheci a nulidade desta vida e ha de ser rindo á gargalhada mordaz e contundente que eu heide crusár os salões do *bom tom*.

Como é deliciôso apreciár uma sala de baile em todo o seu conjunto de porcarias cáras, luxuosas! Admirár uma luz que nos fére a vista, ouvir uma valsa que nos crispa os nêrvos, aspirar perfumes que nos envenenam, saborear o pó que nos dulcifica os pulmões, apalpar mãosinhas que nos tragam —talvez—contágios sifiliticos. Todavia entrarei. Rodopiarão os páres nas ancias sensuaes duma lôa e as damas, as honestas meninas de distinção, tombarão sobre os *divans* na lássa languidez duma rameira saciáda.

... Que tudo isto é um bordél de corrução!

Porto, 19 | 2 | 1913.

Gomes Monteiro.

Coisas simples

LA' POR FORA

Li, ainda não ha muito, numa crónica de Paris, escrita creio que por Xavier de Carvalho, um caso interessante ácerca da estátua que tem Camões naquela cidade.

O Poeta, torturado em todos os dias da vida, existencia que lhe correu sempre aos baldões, nem após a morte encontra socego para o seu nome. E' verdade que os nossos brios nacionais querem que o nome de Camões seja imperecivel, o que será uma realidade porque o deixou firmado numa obra imorredoira; mas o que desejamos é que á memoria de quem tanto amou a patria e a humanidade se não façam ultrages como o que agora está premeditado.

Ha anos uma comissão constituida julgo que por portuguêses, brazileiros e francêses que pensaram em dar forma á ideia de homenagem votada ao inconfundivel vulto do autor dos *Luziadas*, erigiu-lhe em Paris uma estátua na avenida que tomou o nome do Poeta. Tenho uma fotografia da estátua e é por isso que a conheço pois que certamente não verei o original, mas ainda que a minha estrela me tenha fadado para algum dia ir á cidade da moda e do luxo, das artes e da desmoralisação, não saberia, como crítica de arte, avalia-la; julgo-a, porém, abstraindo-lhe os predicados artisticos ou os defeitos para nela ver sómente uma homenagem ao nome português.

Pois essa mesma estátua, inaugurada com a comparencia de elementos oficiais francêses, está em riscos de ser derrubada ao capricho de uma autoridade local, cujo nome não fixei pelo pouco de simpatia que o seu gesto me inspirou; pretende derrubar a estatua para á avenida dar nome oficial, pois se considera como particular o terreno em que ela assenta.

Ainda que não fosse uma afronta ao brio e á humanidade, a demolição da estatua era um contrasenso; e, nisto, como em todos os factos quer sérios quer burlescos, ha sempre umas resteas de ridiculo, atribui-se a impertinente opinião da enfatuada autoridade á má vontade com que olha o atual regime português!

E, para vitima de simpatia ou antipatia por certos homens ou formas de governo, ameaça-se a demolição da modesta estatua de Camões! Por motivos menos chistosos fez Antonio Diniz da Cruz e Silva, o *Hissope*...

Se a estatua de Camões afinal fôr derrubada, apesar de ser pouco elevada fará, ao ruir, estremecer outras tantas estatuas que ornam a mesma cidade sem terem tantos direitos como aquela.

Mas, na verdade, o Poeta não precisa ali da estatua. Camões cujos ossos repousaram quinze anos numa sepultura sem epitáfio, que só passados tresentos anos depois de gorarem mil iniciativas teve uma estatua na sua patria, não precisa tambem da que lhe erigirem em Paris porque para monumento imperecivel legou ele á posteridade o seu Livro sobre cujas paginas podem ser batidos golpes de camartelo de quem o não compreenda, que ele não ruirá!

18 de Fevereiro.

Aurea Judit Amaral.

ESPECTACULO

Decorreu brilhantemente o espectaculo de domingo nesta localidade, dados pelos amadores aqui residentes. Todos souberam interpretar convenientemente as comédias que fôram anunciadas, pelo que receberam muitas ovações. A casa esteve quasi á cunha, tendo vindo expressamente algumas pessoas de fóra da terra para assistir ao espectaculo que despertou grande interesse.

Secção Instrutiva N.º 13

Horas d'Ocio

A preléção do Bátista

A alimentação e seus resultados

Chama-se alimentação a uma serie de funções tendentes a desenvolver os tecidos e reparar as perdas no organismo dos seres vivos.

E' muito complexo, e póde dizer-se que para ela trabalham, e sem repouso, todas as partes do organismo. Estes alimentam-se no meio que os envolve, mas para ele, em troca, lançam os produtos e residuos.

Par formarmos uma ideia, imaginemos uma corrente de materias, que sem interrução está atravessando o organismo, renovando-o na sua substancia mas conservando-lhe a fórma.

Este movimento, a que se chama *turbilhão vital*, fórma a ligação entre o mundo organico e o inorganico.

As necessidades e constancia destes movimentos, fórmam a caracteristica do ser vivo.

A nutrição compreende duas operações diferentes mas inseparaveis.

Uma, em que a materia organica se fixa nos tecidos vivos; outra, que dêles se separa e os abandona.

Estas duas operações do circuito nutritivo caraterisam a primeira ou a da organisação, o fenómeno da morte, e a segunda ou a da desorganisação, o fenómeno da vida. E' pois, o contrario do que á primeira vista parece que deveria ser.

Como se vê, a nutrição, isto é: os fenómenos de assimilação e de desassimilação executam-se ininterruptamente A natureza, porém, se encarregou de nos dar duas sensações especiais, a *fome* e a *sede*, que servem para nos prevenir de quando precisamos comer ou beber.

A falta de alimentos produzem no organismo uns efeitos caracterisados pelo mau estar, abatimento de forças; e, quando prolongado, pode determinar a morte.

O tempo que se pode passar sem alimentos é muito variavel nas diversas especies de animais, e até varia no mesmo animal, dependendo então do estado em que ele se encontre.

Assim: animais de sangue frio (como os peixes), isto é: aqueles em que a temperatura do sangue é inferior á do ambiente, podem resistir muito tempo sem alimentos.

Hybernadores (como o morcego), são dos mamíferos os que por mais tempo podem passar sem alimentos, mas só dnrante a época da hybernação.

Ao estado de perturbação organica motivado pela falta de alimentos de nutrição, chama-se *inanição*.

Os efeitos da inanição, dos quais o ultimo é a morte, variam bastante.

A fome suporta-se melhor do que a sêde, e compreende-se bem que assim seja, pois que do nosso corpo mais de $\frac{4}{5}$ são liquidos.

Com relação á quantidade de alimentação por individuos, é de dificil determinação. Podemos com tudo afirmar que em certos paizes, e nomeadamente em Portugal, se come demais. Mais do que é preciso, e até mais do que convem.

Não é por muito se encher o estômago que muito se aproveita.

Deve ter a sua conta, que só o bom criterio de cada um pode determinar.

Em principio, poderemos dizer que a quantidade de alimentos deve estar em proporção com o dispendio do organismo.

Segundo a apreciação mais autorisada, o dispeudio diario em qualquer individuo adulto e saudavel, é de 1:200 gramas. Destas, 500 evolam-se no ar que se expira; 500 sáem na urina; e das 200 gramas restantes, sai uma pequena parte na respiração cutanea, e o resto no excremento.

Esta perda pode se assim detalhar-se: 350 gramas de carbonio, 18 de azote, 800 de agua (oxigenio e hidrogenio), sais de sóda de cal, fosforo, ferro, enxofre e outros

Claro está que esta perda deve ser rigorosamente compensada.

Os alimentos secos, que um individuo deve consumir em um ano, é de 330 a 365 kilos.

Como vêdes, muitos homens, e em especial o portuguez, ingére, por dia, muito mais.

Não se caia comtudo no erro de diminuir a quantidade dos alimentos, de fórma que se torne insuficiente.

Figueira da Foz, 12—1—913.

(Continua).

M. E.

Dr. João de Barros

Consta que este nosso amigo e ilustre escritôr vai ocupar um dos altos cargos na Instrução Pública, o que é para nos regosijarmos, pois que o dr. João de Barros, pelo seu comprovado talento e pelas suas finas qualidades, ha de desempenhar com consciencia e elevado critério o cargo que lhe fôr cometido, por mais espinhoso e dificil, e com o que todos hão de lucrar.

Esta noticia démos num dos anteriores numeros do *Dever* e agora vemos, com profundo júbilo, no *Mundo* de 19, a seguinte nota que registramos com prazer, pois que o dr. João de Barros merece-nos, pelo seu acrisolado amor ao estudo e ás coisas do seu país, uma especial simpatia, quer como poeta, quer como patriota:

O nosso querido amigo snr. dr. João de Barros vai ser nomeado director geral de instrução primaria interino, ficando o snr. Caldeira Rebolo a dirigir os trabalhos da 3.ª repartição. Acertadissima foi esta resolução do snr. ministro do interior. Os serviços de instrução primaria, ninguem o ignora, encontram-se em estado mais que lastimavel, e bem urgente se tornava que á sua frente fosse colocado um homem de competencia assinalada. O snr. dr. João de Barros, que naquele lugar prestou valiosos serviços, era bem o homem para exercer aquele dificil papel. O snr. ministro do interior fez uma acertada escolha, e o snr. dr. João de Barros, aceitando interinamente aquele lugar, dá mais uma prova do seu firme desejo de servir a instrução e o país.

Efetivamente poucos como o nosso presado amigo se desempenhariam da ardua missão de que o governo o vai incumbir, e que ele decerto saberá engrandecer e aprimorar cada vez mais.

Ao sr. Director da Beira-Alta

Escreve-nos o sr. Cezario Hernandez, da Pampilhosa, uma sentida e longa carta em que exara o seu desgosto pelo facto devéras lamentavel de alguns limpadores de tracção e fogueiros provocarem constantemente, no seu estabelecimento comercial, desordens, a ponto de o insultarem e a sua familia, chegando mesmo, o que mais lamentavel é, como na terça-feira fizeram, a agredi-lo barbara e estupidamente.

Ora isto, sr. Director, sobre ser malévolo, desacredita o resto da corporação dos ferro-viarios da Beira-Alta, e nós, fazendo-nos éco do desgosto do nosso amigo, ousamos pedir que se ponha cobro a um tal estado de coisas, que, envergonhando uma colectividade, despretigiam tambem a Companhia a que pertencem.

O pessoal tem o dever de ser bem comportado, não ofendendo nunca quem quer que seja.

Esperamos que o sr. Director, cuja rectidão de caracter todos constatam, ponha cobro a tais desmandos, mandando inquirir do que se passa e castigando os delinquentes como fôr de justiça.

PEDESTRIANISTA

Passou nesta localidade na passada quarta-feira, pelas desoito horas, o snr. Arturo Winterfeld, de origem alemã, que se propõe dar a volta ao mundo, viagem que iniciou em 1900 e que conta terminar em 1915. Desejamos feliz viagem ao ilustre *Globe-trotter*.

CARTA DO PORTO

Jornalistas inglezes. — Estivéram aqui por entre os sorrisos cordiáis e hospitaleiros do nosso Porto uns 30 jornalistas inglêses que, após o visitarem os nossos principais monumentos, se dirigiram a Coimbra afim de vertêrem alguns amargos prantos por entre os oliváes da linda Inez. Como é bom sêr jornalista sendo inglês, é cláro.

Escroc apurádo. — Passou por aqui como uma rajáda um distinto gatuno que, depois de burlár com maestria e rapidez em Lisbôa, Coimbra, Setubal, etc., não viu sorrir-lhe a fortuna n'este graciôso torrão das tripas. Por isso partiu. Hurrah! pelo ilustre filho de Arsène Lupin...

Festa da Arvore.— Teve logár o domingo passado, no edificio das escolas de Santo Ildefonso, uma reunião dos professôres das escólas dos dois circulos do Porto afim de se resolvêr o assentamento das báses do programa da simpática *Festa da Arvore*.

Resolveu-se que no dia da festa, ás 10 horas da manhã, se plante uma árvore em cada freguezia e no caso de faltar terreno próprio, será a plantação feita em um vaso dentro da propria escola.

Porto, 19—2—1913.

NITRATO.

Notas criticas

No Porto, um pedreiro tentou assassinar a amante, como em Lisboa um rapaz de dezasete anos assassinou tambem a dele. Ambos os casos foram produto dos chamados dramas passionais, o que ambos autenticaram, procurando suicidar-se. Isso não impede, ou antes justifica que tenhamos motivo para estranhar que o amôr, chegado ao seu apogeu, como se costuma considerar nestes casos só dê em resultado uma obra selvagem de morte.

Quando se vibra um golpe, a matar, ninguem pretenderá que esse golpe não seja impulsionado por um sentimento foroz. E' sempre um acto de desespero raivoso. Póde provocal-o a rebeldia contra convenções que se oponham á ligação de dois sêres; póde animar o braço do assassino o odio contra uma sociedade que lhe recusa a felicidade. Mas o que não sofre duvida é que, embora a vitima alvejada não seja realmente a causa desse exaspêro, o facto é que o golpe que a prostra é vibrado com toda a ancia de uma irreprimivel vindicta.

Não me resigno a supôr que um acto sangrento obedeça a um sentimento dôce. Póde esse sentimento ter existido; póde ainda reanimar-se.

No momento do crime, dado mesmo que se trate duma alucinação passageira, esse acto é um acto de maldade; é um acto de rancor. O homem, por mais puro, mais sentimental amante que tenha sido ou que volte a ser, no momento em que comette esse crime, pensa, sente, procede como um criminoso.

A defeza dos assassinos passionais: «Eu amava-a tanto!» além de paradoxal, não colhe. O amôr, para ser sublimado, não se tinge em sangue. Se esse sangue se derrama é que preversidade, orgulho ou loucura se sobrepozeram a esse amôr. O contrario seria admitir o quer que fôsse de barbaro e enigmatico, que converteria o mundo num campo de chacina, onde constantemente, ao som dum beijo, rolassem por terra cadaveres ensaguentados.

O amôr não é isso. O amôr protesta. O amôr é fonte de abnegações e sacrificios. Alvorece extasiado no puro ideal. Consome-se abrasado na sua quimera. Vive e palpita na doçura da sua emoção.

MARIO SIMÕES DA SILVA.

Padre Paulo Evaristo Alves

Por um lamentavel equivoco típografico e de revisão, deixou de sair, firmando a correspondencia de Maçal do Chão aqui publicada no penultimo numero, o nome deste nosso presado correspondente, a cuja brilhante pena era devida.

E o lapso tornou-se mais lamentavel ainda pelo facto de nós termos, para a correspondencia, chamado a atenção do snr. ministro da justiça.

Que nos desculpe o nosso amigo.

Notas pessoais

Tem estado doente com uma forte pneumonia, o snr. Francisco Cunha, aqui residente.

Desejamos-lhe rapidas melhoras.

=== Abraçámos aqui no domingo o nosso amigo Augusto Cruz, residente em Lisboa, que aqui veio de visita a sua familia, regressando no mesmo dia á capital.

=== Em Amarante faleceu um sobrinho da nossa colaboradora D. Aurea Amaral, cuja morte causou a esta senhora um profundo desgosto, pois o finado era uma gentil criança que ela muito estimava pelas suas qualidades.

A D. Aurea enviamos as nossas condolencias.

=== Fez anos no dia 19 o nosso presado amigo snr. Matos Tavares, zeloso sub-inspetor do movimento da Companhia da Beira.

Parabens.

=== Foram transferidos os nossos presados assinantes, snrs. Celestino Esteves Corrêa, de Guada, para chefe de Figueira da Foz; Eduardo Pereira de Carvalho, para Luzo, onde passou a desempenhar as funções de chefe de estação; Gomes de Almeida, antigo chefe da estação desta localidade, de Luzo para Fornos de Algodres; Castelo Branco, de V. Formoso para Guarda, onde passa tambem a exercer as funções de chefe da estação daquela localidade.

A todos apresentamos os nossos cumprimentos amistosos, desejando-lhe felicidades.

=== Casou ha dias o nosso presado assinante, snr. Antonio Bátista Ribeiro, com a snr.ª D. Ermelinda Crispim. Serviram de padrinhos o pae do noivo, nosso amigo snr. Manuel Ribeiro, zeloso revisor do caminho de ferro, e o pae da noiva cujo nome ignoramos.

Desejamos-lhes uma prolongada lua de mel e mil venturas.

=== Na noticia que démos no anterior numero deste jornal, relativa ao casamento do nosso presado assinante, snr. Miguel Prieto saíu, por um lamentavel lapso de revisão, errado o nome do padrinho daquele nosso amigo, que é o snr. Francisco Marinho Lamosa.

Fica desfeito o equivoco. Que nos desculpem.

=== Pediu a sua demissão do cargo de ajudante do Registo Civil n'esta freguezia, o nosso presado amigo Antonio Maria Rodrigues Monteiro.

Recreio charadistico

Corrigenda — Na charada do nosso presado colaborador «Nitrato», publicada no n.º 51, onde se lê *sim* deve ler-se *Sun*.

Decifrações do n.º 50: *Felicidade, Café, Dolorosa, Beijo, Caima-caimão, Eva-ave, Reger, Cravo, Açor, Encarnação, Inclinada.*

Decifradores: *Sun-yatsen* (todas), *Americo* (9), *Amelia da Silva* (7), *Viriato* (7) e *Pai Piri* (5).

Quadro de honra

Sun-yatsen

CHARADAS

(Retribuição ao ilustre confrade «Nitrato»)

1) «Monocarpo»—era a vossa
Charada bela, gentil,
Cheia de arte e com bossa...—1
...Por ela: agradecimentos mil.
Exultei de alegria—2
Pelo *gabanço* que me deu—1
Em matar *charadaria*,
Que, devéras confundido, eu
Veterano da liberdade,
Republico intransigente,
Com toda a urbanidade
Vos saúdo, Presidente!

Sun-yatsen.

2) O prado tem fantasias—2
Na sua face de asceta,
Tem sentimento e alegrias,—2
Tem dons que inspira o poeta.

Nitrato.

Novissimas

3) Vi um mamífero em Garda a morder-2-1
4) A medúla do lobo é pastilha medicinal —2-1.
5) O marco é o sedimento na região da Asia—2-2.

Vulcão.

Electricas

6) Oh! como é bom adorar—2
Teu rosto, ó grata miragem,
Quando o sol se vai deitar
Lá por detraz da folhagem.

Nitrato.

7) No mato grande está uma ave—2.
8) Extremidadade e margem—2.

Amelia da Silva.

Logogrifos rápidos

9) 1-2-3-4-5-6 — 3-8-9
Celeste — Notas
Os habitantes do ceu?!...

Sun-yatsen.

10) 1-2 — 3-4-5-6-7
Notas
Arena

Pai-Piri.

Tipográfico

11) **1+1**
FREGUEZIA DE PORTUGAL

Liames.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XLIV

O aniversario de «O Dever»

Este semanário completa hoje um ano de existencia. E dentro em pouco fará tambem um ano que nele começámos a colaborar, com tam boa vontade, que por nossa causa apenas em um numero é que não saíram as *Pinceladas*.

O *Dever* é um jornal que talvez não tenha par na provincia. Ocupando-se sempre de varios assuntos, desde os politicos—ele que não tem politica, na acéção vulgar deste termo—aos literários, desde os artísticos aos pedagógicos, desde os puramente regionais aos de interesse geral,—fa-lo sempre com uma bem patente superioridade, alheio a paixões e alheio a interesses mesquinhos. E isto é raro, muito raro, muito raro mesmo, de encontrar-se. E isto deve, justamente orgulhar o corpo redactorial do simpatico jornal e até, em parte, os seus colaboradores, o mais humilde dos quais é quem traça estas linhas desataviadas.

Manoel de Melo e Almeida Junior —permitam-nos eles que o digâmos com a sinceridade de quem nunca foi, antes pelo contrário, atreito á lisonja— são dois espiritos que em muito se distanciam da generalidade dos jornalistas portuguêses. A Liberdadade, a Tolerancia são para eles o que para todos deviam ser—não a liberdade que apenas se reconhece aos que como nós pensam e a tolerancia que unicamente se dispensa ás opiniões que com a nossa se coadunam. Assim é que é ser-se democrata. Assim é que é ser-se republicano.

E eis porque a sua obra, sendo uma obra de progresso, é uma obra de paz—daquela paz que com o progresso é compativel.

Abraçando o Manoel de Melo neste dia jubiloso, cumprimentando afectuosamente os restantes redactores de *O Dever*,—o que, em harmonia com o desejo por eles gentilmente manifestado, muito desejariamos poder fazer pessoalmente—, deixâmos aqui exarados os nossos votos para que o aniversario deste semanário se repita muitas vezes, com o que, acima de tudo, lucrarão o paiz e a República.

PROF. JOSÉ MANUEL ANTONIO.

VIAGENS EM PORTUGAL

—=(*)=—

Notas e Impressões, Factos e Comentários

AS CANÇÕES DA NOSSA TERRA

— *Alma*, minha *alma*, não estejas triste. De que valem negras, sombrias tristezas? Demais, tens tu, *alma*, rasão para estar triste? E, ainda que a tenhas, minha *alma*, assim, não deves estar. Desgraças te afligem, desgostos profundos te atormentam, mas, ó minha *alma*, quantas desgraças no mundo, quantas almas atormentadas!...

— Olha: ha trinta dias que chove continuamente; as ribeiras vão a trasbordar, espalhando nas suas margens a mágoa, a desolação; os galhos dos carvalhos e dos castanheiros, agora despidos da folhagem, gotejam lágrimas sem fim; os nevoeiros densos envolvem as montanhas, esse mar de montanhas em que andamos perdidos; imprégnam de humidade as casas, os vestidos e embaçam os vidros; e, á noite, as luzes, vistas no meio de tanto nevoeiro, parecem tochas mortuárias prestes a extinguirem-se. A humidade é fria, o silencio é atroz, pela noite adiante...

E chove sempre, chove sempre—do ceu escuro, dos galhos das arvores, dos beirais dos telhados. Mas vê tu, minha *alma*, é ao fim do dia, e é sempre assim ao fim de cada dia. Andam as raparigas do povo na *apanha* da azeitona. E agora, noite cerrada quasi, quando o nevoeiro denso começa a embrenhar-se em tudo, tudo a envolver, voltam elas da *apanha* da azeitona. Trazem á cabeça pesados cestos da oleosa baga; trazem os vestidos pobres escorrendo agua; devem vir transidas do frio que faz, e veem sujas, enlameadas...

E tu, ó minha *alma*, mais amargurada de que jámais, dizes:—como a sua vida é triste—e pões-te a pensar como podem elas viver assim sujas, enlameadas, enregeladas, e ganhando seis vintens por dia..

Mas elas, em bando, todas em côro—vê tu, minha *alma*—frescas, ai! bem frescas, num *andante apressado*, cantam:

O' amendoeira,
Que é da tua rama?
Por causa de ti
Ando eu em má fama...

Se eu ando em má fama
Deixa-lo andar...
Que em agua bem clara
Eu m'hei-de lavar.

Eu m'hei-de lavar,
Meu verde limão...
— Cantar é bonito...
— Chorar é que não...

— Cantar é bonito,
— Chorar é que não...

E' assim. Nem tudo são males no mundo. Anda sempre a tristeza a par da alegria...

Ouve, ouve, minha *alma*, a canção que entôam agora, dolentemente:

— Ai que vida que eu passo na guerra,
Sempre a ouvir tocar o tambor..
— Ai! as pedras são brancas e pretas,
— Ai! amor! ai! amor! ai! amor!

Ai! amor, a praça está feita,
O paleio vai acabado...
— Ai! as pedras são brancas e pretas,
Quem me de déra estar a teu lado...

— Vê como, tão simplesmente, dizem as grandes coisas, as ingénuas e belas canções portuguêsas... Sempre o contraste:—o mal e o bem, o amor e a guerra.

— Ai! as pedras são brancas e pretas,
— Quem me déra estar a teu lado...

.....
Ai! amor, ai! amor, ai! amor...

E tu, minha *alma*, choras de saudade, recordando horas felizes que foram e não voltam mais...

Mas ei-las, as raparigas do povo; arregaçam as saias molhadas, aconchegam-se mais umas ás outras; dali perto, uma voz de homem, forte e gaiata, alegre e irónica, diz:

— Esta noite sonhei eu
Um sonho advertido...
— Que tinha na minha cama
A *fórma* do teu vestido..

E do *rancho* que vai passando, uma logo responde:

Nunca vi figueira brava
Dar folhas na raiz...
— Nunca vi rapaz solteiro
Namorar com mau nariz.

E logo todas, em córo, rindo:

— Ai, Manoel, toma lá, toma lá,
— Meu coração arrecada-o lá...

E o nevoeiro sobe, imprégna de humidade as casas, os vestidos, tudo. E a chuva cai, fria, penetrante, persistente. E os galhos nús dos carvalhos, os troncos sêcos dos castanheiros gotejam lágrimas sem fim; as gotas d'agua, caindo dos beirais dos telhados, vão, monotonamente, soturnamente, e irão, pela noite adiante, salmodiando a ladainha do desconsolo... Terás rasão, minha *alma*? Têm-te cançado as amarguras da vida, a mocidade não te floresceu. Não colheste flôres, não déste frutos...

Vês-te só, desamparada, e o teu pranto derrâma-lo monotonamente, secretamente, pungidamente, exactamente como, em toda a noite que começa, vão derramar o seu pranto, os galhos dos carvalhos, os troncos dos castanheiros, os musgos velhos, as torrentes, as pedras humildes e pequeninas, os nús rochedos escarpados. Que a chuva vai caindo, encharcando tudo, tornando tudo com as suas lágrimas em lama... levando tudo com as suas lágrimas, e, quiçá, fecundando tudo...

Mas vê, minha *alma*, entretanto as raparigas cantam:

— Vai indo, ó José, vai indo...
— Vai indo, ó José, já vou...
— Brincando, ó José, brincando...
— Brincando, ó José, brincou...

E do meio do denso nevoeiro, uma afirmação sombria, arrastada, dolente:

— Toma lá, dá cá; dá cá, toma lá;
Amor como o meu é que não ha...

Amor como o meu é que não ha.

Quantas saudades, quantas recordações, quantas tristezas, minha *alma*... E a noite cerra-se, o novoeiro condensa-se, o frio enregela...

A chuva, a chuva, ha trinta dias, caindo, continuamente, persistentemente; alagando tudo, enlameando tudo, lavrando tudo—a chuva, flagelo dos pobres, desespero dos ricos. E tu, minha *alma*, sempres triste, sempre descontente.

Mal se distinguem já as vozes que ainda cantam... Vão morrendo por entre o nevoeiro denso...

Eu oiço, minha *alma*, o crepitar das chamas; vejo o magro caldo a aquecer ao lume, a fumegar, os vestidos a secar ao lume, a lenha a arder, faiscando, estralejando, o brazeiro, a lareira, as cinzas mortas, e cá fóra, sobre a telha vã, a chuva saltitando, o vento a uivar pelas frinchas das velhas portas. E écos longinguos ainda:

— Cantar é bonito,
— Chorar é que não...

— Cantar é bonito,
— Chorar é que não...

Margens do Zêzere—Janeiro de 1913.

J. S. Torres Caldinhas.

Jornais e Revistas

Portugal Filatélico. — E' uma revista mensal dedicada aos colecionadores de selos e postais, contendo diferentes secções e notas uteis aos filatelistas. O seu preço é de 400 réis anuais. Dirigir á redacção, Campo de Sant'Ana, Braga.

— *O Clamor.* — Recebemos este colega de Aveiro, que é um quinzenario que defende os interesses dos telégrafo-postais. De bom aspecto, bem impresso, com varias secções, impõe-se bem á classe a que é destinado. Desejamos-lhe prosperidades.

— Tambem recebemos *O Construtor*, de Lisboa, e *A Álvorada*, de S. Pedro do Sul, este ultimo bem colaborado, mas deficiente na parte material.

Pedem-nos, para conhecimento do público, a inserção da seguinte

Subscrição

aberta em favor de Manuel dos Santos Mano e promovida por José Pires Gachido e Manuel Dias Pereira

José Pires Gachido	15$000
Manuel Maria Barreto	10$000
Augusto Moreira da Silva	5$000
Antero P. da Silva	2$000
Manuel Pinto	2$000
Manuel da Rocha Ferreira	4$000
Castro Espinosa Trompi	5$000
Manuel Gainhão	2$000
Antonio Ferreira	2$000
Antonio de Almeida Bastos	2$000
Luiz Gomes da Silva	2$000
Fernando de Castro	2$000
Manuel Grilo	2$000
Jeremias de Almeida Grilo	2$000
José Ferreira da Silva	2$000
Luiz Dias	5$000
Alfredo Jorge	5$000
José Fernandes Fontes	2$000
Mariano	2$000
José	2$000
Luiz Garcia	2$000
Manuel Fontes	2$000
Manuel Gonçalves	2$000
Manuel Cardoso	2$000
João Paulo da Silva	1$000
Manuel Souza	1$000
Fortunato Gravinho	500
Joaquim Pereira	2$000
Julio Dias da Silva	2$000
João Nunes dos Santos	5$000
José da Silva Fernando	10$000
Antonio Pereira	5$000
José Lopes da Silva	2$000
Manuel Alves da Silva	2$000
Joaquim Camarinho	2$000
Antonio Gomes André	1$000
José Denado	500
Antonio Caetano (Zarôlho)	5$000
José de Nascimento	2$000
Manuel Francisco dos Santos	5$000
Antonio Ferreira	5$000
Joaquim David Alves d'Oliveira	5$000
Manuel Verissimo Junior	5$000
Manuel S. João	2$000
Gregorio Kreri	1$000
Martins	2$000
Francisco Vieira da Silva	500
José Pinto de Barros	2$000
João Gonçalves Pereira	5$000
Joaquim Pereira	2$000
Manuel de Oliveira	3$000
João Cabral	2$000
Miguel Domingos da Costa	4$000
Manuel Francisco d'Oliveira	2$000
Matias Domingues Pereira	2$000
Manuel Domingues dos Santos	2$000
Antonio Simões Branco	5$000
Sebastião Pereira da Silva	2$000
Joaquim Miguel	2$000
João Rodrigues	2$000
Manuel Domingues Couto	2$000
Manuel Rodrigues de Oliveira	2$000
Marcelino de Oliveira	2$000
José Reis Coto	2$000
Manuel Dias Pereira	5$000
José Coelho Pinhão	2$000
Manuel Augusto Paiva	2$000
Antonio Mendes dos Santos	1$000
Joaquim Fernandes Pinto	1$000
Joaquim Fernandes dos Santos	1$000
Missa & C.ª	2$000
Manuel Lemos	2$000
Augusto Barreto	1$000
Amadeu Ferraz	1$000
Emidio Moreira	1$000
Adriano Diogo Ferreira	5$000
Antonio Manuel Reis	2$000
Manfredo Regi	300
Bernardo Moura	2$000
Manuel Rodrigues Lobo	5$000
Um anonimo	1$000
Camili Soulre	1$000
Antonio Mendes	5$000
Antonio Martins Correia	10$000
José Antonio Gachido	2$000
A. Pinto	2$000
Antonio Pereira Junior	1$000
Manuel Gonçalves	1$000
José Costa	2$000
Militão Antonio da Silva	500
Francisco Mendes Junior	2$000
Joaquim D. Ferreira	5$000
Manuel Pacheco	2$000
Dinheiro recebido de Manuel Telles, de trabalho do falecido	20$000
Joaquim Coelho	3$000
Anonimo	2$000
Joaquim da Silva Fernandes	5$000
Roberto Joaquim da Silva	2$000
Antonio Jorge	2$000
Manuel Francisco da Silva	5$000
Julio J. Moreira	2$000
José Alves da Silva	2$000
Augusto Pereira de Souza	5$000
Alfredo da Silva Fernando	5$000
Angelo da Silva Fernando	3$000
Anibal Monteiro	2$000
José da Costa	2$000
Rodrigues da Costa	2$000
Total, reis	322$300

S. Paulo, 11 de novembro de 1912.

José Pires Gachido
Manuel Dias Pereira.

As vitimas do trabalho

Um homem com as pernas cortadas, recolhe ao hospital de Coimbra

Um lamentavel desastre se deu na quinta-feira, pelas 23 horas e meia, na estação do caminho de ferro da Pampilhosa, que consternou quantos o presenciaram.

Foi o caso do engatador da Beira Alta, José Maria Duarte ou José Maria Saraiva, ser colhido, quando em manobras na formação dum comboio de mercadorias, por um dos vagões que se propunha desengatar do referido comboio.

O pobre funcionario, que, no arduo dever do seu cargo, ficou sem uma perna e sem um pé, conservou sempre o maior sangue frio e resignação até ser transportado numa maca, e seguir num comboio especial da Companhia Portugueza, que passou ás 2,13 em Pampilhosa para Coimbra, em cujo hospital deu entrada e ficou em tratamento.

Era sobrinho do nosso presado assinante snr. Manoel Portolez Saraivo, muito distinto funcionario da mesma Companhia, que, banhado em pranto, lamentosamente o acompanhou até áquela casa de saude.

O ferido foi socorrido pelo tambem nosso amigo e assinante snr. João Rodrigues Pereira Lapa, que o pensou devidamente, salientando-se pelas carinhosas palavras de conforto que dirigia ao pobre enfermo, sempre que os seus lancinantes gritos de atormentada dôr se faziam ouvir comovidamente.

Presenciámos o triste drama, — drama de dôr e de desgraça, em que mais um infeliz, apenas com 20 anos de idade, encontrou a desventura amarga que de quando em quando flagela a humanidade em luta pela vida.

A necessidade da leitura

Assim como o nosso organismo fisico só pode viver tomando alimentos que lhe forneçam a necessaria força, assim tambem o nosso organismo moral, ou seja o caracter e o cerebro, não poderá viver regularmente sem que tomemos os alimentos que lhe correspondem e que são, na generalidade, cognominados de *Educação*.

«A educação forma o caracter». Assim é, com efeito.

O caracter deve ser fortalecido e orientado. Desde que o não seja, a vida do homem acaba por se tornar num martirio e num aborrecimento.

Entre os alimentos que mais proporcionam a necessaria força para o caracter, conta-se a leitura.

Ler é tão necessario e util como comer. Senão, veja-se: o homem que se acostuma a passar o resto da noite na taberna, entre a prostituição, nos clubs, bailes, etc. O que é ele?

Um homem que a todo o momento se mostra admirado pelos mais simples pormenores cientificos ou sociais. Esses homens passam metade da vida aborrecidos, e muitas vezes ouvimo-los dizer: «não sei o que fazer... não ha entertinimentos...»

Ora a leitura supre este aborrecimento e é o melhor e o mais sólido entertinimento de que se pode lançar mão.

Torna-se intraduzivel o prazer que sentimos quando á noite, depois de abandonarmos as ocupações profissionais, nós pegamos num romance, numa obra filosófica ou numa revista ou jornal de bons ensinamentos, lendo umas tantas paginas. O nosso espirito recebe, então, uma nova impressão. Chegamos a esquecer o logar onde estamos e vemo-nos transportados até á fantasia do autor. Este goso tão elevado só o conhece quem estuda.

E como todos o podem fazer, este goso pode reflectir-se em todos nós.

Ha livros muito baratos. Por uns poucos tostões adquirimos um ou dois que podem servir para gosarmos muito, e eu estou certo que tudo o que depois neles gostarmos, não será metade do que agora se desperdiça com os clubs, com o vinho, e com outras futilidades e vicios que degradam o caracter e a personalidade.

E ainda mesmo que o fosse era preferivel gastar as economias em livros do que em tais ninharias, origem principal do atrazo moral de que enferma a humanidade.

J. Fontana da Silveira.

NA ESTANTE

A Arvore, por José Diogo Ribeiro. Casa Editora: Livraria Figueirinhas. Preço: 100 réis.

E' o 16.º volume da Bibliotéca das Crianças. Eminentemente educadora e social, é uma obra de flagrante oportunidade que deve ser lida por todos os educandos e pelo povo inculto.

ANUNCIOS

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

NO Juizo de Direito de Montemór-o-Velho, cartorio do terceiro oficio, e no inventario por obito de Maria Dias Ferreira e no qual ficou como cabeça de casal o viuvo José Pereira de Carvalho, do Arneiro do Cepo, correm editos de trinta dias a contar da ultima publicação deste anuncio, citando para todos os termos até final do mesmo inventario os interessados João Gomes Cavaleiro e José da Cruz de Sousa, ambos casados e ausentes em parte incerta no Brazil.

Montemór-o-Velho, 11 de fevereiro de 1913.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

O Escrivão,

José de Paiva Bobela Mota.

Agua da Curia

Semelhante á de Contrexeville

Estimula a acção dos rins, que são os filtros do corpo humano.
Experimentai a agua da Curia.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

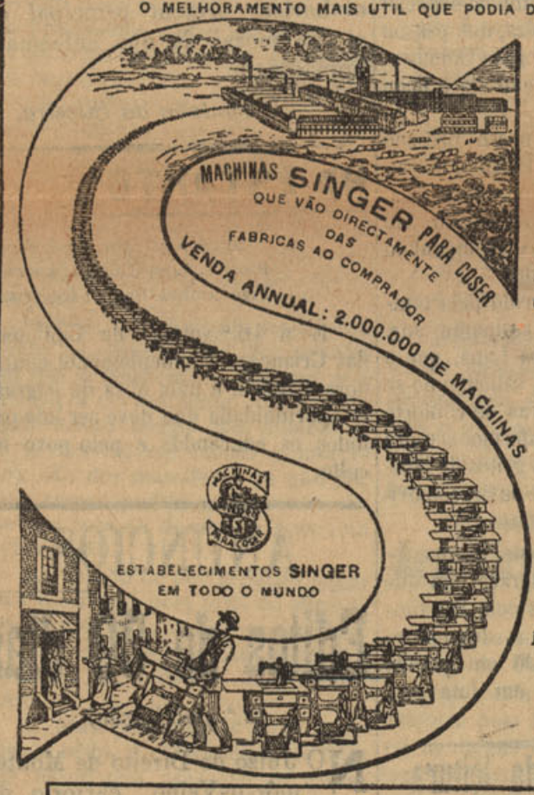
PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

Bicicletes de diversos autôres, desde 25$000 réis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramafones e musicas, em casa de

José M. Figueira

CANTANHEDE

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

MURALINE

Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 2.° Arazêde, 2 de Março de 1913 N.° 54

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os autografos.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

Portugal e Colonias Portuguezas—Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trismestre, 30 centavos.
Brazil — Ano, 2 escudos, fortes.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciem-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO
Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*
Redação e Administração — ARAZÊDE

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR
Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ
Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

Educação social

São vários, são complexos ainda os defeitos de que a humanidade enferma. Melhores dias lhe estão reservados, não tenhamos duvida, mas, quando a metamorfóse, que lentamente se vae operando, de transição em transição, aqui cheia de egoismos e malevolencias, ali salpicada de ociosidades e patifarias, mais além de ingratidões e sofrimentos, se fizer palpavelmente sentir; quando, duma maneira notavel e concludente, as coisas passarem ao seu estado real, a ser o que devem ser e não o que parecem ser, então nós, os obreiros pertinazes do futuro, os que anciâmos a libertação completa désta pobre humanidade, chaguenta e lamentavel, já não seremos cá lembrados nem ao menos pelos dádos a coisas idas. Então tudo caminhará melhor.

Ha paises onde a politica é, por assim dizer, a mola real das transformações sociais, e outros em que os seus povos, esquecendo a politica e cuidando da instrução e da confraternisação humana, encontram nestes dois problemas solução mais rápida para o seu avanço e para a sua emancipação.

Olvide-se a politica, não no seu genuino sinónimo, porque politica devem fazer, para bem se conduzirem, todos os povos ilustrados, mas a politica que a maior parte das nações da Europa está fazendo em detrimento da boa marcha das coisas mundiais e das justas lutas de reivindicação que é mistér operarem-se com exito satisfatorio para que se atenue a degradante atmosféra de subjugação que atrofia a pobre humanidade mais desprotegida.

Vae por esse mundo fóra uma febre de conquistas e de lutas em prol de direitos espesinhados, que, se não forem bem orientadas, bem definidas, essas lutas, por mais justificadas e indispensaveis que sejam, hão-de resultar sempre estereis e contraproducentes, e o mal será, assim, cada vez peior.

Um povo como o nosso, tão falho de recursos de toda a ordem, deve, quero eu dizer, retrair-se o mais possivel de politiquices que vexem, que enlameiem o nosso melhor titulo de gloria: — a independencia e a bravura que o proprio Viriato, com os seus olhos flamejantes de patriotismo e de coragem, admirou até ao extasis.

As revoluções sociais, quasi sempre oriundas de ambições desmedidas, que não bazeadas na lógica dos principios e no amôr a gerações vindouras, como seria necessario e para acariciar, uma vez constatado que é muito raro haver nos revolucionarios a indispensavel e antecipada educação coletiva para tornar estavel, duradoura, magnanima a acção de revolta e fazer frutificar a sua obra, originam muitas vezes descalábros em povos e definhamento em raças cujo futuro o Destino marcára mais sorridentemente, mais desafogado e mais livre, mais prospero e mais saudavel de equilibrio moral e fisiologico.

O pezado e nauzeabundo ambiente que nos satura, nestes dias de casmorrice e intolerancia politica da parte de alguns dos nossos mais eminentes homens de Estado, que bem mais uteis podiam ser ao povo de Portugal, sem esquecer o grande exemplo de táto administrativo e de senso moral que poderiamos dár aos que nos encaram pouco amigavelmente, por razões de variada ordem, é que nos está fazendo desesperar, porque empesta, porque contamina tudo o quanto de util e bom poderiamos conseguir em mais ou menos breves dias.

E eis o motivo imperioso que me fez referir que os povos, impreparados para as transformações sociais, filhas das grandes revoluções, não são tão felizes, após a vitoria anciada, como seria muito para querer.

E' que ele são ainda vários, são complexos os defeitos de que enferma a humanidade, doença grave que só a filosofia dos seculos hade curar.

Mas ele ha países em que a politica é, por assim dizer, a mola real das coisas terrênas, e outros, como o nosso, que não sabem fazer politica.

Almeida Junior.

"O DEVER,,

Vai por estes dias ser instalada a redacção dêste jornal numa casa apropriada e mais cómoda, que acabou de sofrer alguns reparos urgentes que lhe dão um aspecto mais agradavel. A tabolêta do *Dever* já foi afixada na fachada do edificio.

Tambem para melhor comodidade se procedeu á instalação de gaz acetilene, tendo a redacção adquirido um excelente gazometro, generosamente oferecido pelo nosso amigo, snr. Virgilio da Costa Mendes, de Cantanhede, que é um artista eximio na manufactura e no perfeito acabamento de gasómetros dos mais modernos sistêmas. A montagem do gasómetro na nossa redacção, feita por um empregado da casa do snr. Virgilio Mendes, nada deixa a desejar, dando a iluminação os melhores e mais completos resultados.

Serve isto para demonstrar aos nossos inimigos e áqueles que agoiravam a morte proxima do *Dever*, que este jornal vive e viverá, embora á custa de todos os sacrificios e de todas as hostilidades. E assim irá o *Dever* cumprindo com o seu *dever*, não se esquecendo que ao publico deve uma parcela das suas prosperidades, a este publico generoso e bom, ao lado do qual nos colocámos e de ao pé do qual nos não afastaremos.

CRÓNICA DO PORTO

(á santa Ingenuidade Feminina)

Vivendo no Porto, desconheceis o seu meio, o seu vivêr, a sua sociedáde e porisso me perguntaes quanto isto vále e quanto pesa. E eu faltaria ao mais sagrádo dos devêres se não satisfizesse a vossa impaciencia de menina ingénua e talvez virgem.

... O Porto! vós sabeis o que é o Porto, minha senhôra? E' o lodaçal da infámia por onde em tombos de suino de espapáçam os egoismos d'uma sociedade corruta, os vicios d'uma multidão degenerada.

Criou-vos vosso páe béla e prendada, cercou-vos de carinhos e professôres e, após o têr-vos arrancado os primeiros sons de Bensabat, torturou-vos entre harmonias de Ofembak, Chopin ou Sarasáte. E para quê? Quanto mais não valêra o sêr selvagem!... Vós não sentís que no graciôso rodár da vossa mocidáde tendes culpas atentatórias á vossa posição de menina honesta? E' cêrto que a honestidade não está no lírio imaculado que uma vez, por descuido, calcástes nas álas perfumadas do vosso jardim. Não; mas recordae que a fútil causa d'essa flôr pisáda pelo vosso pésinho bem calçádo, vos fez estremecêr, escorregár, caír por sobre á rélva e vós sujástes o vosso vestido.

(A relva é a depravação, o vicio; os vossos sentimentos puros e generósos.)

Vós voltástes a casa após o ligeiro fracasso do jardim e como o papá ralhásse dissimulástes, senhôra, vós dissimulástes a Jordões de benzina a falta cometida.

(E agóra, aqui baixinho, muito em segrêdo: vós sabeis o que vem a sêr a benzina? a vossa rônha, a vossa ipocrisia que costuma dissimulár vossos defeitos. Sabeis ainda o que quér dizêr o olhar confiante do nosso papá que de nada chegou a sabêr? o espanto, a desilusão dos incautos apaixonádos que crendo-vos um pôço de inocencia vos tomou para esposas.)

Como vós dissimuláes tão bem n'este cáos infeciôso e verminado! Ah! a mentira, a ipocrisia, as mulheres, em suma!...

Não sei se lêstes algum dia Gabriel d'Annunzio, o estilista puro, o pensadôr profundo. Diz êle referindo-se á mulher, que «quantas vezes o manto do carinho e da abnegação sêrve para cobrir meia duzia de amantes».

Porisso, ó Inocencia candida, deixa-me rir sobre o teu pudôr como inséto impertinente que zune sobre uma rósa a estiolar, mas que já foi botão risonho e virginál.

Não sei se nos tornarêmos a vêr tão cêdo, no entanto, se a saudade fôr intensa de mais, eu irei procurar-vos ao bêco das meretrizes, logar reservado ás meninas honestas que sabem dissimulár...

Porto—25—2—1913.

Gomes Monteiro.

Nota

Com um vinco de amargura e ironia penetrante diz o prof. republica-historico, sr. Manoel José Antonio, no *Dever* de Manoel de Melo:

«O povo ignorante e a morrer de fome, mas protegido por uma boa esquadra e por um grande exercito, bem municiado e equipado — que soberbo, não acham!?

Ai, a falta de juizo».

Isso, isso, como diz o policia no *Peço a Palavra*.

(Da *Educação Nacional.*)

Alfredo Prazeres

Este nosso presado amigo, chefe do movimento da direcção do porto e caminhos de ferro de Lourenço Marques, foi nomeado para ir desempenhar, em comissão, o logar de chefe do movimento do caminho de ferro de Inhambane, comunicativa com a de chefe de secretaria, fiscalisação e estatistica.

Alfredo Prazeres é um funcionario muito zeloso, e com cuja saida os serviços da Beira-Alta hão de sofrer alguma coisa.

Digam o que disserem, o que nós não podemos é faltar á verdade, seja sob que pretexto fôr.

O pessoal sente, que o sabemos nós, a saída do seu inspector, porque nele contava um bom amigo, sem que o superior descurasse, um só momento, os deveres do seu cargo ou prejudicasse, com o bem que fez a todos, a disciplina, que é indispensavel manter em casos tais.

Lamentando a retirada do nosso amigo, sentimos a sorte do pessoal da Beira-Alta, se o inspetôr se fôr embora.

Ferro-viarios de Portugal

Uniões, Sindicatos & C.ª

V

Primeira *etape*, primeiro desastre.

Como a imprensa diaria noticiou, uma comissão eleita pelo *Sindicato do pessoal dos caminhos de ferro*, foi ha dias bater á porta do conselho de administração da Companhia Portugueza, com o fim de alcançar o reconhecimento oficial da mesma companhia. A primeira *etape* foi desastrosa, e, se não houver mudança de orientação, desastrosas serão todas as *etapes* em que o *Sindicato* ou união tenham dividido a sua *longa* jornada.

A nós não nos surpreendeu que a porta do conselho de administração se abrisse com carater puramente particular, para dár entrada áquela comissão, e que de novo se tornasse a abrir para lhe dár saída com o mesmo caráter; valendo, pois, tanto antes de entrar, como valendo ficou depois de saír.

Não eramos só nós que esperavamos isto, esperavam-no todos os ferroviarios que capricham em, a sangue frio, e ponderadamente, apreciar as questões de interesse geral para a classe, e muito especialmente quando elas são melindrosas e carecem dum estudo profundo como a presente, e ainda quando, para a solução de taes questões, seja indispensavel tratar com as companhias, captando-lhe antecipadamente a simpatia, de cujo ato advirá, sem duvida, a boa vontade da parte dos seus dirigentes.

A compreensão disto é tudo quanto ha de mais facil, tendo em vista que se trata dum melhoramento importante.

Para que os edificios fiquem solidamente construídos e possam elevar-se a alturas indiscritiveis, sem que haja receio de que possam ser derrubados, é inteiramente indispensavel que a sua base, o seu alicerce, seja a primeira coisa solidamente construida, com todo o cuidado, prevendo sempre algum terramoto como o de 1755, na capital.

* * *

A origem do desastre, resultado da primeira *etape*, foi sómente devido á sua intempestividade.

Eu ia dizendo que tal desastre nos não surpreendeu, mas quero justificar porque faço tal afirmação. Não nos surpreendeu porque nós bem sabiamos o *chuveiro* de grosserias sem nome e ameaças sem apoio geral que eram vomitadas, quere pelas assembleias, quere pelos jornais, quere ainda pelos *sindicatos* ou uniões.

Tão bem como nós o sabia a companhia, e daí a retribuição, cara a cara, e em muito poucas palavras.

Sem contudo querer louvar o procedimento da administração, porque louvores meus atiraria ela para o cesto dos papeis inuteis, não posso deixar de referir, porque isso seria dar um pontapé no que me dita a minha consciencia, o que jámais farei, que, em vista da orientação seguida e ameaças anteriores, eu tambem faria o mesmo.

E' forte, bem sei, mas tenham paciencia, que é para lhes servir de lição e não voltarem lá sem bases fundamentadas na lei, que, em taes casos, nos defenderia; e sobre tudo sem terem a certeza de que interpretam bem o sentir de todos os vossos camaradas, sem distinção de serviços nem de categorias.

Tudo o que se tem passado e está passando eu tenho apontado nesta secção, e agora aí teem a prova de que começam por onde deviam acabar.

Agora foram conferenciar com o snr. dr. Afonso Costa, em vez de elaborarem, com bastante alcance, um projeto do que desejam, indo apresental-o e simultaneamente justifica-lo ao titular da pasta do fomento. Foi mais um caminho errado, devido ao fanatismo pessoal.

Mas que diabo se poderá esperar do presidente do ministerio sob este ponto de vista, em face das palavras proferidas na sua já memoravel conferencia de 26 do proximo passado sobre o sindicalismo, e a orientação do sindicato?

Eu creio que nada de aproveitavel podemos esperar. Transcrevo algumas passagens, cuja ideia abraço cordealmente, para espelho dos fanaticos e guia dos sindicalistas.

São estas as palavras do presidente do ministerio, ou seja o salvador das questões sociais, no dizer do operariado, sem querer saber se esse salvamento está ou não dentro da logica e da possibilidade:

> Vê-se, pois, que a evolução revolucionaria que o sindicalismo pretende é paradoxal. As suas novas fórmas sociais? Mas se elle proprio as não aponta! Se ele proprio responde com um profundo silencio á nossa interrogação anciosa!.
>
> E o ilustre orador cita a proposito a Italia, em que não é propriamente o país quem tem sofrido do desvario em que a classe operaria se lançou, dividida e perturbada, uns, desvairados por um ideal que não determinaram ainda, mas em que confiam, apesar de tudo, sem mesmo quererem saber porquê, talhando outros já os postos de comando do dia de ámanhã. Querem a luta, a violencia, a acção directa, a gréve geral? Cruzar os braços, deixar paralisar a vida social inteira para que sejam eles ámanhã os seus unicos dirigentes? Como póde ser isso?
>
> A greve geral por pouco que durasse, mataria primeiro os que a fizessem. E' este o mais triste e expressivo argumento que prova quanto a classe operaria tem andado afastada do estudo dos salutares exemplos da Historia, dos meios justos de realisar o ideal de aperfeiçoamento que deve possuir todo o homem civilisado. Organisem-se, arranjem os seus eleitos, compartilhem da vida politica e administrativa do paiz. E quando chegarem a ter a importancia que teem os partidos operarios na Inglaterra e na Alemanha sairão dos campos legislativos as leis que os colocarão na situação de substituir o patronato por uma organisação justa e equitativa do trabalho.

Meditem bem nisto e escolham dentre todas as armas que nos teem indicado, a melhor que vos convier para a conquista das vossas reivindicações.

Organisem-se, organisem que é o que vos tem prègado nesta secção o

6—2—913. *Sol.*

Recreio charadistico

(A PREMIO)

Madre minha, eu quero vêr—3
A parte da dôr sombria—2
Que me mostra em seu sofrêr
'Strumento da cirurgia.

Nitrato.

Aniversario do "Dever„

A fim de festejar o primeiro aniversario do nosso jornal, realisou-se no passado domingo, em casa do nosso director Manoel de Melo, um pequeno jantar intimo a que assistiu todo o corpo redatorial deste humilde semanario. Ao *toast*, falaram, Manoel de Melo, que se congratulou pelas prosperidades da nossa emprêsa, dirigindo palavras lisonjeiras a todos os seus camaradas de luta, pondo em destaque num brinde especial a Almeida Junior, as suas belas qualidades de inteligencia e trabalho, referiu-se numa saudação carinhosa, aos restantes cooperadores do nosso jornal, salientando os nomer de Manoel José Antonio, Humberto Beirão, Gomes Monteiro, Aurea Judit Amaral, Mario Simões, Antonio Ismael da Cruz, etc. Falaram em seguida Almeida Junior, nosso querido amigo e inteligente redator, que brindou por todos e pelo *Dever*, afirmando-nos mais uma vez a sua desinteressada dedicação; Antonio Monteiro, que brindou a Manoel de Melo, Almeida Junior e Ismael da Cruz, levantando um viva aa nosso jornal, fechando a serie de brindes, o administrador do jornal, Antonio Ismael da Cruz, que, declarando não possuir qualidades de orador, se referiu em palavras cheias de entusiasmo á nossa redação e á nossa obra, patenteando-nos mais uma vez a sua franca e energica solidariedade. No meio do maior entqsiasmo, e com bastantes vivas ao *Dever*, terminou finalmente esta festa que, trazendo á nossa alma gratas recordações, nos encheu tambem de novos estimulos para um novo ano de luta honesta, energica e justa.

CARTA DO PORTO

Depois d'uns risonhos e lêdos cumprimentos, Fevereiro deu-nos a honra das suas partidinhas de costume, chuva e trovoada, frio e ventania, eis o prato predileto de S. Ex.ª. E tão rude tem sido o temporál que até os cérebros andam a ról de juros. Calcúlem:—Um póbre diabo cá do burgo tinha a mania do hipnotismo e todas as noites se fazia cercár por amigos e conhecidos, na ancia de levár a efeito a sciencia de X. La Motte Sage. Como as costumadas reuniões reclamassem uma sála propria e respétivo mobiliário, foi entregue ao *ilustre sábio* um cheque de 100 mil reis, afim de ser suprida tál necessidade. O homensinho lá foi recebêr o cheque e, com grande espanto seu, ficou detido para averiguações!

E' que o papel era falso... os amigos tinham zombado d'ele!... E dizêr-se que o hospital de Rilhafóles é tão grande!

Agora é lá para os lados de Famalicão que o frio faz das suas. Desde o sabado passado estão os operarios da fabrica de Riba d'Ave em gréve, como protesto solêne á expulsão d'um colega que ha 21 anos ali trabalhava.

E não pára por aqui a loucúra do frio: Só de atropelamentos pelos motauros da Carris são mais de vinte. Um pobre tem de circulár as ruas do Porto. Põe pés ao caminho na mira do locál que procura e, quando menos o espera, surge um elétrico e... aparece no outro mundo!

Porto—26—2—1913.

NITRATO.

REVISTAS E JORNAIS

Liz—E' o nome dum quinzenario academico, que começou a publicar-se em Leiria, e de que é director o professor sr. A. Gomes Pereira. Apresenta-se bem redigido, de bom formato, e com secções literária, desportiva e artistica. E' um jornal que tende a melhorar e a engrandecer-se, dado o corpo redactorial que o compõe.

O mesmo quizenario, referindo-se ao nosso jornal, tem estas palavras imerecidas, que muito agradecemos:

«*O Dever*—Belo semanário republicano de Arazede, mas republicano e educativo, apresentando uma orientação digna de despertar inveja e servir de exemplo a bom numero de jornais que se dizem republicanos e educadores.»

—— Em Evora começou a publicar-se um quinzenario intitulado *A E I O U*, orgão dos alunos da escola distrital, e que defende os interesses da instrução.

Desejamos-lhe prosperidades.

Notas criticas

Um professor russo, n'um artigo do *Novoie Vremia*, compara o estado actual da sociedade russa ao de 1905, em que rebentou em diversos pontos do imperio nos conta e terrivel revolução que o ia subvertendo e que arrancou ao seu imperador a concessão de um palido simulacro de rigimen constitucional. A' opinião d'esse professor, apesar d'essa tremenda advertencia, as classes superiores russas estão dando provas de extraordinaria cegueira, perfeitamente comparavel á da aristocracia franceza de 1879.

Não tem de que se admirar o professor russo. Ella tem sempre, pelo contrario, caraterizado os momentos historicos em que se vão operar grandes transformações politicas e sociaes. E' a cegueira precipitou Roma, que perdeu Bizancio. E' a cegueira que, com efeito, levou a monarchia franceza aos abismos da Revolução. E' a mesma cegueira que, entre nós, não fez senão alentar o espirito revolucionario, provocando a queda de uma monarquia de sete seculos.

Os poderes iniquos colaboram assim com as forças que os hostilisam e inevitavelmente hão-de vencê-los. O absurdo dos preconceitos, os privilegios da hereditariedade, os acasos da fortuna são assim destruidos por aquêles mesmos a quem aproveitam, conferindo-lhas o prasêr das existencias faustuosas e a ambição do omnipotente mando. Só por si êles mereciam a morte. Só por si — só pela ofensa que representam para a razão, só pela violencia que significam contra a dignidade humana. Seja Nero, seja Creso, o homem que se coloca acima de todos os homens, o homem que absorve a riqueza de todos os homens é um usurpador.

Os principios de que dimanam a sua força ou a sua opulencia são iniquos, na sua essencia. A humanidade caminha para os aniquilar.

Mas não é menos certo que o seu triunfo seria mais dilatado se com a sua orgulhosa cegueira os homens que representam tais principios politicos ou sociais lhe fornecessem o incentivo para o seu ataque imediato e definitivo. As classes dirigentes do imperio moscovita estão cegas? Não é de agora; de ha muito que o estão. A revolução de 1905 nem mesmo podia ser para elas um aviso, visto que os seus olhos cegos não puderam contemplar as suas chamas.

MARIO SIMÕES DA SILVA.

Sermões da quaresma

(RASÕES DUM CAMPONEZ)

Como está decorrendo a época quaresmal, julgamos prestar um bom serviço ao povo que ainda vive acorrentado ás ideias tenebrosas dos padres, transcrevendo alguns artigos que um jornal do Porto publicou ha tempo, e que por serem educativos e libertadores da consciencia individual, merecem ficar registados no *Dever*, tanto mais que o nome que os subscreve é um pseudónimo do sr. Tomaz da Fonseca, o grande demolidor dos preconceitos e dos êrros populares.

Segue o primeiro dêsses artigos:

— Bom dia, sr. João.

— Ora viva a menina Albininha.

— O' sr. João, queria perguntar-lhe uma coisa: o senhor parece que embirra sempre com a gente que vai confessar-se.

— Então por que dizes isso?

— Porque o sr. João anda-me sempre a dizer: «Se ainda és boa cachopa, é porque ainda te não fôste confessar. Quando te fores confessar já não pensas assim!»

E eu queria que o sr. João me dissesse o perigo que ha em a gente cumprir esse preceito da religião...

— Olha como tu tens reparado no que eu te tenho dito!

— Tenho reparado e tenho botado muito sentido, e olhe que ainda não me esqueci duma unica palavra que o sr. João me tenha dito. Mas tambem tenho reparado que é ao confessor que o sr. João bota mais culpas.

— Pois acertaste, Albininha. E' mesmo o confessor que me merece mais reparos.

E sabes porque? Porque de todas as praticas da egreja, de todas as mentiras que eles apregôam como verdades, de todas as comedias religiosas que eles representam, nenhuma é tão imoral, tão indecente como a da confissão. Nenhuma das praticas religiosas das outras seitas que existem no mundo tem feito tanto mal á humanidade como a confissão. Tu tens visto, Albininha, esses milhares de papesinhos que são espalhados pelos jesuitas com ridiculas oraçõesinhas, em que eles prometem a quem as ler de manhã, ao meio dia e á noite, uma infinidade de dias de indulgencias? Tu tens visto estes missionarios que principiam ás 4 horas da manhã a prégar e a prometer um ceu cheio de anjinhos, ceu que eles sabem perfeitamente que não existe, que nunca existiu? tens visto tambem o sr. abade a resar terços, novenas, ladainhas, exercicios do Coração de Jesus e longas praticas ao meio da missa? fazer sermões muito bonitos? Tens visto tudo isso, não é verdade, Albininha?

— Tenho, sr. João.

— Pois nada disso valia á religião, se não fosse a pratica da confissão. A religião já teria acabado, como tudo acaba, e como ela acabará um dia que não vem longe, se os padres não tivessem inventado essa pratica que se chama a confissão.

— Inventado, sr. João? Mas então não foi Nosso Senhor que mandou a gente ir confessar-se ao menos uma vez cada ano?...

— Não, menina. O Nosso Senhor não mandou fazer nada disso, assim como não mandou fazer muitas coisas. Não mandou fazer mesmo nada do que eles fazem.

— Mas então, esta coisa de a gente se confessar não vem do principio do mundo, quando o Senhor por aqui andou?

— Não, menina. Ha só 700 anos que os padres principiaram a confessar gente. Verdade seja que não foram eles que inventaram isso; já ha tres mil anos uma outra religião que houve na India, usava pouco mais ou menos este processo imoral e infame de saber que se passa no seio das familias.

— Então já houve outra religião sem ser a nossa, sr. João?

— Já houve mais de mil, e ainda agora ha muitas mais.

— Mas, então, essa tal religião lá da India tambem usava confessionario? E ainda o usa, sr. João?

— Não usa, menina, porque essa religião acabou. Assim como acabará esta e acabarão todas as que se baseiam em mentiras. Só vivem emquanto o povo está cego, emquanto o povo não sabe ler e não tem ilustração. Só vive emquanto é de noite. Começando a aparecer o dia, elas desaparecem.

— Mas quando será, sr. João, que todos estarão com os olhos abertos?

— Em poucos anos, minha menina. Já temos caminhado muito. A' primeira vista, parece que não, mas a humanidade inteira já está da meia noite para o dia. Já estamos na madrugada da liberdade. O nosso querido Portugal ainda ha poucos anos estava nas 11 horas da noite, e só em dois anos passou para as 3 da madrugada.

E tu sabes, Albininha, que ás 3 horas da manhã já se começa a ver a luz no horisonte. E então, ai dos sotainas, e então, ai dos hipocritas, dos ladrões da nossa consciencia e da nossa honra!

— Custa-me a compreender, sr. João...

— Mas eu explico-te, cachopa:

O mundo inteiro, ha cento e tantos anos, mergulhava nas mais profundas trevas. Só havia uma luz sinistra quando os padres, ás ordens do papa que está em Roma, queimavam em fogueiras, como as que se fazem agora ao S. João, algum desgraçado que se atrevia a inventar um comboio ou um pára-raios, ou que tinha o atrevimento de não pagar uma congrua, ou que havia comido carne em dia de jejum.

Sabes o que quer dizer trevas? Quer dizer escuridão. Sabes o que quer dizer escuridão? Quer dizer, não ver nada. Pois era assim que estava a humanidade ha cento e tantos anos; não via nada. Noventa e oito por cada cem não sabiam ler. Só tinham licença para aprender aquilo que hoje todos os pobres e ricos aprendem, os padres e alguns fidalgos, mas poucos.

Tu tens visto ainda hoje conventos antigos por toda a parte, não é verdade? Passas por um sitio e dizem-te assim: «Aqui era o convento de Santa Clara». Mais adiante, dizem-te: «aqui era o de S. Bento». Ainda mais adiante, era o de S. Benedito. E assim em todo o Portugal e em todo o mundo.

Pois todas essas terras que hoje são nossas, que são dos lavradores, pertenciam a esses conventos. E sabes quem vivia nessas casas? Eram frades e freiras, muito gordos, que passavam metade do tempo a fazer coisas que eu te não digo, porque ainda és uma cachopa nova e não deves saber o que esses preguiçoeos faziam, em nome de Deus.

— Então eu não sou em modo de saber, sr. João?

— Por emquanto não; mesmo tu ainda não te foste confessar.

— Então, se já me tivesse confessado podia saber?

— Já, porque tu, Albininha, emquanto te não confessares ignoras umas tantas coisas que depois o padre te lembrará.

— Mas, ó sr. João: e quem sustentava esses padres e essas freiras que estavam nesses conventos?

— Quem os sustentava? Eram os lavradores, eram uns como o teu pae. O desgraçado do lavrador poderia estar magro e seco e toda a familia passar fomo negra; mas os diziamos tinha que os pagar, visto que as terras eram pertencentes aos conventos.

— Mas, ó sr. João, porque é que os lavradores não se revoltavam e disfrutavam a terra onde deixavam o seu suor?

— Os lavradores daquele tempo eram os cordeirinhos mansos como ainda são hoje. Não sabiam ler, tinham medo dum inferno, cheio de fogo, inventado pelos padres para aqueles que lhes não enchessem bem a barriga, que não lhes pagassem as missas bem pagas, que não lhes pagassem o alqueire e que não lhes levassem lombos de porco, franguinhos e franguinhas.

— Mas hoje, sr. João, já não é assim. Esse tempo acabou. Agora quem quizer paga, e quem não quizer não paga.

— E' verdade, menina. Por isso é que eu te disse que o mundo tinha avançado muito; por isso é que eu te dizia que em Portugal eram, desde que se fez a Republica, 3 horas da madrugada e que só faltava uma para ser dia claro.

Em Portugal, hoje, só paga quem quer. Mas infelizmente ainda ha muito quem pague, e é por isso que ainda não são 4 horas, que ainda não é dia claro nas nossas consciencias! Só será quando o lavrador disser para o padre, para esse jesuita negro, que ainda está na igreja: *Agarra numa enxada e trabalha como eu, padre duma figa*!

— Mas sempre, agora, sr. João, não é como naquele tempo?

— Sempre faz alguma diferença. Mas olha que naquele tempo o lavrador pagava, porque era obrigado por lei a sustentar aqueles malandros gordos como porcos. E infelizmente, hoje o lavrador não é obrigado a dar nem um chavo e ainda paga. E olha que o padre ainda é o mesmo: Gordo, como um chino, o dia inteiro a dormir, ou á espera de alguma cachopa para confessar. E o lavrador, o desgraçado, lá anda no meio do campo a trobalhar, a suar como um boi, para no fim do ano não ter muitas vezes com que remir a casa. Mas o sr. abade, esse, continua, junto com a freira, que é ás vezes uma boa criada gorda e forte, corada, bochechuda, a pensar quanto lhe levarão naquele ano os mansos carneiros!

— Afinal, o sr. João ainda não me explicou que mal poderia advir da confissão.

— Tens rasão, Albina, mas a culpada foste tu, que começaste a perguntar-me outras coisas. Mas, p'ra domingo, eu te explicarei bem isso.

— Tambem o sr. João ainda me não disse a diferença que ha entre a Republica e a Monarquia...

— Deixa estar, cachopa, não se vai a Roma num dia. Tu estás muito nova, e eu estou velho, mas tenho muita saude. Explicar-te-ei tudo o que souber.

— Então, até domingo, sr. João.

— Até domingo, menina Albina.

João da Eira.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XLII

«Métodos» e «sistemas» de leitura. — A «Cartilha Popular» do professor José Maria dos Santos. — O que a seu respeito diz o seu autor

Têm ultimamente aparecido vários dos chamados *métodos de leitura inicial*, a maioria dos quais firmados por professores primários. Isto é um bom sinal. O magisterio mostra assim que pode bem dispensar a colaboração de estranhos, que não raras vezes o amesquinham e afrontam com a sua filaucia e a sua ignorancia supina.

Entre as obras a que estamos fazendo referencia, uma nos chama particularmente a atenção. Foi a que saiu com o titulo de *Cartilha Popular* e o sub-titulo de «Sistema Racional de Leitura» e de que é autor o sr. José Maria dos Santos, distinto professor oficial da escola de Castelo Viegas. Num folheto de 48 páginas, que é vendido pelo módico preço de 80 réis, desenvolve este nosso colega o seu sistema (não lhe chamou *método*, como usam alguns bachareloides empertigados) duma forma na verdade bastante racional.

No pequeno prefácio que precede a apresentação do «Sistema», diz o autor: —«Exerço o magisterio numa escola de instrução primária ha mais de quinze anos. Durante este tempo, ensinei alguns métodos de leitura; e, se bem que todos me conduzissem ao mesmo fim—*ensinar a ler*—, a verdade é que ao esforço dispendido nem sempre correspondia o aproveitamente desejado. Com o emprego da menor energia alcançar o maior resultado, é um principio pedagogico. Em obediencia a ele, elaborei o presente «Sistema de Leitura»; e, embora não tenha a veleidade de o julgar um trabalho sem imperfeições, nem suponha que este ou outro qualquer possa dispensar ou substituir o professor, a quem considéro *o verdadeiro método* e julgo indispensavel e insubstituivel no ensino inicial, seja qual fôr a excelencia do livro, parece-me ser ele alguma coisa de aproveitavel. A ordem que segui não deixa de ser racional e logica; tanto na apresentação do alfabeto com gravuras, das vogais e dos ditongos, como na disposição silábica, na formação das palavras e nos exercicios de leitura, obedeci, rigorosamente, ao que a prática me sugeriu. E quem examinar detidamente este trabalho, que se completa com o auxilio da caractéres moveis, não deixará de observar que ele está nos limites da pedagogia, harmonisando-se com o desenvolvimento das crianças, a que é destinado.»

Nada têm de exageradas estas palavras, que dão, melhor de que o poderiam fazer as nossas, uma ideia do trabalho do sr. Santos. O seu valor é incontestavel — e por isso o felicitamos sinceramente.

Agradecemos o exemplar que nos foi oferecido e a amavel dedicatória que o acompanha.

Prof. Manuel José Antonio.

Agradecimento

Mariana Augusta da Silva Brandão, Abel Maria de Melo, João de Deus de Melo Brandão, Fausto Maria de Melo Brandão, Maria Clara de Melo Brandão, Maria do Carmo de Melo Brandão, Maria José Esteves de Barros Brandão e Joaquim Saraiva, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, veem por este meio tornar publico o seu indelevel reconhecimento para com todas as pessoas que lhes visitaram a casa por ocasião da morte de seu chorado esposo, pae e sogro, José Maria de Melo Brandão, falecido no dia 11 do corrente mez, e ali os acompanharam em tão doloroso transe com palavras de conforto e resignação.

E entre tantas provas de estima de que foram alvo, não podem deixar de especialisar neste agradecimento, a *Filarmonica 25 de Setembro*, pela espontaneidade com que se prestou obsequiosamente a acompanhar o extinto á sua ultima morada, não devendo ainda esquecer todas as pessoas que se dignaram encorporar-se no mesmo prestito funebre.

A todos, pois, a sua inolvidavel gratidão.

Montemór-o-Velho, 22 de fevereiro de 1913.

Notas pessoais

Passou no dia 27 de fevereiro o aniversario natalicio dos nossos presados amigos e cooperadores do *Dever*, Manoel d'Almeida Junior e Antonio Reis de Almeida, aquele funcionario muito zelozo da Companhia Internacional dos Vagons Leitos e dos grandes expressos europeus, e este da Beira Alta e irmãos do nosso camarada Almeida Junior.

Cumprimentamo-los afétuosamente.

CORRESPONDENCIAS

Quiaios, 25

Teem decorrido com maxima regularidade os trabalhos na instrução militar preparatoria ministrada por um tenente e sargentos de infanteria n.º 28, da Figueira da Foz. O local onde se realisam os exercicios é deveras magnifico para o efeito, prestando-se muito para os diferentes numeros que os rapazes executam com correcção, sempre na presença de muito povo, que, atraido pelas graciosas evoluções e variados numeros os admira e não deixa de louvar a maneira afavel e carinhosa como os instrutôres os ensinam.

=== Representou esta localidade no Congresso Republicano que ultimamente se reuniu em Coimbra, o snr. dr. Afonso Enriques, distinto clinice municipal nesta povoação. Entre outras coisas submeteu á apreciação dos congressistas, a conclusão da estrada distrital de Mira á Figueira, obra de sumo interesse para estes povos; e a arborisação da Serra de Boa Viagem, cujos trabalhos já começaram. Bom seria que outras entidades pugnassem pelo acabamento de aquela util estrada, donde adviriam lucrativos interesses para o comercio e pora todos os povos desta fertil região que vai daqui até Mira.

=== Encontra-se aqui, passando algum tempo na sua quinta, acompanhado de sua esposa, o snr. Diogo Harnandes Barbot, importante industrial do Porto, o que muito estimamos.

=== Com frequencia regular, proseguem as aulas noturnas na Associação Artistica Quiaense. E' seu professor, o snr. dr. Afonso Enriques, que com boa vontade está sempre ao dispôr daqueles, cujos fins sejam educar o povo e oriental-o pelo verdadeiro caminho da Civilisação. Ali aproveitam utilmente as horas destinadas ao trabalho e ao descanço do corpo, alguns filhos de artistas que a precisão e falta de vagar rouba á escola durante o dia. Bem haja este benemerito que tanto trabalha em prol da instrução.

F. F. de Carvalho.

Pampilhosa— Entroncamento, 27

Os acionistas do Teatro Gremio de Instrução e Recreio, reunidos no vasto salão deste Teatro, no dia 23, elegeram os novos corpos gerentes:

Assembleia Geral — Dr. Francisco Cruz, José Duarte de Figueiredo, José Elisio.

Direcção — Franscisco Cruz, Joaquim Cruz, Domingos Rodrigues da Silva, João Climaco Bátista, Luiz Gualberto Teixeira.

Suplentes — Cesario Ernandez, José de Figueiredo, Albano Cristina, Adriano Teixeira Lopes, Joaquim José de Melo.

Conselho Fiscal — Abel Godinho, Joaquim Miranda, José de Melo.

Pelo acionista snr. Francisco Bastos Mourão, foi apresentado um mapa da receita e despeza, demonstrando á Assembleia, a sua boa vontade de regularisar a situação financeira deste Gremio e para verificar a sua exatidão foi nomeada uma comissão composta dos snrs. Feliciano de Oliveira Rocha, João Climaco Bátista, José Elisio, José Martins Catarido e Luiz Gualberto Teixeira.

C.

Maçal do Chão, 20

(Retardada)

Apesar da boa vontade do digno administrador deste concelho, auxiliado pelo bom cidadão e homem onrado dr. Luiz Ramires, ainda não foi possivel constituir-se a comissão politica concelhia, como é do programa do Partido Republicano Portugués. E não se constituiu porque ha muito republicano, segundo se diz, qne aspira ao *penhacho* da presidencio e outros ainda que julgando-se desconsiderados— nós, porém, chamamos-lhe mais propriamente despeitados, — não só não concorrem com o seu esforço para a sua fundação, mas ainda lançam mão de todos os meios para lhe levantar obstaculos. Este facto, que parece á primeira vista de somenos importancia, significa para nós um estado de ambições e egoismos improprios de republicanos, como queremos crer que todos sejam. Se antes de 5 de outubro contavamos um ou dois republicanos apenas, vemos agora, em volta da bandeira verde e encarnada, bons e grandiosos elementos, que não deixarão que neste concelho, tradicionalmente liberal, triunfe o jesuitismo e a talassaria bata palmas de contente ao ver as dissenções que lavram na familia republicana.

Não quero com estas considerações chamar ao seio do mesmo partido politico todos os republicanos do concelho. Não! Isso seria um belo passo, mas, por varias razões, acho-o irrealisavel Delimitem-se os campos a dentro da Republica. Formem-se os partidos com as suas comissões, e veremos que, respeitando-se mutuamente, a desarmonia acaba e sobretudo que baterão em retirada todos os elementos de discordia, ou virão *purificados* enfileirar ao nosso lado. Lembrem-se que a Republica não se fez só para uma familia e que ainda precisa de todos os nossos sacrificios e boa vontade; pois que na lucta travada entre republicanos e jesuistas, estes serão os vencedores se nos desunirmos. O que acaba de passar-se na freguezia de Lageosa é um sintôma do espirito liberal dos seus habitantes, mas que terá de dobrar-se servilmente ás imposições do reacionario bispo, se não fôr coadjuvado por todos os que, amando esta Patria querida, abominam as manhas e *mais artes* que concorrem nos traidores!

Unamo-nos, pois! A'vante pela Republica!

=== Deste logar pedimos ao digno e ilustre Governador Civil, para que interceda junto das estações superiores para que seja construido o lanço de estrada do Baraçal a esta freguezia, estrada que já foi estudada ha oito anos aproximadamente e que se faria com pequena despeza, porque não haverá expropriações de grande importancia. São apenas dois kilometros e meio de traçado, que esta freguezia vem pedindo ainda do tempo do regimen dos adeantamentos, sem que fosse attendida. Esperamos que o carater réto e justo do ex.mo Governador Civil, saberá, como sempre, reconhecer a justiça da nossa pretensão.

Padre Paulo Evaristo Alves
(Pensionista)

ADUBOS PARA VINHA

O viticultor está embaraçado quando vem a primavera. Deverá ele adubar a vinha ou virá o vinho a ter preço tão ordinario e saída tão dificil que antes valeria não ter vinho algum e não fazer despeza alguma com a vinha?

Dificil é dar um bom conselho ao viticultor sobre este ponto. Todavia, quer-nos parecer que em anos de preço baixo, o lavrador, compensado pela grande quantidade de vinho produzido, em consequencia da aplicação dos adubos quimicos, os quais, além de influirem na quantidade influem tambem na qualidade do vinho.

Atualmente, o preço do vinho é compensador. Oxalá que assim continue e que a exportação floresça, para que o viticultor, abrigado contra uma baixa de preço, possa tratar, por meio osd adubos quimicos, com toda a dedicação, da melhoria da qualidade, onde porventura ainda não se tenha chegado á perfeição inexcedivel.

E' claro, porém, que muito e bom vinho só se pode obter aplicando boas adubações completas. Pelo contrario, adubações incompletas cançam terras e vinhas e prejudicam as boas qualidades de conservação, o aroma e paladar dos vinhos, senão no primeiro ano, mas, pelo menos, nos seguintes.

Isto é tanto mais exacto, quanto é um facto, que vinhas bem adubadas são muito menos atacadas de doenças e resistem-lhes mais facilmente sem dano de maior, do que vinhas mal ou não adubadas.

Cremos até que de vinhas isoladas ou de maiores ou de maiores centros isolados de viticultura, desapareceriam a pouco e pouco, por completo, as doenças, desde o momento, que todos os viticultores, sem excepção, fizessem aplicação judiciosa de adubações boas, completas, acompanhando, é claro, esta de outras medidas de saneamento, que se reconheçam indispensaveis, como sangrias (drenagens), etc. A casa Herold tem á disposição dos viticultores atestados, pelos quais provam que as suas vinhas, competentemente adubadas segundo o conselho dos agronomos da dita casa, necessitaram de menos sulfato de cobre e de menos enxofre, havendo, pois, tambem economia de despezas de aplicação.

A casa Herold & C.ª convida todos os viticultores a que adubem as suas vinhas. Se, com receio de uma baixa, não quizerem adubar a vinha toda, adubem uma pequena parte, para assim saberem o que podem esperar de uma adubação, para a poderem aplicar imediatamente com convicção, sem hesitação, e em grande escala, quando os preços dos vinhos lhes pareçam suficientemente remuneradores, porque, chegada esta oportunidade, não é bom perder tempo com experiencias pequenas, porque, antes destas concluidas, pode o preço sofrer nova baixa.

A casa O. Herold & C.ª vende os seus adubos debaixo da marca registada «Trevo de 4 folhas», e tem escritorios e armazens em Lisboa, Porto, Regoa, Pampilhosa do Botão, Faro e Santarem (S. Pedro).

Dirigir tambem a Fortunato Vaz —CAMARNEIRA (Cantanhede).

CANTANHEDE

Preço dos generos no mercado de 20 de fevereiro

Milho branco, 540; amarelo, 520; trigo mouro, 780; tremez, 740; mourisco, 740; centeio, 1$050; cevada, 500; aveia, 1$200; aveião, 400; arroz, 1$500; serradela, 900; feijão mocho, 1$100; branco, 900; amarelo, 1$000; rajado, 700; frade, 1$000; carraço, 900; brazileiro, 1$000; canario, 900; esvilha, 1$300; tremoço, 700; grão de bico, 1$100; fava, 600; chicharo, 480; azeite, 2$700; vinho tinto, 850; branco, 1$000; vinagre, 400; aguardente, 2$800; geropiga, 1$800; batata, 440; lã, 3$400; trevo, 40; azevem, 140; sal, 160.

Por absoluta falta de espaço, não pôde ser publicada nêste numero uma carta que nos enviou o snr. Augusto Ferreira de Andrade.

ANUNCIOS

ANUNCIO

NO dia 9 do corrente mês de fevereiro, por onze horas, a requerimento do administrador da massa falida do negociante Virgilio Paiva de Carvalho, de Pereira, nos autos de falencia que contra este requereram Carlos Augusto Louzada e João Vieira da Silva Lima, negociantes, de Coimbra, se ha de proceder em Pereira e na casa onde o falido exercia o seu comercio, á arrematação por lotes de todos os bens arrolados por aquele processo e constam de fazendas de algodão, vinhos, vasilhame, ferragens, mercearia, estantes e outros moveis, e que serão entregues a quem melhor lanço oferecer além do preço por que cada lote é posto em praça, que será o da sua avaliação.

Pelo presente são citados para a arrematação quaisquer credores incertos.

Montemór-o-Velho, 21 de fevereiro de 1913.

O Escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.

Lemos Viana.

ANUNCIO

(1.ª publicação)

NO dia 16 de março proximo, por onze horas, á porta do tribunal judicial, se ha-de proceder á arrematação em hasta publica, para ser entregue a quem maior preço oferecer além do que vai á praça, que é o da sua avaliação, do seguinte trato de terreno pertencente á herança jacente por obito do doutor Manuel Barata de Lima Tovar Pereira Coutinho, morador na Figueira da Foz, a saber:

540m2 ou uma aguilhada, que é a sexta parte dos metros correspondentes a seis aguilhadas de terra no sitio da Junçosa, Campo de Cima, freguezia desta vila. Vai á praça em quarenta mil réis.... 40$000.

Pelo presente são citados para a arrematação quaisquer credores incertos.

Montemór-o-Velho, 13 de fevereiro de 1913.

O Escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.

Lemos Viana.

(32) **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

II

Luís Constantino era um homem de trinta anos, robusto, temperamento sanguineo, bem apessoado, probo de caráter, amigo do Devêr, generôso de coração; mas a alma, senso intimo, a essencia de tôdo o seu sêr, era puramente terrêna, com um não sei quê de grosseiro que exsudava de palestras comunicativas, de materialidades fúteis, com amigos similares.

Isto só deslustrava Luís, que, não obstante, passava por um homem de brios, e era respeitado pelas pessoas do logar com a mesma veneração, quase, que era tributada ao bom vigário, ao bom cura d'almas.

Frequentava o farmaceutico a casa humilde, mas feliz, de padre João Madureira, a principio, com longas intermitencia, depois, mais assiduamente.

O vigário não recebia mais ninguem em sua casa, a não sêr o farmaceutico e o professôr, um velho octogenário, com mais vinte anos do que êle, bom e extrêmamente fervoroso pelo seu sacerdocio.

Luís Constantino prazia-se de ouvir o padre João, que tinha argumentos sábios e sentenciosos, e sublime filosofia do verdadeiro racionalismo, que faz vêr as coisas pelo prisma recto e claro da razão, sem outra base que não seja o conhecimento palpavel da Naturêsa que nos rodeia e nos educa.

Tinha com as irmãs trato jovial e franco, e agradava-se das suas maneiras simples e despretenciosas, próprias da vida natural do campo, sem aquelles arrebiques que tornam uma mulher enfática.

A que, porém, lhe calou mais no animo, pelo seu comedimento, pela sua extrêma simplicidade, pelo grande recato com que sempre lhe falava, foi Joaninha.

Cheia de graças, Joaninha realçava pelas suas vinte e cinco primaveras e pelo encanto da sua bondade.

Começou Luís de amá-la um dia muito a ocultas; e ela, sem mesmo saber porque, sentiu-se de repente atraída para aquele homem, que tivera o podêr de lhe despertar o coração virgem e o fizera vibrar dum amôr que ela sentia incrustar-se-lhe na alma, muito cheio de pureza, fremente de candura, comovidamente angelica.

Dali por diante, entrevistavam-se a miúde, ora em casa, correspondendo-se com a linguagem da vista, ora no muro do jardim, dissertando com a filosofia do coração.

Isabel e Maria surpreenderam uma vez estes amores, e, muito ciosas, fôram dize-lo ao padre-vigario.

Este, já tambem suspeitoso, não acolheu a nova com estranheza, e apenas disse:

— Se ha dois corações que se amam e duas almas que se acrisolam, o Destino saberá penitenciá-las dos erros que praticarem.

— E' conveniente a vigilancia — responderam-lhes as irmãs.

— Mais necessaria é a fé—objectou-lhes o vigario.

III

Corria o mez de abril.

O dia 20 amanhecêra brusco, com muitas nuvens, sufocante, prenunciando trovoada.

As aves, muito irrequietas, voejavam no espaço, sem gorgear, como sentindo-se oprimidas pela atmosféra pesada e cálida, ou talvez tristes pela tristeza que anuviára o dia.

A' tarde, os novelos de nimbos que esfumavam o azul de anil desfizeram-se e desappareceram de todo, e uma brisa meiga e muito fresca amaciou a temperatura morna, muito tépida.

A noite desceu serena e aromática como as noites de primavera; mas com a tristeza sublime, com a melancolia dôce das noites de outono.

Noite de lua nova, tumularmente silenciosa, cortada de onde em onde pelo piar longinquo dum mocho, funéreamente dantesco nas suas notas sepulcrais e dolorosas.

O tempo decorria veloz.

Bateram horas. Eram onze.

A vivenda do padre-vigário já estava mergulhada num completo mutismo.

Nisto, assomou um vulto do lado do muro do jardim, que se escoou até junto dum poço que ali havia.

Em seguida, outro vulto, muito fugaz, quase etéreo, veio-se aproximando do primeiro, num açodamento que parecia temor e desvelo.

(Continúa).

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz** — Camarneira — Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne. Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central. Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

Bicicletes de diversos autôres, desde 25$000 réis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramafones e musicas, em casa de

José M. Figueira

CANTANHEDE

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

MUREALINE — Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 2.º — Arazêde, 9 de Março de 1913 — N.º 55

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 4.ª, 6 centavos; na secção respectiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os autografos.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

Portugal e Colonias Portuguezas — Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trimestre, 30 centavos
Brazil — Ano, 2 escudos, fortes.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO
Redactôr e editor — ALMEIDA JUNIOR
Propriedade da emprêza d'*O Devêr*
Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ
Redação e Administração — ARAZÊDE
Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

A instrução e o sr. Presidente do Ministério

Ha dias, num diário da capital de grande circulação, lêmos em parangônas a notícia de que o sr. dr. Afonso Costa estava no propósito de não aumentar nem mais 1 cantávo ao funcionalismo público. Devemos confessar que a notícia nos surpreendeu, pois que logo nos salteou a ideia de que naquela categoria estava compreendido o professor primario, o humilde pária que a dentro da República continúa arrastando a grilheta do vilipendio, a que o amarraram os governos duma monarquia de canibais, e em que pretendem sacrifica-lo os governos duma répública de... fantasistas.

Porventura o sr. Afonso Costa, o estadista que, com assombro das nações da Europa, tem dado provas evidentes de energia e decisão em todos os seus actos públicos, quererá, na febre das economias realisadas, hostilisar uma classe que no tempo dos comicios lhe mereceu a maior simpatia e o mais decidido interesse?

Acaso não perpassou ainda pelo cérebro másculo e potente do presidente do ministério a ideia magnânima de que só o professorado primário, convenientemente mobilisado no seu funcionamento geral, poderá convulsionar as populações de molde a estratifica-las na variabilidade dos seus costumes e dos seus temperamentos e a integra-las numa sociedade que deve ser disciplinada, forte e conscientemente educada?

E admitindo-se que fosse já abrangida esta ideia pela vasta cerebração do sr. Afonso Costa, não repugnará á rasão esclarecida de sua ex.ª o facto do professor primário — o primeiro funcionário duma nação — na frase de Vitor Hugo, auferir, pelo seu trabalho insano de formar caractéres e purificar consciencias, as migalhas bolorentas que desde sempre lhe arremessou a monarquia e que fôram rudemente acrescentadas por uns restos humildes que um ministro se lembrou de lhe atirar ha dois anos como quem atira um ôsso duro a um rafeiro escanzelado?

Não. Isto verdadeiramente não é democrático, não é republicano. Isto é fundamentalmente paradoxal, ilógico e ridículo.

A quasi dois anos e meio de República ha uma classe no nosso país — a primeira, a mais nobre e a mais operosa — que vive ainda jugulada pela dependencia, pela miseria e pela fome, sem que um governo da República, dessa República cambiante que para aí existe, se lembrasse um dia de a libertar, de a revivescer, de lhe dar a vida forte e oxigenada dos ambientes sociais. Nem o governo provisório logrou emancipar o professor primário, nem ainda o governo a que preside o homem em quem a nação inteira depôz todas as suas esperanças e todos os seus ideais. E' desolador! Desolador e sintomático.

Já lá vão tres mezes de ministério afonsista, e comtudo a instrução primária do país está no abismo, num abismo negro e profundo como o inferno de Dante.

E vêem-se escolas fechadas, e vêem-se escolas em ruinas, e vêem-se professores sem cadeira, e, por último, vêem-se milhares de cidadãos a debaterem-se nas trevas, sem um raio de luz no espirito que os guie ao caminho da emancipação humana.

E por cima de tudo, e apesar de tudo, ouve-se este éco fúnebre como um dobre a finados: «Nem mais 1 centávo ao funcionalismo.» E ao funcionalismo pertence o professor primário que, a morrer de fome, não pode fazer a felicidade duma nação que carece de robustez fisica e moral para enfileirar ao lado dos povos cultos e fortes que sabem dignificar-se pela instrução e pela educação modelar.

Não ha dinheiro? Arranje-se, seja onde fôr e por que meio fôr. Que isto de dizer que *não ha dinheiro* é a nota estafada dum realejo já carunchôso. O que não póde admitir-se é que, a esta frase gratuita, tenham de ceder a instrução, a agricultura, o comercio e a industria, vivendo num lamaçal de descrédito e de desprêso irritante, sem que um homem, um homem só no nosso país, procure dar remédio a tamanho descalábro.

Já decorreram tres mezes sobre o ministério do sr. Afonso Costa, e o canto do cisne ainda se não fez ouvir na terra...

Novidade pedagógica

Guia Prático de Trabalhos Manuais Educativos, por Ezequiel Solana.—Tradução do prof. Manoel José Antonio.—Preço: 50 centávos.

Ha tempo noticiámos que devia aparecer no mercado pedagógico esta obra de Solana, o distinto pedagogista espanhol, com tradução do nosso querido amigo e estimado colaborador, Manoel José Antonio. Efectivamente, acaba de nos chegar ás mãos, generosamente oferecido por este distinto colega, um exemplar da referida obra que devéras nos maravilhou.

Comaçando por mostrar a importancia dos trabalhos manuais com clareza e sobriedade, o *Guia Prático* ocupa-se primeiramente dos *trabalhos em papel*, ensinando vários exercicios de dobramento, de tecelagem, de recorte e de picado, mas ensinando práticamente, por meio de figuras esquemáticas que auxiliam poderosamente as operações. Passa depois, numa segunda parte, aos exercicios de *cartonagem*, apresentando variados modêlos com aplicações práticas; e termina por um apendice, onde são estudados os trabalhos de *arame* e de *modelação*, sempre com a maior proficiencia e espírito prático.

Neste breve resumo póde já aquilatar-se do valor e da oportunidade da obra inteligentemente traduzida por Manoel José Antonio, e á qual este distinto professôr conseguiu imprimir um realce e despertar um interesse inegualaveis. E' uma obra que, pela sua feição artistica avolumada pela profusão de gravuras que a ilustram, vem preencher uma grande lacuna no meio pedagógico português, onde, felizmente, não têm faltado energias e dedicações desinteressadas.

E—diga-se de passagem—é um professor assim, como Manoel José Antonio, que meteu ombros á obra de tômo a que nos vimos referindo, que está gánhando no nosso país uns miseraveis 490 réis por dia!! No nosso país onde ha *tubarões* que nada fazem, em detrimento de muitos que trabalham com a máxima dedicação!

Mas... *j'en passe*. E, por agora, só temos a recomendar ao professorado primário a aquisição da obra valorosa, traduzida por um professor e por um prático distinto, e a agradecer ao brilhante interprete da obra de E. Solana o seu generoso oferecimento e a sua amavel dedicatória.

Ao Ex.mo Ministro da Justiça

De muitos lados nos chegam pedidos para que chamemos a atenção de V. Ex.ª para a morosidade que tem havido em tornar definitivas as pensões que nos foram concedidas pelas Comissões distritaes.

E na verdade, Ex.mo Sr., ha padres, e eu sou um deles, que estão quasi ha dois anos a viver com a ridicula pensão de treze escudos e trinta centávos mensais!

Atenda V. Ex.ª que alguns teem familia a sustentar; que eles foram e são ainda um pequeno, mas sólido esteio da Republica; que os ordenados dum guarda-portão, dum guarda-fiscal, ou dum distribuidor do correio são, porventura, muito superiores áqueles treze escudos!, e eu estou seguro de que V. Ex.ª envidará todos os esforços para que a Comissão Nacional de Pensões reveja os processos e nos faça justiça, a que temos incontestavel direito.

Padre Paulo Evaristo Alves,
Pensionista.

CRÓNICA DO PORTO

A' semelhança dum arauto que, engalanado na sua farda de mil côres, nos atrôa os ouvidos a berros de clarim, Março aproxima-se aprumado e garrido anunciando a lêda Primavera!

Reverdecem os arvorêdos sussurrantes e os passaritos meigos, muito meigos, já ensaiam seus hinos triunfais.

Tudo flori e tudo reverdece: até o róble colossal da corrução se reveste de galas côr de sangue.

Até no tribunal em cuja fachada se estampa a sinistra expressão duma creoula estrangulada, a febre do oiro entrou fascinando juizes integérrimos.

A Justiça é incorrutivel, mas que importa se ela tem os olhos vendados?

Até naquela fábrica potente que, na fúria dum Titan enraivecido, parece metralhar o céo, entrou a trágica ambição torturando os pobres operários.

Eles protestam, mas que importa a sua rebeldia se a fome lhes tolhe os movimentos, espreitando-lhes os lares estremecidos?

Até nesse palácio luxuoso penetrou a vil ganancia prostituindo as filhas inocentes.

Elas repélem o sátiro canalha que o papá lhes escolheu para marido, mas que valem os prantos e os queixumes se é necessario um noivo senão com mais, pelo menos com dote igual?

Pais desnaturados, profanadores dos lirios virginais que a fétida esterqueira do vosso ser gerou por um capricho natural. Com esses casamentos de infamia e ambição levais as candidas crianças ao desgosto cruel, ao mal-estar constante, ao adultério, emfim! E tudo por vossa culpa...

E assim olhando a vida, o mundo, a sociedade, eu fui — novo Diógenes paciente — em procura da Honra imaculada.

Corri os tribunais, as fabricas potentes, as salas do *bom-tom*; mas qual? a Honra, essa donzela tão rosada, ha muito que abrira as ásas num adejo de frias incertezas. Olhei-me em volta: eu mesmo estava só!...

Tristonho, desiludido fui bater á porta do bordel em busca de esquecimento ás saudades dessa querida ausente, e—oh! escarneo dos escarneos! ironia das ironias! —a Honra estava lá entre as rameiras debochadas.

A' falta de quem a agasalhasse, apelou para o último recurso:—prostituir-se, pôr o corpo em leilão!...

Porto, 4 de março de 1913.

Gomes Monteiro.

Gremio de Instrução e Recreio de Pampilhoza

A' proposito duma correspondencia aqui inserida no ultimo numero, e devida á amabilidade dum nosso presado amigo, recebemos, tambem do nosso amigo snr. Domingos Rodrigues da Silva, proprietario e comerciante junto á estação ferro-viaria da Pampilhoza, uma carta, que gostosamente publicamos.

O snr. Silva propõe-se aclarar o assunto, como membro que é da Direção do importante Grémio Pampilhozense. Como membro e como um dos melhores e mais dedicados cooperadores da simpatica instituição, a que estão ligados nomes respeitaveis e de destaque no meio social portuguez, tais como: o grande patriota e deputado da nação snr. dr. Francisco Cruz; seu irmão Joaquim da Cruz, presidente da comissão administrativa da Mealhada; Francisco Bastos Mourão, Abel Godinho, importantes industriais, e outros nomes cuja relação vae mais abaixo e que são a fina-flor daquelas circunvisinhanças.

Sabemos que foi lançado na ata um voto de louvor ao nosso amigo Rodrigues da Silva, e, deixem-nos ser franco, bem merecido foi, porque ele, atravez de todas as contrariedades, não desanimou nunca um só momento no trabalho em prol do Grémio, ao qual, agradavel nos será constatar, estará reservado um belo futuro, se todos, unindo-se e esquecendo coisas da vida, trabalharem comumente em beneficio do seu engrandecimento coletivo, que bem proveitoso póde resultar para a educação popular.

Ao nosso amigo snr. João Climaco Bátista, inteligente fiscal do governo, tambem o Grémio deve uma grande soma de dedicações e sacrificios.

Segue a carta:

Meu amigo:

Li no seu jornal uma correspondencia desta localidade, contendo algumas inexatidões, que me apresso a retificar. O que se passou foi, além doutras coisas, o seguinte:

Sob a presidencia do cidadão Joaquim da Cruz, secretariado pelos cidadãos Alfredo Fernandes d'Almeida e Luiz Gualberto Teixeira, reuniu a assembleia geral do Gremio Instrução e Recreio de Pampilhoza, no domingo, 23 de fevereiro, que, além de tratar doutros assuntos, elegeu a nova Direção, que ficou assim constituida:

Assembleia Geral — Dr. Francisco da Cruz, José Duarte de Figueiredo, José Elisio Marques Ribeiro.

Direção — Joaquim da Cruz, Francisco Mourão, João Climaco Bátista, Luiz Gualberto Teixeira, Domingos Rodrigues da Silva.

Suplentes — Cezario Hernandez, José de Figueiredo, Albano Cristina, Adriano Teixeira Lopes, Joaquim José de Melo.

Conselho Fiscal — Abel Godinho, Joaquim Simões Miranda, José de Melo.

Apresentou as contas desde a construção do Grémio até terminar a sua gerencia, o cidadão Francisco Mourão, por proposta do qual foi nomeada uma comissão composta dos cidadãos José Elisio Marques Ribeiro, José Martins Catarino, João Climaco Bátista, Luiz Gualberto Teixeira e Feliciano d'Oliveira Rocha, para verificar as mesmas contas, as quaes a assembleia achou perfeitamente regulares.

Apresentei então o relatorio e contas da minha gerencia, que data desde 25 de fevereiro de 1910, que acusa um saldo de 31$910 réis a favor do Grémio.

Foi isto.

Seu,

Pampilhoza, 4 de março de 1913.

Domingos Rodrigues da Silva.

Devemos entretanto dizer ao nosso amigo que, por lapso de revisão, saiu em duplicado o nome do snr. dr. Francisco Cruz, e que o nosso amavel correspondente nenhuma responsabilidade tem desse lamentavel equivoco.

Inauguração dum apiadeiro

O Baraçal abre a todo o serviço

Teve logar no dia 1, como consta nontro logar, a festa da inauguração do apiadeiro do Baraçal, linha da Beira Alta, que abriu a todo o serviço, conforme o pedido da seguinte comissão, que, interpretando o sentir e o justo desejo dos povos daquelas circunvisinhanças, obteve da Companhia da Beira a realisação deste importante melhoramento local. A comissão é, pois, assim constituida:

João Rodrigues Rito, presidente; Anacleto, vice-presidente; Antonio Saraiva, Julio Augusto, José Maria, José da Paixão Francisco, Abilio Lopes, C. A. Pais, Manoel Pina e José Cabral, vogais.

A Directoria da Beira Alta, prestando um importante serviço ao povo, ao comercio e á industria, cuidou ao mesmo tempo dos interesses da Companhia e deu uma grande prova de senso administrativo.

Tambem o *Dever* aqui tem lembrado á conveniencia dos despachos, no Baraçal, de volumes até 180 réis.

E o *Dever* regosija-se por ver agora coroado de exito satisfatorio o seu pedido, a causa que tem advogado, e por isso não se esquece este jornal de agradecer neste momento, em nome dos seus assinantes daquela terra da Beira, á Companhia dos caminhos de ferro, louvando-a.

Devia o nosso jornal limitar a sua acção sómente ao concelho a que pertence? De maneira nenhuma. Não esquecendo o que é nosso, isto é, do povo do nosso concelho, tem estado e estará o *Dever* ao lado de todos os povos, ainda os mais afastados da séde da sua redacção.

Porque, não sendo nós politicos, nem da politica querendo nada, só nos preocupa a felicidade geral, e eis a rasão porque, dentro dos principios que advogamos, estendemos sempre as nossas atenções e cuidados para o povo das regiões mais longinquas.

Abraçamos e felicitamos o povo do Baraçal e circuitos pelo melhoramento alcançado e a que incontestavelmente tinha jus.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XLIII

O «Sindicato dos Professôres Primários de Portugal» — Relatório e contas da sua direcção e parecer do conselho sindical relativos á gerência de 1912 — Uma instituição valiósa que progride a olhos vistos

Temos presente um folheto contendo o «Relatorio e contas da direcção e parecer do Conselho Sindical», que o Sindicato dos Professores Primários de Portugal publicou, com o fim de fazer conhecida a sua gerencia do ono de 1912. Assinam o relatorio os ilustres professores Henrique de Sant'Ana, Francisco José Cardoso Junior, José Gonçalves Pena, José Madureira de Vasconcelos, José Pereira Soares David, D. Maria Isolina da Silva Cardoso e Agostinho Cesar de Moura. O parecer do conselho sindical, que se limita a aprovar as contas e o relatorio, a propôr *um voto de muito subido valor* á direcção cessante e a fazer um *apêlo* ás futuras direcções para que sigam o caminho que ela traçou, — traz as assinaturas dos srs. Francisco Antonio Vieira, D. Maria da Costa Torres e Florentino de Nascimento Silva Borges, tambem profesrores muito distintos.

Lemos o folheto, e a impressão que dessa leitura nos ficou é a de que o Sindicato constitue já hoje uma grande força organisada, que ao magisterio primario compete amparar e engrandecer. Durante o ano de 1912, em que se inscreveram nada menos de 407 novos socios e foram organisadas muitas delegações concelhias do Sindicato, — este promoveu a realisação de conferencias, que versaram sobre temas sugestivos que muito interessam á escola e ao professor; formulou reclamações importantes, algumas das quais foram atendidas, com o que muito beneficiaram a classe do magisterio e o ensino; tomou outras medidas de grande alcance educativo; e, finalmente, organisou o primeiro curso pratico de trabalhos manuais educativos, com que dispendeu 291$535 réis.

Bastaria a realisação de tal curso, que perto de cem professores frequentaram e que um distinto professor belga proficientemente dirigiu, para impôr o Sindicato á consideração dos que se interessam pelos assuntos escotares. Emquanto o estado nada faz em prol do aperfeiçoamento do magisterio portugués, que o mesmo é que dizer em favor do aperfeiçoamento das novas geraçõis portuguêsas, — uma associação de professores, desajudada do auxilio oficial, que em tais lances nunca falta no estrangeiro, abalança-se a um empreendimento que, sem duvida, marca o inicio de uma nova época nos anais da nossa instrução primaria.

E' verdade que apareceu ha dias na folha oficial uma portaria de louvôr ao Sindicato, na pessoa do seu presidente, por ter realisado o referido curso. Quererá isso mostrar que os poderes publicos começam, emfim, a reconhecer que é urgente olhar para o aperfeiçoamento do magisterio português e tratal-o com a consideração que ele merece e lhe é devida? Nesse caso, que outras medidas venham, sem demora, vincar isso de uma fórma iniludivel.

Bom é, entretanto, que o Sindicato dos Professôres Primarios de Portugal continúi a trabalhar resolutamente em favôr da escola e da classe que em grande parte representa. Estamos certos de que esta lhe saberá recompensar as canceiras e os sacrificios.

Prof. Manuel José Antonio.

Mais de mil abraços dados por um republicano a um padre, conhecido inimigo do regime

Não será necessario trazer para aqui as habilidades de que os jesuitas se serviram em todos os tempos para se insinuarem no animo dos incautos. São demasiadamente conhecidas. Agora quero unicamente constatar um facto verdadeiramente sintomático:

O átual correspondente do Baraçal para o *Dever*, e permanentemente de Lisboa, o meu dilecto amigo A F. A., cujos primorosos dotes de caracter eu muito aprecio, deu *mais de mil abraços* no incomparavel padre do minhocal, chamando-o *sincero*.

Sincero !! O' meu amigo: o senhor não o conhece e só a sua bondade o levaria a chamar-lhe *sincéro!* Vou eu dar-lh'o a conhecer e depois confesse que precisa desinfectar bem as mãos, que lhe deram palmadinhas nas costas!

Sincero o padre do Minhocal !!

Ora leia: E' individuo que apresenta duas caras, conforme as freguezias onde se encontra: liberal no Baraçal, mas sempre agarrado á monomania do azul e branco; e talassão no Minhocal, porque só desta fórma faz bem ao estômago !!

Foi este individuo, que eu ensinei na pouca prática que tinha de vida paroquial, que me escreveu umas cartas dando-me como senhor dum bem-d'alma dum homem falecido na minha freguezia e que levou para a dele, pedindo-me desculpa de o haver feito, para depois m'o roubar!

Guardo essas cartinhas como uma reliquia!

E' o individuo que, como qualquer Ferrabraz quixotesco, ameaça os paroquianos de lhes *voltar as costas*, se não fizerem o que ele diz e me tornarem a chamar!

Um sôba em miniatura, hein !?

E' o individuo que se gabava de que ainda havia de pôr fóra das casas da escola do Minhocal o inteligente e incansavel professor Rodrigues Direito, porque, dizia ele, na administração tudo lhe faziam, indo, para armar de importancia, passar alguns dias na mesma administração, em amena cavaqueira!

E' o individuo que andou nas vesperas da incursão couceirista, pelo Rochoso, e não sei por onde mais, *em passeio de recreio*, acompanhado de dois amigos, a quem o *sincero* (?) não receava comprometer! Nunca direi quais foram, porque um, que eu conheço e muito bem, está arrependidissimo de o ter acompanhado, e o outro não chegaram ainda as minhas investigações a saber-lhe o nome; mas hei de sabe-lo um dia—porque eram dois!

E' o individuo que mandava bilhetes postais *enigmaticos* ao seu colega da Rapa, outro que tal em inteligencia, ilustração e civismo, com frases como estas: — *As batatas estão maduras! Não tenhas medo! Vamos a eles!...*

E' o individuo... mas para que mais?

Isto que aí fica e que provo onde fôr preciso, é o bastante para aquilatar da sinceridade dum homem... tão *sincero!*

Ora veja o meu amigo A. F. A. em quem aplicou as suas afabilidades tão apreciadas por pessoas que, como eu, o estimam!

O senhor, republicano histórico, como diz ser, e eu acredito; o senhor que trabalhou pela vinda da gloriosa madrugada de 5 de outubro; o senhor, que já depois de implantada esta querida Republica não tem esmorecido na sua defeza; o senhor, que por onde passa faz propaganda dos verdadeiros principios democráticos; o senhor, que é uma bela alma, nobre e impoluta, ou se deixou convencer pelas palavras hipocritas do tal *sincero*, e tem de se precaver, porque senão chamo-o ingénuo, ou esteve a chuchar com o homensinho e então... se ele é *melro*, o senhor saiu-me um *pardal !!*

Maçal do Chão, 26 | 2 | 913.

Padre Paulo Evaristo Alves,
Pensionista.

Os que morrem

Padua Correia

Eu conhecia Padua Correia.

Foi-me apresentado, ha tempo, no Porto, por um devotado amigo.

A primeira vez que o vi mostrou-m'o, ás escondidas, no restaurante do rapido, o meu amigo Constantino Garcia, outro devotado republicano a quem Portugal—ele é espanhol—muito deve.

Não o perdi mais de vista.

E' que o Padua era um rapaz que, uma vez olhado, nunca mais esquecia á gente.

Trocámos impressões por várias vezes, por várias vezes eu fui arrebatado pela exposição correcta e inflamada da sua doutrina de apostolo profundo do livre-pensamento.

Ha tempo, de passagem em Pampilhosa, eu pedi ao Padua um artigo para este semanario. Prometeu m'o. Que tinha muito que fazer, que andava sempre atarefado, mas que não esqueceria o *Dever*.

Agora os jornais trazem-me a dolorosa noticia do seu passamento! Quando ha dias lhe escrevi, já sabia, por outro amigo nosso, que o seu estado de saude não lhe permitiria responder-me.

E com efeito, nada de noticias dele.

Eu acompanhei, de perto, sempre a aterradora evolução do seu padecimento.

Escrevo sobre o seu retrato.

Não tenho palavras com que exprima a sinistra magua que me tortura a alma, neste momento de desolação e saudade.

Se a Patria perdeu em Padua Correia um amigo carinhoso, não ha de sentir menos profundamente a sua falta esta Republica querida, em prol da qual ele tanto sofreu e lutou.

Mas a morte, sempre ingrata e traiçoeira, não escolhe idades, nem procura circunstancias. Devora, devora, e, na sua sêde de destruição, é sempre causadora de tristes presentimentos e a destruidora tarrivel de mil e uma ilusões.

Que o querido Padua descance em paz, que eu desfolho, neste momento de saudades e tristezas, os meus goivos de martirio por sobre a sua campa de morto querido.

ALMEIDA JUNIOR.

Pela imprensa

A DEMOCRACIA. — E' o nome dum bi-semanario que começou a publicar-se em Coimbra, e que defende o partido republicano português naquele distrito. Apresenta-se bem redigido, nitidamente impresso e de formato igual ao nosso. E' um jornal de combate e de critica severa que honra sobremaneira a provincia. E' seu redactor principal o snr. dr. Francisco Pedro de Jesus.

Ao novo colega desejamos longas prosperidades.

A LIBERDADE. — Este nosso ilustre colega de Aveiro entrou no seu 3.º ano de publicação, tendo seguido sempre com brilho a esteira dos bons principios republicanos, o que deveras o honra.

A' *Liberdade* os nossos afectuosos cumprimentos.

O nosso brilhante colega do Porto—*Federação Escolar*—entrou com o n.º 53 no 2.º ano de publicação.

Cumprimentamos o denodado colega que tem sabido defender com desassombro e elevado critério os interesses da Escola e do Professorado Primário.

CARTA DO PORTO

A comissão paroquial de Perafita, o Centro Republicano e a comissão paroquial politica resolveram consagrar-se ás obras do porto de Leixões. E oxalá que isso vá por diante afim de que um novo *Veronese* não tropece nos sirtes do costume.

E por recordar o *Veronese*: Aproveitando-se destes dias felizes de bom Março tem-se procedido ao salvamento da carga que ainda se encontra a bordo. Todavia, é melhor a trágica aventura dum naufragio que os *carinhosos beijos* dos monstros sanguinarios que se chamam electricos e automoveis.

Ainda no domingo passado uma pobre mulher ficou num bolo, num apertado abraço de automovel.

Mas, para que nem tudo seja triste, aí vai uma aventura graciosa:

Um pobre homem, sentindo-se uestes apertos de bexiga que não permitem demoras, procurou o mictorio mais proximo — o que fica em frente ao extinto teátro de S. João. Estava-se no melhor da festa quando inesperadamente, terrivelmente, lhe surgiu um *ponto* que, dizendo-se policia, o intimou arrogantemente a acompanha-lo ao governo civil, sob pena dum tiro nos miólos!

E o mais bonito é que o pobre paciente tinha de o acompanhar de calças na mão!

Pobre Porto, como tu estás, entre os fumos da bebedeira e da maluqueira triste.

Nitrato.

Sermões da quaresma

(RAZÕES DUM CAMPONEZ)

—Bons dias, snr. João.

—Ora viva, a menina Albininha!

—O' snr. João: hoje não se estenda com outra conversa que não seja a da confissão, por que eu quero isso bem explicado. Ando desde outro dia a scismar com o que o snr. João me disse ..

—Então porque, Albininha?

—Por que desde aquele dia, até tenho medo do padre. Ainda ontem passei por ele, e foi porque não pude fugir, porque se não, não passaria.

—Mas ele disse-te alguma coisa?

—Disse, sim senhor. Primeiro deu-me as boas tardes, e depois disse assim: «*O' Albininha: olha que eu já disse á tua mãe para te mandar aos domingos de tarde á igreja para aprenderes a doutrina. Já tens uma idadinha, e vão sendo horas de te confessares para comungar...*»

—E tu que lhe disseste?

—Eu que lhe havia de dizer? Disse: «Pois sim, snr. abade.» Depois cheguei a casa e a minha mãe lá me deu o recado.

—Está bem... Então lá vai a menina este ano falar muito em segredo com o snr. abade?

—Não sei, snr. João. Vamos andando e vendo. Eu o que queria é que o snr. me explicasse mais ou menos o que aquilo é.

—Pois bem: eu vou-te explicar alguma coisa, mas antes vou-te fazer umas perguntas. Mas não me confundas com o confessor!

—Eu estou pronta a responder, snr. João.

—Ora dize-me: quais são as pessoas a quem tu queres mais bem no mundo?

—E' ó meu pai e á minha mãe!

—Pois bem; tu ao teu pai, que é a quem guardas mais respeito, se ele te chamasse e te perguntasse o que tinhas feito de mau, tu respondias-lhe com a verdade, não é assim?

—E' sim, snr.; mas que relação tem isso com a confissão?

—Tem muita, para o que eu te vou explicar. Tu até agora só sabes o padre nosso e pouco mais, não é assim?

—Sim, snr.

—Pois bem: de agora em diante, quando começares a ir á igreja aprender a doutrina principiam a ensinar-te uma infinidade de baboseiras, a que chamam actos de fé, actos de esperança, actos de caridade, actos de constrição, actos de confissão, o crédo e ainda muita coisa que nem tu nem as tuas companheiras percebem.

Mas o que eles querem é encher bem a cabeça das crianças com aquelas engenhocas que nem p'ra mentiras teem geito. Para as desgraçadas que lhe cáem na mão não terem tempo para descortinar a verdade, no meio de aquela enxurrada de mentiras!

Entretanto chega o tal dia previamente escolhido para o confêsso; e lá vais tu saber o que ainda nunca te lembrou; lá vais tu, um anjo candido e inocente defrontar-te muito em segredo com o monstro. Tu, Albininha, que se lá não fosses, ainda talvez ignorarias por muito tempo o que aquele bicho negro te vai dizer; tu, que se lá não fosses podias ser como ninguem amante do teu pai e da tua mãe! Vais confiar os segredos do teu coração, e que só a teu pai e a tua mãe deviam pertencer, por que foram eles que te deram o ser e te criaram; porque são eles os que mais te amam no mundo. No entanto, vais confia-los áquele bicho, que não tem licença de ter familia, que não tem licença de ser pai, que não tem licença de ser como os outros homens. Não lhe é mesmo permitido ser como os proprios animais, pois tem de renegar os filhos, tem de fingir que os não tem. Sabes, Albininha, que todos os animais tem amor aos filhos, não é verdade? Pois a esse homem a quem tu e a tua mãe e o teu pai vão contar a vida, é isso proibido pelo padre santo, pela religião dêles. Está, por tanto, ainda muito abaixo dos proprios bichos!

O que sabe assim este homem, sem criar familia, sem lhe ter amor, dizer a uma criança como tu? Que conselhos te poderá dar um homem que te não tem amor algum? Dize-me, Albina!

—Tem razão, snr. João, eu decerto não me irei confessar!

—Mas bem, deixa-me continuar. Chega finalmente o dia escolhido. Chegas á igreja, ajoelhas, e esperas, pois ali é á vez, como nos barbeiros. Tu não tiras os olhos do quiosque. Por fim chega a tua vêz. Lá vai a Albininha, toda trémula. Entrou no quiosque e ajoelhou-se. Reparas então num oculo com um raro de folha, todo furadinho. Por detraz divisas um vulto negro, que está muito bem sentado e com a boca encostada á folheta furada. Diz as primeiras palavras. Pela boca sae-lhe um halito putrido, muitas vezes cheirando a vinho, outras de dentes pôdres e ainda outras de restos do belo presunto que ficaram do dia anterior e que estão a apodrecer naquela boca latrinaria.

—O' snr. João, mas para que é que tem o tal raro?

—E' porque o padre santo entendeu que os ministros do Senhor não eram em modo a defrontar-se sem aquele freio, deante de mulheres. Antigamente, antes de ter aquele raro, os maridos iam muitas vezes encontrar as suas esposas em um segredo tamanho com o padre, as caras tão juntinhas que não passava um fio de cabelo entre um e outro. Foi por isso que o padre Santo, que está em Roma, se lembrou de colocar aquele tapamento, para guardar as aparencias, ao menos ali na face de nosso senhor e nos focinhos dos maridos.

—Mas bem; e depois, snr. João?

—Onde ia eu cachopa, até já me não lembro...

—Ia nas primeiras palavras, dentro do quiosque.

—Ai... sim, é verdade! As primeiras palavras que ele te diz, são estas: «Faça o sinal da cruz.» Tu já sabes benzer-te. A' primeira vista, parece que o bicho quer dar a entender que está ali o diabo, pois eles dizem para a gente se benzer quando vê o diabo. Mas não, não é o diabo que está ali, é coisa muito peor. Depois, manda-te dizer a confissão. Isto, já se vê, com os olhos muito abertos, com umas palavras tão maliciosas que tu, uma mocinha honesta, te levantarias logo se não fosse a vergonha. Tu começas assim pela confissão: «Eu pecadora me confesso...» Em que é que tu tens pecado? Pois se tu até áquela data ignoras o que seja pecado! No entanto, sem o seres, tens de afirmar que já és pecadora!

—Mas eu não afirmo...

—Não o afirmas, como?

—Creio que ninguem me póde obrigar a dizer isso...

—Efectivamente não és obrigada, mas então não te confessas?

—Se tiver de dizer isso, não senhor.

—Mas isto não é o peor, porque a

seguir tu dizes: *me confesso a Deus.* Ora dize-me: o padre é Deus?

—Mas eles dizem, snr. João, que Deus está em toda a parte, e portanto tambem lá póde estar.

—Sim, eu admito que esteja em toda a parte, mas se assim é, para que se vai lá dizer isso? Se é a Deus que te vais confessar, tanto o podias dizer aqui como lá.

—Isso é verdade, snr. João!

—Porque, olha menina, se Deus está em toda a parte, não precisamos de ir ao quiosque; e se Deus está personificado no padre, deves concordar que isso é uma verdadeira heresia. Pois como póde Deus, todo cheio de bondade, representar-se por um bandido que está naquele logar para melhor poder seduzir mulheres? Bem; mas passemos adiante. Dirás a seguir a doutrina toda. No fim, ele muito baixinho fará as seguintes perguntas: *Tens falado mal, minha menina, tens dito palavras deshonestas?* E tu, que não sabes o que aquilo é, dirás simplesmente. «Não senhor». Mas dêsse dia em diante ficas com a curiosidade de saber o que são palavras deshonestas. Depois pergunta-te: *A menina tem comido carne nos dias de preceito de jejum?* E tu dirás que sim, ou que não, que pró caso vale o mesmo. E ele replicará: *E' preciso não comer carne sem ter a bula, que custa apenas um pataco para os pobres e quatro vintens ou dois tostões para os ricos. A minha filha não sabe se o seu pai tem o indulto?* Responderás que não sabes e ele replicará: *Pois se o tiver, póde comer, do contrario, não.* Depois, dir-te-ha: *A menina tem guardado respeito a seus pais?* «Tenho, sim senhor», dirás. Nota porém, que tu até aqui não sabias que lhe podias faltar ao respeito, mas depois que ele to lembrou, já o ficas a saber. Depois ele diz-te, com umas palavrinhas que parecem muito carinhosas, e muito baixinho: *Ora diga minha filha, diga sem medo, porque é a mesma coisa que o diga a Deus, diga minha filha, não tem tido umas certas brincadeiras com rapazes?* Responderás: «Que brincadeiras, snr. abade? Eu ando sempre a trabalhar no campo, não tenho tempo para brincadeiras! Mas o monstro ainda se não convencerá e ateimará sempre: *O' minha filha, fale sem acanhamento, que a Deus nada se esconde e ele precisa saber tudo, para a livrar de algum perigo. Ora, diga-me, vá: os moços lá da casa ainda não lhe quizeram levantar a saia, assim a brincar?*

Responderás ainda que não. *Está bem; minha menina. Fois acautele-se, e quando eles quizerem fazer isso, a menina não deixe porque é muito feio e Deus nosso senhor não gosta.* E' isto, sem lhe faltar nada, o que se vae passar comtigo, Albininha. No fim, o cevado manda-te resar o acto de contrição e 5 padre nossos em frente ao altar do coração de Jesus, como penitencia dos teus pecados. A seguir, recebes a hostia, feita de farinha de trigo, e que ele diz ser o Senhor, tão real como está no ceu.

E ai tens, Albininha, o que é a confissão.

—Estou admirada, sr. João!

—Não fazia conta de te dizer tanto, porém tu és uma rapariga inteligente e pedis-te para eu te explicar tudo por miudos. Aí está no que consiste essa imoralidade a que se chama o sacramento da confissão.

Entraste no quiosque a que se chama confissionario sem saber o que era levantar saias e outras porcarias, e vieste mestra. Não valeu de nada o teu pai e a tua mãe esconderem de ti umas tantas coisas que uma menina como tu só deve saber quando fôr mulher. O padre, o roupeta maldito, o negociante do ceu e do inferno, lembrou-te o modo como tu deves perder-te, que é para ele depois ganhar muito dinheiro em preces e missas, para que a tua alma pecadora com os pecados que ele te ensinou saia do purgatorio e vá para o ceu.

—Tenho a dizer-lhe, sr. João, que não me confesso. Já me confessei. O meu confessor foi o sr. João.

—Não, menina; os teus confessores devem ser teu pai e tua mãe. Quando chegares a casa, dirás: «Meu pai, eu quando me confessar, ha de ser a si.» Mas não lhe faltes ao respeito. E' aos nossos pais que nós tudo devemos; eles não teem culpa de ter nascido em uma epoca em que não havia liberdade, egualdade e fraternidade, em que não havia a Republica nem a Lei da Separação.

—Até domingo, sr. João.

—Até á vista, Albininha.

João da Eira.

O aniversario do "Dever„

Apreciações da imprensa

Do *Combate:*

O DEVER—Passou o 1.º aniversario deste nosso colega de Arazede, que brilhantemente se propôz advogar a causa da Patria e Humanidade.

Cumprimentamo-lo, desejando-lhe muitos aniversarios.

Da *Bairrada Livre:*

O DEVER—Completou um ano de publicação este semanario de Arazede, onde defende com independencia de caracter a Republica e pugna pelo aperfeiçoamento da colectividade e pela sua felicidade mais completa.

Do *Sul da Beira:*

Com o n.º 53, entrou no seu 2.º anó de publicação o nosso brilhante colega de Arazede, o *Dever*, a quem felicitamos cordealmente.

Da *Educação Nacional:*

O *Dever* de Manoel de Melo fez anos. Tem tratado, além da politica, da instrução e com amor. Tanto basta para lhe enviarmos as nossas saudações.

Do *Correio de Vagos*:

Passou o aniversario do nosso colega o *Dever*, de Arazede. Felicitamo-lo muito cordealmente.

Da *Federação Escolar:*

Felicitamos o *Dever*, semanario de Arazede dirigido pelo nosso distinto colega Manoel de Melo, pelo seu aniversario.

Verdades amargas

Recebemos a seguinte carta, que publicamos com léves comentarios, uma vez que démos o assunto por terminado e a nossa missão não é discutir com quem quer que seja.

Vae na integra. Não se preocupem os nossos leitores com a gramatica. Meditem apenas que o que vão ler é produção dum vice-presidente de comissão administrativa, e, por vezes, autoridade suprema dum concelho.

Para lamentar é que a Republica, ou, antes, o povo, continue ainda a ser orientado e governado por autoridades do quilate intelectual do deste nosso amavel correspondente. Pobre Republica! Pobre povo!...

De resto, nem mais uma.

Snr. Director do semanario *O Dever* —Respondendo ao artigo da redação, incerto no N.º 49 de 26 de janeiro p. p. intitulado—*Verdades amargas*—tenho a dizer o seguinte: Chamei, á administração do concelho, o cidadão Armando Verão, no pleno direito e dever do cargo que então exercia, e, foi como administrador do Concelho e não como Vice-presidente da Commissão Administrativa, cargo a que estava n'essa data (17 de janeiro p. p.) perfeitamente estranho. Foi, pois, como tal, que sempre a esse cidadão me dirigi e no gabinete d'administração. Diz—V., no artigo a que me refiro—Mas o que é isto? O que tem a administração com a Camara? — Pasmei!... Parece impossivel que taes interrogações viessem de v., pela categoria e profissão que exerce. Pois ignora v. quaes as atribuições dos Administradores de Concelho? Ignora, v. ex., que os Administradores de Concelho são os fiscaes dos actos de todas as corporações administrativas do respectivo concelho? Ora, já vê v., que foi no exercicio das minhas funções e no meu pleno direito, que intimei o referido cidadão a comparecer, para averiguações do acto criminoso de que era acusada a Commissão e caso fosse verdadeiro proceder como a lei me ordena-se, ou em caso de falsidade e caluniosa acusação, tratar de que justiça se fizesse á comissão incriminada. E' o que fiz. Com certeza, v., pelos seus multiplos e locubrativos afazeres, não se recorda já, que, duplamente, meavia forçado a assim proceder, porque—casualidade pura e estranha—tanto na data em que se diz o facto foi praticado, como n'aquella em que elle foi apresentado ao publico (5 d'outubro de 1910 e 12 de janeiro de 1913) era estranho a essa commissão, pois em ambas ellas exercia o cargo de administrador, não podendo como v. vê desintereçar-me da questão.

Foi seguindo esta norma que procedi e de que nenhuma refrencia me foi dirigida pelos meus superiores ierarquicos. Saiba, pois v., que foi no uso d'um direito e cumprimento d'um dever, que chamei e interroguei o cidadão Armando Verão, no gabinete privativo dos Administradores e como tal a ele sempre me dirigi, como posso provar testemunhalmente, e o proprio talvez não negue; e não como outra qualquer entidade; com que era n'essas duas datas incompativel pelo cargo exercido. São, estas, as esplicações que de minha justiça entendi devia dar, para ilucidadão do publico, ao qual certas formulas de apresentar e apreciar factos da vida publica dos individuos pode levar a erradas interpretações e modos de compriender os seus actos. E... nada mais.

Amieiro e C. de V.—25 de fevereiro, de 1913.

Com toda a consideração sou
De v. etc.,
Augusto Ferreira d'Andrade.

Notas pessoais

Está doente e de cama o nosso presado amigo sr. Manoel Simões Lopes, zeloso chefe adjunto da Pampilhosa.

Desejamos as melhoras deste nosso patricio.

— Regressou de Cantanhede, a casa de seus pais, a menina Celestina Figueira, que ha anos se achava em Coimbra, a dedicar-se á arte de modista.

— Tem estado doente, acometido dum ataque de gripe, o nosso amigo Joaquim Ferreira de Figueiredo.

Desejamos-lhe prontas melhoras.

— Teve logar na sexta-feira o registo civil duma filhinha do nosso estimado amigo, snr. Alipio Geraldo Lopes, activo visitador do serviço de tráção dos caminhos de ferro, na Pampilhosa. Parabens.

Faduncho verdadeiro...

(PARODIA IV)

Mote

Antes do mundo ser mundo
Já talassas existiam;
O *Zé* já era esfolado,
No que padres se eximiam.

Glosa

A dançar o chifarote,
Ao altivo tom das farças
Andavam como comparsas
Os talassas em magote.
Vai Afonso c'um chicote
E com aspecto iracundo,
E escorraça para o fundo
Os talassas de má morte,
Que eram já burros de sorte
Antes do mundo ser mundo.

A Republica juvenil,
No meio das multidões,
Bem conhece os comilões
Que fazem leis de funil.
Em eleições de barril
Poucas vergonhas faziam
Aquel's que só iludiam
O humilde e pobre *Zé;*
E assim neste salsifré
Já talassas existiam.

O Carnaval já passou,
Nem já del' cá se precisa;
Portugal 'stá sem camisa,
E a *ominosa* é que a levou.
Quem ha dias se mostrou
P'lo Carnaval mascarado
Foi o *Toino Zé*, coitado,
A dizer que isto vai mal
Como outr'ora, em que afinal
O «Zé» já era esfolado.

A maldita jesuitada,
Que não devia existir,
Continua-se a exibir
Como qualquer macacada.
Corja odienta e danada
Que quer viver na folia
Como outr'ora já vivia!
Foram eles, bonzos sem fel,
Que ao *Zé* tiraram a pele,
No que padres se eximiam.

APOLON.

CORRESPONDENCIAS

BARAÇAL, 3

Numa simples noticia daremos conhecimento aos leitores do *Mundo* de que nesta terra está radicada a ideia da Republica que, não só se manifesta nos cidadãos, como tambem nas crianças e nas senhoras.

— O apiadeiro desta localidade e no qual só paravam comboios para embarque e desembarque de passageiros, sendo os bilhetes vendidos pelos revisores, passou, desde 1 do corrente, a fazer todo o serviço.

Em sinal de regosijo por tão importante melhoramento, não só para esta terra como para tantas outras, uma comissão de verdadeiros democratas levou a efeito no dia 2 uma festa que, apesar de representar a alegria do povo, foi mais além,—pois foi uma bela jornada para o novo regime, sendo repetidas vezes aclamada, com fé e energia, a Republica portuguêsa.

A festa, que constou apenas de musica e fogo, deu a nota mais alegre que pode imaginar-se.

Da povoação até ao apiadeiro, uns tresentos metros, flutuavam em postes devidamente ornamentados, 130 bandeiras nacionais, todas com a querida esfera armilar. Das janelas de diversos cidadãos flutuavam tambem bandeiras nacionais e balões com o distico de—*Viva a Republica.*

Na frente do edificio do apiadeiro vimos tambem, flutuando, uma grande e bonita bandeira nacional.

Depois da filarmanica de Celorico percorrer as ruas principais tocando belos ordinarios, dirigiu-se ao apiadeiro, onde, por varias vezes, executou a *Portuguêsa*, que foi ouvida por grande massa de povo, descoberto e de pé.

Ao terminar a sua execução, toda aquela massa de povo dava vivas á Republica e á Patria.

Alguns cidadãos, amigos e apreciadores do eminente homem publico dr. Afonso Costa, levantaram vivas ao seu prestigioso nome.

A's 15 horas, realisou-se na praça um comicio, falando alguns oradores, entre eles o distinto cidadão sr. Alfredo Girardo de Magalhães que, apreciando a festa e elogiando os promotores, para quem teve palavras de valor, especialmente para o sr. Fausto Cardoso de Figueiredo, filho desta terra, e a quem se deve o apiadeiro.

Nesta altura, o povo aclama com energia o sr. Fausto de Figueiredo.

O nosso querido amigo sr. Magalhães diz ainda ao povo que o Caminho de Ferro passa aqui ha trinta e tantos anos e que a politica nefasta da monarquia nunca conseguiu o melhoramento que Fausto de Figueiredo ha mezes conseguiu com a sua boa vontade de servir a sua terra dotando-a com um apiadeiro que mais tarde será uma estação.

Diz ainda o nosso amigo que a Republica é para todos os bons portuguêses e que todos temos o dever de prestar-lhe o nosso auxilio moral e pessoal.

Por ultimo, o nosso amigo diz que o povo deve emancipar-se dentro dos principios da Republica, que deve salvar a Patria tão roubada e enxovalhada por uma monarquia que só primava em adeantamentos e em despresar o povo.

Terminou levantando um viva á Republica, á Patria querida e ao povo do Baraçal.

Seguiu-se no uso da palavra o nosso amigo João A. Brito, professor desta terra e republicano, que fez um discurso patriotico e salientou a instrução que é precisa aos povos.

Falou a seguir o padre desta terra que, referindo-se á festa, exaltou os seus promotores.

O seu pequeno discurso foi patriotico e deu-nos a impressão de que deseja o progresso da Patria dentro do regime atual.

Quem escreve estas linhas falou em ultimo logar, baseando-se o seu discurso no progresso da Republica e da Patria.

Ao povo fez ver que a pútrida monarquia não volta mais.

Os vivas á Republica e ao dr. Afonso Costa ecoáram, então, por alguns minutos.

Descreve, em seguida, resumidamente, o que foi a festa, dizendo ser de justiça agradecer ao sr. Vasconcelos e Sá, Director da Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta e ainda ao sr. Silva Viana, Administrador Delegado da mesma Companhia, a sua valiosa protecção e boa vontade com que beneficiaram o povo desta terra, podendo asseverar-lhes que podem contar com o respeito e dedicação dos cidadãos daqui.

Ao nosso amigo Alfredo Prazeres, digno Inspector do Movimento da mesma Empreza e que tanto tem feita em beneficio desta terra, em nome de todos, aqui lhe testemunhamos o nosso agradecimento.

Falta ainda dizer que o nosso amigo Professor ensinou ás crianças da Escola a *Portuguêsa*, que cantaram pelas ruas e durante a festa no coreto, recitando algumas crianças poesias, que agradaram bastante.

Cabe agora a vez de aqui consignarmos ao *Dever* o nosso amistoso agradecimento por ter sido o verdadeiro campeão em advogar, por mais duma vez, os interesses da nossa terra.

E', pois, com jubilo e sincera amisade que agradecemos a Almeida Junior, Manoel de Melo e Ismael Cruz o terem-nos cedido as colunas do seu jornal para tratarmos dos interesses desta região.

Fernandes d'Almeida.

REFLEXÕES

As teorias violentas só conseguem prender-nos pelo cerebro; as passivas prendem-nos o sentimento, o mais belo atributo da alma humana.

Por liberdade compreende se o desenvolvimento pleno das manifestações do nosso pensamento e da nossa consciencia, quer para o aperfeiçoamento da vida, quer para o nosso bem estar pessoal.

Amo porque sofro; sofro porque amo.

Aqueles que se preocupam apenas com o melhoramento material do povo, descurando a beleza moral, fazem-nos lembrar o construtor que deseja edificar um vistoso predio sem pensar em o manter com fortes alicerces.

A Instrução desperta o coração; a educação forma-o.

O pensamento do homem é que origina a sua conduta na necessidade.

O trabalho é o germen da felicidade. Sem trabalho não ha vida, não ha força, não ha progresso.

J. Fontana da Silveira.

Falta de espaço

Por este motivo ficaram de fóra, e já compostos, o folhetim, *Coisas Simples*, da nossa distinta colaboradora Aurea Amaral, e um artigo de M. d'Almeida Junior.

ANUNCIOS

Agua da Curia

Semelhante á de Contrexeville

Estimula a acção dos rins, que são os filtros do corpo humano.

Experimentai a agua da Curia.

ANUNCIO

(2.ª publicação)

NO dia 16 de março proximo, por onze horas, á porta do tribunal judicial, se ha-de proceder á arrematação em hasta publica, para ser entregue a quem maior preço oferecer além do que vai á praça, que é o da sua avaliação, do seguinte trato de terreno pertencente á herança jacente por obito do doutor Manuel Barata de Lima Tovar Pereira Coutinho, morador na Figueira da Foz, a saber:

540^{m}2 ou uma aguilhada, que é a sexta parte dos metros correspondentes a seis aguilhadas de terra no sitio da Junçosa, Campo de Cima, freguezia desta vila. Vai á praça em quarenta mil réis.... 40$000.

Pelo presente são citados para a arrematação quaisquer credores incertos.

Montemór-o-Velho, 13 de fevereiro de 1913.

O Escrivão,
Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.
Lemos Viana.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston. S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz** — Camarneira — Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

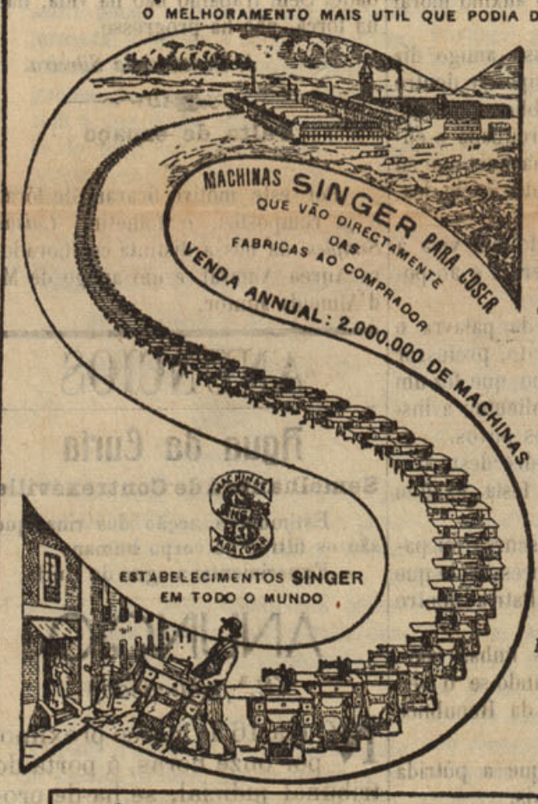
(Junto ao caminho de ferro)

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne. Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central. Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

JOSE MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

MODISTA

Máquinas de Costura, Bicicletes e acessórios

EM CASA DE

José M. Figueira

CANTANHEDE

CASA FUNERARIA

— DE —

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA — **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

MURALINE

Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle,,

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 2.º — Arazêde, 16 de Março de 1913 — N.º 56

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os autografos.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

Portugal e Colonias Portuguesas — Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trimestre, 30 centavos.
Brazil — Ano, 2 escudos, fortes.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — *ANTONIO ISMAEL DA CRUZ*

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

Habitações baratas

Os pobres que tudo produzem,
são sempre os que nada têem!

Ha dias, um distinto ornamento do Parlamento português levantou a questão das habitações baratas, e esse assunto discutiu-se. Mas pouco mais se falou em tal: E' que a *coisa* não se presta, a nosso ver, para fazer politiquice. Trata-se de minorar a desdita a alguns milhares de famil as pobres, que não ganham para comer, que vivem sem ar nem luz, metidos nuns casebres onde nem os microbios se dão. E isso é o bastante para que o debate não vá muito longe.

Em toda a parte do mundo estas miserias se topam, mas no nosso país, onde a população é relativamente numerosa e variada, a miseria é mais profunda, a miseria é mais complexa, porque defeitos ha muitos e as ambições são enormes, desmedidas, colossais.

Entretanto, uma coisa nos consola, e vem a ser que em França o mesmo assunto se questiona com ardor e entranhado interesse, e que no palacio Bourbon a questão, que ultimamente tem merecido especial atenção aos grandes economistas e filantropos francezes, vae nova e acaloradamente ser posta em ordem do dia, considerada como é uma das mais importantes questões humanas.

E com efeito, as populações crescem por toda a parte a olhos vistos, e quanto mais numerosa fôr a população dum país, mais onerosos, tambem,—e isso está na ordem natural das coisas—devem ser os encargos publicos e mais tormentosas as lutas pela vida.

Entre nós o operariado, os pequenos agricultores, todas as classes inferiores e medias emfim, estão sentindo cada vez mais os rigores da fome, não só da fome do estômago, como, e principalmente, da fome ingrata do espirito.

E assim é que a mortalidade, produzida sobretudo pela tuberculose, vae num crescendo assustador, principalmente na Europa, onde as ambições são torpes e os homens se não compreendem já bem uns aos outros. Os homens e as colectividades.

Mas o triste, o mais desolador é que, se a percentagem aumenta de ano para ano, nos óbitos das classes pobres; se é cada vez maior o numero de tuberculosos que deixam a vida terraquea, não é menos triste que a percentagem das degradações e das infamias suba a um ponto tal que nem a gente possa cifrar a quantidade de pulhas e de ociosos que são todo o mal desta humanidade quasi em ruínas.

Georges Cahen, e outros raciocinadores conscienciosos, que têm votado aos humildes uma boa parte dos seus esforços titanicos, demonstram, com factos palpaveis, iniludiveis, a urgente necessidade de se acudir, com carinhoso afecto, a essa grande porção de bondosos anónimos que se estorcem, metidos aí assim por essas pocilgas subterraneas, construidas nos grandes centros e que o sol nunca ilumina.

Em París, por exemplo, — a Babilonia do luxo e do prazer — aumentam os famintos, os mortos por insalubridade de residencia de tal maneira, que nas classes pobres se eleva já a 25 °/₀, ao passo que na sociedade aristocratica é apenas de 6 e 7.

Entre nós outro tanto se está dando, sem que ninguem se lembre a valer de que é dos humildes que provem a maior fonte de receita, que é nos párias que reside toda a vitalidade dum povo e consequentemente o capital ponto de apoio da libertação social, da independencia colectiva, do bem estar de uma nacionalidade que tem, mau grado imbecis convenções e ridiculos preconceitos, que manter-se inalteravelmente no chamado campo da independencia.

E já agora, cada vez será pior. Espera-se a cada momento a já tão celebre conflagração europeia, e d'essa carnificina ingrata nós havemos de ver sómente destroços e cinzas, gratas lembranças do passado historico das nacionalidades em formação hão de assaltar a nossa alma de sevéro positivista, de incorrigivel pessimista. Nações armam-se, nações exploram, nações odeiam-se. E depois, quando romper o pregoeiro leiloando corpos em decomposição, quando os espétros terriveis da fome assolarem tudo isto, os grandes, os poderosos da terra lembrar-se-hão dos pobres, dos humildes que em seu proveito tanto haviam espesinhado e escarnecido na sua furia de escandalosas chacinas e cobardes ambições.

Porque sem a massa ignorante e ignorada para a qual propositadamente são feitas leis barbaras, não se luta nem se vence, não se tem coisa nenhuma.

Mas nós esperamos que esse grande português, distinto ornamento parlamentar, que ha dias levantou a questão, mais dela se não afaste e lhe dedique toda a energia potente da sua cerebração excécional.

Almeida Junior.

CRÓNICA DO PORTO

Como eu recordo ainda os prados da minha aldeia que, um dia, abandonei entre soluços.

E já lá vão dez ános, todavia!

Foi ali que eu aprendi o catecismo; foi ali que eu balbuciei as minhas primeiras orações. E a igreja tinha para mim, naquêle tempo, a graça e a candura dum arcanjo! E' que eu não tinha ainda aberto os olhos, é que eu vivia na ignorancia profunda tão necessaria ás regalias dum Deus imaginario e fabuloso. Hoje não. Aprendi a definir o riso paternal do padre cura, cinico e depravado, que por entre as seáras vai abençoando crianças, quantas vezes, na mira de coisas vergonhosas! Aprendi a definir esse Deus colossal ao qual o braço inexoravel da Razão já traçou a tragica sentença dum novo Baltazar.

Mas, (agora aos leitores deístas) Deus existe? Como e porquê?

Vou abrir-vos a Biblia e, parte por parte, com toda a pachorra, vou mostrar-vos o vosso Deus tão real e perfeitamente como está nos altos céos.

«Criou Deus o homem á sua imagem: fê-lo á imagem de Deus e criou-os macho e fêmea. Deus os abençoou e lhes disse: Crescei e multiplicai-vos. *Genesis*—I—28—Mas não cômas do fruto da arvore da Sciencia do Bem e do Mal. *Genesis*—II—17. Ora dizei-me: Deus precisava de pôr á prova a obediencia de Adão? Não sabia êle o que viria a sucedêr? Além disso se Adão foi criado á sua imagem, isto é, divinamente perfeito, como poderia vir a desobedecer? Logo, Deus precisou de expôr a provas a sua obra como qualquer inventor experimenta uma recente descoberta. Não previu o futuro, como seria o seu dever de Juiz que tudo sabe, que tudo vê, que tudo ordena. Não criou obra perfeita como seria de esperar dum Sêr Supremo e Todo Poderoso.

«E viu Deus que todas as coisas que tinha feito eram bôas». *Genesis*—I—31. Mas como diabo as poderia ter êle achado más se como bôas as tinha formado? Ora, Deus enganou-se ou enganaram-se os fazedôres da Biblia quando pensaram a fórma de nos enganarem.

A religião assenta as suas bases sobre erros que podem muito bem ficar nos capitulos das *Mil e Uma Noites*, mas nunca para educar um povo e servir-lhe de lêma.

Um dôce a quem provar o contrario.

Porto, 11 de Março de 1913.

Gomes Monteiro.

INFAME!

Alguem que cobardemente e asnaticamente se acobertou com o veu de *livre-pensadôr* e que têve a triste lembrança de se arvorar em *alter ego* do padre desta freguezia, escreveu no *Jornal de Cantanhede* um artigo nojento contra o *Dever* e o seu director por este jornal se ter referido em varias locais ao padre Laranjeiro. O infame, que com o maior impudôr escreveu um acervo de sandices que nós não queremos reproduzir para não manchar as colunas do *Dever*, chama para ô campo da defeza baixa e imoral os assuntos particulares entre o prior de Arazêde e o professor da mesma localidade. Isto é repugnante, apesar de provir dum miseravel que não teve a coragem de assinar o seu nôme. De passagem só diremos que os poucos serviços prestados pelo prior ao professor de Arazêde—mas só ao professor de Arazêde—nunca fôram solicitados por este, mas sim espontaneamente oferecidos por aquele, e alguns com certa instancia, o que a principio cativou o dito professor.

Quando este, porém, mais tarde reconheceu que o prior usava de todas as blandicias para o subjugar e para fazer dêle um dos muitos carneiros que ainda hoje o seguem e são pau para toda a colher, teve a hombridade de se afastar dum padre que admiravelmente adótava processos tão jesuiticos. De resto, o infame que demonstra ser um dos muitos que, sentados a uma manjedoura, não piam sequer ainda mesmo que os esmaguem, entende que o homem de caráter não póde levantar a luva contra um canalha, só porque este, aleivosamente, lhe faz afagos com ambas as mãos...

Mais teriamos que dizer ao infame que vilmente mistura actos públicos com actos particulares, e que cabriola por cima de tudo como um perfeito arlequim, mas queremos ser concisos em questões dêste jaez. Notamos que o patife não desmente em nada aquilo que temos dito do prior de Arazêde, e isso nos basta. Aquêles mais conscienciosos que nos conhecem e que conhecem o padre Laranjeiro sabem que é verdade tudo quanto dêle temos relatado.

Por ultimo, declaramos que nenhum caso farêmos do artiguelho do *reaccionário* da Tocha, é que, sempre que o padre Laranjeiro desrespeite a lei da separação em actos públicos—pois que só de actos públicos tratâmos—merecerá a nossa censura, como afinal a merecerão todos os jesuitas de sotaina ou de casaca que prevaricarem no exercicio das suas funções.

E nada mais.

Coisas simples

Depois da festa

Perderam-se já as ultimas notas da musica pelo espaço imenso e os despojos dos ultimos foguetes repousam acolá pelos campos.

Junto das escolas o solo está juncado de franças de buxo e folhas de begónias de mistura com fragmentos de papeis frisados que ornàvam os altos mastros dispostos em avenidas onde davam uma nota alegre.

As pequeninas arvores lá estão na terra ainda muito envergonhadas por tantos festejos se lhes fazerem e no meio da garrida criançada elas estarem tão nuasinhas de folhas!... Mas a Primavera, que muito perto já vem, lhes dará um sorriso bemfazejo e mais tarde os seus ramos, semelhando as hastes de Amalteia, se recamarão de frutos.

Passou a festa, mas ainda estacionam de quando em quando alguns grupos comentando tal ou tal frase dos oradores, repetindo esta ou aquela passagem das recitações das crianças.

O entusiasmo é sempre comunicativo e é a alma nacional tão magnanima que se impulsiona logo á mais leve aragem de patriotismo que a bafege. Por isso parece que em toda a parte se fez festa e com esplendor.

Até aqui muito bem, mas nunca entre nós as coisas se fazem com o devido cuidado. Foram para todas as escolas circulares a oferecer arvores do Estado, algumas comissões requisitaram-nas e esperaram por elas até á ultima hora mas... tais arvores não aparecêram! Quem tinha viveiros perto, mandou comprá-las; dos outros nada sei... Logo que não havia numero suficiente de arvores para que as oferecêram? Isto dispensa comentarios.

Afinal a festa passou. Já lá vão as ultimas notas da musica, as vozes das crianças ouvem-se sempre porque sempre para elas ha festa e o solo vê-se ainda juncado de verduras.

11 de março.

Aurea Judit Amaral.

Fernandes d'Almeida

Este nosso querido amigo e prestimoso colaborador, que pelo nosso jornal tem feito alguns sacrificios, foi justamente promovido a chefe de secção do conselho de administração da companhia portugueza.

Abraçamo-lo cordialmente, porque bem merecedor era da distinção que a grande empreza ferro-viaria acaba de conferir-lhe, porque o nosso amigo é um dos seus muitos honestos e estudiosos servidores.

CARTA DE LISBOA

12 de Março

E' grande o entusiasmo pela vinda de Bombita no dia 16 á praça de Algés.

Ricardo Torres é hoje o primeiro *diestro* de Espanha, tanto em bandarilhas, como em muleta e matador.

Quando bandarilha a cambio, levanta uma praça.

Conta-se com colossal enchente e não é para admirar, porque enchentes são sempre certas, quando Bombita vem a Lisboa.

A' praça d'Algés, é a primeira vez que o grande *diestro* vem trabalhar.

—— A festa da arvore em Lisboa foi imponente, sendo enorme a concorrencia de crianças de ambos os sexos.

E' para estas festas civicas que o povo deve olhar, tanto mais que as creanças d'hoje serão os grandes obreiros do progresso d'ámanhã em beneficio duma Patria nova.

—— O «Sonho Dourado», apesar das muitissimas representações que conta, continua a sua marcha no Teatro Apólo, aonde as enchentes se repetem todos os dias.

—— Hontem, pelas 19 horas e meia, na rua Vasco da Gama, houve grande borborinho, motivado por um malcreado carroceiro que desrespeitou a policia quando esta entrevinha num caso devidamente justificado e de segurança publica.

O carroceiro, de cujo nome não tomámos nota, mas que é empregado do snr. Antonio Bernardo, com abegoaria na rua de S. Felix, 77, não quiz obedecer ao policia civico 386, Delfim Castanheira, e, atirando-se ao guarda, assim como uns meliantes que proximo se encontravam, deixaram-no gravemente ferido.

O guarda, que não desanimou, e vendo-se livre das garras dos malfeitores, puchou do revolver, e, disparando-o, alvejou o carroceiro pelo peito, fugindo os restantes quando viram cair aquele. O ferido foi conduzido ao Hespital de S. José, chegando ali já cadaver.

O morto aparenta 20 anos de idade e foi transportado para a Morgue. Presenciamos que muitas testemunhas do caso afirmaram que o guarda procedeu em legitima defesa. Consta ter boa folha de serviços na policia onde serve desde agosto de 1907.

—— Pelas 11 horas de hontem foi colhido pelo comboio 1203, rapido a Cascaes, proximo á estação de Santos, o creado de bordo do vapor *S. Miguel*, Francisco Padim Ribeiro, que ficou muito ferido, sendo conduzido em estado grave ao Hospital de S. José, onde ficou na enfermaria n.º 4. O desastre é consequencia da imprevidencia do Padim que, apezar de varias pessoas lhe notarem que não atravessasse a linha por o comboio vir proximo, não fez caso, sendo então apanhado pela machina 43 que o arremessou a grande distancia, deixando-o em estado lastimoso.

—— A policia de segurança fez esta tarde uma rusga aos garotos que vagueiam pela baixa, prendendo 11 menores que déram entrada nos calabouços do governo civil.

A. F. A.

VIAGENS EM PORTUGAL

Notas e Impressões, Factos e Comentarios

Em demanda da planicie

Meus amigos, não se admirem. Vou deixar as montanhas.

Tenho saudades infinitas das planicies, agora, decerto, cheias de verdura e de luz; a nostalgia do mar—o nosso grande amigo de sempre—aflige-me, tortura-me, mata-me...

Mas ah! como eu desejaria fixar para sempre, reter sempre vividas, na minha alma, no meu espirito, na minha imaginação, emfim, naquilo que sentimos em nós e que nos faz adorar o belo, estatificar ante o sublime e horrorisar á vista do mal, todas as impressões que sinto ao deixar estas montanhas!...

Como desejaria ter sempre ante meus olhos o que meus olhos observam, deslumbrados...

A primavera agora aproxima-se. Ha estremecimentos de vida em todos os seres. O sol, cada dia, nasce mais cêdo, e cada vez vem mais quente. O ceu é mais puro. Pelas encostas, macios tapetes de verdura, e os arvoredos, ainda sem folhagem, mostram já, no entanto, milhões de botões rosados, brancos, amarelados. Dentro em pouco, irão florescer á luz em irisações, ao sol bom e fecundador, darão o seu polen ás abelhas e a outras flôres, o nectar a todos os insetos sequiosos...

O cantico da agua corrente é mais cristalino—ela mesma corre mais limpida. Os lôdos que a invernia levantou, aquietaram-se, repousam no fundo das fontes e das torrentes - e, dêsse lôdo, plantas surgem, as hastes procurando, pressurosamente, a flôr das aguas...

As proprias montanhas, onde as estevas florescidas já, as giestas, os tojos, os rosmaninhos se vão enflorando, e os carvalhos e castanheiros, ao desafio, medram, os proprios rochedos, escalvados, nús, estremecem aos efluvios da primavera...

No ocidente, o sol morre—o ceu todo se esbrazeia. E eu penso, que, atraz das ultimas montanhas, lá muito longe, ainda o sol aquecerá. Para lá dessas montanhas, nas planicies, ainda ha vida, canticos, alegria. De lá, ainda poderiamos demorar o nosso adeus ao sol... O ceu vai-se acinzentando, e á luz que o sol, morto já, ainda dá ao ceu, á terra, as montanhas tomam novas côres... Os planaltos proximos tornam-se negros, sombrios, medonhos, silenciosos. Mal se distinguem os pinheiraes, e os soutos de castanheiros formam grandes manchas continuas mais sombrias ainda; dentre elas, surgem as aldeias aqui e ali, e dos telhados barrentos de algumas casas, tenues cabinas de fumo esbranquiçado, pacificamente, dolentemente, se elevam para os ares. Depois nova linha de montanhas, outra linha e outra linha ainda, negras, negro-azuladas, acinzentadas, cada vez mais acinzentadas, á medida que se aproximam da luz, á medida que escalam o ceu...

As ultimas montanhas, as mais altas, lá muito ao longe, quasi confundidas com o ceu, desenham o horisonte, em linha harmoniosa, suave: em curvas infinitas, em agudos angulos, reinterantes, contundentes. Curvas, retas, declives, picos assombrosos, e sobretudo, finalmente, a serenidade profunda do ceu purissimo, das bandas do oriente, a estrelar-se já, emquanto que, dos vales, das ravinas, a nevoa tenue sobe, engrossa, desenvolve-se, envolve, condensa-se...

E é maior a nostalgia do mar...

E são mais fortes as saudades das planicies, cheias de luz e de verdura, de canticos, de alegria, onde o sol aquece ainda, decerto.

Mas ha! como desejo ter sempre vivida a recordação das montanhas.

Figueiró dos Vinhos, 1 de março de 1913.

J. S. Torres Coldinhas.

Sermões da quaresma

RAZÕES DUM CAMPONEZ

— Bom dia, sr. João:

— Ora viva, menina Albina. Então como vais lá com a doutrina, Albininha?

— Olhe, sr. João, o que me disse no outro dia a respeito de confissão, tem-me feito andar a cabeça á roda; e por mais que eu barafuste, não posso compreender como todos os homens e todas as mulheres desta freguezia, se sujeitem a ir ao confissionario.

— Não tens nada que estranhar, Albininha. Receberam essa pessima educação, foram assim criadas, e por esse motivo não conhecem o erro que praticam. A culpa, minha menina, não é deles; a culpa foi da monarquia, que não queria escolas, só querias egrejas; a culpa foi dêsses ladrões que nos roubaram durante oitocentos anos, e a quem não convinha que o povo soubesse lêr, com receio de que descobrisse os roubos que eles faziam. O rei e toda a sua camarilha de fidalgos e fidalgas, os ministros, os governadores civis e todas as autoridades da monarquia, queriam que houvesse confissionario, desejavam que houvesse jesuitas, obrigavam os professores a ensinar doutrina nas escolas, encarregavam os padres de dizer ao povo dentro do confissionario ou no pulpito, que Portugal era um paiz pobre e miseravel. Que neste mundo sofriam fome e miseria, mas que no outro, no ceu, seriam muito felizes, e que por isso rezassem muito. Rezar muito, rezar sempre, só rezar, Albininha, era isso a unica preocupação dêles.

— Estou espantada sr. João!

— Nota, porém, que essa doutrina, não lhes servia a eles. O padre e o bispo não rezavam, não se convenciam de que o paiz era pobre. Para eles era rico, a eles não faltava que comer, não faltavam honras que a monarquia lhes dava. Os padres, minha menina, eram o sustentaculo do rei, dos seus ministros ladrões e de toda essa canalha que conspirou na Galiza. Se não houvesse padres, ha que tempos estaria proclamada a Republica em Portugal; ha que tempos todos saberiam lêr, escrever e contar; ha quanto tempo nós, os portuguezes, nos poderiamos apresentar no Brazil, sem que os brazileiros nos chamassem galegos! Se não fossem os padres e os bispos, se não fosse o padre santo que está em Roma, e que mandava mais em Portugal no tempo da monarquia do que o proprio rei, nós os portuguezes seriamos muito felizes. Saberiamos todos amar a nossa Patria; iriamos sentar praça nos regimentos a cantar; não haveria um unico homem que não fosse um operario, porque teriamos numerosas fabricas, onde se empregariam milhares e milhares de pessoas. Teriamos muitos caminhos de ferro, onde estariam empregados dezenas de milhares de portuguezes. Estes montes, estas terras que não estão cultivadas dariam pão, dariam vinho, estariam fabricadas. Mas não fabricadas á moda como teu pai e outros lavradores as fabricam. Não seria por esse processo antigo, seria por processos modernos, como se faz na Republica Norte Americana, que é donde vem o trigo e o milho p'ra todo o mundo, e que por ser uma Republica ha muitos anos, é muito rica e muito feliz. Porque lá, Albina, nunca mandaram os padres; per que lá, nunca mandou esse estrangeiro inutil que se chama o padre santo. Teriamos a nossa Africa, que é imensa e que é muito rica, para emigrarmos. Teriamos vapores nossos, portuguezes, para irmos para o Brazil, que tambem é uma Republica, e que por isso mesmo é muito rica. Esses vapores seriam comandados e guarnecidos por marinheiros nossos, que falassem a nossa lingua.

E nós em vês de darmos o dinheiro a ganhar aos inglêses e aos alemães, que por sinal não são catholicos mas por isso mesmo são os donos de todos os vapores que andam no mar, dal-o iamos a portuguêses, e esse dinheiro cá ficaria.

Por causa dos padres e dos bispos e do padre santo que está em Roma, que tem tanto amôr aos portuguêses como eu tenho á primeira camisa que vesti; por causa desses reis malditos e desses ministros infames, nós não temos muitos navios de guerra, para nos defendermos se um dia outra nação nos enxovalhar; não temos grandes navios couraçados, onde a nossa bandeira tremule, e faça tremer o estrangeiro atrevido; não temos um exercito forte e invencivel, que pudesse ir á Espanha buscar essa cambada de garotos, que andaram por lá a difamar-nos porque dizem que são portuguêses. Por causa desses salteadores que nos roubaram durante tantos anos, é que não temos nada, é que somos pobres como elles diziam. O que sabia o povo português no tempo da monarquia? Rezar e embebedar-se nas romarias, nos fins de missa e quando das eleições. Não sabia mais nada, não descortinava mais coisa alguma. Porque o padre, porque o bispo, porque o rei, porque os ministros assim o queriam e assim era preciso, para elles serem felizes, para elles poderem roubar bem á vontade. Que se incomodava o teu pai, que se incomodavam os lavradores, os operarios, com quem governava? Elles não sabiam sequer o nome do rei, as côres da bandeira da Patria; não sabiam o que era hino nacional. Não pretendiam saber quem era o ministro gatuno que governava, quem era o deputado ladrão que elegia, porque o padre nessas coisas não lhes falava. O que eles sabiam muito bem, é quando era o mês de S. Tiago, do S. Miguel, de todos os Santos e do Natal. Até o nome dos mezes os desgraçados ignoravam. O que eles queriam saber era do dia das romarias, para se embebedarem, para quebrarem a cabeça uns aos outros, depois do sermão e quando saisse a procissão.

O que o padre lhes ensinava era a rezar, a pagar bulas, indultos, oblatas, primicias, congruas, alqueire, cabeceiras de defuntos e meias cabeceiras; a fazerem promessas a S. Torquato por ter quebrado a perna a um boi; a andarem de rastos e vestidos com uma mortalha por promessa. E no fim de andarem—quantas vezes! distancias enormes de joelhos, os desgraçados ainda tinham uma chaga maior do que aquela que tinha dado origem á premessa.

Era por isso, minha Albininha, que Portugal era pobre; era por isso que nós eramos escarnecidos pelas outras nações. Era mesmo por sermos o povo que só sabia rezar e embebedar-se, que no Brazil nos chamavam galegos; era por isso que quando iamos ás cidades eramos roubados; era por isso que nos vapores, quando embarcavamss, serviamos de palhaços, e com a nossa ignorancia faziamos rir os tripulantes e os passageiros das outras nações, que têem a felicidade de ter escolas, muitas escolas, e onde o padre não manda, o padre não confessa, o padre não prega. Que queres? Aqueles passageiros das outras nações sabiam lêr; os nossos só sabiam resar!

E agora não te esqueças de tudo o que te ensinei.

— Não esquecerei nunca, sr. João. Tudo quanto me ensinou vale mais do que tôdos os sermões dos escomungados dos padres, que só servem pára nos perdêr e pára nos roubar.

— E' isso mêsmo, Albininha. Adeus, até á vista.

— Até outro dia, sr. João.

João da Eira.

CARTA DO PORTO

Esteve alegre e graciosa a *Festa da Arvore* para a qual o tempo concorreu com o melhor dos sorrisos.

Dezenas de crianças cantavam a *Portuguêsa* e a *Sementeira* numa simplicidade tocante.

O mais desagradavel foi o não se poder efétuar a festa da confraternisação projetada pelo Sindicato dos Professores Primarios de Portugal.

Todavia, a arvore foi plantada entre alegria e esplendôres...

O mar, o glauco mar, não pára na sua faina destruidora.

Na manhã de sabado passado, em frente á praia da Boa Nova, que fica ao norte do porto de Leixões, deu-se uma scena deveras comovente. Um barco, tripulado por trez dêsses pobres que nas salgadas ondas procuram o pão quotidiano, foi voltado, não tardando a saber-se que dois deles foram vitimas.

Em suma: coisas do acaso, que sempre fatalista nos apresenta a triste realidade.

Temos ainda recente o naufragio do *Veronese*, tendo-se procedido com afinco ao salvamento da carga.

Do hospital saiu curado mais um naufrago, que seguiu a Orense, terra da sua naturalidade.

Nitrato.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

II.

As escolas normais. — A situação do professorado primario e o furôr das economias. — Lá no «alto» começa-se por onde se devia ter acabado

Em tempos no *Mundo*, mais tarde na *Escola Nova*, e ultimamente no prefácio do *Guia Prático de Trabalhos Manuais Educativos*, manifestámos nós o desejo de que as escolas normais, completamente remodeladas, fôssem reduzidas apenas a quatro, com sêdes respectivamente em Lisboa, Porto, Coimbra e Ponta Delgada. Deviam elas ter a seu cargo quasi que só a preparação tecnica ou profissional dos professôres, para o que talvês bastassem dois anos. Mas os que no primeiro dêstes se quizessem matricular deviam de provar que possuiam o curso completo dos liceus.

Essas escolas, instaladas em amplos edificios e com um numeroso pessoal docente, podiam preparar anualmente professôres suficientes para ocorrer ás necessidades da instrução. Simplesmente, para que a sua frequencia tal permitisse, era necessario que os ordenados dos humildes obreiros da luz fossem elevados a pelo menos 1:000 réis diarios. E' muito?—Rasoavelmente, ninguem o poderá sustentar. Com menos de aquela quantia não se póde viver com decencia e tranquilamente seja onde fôr. E o professôr primario precisa, bem como a familia, de poder manter uma certa linha que o imponha á consideração dos que o rodeiam e de possuir a tranquilidade suficiente para em mais nada pensar sênão na sua missão.

Sabe-se que o furor de economias é tal lá pelo *alto* que a commissão de finanças do Senado se não pejou de cortar o pequeno aumento que a comissão de instrução nos quiz conceder. Não ha, por isso, esperanças de tam cedo nos pagarem como devem. O dinheiro é preciso para dar aos varios Euzebios da Fonseca que trazemos pelo estrangeiro e pelas colonias.—Pois bem. Apesar d'isso, o mesmo Senado que decerto se vae mostrar de acordo com a sua comissão de finanças, onde parece que pontifica o sr. João de Freitas, resolveu já que só tres escolas normaes deverão existir de futuro, em Lisboa, Porto e Coimbra.

Qual a organisação dessas escolas não sabemos ainda. Mas o que já é muito facil de supôr é que poucos individuos se sujeitarão a vir por exemplo da Madeira tirar a Lisboa um curso que lhes dará direito depois a pouco mais de duas duzias de vintens por dia. Quére dizer, começou-se por onde se devia ter acabado. O que primeiramente havia a fazer era aumentar condignamente os honorarios ao magisterio primario. Depois, é que teria logar a redução e remodelação das escolas normais. O contrario só significa que ha desejos de entravar o desenvolvimento da instrução do pôvo. E' duro — mas é assim mesmo. Nunca a nossa bôca se recusará a dizer a verdade, embora depois fique a escaldar...

Prof. Manoel José Antonio.

O Livro da Mãe

Acaba de ser publicado este magistral livro de Paulo Combes, o celebrado autor do «Livro da Esposa» e do «Livro da Dona de casa».

Para se avaliar do merito desta obra admiravel basta ler-se o seu summario que é o seguinte:

Introdução — Alegrias e deveres da maternidade.

Capitulo I—Preparação para a maternidade.—Necessidade que a mulher tem de se preparar para bem cumprir as varias obrigações que a maternidade lhe impõe.

Capitulo II—Como a mãe deve amar os seus filhos.—Mães egoistas que só amam os filhos por amor proprio. Mães ignorantes que não sabem amar verdadeiramente os filhos. Deve-se ter amor aos filhos, tendo sempre em vista o seu futuro.

Capitulo III—Obrigações materiaes da mãe.—O desenvolvimento fisico e a saude das crianças. Os primeiros cuidados que se devem dedicar ás crianças (mesmo tendo em vista o futuro e bom desenvolvimento da alma) procurarão fazer de cada uma delas um «animal» perfeito e forte.

Capitulo IV—Obrigações intelectuais da mãe.—Desenvolvimento da actividade, dos sentidos e da inteligencia das crianças.

Capitulo V — Obrigações morais da mãe.—Os filhos são, durante toda a sua vida, o que deles fizeram as mães.

Capitulo VI Disciplina moral da mãe e das crianças.—As mães respeitam austeramente a mesma disciplina moral a que sujeitarem os seus filhos. Influencia do exemplo.

Capitulo VII—Formação intelectual e moral da criança.—Partido que as mães podem tirar dos brinquedos e da curiosidade natural das crianças.

Capitulo VIII—A melhor forma do amor materno—a vigilancia.—A mãe é o visivel anjo da guarda dos filhos. Deve exercer uma constante vigilancia sobre tudo que possa sugestionar, intelectualmente ou moralmente a alma da criança; as relações, os amigos, os companheiros de estudo, os brinquedos, as leituras.

Capitulo IX—A mãe amiga e confidente dos filhos.—A mãe conserva a afeição dos filhos e continua a exercer vigilancia sobre eles, mesmo quando crescidos, se ela se dedicar cuidadosamente a ser sempre sua amiga, confidente das suas alegrias ou inquietações, e conselheira sempre respeitada.

Capitulo X—Papel das mães e avós para com as crianças.

Conclusão.—A missão da mãe.

O «Livro da Mãe» está exposto á venda nas principais livrarias e custa 500 réis br. e 700 encad.—«Livraria Portuense de Lopes & C.ª, Suc.—119, Rua do Almada, 123—Porto».

Ferro em braza...

Dizem-nos que o padre Larangeiro se recusou um dia dêstes a confessar Manuel Alves Morteiro e a mulher dêste, de Vila Franca, por ambos se terem casado civilmente. Achamos bem, porque ninguem os lá mandou, e assim ficaram já conhecendo a inutilidade das confissões, visto que o padre Larangeiro os mandou em paz, provando assim que a confissão vale menos que uma cebola podre. E, efectivamente, assim é.

— A junta de paroquia desta freguezia, acaba de demitir o antigo guarda da igreja, por ser desafêto ao prior Larangeiro, nomeando outro á vontade do mesmo prior! Isto por si só carateriza bem o espirito dos membros da junta paroquial, que sempre se tem esmerado em bem servir o patrão. Ora..

O aniversario d'„O Dever"

O nosso querido confrade da Figueira da Foz, *A Voz da Justiça*, dirigiu-nos, a proposito do nosso aniversario jornalistico, estas afectuosas palavras:

«Entrou no 2.º ano o nosso estimado colega *O Dever*, de Arazede, que, entre o numero dos seus redactores conta o nosso velho amigo e colaborador Almeida Junior, espirito sempre devotado ás causas de interesse social.

Felicitamos o *Dever*, desejando-lhe larga vida.»

Muito agradecidos.

As cartas de viagem do snr. Alpoim e a sua "rabugem,,

O snr. José Maria d'Alpoim, nas suas *Cartas de viagem* publicadas no *Primeiro de Janeiro*, não se cança de criticar quasi tudo quanto viu pelo estrangeiro, chegando mesmo a ultrapassar os limites do rasoavel, quando fala de restaurantes, *fondas* ou hoteis, e dos humildes serventuarios dêstes estabelecimentos, que, para viverem honradamente, se sujeitam aos maiores sacrificios da sua vida para aturar as suas impertinencias e as d'outros tantos que, como ele, com tudo e por tudo se enfadam.

Se lhe tivessem saltado ao caminho, de pistola e *cuchilo* em punho, intimando-o a entregar a vida ou o dinheiro, talvez que ele não désse qualquer das coisas por tão mal empregada como deu as *miseras* pesetas que tanto chora. Estas pesetas foram o produto do trabalho daquelles que lhe faziam a cama, engraxavam as botas, preparavam o banho, punham a meza e que a ela serviam, outros que, mesmo em viagem, o isolavam do contacto de algum carteirista, proporcionando-lhe boa ocasião para que rabiscasse as impressões do que já vira e do que tinha para vêr. Lamuriando, ele diz que por uma peseta eu vi isto, por uma peseta eu vi aquilo, por mais uma peseta fui ali, por mais outra entrei acolá. E, finalmente, que a peseta em Espanha é indispensavel a tudo.

O snr. Alpoim não ignora que o mesmo se passa em todos os paizes, mas talvez ignore que esses a quem ele, com tanto custo, dá a *pesetasita*, não têm outra recompensa além do espinhoso trabalho que desempenham, aliás não teria o snr. Alpoim direito algum de chamar criados àqueles que o servem pelo simples facto de o servirem, ou de lhe serem agradaveis.

Quem estas linhas escreve tambem, pouco antes do snr. Alpoim, andou por Espanha, estando em alguns *sitios* onde ele esteve; e, sem possuir um por cento da sua fortuna, aposta a dobrado contra singelo, em como deu, relativamente, maiores propinas do que ele. E' que eu conheço melhor a miseria que invade os lares. O snr. Alpoim não sabe o que são privações, não sabe o que é fome e o que são torturas!

Sobre a questão de propinas e dos que delas vivem, eu me irei ocupando conforme o tempo que tiver disponivel e o espaço neste semanario m'o permitir.

Lisboa, 6—III—913.

M. d'Almeida Junior.

Congresso de Lisboa

6, 7 e 8 de outubro de 1913

A Federação Internacional do Livre Pensamento, cuja séde é em Bruxellas, e que liga entre si os mais importantes organismos do Livre Pensamento do mundo inteiro, correspondendo ao caloroso convite feito em Munich, em nome dos livres pensadores portugueses, pelo eminente cidadão senador Magalhães Lima, decidiu realisar o seu XVII congresso em Lisboa.

Desde a sua fundação (Congresso de Bruxellas de 1880), a Federação reuniu sucessivamente congressos em Londres (1882), Amsterdan (1883), Anvers (1885), Londres (1887), Paris (1889), Madrid (1892), Bruxellas (1895), Paris (1900), Genebra (1902), Roma (1904), Paris (1905), Buenos Aires (1906), Praga (1907), Bruxellas (1910) e Munich (1912).

O Congresso em Lisboa, ao qual está desde já assegurado um sucesso completo, graças ao concurso dos mestres do pensamento humano que neste grande acto tomarão parte, anuncia-se como uma dupla manifestação, a um tempo contra a insolencia da Egreja Romana que, nos seus congressos eucaristicos, lança um altraje ao pensamento humano, assim como em honra da Republica Portuguesa, cujo primeiro cuidado, logo a seguir ao seu advento, foi secularisar todas as suas instituições.

Demais, o Congresso coincide com a terceira celebração da proclamação da Republica (5 de outubro de 1910).

Os delegados serão convidados ás grandes festas organisadas nessa ocasião pelo governo, que tem á sua frente o dr. Afonso Costa, um dos mais gloriosos militantes do Livre Pensamento Português.

São convidadas a assistir ao Congresso de Lisboa as Federações Nacionais dos diversos paizes, filiadas ou não na Federação Internacional do Livre Pensamento, todas a sociedades racionalistas, lojas maçonicas, universidades e estabelecimentos de instrução, universidades populares, comunidades religiosas livres, sociedades positivistas, sociedades de estudantes anti-clericais, juntas liberaes, republicanas, socialistas, numa palavra, todos os agrupamentos que reconhecem os malefícios das Egrejas e defendem o principio da liberdade de consciencia. Os livres pensadores não pertencentes a qualquer agrupamento e que podem comtudo trazer concurso util ao Livre Pensamento serão egualmente admitidos a tomar parte no Congresso de Lisboa.

Ordem dos trabalhos — Nos dias 6, 7 e 8 de outubro discutir-se-hão as seguintes teses:

1.ª A lei portuguesa de separação, seus resultados politicos e modificações de que precise;

2.ª Qual o modo de realisar uma educação racionalista, unica compativel com o Livre Pensamento;

3.ª O Livre Pensamento e a questão social.

Uma segunda circular, indicando o programa completo do Congresso, a composição da sua junta organisadora em Lisboa e as facilidades de transporte e alojamento, será dentro em pouco expedida.

Notas Pessoais

Após longo sofrimento, faleceu quinta-feira passada o snr. Francisco Cunha, tamanqueiro nesta localidade. Sentimos a sua morte.

NA ESTANTE

As Arvores.

Acabamos de receber o livro intitulado *As Arvores*, livro organisado pela *Educação Nacional*.

As Arvores, contem versos dos principais poetas portuguêses e brazileiros todos consagrados ás Arvores. E' o mais belo ramalhete de versos sobre as Arvores que se tem feito em Portugal.

Basta dizer-se que *As Arvores* trazem versos de Guerra Junqueiro, Casimiro d'Abreu, Arnaldo Barreto, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, José Agostinho, Antonio Feijó, Conde de Monsaraz, Basilio de Magalhães, Julio Brandão, Vidal Oudinot, etc., etc.

E' um livrinho encantador e que agora não pode ser dispensado pelas crianças.

Compete aos professores fazer uma larga propaganda das *Arvores*.

Este livrinho custa 100 reis na Livraria Lopes & C.ª—Porto e nas principaes livrarias.

CANTANHEDE

Preço dos generos no mercado de 6 de março

Milho branco, 580; amarelo, 520; trigo mouro, 860; tremez, 780; mourisco, 700; centeio, 1$000; cevada, 480; aveia, 1$100; aveião, 420; arroz, 1$500; serradela, 900; feijão mocho, 1$000; branco, 880; amarelo, 980; rajado, 700; frade, 880; carraço, 880; brazileiro, 1$000; canario, 1$000; esvilha, 1$500; tremoço, 740; grão de bico, 1$100; fava, 600; chicharo, 600; azeite, 2$750; vinho tinto, 800; branco, 950; vinagre, 400; aguardente, 2$900; geropiga, 1$800; batata, 360; lã, 3$400; trevo, 40; azevem, 120; sal, 160; castanha pilada, 1$500 réis.

CORRESPONDENCIAS

Vila de Pereira, 13

Talvez em todo o concelho, foi nesta vila onde a Festa da Arvore decorreu com maior brilhantismo.

Houve alvorada e o Grupo Musical Democratico 5 de Outubro de 1910, percorreu as ruas da vila tocando a «Portugueza» e a «Sementeira».

Pelas 15 horas saiu o cortejo da escola do sexo feminino, percorrendo as principaes ruas, vendo-se durante a sua passagem multidão de povo daqui e de fóra, que dava a sua nota alegre á festa.

No cortejo incorporaram-se varios carros representando a Industria e Comercio, navegação fluvial e a Agricultura, as crianças das duas escolas e as pessoas mais gradas da terra.

No largo onde se plantaram as arvores falaram o snr. José Maria da Cruz, professor oficial e os cidadãos Eufrozino Alves Teixeira e Azuil de Carvalho, que produziram magnificas alocuções adequadas ao acto.

E' digna do maior elogio a comissão encarregada dos festejos pelo grande trabalho que teve, devendo especialisar-se o snr. Acacio Cardoso Aires Pinheiro, por ter ensaiado as crianças.

Encontra-se melhor da doença que o tem retido no leito, o nosso amigo snr. Afonso Teixeira de Figueiredo.

Azuil de Carvalho.

Assuntos agricolas

A adubação do milho

Nas regiões mais quentes está-se tratando de encetar a sementeira do milho. Em todo o paiz, entre terras quentes e frias, esta sementeira começa em março e prolonga-se até junho.

Nos ultimos annos a carestia e falta de milho tem sido grande e oxalá que o lavrador dahi conclua quão conveniente lhe é dedicar-se a esta cultura, mais a mais que, aplicando judiciosamente os adubos quimicos, póde obter colheitas abundantissimas em muitos casos quasi milagrosas.

Recomendamos em especial como bons adubos e de aplicação simplificada os adubos completos da marca registada «Trevo de 4 folhas» devendo o lavrador ter o cuidado de escolher a formula apropriada á sua terra. Ha quem recomende o Superfosfato para o milho. Não ha duvida que é um bom adubo, mas não deve ser aplicado exclusivamente, como qualquer outro adubo simples; não deve ser aplicado exclusivamente só por si. Além disso, o Superfosfato tem algum inconveniente para terras demasiado secas e demasiado humidas, porque nas primeiras o seu acido sulfurico tem uma ação corrosiva aumentada e nas segundas aumenta nelas a acidez já por si em geral excessiva. Quem, porém, preferir o Superfosfato deve juntar a tres partes d'ele uma de Solfato de amonio e outras tres partes de kainite. Além disto, é claro que ha Superfosfato e Superfosfato e o mesmo acontece no Sulfato de amonio. Quer isto dizer que o lavrador deve fazer diligencia que lhe seja fornecido de ambos os artigos, não o fabrico mais barato, mas o melhor que ha. Deve o lavrador fazer ele mesmo experiencias confrontativas entre diversas marcas de Superfosfato e de Sulfato de amonio.

Crêmos, porém, que esta adubação ficará em efeito atraz do que se faz com os adubos completos da marca registada «Trevo de 4 folhas» e mesmo da adubação seguinte: uma parte de cal azotada, tres de Fosfato Tomaz e tres de Kainite. Emfim, o lavrador experimente em confronto e escolha.

Nas adubações acima indicadas póde, para terras finas, macias, não calcareas, substituir-se com vantagem as 3 partes de Kainite por uma de Sulfato de Potassio e nas terras grossas e calcareas por uma de Cloreto de Potassio.

Nas terras em que aparece todos os anos o bicho chamado «alfinete» não se deve aplicar durante alguns anos senão adubos quimicos; não deve ser aplicado nelas nem estrume nem mato por alguns anos. Em ocasião oportuna daremos aqui mais instruções sobre a extinção d'este terrivel bicho.

Nenhum lavrador em geral deve deixar de adubar o milho. O milho é uma cultura exgotante. O que pela colheita o lavrador tira de elementos fertilisantes da terra deve repôr sob a fórma de adubos. Quem julgar que a terra eternamente só dá sem ter que receber chegará á mesma a que chegou o inglez da anedota com o seu cavalo, ao qual ele queria ensinar a trabalhar sem comer. Quando o cavalo estava quasi costumado a dispensar comida morreu—de fome, é claro, e assim terras boas continuadamente obrigadas a produzir sem receberem adubação alguma tornar-se-hão em terras improdutivas, dificeis e dispendiosas de tornar produtivas.

Os lavradores que até hoje ainda usam adubos fingidos, chamados adubos baratos, que sáem carissimos, experimentem ao lado d'estes adubações boas e verdadeiras e verá que será convertido como S. Tomé.

O milho exige adubações completas, ricas em azote, acido fosforico e potassa. Quem quizer fugir a isto não engana a terra nem o milharal, mas a si mesmo e o seu bolso.

A casa O. Herold & C.ª recomenda aos snrs. lavradores os seus adubos de todas as variedades acreditadas que vende sob a marca registada «Trevo de 4 folhas», tendo escritorios e armazem em Lisboa, Porto, Pampilhosa do Botão, Santarem (S. Pedro), Regoa e Faro.

Dirigir tambem a Fortunato Vaz — CAMARNEIRA — CANTANHEDE.

---

(33) **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

II

— Joaninha!

— Luis!

Estes dois nomes foram pronunciados numa vibração de transporte indizivel, imensamente anelante.

Depois duas bocas uniram-se num longo beijo, sofrego de amor, e modularam palavras dulçurosas, inebriantes de paixão e meiguice.

Foi a primeira entrevista, a sós, no meio do jardim e nas sombras da noite, muito em contato, que tiveram Joaninha e Luis Constantino.

O grande amor conduz aos grandes sacrificios e emprega todos os meios para ser grande, querendo, apesar de tudo, conservar-se puro.

— Que noite, Joaninha! — disse Luis Constantino.

— Triste? — perguntou ela.

— Abençoada!

— Porquê?

— Porque é esta a primeira vez que estou mais junto de ti, e assim o meu coração pulsa com mais violencia.

— Será de amor?

— Pois de quê, Joaninha?

— Podia ser de paixão louca.

— Talvez de ambas as coisas.

— Mau sinal, Luis — disse ela convulsamente.

— Que queres dizer, Joaninha?

— Que só quero o amor, livre de paixão, pois só de amor tenho vivido, desde que comecei a amar-te.

— Mas eu amo-te como a ninguem, meu anjo; e tu sempre me recusaste o prazer que hoje me déste.

— Porque não ha prazer que pague o amor mais simples, e porque eu tenho sabido apenas contentar-me com vêr-te e falar-te a horas proprias.

— E então agora aqui, muito a sós, não sentes mais amor e maior prazer, Joaninha? — perguntou Luis, cingindo-a muito.

— O meu amor não póde ser maior; e esta entrevista é uma prova do muito que eu te tenho. Acautela-te, porém, Luis, que alguem póde estar a escutar-nos.

— Quem? a estas horas!

— A Consciencia, que sempre nos escuta.

— E' o vigario que te diz isso?

— E' o coração que m'o diz.

— Mas o coração agora só deve falar-te de amor, Joaninha; de amor e de prazer...

E pôs-lhe um beijo férvido na boca, e cingiu-a com ancia maior.

Ela viu-lhe o olhar metalico e sentiu-lhe os labios frementes.

— Luis, é isso amor? — perguntou a tremer como uma vide.

— E' loucura, meu anjo — disse ele sôfregamente.

— Este amor...—murmurou ela com espasmo de amargura.

E sentia a alma ingenua como que a fugir-lhe, numa volatilisação lenta da Materia que começava a rebelar-se, que injustamente rompia treguas com a dominadora de todas as paixões, desafiando-a á luta desumana, sarcastica, verdadeiramente brutal.

Meia noite.

O môcho pia lugubremente.

A Natureza parecia de luto, entranhando-se num sismar melancolico, maguadamente solene.

Cortou subitamente a escuridão uma lufada de vento ameaçador.

A folhagem do arvoredo gemeu tristemente como sob uma violenta chicotada; e as estrelas pareciam chorar comovidas nas tremulações dubias da sua luz palida.

Era a voz do Invisivel que lançava uma maldição, no meio do silencio das trevas, sobre a natureza rebelde á sua voz onipotente.

—Ai, Luis!—suspirou Joaninha num tremôr convulso.

—Tremes, Joaninha?

— Não, sinto a consciencia a condenar-me.

— Um anjo cômo tu não póde cometer crimes.

— Um anjo que cai deixa de ser anjo d'uma vez.

— Mas tu não caiste.

— Tanto cômo tu me atraiçoaste.

— Eu, traidor, Joaninha?

— Tanto cômo eu fui sincera.

— Mas cômo?...

— Vai áquelle poço, Luiz.

— Para quê?

— Faze o que te peço.

— Pronto — disse êle, avançando até junto do pôço.

— Olha para o fundo, disse ela.

— Credo, Joaninha!

— Que vês?

— Que vejo? Sei lá! Tudo negro...

— Que te faz lembrar?

— Oh! Joaninha! Que ideias! Metes-me medo... — respondeu ele meio assombrado.

— Mas dize, dize, insistiu ela.

— Não sei; um abismo talvez...

— Sim, foi nêle que me lançaste!

— As tuas palavras ferem-me, Joaninha.

— Não, apenas te condenam.

— Já me não tens amor?

— Porventura m'o tiveste tu?

— Não te compreendo.

— E' facil, Luis. Não foste tu que me fizeste nascer o amor? Pois ele só desaparecerá, quando tu m'o tirares.

— Como posso eu tirar-t'o, Joaninha?

— Tornando-te covarde.

— E' demais para me fazeres sofrer!

— Se sofres é porque na verdade me amas.

— Duvidas?

—Sim, do teu coração.

—Não te tem sido leal?

—E sê-lo-á de hoje para o futuro?

O farmaceutico não respondeu. Sentia-se embaraçado. Mas logo, repeso do seu silencio, acudiu com certa energia:

(*Continua*).

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55

COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
TELEFONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sêde em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

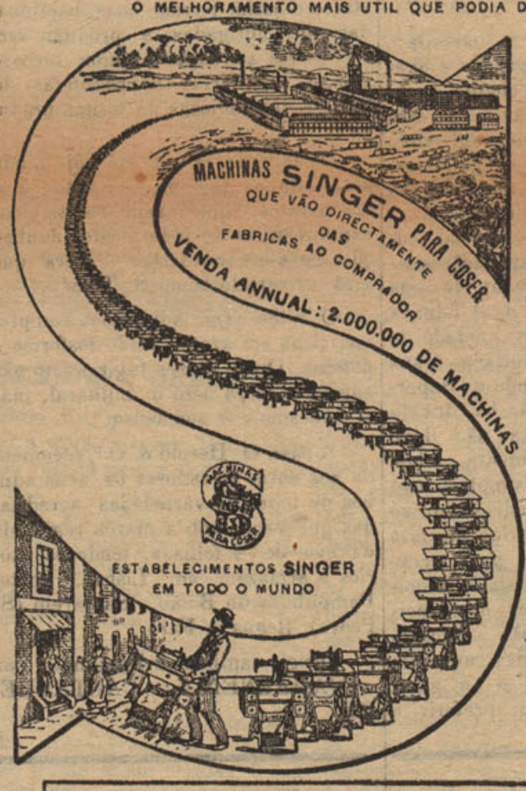
PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne. Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central. Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

MODISTA

Máquinas de Costura, Bicicletes e acessórios

EM CASA DE

José M. Figueira

CANTANHEDE

JOSE MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoléos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Aruzede)—**Joaquim Coca Junior.**

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

MURALINE

Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

CASA FUNERARIA

— DE —

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA — **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 2.° Arazêde, 23 de Março de 1913 N.° 57

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os autografos.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

Portugal e Colonias Portuguezas—Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trismestre, 30 centavos.
Brazil — Ano, 2 escudos, fortes.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Redação e Administração — ARAZÊDE

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

UM DILÊMA

As constantes dissenções e represálias que se têm operado funestamente entre os luminares da democracia portuguêsa — ou melhor — entre os políticos que combatem diversamente dentro dos muros da mesma República que a todos domina, são um sintôma claro de que a sociedade portuguêsa vai sofrer oscilações e desequilibrios identicos aos que produziu a monarquia em épocas nefastas de pugnas políticas e esterilisantes. Donde se conclue que os políticos republicanos, seguindo, por despiciendas rasões, as pisadas dos políticos monarquicos, vão gradualmente colocando o organismo social nas mesmas condições de desvitalidade em que o colocou a monarquia.

Ora é isto que é preciso evitar. As profundas desuniões havidas de ha muito tempo no seio dos partidos políticos, que têm a caraterisa-los a divergencia de opiniões e de processos de administração, repercutem-se na sociedade republicana que, desejando manter-se firme na sua fé inquebrantavel pelos bons principios e pela felicidade colectiva, vê malsinado todo o seu ideal e todo o seu sentimento radicado, porque os mentores desta sociedade se desorientam no lamentavel comercio das preponderancias políticas.

Ainda hoje existem as chamadas reacções em oposições sistemáticas a qualquer governo que, administrando bem, administra com a opinião pública. O despeito e a malquerença dos adversários não deixam que a unidade de pensamento e de justiça seja um facto insofismavel para vitória das instituições e da pátria portuguêsa. Ha a sêde avassalante e dominadora do poderio que esmaga e que aniquila, e não o patriotismo nobre e desinteressado que coloca a vida e a dignificação da Pátria e da República acima das mesquinhas ambições e dos baixos interesses.

E' isto a cópia fiel dos processos monarquicos, e é isto que deve acabar para honra e brio de portuguêses que amam uma República que com sacrificio foi implantada, mas que não corresponde ao ideal tão belamente sonhado. E' necessario que os homens da República se lembrem de que não é com retaliações que se contribue para a felicidade da Patria e para o progresso da humanidade.

Ou abandonam as suas ideias tendenciosas e os seus processos arrivistas, encaminhando-se todos para o mesmo fim, que é a dignificação e a prosperidade nacional, ou o regime deixará de ser uma República livre e independente para se converter numa oligarquia de cretinos e de despeitados incorrigiveis.

Mais. Ou os partidários do chauvinismo republicano acabam de vez com as manigancias obstrucionistas, deixando agir livremente os governos que trabalham, ou a Pátria portuguêsa acabará por ser considerada uma pátria de doidos que vive á mercê do acaso, e exposta ás garras aduncas que se lembrem de a saltear de momento.

Daqui não ha fugir. Estamos ante um dilêma com pontas bem aceradas. E' preciso cuidado.

CRÓNICA DO PORTO

(A certa canastra).

Falou V. Ex.ª n'uma divindade que tudo sabe, que tudo vê, que tudo ordena. Eu tambem sou crente: a minha divindade é mais divina porque é mais humana. Emquanto a sua se oculta na treva do misterio, a minha assenta nas bazes da razão...

Alexandre Braga.

V. Ex.ª ha de lembrar-se das ameaças que, ha pouco, sobre mim vomitou. Eu sinto as sinistras, lividas e injustas ecoarêm ainda ao meu ouvido, e, contudo, eu não me insurjo, nem tento vingar-me.

Falou V. Ex.ª sobre o doce Jesus, cuja doutrina reputa indispensavel ao ensino infantil.

Mas Jesus foi um desobediente, um egoista, um incorréto.

Um dia fugi de casa e, só após trez dias de penosa procura, sua mãe o achou palrando entre os Doutores da Lei.

Ora, diga-me: que faria V. Ex.ª a um filho que lhe fugisse de casa e fôsse (por exemplo) para junto do senhôr cura defender principios anarquistas? uma sova, é bem claro. Cristo fugiu de casa: desobedeceu a seus paes; desacatou as leis do seu tempo: desobedeceu. Logo, Cristo foi desobediente.

Mais tarde realisavam-se umas bôdas em Caná de Galileia, ás quaes Jesus e sua mãe não faltaram, porque, na realidade, este mundo são dois dias e o que podemos lucrar é algum bom bocádo que d'aqui se leva. A certa altura faltou o briol e a Virgem acercou-se do filhó, dizendo:—Eles não têm vinho. E Jesus lhe respondeu:—*Mulher, que me vae a mim e a ti isso? Ainda não é chegada a minha hora.*—(S. João, II-4)—.

Que resposta a uma mãe, ex.ma snr.ª, ao anjo desvelado da nossa meninice! Ah bem se vê que o vosso cristo foi criádo sem chá desde petiz.

E é este o espelho da educação d'um povo!

Será V. Ex.ª capaz de me distinguir o Cristo egoista que autoritariamente dizia:—*O que ama o pái ou a mãe mais do que a mim não é digno de mim*—(S. Mateus-X-37) do palido Rabi que doutrinava:—Amaivos uns aos outros assim como eu vos amei (S. João XV-12). Será V. Ex.ª capaz de o distinguir devidamente, acertadamente?

V. Ex.ª tem êsse Judeu visionario na conta d'um cordeiro de Paz, de Amôr e de Unção — um verdadeiro Agnus Dei — e todavia que engano, que loucura! E' necessario vêr-se, pesar-se, avaliar-se todo o seu vivêr, toda a sua obra e toda a sua doutrina. Cristo disse: — *Não julgueis que eu vim trazer paz á terra: não vim trazer-lhe paz, mas espada* (S. Mateus X-34). *Porque vim a separar ao homem contra seu pae e a filha contra sua mãe e a nora contra sua sogra* (S. Mateus X-35). Seria este o paciente Jesus que um dia teve essa frase tão meiga: — *Deixai vir a mim as criancinhas*? (S. Lucas XVIII-16).

Ah! Ex.ma Snr.ª que falsa, errada ideia fazeis d'esse Rabi divinisado!

Eu não quizera vêr-vos rubra, toda rubra, da côr das explosões das barricadas: é garrido de mais para quem não necessita afrodisiacos. Mas, a vêr-vos tomar a côr piedósa da tunica do Senhor dos Passos, eu prefiro vêr-vos o saióte vermelho das meretrizes, mais dignas de compaixão que o vosso beatismo.

Porto, 18—3—1913.

Gomes Monteiro.

Ferro em braza...

A camara municipal do concelho mandou afixar editais nos logares públicos, determinando que a feira mensal, que aqui se realisa nos dias 24, no Largo da Republica (Santo Cristo), passe a fazer-se num Olival, propriedade do snr. José Lobo, das Faiscas, e situado em frente do cemitério.

Com que direito é que a camara resolve um caso dêstes, sem ter consultado previamente o povo de Arazêde, e especialmente os comerciantes locais? Não sabe a camara que, retirando a feira do logar do costume, com isso se sente prejudicado o comercio, que está centralisado no largo da Republica? Obedeceria a sua determinação a interesses particulares, em detrimento dos interesses colectivos? Mas se assim é, a camara é arbitraria, e os comerciantes decerto irão protestar, o que é justo. A feira deve fazer-se onde se tem feito, que é onde está bem, e não atirar com ela para um sitio desviado e, demais, desabitado.

Esperamos, para perfeita harmonia entre todos, que a camara reconsidere no seu acto injusto, e trate de o reparar quanto antes.

O ENSINO DA HISTORIA

(De Desfontaines)

Os professores de historia devem preocupar-se pouco em ensinar aos seus alunos a data deste ou daquele acontecimento. Sem descrevêr os caratéres, as bôas ou más das condições dos reis, generais e ministros; devem convencer-se de que importa pouco saber-se que em tal dia e tal mez se deu uma determinada batalha.

E' mais interessante consignar que os homens de todos os seculos foram barbaros, brutais, injustos, sanguinarios sempre dispostos a resguardar a sua vida, atentando contra a dos outros, sem razão; e quanto são desonrosas as guerras para a humanidade e quanto devem ser poderosos os motivos para chegar a esses extremos sempre funestos.

E' preciso considerar a historia do espirito humano como a melhor de todas, e portanto deve ensinar-se menos a recordar os factos do que a julgal-os.

J. Fontana da Silveira.

Coisas simples

E'cos...

O imprevisto, o acaso, acompanham o sêr humano em todos os atos da vida individual ou colectiva. E quantos desses acasos nos pungem bastante!

A leitura dos jornais de hoje deu-me uma noticia que me contristou: cinco dos estudantes do liceu de Bragança em excursão escolar por Viana, perecêram no rio Lima.

Apesar de ser um caso lamentavel deixá-lo-ia passar sem a ele me referir, como tantos outros que meus olhos veem diariamente. Mas este chocou-me mais, porque aliadas á mocidade académica daquela cidade andam muitas lembranças dos tempos em que eu frequentei as aulas; voêjam num iris de desusada policromia tantas e tantas páginas de estudos!

Foi ali que passei os anos mais descuidados e prazenteiros; ali que comecei os meus estudos, ali tambem que no jornalismo indigena ensaiei os primeiros voos e colhi os primeiros espinhos. . Paira agora o meu pensamento em audacioso salto á sombra daquelas árvores onde comecei a compreender o grande livro da natureza, ali mesmo que no arrebatado voo das aves aprendi a conhecer e amar a liberdade e independencia. Ali tambem que, patinando sobre densas camadas de néve naquêles dias em que toda a cidade semelhava um niveo lençol, se enrijecêram e adextraram os meus membros para a luta da vida.

Já passaram anos, mas poucos, que deixei a majestade nativa das serras minhas patricias.

Alguns alunos dessa geração escolar frequentam ainda as aulas em vários estabelecimentos de ensino, mas destes estudantes que agora perecêram não me recordo, conheçolhes no entanto as familias. E' para elas e para a cidade que se côbre de luto que eu dirijo neste momento as minhas condolencias.

Eu que tanto advogo os passeios escolares, as excursões académicas, como um meio poderoso de estudo prático, é com tristeza que me venho referindo a esta infausta excursão, que falo desses desventurados rapazes que viéram tão longe do sólo natal encontrar por ataúde um barco e talvez por perpétuo mausoléo as águas do «Letes» de mistura com o oceano. O imprevisto, o acaso, acompanha o sêr humano em todos os atos da vida como que impelindo-o para as absurdas doutrinas da escola fatalista. E quantos desses acasos nos pungem bastante!

18 de Março.

Aurea Judit Amaral.

CARTA DE LISBOA

18 de Março.

O dia de domingo, 16, foi muito movimentado em Lisboa e arredores.

Mais de 150 mil pessoas saíram da capital para vários pontos e especialmente para Amadôra, Queluz, Algés, Estoril e Cascaes, admirando o belo sol que cristalisava os campos com os seus raios candentes.

Os comboios seguiam repletos de passageiros e as avenidas daquelas localidades viam-se cheias de forasteiros.

O movimento no mar foi tambem importante e na Cova da Piedade, grande era o movimento de forasteiros, comendo as suas merendas á sombra dos arvoredos.

E' chegado o tempo em que o pôvo de Lisboa aproveita o domingo para distrair e respirar o ar puro dos diversos passeios que existem fóra e proximo da capital.

—— Três comicios se realisaram no mesmo dia por causa do barateamento do pão, sendo muito concorridos e os oradores bastante aplaudidos pelo pôvo que anceia comer o pão melhor e mais economicamente.

—— A tourada em Algés foi regular, salientando-se, como sempre, o notavel Bombita, que poderia fazer mais se os touros não fossem desiguais, em tamanho e em bravura.

A lide de cavaleiros e bandarilheiros foi regular.

O mais importante da corrida foi um cambio de Bombita no 5.° touro.

—— A festa dos tipografos, que se realisou no Republica ontem, foi brilhante, estando o teatro completamente cheio.

O programa foi vasto e delicioso, especialmente o concerto executado pela banda da Guarda Nacional Republicana.

Assistiu o sr. presidente da Republica, ministros do interior e fomento, resultando uma festa cheia de encantos, excedendo muito a espectativa.

Representou-se tambem a comedia *Tio Milhões*, desempenho muito correcto por todos os artistas, tendo sido, em especial, feita uma manifestação á distinta actriz Palmira Bastos e Augusto Rosa.

Foi uma noite de grande festa no Republica reinando sempre a alegria de começo ao fim.

Um abraço aos honestos trabalhadores tipograficos pela sua valiosa festa que revestiu extraordinario brilho.

—— Mudou o tempo e hoje choveu bastante, mal se podendo andar pelas ruas.

O Tejo está bastante agitado.

A. F. A.

Excursão velocipedica

Promovida pelo Gremio Recreativo Velocipedico Cantanhedense, organisar-se-ha uma excursão em bicicletes, no proximo dia 30 do corrente, á pitoresca vila de Montemór-o-Velho. O regresso será por Tentugal, onde os ciclistas vão lanchar e saborear os magnificos pastéis, especialidade daquela vila.

FERNANDO

Fernando é o titulo dum lindo romance para crianças, com muitas gravuras e uma capa a côres, e de que é autor o distinto poeta e romancista José Agostinho.

Fernando custa apenas 100 réis.

Questões de ortografia

E' um opusculo, elaborado pela *Educação Nacional*, que apresenta as regras práticas e claras afim de se escrever com a ortografia moderna. E' um folheto indispensavel para os alunos das escolas primarias que se preparam para exames.

Custa simplesmente 30 réis.

Livraria Portuense de Lopes & C.ª, Suc.—Porto.

A inutilidade dos reis

A morte do rei da Grecia veio mais uma vez constatar, perante a historia já complexa das familias reinantes, que a humanidade, avançando cada vez mais para a sua emancipação e para o caminho da liberdade, se está tambem cada vez mais incompatibilisando com velhas e já gastas formulas de governos por meio de reis, de mais a mais oriundos, segundo falsas concepções, dum poder divino, dum privilegio de castas em detrimento do voto livre e imperativo dêsse mesmo povo.

Somos d'acordo que o rei dos grégos não haja tido nenhuma culpa de nascer rei, desde que esse facto foi filho de circunstancias imperiosas e até certo ponto escuras.

Concordamos mesmo que o assassinado não concorresse em coisa alguma para originar o acto de que foi vitima.

Contudo, é esta a ordem natural das coisas, uma vez que os humildes, os pobres escravisados vão compreendendo, a dentro da ainda limitada esfera da sua acção, que o sol quando *nasce* é para todos, e que é bem amargo, bem triste, uns terem tudo, tudo possuirem, e outros, por mais diligencias que façam para que a vida lhes decorra prospera, nunca chegarem a ter nada.

Se para colher é mister semear, indispensavel se hão de tornar, no vasto campo humano, as lutas, as revoluções, visto que elas são o primordial factor das conquistas que os escravisados almejam com toda a sua obscuridade de párias e de martires *disto* que se chama Vida e que se alcunha, ás vezes, justamente de perversão.

Ha dias, conversando amigavelmente com um alemão, este, que me deu a ideia dum inimigo irredutivel do progresso e da necessaria libertação dos povos que anceiam a sua independencia ou a sua regeneração completa, fazendo a apologia dos reis, muito naturalmente me estranhava o facto de ter sido assassinado, em 1908, o rei Carlos I de Portugal. E estranhava-me isto, o homensinho, como que se a Alemanha fosse um reinado dos mais atrazados ou uma nação das mais déspotas e ingratas no atinente a avanço moral, intelectual e politico, ele, o alemão, que pertence a um imperio dos mais sociabilisados e avançados, posto que essencialmente militarista, ainda nestes agitados dias de luta em prol da prosperidade e do engrandecimento humano, como se militarismo e humanitarismo se possam casar sem relutancia, sem escrupulos naturalmente e sem esforços concebidos.

E' que o meu amavel companheiro de palestra certamente desconhece a historia dos assassinatos que têm acabado com reis inglorios como era o rei de Portugal.

Quando falo da historia do assassinato dos reis, sinto sempre um como que pesadelo que me atormenta, por me recordar que mil e um desgraçados teem morrido da mesma morte, quando não extinguidos pelo canhão tremendo e deshumano da fome e da tirania, aí assim pelas vielas onde o ar não entra, e que ninguem se lembra nunca de depôr-lhes no coval obscuro um lirio de saudades e desditas, quere a plebe morra com frio ou tisnada ao sol da desventura, quere deixe a vida terrena no meio da maior das apoteoses.

A historia regista casos destes, mas é quando eles, em vida, actuaram colectivamente em favor de uma causa, em prol de uma ideia aliás quasi sempre mais proveitosa para alheias criaturas.

E' por isso mesmo que os povos, compreendendo já que podem viver sem reis, os vão matando com a mesma semcerimonia com que eu agora vou recolher, depois de um dia de martirisado e arduo labor, ao seio de minha familia, ao convivio dos que me são caros, esquecendo, ao menos por um momento, todas as ingratidões desta vida que, se não nos assassina de pronto, lentamente nos vae matando.

E' que a morte do rei da Grecia veio provar palpavelmente que os monarcas já não servem para nada.

Almeida Junior.

TOMAZ DA FONSECA

Escreve-nos este nosso presado amigo e distinto parlamentar, pedindo-nos que declaremos que o autor das *Rasões dum camponez*, de que o *Dever* publicou alguns artigos, é o sr. Correia de Campos e não ele próprio, a quem por engano atribuimos aqueles esplendidos artigos, que foram admirados pelo povo desta freguezia.

Que o nosso amigo Tomaz da Fonseca, a cujo talento não negamos as palavras com que a ele nos referimos, nos desculpe o lapso involuntário.

CARTA DO PORTO

No *rapido* de sexta-feira passada chegou a esta cidade o ex-arrebatador das massas, snr. Antonio José d'Almeida.

Como da outra vez que veiu visitar-nos, sua ex.ª viu-se grêgo sem nada ter com a questão balkanica. Os morras e os assobios atroávam os ares, numa desafinação horripilante, desabrochando mais cruel que a cicuta, mais ácre que as malaguêtas, nos labios da plebe que ainda ha pouco o erguia nos braços calejádos. Seria este o seu Waterloo? Diabo! Napoleão seria um grande espelho e depois... a Santa Helena do ridiculo aleja que tem diabo.

—— Os interessados na aprovação do projéto de lei sobre o porto de Leixões estão radiantes como um rato dentro dum queijo. No domingo á noite, em Matosinhos, organisou-se um magnifico cortejo em ação de graças pelo milagre, havendo vivório a dár com um pau.

—— Na noite de domingo, o ourives Alberto Silva resolveu dár um giro até á Boavista, no desejo insofrido de vêr a sua Dulcineia. Como tivesse saciádo a sêde abrasadôra com que o travêsso Eros vai torturando as almas, resolveu partir, mas qual? misteriósa mão lhe havia fechado a porta. Sem mais aquélas, escalou o muro do quintal e... pum! não mênos misteriosa mão lhe meteu um tiro no bandulho. A policia averigua. Estamos na Páscoa que como sabem é a época dos foláres e por isso não admira.

—— Existe cá na Invicta um arrojado gatuno que, não sei se pela extrêma rapidês com que pratica as suas proêsas, o apelidáram de *Chauffeur*. Na folha de serviços prestados á sociedade contam-se-lhe doze relevantes prisões por não menos relevantes abusos de confiança, furtos, agressões, e o diabo. Como a policia novamente lhe lançasse a mão, o figurão vendo frustrados os costumados planos de fuga, lançou-se á frente de um carro eletrico, heroico como um Catão. Valeu-lhe o ficár com a espinha fraturada, pelo que recolheu ao hospital em perigôso estado.

E viva a borga!

Porto, 17 de Março de 1913.

Nitrato.

As propinas em fóco

Abordei, no numero anterior, um assunto de que muito ha que falar, mas de que infelizmente muito pouco, até agora, se tem dito publicamente, de maneira que muita gente ainda ignora se a propina é ou não bem empregada, e se os que a recebem teem ou não necessidade déla.

Este assunto, em que ha muito pensei ocupar-me, veio agora despertar mais vivamente a minha atenção, não só depois de lêr as *Cartas de Viagem* do snr. José d'Alpoim e délas depreender tanta choradeira por causa dumas *peseltas*, como já referi, mas ainda porque interessa uma das classes trabalhadoras e das mais humildes, e ao lado das quaes *O Dever* se colocou.

A muitas pessoas de todas as classes sociais, sem excluir aquelas que estão mais ou menos habituadas a viajar, eu tenho ouvido dizer que a propina, com que geralmente se não conta, aumenta inormemente as despezas, pois que em média se eleva entre 10 e 20 0|0.

Só quem frequenta hoteis, restaurantes, cafés e outros estabelecimentos onde é costume dar a propina, póde asseverar a veracidade destas palavras. Eu concordo em que a propina é um grande aumento de despezas, mas não me atrevo a dizer que éla não é merecida e nem bem empregada, porque sei que déla vivem e por éla se sacrificam milhares de criaturas.

Sei que ha criados aos quais em alguns estabelecimentos é exigido o pagamento duma *diaria* ou mensalidade, além d'outras *alcavalas*, para se conservarem naqueles humildes logares. Isto quer dizer que os proprios patrões exploram desumanamente a propina que o publico voluntariamente dá a quem o serve.

(Continua).

Lisboa, 21—III—913.

M. d'Almeida Junior.

Ferro-viarios de Portugal

Recebemos a seguinte carta que solicitámos d'um nosso querido amigo e publicamos com satisfação:

Presado camarada:

Quiz você incumbir-me da alta e para mim honrosa missão de escrever duas coisas para o seu *Dever*.

A minha reconhecida incompetencia intelectual, a minha humildade sob todos os pontos de vista, não me permitem, meu amigo, eu bem o sei, que déla me desempenhe tão satisfatoriamente quanto do coração eu desejaria.

Mas não me falham a sinceridade e a energia, a inquebrantavel fé n'um futuro risonho mais ou menos proximo, e é com essa fé ardente, com essa sinceridade profunda que todos podem contar, porque mais nada aqui posso trazer, mais nada aqui posso patentear aos meus irmãos nas intemperies da sorte, nos rigores da luta e na Vida do sofrimento, mais nada aqui posso constatar n'este momento solene de saudosas e gratas recordações colectivas, e em que eu vejo, cheio de entusiasmo, em cada olhar uma esperança, em cada generosa afirmativa uma adesão valiosa, um rigido elemento de combatividade muito para aproveitar e acarinhar do fundo da alma.

Por que a humildade, meu amigo, meu companheiro de infortunio e do descontentamento, nem sempre significa pobresa de ideal, mingua de sentimentalismo.

Acho-me aqui contente, posto que comovido e invalido ao pé de elementos de valor, mas a todos imploro tolerancia para o obscurantismo por você previsto mas desculpavel das minhas considerações, nas quais, se não transparece o burilado da frase, a eloquencia da oratoria, sobresae, com alma, ao menos a minha convicção e o meu amor inextinguivel pela justa causa e reivindicações da nossa desprotegida mas numerosa classe.

Nós não sabemos, não avaliámos ainda bem a força que colectivamente possuimos para fazer valer e tornar em factos as nossas ambições. A nossa força, uma vez unidos em prol das nossas regalias, faria vergar os nossos dirigentes d'entre os quaes ha, mister é reconhecel-o, homens de incontestavel merecimento e de inquebrantavel desejo de nos auxiliar em tudo que para nós represente bem estar.

Mas nós não conhecemos, ou não avaliámos ainda a força moral e colectiva de que podemos dispôr numa hora de desafronta e de conquistas materiaes e profissionaes.

Mas... Vou dizer mais duas coisas. Eu tenho visto, com magua, o indiferentismo colectivo que sobre a classe ferro-viaria portugueza tem pairado, mercê não sei de quê.

Todas as classes, todo o proletariado nacional se tem procurado movimentar e desenvolver, engrandecer e unir, pugnando constantemente pelos seus direitos, pelo seu engrandecimento colectivo e intelectivo. A ferro-viaria não!

Queda e muda, sofredora e resignada, para nós tudo tem estado bem.

Foi preciso que o raiar grandioso e luminoso, patriotico e fraternal de uma nova aurora de conquistas e libertações sociaes se mostrasse a nossos olhos ávidos de engrandecimento patrio e social, para que nós todos, os ferro-viarios portuguezes saissemos da apatia profunda em que ha perto de 25 anos jaziamos.

Jornais de combate, a que intima e justamente se possa ligar o termo, nunca tivémos, as associações de classe de pouco nos tem servido, e, se não fôra a preserverança d'alguns, este movimento nunca se havia produzido.

E pois que os tempos vão felizmente outros e muito diversos, e que nós já começámos d'olhar com interesse e com mais amor o sol redentor da liberdade e da justiça; agora que as meigas madrugadas de união colectiva, cheias de viço e encanto e esperança, rubras de combate e de incitamento á lúta, rompem com mais vigor e entusiasmo no levante das reivindicações, bom será, meu amigo, que todos se compenetrem de que isto tem que ir, tem que caminhar, e que, certamente a todos nós justiça será feita, para não valerem desanimações nem quebra de solidariedade.

As gréves, n'este melindroso momento historico que o paiz portuguez atravessa, seriam, senão contraproducentes, sob todos os aspétos inoportunas e prejudiciaes, e entorpecernos-iam, até, a marcha regular dos nossos trabalhos, e, quem sabe, se mesmo a realisação das nossas intimas e justas aspirações colectivas.

Revolucionario por temperamento, eu vejo nas gréves um direito legitimo de imposição contra o capital opressor.

Mas o meu espirito avalia que, se ha gréves que purificam e inaltecem a alma humana, movimentos insurrécionaes se podem produzir que para sempre e inezoravelmente atrofiem a vida sagrada d'uma aspiração bela.

Um abraço do seu

Mirandéla.

Do nosso presado colega *O Ferro-Viario*, transcremos com a devida vénia, e no intento de propagar, uma das passagens da sua escalpelisação:

TITULO IV

Disposições transitórias

Não merecem referencia especial para não estar a prolongar uma analise, que tem necessariamente de ser caustica, porque todas as disposições são na realidade a produção de um cérebro cujas ideias não são definidas. A disposição do artigo 38.º é tão absurda, que não merece ser tomada a sério. Oficialmente declarou a Companhia, que tinha um atuário a estudar a futura regulamentação da Caixa, por sinal que se tratava do sr. Betencourt, a quem da Caixa se paga 120$000 réis mensais, segundo ouvimos. Nestas circunstancias, nós emprasamos o sr. Betencourt a vir explicar êste regulamento, em nome da sua dignidade proficional e individual, para assim podermos avaliar da seriedade dos seus propósitos. Semelhante regulamento não é a produção de um cérebro reflectido, não é a produção de um contabilista, não é a produção de um homem bem intencionado e humano, como não é a produção de um homem que esteja no uso de todas as suas faculdades mentais. Que elementos serviram de base para tais estudos? Que números? Que receitas destinou a Companhia para efectivar semelhantes disposições, e que verba unica creou?

Quais foram os regulamentos congéneres que serviram de molde? Vamos: falai claro, porque o pessoal quer saber a que titulo está servindo de pela, nas mãos dos dirigentes da Companhia.

O regulamento publicado, será tudo, menos o nome que lhe puzeram, porque nem em Marrocos semelhante legislação, ficaria sem protesto. Além disso, nós não queremos mais regulamentos de favor, não queremos mais disposições fictícias, não queremos mais intrelinhas, como não queremos a disposição usual e constante de «a Companhia reserva-se o direito de cumprir ou conceder, etc.».

Estamos dentro de um regimen democratico, estamos dentro de um paiz que tem leis, portanto não aceitaremos nenhum regulamento que não seja legal, que não seja sancionado pelo Estado, e que constitua uma lei, que a Companhia não possa deixar de cumprir.

E ficai certos, senhores dirigentes da Companhia, que o pessoal irá até onde fôr preciso, para fazer respeitar os seus direitos, custe o que custar. Basta de represálias, basta de vilanias, basta de brincadeiras, porque o tempo de agir chegou, e, portanto, lutaremos, mas lutaremos até que exista um ferro-viário digno dêste nome, quer vos agrade quer não, porque, tende a certeza, êste regulamento só nos merece a consideração que vós até hoje tendes dispensado ao vosso pessoal, e nada mais.

O vosso regulamento para ser lógico e coerente deveria assim ser redigido.

Artigo 1.º—A Companhia Portuguêsa reorganiza as suas Caixas de Reformas e Pensões, segundo as disposições aqui consignadas, ficando o pessoal obrigado a pagar 5 % de quota, e a joia já estabelecida nos regulamentos anteriores, aos quais a Companhia concede a seguinte pensão, cujo máximo será 1:200$000 réis, nas seguintes condições:

1.º — Aos que auferirem ordenado inferior a 600$000 réis anuais, só será concedida a pensão mediante a apresentação da certidão de obito, os quais terão direito a 50 % do ordenado;

2.º—Aos que auferirem ordenado superior a 600$000 réis, ser-lhe-ha concedida a pensão de 100 % logo que atinjam 45 anos de idade e apresentem certidão de vida.

Artigo 2.º — Fica revogada a legislação em contrário.

A Comissão Executiva propoz e o Conselho de Administração aprovou.

Educação Civica

EM DESEJA DA REPUBLICA

Nota-se que ha populações cujo povo não se encontra devidamente instruido, no respeitante a doutrina democratica, parecendo-nos perigoso tão grande atraso depois de dois anos de Republica.

Afigura-se-nos de urgente necessidade a organisação de comissões nos varios distritos e concelhos para explicar ao povo humilde o que é a Republica e o que são as suas leis.

E' necessario que se levante a alma nacional, para bem do progresso e do regime que tanto devemos abraçar para fazer as prosperidades da patria querida que uma monarquia de bandidos tanto roubou e vexou.

A' parte meia duzia de sinceros cidadãos em cada aldeia, os restantes são indiferentes e já temos ouvido dizer que não se importam que governe a monarquia ou que governe a Republica.

E' porque até eles ainda não chegou a palavra da verdade que os elucide de que a Republica é o regime que o povo escolheu para salvar a Patria dos erros duma monarquia tirana e que baqueou para sempre em Portugal no glorioso 5 de outubro de 1e 1910.

Façam-se, pois, conferencias nas povoações mais atrazadas aonde á Republica ainda não chegou para, emancipação dos cidadãos, cuidando-se menos da politica e mais do novo regime, porque este merece o nosso amor e o nosso carinhoso aféto.

Educar, por meio de conferencias, o povo das aldeias, será uma medida acertada para o progresso da Patria.

Nos grandes centros realisam-se palestras e conferencias quasi diariamente, e o povo trabalhador possue já uma crescente compreenção de deveres civicos e do que é e deve ser o futuro d'esta bela terra portugueza.

A continuar o atraso do povo dos pequenos burgos, que ainda não compreendeu o que é Republica, resultará efémera e contraproducente toda a obra de demolição até hoje efétuada.

A campanha contra a Republica é notoria, continua dentro e fóra do Paiz e especialmente no Brazil onde uma grande quantidade de falsos portuguezes deprimem o regime com as maiores calunias e infamias.

No Brazil acaba de sair um jornal, O *Realista*, dirigido pelo bandido Martins Bandalho, o degenerado autor da lei celerada que mandava para Timor grande numero de republicanos, se não fôra a mão de Buissa e Costa no 28 de janeiro.

Egualmente além-mar se encontra o miseravel João d'Almeida pedindo dinheiro aos monarquicos portuguezes, para nova incursão.

Em Portugal não é desconhecido que os padres não pensionistas e os bispos tentam contra o regime e *as tribonécas* do «Dia» e da «Nação» e outras de côr monarquica, das provincias, defendem a monarquia e inventam toda a sorte de calunias para incutir nos espiritos menos cultos a ideia de que isto corre mal, etc...

E' sabido tambem que Homem Cristo — *(o armado)* consegue clandestinamente introduzir em Portugal, por Barca de Alva, o seu nojento «Pulha de Aveiro», e que nêle ameaça todos os que estavam comprometidos na ultima incursão, de serem denunciados.

E segue a contra-dansa.

Fernandes d'Almeida.

NA ESTANTE

Fábulas, por José Agostinho. Casa Figueirinhas, Porto. Prêço: 100 réis.

E' uma coléção de fábulas em verso, bem feitas e escolhidas, apesar do vinco místico que as polue no prefácio.

Fernando — Romance infantil por José Agostinho. Casa Figueirinhas, Porto. Preço: 100 réis.

Novela bem urdida, com graciosidade de fórma, enriquecida com gravuras, apezar do misticismo doentio do seu autor, o que a torna banal.

Os Serões das Crianças, por Maria Pinto Figueirinhas. Casa idem. Preço: 100 réis.

E' um feixe de contos, entretecidos do maravilhoso e fantastico, que prendem o espirito infantil, mas a que não falta o banalissimo Deus d'encruzilhada.

Arvores. Comédia-drama, por Antonio Valjode. Casa idem. Preço: 100 réis.

Pequeno fasciculo para teatro-infantil, onde o autôr exalta, em bons conceitos morais, o valôr e a preciosidade das arvores.

Questões de Ortografia, pela «Educação Nacional». Preço: 30 réis.

Opusculo que contem todas as regras para escrever segundo a moderna ortografia.

Agradecêmos os exemplares oferecidos.

Notas pessoais

Foram promovidos á classe imediata os nossos presados assinantes, snrs. José Martins da Costa e Joaquim Martins dos Santos, que exercem actualmente os cargos de sub-chefe e adjunto em Pampilhoza.

A chefe titular desta estação foi promovido o nosso patricio e amigo, snr. Manuel Simões Lopes, que com dedicação vinha exercendo o cargo interinamente.

A todos felicitamos.

——Passa ámanhã o aniversario natalicio da snr.ª D. Inez Franck, esposa do nosso presado assinante e anunciante, snr. Louis Franck, proprietario do acreditado Hotel-Porto, em Lisboa.

Os nossos sinceros parabens.

Recreio charadistico

Decifrações do n.º 53: *Arriaga, Campoamor, Morsegar, Morsolo, Mogolia, Amar, Roça, Aba, Celicolas, Recinto* e *Comparsa*.

Decifradores: *Sun-yat-sen*, todas; *Amelia da Silva, 10; Americo, 10; Viriato, 7;* e *Pai-Piri*, 4.

Decifração da charada a premio publicada no n.º 54: *Uterotomo*.

Unico decifrador: *Sun-yat-sen*.

QUADRO DE HONRA

Sun-yat-sen

Charadas

1) Adorar o teu corpinho—2
Num prazer ditoso e lêdo—2
Era bom, era docinho,
Mas, no final... era azêdo.

2) Coimbra! na despedida—1
Só recordações te lego...
Não me enfado em minha vida—2
De lembrar a visão qu'rida
Duma Inês posta em socego.

Nitrato.

Novissimas

3) De Elvas volta a mulher.-1-2
4) Cruel que zombava doutra mulher-1-2

Mata Tudo.

Charada ultra-adicionada

5) E' uso--2
—aqui—
Dar pancada--3

Bohémio.

Tipográfico

6)
ma
ooo
o
o
o
o
o o
ooooo gorgeios—C+S

Liames.

LEON NANTET

Este nosso querido amigo, chefe de Brigada muito distinto da Companhia Internacional dos Wagons Leitos e dos Grandes Expressos Europeus, que havia permanecido em França numa comissão de serviço, regressou a Portugal, retomando o seu logar de chefe de Brigada do *Sud-Express* Lisboa-Paris.

Um grande abraço de boas vindas.

Assuntos agricolas

A duração do efeito de certos adubos quimicos

Participa-nos a casa O. Herold & C.ª, importantes negociantes de adubos quimicos da nossa praça de Lisboa e do Porto, que teve ha poucos dias a visita de um lavrador do Lavre freguezia de Montemôr-o-Novo), que lhe disse que o trigo semeado em terra adubada com Fosfato Tomaz, em outubro de 1911, e que já em 191é deu boa colheita de trigo, está dando agora, com aquela unica adubação, segunda colheita de trigo, bastante prometedora. Quer dizer que uma unica adubação com Fosfato Tomaz produz a seguir duas boas colheitas de trigo, cereal este que é o mais exigente entre os cereaes, em alimentação.

Ao lado dessa informação põe a casa Herold uma outra, chegada tambem agora do concelho de Mora, visinho do de Montemór-o-Novo, que diz que os trigos estão todos bons, tanto os não adubados como os adubados, mas que aveias e cevadas estão ordinarias.

Esta informação é fornecida por um negociante de adubos, que em 1911 colocou entre os seus freguezes grande quantidade de Fosfato Tomaz e pequena quantidade de Superfosfato, voltando, porém, em 1912, a vender de preferencia Superfosfato.

Mas o mesmo negocionte enviou-nos, apezar d'isso, a informação que segue, qual confirma o que acima dizemos, e é tambem confirmada por inumeros lavradores:

«*Móra, 14—3—1942.*

«As searas do FOSFATO TOMAZ são as que estão com melhor aparencia, dito por todos que o compraram, melhor que qualquer outro adubo, hoje mesmo um freguez me disse que um FOSFATO TOMAZ é o melhor trigo que tem».

D'estes factos e da formação recebida, tiram-se interessantes conclusões:

1.º Que os lavradores se arriscaram a semear em 1912 trigo sem nova adubação nas terras que em 1911 tinham semeado egualmente com trigo, adobando-o com Fosfato Tomaz; sabe-se que a colheita do ano passado foi boa, em relação ao ano, e egual á que deram terras semeadas com Superfosfato. Note-se ainda (inf. de 1912 sobre estado searas), que o trigo é o cereal mais exigente.

2.º Que nas terras semeadas de trigo com Superfosfato em 1911 os lavradores não se arriscam a semear sem nova adubação em 1912 o trigo, que é o cereal mais exigente, mas sim só cevadas e aveias, que são cereaes menos exigentes.

3.º Que cevadas e aveias semeadas em 1912, sem adubo, em terras que em 1911 tinham levado trigo com Superfosfato, estão fracas e pouco prometedoras.

Isto prova que as terras adubadas com Fosfato Tomaz produzem no primeiro ano trigo pelo menos tão bom como terras adubadas com Superfosfato e que no segundo ano se pode semear n'aquelas (nas do Fosfato Tomaz) outra vez trigo, com bom resultabo, e n'estas (nas do Superfosfato) só cevada e aveia e com fraco resultado.

Isto deve dar que pensar aos lavradores e devia obrigal-os a fazerem todos eles os seus confrontos entre o Fosfato Tomaz e o Superfosfato. E' claro que a um Superfosfato esmerado, como é o da marca ingleza Galo, não levará o Fosfato Tomaz a palma com tanta facilidade como a um Superfosfato de marca vulgar e ordinaria. Mas, se os lavradores fizerem com cuidado experiencias confrontativas, prolongando a sua observação por 3 anos consecutivos, chegarão a convencer-se, cada vez mais, das grandes vantagens que oferece o Fosfato Tomaz. Os inimigos deste adubo dizem que se dissolve muito devagar e que precisa de muita agua para produzir efeito. A isto opomos as seguintes duas informações, que dois lavradores do Alemtejo enviaram á casa Herold, além de muitissimas outras, que ali foram e são constantemente recebidas:

«*Bencatel, 6-1-1912.*—Com respeito ao Fosfato Tomaz, 16 %, que V. S.ª me vendeu, estou sinceramente satisfeito, porque tenho trigo que hoje, n'esta epoca, está com a altura de 50 centimetros e tenho já metido gado para o cortar, porque assim d'aqui a pouco estaria espigado.

O mesmo lavrador escreveu-nos mais a seguinte:

Bencatel, 20—6—1912.—Em primeiro logar, sou a dizer-lhe que fiquei satisfeito com o Fosfato Tomaz que V. S.ª me forneceu; apesar do ano ser pessimo, ainda assim é o melhor desta região.»

Vendas Novas, 30—7—1909.—Dos adubos de que fiz uso na Herdade das Silveiras, e fornecidos por V. S.ª, obtive melhor resultado com o Fosfato Tomaz; por experiencia, em terreno de alqueive o trigo semeado com o Superfosfato rendeu 3 sementes e com o Fosfato Tomaz rendeu 12 sementes; na mesma terra o mesmo trigo sem adubo deu 6 semente; o Fosfato Tomaz em ano seco não faz resentir tanto a semente; tem a vantagem de fazer melhor adubação, por se espalhar melhor na terra, quando o tempo esteja sereno e não havendo vento; continuarei de futuro com o Fosfato Tomaz; gasto menos dinheiro na adubação e tiro melhor resultado.»

Outras vantagens do Fosfato Tomaz poderiamos enumerar, mas por hoje basta. Só queremos ajuntar que nem com Superfosfato, nem com Fosfato Tomaz, aplicado cada um isoladamente em sua terra, o lavrador dá ás suas terras uma adubação completa, que é indispensavel. Se ha lavradores que dizem que os adubos escaldam as terras, é porque aplicaram durante anos só e exclusivamente e sempre só Superfosfato. O lavrador que se assustar com o custo das adubações completas experimente-as em escala reduzida e depois resolva, e, entretanto, no grande resto da sua lavoura aplique Kainite, (adubo potassico barato) junto com Superfosfato ou com Fosfato Tomaz, em partes eguaes. Os resultados d'esta adubação lhe mostrarão que ainda não conhecia, nem podia conhecer, com os adubos incompletos que aplicava, o verdadeiro partido que se póde tirar de boas adubações e despertar-lhe-ha o apetite para melhor estudar o assunto. Veja ele a seguinte informação:

«*Ervedal do Alemtejo, 2-3-1913.*—Emquanto ás searas, estão magnificas; o meu trigo, de que lhe tenho falado, está soberbo, (adubado com Fosfato Tomaz e Kainite em partes eguaes); tem tido tão grande desenvolvimento que, na data atual, já as mulheres que o andam mondando, quando colhem a erva, não aparecem, e tenho sustentado parte do gado vacum, que lavra n'aquela herdade, com a folhagem que mando as cefeiras cortar por cima, para que não acame. Emquanto ás outras searas adubadas com Superfosfato de 12 % agua, tambem não estão más, mas o meu trigo durante a seca conservou-se com maior vantagem, ao passo que o outro, depois das chuvas, tambem está bom».

A casa O. Herold & C.ª põe ao serviço dos lavradores esmerados, cuidadosos e zelosos, o conselho dos seus dois agronomos.

Como todos sabem, a casa Herold tem em armazem quantidades importantes de todos os adubos acreditados, vendendo-os sob a marca registada «Trevo de 4 Folhas». Os armazens são em Lisboa, Porto, Pampilhosa do Botão, Regoa, Santarem (S. Pedro) e Faro.

Dirigir tambem a Fortunato Vaz, **Camarneira**—CANTANHEDE.

BRINDE

O nosso presado amigo sr. Tibério d'Oliveira, enviou-nos de Benguela 5 magnificas colecções de bilhetes postais ilustrados, que mostram diferentes trechos de paisagens, tipos e costumes daquela região.

Ao nosso amigo agradecemos a gentileza da oferta.

Politica franceza

QUEDA DO MINISTERIO BRIAND

Por causa da discussão da lei eleitoral no Senado, demitiu-se o ministerio presidido pelo snr. Briand.

Os jornaes francezes são unanimes em declarar a excepcional gravidade provocada pela crise ministerial.

O novo presidente da Republica, snr. Poincaré, depois de consultar as principaes personalidades politicas, manifestou opinião de que o novo governo se deverá esforçar por conciliar os elementos republicanos das duas camaras.

O novo governo é presidido pelo snr. Barthou.

Morte do general francez André

Faleceu em Paris o ex-ministro da guerra da França, general André.

Este ilustre militar distinguiu-se no posto de capitão durante a guerra franco-prussiana.

Exerceu o logar de ministro da guerra nos gabinetes Waldeck, Rousseau e Combes, onde chegou a ter uns momentos de celebridade.

Inimigo dos reacionarios, sustentou formidavel ataque dos nacionalistas, que conseguiram derruba-lo do poder, dizendo numa carta então escrita a Combes que se retirara do poder para não ser a causa da queda da maioria republicana.

ANUNCIOS

Arrematação judicial

(1.ª publicação)

NO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho e pelo cartorio do escrivão do 2.º oficio—Mamede—se hão-de vender em hasta publica, á porta do Tribunal Judicial, no dia 6 de abril proximo, por 11 horas, pelo maior lanço oferecido sobre o preço da avaliação, os seguintes bens, para pagamento do passivo aprovado no inventario orfanologico por obito de Tereza Cavaleira, moradora que foi no Vale Grande, freguezia do Seixo:

Duas aguilhadas ou 1080m² de terra lavradia, no sitio do Vale Grande, freguezia do Seixo, avaliadas em 39$000 réis.

Oito aguilhadas ou 4320m² de terra lavradia, no sitio do Vale Grande, freguezia do Seixo, avaliadas em 80$000 réis.

A contribuição de registo é paga por inteiro á custa do arrematante. Pelo presente são citados para a praça quaesquer credores incertos.

Montemór-o-Velho, 14 de março de 1913.

O escrivão,

João Pais da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

Agua da Curia

Semelhante á de Contrexeville

Estimula a acção dos rins, que são os filtros do corpo humano.

Experimentai a agua da Curia.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
TELEFONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sêde em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

JOSE MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

MODISTA

Máquinas de Costura,
Bicicletes e acessórios

EM CASA DE

José M. Figueira

CANTANHEDE

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

MURALINE Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = FIGUEIRA DA FOZ

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 2.° Arazêde, 30 de Março de 1913 N.° 58

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os originais.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

Portugal e Colonias Portuguezas—Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trismestre, 30 centavos.
Brazil — Ano, 2 escudos, fortes.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redactôr e editôr—ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Redação e Administração — ARAZÊDE

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

A emigração portuguêsa

Suas desastradas consequências — O país ressentir-se-á com a enorme falta de braços que se está fazendo notar

Poucos são os jornais portuguêses—não falando agora dos lá de fóra—que se não tenham ocupado do momentoso e não menos grave problema da cada vez mais crescente emigração portuguêsa, pintando o caso a seu modo, uns, exagerando outros, mas dizendo e inspirando-se quasi todos no mesmo fim patriotico e humanitario, porque, ainda assim, no meio de mil e uma contrariedades, é-nos agradavel vêr que todos unem fileiras quando se trata de resolver e debater um assunto cuja magnitude todos reconheçam como obra de solidariedade humana, de interesses colectivos mais ou menos cerciados.

E' a segunda vez que nós, cada vez com mais esperanças no glorioso amanhecer duma alvorada libertadora, vimos aqui tratar da questão, posto que o convencimento de que dias melhores chegarão para os que lá longe sofrem e lutam titanicamente se tenha por completo esvaído do nosso espirito.

Por toda a parte se ouvem lancinantes gritos de saudade, tanto da parte dos que vão, como, o que mais doloroso é, da parte dos que ficam, porque estes quasi sempre continuam a ingrata vida de sofrimentos, agravada ainda com a lembrança amarga dos que, mar em fóra, partiram á procura dum melhor futuro deixando os filhitos a pedirem pão, as esposas a esmolarem de porta em porta uma gota d'agua para saciarem a sede dos pequenitos cujo pae abalou banhado em lagrimas, no meio dos mais tétricos e sinistros soluços de que é capaz um peito humano.

Emigrar, partir para longe da patria e da familia, sem ter a certeza do dia de amanhã, como estão fazendo a maior parte dos nossos camponezes, é remar contra a maré.

Depois, o mais lamentavel é que sendo completamente analfabetos, a sua quasi totalidade arrepende-se mezes depois de ter feito a travessia dos grandes mares, das aguas profundas dêsse Oceano incomensuravel, sem fim, e esse arrependimento cruel quasi sempre vem quando o mal já não tem remedio, quando já não ha nada que possa evitar, muitas vezes, a ruina duma familia.

O nosso distrito é um dos muitos que enferma do mal emigratorio, que o mesmo é que dizer que é dos que mais analfabetos conta.

Na semana finda em 15 do corrente, por exemplo, concedeu o snr. governador civil de Coimbra 101 passaportes a emigrantes que se fizeram acompanhar de 36 pessoas de familia, com destino ao Brazil e America do Norte, dentre os quaes 9 do nosso concelho e 51 analfabetos, ou sejam mais de 50 0|0 os desgraçados que alem-mar, privados do convivio dos seus amigos e dos carinhos da familia, foram em procura duma ambicionada felicidade ou dum sonhado relativo bem-estar que nunca chega, nunca verá, por maiores que sejam os sacrificios, por mais ingratos que sejam os sofrimentos e mais torturantes as desilusões.

Mas, a despeito de haver poucos jornaes portuguezes que do lamentavel facto se não hajam ocupado, nós não vimos ainda, por parte dos dirigentes, dar um passo em pesquiza da solução do assunto, de tal maneira ele se mostra complicado e arduo, demais a mais prestando-se a vis ganancias, a inconfessaveis ambições por banda dos que têm tanto escrupulo em comerciar um quadrúpede como em comprar um miseravel, arranca-lo do seu lar e manda-lo, iludido, para paragens inóspitas onde a saudade constantemente o irá atormentar e envelhecer.

E emquanto uns vão morrer lá longe, afastados da patria e da familia, outros andam aqui por pé da gente praticando toda a casta de infâmias e contraminando a ideia dos bem-intencionados.

Mas os emigrantes compreenderão, um dia, que não ha sol tão vivificador e tonificante como este sol amigo de Portugal.

Almeida Junior.

Instrução, muita instrução

Aqueles a quem se pergunta qual a maneira de fazer ressurgir a nossa Patria do estado de abatimento a que infelizmente ela tem chegado, a resposta obtida é — *Pela instrução, por muita instrução!*

Mas, como se ha-de ministrar essa instrução, muita instrução, quando não temos o preciso numero de escolas, nem mobilia, nem material didático e, no primeiro quartel do seculo XX, metemos ainda na mão do professor, a quem se exige uma habilitação trabalhosa, a insignificantissima quantia de **490 réis** diarios?

Ainda por um processo muito simples e que consiste em aproveitar a proverbial dedicação daqueles que, fiados num futuro mais risonho, ou ainda levados pela sua inclinação para o magisterio, nele se vieram alistar, como soldados dos mais dedicados á Patria.

Esse processo consiste em tornar obrigatoria a frequencia a todas as escolas, criando-se mesmo, nos limites das fôrças do Tesouro, verbas destinadas para os inteiramente destituidos de meios, poderem ir ás aulas.

E' preciso que se saiba que nós temos hoje perto de 6:000 professores o que relativamente é pouco para tamanha população escolar, mas se dissermos que muitas das escolas, ás vezes sofrivelmente organisadas e até com bom professor, não teem a frequencia e aproveitamento que deviam ter, dizemos simplesmente a verdade.

Aqui mesmo na capital, onde as escolas, se não são um modêlo, são todavia suficientemente providas do necessario, a frequencia deixa muito a desejar, não obstante os esforços dos professores.

Deste modo ainda a pequena despeza, que proporcionalmente se faz com a instrução, deixa de ter o aproveitamento que seria para desejar.

E' por isso que nós discordamos do que a comissão de instrução propoz no parlamento, quanto á liberdade de frequencia.

E' claro que, onde não haja escolas, é impossivel a obrigatoriedade, mas, onde as ha, e os chefes de familia não reconheçam as vantagens da instrução, só por meio da obrigatoriedade se póde conseguir o fim desejado — *instrução muita instrução.*

Ulysses Machado.

CRÓNICA DO PORTO

E' noite. Na solidão do meu quarto árido e deserto como a cela dum condenado á morte, todo o meu sêr se debate numa luta cruel e formidavel.

Três vezes me levantei de punhos cerrados ao retrato da santa mulher a quem chamo mãe e três vezes tombei aniquilado, exangue, amortecido. E' que naquéla face outr'ora bela, naquêle sorriso outr'ora tentador, naquêle conjunto, emfim, outr'ora amado por meu pai, existe um não sei quê de santo e respeitavel. E' que, no final de contas, sempre é minha mãe.

Todavia, pensando bem, o quanto essa mulher foi criminosa! Dum seu capricho amoroso nasci eu e por um seu momento de gôso sou eu forçado a arrastar um viver insuportavel. Sofreu ao dar-me á luz? Ossos de oficio. Demais é bem sabido que amar é sofrêr . .

Sim, minha pobre mãe, tu fôste criminósa, muito criminósa.

E' possivel que tenhas sofrido e por aí pódes avaliar o quanto é crime a geração dum ente.

E dize: Se ámanhã, sem fôrças para reagir, eu abandonasse esta comedia que se chama vida, por um meio eficaz chamado suicidio, não sentirias remordêr-te na consciencia o duro espinho do remorso?

Oh! sim. Parece-me estar a vêr-te lívida, aterrorisada, fitando no vácuo a sombra tragica do filho que abandonaste, de mãos crispadas, todo ensanguentado como a pedir-te contas.

Mas não. Não sucederá assim. Tu irás adiante, minha mãe, muito adiante para felicidade dalgum ingerado meu irmão, que porventura pudésse vir a nascer.

Todo este rosario de blasfémias soltáva a minha alma desiludida.

Tive novamente um assômo de raiva e as minhas mãos procuráram o retrato déssa pobre mulher que, na fria palidez do meu quarto solitario, parecia sorrir misteriosamente.

Mais uma vez tombei sem forças.

E' que, no final de contas, sempre era minha mãe!...

Porto, 26—3—913.

Gomes Monteiro.

Positivismo

O nosso colega «A Voz da Justiça» chama agoirento ao nosso artigo de fundo do ultimo numero e classifica de séticismo a nossa maneira de pensar.

Nós o que sômos é positivistas, porque não ocultamos a verdade dos factos e encaramos tudo á luz serêna da razão.

Não nos enamoram os *ótimismos* nem as teorias de Leibnitz, e desta fórma não podêmos confiar *no senso dos portuguêses*, porque são raros os que têm juizo...

E o colega bem sabe, mas ..

Na berlinda

O nosso presado colega *O Mundo* publicou a semana passada a seguinte noticia, na sua secção de *Ecos*:

Lição necessaria

O snr. administrador de Montemór-o-Velho está fazendo um inquerito ácêrca do prior da fréguezia de Arazêde, que não se cansa de fazer campanha contra a Republica, afirmando que ninguem dali o arrancará. Fazemos votos para que o administrador investigue cuidadozamente dos factos, porque eles provam sobejamente que o padre carece de lição.

Não fazêmos comentários.

Questões vitais
—Educação Popular

Um novo metodo de leitura do professor José Maria dos Santos

Não basta darmos instrução aos espiritos, é preciso criá-los; não basta ser fornecedor de noções, é necessario ser animador dalmas.

Em tão resumidas palavras, proferidas um dia por uma das mais lídimas mentalidades da nossa terra, se condensa afinal um dos mais, senão o mais grave problema nacional, e para cuja solução é mirtér que todos nós portuguêses dispendâmos um pouco de leal esforço, se quizermos que nesta Patria se opere um real e efectivo rejuvenescimento de actividades e energias.

E' bem verdade que nos não será dado alcançar, tanto no campo vastissimo dos progressos e aperfeiçoamentos mentais, como na esféra das riquezas e prosperidades economicas, um logar de legitimo valor e honesta probidade, se não resolvermos, antes de tudo, e sob novos e amplos criterios, o nosso problema educativo.

E o mais essencial a ponderar nesta momentosa questão, não são os factores de ordem material, sem embargo de os considerarmos absolutamente indispensaveis, mas sobretudo aquêles de caracter organico e scientificamente funcional em que tem de alicerciar a educação das nossas futuras gerações.

Temos de adoptar e rigorosamente aplicar novos métodos, novos processos, novas fórmas e modos, toda uma nova estrutura organica que o *racionalismo* prático e utilitário, fundamentado nas conclusões certas da experimentação, aconselha.

E se em todos os graus do ensino nacional carecemos dessa adopção e aplicação, essa carencia é então absoluta no ensino primario ou popular.

Pois, podemos convencer-nos de que, emquanto na escola popular portugueza, se não usarem e adoptarem com consciencia, os *métodos racionais*, em ordem a fazer acender dentro dos cerebros juvenis o fogo sagrado das observações experimentais; emquanto, nessa escola, se não usarem processos, fórmas e modos de educar que ponham os jovens espiritos em contacto direto com os fenómenos e leis naturais, colocando-os assim, consequentemente, na estrada das convicções proprias, no reconhecimento imediato das utilidades, na compenetração, finalmente, do nobilissimo sentimento da autonomia moral, jámais poderemos esperar que esta Patria rejuvenesça ou se engrandeça, servida pela autoridade dos seus filhos.

Estejâmos absolutamente certos disto; a crise máxima que assoberba esta nacionalidade, é sobretudo uma crise educativa.

E emquanto a não atenuarmos e removermos, banindo os estreitos e mesquinhos criterios dos antigos *meneurs* da educação portuguêsa, nós não avançaremos um passo e, porventura, a *degringolade* será cada vez mais assustadora.

Em Portugal não se ministra nem educação politica e civica, nem educação moral, nem educação técnica, nem especie alguma de educação segundo os conceitos e concepções da pedagogia scientifica e contemporanea. Todo o ensino é aprioristico, dogmatico e racional e ilogico, incapaz, por isso mesmo, de criar espiritos e formar almas.

Por isso mesmo, nos não admiraremos tambem de que seja de uso corrente dizer-se que, em Portugal, quem estuda, visa apenas a obter uma certidão de exame, carta ou diploma, espécie de gazúa com que possa abrir as portas da mandria burocratica e viver á custa do Estado.

Pois se é a organisação do ensino oficial que a tal facilita por mais não facultar nem permitir?!

Onde, porém, repetimos, se verifica uma ausencia quasi absoluta desse *racionalismo* utilitário capaz de imprimir ás nossas futuras gerações a orientação e o poder de transformar em unidades de valor real e efectivo na temeraria lucta pela vida que carateriza o nosso tempo, é certamente na nossa escola primaria ou popular.

Milhares de crianças sáiem desta escola, porventura possuindo um certificado de exame, sem uma noção exata e proficua ácêrca do mundo que as cérca; sem o espirito formado para, por si proprias, colecionar dois rudimentares fenómenos ou factos e daí deduzir uma natural e simples conclusão.

Nenhuma porventura, com a capacidade adquirida na experimentação scientifica, de reconhecer as vantagens e utilidades que as forças e productos da Natureza, dadas certas circumstancias, podem

fornecer. Muito menos ainda, com os alicerces formados de uma alma capaz de, no futuro, se determinar a resolver dos seus actos, com a convicção, autonomia e liberdade. E afinal por toda a parte se ouve dizer: ensino pratico, ensino pelos exemplos, etc., etc. Para vermos o que é este ensino pratico e racional transcrevamos alguns periodos das *Opiniões e Depoimentos* do brilhante critico que é Raul Proença:

«Um livro do snr. Ulysses Machado pretende ensinar gramatica por meio de figuras! Como se fóra de nós houvesse substantivos! A gramatica não é uma sciencia de coisas, é uma sciencia de palavras. O autor soube que *lá fóra* se ensinava por figuras, mas não percebeu que o que se fazia por esse meio era, não o ensino da gramatica, mas o ensino do vocabulario, pela correspondencia representada no espirito, entre a coisa e o nome que a define.

E aqui está o nosso ensino:

Nas sciencias de observação material, em geral, só se faz um amontoado de palavras fóra da realisação dos factos. E exatamente na sciencia em que se tem de trabalhar sobre palavras, onde estas são organismos vivos e «factos de observação»—é que se vão buscar as coisas! Já viram inversão mais imbecil do espirito scientifico?»

Infelizmente, é assim mesmo. Os métodos de ensino racional, no seu legitimo e verdadeiro significado, são completamente ignorados ou insuficientemente aplicados nas nossas escolas primarias. Entretanto, algumas tentativas se esboçam no intuito de acabar com tão prejudicial ignorancia. E entre elas mencionaremos o novo método de leitura inicial intitulado *Cartilha Popular*, do distinto professor dêste concelho, José Maria dos Santos, sôbre o qual nos ocuparemos num proximo artigo.

Coimbra, março de 1913.

VICTOR DUARTE.

Notas pessoais

Esteve aqui o nosso estimado assinante, snr. Antonio Fragoso Rocha, acompanhado de sua ex.ma familia.

—— Vimos nesta povoação o digno administrador do concelho, snr. dr. João Constantino.

—— Regressou de Manaus (Brazil) o nosso assinante, snr. Manuel da Silva.

—— Tambem aqui estêve de visita ao nosso directôr o nosso bom amigo, snr. Henrique de Melo, distinto professor em Montemor-o-Velho.

HABITAÇÕES BARATAS

Acabo de lêr no *Dever* um artigo firmado por Almeida Junior, com o titulo acima dito, que me tocou no goto por sêr uma questão da minha paixão e de ha muito tratada por mim. Mas, meu amigo, isto é já velho e revelho e por mais que se grite e clame é sempre gritar e clamar no deserto e creia que é com bastante magua que lho posso afirmar. Desde ha muitos anos que em todas as reuniões politicas se vinha tratando da habitação do pobre e em 1908 e 1909 foi aprovado um projecto que foi alcunhado de jesuitico e ainda assim foi atirado para o cesto dos papeis inuteis; e tambem existe um projecto nas atuais camaras, mas parece que está destinado a seguir as aguas do tal jesuitico, apezar de ser baptisado na igreja do povo. E' que os interesses do povo, da classe pobre principalmente, só lhe são anunciados, note bem, *anunciados*, quando ha eleições. Varios jornaes têm tratado dêsse assunto, mostrando muito interesse e carinho por essa monumental obra que a sociedade podia edificar.

Consulte a *Republica* do dia 28 de agosto de 1911, o *Seculo* de 8 e 31 de dezembro de 1911, o mesmo *Seculo* de 22 de janeiro de 1912 e outros que já perdi por motivos que no decorrer deste artigo vai descobrir.

Ha já anos, e após uma conferencia feita pelo snr. Pedro Muralha, pessoa que só conheço de nome, escrevi a este cavalheiro um postal em que lhe pedia uma entrevista afim de lhe expôr um plano de organisação duma *liga de inquilinos*, e que tinha por fim criar fundos para com êles mandar edificar predios com 8 habitações, as quais seriam entregues aos socios inquilinos, á medida que fôssem amortisando a quantia dispendida com as referidas habitações. E' claro qne nesta amortisação entravam as quotas, e a quantia destinada á renda, como se o socio tivesse realmente arrendado uma casa.

Uns dias depois recebi um postal do snr. Muralha em que me marcava as 8 da noite para comparecer na Caixa Economica, na Rua da Infancia, á Graça. Para lá me dirigi no dia e hora aprazada e qual não foi a minha decepção quando lá cheguei e me dizem que ele não estava em Lisboa. Realmente fiquei desapontado e perdi toda a vontade de trabalhar em tal assunto. E depois a maior parte dos operarios e nãooperarios, todas as vezes que aparecem alvitres desta ordem, no geral acham-nos bons, mas quando se trata de os pôr em pratica e se lhes diz quanto têm que pagar por mez e no fim de quantos anos é que estão na posse da sua habitação, deitam um certo olhar de desconfiados e resmungam lá para si frases que nem todos ouvem distintamente, mas que todos compreendem.

Ouve-se de vez em quando dizer que o partido republicano, quando estava na oposição, prometera habitações baratas e portanto é ao governo que se devem pedir.

Ora, meu amigo, estas coisas não devem estar sómente a cargo dos governos. As iniciativas particulares, quando bem organisadas, podem tambem trazer grandes beneficios á sociedade. E quaes são aqui as sociedades que necessitam uma organisação acerrima e sadia? As que trabalham de dia para comer á noite, por que as altas, essas de ha muito se reuniram no sentido de afastarem de si aqueles que tudo fazem e tudo produzem. Os grandes, quero dizer, os ricos, estão de tal ordem que lhes não falta nada e nada se preocupam com os imediatamente inferiores a não ser que estes lhes faltem com algum dos seus cumpromissos; portanto, convem-lhes até que as camadas inferiores não tomem uns certos e determinados caminhos que os levem a libertar-se das suas alforrias.

Vou agora fugir um bocadinho do assunto para felicitar os meus amigos pelo 1.º aniversario de *O Dever* e que me desculpem de vir tão tarde, mas duas anginas a isso me forçaram. A Almeida Junior por ter levantado no *O Dever* esse brado tão alto, tão humano e tão justo, felicito, e que estou a seu lado para o que lhe possa ser util. Junto lhe envio um relatorio do Montepio Geral, para que os meus amigos possam avaliar a quanto póde chegar a iniciativa particular.

Um abraço do vosso amigo

Lisboa, 23—3—1913.

José Marques Barreto.

CARTA DO PORTO

Passou-se a Páscoa, a tradicional Páscoa da Resurreição, como todas as coisas passam. Todavia, eu quizera estar ainda na minha pitoresca aldeia. Teria, pelo menos, o folar da minha madrinha.

O rígido tempo quiz tambem trazer-nos as amendoas desfeitas em suaves bategas d'agua que o povo na sua malicia chama «chuva de mólha tôlos».

Desgostosa da porca da existencia, uma pobre rapariga de Valadares lembrou-se de medir a altura da Ponte Luiz I. Escusado é dize-lo, ficou num feixe... Emfim, mais uma victima da aviação.

Agora é um pobre homem que na maquina da Boavista ficou empanzinado como um sapo. Coitado! quem poderia prever uma entaladela déstas?

Depois... depois são discussões politicas, religiosas, republicano-historico-arrangistas. Em suma: tanta porcaria que já são impotentes como desinfetantes o sublimado e o

NITRATO.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

I

O bom senso do snr. ministro do interior. — A situação miseravel do professorado primário. — Sêr-lhe-á melhorada tal situação? — E' o que estamos para vêr

A instrução tem ultimamente merecido a vários membros do Parlamento algumas bôas palavras, que muito nos consolam. Tambem — é de justiça confessá-lo — o snr. Rodrigo Rodrigues, ilustre ministro do interior, julgâmos que mais ou menos sugestionado pelo atual directôr geral de instrução primária, snr. dr. João de Barros, revogou já algumas portarias vexatórios para o magistério primário. Muito bem. Talver isso signifique que efectivamente, como já dissêmos no ultimo numero das *Pinceladas*, melhôres dias vão raiar para a escola e para o professorado — duas potencias cujos interêsses estão indissoluvelmente ligados.

A primeira, a escola, — digâmo-lo mais uma vez — está num estado lastimável. Não tem edificios apropriados nem as indispensaveis condições hijiénicas e pedagógicas; falta-lhe mobiliário e material ensinante; finalmente, não está tão multiplicada quanto as exigencias da população portuguêsa indicam. Quanto ao professôr, continúa quase nas mesmas condições que o levâram a, justamente, odiar a monarquia. O seu ordenado é verdadeiramente miserável — e dai a falta de consideração com que o mimoseiam os pais dos seus discipulos e a intranquilidade de espirito a que não póde eximir-se, coisas que fundamente se reflectem no ensino. Ainda por cima disso, ha a notar que o calote revoltante, com que sempre o tem mimoseado o estado, não terminou ainda, nem geitos tem de terminar.

Ha tempos, o snr. ministro das finanças e presidente do conselho de ministros disse alto e bom som, no Senado, que nem um ceitil consentiria que fôsse aumentado nos ordenados do funcionalismo — consequentemente, tambem nos dos professôres primários. Mas já depois disso o snr. ministro do interior declarou na mesma casa do Parlamento, segundo informáram algumas gazêtas, que não era tal assim — que o snr. dr. Afonso Costa se não opunha á melhoria de situação do infelís mestre-escola.

Que haverá de verdade em tudo isto? — Eis uma coisa que muito convinha saber quanto antes, para que a grande e valiosa classe a que muito nos honrâmos de pertencer ficasse sabendo com que póde contar do atual governo. Porque não se trata propriamente de uma questão de *lana caprina*, como se poderá afigurar a muitos dos leitôres...

A observação ai fica.

Prof. Manoel José Antonio.

As propinas em fóco

Não fui eu apenas que reparei na maneira como o sr. José d'Alpoim, nas suas *Cartas de Viagem*, falou da distribuição, quase forçada, das *pesetillas*, a titulo de gratificação aos *seus criados*, em Espanha, mas tambem um espanhol teve a hombridade precisa para lhe fazer sentir a sua magua por tais referencias.

E' engraçado ver agora o sr. Alpoim a justificar-se, pedindo ao espanhol que se não zangue por coisas que disse apenas por brincadeira. Para justificar que assim foi, evoca a sua simpatia pelo país visinho, dizendo que nas veias ainda lhe gira sangue espanhol, etc.

Ninguem duvidará de que o autor das *Cartas de Viagem* possa ter simpatia pelo povo espanhol, assim como ninguem duvidará tambem que, do conteudo delas, se depreendia desdem por tudo quanto cheirava a pobreza e a humildade.

Mas falando da aristocracia e muito especialmente de coisas régias, ele eleva-as a alturas indefinidas, acompanhando-as das ultimas palavras de louvor e de elogio para que todos os seus leitores vejam a grandiosidade daquelas personagens e daqueles objectos.

E' assim a democracia do snr. Alpoim.

Para ele, além das armaduras dos reis e da tapeçaria das rainhas, tudo o mais pouco vale.

***

Eu creio que as *Cartas de Viagem* resultariam mais uteis aos seus leitores, se o seu autor nelas tratasse de assuntos agricolas, comerciais e industriais, fazendo vêr aos seus patricios o progresso destas materias no estrangeiro, e incutindo-lhes a ideia de prosperidade das mesmas dentro dêste velho Portugal que só tem sido governado pela cabeça de historiadores deitando ao abandono tudo o que é util a um povo.

Se em alguma daquelas coisas falou, eu não tive a felicidade de lêr. Sempre que lia as suas crónicas, pouco mais ficava sabendo do que para onde ia o snr. Alpoim, onde tencionava ir, onde foi almoçar e jantar, a qualidade do ménú e o estado da sua perna gotosa.

Fóra disto, historia mais historia, e tem sido com historias que tudo isto tem caminhado .. para traz.

Porto, 28—3—913.

M. d'Almeida Junior.

O aniversario do "Dever,,

Apreciações da imprensa

Da *Revista Pedagógica*

O DEVER — Entrou em novo ano de publicação *O Dever*, semanario republicano que tem como divisa Patria e Humanidade.

E' seu redactor principal o ilustre professor snr. Manoel de Melo, distinto co-redactor da *Revista Pedagógica*.

O Dever é um dos jornaes mais bem escritos do paiz, e advoga nas suas colunas o desenvolvimento da instrução popular.

Por este facto e pelo Ideal que patrocina e ainda pela amizade que nos liga ao seu Redactor, o felicitamos, desejando-lhe sinceramente a repetição de tão faustosa data.

Da *Humanidad e*

O DEVER — Entrou no 2.º ano da sua publicação o nosso prezado coléga *O Dever*, de Arazede. Felicitamo-lo muito cordealmente.

Da *Gazéta de Coimbra*

O DEVER — Completou mais um ano de existencia o nosso prezado coléga *O Dever*, que se publica em Arazede.

Desejamos-lhe inumeras prosperidades.

TRANSCRIÇÃO

O nosso distinto colega *A Federação Escolar* transcreveu na integra o artigo *Pinceladas* do nosso colaborador Manoel José Antonio, publicado no n.º 55 do *Dever*. Agradecidos.

Poetas e Prosadôres

Louco desejo

(*A mademoiselle Isabel Maudslay*)

Quéro têr-te bem perto da minh'alma,
Longe, bem longe da vermelha furia
Que alvarmente se chama — a vã Luxuria
E nos vem esmagar a casta palma;

Quéro o teu labio são sempre a sorrir-se,
Na dôce candidês da virgindade;
Quéro vêr sempre em ti a castidade:
Botão de rosa-chá tentando abrir-se.

E, longe das potencias da Matéria,
Quizéra entrelaçar-te a alma sidéria
E comtigo voar ao dôce Fim,

Transformados em brancas margarídas,
Em rosas de toucar, lêdas, garridas,
Em duas açucênas de marfim!

Porto, 25—3—1913.

Gomes Monteiro.

Fernandes d'Almeida

Está de luto este nosso querido amigo, a quem a morte ingrata arrebatou enezoravelmente o pae estremoso, que em vida sempre soube ser um bom.

O nosso amigo, que é um vivo exemplo de seu desditoso pae, por isso mesmo que é tambem um bom, acha-se no Baraçal, tratando da saude um tanto abalada por excesso de trabalho.

A êle e a toda a familia desolada, enviamos um grande abraço de sentidas condolencias.

NA ESTANTE

Rogações de Eremita — por Jaime de Magalhães Lima. Casa editora Figueirinhas — Porto. — Prêço: 300 réis.

Prosa mistica de asceta, prosa doentia, mas prosa vernacula, onde ha imagens que scintilam. De resto, o livro do snr. Jaime de Magalhães Lima não é um livro da actualidade, o que compromette bastante o talento do seu autôr.

Padre Antero da Silva Pereira

Recebemos, enviado por mão amiga, um pequeno opusculo contendo a descriminação de varias peças de musica para piano, orquestras, tunas, etc., á venda no deposito deste nosso presado amigo, de Celorico da Beira, onde representa duas marcas de pianos alemães, etc.

Padre Antero é um rapaz a quem, pelo seu talento e pericia em assuntos muzicais, está sem duvida assegurado um largo futuro.

Agradecemos o exemplar oferecido.

FABULAS

por José Agostinho

E' o livro XIII da *Biblioteca das Crianças* que agora aparece em 2.ª edição, refundido e com uma bonita capa e muitas gravuras.

Eis o indice dêste belo livrinho de *Fabulas*:

Prefacio: ás crianças; *A abêlha e a mósca; A rosa e a violéta; O gato e os ratos; Os dois cães; O pórco e o rouxinol; Os passarinhos; O lobo e o carneiro; O gato e os passarinhos; As formigas e a aranha; A cadelinha e o filho; Os cães e o lobo; O burro vaidoso; O cachorrinho leviano; A galinha fidalga; O burro vestido de lobo; O pintasilgo; O cão vaidoso; A pomba vaidosa; O cão cego; O galo descuidado.*

O livro tem 86 paginas e custa apenas 100 réis.

LIVRARIA PORTUENSE
— DE —
LOPES & C.ª — PORTO

A lei da contribuição predial

A titulo de elucidação, e para demonstrarmos, com numeros, ao pobre povo, que a talassaria procura iludir, a seguir publicamos uma nota da quantidade de contribuintes do distrito cuja situação melhorou com o novo estado de coisas.

Em que peze aos amigos do... retrocesso, mas é mesmo assim.

DISTRITO DE COIMBRA

CONCELHOS	Contribuintes isentos: TOTAL	Anteriormente á lei de 4 de maio de 1911	Pelas leis de 4 de maio de 1911 e 15 de fevereiro de 1913	Contribuintes que ficam pagando menos do que pagavam	Contribuintes que ficam pagando o mesmo que pagavam	Contribuintes que ficam pagando mais do que pagavam
Arganil	7.430	3.928	3.502	2.895	169	41
Cantanhede	78.402	73.290	5.112	5.364	378	45
Coimbra	8.248	3.285	4.993	6.570	1.124	491
Condeixa	4.337	1.094	3.243	934	28	12
Figueira da Foz	6.839	4.598	5.241	6.908	972	268
Goes	3.560	2.663	1.497	1.599	67	22
Louzã	3.722	2.143	1.579	1.935	150	43
Mira	1.661	809	852	1.299	131	25
Miranda do Corvo	3.453	1.720	1.733	2.484	126	24
Montemór	5.767	2.487	3.280	3.577	437	247
Oliveira do Hospital	7.569	4.626	2.943	2.856	164	153
Pampilhosa	4.134	2.774	1.360	888	50	7
Penacova	3.097	954	2.143	3.254	160	18
Penela	3.088	1.617	1.471	2.133	106	23
Poiares	2.947	1.755	1.192	1.253	64	17
Soure	4.723	2.384	2.339	60	522	170
Taboa	6.051	3.501	2.550	60	190	55
	158.028	113.028	45.000	44.069	4.838	1.661

E, em presença dos numeros eloquentes que aí ficam atrevêr-se-ão os fundibulários duma corrução sem nome, a iludir ainda mais os pobres inconscientes?

CORRESPONDENCIAS

Montemór-o-Velho, 28

Devido á iniciativa de quatro dos nossos patricios, organisou-se nesta vila, outr'ora tão celebre, uma *troupe* composta dos melhores elementos daqui, a que deram o nome de *Troupe Dramatica Ester de Carvalho*, rendendo assim uma justa homenagem á saudosa memoria da insigne actriz, tambem natural desta vila.

Os fins principaes desta *troupe* são, segundo nos consta, tudo quanto ha de mais belo e humanitario, visto que tem por fim desenvolver a instrução entre os seus associados e socorrer todos os individuos daqui que, com justiça, disso necessitem e ainda a favor das vitimas de qualquer catastrofe nacional.

Fazemos votos para que a joven *troupe* dure muitos anos e que os seus incansaveis iniciadores não esmoreçam.

Já retiraram desta vila, onde vieram passar as ferias da Pascoa com suas familias, os nossos amigos Luiz de Alarcão, Amilcar Loureiro, José e Mario Sampaio, Mario Mota, José Augusto Campos, João Mamede, Luiz Mota, Alberto Barbosa e Antonio Augusto Campos.

Com toda a pompa, realisaram-se no templo dos Anjos, as cerimonias de quinta e sexta-feira, sendo oradores os rev. Antunes, Francisco Lopes de Carvalho e Pimenta, que muito agradaram. A orquestra, composta na sua maioria de elementos daqui, estava muito boa, tocando orgão, por especial deferencia, as snr.as D. Eugenia Alves de Souza e D. Maria da Piedade Galvão, sob a regencia do snr. Benedito Galvão de Carvalho.

No Teatro Ester de Carvalho houve dois bailes que estiveram muito concorridos, dançando-se animadamente até de madrugada. No club tambem houve baile nas noites de sabado, domingo, segunda e terça onde, segundo nos consta, as familias dos socios se divertiram bastante.

C.

Baraçal, 28

Os cidadãos José Dias Cardoso Figueiredo e Alberto Cardoso Figueiredo, que residem em Lisboa, o primeiro farmaceutico e o segundo inteligente estudante, partiram para a capital no dia 25, depois de estarem aqui alguns dias a passar as festas da Pascoa com sua mãe e irmã, as ex.mas sr.as D. Maria José d'Almeida e D. Maria Felizarda d'Almeida Figueiredo.

Os nossos amigos tiveram sempre a carinhosa amisade de todas as pessoas desta terra, por serem dignos de toda a consideração e estima.

Tiveram ainda os nossos amigos ocasião de apreciar quanta importancia deu a esta terra o apiadeiro que seu irmão, o ex.mo sr. Fausto Cardoso de Figueiredo, conseguiu ha mezes com a Companhia da Beira Alta.

Sua ex.a, que é administrador da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes e o mais importante representante dos acionistas Portuguezes, dotará ainda um dia a sua terra com estação, com caes e agulhas, etc., segundo presumimos, atendendo ao movimento de tráfego que já tem o apiadeiro e que muito tende a aumentar.

E' a esperança que resta ao povo do Baraçal, atentas as qualidades e importancia do ex.mo sr. Fausto Cardoso Figueiredo, que ocupa já no grande meio social uma figura de alto merito e valor.

No dia 20 do corrente foi aberta a estação postal desta terra, melhoramento egualmente de capital importancia, não só para esta terra como para outras circunvisinhas, que passam a receber o correio cinco horas mais cedo do que anteriormente, podendo assim responder no mesmo dia a qualquer expediente de mais inadiavel urgencia.

O correio ascendente, chega ás 11,25, e o descendente parte ás 17 horas.

Esta terra, que esteve sempre abandonada por antigos caciques, está hoje entregue a cidadãos honestos e dignos, sem politica. O melhoramento da estação postal deve-se ao ilustre cidadão ex.mo sr. Alfredo Girardo Magalhães que, apesar de não ser filho da terra, não deixou de interessar-se (como se o fosse) por tão grande serviço para a terra que escolheu para sua residencia.

Sua ex.a, que é empregado superior dos correios e aposentado, interessa-se bastante por ela e por isso muito temos a esperar da sua importancia para casos futuros a ponderar e a estudar para a continuação do progresso da nossa terra.

Os nossos agradecimentos, ao ilustre homem de bem e correligionario sincero.

A festa da Pascoa decorreu bem e não nos consta que tenha havido qualquer acto menos digno de respeito das crenças religiosas, e assim provado está mais uma vez que a Republica dá a liberdade plena áqueles que querem e desejam o acto religioso dentro da lei bela da separação das Egrejas do Estado.

Para bem longe, pois, com os desalmados que dizem que a Republica não permite a religião.

O tempo está chuvoso, mas os campos apresentam-se belos, verdejando muito os centeios, e as sementeiras da batata e outros generos segue com afan, sendo de esperar um ano abundante.

A lei da contribuição predial agrada a todos os cidadãos deste e doutros povos visinhos, por serem beneficiados, e á parte um ou dois, e que não são daqui, mas teem aqui muitas propriedades, tem merecido alguns reparos por irem pagar mais, mas é certo que se manteem em respeito e não teem palavras de censura para o governo — como tantos outros que barafustam improperios, porque a lei os obriga a pagar o que manda a justiça.

Ainda que lhes custe...

Fernandes de Almeida.

Lavradores, salvae as searas fracas!!!

Embora o tempo não tenha corrido mal para as culturas, ha, com certeza, muitas searas de trigo, ou cevada ou centeio, e culturas horticolas que se apresentam com mau aspeto, fracas e enfezadas, vinhas que rebentam mal, emfim, culturas pouco prometedoras a que é preciso acudir a tempo. Como está quasi no seu termo a época das chuvas, não devem os lavradores deixar fugir a oportunidade de salvarem essas culturas, o que muito facilmente podem conseguir.

Empregando o nitrato de sodio, ou o que é ainda melhor, os Adubos especiaes para cobertura, podem os lavradores salvar essas culturas.

Os Adubos de Cobertura das marcas N. M. P. 104, ou N. M. P. 86, ou N.e 595, qualquer deles aplicado já nas culturas fracas, emquanto se esperam ainda algumas chuvas, darão excelentes resultados, fortalecendo-as imediatamente e tornando-as em culturas vigorosas e produtivas.

Empreguem pois os lavradores, emquanto é tempo, qualquer destes adubos porque não se arrependerão de o fazer.

Aplicando qualquer deles na dóse de 20 a 30 kilogramas por cada alqueire ou por cada 1:000 metros quadrados, o resultado que se obtem é excelente. Para combater e destruir o inseto que ataca o milho, e conhecido com o nome de bicha amarela, ou cancer, ou ainda alfinete, e que produz muitas vezes estragos consideraveis, qualquer destes adubos, quer seja o N. M. P. 104, quer o N. M. P. 86, dá excelente resultado, na razão de 30 a 40 kilogramas por 1:000 metros quadrados, aplicado da ocasião da sacha ou mesmo na sementeira.

Estes adubos exercem tambem uma ação poderosamente desinfetante nos terrenos, destruindo as larvas e os germens de doenças.

A casa O. Herold & C.a é quem fornece estes adubos, e por isso queiram os lavradores dirigir-se-lhe para Lisboa, Porto, Pampilhosa, Regoa, Faro ou Santarem.

CANTANHEDE

Preço dos generos no mercado de 20 de março

Milho branco, 560; amarelo, 540; trigo mouro, 780; tremez, 700; mourisco, 700; centeio, 900; cevada, 480; aveia, 900; aveião, 400; arroz, 1$800; serradela, 900; feijão mocho, 1$000; branco, 800; amarelo, 900; rajado, 700; frade, 800; carraço, 800; brazileiro, 960; canario, 900; esvilha, 900; tremoço, 740; grão de bico, 1$200; fava, 620; chicharo, 580; azeite, 2$800; vinho tinto, 800; branco, 900; vinagre, 400; aguardente, 3$000; geropiga, 1$800; batata, 460; lã, 3$400; trevo, 40; azevem, 120; sal, 160; castanha pilada, 1$500 réis.

Dito do fim

Entraram quatro viajantes em uma estalagem, e um cão que os seguia tomou o mesmo expediente.

Depois dos cumprimentos trocados entre eles e o estalajadeiro, este exclamou vendo o cão:

— Bonito animal!... Pertence-vos, senhor? diz ele ao primeiro.

— Não, meu amigo.

— Admiravel que ele é! Sem duvida é vosso?... perguntou ao segundo.

— Não, senhor.

— A cabeça é soberba!... Devia-lhe ter custado bem caro! tornou ele ao terceiro.

— Não me pertence.

— E' de fina raça, é um explendido animal!... diz ainda o estalajadeiro, voltando-se para o quarto viajante.

— Tambem me não pertence, diz este.

— O quê? grita de repente o adulador, estupefacto.

E dando no infortunado cão um rude pontapé, disse encolerisado:

— Safa-te d'aqui, immundo animal!

ANUNCIOS

Arrematação judicial

(2.ª publicação)

NO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho e pelo cartorio do escrivão do 2.º oficio—Mamede—se hão-de vender em hasta publica, á porta do Tribunal Judicial, no dia 6 de abril proximo, por 11 horas, pelo maior lanço oferecido sobre o preço da avaliação, os seguintes bens, para pagamento do passivo aprovado no inventario orfanologico por obito de Tereza Cavaleira, moradora que foi no Vale Grande, freguezia do Seixo:

Duas aguilhadas ou 1080m2 de terra lavradia, no sitio do Vale Grande, freguezia do Seixo, avaliadas em 39$000 réis.

Oito aguilhadas ou 4320m2 de terra lavradia, no sitio do Vale Grande, freguezia do Seixo, avaliadas em 80$000 réis.

A contribuição de registo é paga por inteiro á custa do arrematante. Pelo presente são citados para a praça quaesquer credores incertos.

Montemór-o-Velho, 14 de março de 1913.

O escrivão,

João Pais da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

(34) **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

— Lamento que duvides de mim, Joaninha.

— E se só lamento a tua fraquêsa, Luis!

— Em que sou eu fraco?

— Em não teres confiança em mim; em não teres sabido honrar os teus sentimentos, o teu caráter, a tua alma nobre que tu talvez tivesses perdido e que não sei se tornarás a achar.

— Eu não tenho uma alma nobre? perguntou êle em voz abafada.

— Talvez não, Luis. Eu sei que a tenho ainda, porque tudo o que fiz tudo o senti. Diz-me a consciencia que, se perdida me deixares, perdido hás-de tu ficar.

— Oh! Joaninha, não me fales assim! Eu amo-te sempre; perdoa-me tudo!

— Perdôo-te, Luis. Perdôo-te em nome do nosso amôr.

Bateu uma hora.

— E' tarde já, Joaninha. Vou retirar-me.

— Sim, Luis; e nunca te esqueças de que és homem.

— Como tu és um anjo!...

— Como eu sou mulher...

Entre beijaram-se e despediram-se.

Joaninha recolheu-se ao quarto, muito cautelosa e muito agitada, e deitou-se no leito.

Febricitante, não podia dormir.

Pensava, e as ideias lutavam sinistramente.

A escuridão e o proprio silencio aterravam-na.

Tinha visões estranhas que a pungiam e que lhe punham a alma num suplicio mortal.

Depois a Dúvida veio logo feri-la no coração como uma vibora que morde traiçoeiramente e inocula o virus peçonhento e mau.

Sofria como nunca.

Alvoreceu, e ela sem dormir. Ergueu-se.

Pálida, de olheiras fundas, pela insónia que a cruciára, parecia animatografada.

Recorreu então a um grande balsamo para a dôr que impiedosamente a tinha assoberbado: desafogou-se em lagrimas.

O respirar da alma é um salutar remedio para o infeliz.

Mais aliviada, saiu do quarto e entregou-se ás suas ocupações.

Habitualmente alegre, estava triste naquele dia.

O vigario estranhou-a e inquiriu da causa.

— Que tens, Joaninha, que ainda hoje te não vi um sorriso?

— Nada, mano João; uma noite mal passada—respondeu ela de olhar velado.

— Algum incómodo fisico ou moral?

Ela pareceu reflectir, mas acudiu logo:

— Um pezadelo que me não deixou dormir...

— Por quem és, Joaninha; nada me ocultes!

— Tranquilise-se, mano João — disse ela com energia aparente. — Ora mas que ideia! Isto passa já.

— Sim, Joaninha; queria vêr-te alegre como costumas; queria ouvir-te cantar como sempre.

— Pois bem, mano João—volveu ela num sorriso de máguo—vou cantar para lhe provar que já me sinto bôa.

E numa resignação comovidamente heroica, num entresonho da alma suave e gemebundo, cantou:

Mataste-me o coração,
Amôr ingrato e traidôr...
Minh'alma, sái da prisão,
Foge dos laços do amôr!

Tua bôca, urna de beijos,
Envenenou a minh'alma,
Escrava dos teus desejos,
Vagando num mar sem calma...

Ai, não a vistas de luto,
Amôr vil e desleal,
Põe-me antes no olhar enxuto
Lágrimas que saibam mal!...

E nisto, debulhou-se em pranto, numa crise abafada de choro convulso, como invadida por uma dôr incomportavel.

O vigario, que se retirára para o seu escritorio, não ouvia o que diziam as quadras; prazia-se apenas de ouvir a harmonia daquela voz, que lhe parecia vir de regiões inatingiveis pelos labios puros dum anjo a cantar no peito dum querubim.

Bôa alma! Santa criatura, que era um modêlo vivo da sua classe, tão conspurcada de monstros e de serpentes reaccionarias que armam ao efeito com o fantasmagorico Deus...

Entretanto, Joaninha continuava cantando com modulações tristes, com notas profundas de salmo e queixume, magoadamente sublimes.

Era menos um refrigério para ela que um entre-abrir de amargura que começára naquela madrugada de abril.

Crente no Amôr ideal, no Amôr sublime e heroico, era agora martir da Dúvida atroz.

(*Continua*).

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55

COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Séde em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia. miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

JOSE MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

MODISTA

Máquinas de Costura, Bicicletes e acessórios

EM CASA DE

José M. Figueira

CANTANHEDE

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

MURALINE

Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

CASA FUNERARIA

— DE —

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA — **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 2.° Arazêde, 6 de Abril de 1913 N.° 59

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os autografos.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

Portugal e Colonias Portuguezas—Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trismestre, 30 centavos.
Brazil — Ano, 2 escudos, fortes.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

S. B. Biblioteca da Universidade Coimbra

DIGNIDADE

Contrariamente ao que pensavam os fariseus oposicionistas, que na sua tarefa inglória não se têm cansado de malsinar boas atitudes, o governo do snr. Afonso Costa vai-se conduzindo numa linha rígida e numa orientação ponderada, o que é muito para aplaudir, se não houver discrepancia de opiniões dentro dos membros do ministério, que possa motivar desequilibrio no dinamismo nacional.

As leis e outras disposições que nos ultimos dias se têm adótado são uma prova frizante de que o governo, tendo vontade de acertar, deseja tambem dignificar-se. A lei da contribuição predial, que tão cerrada campanha tem merecido da parte dos aventureiros politicos, vai sendo posta á sua verdadeira luz em mapas elucidativos referentes aos vários distritos, e pelos quais o contribuinte reconhece nitidamente que não é explorado pela Republica como o era pela monarquia, afóra uma minoria de cidadãos que gosava as delicias de Cápua no tempo do bandoleirismo, mas que agora vê ultimar-se a longa fita dos seus acomodaticios prazeres.

Paga muito o que muito tem com que pagar, e nada paga ou paga menos o que pouco ou nada possue. E' logico e humano. E' a lei natural das nações que sabem viver pela perfeita sociabilisação dos individuos e pela equilibrada relação das forças biológico-sociais.

Ha o costume sistemático de se dizer mal daquilo que é essencialmente benefico ou daquilo cujos efeitos ainda se não fizeram sentir no seio da sociedade. E' necessario experimentar, é necessario que as leis tenham a sua efectivação natural para depois desapaixonadamente cada um emitir a sua opinião.

Mas outras medidas de carácter social o governo tem tomado, de harmonia com o senado e camara dos deputados, que parece quererem reabilitar-se dos seus erros primitivos que consistiam em malbaratar o tempo e em desinteressar-se das questões vitais do país, que viviam á mercê de muitos parlamentares de via reduzida.

Basta registar-se o interesse que ultimamente tomou o senado pelo problema da instrução para provar que ha um certo desejo de se querer trabalhar e de se enveredar pelo bom caminho que póde conduzir á realisação completa de todas as aspirações.

O governo e o congresso para se dignificarem e honrarem os seus compromissos não precisam de ouvir as opiniões sofisticas de certos *maduros* que por traz dos bastidores da politica zaragateiam para dar nas vistas e para empatar assuntos de capital importancia. E' preciso apenas que atendam ás criteriosas reclamações das classes proletárias, das classes produtôras que, sabendo desempenhar-se com brio da sua missão, atravessam uma vida toda de sacrificios, toda de amarguras, sem verem despontar uma remuneradora situação que lhes sirva de estimulo a um trabalho mais proficuo, mais tenaz, mais eminentemente social.

Saiba o governo e o congresso aproveitar todos os instantes para resolver muitas questões pendentes, para definir dúbias situações, saneando e melhorando tudo quanto disso possa ser susceptivel, e assim terá honrado o seu espinhoso mandato, tendo ao mesmo tempo concorrido para a dignificação da Patria e para a integridade e rejuvenescimento da Republica.

CRÓNICA DO PORTO

Mimi: —Numa carta vistósa e perfumada, tão propria das mulhéres do fado, tu, relatas as torturas da saudade,—déssa cruél saudade, —que te comprime o peito, e acabas por pensar no suicidio. No suicidio, Mimi?!... Terias tu corágem para o fazêr? Oh! não. Tu és ainda a mesma insofrida de ha dois mêzes que por uma ligeira beliscadura batêste o pé e soubéste dizêr imperiosamente: Por tua causa, vês? Olha se estás quiéto.

E és tu quem me fala em suicidio! Tu, filha, que tanto a mál levâste uma inocente brincadeira! Ora adeus!... Ah! sim, agóra compreêndo: todas as mulheres têm esse expediente para se fazêrem acreditar.

Mas, se tudo isso fosse verdade? Como tu serias béla, Mimi, deitadinha num caixãosito todo branco, mais branco que a tua camisa de dormir. Eu teria muita pêna, choraria muito e havia—acredita—de amárte muito e muito mais. Não morreria, é claro, não seria tão louco que te seguisse o exemplo, matando-me tambem. Eu amo-te muito, bem sabes, mas, acima de tudo está a Humanidade. O meu devêr é lutár, combater o preconceito e o despotismo; encurtar o caminho que nos ha-de levar á Maxima Perfeição, que tu, no teu pensár de menina histérica e doentia, apódas de utopia e de loucura. O meu devêr, sim, é combatêr pelo Direito e pela Razão; é zombar das creancices duma petiza que fála em suicidio como falaria do chinês que nunca compreendeu.

Se a multidão ulúla, sedenta de liberdade e reivindicações, é ahi que eu devo estár, revoltádo tambem, alvo talvez ás balas carniceiras e não junto de ti fazendo amôr porque—repara bem—o amôr é uma loucura, uma utopia, como loucuras são as tuas pretensões a suicida. Eu amo-te muito, muito, e sabes porquê? Porque tens um lindo côrpo, uns labios rosados, uns seios bem fornidos e... és bonita.

Um dia, esqueço-me que tenho meia duzia de gramas de peso no toutiço e caso-me comtigo. Os anos passam, o teu lindo côrpo começa a deformar-se, os teus labios a desbotarem, os teus seios a resequirem e... de toda essa Venus de Milo (com braços) vejo surgir a mais feia das Medusas.

Desse amôr que tanto tempo acalentára, não restaria senão a triste recordação de que te amei, um dia! E ahi tens a duração do amôr—desse amôr eterno, indissoluvel que tantas vezes apélas nas tuas cartinhas vistósas e perfumadas. Não ames, pois, não ames, porque tudo isso é uma loucura. Tu és um autómato sem valôr; da-lhe alguma utilidade e não penses mais em ilusões.

Tens apetites carnáis? satisfál-os tanto quanto t'o pedir o desejo. Tens filhos? edúca-os nos sagrados principios da Razão e do Direito.

Faze quanto a vontade te pedir, contanto que não moléstes ninguem, porque não déves fazêr aos outros aquilo que não querias que te fizessem a ti.

De resto, deixa de ser louca para que te conságre um puro aféto aquêle que só venturas te deseja.

Porto, 31 de Março de 1913.

Gomes Monteiro.

Notariádo em Arazêde

A comissão municipal administrativa de Montemór-o-Velho e a junta paroquial desta freguezia representaram ao snr. ministro da justiça, pedindo que seja restabelecido o logar de notario em Arazêde.

E' um melhoramento digno de aplauso, que só beneficios poderá trazer ao povo desta freguezia, que secundou a representação da junta.

Expediente

A todos os assinantes de Portugal, Brazil e Africa que ainda não pagaram as suas assinaturas do ano findo, pedimos a finêza de o fazêrem o mais breve possivel, afim de não sofrêrem interrução na remessa dêste jornal.

Devêmos, tambem prevenir alguns dos nossos assinantes, que nos têm enviado apênas 100 centavos, de que a assinatura anual é de 120 centavos a partir de 25 de fevereiro ultimo, devido a um sem número de despêsas que o jornal nos tem acarretado.

A Administração.

Mário Simões

Este nosso presado amigo e distinto colaborador foi nomeado administrador do concelho de Pampilhosa da Serra e oficial do registo civil. São dois cargos de confiança que o talento e a actividade de Mário Simões saberão honrar, pelo que o felicitamos calorosamente.

Viagens em Portugal

Notas e Impressões — Factos e Comentarios

Eu nunca fui á Suissa, meus amigos, nem tenho esperanças algumas de lá ir; só um bamburrio da sorte é que para lá me atiraria. Esse bamburrio não o vejo provavel, porque não tenho tios ricos em parte alguma de Portugal, nem no Brazil, nem o dinheiro me cairá do ceu, como a chuva, ás gotas, quanto mais aos turbilhões. Nunca fui á Suissa, mas tenho ouvido muito gabar esse país, a beleza das suas montanhas, de neve eternamente cobertas, a diafaniedade dos seus lagos, sempre quiétos, sempre misteriosos, refletindo as paisagens, os picos e as neves. Fotografias, fotogravuras, desse belo país, tenho visto aos milhares, e a burguezes pançudos, que percebem regularmente de bacalhau, massas, arroz e retroz; a poetas, a verdadeiros artistas, tenho ouvido, emfim, que a Natureza lá é assombrosamente surpreendente.

Eu penso que, em Portugal, onde as montanhas, rara e excécionalmente se cobrem de neve, a beleza destas é talvez ainda mais surpreendente, por menos monótona que deve ser.

Não temos picos tão altos, nem geleiras; mas temos soutos de carvalhos, de castanheiros, pinheiraes, sobreirêdos, giéstas, flores; cêrros escalvados, vales floridos onde cantam as aves, ravinas profundas onde marulham regatos; montes tão cobertos de verdura que parecem êles ter sido feitos, desde a base até aos mais altos cumes, da propria verdura que os cobre. E, sobretudo, um ceu que a Suissa não tem decérto — por toda a parte, uma luz de sol, tão pura, tão pura, como em parte alguma do mundo, pode existir.

Os que vão á Suissa, salvo raras excéções, vão para se divertirem, para verem a neve; gosam lá de todas as comodidades que póde dar uma adiantada civilisação, e veem a neve, rodeados dessas comodidades.

Assim, as suas impressões não pódem ser verdadeiras.

Depois voltam, deslumbrados com a beleza dessas terras, celébram-na ante nós, e assim nos deslumbram tambem... e nasce em nós o desejo de irmos vêr — oh! se podessemos —esse extranho paiz.

Gastando menos, podiam deslumbrar-nos melhor, se viajassem pelo torrão patrio e nos contassem depois as impressões que colheriam decérto nas digressões que fizessem.

Vae tanta gente á Suissa vêr montanhas...

Em Portugal, porque fogem das montanhas?...

***

Hei-de falar-vos, mais tarde, das serras do Norte de Portugal.

Um dia, contar-vos-ei as minhas impressões sobre a montanhas do Sul. Agora só quero que venham comigo, percorrer as do Centro.

Não é preciso muito, mas, ainda assim, é preciso algum dinheiro, e, como ha falta de comodidades, tambem alguma paciencia.

Mas até essa falta de comodidades, vae revestir a nossa viagem de um encanto especial.

Desce a gente em Pombal, dízendo adeus aos meios rapidos de locomoção. Agora, só carros ou diligencias, e automoveis para quem tenha muito dinheiro.

Tomemos um carro e vamos caminho de Ancião. Aí, já as serranias, para o norte e nascente, recortando os horisontes, surgem á nossa vista.

Não paremos, no entanto...

Vamos atravessar a Serra de S. Simão. Durante uma hora, a passos, fatigadissimos, os cavallos sóbem a ladeira da Ribeira de Alpe; a cada volta da estrada ingreme, detemos o nosso olhar surprezo ante panoramas tão explendidos, dos mais lindos de Portugal.

Lá em baixo, a Ribeira, mujindo; espumando nas reprezas dos moinhos, espadanando; por todos os lados, montes, cristas, profundezas; e a estrada, sempre a subir, entre rochas, á beira de precipicios, coleante, perigosa, cautelosa.

Chegamos a Figueiró dos Vinhos.

Descancemos, e depois daremos um passeio por esta vila e seus arrabaldes — uma quasi Cintra perdida no meio de montanhas agrestes. Em seguida descemos para Pedrogam Grande.

Não nos detenhamos ahi.

Vamos até Castanheira de Pera, examinemos á pressa, as fabricas de tecidos e os melhoramentos por que esta terra, a que parece estar reservado um belo futuro sob o ponto de vista industrial, passa agora...

Atravessemos, a cavallo ou a pé, a Serra da Louzã. A Serra da Louzã! Do alto da *Catráia*, setenta léguas em redor se avistam — montanhas, aldeias, casáes, planicies, rios, nevoas, coisas indistintas, fogos longiquos. Podiamos ir a Góes, Arganil, e outras terras já mais nas faldas da Serra da Estrela. Descemos, entretanto, para a Lousã, e ai tomemos comboio, para o deixarmos em Miranda do Corvo. Em diligencia, vamos até ao Espinhal, e depois, pela Serra, de carro primeiro, em seguida, a cavalo ou a pé, novamente á Castanheira, e em seguida a Pedrogam Grande.

Nesta terra, ainda desta vez, não nos demoramos. Do outro lado do Rio Zêzere, a povoação de Pedrogam Pequeno, chama-nos.

A pé, e a cavalo — a pé, é mais seguro — vamos no caminho da Beira Baixa.

A estrada é ingreme, estreita, tanto dum lado como do outro de Zêzere; não ha carro de cavalos nem automovel que possa transitar por ela —só carros de bois aventuram por essa estrada, na qual o perigo é constante, mas o belo indiscritivel — o belo horrivel, se quizerem...

Vamos á Confluencia da Ribeira de Pera com o Zêzere; detenhamo-nos na pitoresca fonte do Cabril.

Extraordinarios sitios estes—o da Confluencia da Ribeira com o rio, e o da Ponte do Cabril. Aqui, a estrada, atravez os montes, zigzagueando, apertada, entre os montes, bordeja-os, procurando o rio, afastando-se abruptamente do rio. Montanhas rochosas, massas graniticas que nos assombram, concavidades brutas, na montanha mais alta, sobranceira ao rio, quasi a pique, a capela de Nossa Se-

nhora da Confiança, onde, todos os anos, tantos romeiros vão; em frente, do outro lado do rio, a capela de Nossa Senhora dos Milagres—ambas perdidas no meio de sombras e de montanhas, de penêdos hirtos e piuhaes silenciosos.

Deixamos para o Sul, Certã, Sernache de Bonjardim, Proença—aldeias e aldeias perdidas entre as montanhas...

Vamos procurar as aldeias do norte, as nascentes do Zêzere. Corramos tudo entre Oleiros e Fundão.

Estamos, então, em plenas serranias da Guardunha e Monsanto...

Os instinctos suaves da Natureza, as suas convulsões titânicas condensaram-se n'estas serranias.

* * *

Espiritualmente feita, esta viagem é facil, mas, no fim de contas, não tem beleza alguma.

Mas, corramos, corramos sempre, corramos tudo, óra em comboio, óra a pé; em diligencia, em trem, a cavalo, em burro, em carro de bois; jantando, òje, num hotel regular, amanhã, em hospedaria ou alguma taberna de aldeia; comendo brôa, e, algumas vezes, passando fome, até.

E' fatigante, custa aos ossos um poucs tal viagem feita assim, mas é mais béla, e até melhor para os ossos, apesar das contusões, arranhaduras, camas duras, bancos das diligencias, magras espinhas dos cavalos que montamos, e da brôa rija.

* * *

Não é preciso ir á Suissa, para vermos o que ha de belo, de assombroso na Natureza.

Temos muito disso em Portugal.

J. S. Torres Caldinhas.

LUTUOSA

Faleceu na sexta-feira, 4 do corrente, o nosso presado assinante sr. José Gomes Lourenço, irmão dedicado da nossa patricia Guilhermina da Costa Gomes, ha muito residente em Lisboa, e cunhado do tambem nosso presado amigo sr. Manoel do Espirito Santo, zeloso jardineiro municipal, em Coimbra.

O falecido era ainda novo, rapaz trabalhador e honesto, que por fóra da terra andou largos anos angariando os meios de vida que lhe permitissem viver desafogado, como atualmente vivia.

Era tambem um eximio guitarrista.

Deixa viuva a sr.ª Maria do Espirito Santo.

O funeral realisou-se hontem civilmente, sendo muito concorrido.

A toda a familia enlutada, os nossos sentidos pezames.

CARTA DO PORTO

Gomes Leal mendiga, ou antes, outros estendem a mão á caridade publica em proveito de Gomes Leal.

A *Renascença Portugueza*, associação de literatura, sciencia, artes e de elogio mutuo—no dizer do nosso grande psiquiátra dr. Julio de Matos—iniciou uma subscrição no país em favor do ex-iconoclasta e genial poeta do *Anti-Cristo*.

E' justo que se concorra com a doce protéção ao desherdado que implóra, mas, é inqualificavelmente injusto que alguem contribua para minorar o mal dum orgulhoso. E Gomes Leal não o póde ser mais. Ele mesmo o confirmou numa recente carta nestes altivos termos:—«Como sabem nada aceitei do Estado Atual, jámais».

Quem não aceita não precisa e loucura seria o subscrever-se em favor de Gomes Leal quando para ahi pululam milhares de infelizes senão mais pobres, menos orgulhosos e portanto mais dignos de compaixão. Eu tenho veneração pelo genio sublime que, um dia, gerou as *Claridades do Sul*, todavia, esse genio morreu, e, hoje, só me resta a sua bem triste memoria.

Descance em paz!...

Passemos agora ás delicias da paz que nesta cidade se desfrutam. Na noite de sexta-feira um tal José Ferrão Counho, armando em formidavel Otélo, mimosiou a sua pobre Desdemona com a delicia de dez facadas. Para isso procurou a Viela das Pombas, recanto solitario do nosso Porto tão proprio a taes façanhas. Ora aqui está uma pombinha que na Viela das Pombas terminou os seus arrulhos. Emfim, como diria o ferrador da minha aldeia, uma sangria de vez em quando não faz mal nenhum.

Agora, é o mar, o formidavel mar, que procura sangrar o semelhante. Em Leixões, arrebatou ele parte do paredão do molhe, voltou barcos, ameaçou vidas e, por fim, deu a ultima demão na sua obra começada ha tempos: escangalhou o casco ao elegante vapor *Veronese*, naufragado na manhã de 16 de janeiro findo, em frente á praia da Boa Nova, ao norte de Leixões. Relembrando o triste facto, o *Comercio do Porto*, auxiliado tambem pelo Centro Comercial do Porto, abriu uma subscrição destinada a adquirir uma carreta para o «Cego de Maio» como testemunho de reconhecimento pelos serviços prestados por aquele barco por ocasião do naufragio do *Veronese*, Diria alguma coisa sobre o «Cego de Maio» se a brilhante escritora D. Aurea Judit Amaral o não tivesse já feito nas colunas deste jornal. Daria um triste contraste para o pobre rabiscador que neste momento vos mássa...

Como todos sabem, o ex-bispo do Porto D. Antonio Barroso foi autoado em virtude da sua transgressão á lei—vir em automovel a Matosinhos, que como todos sabem tambem é do distrito do Porto e por lei havia sido coartádo ao bispo o direito de ahi voltar. Foi-lhe levantado o auto pela policia judiciaria e... espera-se o que sucederá.

O que fôr hade zoár.

Porto, 2 de abril de 1913.

NITRATO.

Carta aberta

AO EX.mo SNR. DR. GERMANO MARTINS

Decerto muito estranhará V. Ex.ª, quando, ao acabar a leitura desta,—se ela merecer as honras de ser lida por V. Ex.ª,—encontrar um nome que para V. Ex.ª seja completamente desconhecido, assim como o será para a maioria dos leitores d'este semanario; mas, os motivos que me levaram a dirigir-me por este meio a V. Ex.ª, são, entendo eu, de magna importancia para salvaguardar o prestigio da Republica.

Sei que junto de V. Ex.ª se movem empenhos, algo fortes, para conseguir com rapidez a concessão da pensão de 360 escudos annaes ao reacionarissimo padre Augusto Fernandes Carranca, páraco da freguezia de Granja do Ulmeiro, concelho de Soure e distrito de Coimbra; ora antes que V. Ex.ª alguma coisa faça a favor dêste padre, julgando talvez que praticará uma boa acção, preciso será que V. Ex.ª o conheça, saiba quem ele é e o que tem feito, por obras e por palavras, contra a Republica.

Necessario se torna, para mim, dizer a V. Ex.ª que o padre em questão tem sido e continua sendo o maior e mais cobarde inimigo da Republica, na sua freguezia; que ainda a quando da ultima incursão monarquica, acompanhava e se correspondia com os conspiradores de mais importancia n'este distrito; que se os não acompanhou aos tribunaes foi simplesmente porque é algo matreiro—como a maioria dos padres—e ainda porque, na Granja do Ulmeiro, não há quem defenda a sério a integridade da Patria, porque os naturaes d'ali, são, na sua quasi totalidade, imbecis uns, e indiferentes os restantes.

A pensão que lhe foi arbitrada pela Comissão distrital, e que é uma exorbitancia, pois que a congrua que este padre auferia nunca se aproximou de tal quantia, foi-lhe *arranjada* por elementos monarquicos, ex-conspiradores e hoje de portas a dentro do *Ivolucionismo*, com a promessa formal d'este padre de que faria a politica *ivolucionista* na sua freguezia. Mas, como a resolução da Comissão Central tardasse e como este padre temia e teme que veja o seu *arranjinho* ir por agua abaixo, tratou de iludir alguns democratas, entre eles os ex.mos snrs. Evaristo de Carvalho, senador, e Tomaz da Fonseca, director das Escolas Normaes de Lisboa, prometendo-lhes o seu apoio na politica democratica (o mesmo que já tinha prometido aos evolucionistas) caso estes senhores lhe conseguissem a cedencia da pensão, tal qual lhe foi arbitrada pela Comissão distrital, isto é, os 360 escudos.

Ora, para esclarecimento da verdade, convem que V. Ex.ª saiba que este padre nunca virá a ser republicano e muito menos democratico, pois que todos os seus antecedentes são de um cobarde e traiçoeiro inimigo da Republica, combatendo-a em toda a parte e em todos os locaes e em especial o autor da Lei de Separação e toda a sua obra, servindo-se, para isso, inumeras vezes, do pulpito e do altar.

Ainda ha bem pouco tempo se realisou na sua freguezia um enterro civil, (o primeiro, por sinal), e este padre, após o acto, preparou uma fantochada religiosa com o fim (dizia ele) de desagravar a religião e os mortos, pois que o cemiterio tinha sido profanado. E' este o criterio da pessoa que espera a magnanimidade da Republica para viver á farta com a sua amante, com quem se teem dado scenas escandalosissimas, tão escandalosas que até o proprio bispo o repreendeu, sendo ele um dos seus melhores seqüases.

Convem ainda que se saiba que os apedrejadores dos republicanos na Louzã em 1909, a quando d'um comicio em que tomaram parte entre outros os ex.mos snrs. dr. Fernandes Costa e Ramada Curto, foram capitaneados por seu pae José Fernandes Carranca, o maior inimigo da Republica na Louzã, assim como todos os da familia Carranca á exceção d'um e que na casa do pae do referido padre é que se reune o estado maior da talassaria indigena, fazendo ali todos côro contra a Republica, as suas leis e os seus homens, sendo muitas vezes acompanhados pelo padre que, valendo-se da sua superioridade intelectual, lhes impinge toda a casta de mentiras, desvirtuando todas as leis a seu belo prazer.

Este padre diz a quem o quer ouvir que, pelo facto de estar em vesperas de receber uma pensão do estado, não será obrigado a defender as suas leis nem tão pouco a acatalas, e que mesmo recebendo dinheiro da Republica, será para o futuro o que tem sido até aqui.

Por tudo isto e ainda porque a Republica principiou agora a enveredar no seu verdadeiro caminho, cortando despezas e creando novas receitas afim de assim poder equilibrar as suas finanças, não deve ser concedida tal pensão; os homens que assinarem a concessão d'ela praticarão um crime de lesa Republica e ainda ha bem poucos dias o Senado recusou uma pensão ao irmão de Latino Coelho que bem digno d'ela era.

Creia V. Ex.ª que a este padre servirá a concessão da pensão simplesmente para ainda ridicularisar a Republica e teria rasão então para o fazer caso ela lhe fosse concedida, o que não creio, porque os que interveem n'esses assuntos porão acima de tudo a sua Patria e a sua honra.

Creio já ter dito o suficiente, mas talvez continue.

Granja do Ulmeiro,
29—3—913.

JOSÉ FRANCISCO.

Congresso de Aveiro

Foi representar a Comissão Paroquial Republicana de Arazêde e o jornal *O Dever* ao congresso republicano que está decorrendo em Aveiro, o administrador deste semanario, Antonio Ismael da Cruz.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

I.I

O aumento de vencimentos ao professorado primário — Será um facto d'esta vêz? — O magistério primário deveria constituir uma só classe com o ordenado de 360$000 reis — Tomaz da Fonseca e o "Seculo,, — Revista pedagogica "Educação,,

Já escrito, mas ainda não publicado, o nosso último artigo, vimos na imprensa diaria que sempre no Senado havia sido aprovado o aumento de ordenado ao magistério primário, que a comissão de instrucção daquela casa do Parlamento havia proposto, decerto devido á influencia do nosso amigo e distinto parlamentar Silva Barreto. São mais 60$000 réis por classe que a maioria dos senhores senadores resolveu dar-nos, numa das horas em que se puzeram a legislar com senso. Não é uma coisa por aí além, mas escapa. Se tivesse havido vontade e coragem de dar um passo mais além, acabando com a divisão em classes e dando a todos os professôres o ordenado atribuido aos da 1.ª classe—360$000 réis,—a grande familia do magistério devia até patentear a sua gratidão indelével para os seus beneficiadôres. Porque—não ha duvida—por agora não haveria rasão para exigir mais. Com 30$000 réis, já *tôdos* os obreiros da instrução desempenhariam com gôsto o seu mistér e não precisariam muito de recorrer a outras ocupações, para se sustentar e á familia. Esta é que é a verdade—e nós, lutadôr de sempre, não nos recusaremos nunca a dizê-la.

Está, pois, aprovado nô Senado o aumento de vencimento que a comissão de finanças, com o sr. João de Freitas á frente, impugnou destemperadamente. Os extratos relativos ao assunto não são muito explicitos nos jornaes que pudémos lêr. Mas depreende-se dêles que o sr. Rodrigo Rodrigues, ilustre ministro do interior, tomou parte na discussão, decerto para confirmar a declaração a que no ultimo numero das *Pinceladas* fizemos referencia. Resta agora ver qual a atitude da Camara dos Deputados e se o snr. presidente do ministerio se não lembrará tambem a proposito de invocar a *lei-travão*. O caso tem uma importância capital. O proprio snr. deputado Tomaz da Fonseca o reconhecia um destes dias no *Seculo* ao afirmar:—«O professor é um funcionario mal remunerado, e não ha nada que mais desmoralise o profissional do que um salario insuficiente».

E' preciso equilibrar as finanças!—grita-se para aí. De acôrdo. O dinheiro escasseia no tesouro!—ouve-se de outra parte. Não contestamos. Mas são muito para reflectir estas palavras publicadas na excelente revista pedagógica *Educação*, pelo snr. César Porto:—«Sem instrução não ha riquesa, não ha riquesa verdadeira, pelo menos; haverá possibilidades de riquesa, elementos no abandôno, matérias primas, aptidões, terra, clima, mas não haverá o bem-estar geral, que é produto do esforço fisico conduzido por um pensamento orientado; não haverà a grande opulencia de alguns, o confôrto do maior numero, valores comerciais — o oiro».

Com élas fecharemos este artigo, pedindo aos defensores incondicionais do equilíbrio orçamental que as meditem como merécem...

Prof. Manoel José Antonio.

Evolucionismo

A viagem de propaganda do chefe evolucionista. O hino Nacional envolvido com a politica d'atracção. A justiça deve ser implacavel, mas egual para todos os que desacatem as leis do Paiz.

Eu não me atreveria a traçar estas linhas, se me surgisse, ainda que ligeiramente á ideia, que alguem, com verdade (doutra maneira não faltará quem o faça) possa dizer que elas são inspiradas na paixão politica, partidaria ou pessoalista.

Não. Eu detesto tudo quanto cheira a personalismo, partidarismo ou politiquice.

A maior magua que hoje me poderia acompanhar era se tivesse defendido algum partido politico, que não fosse o velho partido republicano que antes de 5 d'outubro de 1910 estava sólidamente constituido em Portugal, e tão sólido estava, que foi déssa solidez que nos veio o advento da Republica.

Esse partido, triste é dizel-o, encontra-se hoje dividido em fragmentos faciosos.

Não é preciso ser-se republicano partidario para levantar a voz de protesto contra tantos e tão grandes abusos que se estão praticando por ocasião de viagens d'homens politicos.

Basta só ser portuguez, mas portuguez que ame a sua patria, que respeite e que adore os seus simbolos.

E' inspirado neste sentido que eu escrevo estas linhas, levantando o meu protesto.

No cumprimento dos meus deveres, tal coisa não faria; tenho presenceado quase todas as manifestações de norte ao sul e vice-versa, feitas por ocasião das viagens, quer oficiais quer particulares, dos politicos mais em destaque da Republica.

Em todas essas manifestações ha sempre notas discordantes a registar, e as mais graves e mais vergonhosas são sempre entre politicos partidarios ou, melhor dito, por partidarios barriguistas que militam nos diversos partidos faciosos. Em toda a parte se houvem apenas vivas ao dr. Antonio José d'Almeida, que são correspondidos com vivas ao dr. Afonso Costa, que são sempre seguidos de bengalada para aqui, bengalada para acolá, quer se trate duma manifestação de simpatia a este ou áquele chefe politico.

Numa dessas zaragatas politicas (é melhor e mais acertado chamar-lhe assim) eu já ouvi dar vivas á **Republica democratica** seguidos de mortas á **Republica evolucionista.**

Isto é simplesmente infame e só pode ser praticado por pessoas sem brio e sem vergonha e apoiado por outras tantas de egual calibre moral e faciosidade politica.

Ainda assim, o que mais repugnante se torna é ver que o Hino Nacional serve para festejar tais manifestações a chefes de partidos que viajam com caracter puramente particular. Como querem que o Hino Nacional, que só devia ser tocado em actos oficiais, inspire ao povo o respeito que seria para desejar, se ele é entoa-

do, com notas desafinadas, á passagem dos chefes politicos, por qualquer charanga das aldeias?

Foi isto que se passou em Alfarelos á passagem do snr. dr. Antonio José de Almeida, no domingo proximo passado.

O snr. dr., não sei se contente ou contra a sua vontade, lá seguia aos ombros de meia dusia de barriguistas comandados por um engraixador outr'ora cacique da monarquia n'aquella aldeia, e não sei mesmo se naquele concelho.

A esta santa pandega tocava a charanga o *Ino Nacional*. Se a memoria me não falha, eu direi que o governo provisorio, de que fazia parte o omenagiado, decretou, pelo ministerio da guerra, os casos em que era permitido o toque do Ino Nacional e, salvo tal traição, esse decreto não abrangia casos como aqueles.

Só quem não liga importancia a estes assuntos é que desconhece que muitas passoas, além doutros corretivos, têm ido visitar as esquadras de policia e até os calabouços dos presidios por desacato ao Ino e á bandeira nacional. O que fará a justiça de Montemor-o-Velho em vista do que se passou em Alfarelos? Sancionará esse abuso com o desdem e o desleixo? Não deve ser. A justiça deve ser implacavel, mas egual para todos, para que não haja rasão para lhe chamarmos justiça e leis de funil.

De resto, quem quer Inos para festa, que os mande fazer apropriados para os seus partidos.

Isto de politica...

Lisbôa, 3 abril 1913.

M. d'A. J.

Por falta de espaço não é publicado o artigo «As propinas em foco».

QUATRO LIVROS DA MULHER

I

O Livro da Esposa

II

O Livro da Dona-de-Casa

III

Livro da Mãe

IV

O Livro da Educadora

Estes quatro livros de Paulo Combes, admiravel versão portugueza, acham-se traduzidos nas principais linguas e devem ser lidos por todas as familias que queiram a felicidade no lar.

Preço de cada um, 500 réis br. e 700 encd. Vendem-se separadamente. A' venda nas mais importantes livrarias.

(35) **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

IV

Luiz Constantino, que havia dois mezes se apaixonára por Joana Madureira, e que, a principio, mostrava dedicar lhe um amor sincero e desinteressado, sentiu-se ultimamente vencido por uma paixão material, por uma obsecação estranha, que ele não conseguia expulsar.

Não via a alma ingenua e pura de Joaninha, o seu coração generoso e bom, a luz abençoada dos seus olhos meigos; via-lhe a plástica tentadora e palpitante, e odedecia ao secreto desejo de a profanar com uma torpeza que seria uma perdição.

A rasão disto era grave, mas tambem deprimente.

Iludido ha anos por uma mulher impura que ele desconhecia, por uma mulher que tivêra a audácia de o ludibriar na sua sinceridade, a ponto de tentar arrasta-lo a um abismo, de que ele por milagre se salvou, protestára vingar-se do sexo que o iludiu, castigando com pena de talião uma representante dêsse sexo que ele considerára belo.

Cobardia? Não. Vileza, baixeza d'alma.

Ha propositos absurdos que repugnam á rasão humana, mas que infelizmente se realisam.

A animalidade venceu-o, a vingança operou-se, a traição foi cometida. Mas o remorso caiu-lhe sobre o coração como um ferro candente; a inquietação dos espiritos minou-o constantemente por algum tempo, e ele via uma nódoa na sua honra que em vão tentava desvanecer.

Não era facil reparar o mal?

Era, certamente. Mas alma vil como póde enobrecer-se?

Pode o coração ser imaculado; mas, se a alma fôr negra, não ha abismo onde ela se não despenhe, se ele se lhe deparar.

Assim como Luiz Constantino.

Viu-se repentinamente assediado por um espirito tenebroso, e deixou-se vencer por ele.

Perdendo toda a noção do Dever, obedecia ao capricho duma vingança brutal.

Mas este homem, a principio, encarnava a Sinceridade; tinha exterioridades apreciaveis; sabia insinuar-se condignamente no animo de quem quer que fosse...

Sim; mas a alma, de lama que era, tornou-se charco. Havia como que um antagonismo em todo o ser daquele homem.

Era um espirito em que brigavam qualidades do coração, demonstradas externamente, com vicios da alma, abafados muito no interior.

A luz abrigada dentro dum paúl é admissivel; mas um brejo oculto num lago de cristal é que é deploravel...

V

Decorreram dois mezes.

Entretanto, Joaninha sofria amargamente; não só pelos esforços sobreumanos que empregava para não aventar suspeitas sobre o que a repungia, mas tambem porque a Dúvida a calcinava agora cada vez mais, visto como Luiz Constantino espacejava mais largamente as suas visitas a casa do vigário.

Joaninha emagrecia lentamente, comia pouco, entristecia-se, não dormia, chorava sempre.

As irmãs começaram a suspeitar dela, confiaram as suas suspeitas ao irmão, que as impugnou, que depois passou a assustar-se, e por fim resolveu entender-se particularmente com Luiz Constantino,

Quando soube o proposito do irmão, Joaninha, que até ali conseguira abafar consigo mesmo a peso dum grande crime, sem desar para ela, pensou em anteceder o vigário na entrevista com o farmaceutico, para o avisar e para se desiludir.

Mandou-o chamar á farmacia nessa noite, muito em segredo, por uma creada de confiança.

Luiz veio ao muro do jardim, mal humorado, e com umas áscuas de impaciencia a coruscar-lhe das pupilas.

— Luiz—disse ela muito trémula—é preciso que decidas hoje da minha sorte. O vigario já tem desconfianças do que existe entre nós, e quer falar comtigo muito a sério. Antes dêle te falar, quero eu dizer-te que tenho sofrido muito até agora com o desprezo a que me tens votado, e que este sofrimento não póde prolongar-se mais, porque não quero que mais ninguem sofra por minha causa. Dize agora, Luiz, estás disposto a salvar-me?

Ele, que a ouvia indiferente, perguntou com ar de sandeu:

— Como a salvar-te?

(Continúa).

Deposito geral: Livraria Portuense de Lopes & C.ª, 119, rua do Almada, 123—PORTO.

Notas pessoais

Deu á luz uma criança do sexo masculino a mulher do nosso estimado assinante, snr. João Gonçalves Pereira, com padaria nesta localidade.

Recreio charadistico

Charada

1) Aqui bem junto de mim—1
Nada tens que recear
De perseguição ruim.—1
E então bem junto de mim
Vamos no leito noivar.

Nitrato.

Novissimas

2) Não é barato mulher por mulher.—2-2.
3) Duas vezes o apelido faz o dôce.—1-2

Lisboeta.

4) A preposição, suspende e véda a entrada—1-1
5) Instrumento todos temos para escrever.—1-1

Pai-Piri.

Electricas

6) Mulher, ó meiga cecem,—2
Por ti suporto revezes,
E por teu olhar que tem
A côr que o céo tem ás vezes.—2

Nitrato.

Ultra-adicionadas

7) Com um sopro—2
—o pão—
Torna-se leve.—3

Bohemio.

Enigma tipográfico

8) $\frac{B}{T}$ 6

Sun-Yat-Sen.

CORRESPONDENCIAS

Pampilhosa do Botão, 30

Foi nomeado regedor desta freguesia, o industrial e denodado democrata, Joaquim Maria Pedrosa, em substituição do cidadão Manuel Lindo, que desde a proclamação da Republica exercia este cargo.

Parabens ao digno administrador do concelho pela acertada escolha, pois o snr. Pedrosa é cavalheiro de fino trato, dotes estes tão necessarios para o bom desempenho de tão espinhoso cargo.

—— Pela digna Direcção do Teatro desta localidade, foi contratada para brevemente, e em dia que oportunamente será anunciado, para dar um ou mais espectaculos, a Companhia Dramatica Portuguêsa, sob a direcção do atôr Carlos de Souza, e composta por artistas que ultimamente fizeram parte dos teatros Ginasio, Avenida, Variedades e Moderno, e da qual fazem parte as atrizes Berta de Souza, Lucilia de Souza Bastos e Gloria de Souza.

—— Melhorou o tempo, que bem necessario se torna para os trabalhos agricolas e industriaes.

—— Deu-nos a honra da sua visita o snr. dr. Francisco Cruz, mui digno deputado da nação, e socio da importante casa industrial Tomaz da Cruz & Filhos. Sua ex.ª retirou para Lisboa, afim de continuar nos trabalhos parlamentares como republicano sincero e verdadeiro patriota que sempre foi.

—— Acha-se gravemente doente, e com poucas esperanças de vida, o mestre da Fabrica de Serração dos snrs. Tomaz da Cruz & Filhos, de nome Salvador. O gerente da fabrica, snr. Joaquim da Cruz, tem sido incansavel em procurar os meios de salvar o seu empregado, para o que chamou telegraficamente o snr. dr. José Rodrigues, abalisado medico de Coimbra.

Domingos da Silva.

N. da R. — Inicia hoje a sua colaboração nêste semanario, o nosso presado amigo Rodrigues da Silva, que voluntariamente se colocou ao nosso lado com o fim generoso de nos auxiliar.

Domingos da Silva é um rapaz inteligente e trabalhador, pelo que nós folgamos imenso em contar com o seu valioso auxilio.

QUIAIOS, 1

Mais de uma vez temos relatado na imprensa que é preciso coibir certos abusos praticados por misteriosos individuos para os quais o uso do capuz não foi ainda abolido.

Todos os dias se dão scenas pouco honrosas por essas ruas a horas em que a escuridão da noite põe a coberto as obras *meritorias* de sinistros passeantes, que, envergados nos seus varinos e de capuz sobre a cabeça para vendar o rosto, dirigem pesadas chufas aos transeuntes, como peralvilhos nos infectos bairros de Alfama; correm outros á pedrada e escutam sobre os humbrais d'algumas portas e n'outros logares mais reservados á vida privada de certos cidadãos.

Para se evitar estas scenas, somos de opinião que o uso do capuz devia ser proibido, afora quando os rigores do tempo nos obrigassem a usal-o, porque a não ser assim estamos muito mal aqui onde todos nas vimos rodeados, ao passar em qualquer rua, por bandos desses frades varatojanos que muitas vezes não se conhecem propriamente uns aos outros.

Ao sr. administrador pedimos providencias.

—— Realisou-se no dia de Pascoa no nosso Teatro uma récita com o drama em 3 actos *Operarios em Gréve*, cujo desempenho foi muito correcto merecendo os amadores fartos aplausos.

Por ser de assunto operario e por operarios desempenhado, as suas scenas foram muito movimentadas, pondo-se em relevo a baixa exploração exercida sobre o proletariado, a causa comum das gréves, regulamentação das horas normais de trabalho, etc.

Seguiu-se a comedia em 1 acto *Um comendador em maus lençois* que prendeu a plateia em franca gargalhada; e a cançoneta e monologos *Arrebenta a bexiga!*, *Concerto desconcertado*, *Quem se rala sou eu* e *Eu cá por mim não me ralo!*

Todos os amadores foram muito aplaudidos.

—— Esteve aqui em serviço da Companhia das Termas da Curia, para contratar oficiais de pedreiro para as obras daquela estancia termal, o sr. dr. Adriano Martins de Carvalho.

Francisco F. do Carvalho.

BOM SUCESSO, 1

A festa da Arvore foi aqui festejada com grande esplendor, plantando-se grande numero de arvores no arraial desta localidade.

No acto da plantação falou o sr. Francisco d'Andrade Pereira, professor oficial, que proferiu uma brilhante oração de ensinamentos uteis para as creanças e dissertando largamente sobre a Arvore; seguiu-se-lhe o sr. Francisco F. de Carvalho, que secundou o seu discurso e incitou as creanças a amarem a escola como base suprema da civilisão humana.

No final foram soltos muitos vivas á Patria, á iniciativa do *Seculo Agricola* e ao dr. Afonso Costa.

A escola esteve exposta ao publico, estando muito bem decorada com verdura e flôres.

—— A assistir ao exercicio de instrução militar, estiveram aqui um tenente d'infantaria 28 e o sr. José da Costa Maia, professor oficial em Quiaios.

—— De visita a seu mano, o professor desta povoação, esteve aqui a sr.ª D. Lidia Pereira d'Andrade, retirando já para Vila Fernando, sua terra natal.

Carvalho.

BARAÇAL, 3

Interesses locais

Aumenta dia para dia o movimento do apiadeiro desta localidade, tanto em remessas como em passageiros.

Já aqui vêmos o comboio n.º 1, estacionar 15 minutos para descarga de louça, cascos com vinho, etc...

O comercio tende a aumentar e já se fala em abrir nóvos estabelecimentos, atendendo á grande vantagem das mercadorias serem descarregadas á porta, como é costume dizer-se, deixando por isso de serem transportadas em carros desde Celorico, o que não só representava grandes encomodos, como despezas extraordinarias.

—— Quando seguirá a estrada do *Arraial* ao Porto da Carne?

E' o que preocupa todos; e logo que o governo, como esperamos, dê seguimento á estrada que passa junto do apiadeiro, o movimento do trafego aumentará consideravélmente, tanto em mercadorias como em passageiros.

A s. ex.ª o snr. Governador Civil do Distrito, pedimos que se interesse pela continuação da estrada do Baraçal ao Maçal do Chão, como já aqui tratamos nas colunas deste jornal.

E' da maior justiça e ainda da maior urgencia que o povo do Maçal seja servido pela continuação da estrada que ha tantos anos paralisa no Baraçal e que a politiquice rèles aqui deixou, deixando aquela terra no esquecimento profundo, sem que para isso se encontre rasão a não ser o pouco interesse e consideração pelo povo do Maçal, aliás tão digno como os outros povos das regalias comerciais e meios de transporte.

Tratando-se apenas duns 4 kilometros a construir e de pouca despeza, é justo que se atenda e com a urgencia possivel os cidadãos daquele povo que reclamam e com justiça tão grande melhoramento para aquela terra, para o seu desenvolvimento comercial.

Confiamos, pois, que sua ex.ª o sr. Governador Civil do distrito tomará em consideração o pedido dos cidadãos do povo do Maçal.

A' Camara de Celorico pedimos tambem que olhe com atenção este pedido e por ele se interesse como já aqui lhe pedimos tambem.

E' justissimo que se atendam os povos dentro dos limites do possivel e do rasoavel.

Os cidadãos do Maçal não teem melhoramentos locais e teem direito a eles como o tiveram os do Baraçal o outros do concelho.

Não largaremos o assunto de mão, apesar de termos a certeza de que seremos ouvidos.

Chamamos tambem a atenção do sr. Governador Civil do distrito, bem como da Camara de Celorico para o que se passa no Baraçal, referente a instrução.

Este povo é numeroso e tem apenas um professor para o sexo masculino, vagueando pelas ruas muitas creanças do sexo feminino a quem não é ministrada a instrução por falta de professora.

Muitas são as creanças do sexo feminino e se algumas aprendem a ler, são as que teem familia em condições de pagar 500 réis mensais para aprenderem as primeiras letras, que as familias pagam a quem as ensina.

E', pois, urgente e de justiça a nomeação duma professora para o Baraçal, tanto mais que as freguezias de Açores e Minhocal, e outras, teem professor e professora, e não são mais importantes que esta terra.

Que alguem se lembre do assunto e sem demora dote o Baraçal com uma professora.

E' o que esperamos.

Fernandes d'Almeida.

NA ESTANTE

O Livro da Educadora, por Paulo Combes.—Casa Figueirinhas—PORTO.
Preço: 500 réis.

Obra de construção social, bem traduzida, com citações de bons autores, mas envolta na gaze do enigmatico Deus... sem cuja intervenção nada presta neste mundo.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Séde em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz** — Camarneira — Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

JOSE MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

MODISTA

Máquinas de Costura, Bicicletes e acessórios

EM CASA DE

José M. Figueira

CANTANHEDE

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

MURALINE

Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle,,

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Biblioteca da Universidade S. B. Coimbra

Ano 2.º — Arazêde, 13 de Abril de 1913 — N.º 60

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os autografos.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

PORTUGAL E COLONIAS PORTUGUEZAS—Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trimestre, 30 centavos.
BRASIL — Ano, 2 escudos, fortes.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

CORREIOS E TELEGRAPHOS 13 ABR. 13 COIMBRA

A lei de cereais

Um dos deveres mais sagrados que impendem sobre os paízes que adotam para seu lêma a libertação do pôvo, que tem vivido acorrentado á miséria, sem uma clareira que lhe minore a nêgra situação que o envolve—é a protecção franca e leal que lhe faculte o pão necessario á sua subsistencia.

Matar a fome ao povo, proporcionando-lhe a maior sôma de beneficios e cercando-o duma remuneradora situação economica—tal é um dos deveres da República Portuguêsa, que só se pode afirmar verdadeiramente democrática depois de ter ministrado ás classes proletárias o indispensavel alimento corporal e espiritual.

Com efeito, o regime cerealífero implantado em 14 de junho de 1899 foi um dos péssimos actos da extinta monarquia que urge banir para brio e decôro das modernas instituições. Por essa lei, proíbe-se a importação de trigo exótico quando pelo manifesto do trigo nacional se averigue que este chega para o consumo interno; impõe-se á moagem a obrigação de comprar o trigo nacional ao preço de 750 réis o alqueire; estabelece-se a fiscalisação na industria panificadora que, só á moagem tem de comprar por um preço fixo as fazendas necessárias, quer nacionais, quer estrangeiras, obrigando-a ainda a vender o pão quotidiano por um preço estipulado oficialmente.

Desta maneira, sabendo-se que a compra obrigatoria do trigo vai de agosto a novembro, a moagem, para escapar ao preço da tabela, faz o açambarcamento de trigo antes deste praso, e por mais baixo preço, usufruiudo assim largos interesses, em detrimento da agricultura nacional, das iniciativas industriais e, portanto, dos consumidores do pão.

Em resumo: os moageiros e grandes fabricantes de pão é que lucram com tal regime, sentindo-se com ele prejudicados os agricultores-rendeiros, os revendedores e consumidores, que têm de pagar as farinhas e o pão por um preço excessivamente caro.

Resulta daqui que, se deviamos pagar por 40 réis cada quilo de pão, temos de compra-lo geralmente por 90 réis em virtude do monopólio estabelecido pela lei de 99, a que o povo, cansado de sofrer as suas durezas e as suas iniquidades, cognominou de *lei da fome*.

E' preciso que o governo da República, a quem não serão estranhos estes factos, envide todos os seus esforços para fazer substituir por uma lei proteccionista das classes pobres essa lei ignominiosa da monarquia que ainda hoje aí está a imperar para desdouro dum país que quere civilisar-se.

O barateamento do pão é uma das medidas que o governo da República tem de estudar para que seja posta em prática dentro de poucos dias. Vão ser apresentadas ao parlamento algumas representações, pedindo a concessão desta [illegible] povo que está pagando caro e com dificuldade pão mal fabricado, que noutros países se vende por metade do preço.

E' justo que o parlamento atenda os clamores populares, que só se fazem ouvir quando alguma lei iniqua consegue tolher a liberdade de acção e o direito á vida.

Antes de mais nada está a extinção da fome. Um povo sem alma assemelha-se ao navio que singra ao sabor das ondas em demanda do porto de abrigo que se divisa ao longe; mas um povo sem pão é como o navio que, depois de lutar titanicamente com as vagas alterosas, sossobra com estrondo no abismo glauco do oceano profundo.

Eis o que é preciso evitar, eis o que é lógico remediar sem perda de tempo.

Adeus ao Porto!

Na indecisão cruel que acomete o condenado á pena última, eu lanço o meu olhar cheio de pranto a toda esta cidade invíta e carinhosa.

Parto com a saudade acabrunhante a repassar-me o peito, emquanto nesse bulicio constante, tu continuas a rir, a gargalhar.

Do alto das sinuosidades pitorescas que te rodeiam eu vou fitando o meu passado, as ruínas glaciais do meu passado, e com tristeza descubro a campa rasa do meu findo Amor.

Tão branca, tão pequenina e quantas esperanças, quantas ilusões ali repousam!

Tão enteitada de verdes e flôres e quantas recordações se prendem a cada corola, se apoiam em cada pétala!

Ali dormem o eterno sôno as brancas Margaritas, as pálidas Juliêtas que um dia amei numa poligamia espiritual.

Oh! quem m'as déra vêr antes da despedida, quem m'as déra beijar!

Mas tudo embalde! Pesam sobre esses seios de alabastro sete palmos duma camada espessa, a que eu chamei olvido, mas, que me confrange o coração acerbamente, ainda hoje!

E eu lanço o meu olhar amortecido de sobre as vertentes pitorescas que te rodeiam, ó muito querida e saudosa cidade das tripas!

Parto! Despeço-me chorando emquanto todos riem ironicamente da minha dôr e amarguras. Até vós, ó queridos leitores, a quem tantas vezes massei na impertinencia das minhas crónicas semsaboronas, até vós haveis de rir nesse riso franco que sucede a despedida dum importuno.

Que importa? Daqui, dali, do fim do mundo, das profundas escuras do Averno, eu hei de surgir, qual Ashaverus, personificado na minha prosa incolôr e doentia!

Lançarei o meu adeus a todos, mas a vós, meus caros leitores, a vós, não!... Adeus é para quem morre e eu hei de viver para vos massar e arripiar os nervos mais vezes, muitas mais vezes.

Por isso, ó brancas açucenas, desfolhadas no resequido canteiro do meu finado amor, adeus! Muito nobre, leal e invita cidade do Porto, adeus! E vós, amados leitores e muito queridas leitoras . até breve.

Porto, 7 de abril de 1913.

GOMES MONTEIRO.

A descentralização do ensino

O professorado primário de muitos concelhos tem-se insurgido contra a ideia de ficar o ensino primário a cargo das camaras. E' justo o protesto, porque é debaixo de todos os pontos de vista inconveniente que os municipios, ainda hoje mal preparados e mal educados, se encarreguem da fiscalisação do ensino e dos professores primarios. Estes sentir-se-iam prejudicados nos seus direitos, e aquele certamente ficaria lesado nos seus progressos.

Acompanhamos daqui o movimento do professorado, certos de que da descentralisação apenas poderão advir grandes males para a causa da instrução e dos educadores nacionais.

O professorado do concelho de Montemor-n-Velho, solidario nesta opinião, associa-se ao mesmo movimento de protesto iniciado pelos seus colegas dos demais concelhos.

Oxalá que o Senado, interpretando devidamente o sentir de todos os professores, altere a parte do Codigo Administrativo que diz respeito ao ensino, fazendo assim justiça ás reclamações do professorado.

CRÓNICA DO PORTO

Perdoai-me, leitores d'*O Dever*, a minha entrada abrupta num assunto que desconheço

Perdôa Gomes Monteiro, a substituição da tua poesia sonóra pela minha prosa barbara. Mas... só tu é que tiveste a culpa

Porque me conduziste a um trilho que por certo não saberei seguir? Por causa da tua retirada para Lisboa? Para deixares um substituto? Talvez

Pois bem, comquanto não possa, na força da minha vontade, satisfazer a tua, farei o possivel para te agradar.

E porque vais para Lisboa? Para fugir, talvez, á corruta sociedade do Porto, gente que, na maioria, não pode, não sabe e nada deixa produzir.

O rico não tem coração, o pobre não tem instrução; que fazer, pois, num meio em que o rico esbanja na orgia o oiro ás mãos cheias e não socorre os males da humanidade?!

Que esperar dum operario vergado ao pêso de mil infelicidades, que vai afogar em vinho as suas maguas emquanto a mulher e os filhos morrem de fome!?

Fugir?

Sim. Fugir deste meio que nos enerva e mata.

Fazes bem, Monteiro; foge para onde a tua inteligencia possa expandir-se e onde apreciem o teu espirito tal como é; e não tenhas pena; a tua ausencia não será notada, os ricos continuarão a rir, os pobres continuarão a chorar e a gemer ao pêso do infortunio e a vida continuará a ser como é, cheia de enganos, intrigas e baixezas tôrpes.

Adeus, Gomes Monteiro, oxalá que, ausentando te, se ausentem de nós os fados que tão pertinazmente nos teem perseguido.

Teu amigo,

Santos Machado.

Coisas simples

Áres da Primavera

E' verdade que entrou a primavera. Apesar de o termómetro ter acusado baixa temperatura e as cumeadas das serras estarem tapetadas de neve como se continuassemos sob o álgido bafejo do inverno, o que é certo é que entrou a primavera; resta agora que a sua presença se faça sentir.

Naqueles tempos que o passado guarda em neblinas e cujo estado social nos é transmitido pelas obras imarcessiveis de Horácio e Homero, ceu e terra eram povoados de deuses .. Aquela mitologia complexa que ain a hoje nos deleita ao ler as suas estrombóticas combinações incriveis, mas interessantes em todo o caso, assenhoreava-se de tudo; por isso as suas divindades eram em numero infinito. Uma delas e de nós muito estimada, visitou-nos ha pouco:—a Primavera, filha de Flóra que era [illegible] fire, que á terra traz as suas graças depois de entrar o sol no signo do touro no zodiaco (equinóxio da primavera).

Sim; os homens dessa época que para tudo precisavam de inventar deuses, o mesmo faziam para as diversas manifestações da vida vegetal da natureza criando-lhes inúmeros protectores, pois que não podiam compreender que o unico Deus tomasse sobre si o encargo de tamanha tarefa .. Flóra, com sua magia, povôa os jardins de flôres e matiza os prados de boninas e malmequeres; Zéfiro por elas derrama a bemfazeja aragem assim como Aurora cujas lágrimas vertidas pela morte do irmão se converteram em orvalho, desses mesmos cristais as polvilha pelo remanso da madrugada.

Assim mesmo. A poesia bucólica não póde andar desligada das fontes maravilhosas da mitologia que despaze sutís enredos pelo cenário policrómo dos poentes, das alvoradas e dos campos floridos.

A primavera acordando as ninfas faz gemer sussurrantes e timidos regatos e as fartas levadas que das eminencias dos combros rolam numa cadencia constante e sonhadora. Já as aves que se erguem na ribalta magestosa do dia fazem os seus colóquios chilreantes nas frondes e o espirito humano retraído pelos gelos do inverno tambem quere agora na primavera beber a haustos de luz e aroma a vida e energia para arquitetar novas linhas do Ideal...

Céres, a deusa da agricultura, filha de Saturno (o símbolo do tempo), não ficará indiferente aos prodigios da Primavera: fará, na terra que foi cavada e arroteada com muitas canseiras, exultar pomposas seáras; Pomona desparzirá pelas árvores, agora enfeitadas de rebentos e inflorescencias, uma avalanche de frutos talvez banhados pelas ninfas com a ambrosia de Amalteia.

Mas, a par deste concerto iriado, destes aljófares flutuantes que a minha imaginação antevê, depára na realidade um quadro de tintas mais escuras. Tantas e tantas geiras de terra que ficaram sem cultura, tantas colinas que não fôram arroteadas e onde Flora não póde actuar com suas graças! são as terras minhas patricias de onde os agricultores fugiram em levas, por manhãs tristonhas, á procura do sólo pingue do Novo Mundo.

Partiram. Tambem outros fôram, em épocas muito distantes quando a audácia dos portuguêses abriu as portas da India e do Brazil. Tudo partia num louco debandar á cata das riquezas, das pedrarias, das cubiças; a agricultura tambem ficou sem braços, os campos cobriram-se de silvas e o cereal era importado.

Agora outro móbil guia essa móle de agricultores; não é propriamente a cubiça, é um lêdo engano que lhes faz ver por entre a miséria que os invade uns lampejos de conforto e fartura que afinal nunca se realisam!

Como no tempo em que Céres se refugiou numa caverna deixando a terra estéril, Júpiter, por meio das ninfas, conseguiu que ela voltasse a tornar os campos fecundos, é preciso que uma iniciativa tenaz arranque de hibernante marásmo o agricultor sertanejo; as ninfas por isso serão indubitavelmente as luzes da Instrução.

Mas entre nós a instrução ainda está no *inverno*; oxalá que bem depressa ala entre em florescente primavera.

6 de abril.

O verdadeiro socialismo

Comunica-nos o nosso presado correspondente de Pampilhoza do Botão, em noticia que noutro logar publicamos, que a importante casa Tomaz da Cruz & Filhos, com fabrica de serração tambem naquela localidade, acaba de conceder uma pensão vitalicia á viuva dum seu servidor, cujo marido faleceu, não em serviço da casa, mas de morte natural.

Não pudemos deixar passar sem considerações o filantropico facto, tanto mais que ele denota, nestes tempos de corrução e egoismo que vão decorrendo, um acto de sublime generosidade, que só praticam os que tem a verdadeira noção do que é o socialismo, agora que tanto em socialismo se fala.

E com efeito, minorar a sorte de trez criancinhas, que o acaso deixou de tenra idade ficar sem o carinhoso abrigo do pae, é tudo quanto nós conhecemos de mais magnanimo, de mais socialista.

Infelizmente em Portugal poucas acções nobres se registram eguaes á que praticou a familia Cruz. Era espanhol o pobre trabalhador que a morte arrebatou, e o acto caritativo praticado a sua viuva, tambem natural da patria de Cervantes, é duplamente significativo. Demonstra ao povo português que nem tudo está perdido, e á Espanha poderá servir de exemplo e para corroborar que no sangue português existe ainda o mesmo oxigenio maravilhoso dos quasi imemoraveis tempos do despotismo e do egoismo dos povos, odiando-se.

Felicitamos a importante casa já referida, e fazemos ardentes votos para que sirva o facto de incentivo em Portugal, onde a sede de ambição é ainda a natural determinante das continuas e ás vezes mal definidas lutas entre o capital e o trabalho.

Entêrro civil

Foi de luzido aparato o cortejo funebre que acompanhou á ultima morada o nosso amigo e antigo republicano, José Gomes Lourenço, que se finou a semana passada. Nêle tomaram parte algumas das pessoas mais gradas da freguezia, entre as quais vimos os snrs.: Antonio Maria Ferreira Monteiro, Joaquim Figueiredo, Antonio Rodrigues Monteiro, Joaquim Simões Lameiro, Manuel Simões Lopes, João Gonçalves Pereira, Luiz Cruz, Antonio Cruz, Bernardino da Silva Carvalho, Manuel do Espirito Santo, o director do *Dever*, etc., etc. A chave do caixão foi entregue ao director do *Dever*, que, por sua vez, a delegou no snr. Antonio Ferreira Monteiro. A escola do sexo masculino fez-se representar pelos respectivos alunos, militarmente formados.

O cortejo seguiu na melhor ordem até ao cemiterio, onde, á beira da sepultura, falou Manuel de Melo, salientando as qualidades do finado, e pondo em destaque o facto do seu entêrro se ter realisado civilmente, o que constituiu um protesto á reacção que tem procurado todos os meios de conspirar contra as ideias liberais, escravisando assim o espirito do povo. Referiu-se ao livre-pensamento, e chamou a atenção dos presentes para o facto que acabava de ocorrêr, onde não foi preciso intervir a figura sinistra do padre.

Como no principio, todos os que assistiram ao acto civil debandaram ordeiramente, não havendo a registar a menor nota discordante.

Não devêmos, porém, ocultar o desgosto que sentimos quando, da passagem do cortejo no Largo da Republica, varias pessoas que estavam presenciando o acto soltaram fortes risadas e chufas descortêzes, sem o menor respeito pelo cadaver e pelos que o acompanhavam.

E' preciso que se saiba que fica sempre bem acatar qualquer acto publico, desde que ele seja praticado dentro das leis do país, não esquecendo todos devem aos mortos, sejam eles catolicos, budistas, maometanos ou livres-pensadores. Tudo quanto assim não fôr, é indicio de má educação e proprio dum povo desmoralisado.

Esperamos que, de futuro, a autoridade local corrija os desmandos da populaça inconveniente, chamando á responsabilidade os que cometêrem abusos em tais actos.

VIDA PEDAGÓGICA

Gramática ensinada pelos exemplos

Oferecido pelo nosso distinto colega, snr. Ullisses Machado, recebemos um exemplar da sua *Gramatica ensinada pelos exemplos* destinada aos alunos que frequentem a escola primaria.

Dis-nos o autor que só desde *5.ª edição*, 1908, se encontram nela figuras, por terem sido tambem incluidas no Compêndio que fizera para o 1.º ano do curso dos liceus e que, sem êsse preceito não poderia ser admitido a concurso.

Portanto o facto de ser ilustrada a edição actual, *a oitava*, e as tres anteriores,, de forma alguma representa que tem em mira fazer o ensino de tal disciplina com as *figuras*.

A nosoo ver a orientação prática que deu ao seu livro, e que tanto agradou á Comissão que o escolheu em 1896 como livro único, será tambem o motivo por que êle tem agradado ao professorado.

Por meio de mais de 600 exemplos e exercicios, muitos deles destinados a serem escritos pelos alunos e ampliados pelo professor, hão de ter tido os nossos colegas ensejo de reconhecer o gosto e facilidade com que os seus discipulos aprendem o que sobre lingua materna determínam os programas.

Desta maneira, vai o sr. Ulisses Machado, professor eximio da capital, contribuindo para o progresso da sciencia e para o alevantamento da escola primária, pelo que sinceramente o felicitamos.

Ao sr. Ulisses Machado os nossos agradecimentos pela oferta dum exemplar da sua Gramática e pela amabilidade da dedicatória.

Malas do correio

Passaram a ser conduzidas por uma mulher, oficialmente contratada, as malas do correio de Arazêde que até aqui eram conduzidas pelos proprios distribuidores rurais.

CONGRESSO REPUBLICANO

O *Dever* fez-se representar no congresso de Aveiro pelo seu administrador Antonio Ismael da Cruz.

Fez-se representar, não como aderente, porque o nosso jornal nunca aderiu a homens nem a partidos, mas como jornal popular que é, como jornal independente, entretanto mais ou menos afecto á politica do Dr. Afonso Costa, mas ainda assim esquecendo completamente o homem para só apreciar os principios os actos desse mesmo homem que, comtudo, tem sido os que mais se quadunam com o nosso modo de vêr e de pensar.

No congresso não se tratou como devia tratar-se em especial,da instrução do povo. Estreitaram-se ideias, conjugaram-se esforços, e fizeram-se apresentações.

Assentou-se definitivamente na questão do jogo de azar.

Fez-nos falta esse divertimento, pois nós gostamos de jogar um bocadito a sueca, nas horas vagas, e assim nem a bisca *delambida*.

* * *

Mas vamos lá a sério, agora.

Efectuou-se em Aveiro, com estraordinaria concorrencia, o anunciado congresso do partido Republicano Democratico.

Sim, do partido democratico. Porque partidos republicanos portuguezes, todos eles são.

E' questão de miolos. Uns só têm palha na cabeça. Outros, mais astutos, têm encéfalo para dar e vender.

Foram eleitos os novos membros do Directorio, cuja escolha recaiu em homens de reconhecida probidade intelectual e politica.

Para o ano temos sessão na Figueira da Foz, ali á beira do mar, chigadinho ao Forte. E em quanto uns congressarem, algures, outros jogarão a batota, a doer, no Mondego e no Peninsular.

E... tudo vai bem.

O nosso administrador leu a seguinte moção, que depois de aceita foi dormir o sono dos justos no seio do Dirétorio, que a apreciará um dia, quando a estação telegrafo-postal para esta freguezia tiver... caído do céu aos trambulhões.

Eis a moção:

A Comissão Paroquial Republicana de Arazede e o jornal *O Dever* da mesma localidade, e de concelho de Montemór-o-Velho;

considerando que a sua freguezia, a maior do concelho em área e população, pois conta mais de 5:000 habitantes, carece duma estação telegrafo-postal para o serviço publico, e especialmente para o sesviço do seu comercio e da sua industria de cal e madeiras, o que imprime especial importancia á mesma freguezia de Arazede;

considerando além disso que outras freguezias, de muito inferior população, como Ervidel, do concelho de Aljustrel, e Cacia do concelho de Aveiro, se acham já dotadas com aquele melhoramento;

a mesma Comissão Paroquial e o jornal *O Dever* considerando tambem que a escola do sexo masculino da referida freguezia não satisfaz de modo algum ás condições higienicas e pedagogicas mais recomendaveis;

pede a criação duma estação telegrafo-postal e a construção duma escola primaria para o sexo masculino que satisfaça ás necessidades da população escolar.

Que não seja preciso que a gente se ponha a esmolar de porta em porta o dinheiro para a construção da escola, cuja construção é mais do que justa.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

LII

As inspecções escolares—Torna-se urgente a sua reorganisação—Um alvitre que póde ser aproveitado por quem tem superior interferencia no assunto

Não sabemos se lá pelo *alto* se presta alguma atenção aos nossos modestos artigos, que só o bem da Patria, que muito amamos, e o desejo de ver prosperar a instrução do povo português, que estremecemos, ditam. Não sabemos mesmo se o atual sr. Director Geral da Instrução Primária, homem de incontestavel valor e que nos parece ter uma invulgar vontade de acertar, costuma uma ou outra vez ler o que aqui escrevemos. Seja como fôr, a ele principalmente nos dirigimos neste numero das *Pinceladas*, em que vamos ocupar-nos de um assunto importantissimo.

A inspecção escolar, com a atual organisação, que em nada se diferença da que tinha anteriormente á publicação da Reforma de 29 de março de 1911, não pode cumprir a sua função principal, que deve ser —inspeccionar e, como consequencia, dirigir, aconselhar. Os seus funcionarios estão reduzidos a simples mangas de alpaca—a escrever oficios sobre oficios, a preencher inumeros mapas e a reorganisar folhas sem conta. Isto todos o sabem e tem sido muitas vezes repetido.

Ora um destes dias, falando nós com um desses funcionarios, veio o caso para a discussão. Ele pretendia, com toda a justiça, que todos os inspectores de circulos tivessem um secretario—chamassem lhe mesmo um amanuense—; emfim um empregado que se ocupasse com a numerosa escrituração que todos os dias tem de ser feita na secretaria. Claro que esse novo funcionario deveria de ser um professor; portanto, o seu ordenado nunca deveria de ser inferior ao estipulado para os membros do magisterio primario. Ora neste ponto deparou-se-nos, como sempre, a maldita *falta de dinheiro* a contrariar a ideia. E ficámo-nos para ali, durante algum tempo, olhando-nos, quasi abatidos.

Foi então que, por nossa parte, lembrámos outro caminho, que transitoriamente pode resolver a questão. E aqui o vamos apontar, em cumprimento da promessa feita ao nosso interlocutor.—Superiormente seria autorisado o pagamento de uma gratificação de 80 a 100 mil réis a cada um dos professores que os inspectores escolares indicassem para os auxiliar no expediente e mais serviço da sua secretaria. Este serviço deveria durar o minimo de 3 horas. Consequentemente, o professor indicado deveria pertencer á séde do circulo ou a terra muito perto dela.

Dir-nos-ão agora: — A gratificação é muito diminuta. Não ha duvida. Mas alguma coisa iria concorrer para o equilibrio do domestico orçamento do infeliz mestre-escola—e ele, dedicado como é ao progresso do ensino, decerto não deixaria de lhe prestar mais esse bom serviço. Estamos certos disto. Além de que, como dissémos, tal medida seria simplesmente provisoria—até que a nossa precária situação economica permitisse que a cada inspecção seja destinado um novo funcionario privativo.

A ideia aí fica. Gostariamos que ela fosse meditada por quem pode concorrer para que seja posta em prática...

Prof. Manoel José Antonio.

Na praça de touros do Campo Pequeno

—†—

Meus amigos:—Escrevo sobre os joelhos estas ligeiras notas, que vão mesmo assim, visto que sou dos defensores das coisas originais. No entanto, não me melindrarei se entenderem que as devem rectificar a vosso gosto, mas peço-vos muita atenção para não lhe alterarem o sentido.

São notas genuinas e tiradas no momento dos acontecimentos.

16 e 40. Entram na arena os eximios cavaleiros Manuel e José Casimiro de Almeida, respectivamente pai e filho, que são alvos duma imponente manifestação da parte do publiço que ocupa, na grande praça, todos os logares. Não sou frequentador de divertimentos que, para nos darem prazer, é preciso sacrificar barbaramente pobres animais. Antes pelo contrario, condeno tais divertimentos!

Por isso não me tem despertado a curiosidade o saber qual a lotação da vasta praça de touros, mas talvez não exagere, dizendo que excederão a DOZE MIL os logares ali existentes.

Digo isto para melhor vos fazer compreender a grandiosidade da manifestação prestada por toda essa enorme massa humana, quando ela atingiu a meta do delirio. Os lenços acenam de todos os lados, ao mesmo tempo que estrondosas salvas de palmas entoavam dentro da praça, dando a ideia duma festa de maior valor que não seja uma tourada.

Esta manifestação não tem sómente o caracter de simpatia que o publico consagra aos notaveis cavaleiros, mas tambem, e principalmente, o caracter de protesto contra o facto pouco airoso de meia duzia de desordeiros terem feito explodir uma bomba... *de pataco*, na noite de sabado, com o fim de afugentar o publico da corrida tauromaquica.

Se os malfeitores soubessem que a explosão dessa bomba... foi um dos melhores réclames para esta festa, talvez tivessem ido fazer uma serenata ou apanhar alguma *borracheira* para os arredores do Campo Pequeno.

O povo sensato já conhece bem a força moral de tais zaragateiros, e por isso corre para o perigo, para lhes darem o correctivo que merecem, apanhando-os debaixo das suas garras. Eu fui um dos muitos que, se não fôra a explosão da bomba, e a ameaça que apareceu da praça ir pelos ares, não teria vindo á tourada.

Apenas meia duzia desses zaragateiros tentaram, porém, praticar as suas façanhas, no final do 4.º touro, mas *isso* foi *abafado* por duas bengaladas que caíram impiedosamente naquelas cabeças que deviam ser decepadas.

Tudo continuou com paz até ao final da corrida.

E agora é que eu vejo que estamos em plena anarquia.

Lisboa, 6 | 4 | 914.

M. d'Almeida Junior.

AS PROPINAS EM FÓCO

Todas as pessoas que escrevem para jornais de grande ou pequena tiragem, quer sejam homens, quer sejam mulheres, vêm de quando em quando ocupar-se de assuntos politicos, por maior que seja o despreso que á politica votem. Mas o que se ha de fazer, se a politica, atualmente, é um dos tempêros de primeira necessidade para todas as conversações? Temperar tambem as nossas conversas com um bocadinho, tendo o cuidado de lhe não tirar o paladar que pretendemos darlhe. Assim aconteceu no final do nosso ultimo artigo, com o mesmo titulo deste. A pena fugiu para onde nós não queriamos, e deixamo-la ir... temperar o que ficava escrito. Hoje, cá estamos de volta do nosso principal assunto—*as propinas*.

Damos o nosso voto para que elas acabem, mas nunca sem melhorar a situação das criaturas que delas vivem e que, como recompensa ao seu trabalho, com outro produto não contam. Uma vez estabelecido o processo e posta em prática a maneira dos criados ou empregados não terem necessidade de olhar caridosamente para as mãos do publico, como quem implora uma esmola, a atmosfera triste, que lhe paira por cima da cabeça, tornando-os **sussurrantes**, desaparaceria; e, em seu logar, ficava aquela satisfação propria duma pessoa que, para viver trabalhando, não precisa das migalhas do seu proximo, sendo suficiente a recempensa desse mesmo trabalho pelos seus proprios patrões.

Isto seria o bastante para que estes obreiros deixassem ver á clientela dos respectivos estabelecimentos, a sua satisfação, e daqui adviria, sem duvida, um grande aumento de simpatia de essa mesma clientela, quer para os estabelecimentos, quer para os serventuarios. Eu sei muito bem que ha pessoas que sentem prazer em dar a propina, assim como tenho presenceado que outras a não dão, e outros que a dão, não em relação com as suas posses, mas porque se envergonham de nada darem, vendo dar ao que nisso sente prazer, e ainda ao que a isso está habituado.

Para aqueles, *merci messieurs*, recolhendo a propina; para os outros, o mesmo agradecimento deixando-a ficar; e para todos o agrado que é peculiar a quem recebe.

Lisboa, 10 de abril de 1913.

M. d'Almeida Junior.

Edmundo de Azevedo

Mais um ilustre poeta português voluntariamente veio até nós, trazendo-nos o auxilio valioso da sua bem formada cerebração.

Edmundo de Azevedo é um inteligente quintanista de filosofia da Universidade de Coimbra, antigo colaborador de varios jornais francezes e autor de obras de subido merecimento literario.

Inicia a sua bela colaboração neste periodico com o sentido soneto que noutro logar inserimos.

E assim é que o *Dever*, contando já alguns ilustres colaboradores nas suas modestas colunas, agora aponta mais este aos seus presados amigos, regosijando-se com o facto.

Para Benguela

Partiu a semana passada, onde vai tentar fortuna, o nosso amigo Soveral da Rocha.

Desejamos-lhe feliz viagem.

Santos Machado

Em virtude do nosso prezado amigo e distinto colaborador Gomes Monteiro, se ter de ausentar forçadamente do Porto, fica encarregado de nos enviar a *Crónica* e *Cartas* da capital do norte, o snr. Santos Machado, espirito culto que não hade desmerecer do logar de destaque, que desde sempre ocupou naquela cidade o snr. Gomes Monteiro.

Este nosso amigo ficará enviando d'ora ávante uma *Crónica de Lisboa*, para onde acaba de retirar, podendo os nossos leitores ficar tranquilos de que continuarão a gosar como até aqui da sua prosa intensa e contundente.

POETAS E PROSADORES

Aos meus versos!

O' meus versos d'abril cantando amor
E a doçura das horas mais felizes!
Meus versos de mais intimas raízes,
De mais balsamica e doirada flôr:

Nada sereis para a Belêsa, nada!
Versos, que tudo sois para o meu sonho...
Um dia, ao meu outôno já tristonho
Ha de sorrir a vossa madrugada.

Versos feitos da luz da Primavera,
Não é o templo, não, que nos espera,
Mas 'inda aquecereis minha velhice:

Aquecereis as minhas horas frias
Ao calor de lembradas alegrias
No ritmo ardente e claro em que eu os disse.

Abril, 1913.

Edmundo d'Azevedo.

Notas pessoaes

Vimos aqui o nosso presado assinante sr. Manoel Gonçalves Salvador, da Tocha, que em fevereiro ultimo regressou de Ribeirão Preto (Brasil)

—— Deu á luz uma creança do sexo feminino, a esposa do nosso bom amigo, Romão Pereira Cardoso, mui digno chefe da estação do caminho de ferro desta localidade.

Parabens.

——Esteve entre nós o nosso estimado amigo, Celestino da Silva, de Leiria.

CORRESPONDENCIAS

BARAÇAL, 9

INTERESSES LOCAIS

Alguem se aproxima de nós e nos pede que não descuremos em continuar a pedir a atenção de sua ex.ª o sr. Governador Civil do distrito e do sr. Presidente da Camara de Celorico, para o assunto da estrada do Baraçal ao Maçal do Chão.

Não. Nós não descuraremos o assunto, tanto mais que os cidadãos que presidem á direcção do *Dever* prometem que nos deixarão livre um cantinho para continuarmos nos nossos pedidos, ainda que ao jornal faça falta o espaço para versar outras materias.

Uma vez mais obrigados á corporação redatorial, e recomeçaremos.

* * *

Sem procuração autentica do Maçal do Chão, mas simplesmente por reconhecermos que é a justiça que nos fala, de novo pedimos ás entidades superiores do distrito e do concelho para que olhem com carinhoso interesse para a questão do seguimento da estrada do Baraçal até ao Maçal, e que o seu prolongamento seja um facto. com a maior urgencia.

Se é verdade que já dissémos que os cidadãos do Maçal teem direito a beneficios, como já o tiveram os do Baraçal, não é demais que mais uma vez o digamos, para que o esquecimento de tantos anos desapareça e se olhe para o Maçal do Chão com algum carinho.

E' uma terra grande e de bons recursos comerciais, e se não se encontra o comercio mais desenvolvido, a culpa é daqueles caciques doutróra que não se encomodavam nunca com o progresso daquele povo, que tem direitos municipais eguais aos das outras povoações.

A estrada, que é pequena e de pouca importancia monetaria, o seu acabamento é muito preciso para o desenvolvimento geral, que será de grande importancia para todos.

E' dificil efectuar os transportes de batata, etc., do Maçal até ao Baraçal para a estação do Caminho de Ferro, e esta circunstancia, deve-se unicamente á falta do seguimento da estrada que paralisa no Baraçal, ha mais de 25 anos.

Em nome do direito e da justiça, pedimos providencias.

=== De novo pedimos seja creada no Baraçal uma escola do sexo feminino para educar tantas creanças que vagueiam nas ruas e nos montes sem educação de especie alguma, por falta de professora.

E' vergonhoso que a freguezia do Baraçal não tenha uma professora e se consinta que tanta creancinha fique sem receber a luz das letras, elas, que ámanhã podem servir de esteio aos obreiros da patria.

E' necessario cuidar da instrução para que desapareça dos mapas um tão grande numero de analfabetos.

Tambem para estes dois casos pedimos a sua ex.ª o sr. Pedro Boto Machado, muito digno senador, eleito por este circulo, a sua especial atenção e ainda a sua alta importancia para tomar este assunto na devida consideração, fazendo os esforços possiveis para que tenha uma solução rapida, como é de justiça.

Ainda pedimos tambem a suas ex.as que não esqueça o assunto da estrada do *Arraial* ao Porto da Carne, e que passa pelo Baraçal.

E' duma importancia capital e inadiavel e de uma urgencia incalculavel para bem servir os povos.

Fernandes d'Almeida.

CANEDO, 9

Teve logar no dia 6 o batismo duma creança do sexo masculino, filha do nosso presado amigo Alipio Rodrigues, que recebeu o nome de Jaime.

Foram padrinhos o nosso amigo José Simões e a menina Adelina, filha do tambem nosso amigo Manoel Dias Agante.

No fim do jantar foi oferecido um baile, pelo pai do neofito, que decorreu animadissimo, vendo-se nele as pessoas mais gradas do logar.

=== Visitou esta povoação, onde veio de proposito inquirir das suas mais urgentes necessidades materiais, tendo-nos dado a honra da sua visita, o novo regedor e antigo democrata, sr. Joaquim Maria Pedrosa, a quem felicitamos pelo logar de confiança em que justamente o investiu o inteligente administrador do concelho, sr. Raul Pereira, outr zeloso funcionario da Republica.

O sr. Pedrosa ha de saber continuar a merecer a estima de todos os cidadãos que nele reconheceram sempre apreciaveis qualidades de trabalho e dedicação pelos interesses do povo.

=== Vai melhorando o tempo, com o que lucrarão a lavoura, atrazada ainda, e a industria, um pouco definhada.

=== Tem estado gravemente enferma a mãe do nosso amigo José Malta. Desejamos as melhoras da pobre doente.

Loureiro.

Pampilhosa do Botão, 6.

Faleceu o mestre da fabrica de Serração, pertencente á firma Tomaz da Cruz & Filhos, de nome Salvador Garcia, e a que nos referimos na nossa correspondencia de 30.

Foram, pois, baldados os esforços que o nosso dedicado amigo Joaquim da Cruz, socio gerente da referida fabrica, empregou, para salvar o seu empregado.

Deixou viuva e 3 filhos de tenra edade, a quem o sr. Cruz mandou acompanhar á terra da sua naturalidade, numa provincia de Espanha bastante afastada, pagando á sua custa todas as despezas, dando á viuva uma soma importante, e estabelecendo-lhe uma pensão que a põe ao abrigo da miseria, facto que com muito prazer registamos e que muito honra a familia Cruz.

=== Cumprimentámos, nesta o nosso amigo Guilherme d'Albuquerque, director d'*A Tribuna*, do Coimbra, que seguiu para Aveiro a tomar parte no Congresso do Partido Republicano Portuguez.

=== Convidado pela firma Mourão, Teixeira Lopes & C.ª, proprietarios da importante Fabrica Ceramica da Pampilhosa, e para fotografar todo o seu pessoal, esteve nesta o nosso amigo J. Gutierrez, habil fotografo, de Lisboa.

=== Teve logar no domingo passado a feira mensal que, apesar de coincidir com as de Cantanhede e Anadia, esteve regularmente concorrida, fazendo-se bastantes transações e sendo os feirantes visitados pela Tuna da localidade, que não se poupou a trabalhos para dar a nota alegre á feira.

=== Voltou a impertinente chuva que veio impedir a continuação dos trabalhos agricolas.

IDEM, 11

Teve logar no dia 9 do corrente o enlace matrimonial do nosso amigo Casimiro de Sousa, digno factor do caminho de ferro da Beira Alta, com a menina Delfina de Jesus, simpática irmã do nosso amigo Joaquim Simões Julião, socio executante da Tuna Recreativa. Aos noivos, que merecem a nossa simpatia, desejamos um futuro risonho.

=== Os habitantes desta freguezia queixam-se de que a chamada junta concelhia se apoderou de bens que só á junta de Paroquia pertence administrar. Consta-nos, porém, que o digno presidente desta junta, nosso amigo Julio Teixeira Lopes, se empenha em tornar a haver os referidos bens, com o que muito folgamos, pois com o seu rendimento, que é importante, muito pode beneficiar esta freguezia.

Esperamos os acontecimentos para em tempo oportuno voltarmos ao assunto.

=== Brevemente vamos ter no nosso Teatro sessões cinematográficas, para o que já está o respectivo contracto feito.

=== A Companhia da Beira Alta vai pôr em circulação as suas novas carruagens, que são muito luxuosas, e que farão serviço entre Vilar Formoso e Porto e vice-versa, nos comboios n.os 2 e 5 da Beira Alta e 17 e 8 da Companhia Portuguêsa, o que é duma grande comodidade para o publico.

=== A comissão que em assembleia geral do Gremio de Instrução e Recreio, de 23 de fevereiro, foi nomeada para verificar as contas da construção do mesmo Grémio, ainda não apresentou o relatorio dos seus trabalhos.

Estará á espera que termine o praso que lhe foi marcado para cumprir o seu dever?

Era bom que isto terminasse, para que a digna Direcção, que está possuida da melhor boa vontade, entrasse rasgadamente no exercicio das suas funções, com que o gremio muito tem a lucrar.

Rodrigues da Silva.

A adubação das vinhas com o Nitrato Modificado com Potassa

Embora seja um pouco tarde para se fazerem adubações de vinhas com os adubos adequados, que são os adubos completos, nem por isso as vinhas que tenham tido má vegetação devem deixar de ser adubadas.

Com o Nitrato Modificado com Potassa da marca N. M. P. 104, que tem 10 °/₀ de azote e 4 °/₀ de potassa podem ainda as vinhas ser convenientemente adubadas com muito bom resultado.

Basta para isso empregar por cada cepa, na caldeira da escava, cerca de 75 ou mesmo 100 gramas de N. M. P. 104, cobrindo-o depois com terra.

As vinhas assim adubadas, comquanto não sintam o beneficio que dá uma boa adubação completa feita no inverno, prosperam muito, tomando um grande vigor e produzindo mais do que se não forem adubadas.

Aconselhamos, portanto, os lavradores a que não deixem de as adubar ainda com o N. M. P. 104, que podem pedir imediatamente a O. Herold & C.ª, com armazens em Lisboa, Porto, Pampilhosa do Botão, Regoa, Faro e Santarem.

Dirigir tambem a **Fortunato Vaz**, *Camarneira*—CANTANHEDE.

Calda bordoleza instantanea
Schloesing
Substituição vantajosa
do Sulfato de cobre

Preparação instantanea e simplissima da calda para sulfatação.

Não confundir com caldas de autores, cuja embalagem insuficiente prova que se trata de um artigo inferior.

Quem se deu mal com outras caldas, experimente a calda *Schloesing*.

Quem nunca empregou calda, mas só sulfato de cobre, experimente o uso da calda bordoleza instantanea *Schloesing*, e verá a soma de tempo, de incomodos e inconvenientes que poupa.

O. Herald & C.ª

Proprietarios da marca **Trevo de 4 folhas** para adubos

Lisboa, Porto, Regoa, Pampilhosa do Botão, Faro, Santarem (S. Pedro).

Dirigir tambem a Fortunato Vaz, CAMARNEIRA—**Cantanhede.**

Expediente

A todos os assinantes de Portugal, Brazil e Africa que ainda não pagaram as suas assinaturas do ano findo, pedimos a finêza de o fazêrem o mais breve possivel, afim de não sofrêrem interrução na remessa dêste jornal.

Devêmos tambem prevenir alguns dos nossos assinantes, que nos têm enviado apênas 100 centavos, de que a assinatura anual é de 120 centavos a partir de 25 de fevereiro ultimo, devido a um sem número de despêsas que o jornal nos tem acarretado.

A Administração.

ANUNCIOS

Agua da Curia

Semelhante á de Contrexeville

Estimula a acção dos rins, que são os filtros do corpo humano.

Experimentai a agua da Curia.

(36) **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

— Estás resolvido a levar-me á egreja para te salvares?

— Tu sabes o que é a liberdade, Joaninha?—perguntou ele com ironia cobarde.

— Sei—respondeu ela afogada em soluços. E' tu abandonares-me traiçoeiramente e preferires perder-te. E' tu quereres antes o remorso de me teres ofendido e levares o teu crime até ao fim.

Sentindo-se réo naquele momento, Luiz não soube que responder e emudeceu.

— Bem, Luiz, já decidiste—volveu ela muito lívida, mas de olhos enxutos. Completaste a tua obra. Imaginas, porém, que fico perdida? Não, perdido ficaste tu. Eu bei de salvar-me. Podes retirar-te, Luiz. Mais uma vez te perdôo...

— Adeus Joaninha — murmurou Constantino com voz soturna.

— Até á eternidade, Luiz!...

E ela viu-o retirar sem mais uma palavra, sem um olhar sequer que denunciasse um arrependimento, um intimo pesar...

Que coragem e que gelidez de sentimento!

Era aquilo amor?...

Não era o fim trágico duma odisseia?...

Que lhe restava agora vendo-se perdida? Salvar-se, já que o perjuro a não salvou.

VI

No dia seguinte era domingo...

Joana Madureira, que havia adquirido o habito banal, instintivo, de ir á missa, como passatempo muito natural em pessoas que procuram o convivio nos grandes ajuntamentos, bavia um mez que lá não ia.

Porque seria?

Porque a gravidade do crime perpetrado por Luiz Constantino despertára nela o sentimento da vergonha, não de si propria, porque a consciencie presidira ao acto, e porque, ae fosse mãe, não seria menos nobre; mas vergonha das pessoas que ela encontraria no templo e que julgava ofender com o estado agora impuro da sua matéria.

Que timidez, e que oiedoso recato!

As pessoas da aldeia estranhavam não a ver na rua ou na igreja, e perguntavam por ela ás irmãs, que enfadadamente respondiam que andava adoentada, para não dizerem o de que, na verdade, desconfiavam, e que seria vergonha para elas.

As suspeitas avolumaram-se no espirito de Isabel e de Maria, que invectivavam a pobre irmã com ditos tão desumanos, que eram como punhaladas certeiras ao seu coração envenenado.

Naquele domingo, Joaninha quiz ir á missa.

Foi com o semblante desanuviado, com a expressão de quem vai cumprir um dever grato e muito nobre.

Dirigiu-se para o côro na companhia das irmãs.

As pessoas que estavam em baixo virram-na e rejubilaram.

Era o anjo da caridade que ha muito não pairava naquele ambiente pesado.

De lá, acenava-lhes ela com sorrisos que eram balsamos, com olhares que eram dôces lampejos.

Via depois a fronte encanacida do vigario, que lia melancolicamente no missal, e ficava-se então angustiada, numa prostração reverente da alma, que ajoelha aos pés da Virtude.

Ao ofertório, os seus labios beijaram o solo, num grande recolhimento e num grande pesar, e balbuciavam palavras vivas e tocantes, divinisado o rosto com a unção sublime de quem faz á consciencia uma promesaa formal para recuperar a integridade dum sentimento que muito se présa: o caracter.

No fim da missa, ergueu-se muito branca e muito radiante de formusura, e saiu com as irmãs.

Cá fóra esperavam-na muitas pessoas, que a afagaram com abraços e beijos e lhe perguntavam se já estava melhor.

Ela para todos tinha palavras meigas e sorrisos angélicos e respondia que se tinha curado naquele momento doença que a mortificava.

E sorria, e beijava a todos despedindo-se de olhos humidos e cheios de ternura das pessoas amigas a quem propositalmente virá ver naquele dia, e desaparecia como a borboleta, caminhando para a Luz que só ela via...

(*Continúa.*)

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55

COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Séde em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz** — Camarneira — Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

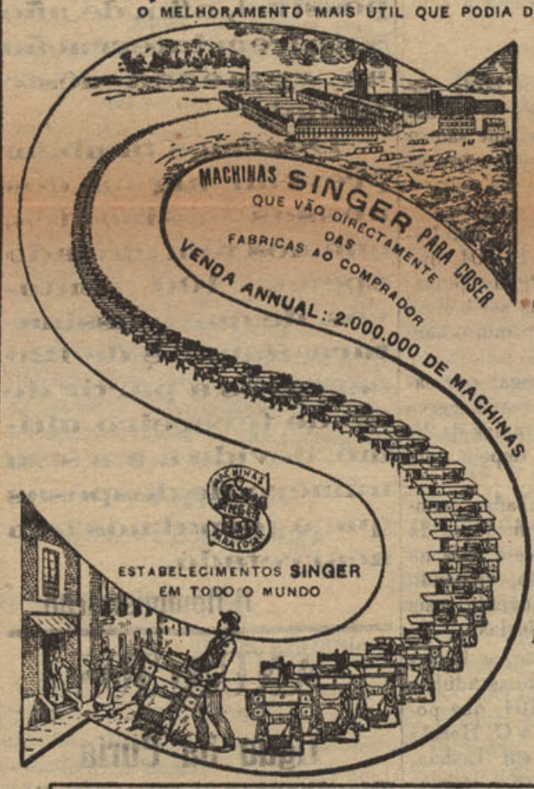
PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

JOSE MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

MODISTA

Máquinas de Costura, Bicicletes e acessórios

EM CASA DE

José M. Figueira

CANTANHEDE

MURALINE

Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.

O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.

Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne. Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40--Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

CASA FUNERARIA

— DE —

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA — **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Biblioteca da Universidade
S. R.
Coimbra

Ano 2.° Arazêde, 20 de Abril de 1913 N.° 61

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os autografos.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

Portugal e Colonias Portuguezas—Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trismestre, 30 centavos.
Brazil — Ano, 2 escudos, fortes.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Redação e Administração — ARAZÊDE

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

Republica popular

Quem percorrer esses campos em dias primaveris, em manhãs de encanto e de flôres, e olhar, com carinho, para esses pobres camponezes que cavam todo o dia e choram e velam a propriedade toda a noite, que diga, relembrando horas felizes de orgia e de prazer, decorridas aí assim por essas avenidas movimentadas, se não sente adormecer-lhe a vida e contristar-lhe o coração o flagrante e inglório confronto.

A broa está cara, e tem que se comer dura como ossos! O peixe está caro, a carne está cara. 360 réis, no fim duma estopante jornada, de um dia de labôr insano, não chega para uma camisa, e é tudo o quanto ha de mais comesinho, de mais ingrato.

Isto não é filosofar. E' procurar o meio de fazer compreender que a vida, tal e qual como vae, é impossivel. E' impossivel, não só em Portugal, onde a podridão social alastra assustadoramente, mas lá fóra, nas nações mais ricas e mais prósperas.

Que ponham, nesta situação dúbia, os olhos os grandes economistas de todo o mundo.

O problema tem que resolver-se, pois a humanidade está atravessando uma faze melindroza, de manifesta decadencia.

Decadencia moral e fisiológica.

Uns chamam-lhe a natural determinante das leis da evolução, outros uma latente má interpretação das coisas da vida.

Seja como fôr, a humanidade caminha a passos agigantados, e impensadamente, para o precipicio.

A terapeutica acusa um definhamento de raças e de energias, que lentamente nos abeira da derrocada.

Um sentimentalismo mórbido, doentio, atúa nas almas duma maneira ruinosa e tenaz, e a vitalidade dos seres escapúle-se ao menor esforço.

Os povos lutam, lutam até tombarem nos campos de batalha, e isso não é mais do que uma singular manifestação de atrazo humano, pois esses ódios impertinentes são filhos legitimos duma ambição desmedida, duma má compreensão das coisas e dos homens.

Milhares de famintos ficam sem vida, milhares de criancitas sem pão nem pae, e a onda rola, gira, até afogar tudo em sangue, depois de tudo haver mergulhado em pús.

A onda rola e caminha a sua natural dirétriz de destruição inconsciente, depois de haver afundado milhares de consciencias sem léme, sem sentimentalismo, completamente pervertidas.

E' a barbarie em festa, gozando os seus feitos de canibal.

Em festa sanguinolenta, de crápula e de bandalheira. E' a festa dos preversos e dos máus.

E depois—estão aqui os certos vaticinios dos logicos raciocinadores—desses imensos campos de luta e de egoismo, em que se degladia e trocida mutuamente a humanidade, — homens odiando-se e matando-se á ordem de meia duzia de egoistas e teimosos, vivendo no luxo e no conforto — advem sempre a morte lenta e o definhamento dos povos afastados e alheios a contendas, só pensando no futuro dos filhos e no bem-estar das gerações vindouras.

E' por isso mesmo que a gente vae ao campo e lamenta, deplora a sorte dêsses pobres camponezes semi-núS, descalços e mal alimentados, contudo, sempre alegres e prontos para contribuir, com a sua quota parte, para o bem-estar colectivo, para que vivam desafogados aqueles dos seus irmãos a quem o Destino não fadou de eternos párias, mas de imortais e gloriosos obreiros dum mundo melhor, mais equitativo, mais justo e mais humano.

Pensadores, vêde! Isto está mal dividido. Se foi um *Deus* que fêz isto, como pretendem os da velha Roma, esse *Deus* é, quanto a mim, o maior e o mais eximio dos patifes que o sol acalenta.

Além está um camponez, descalço e semi-nú, olhando-me desdenhoso. Não gosta de ouvir dizer mal de *Deus*. Que santa, que abençoada é a sua inorme ignorancia.

Ele ri, emquanto eu choro. Eu choro com dó de ele, ele ri-se de mim a bom rir.

E' que, com 360 reis, ganhos ao fim déspota duma estopante jornada, cavando de sol a sol e dormindo ali nas pedras, o pobre aldeão é bem mais feliz, vive bem mais contente do que eu vivo.

Coração ao largo, alcool para o estomago, pau em casa em vez de pão, e ele lá vae andando, com 360 reis por dia.

Mas a broa está cara, e tem que se comer dura como ossos.

Que atente nisto a Republica portugueza, porque, com esperanças de ela remediar o mal do povo, é que nós a vamos mostrando pelos campos e oficinas, fazendo-a adorada em toda a parte.

E' que a bigorna e o martelo são os melhores esteios desta Republica que nós sonhámos generosa e boa. Uma Republica popular.

Almeida Junior.

Consultas médicas

Vão brevemente realisar-se na Farmacia Monteiro, desta localidade, consultas médicas, gratuitamente, para serviço do público. E' um melhoramento util á população local, tanto mais que nos consta ser o clinico contratado para tal fim um medico habil e experimentado.

CRÓNICA DE LISBOA

A minha mente de humilde recluso na cela do meu Porto havia arquitetado castelos de ilusões por sobre o nome pomposo déssa Lisboa que um Tejo banha e um céo azul cobre suavemente, religiosamente. Fantasiára-a mais garrida, mais vistosa, mais elegante do que ela, afinal, se me apresenta. Julguei que as suas mundanas, emproádas e airosas, iriam, como em Paris, nas faustosas *charrettes* não ao Bosque de Bolonha, mas á Avenida da Liberdade fazerem as suas digestões e cativarem os seus compradôres. Calculei que essa historia de rufias, facadas, Alfama e Bairro Alto, não passava duma lenda para aterrar crianças, ao canto da lareira, em noites invernosas.

Sim, eu sofri uma decéção bem crúa, por sinál. Que Lisboa fôsse corrúta já eu tinha previsto, mas uma corrúta elegante, uma corrúta airosa, uma corrúta *chic*. Mas não. Sómente pude vêr um pôvo de basbáques que por um futil motivo afluem, enchendo o Terreiro do Paço; uma infinidade de motocicletas, trens e automoveis pondo em risco a vida a um caminhante; uma miriade de rameiras infelizes que, por qualquer pedaço de pão, vendem amôr e siflis á mistura...

E a *grande roda?* Ah! sim, tambem vi matronas arrastando veludos, rescendendo *patchoulí* e iodoformio, mas essas... essas creio que eram gente honesta. Tambem vi uns tipos de chapeu de tela falando muito no *gajo* mas esses... esses julgo qne eram honestos e abastados banqueiros.

Do restante, tudo era ordinario, comum, vulgarissimo.

Quando pisei o Terreiro do Paço e na minha frente surgiu o colossal D. José, eu dei tratos á minha pobre memoria que já tinha visto aquele burgêsso não sabia onde. De repente, lembrei-me: fôra no Bom Jesus de Braga, o S. Longuinhos tão faládo, tão milagroso e tão garrido nas suas trinta arrôbas de pedregulho. No Rocio, egual exitação de reminiscencia. Por fim, recordei-me: o D. Pedro IV que ali se encarrapita tão alto, dá-nos a ideia da Virgem do Sameiro, com diferença no sexo, salvo seja!

No final de contas, Lisboa é a mesma depravada, a mesma devassa, a mesma corrúta que a *Civitas Virginis*, com a diferença simples de sêr um pouco maior.

Não me deslumbrou a sua gala aparatosa que vai de cidade em cidade, de vila em vila, de aldeia em aldeia, apregoada pela trombeta fantastica da Fama.

Não, Lisboa não me surpreendeu. Possue um Tejo enorme coalhado de máquinas de bem assassinar? Tambem o Porto possue um Douro, senão tamanho, mais poetico, mais sussurrante. Possue um Rocio? Tambem o Porto tem praças, senão tão extensas, mais agradaveis e mais convidativas ao recreio. Possue uma Travessa da Palha coalhada de rameiras? Tambem o Porto tem viélas repletas de infelizes e tantas, tantas que chegam a dar contingente para a princeza do Tejo.

Em suma, Lisboa não me satisfez tanto quanto a minha mente a idealisára.

Lisboa, 14—4—13.

Gomes Monteiro.

O Dia 20 de abril

VIVA A LIBERDADE! ABAIXO O CLERICALISMO!

Passa hoje a data gloriosa da publicação da Lei da Separação da Igreja do Estado, decretada pelo eminente estadista dr. Afonso Costa, no momento em que a reacção preparava as suas garras odiosas para esmagar o espirito nacional, que começava a ressurgir para a luz e para a clara emancipação do Pensamento.

O Dever, sem caráter algum politico que o distinga no jornalismo, mas tão sómente identificado com as ideias de libertação e de confraternização humana, saúda hoje entusiasticamente o autor do diploma que extinguiu os jesuitas em Portugal e que deu um golpe formidavel no clero português, tão nocivo e tão daninho para a sociedade presente e futura.

A Lei da Separação veio na hora precisa em que, para garantir a estabilidade da Republica e a defeza da Patria, era necessario demolir a causa determinante de muitos desequilibrios sociais e de muitas lutas intestinas: a influencia do padre. Este, para conseguir os negregados fins a que aspirava, recorria a todos os expedientes, ainda os mais ilicitos.

O dogmatismo era a pedra de toque em que ele requintava todos os seus processos satanicos. Depois vinha a exploração escandalosa em que era posto á prova o espirito humilde e acanhado do povo. Este pagava oficios pela morte dum parente, pagava anualmente a congrua como hoje paga uma contribuição ao Estado, e ainda em obediencia passiva aos negros propositos dos ladrões da bolsa e da consciencia popular, haviam de dar todos os anos o *folar* ao seu paroco.

Isto era infame e nojento. Era peor do que o assalto do facinora á bolsa do viandante. O facinora rouba ás escondidas, e, quando rouba, é apenas o dinheiro que encontra; mas o padre em todo o tempo tem roubado sempre, e ás claras, o dinheiro e a honra do cidadão. E' o reptil mais imundo e o peor dos bandidos. Serve-se do confessionario para inocular no espirito dos incautos o virus peçonhento das suas negregadas doutrinas, e para enodoar a consciencia sem mancha de muitas mulheres e de muitas crianças.

O padre teve um ascendente moral sobre o espirito das populações como nenhuma outra classe chegou ainda a ter. Fortificado pelo imperialismo do Vaticano, era em cada freguezia o regulo das multidões, absorvendo a vida, o pensamento e o sangue do povo humilde e trabalhador.

Vivendo nas trevas e nas trevas gerado, não queria, como ainda hoje não quere, a luz clara e radiante no cerebro do povo, afim de que este não desvenda os miseraveis processos de que ele se serve para o esmagar e escravisar.

Foi por isto que veio a Lei da Separação; foi para acabar com todo este tremedal e com todo o sudario de baixezas e de infamias, praticadas pelo clero, que se delimitaram os campos duma maneira formal e logica: ao Estado ficaram pertencendo os cidadãos dignos e honestos; á Igreja, os jesuitas de casaca e sotaina, que não podem passar sem a agua-benta intoxicada pela lepra dos padres e dos ratos de sacristia.

Aos governos da Republica cumpre fazer respeitar todos os artigos e circulares inerentes á Lei da Separação, não permitindo que a causa de todo o nosso mal social — o cléro — possa fomentar discordias e perverter consciencias por todos os meios que lhe são peculiares.

Só assim poderá ser honrado o glorioso diploma que hoje é vitoriado em todo o país, e que é a base indestrutivel da Republica Portuguêsa e o triunfo supremo do Livre Pensamento.

Viva a Republica!
Abaixo a Reacção!

CRÓNICA DO PORTO

Para descançar o espirito, subtraindo-o ao bulicio constante e monótono da cidade, fui no domingo ultimo em passeio á Povoa.

E como eu quizesse banhar-me na luz do Sol e no ar dos campos e admirar a Natureza em toda a sua pujança, escolhi como meio de transporte a bicicleta: faziam-me companhia sete dedicados amigos.

Toda a viagem foi cheia de encantos e atrativos naturais que deleitavam maravilhosamente os sentidos; por toda a parte, a Primavera em toda a sua força e beleza, a harmonia das coisas, fazia compreender-se numa musica suavissima; os prados tinham aos nossos olhos o aspecto de um ceu verde polvilhado de côres várias e parecia sentir-se os efeitos do sol que cria e da seiva que germina e alimenta.

Depois, a viração suave rescendendo perfumes, o chilrear dos passaritos, o ladrido do cão fiel e as casitas brancas de neve á beira da estrada a gargalhar constantes.

Apenas o cansaço e o calor de um verdadeiro dia de Verão nos faziam saír por um momento deste mundo de ilusões tão agradaveis.

E, passou-se o dia sem a menor sombra de desgosto; não tivemos o triste espectaculo dos emigrantes que em massa abandonam o país para noutro procurar uma felicidade que nunca encontram.

Oprime-se o coração quando os vemos amontoados á porta de uma pocilga que ostenta orgulhosamente o pomposo nome de hotel.

Não vimos nesses dias as rusgas policiais, que não teem outros efeitos que não sejam de extorquir algumas multas a tantas infelizes que o infortunio atirou para o lodaçal.

Podemos dizer que, alheios por um dia a todos os males da sociedade, nos encontrámos transportados ao paraizo, senão sentados á mão direita de Deus Padre, pelo menos nos braços abertos da mãe Natureza — o maior, senão o unico de todos os Deuses.

. . . . . .

A' noite, rendido pelo cansaço e inebriado ainda pelo aroma resinoso dos pinhais, adormeci: pouco depois sonhava com uma nova sociedade feita de sãos principios, onde não havia

invejas nem mentiras e onde a intriga politica era uma palavra vã.

Depois, o meu espirito voou ás mais altas regiões do Olimpo e evoluiu, como um *aeroplano* em graciosos requebros, cortando o infinito em todas as direcções.

16 de abril de 1913.

Santos Machado.

Ferro-viarios de Portugal

O numero 10 do *Ferro-viario* vem demonstrar-nos que nem tudo está perdido.

E com efeito, nós que chegámos a supôr que não havia maneira, já agora, de enveredar por caminho reto e logico, com respeito a classe, a solidariedade colectiva, vemos e temos aqui um jornal que pela fórma clara mas ponderada, ás vezes sentimental, como expõe, nos dá a ideia de que agora vamos para onde devemos ir.

E tão sensato se nos afigura a doutrina, tanta ponderação e tanto criterio lhe encontrámos, que não fugimos á tentação de transcrever do nosso colega este belissimo bocado da prosa, que é bem uma pagina de oiro, uma gloriosa pagina de jornalismo ferro-viario.

Lêde com atenção:

Falando claro

Basta, senhores, com tantas elegalidades e violencias. Dai a Cesar o que é de Cesar. Já o dissemos e não nos cançaremos de repetir: faça-se justiça e levantemos-lhe templos, desfolhemos rosas no seu altar, veneremo-la, porque só com ela nos poderemos entender, só com ela devemos contar. A escravidão fez carreira, mas tem de cair como tudo quanto estorve a evolução da humanidade; e nós pequena particula dessa mesma humanidade, evolutimos neste momento, procurando conquistar o nosso logar para que o nosso proceder de hoje, a nossa luta pelo Bem e pelo Belo, sirva de ensinamento aos vindouros. Seremos sacrificados? Embora. Mas que do nosso sacrificio alguma coisa resulte de util para a classe, porque a felicidade dos pobres não tem historia, mas tem alicerces cheios de sacrificios, lagrimas e desventuras. Somos poucos na luta? Que importa! Caminhemos, busquemos defender os principios, nobilitemos os nossos designios e demonstremos que a força que de nós emana reside na convicção arreigada em um futuro mais livre e risonho.

No entanto, o nosso dever á caminhar, é ensinar aos que fraquejam que a vida não é nada perante a eternidade, e que os homens, para se imporem legando á posteridade exemplos de amor e dedicação, teem fatalmente de lutar, de sacrificar-se, por que de sacrificios é tsda uma vida, quando ela constituia uma unica aspiração tendente a melhorar e a aperfeiçoar as condições morais e materiais duma classe.

Até hoje a classe ferro-viaria tem tido poucos dedicados e destemidos defensores. Pois bem; é necessario que ámanhã a sua galeria conte nomes que a engrandeçam, sejam eles A ou B, contanto que a dedicação seja nobre e desinteressada.

Amar uma classe, defende-la até á ultima extremidade, lutar pelas suas reivindicações, guia-la, desenvolve-la — se porventura irientação não tiver, — são cometimentos que só devem praticar-se na obscuridade, porque a gloria, a satisfação do dever cumprido não deve ser um atributo proprio de vaidosos, mas sim de pessoas conscienciosas; porque a verdadeira glória, a verdadeira satisfação consiste, não nas felicitações e vivas, mas apenas na consciencia individual, porque ela é a origem de todas as dedicações. Popullaridade, vaidade, elogios, tudo isto é nada; é lama que quase sempre salpica os que exploram êsse *sport*, e que utilidade não tem. E, por ser assim, a classe carece sómente de dedicações sólidas e desinteressadas, de homens conscientes e destituidos de vaidados, que não façam da classe escada para subirem na escala hierárquica para ámanhã olvidarem os que os guindaram aos faustos do poder; por isso, neste momento é preciso encontrar os bons e os dedicados, por que talvez em breve seja preciso saber-se com quem a classe deve contar.

A Companhia caminha de afronta em afronta, buscando impelir-nos, sem dó, para um movimento de exploração politica, porque o que ela pretende, além do nosso suor, é a ruina completa da classe, afim de melhor a escravisar, continuando a praticar toda a sorte de injustiças.

Que se precavenha o público, que se defendam todos das más intenções de quem sempre demonstrou tais designios, são os nossos ardentes desejos, na certeza, porém, que se o publico quizer xerdades para saber como lhe defendem a vida e a algibeira, *se os snrs. acionistas e obrigacionistas quizerem saber como lhes zelam os seus capitais, que o digam;* e lego que haja oportunidade, tudo se demonstrará, e, por agora... temos dito.

E se assim continuarem, terão todo o nosso leal e incondicional apoio. E' preciso educar e reviver.

Cezar.

CARTA DO PORTO

E' deveras ridicula a forma porque meia duzia de monarquicos cabeçudos ataca o dr. Afonso Costa, mas tambem é deveras triste a desunião atual da familia portuguesa: seria bom que uns e outros se compenetrassem dos seus deveres, para com a patria de quem todos são filhos e guardassem para outros fins a sua teima obstinada e amor proprio, que são a unica causa do estado letargico em que nos encontramos.

—— No passado domingo, realisou-se a visita do ilustre Chefe do Distrito a Vila do Conde e Povoa, a qual foi muito concorrida, estando a ponte e entrada da vila vistosamente embandeiradas; a beleza de um dia verdadeiramente primaveril, concorreu admiravelmente para esta festa.

—— O rei de Montenegro, firme no seu proposito, quere vencer ou morrer em Scutari, ou então abdicar; a diplomacia europeia que nada soube fazer, que nada soube evitar, intervem agora para obrigar o petirito a levantar o cerco!? agora, depois de uns e outros exgotarem os seus tesouros e sacrificarem milhares de vidas.

Oh! a diplomacia europeia...

—— Causou viva impressão no Porto o terceiro atentado contra o rei de Espanha; o povo, na Praça, lia ávidamente os *placards* e admirava esse homsm que parace invulneravel. Eu, por mim, reprovo todos os atentados pessoais sejam contra quem fôr, e parece-me bem que a bala que ha de matar Afonso XIII ainda não foi fundida e que, se tiver de ser morto por alguma bomba, ainda ha nascer o inventor do explosivo com que ela ha de ser fabricada.

Por outro lado o ditado: *Tantas vezes vai o cantaro á fonte...*

E, não sou mais extenso; o meu amigo Querubim espera-me, e, além disso, o meu amigo Gomes Monteiro tinha mais geito, mais tempo e mais paciencia para estas coisas.

De resto, este mundo são dois dias, e... não te rales.

Porto, 16 de abril de 1913.

Matossan.

NOVO ADMINISTRADOR

Tomou posse, no dia 18, do cargo de administrador do concelho de Montemór-o-Velho, o cidadão Antero da Veiga, que sabemos ser um espirito justiceiro e liberal e um caracter francamente republicano, com o que muito terá a lucrar a população do concelho.

Ao novo e ilustre funcionario apresentamos os nossos cumprimentos.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

LIII

Primeiras apreensões sobre o governo do sr. Afonso Costa — A nossa atitude atual — Palavras justas do sr. presidente do ministerio ácerca da melhoria de situação dos professores primeirios — O espírito versátil de certa imprensa...

Durante toda a nossa vida jornalistica um norte nos tem guiado sempre — a justiça. E assim queremos continuar, convictos de que trilhamos o melhor caminho. Póde ás vezes — e algumas já tem acontecido... — a exteriorisação do nosso modo de ver ser nos prejudicial, porque nesta sociedade depravada, não são, por via de regra, a justiça e a sinceridade que triunfam. Mas a consciencia não é uma palavra van — e ela nos tem compensado de muito dissabor.

Mas vem isto a proposito... Ah! Vem isto a paoposito da nossa atitude para com o governo presidido pelo sr. dr. Afonso Costa. Como os leitores talvez ainda se recordem, quando ele subiu ao poder, nós, couraçado pela nossa absoluta independencia politica — dentro da República, claro está — e resalvando embora a nossa velha admiração pelo eminente estadista, com quem mantemos relações desde os tempos incertos que precederam o 28 de janeiro, — recebemo lo friamente, com o desassombro que nos caracterisa. Tivemos para isso as nossas rasões — rasões que estamos convencidos deixaram de subsistir.

O sr. dr. Afonso Costa cortou no orçamento, logo de entrada, algumas verbas importantes destinadas á instrução primaria. Isto não nos impressionou bem. Entrado em tal caminho, pouco consentaneo com o tempo e com as nossas circunstancias atuais, aonde levarão o chefe do governo os seus pruridos de economias? — pensámos nós. Além disso, certa gente então se gabava de ter grande influencia junto dêle, e tal influencia só nos podia ser prejudicial. Permitam-nos que nos não adiantemos mais sobre este ponto — porque julgamos saber que tal gente já foi posta a devida distancia da presidencia do conselho. Com isto todos ganharam. Mais tarde, o sr. dr. Afonso Costa, a proposiio não nos lembra de que projecto, declarou no Senado que não estava disposto a aumentar nem um ceitil nos ordenados do funcionalismo — portanto, tambem nos dos professores primarios. Nova confirmação para os motivos da minha frieza, que nem as cartas de dois camaradas amigos conseguiram dissipar. De resto, tudo continuava como dantes...

Ora as coisas apresentam-se-nos hoje sob outro aspecto. E nós, guiado sempre pela justiça, vimo-lo constatar com prazer. — Com a entrada do dr. João de Barros na Direcção Geral, o magisterio primario começou a ser tratado com mais consideração. Têm sido revogadas portarias que o vexavam; e muitas das verbas que ha anos o estado lhe devia foram já pagas. No Senado, com consentimento do ilustre ministro do interior, passou o aumento de 60$000 rêis. E' verdade que já vimos em qualquer jornal que esse aumento e só para os professores que forem diplomados pelas novas escolas normais. Mas nós não acreditamos tal coisa — tam disparatada a achamos. Finalmente, o sr. dr. Afonso Costa, ha dias, fez no Parlamento as seguintes importantes declarações: — «Diz que toda a sua administração tem visado a reduzir o *deficit* ao minimo e a aumentar o mais possivel os rendimentos publicos. Mas dirá que nos proximos orçamentos as despezas devem subir mais 5 ou 6 mil contas, por serviços mal dotados, como os da instrução, que reclamam mais dotação e mais importantes sacrificios do tesouro da Republica. Sobretudo os funcionarios da instrução primaria reclamam melhoria de situação imediata, urgindo que se inscreva no orçamento a verba precisa para se aposentarem aqueles que se forem inutilisando em serviço e a que fôr necessaria para se pagar melhor aos professores. Sem isso, jámais os serviços da instrução alcançarão em Portugal o grande aperfeiçoamento que devem atingir. Gastar como até agora se tem gasto é, pelo menos, inutil.»

Em face de tudo quanto ai fica, a nossa atitude tinha fatalmente de modificar-se. E modificou-se. Esperamos que o bom caminho que as estancias superiores começaram a trilhar não seja abandonado e que as promessas feitas tam perentoriamente pelo sr. dr. Afonso Costa tenham realisação no menor espaço de tempo possivel.

...Mas porque diabo será que certa imprensa diaria esperava tudo do chefe do governo, quando nós apontavamos factos de que podia inferir-se o contrario, — e agora, que factos tambem nos levam a mudar de atitude, essa mesma imprensa o ataca rudemente?

Misterios profundos...

Prof. Manoel José Antonio.

ALTOS PRINCIPIOS

Educação moral e cívica

V

O Estado

Uma sociedade organisada politicamente, ligada por interesses comuns, e vivendo livre e independente dentro da Lei, dentro do Direito, é o que constitue o Estado.

O Estado sem a lei é como o navio sem leme: voga desatinadamente, sofre o embate das ondas, choca-se contra os escôlhos e, por ultimo, naufraga na voragem que aniquila.

E' necessario que exista o equilibrio entre todos os cidadãos, e que ao seu espirito presida o respeito mutuo, não só pela dignidade que deve enobrece-los, mas tambem pelos interesses que os enlaçam e que os manteem na vida social.

E' necessario que o corpo politico da nação encarne a Justiça, que deve sancionar todos os actos; a Justiça que afirma o progresso e a respeitabilidade que deve abroquelar um Consciencia, e por cúpula frondente a Justiça e o Direito.

O Estado, para ser grande, para ser digno precisa de fundamentar-se no poder moral que estabelece a civilisação e que aumenta o aperfeiçoamento dos caractéres, que hão de escrever com letras d'oiro a lei que fraternisa e que protecciona, a lei que, embora rigorosa, compreende os beneficios a que tem direito a comunidade humana.

A lei egoista não deve o Estado perfilha-la. A lei essencialmente opressiva, contundente, absolutista, que é muitas vezes um dogma dentro de toda a sua dureza, não cabe nos dominios da Liberdade, do Progresso e do Bem universal.

E' necessario uma lei que não seja amputadora da consciencia, que, em vez de aviltar a dignidade, a eleve e a consolide, em vez de criar sectários do erro e do indiferentismo, comece de formar apóstolos do progresso e do livre-pensamento.

O Estado tem de ser antes de tudo o exemplo do Dever que assegura o Direito.

(Continúa).

pais; a Justiça que perfilha os méritos de cada um e os sobreleva á craveira nobilitante e condigna; a Justiça que dá o prestigio e o caracter a quem verdadeiramente a idolatra e a venéra.

O Estado sem a Justiça é como o homem sem a Rasão: divaga e não relaciona; cuida que vê e enturva-se-lhe a vista; começa de meditar e cai numa crise de desespero que o enfraquece e o inutilisa, e, por fim, o arruina, tornando-o objecto de comiseração, impossivel de se salvar.

Bastantemente educado e consciente, o Estado impõe-se, o Estado floresce. Já as familias se irmanam, já a sociedade se unifica, já a liberdade não vai até á licença, já o scéticismo não enfraquece os grandes principios, nem o preconceito subverte os espiritos, armados com a Verdade perfeita e una.

O Progresso deixa de ser uma simples palavra para ser um facto legitimo; porque então as ideias, capazes de evolucionar mundos, começam de fermentar energicas e indestrutiveis, e asseguram a estabilidade da vida prospera da nação, da vida que tem por base sólida a Rasão e a

Notas pessoais

Partiu ha dias para Lisboa o nosso presado assinante sr. dr. Seiça e Castro, inteligente facultativo da freguezia de Cadima.

O sr. dr. Castro foi mordido por um cão que se supõe atacado de hidrofobia, indo receber curativo no instituto bateriologico da capital.

Que seja feliz.

Horas de insónia

Canta a passarada, em festa, nos álamos distantes. E a agua corre mansamente, a murmurar canções suaves, deleitosas canções de amôr.

E emquanto a natureza, em festa, sorri para toda a gente, agonisa ali em baixo, no seu leito de morte, um pobre tísico. E' o fado da Vida!

Quanto mais ele sente que se lhe escapam os dias da existencia, quanto menos dias conta para viver, tanto mais intimamente, mas sarcasticamente olha para tudo *isto*, cuja podridão enorme constata, cujas pústulas gangrenosas não ha meio de cicatrizar.

A Sociedade que o iludiu, esta sociedade que envenena as almas e perverte as consciencias a troco de hipocrisias, continua ululante de orgia, caminhando de canalhismo em canalhismo, até que, afundandando-se em lama vil, conspurcando-se, termine por se assassinar a si propria deixando em paz os desiludidos que por ela foram levados á porta dos tribunais, ao banco dos reus, á cela dos condenados e por fim á sepultura.

Voltaire cantou a Vida, a Vida dos tristes e dos desgraçados, e por fim morreu tambem, mais desgraçado do que viveu.

E' assim que acabam todos aqueles para quem o ódio é um linitivo ao desabafo.

E com efeito, a vida é um engano.

E' que o pobre tisico agonisa, no seu humilde leito de morte, e por essas ruas fóra, tonta de prazer, bêbada de orgia, a sociedade ri á gargalhada.

A prostituição infamante exubera-se a cada passo, a cada esquina de centro concorrido está a baba peçonhenta a contaminar algum ingenuo que despreocupadamente passa.

...E lá longe, nos álamos distantes, a passarada, em festa, chilreia madrigais sentidos.

E a agua corre, mansamente, murmurando deleitosas canções de amor. E' o hino da Vida, é o triunfal hino do trabalho chamando os pobres camponezes ao arroteamento da terra produtora.

Almeida Junior.

Poetas e prosadores

Noivado estranho

A...

Quizera amar-te muito, ó Gemea do Luar,
Num sonho excepcional só de caricias feito,
Abençoar o ceu na luz do teu olhar,
E a alma adormecer na curva do teu peito.

Quizera amar-te sempre, ó Branca como arminho,
E casta como a pomba em seus arrulhos dôces,
E em troca deste amor, viver do teu carinho,
Que eu não vivia, não, mulher se tu não fosses...

Passar a vida inteira a ver-me nos teus olhos,
Apenas ter ventura em vez de ter abrolhos,
Beber o teu sorrir, e as maguas esquece-las...

E quando a morte viesse e nos levasse a ambos,
Realisar-mos então os desejados tambos
Na Igreja do Além... em meio das estrelas!...

Março—1912.

EDMUNDO DE AZEVEDO.

Gremio de Instrução e Recreio da Pampilhosa

Assistimos, na quinta-feira, á primeira sessão cinematografica, levada a efeito nesta simpatica e utilissima casa de instrução e recreio, um dos mais bem acabados teatros da provincia.

Foram 2 horas admiravelmente passadas, e em que a gente esqueceu, ao menos por alguns momentos, o tumultuar agitado desta vida que nos consome e estiola.

Hoje haverá nova sessão, á mesma hora e com os mesmos preços.

Exibir-se-hão 8 magnificas fitas novas, a que por certo não faltará, outra vez, o ruidoso aplauso do publico.

O *Dever* aproveita a oportunidade e agradece, reconhecidamente, á distinta direcção, a cativante amabilidade da oferta dum bilhete permanente, continuando a pôr, como até aqui, as suas modestas colunas á inteira disposição dos ilustrados corpos gerentes, com cuja valiosa amisade conta.

As propinas em fóca

A questão das propinas não devia ter sido ventilada por mim, que nunca delas vivi, nem espero viver. Antes pelo contrario, recusei um dos logares mais rendosos sob este ponto de vista, como poderei provar com documentos a quem disto duvidar. Ventilei este assunto, sim, e fil-o com tanto ardor como que se da solução deste problema dependesse um dos principaes interesses da minha vida.

Nada disso.

Abordei-o, porque penso interpretar o sentir dos muitos que, atidos a elas, e sómente a elas, se sujeitam ás mais crueis amarguras, chegando mesmo, e na sua maioria, a abandonarem, não só a sua terra natal, como ainda a sua familia, que tão querida lhes é. A situação falsa e duvidosa em que se encontram estas criaturas, ha-de, por cérto, ir melhorando, á medida que elas, como unicos interessados, foram compreendendo que, sobre este torrão, e dentro desta abóbada celeste, todos teem direito á vida e a trabalhar dentro da sua esfera d'ação, e que só desqualificados deixarão de perfilhar a necessidade de remonerar esse trabalho com um vencimento fixo que permita a tranquilidade da vida a um chefe de familia.

A substituição das propinas por um vencimento fixo, parece, á primeira vista, uma coisa dificil, mas eu demonstrarei que ela é simples e vantajosa para as tres partes: patrões, criados e publico. Quem, como eu, não *mirar* com indiferentismo as necessidades dos nossos semilhantes, não deixará, por certo, de me dar o seu apoio. Como uma das primeiras clausulas do programa dêste semanario é pugnar pelos interesses das classes trabalhadoras, e tal programa tem sido cumprido integralmente, eu voltarei ao assunto para demonstrar, tanto quanto possivel, a possibilidade das minhas afirmações. Quando me não restar duvidas que esta doutrina é bem acolhida pela classe a que me refiro, eu começarei por concretisar o que, por agora, simplesmente lembro ser um dever remediar.

Lisboa, 18—4—1913.

M. d'Almeida Junior.

Excursão

Alguns ciclistas de Cantanhede promoveram no domingo passado um passeio á pitoresca vila de Montemór-o-Velho, passando por Tentugal e Zambujal.

Era em numero de 57 ciclistas e 4 carros com senhoras e cavalheiros.

RECREIO CHARADISTICO

Decifrações do numero 59: — *Cama, Carolina, Biscoito, Porta, Papel, Linanil, Bafo-balofo, Bemtevi.*

Charada

1) Para descanço—2
ás tuas dôres,
busca animal—1
que muda as côres.

Bohémio.

2) Disseram que Pio X—2
Era pessoa ladina,
Que era pardal, era ave..—2.
Era ave de rapina.

Nitrato.

Novissimas

(A «Liames)

3) Beba, com alegria, pela Republica 1-2-2.

Sun-Yat-Sen.

4) A nota suspende na tua *cara*—1-1.

Liames.

Metamorfóse

5) A vide está no vaso.—2 (P. J.)

Lemo.

6) Vê-se na doca o apelido.—2 (D. B.)

Pai-Piri.

Tipográfico

7) C anfibio

Vulcão.

CORRESPONDENCIAS

BARAÇAL, 16

INTERESSES LOCAIS

Ao darmos o nosso passeio habitual, por uma manhã fresca desta primavera em flôr, fomos encontrar, junto da linha do Caminho de Ferro, duas esbeltas crianças guardando um pequeno rebanho de gado, e cantando a deliciosa e arrebatadora musica da *Portugueza* com alguma correcção.

Aproximámo-nos do casal, pois eram, como já dissémos, duas criancitas de extrema galanteria, como galantes são todos os pequerruchos. Uma era do sexo feminino e outra era do sexo masculino. A mais velha tinha, apenas, 7 anos de edade.

— Muito bem—lhe dissémos nós; mas devem aprender a letra, para o canto ser mais completo, mais ameno, mais deliciosamente belo.

Responde-nos a do sexo masculino, dizendo-nos que já sabia a letra, mas que não a diria, porque a sua irmã a não sabia ainda.

— Que edade tem sua irmã? — inquirimos nós.

— Oito anos, — me responde a creancita; e não admira que meu irmão saiba a letra, porque lha ensinou o sr. Professor na escola.

Como nós, as meninas, não temos escola, não admira que não saibamos estas coisas tão lindas, porque não temos quem nos ensine as primeiras letras e nos eduque, como se faz n'outras terras mais pequenas que o Baraçal.

E diziam isto, as pequerruchas, como que compreendendo a falta da escola.

Abraçámos os pequenitos e continuámos o nosso passeio, a que a medicina nos sujeita ha longos dias. E que dias de tortura e saudade!

Teve rasão aquela pequenita quando disse que, noutras terras mais pequenas, existe professora para as educar e ensinar a ler.

Não posso, pois, deixar de continuar a clamar nas colunas do *Dever*, para que seja criada nesta terra uma escola para o sexo feminino, com a maior urgencia. E' inadiavel.

Os pais das creancinhas choram de pranto, desgostosos, por verem que o Baraçal jaz esquecido no que respeita a instrução, que tão precisa se torna para a emancipação do povo trabalhador, do povo que quere emancipar-se, que tem sêde de luz espiritual, mais do que de pão, ás vezes.

Já aqui temos apontado esta falta extraordinaria da escola, e mais esta vez pedimos ao sr. Governador Civil do distrito, ao sr. Presidente da Camara, e tambem não esquecendo, é claro, o sr. Pedro Boto Machado, muito digno Senador e representante deste povo, o caso da escola do sexo feminino a criar nesta localidade.

Anunciam os jornais de 14 que o sr. Boto Machado vae ser nomeado governador de S. Tomé.

Antes de sua ex.ª partir para o seu posto de alta importancia, pedimos-lhe que olhe para o Baraçal, e que a sua alta influencia faça com que a escola seja criada sem demora.

Como sua ex.ª é um dos mais benemeritos da instrução popular, o povo do Baraçal confia em que o atenderá num pedido tão justo, quanto é de justiça que o governo o faça.

E', pois, com o maior dos respeitos que pedimos a sua ex.ª não descure o assunto da escola e da estrada do Arraial ao Porto da Carne, e do Baraçal ao Maçal do Chão, antes da sua retirada para a Africa.

Fernandes d'Almeida.

MONTEMOR-O-VELHO, 13

Esteve nesta vila uma excursão de Cantanhede da qual fazia parte elemento feminino, que sempre concorre a animar estes passeios. Alguns rapazes foram ao seu encontro em beciclete dirigindo-se em seguida todos á sede do Monte-Pio onde eram esperados por grande numero de socios. Houve o competente foguetorio durante o trajeto e á chegada ao teatro onde, segundo me consta, houve discurso e vivas, seguindo os excursionistas visitar alguns pontos mais pitorescos cá do sitio. Seriam umas 15 1|2 horas pouco mais ou menos quando os excursionistas se retiraram, sendo acompanhados até distancia por muitas pessoas.

A' noite houve espectaculo no teatro Ester de Carvalho, pelo Grupo Dramatico Sá de Miranda, de Coimbra, subindo á scena a peça historica em um ato *Morte de Marat* e a comedia em um ato *Um quarto d'hora em Rilhafoles*, cançonetas, monologos, etc., que agradaram.

No proximo dia 20 espera-se tambem uma excursão de Coimbra, promovida pelo *Sport Club Conimbricense* e *Club Francisco Lazaro*, realisando os socios do *Sport Club* um sarau no teatro d'esta vila. Prepara-se uma modesta recéção aos nossos visitantes, e oxalá que a comissão encarregada dos festejos veja todos os seus esforços bem coroados, e que Montemór continue mostrando que tem direito ás boas referencias que lhe têm feito.

— A Troupe Dramatica Ester de Carvalho está ensaiando a opereta em dois atos *Intrigas no Bairro*, estando as figuras, segundo nos consta, já mais ou menos firmes nos papeis, o que, sem duvida, se deve á muita paciencia e trabalho do digno ensaiador e do amigo Mota e tambem á boa vontade dos socios.

E' preciso pois avançar e nunca recuar, mostrando assim que em Montemór, onde tudo o que é bom e util morre, com boa vontade e um pouco de sacrificio, ainda alguma coisa se consegue.

C.

CANEDO, 14

Deram-nos a honra da sua visita, tendo aqui vindo de proposito despedir-se de algumas pessoas de familia e amigos, os nossos presados amigos Manoel Agante Abel, José e Joaquim da Silva, acompanhados de algumas pessoas de familia.

Estes nossos patricios partiram hoje no rapido das 10,35, com destino á Bahia, para onde vão ocupar diversos logares no serviço de tração do caminho de ferro de Este do Brazil.

Desejamos-lhes uma feliz viagem e mil prosperidades.

— Chamamos a esclarecida atenção do ilustre cidadão snr. Joaquim da Cruz, para a distribuição da verba de 50$000 reis que a camara da Mealhada tem no seu orçamento destinada aos pobres do concelho, medicamentos para estes, etc., visto que quasi todos os anos a referida verba é apenas distribuida pelos pobres da Mealhada, não gosando do beneficio os do resto do concelho.

Pedimos, pois, que se veja de perto como é feita a distribuição, pois a maior parte dos desgraçados desconhecem que na Camara ha uma verba para eles.

Loureiro.

N. da R. — Sabemos de fonte autorisada que o snr. presidente da Comissão Administrativa do concelho da Mealhada está nas melhores disposições de fazer, no caso referido pelo nosso presado correspondente, toda a sua costumada justiça.

De resto, ninguem como o snr. presidente distribue aos necessitados aquillo que lhe não faz falta.

O seu generoso bolso está sempre amplamente aberto para socorrer todos os pobres. E disso tem dado inumeras provas.

Pampilhosa do Botão, 18

ESCOLA — Qual será o sol que ha-de aquecer e tonificar o sangue á comissão que ha muito tempo se constituiu nesta localidade, com o fim altruista de construir uma casa de escola, de fórma a dar começo á obra? comissão aliaz composta de individuos de toda a respeitabilidade, tanto pela sua posição social, como tambem pelo seu grau de instrução. Naturalmente quer primeiro conduzir para lá a agua do cabeço do lombo, e está á espera que a canalisação se faça; e cuja exploração, diga-se em abono da verdade, tem feito os cabelos brancos ao nosso amigo Joaquim da Cruz.

DEMISSÃO — Demitiu-se de comissionado, para a verificação das contas do teatro «Gremio de Instrução e Recreio», a que nos referimos na nossa correspondencia de 11 do corrente, o nosso amigo João Climaco Bátista, por, ao que nos consta, incompatibilidade com os seus colegas, o que lamentamos, pois o snr. Bátista era um dos que mais competencia tinha para o desempenho de tão delicado assunto, e que melhor boa vontade mostrava para a sua solução, continuando, portanto, a dormir o sono dos justos tão importante questão!

LEI DA SEPARAÇÃO — Em conformidade com o que determina esta lei, no seu art. 56.º, acaba de ser secularisada a capela do cemiterio desta freguezia, pelo digno administrador do concelho e com a assistencia do regedor e presidente da Junta de Paroquia, a cuja guarda provisoriamente haviam sido entregues os objetos do culto religioso existentes na referida capela.

VISITA — De visita ao nosso amigo Albano Cristina, esteve entre nós seu dedicado irmão Alberto, administrador da casa Ferreira Jordão, de Coruche.

CINEMATOGRAFO—Teve hontem logar a primeira sessão cinematografica no nosso theatro, que agradou á numerosa assistencia, entre a qual se viam as pessoas mais respeitaveis da terra. A segunda é no proximo domingo.

Rodrigues da Silva.

Agradecimento

Alfredo Fernandes d'Almeida, não podendo agradecer pessoalmente a todos os seus amigos e colegas que lhe deram as pêzames pela morte de seu extremoso pai, agradece por esta fórma com o mais profundo reconhecimento a todos os amigos e colegas que lhe enviaram pêzames.

O PULGÃO DAS VINHAS

Cameçam a aparecer noticias de toda a parte, dando como fortemente atacadas de pulgão muitas vinhas.

E' agora que as invasões principiam, que os viticultores podem ver-se livres da terrivel praga.

Consiste em aplicar o insecticida 2:004 A. C., por meio de pulverisações, dilnido em agua, na proporção de 1 por 100, isto é, 1 kilo de insecticida 2:004 A. C. para cada 100 litros de agua.

Fazendo este tratamento imediatamente, emquanto a invasão do pulgão está em principio, podem os lavradares, muito facilmente, e com um dispendio relativamente pequeno, ver-se livres dele.

Aconselhamos, portanto, todos os viticultores, quer tenham ou não as suas vinhas já atacadas de pulgão, que se previnam com este producto insecticida, que é o unico verdadeiramente eficaz.

Aqueles que teem já as vinhas atacadas, devem fazer a aplicação imediatamente, e aqueles cujas vinhas não foram ainda invadidas pela praga, nada perdem em fazer tambem a aplicação, porque este remedio é não só curativo, mas tambem e muito principalmente preventivo.

A solução de 1 para 125 tambem dá muito bom resultado e por isso, quer a 1 para 100 quer a 1 para 125, não devem os viticultores deixar de empregar o inseticida 2:004 A. C., na certeza de que terão bom resultado. A unica casa que fornece este produto é a casa O. Herold & C.ª, com armazens em Lisboa, Porto, Pampilhosa, Regoa, Faro e Santarem, a quem ele deve ser pedido.

Vende-se em latas de 5, 10, 25 e 50 kilogrs.

Vinhas adubadas com estrumes e lixos teem mais facilmente a invasão do pulgão do que vinhas adubadas com adubos quimicos.

CANTANHEDE

Milho branco, 560; amarelo, 540; trigo mouro, 780; tremez, 700; mourisco, 700; centeio, 900; cevada, 480; aveia, 900; aveião, 400; arroz, 1$800; serradela, 900; feijão mocho, 1$000; branco, 800; amarelo, 900; rajado, 700; frade, 800; carraço, 800; brazileiro, 960; canario, 900; esvilha, 900; tremoço, 740; grão de bico, 1$200; fava, 620; chicharo, 580; azeite, 2$800; vinho tinto, 800; branco, 900; vinagre, 400; aguardente, 3$000; geropiga, 1$800; batata, 460; lã, 3$400; trevo, 40; azevem, 120; sal, 160; castanha pilada, 1$500 réis.

Dito do fim

E' aqui o café dos asnos? perguntava um gracioso a um creado que se achava á porta d'um botequim.

— E' aqui, senhor, póde entrar...

ANUNCIOS

Agua da Curia

Semelhante á de Contrexeville

Estimula a acção dos rins, que são os filtros do corpo humano.

Experimentai a agua da Curia.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sêde em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

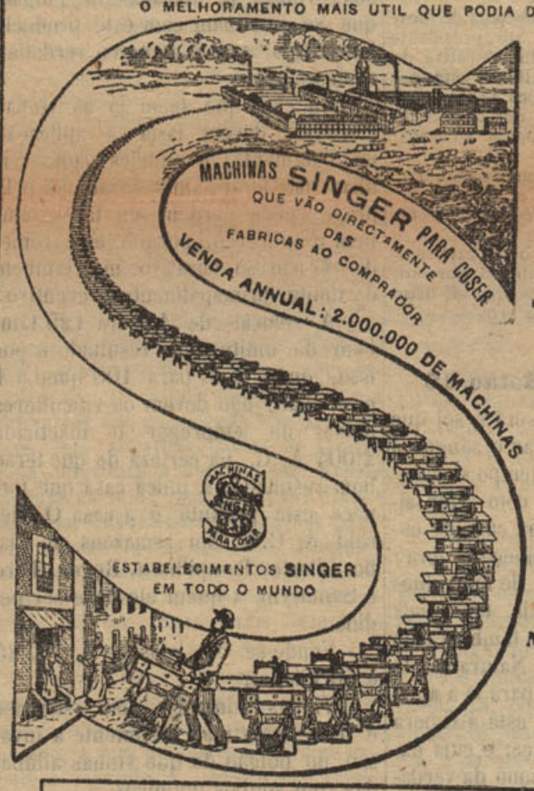
PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

JOSE MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

MODISTA

Máquinas de Costura,
Bicicletes e acessórios

EM CASA DE

José M. Figueira

CANTANHEDE

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.

O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.

Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

MURALINE

Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela faciliddade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = FIGUEIRA DA FOZ

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 2.° Arazêde, 27 de Abril de 1913 N.° 62

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os autografos.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

Portugal e Colonias Portuguezas—Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trismestre, 30 centavos.
Brazil — Ano, 2 escudos, fortes.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO
Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*
Redação e Administração — ARAZÊDE

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR
Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ
Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

CORREIO TELO COIMBRA 28 ABR. 13

S. R. Biblioteca da Universidade Coimbra

A verdadeira defeza nacional

Na medonha barafunda de alvitres para reconstrução de esquadras, de compra de aeroplanos, desses celeberrimos aéroplanos, que hão de certamente hibernar, como os caracois e os morcegos, é profundamente triste e imensamente desanimador que não tivesse ainda havido um espírito forte e ávido de luz que qualquer coisa de bom e de aproveitavel alvitrasse para a instrução.

Enquanto a boa vontade do professor moderno se estiola no meio de quatro anacrónicas paredes, encaixotado em verdadeiras pocilgas, sem ar, sem luz—e, deixem-me dizer, sem pão—, os pais da Patria, tomados de embriaguez belicosa e porventura irrisoria, ocupam-se no fabrico de magnificos *empadões* de balas e de metralha, talvez para substituir o vivificante pão do espirito, que incessante e desapiedadamente nos têm negado!

E' fantástico e desalentador tudo isto!

Não seria mais aproveitavel, mais humano e mais justo que o dinheiro recebido dessas subscrições nacionais, fosse aplicado á criação de escolas e remodelação do nosso material de ensino?

Não seria mais justo e mais nobre que se preparasse o vôo do espirito para a Luz, em vez de se engendrar o vôo da materia para a morte, para o aniquilamento, para a destruição?

Era, indubitavelmente, e os governos do nosso paiz estão fartos de conhecer esta verdade flagrante, mas por uma aberração inesplicavel, todos têm descurado o momentoso problema da instrução do povo.

O espirito forte de Afonso Costa já alguma coisa fez em beneficio do professorado, mas é necessario que se faça mais, muito mais, ou, pelo menos, aquilo que está projectado, mas ainda não realisado, com a indispensavel urgencia que reclama a causa vitalisante da instrução.

O estadista que levasse a cabo a montagem dessa maquina colossal de formar caractéres e patriotas — A Escola —, cobrir-se-ía de gloria, teria cumprido o seu dever para com a Patria e dava, incontestavelmente, no caminho do progresso, um passo agigantado para a *verdadeira defeza nacional*.

Antonio Monteiro.

Coisas simples

Revista mavortica . . .

Se olharmos, embora ligeiramente, para os extrátos que a imprensa diária nos dá sobre o que se passa mundo em fóra, um ponto de avultado relevo nos chama a atenção: de toda a parte o clamor de guerras, em toda a parte a azáfama constante de preparar armamentos e outros petrechos.

¡ E toda a gente diz que caminhamos para a perfectibilidade humana e que a civilisação adianta!

Nesta agitação crescente dos povos vê-se tambem o elemento feminino. Está claro que ninguem de boa fé contesta os direitos da mulher, e a sua ingerencia na politica dos nossos dias não se ressentiria talvez de remeniscências de intrigas caseiras...

Pois deste movimento louco que agita os póvos numa efervescencia constante e belicosa tambem a mulher se ressente. Péde o direito de sufragio; não lho reconhecem? prepara bombas explosivas...

E todos dizem que a humanidade caminha para a perfectibilidade e que a civilisação adianta.

E adianta, não ha duvida, pois quem diria ainda ha poucas dezenas de anos que a mulher havia de dar em portadora de explosivos que não fossem... de graças, ou de petardos que não fossem... de palavriado?!

O ensaio da *ginástica* anarquista tem sido na Inglaterra. Mas as sufragistas, que até aqui têem sido combatidas apenas a tiroteio de chalaças, leváram já uma prova da rialidade dos tempos: a sua chefe foi condenada a tres anos de trabalhos forçados. E as suas prosélitas? Saudáram a sentença com *salvas* de novos explosivos.

Fraco sintoma. Quando o lêma da sufragista devia ser: trabalhar, os factos demonstram este: destruir!

Este mister é bem diferente do que a mulher devia seguir; não só este como aquele outro que no imperio germanico divisamos.

A Alemanha militarista que dia a dia e metodicamente aumenta os seus efetivos de guerra... para manter a paz, não despresa o concurso da mulher.

Se até aqui ela prestava em campanha ótimos serviços como vivandeira, agora terá maior aprendizado na arte de Belona. Serão todavia utopistas as ideias de Witzel? Se o não tôrem a mulher entrará no serviço do exercito. Ela devia ser um simbolo de paz e as ideias do tempo incluem-na no numero dos fautores da guerra.

E todos dizemos que a civilisação adianta.

A êsse conflito balcânico que agora parece estar amortecido por obra e graça da eloquencia diplomática, tambem as mulheres levaram o seu auxilio: umas, mensageiras da esperança, levando o distintivo da «cruz vermelha», lá vão á tenda das feridos chamar á vida os heroicos defensores da patria; outras, pegando em armas como as montenegrinas, empanam o lustre das acções apontadas com o fumo da polvora saindo do cano das espingardas...

O aço com que se fabricavam os dedais, as agulhas e outros utensilios de costura, converteram-se em balas e... penas de escrever.

Contentemo-nos; são frutos da civilisação.

Aurea Judit Amaral.

O ultimo artigo saiu com muitas incorrecções tipográficas de facil emenda; é preciso porém corrigir uma frase: onde se lê «cujas lágrimas derramadas pela morte do irmão» deve ler-se «cujas lágrimas derramadas pela morte do filho».

A.

VIDA PEDAGÓGICA

Questões Vitais. — Educação Popular. — Cartilha Popular. — Novo metodo de leitura.

Neste periodo historico de avançada civilização que atravessamos, uma profunda *revolução* se opera na chamada *metodologia scientifica;* e isto por virtude dos crescentes aperfeiçoamentos e maravilhosas descobertas atingidas pelo espirito humano, cada vez mais ávido de conhecer e prescrutar o que neste *cósmos imenso*, existe de magnificente, de belo e util.

A absorvente e grandiosa luta espiritual, iniciada no seculo ultimo e hoje cada vez mais tenaz e vigorosa, ocasionou a eliminação absoluta daquêles classicos processos e metodos de aprender e investigar, por não mais poderem subsistir subjectivismos, convenções, abstrações dogmaticas e tudo ter de obedecer ao mais perfeito e racional experimentalismo. E esta caracteristica fundamental, verificando-se em todas as esferas do saber humano, tem fatalmente de abranger o inicio, os primeiros passos da cultura mental dos individuos.

Assim é que, ao método do aprendizado inicial da leitura se terá de imprimir esta feição caracteristica e imprescindivel sob pena de, em vez de almas, se formarem apenas seres autómatos.

Ora o professor José Maria dos Santos, com o seu método *Cartilha Popular*, integrou-se admiravelmente nesta orientação nova, pois pela disposição harmonica e gradual, pela escolha de elementos naturais, pelo auxilio dos caractéres moveis, etc., consegue que a criança aprenda a lêr experimentando, tornando-a assim apta e capaz de, por si e livremente, criar e produzir, á face da Natureza outros conhecimentos novos e proprios, o que equivale a dizer que a criança se transforma em um elemento social, autónomo e livre—perfeito alicerce homem do futuro.

Desejâmos hoje intercalar nas nossas considerações sobre este livro, um valioso documento que vem corroborar o que afirmâmos, documento firmado por uma das poucas individualidades que no nosso pais tem consagrado, á magna questão da educação popular, porventura o melhor dos seus esforços e sempre com o mais acendrado devotamento—o snr. dr. Alves dos Santos.

Hoje, professor de pedagogia da Faculdade de Letras na Universidade de Coimbra, foi já o inspector da 2.ª Circunscrição Escolar, e o país teve então ensejo de conhecer as suas poderosas e fecundas qualidades de *meneur* da educação popular.

Eis o aludido documento:

Meu caro José Maria dos Santos:

Convalescente da insidiosa gripe, aqui me tem a obtemperar ao seu desejo.

Li a *Cartilha*, com muita atenção, e acho excelente o método que nela se inculca e preconiza.

Intégra-se, o meu amigo, optimamente na corrente das ideias modernas que, em materia de educação, criaram já uma sciencia nova — a *Pedologia*.

Sim, senhor: rendimento maximo do cerebro com o menor dispendio possivel de energia; ensino, por meio de todos os sentidos, ao mesmo tempo; clareza, ordem, graduação e diferenciação no *processo didactico*, sempre racional e oportuno.

Depois, á parte o respectivo auxilio dos governos (de que Barros já se socorria no seculo XVI), e dos caractéres móveis (que S. Jerónimo já conhecia), o que mais me agrada, no seu *Método*, é a engenhosa simplicidade com que do ensino integral da *letra* passa para a formação natural da *palavra* e desta para o *discurso*. E tudo isto, sem grande esforço, suavemente e gradualmente, e com absoluto respeito pelas leis da Logica e da Natureza.

Muito bem. A *Cartilha Popular* destina-se a um merecido sucésso, porque, além de tudo o mais, desperta o *interesse* da criança, que é o principal mobil da sua atenção; assegura-lhe a *liberdade*, que é a primeira condição do seu desenvolvimento; e finalmente estimula-lhe o *engenho* e satisfaz-lhe a *curiosidade*, que são as molas reais de todo o seu *mecanismo psiquico*.

Bem haja, pois, pelo seu benemerito empreendimento, e oxalá que do espirito dêle se apossem todos os Mestres, para assim triunfar dos preconceitos da rotina que, por nosso mal, ainda impéra na consciencia de muitos educadores!

E póde fazer desta carta o uso que lhe aprouver.

Com muita consideração e estima, amigo *Alves dos Santos*.

Vitor Duarte.

NOTAS

D. Manôlo

Dizem que este *chichisbéu* vai casar com uma princêsa alemã, depois de ter andado na gandaia com umas e outras...

Fazes bem, menino, casa, casa, que podes dar em tísico.

Paivantes

Corre que estes discípulos de Cristo e de Couceiro querem dar-nos nova arremetida. Coitados! Não sabem o que hão de fazer aqueles rafeiros escanzelados, e andam a rondar-nos a porta para ver se lhe damos uma côdea de brôa...

Venham, venham, que abicham mas é um empadão de zagalotes.

O jogo

Afinal a regulamentação do jogo foi condenada pelos democráticos e até pelo sr. Antonio José.

Fizeram bem. Quem quizer jogar, que jogue... mas a feijão ou a grãos de milho.

Jogar a sério, nem um centávo.

O pápa

Está muito doente Pio X. Coitadinho! Mas ainda ele está com todos os olhos obertos, e já ha uma súcia de cardeais a fazer o fadinho á *tiara*. Que fará quando ele morrer.

Até hão de jogar as cristas, aqueles demónios de nariz de rabanete.

Procreação

No parlamento houve um deputado que chamou a atenção do sr. presidente do ministério para os anuncios que alguns jornais inserem sobre a maneira de evitar a procreação.

Pelo que se vê, o sr. deputado, com dinheiro para sustentar alguma caterva de filhos que possa ter em casa ou fóra de casa, entende que os outros estão dispostos a aturar quantos *nénés* possam vir ao mundo.

Que é de *chelpa* para lhes dar o pão nosso de cada dia?

Que o digam os professores primários, que trazem sempre o estômago encolhido e a ver os filhitos de roda deles a pedir pão.

Preservem-se, meninos, *preservem-se*, e deixem cantar o senhor deputado, que está com medo de ver baixar a população de Portugal.

A gréve na Belgica

Estão 400:000 operários em gréve, pugnando pela conquista da liberdade que naquele país lhes querem negar. Os tipógrafos aderiram ao movimento, motivo porque os jornais deixaram de publicar-se.

Querem dinheiro. Não lh'o dão? Arma-se a gréve. E não ha melhor maneira de fazer respeitar os direitos duma classe.

Ponha nisto os olhos o professorado primário, e faça o mesmo se o governo não lhe aumentar os vencimentos para já—e não daqui a um ano, como dizem as trombetas dos jornais.

Infeliz Patria...

A proposito de meia duzia de arruaceiros sem nome praticarem disturbios no domingo, á porta do Grémio de Pampilhosa, solta o nosso solicito correspondente uma exclamação deveras sentimental e contristante: «Infeliz Patria que tais filhos tens!»

Se o nosso amigo não conhecesse o atrazo degradante em que ainda se encontra o nosso povo das aldeias, nós o aconselhavamos a não fazer caso.

Mas ele conhece-os bem e...

Vasco Araujo

Inicia hoje a sua brilhante colaboração nêste semanario este distinto escritor, que brilhantemente tem afirmado, em alguns jornais da capital, as suas ótimas qualidades de jornalista.

O *Devêr* regosija-se com mais este belo elemento, que bem prova que, modesto em tudo, vai modestamente merecendo a simpatia e o auxilio valioso de alguns intelectuais portuguezes.

CRÓNICA DE LISBOA

Tudo á minha volta é vago e indeciso. No ventre pestilento d'esta matrôna orgulhosa eu sinto um tedio atroz, uma tremenda hipocondria.

Quizera dizer coisas bonitas aos meus queridos leitores, desta senhora altiva que um dia se levantou apoiada no braço galanteadôr do Marquez de Pombal. Sim, eu quizera relatar coisas maravilhosas d'um primoròso El-dorado mas... só a gehenas do Dante acódem aos meus apelos!

Subo o Chiado, êsse Chiado tão concorrido, tão movimentado que, na combinação exquisita dos perfumes das suas *demi-mondaines*, nos enérva e nos envenéna.

Aqui, sóbe o ascensôr de Santa Justa nessa graça inocente que teria o carro sideral que arrebatou Elias para um céo de venturas e delicias. Ali, é um automovel que, rechiado de carnes morbidentes, de veludos custosos, de joias scintilantes, conduz o senhor deputado ao jardim da Estrela a fazer a digestão nos fugazes momentos que o Coliseu de S. Bento lhe concede. Além é um grupo de basbaques que fita no Grandela e no Chiado uns olhos desejosos de cubiça. E ao largo, lá mais ao largo, é-o nosso Camões que, empoleirado no seu pedestal, parece rir num riso amargo, numa ironia triste e dolorosa. Crusa um braço sobre o peito

numa tal atitude que estou a ve-lo qualquer dia fazer a cruz tão celebrada que engalána o brazão de S. Francisco.

E são estes os gosos da rainha do Tejo!...

Eu conheço perfeitamente a minha rabugisse de doente e sei que muitos e muitos vêem por um prisma mais róseo e mais alegre. Pois bem: para mim todo esse conjunto de belezas não vale dois centavos. Poderá —quem sabe?—tornar-se meigo e encantador, mas ámanhã...

Hoje não. Como se uma rajada de má sorte abalásse os doirados castelos duma persuação ridente, eu sinto-me triste e alquebrado ou, para melhor dizer, indiferente a tudo, a tudo.

Mas, queridos leitores, vós haveis de ter achado contradições em todo este punhado de lamentos amargos. Eu choro, por vezes, sobre a campa dessa morta Ilusão e rio á gargalhada contundente por sobre a imbecilidade humana.

Rio e choro. Louca excentricidade!

Rio nas estupidas buchechas dos peraltas ignobeis que só servem para enojar a parte que labuta, trabalha e luta pela vida, e, ao mesmo tempo, essa magua sentimental e dolorosa obriga-me a verter prantos pungentes por sobre o algido sepulcro da doirada da Ilusão que para mim morreu ha dez anos, talvez.

Gomes Monteiro.

Crime de furto

A semana passada tres meliantes entraram na loja do sr. José Lameiro, de Vila Franca, furtando-lhe de uma montra alguns pacotes de tabaco. Surpreendidos pela dona da casa, um deles evadiu-se, sendo os outros dois, de nomes Francisco José Lopes e Antonio Bátista Carvalhal, capturados pelo regedor, que ainda conseguiu apreender-lhes 2 pacotes de tabaco, enviando-os logo para a séde do concelho, onde pouco depois foram postos em liberdade.

Estranhamos que os gatunos fossem soltos pela autoridade concelhia, quando é certo o regedor ter adusido provas suficientes da culpabilidade dos arguidos, apresentando como testemunhas Manuel d'Almeida e Julia, mulher de Joaquim Alves Monteiro, de Vila Franca, que ambos surpreenderam os gatunos em flagrante delito, conforme nos garantiu o proprio regedor que os capturou.

ALTOS PRINCIPIOS

Educação moral e cívica

V

O Estado

(*Continuação*)

Os homens publicos, que constituem o *Governo* dum país, devem sentetisar em si todos os artigos que prescrevem ao corpo dos cidadãos, e que são conducentes ao bem nacional, á felicidade pre-estabelecida.

Analiticamente executam os cidadãos esses preceitos da lei, com todo o acatamento, com grande civismo, porque estão conscios do respeito que o Estado lhes testemunha e da fidelidade com que ele cumprirá sempre a letra sagrada da lei.

No país onde a lei não fôr rigorosamente respeitada, não poderá haver engrandecimento, nem firmeza de principios, nem estavel e justa consideração; o que haverá é a decadencia moral, a luta de espiritos, a anarquia estagnante.

O país que se não unifica pela lei perde o prestigio que alcançou, entra em oscilações que o comprometem altamente, e pode tocar a méta da falencia, que é a ruina suprema, e para a qual não ha salvação possivel dentro dos moldes da melhor politica.

Mas o Estado que professa um culto de elevado patriotismo, que fundamenta na justiça toda a paz e todo o progresso do país, que tem radicado em si uma educação modelar, que não ocasiona uma época enferma nem um scéticismo enervante; o Estado que sabe remediar uma crise, que consegue melhorar os costumes, que implanta sinceramente a Moral dentro de campo da Civilisação, não deixa de modo nenhum naufragar a nacionalidade no mar da inercia, no abismo da banca-rota.

Verdadeiramente educado, o Estado compreende os seus direitos, mas deve muito melhor avaliar os deveres, que são imprescritiveis, inalienaveis, duma irredutibilidade nimiamente provada. Porque nem mesmo pode conceber-se um direito supremo que não tenha a justifica-lo um dever muito mais supremo ainda, que demonstre a garantia do direito, a faculdade do privilegio justamente concedido.

O contrario disto é inadmissivel, por ser inconsistente.

Ora um dos deveres mais sagrados que cumpre ao Estado, moralmente constituido, é a difusão do ensino por todas as classes da sociedade, a criação de estabelecimentos de instruição em todas as localidades onde os não haja e onde os houver deficientes ou incapazes de satisfazerem ás exigencias da pedagogia hodierna; cumpre-lhe, além disto, velar pela boa organisação das escolas, material de ensino e mobiliario escolar; prover a todas as necessidades que requerem uma boa instrução, uma completa educação e uma perfeita higiene. A' educação e á higiene, sobretudo, tão despresadas como mal compreendidas, é mister que o Estado lhes dedique um especial cuidado e um decidido apoio, pois delas advêm em grande parte a depuração dos costumes e a elevação moral que urge estabelecer nas sociedades decadentes.

Ha coisas que se não podem prescrever ou simplesmente secundarisar. Estão neste caso a educação da infancia e a higiene das escolas. Constituindo estes factores uma base de progresso, são por isso indispensaveis para a reorganisação do edificio social e contribuem grandemente para o aperfeiçoamento gradual dos caractéres; que é forçoso remodelar, criando outros sob uma orientação capaz de satisfazer a este ponto de vista.

Mas a missão do Estado conscienciosо, no campo civilisador, é muito larga. Pode dizer-se que não tem limites, porque tambem os não ha no caminho da perfectibilidade. Todos os problemos sociais da vida moderna devem interessar o Estado e alguns ha que ainda carecem de solução. Assim, a educação feminina ainda é um problema para os paises que caminham na rectaguarda da civilisação.

O Estado, nesses países, ainda não estabeleceu escolas suficientes para o ensino profissional, para a educação completa da Mulher, que a habilita a ser no futuro uma boa dona de casa e uma mãi exemplar e respeitadora dos bons principios.

Isto, que pera o Estado constitue um dever primordial, é para a nação um bem supremo, uma felicidade grandiosa, visto como Mulher, perfeitamente educada, não pode deixar de ser uma causa fundamental do progresso.

Por meio de leis rigorosas, sensatas e justas, que o Estado fará respeitar ás instituições subalternas, é possivel a iniciação duma nova fase social, escudada nos grandes preceitos, elaborados pela consciencia colectiva.

Não haverá horisontes que se não abram á luz dos factos constructivos e harmónicos.

Não haverá clamores que não aplaudam unisonamente a nova ideia, rebrilhando na grandiosidade a que o Estodo consciente a elevou.

Evolutindo sempre, o Estado pode ser um grande baluarte do Progresso, porque pode tambem refundir uma nacionalidade.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

LIV

A obrigatoriedade escolar--Porque se não decreta a rigor?--O professor, malsinado injustamente por certos "bachareis", têm afinal a seu favor as leis de insção--Causas da má frequencia escolar--Um exemplo dentre muitos--Cumpra-se a lei!

Mais uma vez voltamos á vaca fria. Torna-se necessario, debaixo de todos os pontos de vista, resolver quanto antes o problema da obrigatoriedade escolar. O pais precisa de ser instruido e principalmente educado, e muitos professores primarios que teem a infelicidade de estar em freguesias onde não existe amor pela escola não podem continuar sujeitos a passar por maus funcionarios, quando nenhuma duvida teriam em competir com outros que estão á testa de escolas bem frequentadas e ótimamente instaladas.

Não se pode pôr em pratica o principio da obrigatoriedade escolar, porque não ha escolas que comportem toda a população compreendida entre os sete e os quatorze anos—objecta-se para ai amiude. O argumento não colhe. A lei é clara e insofismavel. A obrigatoriedade escolar pode ir-se pondo em pratica a pouco e pouco. Não é indispensavel que se tome como medida geral. A propria legislação escolar parece indicar esse caminho. Veja-se a Reforma de 29 de março de 1911. Lá se encontrará o artigo 37.º, muito claro:—«O ensino primario elementar é obrigatorio para todas as crianças de ambos os sexos, cuja edade esteja compreendida entre os sete e os catorse anos; *mas são dispensados da frequencta das escolas publicas as crianças* que recebam ensino particular ou domestico e aquelas *que residam a mais de 2 quilometros de distancia de qualquer escola oficial ou particular gratuita.*» Consulte-se ainda o Decreto de 24 de dezembro de 1901. O seu artigo 3.º preceitua, tambem muito claramente: —«O ensino primario do 1.º grau é obrigatorio para todas as crianças dos dois sexos, desde os seis até aos 12 anos de edade completos. *São porém dispensados de frequentar a escola oficiol aqueles que estiverem compreendidos em alguma das isenções seguintes*:

1.ª Se os pais, tutores ou pessoas encarregadas da sua educação lhes derem ensino domestico;

2.ª Se frequentarem qualquer escola particular;

3.ª *Se residirem a mais de dois quilometros de distancia de alguma escola gratuita, publica ou particular, permanente ou temporaria.*»

Ora nas freguesias rurais, compostas na sua grande maioria de logares muito espalhados, raramente num raio de 2 quilometros se encontrarão mais de 50 crianças em edade escolar. Não falando em que ha a contar com as faltas inevitaveis á escola. Porque não ha de então pôr-se em pratica a obrigatoriedade escolar? Porque não ha de evitar-se que nós, os professores das aldeias, vejamos as crianças que faltam nas nossas escolas a pastarem gados e entretidas nos trabalhos agricolas, até quando os pais são suficientemente remediados para poderem dispensar esses serviços?

Ai vai um exemplo, no genero do qual muitos poderiamos apresentar: —Reside aqui, a dois passos da escola, um individuo com alguns bens de fortuna. Tem quatro filhos do sexo masculino. O mais velho deve ter quinze para desasseis anos — mas nunca frequentou a escola. Os dois seguintes, com respectivamente dôse a catorse anos, tambem nunca viram a escola interiormente, julgamos nós. O primeiro ha muito que cava como um homem. Os segundos têm-se entretido a pastorear o gado, mas agora empregam-se já nas lides agricolas. Mas isto ainda não é tudo, nem sequer o peor. — O homensinho já não deixa vir o filho mais novo á escola—porque teve de ir substituir os irmãos na pastoreação do gado! E, assim, o rapazito, que nós contávamos que fizesse este ano o exame do 1.º grau, dentro em pouco terá esquecido o que tanto nos custou a ensinar-lhe.

Vá lá o professor insistir com individuos desta força?! Receberá como resposta que tambem não sabem ler, e que teem vivido...

...E o profsssor que não apresenta muitos alunos a exame é um mau funcionario. E, se as suas escolas não teem muita frequencia, é porque eles são pouco zelosos.

Providencias! Providencias para o mal apontado! Cumpra-se a lei!

Prof. Manoel José Antonio.

Corrigenda:—No ultimo numero das «Pinceladas», além de algumas incorrecções de pequena monta, como falta ameudada de assentos, saiu no penúltimo período «imprensa diária» por «imprensa» simplesmente. Não foi efectivamente, só certa imprensa diária que, quando menos isso era de esperar, começou a atacar rudemente o governo presidido pelo sr. dr. Afonso Costa: deu-se o estranho fenómeno tambem com alguns semanários, um dos quais as nossas considerações especialmente visávam...

M. J. A.

Ferro-viarios de Portugal

Os jornais deram-nos conta da eleição dos novos corpos gerentes da *União Ferro-Viaria*, com séde no Porto, e pelos mesmos jornais vimos que apenas tres membros pertencentes á companhia portuguêsa, fazem parte dos novos corpos dirigentes.

O resto são funcionarios do Minho e Douro.

Este facto veio corroborar que se não enganou um colaborador desta secção, quando ha tempo chamava á *união* associação de classe do pessoal do Minho e Douro.

E com efeito assim é.

Tudo isto nos contrista, nos desilude, nos faz perder por completo algumas esperanças que ainda alimentavamos de ver encaminhar as coisas, de as ver, um dia, no seu verdadeiro logar, visto que, sendo nós uma familia importante, esse *desideratum* seria de mais ou menos facil conseguimento.

Falta agora ver que os camaradas da Beira Alta se associem tambem á parte, posto que dentre todos os ferro viarios portuguêses, sejam os daquela linha os que mais direitos tinham a isso, visto como são os mais esquecidos dentre todos.

Lá ha um ou outro que paga a quota, sem saber para onde lhe levam nem a que se destina o seu dinheiro, mas estes são quasi nenhuns.

A outros é escusado pedir nada, tal é a maneira como palpavelmente se encontram de tudo *isto* descrentes.

E' que ele já não ha solidariedade. Já a não ha, não; nunca a houve no seio da classe, por cujo desagradavel facto nós lhe havemos de sofrer as consequencias.

Uma classe que não se entende, é uma classe perdida, sem força moral para colectivamente chamar a si, reclamar o que de direito lhe pertence e que ha muito lhe vêm negando com a sem-cerimonia dos poderosos e dos que tudo mandam e tudo querem.

E a gente vê que é latente a desunião, que dentro em pouco ha mais associações que associados, que tem de dar meia duzia de tostões para fins manifestamente diversos e para meios completamente opostos, e não descortina por qual será melhor optar: se por abandonar tudo, descrente e saciado de engôdos, se por levantar uma campanha atroz, decisiva, causticante, até que todas as assosiações, conscios dos seus deveres mas senhoras dos seus direitos, tantas vezes espesinhados, resolvam unir-se e fusionar-se, trabalhando em comum, tendo em vista os mesmos fins, orientando-se e caminhando sob a mesma bandeira de luta e de sacrificios.

E depois, quanto mais associações se fundam, tanto mais se constata a desunião, a divergencia de opiniões, que se admitem, não ha duvida, mas só até certo ponto e não em detrimento de alguns milhares de trabalhadores sem pão e sem abrigo.

Uma associação Central seria o bastante. Por fóra as ramificações, constituidas por homens dedicados e camaradas honestos, estariam em permanente correspondencia com a Associação Central libertadora.

Enquanto este problema não tiver solução, meus amigos, não contem com o apoio do

Belmiro.

NOTAS PESSOAIS

De Colares, chegou aqui o sr. Manuel Gomes Lourenço.

== Tambem aqui esteve o sr. Alvaro Ferrão, aluno do 7.º ano do liceu de Coimbra.

== Estiveram aqui na segunda-feira passada os nossos amigos, snrs. Antonio Baêta da Fonsêca e Antonio Pinto Felix, considerados empregados do comercio de duas casas do Pôrto, que vieram assistir ao bátisado dum filho do snr. Antonio Baía.

== Tambem no dia 24 aqui vimos o snr. Marino Salvaterra, de Montemór.

== Encontra-se doente o nosso presado e inteligente cronista do Porto, Santos Machado, por cujo doloroso motivo os nossos leitores não têm cronica nêste n.º do *Devêr*.

Desejamos as melhoras do nosso ilustre amigo.

Sem concerto...

Na imprensa conceirista escreveuss ha dias que *isto* já não tem concerto; que tudo está avariado, e não sei que mais.

E' no pasquim nojento, que se chama *Dia*, que isto se lê, dando a entender aos da sua grêi, e aos ignorantes, que a Patria está perdida.

E' pasmoso, é repugnante que tão ignominiosamente se classifiquem homens que teem dirigido, e ainda os que ámanhã podem dirigir, os destinoe desta Patria querida, dentro do atual regime.

Como se permite que no jornal do sr. Moreira d'Almelda se aprecie o caminho das coisas duma forma tão irritante e com tão pouco respeito pelos homens em evidencia dentro da Republica?

Naquele jornal, falsos portugueguezes representando a seita negra, a Companhia de Jesus e a defesa duma monarquia de bandidos, veem dia a dia escritos que deprimem, duma forma capciosa e infame, o regime que em dias vindouros, mais ou menos proximos, ha de salvar o País dos erros e das traições dessa monarquia de crapulosos.

São precisas providencias, energicas providencias para reprimir tanta calunia e tanto abuso que se está praticando contra o regime que todo o bom e leal portuguez tem o dever imperioso de defender até á ultima gota do seu sangue.

Os falsos portuguezes, com o *Dia* por capataz de infamantes manobras, pretendem ganhar terreno, e não descuram um só momento no sentido de inventar toda a casta de infamias contra a Republica e contra os homens que presidem ao seu progressivo destino.

As calunias expendidas pelo *Dia* são depois ampliadas pelos seus agentes dos varios pontos do País que, dizendo-se republicanos, fazem os comentarios mais agrestes que pode imaginar-se em desabono de tudo isto.

Se é preciso, se é necessario afirmar que receio algum devemos ter de tão despresivel canalha: é preciso tambem frisar bem que a paciencia tem limites, e que, por isso, estamos dispostos a lutar e a fazer entrar na ordem os nefastos vassalos

de D. Manôlo e da Companhia de Jesus.

As manobras do *Dia* são grandes, que o mesmo é que dizer: A manobra dos traidores é enorme e é necessario que cada republicano seja sentinela vigilante, e, ao mais pequeno pretexto comprovado, se proceda contra eles sem comiseração de especie alguma.

E' intoleravel, discute-se já com indignação, o que se consente que se escreva nessa folha retrógrada. Se os republicanos escrevessem, no tempo da monarquia, o que se escreve hoje nos jornais couceiristas, especialmente no *Dia*, seriam imediatamente transportados para Timor no porão do mais reles navio.

Aos srs. ministro do interior e presidente do ministerio, ambos inteligencias lucidas e vontades inquebrantaveis, cumpre o indeclinavel dever de atentarem na linguagem desbragada de certa imprensa.

Já que não se pode evitar que inimigos da Republica, simplesmente por ser uma Republica, a combatam por todas as formas fóra de Portugal, evite-se que os que residem dentro do País a combatam com manifesta traição.

E' lamentavel, é odioso, é intoleravel que portuguezes, monarquicos ou republicanos, não atentem na superior causa da Patria.

E' preciso que a voz dos falsarios seja abafada para não correrem além fronteiras as calunias de que é costume servirem-se contra a Republica e contra a Patria que traíram.

Acima de divergentes ideias, acima de despeitos e resentimentos estão os altos interesses da colectividade.

Ainda que ao *Dia* pese, isto não carece remendo, felizmente para todos, e tambem para o *Dia* que chuchava sem produzir.

Mas isto tem que ter um fim, e nós confiamos em que, com a vontade de todos, tudo será normalisado e reparado, decorridos alguns anos.

Abaixo, pois, os traidores duma Patria que quer ser livre, que quer ser independente, que quer libertar-se do jugo com que a deixou manietada uma monarquia de ladrões.

Viva o povo bom!
Viva a Republica Portugueza!
Viva a Patria!

Fernandes d'Almeida.

Transcrição

O nosso presado colega *Federação Escolar* transcreveu no seu ultimo numero o alvitre que Manuel José Antonio apresentou ao *Dever* sobre a maneira como os inspectores poderiam exercer a função exclusiva que lhes pertence.

Agradecemos a gentileza do colega.

Poetas e prosadores

PRECE!...

O' morte, vai buscar a raiva abençoada
Com que matas o mal e geras novos seres,
O' morte, vai depressa, e traz-m'a, se puderes,
Que eu canço de viver, quero voltar ao Nada...

Escorre-me da boca a voz qu'inda murmura,
Arranca-me do peito o coração exangue,
Que eu hei-de dar-te em troca os restos
do meu sangue
Para o negro festim da tua fome escura ..

Ó Santa que eu adoro, ó Virgem d'olhar triste
Bemdita sejas tu, ó morte inexoravel,
Pelo mundo a chorar desde que o mundo
existe...

Dá-me do teu licor... quero beber a esmo...
Que eu vivo ao Abandono e sou um
miseravel
Aos tombos pela Vida, em busca de mim
mesmo.

Março—1913.

Edmundo de Azevedo.

"NOTAS,,

Reaparece hoje esta secção que durante algum tempo deixou de publicar-se e que vinha fazendo falta no *Dever*, por o tornar mais leve e mais atraente. Alguns assinantes escreveram-nos neste sentido, mostrando o desejo de ver continuada a secção que em tempo iniciámos. Fica assim satisfeito o empenho daqueles que querem ver progredir o nosso jornal.

"O Dever,,—As propinas—"Le cirage,,—(A graxa)

Iniciando a minha colaboração no *Dever*, convicto de que ela será acolhida com a benevolencia a que tem inteiro jus aquele que sómente se sente impulsionado pela intenção de contribuir com um pouco do seu esforço intelectual, para dilatar questões de interesse colectivo, escolherei de preferencia uma ainda por vir á tela da discussão, mas de bem palpitante actualidade.

Serviram-me para isso de incentivo os artigos que sobre *propinas* tem escrito o meu colega e amigo Manoel d'Almeida Junior, irmão do redactor deste semanario, bordando-os de considerações inteiramente criteriosas e justas e que merecem uma muito especial ponderação.

Abstenho-me, no entanto, de tratar esse assunto, visto ele estar confiado ao espirito do meu colega, não deixando todavia de lhe oferecer o meu concurso, embora modesto, porque reconheço tambem o quanto é iniquo permitir-se que quem trabalha e, por vezes, com bastante afinco, tenha á generosidade alheia, confiada a remuneração desse mesmo trabalho.

E porque assim o julgo, proponho-me tambem tratar um assunto que não deve merecer menos atenção, visto tratar-se de combater processos retrógrados.

Trata-se de iniciar uma campanha contra a graxa. Parece singular, não é verdade?

Pois eis o assunto que me proponho tratar.

Ninguem ignora que varios movimentos colectivos, visando o bem comum, se teem realisado em diversos países da Europa sem que todavia aqueles que os produzem atinjam a meta das suas aspirações.

E porquê? perguntar-se-á. Falta de oportunidade?

Não, porque é sempre oportuno fazer reivindicações que sejam o fio condutor da emancipação.

Falta de elementos?

Tambem não, porque não é logico admitir que actualmente não haja quem não possua a indispenravel capacidade para orientar esses movimentos.

O que não ha, e isso é primacial, é a necessaria solidariedade, garantia unica do exito completo de tais movimentos.

Porque uma causa, embora justa, com bons paladinos a defendela, se não encontra como alicerce a união perfeita de todos aqueles a quem interessa, o triunfo dessa causa retarda, se é que muitas vezes se não torna impossivel.

São espiritos comesinhos, caractéres estreitos, de uma limitada esfera de qualidades apreciaveis, que subordinam o bem comum ao beneficio proprio.

São os egoistas, vulgarmente chamados *engraxadores*, o flagelo, o cancro de todas as colectividades.

São esses que impedem o seu incremento e constituem o obstaculo que ainda medeia entre a ambição desmesurada do capitalista e as aspirações justas do proletario.

E como não sabemos o espaço de que a redacção pode dispôr, no proximo numero trataremos de novo este assunto.

Lisboa, 23 | 1 | 913.

Vasco de Araujo.

N. da R.—São sempre bem vindos artigos do quilate moral deste, cuja doutrina sensata se casa inteiramente com o nosso programa. Disponha, pois, das calunas do *Dever* á sua vontade o nosso presado colaborador.

Registo civil

BOLETIM QUINZENAL

Na primeira quinzena d'abril realisaram-se no posto de Arazede os seguintes registos:

NASCIMENTOS

José de Jesus, filho de Maria de Jesus, de Arazede.

Maria de Jesus, filha de Manuel Rodrigues Cavalheiro, do Tojeiro.

Aurelio Mendes, filho de Manuel Mendes, da Bunhosa.

Maria d'Oliveira, filha de Manuel de Jesus, de Vila Franca.

Maria Faria, filha de Manuel da Silva Jeronimo, do Arneiro Tecelão.

Antonio Marques da Costa, filho de José Marques da Costa, do Casal do Gaio,

CASAMENTOS

Antonio Bento com Zulmira Amorim, de Arazede.

OBITOS

Luiza d'Oliveira, das Faiscas.

José Gomes Lourenço, de Vila Franca.

Manuel Mendes, dos Gordos.

PELA IMPRENSA

Entrou no 8.º ano de publicação o nosso estimado colega açoreano, *Revista Pedagógica*, superiormente dirigida pela sr.ª D. Maria Evelina de Sousa, distinta professora e jornalista, que tão bem sabe imprimir no seu esplendido semanario o vigor do seu talento e das suas faculdades de trabalho.

A' *Revista*, que tem pugnado incansavelmente pela causa do professorado, enviamos-lhe amistosos cumprimentos.

CORRESPONDENCIAS

CANEDO (*Pampilhosa do Botão*), **24**

Rectificando a nossa correspondencia do numero 61, apressamo-nos a dizer que a verba de 50:000 réis, que a camara da Mealhada traz no seu orçamento, é unica e simplesmente destinada a fornecer os medicamentos aos pobres mais necessitados do concelho e cujo beneficio encontrarão todos os pobres que o fôrem reclamar, com as respectivas receitas dos facultativos.

═══ As sessões cinematograficas de domingo no teatro de Instrução e Recreio da Pampilhosa deixaram muito a desejar.

Desta povoação foram ali bastantes pessoas que vieram pouco animadas.

═══ Está gravemente doente o nosso amigo Manoel Gonçalves, muito digno condutar do Caminho de Ferro da Beira Alta.

Desejamos as melhoras do nosso amigo.

Loureiro.

N. da R. — Tencionavamos fazer a rectificação que apresenta o nosso presado correspondente, porque, falando pessoalmente com o sr. presidente da Comissão administrativa da Mealhada, ele teve a amabilidade de nos explicar como as coisas são, e que só um mal-entendido fez referir de outra maneira.

Pampilhosa do Botão, 25.

Teve logar no domingo passado e conforme aqui dissémos, a segunda sessão de Cinematografo, á qual não pudémos assistir.

Pelo que ouvimos dizer, porém, não agradou, porque as fitas se partiam constantemente, tornando a projécão defeituosa, facto que devéras lamentamos, tanto mais que a casa estava cheia, sendo necessario repetir a sessão para as pessoas que não couberam na primeira.

Estivemos algum tempo á porta do Teatro, donde retirámos enojados, pois, pelas cênas que presenciámos, deu-nos a impressão de estarmos numa terra de cafres e não num paiz com fóros de civilisação. Era tal a desorientação causada pelo alcool em alguns individuos, que nem á Direção do teatro, nem ao digno Administrador do concelho atenderam, chegando alguns a saltar pelas janelas do primeiro andar para dentro do teatro! e com bastante mágoa o dizemos: ouve individuos que, tendo por diversos motivos obrigação de auxiliarem a manutenção da ordem, pelo contrario, instigavam os ébrios a desrespeitarem quem procurava mantel-a. Gostumes velhos. E' caso para dizermos: infeliz patria que taes filhos tem!

A um dos discolos, vae ser instaurado processo, pelos factos apontados, e oxalá que a quem competir julgal-o nos livre de tal féra, mandando-o para onde já devia estar ha muito tempo.

═══ Até que emfim!

A comissão ha tempo nomeada para verificar as contas do Gremio de Instrução e Recreio acaba de apresentar o relatório dos seus trabalhos, que deve ser uma obra perfeita, visto que levou dois mezes a resolver!

Depois de o analisarmos diremos o que fôr de justiça.

Rodrigues da Silva.

Acção de divorcio

NO Juizo de direito da comarca de Montemór-o-Velho, e pelo cartorio do escrivão do primeiro oficio, foi, por sentença de 2 do corrente mez, que transitou em julgado, convertida a separação de pessoas e bens dos conjnges Maria Tavares e Antonio Simões Caldeira, aquela do Casal do Meio e este do Casal do Simão, ambos da freguezia da Carapinheira, em divorcio, ficando dissolvido o casamento entre ambos.

Montemór-o-Velho, 14 de abril de 1913.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei,

Lemos Viana.

(37) **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

VII

Vinha descendo a tarde.

A aldeia estava tranquila.

Não havia um mez ainda que se tinha estabelecido na localidade uma linha férrea para a passagem do comboio, que tinha uma estação a alguns quilometros de distancia.

Como era novidade na terra, muitas pessoas costumavam ir para junto da linha, á tarde, á hora a que o comboio passava, ás cinco horas pouco mais ou menos.

As irmãs do vigário iam tambem vé-lo passar a uma pequena ponte de madeira que atravessava a linha, distante de casa alguns passos apenas.

Naquele dia Joaninha deixou ir as irmãs, e não quiz ir.

O vigário tinha saido. A creada tambem não estava em casa.

Tendo formado naquele dia o plano da salvação, Joana Madureira aproveitara aquela hora para o realisar.

Firme como uma heroina que vai entrar numa luta, Joaninha dirigiu-se rapida para o jardim e abeirou-se do poço.

Ajoelhou por momentos, como a perscrutar a Consciencia.

Depois ergeu-se, fixou anciadamente os olhos no espaço, como quem procura alguem, desceu-os sobre a agua turba do poço, que parecia uma boca enorme, e despenhou-se.

Quando as irmãs recolheram não a encontraram em casa. O vigario chegou antes do crepusculo e perguntou por ela. Não souberam dizer-lh'o.

Procuraram, chamaram pelo seu nome repetidas vezes, e não se ouvia uma resposta.

Foram ao jardim. Alguem se aproximou do poço e viu umas chinelas rentes ao bordo, como a denunciarem qualquer coisa.

Eram de Joaninha.

Tiveram então um presentimento. Começaram de sondar o poço com grande cuidado e com a certeza de que a encontrariam ali, e, com efeito, passados momentos, o seu corpo surdiu á tona d'agua.

Tiraram-na completamente exânime e viram-lhe o rosto sereno. Parecia sorrir para as pessoas que a contemplavam fundamente angustiados.

Chamaram o cirurgião. Este declarou que a submersão se tinha dado momentos antes e verificou que o cadaver trazia em gestação um feto de dois mezes.

O vigario sentiu-se alanceado pela mais profunda das dôres que assoberbam o coração humano.

As irmãs, maguadas tambem, acusavam o vigario de tibieza, de indiferença pelos conselhos delas, quanto á vigilancia que deveria exercer-se. Que agora era necessario dar providencias, era preciso castigar o criminoso.

E ele, numa voz cheia de bondade, só dizia:

— A Consciencia será o juiz, irmãs. A Consciencia providenciará.

E ficava-se num ar de resignação sublime.

•

O cadaver de Joaninha era no dia seguinte, de manhã, transportado para o cemiterio, no meio duma multidão de pessoas, que abençoavam aquela alma com lagrimas e palavras de justiça, feitas ao seu coração generoso e caritativo.

Havia muitos, simples e ignorantes, que lhe chamavam *santa*, e resavam-lhe muito contritos e muito piedosos, num desconhecimento absoluto das coisas que a rasão só admite quando reais e palpaveis.

Antes de tudo isto, porém, na mesma tarde do triste incidente, os animos dalgumas pessoas começaram a exaltar-se com a suspeita provada de que a causa do suicidio de Joaninha tinha sido certamente o farmaceutico, Luiz Constantino.

A' noite dirigiram-se á farmacia, com o fim de o sondar. Encontraram tudo fechado.

Alguem disse que o tinha visto passar, ao lusco-fusco, com uma mala na mão, em direcção a L...

O desgraçado tinha desaparecido, fugindo ao peso do crime.

VIII

No domingo seginte, depois da missa, o padre João Madureira, com semblante velados por uma tristeza funda, de pé, junto do altar, como um missionario de antigas eras, achava-se voltado para o povo, que ainda tinha no semblante sinais de amargura, e proferia uma prática, em voz comovida, verdadeiramente tocante, de arrancar lagrimas de saudade.

— Irmãos — dizia ele — o sofrimento cai sobre aqueles, de quem o Destino deseja provar a paciencia. Quem muito suporta o sofrimento muito se acrisola á virtude, porque muito amor tem no coração com que a possa amar.

«A Virtude sem o Sofrimento é como a bonança sem a Tempestade, é como o Bem sem o Mal, é como o Prazer sem a Dor.

«Quem poderia gosar verdadeiramente o belo espectaculo que nos oferece o firmamento constelado, numa noite sem nuvens e beijada pelo luar, se não houvesse um dia coberto de brumas e cortado de pegões de vento, que ameaçasse derrubar a vivenda do pobre?

«Quem pode evaliar o infinito goso que nos traz á alma um dia de sol, se nunca houvesse na terra um dia de chuva?»

(*Continua.*)

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55

COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia. miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO
NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

MODISTA

Máquinas de Costura, Bicicletes e acessórios

EM CASA DE

José M. Figueira

CANTANHEDE

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.

O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.

Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

MUFALINE

Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha—**COIMBRA**

Ano 2.° Arazêde, 4 de Maio de 1913 N.° 63

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os autografos.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

Portugal e Colonias Portuguezas — Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trismestre, 30 centavos.
Brazil — Ano, 2 escudos, fortes.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO
Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*
Redação e Administração — ARAZÊDE

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR
Administradôr — *ANTONIO ISMAEL DA CRUZ*
Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

S. R. Biblioteca da Universidade Coimbra

REGIME CELULAR

E' preciso reformá-lo radicalmente--- Eduquêmos, pelo trabalho, os criminosos, tentando, pelo trabalho, regenerá-los

Este assûnto, que por algum tempo mereceu a atenção dos podêres publicos e da imprensa diária, está hôje, por assim dizêr, votado ao ostracismo, ignorando-se o grau de perfectibilidade a que êle um dia poderá chegar.

Os crimes punidos pelo Código Civil e que importam a pêna de reclusão têm de sêr estudados por distintos magistrados e criminalistas, de maneira a que se atenue no espirito do criminôso a ideia lúgubre que o calcina, enquanto encarcerado.

O momento oportuno seria talvêz êste, agora que o snr. ministro da justiça elaborou um projecto de lei destinado á revisão dos processos criminais; mas em tôdo o tempo é possivel o estabelecimento de qualquer medida de bem-estar colectivo e de utilidade social.

Com efeito, e entrando agora mais particularmente na questão, é lamentavel a maneira cômo o nosso regime celular se acha organizado. Um criminôso qualquer, por atentar contra a vida ou contra a propriedade dalguem, é enclausurado numa masmôrra tétrica, sem ar, sem luz, sem as mais rudimentares condições higiénicas exigidas pela moral e pela consciencia publica. Vive ali dias, mêses e anos seguidos, comprometendo a saúde e, ainda mais, comprometendo a personalidade. Se lhe preguntardes o que faz naquêle cárcere nêgro e infecto, respondêr-vos-á quasi sempre—*que nada faz*. E' um autómato da lei que não conhece direitos nem devêres. Apênas rumina planos de salvação, quando não estuda meios requintados de se apurar no vicio. Vivendo uma vida de desgôstos, vive tambem uma vida de depravação. E' um tarado pâra a sociedade e um elemento dissolvente no meio colectivo. E' uma naturêsa que se deforma ou que mais se rebela em actos impulsivos, porque a lei assim quere, porque a lei assim determina.

Mas não poderia êsse criminôso sêr suscétivel de se regenerar? Evidentemente, dêsde que se lhe aplicasse este remédio eficaz—o trabalho.

Tôdos os criminosos que merecêssem pêna de reclusão deveriam, no seu cárcere, entregar-se a qualquer género de trabalho. Se são profissionais, manufacturavam obras do seu mister; se o não são, fariam aprendisagem em qualquer oficio da sua vocação com os seus companheiros de carcere.

E' isto que nos aconsêlha o mais elementar bom senso e o mais natural sentimento humano, nesta hora de rejuvenescimento nacional.

***

Mas a que propósito vam isto? Vem a propósito dum rapaz de 15 anos, de nôme Manuel Martins, da Carapinheira, estar enclausurado nas cadeias de Montemór-o-Velho, pelo crime de homicidio voluntario, sendo condenado a dois anos de prisão correcional.

Um nosso amigo que, por acaso, viu êsse infeliz, interrogou-o e êle respondeu-lhe que estava ali pelo motivo indicado, mas sem se ocupar em coisa alguma.

Condenado dois anos a vivêr recluso e sem fazêr nada! Podendo produzir alguma coisa em beneficio próprio e alheio, vive a olhar simplesmente, numa martirisante vacuidade de espirito, para quatro paredes nêgras e pâra as grades duma prisão horrorosa! Em vêz dum ambiente saudavel onde pudessem adquirir habitos de trabalho, apênas tem uma estreita cela ignominiosa, onde sente enervar-se o organismo e onde a consciencia se lhe embota ao contacto com a ideia do crime!

E são estas as nossas prisões. E é êste o nosso regime celular, que avilta e dissolve os sentimentos humanos, em vêz de procurar engrandecer e regenerar a consciencia de cada um.

Eis um dos problêmas pára que o govêrno da Republica deve voltar as suas atenções sem demora, se não quiser vêr aumentar assustadôramente o grau de criminalidade, de que o nosso país muito se ressente.

Eduquêmos os criminosos pelo trabalho, e pelo trabalho tentêmos regenerá-los.

Só assim se contribuirá pâra o rejuvenescimento da raça, em grande parte enfraquecida pelos tarados no crime.

NOTAS

"O Dia,,

O *Dia, jornal bem intencionado da capital*, resolveu interromper a sua publicação por alguns dias, em virtude de lhe terem sido apreendidos alguns numeros.

Folgamos com a resolução do talassico orgão, lamentando apenas que não nos favoreça com a sua amavel ausencia por toda a vida do planeta...

Contra a República

Os acontecimentos que ultimamente alarmaram o país têm a sua causa na indisciplina politica e social; mas é isto uma prova de que nunca será de mais a energia e a decisão que o govêrno possa mostrar para acabar de vez com os jesuitas de sotaina e casaca que procuram todos os meios, e dentro do país, de hostilisar as instituições.

Houve nos acontecimentos despeitados em todos os campos. Republicanos simulados, talassas, amantes do jogo e assalariados do velho regime, todos colaboraram na *polvorosa* e, portanto, todos merecem ser punidos.

Jornais

Certa gente que se dá ares de querer defender a liberdade, critica a suspensão de jornais reacionarios, como o *Dia* e a *Nação*, não admitindo que tais medidas se tomem quando a ordem publica é perturbada por facinoras e bandidos de coração monarquico. Mas o que essa gente não vê é que esses jornais só são suspensos quando o reclama o bem-estar do país. Não seria melhor então, para calar a boca dos maldizentes, suspendê-los de uma vez?

Mais partidos?!

Diz-se que ha divergencias entre os elementos do partido evolucionista, receando-se uma scisão que dê logar á formação de um novo partido. Mas se assim vamos, d'aqui a pouco cada individuo formará um partido diferente... E então é que ninguem se entenderá.

Instrução militar

E' verdadeiramente fantastico o decreto que determina que os professores primarios se encarreguem de ministrar a instrução militar preparatoria aos individuos dos 10 aos 17 anos incompletos! O professor primario ha-de ser a eterna *cabeça de turco* e o eterno pária da sociedade. Para lhe aumentarem o ordenado, ninguem se lembra dele, apesar de estar ganhando menos do que um trabalhador de enxada; mas para o sacrificar com canseiras, isso então, mãos abertas.

Que tem a fazer o professor primario em face de tanto vexame? Protestar energicamente e mostrar o valor da sua fôrça moral. Só assim triunfará.

Carteira roubada

Pede-se ao gatuno que na terça-feira, pelas 22 horas, na rua da Palma, roubou a carteira a um sujeito que tentava entrar para um carro, o favor de lhe mandar os papeis que essa carteira tinha e que lhe fazem muita falta, podendo envia-los pelo correio para a rua da Palma, 33, a J. A. Oliveira.

(Dos jornais).

Chegámos a esta afinação:—pedir aos gatunos, por favor, aquilo que nos roubam. Qualquer dia teremos que pedir-lhes, por favor, que nos não roubem.

Por isso o povo, quando os apanha em flagrante, faz justiça por suas mãos. Justiça de pau e corda.

E é, até certo ponto, uma das melhores leis que nós conhecemos... para quem não tem vergonha.

Os traficantes

Lá longe, além fronteiras, alguma coisa rumoreja. São, crêmos nós, os bandidos do realismo que persistem em se mecher, pelo que nós constatamos que não ha lições que lhe sirvam, por mais amestradas que sejam. Eles bem querem ver se da desorientação que lavra no seio da politica, em Portugal, alguma coisa podem aproveitar.

Mas não. As divergencias de opinião de maneira nenhuma traduzem divergencia de patriotismo.

Primeiro a Republica.

Horas d'Ocio

Reaparece hoje esta bela secção, que por motivo de doença o seu inteligente autor não tem podido publicar. Folgamos em dar esta agradavel noticia aos nossos presados assinantes, alguns dos quais já nos haviam escrito lamentando a falta das *Horas d'Ocio*.

As moedas de cinco

Vamos ficar sem os cincoreisitos! Já não teremos os *pequerruchos*, que alguns, por vaidade, deitavam fóra, e outros não queriam possuir por ser *agoiro*. E os pobres, os famintos sobre cujas esqueleticas mãos aqueles pedacitos de cobre caíam a miude, hão de chorar a sua perda.

E já não ha cinco reisinhos. Assim o determina o *Diario do Governo*.

...Chorai, fadistas, chorai...

Um brado

Um grupo de republicanos de Coimbra, ofendido na sua dignidade de patriotas com o que se está passando no tribunal militar de Santa Clara, com o julgamento do *complot* de Coimbra, publicou um manifesto de alguns milhares de exemplares, protestando energicamente contra a maneira pouco airosa como os advogados estão procedendo em detrimento dos sagrados interesses da Republica [illegible] aqui á mão um exemplar, que nos enviou o nosso amigo Fernandes d'Almeida, que é bem um altivo brado de consciencia indignada contra tal estado de coisas.

E viva a moralidade...

CRÓNICA DE LISBOA

Passeando a capital, na ancia de tudo saber e tudo conhecer, eu vou procurando o que de belo, de nobre e grandioso existe nésta Nova York em miniatura

Não deixarei esquecer o Palacio das Necessidades que em todo o seu conjunto me recorda uma enfiada de temiveis bandidos que o povo, na sua ingenuidade, aceitou sob o pseudonimo de Braganças. E' certo que retirarei da coleção um misero fedelho que apoderado pelo mêdo, tão natural nas crianças, se fez ao largo na praia da Ericeira. A esse não poderei condignamente apodar de bandido, e por isso da melhor vontade o retiraria se a carabina de Buiça o não houvesse já feito, poupando-o de fazer monte entre as preciosidades do museu de S. Vicente de Fóra.

Mas, voltando ás Necessidades.

Ali me deleitei no soberbo jardim e, — não me alcunheis de talassa,—senti-me rei por algum tempo refestelando-me nas cómodas cadeiras onde Suas Magestades devaneávam em socegadas noites de luar.

Tudo á minha volta me oferecia Paz e Solidão tão necessarias ao meu coração doente.

Só a estufa, a valiosa estufa tão fecunda das mais raras plantas, me apresentava a sua face mutilada como que a queixar-se amargamente. O vandalismo passára ali com seu cortejo de tôrva estupidez.

Como se os cristaes que a cobriam podessem espelhar a face de um novo Bragança que porventura surgisse em alguma manhã de nevoeiro, a mão da ignorancia partiu-os, apedrejou-os!

Quando na volta saía do faustôso palacio doutros tempos, uma coisa curiosa se me deparou: um papel, onde figuráva a já banida corôa, estava mergulhado num montão de esterco.

Coisas do acaso!

A corôa, o simbolo da realeza que um dia se levantou esmagando a carne lássa e morbidente dum povo adormecido, lançada ás estrumeiras!...

Saí e, tomando logar num vagaroso «elétrico» achei-me, como por encanto, na espaçosa Avenida da Liberdade.

Todos conhecem de certo tão pitoresco recinto, que eu, na minha ingenuidade imaculada, reputo de Quartel General das galantes francezas que por modicos preços nos lecionam amôr *à la française*. No entanto, eu, palrador de natureza, quero contar as minhas impressões.

Ao centro, como todos sabem, ergue-se o monumento dos Restauradores de 1640, que, como todos egualmente devem saber, é a data do ressurgimento da nossa patria, sessenta anos subjugada sob a regia pata dos usurpadores castelhanos. Depois, com meia duzia de pontapés, elês lá fôram, rabo entre as pernas, á boa mãe que era a patria dêles.

Tudo isto é demasiado conhecido; todavia, o que os meus caros leitores não conhecem talvez, é o tremendo *auto de fé* porque o pobre obelisco passou na gloriosa manhã de 5 de outubro de 1910.

Salpicada de balas, coberta de cicatrizes, ele ergue-se com [illegible] ção por haver resistido a tão *mau quarto de hora*.

Uma curiosa coincidencia se regista, claramente.

Por ocasião do combate na Rotunda, uma bala estilhaçou uma côroa real que enfeitava o brazão de Lisboa, mas sómente a corôa; o brazão ficou intacto como se o escôpro do escultor alí tivesse interferencia!

Pequeninas coisas, sem duvida, ninharias, talvez, mas, todavia, interessantes.

Gomes Monteiro.

Porquê?

Sim, porque é que o mundo, sem que haja outro motivo que melhor o justifique, chama cobarde ao homem que bate na mulher, em vez de, antes, qualificar a mulher que, só porque se sente femea, pucha o homem a um extremo que mais o faz sofrer a ele do que a deve fazer sofrer a ela?

Porque não se qualifica essa mulher, por exemplo, de animal repelente e, por isso, indigno de ser mulher?

Cobarde, o homem que bate na mulher que a um tal e brutal extremo o pucha?

Não! porque cobardes apenas podem ser as pessoas que, sem terem sentido depois o remorso dum profundo arrependimento, fazem mal ás inocentes creancinhas ou aos sinceros animaes!

Mas... lá me ia esquecendo já de que Tudo é necessario a Tudo!

Lisboa, 29 de Abril de 1913.

Leopoldo Torres Fernandes.

Notas pessoais

Fez anos no dia 14 do mez passado o snr. Serafim da Costa, de S. Paulo.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

LV

Os trabalhos manuais e a revista "Educação,, — E' necessário que os governos facilitem ás escolas o indispensavel material de ensino - O "Guia Prático de Trabalhos Manuais,,

No numero 7 da magnifica revista pedagógica *Educação*, que a benemérita Sociedade Promotôra de Escolas edita, vem uma lisonjeira apreciação á exposição de trabalhos manuais educativos da escola primária oficial de S. Sebastião da Pedreira, Lisboa. Pertence a esta escola, se não estamos em erro, o professor Virgilio Santos, ex-pensionista do estado no estrangeiro e um entusiasta pelo ensino manual.

«Os trabalhos expostos — lê-se na *Educação* — são apreciaveis sob dois aspectos: a execução dos educandos e a orientação dos educadôres. A primeira produs agradavel impressão, ora pela natural ingenuidade, ora pelo cuidado acabamento, pela relativa firmêsa de muitos desenhos, modelações, ligeiros trabalhos de arame, minúsculas construções de madeira, objectos em miniatura de ráfia, etc. A orientação dos segundos julgámos ser a boa compreensão do fim principal dos trabalhos manuais: despertar aptidões, desenvolver a iniciativa, apurar o gosto, educar a vista, habilitar a mão».

Mais adiante, encontram-se ainda mais as seguintes verdadeiras observações:

«A criança que sáe da escóla primária com tendencias educadas para o bem, o belo, o verdadeiro e o natural, tem condições para ser, não talvez um vencedor, um dominador, mas um espirito justo, capaz de valer como individuo e como elemento social. E quiz-nos parecer que esse é o resultado a que aspira o professorado daquéla escóla».

Depois ainda de algumas considerações, o snr. M. (Luis da Mata, julgâmos nós), afirma:

«Désta bela exposição trouxémos agradabilissimas impressões e a confirmação do que já supúnhamos anteriormente: na escola oficial é possivel o progrésso, desde que o professorado *o queira*».

Não contestâmos isto. Sómente nos permitimos acrescentar que a vontade do professor póde invencivelmente esbarrar contra a falta dos auxilios indispensaveis, quére dos estranhos, quére das estações oficiaes — o que dá á afirmação o carácter relativo que éla deve ter. Fôsse lá o snr. M. conseguir que alguem auxiliásse as iniciativas novas dos professores em cértos meios mesquinhos que conhecêmos. E ainda não ha muito alguem nos dizia que cérto inspector se recusáva a fornecer material para que alguns professores do seu circulo ensaiassem o ensino manual, com o fundamento, na verdade assombroso, de que êle... prejudicava a parte literaria!

Mas tudo isto se podia remediar com instruções precisas que do *alto* emanassem, no sentido de ser fornecido material ás escolas cujos professores mostrassem desejos de modernisar o ensino, juntando-lhe o exercicio dos trabalhos manuais educativos. Feito isto, agora que existe o *Guia Pratico de Trabalhos Manuais Educativos*, nenhum professor podia alegar que é, não diremos impossivel, mas mesmo dificil introduzir o ensino manual nas escolas oficiaes.

Bom é, no entanto, não terminarmos estes ligeiros comentarios sem frisar que sabemos de alguns inspectores de circulo que estão na intenção de fornecer a cada uma das escolas dos seus circulos um exemplar do livro acima referido—indo, assim, até ao encontro de duas objecções que não deixariam de aparecer da parte dos retrógrados: a de que o professor não póde tirar do seu ordenado miseravel meia dúsia de tostões para comprar um livro que lhe dê a conhecer o novo ensino, e a de que nem todos os professores conhecem as linguas estrangeiras em que até ha pouco tempo era exclusivamente ensinada a maneira de o ministrar. Não diremos que era para desejar que tal pratica se tornasse tambem geral, porque logo apareceriam espiritos ruins a malsinar as nossas intenções...

Prof. Manoel José Antonio.

CRÓNICA DO PORTO

Não... Isto não é o Porto que eu sonhára. Atravez a densa bruma das minhas iluzões, eu supuzera-o a cidade altiva e leal onde os seus habitantes se auxiliavam mutuamente e, afinal encontrei-o e conhecio tal qual era.

O tripeiro, em geral, não tem aquelas elevadas virtudes que tantos escritores lhe pintam nas suas novelas. O tripeiro rico, pode dividir-se apenas em duas categorias; a dos pedantes e a dos traficantes; ambos eles cultivam em grande escala o egoismo e se encouraçam ferozmente no seu *eu* absurdo e idiota.

A'parte rarissimas excéções, uns e outros concorriam em tempos da *defunta* que Deus haja (para festas ao reisito beato) com 50 ou 100$000 réis, mas para beneficencia e instrução nem um centavo.

Dos traficantes, nada se poderá obter; dos pedantes, poder-se-ha obter qualquer dádiva, contanto que a petição seja feita entre os seus iguaes, isto é—da *alta roda*.

Então, para botar figura, tiram duas fumaças, metem a mão ao bolso, deitam em roda o seu olhar embaciado pela orgia e embrutecido pelas bebidas excitantes e... sorriem!...

Não. Isto não é o Porto que eu sonhára.

Completamente desiludido, deixarei em breve a cidade que já foi invicta e leal sem levar comigo muitas saudades: o Porto, nada sabe dar, mas tudo sabe pedir, continuamente, pede obras e melhoramentos e não dispende meio centavo para a instrução ou beneficencia.

E quando o *bom tripeiro* (encouraçado no seu *eu* absurdo e idiota) encontra no seu caminho operarios sem trabalho, chama-lhes malandros, mas não os auxilia e deixa-os morrer á fome; não os socorre e deixa-os praticar crimes, não os auxilia e deixa-os roubar.

Os outros, os desprotegidos da fortuna, esses findam em vigaristas, fadistas e ainda outros equivalentes.

Positivamente, não é este o Porto que eu sonhára.

Eu sonhára-o belo e virtuoso, e encontrei-o a caír de pôdre e podendo dar a percentagem de 80 °/o da sua população para a degradação social. para a maldade, para a ignorancia, para a imbecilidade e para outros predicados de egual quilate.

Pensára-o um Porto bemfazejo, e encontro-o um Porto que tudo pede e nada sabe dar.

Não, Porto. Nunca serás o que poderias ser. E mais tarde te certificarás de que *quien todo lo quer todo lo perde*.

Santos Machado.

CARTA DE LISBOA

29—4—1913.

Como se a zaragata fosse o prato indispensavel ao *menu* do *restaurant* Resurgimento da Patria, os habeis cosinheiros confecionam-no, muito á sua vontade.

Na madrugada de 27, foi a cidade alarmada por gritos subversivos e vivas á Republica Radical.

Isto é, uma brincadeira indecente, que podendo trazer as mais funestas consequencias, ficaria mal aos garotelhos que atiram pedras e apanham pontas de cigarro.

Felizmente, nada de trágico se desenrolou, a não ser o suicidio de um 1.º cabo do regimento de infantaria 5, que vendo frustrado o movimento, disparou contra o ventre a sua espingarda.

Quer dizer: a divisa dos revolucionarios era a defeza da Republica quando de tudo o que fizeram só o descredito, o desprestigio, a ruina, até, da nossa Patria poderiam advir.

Não lutavam pelo bem comum, mas pelo penacho proprio, o que faz sua diferença.

A seguir aos acontecimentos que relatei, rialisou-se em todos os quarteis o juramento de bandeira que revestiu intenso brilho, havendo jogos interessantes, com premios aos vencedores.

NETRATO.

Raciocinios dum pensador

Tudo e Nada
OU
A minha religião

Quem são os paes de Tudo?
—Vida e Misterio!
Quem são os paes do Nada?
—Misterio e Vida!
O que é que mais se aproxima de Tudo?
—Nada!
O que é que mais se aproxima do Nada?
—Tudo!
O que é Tudo, para a compreensão humana?
—Nada!
O que é Nada, para a mesma compreensão?
—Tudo!
Onde está Tudo?
—*Dentro* do Nada!
Onde está o Nada?
—*Dentro* de Tudo!
Onde estão Tudo e Nada?
—*Dentro* do *Todo*, onde Tudo perpetuamente turbilhona e se transforma sem interrução, e onde Nada em absoluto principia e só continua!
Onde está o Todo?
—*Dentro* da Vida!
Onde está a Vida?
—Dentro e fóra da Materia!
Onde está a Materia?
—Dentro da Vida!
Onde começa a Vida?
—Onde começa o Espaço!
Onde começa o Espaço e a Vida?
—Onde começa o Infinito!
Onde começa o Infinito?
—Em Nada e Tudo!
Onde começam Tudo e Nada?
—No Infinito!
Onde acaba o Infinito?
—Onde começa a Demencia!
Onde começa e acaba a Demencia?
—Onde acaba e começa a Vida!
Onde começa e acaba a Vida?
—Em Nada e Tudo!
E onde começam e acabam Tudo e Nada?
—Em Nada para acabar em Tudo, recomeçando em Tudo para novamente acabar em Nada, e assim indefinida e eternamente!

Agora: qual é a conclusão mais rigorosamente justa a tirar das perguntas e respostas que precedem?

A minha razão ordena-me que aceite Tudo e Nada como sendo e estando Bem, e que de todo o existente entre Nada e Tudo faça a minha Religião!

Porque Tudo é egual a Nada, Nada e Tudo prefazendo um Todo Absoluto, cujos Paes Eternos, a despeito do eterno aperfeiçoamento, eternamente serão—Vida e Misterio!

Mas, no entanto, ha alguem que deseje contraditar-me nestas muito minhas ideias? Se ha, *seja quem fôr*, queira aparecer; e se não ha, então peço licença para me retirar da liça, embora não sem primeiro apresentar a expressão do meu profundo respeito não só por todas as pessoas que me acabam de lêr, mas tambem por Nada e Tudo o que me rodeia *dentro* do Infinito.

Lisboa, 30 de Abril de 1913.

Leopoldo Torres Fernandes.

Interesses coletivos

AS PROPINAS EM FÓCO

Recebi uma longa carta assinada por um grupo de *garçons* de hotel, em que me pedem para que prosiga na questão das propinas até que este importante assunto cale profundamente no ânimo dos interessados, e que todos compreendam que, «quando conseguirmos realisados os nossos desejos, teremos sem duvida vencido uma das principaes questões de interesse para nós», dizem êles.

Se na dependencia de tal assunto estivessem apenas os interesses dos sinatarios da referida carta e dos seus companheiros, seriam baldados todos os esforços que a tal respeito se envidassem, porque a miseria dos pobres é o que menos importa aos ricos. *Non, garçons*. De tal assunto tambem depende, e mais ainda, os chorudos interesses para os patrões e para o publico em geral. Dêsses interesses, vós deveis apenas exigir uma particula que vos permita uma vida desafogada, proporcionando-vos a tranquilidade do espirito, propria a quem sabe com o que pode contar.

Para vós o interesse espiritual, para o público o interesse moral, e para os patrões o interesse material. Eis tudo.

Pedem-me vocês tambem para aclarar bem em que consistem os interesses duns e doutros, com o estabelecimento dum ordenado fixo para substituir as propinas tão variaveis, demonstrando simultaneamente que acima de tudo está a moralidade. Foi isto mesmo que eu já disse, e é o que tenciono fazer, mas devo dizer-vos que a questão de moralidade é o que menos importa aos patrões.

A moralidade dêles consiste em tirar a pele aos seus serventuarios, fazendo déla um *bombo* para, por essas ruas, mandar tocar em réclamo aos seus estabelecimentos.

Agora que sei positivamente que vocês perfilham o que a este respeito tenho escrito, continuarei a tratar do assunto, não com mais vontade, porque ela já me sobejava, mas com mais coragem e com mais esperança. Este brado deve ecoar na vossa associação de classe e é a ela que vocês devem recorrer, contando com o meu pequeno auxilio, aqui nas colunas do *Dever*.

Lisboa, 25—5—13.

M. d'Almeida Junior.

1.º DE MAIO

Decorreu muito animado em diferentes pontos do concelho este dia festivo, que coincidiu com a Ascenção, em que se realisa a tradicional romaria ao Bussaco. Na estação desta localidade venderam-se cento e tantos bilhetes, vendo-se á tarde os comboios cheios de pessoas, que regressavam a suas casas, depois de terem gosado todo o dia, numa alegria cativante, nas serranias do historico Bussaco, onde cada qual, muito prasenteiramente, comeu os seus farneis.

Na gare, muitas pessoas aguardavam os forasteiros, vendo-se em todos os rostos espelhado o contentamento que costuma sempre trazer um dia de festa. Não faltou mesmo a nota alacre das danças populares, em que guapas moçoilas, e rapazes alegres davam largas á sua vivacidade, reprimida na vespera por um dia de extenuante trabalho.

E assim acabou o 1.º de maio, a um sol morrente e acariciador, que convidava o povo no dia seguinte a um trabalho fecundo, honesto e salutar.

Ferro-viarios de Portugal

Um alvitre. Um ferro-viario da Beira-Alta tem esperanças na regeneração da classe

Belmiro, que desde a fundação deste jornal tem sido o mais presistente e dedicado colaborador desta secção social, entre outras considerações e alvitres, lembrava no anterior numero do *Dever* a justa conveniencia de se fundirem, numa só associação, todas as associações de classe ferro-viarias actualmente existentes.

Referiu-se ao pessoal da minha linha e chamou-lhe desprotegido, etc. E não se enganou *Belmiro*. O pessoal da linha da Beira é o que mais sofre e o que mais trabalha. A' parte o seu inspector do movimento, que finalmente se compenetrou das imprescindiveis necessidades do pessoal menor, e lhe tem feito justiça, o resto tratam-nos como carneiros, sem contemplações nem atenções.

E para acabarmos com esta deprimente situação, só associados, unidos, mas bem unidos, pudémos conseguir a realisação do nosso almejado *desideratum*.

Efetivamente nós pagamos mas não sabemos bem para quê. Um cobrador aparece-nos e pede-nos um cruzado ou cinco tostões. Mais um camarada vem e apresenta um recibo de um tostão para a *Humanitaria*; outro pede mais 10 centavos para um jornal; outro para a *União* e outro... não sabemos para quê.

Reforçando e aplaudindo o alvitre de *Belmiro*, nós lembrâmos a conveniencia de se criar apenas uma grande associação de classe, a cuja bandeira se abrigassem os ferro-viarios de todas as linhas de Portugal, sem distinção de categorias, com comissões de vigilancia por toda a parte, nucleos, ramificações bem organisadas, um *comité* central, um jornal bi-semanal ou diario, e a quota seria de 10 centavos, e sobejaria muito dinheiro.

O socio teria como condição essencial prestar juramento de fidelidade, junto da grande comissão central que seria eleita por meio de votação nominal e por um periodo de 3 anos, prestando conta dos seus trabalhos mensalmente.

Iria uma vez por ano ao estrangeiro em missão de estudo, para o que se abriria um crédito especial, e faria sessões de propaganda nos nucleos e ramificações, todas as vezes que fosse possivel.

E' isto o que me parece mais justo, mais logico e racional, e eu vejo que é praticavel, se todos nos compenetrarmos dos nossos direitos, não olvidando os nossos deveres, tendo em vista o grande papel educativo e emancipador que temos adiante de nós para atingirmos o fim que almejamos.

E assim teriamos, dessa confraternisação, que não havia que distinguir o pessoal da Beira do do Norte, o do Minho e do Sul do de Guimarães, etc.

Era uma familia, poderosa por sinal, e com cuja união e educação coletiva lucraria a Patria e lucraria a Humanidade inteira.

Isto pensa sinceramente

Um empregado da B. A.

Teatro Gremio da Pampilhosa

Tem proseguido com geral aplauso os espétaculos cinematograficos nesta casa de recreio, tendo desaparecido, com as magnificas fitas que a companhia cinematografica de Portugal tem apresentado ao publico, aquela má impressão que de começo sugeriram algumas de pouco efeito.

Hoje ha espectaculo, com os preços e á hora do costume. As fitas são escolhidas e tudo leva a crer inorme concorrencia.

Poetas e prosadores

ADEUS

A D. Maria Fernanda da Trindade Martins

Não me disseste nada e eu nada disse...
Por nós fallou o nosso mudo olhar;
No meu havia um mundo de pesar
No teu havia um mundo de meiguice.

Os olhos sabem muito bem fallar;
Uma palavra só que se encobrisse
Teria um volver d'olhos que a trahisse
E ao coração a fosse murmurar.

E não dissemos nada... mas calados
Nós entendemos bem que amargurados
Já tinhamos os nossos corações,

A voz dos olhos foi como uma voz
Ouvida dentro d'alma, só por nós,
De inefaveis e fundas vibrações!...

Abril, 1913.

Edmundo de Azevedo.

Secção Instrutiva N.º 14

Horas d'Ocio

A prelécção do Báfista

A ALIMENTAÇÃO E SEUS RESULTADOS

(*Continuado do n.º 53*)

A insuficiencia de alimentação, como disse, dá a *inanição*, com todo o seu cortejo, isto é: exgotamento gradual das forças vivas do organismo, anulação da energia fisica, ou seja um enfraquecimento geral, que nos priva do uso perfeito das faculdades, e que pelo pauperismo do organismo, nos expõe a toda a especie de doença. Não erro quando tanto avanço; pois que, os miriades de milhões de microbios, que durante uma hora aspiramos com o ar, são a semente de outras tantas variedades de doenças, que, se não se manifestam, é porque a terra (organismo) não estava apta para o desenvolvimento da semente que absorvemos.

E' pois o problema da alimentação, um, senão o mais complicado e importante.

Precisamos comer, mas nem mais nem menos do que a quantidade precisa.

Se no primeiro caso, o excesso prejudica, no segundo, a deficiencia, é tão manifestamente nociva, que bem podemos dizer que, de cada 90 mortes de creanças até aos 10 anos, 30 são motivadas por excesso de alimentação, e 60 por falta désta.

Isto emquanto á quantidade.

A qualidade, ou antes, a variedade, é tambem um importante ponto para pensarmos.

Para que as substancias, que injerimos, tenham a justa applicação a que se destinam, isto é: para que sejam assimilaveis e alimenticias, é condição indispensavel que se transformem nas partes que constituem o sangue, por isso que é este liquido o que, nos seus canaes proprios, *arterias e veias*, leva a todas as partes do corpo os elementos de constante reparação e de desenvolvimento dos diversos tecidos.

Em cada 1:000 gramas de sangue, ha aproximadamente:

Agua	789,0
Albumina . . .	67,0
Fibrina . . .	2,●
Globulos sang. .	131,0
Gordura . . .	3,5
Saes diversos. .	7,5
Total . .	1.000,●

—E qual é a composição quimica de cada um destes elementos que formam o sangue?

—Eu lhe digo:

A agua é formada de oxigenio e de hidrogenio. Dois gazes que, combinando-se em virtude da passagem da faisca eletrica, determinam esse importante liquido, e que, não falando agora da sua desmesurada importancia, pelos sem numero de casos de indispensavel aplicação, ela fórma os dois terços do corpo humano; o que equivale a dizer que, em cada 75 kilos, ha 50 de agua.

Todo o animal é gerado e se desenvolve em um meio liquido; e na sua maior parte, é formado pela agua.

A Albumina, quasi pura na clara do ôvo, é branca e viscosa, coagulavel pelo aumento de calor, entra na composição de quasi todos os orgãos e é formada de hidrogenio, oxigenio, carbono e azote.

A Fibrina é uma transformação da Albumina, e é a base da carne ou musculo.

Os globulos, são formados de uma membrana albuminosa, transparente, e teem como contento um liquido formado por Albumina, gordura, e uma substancia corante chamada hematosina.

A hematosina deve a sua côr ao ferro que contem.

A gordura é sempre um composto de oxigenio, hidrogenio e carbonio.

Dos saes, temos como mais importantes: phosphato, bi-carbonato e cloreto.

Figueira da Foz, 26 -4—913.

(*Continúa*).

E. M.

Tuna da Pampilhosa

Esta distinta Tuna, composta de grande numero de executantes, vae a Coimbra por occasião das festas do Espirito Santo, em Santo Antonio dos Olivaes, fazendo-se acompanhar de um novo e vistoso labaro, artisticamente pintado pelo artista conimbricense snr. Antonio Elizeu.

Bem merece ser acolhida com todas as honras, pois está sendo uma das melhores Tunas da provincia.

Falta de espaço

A abundancia de originais obriga-nos a deixar de publicar neste n.º, entre varios outros escritos, o artigo *Coisas simples*, de Aurea Judit Amaral, uma correspondencia de Canêdo e outra de Pampilhosa do Botão e ainda uma bela poesia do nosso brilhante cronista da capital, Gomes Monteiro. Pedimos desculpa.

CORRESPONDENCIAS

Maçal do Chão, 29

Casos ha que a pena se recusa a escrever, mas que a qualidade de correspondente nos obriga a relatar. Tal o facto que passo a narrar: No dia 24 do corrente, por duas horas da manhã, foram os habitantes désta freguezia acordados em sobresalto com a noticia de que Antonio Gabriel Gonçalves, proprietario e lavrador désta freguezia, havia dado um tiro de revolver em sua mulher Maria José. Tambem fômos dos que logo comparecemos, e ao entrar na casa da habitação depara-se-nos um quadro triste e lancinante: A infeliz, que ainda pudera levantar-se da cama, onde fôra ferida, estava caida na sala da entrada, rodeada de trez filhinhos menores que choravam tam grande desgraça, resultando infructiferos os afagos e carinhos que alguns visinhos lhes prodigalisavam. Depois de verificar a gente presente que a bala lhe entrara acima do quadril do lado direito e não havendo sangue, pensou-se em administrarem-se-lhe alguns socorros, julgando que a bala não haveria feito grandes estragos.

Todos nos enganamos. Pelas 4 horas a desgraçada morria, vendo-se então outro orificio junto ao umbigo do lado esquerdo. A bala havia-a atravessado, furando-lhe quasi todos os intestinos.

O criminoso fugira e por isso o digno regedor da freguezia, snr. Sebastião da Fonseca Leitão, mandou imediatamente prevenir os chefes das estações do caminho de ferro de Celorico, Baraçal, Vila Franca das Neves e Pinhel, obstando dêste modo a que ele embarcasse para parte incerta. Mandou ao amanhecer dar uma batida em fórma aos arredores da povoação, nada se encontrando que indicasse o seu paradeiro, ao mesmo tempo que prevenia do caso as autoridades. Por estas soubemos que o desgraçado, vendo a impossibilidade de se escapar á ação da justiça, se fôra entregar voluntariamente a Celorico, onde confessára o crime, mostrando pena de não haver feito outro tanto a um seu cunhado, Sebastião Bernardo Esteves, que sempre o tratára bem, ajudando-o no que podia.

Não apresenta sinaes de arrependimento, e não havendo atenuantes atendiveis, pois que nem zanga entre os dois, marido e mulher, houvera, estamos seguros de que a justiça, representada nésta comarca por homens de bem e dum caráter impoluto, saberá castigar com a imparcialidade que até hoje tem mostrado, o triste protogonista dêste ainda mais triste drama.

——Tendo eu mostrado em um dos numeros anteriores do *Dever* o meu desgosto por ainda não haver sido eleita a Comissão Politica dêste concelho, cumpre-me declarar aqui que esse meu desejo é já um facto, e que déssa comissão fazem parte cavalheiros de toda a probidade, não se poupando a esforços para que o programa do Partido Republicano Portuguez seja conhecido no concelho e seguido por todos os que anceiam ver esta Patria, livre já de tantos preconceitos e de tanta sanguesuga do erario publico, elevada com honra e dignidade no conceito das demais nações. Não regateamos o nosso louvor ao dignissimo administrador do concelho, dr. Luiz A. Lopes Ramires; pois a ele se deve a união de elementos, que embora republicanos, não se congregariam em volta do velho e honrado Partido Republicano Portuguez, afim de defende-lo das arremetidas velhacas dos infames realistas, e ainda das extemporaneas e inoportunas acusações dos outros partidos.

——Consta que está para breve a eleição politica désta freguezia e ainda a da freguezia do Minhocal.

Padre Paulo Evaristo Alves,
Pensionista.

BARAÇAL, 1

Consta-nos que na freguezia de Fornotelheiro, deste concelho, os gatunos assaltaram, de noite, uma casa comercial, roubando, além de algum dinheiro, varias fazendas. Os meliantes serviram-se do arrombamento para entrarem no estabelecimento, fazendo as suas proezas com tanta pericia, que o dono e sua familia, que residem no 1.º andar, não deram por coisa alguma.

Vagueiam por estes sitios muitos gatunos e presume-se que exista alguma quadrilha formada em qualquer locanda desconhecida. Ha tempos tambem assaltaram e roubaram um estabelecimento proximo da estação do caminho de ferro de Celorico.

Pedem-se providencias ás autoridades.

=== Os acontecimentos de Lisboa produziram aqui pessima impressão, e todos protestam contra um procedimento tão leviano quanto improprio do momento atual.

O socego no distrito da Guarda é completo e não ha ninguem que não proteste contra a leviandade de tal procedimento.

E' preciso mais respeito e mais amor pela Republica, que todos temos o dever de abraçar.

=== Consta-nos que vae casar brevemente, com uma gentil menina desta terra, o nosso amigo Abilio Lopes, que vae estabelecer-se n'esta povoação, por estes dias.

=== O conhecido José Marques (antigo bombo da filarmonica), parece que está disposto a obrigar todos os cidadãos a tirar o chapeu quando tocam os sinos ás trindades, isto é, a rezar. Tenha cuidado snr. *Zé*, não sofra algum desgosto.

O tempo agora é outro.

Fernandes d'Almeida.

Agua da Curia

Semelhante á de Contrexeville

Estimula a acção dos rins, que são os filtros do corpo humano.

Experimentai a agua da Curia.

NA ESTANTE

Cristianismo e Democracia, Cristianismo e Socialismo — por Analote Leroy-Beaulieu, membro do Instituto de França. Casa Figueirinhas, Porto. Preço: 100 réis.

E' uma obra social, de largo alcance, mas com doutrinas bastante discutiveis, debaixo de certos pontos de vista.

ASSUNTOS AGRICOLAS

A vantagem das adubações antecipadas

Embora muitos lavradores pensem precisamente o contrario, não resta a mais pequena duvida de que o resultado obtido das adubações é tanto melhor quanto maior é o espaço de tempo que vae da aplicação dos adubos á sementeira.

Muitos lavradores pensam que os adubos, aplicados alguns mezes antes das sementeiras, se perdem por infiltração ou perdem a força, como dizem. Se isto sucede ou pode suceder com os superfosfatos, que tanto se podem perder por infiltração, por serem aplicados com muita antecedencia, como por serem aplicados em terras delgadas, o mesmo não se dá com o Fosfato Tomaz, que se conserva perfeitamente na terra durante muitos mezes, ainda mesmo que os terrenos sejam muito ligeiros e que haja chuvas.

Se os adubos são aplicados na ocasião das sementeiras, isto principalmente na cultura cerealifera, a seara começa a ter necessidade de os utilisar, antes que eles se encontrem em estado de poderem ser completamente aproveitados.

Se, pelo contrario, os adubos são aplicados com uma antecedencia de dois, tres, ou mesmo quatro mezes, antes da sementeira, quando a cultura começa a ter necessidade de aproveitar esses adubos, encontram-se eles já perfeitamente solubilisados e em estado de serem imediatamente aproveitados.

Ha, portanto, toda a vantagem, para os grandes lavradores do Alemtejo, em aplicar os adubos que devem lançar á terra, alguns mezes antes de fazerem as sementeiras. Não devem recear que os adubos percam a força, especialmente tratando-se de Fosfato Tomaz, mas, bem pelo contrario, devem compenetrar-se de que, quanto mais cedo se faz a adubação tanto melhor é o resultado da mesma, porque, ao lançarem á terra a semente, já esta encontra o adubo preparado para lhe satisfazer desde logo as necessidades vegetativas.

Os lavradores teem, pois, toda a conveniencia em fazerem cedo, não só a aquisição dos adubos de que precisam, mais ainda a sua aplicação.

As vantagens são manifestas. Fazendo cedo, em maio ou junho, aplicação dos adubos, o resultado cultural é melhor do que aplicando os adubos na sementeira.

Fazendo cedo a compra, ha tambem muitas vantagens que o lavrador deve aproveitar. Em maio e junho, os gados e o pessoal teem menos que fazer, e estão mais descançados que em setembro e outubro, e ha alguns transportes de cortiças, azeites, carvão, etc., podendo os lavradores aproveitar assim o retorno dos carros das estações para as herdades.

Em maio e junho não ha nos caminhos de ferro a afluencia de serviço que ha em setembro e outubro, e, portanto, ha mais material disponivel.

Finalmente, e isto é da mais alta importancia para os lavradores, pela nova tarifa dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, para o transporte de adubos, os adubos transportados em abril e maio gosam de uma redução de 25 o|o, e os adubos transportados em junho teem uma redução de 20 o|o, reduções estas que os lavradores não devem deixar de aproveitar.

O que, pois, devem fazer os lavradores do Alemtejo é comprarem os adubos de que precisam, em maio e junho, sendo preferivel o mez de maio, porque o transporte é mais barato, e fazerem imediatamente a aplicação, embora as sementeiras só se façam mais tarde, no que ha toda a vantagem, porque o resultado que se obtem é assim melhor, especialmente tratando-se de Fosfato Tomaz, que, como se sabe, é o adubo fosfatado mais conveniente e mais proprio para os terrenos do Alemtejo.

Se algum inconveniente pudesse haver, seria para os superfosfatos; mas ainda assim não deve haver receio de perdas, porque daqui até ás sementeiras poucas são as chuvas.

Mas, como o adubo fosfatado, que deve ser preferido, deve ser o Fosfato Tomaz, o inconveniente deixa de existir, para ser uma enorme vantagem.

Quanto aos adubos a empregar, de um modo geral pode dizer-se que os superfosfatos devem ceder o Fosfato Tomaz, por ser este adubo muito mais adequado á maior parte das terras que aqueles.

Mas o que mais falta nas terras é a potassa, porque de acido fosforico pode dizer-se que estão elas quasi fartas.

O que é preciso é adubar com Kainite, misturada com Fosfato Tomaz, ou mesmo com superfosfato, comtanto que a potassa de algum modo seja fornecida ao terreno.

A Kainite tem grandes vantagens, porque, ao mesmo tempo que dá á terra a potassa de que esta precisa para bem produzir, conserva tambem a terra num estado de frescura muito conveniente. Assim, pois, devem os lavradores adubar as suas folhas de terra com uma mistura de Fosfato Tomaz e Kainite, em partes eguaes, ou mesmo superfosfato e Kainite, em partes eguaes, sendo preferivel a primeira d'estas adubações, e convindo por todas as razões apontadas que a aplicação dos adubos seja feita o mais cedo possivel, não só para aproveitar a redução dos caminhos de ferro, mas ainda para se conseguir o melhor resultado cultural.

A casa O. Herold & C.ª, com armazens em Lisboa, Barreiro, Porto, Pampilhosa, Regoa, Faro e Santarem, tem para expedição imediata Fosfato Tomaz, Kainite, Superfosfato de cal, da marca GALLO; da marca TREVO e da marca HEROLD, nacional, e muitos outros adubos, como Cal Azotada, Sulfato de Amonio, da marca DRAGÃO, etc.

Dirigir tambem a Fortunato Vaz, **Camarneira—Cantanhede.**

PARA RIR

Na feira de Belem:

— O' mamã, não reparou n'aquelle senhor que ali vae?

— Eu não; quem era?

— Era o papá do anno passado...

ANUNCIOS

Acção de divorcio

NO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho, e pelo cartorio do segundo oficio, foi, por sentença de 9 de abril corrente, que transitou em julgado, decretado o divorcio entre os conjuges bacharel Francisco Fausto Guedes Gavicho, de Tentugal, e esposa D. Frederica Fassini, tambem conhecida por Frederica Fassini Gavicho e por Frederica Carolina Josefa, ausente em parte incerta.

Montemór-o-Velho, 21 de abril de 1913.

O Escrivão,

João Pais da Cunha Mamede.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Séde em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

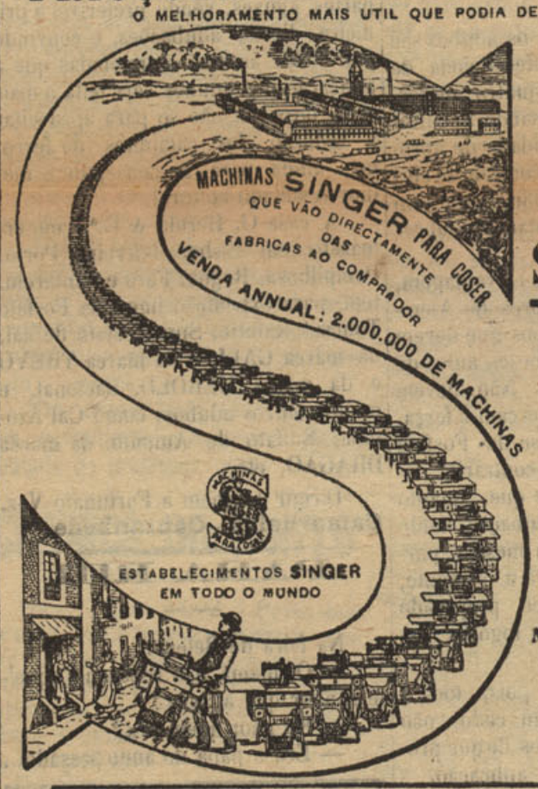
Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

JOSE MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

MODISTA

Máquinas de Costura, Bicicletes e acessórios

EM CASA DE

José M. Figueira

CANTANHEDE

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.

O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.

Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central. Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

MURALINE Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 2.° Arazêde, 11 de Maio de 1913 N.° 64

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os autografos.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

Portugal e Colonias Portuguezas—Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trismestre, 30 centavos.
Brazil — Ano, 2 escudos, fortes.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO

Redactor e editor — ALMEIDA JUNIOR

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA GRUZ

Redação e Administração — ARAZÊDE

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

Biblioteca da Universidade Coimbra

Ecos dum movimento frustrado

Só pela leitura dos jornais, e, mais tarde, por algumas cartas particulares, soubemos do tresloucado movimento que na madrugada de domingo, 27 de abril, se desenrolou na capital, e ainda hoje eu pergunto a mim mesmo: Mas o que queriam, que fim tinham em vista, os organisadores da revolta?!

Alguns dizem-se republicanos, e não podemos duvidar das provas que aduzem para o provarem, e por conseguinte só enganados podiam entrar n'um movimento que tanto mal causava ao regime, que carece de paz e tranquilidade para proseguir na marcha que de começo se traçou:—economia e trabalho.

Dizem que tambem havia n'esse movimento ambições não satisfeitas! De republicanos, ou de monarquicos?

Se de republicanos, o que nos custa a crer, não desejam esses homens cooperar com os Governos na reforma da administração publica, que tam atacada, e com justos motivos, foi no tempo da devassa e adeantadora monarquia, e assim é que, julgando fazer mal a este eu áquele homen publico que lhe não satisfaz a vaidade, eles, os tais republicanos, se tornam carrascos do regime que dizem defender, e fazem desta sorte o jogo monarquico.

Pois póde compreender-se que se façam imposições por meio da arruaça e da revolta? O que a todo o portuguez se deve impôr, agora e sempre, e sobre tudo, é a compreensão nitida dos nossos direitos e deveres; é o amor á verdade e á justiça, que vemos delinear-se bela e triunfante no horisonte de esta querida Patria, ainda mais bela!; é a educação deste Povo para a qual todos, sem excepção, devemos concorrer, a fim de que os termos *amor-patrio* e *civismo* sejam empregados com inteira verdade, e manifestem sem hipocrisia os sentimentos dos nossos espiritos.

Posto isto, a que proposito veio a revolta de domingo?! Que exemplo de civismo nos deram aquelas bombas apreendidas?! Que exemplo de amor patrio e dedicação á Republica nos deram os poucos militares que, sem ordem superior, abandonaram os quarteis, vindo para a rua fomentar ainda mais a desordem e a anarquia?!

E' tempo de haver juizo; e, se me fosse permitido, eu diria a esses agitadores das massas, a esses irriquietos, que olhassem para a tranquilidade do povo da provincia, que tambem faz parte da Nação, e vissem nele o pedido mudo de Paz e harmonia que deviam sempre existir nos nossos governantes.

Nem só Lisboa é Portugal, e, por isso, mais uma vez: Juizo, senhores! que os monarquicos riem-se de nós!

P.e Paulo Ecaristo Alves.
(Pensionista).

NOTAS

Coisas nossas

O snr. deputado Manoel Alegre declarou no parlamento que havia sido procurado pelo snr. Machado Santos para o convidar a ir a Aveiro revolucionar um regimento, no intuito de assassinar os snrs. drs. Afonso Costa e Bernardino Machado.

O caso produziu sensação, cômo é natural, e o governo resolveu que se proceda, pelo ministerio do interior, ao inquérito administrativo ácerca da afirmação feita no parlamento. Agora o snr. Machado Santos néga o facto na *Republica*, mantendo integralmente o snr. Manoel Alegre as suas afirmações feitas na Camara.

Qual o resultado de tudo isto? Procede-se ao inquérito e tudo fica como dantes, tendo-se a principio feito muita bulha para nada.

E — o que é mais — Machado Santos continuará a receber os 3 contos e pico. Coisas nossas...

Teorias

O snr. Correia Barrêto é de opinião que a instrução primaria deve ser entregue por completo aos municipios, e deve sofrêr a influencia do modo de sêr regional; acha urgentissimo criar por toda a parte *escolas de trabalho*, onde as crianças aprendam qualquer mister e onde adquiram habitos de trabalho; e entende que só a descentralisação do ensino poderá resolver este problema.

Está-se a vêr a dóse de teorias do snr. Correia Barrêto, que não é homem do seu tempo, mas do tempo que ha de vir, e só no qual estas fantasias serão a realidade. Mas louvemos-lhe, ao menos, os bons intuitos.

Mais teorias

O deputado snr. Macedo Pinto apresentou ao parlamento um projecto de lei para a fundação de «jardins adolescentes» nas cidades de população superior a 30 mil habitantes. Os *jardins de adolescentes* ou *Escolas Novas Portuguêsas* admitirão individuos dos 6 aos 18 annos, sendo o regime o internato ou o semi-internato.

O projecto alarga-se n'uma série de bases mirabolantes, mas a exemplo do célebre Ministerio de Instrução, tudo ficará em aguas de bacalhau. Ao menos, vamos mostrando desejos de avançar... parados.

Identificados

A *Nação* e o *Dia*, os dois talassissimos orgãos que afinam pelo mesmo diapasão, protestaram conjuntamente ás duas Camaras contra o facto de terem sido apreendidas as tiragens dos seus respeitaveis pasquins.

Vejam como eles se ligam e como eles são a unha com a carne!

O que élas hão de sêr!

Em Londres, numa repartição do correio, foi encontráda uma bomba de nitro-glicerína, capaz de fazer destruir todo o edificio. Sabem quem praticou o atentado? As sufragistas inglêsas, mulheres que a todo o custo querem ter o direito de voto e que o parlamento mais uma vez acaba de lhe negar.

Tudo leva a crêr que as mulhersinhas, perigosas no começo, hão de acabar no futuro por ser terriveis, pretendendo talvez mesmo governar o seu país...

Livra!

Em camisa

Num passeio a Vigo, promovido pela Associação dos Bombeiros Voluntarios do Porto, e em que tomaram parte 763 excursionistas, o fisco, no seu excessivo zelo de tudo examinar, exigiu que muitas das senhoras que acompanharam a excursão se despissem a ponto de ficarem em camisa.

Imaginem o efeito que a scena devia produzir nos guardas naquéla ocasião... Maganões! Até dá vontade da gente ser guarda fiscal! O peor é uma senhora inglêsa, que fazia parte da excursão, ter de ir para o seu país dizer que nós somos uma corja de doidos e selvagens...

Queixumes

Ha professores que ainda se queixam do governo lhes pregar calotes e outras coisas mais.

O' meninos, não se queixem que o professor póde ser caloteado, espesinhado, espingardeado e ainda por cima crucificado. E' o seu fado e ha-de cumpri-lo. Não estranhem, pois. Sôfram, e caladinhos...

Quem torto nasce ...

O *Diario de Coimbra*, com meia duzia de dias de existencia, zangou-se com o seu corpo tipografico e... zás, pôs tudo no olho da rua e suspendeu a publicação do *Diario*.

E assim, por uma birra do seu director, se suspende a circulação dum periodico que não poucos encargos ha de ter custado para se pôr em circulação.

Mau agoiro. E, depois, quem torto nasce tarde ou nunca se *indireita*.

Puxar a braza

O snr. dr. Carlos Cilia, pedia, alvitrava ha dias num diario da capital a fundação dum grande posto dentario em Lisboa, depois de mostrar a alta conveniencia de se tratar, com cuidado, da higiene dos dentes das criancinhas.

Que lá fóra, especialmente em França, ha cirurgiões dentistas permanentes nas escolas primarias, etc., e que Portugal carece da mesma maneira, de adotar essa medida, criando o governo, já, um posto na capital da Republica, para servir a população escolar de Lisboa.

E o cirurgião dentista Carlos Cicilia entende que só Lisboa tem direito a tão importante melhoramento.

Porto, as demais terras da provincia, não tem jús a nada. E' mirabolante.

Ou o snr. dr. dentista não residisse em Lisboa.

Cheirava-lhe...

Altivamente

O snr. Barthou, presidente do ministerio francez, num discurso que pronunciou em Caen, em presença dos delegados dos grupos republicanos, proferiu as seguintes palavras:

A Republica não póde ensarilhar armas em face dos seus adversarios, mas não nos prestamos a colaborar em agressões e em vexames indignos de republicanos conscientes da sua força e dos seus deveres.

Mesmo nas horas dificeis, o nosso sentimento nacional sabe conservar a dignidade, não usando provocações nem ameaças, e não deve comprometer-se em lastimaveis exibições dum patriotismo exuberante teatral. O paiz quer a paz, mas a paz que se harmonisa com a sua altivez e a sua dignidade, não a paz que tem por origem o medo.

São estas, crêmos nós, as ideias perfilhadas pelo atual presidente do ministerio portuguez. E é o que deve ser. As transigencias são sempre evidentes sinais de fraqueza e cobardia.

P'ra frente é que é o caminho.

Feminismo

A camara dos Comuns, em Inglaterra, regeitou, por 266 votos contra 216, o projeto de lei que concederia o direito de voto, nas eleições legislativas, a seis milhões de mulheres.

Quere dizer: negou-se o voto a tantas mulheres quanto de população tem Portugal.

E se esses seis milhões de mulheres se lembrassem de, em sinal de protesto, fugir para cá?!...

Cabia uma a cada habitante de Portugal, o que, para alguns portuguezes, dada a sua *queda* para o feminismo, ainda seria excessivamente pouco.

Resta saber o que esses feministas fariam se elas se convertessem todas em... sogras.

Os que têm fome!

Mais uma tragedia maritima pôz termo á existencia de 14 desgraçados pescadores de Buarcos.

Foram ao mar, lá p'ra longe, em procura de um pedaço de pão para os seus que em casa ficavam rotitos e com fome, e o mar, sem dó nem piedade, traga-lhes o frágil batel ali para os lados da Vieira de Leiria.

14 familias sem pão, de luto, choram agora amarguradamente a sua desditosa sorte, que é, afinal, a sorte dos que trabalham, a sorte de todos os párias.

Que providencias tomará o governo da Republica no sentido de amparar os pobres orfãos e suavisar a dôr das atormentadas viuvas?

Esperamos que alguma coisa fará.

CRÓNICA DE LISBOA

Sôam ás vezes ao meu ouvido os écos retumbantes dum aperfeiçoamento social, duma era nova e progressiva em que o operario possa erguer-se á luz do dia, num lampejo febril de reivindita.

O *amanhã* vem perto, tão perto, que se a féra estupida do Capital, á semelhança dos guerreiros gaulêzes, colasse o seu ouvido ao sólo, sentiria distintamente os passos do Vingador que se aproxima.

Mas, ó, meus irmãos da plébe, vós precisais encarar melhor, mais a frio, mais a serio, os pontos estrategicos do combate que tentais.

A França, a Inglaterra, a Belgica e outras, poderão afirmar aos quatro ventos que a vitória será dos oprimidos, da ralé, da canalha que labuta e que produz. Essas nações poderão afirma-lo porque se sabem conduzir e equilibrar. Vós não.

Emquanto os vossos irmãos se barricam para gréves futuras, vós esbanjais no alcool, no jogo, no debóche o que tão necessario seria ás vossas associações de classe e socórros e, as mais das vezes, ao sustento dos vossos filhos!

E' esta a vossa orientação, ó meus irmãos da plebe, é este o vosso proceder.

Ainda no 1.° de Maio, data festiva ao sêr que labuta sol a sol, data que deveria ter para vós a mais sincera veneração e vos deveria servir de lêma perseverante no crú desenrolar da tragica jornada, vós fostes para as Hortas colher a *espiga* e assentar o vosso arraial entre verduras, para voltardes embriagados ás vossas casas onde a Miseria ri selvágicamente!

Não haverá dinheiro para pão, todavia, para vinho hade aparecer...

Vós escutais espantados os vossos *defensores* que, de meléna ao vento, expelem frases retumbantes mais extensas que as pontas das suas *levallieres*.

Vós ouvis boquiabertos os sindicalistas *moderno estilo* que vos pregam o verbo *repartir* e vão praticando o verbo *arrecadar*.

Cumpre-vos ser uns pequenos filósofos e para isso não são necessarios anos de universidade, mas simplesmente a força para vos orientardes. E éla está em vós.

Uni-vos para a luta, quotisai-vos o melhor possivel e assim podereis erguer a palma da vitória.

Sem isso, sereis párias eternos aos rudes pontapés da desventura.

Gomes Monteiro.

A proposito do artigo TUDO E NADA

Recebemos a seguinte carta, a que damos publicidade, pretendendo, contudo, conservarmo-nos estranhos ao assunto:

Snr. Redactor:

Li no seu bem conceituado jornal um artigo espalhafatoso do snr. Leopoldo Torres Fernandes, que me deixou deveras ensarilhado. E não o li apenas; reli-o, tresli-o, e não percebi patavina. Não sei onde aquêle senhor quis chegar com o seu inglório arrazoado. Sómente entendi que havia no humoristico artigo um trocadilho das palavras *tudo* e *nada* e *tudo*. O snr. Fernandes pretendeu demonstrar qualquer coisa, pretendeu demonstrar, salvo seja, a maneira como se formou o universo, donde veio e a que foi devido. Mas, metendo-se numa rêde completamente fechada — tal como o célebre Pinto Monteiro — o snr. Torres Fernandes, sem perder o ar pontifical, disse em resumo: que a Vida é Tudo e é Nada, está dentro de Nada e dentro de Tudo, e porque se Tudo é Tudo, Nada é Nada, e se Nada, sendo Tudo, vive dentro de Nada, Tudo, sendo Nada, vive dentro de Tudo; donde Tudo é Nada mais Nada é Tudo será o mesmo que Tudo para Nada e Nada para Tudo.

Ora, eu conheci um cidadão Paratudo, que tinha o prazer de servir para nada; mas o snr. Torres Fernandes, tendo a preoccupação de querer dizer Tudo, chegou á conclusão de não conseguir dizer Nada.

Pelo espaço que lhe roubei em Tudo, snr. Redactor, se confessa grato o que tambem não disse Nada

Lisboa, 7—5—1913.

Nada Pratudo.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

LVI

A proposito duma nota do «Dever»—O bom senso á mistura com a falta de juizo—A instrução militar deve ser confiada aos oficiais de espada virgem — O Alto só se lembra do professor primario para o esmagar com trabalho

Foi com surpresa que lêmos no ultimo numero de *O Dever* a seguinte *Nota:* — «E' verdadeiramente fantasttco o decreto que determina que os professores primarios se encarreguem de ministrar a instrução militar preparatoria aos individuos dos 10 aos 17 anos incompletos! O professor primario ha-de ser a eterna *cabeça de turco* e o eterno pária da sociedade. Para lhe aumentarem o ordenado, ninguem se lembra dele, apesar de estar ganhando menos do que um trabalhador de enxada; mas para o sacrificar com canseiras, isso então mãos abertas. Que tem a fazer o professor primario em face de tanto vexame? Protestar energicamente e mostrar o valor da sua força moral. Só assim triunfará».

Foi com surpresa, uma grande e justificada surpresa, que lêmos o que aí fica. Tinha-nos passado despercebido o decreto mirabolante a que se refere, e tudo, tudo esperavamos do *alto*, menos tam peregrina determinação.

Não passamos disto. Pouco depois de um lampejo de bom senso luzir lá por cima, logo disparates, coisas verdadeiramente inadmissiveis o vêm pressurosamente ofuscar. Pelo que se vê, nos ultimos tempos, o ministerio do interior e a direcção geral têm feito—para o ministerio da guerra desfazer. Ao passo que aqueles revogavam algumas portarias que vexavam o magisterio primario, beneficiando-o assim justamente,—este atirava cá para fóra com o decreto famoso que transforma o mestre-escola em instrutor militar, naturalmente fóra das horas lectivas.

Não se lembrou o snr. ministro da guerra de cortar no largo orçamento do seu ministerio para que o seu colega do interior nos pudésse aumentar, desde já e condignamente, os ordenados. Talvez até sua ex.ª se não importasse de dotar melhor, á nossa custa, os serviços que lhe estão confiados. Mas, em vez de entregar a instrução militar dos mancebos dos 10 aos 17 anos aos muitos oficiais de espada virgem que por essas cidades e vilas se pavoneiam nos seus brilhantes uniformes, atirou com ela para cima do professor primario, constantemente ralado de trabalho e com o estomago vasio.

E' sempre assim.—Ha tempos, o ministerio do fomento lembrou-se, e bem, de organisar o serviço de estatistica agricola. Logo obrigou o professor primario a prestar nas respectivas comissões, gratuitamente, os serviços mais dificeis. Veio depois o censo geral da população. Lá carregaram o mestre-escola com um trabalho estenuante (nós que o digâmos), sem que, no geral, recebesse por isso a minima remuneração. E é aguentar...

Mas esta da instrução militar vale quanto pesa! Estamos para vêr como se executa o decreto — o decreto famoso...

Prof. Manuel José Antonio.

Coisas simples

O Primeiro de Maio

Hoje é o trabalho o campo da batalha.
Tomaz Ribeiro.

Avisinha-se o dia 1.º de Maio, a festa do Trabalho, o abraço de confraternisação operaria.

Maio é privilegiado pela natureza que o torna o mez das flores e pelos crentes que fazem dele um mez de préces e louvores.

E o primeiro de maio é um dia de festa; è templo a oficina, celebrante o operario e simbolo o Trabalho.

Les mêmes instincts sont une parenté entre les hommes, escreveu Lamartine; as mesmas ideias; as afinidades de sentir e produzir constituem nas camadas sociaes um laço bastante poderoso—a solidariedade.

Ha de ser pela acção da solidariedade que se hão de aplanar os trilhos e derruir as trincheiras das convenções sociais.

Certamente a desigualdade de classes nunca será vencida em toda a sua latitude porque isso seria atingir o zenit do aperfeiçoamento. E, se as revoluções não conseguem tal solução, tambem a evolução progressiva para o conseguir levará tempo infinito... E' verdade que, segundo a teoria do astrónomo Henry Graffigny, o nosso globo terá ainda uma existencia de milhares ou milhões de anos; em tão longa existencia alguma coisa se fará. Fantasiou Emilio Souvestre num dos seus romances uma republica mundial com inteira remodelação de costumes, para o ano de 3000; as gerações dessa época se lêrem o referido livro (que já tem meio século) terão para a memoria do autor um riso escarninho. Mas quem sabe o que o futuro nos reserva?

A festa do Trabalho tem um grande significado. São as artes e as industrias o elemento ativo na existencia das sociedades hodiernas; são os artifices que trabalham a pedra, a madeira, o ferro — os nervos do mecanismo social. A ideia que os acariciou nas manifestações do trabalho adivinha-se no bronze das estatuas, no granito dos monumentos, nas tintas das telas.

Seja bem-vinda a festa do Trabalho e á sombra dele siga o progresso na sua marcha.

O artista não trabalha só para si; ha obras que ficam para a posteridade e a historia, nas suas paginas, lhes perpetuará o nome.

As gerações coévas que tanta influencia mostram em movimentos bélicos, deviam lembrar-se daquele verso: «Hoje é o trabalho o campo da batalha». Se assim o fizérem progredirá a patria á sombra do Trabalho.

29—IV—913.

AUREA JUDIT AMARAL.

CARTA DE LISBOA

6—5—1913.

Pelas 4 horas da madrugada de 4 do corrente partiu o *Cabo Verde* com direcção a Angra do Heroismo, levando os presos implicados na revolta de 27 do mez findo. Entre eles figuravam devotados republicanos que ainda ha pouco pugnaram, se sacrificaram e lutaram pela Republica em 5 d'Outubro de 1910. Mas, olhando-se ao mau fim que tais herois tinham em vista, deve reprovar-se, castigar-se severamente tal abuso que só nos amesquinha aos olhos cubiçosos do estrangeiro.

Entre eles, porém, ia um por quem eu ponho as minhas mãos testemunhando a sua inocencia. E' o tenente Lobo Pimentel, que, juntamente comigo e outros amigos, se divertia jogando o bilhar á hora que se desenrolava a estupida farçada. Eu e os outros lavrámos o nosso protesto nos principais diarios da capital, mas foi em vão, desoladoramente em vão!... E eles lá foram, mar em fóra, roubados ao seio carinhoso dos seus lares!

O governo não teve mãos a medir: desterrou os pobres e ainda transferiu para Santarem o regimento de infantaria 5, porque foi no seu quartel que se gerou a conspiração-aborto e dele se desconfiava. Para o substituir veio o regimento 34 da mesma cidade para onde o 5 foi despachado...

Mas, voltando á *sarrafusca* de 27, os *retocadores* desta Republica tinham antecipadamente fabricado uma lista com os nomes dum novo ministerio que seria presidido pelo republicano excelso, dr. Magalhães Lima. Este, socegadamente na Suissa, gosava os curtos intervalos que uma ferrenha propaganda patriotica lhe concedera, quando recebeu a carnavalesca noticia, e por isso o desmentiu formalmente.

Um presidente por procuração! *Tableau*!...

=== Foram tambem suspensos os diarios *A Nação* e o *Dia*, e apreenderam as *Novidades*, *Intransigente* e *Capital*.

Sem embargo, reina o maior socego.

=== Não sei se, por medo aos ultimos acontecimentos, a terra tremeu no passado domingo nuns imperceptiveis abalos sismicos. Dizem até que foi devido a isso que no Alto do Pina derruiu uma casa em construção, matando tres e ferindo outros tres operarios que ali se encontravam.

Em suma, o socego é completo...

NITRATO.

ADEUS Á PATRIA

Na incerteza cruel em que te deixo, querida... não sei quando tornarei a vêr-te. Adeus!

Néstas simples palavras vai todo o meu coração, todo o meu afêto, todo o meu carinho, todo o meu amôr.

E' este o ultimo adeus de um filho que tanto te ama e estremece, minha mãe muito amada.

Em teu seio nasci, cresci e desenvolvi o meu ser sem nunca pensar em abandonar-te, senão agora, forçado pelas circunstancias.

Aqueci-me e alumiei-me com o calor e a luz do teu Sol, banhei-me na agua dos teus rios e bebi o liquido precioso de tuas fontes; corri na relva de teus prados e descancei á sombra dos teus bosques; reguei as tuas terras com o suor de meu rosto e as lagrimas de meus olhos, e fertilisei-as com o esforço de meus braços.

Arroteei os teus campos e cavei as tuas vinhas; ceifei e malhei o pão das tuas searas, ri com as tuas alegrias e chorei com as tuas tristezas; embroeci-me nas paginas da tua historia e refresquei-me nas brizas de teu mar; enxuguei muitas lagrimas e fui lenitivo para muitas amarguras.

Rebaixei os orgulhosos e elevei os humildes, animei os timidos e fustiguei implacavel os cobardes; fui honesto no meu viver e fiel nas minhas contas e não tive uma dedicação, uma protêção em meu favor.

Sofri em silencio todas as amarguras e lagrimas, que já não podem correr mais dêstes olhos tornados estereis á força de tantos revézes e sobresaltos.

E tudo isto só para não te deixar... não te abandonar!

E tu... repeles-me sarcasticamente, como se eu fôra um filho ingrato!?

Apesar de tudo, retiro-me com o coração repassado de angustias, mas, aparto-me, porque não me prodigalisas-te o amôr de mãe a que tinha jús, um filho que te amava tanto.

E tu, Vila de Chaves, graciosamente recortada pelo Tâmega, que serpenteia entre tuas veigas:

— Adeus!...

Viste-me nascer e fôste o bêrço onde me embalaram na minha infancia tão feliz.

. . . . . .

Montanhas transmontanas e veigas minhôtas, penhascos do Douro e planicies do Alentejo, lençol de neve sobre os telhados da minha aldeia, séstas de verão e perfumes de primavera; de vós, uma infinita saudade.

E a ti, Porto, o meu desprezo e ódio.

A vós, porém, presados leitôres d'*O Dever*, apresento as minhas desculpas por tão estopante e arripiante maçada.

Santos Machado.

Notas pessoais

Vimos aqui no dia 4, o nosso presado assinante sr. Henrique Jorge, que atualmente se encontra em Lisboa.

=== Foi nomeado para chefe da estação de Cerdeira o chefe da estação d'esta localidade, nosso amigo sr. Romão Pereira Cardoso, que aqui desempenhou com zelo a missão do seu cargo, e que foi substituido pelo sr. Sousa, chefe da estação de Nelas.

Horas de insónia

Vae a manhã em mais de meio e a cidade dorme, ressona, sonha...

Lá em baixo o mar murmura, braveja, como que nos diz coisas furiosas...

Em cima, na esplanada que um inorme lampeão alumia, a sociedade passa ovante, desdenhosa, saracotiando-se.

E' a podridão exibindo-se.

E' a vaidade escanearada, manifesta nos olhos dos passeantes.

E emquanto aquela onda humana vae passando, cheia de prazer e cheia de luxo, os doentes estorcem-se ali ao pé, nas camas do hospital.

Ha falta de pão em casa dos operarios, os famintos esmolam de porta em porta para não morrerem á mingua aí assim pelas esquinas.

Mulheres vendem-se a troco de um pataco, donzelas prostituem-se a troco de vís promessas mas com mira em coisas cubiçosas, sonhando uma vida de conforto, um mar feito de rozas, que, uma vez saciada a sede ardente do prazer, se transforma em mar de espinhos, em mar de laminas cortantes, de ferros em braza.

E' a desiluzão que chega com todo o seu cortejo de horrores e aborrecimentos...

* * *

Mas a cidade acorda e esfrega os olhos. Em todos os cantos a podridão, chagas gangrenadas, pustulas incuraveis se mostram aos olhos dos transeuntes e para as quais a sociedade, o cosmopolitismo infame olha desdenhoso e altivo, muito senhor da sua vaidade, que é, afinal, uma outra incuravel doença que alastra dia a dia, cada vez mais, no seio corrompido dos que têm que perder, mas que perder materialmente, visto como o caracter está pervertido, abandoleirado, recalcado de infamias e abandalhado de hipocrisias, de tanto ter enganado meio mundo, todos os ingenuos e os bem-intencionados que uma hora de má sorte levou a tratar com eles.

E emquanto na Avenida uns passeiam arrogantes, vergados de pedrarias caras, enluvados e cheios de carmin e pós darrós, outros cambaleiam, bêbados, ali ao lado, levando atraz de si uns pequerruchos, nús e mal alimentados. Beberam para espalhar máguas, para esquecer que lá em casa não ha pão e que a oficina, logo de manhã, os espera para um trabalho estenuante, dando-lhe em paga dois ou trez tostões para meio alqueire de milho que a familia, numerosa, consome a um almoço sem eguarias nem guizados, só de sardinha assada e boroa de ha 6 dias.

E' que a manhã vae em mais de meio, e a cidade dorme, ressona, esquecendo os humildes, os que, sem pão em casa e sem luz nos espiritos, se embebedam além nas tabernas imundas e casas de exploração, atascando-se em lama por culpa desta sociedade mais desprezivel do que os cães lazarentos e vadios que enxameiam por essas ruas á procura de uma *migalhita* que cáia lá de cima de alguma janela de confortavel sala de jantar, ao sacudir as toalhas para a rua, ao deitar fóra, indiferentemente, e por inutil e encomodativo, o que a muitos tanta falta faz.

Mas a podridão que se exiba, que o raiar glorioso da libertação humana já se fez esperar mais...

Almeida Junior.

Vóz do publico

Uma justa reclamação

Ao snr. Ministro do Fomento.

Tendo sido projetado um ramal de estrada, junto ás fabricas de ceramica de Pampilhoza, pelo lado poente déstas, que ligasse a que vem de Larçã com a que vem de Mealhada, e tendo sido este estudo feito de fórma a não satisfazer a povoação do CANEDO e outras, estas fizeram uma reclamação que foi entregue no ministerio do fomento, pedindo-lhe que se lhe adotasse uma variante afim de passar por esta povoação, com o que muito lucraria não só o Canedo, como outras povoações circumvisinhas. Porém, e é isto que nos preocupa, já são passados alguns mezes, e ainda está o problema sem solução.

E' urgente, snr. ministro, que v. ex.ª mande estudar de novo o referido ramal, cuja construção se tornará mais barata para a Fazenda Nacional, e que virá dar grande desenvolvimento a esta povoação e outras, á agricultura, ao comercio, á industria e facilitará a ligação da estrada nacional n.º 10 com a estação de Pampilhoza, numa pequena distancia. E' preciso facilitar ás populações os meios de transporte e de executarem entre si as operações da vida, que só com esses meios póde ser mais produtiva e benéfica.

Espero que o snr. Ministro do Fomento, enterpretando pelo lado mais lógico esta reclamação, dê as precisas instruções para a efetivar o mais breve possivel.

Canedo, 5 de Maio de 1913.

José Augusto Agante.

Ferro-viarios de Portugal

Um justo pedido do pessoal de trens. — A quilometragem deve ser-lhe abonada

Recebemos, dum distinto empregado da Beira Alta, esta expressiva e bem orientada carta:

Meus amigos:

O *Dever* colocou-se, desde a sua fundação, ao lado do pessoal ferroviario do país, sem distinção de classes nem de linhas.

Fez o que nenhum jornal ainda praticou. O publico não faz, ordinariamente, justiça ao pessoal ferroviario. Não nos conhece as agruras nem os sacrificios constantes que sòmos obrigados a fazer para bem nos desempenharmos da nossa árdua tarefa, não esquecendo os interesses das emprezas que servimos.

Mas deixemo-nos de divagações e vamos ao assunto que propriamente nos propomos tratar aqui hoje.

Ha muito que se fala no abono de kilometros ao pessoal de trens—revisores, condutores, guarda-freios, etc., —e até hoje esse abono ainda nos não foi dado. E' sabido que o pessoal de trens é obrigado, como nenhum outro pessoal, a percorrer distancias enormes, a tomar as refeições constantemente fóra de sua casa, isolado dos seus, e que esse facto acarreta, como é natural, mais dispendio de dinheiro, porque nem todos estão habilitados a comer nos restaurantes ou outras casas de pasto, e por isso se limitam a levar o cabazito com as tres refeições ou a recebe-lo, em determinada estação, aviado de sua casa. Ora isto, além do acrescimo de despeza, porque são duas mezas a cada refeição, torna-se prejudicial á saude, devido á irregularidade com que essas refeições são tomadas.

E isto póde praticar o pessoal de

fourgons e guaritas. Os revisores, esses, atendendo á sua posição profissional, e á maneira como têm que apresentar-se a tratar com todas as camadas sociais, terão que gastar quasi o dobro do demais pessoal.

Assim, como vêem, não seria de mais o abono kilométrico, bem justificado de resto.

Mas eu tenho esperanças de que justiça nos será feita. E' questão de sabermos esperar, mas esperar com paciencia, com esta paciencia e resignação tão peculiar ao pessoal da linha da Beira Alta, que tem, como nenhuma outra classe do pais, sabido lutar com ordem e com criterio, alheio a paixões associativas, sempre respeitador em extremo.

E é por isso que nós esperamos que o snr. Inspector do movimento proponha esta grande melhoria o mais breve possivel, fazendo acompanhar a proposta de um relatorio feito com o seu costumado criterio e imparcialidade.

E assim, além doutras já importantes regalias que a administração nos tem concedido, por proposta dos snrs. Inspector do movimento e Director, esperamos que mais esta seja levada em conta.

Desculpem, meus amigos, a massada de

Um empregado da B. A.

Sim senhor. E' tudo quanto ha de mais justo, equitativo e humano. Tem razão o nosso amigo.

Saiba esperar, entretanto, pois nós sabemos de fonte limpa que a Companhia está disposta a conceder ao seu pessoal tudo o que fôr de justiça e que estiver dentro dos limites do possivel.

E, de resto, é assim que se pede. Nada de violencias.

Saiba o pessoal corresponder, com o seu zelo e dedicação ao trabalho, á estima da Companhia, e convencer-nos hemos de que darão um grande passo para a necessaria exemplificação de ordem e de trabalho, nestes dias de anarquia profissional que lavra no seio de muitas classes produtoras, que erradamente se vão guiando no caminho das suas reivindicações.

Falta de patriotismo

E' com a maior tristeza que me ocupo dos tristissimos e já célebres acontecimentos de Lisboa; e se o faço, é simplesmente para protestar contra o acto de loucura que demonstraram ao mundo, cidadãos que nasceram em terras de Portugal.

Alucinados, despeitados, radicaes fingidos, monarquicos confessos, levaram, sem duvida, á aproximação dum crime de leza Patria, bons e leaes republicanos que se encontram presentemente presos, por estarem envolvidos no projetado episodio do golpe de Estado, que alarmou o povo duma maneira irritante, porque não se explica que republicanos sinceros, cooperassem em casos que alteram a ordem publica e em prejuizo da propria Republica.

E' possivel, e eu acredito-o, que, no movimento de rebelião, entrassem bons e leaes republicanos, sem pezarem de certo bem o objétivo da sarrafusca que se destinava com certeza a impedir o progressivo andamento da vida publica.

Mas deixemos os ambiciosos e trabalhemos com dedicação para engrandecermos o Paiz, e assim faremos uma Republica grande, forte e respeitada.

Afastemos para longe a febre revolucionaria e substituamo-la por dedicações sinceras ao regimen que implantámos numa manhã gloriosa de triunfo.

Quanto a grupos revolucionarios para defender grupos, é tudo quanto ha de mais extemporaneo e quixotesco, contraproducente e nocivo. Grupos revolucionarios, só devem existir para a defeza da Republica e da Patria.

Pensem assim, e verão como a Republica caminhará no mais belo e risonho caminho.

Atacar homens, é tambem odioso, pois que serve sómente para cimentar o odio na familia portugueza e provar a loucura constante de certas creaturas que atacam por atacar.

Qual o fim com que se pretendia eliminar o actual governo?

Não tem ele feito uma obra grande e de alto patriotismo?

Baixae aos povos da aldeia, exaltados, e vereis como é apreciado o governo e muito especialmente o seu presidente, essa criatura austera e béla, que se chama Afonso Costa, o amigo intimo do povo e da Republica.

E' preciso juizo, muito juizo, para não darmos ao estrangeiro o triste espetaculo dum povo de idiotas.

Sômos portuguezes e como portuguezes falamos.

A ordem foi alterada e não ha nada que tal justifique. Se, como constou, o golpe premeditado era, além de varias asneiras, matar Afonso Costa e outros homens de valor, isso é tudo quanto ha de mais asnaticamente absurdo.

Não desejamos, não aplaudiriamos mesmo violencias; mas gostávamos que, para os culpados, a justiça fosse rigorosa, para exemplo de futuros idiotas.

Portugal não póde estar á mercê de caprichosas imposições, e cada cidadão tem o dever de cumprir as leis do seu paiz. Se não se conforma com elas, discuta-as em comicios ou na imprensa, dentro da ordem e dentro da lei.

E assim, sim.

Fernandes d'Almeida.

TEATRO

No teatro Gremio de Instrução e Recreio da Pampilhosa realisa se hoje um espétaculo, subindo á cena, em récita extraordinaria, a famosa opereta do notavel romance *As pupilas do sr. Reitor*, do grande escritor português que foi Julio Diniz.

Esta opereta conta, em Coimbra, onde a companhia, que é composta de 25 figuras, está funcionando, 6 representações, com geral agrado.

O cenario é todo novo, pintado expressamente para esta peça pelo distinto cenógrafo M. Ribeiro.

Ernesto Biester, que interpretou soberbamente o pensamento do imortal escritor, e o distinto maestro Filipe Duarte, hão de, mais uma vez, ser apreciados como merecem.

Os preços são os do costume e sabemos que é grande o entusiasmo.

A orquestra será composta de elementos artisticos de Coimbra.

CORRESPONDENCIAS

Canêdo (Pampilhosa do Botão), 1

Muitos dos habitantes do Canêdo teem perguntado por diferentes vezes o que foi feito duma subscrição que lhe foi pedida e na qual se dizia ser destinada á construção dum edificio escolar no Entroncamento da Pampilhosa. Já ha mais de um ano que tal subscrição teve logar, e o edificio ainda não teve principio.

Temos perguntado por varias vezes a alguns dos vogais da comissão, e sempre nos informam que estão á espera da planta, de maneira que planta vae, planta vem, e a escola nunca chega a ter começo...

Ha mais habitantes no Canêdo que querem contribuir com algumas importancias para a justa obra escolar, mas não o fazem sem a vêr principiada.

Se a digna comissão tivesse metido o dinheiro na Caixa Economica, teria já vencido um ano de juro, o que seria de incontestavel vantagem para a sua construção.

E' preciso que a comissão se encha de coragem e dê principio aos trabalhos quanto antes.

=== Já se encontra restabelecido da doença que o acometeu, o nosso amigo Manuel Gonçalves, muito digno condutor do caminho de ferro da Beira Alta.

Loureiro.

Pampilhosa do Botão, 2

Boatos terroristas — Uma noticia que se não confirma — O Paiz alarma-se

Fômos desagradavelmente surpreendidos, um destes dias, pela noticia que algum mal-intencionado propalou, de que tinham assassinado o dr. Afonso Costa. Felizmente tal noticia não se confirmou, pelo que nos felicitamos, pois, se tal houvesse sucedido, era uma desgraça para o Paiz que tanto precisa, para presidir aos seus destinos, dum homem da envergadura moral e politica dêsse prestigioso e eminente vulto que é o dr. Afonso Costa, atual chefe do governo, fiel depositario das nobilissimas tradições do velho e honrado partido republicano, e autor déssa moralisadôra Lei de Separação, que, como legitima defeza nacional, era a verdadeira e unica politica a seguir.

O sólo portuguez foi durante gerações regado com o sangue de heréjes cismaticos e infieis; dos gentios e dos judeus. Se os livre-pensadores e os radicaes, que a custo de incriveis sacrificios fizeram esta Republica querida em 5 de Outubro de 1910, tivessem deixado que a igreja e os seus ministros continuassem a gosar os seus tiranicos e injustos privilegios sobre o tesouro publico e sobre a consciencia do cidadão, o novo regime teria desaproveitado não só ás aspirações, mas á necessidade mais imprescindivel do genero humano. E, para que esta lei não seja esfacelada, é preciso que o seu autor viva. Por isso nos felicitamos de terem sido só boatos, os que circularam por aí. E sobre este assunto, vamos narrar um facto, que com o maior prazer registamos, pois revela ele não só os nobres sentimentos do nosso povo aldeão, como tambem o seu amôr pelo novo regime e pelo dr. Afonso Costa.

Estando nós a lér o *Seculo*, fômos ha dias abordados por uma mulher de pé descalço e de cêsto á cabeça, que se dirigia a uma das fabricas da localidade, a levar o jantar a alguem da familia que ali trazia a trabalhar, que nos perguntou:

— Foi verdade matarem o dr. Afonso Costa?

— Não, boa mulher, lhe respondemos.

E a pobre criatura, com os olhos marejados de lagrimas que bem se via serem de alegria, agradeceu-nos com um «*muito obrigada*, meu senhor, pela boa noticia que me deu, pois, esse bom homem não devia ser morto. Vou já dar a noticia ao professor, que está ancioso por ela, porque diz ele, que a Nação precisa muito dêsse grande estadista».

A nossa comoção foi tal, provocada pela sinceridade desta humilde mulher do povo, que nem ao menos pudemos saber o seu nome, nem a terra da sua naturalidade.

Se nem tudo são rosas, tambem nem tudo são espinhos, rasão porque temos muita esperança no futuro. A politica portugueza hade atravessar ainda uma era de prosperidade, e a luz hade irradiar para esta Patria de liberdade e de flores.

—— *VISITA.*—De visita ao nosso amigo Joaquim da Cruz, muito digno presidente do *senado* municipal, tivemos o prazer de vêr nesta localidade as simpaticas figuras de seus irmãos Tomaz e Manuel, gerentes das Fabricas de Caxarias e Praia do Ribatejo, respetivamente.

Os nossos queridos amigos já retiraram, e nós sentimos a sua ausencia, pois são-nos sempre gratas as convivencias que ilustram.

Idem, 8

—— *VISITA.*—Cumprimentamos nesta localidade o nosso amigo Antonio Maria Marques, muito digno e antigo empregado do Asilo Militar de Runa, e que vinha da Guarda, de visitar seu filho, que ali se encontra em tratamento. O nosso amigo tem sido incansavel em procurar os meios de salvar o pobre doente, que é sargento de engenharia. Demorou-se aqui pouco tempo, o que lamentamos, pois o snr. Marques é um amigo dedicado e que muito apreciamos.

—— *FEIRA.* — Teve logar no domingo passado a feira mensal que, diga-se em abono da verdade, foi fracamente concorrida, devido, em parte, não só ao mau tempo, como tambem ao pouco auxilio que o povo daqui lhe presta, pois só pensa em vender e não em comprar, preferindo outros mercados, concorrendo para afugentar da nossa feira os que a ela concorrem com as suas mercadorias; e, se assim continuar, veremos, em pouco tempo, uma feira que tanto prometia, reduzida a um simples mercado.

——*CINEMATOGRAFO.*—Terminaram as sessões cinematograficas no nosso teatro. Foi pêna, porque nos davam o prazer de ali vermos bastas vezes reunidas, as principaes familias da terra. E' para lastimar que o povo aldeão, na sua maior parte, ainda prefira a TABERNA ao teatro, do que resulta este não ser tão concorrido como devia. A tasca é, como se sabe, a causa principal da sua decadencia.

——*GREMIO DE INSTRUÇÃO E RECREIO.* — Reuniu a direção dêste Gremio para, entre si, dividir os cargos de que a mesma se compõe, e que ficaram assim distribuidos:—Presidente, Francisco Mourão; vice-presidente, Domingos da Silva; secretario, João Climaco Batista; tesoureiro, Joaquim da Cruz; vogal, Luiz Gualberto Teixeira.

——*CASAMENTO.*—Consorciaram-se no dia 7 do corrente, o snr. Antonio da Silva, operario serralheiro dos snrs. Mourão, Teixeira Lopes & C.ª, com a menina Olinda, simpatica filha do nosso amigo Antonio Duarte, condutor dos caminhos de ferro da Beira Alta, sendo este ato ruidosamente festejado, devido á simpatia de que gosa a familia da noiva.

O ato realisou-se civilmente, servindo de padrinhos os snrs. Cezario Hernandez, Paulino dos Santos, Maria da Rocha Brazão e Ermelinda Gomes.

Tambem na mesma ocasião teve logar o batismo duma irmã da noiva, a quem deram o nome de Sofia.

Parabens.

Rodrigues da Silva.

Noticias

Foi posta a concurso a escola do Tojeiro, do concelho de Montemór-o-Velho.

=== No dia 18 do corrente ha de realisar-se em Coimbra, na sala do Centro Democratico, uma magna assembleia do Partido de todo o distrito, afim de se estabelecer a acção politica do Partido Republicano Português. A essa assembleia presidirá o ilustre governador civil do distrito, snr. dr. João de Deus Ramos.

=== Morreu a actriz Amelia Lopicolo, mas não morreu pobre, pois tinha 20 contos de réis depositados no Banco de Londres, e possuia joias no valor de 70 contos. O seu cadaver vai naturalmente ser transportado para Italia, onde a extinta possue um mausoleu.

=== O ilustre democrata, dr. Magalhães Lima, protestou na imprensa europeia contra o abuso do seu nome, dizendo estar ao lado do governo.

=== Em Coimbra está-se trabalhando afanosamente nas Festas da Cidade, que hão de realisar-se de 1 a 7 de julho proximo. Haverá iluminações aparatosas em grande numero de ruas; a Avenida Sá da Bandeira será iluminada a eletricidade; projeta-se um concerto de bandas regimentais, a que concorrerá a banda da Guarda Republicana; o snr presidente da Republica assistirá á inauguração da estatua de Joaquim Antonio d'Aguiar e a um sarau de gala no Teatro Avenida; far-se ão as festas do culto interno na igreja do convento de Santa Clara, sendo exposto o tumulo da Rainha Santa á veneração dos fieis; organisar-se-á um orfeon de 500 crianças das escolas, e ao mesmo tempo uma parada ginastica; o cortejo civico levará carros alegoricos do comercio, da cidade, da Escola Livre das Artes de Desenho, da Escola Brotero, da Escola Agricola e das Industrias de Coimbra; haverá uma exposição de fotografias no salão da Associação Comercial, e outra na Escola Brotero de trabalhos dos alunos; concurso hipico e uma semana desportiva. No Mondego haverá jogos equáticos. Por ocasião das festas haverá redução de preços nos comboios.

=== Da Penitenciária de Coimbra, onde estavam a cumprir o degredo, evadiram-se os presos Manoel Magalhães e seu primo Antonio Magalhães, ambos implicados no *complot* de Cabeceiras de Basto.

=== Em policia correcional, respondeu na preterita sexta-feira em Montemór, por ter ferido uma mulher com uma foice, o nosso patricio snr. Antonio Caetano Lauro, de Villa Franca. Foi seu defensor o snr. dr. Armando de Carvalho. O reu foi condenado em noventa dias de prisão correcional, noventa dias a remir a 10 centavos e custas e sêlos do processo.

=== Partiu para Cerdeira, onde vae exercer as funções de chefe do caminho de ferro, o nosso amigo Romão Pereira Cardoso.

=== Casou ha dias civilmente a snr.ª Palmira da Costa, de Vila Franca, com o snr. Antonio Simões Lameiro, do mesmo logar.

=== Registou-se civilmente um filho do snr. Romão Pereira Cardoso, chefe de estação.

MERCADOS

(EM 30 DE ABRIL)

De Montemór-o-Velho

Feijão de mistura (14,63 litros)			660
» frade	»	»	700
» môcho	»	»	900
» branco	»	»	760
» pateta	»	»	660
Trigo	»	»	760
Milho branco	»	»	600
» amarelo	»	»	560
Centeio	»	»	900
Aveia	»	»	300
Cevada	»	»	560
Favas	»	»	480
Ervilhas	»	»	900
Grão de bico	»	»	1$000
Chicharos	»	»	600
Batatas			650
Tremoços (20 litros)			720
Galinhas, 440 a			550
Frangos			300
Ovos, o cento			1 1$000

De Formoselha

Milho branco	(14,163)		630
» amarello	»		600
Feijão branco miudo	»		760
» » graudo	»		820
» pateta	»		600
» frade	»		660
» mistura	»		560
» encarnado	»		900
Batatas, 15 quilos			300
Fava			600
Grão de bico			1$000
Galinhas de 400 a			600
Frangos de 100 a			300
Ovos, duzia			140

ANUNCIO

(1.ª publicação)

POR sentença de sete de abril corrente, que transitou em julgado, proferida na acção requerida por Joaquim Maria Monteiro de Campos e sua mulher Maria Gomes, do logar dos Carapetos, contra sua mãi Ana Gomes, lavradora, do logar de Vale Canosa, para entrega dos bens de João Monteiro de Campos, marido da ré, ausente ha mais de vinte anos nos Estados Unidos do Brazil, sem dele haver noticias, foi a mesma ré condenada a entregar aos filhos José Monteiro de Campos e ao autor os bens que constituiam a herança do mesmo ausente.

Montemór-o-Velho, 20 de abril de 1913.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei

Lemos Viana.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55

COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Séde em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia. miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÉ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA. MAXIMA DURAÇÃO. MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central. Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

JOSE MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

MODISTA

Máquinas de Costura, Bicicletes e acessórios

EM CASA DE

José M. Figueira

CANTANHEDE

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.

O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.

Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

MURALINE

Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

CASA FUNERARIA

— DE —

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA — **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 2.° Arazêde, 18 de Maio de 1913 N.° 65

S. R. Coimbra
Biblioteca da Universidade

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os autografos.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

Portugal e Colonias Portuguezas—Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trismestre, 30 centavos.
Brazil — Ano, 2 escudos, fortes.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO
Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*
Redação e Administração — ARAZÊDE

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR
Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ
Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

POLITICA SEM... IDEAL

A politica vae-se tornando, neste pobre país, uma doença cada vez mais contraminante e nociva. E o mal será tanto mais perigoso e imoral, quanto a politica se transformar, nos cidadãos, numa coisa sem ideal definido, sem objétivo patriotico de especie alguma.

Nós não impômos á sociedade portugueza, para já, a suprema perfetibilidade, nem que ela se guie, toda, pelos moldes da Razão e da Lógica. Seria querer a uniformidade de vistas e de sentimentos politicos, o que, num meio corrompido e atrazado como o nosso, resultaria inteiramente impossivel.

Mas que fazer politica e apreciar politica não é para toda a gente, provam-no os factos todos os dias em evidencia.

Por mal dos nossos pecados, a politica em Portugal sofreu uma tal degradante metamorfóse, que os politicos de profissão, esses mesmos, trocando a preocupação da defeza dos principios e do bem-estar coletivo, que os devia dominar, por processos vexatorios e retalhantes de mando e de ambição pessoal, conseguiram levar *isto* ao latente estado anarquico em que se está afundando, para gaudio cada vez mais nefasto dos que só mal nos desejam.

A incompetencia é ainda, afinal, um dos melhores predicados nalguns homens que entre nós se dão áres de arrogancia politica e social, e outra coisa não estão eles manifestando ao país nas duas casas do parlamento, muito principalmente os que em tudo se constatam oposicionistas do atual ministerio, não trabalhando nem deixando avançar quem com faculdades de trabalho pretende governar e orientar a nação portugueza.

Estar em desacordo é facil; é facil combater por meio da palavra e por meio da ação. O que é espinhoso é combater por meio da logica insufismavel, empregando a lealdade e o bom senso que emancipa e inaltece os caractéres.

Podem chamar-nos pessimistas. Mas como não é a primeira vez que de tal nos acoimam, e nós estamos habituados a ouvir coisas mas não a vêr factos que destruam os nossos vaticinios e as nossas razões sob o ponto de vista do modo como nos acostumámos a analisar, sempre com firmeza e altiva lealdade, a politica portugueza, pouco se nos dá que comnosco não concordem os que, apaixonados por homens, precipitadamente seguem um errado e mau caminho.

Quando o actual governo subiu ao poder, logo nós erguemos as nossas saudações á Patria, rejubilando por que o país, o povo portuguez ia ter, emfim, um bem intencionado dirigente, um homem cujo passado de sacrificios em prol da nação mais nos faria dele aproximar.

Felizmente ainda não desanimámos e nem motivo temos para nos arrepender das saudações que com justiça lhe erguemos.

Revolta nos, pelo contrario, a série de calúnias que á volta do seu glorioso nome se tem levantado, porque o presidente do ministerio, sendo o que, pelas suas conhecidas ideias avançadas, mais se aproxima da nossa maneira de ver, era naturalmente aquele que nós, com maior ardôr, desejávamos á testa dos negocios publicos, reservando-nos, contudo, o direito de o apreciar sem paixão, mas sómente dentro da larga esféra dos principios, que não como homem servindo de idolo, intangivel e insuscétivel de errar.

E pois que assim pensamos sem deminuição de entusiasmo, hoje como sempre, não pudemos deixar de nos insurgir contra a maneira pouco airosa, embora comoda, como muitos homens fazem e interpretam a politica nestes tempos de rejuvenescimento social para que a passos largos e decisivos vamos caminhando.

Os jornaes da penultima semana trouxeram-nos uma boa soma de desilusões!

Dizemo-lo com magua, com este sentimentalismo muito proprio de quem sonha constantemente o raiar doutras alvoradas de gloria para a humanidade que sofre, para esta pobre humanidade toda a vida mergulhada na densa treva do conservantismo inglório e retrógado que avassala consciencias e adoéce intuitos limpidos de avanço para a confraternisação dos povos.

Essas desilusões haviamos nós previsto, de ha muito que as sentiamos aproximar sarcasticas e lugubres tal e qual como chegaram.

E agora vamos a ver se a nossa manifesta descrença na politica nos trará novos desenganos com todo o seu cortejo de perversão e retrocesso.

Se assim fôr, nós não teremos que estranhar. E' a logica conclusão da politica sem... ideal.

Almeida Junior.

NOTAS

Oposição por... habito

O Antonio Granjo continúa, no parlamento, com as suas conhecidas chicanas de oposição por... habito.

Não é um ideal que o guia. E' uma grande falta de noção de deveres civicos que o desnorteia.

Bem caro paga a nação tais despauterios. Despauterios e faltas de senso politico.

E com efeito, nós ainda não vimos este deputado argumentar com logica.

Forte coisa é a oposição por idiotice. Palavras ao... vento.

Amor fatal

O amôr origina coisas extraordinarias. Faz partir cabeças, leva ao suicidio, é, emfim, a causa das maiores desgraças e das mais profundas alegrias.

Por amôr se disparam tiros, por amôr se vai parar ao chelindró.

As cachopas fazem-nos doidos, mas nós, os homens, fazemos-lhes partir as espinhas... dorsais

E assim é que uma rapariguita, — com 21 anos de idade era rapariga feita — para vêr o namorado, contam os jornais, caiu de um andaime, em Cascais, fraturando a espinha e recolhendo, depois, ao hospital em estado grave.

Tanto se debruçou para o vêr, que viu estrelas ao meio dia, depois de estatelada no chão.

O amôr é o diabo.

Um homem morto por 70 réis

Os jornais contavam, ha dias, a seguinte triste scêna humana:

LEIRIA, 11.—Pelas 22 horas de hontem, quando o trabalhador Afonso Pereira regressava a sua casa, ao atravessar a ponte Hintze Ribeiro, nesta cidade, foi surpreendido por Manoel Francisco Lousado Junior, vulgarmente conhecido pelo *Aguadeiro*, que lhe pediu a quantia de 70 réis, que aquele lhe devia. Como, porém, o Pereira se recusasse ao pagamento, o Lousado, puxando por uma enxada que o Pereira tinha ao hombro, vibrou-lhe com ela na cabeça duas violentas pancadas, deixando-o quasi morto. Foi conduzido ao hospital, onde faleceu pouco tempo depois. O agressor evadiu-se, sendo preso mais tarde pelos policias n.os 29 e 36. A vitima deixa viuva e cinco criancinhas na mais extrema miseria.

E aí está como um homem, por uma bagatela de 7 centavos, atira com um seu similhante para a outra vida, causando o infortunio a 6 pessoas de familia, viuva e 5 petizinhos, que a esta hora desditosamente deploram o triste acontecimento.

Tirar o pão a tanta boca por tão insignificante quantia, é bem sintomatico da mais revoltante selvejaria e do mais nefasto atrazo do nosso povo.

Qne a justiça seja inexoravel.

Conspirador "arte-nova"

Diz-nos o *Seculo* de 11 do corrente que o ex-rei Manoel tinha conhecimento do ultimo *complot* e comunicou o caso ao ministro alemão em Lisboa.

E' divertido vêr um *poltranete* fugir de rabo encolhido e, passado algum tempo, que naturalmente destinou á lavagem de roupas brancas, querer aproveitar-se da loucura aventureira de meia duzia de dementados. Coitado!...

Registo Civil

Dizem as *Novidades* que o governador podia fazer uma *economia-sita* se substituisse os emolumentos de alguns conservadores, que chegam a receber a bela sôma de 500$000 réis mensais, por um ordenado fixo, revertendo em favor do estado todos os emolumentos cobrados.

Em face disto, não nos admira que o professor primario *continue a morrer de fome!*...

Engraxador

No proprio *Intransigente* e turibulando a figura de Machado Santos, o snr. Julio Martins chama entre outras coisas ao seu turibulado, *um Cesar na terra portugueza, um heroe da Rotunda, um semi-deus vitoriado* e outras coisas de arromba.

E' comovente o artigo e o que mais nos enternece ainda são as piadinhas, ao talento do snr. Julio Martins, impressas na mesma pagina e naturalmente da pena do diretor do diario. *Graxa permutativa*...

Uma satisfação

Ainda o mesmo e piramidal *Intransigente* todo a desfazer-se em salamaléques, mesuras e zumbaias, vem perante o *Dia* protestar, dentro da mais *robusta* solidariedade jornalistica, contra a apreensão deste orgão monarquico, feita ultimamente pelo governo, apreensão esta que o mesmo *Intransigente* classifica de *brutal*.

Chama-lho...

Um casamento serodio?

Está em perspétiva, segundo um jornal de Berlim, o casamento de D. Amelia de Orleans, ex-rainha de Portugal, com um macho qualquer, cujo nome se ignora. Ora aqui está uma *viuva alegre* que, apezar de todas as desventuras, ainda tem desejos do tálamo conjugal!

Nove empregos

Diz-se á bôca cheia que o senador, snr. Nunes da Mata, está desempenhando 9 logares dentro do nosso país, qual dêles o mais rendoso. E dizem que não é bom ser *tubarão!* Muito melhor do que ser professor primario. Que o digam os *Nónes* que se alambazam nêste pequeno Portugal...

O despeitado

O heroi da Rotunda, estomagado por não o têrem nomeado ministro da Marinha, chama ao sr. Afonso Costa *tiranête* e *figura ridicula*.

Ora contente se em lhe têrem aquecido as algibeiras com *três contos e pico*... Estes *Nónes* têm a mania de dizer mal de todos e de tudo.

Novo imposto?

Diz um jornal que está anunciado para o mês de outubro um grande imposto nacional sobre as fortunas. Deve produzir 20 a 30 mil contos, o que representaria como capitação uma cifra que regularia entre 3:333 e 5:000 réis.

O que o jornal não diz é qual o minimo de contos sobre que começa a incidir o imposto a recair nos cidadãos afortunados; mas podêmos garantir que dessa *tosquia* ficam livres os professores primários. Ou não? Vão entretanto pondo as barbas de môlho os grandes proprietarios e os grandes ricaços.

Agarra! agarra!

Perguntava-se por aí: Onde está o conspirador Mário Monteiro? Onde pára o célebre Fortunato? Afinal está em Badajoz, onde chegou disfarçado em viuva, com cabeleira postiça e grande véu de crépes. E diz-se que, ao chegar á estação do caminho de ferro, tirou a cabeleira e o véu e pôz-se a dançar, por ter chegado a porto de salvamento. A policia prendeu-o, mas êle alegando ser perseguido politico, foi posto em liberdade.

De maneira que já ficam sabendo que todos os conspiradores, ou quasi todos, vão encontrar guarida na Espanha, que lhes serve de capa.

Assim, não ha meio de os agarrar senão por um tratado de extradição á D. Pedro I.

Pretendentes a... tubarão

Para preenchimento de duas vagos de amanuenses existentes na secretaria do governo civil de Lisboa, apresentaram requerimento, até quinta-feira, nada menos de 200 candidatos.

Ora imagine o leitor...

200 homens para 2 logares disponiveis! Isto é sintomatico. E' sintomatico e fantastico.

E nós havemos de ver que, como sempre, quem tiver unhas é que... abichará.

Dois centos de criaturas á procura da mamaróca do Tesouro Publico, e a agricultura a definhar-se.

CRÓNICA DE LISBOA

Escrevo da caserna entre a alegria vivaz dos camaradas e a tristeza pungente que sempre me acompanhou.

Como bola que se levanta ao pontapé do *foot-bualer* para depois se espapaçar sobre a lama ignobil, assim o meu fragil corpo de vinte primaveras se levanta, por vezes, num adejo febril para depois tombar na glácida lagôa da Rialidade.

A vida militar!...

Sabeis vós, caros leitôres, o que é sêr soldado? Oh! coisa bem triste: dormir numa caserna, sêr um numero não um homem, dár o seu sangue por quem o não saberá agradecêr.

Sim, esta é a vida do soldado, o vivêr pungitivo do magala!...

* * *

O clarim esganiça-se anunciando a *alvorada*. Todos se levantam apressadamente, caminhando aos seus devêres como autómatos inconscientes, impulsionados por uma unica força—o Mêdo. E assim, varrendo a caserna, lavando latas, manobrando espingardas, se decorre esta vida fatal de desilusões.

No fundo, tudo isto é necessario para defeza dêste pequeno torrão que nos acalentou os primeiros folguêdos na quadra pueril da nossa infancia.

Bem sei que nos tempos d'hôje, a Patria não é mais que meia duzia d'homens obsecados simplesmente pela vaidade inconcebivel do mando. Vejo bem, imensamente bem, que tudo isto se embebe num pélago colossal e venenôso — a Politica—e daí a minha tristeza, a minha desilusão.

Apesar de aspirar a uma balisa que a todos marcasse a mesma fôrça, a mesma altura, a mesma categoria, eu sinto ainda um não sei quê de grato e sentimental por este recantosinho florido que ha muitas éras deu cartas ao Universo pelo braço de herois como Albuquerque, Cabral e tantos mais...

* * *

Escurece. Não tardará o clarim com seus bérros agudos a chamar-nos a recolher ás nossas casernas para dormir até de madrugáda.

Dormir! Dormir! Como seria bom adormecêr profundamente para nunca mais erguêr!

Como seria bom! Assim, ainda que um pouco tarde, eu tentarei adormecêr, ou de desgôsto qual planta estioláda e resequida, ou no campo da batalha lutando pela Patria que apesar de tudo sempre é a minha Patria!...

Gomes Monteiro.

Pela imprensa

Com o numero 1:090 entrou no 12.° ano de existencia o nosso colega da Figueira da Foz, *A Voz da Justiça*, a quem cordealmente felicitamos, pois a *Voz* tem sido um dos jornais da provincia que muito bem se tem sabido conduzir adentro dos principios e da logica.

A Manoel Cruz, nosso velho e querido amigo, estreitamos num longo e sincero abraço.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

LVII

As normalistas de Lisboa e uns garotos de Coimbra--Nota sintomática--Um futuro negro que se abra ao professor primário em preparação--Para onde caminhamos nós?

O caso passou-se na poética Coimbra. Conta-o assim a *Luta*, o ponderado orgam do dr. Brito Camacho, em correspondencia datada do dia 4 do mez corrente:—«Estiveram nesta cidade os alunos da escola normal de Lisboa, que vieram acompanhados pelo seu ilustre director, sr. Thomaz da Fonseca. Ontem, os simpáticos hospedes andavam visitando os diferentes monumentos e os estabelecimentos scientificos; quando, porém, passavam pela rua do Quebra-Costas, um grupo de estudantes — se isto se lhes pode chamar, pois que não passam de meia duzia de garotos —houve por bem começar de os troçar, sendo necessaria a intervenção da policia e de alguns populares, que se achavam dispostos a corrigir os malcriados, se eles imediatamente se não portassem com a correcção própria de indivíduos que teem por dever ser bem educados. Que diriam esses provocadores, se alguma pessoa da sua familia viésse no grupo e fosse ridicularisada, como fizeram a essas senhoras? Imediatamente os alcunhavam de garotos, malcriados, etc. --Fiquem esses meninos sabendo que isto não é país conquistado. E' necessario respeitar quem cá está e quem vem de fóra, quando não... não.»

O que aí fica mostra a indignação de um conimbricence de juizo pelo desacato praticado. Não nos diz, porém, que estudantes foram os autores da proeza. No entanto, nós iamos jurar que são aspirantes a bachareis—sem com isso querer dizer que todos sejam a mesma coisa.

O facto é sintomático. Um grupo de estudantes apupa malcriadamente outro, composto de mais a mais, na sua totalidade ou quase totalidade, de senhoras, sem que para isso houvesse motivos. Ou, antes, motivos havia-os: é que as senhoras apupadas são futuras professoras de instrução primária, ao passo que os enfatuados apupadores são futuros medicos, advogados, engenheiros, etc E' que uns hão de vir a pertencer ás chamadas classes dirigentes do paiz, ao passo que as outras modestamente virão a limitar-se a esclarecer, por essas aldeias fóra, o cérebro do povo, que as ditas classes dirigentes melhor queriam sempre ignorante.

O facto é sintomático. E em grande parte explica o despreso com que invariavelmente são recebidas no *alto* as justas reclamações dos magistério primário. Logo em estudantes, os funcionarios encarregados de apreciar essas reclamações começam a mostrar a sua má vontade pelos obreiros da luz. Depois, refastelados nas suas almofadadas poltronas, com o estômago conchegado e sem cuidados pelo futuro, lêem, se é que lêem, as nossas queixas, ouvem, se é que ouvem, os nossos gritos de desespero com o mesmo sorriso de mofa que deviam ter nos labios bestiais os que em Coimbra troçaram os normalistas de Lisboa.

Mas para onde caminhará o país.

Prof. Manoel José Antonio.

TRAÇOS

Lei de Instrução Primária

—

Começou no Senado, ha dias, a discutir-se a lei de ensino Normal e Primário publicada pelo sr. Antonio José d'Almeida, quando ministro do Interior do Governo Provisório.

Essa discussão assenta sobre as bases apresentadas pela comissão de instrução do mesmo Senado, nas quais se fazem bastantes e profundas modificações na referida lei.

Alegra-nos sobremaneira o facto de os srs. senadores começarem a discutir a lei de instrução primária, pois mostram assim que não esquecem os problemas mais importantes para o nosso paiz neste momento, como são o da instrução e outros. Mas, se esse facto nos alegra bastante, não nos entristece menos vermos a morosidade com que se tem feito essa discussão, pois que a continuar assim, não teremos a lei aprovada tão depressa.

E' um problema da mais urgente solução, pois todos os professores primarios reconhecem a impossibilidade de continuar neste cáos em que temos vivido, sem uma lei a que deitarmos a mão, sem um regulamento que nos guie na nossa, já de si, ardua tarefa. Assim não podemos continuar. E' da mais impreterivel necessidade a aprovação da nossa lei.

Ao principio vimos uma grande *boa-vontade* por parte do atual governo e dos srs. senadores, pois todos pareciam dispostos a trabalhar, de maneira que a lei fosse aprovada na presente sessão legislativa.

Era o velho estribilho--em que parvos já acreditam cantado pelos legisladores monarquicos e agora repetidos pelos da Republica, mas... confiámos mais uma vez. Porém, hoje só temos rasão para desconfiar dessa *boa-vontade*.

Ha perto de dois mezes, se não me engano, que começou a discussão da lei e ela ainda não saíu do Senado, parecendo mesmo, em vista do rumo que as coisas teem levado, que não sairá tão depressa.

De quem é a culpa? Decerto não é dos professores primarios, porque todos eles, todos, tenho a mais firme convicção, anceiam pela aprovação da lei.

A culpa é portanto dos senhores senadores que não tomam a sério o papel que lhes está confiado, faltando ás sessões e gastando em questiunculas estereis o tempo que podiam consagrar ao estudo desta e doutras questões de reconhecida importancia.

Convem dizer ainda, e nisto não vae a menor sombra de partidarismo politico, que o governo tem tambem tido alguma culpa, pois sucede que não raras vezes a chamada ordem do dia no Senado é alterada com projectos que os ministros apresentam, pedindo para eles urgente discussão que lhes é concedida.

Ora isto não pode contiuuar assim, repito E' preciso que aprovem a lei quanto antes.

E' necessario que tenham mais consideração pelos professores primarios, que são os maiores baluartes, os mais seguros esteios da Republica.

Prof. Guilherme Ferreira da Silva.

CARTA DE LISBOA

14—5—1913.

Após uma pequena ausencia regressou ao seu quartel de Lisboa o regimento de infantaria 5. A maior parte das praças fôram distribuidas por diversas partes; toda via, a oficialidade e a banda regimental conservam se ainda intactas.

Em Pero Nêgro, pitorêsco arrabalde de Mafra, deu-se um dêstes crimes que devéras emocionam. Foi o caso que um tal Pedro de Oliveira tendo ido esperar um outro á estrada para o zurzir, foi pura e simplesmente espetado no guarda-chuva do seu antagonista e rendeu alma á terra creadôra, se é certo que as almas adubam e produzem os nabos e os coentros.

De resto, não quero sêr mais extenso, sôa o clarim e a disciplina é inexoravel como todos sabem e qualquer transgressão póde sêr funesta ao

NITRATO.

A proposito do artigo

TUDO E NADA

Quando, no meu artigo *Tudo e Nada*, eu disse: *seja quem fôr, queira aparecer*, tive vontade de excluir, além de qualquer anonimo, toda a criatura cujo habito magoasse quem se lhe aproximasse demasiadamente, pois que, embora efetivamente Tudo seja necessario a Tudo, muito mais digno seria de um racional o perguntar para saber de que ferir para aprender. Sim, tive vontade de dizer que não obteria resposta quem não fosse dotado duma regular compreensão, outro tanto sucedendo a quem não conhecesse a consideração e o respeito que deve aos outros, porque, repito, se é culto e nobre perguntar para saber, não deixaria nunca de ser velhaco e estupido ferir para aprender. Sim, eu desejei dizer que quem não se conformasse com esse principio teria Nada como resposta, sendo então esse Nada egual a Tudo.. o que eu não lhe dissesse. Mas não, não quiz excluir ninguem, porque assim talvez aparecesse, por exemplo, um *Nada Pratudo* que conseguisse, pelo seu douto saber, fazer-me saír da rêde completamente fechada em que, tal como o célebre Pinto Monteiro, me resguardo... por causa das moscas.

Em todo o caso, se algum *Nada Pratudo* aparecesse e quizesse ter as minhas simpatias, deveria ser correto, bem criado e sem pimponices de arrogancia imbecil, que em nenhuma hipotese ficam bem a quem quer que seja. Deveria, se viesse, perguntar o que desejava saber sobre o que deveras o ensarilhasse ou o deixasse ficar sem perceber patavina sobre o *Tudo e Nada* do

Lisboa, 13 de Maio de 1913.

Leopoldo Torres Fernandes.

Leiam na 3.ª pagina o folhetim «Scênas Intimas».

Soltura de cães

A' camara municipal de Montemór-o-Velho

Lembramos á Camara a vantagem de mandar afixar nos logares públicos do concelho editais que proíbam o transito de cães pelas estradas que não andem convenientemente açamados. Assim se evitarão os latidos constantes que tanto nos incomodam e as perseguições temiveis dêsses animais, que por vêzes têm desagradaveis consequencias.

Quem quere têr cães, que os tenha prêsos em casa ou que os traga na rua com açamo.

Lembramos mais a conveniencia de qualquer cidadão poder ministrar, por ordem da camara, bolas aos cães desaçamados encontrados na rua.

Eis uma medida acertada que a camara poderia decretar. Aí fica o alvitre.

LITERATURA PEDAGÓGICA

Moral em narrativas e preceitos, por F. J. Cardoso Junior. —Livraria Fernandes—Porto.— Preço: 16 centavos.

Já ha muito conheciamos de nome este livrinho, e só agora tivemos a felicidade de o ler, devido á amabilidade do seu autor, distinto professor oficial no Porto e ilustre director da *Federação Escolar*.

O conceito que dele haviamos formado não desmereceu em nada com a leitura agora feita. E' um livro para escolares e para educadores conscienciosos.

Em linguagem simples, acessivel ás inteligencias infantis, insere um verdadeiro repositorio de ensinamentos, entresachados em belas narrativas que prendem o espirito da criança.

E' uma obra para formar caractéres e dignificar cidadãos, guiando-os ao verdadeiro racionalismo.

Aconselhamos a *Moral* de Cardoso Junior aos professores primários. E ao autor e nosso querido amigo felicitamos pelo seu esplendido livro, agradecendo-lhe a gentileza da oferta dum exemplar e as imerecidas palavras de louvor que nos dirige numa dedicatoria amavel.

Reclamações

A quem competir, pedimos com instancia o reparo urgente das estradas que ligam esta freguezia com Cantanhede, com a Portela e com outros logares limitrofes, pois é lamentavel vêr-se por essas estradas fóra enormes lodaçais e barrancos, causados pelas ultimas chuvas e pelo transito de carros, sem haver quem mande proceder ao seu concerto, aplicando ao menos a pedra que se encontra nas margens das estradas, e que, de estar há tanto tempo parada, até já tem musgo e talvez bolor...

Tambem pedimos a intervenção das autoridades para que façam acabar de vez com o comercio de burla de que vive ignobilmente uma *bruxa* ou *mulher de virtude*, que existe em Montemór, e que tem contribuido com as suas *endróminas* para a ignorancia do povo.

E' justo todo o trabalho e todo o agenciamento de vida, mas por processos licitos e honestos. O contrario não. Fartos de burlões estamos nós.

Poetas e prosadores

A amante de Jesus

Na sua pobre esteira a meiga carmelita
Sentia-se proscrita
Das venturas do amôr,
E quando o bom Morfeu os olhos lhe cerráva
A pobre idealisáva
Um noivo encantadôr.

Um dia, reparou num Cristo ensanguentado
Num madeiro pregado
Cruél, barbaramente,
E como êle, coitado, estava sem ceroulas
Córou como as papoulas
Dum rubor inocente.

E á noite, quando ao leito ia buscar descanço,
Sentiu que, manso e manso,
Se aproximava alguem;
Olhou e viu nusinho o pálido Jesus
Tal qual o deu á luz
A mãe lá p'ra Belem.

Já não trazia aberta a chaga macerada
Que com tinta encarnada
Lhe pintam sobre o peito;
Vinha desempenádo, olimpico, divino
Como um bom libertino
Que presa a paz do leito.

Já não prégava amôr á rôta multidão
Multiplicando o pão
Num milagrôso invento;
Viéra ao natural ali catequisar
Tentando acrescentar
O censo do convento!

Que noite! que prazêr! No silencio profundo,
Tão distante do mundo,
Ardia-se em desejo;
Apênas um rugir de féra saciáda
E roupa amarrotada,
E o ciciár dum beijo!

. . . . . .

Despertára a manhã em seu leito de rósa
Sidéria preguiçósa,
Trança dispersa ao vento...
E Tereza, no entanto, exangue, extenuáda
Dormia aconchegada
Ao priôr do convento!

Lisboa, 24—Abril—1913.

Gomes Monteiro.

GREMIO DA PAMPILHOSA

Decorreu maravilhosamente o deslumbrante espectaculo que se realisou no passado domingo nesta bela casa de instrução e recreio.

Haviamos nós previsto a *enchente* e o entusiasmo, e, com efeito, não nos enganámos.

A casa esteve completamente cheia, e tudo decorreu, com profunda admiração de todos, na melhor ordem.

E assim é que o povo vae demonstrando que compreende o largo alcance social dos organisadores de festas desta natureza.

O drama, extraído do belo romance de Julio Diniz, *As pupilas do sr. Reitor*, foi ótimamente desempenhado pelos executantes.

No proximo domingo subirá á cena, no mesmo teatro, a celebre peça *Moleiro d'Alcalá*, que dará outra enorme concorrencia.

A distinta direcção tem sido incansavel no sentido de conseguir que tudo caminhe bem. E ha de consegui-lo.

Noticias

O sr. Antero da Veiga, ilustre administrador do concelho de Montemór-o-Velho, tem feito visitas a diferentes freguezias do concelho, tencionando vir a Arazede no proximo dia 24.

Tambem s. ex.ª, na obra de saneamento moral que começou de iniciar na área do concelho, secularisou ha pouco a igreja de Semide.

Arazede foi uma das localidades do paiz que enviou uma lista com assinaturas para juntar á representação contra a lei dos cereais, que a comissão do Centro Escolar Democratico da freguezia de Santa Isabel entregou ao parlamento. Subiram a 25:000 o numero da assinaturas de diferentes localidades.

Está em discussão no parlamento o projecto que reorganisa a guarda republicana em todo o paiz

Encontra-se em Lisboa a grande actriz Italia Vitaliani, que já se apresentou ao publico no teatro da Republica.

Depois dum terrivel encalhe e dum rombo que fez prever um desastre irremediavel, o *Adamastor* foi novamente posto a nado.

Diz-se que o futuro ministro da instrução publica será o sr. dr. Sousa Junior.

Os padeiros de Pariz estão em greve por não lhes ter sido facultado o descanso semanal e o aumento de salarios.

Edison, o grande inventor do America do Norte, tem-se dedicado ultimamente ao aperfeiçoamento do fonógrafo e do cinetafone, conseguindo já unir a acção fotográfica ao som por uma forma tão precisa de tempo, que ao terminar o movimento dos labios, expira a vibração da palavra.

Parece que algumas associações comerciais vão representar para que a moeda de 5 réis seja substituida por outra de meio centávo, visto que esta moeda minima faz muita falta nas transacções comerciais e doutra especie, sendo essa supressão prejudicial, principalmente aos pobres.

O Sindicato dos professores Primários, com séde no Porto, projecta realisar brevemente um congresso pedagógico, onde, além doutros assuntos, se discutirão as propostas de alteração á reforma de 29 de março.

Chegou do Lobito (Africa Ocidental) o nosso presado amigo sr. Bartolomeu Delho, sub-inspector do caminho de ferro de Benguela e sobrinho do nosso assinante sr. B. Delho.

Regressou do Porto a esposa do nosso assinante sr. Miguel Prieto, empregado da companhia Vagons Lits.

ASSUNTOS AGRICOLAS

Redução das tarifas do caminho de ferro do Sul e Sueste nos transportes de adubos nos mezes de abril a junho.

O caminho de ferro do Sul e Sueste fez uma importante redução sobre o transporte dos adubos nos mezes de Abril a Junho. Os lavradores devem aproveitar esta redução para mandarem vir, dentro dos ditos mezes, os adubos de que precisem para as sementeiras de trigo no fim do verão e no outono; e não só devem mandar vir estes adubos desde já, mas até devem aplical-os desde já.

Estão neste caso, principalmente, os adubos fosfato Tomaz e Kainite, que devem ser aplicados em partes eguaes, 300 a 600 de cada por hectar, havendo toda a conveniencia em espalhar estes adubos em Maio ou Junho depois das lavouras fundadas e antes das ceifas, porque neste in-

tervalo ha menos que fazer em casa do lavrador e adiantam-se assim serviços para o tempo dos muitos afazeres, que é depois das ceifas até ás sementeiras.

O fosfata Tomaz e a Kainite não se perdem pela chuva nem perdem a sua força pela ação do sol nem pelos acidos da terra; pelo contrario a antecipação na aplicação dos adubos tem a grande vantagem deles terem tempo de se ligarem bem com a terra. E' claro que depois dos adubos espalhados não se deve fazer lavoura funda, mas sim só superficial.

Ha lavradores que receiam que os adubos espalhados em Maio fiquem absorvidos pela herva que se cria até ás sementeiras, mas essa herva que não pode ser muita porque de Maio a Setembro a falta de chuvas não deixa criar muita herva, essa herva, dizemos, torna a entrar na terra e, por conseguinte tambem algum adubo que ela tenha absorvido. Em todo o caso este sistema das adubações antecipadas tem muitas vantagens, e é muito conveniente que os lavradores do Alentejo e da Beira Baixa o experimentem para formarem um juizo sobre este processo.

A adubação exclusiva só com superfosfato não é no interesse da grande lavoura do Alentejo e da Beira Baixa, pois exgota as terras, como poderão observar todos os lavradores que cuidadosamente observam a produção das suas terras.

Tudo quanto não seja uma adubação completa em que entre simultaneamente azote, acido fosforico e potassa, não convem ao lavrador; mas pelo menos o acido fosforico e a potassa são indispensavel e devem ser aplicados enquanto o lavrador não tiver mais aprofundados os seus estudos sobre adubações.

A casa O. Herold & C.ª com escritorios em Lisboa, Porto, Pampilhosa, Regoa, Santarem (S. Pedro), Evora, Beja e Faro, está ás ordens dos lavradores para lhes fornecer imediatamente todos os adubos que precisem para pôr em pratica este conselho e tem ao seu serviço dois agronomos de reconhecida competencia no assunto, cujos conselhos estão ao dispôr dos lavradores.

Dirigir tambem a Fortunato Vaz, **Camarneira—Cantanhede.**

CORRESPONDENCIAS

Baraçal, 14

Já está a pagamento neste concelho a contribuição predial. Temos tido ocasião de verificar quanto beneficiou o pequeno proprietario, sentindo-se, pois, todos satisfeitos, excéto dois ou trez contribuintes que pagam mais e que baixinho cantam a canção da má lingua. Paguem, senhores, e tenham a certesa de que não dão ainda ao Estado o que deviam dár. Coisas antigas e que um dia terminarão, temos disso a certeza.

Quem possue propriedades é justo que ao Estado pague o tributo que fôr de justiça pagar.

=== Continua o mau tempo e as cearas recentem-se bastante, assim como a restante agricultura que pouco avança devido ao frio. Apenas nos terrenos altos se nota crescer os batataes, mas estes, são em pequeno numero, infelizmente.

=== Consta-nos que o presidente da camara de Celorico da Beira, o nosso amigo e correligionario snr. A. Costa Almeida, se vae interessar para que seja nomeado o cantoneiro para tratar das reparações que a estrada do Baraçal a Celorico tanto carece. E' uma medida acertada e de grande interesse para que a estrada, já bastante avariada, se conserve em condições de bom transito.

Talvez o nosso amigo podesse remediar um grande inconveniente, e que é, dár ordem para serem cortadas umas arvores que se encontram á saida do Baraçal, junto á ponte, pois nada ali fazem e tiram a vista á rua, tanto dum como doutro lado.

=== Ha dias, na povoação do Porto da Carne, a filarmonica de Valdazares tocou, a pedido dalguem, a *Portugueza*, que pouco respeito mereceu aos ouvintes, pois que poucos fôram os que se descobriram.

A certa altura e passadas algumas horas, foi pedido ao regente da banda para que repetisse a *Portugueza*. Este, e os seus executantes, não quizeram aceder ao pedido, apresentando como desculpa que, tendo sido anteriormente tocada, não notaram, como era de esperar, o entusiasmo e o respeito que a todo o portuguez deve merecer o hino nacional.

Bem fez o regente e só próva que é portuguez e o seu protesto foi justo. Quando se pede a execução do hino nacional, deve por ele sentir-se o amôr da Patria e áqueles que não o compreendem, deve ministrar-se-lhes educação civica. Provou-se depois que não se dera o reparo por falta de patriotismo, mas por ignorancia do povo. Para evitar casos como o de que tratamos, conviria que o hino nacional fosse tocado só em atos oficiaes.

Fernandes d'Almeida.

MONTEMOR-O-VELHO, 12.

Realisou-se a festa á Senhora do Desterro que constou de missa resada e arraial, que em nada se pareceu com os doutr'ora, mas, então, *aquilo é que eram tempos!!* E' certo que, nesses célebres tempos, não se sabia, talvez, o que se havia de fazer ao dinheiro e, agora é tanto o cotão nos bolsos que nem o dinheiro lá cabe; emfim, parece que tudo tinha feito grêve: até o proprio vento entendeu que nos devia mimosear com um pósinho de... maio e que o rôxo se não devia beber por copos, pois partiu os de uma das barracas que, no arraial, vendia a alegria aos pobres de espirito. Se não fosse um dos ranchos da visinha povoação de Maiorca que lá trazia uns palminhos de cara que *tomára um cego vé-los*, o arraial tornar-se-ia insipido; assim, sempre se ouviam de quando em quando umas apreciações, aliás honestas e justas, de rapazes com o sangue na guelra (como se costuma dizer) que terminavam quase sempre por um *aquilo é que são terras!...*

Efectivamente, o genero feminino de Maiorca não é peste.

Assim terminou a festa, tendo nós que esperar até ao ano para a tornarmos a apreciar.

C.

ANUNCIOS

Acção de divorcio

NO Juizo da comarca de Montemór-o-Velho, e pelo cartorio do primeiro oficio, foi, por sentença de 10 do corrente mez, que transitou em julgado, decretado o divorcio entre os conjuges Antonio Fonseca Vaz, da Coitada, freguezia das Meãs, e mulher Emilia Maria, moradora no Pateo do Sapateiro, em Palma de Cima, da cidade de Lisboa.

Montemór-o-Velho, 27 de março de 1913.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei:

Lemos Viana.

Editos de 30 dias

(*1.ª publicação*)

NO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho e pelo cartorio do escrivão do 2.º oficio — Mamede — correm editos de 30 dias, contados da segunda publicação deste anuncio no *Diario do Governo*, citando os interessados Maria da Piedade, solteira, maior e Joaquim Maria Moio, solteiro, menor pubere, ambos do Casal de S. Jorge, freguezia do Seixo, de esta comarca, aquela ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil e este ausente em parte incerta neste Paiz, para todos os termos até final do inventario orfanologico por obito de seu pae Antonio Moio da Silva, morador que foi no mesmo Casal de S. Jorge, e em que é inventariante Joaquina Arsenia, viuva do inventariado, do mesmo logar.

Montemór-o-Velho, 12 de maio de 1913.

O escrivão,

João Pais da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

Arrematação judicial

(*1.ª publicação*)

NO dia 15 de Junho proximo, ás 11 horas da manhã, no tribunal judicial desta comarca, nesta vila de Montemór-o Velho, na execução que Joaquim Fernandes Repas, do Escoural, move a Joaquim da Silva Melo e mulher Maria Mendes, do Moinho da Mata, vai á praça para ser arrematado a quem maior lanço oferecer sobre o preço da avaliação:

O direito e acção que os executados teem, em plena propriedade, aos seguintes bens que constituiam no todo a herança de José da Cruz Cação, primeiro marido da executada, a qual pertence como meeira, a saber de:

1 — Metade de um predio composto de casas, currais, metade de uma eira, terra alta e baixa e pinhal no Moinho da Mata, avaliada em 100$000 réis.

2 — Metade de um bocado de terra e vinha na Ribeira Branca, desta freguezia, avaliada em 20$000 réis.

3 — Metade de um bocado de terra no Serrado, desta freguezia, avaliada em 28$000 rs.

4 — Metade de um bocado de terra e pedreira, no sitio do Cabeço, desta freguezia, avaliada em 3$000 réis.

5 — Metade de um bocado de terra, no sitio do Cabeço, de esta freguezia, avaliada em réis 2$000.

6 — Metade de uma terra no sitio dos Furadouros, desta freguezia de Montemór, avaliada em 35$000 réis.

7 — Metade de um pinhal nas Cavadas, desta freguezia de Montemór, avaliada em 21$000 réis.

8 — Metade de um pinhal e terra nas Cavadas, desta freguezia de Montemór, avaliada em 40$000 réis.

9 — Metade de uma terra no sitio do Mato Ribeiro, desta freguezia de Montemór, avaliada em 1$000 réis.

10 — Metade de um bocado de pinhal, no sitio dos Covões, freguezia do Seixo, avaliada em 6$000 réis.

E o direito e acção do usufruto vitalicio da outra metade dos mesmos bens, todos situados nesta freguezia de Montemór-o-Velho, que pertencia ao dito primeiro marido da executada, e a esta legado pelo mesmo seu marido, a saber de:

1 — Metade de um prédio composto de casas currais, metade de uma eira, terra alta e baixa e pinhal, no Moinho da Mata, avaliado em 50$000 réis.

2 — Metade de um bocado de terra e vinha, na Ribeira Branca, avaliada em 10$000 rs.

3 — Metade de um bocado de terra no Serrado, avaliado em 14$000 réis.

4 — Metade de um bocado de terra e pedreira, no sitio do Cabeço, avaliado em 1$500 réis.

5 — Metade de um bocado de terra no Cabeço, avaliada em 3$000 réis.

6 — Metade de uma terra no sitio dos Furadouros, avaliada em 17$500 réis.

7 — Metade de um pinhal no sitio das Cavadas, avaliado em 10$000 réis.

8 — Metade de uma terra no sitio das Cavadas, avaliada em 20$000 réis.

9 — Metade de uma terra no Mato Ribeiro, avaliada em réis 6$000.

10 — Metade de um pinhal no Mato Ribeiro, avaliado em 500 réis.

11 — Metade de um bocado de pinhal no sitio dos Covões, freguezia do Seixo, avaliado em 3$000 réis.

Pelo presente são citados para assistirem á praça o co-proprietario Antonio da Cruz Cação, solteiro, do Moinho da Mata, ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, e os credores incertos.

Montemór-o-Velho, 5 de maio de 1913.

O escrivão,

João Pais da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz Direito,

Lemos Viana.

---

(38) **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

VII

E o vigário alteava a voz cômo um hino que se espalha na imensidão, muito cheio de mágua e muito envôlto de ternura:

—Quem gozaria o céu d'anil, a côr rubra do Sol poente, do Astro que é a Ideia-Mater, a Ideia-Fecundidade e a Ideia-Energia, se não houvesse o Luto que nos invade a alma e a Tristêza que ameaça esterilisar Tudo—o Cosmos e o Infinito—num lento desmaiar da Luz ignea e fecundante? Quem poderia amar a Vida com os seus germens, com as suas plantas, da flôr ao arôma, do arôma ao fruto, do fruto á semente, da semente á Terra e da Terra aos mundos, se não houvesse a Morte, o Aniquilamento, a Destruição, com todo o seu cortejo de sofrimentos e com todo o seu ciclo de dôres? E quem poderia, irmãos, prezar a Sinceridade, se não houvesse a Perfidia?

«Há criminosos? há traidôres? há perjuros? Melhor saberêmos amar os simples, os humildes, os limpos do coração e da alma, os escravos do Devêr e do Bem.

«Há quem nos cubra o rosto com o fel negro da Ira? Tenhámos nós a coragem de lhe dar o exemplo da Paciencia.

«Há quem nos descarregue na fronte o golpe da Maldição? Cubrâmos-lhe nós a cabêça com o radiôso manto da Bençam.

«Há quem nos dê a bebêr o venêno da Ignominia? Entornêmos-lhe nós no peito o preciôso bálsamo do Ensinamento!

«Ensinai o Bem aos vossos inimigos, pára que a vossa consciencia vos corrija de tôdos os êrros que praticardes. Ensinai o Devêr ao criminoso que vos feriu na alma, pára que a vossa consciencia vos liberte de tôdas as vossas fraquêzas. Ensinai ao homem que vos enlutou o coração o caminho da Honra e da Virtude, afim de que a vossa consciencia vos indique sempre a estrada ampla da Moralidade e da Verdade, cheia de luz e cheia de trabalho fecundo e honesto!

«Ensinai sempre, meus irmãos, tudo o que a vossa rude inteligencia vos ditar, porque o bom ensinamento, o ensinamento salutar, é um balsamo que se estila das almas nobres e sensiveis sôbre o coração abrazado do infeliz, e, póde reabilitar êste dos maus actos que praticar!»

E o padre João concluiu a sua prática no meio de lágrimas felizes do pôvo que o ouvia, prêso duma comoção profunda e inenarrável.

Que grande alma, que sabia apagar a afronta mais cheia de cruêza com o perdão mais cheio de candura, ensinando assim ao pôvo humilde a verdadeira caridade e o caminho recto para a emancipação da consciencia e para a liberdade do pensamento!

Era um educadôr dentro dum filósofo, um positivista dentro dum caráter.

A sua vida era um perfeito traslado por onde devia guiar-se a parte mais san do clero. Não era um padre gananciôso e fundibulário dos altos principios e dos firmes ideais; era um homem que fazia do seu sacerdócio uma escola de educação e de instrução.

A sua igreja não era um coio; era um tabernáculo de virtudes e de ensinamentos.

O seu Deus não era o mito do catolicismo; era a Naturêza palpitante de vida e borbulhante de luz.

Amava o pôvo cômo o homem livre ama uma ideia.

E nêsse amôr, tôdo de sentimento e tôdo de altruismo, ia libertando o pôvo com ensinamentos claros em vêz de o escravisar com imagens apocaliticas.

Mas onde há aí um padre que se assemêlhe ao padre João?

Quasi tôdos são dotados de instintos satânicos, vivendo por interesse, trabalhando por exploração, sacrificando-se por ganancia.

A caridade dêles é cuidar do estômago próprio sem pensar no estômago alheio. Farejam o prazer, farejando a bolsa do proximo; e, se com isto não se acham saciados, roubam-lhe a honra depois de lhe têrem poluído a consciencia.

E' isto o que caraterisa a classe clerical. Por isso ela é uma classe inutil, porque é perniciosa pára o pôvo ignorante, porque contribue pára que êsse pôvo tarde em emanciparse de êrros e de preconceitos que ela própria lhe impõe e lhe vai insuflando no espirito. Por isso a guerra aos padres há-de sêr constante e cada vêz mais renhida, porque êles são os escalrachos que se opõem ao desenvolvimento crescente da sociedade, e são os parasitas que lhe sugam tôdo o sangue e tôda a energia que a podem animar.

Absorvem a vida e o pensamento, a consciencia e a honra.

Não são padres; são bandidos.

Não são homens; são feras.

Em logar da alma, têm um charco de lama. E' nela que se rebalsam, e é nela que pretendem confundir os adversários das suas ideias.

Mas a sociedade há-de educar-se, e há-de um dia esmagá-los, diluindo-os no pó da sua infâmia.

E nisto vivem esperançados os propagandistas da Luz.

(*Continúa*).

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55

COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Séde em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

JOSE MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

MODISTA

Máquinas de Costura, Bicicletes e acessórios

EM CASA DE

José M. Figueira

CANTANHEDE

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.

O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.

Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

MU ALINE

Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

CASA FUNERARIA

— DE —

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA — **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Coimbra

Biblioteca da Universidade
S. R.
Coimbra

Ano 2.º — Arazêde, 25 de Maio de 1913 — N.º 66

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os autografos.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

Portugal e Colonias Portuguezas—Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trismestre, 30 centavos.
Brazil — Ano, 2 escudos, fortes.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — *ANTONIO ISMAEL DA CRUZ*

Redação e Administração — ARAZÊDE

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

Propaganda necessaria

Na reunião do partido democrático do distrito, efectuada em Coimbra no passado domingo, quasi todos os assistentes foram unânimes em constatar a grande falta de propaganda que se tem feito sentir nas várias terriolas circunvisinhas.

E com efeito, repetimo-lo agora, a Republica tem descurado essa enorme arma de combate, arma das mais aperfeiçoadas que nós conhecemos para derruir e afundar velhos processos de retrogradação que ainda se notam nas camadas populares, primeiramente na população campestre, que é, ainda hoje, a que tudo pagando e tudo sofrendo, mas a tudo se conservando indiferente, nos devia merecer a mais afincada atenção, a atenção dos poderes constituidos, que estão despresando ainda, infelizmente, esta grande alavanca de saneamento moral no seio inculto do trabalhador da charneca, dos que, convivendo mais de perto com o grande cacique, e por consequencia com o homem de acção dos meios acanhados, tem uma grande influencia na engrenagem politica, na estabilidade do regime e na sua consolidação.

Palavras leva-as o vento, já o dizia o grande poeta, e nós, os que vivemos aqui assim em contato com o povo, carecemos, não de palavras, mas de factos concretos que nos habilitem a demonstrar que valemos alguma coisa, que a Republica, divergindo profundamente do transato regime de administração, está com o povo, ao lado do povo, dando-se, na medida do possivel e dentro dos limites do rasoavel e do justo, aquilo a que o povo se sente com direito. Nada de impaciencias, mas coisa nenhuma de desperdicio de energias e de oportunidades no tocante a fazer-se o que puder realisar-se quanto antes.

A freguezia de Arazede é uma das do distrito que se sente com direito a melhoramentos. Já aqui temos tratado e apontado muitas vezes as obras a realisar, as mais inadiaveis e urgentes, e vemos com desgosto que, apesar da justiça que nos assiste no conseguimento dos nossos desejos, que é aliás o desejo ardente de toda a população da freguezia, ainda a nada se deu começo e cremos mesmo que ainda coisa nenhuma se definiu, por parte dos poderes publicos, por parte da alta politica, quere dizer, dos que tudo mandam e dos que tudo poderiam remediar.

O sr. governador civil está no firme proposito de fazer politica sã, politica a valer, esquecendo compadrices, pondo de parte influencias partidárias e influencias pessoais. E' boa, é incontestavelmente ótima tal doutrina. O sr. dr. João de Deus Ramos de certo vae estudar, se não penetrou ainda a fundo na questão politica do distrito de Coimbra, mas nós, sempre profundamente positivistas ou péssimistas, como queiram chamar-nos, não temos esperança nenhuma na inteira e imparcial congregação de todos os elementos, tendo mesmo em vista os que se arrogam de democráticos.

Dotar os concelhos, as freguezias, os logarejos cuja população se constatar importante, numerosa, com melhoramentos dos quais advenha interesse para o Estado, interesse e engrandecimento para o povo, é um problema a solucionar quanto antes, pois que a continuar tudo neste detestavel marasmo, resultará efémera a grandiosa obra da revolução e da transformação politica da nação portuguêsa.

Nem só os grandes centros, as terras populosas do país têm direito a progredir. Voltar as atenções até nós, afigura-se-nos medida de grande e lógico alcance politico e social; e os que por aqui andamos a propagandear a enorme obra de administração financeira, o grande tato politico dos nossos dirigentes, desde o administrador do concelho até ao sr. presidente do ministério, carecemos, como já disse, de factos palpaveis para corroborar as nossas asseverações e as nossas prédicas de todos os dias.

E a proposito lembramos que existe na repartição competente, devidamente informada, uma representação para a criação imediata duma estação telegrafo-postal, assinada por algumas centenas de criaturas, sem que até hoje, e já lá vão bastantes mezes, se haja dado uma satisfação aos sinatarios ou aos legitimos representantes dos sinatarios, para que esses representantes podessem, por seu turno, dar conta dos seus trabalhos aos interessados, que neste caso é toda a freguezia.

A propaganda por meio de factos é muito mais proveitosa e util, muito mais frutificadora do que a propaganda por meio de palavras retumbantes, termos rendilhados e cantatas de que afinal nos deixaram saciados os homens da monarquia.

E, falando sériamente, com indiscutivel sinceridade, a verdade é esta: nós ainda não vimos nada, em Arazede, que nos atreste a transformação que sofreu, em Lisboa, o regime politico português.

Como português temos esperanças em muita coisa, mas como português nos vamos enfadando de engodos e de tanto esperar em vão.

Que o diga um velho casébre que existe ali em cima, a caír aos bocados, a desmantelar-se, e que, contudo, serve de albergue a mais de 40 crianças que lá vão beber a luz radiante das primeiras letras.

Que da reunião politica havida resulte agora, pois, alguma coisa de proveitoso para as povoações rurais do distrito, olvidando-se, para acudir ás imprescindiveis necessidades do povo, a maldita politica de campanário que foi sempre a ruina de consciencias sãs e o desnorteamento de intuitos bem orientados e reflectidos, porque nós não conhecemos propaganda melhor para aproximar a Republica das classes populares do que a utilissima propaganda pelo facto.

E' que na repartição competente dorme, socegada, ha longos mezes, uma representação da freguezia de Arazede pedindo a urgente criação dum posto telegrafo-postal.

São pequeninos nadas mas que, a realisarem-se, serviriam para mostrar ao povo que nos rodeia que a Republica existe de facto em toda a parte do país.

Almeida Junior.

NOTAS

Código eleitoral

Vai sêr discutido na Camara dos Deputados o projecto de lei eleitoral, aprovado no Senado na ultima sessão legislativa. Segundo o parecer da comissão nomeada para apreciar o projecto, não podem votar nem as mulheres, nem os militares, nem os analfabetos. Os professores de instrução primaria são inelegiveis para os corpos administrativos, excéto para as juntas de paróquia.

Tudo isto não nos parece mau, mas achavamos que era tambem conveniente afastar por completo o padre da politica, tornando-o incapaz de ser eleitor e ilegivel. São óbvias as vantagens que desta determinação resultariam.

Os caciques

Quem no meio de tudo isto não fica em bons lençois são os decantados *caciques* dêste belo paiz Segundo o mesmo parecer, os que por qualquer fórma tentarem falsificar as operações eleitorais, os que se socorrerem da fraude ou do dolo e de tantos outros processos de corrução, terão penalidades severas que podem ir até á pêrda de direitos politicos por dez anos.

Assim é que é dar-lhes. Mas ainda não haverá juizo desta vez?

Marinha de guerra

O sr. Afonso Costa apresentou uma proposta ao parlamento, por meio da qual deixa de existir o fundo especial que serve á marinha de guerra. Diz o sr. presidente do ministerio que sômos um país de pequena população e de reduzido território na metrópole, e que não podêmos ter a pretensão de criar uma marinha que possa ombrear com as maiores marinhas do mundo.

Diz muito bem sua ex.ª. Gostamos de ouvir falar sómente em coisas práticas e viaveis, e não em chinezices.

E para que servem os aeroplanos?

Não era muito mais preferivel aplicar o dinheiro das subscrições á construção e reparação de escolas? Parece-nos que era mais acertado.

O "Dia" untuoso

Muito contente e risonho, num contentamento jesuitico, regista o *Dia* o facto de terem revestido imponencia os funerais do arcebispo de Braga, com a assistencia de bispos e de muito povo, que na passagem do cortejo beijocava os aneis dos bispos.

Ouçam o *Dia* a frisar este ponto: «O povo, postado ao longo dos caminhos, ajoelhava e resava á passagem dos prelados e beijava-lhes fervorosamente os aneis. Os bispos, muito emocionados, choravam».

Só o *Dia* é que ficou a rir se como um nababo! Já é ter cabelos no coração.

Pouca sorte

A proposito dalgumas apreensões que sofreu por culpa sua, lamenta o *Dia*: «Se ao *Seculo* ou ao *Diario de Noticias* sucedesse o que nos está acontecendo, o que diriam esses e outros poderosos colegas ao desabar-lhes em cima um tal prejuizo!» Gritavam *ó da guarda* e apertavam as mãos na cabeça, como faz o *Dia*. Coitado! Só ao *Dia* é que isto acontece! Maldita sorte!

Congressos regionais

O *Seculo* vai realizar brevemente, com a cooperação de todos os elementos oficiais e particulares, congressos, regionais em todos os concelhos do paiz, sem intuitos partidaristas

Apoiamos incondicionalmente a iniciativa do *Seculo* que, para ser eficaz, deve ferir assuntos praticos, procurando todos os meios desses congressos traduzirem as aspirações locais, sem o que resultarão inanes e farfalhudos, como tantos outros que se têm realisado do nosso paiz.

Deixemo-nos de palavrório, e vamos ao lado prático.

CRÓNICA DE LISBOA

A proposito duma questão que entre um certo anónimo e o sr. Leopoldo Torres Fernandes se travou, eu, sem nada ter com isso, vou dizer duas coisas como é costume do meu temperamento impertinente.

Se esse critico, que tão cruelmente julgou a doutrina do sr. Torres Fernandes (porque a não compreendeu) teve o arrojo necessario para afrontar coisas para êle chinez, teve tambem a cobardia inqualificavel de esconder o nome, á laia de jesuita.

Depois, é tão triste, tão duramente triste o querer a gente arvorar-se em mestre quando nos faltam os primeiros rudimentos para humilde discipulo!

Eu não conheço o sr. Fernandes nem tão pouco o pseudo *Nada Pratudo* e por isso as minhas afirmações são o menos suspeitas que se poderiam imaginar.

Acho, no entanto, que o sr. *Pratudo* devia ponderar mais um pouco para que de futuro não esbarre com escolhos que principiam por lhe rasgar os pés e acabarão por lhe partirem a cabeça...

. . . . . .

Tudo está dentro do Nada, assim como Nada está dentro do Tudo. Por exemplo: Um critico julga-se tudo, que sabe tudo e define tudo, quando menos o espera vê que não vale nada, não sabe nada, não pesca patavina.

E aqui está como julgando-se tudo não é nada e como se não vale nada julgando-se tudo.

E por hoje acabo sem dizer nada porque os meus afazeres me abrangem tudo.

Gomes Monteiro.

Ainda a rebelião de 27 de abril

Eu tenho lido em todos os jornais de grande circulação longos e bombasticos artigos preconisando a união de todos para defeza da Republica, e, logo na coluna imediata, se não na mesma, jogarem meia duzia de *biscas* aos adversarios, embora republicanos tambem!

Eu tenho visto os partidarios do snr. Antonio José d'Almeida achincalharem os adeptos do snr. Afonso Costa, chamando a este Marquez de Pombal em miniatura, e atribuindo-lhe as causas de todos os tropêços que têm embargado a Republica na sua marcha reformadora! Não perdem o mais pequenino ensejo para *urbi et orbi* mostrarem que sua ex.ª é, se não um republicano perigoso, ao menos um politico falido!

Eu tenho visto chamar ao snr. Antonio José d'Almeida o *Messias*, o *Salvador*, pretendendo os seus adversarios da-lo ao publico como protétor dos bispos e padres conspiradores e — quem sabe? — como conspirador tambem!

Eu tenho visto Teofilo Braga ofendido nas suas crenças republicanas. Bernardino Machado, não só nestas, mas ainda nas crenças religiosas. Tem-se diminuido a Machado Santos os seus esforços para a implantação da Republica, chamando-lhe o *heroe dos tres contos!*

Tenho visto isto e o mais, que calo por decôro, e daí o não me admirar de vêr republicanos envolvidos no movimento de 27 de abril! Pois se ha dias, em pleno parlamento, com ou sem razão foi acusado Machado Santos de querer liquidar Afonso Costa e Bernardino Machado, haverá ainda quem duvide que na familia republicana grassam enormes desinteligencias? Desinteligencias ácerca de administração publica, queremos crêr, mas que nunca, a nosso vêr, deviam descambar para o campo das retaliações pessoais.

Sou adepto dum partido que julgo melhor defender o antigo programa do tradicional Partido Republicano Portuguez, mas esta qualidade de partidario não obsta a que eu grite mais uma vez:—Juizo! A culpa da desunião está em todos os que têm por dever respeitarem-se, o que é só com eles, mas tambem respeitarem os principios e sobretudo as Instituições, o que é com todos nós! Que todos usufruam a parcela de bem-estar correspondente aos seus esforços e sacrificios para a manutenção da Ordem, de que tanto precisamos; aos esforços e sacrificios para a consolidação da Republica, que, embora um pouco tarde, ainda a tempo nos arrancou das garras jesuiticas que julgavam Portugal um feudo seu; mas não exijam mais; não queiram desfazer por vaidades e ambições, por ora descabidas, o trabalho de longos anos, que teve como recompensa o glorioso 5 de outubro!

Para mim, a causa dessa desgraçada rebeldia, onde bons republicanos estão envolvidos, e para a qual cooperaram consciente ou inconscientemente, resumem-se nesta palavra: Vaidade!

A' vaidade se sacrifica o bem-estar proprio! A' vaidade se sacrifica o descanço da familia e, o que é mais,

o desta, talvez pequena, mas nobre familia que é a Nação Portugueza!

E se os vultos proeminentes da Republica, agora dirigentes dos destinos do Paiz, puderam aguentar com sacrificios, que sabemos apreciar, as perseguições da monarquia, não poderão agora, que os inimigos, internos e externos nos espreitam, fazer mais o sacrificio de sepultar no seu intimo essa ancia de subir, deprimindo; de chegar ás culminancias do poder, *liquidando* os adversarios; ou ainda provando ao mundo inteiro que as suas doutrinas dos tempos da propaganda eram... não fogo de vistas, mas uma necessidade para a Patria, um passo de gigante dado para a civilisação e progresso?! Pódem; e, como o pódem, aqui, com todo o respeito, lh'o aconselhamos, certos de que, desaparecendo essas vaidades e ambições, nunca mais teremos 27 de abril!

Padre Paulo Evaristo Alves,
Pensionista.

Carta de Coimbra

Coimbra, 15

A pedido de um amigo, passo de hora ávante, não assiduamente como teria desejo, porque os afazeres mo não premitem, a enviar umas despretenciosas correspondencias para o *Dever* que sei ser um jornal orientado com criterio.

Desde já declaro que procurarei ter por norma dos meus rabiscos a a imparcialidade que costumo usar e termino cumprimentando, como me cabe, os ex.^{mos} proprietarios e redactores.

=== Realizou-se hontem a recita do quinto ano, decorrendo no meio da maior animação e com a assistencia numerosa de familias dos futuros bachareis. Lamentavel é que incidentes varios puzessem nota triste nesta pagina alegre da tradição, e que parte da mocidade academica se conduzisse de maneira impropria e merecendo as censuras de todos.

Abuzaram alguns desses academicos na troça impropria ás familias que propositadamente aqui vieram assistir á recita. A troça chegou por vezes ao insulto, transformando-se esses rapazes de capa e batina e gravata ao pescoço, em garotos da mais inferior classe das ruas. E reprovavel e muito para lamentar.

O que se passou durante a récita, da qual não chegou a têr lugar o terceiro acto, tal o *estado de espirito* de actores e espétadores, merece reparo, porque se cometeram verdadeiras e inqualificaveis... *tropelias*, para não lhe dar nome melhor adequado.

Os fumos do *champagne* levaram até á estupidez de se puchar de uma pistola e disparar tiros no palco, quando o pano se achava subido e os rapazes representavam!

A peça não pôde sér apreciada, nem compreendida, como tem acontecido nos anos anteriores, e espera-se pelo dia 20, dia da 2.ª representação, para tal se poder fazêr. Muitas familias teem retirado hoje, conservando-se ainda outras que se demoram alguns dias.

N. da R.—O estudante que disparou alguns tiros de pistola, e a que o nosso correspondente se refere, foi o snr. António Vidal, aluno do 7.º ano do liceu, que se encontra num estado bastante melindrôso, em consequencia dumas machadadas de que fôi vitima, pela sua leviandade.

Idem, 22.

Efétuou-se no domingo ultimo uma importante reunião do Partido Republicano Português dêste distrito, tendo vindo expressamente assistir, representando o snr. dr. Afonso Costa, o snr. Urbano Rodrigues, secretario daquele e muito ilustrado jornalista.

Dos concelhos do distrito vieram representantes em grande numero e a cidade enviou tambem á reunião elevada quantidade de cidadãos.

O snr. governador civil recebeu uma justa consagração aos relevantissimos serviços que está prestando á testa do distrito, aprovando a assembleia, por entre estrepitosos aplausos, votos de louvor a s. ex.ª.

Da reunião, que bastante proficua deve ter sido para aquele partido, resultou a aprovação de moções que concorreram para o desenvolvimento e unidade partidaria do mesmo partido.

=== Os jornaes noticiam a saida do snr. Emilio Pinheiro de Viterbo da redação do *Jornal de Coimbra*, bi-semanario republicano desta cidade.

E' efectivamente verdade o facto, que sabemos não se ter dado ha mais tempo apenas porque um motivo de solidariedade disso impedia aquele snr.

=== O snr. Manoel José da Costa Soares, conhecido industrial e proprietario nesta cidade, foi ante-hontem vitima de um desastre que felizmente não teve consequencias de maior. Foi o caso que, achando-se aquele snr. na sua oficina, na rua da Sofia, caiu-lhe violentamente sobre a cabeça e mãos uma tabua que lhe produziu algumas escoriações.

Felizmente, como já dissemos, os ferimentos não revestem gravidade, tendo o snr. Soares ido curar-se á farmacia Donato, da rua Ferreira Borges.

=== O *Sport Club Conimbricense* é uma sociedade que tem sabido conquistar uma reputação sem limites entre as sociedades recreativas de Coimbra.

Aliando ao *sport* recreios e divertimentos que teem conseguido relevo e são apontados como dos mais concorridos e dos que conseguem reunir familiarmente grande parte da sociedade conimbricense, o *Sport Club* gosa de um conceito merecido e usufrue uma vida florescente e sem embaraços.

O *baile das flores* a que no domingo assistimos, confirma de uma fórma indestrutivel o que deixamos dito e que nos proporciona ensejo para felicitarmos com o maior entusiasmo a importante coletividade.

C.

DESASTRE NA LINHA FERREA

Uma rapariga de 24 anos cortada por um comboio

E' lamentavel que, a despeito das ordens rigorosas e regulamentos em vigor proibindo o transito a pé pelas linhas ferreas, os desastres horrorosos se estejam sucedendo todos os dias por esse paiz fóra.

Agora coube a vez a uma desgraçada rapariga de 24 anos de idade, Eugenia de Matos, filha de João Gaio e de Joaquina de Matos, todos naturais das Alhadas, concelho da Figueira da Foz.

A desventurada Eugenia havia saído de casa por imposição dum tresloucado rapaz, farmaceutico em Murtede, de nome, cremos nós, Elisio Gaspar.

Seduzida por ele, foi parar á estação da Pampilhosa, na terça-feira passada, pernoitando ali na sala de espera.

De manhã pôz-se a caminho de Murtede, a pé pela linha, e, como era muito surda, não ouviu um comboio de serviço que vinha na rectaguarda, com destino a Figueira, resultando ser cortada pela maquina, que lhe causou morte instantanea.

O maquinista não viu a infeliz, porque, no local onde ela foi colhida, descreve a linha uma enorme curva e é descida.

Era condutor o sr. Santos Junior, que telegrafou em seguida ás respectivas autoridades, sendo o cadaver, que ficou feito em pedaços, removido para o cemiterio da Lendiosa.

Deploramos o triste acontecimento, mas parece-nos que a morte, para a Eugenia de Matos, foi um grande acto de libertação, atenta a triste sorte de errante pária que na vida lhe estava reservada.

Era, segundo nos informam, uma das melhores costureiras das Alhadas.

Os pais passaram na quarta-feira na estação desta localidade, banhados em lagrimas, com destino a Pampilhosa, mas não chegaram a ver a infeliz.

Seria bom que se evitasse, quanto possivel, o transito pelas linhas ferreas, afim de não estarmos constantemente a presenciar horrorosos casos como o que vimos de relatar.

Secção Instrutiva N.º 15

Horas d'Ocio

A preléção do Bátista

A ALIMENTAÇÃO E SEUS RESULTADOS

Os alimentos são tanto mais uteis quanto mais contiverem de albumina, fibrina, gordura, sáes e cloretos; ou, quanto mais faceis forem de se transformarem nalgum destes principios, pois que essa utilidade consiste em serem assimilaveis e nutritivos, e isso dasse, sempre que a sua composição quimica seja aproximada do sangue.

Daí resulta que o pão, a carne e o leite, são muito alimenticios porisso que conteem albumina, assucar, gordura e sais em composição.

Eu disse em composição, porisso que estas substancias, isoladas, não alimentam. Contudo, não julguem que, por não alimentarem, são para rejeitar. Não. Teem aplicação, e muito bôa, na economia animal

As gorduras servem para sustentar o calor animal. Nos pontos frigidos do globo, e principalmente para as proximidades do polo Norte, e Mar Artico. as pessôas, (como por exemplo os esquimaus), bebem azeite de fóca e outras gorduras, para não regelarem.

—Entende então o snr. Bátista que é conveniente numa canja de galinha, não deitar fóra a gordura que vem ao decima do caldo?

— Certamente. Comquanto não alimente, serve para o calor animal. E, se não fôra isso, como poderiamos viver?

--Ora bem. Vem mesmo a talhe de fouçe o fazer-lhe uma pergunta, que trago engatilhada. Trata-se de canja de galinha, de que eu gosto muito.

Eu sou revisor; e nas minhas viagens, páro por certa estação onde me arranjam belas canjas de galinha. Com elas, porem, se teem dado casos esquesitos, e de que eu gostava me explicasse a rasão.

—Pois bem, senhor F..., pergunte e responderei até onde souber.

Lá vai:

—Comecei logo á primeira colherada de canja, por me queimar.

O que é isto de queimar?

— Eu lhe digo:

E' devido ao *equilibrio movel de temperatura*.

Isto é: os corpos, tendem tôdos a estar á mesma temperatura; e, para isso, os mais quentes cedem calor aos menos quentes. A canja tinha muito mais calor do que a sua lingua, e porisso lhe cedeu muito calor, e tanto, que o snr. F... se sentio encomodado com essa sensação especial, que tôdos nós conhecemos com o nome de queimadura.

— Bem. Lá vae outra:

As outras comidas, quando estão quentes, percebe-se logo, por aquele fumo ou vapôr que deitam, mas a canja não. Essa engana a gente. Está a escaldar sem o parecer. E, se lhe metemos a colher dentro, e depois a levamos á bôca, então é que são elas E' uma *queimadela* daquelas de ficar um homem sem paladar.

— Diz bem, snr. F... Tudo tem uma razão de ser.

Os liquidos, quando misturados e depois abandonados, colocam-se sobrepostos por ordem de densidades. Isto é: o mais denso fica ao debaixo, logo a seguir, outro menos denso, e assim sucessivamente até que o ultimo de cima é o menos denso de todos. Por este principio temos nós que, na canja, o elemento menos denso é a gordura, sendo portanto esta que, sem a considerarem, vem tomar o logar superior e servir de capa, evitando assim que a agua esteja em contacto com o ar, e que, portanto, ceda a este algum do seu calor, e mesmo, evitando evaporação, que ao dar-se, se manifestava tambem pelo tal fumo de que falou.

Disse o sr. F... que, quando a *queimadéla* é grande, fica-se sem paladar. Assim deve ser. Essa sensação especial, que reside principalmente na ponta da lingua e na abóboda palatina (vulgarmente conhecida por ceu da boca), carece, para se exercer, de que os tecidos se encontrem bons, e não irritados pelo excesso de calor.

— Muito bem. Não fica a cousa por aqui. Aí vae mais:

Eu, por uma esquisitisse sem explicação, gosto muito de beber tôdos os liquidos por cópos, dispensando bem as chavenas, tijelas. e até pratos sopeiros, ou cábos.

Tem acontecido que já se me teem partido alguns cópos, com o muito calor do chá; e disseram-me que, se eu lhe tenho metido uma colher, tal quebra se não daria.

Será verdade?

— Realmente, tem a sua razão de ser.

O vidro é um cilicato. Isto é: é formado de areia, e muito mau conductor do calor, o que equivale a dizer que dificilmente aquece, e quando o faz, é por fórma tam irregular, que determina as fraturas no vidro, exatamente como quando arefece.

—Mas porque estala o vidro sem se lhe dar pancada alguma?

—E' pela fórma irregular como se dilatam ou como se contraem as suas moléculas. De fórma que não acompanhando umas os movimentos das outras, se dá a rotura.

Metendo-lhe porém a colher, que é de metal, e portanto bôa condutora do calor, passa para esta grande quantidade de calorias que, por não passarem para o vidro, não colocou este em risco de se fraturar.

M. E.

Ferro-viarios de Portugal

A proposito do assunto da ultima carta aqui publicada, recebemos mais estas linhas que publicamos gostosamente:

Meu amigo:

Na secção ferro-viaria do penultimo numero do seu jornal, vem publicada uma carta dum empregado da B. A., sobre a palpitante e momentosa questão da kilometragem ao pessoal de trens.

Tão logica e tão justas essas palavras me parecem, que não posso deixar de vir tambem em reforço de tão ponderado e util alvitre para uma das classes mais sacrificadas do caminho de ferro da Beira Alta.

E com efeito, o pessoal de trens bem merece ser atendido pelos poderes superiores. Você, nas suas considerações diz que sabe que a Companhia está na melhor das disposições de atender o seu pessoal em tudo o que fôr justo.

Se assim fôr, que maior justiça póde haver do que a de remonerar o pessoal de comboios com a percentagem kilometrica?

Todos sabem que a Beira Alta tem tido aumento de receitas e que a questão do pagamento dos kilometros ao pessoal de trens é uma velha aspiração nossa.

Passamos o nosso tempo todo em viagens, fóra da familia, e justo seria que, atendendo á nossa ardua tarefa e á violencia do nosso serviço, nos remunerassem com alguns vintens todos os mezes.

O pessoal de comboios está cheio de responsabilidades, e alguns, como os condutores do sud-express e revisores, são obrigados a trajarem decentemente e portanto a fazerem maior despeza, que lhes agrava bastante os minguadas finanças.

Juntando o nosso apelo ao apelo do *Dever*, fazemos votos para que, sem demora, se resolva o problema como é de inteira justiça.

Peço-lhe o favor de publicar estas linhas e creia na amizade de

Um outro empregado da B A.

Sobre este assunto nada mais, por emquanto, pudemos informar.

O desejo dos nossos amigos é tudo quanto ha de mais logico e de mais humano. Justiça lhes será feita.

NOTAS PESSOAIS

Foi registado civilmente no posto da Arazede uma filhinha do nosso amigo sr. José Simões Lameiro, que ficou com o nome de Maria da Cruz Simões.

=== Esteve entre nós o nosso amigo sr. Celestino da Silva, de Leiria.

=== Foi promovido a factor e colocado em Santa Comba o sr. Joaquim Martins dos Santos Junior, que tem desempenhado com correcção o logar de praticante dos Caminhos de Ferro, em Pampilhosa.

Conferencia pedagógica

O distinto professor José Maria dos Santos, autor da *Cartilha Popular*, fez na escola Central feminina de Santa Cruz, de Coimbra, uma brilhante conferencia sobre o ensino inicial de leitura, preconisado no seu Método.

A essa conferencia assistiram os Inspectores de Coimbra, o da circunscrição e do circulo, o professorado dos concelhos de Gouveia e Ceia, que, em visita de estudo, estiveram naquela cidade, muitos professores e os alunos e alunas das Escolas Normais de Coimbra.

O conferente expôz largamente o plano geral do seu *Metodo*, elaborado segundo os preceitos da moderna pedagogia, demonstrou o principio da racionalidade a que ele obedecia, fez ver a facilidade da sua execução, dando as necessarias intruções, evidenciou os resultados que ele na prática produz.

O conferente, que foi ouvido com grande interesse, recebeu, ao terminar a sua bela exposição, calorosos aplausos e foi felicitado pelo Inspector da circunscrição e por muitos professores, que elogiaram e admiraram o seu excelente trabalho.

INJUSTIFICADA OPOSIÇÃO

No logar mais alto e respeitavel do país oficial, que é o Congresso da Republica, nota-se dia a dia uma oposição serrada e de ataques ao governo, por certo lado da Camara, facto que me parece lamentavel e nocivo aos bons e sãos principios democraticos, e que só prejudica a Republica querida e dá margem a comentarios agréstes por parte dos vendilhões que, depresando os altos interesses da Patria, comentam os casos com parcialidade e seguem homens em prejuizo dos principios e do regime que o pôvo escolheu no glorioso 5 d'outubro de 1910.

Não se percebe bem como homens de alta posição social e que deviam trabalhar comumente na obra do engrandecimento da Republica, se manifestem sempre em oposição contumáz a um governo que trabalha e tem trabalhado com dedicação acérrima em prol dos interesses da Patria e que só tem mostrado ao mundo inteiro o quanto ama a Republica.

Lémos os jornaes e com tristeza o dizemos, deparamos sempre com violentas arremetidas ao governo que tanto tem feito e quer fazer.

O governo apresenta propostas, etc..., e o ataque não se faz esperar, quando devia, o grupo que hostilisa e que enveredou no caminho errado d'uma oposição pessoal, apresentar emendas e discutir, sem represálias, aquela ou aquelas medidas de segurança publica ou interesse geral.

Todos quantos amam as instituições vigentes compreendem que o doesto imponderado, representa apenas a guerra aberta, sem tréguas, ao eminenta estadista e grande patriota Afonso Costa.

E' pasmoso e entristecedor vêr homens que tanto se deviam unir para se conseguir o fim desejado, odiarem-se mutuamente!

O povo espera e deseja que se ponham de parte processos de ataque pessoal e que se gaste o tempo, no Congresso, em discussão de medidas sérias e de interesse para todos.

Quem poderá negar, com justiça, que o Afonso Costa não é um portugues jenuino, uma inteligencia lúcida, um patriota dos bons, (senão dos melhores) e que não esmorece no trabalho de defeza da Republica que tanto ama?

Ninguem, e devemos dizer que o povo, e especialmente o das aldeias, confia n'ele e na sua obra de pura administração, honesta e ponderada, de maneira que a Republica, em dias que não vem longe, possa fazer mais alguma cousa em beneficio dos pobres que tanto precizam.

Deixem, pois, senhores do ataque

repreensivel, trabalhar o homem que tantas faculdades de trabalho possue, e que não se preocupa aos maiores incomodos e sacrificios para bem da Patria que tanto estima e quer vêr prosperar.

Viva Afonso Costa e o governo.

21—5—13.

FERNANDES D'ALMEIDA.

NA ESTANTE

A Hygiene sexual das solteiras e casadas. Um livrinho util ás senhoras e agradavel aos homens, pelo dr. D'Agremont.

Trata com escrupulo e esmero da higiene e formosura secreta das senhoras, em qualquer estado ou idade, no intuito louvavel de as tornar saudaveis, belas e desejadas e ainda de lhes evitar alguns desgostos e prejuizos a que as loucuras do amor dão causa. E' este volume o 7.º da colecção da *Biblioteca Popular Scientifico-sexual*, estando já publicados os seguintes: Luxuaria e Pederastia, Amôres lesbios, Prazeses solitarios, Amôr e segurança, O Acto breve, Amôres sensuaes e O Coração das Mulheres.

Cada volume contém 96 paginas, preço 100 réis, e é editado pela Livraria do Povo de Francisco Silva, Rua de S. Bento, 216-B, Lisboa, a quem devem ser dirigidos os pedidos.

Falta de espaço

Ficam para o proximo n.º, além de outros artigos já compostos, as *Pinceladas*, *Traços*, *Raciocinio dum pensador*, *A morte pela superabundancia da vida*, e outros. Desculpem os seus autores.

Noticias

Vai ser lançada na circulação, por ocasião das festas da cidade, a nova moeda de 20 centávos, em prata, no valor de tres milhões.

Em S Petersburgo manifestou-se ha dias um incendio, que destruiu parte das casas comprehendidas entre seis ruas e colocou 8:000 pessoas sem abrigo, além de ter ocasionado a morte a uma criança e ferimentos a numerosas pessoas.

A policia de Berlim proíbiu, no dia 1 do corrente, não só qualquer cortejo, como tambem toda e qualquer manifestação nos arrabaldes daquela cidade.

O sr. Afonso Costa apresentou ao parlamento uma proposta de lei, que manda transferir a administração e dotação do ensino primário para as camaras municipaes, a partir do dia 1.º de junho proximo. Por essa proposta é elevado de 2:500 a 2:600 o numero maximo de professores de 1.ª classe, e reduzido de 2:500 a 2:300 o dos professores de 2.ª classe. Será tambem devida ao professor desde o 1.º de junho, qualquer que seja a sua antiguidade, a melhoria de vencimento por promoção de classe efectuado nos termos da proposta e por virtude dos decretos de 24 de dezembro de 1901, 29 de março de 1911 e 30 de abril de 1913.

Diz se que o conspirador Fortunato Monteiro se encontra em Londres.

Parece que está em perspectiva uma nova guerra entre o Japão e os Estados-Unidos.

Durante as festas da cidade a realisar em Lisboa haverá estampilhas comemorativas de 1 e 2 centávos, que serão adicionalmente apostas em toda a correspondencia postal, excéto jornais e telegramas, expedidos de Lisboa de 8 a 15 de junho.

CANTANHEDE

Preço dos generos no mercado de 6 de maio

Milho branco, 640; amarelo, 620; trigo mouro, 700; tremez, 650; mourisco, 680; centeio, 900; cevada, 480; aveia, 900; aveião, 400; arroz, 1$900; serradela, 900; feijão mocho, 1$000; branco, 860; amarelo, 950; rajado, 700; frade, 850; carraço, 850; brazileiro, 960; canario, 860; ervilha, 900; tremoço, 740; grão de bico, 950; fava, 620; chicharo, 580; azeite, 3$000; vinho tinto, 800; branco, 900; vinagre, 400; aguardente, 3$000; geropiga, 1$800; batata, 600; lã, 3$500; trevo, 40; azevem, 120; sal, 160; castanha pilada, 1$500 réis.

CORRESPONDENCIAS

CANEDO (Pampilhosa do Botão), **15**

No n.º 64 deste semanario lêmos uma correspondencia com o titulo — *Voz do Publico*, do nosso amigo José Augusto Agante, do Canedo.

Não pudemos deixar de dizer que é justa a sua reclamação. Assim faz quem é bom patriota e amigo do progresso da sua terra.

E' preciso que todos nós pugnemos pelos nossos interesses, pedindo sempre até nos ser feita justiça, se é que ha igualdade, conforme o programa do novo regime.

Todos aqueles que tentam ou tentarem desviar da nossa povoação os melhoramentos a que temos jús, não são nossos amigos, e por isso pedimos sempre que se faça justiça á laboriosa povoação do Canedo.

Sabemos que existe uma corrente de más impressões contra o Canêdo, fazendo pouco da povoação e mesmo dos seus habitantes.

E' necessario destruir essas impressões por completo, fazendo vêr que não existe tanto o analfabetismo como julgam.

Na repartição das Obras Publicas de Aveiro alguns dos empregados fazem o que querem e ainda lhes sobeja tempo.

Existe na citada repartição, desde o mez de agosto do ano passado, uma representação das povoações do Canêdo e Pampilhosa, com ordens terminantes do ex.mo sr. ministro do fomento para ser feito imediatamente o estudo do desvio pela povoação do Canêdo, e até esta data ainda não foi cumprida essa determinação, provando o pouco caso que fazem das ordens superiores.

O condutor a quem está confiado este serviço, gasta todo o seu tempo na Curia.

Pedimos ao snr. Director das Obras Publicas de Aveiro para que o estudo seja feito o mais breve possivel.

Pedimos á ex.ma Camara da Mealhada e á digna comissão paroquial da Pampilhosa, emquanto a questão se não resolver, a sua atenção para o estado lastimoso em que se encontra o caminho pelo cimo das fabricas de ceramicas até ao Canêdo.

E' triste que os habitantes do Canedo desejem mandar seus filhos para a escola e não tenham ao menos um caminho em condições por onde eles possam passar!

As crianças que são obrigadas a frequentar a escola pelas leis em vigor, transitam pelas linhas do caminho de ferro, para não pagarem a multa que lhe é imposta pela falta da escola.

Se as crianças e suas familias ponderassem bem o perigo em que se metem atravessando as linhas do caminho de ferro, nunca elas por lá passavam.

Estão sujeitas a ser colhidas por um comboio, e alem da sua falta ainda as familias são autoadas.

Quem nos indemnisa depois?

E' preciso que todos quantos tenham poderes façam justiçr á povoação do Canêdo.

Loureiro.

Pampilhosa do Botão, 16

TEATRO — Com enorme concorrencia, teve logar no domingo passado, no nosso teatro, a primeira representação da celebre opereta extraída do notavel romance de Julio Diniz, e abrilhantada por uma orquestra composta de musicos de Coimbra, alguns dos quaes militares. *As Pupilas do Snr. Reitor*, cujo desempenho a todos agradou, deixou-nos agradavelmente impressionados.

A companhia, que está funcionando em Coimbra ha 4 mezes, volta a dar aqui outro espetaculo no proximo dia 25 com a esplendida peça *O Moleiro d'Alcalá*. E', pois, de esperar nova enchente tanto mais que a companhia conta entre si artistas de muito valor, sendo uma grande garantia para o bom desempenho da peça.

TUNA — A Tuna Recreativa de Pampilhosa fez o seu anunciado passeio a Santo Antonio dos Olivaes, aonde foi brilhantemente recebida, não só ali, com tambem durante o seu percurso pelas ruas de Coimbra.

Foi acompanhada por algumas pessoas d'aqui, entre as quaes vimos o nosso amigo Joaquim Maria Pedrosa, regedor desta freguezia, que é um entusiasta por tudo quanto se relaciona com o progresso, e o autor destas linhas.

Idem, 22

De passagem para Coimbra, aonde fôram assistir ás reuniões do Partido Republicano Portuguez, que se realisaram naquella cidade no dia 18 do corrente a convite das comissões Distrital, Municipal e Paroquiais, estiveram nesta, os nossos amigos Manoel de Melo e Antonio Ismael da Cruz, director e administrador deste jornal, e que iam acompanhados dos snrs. Joaquim de Figueiredo, Antonio Monteiro e Antonio Tabanêr. Cumprimentamo-los.

Corridas de bicicletes. — Vamos tel-as no domingo, 1.º de junho proximo, e por ocasião da feira mensal, organisadas por um grupo de rapazes da localidade e dirigidas pelo nosso amigo Augusto Lopes, da Mealhada, e para as quais, segundo nos consta, já se encontram bastantes corredores inscritos. O percurso é, ao que ouvimos dizer, entre esta localidade e Vacariça e vice-versa, e o ponto de partida, da estrada em frente ao chalét do snr. Paul Bergamim. O *terminus* será á porta da Farmacia, provavelmente.

Parabens so nosso amigo João Loureiro pelo movimento que no dia da corrida a sua *loja* vae ter...

Teatro. — Foi transferido para o dia 1.º de Junho, o espectaculo que aqui tinhamos anunciádo para o proximo domingo, 25 do corrente, em consequencia de os musicos militares de Coimbra, que fazem parte da orquestra, não puderem vir nesse dia, devido a umas festas militares que ali se realisam. São, pois, mais 8 dias de espera, que nos hão-de parecer 8 seculos, tal é a anciedade que temos em assistir a um espectaculo tão atraente como é o *Moleiro d'Alcalá*, e para o qual já estão tomados a maior parte dos camarotes, e algumas cadeiras.

Rodrigues da Silva.

Vila de Pereira, 19

Realisou-se hoje o funeral do snr. Afonso Teixeira de Figueiredo, que foi bastante concorrido por pessoas de todas as classes, tanto desta vila como dos arrabaldes. O prestito funebre saiu da sua residencia para a capela da Mizericordia da qual o extinto era irmão, onde se disse oficios de corpo prezente, seguindo depois para o cemiterio aonde ficou depositado em jazigo de familia.

Pegaram ás borlas os snrs. dr. Mórna Casais, Major Pimentel, Eufrozino Alves Teixeira, Silverio Luiz de Carvalho, Fernando Augusto Barbosa e Azuil Paiva de Carvalho. A chave da urna era conduzida pelo primo do extinto, snr. José Maria da Cruz, professor oficial nesta vila. Consta que não deixou testamento, calculando-se a sua fortuna em perto de 800 contos de réis.

A' viuva, snr.ª D. Amelia de Figueiredo e ao snr. José Maria da Cruz, apresentamos o nosso cartão de sentidos pezames.

Azuil de Carvalho.

ANUNCIOS

Agua da Curia

Semelhante á de Contrexeville

Estimula a acção dos rins, que são os filtros do corpo humano.

Experimentai a agua da Curia.

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

NO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho e pelo cartorio do escrivão do 2.º oficio, correm editos de 30 dias contados da segunda publicação deste anuncio no *Diario do Governo*, citando o interessado José Margato, casado, de Vizo, freguezia de Liceia, desta comarca, ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, para todos os termos até final do inventario orfanologico a que neste juizo se procede por obito de sua sogra Joaquina Marques, moradora que foi no referido logar de Vizo e em que é inventariante Manoel Ferreira Veloso, do mesmo logar.

Montemór-o-Velho, 19 de Maio de 1913.

O escrivão,

João Paes da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

Arrematação judicial

(2.ª publicação)

NO dia 15 de Junho proximo, ás 11 horas da manhã, no tribunal judicial desta comarca, nesta vila de Montemór-o-Velho, na execução que Joaquim Fernandes Repas, do Escoural, move a Joaquim da Silva Melo e mulher Maria Mendes, do Moinho da Mata, vai á praça para ser arrematado a quem maior lanço oferecer sobre o preço da avaliação:

O direito e acção que os executados teem, em plena propriedade, aos seguintes bens que constituiam no todo a herança de José da Cruz Cação, primeiro marido da executada, a qual pertence como meeira, a saber de:

1 — Metade de um predio composto de casas, currais, metade de uma eira, terra alta e baixa e pinhal no Moinho da Mata, avaliada em 100$000 réis.

2 — Metade de um bocado de terra e vinha na Ribeira Branca, desta freguezia, avaliada em 20$000 réis.

3 — Metade de um bocado de terra no Serrado, desta freguezia, avaliada em 28$000 rs.

4 — Metade de um bocado de terra e pedreira, no sitio do Cabeço, desta freguezia, avaliada em 3$000 réis.

5 — Metade de um bocado de terra, no sitio do Cabeço, desta freguezia, avaliada em réis 2$000.

6 — Metade de uma terra no sitio dos Furadouros, desta freguezia de Montemór, avaliada em 35$000 réis.

7 — Metade de um pinhal nas Cavadas, desta freguezia de Montemór, avaliada em 21$000 réis.

8 — Metade de um pinhal e terra nas Cavadas, desta freguezia de Montemór, avaliada em 40$000 réis.

9 — Metade de uma terra no sitio do Mato Ribeiro, desta freguezia de Montemór, avaliada em 1$000 réis.

10 — Metade de um bocado de pinhal, no sitio dos Covões, freguezia do Seixo, avaliada em 6$000 réis.

E o direito e acção do usufruto vitalicio da outra metade dos mesmos bens, todos situados nesta freguezia de Montemór-o-Velho, que pertencia ao dito primeiro marido da executada, e a esta legado pelo mesmo seu marido, a saber de:

1 — Metade de um prédio composto de casas currais, metade de uma eira, terra alta e baixa e pinhal, no Moinho da Mata, avaliado em 50$000 réis.

2 — Metade de um bocado de terra e vinha, na Ribeira Branca, avaliada em 10$000 rs.

3 — Metade de um bocado de terra no Serrado, avaliado em 14$000 réis.

4 — Metade de um bocado de terra e pedreira, no sitio do Cabeço, avaliado em 1$500 réis.

5 — Metade de um bocado de terra no Cabeço, avaliada em 3$000 réis.

6 — Metade de uma terra no sitio dos Furadouros, avaliada em 17$500 réis.

7 — Metade de um pinhal no sitio das Cavadas, avaliado em 10$000 réis.

8 — Metade de uma terra no sitio das Cavadas, avaliada em 20$000 réis.

9 — Metade de uma terra no Mato Ribeiro, avaliada em réis 6$000.

10 — Metade de um pinhal no Mato Ribeiro, avaliado em 500 réis.

11 — Metade de um bocado de pinhal no sitio dos Covões, freguezia do Seixo, avaliado em 3$000 réis.

Pelo presente são citados para assistirem á praça o co-proprietario Antonio da Cruz Cação, solteiro, do Moinho da Mata, ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, e os credores incertos.

Montemór-o-Velho, 5 de maio de 1913.

O escrivão,

João Pais da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz Direito,

Lemos Viana.

Editos de 30 dias

(2.ª *publicação*)

NO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho e pelo cartorio do escrivão do 2.º oficio — Mamede — correm editos de 30 dias, contados da segunda publicação deste anuncio no *Diario do Governo*, citando os interessados Maria da Piedade, solteira, maior e Joaquim Maria Moio, solteiro, menor pubere, ambos do Casal de S. Jorge, freguezia do Seixo, de esta comarca, aquela ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil e este ausente em parte incerta neste Paiz, para todos os termos até final do inventario orfanologico por obito de seu pae Antonio Moio da Silva, morador que foi n meosmo Casal de S. Jorge, e em que é inventariante Joaquina Arsenia, viuva do inventariado, do mesmo logar.

Montemór-o-Velho, 12 de maio de 1913.

O escrivão,

João Pais da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55

COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
TELEFONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sêde em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

JOSE MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

MODISTA

Máquinas de Costura, Bicicletes e acessórios

EM CASA DE

José M. Figueira

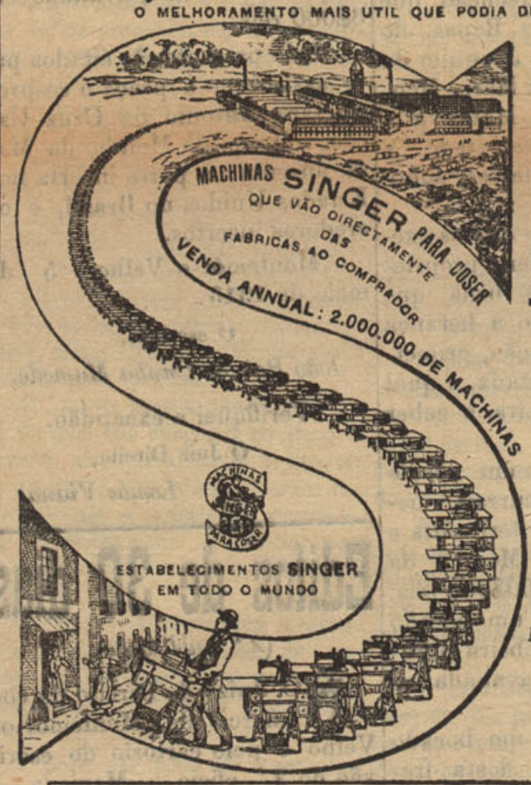
CANTANHEDE

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne. Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central. Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

MURALINE

Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.

O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.

Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

CASA FUNERARIA

— DE —

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA — **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha—**COIMBRA**

Ano 2.º — Arazêde, 1 de Junho de 1913 — N.º 67

Biblioteca da Universidade — Coimbra — S. R.

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os autografos.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

Portugal e Colonias Portuguezas—Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trismestre, 30 centavos.
Brazil — Ano, 2 escudos, fortes.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

Os acontecimentos de Coimbra

Mais uma vez se ventilou em Coimbra a já velha e caduca questão entre a academia e a população honesta da capital do nosso distrito.

Sem embargo, o odio contumaz e irreconciliavel existente entre o estudante e o «futrica» tende a eternisar-se, e esse facto deprimente e contraproducente não é mais do que uma má compreensão entre uns e outros, que aliaz não tinha já razão de existir, se todos bem se compenetrassem dos seus deveres de cidadãos, filhos todos da mesma patria, nascidos sob o mesmo sol vivificador de Portugal.

O academico é um habitante temporario e ocasional da poetica cidade do Mondego, déssa cidade linda que tem inspirado milhares de paginas soberbas de sensibilidade e patriotismo, e por ser incidental morador, não lhe assiste o direito de desrespeita-la, nem de menosprezar os seus filhos legitimos, que são, salvo muito raras excéções, dignos cidadãos e honestos trabalhadores, que bastante teem concorrido para o bem estar da nossa nacionalidade, quere nas suas manifestações patrioticas todos os dias evidenciadas, quere na demonstração do amor entranhado á propria academia, sem a qual constata, contudo, não poder viver desafogadamente.

Se não fôra a imensa consideração que, sob o ponto de vista politico, nos merecem os irrequiétos rapazes, nós te-los-iamos que julgar, atentas as claras investidas dos inimigos do poder constituido, como encobertos, mas inconscientes perturbadores da ordem, sómente para satisfação de desmedidas ambições dos que planeiam coisas fantasticas sonhando a perdição da Republica e a consequente perda da nossa autonomia.

Mas não. Ponhamos de parte esse ponto que, podendo preocupar ainda almas ingenuas e temerarias, a outras não consegue desnortear, tal é a confiança absoluta na *rapaziada*, na bela mocidade de capa e batina.

Entretanto é notorio que a população coimbrã tem sofrido dos estudantes os maiores vexames, as provas mais concludentes da sua antipatia, e outra coisa não atestam as descabidas diabruras, porventura as mais brutais afrontas por parte dos academicos.

O desdobramento da Universidade foi já, senão uma afronta decisiva, pelo menos uma grande leviandade, um acto irreflectido, não diremos de todo o governo provisorio, mas d'alguns dos seus membros hoje evidenciados pelo seu inglorio tato politico. Deixemos porém essa questão, que é um caso secundario, e tratemos das parvoices que se estão cometendo agora em detrimento manifesto dos altos e adquiridos interesses do povo conimbricense, que se sente com direito de ser respeitado, porque um povo ordeiro e trabalhador, honesto e laborioso, tem sempre jus á admiração do mundo culto.

Reclama-se—e esse é o ponto capital—a demissão dum funcionario da Republica, só porque é filho de Coimbra, só porque ele é, como provado está, um defensor intransigente do respeito que se deve aos seus patricios, só porque ele impõe a ordem e o acatamento ás leis vigentes do seu paiz em prol da população da sua terra natal.

E isso é, evidentemente, querer encaminhar mal a questão. Os estudantes teem o dever imperioso de exemplificar cordura, para que nós os não possamos julgar nulas mentalidades em formação, porque é deles que saêm as camadas que nos hão de orientar e governar, a não ser que nos queiram dar o triste e deprimente espétaculo duma derrocada moral e mental em perspétiva.

Uma das bazes da contenda é tambem, segundo nos informam, o desdobramento da Faculdade de Direito, por emquanto exclusiva da Universidade conimbricense. Ora a população da generosa mãe da poesia, opondo-se á consumação de tal disparate, está dentro da logica e da razão. Pretender encarar as coisas por outro prisma, é querer afrontar a dignidade alheia, é desejar ir de encontro, por pirraça mal definida, aos mais rudimentares principios do bom senso.

O que se tem passado em Coimbra é tudo quanto nós conhecemos de mais estupido, por que estupidos são sempre os actos imponderados e ilogicos.

Entretanto confiamos em que a autoridade competente porá côbro a um tal avassalante estado de coisas, de maneira que, duma vez por todas, terminem quanto antes as antigas incompatibilidades entre estudantes e «futricas», porque o paiz não póde, por decôro proprio, continuar a ser espétador de tão ignominioso espétaculo. Por decôro do paiz e para honra da Republica.

Almeida Junior.

NOTAS

Quem paga o pão?

O governo autorisou a importação de mais 32 milhões de quilos de trigo exótico, sujeito ao direito de 13 réis por quilo.

Até aqui pagava apenas 11 rs.; agora, com o aumento de 2 réis, vem a importação a custar 64 contos.

Pergunta-se: Quem terá de pagar esta *bolada?* Será o povo? Naturalmente. Ele que já paga tudo tão caro, até o bacalhau, terá de pagar tambem o pão duro que come, e, por isso, será melhor ir deitando as barbas de molho.

A moéda de 5 réis

Afinal está salva a moéde de 5 réis. Ela continuará a figurar em todas as operações particulares, deixando apenas de existir para as operações entre o Estado e o contribuinte. Portanto, enquanto o congresso se não manifestar, podem os pobres ficar certos de que continuarão a abichar os cinco reisitos, ou seja o meio centávo.

Efectivamente, nós tinhamos pena da pequenina moéda.

Os cães

Pelo ministerio do interior vai ser expedida uma circular a todas as autoridades administrativas, chamando a sua atenção para o escrupuloso cumprimento dos regulamentos relativos á extinção de cães vadios.

Achamos bem. A cada passo se encontram por aí matilhas de rafeiros que andam mortos por se nos atirarem ás canelas, sem que nós entendamos com eles; e por isso achamos bem que se lhes dê umas bolasinhas para taparem a boca...

Factos

O *Mundo* publicava ha dias um artigo em que afirmava que o governo do sr. Afonso Costa é todo de energia e decisão, sabendo objectivar em *factos* todas as suas palavras e promessas. Estamos de acordo.

Mas será um *facto* o aumento de vencimentos ao professor primario? Será um facto a promoção de classe a que muitos professores agora mesmo têm direito, embora ultimassem o tempo legal após a reforma de 29 de março? Sim, é preciso que tudo isto se traduza em *factos*. E isto é importante para dignificar um governo.

Estudantes e "futricas,,

Os conflitos graves que têm havido em Coimbra, e que têm resultado a morte ou ferimentos a varias pessoas, são originados na falta de educação, especialmente da parte dos academicos, que tinham por dever portar-se com cordura e respeito, para servirem de exemplo aos que assim não procedem.

Os estudantes de hoje são os futuros dirigentes de ámanhã. Não sendo agora amigos da ordem e do bom-senso, que esperanças em contrario poderão dar-nos, eles que se desrespeitam, envolvendo-se em desordem com os populares, provocando o prejuizo para uma cidade e a intranquilidade para uma população?

Bom será que todos tenham juizo, e que se deixem de zaragatas e garotices.

Degradante

Consta que os estudantes de Coimbra tomaram a deliberação de promover todos os meios para lançarem o descredito nas festas da cidade a realisar para o mez que vem. Que significa isto? Não é uma prova de desvairamento que lavra pela academia?

Evidentemente não temos civilisação .. ou ha civilisação de mais.

Escolas

O sr. dr. João de Barros, num belo artigo publicado no *Mundo*, descreve o que é o ensino profissional no Brazil, enaltecendo os processos de educação ali adótados.

Que sua ex.ª, conhecedor do que são escolas-modelos, não se esqueça das nossas escolas—ou melhor — dos nossos *pardieiros* portuguezes, envidando todos os esforços para diminuir o sudario de miserias que para aí se vê, e em que têm de viver degradantemente os pobres professores primarios com os seus alunos.

Senadores e deputados

Cada um destes legisladores da Republica ganha por dia 3$333 réis. O *Dia* não acha fraternal que uns andem por aí com fome e outros bem regalados a ganharem por dia aquela quantia, e então entende que deviam agora na prorogação oferecer aquele subsidio aos operarios sem trabalho, praticando assim um *gesto* magnanimo.

Nunca o *Dia* falou tão acertadamente como agora. Nós somos da mesma opinião; e até achavamos que, quando não pudesse ser suprimido, ao menos que fosse reduzido o subsidiosinho que é forte de mais.

Por isso se diz que não ha dinheiro... E' que ele só corre para as algibeiras dos que não precisam, ou dos que já têm o suficiente para viver.

CRÓNICA DE LISBOA

Os dias passam numa indolencia mórbida como se os arrastasse um caracol, pondo uma cabal contradição ao velho tema: *a vida passa breve.*

Respira se uma atmosfera pesada e sufocante, onde volitam miásmas perigosos e na qual, a todo o instante, vemos evolaremse as vidas dos nossos irmãos oprimidos.

A cada passo se crusa uma navalhada com a mesma facilidade que se dá um aperto de mão.

Dir-se-ia que esse velho arquitecto—o Jeovah das Escrituras—já cançado de fogos e diluvios, resolveu o exterminio arremessando uma parte do mundo contra a outra.

... Lá ao largo, eu oiço os gemidos da esposa espancada pela sanha brutal do infame.

Piedade por ela, piedade por todas as brancas margaritas que a nortada do Destino arremessou á senda da tortura.

Tudo quanto de caro lhe restava foi roubado: a honra, a beleza, a liberdade de amarem!

Piedade por elas! Piedade por todas as que buscando um tálamo de amor, onde a Matéria se ligasse ao Espiritual, acharam uma geêna cruel, um antro de suplicio!

*

Ainda ha pouco um certo pensador afirmava nas colunas d'*O Dever* que não é um cobarde aquele que espanca a mulher.

Ora eu, nesta impertinencia peculiar, contesto *in limine*, desassombradamente.

E' sempre cobardia bater-se num ser mais fraco que não tem forças para poder defender se.

Se muitas vezes—confesso que ha muito disso—essa mulher que deveria ser o anjo do lar, a carinhosa auxiliar no suporte da cruz da vida se manifesta a harpia letal e venenosa, o homem deve voltar-lhe as costas após o sorriso sarcastico do Despreso. Sim, deve partir qual liberta andorinha em busca de paragens mais amenas e felizes.

Infelizmente, eu sei que homens existem que sem rasão para o fazerem transformam a sua casa em tribunal inquisitorial.

Eu sei bem, imensamente bem, que 80 por cento dos adulterios se dão por culpa dos proprios maridos. E tambem sei, com clara precisão, que se o homem soubesse educar a esposa, ela seria meiga, desvelada e carinhosa sem excepções.

E por isso, piedade por elas! Sim, piedade por todas as pálidas margaritas que um vae-vem da Sorte arremessou á senda da tortura!

Comiseração para aquelas que buscando um tálamo de amor, encontraram o banco do suplicio!

Gomes Monteiro.

Coisas simples

Uns dias de suêto

Alphonse Karr disse um dia esta frase: «A mulher que escréve cométe dois erros: aumenta o número dos livros e diminúe o número das mulheres».

Decerto que não concordo com esta opinião do autor da *Voyage autour de mon jardin* e êste pensamento, como tantos outros de Karr, tem mais de paradoxo do que de verdade. Além disso tambem péca por... não sêr do nosso tempo.

Como a frase citada só se refere a livros supondo que não abrange implicitamente os jornáis, eu, rabiscando meia duzia de linhas para manter o compromisso de sêrem regularmente servidas aos leitores do *Dever* não me julgo sob a alçada do aforismo.

Mas ainda lhe encontro uns vislumbres de verdade. Nós, as mulheres, não nos dedicando exclusivamente á vida literaria e jornalistica, o que raras vezes se faz e sobretudo na nossa terra, temos sempre «mil pequenos nádas» a roubar-nos o tempo que socegadamente poderiamos destinar a escrever.

Assim, eu já ha uma temporada que falto, uma vez por outra, ao convivio destas *coisas simples* e não sei mesmo quando possa escrever com mais regularidade...

O público que lê é sempre exigente e por isso eu nunca tive a veleidade de supor que satisfizesse os meus leitores; por esta mesma razão julgo que a falta das *Coisas simples* tenha passado despercebida e assim continúe.

Despeço-me por uns dias e não deixarei *saudades* na minha ausência...

Maio de 1913.

Aurea Judit Amaral.

N. da R.—Saudades deixa a nossa distinta colaboradora. A nós e aos nossos presados leitores, que tanto e tão justamente apreciam as belas qualidades de inteligencia de D. Aurea Amaral.

Mas ela voltará em breve, para satisfação de nós todos.

Desastre na linha ferrea

A *um assinante* do *Dever* que nos remeteu uma noticia das Alhadas, publicada num jornal qualquer, sobre o desastre ocorrido na linha ferrea e a que nos referimos no ultimo numero deste jordal, pedindo uma rectificação, pedimos o favor de nos declinar o seu nome, sem o que não daremos publicidade á sua carta.

O *Dever* não recebe informações anónimas.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

LVIII

Instrução militar preparatória — O professôr pela naturêza dos exercicios militares, não póde encarregar-se de ministrar tal instrução — Não se agrave mais a situação do humilde pária do ensino — Só nêste país de maravilhas se concebem tais disparates

Envia-nos pessôa amiga e obsequiadôra o numero da *Federação Escolar*, correspondente a 17 de novembro do ano passado, trazendo publicado um extracto do decreto que se refére á instrução militar preparatória. Isto a propósito das considerações que ha duas semanas aqui fizémos, glosando uma indignada *Nota* do *Dever*.

Sômos leitor constante do brilhante jornal do Cardôso Junior, mas na época em que êle publicou o referido extracto vários e importantes trabalhos nos tomavam quase tôdo o tempo, assim se explicando que ao assunto nos não tivéssemos logo referido. Recorda-nos, no entanto, agora, de êle ter sido debatido vivamente por dois inteligentes colegas — os snrs. Viriato de Almeida e Augusto de Vasconcelos.

Devemos esclarecer desde já, como jornalista honesto que nos presâmos de ser, que o decréto tem a data de 26 de maio de 1911, nada tendo, portanto, com êle o atual titular da pasta da guerra. E' obra do snr. Corrreia Barrêto, quando ainda pertencia ao Governo Provisorio, cuja febre de legislar é bem conhecida e devidamente tem sido celebrada.

A instrução militar preparatória, como a encára a obra do snr. coronel Barrêto, compreende, a nosso vêr, duas partes, que se poderão talvez designar por teorica e pratica. A teorica—que nos programas que fazem parte do decréto vem sôb a rubrica de *Educação civica e Parte teórica da ginástica*—tôdas as bôas escolas a ministravam já. Não era preciso que viesse o ministério da guerra recomendar o seu ensino a funcionários dependentes do ministério do interior. Quanto á parte prática, entendêmos que, com excepção de alguns, poucos, exercicios, deverá o seu ensino ser ministrado pelos tais oficiais de espada virgem a que fizémos referencia. Pois como se compreende que sêja ao professôr primário que incumba a direcção, por exemplo, de «passeios e marchas, efectuando em cada ano alguns percursos de dôse a quinze quilómetros», ou então dos «exercicios de volteio no cavalo?» O paiz em que estas coisas se legislam é um paiz único. Só uma grande vontade de avolumar a legislação que se não cumpre é que póde justificar o disparate.

Mas lembrar-se-ia, ao menos, o autôr do decreto de estipular qualquer gratificação aos professôres por mais esses serviços estraordinários? Qual história! O mestre-escola, o infelis pária de sempre, póde bem julgar-se compensado de tôdos os sacrificios com os quatrocentos e tal que diariamente aufére...

Ha ainda o § unico do artigo 22.º a provar a sem-ceremónia com que os que mandam dispõem do tempo que as leis e regulamentos relativos á escola primária nos dão para descanço, que tam necessário nos é. Diz êle textualmente: — «Quando houver necessidade, poderão ser organisados nas sêdes dos concelhos, durante as férias escolares, cursos ministrados por instrutores militares, com a duração indispensável, destinados a habilitar os professôres de instrução primária para êste ramo de serviço». Assim mesmo, sem tirar nem pôr!

Quando o ministério da guerra se lembrar, zás, ordêna aos professores que compareçam na séde do concelho, para marcar passo. Rouba-se-lhes assim tempo que legitimamente lhes pertence? Que importa! O professôr não tem dinheiro para se manter na vila ou na cidade? Que o arranje!

Isto é estraordinario! Positivamente habitamos um paiz maravilhôso!

Prof. Manuel José Antonio.

TRAÇOS

O livro é indispensavel ao aluno

Discutiu-se ha dias no senado a conveniencia ou desconveniencia do uso dos livros na escola primaria.

Houve, como é de costume, opiniões contrarias: Uns aprovavam a continuação do uso dos livros, e outros desaprovavam por completo.

Já por mais duma vez eu tenho visto aventar a ideia da extinção dos livros na escola primaria, mas eu ainda não fui capaz de descortinar os beneficios que esse facto podia trazer-nos.

Mas o mais interessante, é que ha alguns professores primarios que apoiam essa ideia. Admira-me. Surpreende-me.

Que os snrs. senadores o fizessem, era desculpavel, visto que nenhum deles foi professor primario. Mas os proprios professores, acho-o extraordinario. Eu bem sei que o ensino, tal como se fazia antigamente, por aquele velho processo de marcar ao aluno a lição do dia seguinte, com um, *traga daqui até aqui*, é contraproducente e até prejudicial. Mas esse tempo passou já e eu tenho quasi a certeza que poucos professores ou talvez nenhuns, seguem hoje esses processos que a pedagogia condenou.

Ora, fazer uma guerra ao livro nestas circunstancias, quando já não existe o perigo de passar ao aluno uma lição sem previamente se lhe ter explicado com a maior latitude possivel, deixa de ser logico para ser um absurdo.

Eu concordo que essa ideia, no campo teorico, tomada como principio, não seja má. Mas simplesmente como teoria, como principio, porque na pratica não dava os resultados desejados. Hão-de convencer-se disso os que pensam de modo contrario. E senão, exemplifiquemos.

Suponhamos uma escola em que se dá (vá lá o termo), segundo o seu horario, tres vezes por semana a lição de historia: segundas, terças e sabados. O professor explica na terça-feira aos seus alunos da quarta classe, a lição de historia que eles hão-de repetir no sabado seguinte, para depois lhes explicar nova lição e assim sucessivamente. Pergunto eu: Será possivel que essas crianças, depois de terem dado na quarta-feira e sexta as lições de analise, de arithmetica, de ciencias, se lembrem no sabado das explicações que lhe deu o professor na terça?

Não é. O que hão-de eles fazer, por tanto, para satisfazer ao professor na lição explicada?

A resposta é facil.

Como teem livros em casa, ou mesmo na escola, enquanto as outras classes fazem os seus exercicios, eles vão revivendo os factos apontados pelo professor. Note-se bem: as crianças não vão estudar a lição que o professor lhes passou, porque este ao explicar-lha não se cingiu ao livro, ou mesmo que o tivesse feito, alongar-se-ia em considerações, em detalhes, que o compendio não aponta. Os alunos vão, portanto, reviver apenas alguns factos mais importantes, porque o resto, por uma associação de ideias facil de dar-se, virá depois. Os alunos não decoram; revivem, o que é muito diferente. E o que se dá com a historia, dá se com todas as materias ministradas na escola primaria.

A agricultura, por exemplo, deve ser ensinada no jardim da escóla—se é que a escola tem jardim apropriado para isso. Mas como não se póde dar agricultura todos os dias, devido á multiplicidade de materias que constituem o programa de instrução primaria, o aluno lá tem o compendio para não se deixar esquecer das explicações dadas pelo professor. Isto é, o livro, não só é necessario na escola primaria, como absolutamente indispensavel.

E' isto o que me parece logico, o que me parece racional.

Pode haver quem discorde desta minha opinião, mas isso não impede que eu continue a pensar assim.

Mas... este já vae largo e como o assunto promete eu voltarei a ele.

Prof. Guilherme Ferreira da Silva.

VÉNIA

Perdão, snr. Gomes Monteiro, mas já que teve a bondade de aparecer, ouso pedir-lhe para que fique, ainda que só tenha de ser como espectador, até que se liquide a contenda. E, se aceder, só lhe peço um favor: é que siga bem de perto os lances, para depois julgar com a imparcialidade que, declaro, desde já delibero reconhecer-lhe.

«Tudo e Nada» ensarilhou-se e alastrou, mas ha-de desensarilhar-se, ainda que isso tenha de custar-me algumas canjas de temperatura elevada.

Emquanto, porém, não chega esse momento, desejaria o snr. Gomes Monteiro, se não se sentisse muito fatigado, acompanhar-me nuns botes ao florete? Aceita? Bem, então... em guarda, snr. Monteiro!

Eu defendo que não ha mestres nem discipulos, ou, mais exactamente: todos somos mestres e todos somos discipulos. Um sabio, por exemplo, por mais sabio que seja, nunca conseguirá reunir ao seu enorme saber o pouco saber do ignorante. O ignorante, por seu lado, sabe coisas que o sabio ignora, embora o sabio saiba o que o ignorante jámais poderá compreender.

Touché?

Lisboa, 27 maio 1913.

Leopoldo Torres Fernandes.

Carta de Coimbra

28-5-913.

Conhecem já os acontecimentos que se teem desenrolado nos ultimos dias nesta cidade, prejudicando-a bastante.

Em virtude de um conflito havido no teatro Avenida e em resultado da população de Coimbra se ter colocado ao lado da força publica, travam-se desordens entre academicos e populares, assumindo proporções um tanto assustadoras.

Pelos academicos foram praticados actos inqualificaveis e da parte de alguns populares tambem se cometeram excessos injustificaveis.

No entanto, os academicos foram muito mais além, tendo atacado a tiro populares e a força armada, motivo por que se acham presos uns quarenta, a casa dos quaes a policia passou buscas encontrando pistolas, revolvérs e balas.

O dia de hoje tem corrido normalmente, desaparecendo o aspecto militar. Nas ruas ha o movimento do costume, nada de anormal se passando até ás 20 horas.

Cremos que o conflito está prestes a ser solucionado, embora muitos academicos queiram a todo o transe conseguir que a Universidade e liceu sejam fechados.

Coimbra, que é uma pacata e ordeira cidade, o que deseja é que se ponha termo á perturbação de ordem dos ultimos dias, entrando tudo na normalidade.

E é isso o que nos parece estar já conseguido.

C.

Raciocinios de um pensador

O meu espirituoso amigo Leopoldo Torres Fernandes, publicou no *Dever*, de 4 do corrente, um artigo subordinado a esta epigrafe, que realmente me deixou um pouco abananado.

Tudo e *Nada ou a minha religião*, (de ele:), é, francamente, um paradoxo que não se compreende, nem faz sentido.

Mas o meu amigo Torres Fernandes, pergunta quem são os pais de *Tudo*, e quem são os pais do *Nada*, o que é *Tudo*, para a compreenção do homem; o que mais se aproxima de *Tudo*, e o que mais se aproxima do *Nada*, etc., etc., respondendo ao mesmo tempo que *Tudo* é *Nada*, e *Nada* é *Tudo!!!*

Eu sou um pouco estupidosinho, e talvez seja devido a esse meu defeito fisico, que não percebo patavina de tudo quanto escreveu o amigo Torres Fernandes. Então *Tudo* não é *Nada? Nada* é *Tudo? Tudo* no Mundo tem pai? Onde *Nada* existe, pode encontrar-se *Tudo*, para a compreenção humana?

Eu creio que nem Aristoteles, Arquimédes, ou Platão, teriam tanta originalidade; e por isso espero que, de futuro, o snr. Leopoldo Torres Fernandes, nos explicará o que que re dizer o seu *Tudo* e o seu *Nada*.

Estou plenamente convencido de que o meu amigo Torres Fernandes, se funda em principios Biblicos e dogmaticos que dizem que Deus tirou do Nada a materia para formar o Mundo; e que esse Mundo se deve tornar Terra, Pó, Cinza e Nada. Mas permita-me que lhe diga que isso são teorias de cretinos, séticos ou plotonicos. O meu amigo Torres Fernandes está convencido de que quem fez o homem foi Deus. E veja que pleno contraste! Eu estou convencido de que os homens é que fizeram Deus. Esse *Tudo* e esse *Nada*, que no seu artigo nos apresenta, é um produto da sua imaginação, que pessoa alguma poderá compreender: e que realmente é *Nada*. *Tudo* é que não póde ser.

Não venho oferecer-lhe controvérsia, mas venho pedir-lhe que nos demonstre como é que de *Tudo* se póde fazer *Nada*, de *Nada* se pode fazer *Tudo*, etc.

Aonde é que começa o *Nada* e onde é que começa *Tudo*; como pode acabar o *Nada*, e como pode acabar *Tudo*.

Eu opto por uma cousa, e isto talvês seja *Tudo*.—E' que tudo isto acaba em *Nada*: por que tudo isto *Nada* é.

Santarem, 22—5—913.

V. Teófilo.

A EDUCAÇÃO FEMININA NO LICEU DE COIMBRA

A epigrafe dêste artigo parecer-vos-á extravagante e inoportuna, por visar um assunto assaz melindroso para a nossa pêna ainda inexperiente.

Contudo, dirêmos desde já que o assunto que procuramos tratar e acentuar, a golpes bem profundos, é a conduta moral dessa pleiade de meninas, com pretenções a senhoras... que actualmente cursa o liceu de Coimbra.

Se examinarmos com atenção a estatistica feminina do liceu, desde 1904, ano em que pela primeira vez o frequentámos, notaremos que a percentagem de alunas tem aumentado consideravelmente.

No nosso 1.º ano, a custo divisavamos uma ou outra, nêsse mar revolto de capas e batinas. Nos anos seguintes, notámos infelizmente que a percentagem de elementos do sexo feminino aumentava por uma forma consideravel.

Contudo, este incremento rápido e progressivo não nos surpreendeu, porque actualmente, suas mães, em vez de as industriarem nos serviços domesticos, obrigam-nas, na maioria dos casos, a cursar o liceu, onde a convivencia forçada com o sexo masculino preduz no seu espirito a influencia malefica duma corrução sem limites.

Não queremes com isto dizer que a educação deva ser inacessivel ao sexo feminino, mas sim tornar notorio o grande êrro em que as familias das alunas laboram, ao mandarem suas filhas para o liceu, cursado por mais de novecentos rapazes.

Sabemos que este artigo, produto expontaneo duma consciencia revoltada, irá irritar essa turba de meninas que frequenta o liceu. Contudo, não levamos isso a mal, pedindo sómente a seus pais, ou ás pessoas a quem esteja confiada a sua educação scientifica ou literária, uma visita ao liceu em qualquer dos intervalos.

Desenhar-vos o quadro que aos vossos olhos se oferece, ao transpôrdes o portão gradeado das ultimas escadas, seria tarefa dificil e incompativel com a nossa inexperiente pêna. Todavia, procurarêmos com factos reais esboçar esse degradante quadro.

Logo ao transpôrdes o mencionado portão, chega aos vossos ouvidos um ruído infernal, produzido por centenas de rapazes. Ante os vossos olhos desfila uma multidão ululante, que aproveita os curtos intervalos para fazer comentarios ás lições dos seus condiscipulos e notas dos professores.

E' este o momento a que queremos fazer especial menção.

Por todos os lados encontram-se meninas em completa promiscuidade com os rapazes.

Perguntas talvez, leitor, a razão porque isto assim sucede, indo eu imediatamente satisfazer a tua curiosidade.

Em vez de recolherem á sala que o dignissimo reitor gentilmente lhes concedeu, preferem passear nos corredores, onde ouvem os dileterios, em geral pouco decentes, que muitas vezes chegam a ferir os nossos ouvidos de rapazes.

Não seria dificil nêste momento, encontrardes aqui e além um *terno par*, conversando sobre assuntos amorosos. Muitas vezes, quando vamos ao liceu, e observamos o que acima fica dito, dá-nos vontade de zurzir um bom marmeleiro e espancar o insolente e atrevido par.

Outras, não tendo ainda o atrevimento necessario para em publico exibirem o seu namôro, limitam-se a abrir um livro, e a olhar furtivamente para o seu namorado, que se encontra mais além.

Outras ainda, conversam em grupo, mostrando na maioria dos casos missivas amorosas, ha pouco recebidas.

Concluindo, e em ultima analise, cumpre-nos agora apresentar a nossa opinião sobre a educação scientifica ou literária ministrada ás alunas. Para que essa educação se torne vantajosa, é necessario que se estabeleça uma aliança entre as proveitosas preléções dos professores, e a atenção das alunas.

Como podem elas prestar a exigida atenção, se o seu pensamento anda completamente absorvido em assuntos amorosos?

De fórma nenhuma o poderão fazer.

O assunto dava para muito mais, mas terminamos sem mais delongas, pedindo aos pais das alunas uma mais aturada vigilancia, na educação moral de suas filhas.

Oiram Zajrof.

Agua da Curia

Semelhante á de Contrexeville

Estimula a acção dos rins, que são os filtros do corpo humano.

Experimentai a agua da Curia.

CARTA DE LISBOA

27-5-913.

Preparam-se com grande afinco as festas da cidade que se realisarão nos dias 8 a 14 do proximo mez. Constarão de jogos sportivos, batalhas de flôres, vistosas iluminações, homenagem ao imortal cantor das glorias nacionais, ranchos populares, etc., etc.

Pelo entusiasmo que os preparativos revestem, se deprehende o brilhantismo que tão simpático festival terá.

Em Alcantara tem-se efectuado a tradicional Feira de Santos. que, como sempre, se nos depára fecunda de tudo o que é bom... até de semsaboria.

Na passada semana uma força de 100 praças dos regimentos 6, 18 e 31 do Porto conduziu a esta cidade 76 condenados á Penitenciaria e Degredo.

Foram julgados os implicados no *complot* de Evora, sendo o major Montez, capitão Pimentel e mais 14 reus condenados, e os restantes absolvidos.

Numa vacaria, para os lados da calçada de Santa Ana, um alcoolico tenta assassinar a amante para o que lhe vibrou cinco robustas facadas. O infeliz tentou suicidar-se.

As mulheres, oh! as mulheres!

NITRATO.

A morte pela superabundancia da vida

Supunhâmos, por um momento, suspenso o equilibrio entre a vida e a morte; imaginêmos que a morte suspendeu a sua marcha devastadôra. Que sucederia? O numero dos sêres vivos que povoam a superficie da terra tornar-se-ia tão grande, que não se poderiam conter á superficie do globo.

A atmosfera tornar-se-ia numa massa compacta de aves e insétos, inpenetravel ao menor raio de sól. Nesta superabundancia, a vida esmagaria a vida, e a morte retomaria os seus dominios, mas então com um imperio absoluto. Em poucos dias toda a vida orgânica teria desaparecido do planêta, substituindo-a por toda a parte a morte. Vejâmos alguns numeros.

Um animal micróscopico que apênas se consegue vêr com uma já regular ampliação, o rotifero, põe em um dia, de cada vez, 30 óvos e fornéce anualmente 70 gerações. Se todos estes individuos vivessem durante um ano, reprodusindo-se normalmente, ao fim de 365 dias dariam uma massa formidavel, uma esféra de raio superior ao do universo conhecido. O pulgão da roseira, a filoxera e outros afidios que sugam a seiva das plantas multiplicam-se em proporções enormes. Um afidio produz ao fim de um dia 25 descendentes; no segundo dia teriamos 25×25 =625 individuos; no terceiro dia 15:625 e assim sucessivamente em progressão geométrica. Dez mil desses insétos pesam 1|20 do grama Pois bem; 10 gerações consecutivas formariam um blóco egual em pêso a um milhar de homens dos quais, cada um pesasse 100 kilos. E isto em 10 ,dias. Uma môsca, no fim dum verão pôz 20 milhões de individuos. Ao fim de 5 anos de reprodução livre, chegariamos a um numero fantástico: 32 seguido de 35 zéros!

O bacalhau dá 8 a 9 milhões de óvos anualmente; ao fim de 3 anos teriamos mais de 40:000 milhões de bacalhaus—e eis a navegação parada. E percorrendo a escala dos sêres vivos, encontraremos sempre analogas proporções. Não será pois necessária a morte?

Rodrigues da Silva.

Anti-alcoolismo

Os efeitos sociais do alcool

De pé, junto do balcão, está um homem, de aspecto doentio, preparando-se para beber um copo de aguardente, sua bebida favorita. Depois de a ter bebido, começa a pensar: gastei tudo o que tinha, já não tenho um real; não ha remedio senão dar cabo do *canastro* a um ricaço qualquer para lhe apanhar a *massa*... Espera, vai acolá aquêle figurão... vou-me pôr a par com êle, assim como quem não quere a coisa, e, na primeira esquina que encontrar deserta, zás! espeto-lhe uma faca no *lombo*.

Outro, com a continuação de beber, tornou-se alcoolico, terrivel nos seus momentos de colera, assassino nos seus acessos de furôr, e além disso, pelo seu temperamento arruinado, é vitima de todas as enfermidades. Vai dar ao hospital onde é tratado... á custa dos trabalhadores sóbrios e arrojados! Mas ainda ha mais: tem filhos. Uns nasceram idiotas, o que constitue um pesado fardo para a sociedade. Outros não são idiotas, mas herdaram a diátese do pai e serão dipsómanos, loucos, epiléticos, perigo permanente e fardo constante para os seus concidadãos.

Obra Humanitária

O snr. Mauro do Carmo, fundadôr da instituição de beneficencia que criou em Lisboa com o titulo que nos serve de epigrafe, envia-nos a carta que a seguir publicamos:

Snr. Director do jornal *O Dever*,

ARAZEDE.

No dia 4 de maio teve logar a inauguração das aulas da primeira instalação desta humanitaria iniciativa para todos os alunos externos (pobres).

Anteriormente, porém, se fizeram festas que constaram de kermesse, concertos musicaes, sessão solene, ornamentações, etc. A abertura das instalações para internatos terá logar no proximo mez de junho.

O serviço clinico facultado aos subscritôres desta instituição começou em 1 de abril.

Rogando mais uma vez o favor da sua publicação, subscrevo-me com muita estima, etc., *Mauro do Carmo.*

NOTAS PESSOAIS

A sr.ª D. Emilia Ferrão Tavares, desta localidade, deu á luz uma criança que faleceu depois de alguns momentos. Lamentamos o triste incidente.

Em serviço do arrolamento da escola do sexo masculino, estiveram aqui no domingo passado os srs. Antero da Veiga, administrador do concelho; Neto, secretario de finanças; dr. Armando de Carvalho, presidente da comissão dos bens cultuais; e Mota Junior, 1.º oficial da repartição de finanças.

Tambem aqui vimos os nossos amigos José Teixeira, professor no Amieiro; Manoel Pereira Junior, comerciante em Coimbra e Alvaro Ferrão, estudante do liceu.

Nos Açores consorciou-se o nosso presado amigo e director da *Lucta*, José Sebastião de Avila Junior, com a sr.ª D. Maria d'Ascenção da Silva Avila. Desejamos-lhes muitas prosperidades.

CARTA

Recebemos a seguinte carta, a que gostosamente damos publicidade:

Snr. Redactor.

Apareceu ha tempos no *Dever* uma correspondencia de Pampilhosa em que se criticava a comissão de verificação de contas do Gremio de Instrução e Recreio, que áquele tempo ainda não tinha apresentado o seu respétivo relatorio.

Ora o que nos admira bastante, é que tendo essa comissão apresentado já ha mais dum mez o resultado dos seus trabalhos--apezar de se ter demitido o snr. Bátista *que era o mais habil de todos os comissionados*—ainda não tenha sido convocada a assembléa geral para a sua discussão.

Será posivel que o *sono* que então apoquentava a comissão se tenha transmitido á mui digna Direcção? Oxalá que, sendo assim, não a apoquente por muito tempo.

Pampilhosa, 29-5-913.

Jose Martins Catarino.

Grémio da Pampilhosa

Realisa-se hoje o anunciado espetaculo nesta otima casa de recreio, subindo á scena a deslumbrante opereta *O Moleiro d'Alcalá*, que tão grandes sucessos tem obtido em toda a parte, pois que Eduardo Garrido é um dramaturgo consumado e soube dar á sua obra aquela vida e poesia tão proprias do nosso tempo e do nosso temperamento de meridionais.

Far-se-ão ouvir 21 soberbos numeros de musica do distinto maestro Plácido Stichini, que serão executados por elementos dos melhores que Coimbra possue.

Espera-se uma verdadeira encente, atento o grande entusiasmo que se nota por toda a parte.

Registo Civil

BOLETIM QUINZENAL

Na 2.ª quinzêna de abril realisaram-se no pôsto de Arazêde os seguintes registos:

NASCIMENTOS

Manoel Luiz dos Reis, filho de Joaquim Luiz dos Reis, do Bebedouro.

Maria da Conceição, filha de Antonio Serafim, do Bebedouro.

José Maria Reis, filho de Antonio Luiz dos Reis, do Casal do Gaio.

Manoel Gomes Cavaleiro, filho de José Gomes Cavaleiro, do Amieiro.

Manoel Rodrigues Lucas, filho de José Rodrigues Lucas, dos Pelicanos.

Ana da Cruz, filha de Francisco Rodrigues Lucas, dos Pelicanos.

Elisio Faria, filho de José Faria Junior, dos Bizarros.

Maria Avelina da Conceição, filha de Romão Pereira Cardoso, de Arazêde.

Maria Luiza, filha de Manoel Simões d'Almeida, de Vila Franca.

OBITOS

Terêza dos Santos, do Amieiro.

Matilde Maria da Queda, do Casal do Gaio.

Rosária Morteira, dos Gôrdos.

Noticias

Diz-se que o salvamento do cruzador *Adamastor* e os reparos que ele terá de sofrer para ser novamente posto a nado, importarão em 16 mil libras.

Num teatro da cidade de Nova-York, na America, abateu uma plataforma, morrendo 20 mulheres e outras tantas crianças.

No domingo passado houve em Lisboa um comicio de protesto contra os exageros das rendas sobre os inquilinos lançadas pelos senhorios.

Consta que o Parlamento será prorogado até aos fins do corrente mez, esperando-se que fique votada a nova lei eleitoral.

Tem havido aqui em Arazede sessões de cinematografo que muito tem agradado.

Em Coimbra realisou-se um congresso de caixeiros que, entre outras deliberações tomadas, votou a constituição de um cofre de resistencia e aprovou a regulamentação das horas de trabalho. O futuro congresso realisar-se-á em 1915, na Figueira da Foz.

Na ultima reunião do grupo parlamentar democratico, o sr. dr. Afonso Costa concordou na vantagem de se proceder, ainda no ano corrente, a eleições suplementares, para se preencherem as vagas existentes na Çamara e a eleições administrativas, parecendo que sua ex.ª apresentará no Senado uma proposta de lei no sentido de se proceder á votação dos capitulos do Codigo Administrativo indispensaveis para que as eleições se efectuem.

Estão em Lisboa os *boy-scouts* inglezes. Vieram de visita aos diferentes monumentos da capital, a corporações, colectividades, camara municipal, redacções dos jornais, tencionando realisar ámanhã em automoveis uma excursão a Mafra, Cintra, Cascais e Estoril, e partindo no dia 4 para Inglaterra.

O grande poeta Guerra Junqueiro criou na Suissa um curso gratuito da lingua portugueza.

CORRESPONDENCIAS

BOM SUCESSO, 29

Dentre varios assuntos e nojentas futilidades que por aqui abundam, uma ha que nos revolta pelo atrazamento destes povos: e essa é a falta dum cemiterio onde fossem resguardados os seus restos mortais.

O local ou adro da egreja, onde desde longas datas se vêm sepultando, não está, pelo que visa a higiene, em boas condições, porque se encontra no centro da povoação e rodeado de casas.

Pelo que diz respeito a decencia por aquele logar onde reponsam gerações, e que lhes devia merecer a mais cuidadosa estima e veneração, é um cáos, porque é quasi diariamente pisado por gente pouco escrupulosa que pratica obscenidades, esquecendo-se que debaixo de seus pés repousam aqueles que lhes foram caros. Além disso grande quantidade de erva cresce ao abandono sem que alguma alma caridosa se lembre de a ceifar, apesar do sacristão (a quem está confiado o local) ganhar do povo um chorudo ordenado.

Bom seria que a Junta de Paroquia, reconhecendo o direito que nos assiste e interpretando os bons sentimentos de administradores da causa publica, mandassem construir um pequeno cemiterio, com o qual acabariam esses actos degradantes para com aqueles que na vida foram bons pais, bons amigos e bons cidadãos.

—— Em curta visita foi ha dias a Quiaios o nosso amigo e professor oficial desta localidade, sr. Francisco Andrade Pereira.

—— De passeio, esteve entre nós o sr. Joaquim Bernardes, da visinha povoação de Brenha.

—— Vai consorciar-se brevemente o nosso estimado amigo e considerado comerciante sr. Manoel Carvalheiro.

Auguramos-lhe um futuro prospero e repleto das venturas e felicidades de que é digno.

—— Está mais paralisada a emigração para o estrangeiro, com o que não nos admiramos, em virtude de não haver por aqui quem já esteja nas condições de marchar.

Francisco de Carvalho.

Pampilhosa do Botão, 29

Tem estado bastante encomodado, o nosso amigo snr. Francisco Mourão, socio da firma Mourão, Teixeira Lopes & C.ª, proprietarios da importante Fabrica Ceramica de Pampilhosa. Ao nosso amigo desejamos pronto restabelecimento.

ESCOLA DEMOCRATICA DE PAMPILHOSA. — Vae principiar a construção desta escola, estando a abrir-se já as competentes fundações. Soceguem, pois, os impacientes e os que pretendem concorrêr com os seus donativos, pódem fazêl-o sem o menor receio, pois a comissão, que voluntariamente se propôz fazer esta obra de progresso, é composta de individuos de toda a probidade, e se ha mais tempo não deu principio a esta construção, foi devido a dificuldades que sempre surgem em casos desta natureza, e não por negligencia sua nem falta de vontade.

CONFLITO ACADEMICO. — Em Coimbra, a linda cidade do Mondego, estão-se dando factos anormais que trazem alarmada não só a população da cidade como do paiz inteiro.

Parece terem reaparecido antigos odios entre *futricas* e academicos e que julgavamos extintos para sempre.

Coimbra não parece uma cidade; a população move-se desordenadamente, como no conflito brutal de duas aldeias sertanejas, entre a baixa e a alta, no choque ululante dos grupos, alta noite, ao toque dos sinos a rebate!

Triste, simplesmente triste.

Que as coisas se normalisem para socego de todos os que amam esta nossa tão querida Patria, é o nosso mais ardente desejo.

Rodrigues da Silva.

Dito do fim

Um sujeito encontra um pobre cóxo com muletas, que lhe pede esmola e a quem elle a dá.

D'ahi a alguns mezes, encontra o mesmo pobre, desempenado e andando admiravelmente, mas pedindo esmola.

— Eu vi-o a você ha dias, disse o esmoler, mas você dizia que era côxo. Que fez ás muletas?

— Ah! senhor! eu sou tão pobre que me vejo obrigado ás vezes a deixar as muletas em casa para as não gastar muito.

ANUNCIOS

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

NO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho e pelo cartorio do escrivão do 2.º oficio, correm editos de 30 dias contados da segunda publicação deste anuncio no *Diario do Governo*, citando o interessado José Margato, casado, de Vizo, freguezia de Liceia, desta comarca, ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, para todos os termos até final do inventario orfanologico a que neste juizo se procede por obito de sua sogra Joaquina Marques, moradora que foi no referido logar de Vizo e em que é inventariante Manoel Ferreira Veloso, do mesmo logar.

Montemór-o-Velho, 19 de Maio de 1913.

O escrivão,

João Paes da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

Arrematação judicial

(1.ª publicação)

NO Juizo de direito desta comarca e pelo cartorio do terceiro oficio na carta precatoria para venda de bens extraída de Execução de Sentença que na comarca da Figueira da Foz move José Augusto Zuzarte dos Santos contra José Luiz Mendes Pinheiro, vai á praça para ser vendido pelo maior lanço oferecido sobre a avaliação o seguinte predio do executado, no dia 15 de junho proximo, por 11 horas, á porta do tribunal judicial desta vila, a saber:

Uma morada de casas de habitação com pateo, na rua das Ameixoarias, nesta vila, que parte do Norte com herdeiros de Manoel Maria Alvares Pereira da Gama, do Sul com João Dias e do Nascente e Poente com Ruas Publicas, vai á praça por um conto de réis—1:000$000.

Pelo presente são citados os credores incertos.

Montemór-o-Velho, 22 de maio de 1913.

Verifiquei a Exactidão.

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

O Escrivão,

Bobela Mota.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55

COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Séde em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

JOSE MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

MODISTA

Máquinas de Costura, Bicicletes e acessórios

EM CASA DE

José M. Figueira

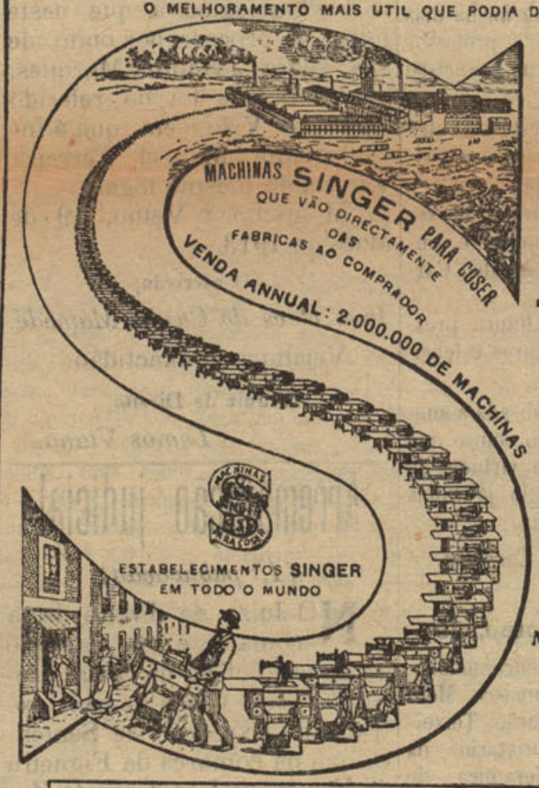
CANTANHEDE

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne. Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

MURALINE — Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, **madeira,** pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.

O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.

Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

CASA HAVANESA

16 — Rua Ferreira Borges — 16

COIMBRA

Sortido completo em tabacos, papelaria e perfumarias. Molduras para quadros e galerias, o que ha de mais moderno. Artigos para desenho, pintura a oleo, aguarela, foto-miniatura e pirogravura.

BILHETES DE VISITA

Novidades para brindes, artigos de viagem e toilette, etc.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40--Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Biblioteca da Universidade
Coimbra
S. R.

Ano 2.° Arazêde, 8 de Junho de 1913 N.° 68

CORRº E TELº
9 JUN. 13

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os autografos.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

Portugal e Colonias Portuguezas—Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trismestre, 30 centavos.
Brazil — Ano, 2 escudos, fortes.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO
Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*
Redação e Administração — ARAZÊDE

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR
Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ
Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

INSTRUÇÃO

Estamos chegados ao momento psicológico de se pensar a sério na instrução do país.

Este ramo da atividade humana, tão descurado entre nós dêsde tempos longinquos, carece duma análise meticulosa da parte dos podêres públicos, de maneira a sêr valorisado aos olhos das outras nações que sabem colocar em primeiro plano o que consideram base indestrutivel de tôdo o progresso e de tôda a expansão nacional — a instrução.

Entre nós tem-se relegado para ultimo logar o que entre os povos civilisados ocupa sempre o primeiro pensamento. Que é que torna grande a pequêna e simbólica Suiça? Que é que tem dado soberania e vitalidade ao indomavel Japão? Que é que tem dado fôrça e grandiosidade á Alemanha imperialista? Tem sido a desvelada atenção, o interesse crescente, a tenacidade admiravel pelo alto problêma da instrução do pôvo.

Primeiro que tudo o pôvo educado, o pôvo disciplinado, o pôvo consciente dos seus direitos e devêres; primeiro que tudo, escolas, muitas escolas, bem dotadas e bem mobiladas, onde os filhos do pôvo possam ir desafogadamente bebêr o preciôso nétar da instrução que os possa alimentar sólidamente em tôdo o decurso da vida; primeiro que tudo, um pessoal docente bem remunerado e bem habilitado, para se dedicar apênas á melindrosa e espinhosissima missão de formar caratéres e cerebrações completas. Depois —mas só depois— vêm as bôas esquadras maritimas, o fervôr do militarismo, a sêde da burocracia e êsses multíplices problêmas de importancia já secundária, que entre nós se têm antepôsto ao da instrução nacional, cômo verdadeiros parasitas da atividade e do esfôrço colectivista.

E' isto que fazem as nações da Europa e da América que mais se destacam hôje nas estatisticas mundiais. E' isto que fazem os povos que prezam a sua dignidade moral e intelectual.

* * *

No nosso país, porém, a orientação é diametralmente oposta, como dissemos. Cá fala se muito em instrução *teóricamente*. A quasi três anos de República — o regime para o qual a instrução devia sêr a pedra angular — ainda não têmos escolas verdadeiras, porque as poucas que existem são uma verdadeira ficção; ainda não têmos um pessoal ensinante bastantemente dignificado, porque os govêrnos até hôje só sabem dar-lhe uns vergonhosos 490 réis por dia; ainda não têmos nessas escolas simuladas o indispensavel material de ensino, porque tôdo o dinheiro se vai aplicando a um bombástico material de guerra; finalmente, ainda não têmos o fatidico ministério de instrução, que só se encarregasse de assuntos a êle inerentes, porque o obstrucionismo, a má vontade e a indiferença por tudo isto têm imperado grandemente no nosso meio para que se não tenham já objectivado em factos tôdos êstes problêmas de capital importancia.

O atual govêrno parece estar nas melhores intenções de dar solução a tudo o que aí fica; mas o que é certo é que a morosidade dos trabalhos parlamentares tem sido tal, os vários Demóstenes do parlamento têm sido tão difusos nas suas constantes perlendas, que duvidamos de que a bôa vontade e a energia do chefe do ministério possam triunfar com exito dos obstáculos que muitos *patriotas* conseguem opôr a tudo que respeite a instrução.

Todavia, não esquéçamos de que nêste assunto está tudo por fazêr no nosso país, e de que os anos que se fôrem desdobrando sucessivamente representarão para tôdos nós outras tantas páginas de opróbio que nos hão-de macular as faces aos olhos coruscantes das nações civilisadas.

Não esquéçamos e registêmos.

NOTAS

Justiça

A proposito dum artigo do *Dever*, publicado ha algumas semanas, e que, entre outras apreciações, se referia ao facto de estar enclausurado nas cadeias de Montemór um rapaz de 15 anos, pelo crime de homicidio voluntario, sabemos que foi superiormente ordenado que esse rapaz transitasse para a casa de correcção de Vila Fernando, onde terminará o seu suplicio de ociosidade para se entregar a uma vida de labor, que frutificará em habitos de trabalho e em sentimentos de dignidade.

Aplaudimos a atitude das autoridades que souberam interpretar devidamente a clausura por crimes de gravidade, pretendendo assim transformar um tarado num cidadão util a si e á sociedade atual, congratulando-nos tambem por o nosso brado ter tido eco nas instancias superiores, visto o acto de justiça que acabou de praticar-se.

Notario em Arazede

Diz o nosso prezado colega *A Voz da Justiça*:

> Vai ser criado um logar de notario na freguezia de Arazede, concelho de Montemór-o-Velho, abrangendo tambem as freguezias de Liceia e Seixo, daquele concelho.

E' certo que ha algum tempo nos referimos a este facto, parecendo ter todos os visos de probabilidade. Não temos, porém, informações seguras que nos garantam a sua completa realisação, e fazemos votos para que a noticia agora dada pela *Voz da Justiça* tenha todo o fundamento.

Carne ou peixe?

Dizem-nos que o padre da visinha povoação de Cadima, no ultimo dia santo que houve, recomendou aos seus paroquianos do Zambujal que nesse dia, sexta-feira, poderiam comer carne. Mas quem comesse carne não poderia comer peixe, do mesmo modo que quem comesse peixe não deveria comer carne. Quere dizer: a carne e o peixe são duas coisas incompativeis, exactamente como o reaccionarismo é incompativel com o espirito liberal... E por isso não admira.

Não ha razão

Muitos professores primarios andam descontentes por causa dos assuntos de instrução ficarem a cargo das camaras, a partir do 1.° de julho em diante.

Não lhes dê cuidado, que tudo ha-de correr no melhor dos mundos possiveis, como diria o dr. Pangloss. E então é que virá a decantada melhoria de situação. Não ha, pois, motivo para receios.

Manifestos

Temos presente alguns exemplares dum manifesto dirigido *Ao País* pelos operarios conimbricenses, que expõem resumidamente os factos anormais que alarmaram a cidade de Coimbra nestes ultimos dias. Atribuem a perturbação da ordem aos estudantes, a quem chamam *nm bando de arruaceiros*, e terminam por pedir a abolição da capa e batina para segurança dos cidadãos.

Por sua vez, os estudantes vão, ao que parece, distribuir um manifesto em resposta ao dos operarios.

Donde se infere que, depois de se terem praticado toda a sorte de excessos e de abusos inqualificavais, todos se querem agora desculpar. Mas não era mais bonito que a academia prezasse a sua dignidade, ensinando os outros a que a prezassem tambem? Sim, é necessario que os bons exemplos partam sempre dos que receberam uma certa ilustração...

Regresso ás aulas

O governo chamou os estudantes que abandonaram Coimbra, marcando faltas aos que não comparecerem ás aulas. Não percebemos bem tal baralhada.

Fechar aulas e abrir aulas, não ponderando o prejuizo que isso causaria aos estudantes, afigura-se-nos destempero e, até certo ponto, leviandade em demasia.

Ou sim, ou não.

Primeiro não se marcavam faltas. Agora, todos que não regressem a *penates*, zás, uma batata. Ora, cebola, que arroz é... trunfo...

Beijos á força de... balas

Um rapaz, em Lisboa, convidou a namorada a dar um giro para fóra da capital. Lá foram ambos com destino ás Laranjeiras. Ela deixou a familia e o *atelier*, ele o cornetim, metendo no bolso um revólver.

Depois, numa azinhaga, a sós, ouvindo o trinado delicioso do rouxinol, caíram nos braços um do outro.

Palavra puxa palavra, beijo estimula beijo e... coisas do arco da velha, e daí a semcerimonia com que ele, naturalmente, se sentiu com desejos de coisas deste mundo.

E vai como ela não esteve pelos ajustes, ele prega-lhe um tiro num ouvido. Acham bem?

E' que, «depois do pão, a educação é a primeira necessidade do povo». Já o dizia Danton.

CRÓNICA DE LISBOA

E' noite...

Do alto das muralhas do Castêlo de S. Jorge eu vito esta Gomôrra infame e traiçoeira—Lisboa. Ante o meu olhar amortecido bailam milhares de luzes que, como fogos fatuos, tremeluzem brilhantes, enervadôras. Que definirá a sua muda linguágem? Almas errantes procurando abrigo? Mistério.

E o meu olhar vai correndo, correndo por sobre essa Gomôrra infame e traiçoeira. Ao largo, lá muito ao largo, o relógio do Carmo bate pausadamente nove horas da noite. E esses nove sons, repercutindo-se ao sabôr da aragem, trazem até mim um éco lugubre e funério, um ai! desoladôr de moribundo.

Depois tudo é silencio. Dir-se-ia que a cidade é um enorme cemiterio esbatido pela palidês feérica da Lua, vagabunda afeita a sublimado e iódofórmio. Sim, eu acredito que lá por cima devem haver tambem alcouces de corrução onde as palidas Juliêtas vendam sorrisos, vendam encantos, vendam caricias a trôco de vil metal .. E, entretanto, as luzes continúam a bailar na minha frente, brilhantes, enervadôras...

* * *

Manhã clára...

A aurora sorri na vertente do horisonte, no desprendimento duma corista de *Folies Bergères*. O relogio do Carmo anuncia as sete da manhã numa voz mais clára, mais alegre e mais jovial. Dir-se-ia que o ár purificador da alvorada lhe dissipou os intimos desgôstos que lhe arrancavam gemidos mais tristes que o estertorar d'um moribundo.

E o pôvo, o pôvo humilde que tudo paga, ergue-se para a labuta quotidiana...

Vós nunca vistes o despertár dum pôvo, caros lêitores? E' uma coisa interessante, acreditai. Ha longas êras o pôvo erguia-se para rasgar as entranhas da terra com a relha bendita do arado. Era um povo manso, religiôso e bom, mas, se o afrontavam sabia erguer o gládio inexorável das reivindicações. Hoje o pôvo levanta-se estremunhádo, côça a ponta do nariz, boceja, espreguiça-se e procura a camisa. Em vão: o senhorio levou-lh'a... Grita, barafusta e a Realidade surge, envôlta n'um gargalhar sarcastico. O senhorio voltará; desta vez para levar-lhe a péle que lhe resta ainda....

E as luzes já não bailam na minha frente, brilhantes, enervadôras...

* * *

Regressa a tarde...

O labutár constante dessa massa negra que se chama a plebe começa a enfraquecer a pouco e pouco. Não tarda que volte o sôno reparador, unico lenitivo aos pobres oprimidos. Tambem no mundo — coitados! — eles possuem sete palmos de terra para dormirem eternamente!

Valha ao menos isso!...

Gomes Monteiro.

FORÇA E FRAQUEZA

Cérto cronista de Lisboa, por vezes mais sonhador do que cronista, mas ainda assim cronista tambem, referindo-se-me, diz:

«Ainda ha pouco um certo pensador afirmava que não é um cobarde aquele que espanca a mulher. E' sempre cobarde bater-se num sêr mais fraco que não tem forças para puder defender-se».

Ora eu vou indicar como devem ser interpretadas, não as minhas afirmações, mas as minhas convicções mais absolutas... até prova do contrario.

Em primeiro logar devo esclarecer que o monstro que espanca um sêr fraco sem nenhuma especie de motivo para o fazer, está expulso do meu pensamento e não faz parte da categoria do homem que é digno de o ser. Repelido este, vamos agora a pôr os pontos nos *ii*.

Sendo a força do forte uma força relativo-positiva; e sendo a força do fraco uma força relativo-negativa, somos assim conduzidos á presença de duas forças: a força da força uma, a força da fraqueza a segunda.

Agora: qual destas duas forças é a mais forte?

Fisiologicamente é mais forte a força da força, mas *psicologicamente* é mais poderosa a força da fraqueza, a qual, justamente por ser psicologica, ultrapassa em muitas centenas de vezes a força da primeira.

Logo: quando a força relativo-positiva *usa*, apenas lhe podemos chamar brutal; mas quando é a força relativo-negativa que, sabendo-se acobertada pela força da fraqueza, *abusa*... como se lhe deve chamar? Poderia o cronista-sonhador ensinar-m'o?

Lisboa, 3 de junho de 1913.

Leopoldo Torres Fernandes.

CRÓNICA DE VIAGEM

Ferozmente perseguido pelo destino implacavel e severo, abandonei o Porto—ou para melhor dizer, retirei-me, depois de despedir-me de todos aqueles que me eram caros e que me acompanharam na minha excursão nocturna atravez da cidade, me brindarem com os seus discursos inolvidaveis e sentidos.

Pressuroso, tomei o comboio e esperei o sinal de partida que não se fez esperar. A locomotiva silvou estridente e começou a ouvir-se o ranger dos ferros e o tinir das vidraças; então, assomando á portinhola, dirigi o ultimo Adeus aos meus amigos que de longe me acenavam e fiquei mergulhado em profunda tristeza. O comboio acelerou a marcha resfolegando a largos haustos, atravessando planicies e colinas de pouco vulto, e pouco depois, eu estava em meio de penhascos agudos e profundos abismos.

O comboio, sempre imperturbavel, sempre indiferente ás minhas magoas, desenrolava ante meus olhos velados por uma tristeza infinita, um cosmorama interessantissimo e palpi-

tante; primeiro mostrando-nos o Douro sempre cortado por rochedos alcantilados, depois os elevados outeiros sulcados e costeados por soberbas vinhas, os olivais com a sua côr semi-cinzenta, como arvore de paz a socegar-nos o espirito.

Depois, a continua variação de cenario neste teatro admiravel da natureza tão prodiga, tão fecunda em lances surpreendentes, e então, a linha do Porto a Barca d'Alva é de tal ordem rochosa e granitica, que o viajante, ao ver pedras tão grandes em paiz tão pequeno, ao ver tantos outeiros escarpados, e os terrenos áridos que se encontram nesta linha, dirá (pensando que com razão) este paiz não poderá alimentar seis milhões de habitantes.

E no entanto é um paiz essencialmente agricola e que, exportando uma grande parte dos seus produtos e conservando ainda uma grande parte de terreno inculto, apresenta ao longo desta linha o aspecto dum paiz inospito.

Fazendo a mim mesmo estas considerações, continuei a passear o meu olhar pelo rio Douro, ora atravessando campinas, ora circundando outeiros, por sua vez os rochedos eram maiores e em maior numero, de Tua até Barca d'Alva, amontoavam-se a um lado da via-ferrea e quasi apique, como que, parecendo querer esmagar o comboio debaixo do seu peso colossal.

Quando o comboio, sempre imperturbavel, atravessou os ultimos quilometros que me separavam da ultima estação portugueza, esse cinematografo fantastico tinha desaparecido, o que me fez crer que só em Portugal existia e depois de haver arranjado em Barca d'Alva os alimentos indispensaveis para aquela noite de viagem até Madrid, entrei para o comboio espanhol; e, após uma curta demora, iniciou vagarosamente a sua marcha; então lancei com curiosidade, o meu olhar para as regiões fronteiriças, vi o ultimo soldado do meu paiz—um guarda fiscal firme no seu posto, e a bandeira verde e vermelha a tremular ao vento, e como que a dizer-me Adeus. A seguir o comboio atravessou uma ponte e iniciou uma curva; então, estendi o meu olhar para uma colina já distante e prestes a perder de vista e lancei-lhe nesse olhar uma ovação muda e patriotica, uma prece sentida e forvorosa, como de um filho que se despede de sua mãe querida.

Lérida, 20 de Maio.

Santos Machado.

Carta de Coimbra

29-5-913.

(*Retardada*)

Absoluto socego em toda a cidade, tendo voltado a tranquilidade, que tão ambicionada era. Os academicos presos foram remetidos esta tarde ao poder judicial, sendo postos em liberdade, mediante termo de residencia.

O caso agora passou a tomar um aspecto comico.

Hontem á noite um grupo de academicos entreteve conversa com o tenente comandante da guarda republicana, que descansadamente jantava no restaurante dos *Caçadores*, emquanto outros lhe furtavam, por partida, o *bonet*.

Calcule-se a cara do tenente quando deu pela falta do *bonet!*... E agora não se ouve outra coisa senão a frase: *que é do bonet?!*...

Na reunião que hoje tiveram os academicos resolveram abandonar Coimbra dentro de 24 horas, voltando só para julho, os do periodo transitorio, e em outubro os restantes. Pretendem tambem que no liceu só fiquem alunos matriculados até ao 3.º ano.

Hontem ouviram-se ainda uns tiros isolados, que se supõe fossem disparados de qualquer telhado de *republica*, onde os estudantes subiram, berrando de casa para casa a frase que acima referimos.

Nada houve hoje e supõe-se que nada mais haverá. Ainda aqui se encontra o major snr. Sá Cardoso, que veio enviado pelo governo.

C.

Notas pessoais

Vizitaram-nos os nossos amigos snrs. José de Oliveira e Joaquim Simões Lameiro, importante proprietario, respectivamente de Alfandega da Fé e desta localidade.

— Acha-se incomodado de saude em Coimbra, o nosso presado amigo José da Silva Ferrão. Desejamos o pronto restabelecimento do enfermo.

— Foi transferido para a Figueira, o nosso amigo snr. Manoel de Figueiredo, factor de 2.ª classe da Beira Alta.

— No dia 3 do corrente, a esposa do acreditado negociante, snr. Antonio José Dias Galvão, e socio da firma João Antonio Rodrigues, Suc., de Montemór o Velho, deu á luz uma criança do secso masculino, a quem apresentamos os nossos parabens.

Secção Instrutiva N.º 16

Horas d'Ocio

A preléção do Bátista

— O sr. Bátista poderá dizer-me alguma coisa sobre a conservação dos mortos sem se decompôrem? Ou, pelo menos, o que é que pode retardar essa decomposição?

— Eu lhe digo, meu amigo. Sempre que qualquer pessoa morre, começa desde logo a decompôr-se. Isto é: cessam as acções fisicas, para ficarem simplesmente em campo as acções quimicas. Decompor é, em linguagem vulgar, apodrecer. E, para isso, muitas coisas concorrem, sendo, contudo, precisa a presença do ar, pois se não fosse o ar, nada apodreceria. Se pozéssemos o corpo em um espaço hermeticamente fechado e em seguida lhe pudéssemos extrair por completo o ar, não se daria a decomposição. Mas isso é que é impossivel, porque as maquinas pneumaticas servem tão sómente para rarefazer o ar, não podendo nunca extraí-lo por completo. Logo a putrefacção tem inevitavelmente de dar-se. O mais que se pode obter, é retarda-la, e isso faz-se com um grande aumento de temperatura, ou com uma grande diminuição da mesma temperatura, isto é, com o muito calor ou com o muito frio.

Como aplicação do primeiro caso temos as latas de conservas, em que se cose e faz ferver bastante (por exemplo, galinha com ervilhas), e se solda a lata hermeticamente, quando está o molho a ferver. Isto porque, pelo excesso do calor, se matam os microbios que hajam no conteúdo da lata, e pela fervura e ebulição do liquido se faz expelir o ar que dentro haja, e, portanto, se afasta o mais potente e mais indispensavel causador da decomposição—o ar, que, no caso, é não só o veiculo, como o elemento preciso ao desenvolvimento e vida dos microbios.

Contudo, isto que se faz para a galinha com ervilhas ou coisa parecida, não se faz para o genero humano. Fica, pois, posto de parte este processo para quando se tratar das pessoas.

*

Vamos ao segundo:

Este, como já lhe disse, consegue-se pela baixa temperatura.

Supunhamos a agua no estado sólido ou gelo. Está, como se sabe, a zero de graus centigrados. Pois bem. Se numa caixa de pedra ou de vidro, ou ainda de metal, metermos um cadaver, envolto por completo em gelo, retardaremos a sua decomposição. Primeiro, porque naquela baixa temperatura se não podem desenvolver os microbios; e em segundo logar, porque sendo enorme a adesão das moléculas da agua no estado sólido, impedem o contacto do ar.

Este processo, por ser o melhor até heje conhecido, é que está naturalmente indicado, tendo, além disso, a vantagem sobre o outro, de ser pratico,

— Ha então, só esses dois processos?

— Não, senhor. Citei-lhe estes e disse-lhe que só haviam dois, por se tratar da conservação dos cadáveres humanos, pois que, tratando-se dos outros animais, teremos ainda a conservação pelo cloreto de sodio ou sal das cosinhas, como vulgarmente se lhe chama. Em bom portuguez, é o processo de salgar.

E' este o que se usa para as carnes de porco e para o peixe.

O cloreto mata os microbios (é desinfetante) e daí a conservação das carnes sem se decompôrem.

Este facto explica o caso de ser muito mais rápida a decomposição dos despojos dos animais submersos nos rios do que dos submersos no mar, porque, como disse, no mar lá está o cloro para matar muitos dos microbios, e se os não mata todos, é porque não só a agua tem ar em dissolução, como porque, vindo os cadaveres á superficie da agua, lá recebem o contacto do ar, veiculo dos microbios.

Figueira da Foz, 27 | 5 | 913.

M. E.

Carta de Celorico da Beira, 3

A Comissão Municipal Administrativa deste concelho, depois de cumprir as necessarias formalidades expressas no Codigo Administrativo, enviou ao ilustre deputado por este circulo, dr. Achiles Gonçalves, afim de a apresentar ao parlamento, uma representação, acompanhada do respetivo projeto de lei, pedindo autorisação para contrair um emprestimo destinado á montagem de maquinas de inergia eletrica para produção de luz, e isenção de direitos alfandegarios no material que tiver de ser importado.

A Comissão Municipal Administrativa, e todos os celoricenses, esperam que o snr. dr. Achiles apresente, sem delongas, aquela representação ao Parlamento e que este, atendendo-a, vote imediatamente o referido projeto, tal como se encontra redigido.

Apoz a autorisação do emprestimo a comissão tratará de o efetuar em boas condições, envidando todos os esforços para que aquele tão util e importante melhoramento tenha realisação pratica no mais curto espaço de tempo possivel. Para isso conta com a desinteressada cooperação do snr. Manteola, engenheiro diretor de minas, aqui em serviço duma companhia espanhola, que por aliár á correção do seu porte, uma inteligencia lucida e uma competencia e atividade pouco vulgares, é, neste caso, um elemento de muito valor, que a comissão deve saber aproveitar criteriosamente.

Já por mais duma vez temos elogiado na imprensa a atual comissão administrativa, não só pela honestidade com que tem procurado administrar os réditos do municipio a bem dos seus munícipes mas tambem pelo afincado patriotismo com que trata dos melhoramentos locaes, mas nunca o fizemos com tão intimo prazer como agora. E' que este melhoramento representando, por emquanto, para a digna vereação, muitos trabalhos e canceiras—que para se suportarem é necessaria uma grande força de vontade — representa depois para o concelho inteiro beneficio de varia ordem e vem marcar para esta vila como que o inicio de uma epoca de progresso e de grandes prosperidades.

A zelosa vereação, pois, dirigimos os nossos louvores bem sinceros e calorosos, especialisando, porque é de justiça, o digno presidente, snr. A. F. C. Almeida, de quem partiu a iniciativa e para cuja realisação, que ele espera num grande anceio, trabalha interessada e afanosamente.

A.

Novos regedôres

Para regedôr efectivo desta freguezia, foi nomeado o snr. Antonio da Costa Tabanêz, dos Gôrdos, e para substituto, o snr. Antonio Maria Branco, desta localidade.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

LIX

Uma proposta do sr. presidente do ministério — O congresso do Sindicato — Nele devem tambem tomar parte inspectores e professores das escolas normais — O local do congresso — Uma ideia excelente

Talvez, neste numero das *Pinceladas*, nos devessemos ocupar da proposta ultimamente apresentada ao Parlamento pelo sr. presidente do conselho de ministros com referencia a assuntos de instrução primaria. Tem ela em vista pôr «em pleno vigor» a Reforma de 29 de março de 1911, da autoria do sr. dr. Antonio José d'Almeida e da responsabilidade de todos os membros do Governo Provisório. Não nos insurgiriamos contra isto, apesar da revisão da referida Reforma ter já começado no Senado. Entendemos mesmo que, em face do ponto aonde as coisas chegaram, impossivel é á Republica, sem grande desaire, deixar de estabelecer a descentralisação escolar. Mas é que a medida do sr. dr. Afonso Costa vai mais longe: fére legitimos direitos adquiridos do professorado — ou pelo menos de uma grande parte dele. E contra tal coisa não podemos deixar de lavrar o nosso protesto mais veemente. Convencidos estamos de que o ilustre estadista que preside ao governo ainda desmentirá o pessimismo com que recebemos a sua ascenção ao poder, apesar de sermos um velho admirador das suas qualidades de republicano intransigente e de lutador indomavel.

E passemos a outro assunto.

*

Anuncia-se um congresso pedagógico promovido pelo próspero Sindicato dos Professores Primários de Portugal, que, como é sabido, tem a sua séde no Porto. E' mais um beneficio, e grande, que a infeliz classe do magistério primário fica devendo áquela associação, sempre tam combatida, por quem nunca teve outro mérito do que enredar e espalhar perniciosas doutrinas pelo espirito dos que despreocupadamente lêem certa imprensa.

O Sindicato, entre outros serviços valiosíssimos que a classe lhe deve, conta no seu activo a realisação do primeiro curso prático de trabalhos manuais educativos. Só isto bastaria para que os seus inimigos tivessem um pouco de pudor nos ataques que lhe dirigem. Agora, com a congresso, ele corôa dignamente a obra que ha tres anos, com um afinco meritório, os seus dirigentes veem promovendo. Mas apostamos em como nem assim os *outros* se calarão...

Num artigo anunciador saído na *Federação Escolar*, diz-se que o congresso será exclusivamente de professores primários. Naturalmente, os seus promotores quizeram assim evitar as cenas que se têm dado nos que a Liga Nacional de Instrução promoveu, e que nós oportunamente verberámos. Não se compreende que *toda a gente* se apresente, não só a discutir questões pedagógicas, o que seria o menos, mas a concorrer com o seu voto para que conclusões disparatadas sejam aprovadas contra a opinião autorisada dos obreiros da escola, o que é péssimo. Mas é conveniente não exagerar. — Em nossa opinião, além dos professores primários, devem ainda ser admitidos aos trabalhos do congresso, ao lado daqueles, os inspectores escolares e os professores das escolas normais e primárias superiores, se algumas houver já ao tempo. São classes que devem colaborar juntas na inadiável obra da transformação do ensino elementar.

Resta ainda o local do congresso. Quere-nos parecer que não é o Porto o mais adequado—embora reconheçâmos o acréscimo de trabalho que ao Sindicato traz a sua realisação em Coimbra, a terra que, por diferentes motivos, para tal mais se presta.

Terminando: a ideia do congresso é excelente e merecedora dos louvores dos nossos colegas no magistério. O nosso aqui lhe fica, em letra redonda, com ardentes votos por que o desânimo a não inutilise.

Prof. Manoel José Antonio.

PENSAMENTOS

Eu queria ver um mundo harmonioso, tão harmonioso como uma musica suavissima de mil passaritos diversos e exquesitos que chilreando doidamente, mas num ritimo suave e cadenciado, arrebatassem e comovessem os corações mais duros, mais insensiveis, das mulheres de bronze.

— Eu queria num *aeroplano* gigantesco, que se elevasse num vôo eterno, transportar atravéz as regiões do olimpio, todos os meus amigos, todas as minhas afeições, todos aqueles que me querem e que eu quero e amo.

— Eu queria num dia limpido, diáfano, vagar sobre um mar de rosas, ao sabôr e capricho das ondas perfumadas dêste formoso oceano.

— Queria que me acompanhasse nas minhas aventuras; uma noiva gentil e carinhosa, então, atravessando arômas, dir-lhe-ía mil nadas que tanto dizem, mil coisas que só os amantes sabem compreender.

— Eu queria sofrer mil perigos e revezes, como o navegante, e depois, encontrar o afago carinhoso de uma mulher sorrindo e que fôra a minha salvadora e como que porto seguro em meio de horrivel tempestade.

— Eu queria que os meus olhos deitassem chispas de fogo que pudessem derreter o teu coração de gêlo, e que os meus cabelos te prendessem sem que te fôsse possivel fugir.

— Eu queria que o meu amor, o meu aféto e o meu carinho, tal como êle é, fôsse compreendido por todos e que ao brilho dos olhos e sorriso dos labios me assomasse, para que tu, ingrata, soubesses quanto bem encerra um coração que te ama.

— Queria ainda, vêr-te num jardim formosissimo, como flôr rara que és, orgulhando-me de vêr-te admirada por todos e só amada por mim... Então colher-te-ía ciumento, roubando-te assim ás caricias do orvalho.

SANTOS MACHADO.

Poetas e Prosadôres

CONTRÁSTE

Ao ex.mo snr. Luiz Augusto dos Santos,
2.º SARGENTO.

Vós osculais da Musa a face algente
Tecendo madrigáes ás Margaritas,
Que no seio do lar alvinitente
Vivem serênas — tristes pobresitas!

Vós beijaes a Camena doentia
Que tem desmaios de menina histérica,
E ás trez da madrugada se enebria
Na volupia letal e selvagérica.

Vós entráis nas floresta onde as Almeias,
Franças dispersas, bailam radiosas;
Vós subís ao Parnaso onde as Napeias
Núas volitam, toucádas de rosas!

Como poéta vós guardáis no peito
Um sacro feixe de ilusões divinas,
E de noite, sedento e sem respeito,
Escaláis os balcões das Messalinas.

E, todavia, comandais soldados,
Num ar cruento que rigor encerra,
E os arrastaes em flancos agitados
No mar de sangue que se chama a Guerra.

Não, não mateis assim as ilusões
Que um peito guarda em luminósos brilhos;
Não tortureis os pobres corações
Lembrai-vos que sois pai, que tendes filhos!

Lisboa, 2 de Junho de 1913.

Gomes Monteiro.

Hóras d'insónia

Os homens odeiam-se com rancorosa e destruidora furia. Por toda a parte, a luta feroz contra o semelhante, dá-nos o triste espetaculo de um definhamento mental, de uma aberração psicologica em perspetiva. A humanidade odeia-se mutuamente, como se a humanidade não estivesse toda sujeita ás mesmas leis psiquicas ou fisiologicas. O pregão de guerra atroa os ares empestando o ambiente que nós quizeramos cada vez mais puro, cada vez mais masculo de moralidade, mas despido de preconceitos, mais livre de dogmas obstrucionistas e retrogradativos.

Milhões de criaturas, milhões de vidas se têm sacrificado em holocausto a outros tantos milhões de obcecados sem uma ideia altiva de regeneração social, de emancipação humana! E todavia foram vidas que desapareceram, algumas bem preciosas e estimulantes á pratica do Bem e do Justo! Mas a guerra, o odio impertinente que se está desencadeando no seio da humanidade, ha-de ter um fim. Fim tragico, degradante insucesso lhe prevejo eu... Por isso ás vezes me ponho a cismar no enorme turbilhão de invétivas entre o povo de um país, mesmo do povo de país para país, como que se a humanidade não abrangesse todo o planeta terreno ou se uma simples delimitação de fronteira importasse uma completa diferenciação de sentimentalismos no que respeita aos habitantes da Terra, que são, bem vêem, toda a humanidade.

...Eu ás vezes acórdo e relembro com tristeza o sonho que muitas vezes me domina: Que os homens são amigos, que as nações se auxiliam umas ás outras, que os povos, numa sêde devoradora e humana de perfetibilidade, se dão as mãos num só e longo abraço, num abraço de paz e de harmonia social, e que os nossos filhos, quando viérem, só encontrarão sorrisos e confortos, por toda a parte os ricos repartindo com os pobres sem ser necessária a força, sem ser necessaria a morte!

Os filhos das prostitutas amparados pelo braço generoso da sociedade; as mulheres, perdidas por bandidos sem caracter e sem coração, que as abandonaram depois de as terem remetido ao seio déspota da desgraça e da desdita; as mulheres, assim lacrimosas e abandonadas, caminhando a passos firmes ao lado de outras mulheres que os bafejos da sorte ampararam sempre.

Eu quizera tudo isto, e que a sociedade, contaminada de defeitos de toda a natureza, fosse mais amavel e mais amiga, mais saudavel de altos principios de magnanimidade e de honra.

Se assim fosse, como tudo seria belo! Como o mundo, cheio de invejas e pejado de desilusões, seria, então, um oceano imenso de rosas desfolhadas, tapetado de sorrisos e enlaçado num grande abraço de confraternisação universal.

Mas... eu quizera morrer sonhando, sonhando assim...

ALMEIDA JUNIOR.

DESASTRE

Na quarta-feira passada houve um lamentavel desastre que ia resultando a morte a um pobre homem. Manuel Reis, do logar da Mata, desta freguezia, quando transportava, em carro de bois, umas pedras de cantaria para um logar circumvisinho, teve a infelicidade de os bois se espantarem ou se desviarem do local indicado, o que o obrigou a apear-se do carro em que ia e cair desastradamente, passando-lhe uma das rodas por cima das pernas.

Ficou em estado bastante grave, estando sujeito a um tratamento rigoroso, o que, felizmente, o poderá reabilitar dentro dalgum tempo.

CARTA DE LISBOA

5—VI—1913.

No salão nobre dos Paços do Concelho realisou-se no passado domingo uma conferencia subordinada ao tema *A epoca de Camões*, sendo conferente o ilustre professôr, Agostinho Fortes. Esteve muito concorrida sendo o conferente muito ovacionado.

Em suma: só agora se lembram do imortal cantor das glorias patrias que após trez seculos e meio morreu de desgôsto e fome!

——A passada semana foi enlutada por uma grande desgraça na praia de Nazaré na qual perecêram 16 pessôas por motivo de se havêr voltado o barco.

——Têmos entre nós os *boys scouts* inglêses que teem tido uma carinhosa recepção. Realisaram diversas manobras na Avenida da Liberdade com a comparencia do ministro plenipotenciario inglês. Partiram já para Inglaterra.

Bôa viagem.

NITRATO.

Tudo e Nada

(Rêde de arrasto)

Quando, com o pensamento abismado nas infinitas profundidades do Misterio, escrevi o artigo *Tudo e Nada*, pondo assim em relevo qual a religião por mim adótada, liguei o *Nada* ao *Tudo* com o proposito muito evidente de estabelecer uma *rêde* de malhas tão infinitamente pequenas que nada absolutamente por ela deixasse de ser arrastado. E isto é referindo-me ás suas malhas, porque, quanto ao seu tamanho, eu idealisei-o de fórma que nem *fóra* tivesse.

Mas vou a supôr que haja pessoas cujo absurdo as não deixe acreditar na existencia da sua propria existencia e que, por essa razão, não estejam dispostas a ir nesta *rêde*. Está muito bem: se não fosse a casca não existiria o fruto, não sendo tambem menos certo que cada existencia, cada sêr ou cada individuo é um *todo* indivisivel, perfeitamente harmonico e solidario com esse mesmo todo, por isso sucedendo que cada um pensa como tem de pensar, assim lh'o determinando a lei da Dessimetria, aparente base da eterna evolução e do infinito aperfeiçoamento.

E vou continuar a supôr que essas criaturas — felizes criaturas! — apesar do que se lhes exteriorisa, estão desejosas de entrar na *rêde*, ainda que isso não seja se não por natural e simples espirito de curiosidade; e, assim o julgando, aqui lhes venho oferecer, leal e nobremente, a chave que serve na fechadura da porta que, sem grande despeza de fosforo, as conduzirá ao *interior* do cêrco «Tudo e Nada» ou seja da *rêde de arrasto*.

Evidentemente, tornar-se-á necessario admitir que estamos neste instante do *lado de fóra*, porque doutra maneira não nos seria possivel a *entrada*.

Ora vamos a vêr: — *Tudo*, é tudo quanto sensibilisa o intelecto e a mente pode abranger, o *Nada* começando precisa e exatissimamente desde esse ponto em deante. Está aberta a porta. Queiram agora ter a bondade de entrar. Já estão? Bem, então retomem *O Dever* n.º 63 e voltem a lêr o artigo que escrevi, examinando-o com a atenção de que poderem dispôr, porque depois, se conseguirem demonstrar, pela sua compreensão e inteligencia, que possuem no cerebro uma musculatura tão robusta e vigorosa como aquela que impetuosamente exiba ao vulgo a ignorancia mais potente, facil lhes será mudar de opinião a respeito do meu «Tudo e Nada».

E, por hoje, entende que não valerá a pena dizer mais nada quem, por já existir antes de nascer (antes mesmo de ser um espermatozoide), não admite a existencia da Morte, tal qual esta palavra a traduz, embora para o que *ainda não nasceu* eu já tivesse *morrido*, não tendo porém nascido ainda *para o que já morreu*.

Duas linhas mais: *Nada Pratudo* insinuou o desejo de saber como tinha sido formado o universo, e eu não quero deixar sem resposta essa insinuação.

Eu penso,—e as bases scientifico-filosoficas não poderão permitir outra tangente — que o Universo, como de resto todo o seu existente, Nunca teve principio, porque Nunca póde ter fim, tudo—Tudo!—*continuando* eterna e infinitamente de lei em lei. Ou poderia alguem conceber um infinito com Fim e um eterno com Principio?

Lisboa, 3 de junho de 1913.

Leopoldo Torres Fernandes.

P. S.— Queira o snr. V. Teófilo, de Santarem, encontrar no que acima deixo escrito o que melhor assente á resposta que tanto deseja e tão delicadamente me pédе. E se aqui não achar a suficiente abundancia do que lhe agrada, então espero que se dignará fazer-me saber do que precisa mais, porque eu lhe darei todas as explicações que estiverem dentro dos princípios da doutrina que defendo e faço por seguir.

L. T. F.

NA ESTANTE

O Problêma da Felicidade— por Paulo Combes — Casa Editôra Figueirinhas — Pôrto — Prêço: 500 réis.

Obra bem traduzida, cheia de conceitos filosóficos, mas com o senão, para nós, de envolvêr o Abstracto em assuntos já abstractos na sua essencia.

Noticias

Segundo consta, o sr. ministro das finanças vai apresentar ao Parlamento uma proposta de emenda á lei monetaria, promulgada pelo governo provisorio em maio de 1911, pela qual as moedas de nikel de 4, 2 e 1 centavos diminuem em peso um grama cada uma

Pela mesma proposta a moeda de 1|2 centavo, tambem de nikel, é substituida por uma moeda de bronze de igual valor.

Calcula-se que cada operação produza para o Estado a economia de 50 contos na totalidade da emissão autorisada pela referida lei.

===O sindicato dos professores primarios de Setubal telegrefou ao sr. presidente do ministerio solicitando-lhe a modificação do paragrafo 2.º do artigo 10.º da proposta por s. ex.ª ultimamente apresentada ao parlamento sobre a descentralisação do ensino primario e promoção dos professores, pois que aquele paragrafo os prejudica altamente nos direitos que adquiriam pelas legislações anteriores.

===A sub-comissão encarregada de elaborar o projéto da reorganisação judiciaria tem quase concluidos os seus trabalhos.

Na ultima sessão trocou impressões e tomou algumas resoluções sobre alterações a introduzir na legislação vigente, relativa aos serviços e direitos dos oficiaes de justiça.

Na reunião seguinte, designada para 16 do corrente, a sub-comissão procederá á revisão dos trabalhos até agora apurados.

===Em Roma houve ha dias uns concêrtos musicais, dados por uma criança de 6 anos de nome Guillermo Ferréro. Aos concêrtos assistiram 5 mil pessoas. As aptidões musicais da interessante criança são um caso único na história da arte. E' geral a admiração. O pequêno Guillermo dirigiu a execução dos «Mestres cantôres», alcançando um enorme triunfo. O papa, a quem foi apresentado, beijou-o carinhosamente e deu-lhe uma grande medalha de ouro.

===Consta que no Pôrto se vai realisar em breve um concurso de ciclismo militar.

===Hôje ha outra vêz em Arazêde nova sessão de cinematografo e novas cançonetas. A sessão de domingo passado deu grande enchente, e é natural que a de hôje tambem promêta grande afluencia de espectadôres.

CORRESPONDENCIAS

Pampilhosa do Botão

TEATRO — Teve logar no domingo passado, no nosso teatro, conforme tinhamos anunciado, a representação da operêta *O Moleiro de Alcalá*, cujo desempenho deixou muito a desejar.

O publico, que quasi enchia o teatro retirou desagradavelmente impressionado, o que é para lamentar, tanto mais que, apesar da alteração que houve nos preços, nem por isso deixou de concorrer ao teatro, tal era a vontade que tinha em assistir a um espectaculo dado por uma Companhia que ha 4 mezes estava trabalhando numa cidade como Coimbra!

Ao director da Companhia, Augusto de Andrade, recomendamos como amigos que, emquanto não conseguir melhores gargantas, não volte com operêtas á Pampilhosa aonde, apesar de aldeia sertaneja, ha muito quem conheça *O Moleiro d'Alcalá*, cujo autôr, se tivesse assistido ao espectaculo de domingo, teria retirado horrorisado por ver a sua obra, além de mutilada, pessimamente desempenhada. Não ha duvida que ainda houve artistas que desempenharam regularmente os seus papeis, merecendo especial menção: Amelia Rodrigues, Alfredo Paulo, Alfredo Santos, Augusto de Andrade e outro; mas os outros, por muito que fizessem para agradar ao publico, nada conseguiram.

FALECIMENTO — Vitimado por uma congestão cerebral, faleceu o nosso amigo Pedro Dias da Conceição, industrial e proprietario na Quinta de Valongo e que ha pouco tempo aqui tinha montado um estabelecimento de calçado. O falecido era um belo carater e um cidadão prestimoso pelo que nos deixou imensas saudades. A' desolada viuva, os nossos pesames.

DOENTE — Está gravemente doente o nosso amigo José Augusto Cristina Agante, lavrador e proprietario desta freguezia, a quem desejamos pronto restabelecimento.

CASAMENTO — Efetuou-se no passado domingo o enlace matrimonial do nosso amigo Joaquim Simões Julião, mui digno empregado dos snrs. Antonio Almeida da Costa & C.ª, com uma simpatica menina do logar do Travasso.

Aos noivos desejamos um futuro prospero.

Rodrigues da Silva.

MERCADOS

(EM 28 DE MAIO)

De Montemór-o-Velho

				14,163
Feijão de mistura (14,63 litros)				600
» frade	»	»		650
» môcho	»	»		700
» branco	»	»		800
» pateta	»	»		600
Trigo	»	»		780
Milho branco	»	»		600
» amarelo	»	»		580
Centeio	»	»		600
Aveia	»	»		560
Cevada	»	»		450
Favas	»	»		760
Ervilhas	»	»		900
Grão de bico	»	»		1$000
Chicharos	»	»		600
Batatas				340
Tremoços (20 litros)				760
Galinhas, 450 a				600
Frangos				300
Ovos, o cento				1 1$200

CANTANHEDE

Preço dos generos no mercado de 28 de maio

Milho branco, 680; amarelo, 680; trigo mouro, 780; tremez, 650; mourisco, 780; centeio, 900; cevada, 480; aveia, 900; aveião, 400; arroz, 1$900; serradela, 900; feijão mocho, 1$020; branco, 880; amarelo, 960; rajado, 700; frade, 840; carraço, 840; brazileiro, 970; canario, 850; ervilha, 900; tremoço, 740; grão de bico, 1$100; fava, 620; chicharo, 580; azeite, 3$000; vinho tinto, 750; branco, 900; vinagre, 400; aguardente, 3$000; geropiga, 1$800; batata, 280; lã, 3$500; trevo, 40; azevem, 120; sal, 180; castanha pilada, 1$500 réis.

Novidade literaria

O Problema da Felicidade

por JULIO COMBES

Acaba de sair, em brilhante tradução, este admiravel livro do autor consagrado dos Quatro Livros da Mulher, a saber: o *Livro da Esposa*, o *Livro da Mãe*, o *Livro da Dona-de-Casa*, o *Livro da Educadora*.

O *Problema da Felicidade* custa 500 réis br. e 700 enc.

Livraria Portuense de Lopes & C.ª — 119, Rua do Almada, 123 — PORTO.

ANUNCIOS

Arrematação judicial

(2.ª publicação)

NO Juizo de direito desta comarca e pelo cartorio do terceiro oficio na carta precatoria para venda de bens extraída de Execução de Sentença que na comarca da Figueira da Foz move José Augusto Zuzarte dos Santos contra José Luiz Mendes Pinheiro, vai á praça para ser vendido pelo maior lanço oferecido sobre a avaliação o seguinte predio do executado, no dia 15 de junho proximo, por 11 horas, á porta do tribunal judicial desta vila, a saber:

Uma morada de casas de habitação com patee, na rua das Ameixoarias, nesta vila, que parte do Norte com herdeiros de Manoel Maria Alvares Pereira da Gama, do Sul com João Dias e do Nascente e Poente com Ruas Publicas, vai á praça por um conto de réis — 1:000$000.

Pelo presente são citados os credores incertos.

Montemór-o-Velho, 22 de maio de 1913.

Verifiquei a Exactidão.

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

O Escrivão,

Bobela Mota.

Agua da Curia

Semelhante á de Contrexeville

Estimula a acção dos rins, que são os filtros do corpo humano.

Experimentai a agua da Curia.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

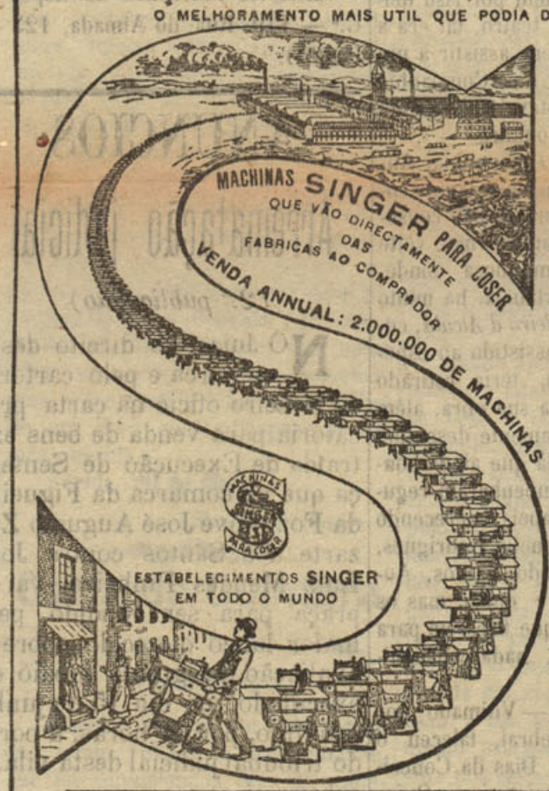
PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESPORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central. Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

JOSE MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

MODISTA

Máquinas de Costura, Bicicletes e acessórios

EM CASA DE

José M. Figueira

CANTANHEDE

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.

O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.

Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

MURALINE

Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, **madeira,** pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

CASA HAVANESA

16 — Rua Ferreira Borges — 18

COIMBRA

Sortido completo em tabacos, papelaria e perfumarias. Molduras para quadros e galerias, o que ha de mais moderno. Artigos para desenho, pintura a oleo, aguarela, foto-miniatura e pirogravura.

BILHETES DE VISITA

Novidades para brindes, artigos de viagem e toilette, etc.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 2.° Arazêde, 15 de Junho de 1913 N.° 69

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os autografos.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

PORTUGAL E COLONIAS PORTUGUEZAS—Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trismestre, 30 centavos.
BRAZIL — Ano, 2 escudos, fortes.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Redação e Administração — ARAZÊDE

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

Biblioteca da Universidade Coimbra S. R.

PROBLEMAS SOCIAIS

Acentuámos aqui no numero passado, crêmos mesmo que chegámos a pôr bem em relêvo, a necessidade inadiavel de se pensar a rigor na instrução do nosso paiz, na educação do nosso povo, que ainda vive acorrentado a ideias sédiças, a idolos e a falsas doutrinas, barreiras altas que se teem oposto á marcha gloriosa do progresso e á dignificação da consciencia popular.

A propósito, bordámos considerações que se prendiam com a essencia do assunto de que se tratava, e que eram indispensaveis para tornar eficazes e mais viaveis os meios de instrução a empregar no nosso meio. Referimo-nos ao ministerio da instrução que, felizmente, parece que vai ser um facto dentro em breve, e referimo-nos a situação do professorado, que parece não terá solução favoravel, para desprestigio dos homens e das instituições.

Depois de se resolver este problema, que é de primacial importancia, e que é o unico que serve de base larga onde devem assentar todos os outros, surge um outro problema que não deve descurar-se, porque ele é egualmente portador de vantagens que reverterão em favor do povo. Esse problema é o que se refere á **policia rural** e que faz parte do programa do governo provisório.

Já em tempo dedicámos um artigo especial a este assunto, porque vimos nêle uma derivação de beneficios que muito concorreriam para o bem estar público e para a tranquilidade das populações. O que então dissémos é o que hoje repetimos por outras palavras, isto é—que para o povo ter uma justa compensação do seu trabalho, para nêle encontrar a felicidade relativa que todos os dias procura, para alcançar a remuneradôra situação a que, pelo esforço proprio, tem incontestavel direito, para não se desalentar, emfim, na luta quotidiana que lhe absorve o melhor da sua energia e do seu pensamento, é preciso que os governos o coloquem em condições de vida tal que êle não tenha que lamentar ámanhã a pêrda do seu trabalho de hoje, ou que êle não veja no dia seguinte malbaratado por intrusos perigosos tudo quanto na vespera produziu o vigôr do seu braço. Numa palavra: é necessario que os governos lhe mandem guardar a propriedade, de que êle paga anualmente as suas contribuições e de que muitas vêzes aufere um mesquinho rendimento.

A policia rural póde filiar-se, pois, na categoria dos problêmas que mais têm interessado o atual governo, e crêmos que êle há de dispensar-lhe ainda a atenção que outros de menor monta lhe têm merecido.

Mas há ainda o problêma do **barateamento da vida,** que não póde ser lançado ao esquecimento. «Depois da instrucção, o pão é a primeira necessidade do homem»—dizia Danton. E não é sem fundamento que esta frase foi escrita.

Todos sabem quanto é hoje dificil e penôso viver em Portugal. A vida tem atingido o maximo de encarecimento que prepara o meio insuportavel para a existencia dos individuos; os generos atingem um preço altissimo que se não compatibilisa com os rendimentos escassos da maioria dos cidadãos; o que antigamente custava cinco ou dez, custa hoje três e quatro vêzes mais. Daí as consequencias inevitaveis que nos deprimem e nos enfraquecem: a emigração, a indigencia, o definhamento da raça e outras doenças fisico-sociais que contribuem para a depressão moral a que temos chegado.

Não se dispende sómente cuidados para que o trabalho tenha uma valorisação real; ha que pensar ainda na maneira mais pratica e mais viavel para obter a energia indispensavel a esse trabalho. E é isto que, em grande parte, nos tem acarretado esses males de que hoje enfermamos.

Postos assim o mais sucintamente possivel estes tres problemas que julgamos de toda a importancia — *instrução, policia rural e barateamento da vida* — fazemos votos para que o governo de firmeza e decisão que está hoje á frente do paiz os analise ponderadamente e lhes dê a verdadeira solução de que ha mister.

NOTAS

A carestia da vida

Diz a *Capital* que a carestia da vida se deve aos impostos de consumo, e que é necessário alterar a pauta alfandegária na importação de géneros alimenticios, acabando tambem com os impostos indiretos que pesam sôbre a alimentação publica

Razão temos nós para hôje clamar no logar de honra pelo barateamento da vida, pois não se admite que, segundo a mêsma *Capital*, as substancias alimenticias concôrram, na importancia total dos direitos de importação, na percentagem de 63 %!

E' necessario que se acabe com o véxame do impôsto sôbre géneros de consumo, de contrário, teremos a fome nas classes populares, com tôdos os horrôres duma justa sublevação.

O atentado de Lisboa

Os graves acontecimentos que alarmaram a capital ha poucos dias, quando da passagem do cortejo camoneano, não é obra dos socialistas e anarquistas que prezam a dignidade dos principios que defendem, mas sim duma seita de dementados e reacionarios que procuram todos os lances para trazêr a intranquilidade ao país, ou, pelo mênos, dum grupo de miseraveis e de alcoólicos que, sem eira nem beira, reclamam por meio de atentados a subsistencia individual.

Em qualquer dos casos, são condenaveis semelhantes processos que apênas depoem contra quem os pratica. A reclamação de direitos não se faz por meio de violencias, mas por meio de argumentos justos e de razões palpaveis. Tudo o que assim não fôr é o cáos e a desordem que aniquilam.

De fazer "ferro,,...

Ha dias o *Seculo* noticiava que os nossos papeis de crédito fôram os unicos que obtiveram alta nas bolsas estrangeiras, e atribuía êsse facto á sensata administração do snr. dr. Afonso Costa.

E' caso para enfurecêr certos *republicanos*... de via larga.

Reforma eleitoral

Diz um telegrama de Paris para um diario de Lisboa que o senado de lá aprovou por mãos levantadas e quasi sem debate, em menos duma hora, o projecto de reforma eleitoral elaborado pela sua comissão.

Pois cá não se faz isso assim de afogadilho. Cá pensa-se, discute-se, questiona-se, barafusta-se, um dia, dez dias, um mês, etc., e nada está decidido. E' claro que, por êste andar, valia a pêna têr o parlamento aberto durante dôse mêses em cada ano. E talvez nem assim...

Outra vêz?

Um jornal hespanhol afirmava ha dias que Paiva Couceiro se encontra na Galiza, em companhia de Gaitano de Ayola, secretario de D Jaime

Então ainda não houve quem desse uma bola áquêle *pêrro chico?!* Coitado! Muito desanimado deve êle andar!

CRÓNICA DE LISBOA

Para que de futuro me não vão apodár de inconveniente, eu quero explicár mais claramente, mais nitidamente a minha entrada nesta já celebre questão do *Tudo* e *Nada*.

A um méro espétadôr é permitido patiár ou aplaudir o campião, que mais lhe dá no gôto, sem que com isso vá melindrar a linha da bôa educação.

Foi isso o que fiz quando optei pela doutrina do meu inteligente colléga, Leopoldo Torres Fernandes.

Convida-me êste camaráda para uns bótes ao florête? Não; não aceito. O florête pode sêr usádo por qualquer *habitué* do Bosque de Bolonha, após a sacramental tróca de cartões, com a comparencia das átas, devidamente paraninfádas, por meia duzia de *snobs* amigos da tradição. Não para mim, que pertenço á plébe, a essa plébe amotinada que estilhaçou a Bastilha e tem nos lábios o ritus do Desprêzo. Não para mim, e porisso limito-me ao sôco, ainda que devidamente regularisádo, segundo as praxes dos melhóres coliseus.

Portanto, sr. V. Teófilo, em frente... Principío por *cross*:

Com que razão afirma o sr. que Torres Fernandes se funda em principios biblicos e para que vái estropiár o *Genesis* para dár fôrça aos seus argumentos?

Vácila? Pois bem. aí vái um *directo*:

Com que fundamento tráz á baila Arquimédes, Aristóteles e Platão? Só pelo facto de demonstrar que é profundo? Ora! Ora! Lá pela coincidencia de sêr Teófilo não é cáso para sêr ou pelo menos aparentar um Teófilo Braga.

Termino por *uppercut*:

O sr. baralhou tudo: argumentos, contestações, cérebro, etc., etc., e acaba por não percebêr nada.

Eu podia dizêr-lhe duma maneira mais clára e compreensivel o que no todo o sr. Teopoldo queria dizêr.

Sim, eu podia dizêr-lh'o, se aquêle senhôr o não houvesse explicado nas condições precisas.

Além disso o sr. fraqueja e cái sobre o tapête do *ring*.

Vai o árbitro contár os segundos.

. . . . . .

Sr. V. Teófilo, estou a vêl-o inérme e massacrádo na triste posição dum moribundo. O sr. infunde-me a compaixão que me provocaria o celebrádo sapateiro que, um dia, quiz vibrár violoncêlo.

...O arbitro contou os dez segundos. O sr. é um homem vencido.

GOMES MONTEIRO.

Coisas simples

Da Europa á China

A Historia conduz-nos nas suas hercúleas ázas em romagem espiritual aos tempos idos; relaciona-nos por momentos com os costumes dos povos nossos antepassados e, mostrando-nos as vicissitudes da sua vida politica, tambem nos ensina a tirar muitas ilações nos factos da vida presente.

Assistimos em espirito ao formar e desfazer dessas ondas humanas que em correrias de exterminio assoláram a Europa—as invasões dos barbaros.

Vimos como se fôram constituindo os estados e mais tarde, quando a ideia religiosa avassalava todos os espiritos, tambem outra avalanche de guerreiros movimentou a Europa: as Cruzadas que, em nôme da fraternidade cristã, talávam os paizes por onde passávam para, na sêde de conquista tomárem as terras dos que não tinham as mesmas crenças; afinal perderam-se nas brumas da Idade-média.

Os dominios feudais fôram-se desmantelando á voz meliflua mas ironicamente pungente de um Luiz XI e da intrépida firmeza de um Maximiliano; a soberania simbolizada num déspota chamado rei foi ceifando com rapacidade os privilégios da turbulenta aristocracia bem como as isenções da enfatuada classe sacerdotal para cujo exemplo temos na nossa historia D. João II. Mas por ultimo tambem não fôram poupadas as regalias e fôros dos municipios mantidos tantas vezes á custa de inumeros sacrificios do povo e sobre as imunidades cerceádas é que se assentou abominavel mas triunfante—o absolutismo.

Mas a reação veiu e convulsionou, ainda que de espanto, toda a Europa. Partiu o alvorescer da liberdade com a declaração dos «direitos do homem» e a chama rúbida que iluminou os *principios de 89* não se extinguiu. Seguiu-se todavia uma época que tem ligada a si uma gélida necrologia, um escorchar violento de bases e privilégios, um aluir fremente de fórmulas e convenções; mas, sobre esses doirados escombros calcados pela demagogia fôram assentes as teorias de Rousseau expostas no *Contrato social*.

E' certo que mais tarde sobre essa camada social onde as gentes do absolutismo ficáram unicamente tingidas de vermelho, assentou arraiais um imperador. Um dos soldados da republica cingira a corôa:—Napoleão Bonaparte. As turbas começáram a inflamar-se á passagem dos brilhantes esquadrões que iam com o montante rasgar a integridade das nações e esvoaçar, vitoriosa, a bandeira das águias; então o filho do povo, o soldado da republica tambem se converteu em déspota.

Mas o gérme da democracia ficara latente; a soberania do povo esboçada no dia 14 de julho de 1789 com a tomada da Bastilha, é que irrompeu de novo. E venceu.

Estes factos do passado é a Historia quem no-los mostra, os do presente observâmo-los mais de perto e o estudo dos primeiros leva-nos a tirar muitas ilações nos segundos.

(*Continua*).

Aurea Judit Amaral.

* * *

Nota. — Este ponto, bem como outros seguintes ha muito escritos, irão para satisfazer os desejos da Redacção, enquanto os meus afazeres me impedirem de dedicar mais cuidados ás *Coisas simples*.

Amaral.

N. da R.—Ainda que com sacrificio, aí têm os nossos presados leitores, que justamente alarmados nos escreveram perguntando se a nossa inteligente colaboradora deixava as colunas do *Dever*, resposta ás suas amaveis cartas.

D. Aurea Amaral continuará a honrar-nos com as suas apreciaveis *Coisas simples*, a despeito dos seus muitos afazeres quotidianos lhe tomarem quasi por completo o tempo de que dispõe.

Folgamos imensamente.

CARTA DE LISBOA

10—6—1913.

Com intenso brilhantismo começaram no passado domingo as festas da cidade. Afluíram divérsas sociedades de Instrução Militar Preparatoria que praticáram ginastica suéca e varias evoluções mavórticas no extenso hipodromo de Belem.

Realisaram-se tambem torneios nacionáis de *foot baal* entre grupos do Porto, Coimbra, Portalegre e Lisbôa. que decorrêram animadissimos.

Terá hoje logar um cortejo de homenagem a Camões no qual se incorporarão mais de 10.000 estudantes que n'um fanatismo sacro irão depôr flôres no pedestal do imortal cantôr.

O arrojado aviador Sallés subirá no seu biplano *Voisin*, o que é esperado com anciedade, pois que Lisbôa já o conhece em toda a vastidão do seu ousado voar.

— No elegante Coliseu da rua da Palma foi iniciado o 6.° campionato internacional de luta.

Concorreram 16 dos melhóres atlétas do mundo, o que nos apresenta um intrincado enigma nos resultados da vitória.

Arbitra o antigo lutadôr Milo, indelével gloria do *ring*.

— Faleceu o ex-corifeu da falecida monarquia, General Pimentel Pinto, vitimado por um ataque de albumina.

Descance em paz!

NITRATO.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

LX

Promoções de classe — A fantasmagoria dos quadros — Uma proposta do snr. ministro das finanças que vem ferir direitos adquiridos

O caso é simples e em poucas palavras se expõe.

Segundo a legislação em vigor á data da publicação da Reforma de 29 de março de 1911, os professores primários eram promovidos de classe de seis em seis anos de bom e efectivo serviço. Havia até na lei uma disposição que preceituáva o respectivo despacho dentro de um mês, contado da data em que a promoção fôsse pedida; e a diferença de ordenado era sempre paga desde o dia em que o interessado prefizesse os seis anos de bom e efectivo serviço.

Vem o decreto do Governo Provisorio, que, tendo a principio merecido dos irreflectidos girandolas de foguetes, a breve trecho começou justamente a ser alvo de acerbas criticas. Foi alterada a fórma de promoção. Inventaram-se os celebres quadros, em virtude dos quais pertenceriam 2:500 professôres á primeira classe, outros tantos á segunda e os restantes á terceira. Cessáram imediatamente as promoções pelo anterior sistêma, á espéra da publicação da lista a que se refére o § 1.º do artigo 91.º do citado decreto. Essa publicação devia de ser feita no fim de tôdos os anos lectivos. Mas o tempo fôi passando, decorrêram já três anos, e a lista decantada ainda está por aparecer.

Ora, ha tempos, o snr. ministro do interior, ou alguem por êle, entendeu, e muito bem, que os professôres que á data da publicação da Reforma tinham direito á promoção não deviam de ser abrangidos pelas disposições dela, o que seria dar a estas efeito retroactivo. E daí a publicação de uma medida, que o professorado otimamente recebeu, mandando aplicar-lhes, para o efeito da promoção, as disposições do decreto de 24 de dezembro de 1901. Quanto aos restantes, indirectamente assim se corroborava que seriam distribuidos pelos quadros, logo que a lista a que já fizemos referencia fôsse publicada, o que para breve se esperava. Concomitantemente, de novo se asseguráva a esses o disfrute da garantia a que se refere o artigo 167.º da Reforma de 29 de março de 1911.

Até aqui tudo correu regularmente. Bons ou maus, os quadros eram um facto. Pedia-se aqui e além o regresso geral ao antigo sistêma de promoções—mas tôdos os que não analisavam superficialmente a questão estavam de acôrdo neste ponto: esse regrésso, muito para desejar aliás, só se poderia efectuar depois da fixação dos quadros, visto que ela ia de momento beneficiar a terceira classe, a que havia sido concedido um aumento de ordenado diminuitissimo.

Mas eis que surge a ultima proposta do snr. ministro das finanças, que, falando muito em respeitar direitos adquiridos, os serceia com uma estupenda semceremonia. Conhecem-na naturalmente os leitores. Perdoar-nos-ão, por isso, que só para a semana, havendo ainda oportunidade, a analisêmos detidamente.

Prof. Manuel José Antonio.

TRAÇOS

O livro é indispensavel na escola

Ainda, como prometi, sobre o uso dos livros na escola primaria.

No meu passado artigo, eu analisei a questão unicamente sobre o ponto de vista particular, isto é, sobre os inconvenientes que a falta de livros na escola primaria podia trazer para o ensino ministrado na mesma escola.

Mas a questão tem um alcance mais largo. Meio mal era se pudessemos localisal-a na escola. Mas não; ela vae mais longe, por que vae afectar os interesses da sociedade.

Eu creio que muitos dos senhores senadores, estudaram psicologia. Mas isso não impede que o mais modesto dos professores primarios, lhes venha dizer que erraram desta vez, ao advogar a ideia da extinção do livro na escola.

E' principio assente, que as acções, bôas ou más, que o adulto pratica, são nem mais nem menos que a imagem do que ele foi em criança, do que ele fez quando frequentava a escola primaria.

Se lhe ensinaram a jogar a *bilharda*, ele terá semprs um afecto profundo por esse simples bocado de pau, com o qual passou os dias mais felizes da sua vida.

Se em vez da *bilharda* lhe ensinaram antes qualquer jogo, ele terá sempre, seja em que idade fôr, umas palavras de ingente saudade ao ver brincar esse mesmo jogo.

Isto na rua, fóra das horas escolares. Na escola dá-se um caso semelhante.

Se lhes ensinarem a amar os livros, eles ama-los-hão sempre, sempre, porque eles são a recordação mais viva dos tempos fugazes da sua infancia.

E saídos da escola, principalmente aqueles que não seguem cursos superiores onde possam alargar a esfera dos conhecimentos adquiridos, eles terão ocasião de a cada momento, reviver, a par dos seus saudosos brinquedos d'outr'ora, os ensinamentos minis trados pelo mestre. O' como se compreende uma grande utilidade. Mas ha mais. O professor aconselha naturalmente os seus alunos a estimarem e guardarem os seus livros como se guarda e estima uma reliquia.

E eles então, estimulados por esse conselho, não só os guardarão com cuidado, mas até procurarão obter outros que lhes servirão, não só para o mister a que se dedicam, como para recrear e ilustrar o seu espirito.

Não pensa assim toda a gente?

Pois julgo eu um grande erro, porque se faz desta maneira, talvez inconscientemente, uma guerra ao livro, quando nós necessitamos precisamente do contrario.

* * *

Em Portugal, toda a gente o sabe, são poucos aqueles que compram livros onde possam colher ensinamentos para o seu modo de viver e por onde possam orientar o seu espirito nos sãos principios da moral, dessa moral muito diferente da antiga (que assentava sobre principios religiosos, dogmaticos) porque tem por base a paz, a liberdade e a fraternidade.

Não, em Portugal não se leem livros. Quando muito, lê-se o *periodico*, onde a par dalgumas coisas boas, vem tanta inutilidade, tanto... que digo! — tanto incitamento ao crime, tanta perversidade.

Em Portugal ha o horror ao livro. Prende mais a atenção do portuguez, um debate politico estrondoso, em que se quebrem carteiras no parlamento, em que se fere mortalmente o adversario com palavras muitas vezes repassadas de odio.

O portuguez saboreia melhor a noticia espalhafatosa dum crime como o assassinio de Jálan e quejandos.

Casos sensacionaes, são a sua melhor distração.

Ora, é preciso modificar este estado de coisas. E' preciso estimular no coração do povo, de todo o povo, o amor pelo livro.

Este retraímento, este desdem, prejudica-nos.

Alguns povos estrangeiros julgam-nos um povo de ignorantes, um povo inculto. Devemos reconhecer que têm alguma razão, embora isso custe ao nosso patriotismo.

Mas devemos continuar assim? Não; devemos, como já disse, modificar este estado de coisas. E por onde devemos começar? Pela escola, evidentemente. Pela escola, ensinando aos alunos a guardarem e estimarem os seus livros, como se estima e guarda a melhor das reliquias.

E podemos fazer isso não usando livros na escola? Com certeza que não.

Prof. Guilherme Ferreira da Silva.

Notário em Arazêde

Acabamos de sabêr de fonte sesura que fôi já criado o logar de notário com séde nesta localidade e ábrangendo as fréguezias de Arazêde, Liceia e Seixo, tendo vindo tambem já publicada no *Diario do Govêrno* de 12 do corrente a nomeação do nosso amigo sr. dr. João Constantino para o referido logar.

Confirmou-se, portanto, a noticia dada pelo nosso colega *Voz da Justiça*, que reproduzimos aqui no numero passado, com o que muito folgamos, saudando ao mêsmo tempo o pôvo de Arazêde pelas grandes vantagens que lhe traz tão belo melhoramento.

FATALISMO

Eu poderia dizer, como com razão ás vezes se diz, que, de todas as especies de animaes que povoam a terra, o genero hnmano é o mais patife, o mais asqueroso, o mais velhaco e até o mais feroz de todos. Poderia ainda acrescentar que o homem, imitando assim o que a raposa disia ao galo, clama Paz, esganiça a palavra Amor e outras belezas mais, não se esquecendo porém de ter muito em vista, ao mesmo tempo que assim adocica a voz, o habitual e reinadio gesto de estar á espreita da melhor oportunidade para espatifar o próximo. Poderia, sim, dizer ou repetir tudo isso, mas, embora reconheça a muita verdade que estas coisas encerram, não é essa a especialidade do meu modo de vêr.

Eu sou fatalista desde o exterior até ao *sabugo* do tutano dos meus ossos! E tão fatalista sou que até julgo não haver rasão suficientemente esclarecida, maduramente ponderada e profundamente reflexiva que possa opôr que o Fatalismo, depois da Vida, não seja tudo quanto ha de mais absolutamente inegavel, visto que não admitir a sua existencia equivaleria a conceder á limitada inteligencia humana a categoria de — *Todo Supremo Unico*, categoria esta que apenas cabe dentro daquilo a que uns chamam Deus e outros Natureza, mas que eu designo pelas adoraveis e imponentes palavras de — *Vida e Misterio*.

Sim, estas duas palavras, que aparentemente parece nada diserem, dizem toda via Tudo o que se pensa e se não pensa, Tudo o que se vê e se não vê, Tudo o que se ouve e se não ouve! Porque a Vida é o principio *sem principio* e o fim *sem fim* mais rigorosamente absolutos, o Misterio sendo o seu *eternamente* inatingivel *porquê*.

Demais, no Infinito Seio conjugal da Vida e seu Misterio, Tudo se me apresenta e depara como sendo necessario a Tudo, constituindo o Infinito Conjuncto a base-razão do Infinito Todo, Tudo sendo a resultante consequente da Vida e do Misterio como os filhos são a consequente resultante do matrimonio. Isto simplesmente quer dizer que eu sou irmão de Tudo e que Tudo é meu irmão, porque tudo—Tudo Infinitamente!—é Filho da Vida e de seu esposo o Misterio.

Assim sendo, é por isso que eu digo que Tudo está Bem. Porquê?

Porque *Nada* e *Tudo* são Filhos de meus Supremos, Infaliveis e Eternos Pais.

Antes de ser espermatosoide eu existia na Vida, como na Vida existia em espermatosoide, na Vida existindo como Leopoldo Torres Fernandes, continuando a existir na Vida depois de morto e na Vida existindo eterna e infinitamente, o que, seja qual fôr a ciencia, presente ou futura, que puxe, esprema ou estique, sempre e unicamente dará como resultado e conclusão final, da fórma mais rigorosamente indivisivel:—Vida e Misterio!

* * *

De lei em lei, talqualmente sucede a *Tudo* e *Nada*, eu venho desde a Eternidade e continuo pela Eternidade fóra qual um comboio pelos *rails* que lhe determinam a direção. Assim, pois, como o comboio obedece aos seus *rails*-guiadores, eu, conforme *Tudo* e *Nada*, obedeço, sem que o meu *querer* nisso tenha a minima interferencia, ao perfil do gráfico do meu caminho.

Sim, eu sou o *comboio*, o meu querer são as *rodas*, mas os *rails* são o meu gráfico, a minha vontade representando apenas *andamento*.

Eu não penso, não digo nem faço nada, porque, como um disco de gramofone, o que eu faço, digo e penso *já estava pensado, dito e feito* pela Vida, eu unicamente sendo o *reprodutor* daquilo que o disco, volteando sempre, me faz reproduzir e exteriorisar.

E assim *Tudo* e *Nada*, porque eu não posso ser uma excèção. Pensar doutra maneira seria pretender ter atingido o que ainda ninguem atingiu e *jámais* alguem atingirá:—o Ultimo Porquê de *Tudo e Nada*! Esse *ultimo porquê* entaipei-o (ou entaipou-me ele a mim) entre a Vida e o Misterio, nada mais podendo eu faser agora emquanto se não proceda ao desentaipe.

Poderá ser? Piedade para o infeliz que diga que sim!

Lisboa, 10 Junho de 1913.

Leopoldo Torres Fernandes.

Alphonse Humbert

Consorciou-se na quinta-feira passada, com uma gentilissima senhora austriaca, este nosso presado amigo, muito distinto Sub-Inspétor da grande Companhia Internacional dos Wagons Lits, em Lisboa.

Mr. Humbert é um funcionario que, pela sua inteligencia e dedicação ao trabalho, conquistou justamente o importante logar de destaque que hoje uzufrue numa das maiores emprezas ferro viarias da Europa.

O nosso amigo tem sido muito cumprimentado por superiores e subordinados, todos fazendo justiça ao seu belo caracter.

O *Dever*, desejando-lhe uma prolongada lua de mel e mil prosperidades, abraça-o intima e jubilozamente.

Notas pessoais

Esteve aqui no dia 7, o snr. Joaquim Alves Diniz, habil empregado da firma comercial Fernandes & Viana, do Porto.

== Tambem aqui esteve no dia 10 o nosso ilustre amigo, snr. dr. Bátista Loureiro, distinto clinico em Montemór-o-Velho.

== Regressou de Lisboa, onde foi assistir ás festas da cidade, o nosso presado assinante da Pampilhosa, snr. Joaquim Martins dos Santos. Acompanhou-o sua esposa.

== Tambem regressou da capital o nosso prestimoso colaborador Fernandes d'Almeida, seguindo ontem para o Baraçal, onde continua tratando da sua saude algo abalada por excesso de trabalho. Desejamos as melhoras do nosso amigo.

== O nosso presado correspondente de Pampilhosa, Rodrigues da Silva, tambem partiu para Lisboa a assistir aos festejos da cidade. Feliz regresso.

Crónica de Viagem

(*Continuação*)

Quando, no momento em que o comboio iniciava uma curva, se escondia a meus olhos a ultima colina e a ultima bandeira lusitanas, fiquei mergulhado numa profunda tristeza.

Até Fregeneda, primeira estação espanhola, o comboio caminha lentamente, ora subindo rampas, ora penetrando as entranhas da terra, entre as quais caminha grande espaço de tempo.

Depois de Fregeneda e até Fuentes de San Esteban, a paisagem muda por completo; é uma extensa planicie que se prolonga além do que a nossa vista póde alcançar; esta planicie, encontra-se coberta de centeios que ondulam suavemente ao sopro da brisa ligeira e, de longe em longe, para quebrar aquela monotonia tão profunda, encontram-se então, como pequenos oasis em meio do deserto, onde se desfrutam umas pequenas sômbras, projétadas por algumas arvores que se ostentam soberbas como senhoras absolutas da imensidade.

De resto, tudo que me cercava concorria para a tristeza que de repente me invadiu o espirito.

Primeiro, a monotonia da paisagem longa e invariavel; depois, até a falta de eucaliptos, que, nas linhas portuguezas se encontram em grande quantidade, firmes no seu posto, como soldados gigantescos, apenas acenando-nos com os seus enormes braços e enviando-nos na viração o seu aroma de resinas, e, por ultimo, os meus companheiros de viagem.

Os que, desde Barca d'Alva me acompanharam, eram por demais palradores e curiosos, medindo-me incessantemente dos pés á cabeça e respetivamente da cabeça aos pés, ao mesmo tempo que me metralhavam com um sem numero de perguntas e qual délas a de menos importancia, perguntas a que placidamente e com o melhor agrado possivel eu respondia.

A extraordinaria curiosidade désta boa gente, extendeu-se até á minha merenda, que eu tive minuciosamente que mostrar-lhe, explicando-lhe onde foi comprada, quanto custava, e como era feita.

Este tiroteio de perguntas e respostas foi interrompido pela entrada de novos viajantes, não já palradores mas, no entanto, ainda bastante curiosos; sobretudo dois individuos, com caras de mata-mouros e barbas como Afonso de Albuquerque: esses deitavam-me um olhar, verdadeiramente inquizitorial e irritante, e eu, perguntei a mim mesmo, se aqueles individuos quereriam vingar em mim, ali, os revezes de Valverde e Aljubarrôta.

Mas não... Aquilo não era mais

que a fanfarronada nativa e estampada em todos os rostos dos filhos de Castela e, como os leitores devem supôr, nada me passou de anormal e desagradavel; a não ser a decéção que eu sofria quando, supunha encontrar individuos mais alegres que os portuguezes e mais comunicativos, e, no final, encontro estatuas animadas, sim, mas mudas como rochêdos.

Esta profunda desilusão, dura como a adversidade, fria como a morte, acompanhou-me d'ahi por diante, até Madrid. Acontecera que, pouco antes de chegar o comboio a Fuentes, déra nêle entrada um individuo de má catadura que, sentando-se em frente de mim, me devorava com os olhos. Ia continuamente olhando-me desconfiado e fazendo sinais *a la Guardia Civil* e eu, alheio a tudo, perguntava a mim mesmo o que aquilo queria dizer. De repente fez-se a luz no meu espirito. Aquilo era nem mais nem menos do que o retrato de Afonso Costa, estampado n'uma caixa de fosforos, que eu tirava de continuo da bolsa do colête, para acender um cigarro que, muito propositadamente parecia apagar-se, como se sentira um goso infinito, um entusiasmo louco, em que esses espanhois vissem a figura do maior estadista portuguêz.

Em seguida, chegando a Medina, e depois de esperar n'esta estação duas interminaveis horas de uma noite de gelo, tomei de novo o comboio para Madrid, onde me esperavam outras surprezas que breve contarei aos leitores d'*O Dever*.

Lerida-España, 29 de maio de 1913.

SANTOS MACHADO.

Secção Instrutiva

Horas d'Ocio

(N.º 17)

A' redáção do *Dever* peço a fineza de mandar colocar o numero de ordem dos meus despretenciosos escritos, pela parte de baixo do titulo *Horas d'Ocio*, para assim mostrar que a *Secção Instrutiva* é de todos que para ela queiram escrever, e não exclusivamente minha.

Gostaria de a vêr concorrida, por artigos, por certo, de muito mais valor do que os meus, que só teem o merecimento da boa intenção.

Lembra-me que ainda nesta secção teria cabimento, sob o titulo *Perguntas*, quaisquer consultas sobre sciencia, que os assinantes do semanario poderiam formular, e que seriam satisfeitas nos numeros seguintes, pelo Bátista, se elas fossem daquelas a que, pela sua facilidade, todos podessem responder, e por qualquer outra pessoa quando fossem de maior folego e que portanto exigissem mais volumosa e pesada bagagem scientifica.

Para inaugurar, (caso vv. estejam de acordo), mando neste numero uma pergunta que me fizeram.

Sempre amigo certo,

Morão d'Encarnação.

A preléção do Bátista

— Amigo Bátista, diga-me cá uma cousa. Que tempo leva a comida a desaparecer do estomago?

— Eu lhe digo: tratando-se de um individuo em estado regular de saude, leva o seguinte:

Arroz, 1 hora;
Ovos fritos, 2,15;
Carneiro cosido, nabos cosidos, batatas fritas, feijão cosido, 2,30;
Frangão de fricassé e carne de vaca cosida, 2,45;
Carne de porco estofada, leite fervido, chouriço de sangue, 3;
Corteletas de porco grilhadas e pão de trigo, 3,15;
Linguiça grelhada, 3,20;
Manteiga e ovos cosidos, 3,30;
Cenouras cosidas, 3,35;
Vitela cosida e pato assado, 4;
Carne de porco salgada, cosida, 4,15;
Banha de porco, 5,30, etc.

Seria um nunca acabar, pois que são inumeros os alimentos, e eu respondo portanto só aos que de momento me lembra.

A carne dos mamiferos leva mais tempo a digerir do que a das aves, e muito mais do que a dos peixes; sendo mais facil a digestão quando assada do que quando cosida ou frita.

A ave de carne escura, custa-nos mais a digerir do que a de carne branca.

O peixe, quando fresco, digere-se melhor do que salgado.

Os ovos quentes e o leite, levam o mesmo tempo a digerir.

As gorduras e os oleos, demoram-se muito tempo no estomago, dificultam os fenómenos da digestão, e são por isso indigestos quando tomados em grande quantidade.

Dos alimentos vegetaes, são as feculas cosidas os que melhor se digerem (não no estomago, mas no intestino delgado).

As cascas das favas, feijão e grão, são refratarias a digestão e só bem mastigadas podem ter algum aproveitamento na economia animal.

— Ora diga-me: o snr. Bátista, que já aconselhou as gorduras como alimento respiratorio, isto é, como indispensavel para a conservação do calor animal, apresenta-as agora como sendo de tão dificil digestão, que bem parece estar a aconselhar-nos que as evitemos. Não acha isso um contra senso da sua parte?

— A' primeira vista, assim é; porém, eu passo a justificar o caso: — como principio assente, e sem discussão, todos sabemos que as gorduras são realmente indispensaveis para a sustentação do calor animal; porém, quando introduzidas no estomago com outros alimentos, reduzem-se (se o não estavam já) ao estado liquido por motivo da elevada temperatura que ali ha; e então, obedecendo á lei da sobreposição por ordem de densidades, vae acupar a parte mais elevada, déssa especie de gaita de foles (o estomago) e é, portanto, o ultimo dos liquidos a sair pela porta chamada piloxo.

— Mas, meu caro amigo, não é só aos alimentos que devemos atender para uma boa digestão. Temos tambem de ter em vista que o repouso ou o trabalho sucessivo depois das refeições, dificultam a digestão.

Figueira da Foz, 8 | 6 | 913.

M. E.

(Continua).

PERGUNTAS:

Os liquidos tambem se digerem? São ou não assimilaveis?

8 | 6—913.

A. T.

N. da R.—Fica aberta á consulta publica esta interessante secção, á qual o nosso presado amigo vae dedicar todo o seu carinhoso cuidado, dirigindo-a com a sua costumada dedicação.

Devem, pois, os nossos presados leitores dirigirem-se oportunamente, ou diretamente a ele ou a esta redação.

Alem-mar

O nosso colega africano, «Comercio de Benguela», publicou, no seu n.º de 25 de abril, o seguinte artigo, do nosso presado camarada Almeida Junior, que com a devida vénia transcrevemos:

A ambição dos povos

A falta de educação civica é a natural determinante da ambição humana. Um povo impreparado para a luta pela vida, para granjear o lógico ambiente de emancipação e educação colétiva, é sempre um povo ambicioso, sem olhar a meios nem a fins.

Daí, infelizmente, as degladiações torpes que se estão operando no grande teatro do chamado mundo culto.

No seio das sociedades estão todos os dias a sair fautores de desarmonia humana, e pois que as lutas titanicas de todos os momentos, ventiladas nos grandes centros, não são outra coisa mais do que tormentosas manifestações de atrazo colétivo, eu ás vezes ponho-me a pensar, sósinho, o que virá a ser desta pobre humanidade que não sabe preparar bem o terreno do seu engrendecimento, e, conseguintemente, o ponto de apoio das suas reivindicações a dentro do ainda atrofiador ambiente de contraminação social.

E assim é que nós notamos, não nos valendo nada o espanto, que uma grande parte das nações do mundo, especialmente na Europa, se estão preparando para novas e tremendas carnificinas em nome da infame e inqualificavel ambição humana, que afinal tudo destroe e desalicerça, tudo leva de lufada diante das suas nefastas azas de destruição, amor patrio, amor colétivo, desrespeito á Lei que ainda regula e sanciona a independencia com que cada nação se orgulha, orgulho que só traduz muito embora, falta de educação civica, falta de compreensão de deveres de humanidade e um grande atrazo que ha-de ser, ainda atravéz de largos seculos, a principal causa dessas lutas canibalescas que se continuam a desencadear atravez a historia.

E' que a falta de educação civica é, infelizmente, a natural determinante da ambição humana.

Arazede (*Portugal*)

Almeida Junior.

Noticias

Foi assinado um decreto regulamentando os exames primarios na proxima epoca. São autorisados: exames do 1.º grau, nos termos da legislação de 1902 e da circular de 30 de maio de 1903, com entrega das propostas até 25 do corrente, e exames do 2.º grau, em todos os circulos escolares e nos concelhos cujas camaras os requeiram até 15 de julho, com responsabilidade de metade das despesas. A estes exames podem ser admetidos os alunos que tenham exame do 1.º grau, seja qual fôr a idade, e os alunos que tenham 10 anos completos e exame do 1.º grau na presente epoca. Os juris para cada sexo serão constituidos pelo presidente, que poderá ser um professor oficial de ensino secundario ou normal primario ou o inspétor do circulo escolar, um professor e uma professora de instrução primaria. Se os alunos forem em n.º inferior a 60, o juri servirá para os dois sexos. Os exames principiarão no 1.º dia de agosto e devem ficar concluidos no dia 20 do mesmo mez. Os alunos residentes na séde do circulo serão os suplentes, visto que os exames começarão pelos das freguesias mais distantes. Será abonada a gratificação de 1$500 réis diarios aos professores dos liceus que prestarem serviço simples além de 15 de agosto sem prejuizo da gratificação a que tiverem direito pelo serviço duplicado.

Em Guimarães, um monstro de nôme José Lopes, sapateiro, de 16 anos, vibrou uma punhalada no ventre de sua propria mãe, Maria Rosa, lavadeira da freguezia da Costa, quando esta estava em desordem com o marido. O agressor entrou na cadeia e a agredida no hospital em estado grave.

O cortejo cívico que se realisou em Lisboa no dia 10 em honra do grande poeta Luis de Camões, e que fazia parte do programa das festas que estão decorrendo na capital, têve uma nota discordante que impressionou profundamente tôdos quantos a êle assistiram.

A imprensa e o público condênam em absoluto o que se deu, porque revolta os mais sagrados sentimentos humanos. Eis como o *Primeiro de Janeiro* descreve o facto:

«Passava da 1 hora da tarde quando o cortejo seguia pela rua do Carmo, encontrando-se junto á casa das maquinas Beirão, de serviço, o capitão Amaral, da policia, e o guarda 1033 da 1.ª esquadra.

Na ocasião em que passava a banda de Castelo de Vide em frente da porta n.º 101, da rua do Carmo, estava um grupo de individuos, tipos de operarios, tendo um deles uma bandeira negra com o distico: *Pão ou trabalho*. Pretendiam incorporar-se na rectaguarda do cortejo

O policia 1033 vendo esta resolução chamou a atenção do oficial da policia.

O capitão Amaral tendo verificado o facto, mandou aquele policia intervir, o que ele fez, deitando a mão ao individuo que trazia a bandeira.

Esse individuo tentou defender-se e um outro operario tentou desarmar o guarda. Mas de repente, sem se saber donde, veio cair junto na banda de Castelo de Vide a bomba, que produziu grande panico.

O guarda 1033, nunca largou o homem da bandeira, que ficou tambem ferido pelos estilhaços, tratando de o conduzir para o hospital de S. José, onde recebeu curativo, seguindo depois para o governo civil.

A bomba foi bater num toldo vindo rebentar no meio da banda.

O 1033 afirma que ela foi lançada pelo individuo que trazia a bandeira, pois que no chão encontrou um baralho de cartas que esse operario tinha na algibeira. Parte dos estilhaços foram cravar-se na taboleta da Alfaiataria Franceza e nas janelas do dentista Romariz.

Ficaram feridas umas quinze pessoas, entre elas alguns musicos da filarmonica de Castelo de Vide e ficou morto Alvaro Rodrigues, vendedor de hortaliça».

Consta, porém, que houve mais de que uma morte e que é muito mais elevado o numero de feridos; uns 30, pelo menos.

As suspeitas de autor do atentado recaem sôbre um tal Valerio Benjamim Ferreira, de 20 anos, empregado do arsenal de marinha, que nega o crime.

Foi demolido em Paris, por intervenção duns proprietarios, o monumento a Camões, que se erigia num local pouco próprio, mas o conselho municipal de Paris, querendo manifestar as simpatias francezas pela nação portuguesa reservou um local na rua Camões para a erecção da estatua ao autor dos «Lusiadas» votando tambem a soma de 1:000 francos para a estátua.

Entrou hoje em vigor o novo horario de comboios na Companhia Portuguêsa. Houve poucas alterações.

CORRESPONDENCIAS

Lisboa, 12—6—1913

Está em festa a cidade, e dizemos isto com a maior das alegrias que nos engrandece a alma de português, por vermos que a cidade regorgita de forasteiros, indeferentes á campanha vil que os inimigos do regime, fizéram por toda a parte, com o *Dia* á frente, ingendrando infamias, e aventando que desordens varias se dariam na cidade.

Quebrados os dentes aos malsinadôres de oficio, e que se esqueceram de que são portuguêses, resta vêr que o pôvo ama a Republica e por ela fará os maiores sacrificios.

E' lindo, é belo vêr, como a bandeira da Republica flutua grandiosamente nas janelas das ruas da capital, e mesmo n'algumas onde não ha transito, a não ser dos honestos moradores que habitam casas modestas.

Se aos bons portuguêses isto anima, aos falsos portuguêses, aos assalariados da Companhia de Jesus e moços de frétes da monarquia dos Brangranças, desagrada sobremaneira, e a sua irritação, anima-os a continuar no crime de injuriar a Republica que lhes tirou a gamela de gananciosos.

Falámos em Patria!

Que teem eles com a terra que lhes serviu de berço?

Deviam ter muito; mas o interesse do mando está acima do dever sagrado e assim caminham na desenfreada campanha de difamação contra a propria Patria.

Desorlens não tem havido, mas o atentado do dia 10 e que os jornaes diarios deram conta, foi o mais repugnante que temos presenciado. Mão humicida e sem respeito pela humanidade, deu causa á perda de vidas e ferimentos terriveis, devido sem duvida á propaganda destruidôra e desumana que nem poupa creanças de tenra edade, pois tão cega é a ancia de matar, por parte dos miseraveis, que só apregoam sangue, por que o coração destes facinoras, é sem duvida de leão e não de seres humanos.

O atentado não pertence á gente da cidade de Lisboa, mas simplesmente a meia duzia de malfeitores que vivem á custa de gente de egual jaêz.

As declarações que S. Ex.ª o Sr. presidente do ministerio, fez na Camara hontem, 11, são dum altruismo que anima todos que desejam a ordem e o trabalho, e confiamos que o Governo saberá, duma maneira energica, castigar os miseraveis que não teem respeito pela vida do proximo.

F. A.

Montemór-o-Velho, 11

Ao que parece, ainda por aqui ficaram alguns socios da firma Canecas & C.ª, que juntamente, talvez, com socios doutras firmas, continuam tratando de transportar para os coitos o que de mais importancia e necessidade cada um tem em suas casas.

E' digna de louvor a Guarda Republicana, que tem prestado belos serviços... nos concelhos onde a ha, porque este é tão infeliz que nem policia cá tem, o que estou convencido não será, talvez, pelo digno administrador se ter descuidado.

Isto assim vai muito mal se não se descobrem os ratoneiros.

E já que estamos tratando dêste assunto e as coisas mais ou menos se relacionam, chamamos a atenção de quem competir para a iluminação publica, visto que nos pontos e á hora a que mais se necessita déla, é justamente quando já está apagada. Se os que tanto contribuiram para o engrandecimento désta malfadada terra vissem o estado de decadencia em que se encontra...

C.

CANTANHEDE

Preço dos generos no mercado de 6 de junho

Milho branco, 680; amarelo, 660; trigo tremez, 800; mourisco, 800; serradela, 1$950; feijão mocho, 1$020; branco, 940; rajado, 720; amarelo, 960; frade, 1$030; carraço, 900; brazileiro, 1$020; canario, 860; tremoço, 740; grão de bico, 1$080; batata, 400; vinho branco, 900; tinto, 750; vinagre, 400; aguardente, 3$000; azeite, 3$000; geropiga, 1$800; lã, 3$450; chicharo, 560.

ANUNCIOS

ANUNCIO

O Doutor Delegado do Procurador da Republica na comarca de Montemor-o-Velho

FAÇO saber que por ordem da Excelentissima Comissão Jurisdicional dos bens das extintas congregações religiosas, no dia 28 do corrente mez de junho, pelas dez horas, no extinto convento de Nossa Senhora do Carmo, em Tentugal, será vendido em hasta publica, pelo maior lanço oferecido sobre o valor da avaliação, todo o mobiliario existente e pertencente ao aludido convento, que foi arrolado e está na posse do Estado.

Para constar se passou este e outros iguais que serão devidamente afixados.

Montemor-o-Velho, 4 de junho de 1913.

Elisio de Pina Mascarenhas de Mancelos.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritim as, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55

COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSOES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Séde em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia. miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

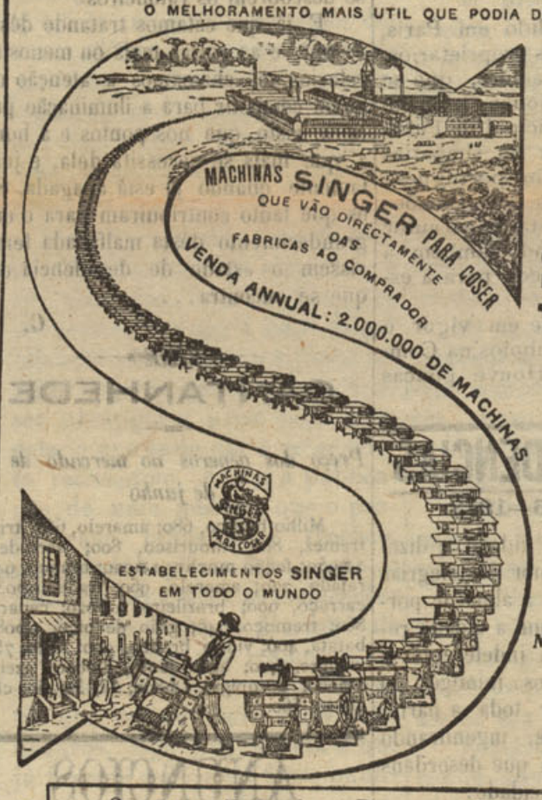
PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne. Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

JOSÈ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

MODISTA

Máquinas de Costura, Bicicletes e acessórios

EM CASA DE

José M. Figueira

CANTANHEDE

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.

O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.

Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

MU ALINE

Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

CASA HAVANESA

16 — Rua Ferreira Borges — 18

COIMBRA

Sortido completo em tabacos, papelaria e perfumarias. Molduras para quadros e galerias, o que ha de mais moderno. Artigos para desenho, pintura a oleo, aguarela, foto-miniatura e pirogravura.

BILHETES DE VISITA

Novidades para brindes, artigos de viagem e toilette, etc.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 2.° Arazêde, 22 de Junho de 1913 N.° 70

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os autografos.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

Portugal e Colonias Portuguezas—Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trismestre, 30 centavos.
Brazil — Ano, 2 escudos, fortes.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO

Redactôr e editor — ALMEIDA JUNIOR

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Redação e Administração — ARAZÊDE

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

S. E. Coimbra
Biblioteca da Universidade

Inconsciencia e fanatismo

Nunca nos cançaremos de proclamar, do alto desta tribuna, a necessidade instante de se educar por todos os meios o povo humilde e laborioso que, dêsde sempre, por falta de instrução, se deixa guiar maquinalmente por todos os que se lembram de o explorar e de o perverter.

Tem-se dito e repetido que a iniciativa particular é uma forte alavanca do progresso do povo e que a ela é preciso recorrer no momento actual. Ora nós, não querendo contestar a conveniencia dêste recurso, não fazêmos, porém, consistir sómente na iniciativa particular todo o esforço a bem da colectividade.

Nem em todas as localidades se encontram pessoas que, pelo seu feitio especial ou pela sua dedicação patriotica, se prestem a auxiliar os educadores nacionais na sua obra de regeneração e de renascimento patrio. Temos um exemplo dentro do burgo onde escrevemos. Ora, para localidades dêste genero, é indispensavel a acção energica do governo para atingir o fim que se tem em vista.

Sabe-se como o nosso povo, na maioria das localidades, é ainda duma inconsciencia e de uma ignorancia lamentaveis, chegando, por assim dizer, a tornar-se rebelde á mais simples orientação educativa.

Sabe-se tambem como, dentro dessa mesma inconsciencia, o povo sente uma irresistivel atracção para o fanatismo ou seja para a louca adoração dum conjunto de coisas abstractas que o povo não entende, mas das quais se não quere desprender para contemporisar com velhos usos e tolos costumes.

E' triste vêr nêsta época magotes de crianças dos dois sexos, algumas de 13 e 14 anos, dirigirem-se para a igreja á hora do meio dia, para irem ouvir, numa monotonía enervante, a voz do padre-cura que lhes prega doutrina em padre-nossos, avé-marias, actos de fé e de caridade, obras de misericordia e outras quejandas parvoiçadas, que as crianças, numa submissão dolorosa, repetem mecânicamente, como se aquilo fôsse preciso para fazer a sua felicidade, ou pudesse ter alguma aplicação no decurso da sua vida pratica!

Deve notar-se que nós escrupulisamos em sêrmos respeitadores das crenças de cada um; mas digam-nos: Não éra muito mais logico, mais digno e mais humano que essas crianças fossem aproveitar os momentos, curtos ou longos, que destinam á doutrina do padre, indo antes para a escola aprender tudo aquilo que ignoram e que tão necessario lhes é na sua vida futura? Evidentemente que sim. As familias das crianças é que assim o não entendem e vão seguindo um errado caminho em prejuizo de seus filhos, negando-lhes a instrução que deveria ser a base de toda a sua existencia, para os enfrounharem no labirinto da religião, que é ainda hoje a causa da nossa decadencia social.

Convinha, pois, para atenuar este mal contaminador, que o governo compelisse todas as familias a mandarem seus filhos á escola, sob pena de lhes ser aplicada uma multa em cada dia que as crianças faltassem. Isto existe já na lei, mas a lei não se cumpre, infelizmente. E' por ser vexatório para as familias? Não nos parece; pois assim como estas podem dispender os filhos para irem á doutrina, do mesmo modo os podiam dispensar para que frequentassem a escola — ao menos pelo tempo que gastam na igreja, de rôjo aos pés do padre.

O que é preciso a todo o custo é acabar com esta inconsciencia degradante do povo, com este fanatismo que o avilta e que denobilita o nosso país, visto que hoje, nas sociedades modernas, a educação racional é que está elevando as classes baixas a um nivel superior de consideração e respeito, que lhes não póde dar, que lhes não dará nunca, uma religião falsa e eivada de preconceitos, que só serve para escravisar e para embrutecer.

Liberte-se a consciencia do povo, conduzindo-o ás casas de educação, e teremos concorrido para a sua felicidade mais completa.

NOTAS

Arruaceiros

A sessão de terça-feira, na camara dos deputados, decorreu vivamente tumultuosa. Houve os tradicionais murros e destroços de carteiras do tempo da monarquia. Quem os promove? O grupo evolucionista—assim dizem os jornais independentes. Ha até este caso típico que faz dó: O deputado evolucionista, sr. Celorico Gil, aparece num dado momento armado dum destroço da sua carteira que os repetidos murros partiram, e dêle se serve para continuar batendo no mobiliario. A paginas tantas, o pedaço de madeira que o sr. Celorico Gil tinha numa das mãos partiu-se numa extremidade, e o sr. Julio Martins, tambem evolucionista, apanha esse bocado e, por sua vez, começa tambem a bater na carteira.

Mais tarde, os deputados evolucionistas, tendo nas mãos tampos completos de carteiras e pedaços das mesmas, com que batem na mobilia, cantam a *Portugueza* e dão vivas á Republica, á Constituição, etc.

Pergunta-se: é isto proprio de gente que se présa, ou será antes mais proprio dum bando de garotos em praça de touros?

Que indignidade!

No limbo

Pela maneira como vão decorrendo as sessões nas camaras, vergonhosamente e tumultuosamente, é de esperar que os assuntos relativos á instrucção fiquem dormindo o sono dos justos. Falaram-se em coisas mirabolantes, mas quasi todas têm ficado sem solução. Perde-se o tempo em ninharias e algazarras, e as coisas uteis e de interesse nacional ficam por decidir.

E é para isto que se está a pagar 3 mil réis por dia e por cabeça aos senhores deputados!

Outro manifesto

Acabamos de receber um manifesto, intitulado *Nós e eles*, da resoonsabilidade da academia do liceu de Coimbra. E' a proposito da questão havida ultimamente entre academicos e futricas. Faz considerações graves e ataca os futricas energicamente.

Bom será, porém, que os animos readquiram a sua serenidade, e que estudantes e populares saibam conduzir a cidade á situação normal que é para desejar.

Boas medidas, mas...

Dizem os jornais de via larga que, da obra de administração republicana do sr. Afonso Costa, ha a registar a abolição da contribuição industrial aos operarios, a redução a 5 1/2 da taxa de juro do Banco de Portugal e o pagamento de um emprestimo de 21 milhões de francos.

Folgamos imenso com estas noticias; mas é pena que os mesmos jornais nos não informem de que vão ser reduzidos os ordenados aos *tabarões* do Estado, de que se vai cuidar a sério da instrução do país e de que vai ser melhorada a valer a miseravel situação dos pobres párias do ensino.

E' pena, visto dizer-se que o tesouro publico está agora mais desafogado...

Beatices

Na visinha povoação de Cadima houve no dia 15 do corrente uma festa religiosa, realisando-se tambem a cerimonia da comunhão ás crianças da freguezia. Dizem-nos que o respectivo prior se lembrou de brindar as crianças que sabiam ler com o catecismo da doutrina cristã, e com rosarios de contas aquelas que não sabiam.

Nada nos admiram as carolices do sr. prior; o que muito nos admiraria era se ele, em vez de catecismos de doutrina, désse ás crianças evangelhos de educação civica, os *Luziadas* de Camões, por exemplo, ou outros livrinhos que ajudam a formar caratéres e cidadãos livres e independentes Isto é que era para admirar. Mas... quem sabe? Talvez o sr. prior ignore que existem destas coisas no orbe terraqueo.

Reaccionarios

São os jornais os jornais a *Nação*, que foi querelada; as *Novidades*, que suspenderam a publicação; e o *Dia*, que se converteu ao democratismo. Mas a conversão do *Dia* é estapafurdia, porque é feita ironicamente, em ar de garotice.

Nem doutra forma o *Dia* se podia apresentar, ele que, para viver, recorre a todos os expedientes... Até ao humurismo.

CRÓNICA DE LISBOA

No vetusto altar da Imensidade o velho Urano ergue a hostia sublime do bom Sol.

A relva, espreguiçando-se á beira do nosso Tejo, dá-nos a ideia duma Margarida Gauthier onde os lirios são o palôr dos seus contôrnos e as papoilas os laivos de sangue que, ás golfadas, inundam os labios das cloróticas.

.. Nêsse dia primaveril eu crusára as linfas do caudaloso rio, em diréção a Caparica, recanto poético e formoso que um dia inspirou genios sublimes como Bulhão Pato.

Lá em baixo, muito em baixo, a cidade contorce-se no delirio vermelho das suas festas, contrastando bem tristemente com a paz sentimental dêsse pequenino logar tão cheio de encantos e atrativos.

Pequenino, disse eu, todavia confessarei que nêle se gerou a *Paquita* com a mesma graça que, num vaso minusculo, se vai criando um roble que mais tarde dará sombra aos fatigados caminhantes.

Se em Caparica eu possuisse um coração de mulher que se dispuzésse a amar-me sinceramente, eu dir-lhe-ia simplesmente, concentradamente: — *Amo-vos por que sois de Caparica!* E crêde que falaria a verdade porque todo o meu desejo seria possuir uma reliquia que me fôsse recordando esse Helicon sagrado.

Mas, como ia dizendo, eu seguia por entre os lirios imaculados e as papoilas rubras que, no seu combinado rubro-beije, lembravam pobres Desdémonas inermes, ensanguentadas. E então, de sobre as sinuosidades gigantescas, eu pensei num pensadôr que, no Redemoinho das Podridões, tenta convencer-me de que o homem que agride a mulher, quando esta o provoque, não é um covarde.

Baldado intento, caro colega! Por principio algum se admitiria que a violencia imperasse quando no âmago dum peito ha um coração que sabe pulsar e uns sentimentos que não descem tão baixo e tão mesquinho. Se esse vime franzino se não amolda, se não educa por meio duma boa educação, como se amoldará, como se educará por meio da bordoáda?

Não, meu caro amigo, de fórma alguma, por principio nenhum. Quando pela persuação a educação seja impossivel, o homem tem sómente um caminho — o dos mortos: partir para não mais voltar!

Ela ficará só, tombará ámanhã no lupanar e ele, quando passe, sómente terá a lembrar o sublime verso do pai do romantismo:

Oh! n'insultez jamais la femme que tombe!

Gomes Monteiro.

NOTARIO EM ARAZEDE

Foi já á assinatura presidencial o despacho criando em Arazede um logar de notario, sendo provido nêle o sr. José Constantino.

E' pois um facto a criação deste novo melhoramento para a nossa terra, que bem merecedora era dele e bem merese outros mais, felizmente em via de realisação.

E assim é que a Republica, como nós aliaz esperavsmos, vae fazendo justiça ao povo, dando sinal de si.

Orgulhamo-nos em dar esta agradavel noticia aos nossos presados patricios, e estamos convencidos de que outras lhes daremos em breve, pois, demonstraremos com isso que os nossos brados, sempre inspirados na Justiça e na lógica, não são palavras ao vento e que os homens do novo rigime estão dispostos a patentear com factos palpaveis a vitalidade da Republica e o grande amor que dedicam ao povo que a implantou e que com ela inteiramente está.

Horas d'insónia

A branquejar ao longe, atraente e confortavel, um palacete demorava-se á beira mar. Ao largo a Torre do Bugio, que as vagas beijam docemente, dá-nos a ideia duma pequena ilha ladeada por azuladas aguas do oceano imenso.

Era, o primeiro, o azilo de cegos «Branco Rodrigues», aquele albergue onde se arrimam olhos de treva, mas onde repousam almas de luz.

Dali os desgraçados contemplam em espirito, embriagados de sonho, a imensidade das aguas, a imensidade dos campos.

Por sobre suas cabeças as andorinhas volitam com a meiguice dos namorados. Ao lusco fusco da noite, como que atraidos pelos ultimos reverberos da luz fecundadora do sol poente, os pobres desgraçados, para quem a noite baixára na flor da vida, lá vão beira do mar abaixo, amparados pelo braço protétor dum encarregado, a receber os doces beijos da brisa que os acaricia e ama.

Os comboios de Cascais, apinhados de viajeiros que recolhem a suas casas depois de um dia de labuta na capital, correm, correm, uns quasi sobre outros, em direção ao mar, lá baixo á *bôca do inferno*.

A noite desce mansamente, estendendo o seu longo manto de trevas por sobre a humanidade!

Namorados passam segredando amor, trocando olhares deliciosos, contemplando a lua que de mansinho se vai erguendo no azul suave do firmamento pontilhada de mil estrelitas tremeluzentes.

Lá ao fundo, esquecidos dos vaivens da vida duas almas enamoradas trocam beijos, apertam-se num dôce enleio, e, olhando-se, demorada e languidamente falam com interesse e murmuram dolentes canções de amor.

—«Tens o mesmo coração amoravel, a mesma alma saudosa dos amores antigos! Um raio prateado de luar, batendo ali assim na janela da tua alcôva por entre a ramada verdejante e tranquila do arvoredo, é o bastante para te apaixonar. Tu imaginas-me um egoista da tua carne, mas nem todos os homens são eguais. Uns só amam as mulheres em troca de uma noite de orgia, outros por mil beijos de gôso estupido, de gôso carnal, e só assim acreditam no amor delas. Eu não. E depois deve ser triste, sim, ser-se assim desgraçadita!»

E a gente ouve aquilo da boca de um homem, dos labios de um namorado nêstes dias de corrução que atravessamos, e não sabemos que mais apreciar: se a generosidade da sua alma, se a limpidez da sua educação.

Com efeito, o mar revolto de podridões em que tudo *isto* tende a afundar-se deve ser, para a consciencia daquele pobre rapaz de 25 anos, um mar de rosas, um céu aberto de altruismos e sonhos quimericos de esperança na regeneração social.

A gangrena das almas exibe-se por ai assim a escancaras, deante de

toda a gente honesta, e não ha por toda a porte se não sinistros pensamentos de prostituição em contraste flagrante com o sentimentalismo do pobre louco dalior que, abraçado á namorada, olhos fitos nos seus olhos, lhe repetia, comovido: «Sim. Imaginas-me um egoista da tua carne, mas nem todos os homens são eguais. Uns só amam as mulheres em troca de uma noite de orgia; outros por mil beijos de gôso estupido, de gôso carnal. Eu não!». Belo sentimento, belas palavras, aquelas ditas assim a uma mulher que se estima com entranhada loucura. Sem embargo elas constituem, para mim, mais um desses grandes poemas que tanto inaltecem e abrilhantam já algumas paginas da historia dos grandes feitos da humanidade.

São gestos altivos, são palavras que se perdem na vastidão imensa dos pequenos nadas, mas que deviam ser ponderadas e meditadas pelos grandes psicólogos. «Eu não ambiciono a tua carne para saciar a sêde estupida da minha!»

Triste poema, o da vida!...

ALMEIDA JUNIOR.

Raciocinios de um pensador

Tudo e Nada

Não tencionava responder ao meu amigo Leopoldo Torres Fernandes, sobre o *Tudo e Nada*, que em tèse pretende defender. Mas como me convida a encontrar nos seus escritos o que melhor assente á resposta que delicadamente lhe pedi, direi apenas: Não me satisfazem. O seu *Tudo* e o seu *Nada*, é a meu vêr o produto mórbido da sua fina imaginação que pode seguir desde a idealidade até á demencia. E' o descernimento de uma capacidade abstracta que se funda nos principios da mitologia, com perfeito esquecimento das ciencias fisico-naturais.

Eu não pretendo contrariar as suas divagações sobre assuntos espirituais; mas parece-me melhor e mais conveniente que o amigo Torres Fernandes empregue as suas sublimes faculdades de pensador em estudos que melhor interessem á intelligencia humana.

Eu creio que a sua tése é ilogica, e se assim não é, peço-lhe que guarde a sua opinião, que eu guardarei a minha; porém, estou convencido de que um dia me fará justiça.

Agora, pedindo-lhe licença e dizendo-lhe *au revoir mon ami*, deixe-me responder a um outro pensador que, nas suas crónicas de Lisboa para o *Dever*, me joga umas parelhas de... murros, como um ébrio que se intromete com toda a gente...

Não tenho como habito dirigir-me a pessoas que não conheço, e por isso estranhei que o sr. Gomes Monteiro venha do alto da sua cátedra de cronista *debicar* com a minha pessoa.

Estava no meu direito não lhe aceitando o *jogo;* demais a mais ao *sóco*; mas para que se não diga que já se acabaram os marmeleiros em Alcorça, e que eu não pertenço á arvore geneologica dos melhores jogadôres de pau da Bairrada, espere ai que vai ficar com a musculatura reduzida á mais simples expressão.

Primeiro que tudo venho lamentar o seu atrevimento, metendo-se com quem não conhece.

Mas vamos ao principal. Eu disse que o meu amigo Torres Fernandes se fundava em principios biblicos e dogmaticos, porque só ali se encontram as doutrinas que *Deus* formou *Tudo*, e *Tudo* pode acabar; que *Deus* tirou do *Nada* a materia, e desse *Nada* fez *Tudo*. Citei-lhe Aristóteles, Arquimédes e Platão, o primeiro orador encomiástico, assim á laia do nosso *Antonio José*, que acabáva sempre por se elogiar a si proprio; o segundo, o grande matemático, foi talvez o primeiro que demonstrou que um *Todo* é maior do que qualquer uma das suas partes, e por consequencia, maior do que *Nada;* e o terceiro, esse grande filosofo da edade média, que foi o assombro do exagero e do fantasticó, ainda hoje conhecido pela filosofia de Platão.

Mas diga-me, sr. Gomes Monteiro: V. Ex.ª percebe alguma coisa disto?

Tenho duvidas a esse respeito. E se assim é, estou roubado: gastei a cera e o rabão.

Para em tudo ser infeliz, até pretende confundir-me com o meu homonimo Theophilo Braga.

Maldita seja aquela que alimentou este belicoso blasfemo, que assim pretende impregnar-me sentimentos de vaidade, a ponto de me inculcar parente da primeira mentalidade na nossa Patria.

Não o devia dizer, mas para que o sr. Gomes Monteiro não pense que me sirvo de um pseudonymo, ai fica o meu nome completo: *Vitorino Theophilo Lourenço*—tres nomes proprios, qualquer deles lhes serve de *cabrion*.

Como vê, sou Theophilo, e não sou de Braga; e não sendo de Braga, sou Lourenço; e o sr. Gomes Monteiro, se quizer ir abaixo de Braga, fica sabendo isso perfeitamente !!

Agora quere dar mais *cross, directo*, ou *uppercuts?* Ai ficará ao sol e ás moscas, como disse o grande Herculano.

Santarem, 16 | 6 | 913.

V. Theophilo.

Lutuosa

Faleceu em Gouvea no dia 17 o nosso querido amigo Bernardo Bastos, chefe da estação do caminho de ferro daquela vila beirã.

Deixou a vida e os seus amigos, ainda novo, numa idade em que muito dele havia a esperar.

Ha longo tempo que vinha sofrendo de doença no figado, que afinal o vitimou.

Bernardo Bastos era um funcionario muito zeloso. Trabalhou a nosso lado durante largo tempo, e a sua convivencia, a sua bela camaradagem foi sempre das mais leais e das mais amigas.

Sentindo profundamente o seu desaparecimento, enviamos sentidas condolencias á familia enlutada, que agora sem o amparo protetor do seu braço, se encontra em precarias circumstancias.

Que descance em paz, nessa paz tumular que é o ultimo arrimo dos que sofrem e dos que trabalham!

Ao funeral, que teve logar no dia 18, assistiram muitos ferro-viarios da Beira Alta, não faltando, a dizer o ultimo *adeus* ao querido morto, o snr. inspetor Alfredo Prazeres, sub-inspetor Matos Tavares e outros.

Uma rapariga que morre queimada

Na noite de domingo passado, no logar do Morteiro, desta freguezia, houve um lamentavel desastre que causou a morte a uma pobre rapariga daquele logar.

Maria da Felicidade, de 11 anos, filha de Antonio Rodrigues Lobo e de Maria da Silva, ausentes no Brazil, estava em casa, sósinha, a acender o lume com agulhas de pinheiro, tendo feito uma boa fogueira. Em seguida, deitou-se num dos bancos da lareira e adormeceu. Passados momentos, a infeliz sentiu fogo nas saias, acordando então sobresaltada. Corre como louca pela casa fóra, pedindo socorro, mas não tardou que o fogo se lhe comunicasse a quasi todo o corpo, sendo a pobre rapariga num instante pasto das chamas.

Aos gritos da imprevidente Maria, acudiu a familia, que já não conseguiu salvá-la, pelo que faleceu no dia seguinte, cerca das 10 horas. O seu cadaver foi transportado na terça-feira para o cemitério desta localidade.

Agua da Curia

Semelhante á de Contrexeville

Estimula a acção dos rins, que são os filtros do corpo humano.

Experimentai a agua da Curia.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

LXI

Explicação a um colega — Em volta da proposta do snr. presidente do ministerio — Uma classe votada ao ostracismo—Ainda hoje triunfam os grandes e são esmagados os pequenos

Antes de mais nada, deixemnos dizer ao presado camarada snr. Guilherme Ferreira da Silva, muito á boa paz, que no seu logar empregariamos o tempo e o espaço em assuntos menos inglórios do que o que vem tratando em dois artigos successivos. O colega enganou-se, ou alguem o enganou. «Ninguem propôs a absoluta extinção do livro na escola.—O antigo professor primario snr. Silva Barreto, relator da comissão de instrução primaria do Senado (como vê, ha nesta casa do Parlamento quem já foi professor primario, e por sinal que muito distinto), o que alvitrou, foi a existencia de um unico livro oficial—o de leitura. E nós tambem julgâmos ser o bastante — quere para *ajudar a ministrar* as noções com que a criança precisa de sair da escola primaria, quére para lhe *inocular* o amor pelo estudo. E que mais é preciso?...

* * *

Vamos então terminar as considerações que no ultimo numero iniciámos a proposito da extraordinaria proposta que o snr. dr. Afonso Costa apresentou ao Parlamento, ha coisa de três semanas. Ela veiu, até certo ponto, justificar as apreensões que aqui manifestámos logo em seguida á subida do atual governo ao poder.

A ser aprovada tal medida, tal qual o snr. presidente de ministério a concebeu, «a partir do 1.º de julho de 1913 fica definitivamente a cargo das camaras municipais do continente da Republica e ilhas adjacentes o serviço publico da instrução primaria, quanto á dotação e administração, nos termos do decreto, com força de lei, de 29 de março de 1911, que desde a mesma data entrará em plena execução». Teremos, portanto, os professores primarios, daqui por diante, os ordenados pagos até o dia 10 do mez a que dizem respeito (artigo 65.º do citado decreto) e á porta da escola dois esbirros ignorantes e muito naturalmente facciosos, que a fecunda imaginação do snr. dr. Antonio José de Almeida introduziu no art. 63.º. O subsidio que o Estado concede ás Camaras no futuro ano economico, em virtude dos artigos 54.º e 55.º da lei do Governo Provisorio, é elevado de setecentos a mil contos, o que é excelente. Mas o peor é que é o pobre mestre-escola que com lingua de palmo tem de pagar essa pseudo-benemerencia do snr. dr. Afonso Costa. Senão vejâmos.

O artigo 10.º, da sua proposta de lei eleva de 2:500 a 2:600 o numero de professores da 1.ª classe—e diminue de 2:500 para 2:300 o dos que hão-de constituir a 3.ª, apesar de ser esta a menos beneficiada pelo aumento de ordenado. Ha, portanto, aqui já uma economiasinha de alguns contos, feita á custa do pobre pária da escola. Mas o peor vem a seguir, nos dois primeiros paragrafos do mesmo artigo. O primeiro resa assim:— «Nenhum professor poderá ser promovido da 2.ª para a 1.ª classe ou da 3.ª para a 2.ª, ainda que nos quadros agora fixados haja cabimento, sem que, além disso, satisfaça ás condições de tempo, antiguidade e serviço exigidas pelo decreto com força de lei de 24 de dezembro de 1901». Diz o segundo, como a coisa mais natural deste mundo:—«A melhoria de vencimento por promoção de classe, efectuada nos termos da presente lei e por virtude dos decretos de 24 de dezembro de 1901, 29 de março de 1911 e 30 de abril de 1913, será devida ao professor desde o 1.º de julho de 1913, qualquer que seja a sua antiguidade, que continuará valendo para todos os mais efeitos!»

Quére dizer: póde um professor ter vaga no quadro da classe imediata áquela em que está, que não será promovido sem ter seis anos de bom e efectivo serviço. Mas tambem póde ter muito mais do que este tempo, que não será promovido, se a vaga faltar. O que só por uma palavra se exprime bem: arrocho! — Por outro lado, havia muitissimos professores com direito a 120 escudos e mais de diferença de ordenado. Pois não recebem nem um centavo — porque o snr. Afonso Costa, dando mais trezentos contos ás Camaras Municipais, o que não é demasiado, precisava de não concorrer dessa fórma para aumentar o maldito *deficit*.

Mas por que seria que sua ex.ª se não lembrou a proposito de cortar, fundo e decididamente nos proventos dos grandes *tubarões?* Sempre é então verdade que mesmo em plena democracia a corda só quebra pelo mais fraco?...

Oxalá se reconsidere ainda. Oxalá apareça quem proponha emendas á proposta ministerial e que o snr. dr. Afonso Costa se não oponha á aprovação delas. Porque isto assim não vai bem...

Prof. *Manuel José Antonio.*

Crónica de Viagem

(*Continuação*)

Ou por descuido ou precipitação, não relatei em minha ultima crónica, o que comigo se passou de Fuentes de S. Esteban por deante.

Aí vai.

Pouco depois de Fuentes e já no comboio que me conduzia a Medina del Campo, acercou-se de mim um individuo que me perguntou em bom portuguez:

— Dir-me-á, por favor, se este comboio vai por Salamanca?

— Sim, senhor, respondi. — A mesma pergunta fiz á senhora que viaja em frente de nós.

— Muito obrigado, me respondeu o curioso passageiro.

E definitivamente se remeteu a um silencio profundo e sepulcral.

Eu continuava com a mesma disposição em que tinha encetado a minha viagem, triste e pesaroso por deixar uma patria, cujo valôr cada dia mais lhe aprecio. Era tal o meu estado de saudade, que dei principio a uma melodia profunda e sentida, em que um a um, todos os fados portuguezes tiveram o logar que lhes competia e terminei aquele devaneio musical com a *Portuguêza*, soando estridente entre o barulho de um comboio a todo o vapor.

A lua, erguendo-se majestosa e socegada no azul do firmamento, desenhava ao longo da estrada, a silhêta fugitiva de uma prisão em movimento.

E uma mulher, bela como o Bem, serêna como a consciencia tranquila, adormecia ao som dos cantares do meu paiz, quando foi despertado bruscamento por seu marido ciumento, que numa voz imperiosa lhe ordenou que mndasse de logar.

A este brusco improviso, a minha voz calou-se, terminando como num gemido, e disse adeus a essa mulher tão bela e sentimental que infelizmente não tornei a ver depois de Medina.

Nesta estação, ainda consegui vêl-a, por entre os vultos que na *gare* passeavam, esperando o comboio para Madrid.

Dai por diante, como até ai acontecêra, os *Guardias Civis* não faltaram; pois aqui em Espanha são como Deus, quer dizer, como ele, estão em toda a parte...

Fazia um frio terrivel; dir-se-ia que atravessavamos as regiões da Siberia, e o orvalho acumulado nos vidros das portinholas apresentava ante nossos olhos figuras verdadeiramente impressionantes.

As arvores, que desapareciam numa corrida vertiginosa, semelhavam fantasmas fugidas do tumulo, uns com enormes braços abertos, compactos, pesadissimos; outros esguios, altos; outros ainda corcovados, côxos, etc .. Numa confusão espantosa desapareciam todos, numa fuga vertiginosa e desordenada iam correndo, correndo, uns, parecia que interminavelmente, outros, então, mais apressados, escondiam-se repentinamente.

Aquelas sombras fugitivas, o frio da noite e o ressonar dos viajantes que dormiam a sôno sôlto, como bem-aventurados que eram, formavam em minha cabêça milhões de ideias misieriosas sempre acompanhadas dessa musica monotona de ferros rangendo e vidros tinindo.

Depois a luz, indecisa e misteriosa, foi aumentando, mostrando já as arvores com o aspecto de soldados, fugindo no campo da batalha.

A lua ia de momento a momento perdendo o seu brilho, e os objectos já nos mostravam uma côr triste e duvidosa como a luz amarelenta de um eclipse.

Não tardaria que o sol, rompendo de uma montanha distante, dissipasse aquela luz baça. Despontou finalmente por entre nuvens de purpura e oiro; recebemos alegres a sua luz e o seu calor, e pouco depois chegavamos á estação do Norte.

Apesar da hora matinal, fui surpreendido pela presença de diversos padres, que é o que mais ha em Espanha, e pela forma porque andam vestidos, só parecem aquilo que são: *um bando de corvos.*

SANTOS MACHADO.

Carta do Gerez

19—6—913.

Meu caro Almeida Junior:

Cá estou a pagar o meu tributo no Gerez; e se não me despedi do meu amigo, como aliás devia, foi porque resolvi a vinda á ultima hora, não tendo portanto tempo de o fazer como desejava.

Fiz uma viagem sem contrariedades e relativamente rapida, porquanto, tendo saído dai ás 4,18, ás 13,40 caia nos braços do amigo Maia, proprietario do Hotel do mesmo nome, e sempre amavel e sorridente para com os seus hospedes, que encontram nele um dedicado amigo, e em cujo Hotel nos sentimos tanto á vontade como em nossa propria casa,

pois o sr. Maia trata os seus hospedes como pessoas de familia.

O meu amigo, de certo, não conhece o Gerez? Não viu ainda estas ingremes montanhas que parece tocarem o firmamento? Pois é aqui que eu me sinto bem, longe déssa atmosfera impregnada de miasmas, e aonde, em vez da união e boa camaradagem que devia haver, imperam a vaidade e a intriga!...

Já aqui se encontram cerca de 300 pessoas a fazerem uso destas maravilhosas aguas, entre as quais, e sendo meus companheiros de hotel, o senador dr. Luiz Rosete, abalisado medico em Coimbra, e deputado Carvalho Mourão, inspector escolar; e, hospedados no Universal, tambem aqui estão em tratamento os nossos amigos Abel Godinho, da Pampilhosa; e o capitalista José Borges, de Luso.

São, pois, 300 pessoas com maus figados! e será por isso que a humanidade não é o que devia ser?

Mas eu tambem pertenço a este numero e nem por isso sou dos peóres, não lhe parece?

Não temos cá est'ano o celebre perna de pau, com a sua roleta pataqueira ao ar livre, e que ás vezes nos deixava depenados dos poucos cobres que nos acompanhavam. Mas em compensação já funciona o novo Parque, com a sua linda cascata e grande lago, aonde, por 20 centavos á hora, podemos passear de barquinho, independente do vintemsinho de entrada. E digam lá que no Gerez não ha progresso!

Dos tipos mais caraterísticos cá vim encontrar o Eiras com a sua eporme barriga, o Mamede com as toalhas do Guimarães, e o Costa Barbeiro com o seu tradicional bigode á Kaiser, e sempre sorridente para o belo sexo...

Está um tempo delicioso, o que de certo ha de atrair muita gente a estas termas, principalmente nos proximos mezes de julho e agosto, que é quando são mais frequentadas; e como esta já vai longa, adeus, até breve.

Um abraço do seu

Rodrigues da Silva.

Secção Instrutiva

Horas d'Ocio

(N.º 18)

A PRELÉÇÃO DO BÁTISTA

Perguntas feitas no numero anterior:

Os liquidos tambem se digerem? São ou não assimilaveis?

Veio em boa ocasião. Apanhámos o Bátista passeiando na estação e espetámos-lhe as duas perguntas que nos fizeram. Ele, um neurasténico diferente dos congéneres, andava preocupado, mas sempre de bom humor para nos aturar.

Cortejou-nos á chegada, como amavel que é, tirando da cabeça o seu boné em fórma de tronco de cone com a base para cima, e tomando póse, não direi como um marreco, mas como um direitinho que é, concedeu-nos a graça de sua resposta, pela forma melodramatica que lhe é peculiar.

Disse ele:

— Como lhe expliquei, os alimentos entram no estomago, por um orificio chamado *cardia*, e saem por um outro chamado *pyloro*. Estão ali encerrados durante umas 3 a 4 horas, e durante esse tempo, essa massa ou bolo alimentar, está em constantes deslocações, motivadas pelas contrações do estomago. O fim dessas contrações é emulsionar ou molhar os alimentos com o liquido (suco gástrico) que sobre eles estão gotejando as glandulas do estomago.

Daqui podemos já tirar a conclusão de que, se liquidos ha, que pela qualidade transtornem a digestão, outros deve haver que a auxiliem, ajudando pelo menos a acção fisica do suco gástrico.

E assim é, entrando tambem muitas vezes como factor importante no que respeita ás acções quimicas.

Compreende o meu amigo que o suco gastrico para mais alguma coisa tem de servir, além de ser para molhar e portanto amolecer os alimentos. Dissolve as substancias animais transformando-as em *chymo*.

Do bolo alimentar, uma parte é absorvido pelo estomago e a outra, saindo pelo *pyloro*, entra na primeira parte do intestino delgado, a que se chama o *duodeno*.

Os liquidos, como por exemplo o vinho, o chá, o café, o alcool, a agua e outros, quando não conteem principios assimilaveis, são logo absorvidos pelas veias do estomago, e não formam *chymo*; se porém os conteem, como o azeite, o leite, o chocolate, a cerveja, o caldo, etc., então formam *chymo*, e sofrem tantas modificações quantas sofrem os alimentos sólidos.

— Então para que servem os primeiros?

— Como disse, auxiliam a secreção do suco gastrico, amolecem os alimentos e portanto indirectamente auxiliam as reacções quimicas que se operam no estomago.

M. E.

PERGUNTAS

Que função fisiológica exerce o coração?

13 | 6 | 913.

A. S.

Corrigenda

Gralhas tipograficas: No ultimo numero, ondo puzéram ...*«a saír pela porta chamada piloxo»*, deve lêr-se: ...*«a saír pela porta chamada pyloro»*; e onde puzeram: ...*«ter em vista que o repouso ou o trabalho sucessivo depois das refeições»* deve ler-se: ...*«ter em vista que o repouso ou o trabalho excessivo depois das refeições»*...

Aos professôres

Prevenimos os professôres primários de que devem receber o seu ordenado até ao dia 30 do corrente, ultimo dia do ano económico, se não quizerem sujeitar-se a perdê-lo. Do mesmo modo, nos primeiros dias de julho, deverão receber o ordenado relativo a esse mez, visto a instrução ficar a cargo das camaras. Se o não receberem até ao dia 10, devem reclamar.

Nomeação

Foi nomeado professor primario na escola do Tojeiro, desta freguezia, o nosso estimado amigo Antonio Maria Rodrigues Monteiro, habil farmaceutico nesta localidade.

Um abraço de felicitações.

Noticias

Foi publicada uma portaria, autorisando que os liceus de grande frequencia possam, querendo, encerrar as aulas no dia 25 do corrente, para que os exames comecem no dia 1 de julho.

Foi apresentada ao parlamento uma representação do Sindicato dos Professores Primarios em S. Pêdro do Sul, pedindo que seja adiada a descentralisação do ensino, alegando a perturbação que trazia a tais serviços e as dificuldades com que lutariam as camaras municipais para os mantêr.

Consta que o sr. dr. João de Deus Ramos não desejava voltar a reassumir o cargo de governadôr civil de Coimbra.

Em virtude dum decreto publicado há dias no *Diário do Governo*, os actos dos estudantes da faculdade de direito realisam-se este ano em Lisbôa.

Diz-se tambem que o reitor da Universidade de Coimbra, sr. dr. Mendes dos Remédios, pediu a sua demissão, mas que não foi aceita pelo governo.

Em Milão, na Italia, tem havido gréve geral entre os metalurgicos, por estes não vêrem satisfeitas varias reclamações que fizeram, entre as quais um aumento de 20 por cento nos salários. Parece, porem, que a gréve vai terminar.

Já morreu o Valério Ferreira, o porta-bandeira que tomou parte na explosão da rua Nova do Carmo, em Lisbôa.

A direcção geral de instrução primaria mandou querelar do jornal «A Nação», por ter afirmado que as crianças das escolas oficiais foram obrigadas a comparecer no cortejo camoneano, sob pena de não serem apuradas para exame.

O *Diário do Govêrno* publicou há dias, para execução da lei de 14 de junho, uma portaria determinando que os funcionarios civis que, não estando aposentados, se encontrem fóra do exercicio das suas funções, assim como os funcionarios reformados com menos de sessenta anos,—requisitem guias até ao dia 15 de julho, para se apresentarem á junta Medica do ministerio das Finanças.

Está gravemente enferma a veneranda e extremosa mãe da sr.ª D. Idalina Correia, inteligente chefe da estação telegrafo-postal da Pampilhosa do Botão.

Fazemos ardentes votos pelas melhoras da ilustre doente.

CORRESPONDENCIAS

Montemór-o-Velho, 14

Tomou hoje posse do logar de professora da escola do sexo feminino desta freguezia, a snr.ª D. Isaura da Soledade Silva Ferreira, que, segundo nos consta, é uma habil professora.

Diz-se que a estreia da Troupe Dramatica Ester de Carvalho será brevemente, e que a mesma *troupe*, nesse dia, fará uma surpreza aos espétadores.

C.

ANUNCIOS

Editos de 60 dias

(1.ª publicação)

NO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho, pelo cartorio do escrivão Mota, correm editos de sessenta dias contados da segunda publicação deste anuncio no *Diario do Governo*, estando as pessoas incertas que se julguem com direito á herança de Afonso Teixeira de Figueiredo, batisado em 23 de julho de 1874, no logar de Carapau-atuba do Rio Madeiro, Provincia do Amazonas, nos Estados Unidos do Brazil, filho ilegitimo perfilhado de Alexandre José de Figueiredo, e natural de Balbina Teixeira, da Cidade de Ovidor, nos mesmos Estados Unidos, e já falecidos; domiciliado ha mais de 20 anos em Portugal, que faleceu *ab-intestato*, na Vila e freguezia de Pereira, desta comarca, sem descendentes nem ascendentes, no dia 18 de maio do corrente ano, no estado de casado com D. Maria Amelia Teixeira de Figueiredo, cujo casamento não foi precedido de qualquer contrato;—para assistirem a todos os termos até final dos autos de justificação, em que a viuva dita D. Maria Amelia Teixeira de Figueiredo pretende habilitar-se como sua unica e universal herdeira nos termos do art. 6.º do Decreto de 31 de outubro de 1910; para todos os efeitos legais.

Esta citação ha de ser acusada na segunda audiencia do mesmo Juizo, findo o praso dos editos, e nela marcadas tres audiencias para deduzirem a oposição que tiverem.

As audiencias neste Juizo fazem-se ás segundas e quintas-feiras, e sendo esses dias feriados, fazem-se nos imediatos sendo uteis, e sempre ás 10 horas da manhã no Tribunal Judicial nos Paços do Conselho, sitos na Praça da Republica.

Montemór-o-Velho, 12 de junho de 1913 e treze.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

Propriedade

VENDE-SE uma com 53 oliveiras, sita na Arroteia do Gama, logar da Portela, que rende 26 alqueires de milho, sem quinta nem vista, afóra o azeite, com 18 aguilhadas de terreno.

Parte do norte com serventia de inclinos, do sul com o dr. José Luiz Ferreira Freire, nascente com a estrada de Tentugal e poente com Manoel d'Andrade.

Quem pretender pode dirigir-se a Manoel da Silva Gonçalo, em Vila Nova de Outil, no dia 27 de julho proximo futuro, por 11 horas, que a venderá em praça a quem maior lanço oferecer.

Serviço da Republica

EDITAL

A Comissão administradora dos bens das egrejas, no concelho de Montemor-o-Velho:

FAZ saber que, pelas 13 horas do dia 29 do corrente mez de junho, na Administração do Concelho, serão arrendadas por este ano, em praça publica, a quem maior lanço oferecer:

As videiras que existem no chamado passal da freguezia de Arazêde.

Quais quer informações, devem ser pedidas ao presidente d'esta comissão.

Montemór-o-Velho, 12 de junho de 1913.

O Presidente,

Armando de Carvalho.

(39) **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

VII

Um sentimentalista

I

Na época em que eu anceava por sabêr scênas da vida alheia, os meus amigos, que eram pouquíssimos, e que nem sempre eram sinceros—porque eram mais filhos dum *meio* falso e desafétivo do que da vida real e perfeita—sentiam ás vêses o basilisco do ciume a remordêr-lhes o peito, só porque eu me lembrava de romantisar o que a êles parecia fútil e estéril, sôbre sêr ultra-irracional e ultra- indiscreto, segundo diziam, desvendar factos que podiam comprometêr a houra e até o futuro das pessôas que punha em scêna, se elas vivêssem ainda.

E assim ultra-asneando e ultra-disparatando, no meio do materialismo grosseiro em que se refestavam, passavam aquêles senhôres ao almargem do *cavaco*, onde cresciam mais os sarcômas do vicio do que os beneficios da virtude.

Mais tarde, porém, topei com um amigo, de espirito avêsso dos primeiros, que, aplaudindo s meu intento, me disse logo:

— Deixa estar que hei de apresentar-te um rapaz que eu muito prézo por ser muito reflétido, e tu mêsmo, quando o ouvires, hás de têr a impressão de que estás ouvindo um velho, quando afinal, não ouvirás mais do que um infeliz.

Folguei por têr ocasião de me relacionar com um rapaz circunspéto e, a meu vêr, cheio de sinceridade, e por têr cértamente de ouvir da sua bôca palavras ponderadas e graves, tão raras hôje na bôca dos novos, que apênas se aviltam com esterilidades balôfas.

Restava deparar-se o momento óportuno em que o meu amigo Armando Leite me fizesse a apresentação do seu amigo infeliz.

Uma noite em que eu estava em casa lendo um romance de Camilo, entra-me pela porta dentro o Armando, muito lesto e chamando por mim.

— Queres vir ao saráu?—pergunta-me êle, chegando ao oposento onde eu estava.

— Que saráu?—inquiri um pouco indiferente.

— Um saráu que hôje vai dar um pretidigitadôr afamado no salão da Associação dos Artistas. Já aqui trago dois bilhêtes para nós ambos. Não te demores, que o saráu começa ás oito horas.

Compelido assim pelo meu amigo, que já tinha feito a despêsa dos dois bilhêtes, preparei-me e lá fômos.

Nêsse dia era domingo.

A noite calma e luarina, saturada de finos vapôres olorosos, convidava a um passeio largo e remançôso por sôb um docel de estrêlas que resaíam do fundo escuro do céu serêno e limpido.

Nós caminhávamos, admirando sempre o senário constelar que tremeluzia lá muito no alto e aspirando os arômas da brisa que por vêses nos afagava as frontes.

Encetávamos um diálogo e logo o interrompia-mos imergindo os pensamentos nas sublimidades da naturêsa, no infinito impalpável e maravilhosamente belo.

Entretanto, tinhamos chegado á Associação dos Artistas. Entrámos.

Já muita gente se aglomerava ás portas e dentro do salão. Este é guarnecido de duas extensas galerias, nos extrêmos dos quais ha uns degraus que conduzem ao vasto pavimento inferiôr.

Nós sentáma-nos nas cadeiras duma das galerias. Viamos entrar senhôras e cavalheiro, com trajes variegados e esplendidos, crusarem o salão ou deslisarem pelas galerias, e sentarem-se depois no meio das pessoas que já tinham chegado primeiro e que haviam dado começo ao rumôr da conversação, que gradualmente se foi reforçando e propagando por tôda a vastidão da sala.

Os lustres suspensos na abôbada multi-concova davam um aspéto agradavel do conjunto formado pelas fisionomias das pessoas e pela variedade das côres dos vestuarios.

Seriam oito horas o meia quando apareceu no tôpo superior do salão, no tablado onde terminavam as galerias, um homem esquelético, todo vestido de nêgro, camisa branca a alvejar no peitilho largo e brilbante, melênas escuras a descaírem para a fronte estreita e alvacenta.

Era o espanhol Aragrev, ilusionista e ventríloquo distinto.

Estabeleceu-se de repente o silencio e Aragrev deu principio aos seus trabalhos.

(*Continúa*).

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSOES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Séde em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

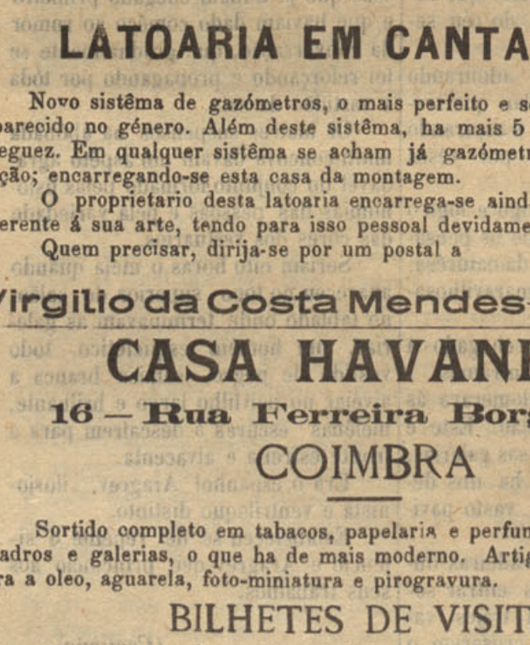
Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.

O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.

Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

CASA HAVANESA

16 — Rua Ferreira Borges — 18

COIMBRA

Sortido completo em tabacos, papelaria e perfumarias. Molduras para quadros e galerias, o que ha de mais moderno. Artigos para desenho, pintura a oleo, aguarela, foto-miniatura e pirogravura.

BILHETES DE VISITA

Novidades para brindes, artigos de viagem e toilette, etc.

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218
FIGUEIRA DA FOZ
ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas
ABRANTES & GENRO
LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne. Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central. Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42
FIGUEIRA DA FOZ

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

MELO & MARTINS

Com armazem de adubos quimicos, sulfato de cobre, enxofre e cal para construções

Endereço postal e telegrafico:

PAMPILHOSA DO BOTÃO

São nossos representantes em Mortagua:

NA POVOA, o snr. José Paulo
NA ESTAÇÃO, o snr. José Tomaz.

MURALINE — Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Biblioteca da Universidade S. R. Coimbra

Ano 2.° Arazêde, 29 de Junho de 1913 N.° 71

COIMBRA 30 JUN 13

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os autografos.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

Portugal e Colonias Portuguezas—Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trismestre, 30 centavos.
Brazil — Ano, 2 escudos, fortes.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Redação e Administração — ARAZÊDE

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

SEM RECEIO

E' duplamente triste a maneira como, dentro da Republica, se faz oposição a um governo que, com o apoio do país, pensa em trabalhar para a riqueza da nação e para a dignificação da patria. E' triste, porque o rejime que hoje nos proteje é inteiramente diverso do rejime de bancarrôtas e de descredito que colheu raizes fundas em Portugal. Hôje há quem se lembre de reduzir despêzas para aumentar receitas, se bem que essa redução não atinja certas classes privilegiadas; mas antigamente só havia quem se arvorasse por sua vêz em *tubarão* do tesouro publico, o que, com outros *tubarões*, tornava o país periclitante e indigno.

A atitude oposicionista é ainda triste por sêrem outros, ou pelo menos por deverem sê-lo, os homens que nos norteiam e que cuidam dos intereses superiores da pátria. Se quem fez a Republica fôram republicanos, e são esses que hoje discutem as causas vitais do nosso país, não há razão nenhuma de existir uma oposição sistemática e facciosa, porque todos devem possuir a clara noção dos seus deveres, que consistem exclusivamente em zelar com honra e dignidade pela vida e prosperidade do país.

Se pelo contrario, foram monarquicos que implantaram a Republica em Portugal, então nada nos admiram as manifestações tendenciosas daquêles que procuram tôdos os ensejos para ferir a obra dum governo retintamente republicano. Estão no seu papel e estão coerentes com as suas ideias.

Mas nem por isso o governo que se quer manter numa linha rigida e inalteravel, se deve preocupar com as campanhas de imoralidade e de destruição armadas pelos seus adversarios, quer no parlamento, quer na imprensa. Se a sua obra é fecunda, se é honesta, e se principalmente assenta em factos concretos e de caracter salutar, deve o governo seguir desassombradamente a senda luminosa que encetou, sem hesitações, sem receios, dentro da lógica e dos principios, mas com firmeza e decisão.

Basta de retaliações que são improprias numa Republica democratica e emancipadôra. Nêste momento, o que deve prender a atenção de todos é a salvação e a integridade da Patria pelo esfôrço colectivo e pela boa-vontade de cada um em bem a servir.

Ponha-se de parte tudo quanto possa perturbar a ordem e a vida da nação, para que cada um se lance devotadamente ao trabalho fecundo de levantar bem alto este país. E o governo, seguindo com firmeza a estrada ampla das boas obras, não trepidará na luta titânica que em boa hora soube iniciar.

A vitória está-lhe garantida. Basta, para isso, que dentro da mais pura sinceridade, faça jnstiça a todos, a grandes e a pequenos, dignificando uns e outros, com lealdade, com ponderação, com amôr.

NOTAS

A emigração

Continúa o exodo aterrador de familias para o Brazil. Só na ultima semana de maio fôram passados em Coimbra 58 passaportes! E o que é mais para lamentar é que dos emigrantes que abandonaram a patria, só 28 sabiam lêr e escrever.

Não haverá meio de remediar este mal social, que é uma verdadeira calamidade para o nosso país? A agricultura está definhando a olhos vistos, por falta de braços, e a miseria surgirá a invadir muitos lares. Pense o governo como ha de resolver este problema.

Boa administração

Os jornais dão-nos a agradavel noticia de que o geverno, em seis mezes incompletos de administração, resgatou titulos na importancia de 3:950 contos e aumentou as disponibilidades de titulos em 18:473 contos e 950 mil réis.

Isto é uma prova de que ha uma vontade tenaz da parte do atual governo de equilibrar as nossas finanças e de que o tesouro publico, dentro de pouco tempo, entrará numa relativa prosperidade.

Antes assim, porque as classes proletárias estão clamando que se lhes faça justiça, garantindo-lhes melhor situação.

Quem parte, paga

O *Mundo* recebeu uma carta-protesto com 83 assinaturas, em que se pede para que o governo obrigue os deputados e senadores a pagarem o que partiram na sessão tumultuosa que ha dias houve no parlamento.

Achamos bem. E' esta a nossa opinião. Se os objectos que nas camaras se encontram pertencem ao país, não está este para se sujeitar aos desmandos e ao vandalismo de certos zaragateiros que são parlamentares... em feira de gado.

Paguem, pois então.

Eleições

Já se fala em eleições lá para novembro. Os partidos da oposição estão-se aprestando para a luta eleitoral e vão mostrando já ambições do *penacho*.

E' a plataforma monarquica.

Vá, senhores, trabalhem para *gosar das vantagens que dá o podêr*...—como diz um orgam de circulação.

Calotes

Todos se queixam dos vários calotes que o Estado vai pregando a diferentes funcionarios. São calotes de criar bicho, na instrução, nas obras públicas, em toda a parte. Mas parece impossivel. Pois se as finanças vão melhorando consideravelmente, se, portanto, se vai arranjando dinheiro para os cofres públicos, porque ha de haver calotes? Porque continuam as queixas a troar como granadas? Estamos em vêr...

CRÓNICA DE LISBOA

Faz hoje, precisamente, dois anos que tu abandonaste este vale impuro de tristezas. Tu não morreste, Mimi, porque os anjos não morrem mas revivem perenemente, eternamente, num mundo mais dôce e mais feliz. Como eu gostaria de, em vez de soluçar nénias por sobre o teu sepulcro, ter te bem perto, unida a mim por um beijo suáve, inexaurivel!

Muitas vezes me disseste: «havemos de ir a Lisboa, passearêmos as suas avenidas e, nas horas serênas do crepusculo, singrarêmos o seu Tejo murmuroso».

E tudo se dissolveu na corrente voraz da crua realidade!

Todavia, eu quero contar-te as minhas impressões, já que em vida me não pudéste acompanhar. Eu quero contar-te minuciosamente tudo, tudo quanto me tem alegrado, me tem pungido.

As festas que para aí ribombaram, apregoadas por mil trombêtas dum novo Alexandre, tiveram para mim um quê de [illegible] macissa, esmagadôra.

Depois houve o centenario da batalha da Vitoria, com parada de tropas nos quarteis, coisas tão lindas, tão lindas, que por instantes fico indeciso e, todavia, sou seguidôr do verbo de Max Nordau.

E, entretanto, tu, mais feliz do que eu, nada disto contemplas, envolta nos crepes funerais da Parca inexoravel.

Eu quizera, Mimi, que tu ressuscitasses.. Oh! havia de adorar-te, Minha Santa, e se um dia aportasses a esta Lisboa, havia de resguardar-te aos ares venenosos desta Gomôrra infame.

Sim, havia de cobrir-te com a égide invulnerável da minha dedicação, contaria as pulsações do teu coraçãosinho de criança e tu dirias: *serei reconhecida amando-te como outróra.*

Tudo isso seria um mar de rosas...

A's vezes, nas horas em que a saudade me tortura, eu busco esquecimento na solidão consoladôra.

Em vão! A tua imagem surge a cada passo na contraída expressão que terias quando partiste roída pela sifilis, torturada pelo ultimo desprezo que a minha crueldade te bolçou.

Terás tu perdoádo? Quem sabe?...

E, sem embargo, tu fôste a Venus da meia porta, o amaranto perdido no bordél. Oh! pudesse a mulher mais honesta, pudesse a propria Virgem Maria ter um coração tão nobre como o teu!

Olha, sabes? — eu vou contar-te uma aventura e, se é certo que me amas ainda, não tenhas ciumes de qualquer espécie.

* * *

Era noite...

As noites aqui são como os dias das pitorescas aldeias. Arcos voltaicos, candieiros, lampadas eletricas (outros tantos atentados á nossa pupila só afeita á luz benéfica do Sol procriadôr), formam no seu conjunto um dia artificial.

Mas, como dizia, era noite. Eu seguia uma donzela tão bela, tão graciosa como tu, grata Mimi. Daria anos de vida por um sorriso dos déla. Seguia, passo e passo. De repente, crusou-se com um janota. Parou e eu parei. Depois lá foram braço dado até ao Manuel dos Passarinhos onde, a trôco de uma ceia, iria pôr o seu corpo venusto em tragico leilão.

Mais tarde soube que se chamava D. Honestidade e pertencia aos alfacinhas peralvilhos.

* * *

Em vão tenho esperado o florir dos prados.

Talvez que tu, como uma flôr, germines perfumada e dôce nos canteiros poéticos da Belêsa...

Gomes Monteiro.

Coisas simples

NOITE DE FADAS

A' torreira calcinante, que durante o dia nos fustigou, sucedeu a noite das orvalhadas e dos descantes.

Ha cascatas e fogueiras pelas ruas e nos ares estrolejam foguetes: é o pôvo folião a espalhar maguas...

Aquietou-se para um canto o pesadêlo ingente da luta quotidiana nas agruras da vida; serenáram por um momento as discordias; e o povo folião sai para a rua tangendo as cordas da tradicional guitarra ao mesmo tempo que as frescas vozes das moçoilas se fazem ouvir entoando o *São João das Fontainhos* á roda das cascatas.

A comemoração desta data é religiosa, mas a festa é que é inteiramente profana. ¡Quere lá o pôvo saber o tema dos seus folguedos! E' festa, e isso basta.

...O Precursor era rude. Simbolisava como que a verdadeira firmeza. A «Voz que clamava no deserto» por certo nada se parecia com os estridulos repeniques com que as alegres raparigas campesinas entôam o *São João*. Forte como a verdade, trepava pelas escarpas da Palestina até ás margens plácidas do rio que desce do traiçoeiro lago de Tiberiades.

Mas a voz que clamava emudeceu um dia: Era um festim régio, o tetrarca banqueteava-se; Heródes Antipas festejava o seu aniversario, acompanhado pela adultera Herodiades. Derrema-se o falerno pelas taças e o estonteante licor é sofregamente libado pelo despota.

Salomé, a filha da impudica Herodiades lisonjêa o tetrarca e ele prontifica-se a conceder-lhe a graça que ela pedir. A sentença está dada: a mãe reclama pela boca da filha, a cabeça do Bátista. O banquete termina em tregédia; no aposento entra uma serva trazendo exangue a cabeça do Precursor e Herodiades, a sós, cravou de alfinetes aquela lingua que ousara chamar-lhe, publicamente, adultera...

...E o povo está dm festa. Chegam até mim os écos dos ultimos córos e eu, ouvindo-os, vou impregnando a pena na fragrancia das orvalhadas.

Roçágam-nos de lêve, num vaporoso sonho, num evolar serêno, aquelas fudas de rosto de jaspe e as mouras encantadas de que ouvimos falar nas historias que em criança nos contaram. Surgem de cada lapa tapetada de relvas duendes misteriosos; e as tristes moiras de faces da côr do luar e cabelos estendidos erguem-se das suas fontes encantadas cujo fundo está cheio de fabulosas riquezas, para virem espalhar suas máguas na noite de S. João.

Foi com a poesia singéla destas historias que nos embalaram no berço. Foi assim que aprendemos a considerar tudo maravilhoso nesta noite.

Até as ervas rastejantes, coitadinhas, serpeando ao longo dos cômbros onde os gados tresmalhados tosaram durante o dia e sôbre as quais o caminhante trepou — porque tudo que é humilde é capacho do que é orgulhoso—até essas relvinhas nesta noite teem privilegio; daqui a pouco o rócio da madrugada desparzirá por elas as lágrimas das moiras que andam cumprindo seu fadario...

Os timidos regatos que passeiam vagarosamente coleando pelos campos e onde a lua se espelha, serão daqui a pouco visitados pelas alegres raparigas que se veem lavar na agua benzida... pelo luar.

E, nas grutas alcatifadas de verduras, de cujo tecto abobadado cai gemente uma ou outra gotinha de agua, qual liquida estalactites, serão dentro em pouco recolhidos os trenos saudosos das mouras encantadas e as lágrimas de Vesper...

E até mim vem o éco dos descantes; destes que agora ouço e de outros longinquos que eu ouvira na minha infancia, no tempo em que ainda acreditava em fadas e moiras...

De todas as ingenuas supertições que a mocidade uso nesta noite: deitar sortes, queimar alecrim e até só uma conserva para não romper de todo com a poesia simbólica desta noite; e assim é que estou esperando que o relogio anuncie a meia noite para... ir ao jardim colher a erva da fortuna!

E, como esta hora já se aproxima, já é *fortuna* para a leitora, pois que termino esta crónica por aqui e lhe não impinjo, por isso, maior maçada.

Os foguetes estrelejam nos ares e ainda até mim veem os écos dos descantes.

Noite de 23 de junho.

Aurea Judit Amaral.

Horas d'insónia

«Mas a vida é, afinal, um fardo que chega ás vezes a ser insuportavel. Nem todos a compreendem, e muitos, podendo compreende-la, fazem tudo para esquecerem os deveres que ela impõe.

Serei eu tambem uma creatura assim? Talvez.

Entretanto, só se fôr sem saber que eu pratique o mal.

Ter deveres a cumprir e afastar-me dêles, nas condições em que eu por tua causa o faço, não é bem praticar esse mal. Obedeço aos ditames da minha consciencia, e isso, bem vês, é meio caminho andado para a pratica do Bem. Se faço mal, é um mal que eu julgo inofensivo, porque é, acima de tudo, caminhar para onde me leva a minha sorte.»

Eis um pedaço de prosa que, voando á mercê da brisa, eu encontrei um d'estes dias. Naquele simples papel abandonado, já todo cheio de pó e meio amarelado pelo tempo, estão agarrados pedaços d'alma humana. Encarado sob o ponto de vista psicologico, aquilo é um belo incentivo á pratica do Bem, porque é, sobretudo, um brado profundo d'alma idealista, um rasgo de consciencia livre e bem digno de ser imitado por

todos os que, acorrentados a ideias retrógradas e seguindo obcecadamente processos fanaticos de superstição, carecem de libertar-se e rasgar, num gesto altivo de independencia, o véu doentio que os amesquinha e inutilisa para os grandes idiais de emancipação colectiva, de libertação social,

«Entretanto, só se fôr sem saber que eu pratique o mal.» Sim. A criatura que tal escreveu, homem ou mulher,—parece mais mulher do que homem, não porque os homens não sejam capazes de praticar o bem, mas porque as mulheres são mais sensiveis, mais docemente ternas e um pouco mais perfeitas sob o ponto de vista psicologico—a criatura que tal escreveu, se é que faz o que escreve e põe em pratica o que diz, é uma criatura genialmente adoravel, idealmente boa, sã de espirito e impoluta de coração.

Procura o meio de não fazer mal conscientemente, e se algum mal pratica, não é porque o seu sentimento de alma refleviva não deixe de obstar ao enveredamento de tão contraproducente caminho.

Agora que a humanidade sonha cada vez mais a perfetibilidade almejada, mas que ela parece tambem cada vez mais incompreender es seus altos vôos de emancipação, aquelas benemerentes doutrinas, que o papel contém, não deveriam ser postas no olvido. Sôa ao longe a nota vibradora da confraternisação humana, e os pensadores de todo o mundo devem unir-se num só e profundo enleio de idealismo, numa mesma comunhão de ideias puras, de amor e solidariedade.

Quem dèra que os homens se amassem, que todos se dessem as mãos unidos pelo mesmo pensamento e pelo mesmo amor!

Enxugar-se-iam muitas lagrimas, vestir-se-iam muitos nús, mitigar-se-a muita fome!... O latim de Roma iseria coisa posta de parte, o fanatismo mórbido de almas ingenuas transformar-se-ia num enorme oceano de [illegible] a paz, cujo aroma seria a harmonia das almas.

Teriamos então o *Silábus* rasgado folha por folha. O homem seria o homem consciente e livre, desamarrado das algemas cortantes e ingratas com que a igreja durante seculos e seculos o teve acorrentado, o fez sofrer nos presidios, longe da Patria, do sol caritativo da sua aldeia, da fecundidade extasiante dos seus campos magnificentes, das aguas deliciosamente cristalinas das suas fontes. Não pode ser? Não, não pode ser! O temperamento varia de individuo para individuo, o sentimentalismo humano diverge profundamente de homem para homem. E depois, as ambições, os odios, a maldade é cada vez mais doentia e nefasta ao natural e determinado avanço, ao logico raciocinio dos que sonham a paz e a união universaes, e assim, é que a Vida é, afinal, para muitos «um fardo que chega ás vezes a ser insuportavel, incompreendido, e outros, podendo entende-la bem, fazem tudo para esquecer os deveres que ela impõe».

Grande, sublime coisa é o Idial...

Almeida Junior.

Pela imprensa

Triunfo. — E' o titulo dum novo semanario evolucionista que ha dias nos visitou. Começa mal, porque começa com artigos agressivos ao atual governo.

O novo semanario tem a sua redacção em Luso, a administração na Mealhada e a tipografia em Mortágua. E' quasi cosmopolita.

Aos nossos colaboradôres

Pedimos a fineza de reduzirem um pouco mais os seus artigos, afim de podêrmos inserir outras secções que iniciámos e que, por falta de espaço, não têm podido sair.

O Dever, alargando o numero das suas secções torna-se mais atraente, e por isso mesmo corresponde à simpatia com que tem sido acolhido pelos nossos leitôres.

O fecho de "Tudo e Nada,,

Quando, antes da sua publicação no *Dever*, expuz, em Alfarelos, a minha doutrina a um padre cujo nome, por delicadeza, não me permito trazer a publico, esse padre, certamente escudado nos principios que lhe dão o nome á profissão, insinuou, na minha sombra, que eu, com o ideal que seguia, estava a caminho d'um manicomio.

Agora, depois da publicação d'esse mesmo ideal, vem um anti-teologista, o sr, V. Teofilo, e diz, sem qualquer demonstração de peso e fundamento, que eu, com a doutirna que defen lo, sou conduzido direitinho á demencia.

Ora, pois, está muito bem.

E' da praxe. No laboratorio da minha paciencia, a varias análises tenho submetido o atrevimento audacioso da Inconsciencia, tendo-me o resultado acusado invariavelmente uma percentagem de Nojo á superficie e um deposito enorme de Dó no fundo. Mas está bem.

—

«A minha razão ordena me que aceite *Tudo e Nada* como sendo e estando Bem, e que de todo o existente entre *Tuda e Nada* faça a minha Religião, expressando o meu profundo respeito não só por todas as pessoas que me acabam de ler, mas tambem por *Nada e Tudo* o que me rodeia *dentro* do Infinito».

Eu disse isto, não foi verdade?

E o que é que resultou?

Primeiro, resultou ter aparecido um *Nada Pratudo* que, por não estar habituado ao respeito a que fiz referencia, não estava d'acordo em que eu o respeitasse. Depois veio o sr. V. Teofilo, que, não estando tambem conforme em que eu igualmente o respeitasse, me vem demonstrar ser mais do seu agrado continuar a go- [illegible] nidade procurar esfacelar a outra metade, continuando assim a infame «mascarada de forçados».

—

Demais, eu argumentei com exemplos demonstrativos que, á luz Brilhante da Verdade, nenhuma sciencia poderá rebater-me, não deixando tambem nunca de pensar com a minha cabeça, ao passo que o sr. V. Teofilo, nem mesmo ajudado pele cabeça das eminencias inteletuaes que enuméra, nem mesmo assim se achou suficientemente habiiitado para exibir uma pequena demonstração que fosse derruir os alicerces em cuja base assenta a minha humilde doutrina.

Apenas se achou com coragem para me dizer o que já me tinha dito o tal padre em Alfarelos. E por ahi ficou quem me tinha deixado supôr que alguma coisa mais sabia.

—

E assim sendo, retiro-me á paz do meu silencio, visto que até agora ninguem argumentou de fórma a rebater com exemplos demonstrativos os demonstrativos exemplos por mim apresentados.

A' lei da dessimetria compete agora empurrar aqueles que não compreenderam a minha doutrina até aos limites que são do seu dominio e de onde, mesmo á vista desarmada, facilmente se lobriga o Respeito por tudo e por todos, palavra esta com a qual se atafulha a boca constantemente, mas que de nenhuma maneira se observa.

E, n'um frio mas correto aperto de mão de despedida ao sr. V. Teofilo, eu, que nunca deixarei de pensar com a minha cabeça, apenas utilisando a cabeça dos outros para fazer os meus confrontos, inclino-me respeitoso perante a benevolencia de quem teve de suportar a estopada d'esta polemica e... senhoras minhas e meus senhores, um criado humilde ao vosso dispôr,

Lisboa, 23 de Junho de 1913.

Leopoldo Torres Eernandes.

P. S. Para Gomes Monteiro, a quem o saber não falta mas os verdes anos não ajudam, um significativo e cordeal aperto de mão.

Cumprimento egual, com os meus agradecimentos á Redação do *Dever*, ao meu delicado amigo Almeida Junior.

L. T. F.

Teatro

Tem logar no proximo dia 2, no Teatro Gremio de Instrução e Recreio, de Pampilhosa, um extraordinario espectaculo, subindo á cêna, em récita tambem extraordinaria, *A Menina do Chocolate*, original do ilustre dramaturgo francez Paulo Gavault e tradução cuidada e inteligente do escritor portuguez Melo Barreto, que tem obtido verdadeiros sucessos nos melhores teatros da capital.

Tem-se esforçado a distinta direcção do Gremio para que o aludido espectaculo decorra pomposa e condignamente, para o que, ora propagandeando, ora adquirindo varios e indispensaveis elementos, muito tem concorrido.

Dirige a *tournée*, que é composta dos melhores elementos do teatro portuguez, o sr. Mendonça de Carvalho, e a cêna o inteligente actor Pato Moniz, que se fazem acompanhar de Adélia Pereira, Elvira Bastos, Telmo Larcher e outros, pelo que agouramos enorme enchente.

Por causa dum lagar

Pedem-se providencias

Os snrs. Antonio Tabanez, desta freguezia, e Manuel Pardal Junior, dos Fornos do Zambujal, vieram ha dias procurar-nos, pedindo-nos a nossa atenção para o caso dum lagar, existente na fonte dos Telheiros, proximo do logar dos Fornos, que está prejudicando a agua de que se utilisam conjuntamente os povos de Fornos, Zambujeiro, Zambujal e Vila Nova d'Outil.

O lagar foi mandado construir ha certo tempo pelos seus proprietários, srs. Manuel Martinho Ferreira e Antonio Francisco Sargaço; mas a escôlha do local foi a fonte que serve para o consumo daquêles povos e que é a unica que ali existe.

Compreende-se muito bem os graves prejuizos para a higiene publica que resultam dêste facto. A agua, adulterada pelas diferentes operações do lagar, vai danificar a saúde dos individuos que dela se utilisam para gastos caseiros.

Foi compreendendo muito bem as perniciosas consequencias dêste caso que cêrca duns 30 habitantes dos Fornos, acompanhados do regedôr desta freguezia e dalgumas representações escritas dos outros povos, procuraram em comissão o digno administradôr do concelho de Montemór-o-Velho, pedindo-lhe enérgicas providencias para o facto que está agravando a saude publica. S. ex.ª, recebendo os comissionados com a maior afabilidade, prometeu-lhes proceder quanto antes, de maneira a fazer justiça a todos e a não haver razão de queixa da parte de ninguem, pelo que os reclamantes saíram muito satisfeitos.

Pela nossa parte, confiados no caráter e nas bôas intenções do snr. administrador do concelho e das demais autoridades, não duvidamos de que suas ex.as atenderão urgentemente ás reclamações dos povos desta freguezia, que são de toda a justiça e de toda a necessidade.

Roubo

A Manuel Marques, da rua de Baixo, desta freguezia, roubaram a semana passada 16 alqueires de milho que ele tinha dentro duma arca, deixando-lhe apenas 4. Ignora-se quem fôram os gatunos, supondo-se que o roubo se praticou de dia, a hora a que os trabalhadôres andam entregues aos trabalhos agricolas.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

LXII

Os excursionistas de Gouveia e Ceia—Cativante acolhimento dos seus superiores hierarquicos—Um belo exemplo a seguir—E' necessario que a classe acorde do seu indiferentismo e proclame a união geral

Recebemos ha dias, enviado por mão desconhecida, um numero ilustrado do velho semanario *O Herminio*, que se publica em Gouveia e é sempre em grande parte dedicado a assuntos escolares. Desta vez ocupa-se quase exclusivamente da excursão pedagogica que o professorado do concelho de Gouveia e aderentes realisou a Coimbra no passado mez de maio.

Não ha duvida. Os excursionistas têm sobrada rasão para estar satisfeitos com os resultados da sua iniciativa. E mesmo os restantes membros do magisterio, que prèsam a sua profissão, devem sentir-se desvanecidos com as provas de simpatia testemunhadas aos seus dignos colegas pelas autoridades superiores da instrução. O ilustre inspector Kemp Serrão, sobretudo, deu provas de ter pelos seus subordinados a mais subida estima.

O snr. Director Geral de instrução primaria igualmente mostrou mais uma vez estar identificado com o magisterio primario, saudando os professores reunidos em Coimbra, num entusiastico telegrama. O dr. João de Deus Ramos, governador civil do distrito que tem por séde a bela cidade do Mondego, foi tambem de uma cativante amabilidade para os professores dos concelhos de Gouveia e Ceia. Não devem tambem ser esquecidas as manifestações de apreço que lhes dispensaram os professores e alunos das escolas normais.

O dirigente, a verdadeira alma da excursão foi o nosso distinto confrade Manuel de Almeida Carvalho, que mais uma vez provou quanto valem as suas invejaveis qualidades de talento e de caracter. Daqui o felicitamos sinceramente. Manoel Gomes Correia, o nosso velho Correia de Cassurrães, foi tambem infatigavel. Mendes Cabral, de Nespereira; Abilio Henrique Fernandes, de Ceia, distinguiram-se egualmente na realisação da bela iniciativa, que para desejar era fosse tomada como exemplo pelo professorado de outros concelhos.

Bem sabemos que nem por toda a parte ha a união, o entusiasmo, a dedicação mesmo que distingue o magisterio de Gouveia e de Ceia. E' egualmente indubitavel que o mesquinho ordenado que nós, os levitas do ensino, auferimos mal chega para o passadio cotidiano. Mas..., se todos *quizessemos*, fazia-se muita coisa. Esta é que é a verdade. O nosso magisterio primario, na sua grande maioria, sofre de um indiferentismo pavoroso. Não se agrèga, não lê, não age. Parece que cristalisou. Pois é preciso sacudi-lo, sob pena de perdermos a autoridade para rebater as calunias dos nossos adversarios.

Mas por onde nós enveredámos O que pretendiamos era unicamente saudar tambem os professores que realisaram a excursão pedagogica a Coimbra, no passado mez de maio.

A todos abraçamos em espirito.

Prof. Manoel José Antonio.

AS PRISÕES

Parece foi cessado a vil campanha que a celebre inglêsa, a soldo dos jesuitas, fêz correr nas colunas dos jornais reacionarios contra a Republica e a proposito das prisões portuguezas. Essa mulher, que nem merece que aqui lhe estampêmos o nome, depois de ter visitado as nossas prisões, acompanhada sempre de todas as deferencias, e de ter mais que uma vez dito que tudo se encontrava na mais completa normalidade e ordem, apressou-se a seguir viagem para a sua terra, para dali começar as suas desvairadas arremetidas contra o nosso regime.

Seria bom fecharmos de futuro as portas a estranhos impertinentes, para que o abuso não torne a repetir-se com a mesma desfaçatez e senceremonia.

Estamos em nossa casa, e não temos que dár satisfações a extranhos que se permitem entrometer-se nos destinos da nossa administração, seja de que categoria ou classe fôrem.

Fóra, pois, com os intrusos e muito em especial, com aqueles que entram com pés de lã, para depois nos emporcalharem.

As nossas prisões, são hoje o que eram dantes, quando uma monarquia de retrocesso mandava nos destinos de Portugal. Em tempos idos e que não voltarão. as prisões eram, nem mais nem menos, do que isto:— tristes muralhas, onde a liberdade humana se achava encerrada e carregada de ferros, e onde algumas vezes a inocencia se confundia com o crime.

Sob feições desfiguradas, contemplavam-se dia a dia os nossos semelhantes, magoados pelos ferros, meio cobertos com alguns farrapos, e ainda infétados por um ar que nunca era renovado e que nos dava a impressão do veneno do crime, e atormentados em vida pelos insétos que devoram os cadáveres nos tumulos.

Nêsse longo martirio, de todos os sentidos, chamavam a morte, esses desgraçados doutróra, mais amiga dêles, do que aquela vida de carcere, atribulada.

Se os desgraçados d'outróra eram culpados, não eram menos dignos de piedade, mas esta não eixistia, e a humanidade exalava do fundo do coração, d'eles e dos outros, um grande gemido de dôr.

O suplicio a que estavam sujeitos, o luto, o despreso, e quantas vezes a fóme, se apoderavam das suas casas, sem que lhes fosse permitido vêr os entes queridos, tão cheios de ternura, e quantas vezes a inocencia se encontrava na morada do crime!...

Hoje, nada disto sucede, como é conhecido de todos.

Os presos teem liberdade, até demais, e são tratados com carinho, mesmo os mais criminósos, não lhes faltando nem alimento, nem higiéne, todos os confortos enfim.

Os penitenciários já não teem o regime dolorôso do capúz, e as prizões dão-nos o aspéto, não d'uma prizão, mas d'um hotel de classe inferior, com a diferernça de não lhes ser permitido darem passeios pelas cidades.

Pode mesmo dizer-se que em cada guarda ou em cada empregado, vê hoje o penitenciario um dedicado amigo.

Há, pois, razão para se assacar contra a Republica, cavilósas acuzações?

Não há.

Sômos suficientemente educados e competentes para dirigirmos os destinos do nosso povo.

Viva Portugal!

Viva a Republica!

Fernandes d'Almeida.

Carta de Coimbra, 19

Impedido por doença, interrompêmos as nossas cartas e enviamos hoje esta a despedir-nos e a desculpar-nos, por isso que será a ultima, em virtude de nos vêrmos forçados a ausentar de Coimbra ainda pela mesma razão.

Actos em Coimbra. — E' sabido que o governo decretou que os actos

dos alunos de direito sejam realisados em Lisboa, visto os acontecimentos que ha dias aqui se desenrolaram.

Esta medida não satisfez em grande parte a cidade e até muitos dos academicos.

Pela primeira destas razões, foram a Lisboa conferenciar com o ilustre presidente do governo representantes do municipio, da Associação Comercial e Sociedade de Defeza e Propaganda, regressando, porém, a Coimbra satisfeitissimos com a resposta que lhes deu o snr. dr. Afonso Costa.

Sua ex.ª disse que o decreto publicado era de absoluta necessidade por muitos e justos motivos que frisou, que nem ao de leve teve a intenção de ferir Coimbra, a quem solicitava se sacrificasse, não procurando crear obstaculos á medida governamental; garantiu que não desdobraria a faculdade de direito; prometeu que para outubro a reforma universitaria sofreria alteração quanto aos cursos livres, e, finalmente, que na mesma ocasião seria decretada a abolição da capa e batina.

O que deixamos exposto satisfez plenamente os que o ouviram, como por completo satisfez a cidade.

Dr. Armando Gonçalves. — Continua melhorando sensivelmente este nosso querido amigo, que no domingo foi vitima de um desaste de automovel. Quando se dirigia desta cidade para Penacova, a prestar socorro a um doente, o *auto* em que seguia chocou violentamente com outro guiado pelo snr. Augusto Luiz Marta, de Santa Clara.

A senhora e meninos que acompanhavam este snr. tambem ficaram feridos, mas sem grovidade.

Fazemos sinceros votos pelo restabelecimento completo do nosso estimadissimo amigo, snr. dr. Armando Gonçalves.

A estatua de Aguiar. — Desde o meio dia de hoje que se acha assente no pedestal a estatua em bronze de Joaquim Antonio de Aguiar, cognominado de «Mata Frades» pelos liberais decretos que publicou quando ministro.

O monumento fica situado ao centro do Largo Miguel Bombarda (antiga Portagem) e impõe-se soberbamente.

E' uma obra primorosamente executada pelo insigne artista Costa Mota (tio), nosso conterraneo, que na execução soube pôr todo o seu grande talento e confirmado saber.

Coimbra honra-se e enobrece-se com o gigantesco monumento, que tem causado a admiração de todos.

Coimbra progride. — No fim do mez corrente abre, na rua Visconde da Luz, no predio onde por muitos anos esteve a correaria do sr. Miguel da Costa Neves, um luxuoso estabelecimento para venda de louças, cristais, faianças artisticas de Bordalo Pinheiro, etc., etc., pertencente ao nosso velho e presado amigo sr. Luiz Carlos da Fonseca, rapaz novo e empreendedor, dotado de caracter lhano e afabilissimo, que lhe faz contar em cada conimbricense um amigo.

Os informes que temos dizem-nos que o estabelecimento prestes a abrir se apresentará de modo a fazer incidir sobre si a simpatia do publico, já pelo seu aspecto, já pelos artigos que no genero serão expostos, das melhores procedencias, como as faianças, e do melhor fabrico.

Felicitamos Coimbra por possuir em breve mais uma casa comercial, que será uma afirmação do seu progresso, e agouramos á tentativa do nosso bom amigo o melhor resultado.

Falecimentos. — Finou-se esta manhã, na edade de 35 anos, a sr.ª D. Palmira Peres Furtado Serpa Cruz, esposa do notario dr. Serpa Cruz.

A desditosa senhora tivéra um parto ha um mez e depois de doloro sissimo sofrimento, devido a uma quantidade de cancros que interiormente a afectaram, faleceu no meio de atroz suplicio.

—— Tambem faleceu ha dias, vitimado por uma congestão, o snr. João Evangelista do Patrocinio, economo da Escola Nacional de Agricultura.

Era um excelente cidadão, que entre nós usufruia muita consideração e estima.

A's familias enlutadas enviamos pezames.

C.

Registo civil

Durante o mez de maio realisaram-se no posto de Arazêde os seguintes registos:

NASCIMENTOS

Antonio Pires dos Santos Junior, filho de Antonio Pires dos Santos, de Vila Franca.

Lucinda Cavaleira, filha de Pedro dos Santos, dos Resgatados.

Maria da Cruz Simões, filha de José Simões Lameiro, de Arazêde.

Joaquim Pagaimo, filho de José Pagaimo, do Tojeiro.

Antonio Maria Nunes da Silva, filho de José Maria Nunes da Silva, da Volta da Tocha.

Manuel Fernandes Pelichos, filho de Manuel Fernandes Pelichos, dos Bizarros.

Alberto Ferrão Tavares, filho de Alberto Borges Tavares, de Vila Franca.

CASAMENTOS

Antonio Maria Simões Lameiro com Palmira da Conceição, de Vila Franca.

OBITOS

Maria Curada, do Casal do Gaio.

Manuel Jorge Severino, da Volta da Tocha.

Alberto Ferrão Tavares, de Vila Franca.

Notas pessoais

Por lapso deixámos de noticiar que deu á luz uma interessante criança do sexo feminino a esposa do nosso estimado amigo Antonio Maria Rodrigues Monteiro, distinto professor no Tojeiro.

Felicitamos.

Sôco mortal

(Ao snr. V. Teófilo).

Eu nunca me desprezei de contender com rufias, com desordeiros ou com pulhas de qualquer especie.

Por isso, não ficarei na inação, a despeito das suas fanfarronadas de varredôr de feira. São coisas que não me assustam, pelo contrario, me divertem muito.

Basta que seja tão forte no marmeleiro, que os seus avoengos lhe deixaram, como o foi na defeza dum inocente artigo escondido ao canto do nosso *Dever*. Deve ser estúpido, brutal como os seus colegas de zaragáta, que, após consecutivos *viracostas*, vão espancando mulheres e crianças que se anteponham aos seus arrancos.

E falo-lhe assim indelicadamente, grosseiramente, porque o senhor foi o primeiro a ser grosseiro, indelicado para comigo.

Eu entrei nessa questão do *Tudo e Nada*, porque a isso me chamou a atenção o meu ilustre colega, snr. Torres Fernandes. Limitei-me sómente á questão e o senhor insultou a minha mãe — santa velhinha que, lá de longe, nada tem com os meus desafios.

Para que amaldiçoou o leite que me alimentou na primeira infancia, pergunto eu, profundamente magoado?

Ah! snr. Teófilo, como eu quizera defrontar-me consigo. Sempre queria vêr com que arte se seguraria nos pés.

Poderia dizer-lhe muito mais, todavia, por hoje basta. *O Dever* tem mais em que gastar o espaço.

Lisboa, 25 | 6 | 913.

Gomes Monteiro.

N. da R. — Pedimos aos nossos colaboradores que têm ventilado esta questão o favor de suspenderem os debates de ordem pessoal. Eles nada edificam, e sómente provocam a hostilidade, o que vai de encontro á linha de solidariedade traçada nêste jornal. Discutam-se principios, vibrem-se ideias, ventilem-se opiniões; mas com lógica, com clareza e com a mais firme serenidade. Tratar na imprensa de assuntos, de mais a mais abstractos como é este, levando-os depois para o campo do pessoalismo, é, além de incorrecto, indicativo de falta de tacto. E' isto que queremos evitar.

Não estranhem, pois, os nossos presados colaboradores, se, de futuro, deixarmos de publicar quaisquer artigos sobre este ou outros assuntos, que firam a nota do ataque pessoal ou que se afastem da linha de ponderação que temos mantido e que havemos de manter.

Publicações

Recebemos o *Poéma do Lar* e o *Poéma da Paz*, de José Agostinho, edição da Casa Figueirinhas, do Porto. Saem em 2.ª edição popular e custam 100 réis cada um.

Não são obras propriamente para o povo, porque ha nelas o tradicional misticismo do seu autor, e o povo do que precisa é de obras de libertação.

Bem melhor andaria José Agostinho se, com o seu talento, enveredasse por este rumo, por ser o mais racional.

Mas... vá com as conveniencias.

Escola da Pampilhosa

O sr. padre Moisés Nora, de Cadima, acaba de oferecer uma libra em ouro, para ajuda da construção duma escola na Pampilhosa, que alguns prestimosos cidadãos daquela localidade oferecem á instrução.

Belo gesto, aquele do sr. padre Nora, que bem define um caracter e serve de estimulo a tantos sentimentos retrógrados que campeiam por esse paiz fóra, acorrentados ainda á falsa ideia do retrocesso.

A comissão ofertante agradece ao sr. padre Nora o seu patriotico donativo.

Noticias

A direção do Banco de Portugal mandou retirar as atuais notas de 20$000 réis até 20 de julho próximo, afim de sêrem trocadas por outras de nôvo padrão, e para evitar tambem a circulação de muitas notas falsas do mesmo valor.

As libras esterlinas compram-se a 5$160 e vendem-se a 5$200 réis.

A imprensa diaria abriu uma subscrição pública para erijir em Paris um grandioso monumento a Camões. A camara de Lisboa subscreveu já com 2:000 escudos, sendo tambem já bastante elevadas as importancias das diferentes subscrições abertas pelos jornais.

Está de visita á familia real de Inglaterra o sr. Poincaré, ha pouco eleito presidente da Republica Francêsa.

Foi inventado um aparêlho que serve para apagar os incendios, e que tem o nome de *Minimax*. As experiencias até agora realisadas têm dado os melhores resultados.

Em Lisboa morreu o afamado viticultôr, José Maria dos Santos, que deixou uma fortuna de 20:000 contos.

A comissão parlameutar de instrução primaria deu parecer favoravel á proposta de lei do ministerio do interior permitindo, no corrente ano, exames de admissão ás escolas de ensino normal.

Os professores do concelho de Ferreira do Zezer, em reunião celebrada no ultimo domingo, deliberaram representar ao sr. ministro das Finanças para que não seja aprovada a proposta que restabelece os quadros, em contrario do que aprovou o Senado, e tambem que lhes sejam garantidas as diferenças a que, em conformidade com a lei, teem jus desde o dia em que completaram o tempo para a promoção de classe.

A comissão de finanças da camara dos deputados, de acordo com o presidente do ministerio, resolveu hontem modificar em parte a proposta do sr. dr. Afonso Costa sobre o encarte dos funcionarios publicos. Essas modificações constam do seguinte: elevar de 4 a 6 anos o praso pelo qual o funcionario se deixar o seu logar não terá de pagar os direitos de encarte em divida; exigir aos oficiais que forem nomeados para qualquer comissão de serviço o pagamento de direitos de encarte pelo aumento de vencimento que passarem a auferir, deixando, porém, de satisfazer o pagamento de prestações logo que deixem de exercer a referida comissão; obrigar os funcionarios que até 1 de julho proximo não tenham satisfeito a importancia dos direitos de mercê, embora a sua nomeação seja antiga, a pagarem dessa data em deante o direito de encarte correspondente aos seus vencimentos.

Foi nomeado boletineiro da Diréção dos correios de Lisboa, o nosso patricio sr. Augusto Cruz. Felicitamos.

Do programa das Festas da cidade, de Coimbra, que se realisam de 3 a 10 de julho proximo, farão parte, entre outros, os seguintes numeros:

Visita do sr. Presidente da Republica para inaugurar solenemente a estatua do iminente vulto da Liberdade, Joaquim Antonio d'Aguiar.

Récita de gala em honra do sr. Presidente da Republica.

Imponente cortejo civico, desfilando deante do venerando chefe de Estado e em que tomam parte todas as classes sociais, orfeons, bandas e *troupes* musicais e suntuosos carros alegoricos representando a Cidade, Instrução, Comercio e Industria, Escola Industrial Brotero, Escola Livre das Artes de Desenho, Agricultura e Exercito.

Inauguração solene do munificente Museu de Arte Machado de Castro, aonde se encontram objétos de extraordinario valor artistico.

Corridas de bicicletes. Corridas negativas. Corridas de gericos e de patos.

Exposição dos magnificos trabalhos artisticos e industriais na Escola Industrial Brotero.

Concurso pecuario. Exposição fotografica. Concurso de bébès. Escalada de bombeiros. Parada militar para juramento de bandeira. Parada ginastica de adultos. Parada ginastica infantil. Festas da Fraternidade Militar. Festas das escolas primarias com o seu orfeon. Ornamentações e iluminações em 14 ruas e avenidas. Fogos de artificio no Mondego e Avenida Navarro. Certamen de ranchos.

Grandiosos festivais no parque de Santa Cruz: danças de tricanas e de creanças; canções modernas; orfeons de adultos; orfeon infantil; bandas militares; tunas; deslumbrantes iluminações elétricas, a gaz, acetilene, veneziana e Minho; tuneis de verdura e luz; surpreendentes fogos de artificio pelos mais afamados pirotecnicos portuguêses.

Tradicionais festas religiosas á Rainha Santa, organisadas pela respétiva confraria.

Exposição de extraordinarias obras de arte: os tumulos da Rainha Santa, D. Afonso Henriques e D. Sancho.

Semana desportive, de 6 a 13, promovida pelo *Tiro e Sport*, começando pelo concurso hipico no dia 6.

Ha redução de 50 por cento nas passagens dos caminhos de ferro de todas as linhas, excéto na linha da Figueira, que tem abatimento de 40 por cento.

ANUNCIOS

Editos de 60 dias

(2.ª publicação)

NO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho, pelo cartorio do escrivão Mota, correm editos de sessenta dias contados da segunda publicação deste anuncio no *Diario do Governo*, estando as pessoas incertas que se julguem com direito á herança de Afonso Teixeira de Figueiredo, batisado em 23 de julho de 1874, no logar de Carapau-atuba do Rio Madeiro, Provincia do Amazonas, nos Estados Unidos do Brazil, filho ilegitimo perfilhado de Alexandre José de Figueiredo, e natural de Balbina Teixeira, da Cidade de Ovidor, nos mesmos Estados Unidos, e já falecidos; domiciliado ha mais de 20 anos em Portugal, que faleceu *ab-intestato*, na Vila e freguezia de Pereira, desta comarca, sem descendentes nem ascendentes, no dia 18 de maio do corrente ano, no estado de casado com D. Maria Amelia Teixeira de Figueiredo, cujo casamento não foi precedido de qualquer contrato;— para assistirem a todos os termos até final dos autos de justificação, em que a viuva dita D. Maria Amelia Teixeira de Figueiredo pretende habilitar-se como sua unica e universal herdeira nos termos do art. 6.º do Decreto de 31 de outubro de 1910; para todos os efeitos legais.

Esta citação ha de ser acusada na segunda audiencia do mesmo Juizo, findo o praso dos editos, e nela marcadas tres audiencias para deduzirem a oposição que tiverem.

As audiencias neste Juizo fazem-se ás segundas e quintas-feiras, e sendo esses dias feriados, fazem-se nos imediatos sendo uteis, e sempre ás 10 horas da manhã no Tribunal Judicial nos Paços do Conselho, sitos na Praça da Republica.

Montemór-o-Velho, 12 de junho de 1913 e treze.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

NO Juizo de Direito da comarca de Montemor-Velho, cartorio do terceiro officio e no inventario por obito de Luiza de Oliveira, e no qual é cabeça de casal o sogro Joaquim da Silva Rachado, correm editos de trinta dias a contar da ultima publicação d'este anuncio, citando para todos os termos até final do referido inventario o viuvo José da Silva Rachado, morador que foi nas Faiscas, freguezia de Arazede, e ausente em parte incerta no Brazil.

Montemór-Velho, 26 de junho de 1913.

Verifiquei a exátidão.

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

O Escrivão,

José de Paiva Bobela Mota.

Propriedade

VENDE SE uma com 53 oliveiras, sita na Arroteia do Gama, logar da Portela, que rende 26 alqueires de milho, sem quinta nem vista, afóra o azeite, com 18 aguilhadas de terreno.

Parte do norte com serventia de inclinos, do sul com o dr. José Luiz Ferreira Freire, nascente com a estrada de Tentugal e poente com Manoel d'Andrade.

Quem pretender pode dirigir-se a Manoel da Silva Gonçalo, em Vila Nova de Outil, no dia 27 de julho proximo futuro, por 11 horas, que a venderá em praça a quem maior lanço oferecer.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55

COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSOES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.

O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.

Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

CASA HAVANESA

16 — Rua Ferreira Borges — 18

COIMBRA

Sortido completo em tabacos, papelaria e perfumarias. Molduras para quadros e galerias, o que ha de mais moderno. Artigos para desenho, pintura a oleo, aguarela, foto-miniatura e pirogravura.

BILHETES DE VISITA

Novidades para brindes, artigos de viagem e toilette, etc.

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

MELO & MARTINS

Com armazem de adubos quimicos, sulfato de cobre, enxofre e cal para construções

Endereço postal e telegrafico:

PAMPILHOSA DO BOTÃO

São nossos representantes em Mortagua:

NA POVOA, o snr. José Paulo

NA ESTAÇÃO, o snr. José Tomaz.

MURALINE — Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle,,

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

S. R.
Biblioteca da Universidade
Coimbra

Ano 2.° Arazêde, 6 de Julho de 1913 N.° 72

CORREIO DE LISBOA -7.JUL 13 COIMBRA

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os autografos.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

Portugal e Colonias Portuguezas—Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trismestre, 30 centavos.
Brazil — Ano, 2 escudos, fortes.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

LUXO E MISÉRIA

O luxo é, em todas as sociedades, um dos principaes fautores da sua desorganisação, da doença moral que perverte e amesquinha.

As classes pobres são as que mais enfermam desse mal inorme, porque o habito do luxo exagerado, trazido do seio das classes ricas, dos grandes meios, produz muitas vezes verdadeiras gangrenas sociais nos meios acanhados, levando á ruina e á degradação.

Com efeito é notorio que, hoje em dia, até nos mais ignorados burgos o luxo campeia infrene originando verdadeiras calamidades, porque, preferindo-se um vestido caro a um misero alqueire de milho, é de crêr que a fome impere e a doença aumente, crescendo as dividas que logo acarretam as dificuldades.

Ah! mas a sociedade, cada vez mais eivada de sinistros pensamentos de corrução, não pesa bem a responsabilidade tremenda dos seus criminosos actos.

O luxo tem utilidade? Sim, é muito indispensavel á hipocrisia. A gente vê uma criatura esfarrapada, e não lhe estendemos a mão, sem nos preocupar a lembrança de que, sob todos os seus andrajosos farrapos, póde estar uma alma que sabe sentir, o sentimento dum carater nobilitador mas despido de preconceitos, capaz de inspirar o Bem, de engrandecer e de ilustrar.

O povo, até o proprio povo se vae deixando seduzir por futilidades que levam á desordem, levando já luvas para a oficina e tendo guardado na caixa da ferramenta o seu melhor fato domingueiro. Não ha dinheiro para livros, mas ele nunca falta já para gravatas. Mas o povo não tem culpa de ser assim. Educam-no desta maneira, ensinam-no a ser mentiroso, em vez de o orientarem para as grandes luctas que emancipam e enaltecem, que enobrecem e reivindicam. O vestuario faz parte das regras da estética, é certo, mas haviamos nós de compreender bem que primeiro está a *estética* do estomago, a *estética* do caráter.

Falamos da plébe, de nós, porque nos repugna subir lá cima a cicatrisar, com energico termocauterio, as pústulas envenenadas e cada dia mais incuraveis desse mar imenso de podridões que pulula a nossos olhos por asses palacios e avenidas.

Por causa do luxo se vendem criaturas de bem, se esfarrapa a logica, se esquecem os mais rudimentares deveres de bom senso. E' ainda por causa dele que a percentagem nefasta da prostituição aumenta, que a estatistica aterradora da mortandade acusa cada vez um maior numero de párias que fazem a viagem do alem-tumulo!

Todos gritam que a vida está cara, quasi toda a gente se preocupa com o excessivo preço dos generos de primeira necessidade, mas ninguem pensa a sério em dispender dois centavos a mais quando se trata de negociar o preço de uma peça de fazenda para fazer um fato ou um pedaço de *vitela* para umas botas de polimento.

E' verdade que a historia de todos os tempos nos aponta altivamente estes defeitos da vida humana, mas já vae sendo tempo de enveredarmos pelo réto e insufismavel caminho da lógica que nos conduza a um mais saudavel ambiente de positivismos, pondo de parte falsas teorias para nos envolvermos com a capa magnanima dos bons e sãos principios, dos principios da verdade que engrandece e notabilisa caratéres.

O povo não se preocupa com o seu futuro, e faz mal. E' notoria a maneira como nós envejamos as prosperidades sempre crescentes dos outros povos, e entristece-nos o facto de só das outras nações pretendermos copiar o que mais prejuizos nos causa Sem embargo, Portugal atravessa uma era historica de decadencia, e mal nos irá se nos não embrenharmos bem nos grandes problemas da emancipação colétiva, de engrandecimento economico, pondo de banda, a todo o custo, pequenas coisas que, parecendo tornar-nos felizes e ditosos, sómente nos podem causar dano.

Os salarios são exiguos, principalmente para os que, com numerosa prole a sustentar, não pezam intimamente que a fome espreita a melhor oportunidade de fazer das suas, e trocam a mesquinhez do uso de uma gravata pela acquisição de meio litro de azeite para temperar o magro caldo!

E assim é que a miseria, cada vez mais palpavel e mais nociva nas classes pobres, ha de acabar por corromper ainda mais as classes abastadas, que, perdularias e já tão apatifadas, hão de encontrar o consequente fim do qual levianamente se estão aproximando.

E' que o luxo é, em todas as sociedades, um dos principais fautores da sua desorganisação e da sua corrução.

ALMEIDA JUNIOR.

NOTAS

Coimbra

A cidade do Mondego está vivamente alarmada, porque o governo criou um novo curso de direito em Lisboa. E por isto, a cidade tem o comercio fechado, os pagamentos paralisados, tudo num verdadeiro estado anormal.

Mas para que é esta suspensão de garantias? Nem Coimbra tem razão de assim proceder, nem o governo motivo para criar mais cursos universitarios. Proteste Coimbra doutra fórma menos prejudicial á sua vida economica, e o governo, em vez de cursos de direito, mande abrir escolas primarias e pague condignamente aos professores respectivos.

Isto é que é a boa logica... ou a logica é uma batata.

A obra do governo

Já não há *deficit* no orçamento do Estado. Esse cancro que a monarquia nos legou deixou de existir desde o dia 1 do corrente. No orçamento para 1913-1914 ha uma receita de **75:894 contos** e uma despeza de **74:927 contos**, o que representa um saldo de **967 contos**!

Ficam disponiveis 408 contos e reservados 559 contos para a reconstituição da marinha de guerra. O subsidio do Estado á instrução primaria foi elavada de 700 a 1:000 contos. Os serviços de assistencia e fomento fôram tambem melhorados. Emfim, fez-se o equilibrio orçamental e ainda cresceu dinheiro.

Tal foi a obra com que o governo e o parlamento encerraram as sessões das Camaras, no periodo legislativo que findou em 30 de junho.

O governo, personificado no snr. Afonso Costa, é, pois, crédor da gratidão e das simpatias do país inteiro.

A ponte de Montemor

Um *montemorense*, referindo-se á ponte que novamente anda a ser montada sobre o Mondego para serviço do povo do concelho, reclama no *Seculo* a atenção do governo para o facto de a mesma ponte estar a ser montada a cerca de 3 metros de altura do nivel da estrada, o que nunca poderá ser aproveitado para serviço publico; pois que, de contrario, e segundo o parecer do mesmo *montemorense*, será preciso, para chegar ao nivel da ponte, que cada pessoa vá munida de uma escada de mão para poder subir á dita ponte.

Achamos justa a reclamação, e bom será que o governo mande alguem de confiança verificar o que ha de verdade, reparando os erros que encontrar, afim de se não gastar dinheiro inutilmente. Mande o governo alguem de confiança, mas que não seja engenheiro, porque os engenheiros no nosso país só sabem fazer obras duvidosas e que custam rios de dinheiro, que o povo paga, mas qne não usofrue.

Pela instrução

Afinal os serviços da instrução parece que vão correndo cada vez pior. Os professores deixáram de receber o seu ordenado no principio do mez, como era costume. Fala-se em que vão surgir dificuldades enormes para a classe, e a respeito de beneficios, nada. Estão um cáos os serviços da instrução, — disse-o o snr. dr. Afonso Costa; mas está-se a vêr que ele mesmo não se mostra muito empenhado em os melhorar. E senão que o diga o mapa bolsa do professor primario, que anda sempre cheia de cotão...

Mais um partido

Já se fala na formação de um novo partido: o partido reformista. Isto é um nunca acabar. Daqui a pouco teremos o partido dos idiotas, depois o dos telhudos, e assim por deante.

Bem se vê que ha homens que não têm onde gastar o tempo. Não seria muito melhor que todos se entendessem?

Um escandalo?

Diz a imprensa chocalheira que o snr. Eusébio da Fonseca é acusado de defraudador da fazenda nacional, de deslealdades para com os ministros e até de fazer contrabando. Esta-se fazendo luz sobre o caso. Este snr. Eusébio ganha, ao que parece, uns 900 escudos por mez.

Ora são destes *tubarões* que o snr. Afonso Costa tem de suprimir

Por isso o dinheiro falta ..

Governador Civil de Coimbra

Foi já exonerado, a seu pedido, o nosso presado amigo dr. João de Deus Ramos, que com proficiencia e acerto vinha dirigindo os destinos do nosso distrito.

Deu causa á sua saída os acontecimentos de Coimbra, que prometem produzir ainda muito mais.

Veremos onde tudo aquilo vae parar.

Dr. Francisco Cruz

Encontra-se em Pampilhosa, onde passará uma temporada com sua familia, este nosso presado amigo e distinto parlamentar, a quem a Republica deve uma boa soma de sacrificios, porque o ilustre deputado é dos poucos que, quer no tempo da oposição quer depois de implantado o novo regime, se tem sabido manter dentro da rigida linha dos bons principios democraticos, nunca se poupando a esforços para engrandecer a sublime causa da Patria.

Duma cativante modestia, o snr. deputado Cruz tem sempre a sua bolsa aberta para acudir aos amigos que dos seus recursos careçam.

Dando-lhe as boas-vindas, *O Dever* cumprimenta-o afetuosamente.

Coisas simples

Da Europa á China

II

Estas considerações fugidias que atrás deixei reduzidas a escrito, acudiram ao meu espirito ao transitar em voos de pensamento por essas plagas de *loess* que constituem o sólo mais fertil da China, paiz tão ridicularisado pelos europeus.

Esta vasta região asiatica que ainda ha pouco tempo era o paiz lunatico do absolutismo e das velhas doutrinas filosoficas de Confucio (Kun-Fu-Tsâ), com a misteriosa cidade Violeta onde não menos misteriosamente terminava seus dias o «filho do céu», converteu-se subitamente de celestial imperio em... terrenal república.

Foi ali plantada a arvore da liberdade, uma vergontea da que fôra plantada pela Revolução Franceza, mas os frutos produzidos não são sazonados.

¿Não prosperou? E' que o terreno estava inculto e era mefitico o ambiente. E' que as revoluções não podem com um golpe de força mudar a idiosincrasia dum povo nem podem com um codigo de leis expungir as crenças do mesmo povo lunatico que em tudo vê a intervenção do céu; a cadeia subjectiva que liga as gerações passadas com as presentes e as futuras não se destrói a tiros de espingarda...

Os filhos dos burgueses ricos que vieram á Europa frequentar os institutos de ensino, haurindo os principios que os seus velhos classicos lhes não davam, importaram depois para o seu paiz, tão refractario á civilisação exotica, as teorias politicas do governo das nações civilisadas. Por isso a transformação tinha de dar-se.

Quando do nosso paiz partiam as caravelas a sulcar mares e levar pelos confins dos continentes a gloria do nosso nome e os lustres de civilisação daquele tempo, tambem ás costas da China os portugueses se foram estabelecer; em 1557 fundaram Macau que durante muito tempo foi o unico porto aberto ao comercio mundial. O brilho das nossas glorias era já a esse tempo empanado pelo fumo das fogueiras da Inquisição que deviam conduzir o paiz ao abismo; mas pelos confins do oriente ainda os missionarios ensinavam o idioma português e ainda no Japão se ali conservam muitos vocabulos sem serem adulterados.

A China dêsse tempo passou. Do imperio fez-se a república, mas ainda ali vicejam disposições governamentais maravilhosas...

E' sabido que ali campeiam todas as religiões: o confucionismo, o budismo, o taonismo de mistura com o maometismo e o cristianismo. Pois o governo, ficando com remeniscencias do tempo em que era *celeste*, deliberou pedir o auxilio de todos os deuses para que a republica progrida. Brama, Vichenu e Siva já não chegavam e por isso convidou os catolicos para que invocassem Deus, os maometanos Allah e os israelitas Jeová e todos num dia oficialmente designado foram fazer rogações pelo progresso da China...

Os pedidos não sei se já começaram a ser deferidos e quero crer que foram feitos com sinceridade. O autor daquela ideia naturalmente filosofou: se cada seita tem um deus protector, todos juntos farão alguma coisa; se afinal existe um unico Deus ¿que importa que seja nas igrejas, mesquitas, sinágogas ou pagodes que as rogações se façam, se elas convergem para o mesmo ponto? Não vão todos os regatos que circulam pela terra confluir no mar? De certo foi este o raciocinio chinês mais elevado...

A revolução foi feita, mas o povo chinês de certo não ficou muito aliviado; um candidato ao governo que transitou do imperio com toda a bagagem, propõe-se a... ditador. E as potencias aplaudem porque emprestaram dinheiro, são bem tristes recurso os emprestimos!

*

A Historia conduz-nos nas suas herculeas azas em romagem espiritual aos tempos idos; relaciona-nos por momentos com os costumes dos povos nossos antepassados e, mostrando-nos as vicissitudes da sua vida politica, tambem nos ensina a tirar muitas ilações nos factos da vida presente.

Aurea Judit Amaral.

CRÓNICA DE LISBOA

Foi-se o mez de junho com todos os seus folguêdos, com todas as suas festas formadas no seio já senil da velha Tradição.

Santo Antonio, S. João e S. Pedro — santos queridos do nosso povo — lá fôram na céga-réga do costume para voltarem no proximo ano, pelo menos, em recordação.

Ora, eu nunca fui afeiçoado a santos, nem tampouco acalento esperanças de que o leigo de Padua me venha deparar o meu perdido amôr.

Sem embargo, tenho pena, muita pena que o meu S. João tenha passado tão chôcho, tão murcho, tão despercebido. Ele, o santo mais folgasão, mais ravacholeiro de toda a côrte celestial!... Oh! só quem não bailou nessa noite festiva e, no fragôr da *caninha verde*, não apreciou as ligas das lêdas namoradas é que não lastima o atrofiamento desses folguêdos inocentes.

Eu amo essa noite tão grata por que ela me evoca dôces recordações.

* * *

No Porto, laboriosa cidade onde as minhas aventuras teem decorrido com maior intensidade, a noite de S. João não póde esquecer ainda aos mais bisonhos e tristes.

Com o unico anjo que amei, foi nessa noite inolvidavel que comecei a conjugar o dôce verbo, tão relaxádo hoje neste meio de pedantes e ninfomaniacas.

E, para mim, que vivo de recordações, é realmente amêno relembrar o passado e recomeçar se pessivel fôr, ainda que... muito piano, muito piano. As chagas do meu peito são recentes e ainda não estão bem cicatrisadas.

Tenho a certeza que se interro-

gassem este recanto do ocidente desde as vertentes do Minho ás planicies do Algarve, milhares de corações desejariam essa noite ridente, milhares de braços colheriam as alcachofras, milhares de bocas entoariam as canções prazenteiras do Bátista.

* * *

Apesar de livre, eu tambem tenho o meu *Flos-Sanctorum*.

Não é ao visionário biblico, esboçando o ultimo sorriso no prato de Salomé, que eu amo, que eu aprecio. E' ao divertimento inocente (sem polkas estonteantes, sem valsas afrodisiacas que fazem despertar apetites exoticos improprios de Messalinas baratas) que eu anceio e no entanto não sou nenhum menino-virgem.

Pois quê? Entrar no moderno *five ó clock tea* é o mesmo que repetir as imoralidades de Cápua...

Eu tambem tenho o meu *Flos Sanctorum* e nele ocupa logar primacial o prazer inocente desconhecido para esta sociedade de *souteneurs* e pederástas.

E esse prazer reveste toda a sua candura na inolvidavel noite de S. João.

GOMES MONTEIRO.

Ferro-viarios de Portugal

Dá-nos pena, é realmente para lamentar a desorganisação que lavra aí assim por essas linhas e repartições. Com efeito, quando uma comissão se não entende, quando meia duzia de homens, com mandatos de responsabilidade, estão em manifesto e constante desacordo, desarmonias que nós aliás não chegámos ainda a compreender bem, não nos admirará que os trabalhadores ferro-viarios, espalhados por esse paiz fóra, nunca cheguem a entender-se.

O pessoal delegou numa comissão o estudo da reorganisação da sua caixa de socorros e pensões, e essa comissão, composta de funcionarios de todos os serviços da companhia portuguêsa, com o auxilio de um extranho, tomou conta dos trabalhos ha bastante tempo, e nós vêmos com desgosto que pouco se tem conseguido de util, e com maior desgosto constatamos que já agora nada de util se verificará.

Assim o demonstra a mesma comissão com factos palpaveis, e outra coisa não são os desacordos, motivados por paixões pessoalistas uns, por despeito outros e muitos por *birra* mal contida e inglorias... coisas da vida.

Uns dizem que não disseram onde disseram que não dizem, outros, tendo a mania de torcer tudo e tudo desnortear, chegam a não saber o que dizem.

E assim, num lamentavel trocadilho de opiniões, nenhuma delas orientada por um profundo e consciencioso estudo de assuntos de tão magna e delicada importancia colectiva, vão caminhando á mercê do acaso, bem triste e pungente acaso, por vezes.

E nós que, cá de longe, acompanhamos tudo aquilo a par e passo, maldizemos o momento infeliz que nos fez pertencer a uma corporação desta natureza!

Lêmos os jornais que se dizem orgãos da classe, seus mentores, instigadores e inspiradores, e não nos atrevemos a atinar com a causa de tal desvairamento. Acusações sobre acusações, e só provas de latente indisciplina se nos deparam aos olhos Resta-nos vêr que mais a sorte nos terá reservado.

Agora mesmo cáem nas nossas mãos, juntos, dois jornais ferro-viarios. Da primeira á ultima linha, deles ambos, dos jornais da nossa classe, só ressalta o ódio e a besbilhotice que deslustra. Roupa suja ali se mostra, e, por vezes, até questiunculas meramente pessoais e familiares.

Sem embargo, outra coisa não é o converter em letra redonda assuntos que só oficialmente deveriam ser tratados, como aconselham os mais rudimentares principios de bom-senso.

De ha muito que a classe sabe bem que caminha erradamente, mas persiste nos seus desastrados intuitos. Quem escreve estas linhas já por mais do que uma vez tem sido alcunhado de coisas extraordinarias, mas nunca deixou de ponderar intimamente a grande conveniencia de aconselhar prudencia e tato associativo, restando-nos a consolação de termos contribuido alguma coisa para que as coisas sejam vistas pelo seu verdadeiro aspéto, embora os que teem aproveitado nunca fazer vêr o quizessem.

Já lá vae o tempo que a companhia se intimidava com os protestos e ameaças dos seus servidores, tão cançada está ela já de improperios e de ouvir coisas sem nexo, sem tom nem som. E esta atmosfera criámo-la nós. Nós é que sômos os culpados da demonstração da nossa fraqueza, e bem lamentavel será que cheguêmos a tempo de ninguem nos reconhecer a competencia e a justiça que de facto nos assiste!

Não vêmos factos palpaveis da nossa união, palavras concretas que traduzam o sentir unanime de milhares de trabalhadores. Julgar que nos move qualquer má intenção contra a classe a que pertencemos, seria flagrante injustiça, pois o tempo corroborará as nossas afirmativas.

Sonhamos o bem-estar da coletividade, e só nos desgosta profundamente que a classe dê tão cabais provas da sua inepcia e da sua falta de tato combativista.

Acabem lá com ódios e enveredem pelo lógico caminho do bom-senso, senhores!...

Belmiro.

Agressão cobarde

Na povoação de Gatões, do concelho de Montemór-o-Velho, foi Antonio Coutinho agredido ha dias com mócadas na cabeça, por Manoel Domingos Claro.

O motivo da agressão foi o Coutinho censurar por varias vezes uns amores ilicitos que sua irmã Maria Coutinho sustentava com o Claro. Este, que não gostava de certas ameaças que o Coutinho lhe andava fazendo, esperou-o uma noite á saída duma taberna, e agrediu-o com uma móca e depois com uma choupa. A vitima recolheu ao hospital de Montemór em estado bastante grave; o agressor foi preso, confessando o crime e recolhendo á cadeia.

Na casa da residencia foi-lhe apreendida a moca ensanguentada.

Notario

No proximo dia 15 do corrente mez, o snr. dr. João Constantino abrirá ao serviço publico, n'esta povoação, o seu cartorio de notario.

CARTA DE LISBOA

Lisboa, 3—7—1913

O calôr mortifica-nos duma maneira atroz. Os termometros teem marcado 36 graus á sombra. Para tornar a tortura mais completa não ha agua suficiente para consumo da cidade e nem todos pódem suprir essa falta a torrentes de cerveja.

Não sei se pelo excesso da calma, os cerebros alfacinhas encontram-se algo avariados.

Suicidios, dramas conjugaes, desastres, o diabo, emfim.

Um destes dias, um fulano de Alcolena pregou tal tareia na mulher que lhe partiu um braço e lhe pôs o corpo a lençoes de vinho.

Uma creadinha de servir lá para os lados de Alcobaça, por diabruras de Cupido, zas! prega no fóle uma boa dose de sublimado.

Com referencia a desastres coisa curiosa: todos os desastres se resumem em quebramento de pernas Assim uns quatro infelizes foram, uns após outros, ao Hospital de S. José curarem se e cada um com uma perna partida.

Ah! tambem me esquecia. Se algum dos meus presados leitores vir a Lisboa e pela prôa lhes surgir uma mulher a cenvidal-os ao gôso, ponham se de atalaia pois o seu filé é palmar-lhes alguns valores que tragam. Chamam-se aqui *gatunas de forasteiros*.

Agora façam o que quizerem na certeza de que fico com a consciencia tranquilla em os ter avisado.

NITRATO.

FOLGUÊDOS

Correram por aqui muito animadas as festas do S. João e S. Pedro. Os rapazes e raparigas de Vila Franca armaram um caramanchão muito vistoso, e o mesmo fizeram os de Arazêde, salientando-se o rancho de Arazêde pela correcção com que se apresentou e pelas musicas escolhidas do seu reportorio, executadas por um grupo de filarmónicos.

Pena foi que as guapas moças arazedenses não fizessem ouvir, tanto quanto eram para desejar, as suas vozes cristalinas e bem timbradas. De resto, não faltou animação ao povo desta localidade nos dias destinados aos folguêdos.

Ainda bem, porque a vida corre para nós bem dificil e espinhosa, e todo o refrigério, por pequeno que seja, é sempre bem vindo.

Nota tipica. — De passagem sempre diremos que, entre várias coisas em que os dois ranchos se distinguiram, houve esta que deu nas vistas: o rancho de Arazêde ostentava uma bandeira com as côres da Republica, ao passo que o de Vila Franca andou pelas ruas a estadear uma bandeirola com as côres da monarquia e apenas com a corôa velada. Pobres rapazes e pobres raparigas que, por tão pouco, se deixam sugestionar!...

Teatro Gremio da Pampilhoza

Um verdadeiro triunfo alcançou esta simpatica casa de recreio, na quarta-feira, 2, com a representação da já celebrada peça de Paul Gavaudt, a *Menina do Chocolate*. Com efeito, saíram certos os nossos vaticinios. Previmos-lhe um maravilhoso desempenho, atenta a alta reputação dos artistas dramaticos, que fazem parte da *tournée*, e não nos iludimos. A plateia esteve em permanente e franca gargalhada. Mendonza de Carvalho é realmente um actor dos que mais distintamente pizam o palco portuguez. *Paulo Normand* é o seu papel, papel dificilimo muito embora, mas magistralmente desempenhado.

Adelia Pereira, na *Suzana Lapistolle*, foi o encanto da plateia. Pato Moniz, Antonio Cardoso, Telmo Larcher, etc., imensamente agradaram tambem. Foi uma noite bem passada, e que dificilmente nos esquecerá.

A casa estava regular, e maior concorrencia teria havido, se fosse um dia de descanço popular.

Entretanto a afluencia não foi má, especialmente de gente de fóra da terra.

A' distinta direção agradecemos a amabilidade do convite.

Cezar de Deus e Antonio Gonçalves

Tivemos a satisfação de conhecer pessoalmente, em Pampilhoza, estes nossos presados amigos, aos quais em espirito nos haviamos afeiçoado já. São nossos distintos colegas do *Sul da Beira*. O primeiro director e o segundo administrador do nosso presado e bem dirigido confrade que se publica na simpatica e patriotica Vila de Mortagua.

Cultos e gentis, é bem agradavel a sua convivencia e muito para estimar a sua amisade.

Cumprimentamo-los afetuosamente.

Agua da Curia

Semelhante á de Contrexeville

Estimula a acção dos rins, que são os filtros do corpo humano.

Experimentai a agua da Curia.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

LXIII

O ministerio de instrução, ha tantos anos reclamado pelos professores, está finalmente criado—Quem será o futuro ministro? Convem que seja um homem estranho á politica—E' necessario que ele seja um patriota e um amigo do professorado

Crêmos que está, enfim, criado o ministerio de instrução publica. Mau grado as tricas postas em pratica por alguns senadores, com o snr. Sousa da Camara á frente, o projecto lá passou, depois de o snr. dr. Afonso Costa ter declarado perentoriamente que, se tal não acontecesse, ele o criaria depois de fechado o Parlamento, de harmonia com certas disposições da Constituição.

Não nos impressionou nada bem o que se passou no Senado. E não só por a oposição ser ferozmente feita a um projecto que devia de agradar a todos os que se interessam pelo levantamento da nacionalidade. O que peor nos impressionou foi parecer-nos que se meteu a politica — a politica baixa e odienta — no caso.

Então nós, os professores e os amigos da escola, andamos ha tanto ano a reclamar a criação do ministerio da instrução publica principalmente para livrar esta das garras malfadadas da politica suja — e logo de principio ela o começa a enlear nas suas roscas viscosas, repugnantes? Que pretendiam os snrs. Sousa da Camara e João de Freitas, que pretendiam os que nas votações os acompanharam, com a hostilidade que manifestaram contra a iniciativa da criação do novo ministerio? Por ventura haveria entre eles algum que cubiçasse a pasta, obedecendo, por isso, na sua atitude ao despeito de não poder conseguir sobraça-la com a atual situação politica? E' o que parece...

No entanto, nós, os amigos da escola e os professores que ha anos vimos reclamando a medida agora tomada, concomitantemente manifestavamos o desejo de que o ministerio de instrução publica fosse confiado a quem á politica, no seu significado usual, se mantivesse estranho. Começamos agora a perceber que nesse ponto nunca seremos atendidos. O primeiro ministro da instrução vai naturalmente ser politico — como politicos, e talvez peores politicos, serão os que lhe sucederem. Portanto, a pobresinha da escola, sempre tam batida de todos os lados pelo vento da desdita, continuará na mesma sob tal ponto de vista.

E dai póde ser que não. A obra a realisar é imensa. Talvez o novo ministro, ante ela, esqueça a politica á entrada do seu gabinete. A' frente da direcção geral de instrução primaria — sem lisonja, a que somos muito avesso — está atualmente quem muito o poderá ajudar na solução dos variados problemas pendentes. Chame para junto de si outros individuos igualmente dedicados á escola, atenda-os, oiça-lhes os conselhos — e nunca nós lhe regatearemos os devidos elogios.

... Está, enfim, criado o ministerio da instrução. Está, enfim, satisfeito um nosso velho desejo, que igualmente o era de todos os professores e amigos da escola. Só resta que o novo titular, logo que seja escolhido, encare de frente a imensa obra que neste campo sáfaro do ensino ha a realisar — e que lance mãos a éla com vontade ser util á nacionalidade.

Prof. Manoel José Antonio.

Turvam-se os ares

A aprovação no Senado, quer do que estava estabelecido, anteriormente á lei de 29 de março de 1911, quanto a promoção, quer ainda quanto ao pequeno aumento nos vencimentos, embora para daqui a um ano, tinha dado algum alento aos nossos colegas que ainda ocupam classes atrasadas.

A proposta de lei apresentada posteriormente pelo snr. ministro das finanças e presidente do conselho, contrariando o que já havia sido aprovado e ainda não respeitando direitos adquiridos, no que toca a diferenças por promoção, veio trazer á classe um grande desalento, que oxalá se desvaneça no mais curto intervalo de tempo, aliás com ele só a instrução tem a perder.

Dia a dia aumentam os desertores das fileiras do magisterio e, triste é confessa-lo, teem toda a razão para o fazer, por isso que todas as esperanças de melhor situação economica, para eles, estão vendo desaparecer.

Nós tambem hoje temos pena de ha mais tempo não haver tomado igual resolução e isto desde que as medidas de *salvação publica*, que tão duramente atingiram a classe do professorado, nos condenaram a estar com vencimento igual áquele com que em 1888 fomos nomeado por concurso e que hoje devia atingir mais do dôbro...

Ora se é vulgar ouvirmos (ás vezes injustamente) que uma das causas da pouca produção das nossas escolas é devida ao descontentamento do professorado, quer-nos parecer que a acção dos dirigentes, a quererem o desenvolvimento da instrucção, como necessariamente hão de querer, era, por todos os meios e nos limites das forças do tesouro, trazê-los o mais satisfeitos possivel.

Dizem-nos que muitas vezes, e agora é uma délas, as medidas propostas obedecem mais á indicação dos que ocupam posição inferior e que receiam não cheguem os fundos existentes para pagamentos atrasados.

Mas, ¿para que servem os dotes intelectuais dos que estão no alto e tomaram compromissos com o professorado em tempos idos?

Se actualmente não ha verba, que a devia até haver, para todos os que devessem mesmo ficar nas classes criadas pela lei de 29 de março de 1911 e desde essa data, não se esbulhem assim outros do que estritamente se lhes deve.

Confesse-se a falta do preciso para lhes pagar, se isso assim sucede efectivamente, mas prometa-se-lhes para ocasião oportuna aquilo que nós consideramos inviolavel e que foi adquirido á custa de tão grandes sacrificios.

E' este um ponto que nós estimariamos o Parlamento ponderasse, depois das justas reclamações que lhe teem sido enviadas.

Ulisses Machado.

Em resposta

O colega Manoel José Antonio, teve a amabilidade de me explicar num dos seus artigos insertos no *Dever*, quem é o senador snr. Silva Barreto.

Muito obrigado, ilustre colega.

Eu não sabia que o snr. Barreto, um dos poucos senadores que no parlamento tem tratado a serio dos negocios que dizem respeito á nossa classe, tinha sido professor de instrução primaria.

Sabia unicamente que s. ex.ª era professor da Escola Distrital de Leiria, além de o considerar um grande amigo da instrução e um estrenuo defensor dos nossos interesses. Mas creia, caro colega, que se eu tinha pelo snr. Silva Barreto uma grande admiração, pelo que já fica apontado, agora, que sei que foi professor de instrução primaria, essa admiração transformou-se numa enorme simpatia.

Silva Barreto será considerado,

por mim, daqui para o futuro, como um companheiro de luta, como um amigo, como um verdadeiro irmão em ideias.

E reconhecido este equivoco que eu sou o primeiro a lamentar, mas que em pouco ou nada altera a regra geral por mim apontada num dos meus artigos transatos, visto ser apenas um caso excepcional, passemos adeante.

Chamou o colega, sem o provar —o que é bastante estranhavel—inglório ao assunto dos meus artigos antecedentes.

Eu acho extraordinaria tal classificação.

Inglorio, o assunto dos meus artigos?! Porquê?

Então, na opinião do colega, discutir ideias, como as que expendi, discutir principios da mais alta importancia para a escola como o de que tratei, é abordar assuntos inglórios?

Que queria o colega de que falasse?

Queria naturalmente que falasse de bisbilhotice, dessa bisbilhotice estupida que eu detésto solenemente, e que tanto mal tem causado á instrução e aos nossos interesses?

Queria, colega?

Queria naturalmente que eu tratasse de politiquice, causa principal da desorganisação avassaladora que lavra no seio da nossa classe, dessa desunião enorme que pesa sobre nós, e que nos tem roubado muita soma de prestigio, muita força moral?

Oh, não. Eu faço justiça ao colega, julgando que não desejava isso.

Mas porque chamou, então, inglorio ao assunto dos meus artigos?

Não sei.

E lamento o bastante, creia, pois assim não posso responder tão cabalmente quanto seria para desejar, e me merece a alta consideração que tenho pelo meu inteligente colega.

E mais não digo, para não me alongar em considerações, que teriam, quando muito, o merito de... inglorias.

Prof. Guilherme Ferreira da Silva.

Poetas e Prosadôres

Sonhando...

Estavamos em meados de agosto, sonhando a deliciosa temperatura das praias.

Achava-me sentado numa comoda cadeira de palha, desfrutando os trajes por vezes rediculos com que os banhistas caminhavam para o mar.

Subitamente o meu corpo foi atacado por um cansaço, deixando-me involuntariamente adormecer. Então, no meu cerebro, desenrolou-se uma scêna verdadeiramente imocionante: na vastidão do mar, divizei um barquinho lutando energicamente contra o seu forôr. O seu timoneiro era um pescador ainda joven e robusto, mostrando no seu rosto tisnado pelo sol, o desprezo pela morte. Inesperadamente notei que o mar se enfurecia e encapelava, tentando aniquilar a fragil e inofensiva embarcação. Umas horriveis contracções nervosas fizeram estremecer todo o meu côrpo.

A embarcação tinha submergido sob uma vaga colossal.

No meio desta tragica visão apercebi três silhuêtas que uma nuvem arrastava sobre o sinistro e homicida oceano. Era mais uma viuva e dois orfãos, pedindo misericordia ao céu.

Bocejei; espreguicei-me na cadeira fazendo a ranger, dirigindo-me depois para casa pensativo e melancolico, recordando a cada passo o sonho que ainda hoje me assalta e intristece ao contemplar a vasta amplidão do mar.

Oiram Zajroj.

Notas pessoais

Regressou do Gerez, onde esteve fazendo uma temporada de aguas, o nosso presado amigo, snr. D. Rodrigues da Silva, da Pampilhosa e nosso prestante colaborador. Cumprimentando-o, damos-lhe as boas-vindas.

—— Vitimado pela tuberculose, faleceu na segunda-feira passada o snr. José Maria Marques, 2.º sargento de engenharia, aqui residente ha algum tempo. A' familia enlutada os nossos pêzames.

—— Estiveram aqui os snrs. José Fernandes Jorge e Antonio Rodrigues Lobo, residentes em Lisboa.

—— Está doente o nosso presado amigo snr. Manoel Simões Lopes, chefe de Pampilhosa. Desejamos as melhoras do nosso amigo.

Noticias

Devido á situação anormal em que se encontra Coimbra neste momento, foram adiadas *sine die* as festas da cidade, resolvendo a Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes adiar tambem a venda dos bilhetes de serviço especial que havia estabelecido por motivo das festas.

São em numero de 35 as vagas de deputados e senadores existentes no parlamento e que serão preenchidas nas proximas eleições suplementares.

Mr. Poincaré, presidente da republica franceza, visitará Madrid em Outubro.

Vão ser criadas 7 escolas de instrução primaria nas ilhas do arquipelago de Cabo Verde.

Realizam-se para novembro as eleições suplementares para deputados e as eleições dos corpos administrativos.

Os negociantes do Porto desejam importar grandes quantidades de milho exotico para abastecimento daquele distrito, tendo já uma comissão conferenciado com o snr. ministro do fomento.

Por morte do grande vinhateiro José Maria dos Santos, passaram para a Fazenda Nacional uns dois mil contos.

Regressou do Porto, completamente restabelecido do ataque de paludismo que por algum tempo o teve afastado do convivio dos seus amigos, o snr. Fsancisco Bastos Mourão, socio capitalista da importantissima fabrica de ceramica junto á estação do caminho de ferro da Pampilhosa.

Cordeais boas vindas.

CORRESPONDENCIAS

BARAÇAL, 26

João Rodrigues Rito

Foi transferido, a seu pedido, para a escola da freguezia da Ratoeira, por ficar mais proximo da Lagiosa, onde tem sua familia que tanto o estima e venera, este nosso presado amigo.

Deixa-nos saudades o amigo sincero e distinto funcionario da instrução, que é tambem um bom democrata e um bom amigo da Republica, pela qual se tem sacrificado, e se sacrificará se o seu sacrificio fôr necessario.

Como professor, durante oito anos que regeu a escola desta terra, deu sempre provas duma dedicação excessiva, não só para ministrar a instrução ás crianças, como ainda no tratamento amistoso e o carinho que sempre lhes dispensou, mimoseando-as com donativos de valor, á sua custa, no dia da sua partida para a Ratoeira.

Fóra do exercicio das suas funções o seu comportamento foi sempre modelar e em cada cidadão encontrou sempre um dedicado amigo.

Um grupo de amigos do nosso correligionario, desejando prestar-lhe uma sincera homenagem e provar lhe assim quanto o estimavam, ofereceu-lhe, no dia 25 do corrente, um jantar de despedida que teve começo pelas 20 horas e terminou pelas 3 da madrugada.

Ao *toaste*, usaram da palavra vários amigos que enalteceram, de uma fórma altiva, as qualidades do nosso amigo Rito, evidenciando-se o ex.mo sr. Alfredo Girardo de Magalhães, que demonstrou, duma fórma clara, quanto as crianças desta terra devem ao professor ilustre e ao amigo dedicado da instrução.

O sr. Magalhães, que discursou durante longo tempo, aproveitou a ocasião para falar da nossa querida Republica, provando com factos quanto ela caminha para o engrandecimento da Patria Portugueza.

Duma correcção e dum caracter que ilustra e que anima quantos sentem o amor da Democracia, ele demonstrou quanto é preciso fazer para que todos se unam para uma obra futura e grandiosa, fazendo vêr que compete a todos os cidadãos procederem como portuguezes sinceros e leais.

O sr. Magalhães falou ainda da grandiosa obra que tem feito e fará no futuro, o grande estadista que preside ao Governo da Nação e que a seu cargo tem a pasta das finanças, demonstrando, duma maneira clara e com dados palpaveis quanto a Republica e a Patria devem ao grande Portuguez que se chama Affonso Costa.

O nosso ilustre amigo, que alia ao seu caracter qualidades distintas de orador, brindou o nosso amigo Rito e levantou um grande viva á Republica e á Patria, viva que foi correspondido com alegria por todos quantos enchiam a sala, e ainda por um numeroso grupo que na rua assistia, por mera curiosidade, aos discursos dos oradores.

Foi, pois, uma bela festa que perdurará no espirito do nosso professor e no dos que o acompanhavam.

Que nos lembre, assistiram, entre outros, os seguintes cidadãos:

Alfredo Girardo Magalhães, Antonio Magalhães Mesquita, o autor destas linhas, Anacleto de Figueiredo, José Cabral, Manoel do Nascimento Pina, Francisco Albano, Adriano Augusto Borges, Rodolfo Augusto Borges, Abilio Lopes e José Maria.

Roubos — Varias noites se tem notado que numas propriedades proximas desta terra, fitas rijas (sem serem animatograficas), se teem desenrolado, devido a questiunculas varias por causa das aguas de rega, sendo o desfecho a obscenidade, salientando-se a classe feminina.

Por decoro, será bom que se evitem estas scenas e que, quem usa saias, se saiba pôr no seu logar.

Fernandes d'Almeida.

CELORICO DA BEIRA, 27

O projecto de lei sobre a luz electrica que a Camara Municipal de este concelho enviou ao sr. dr. Aquiles Gonçalves para o apresentar no Parlamento, e a que nos referimos na nossa ultima correspondencia, já foi aprovado na Camara dos Deputados, esperando nós que em breve o seja no Senado, pois que já tem o parecer da respectiva Comissão, e para isso têm trabalhado e trabalham ainda incansavelmente o sr. dr. Aquiles e o sr. Artur Costa, esforçando-se assim para que seja satisfeita uma das maiores e das mais justas aspirações da Camara Municipal e do concelho inteiro.

O nosso bom amigo sr. dr. Luiz A. L. Ramires, digno administrador deste concelho, tambem foi a Lisboa no dia 20 conferenciar com aqueles senhores sobre este assunto, trazendo de lá ótimas impressões.

Oxalá que o obstrucionismo, quasi sempre malfazejo, não faça com que este *projecticulo* (que para nós celoricenses representa interesses de capital importancia) tenha de esperar por outra legislatura.

Na segunda e na terça-feira, dias 23 e 24 do corrente festejou-se nesta vila, com excécional entusiasmo, o santo querido das moças—o S. João.

Na segunda-feira á noite houve arraial no Chafariz do Aleo, onde num elegante coreto, lindamente iluminado e embandeirado, a filarmonica Celoricense executou — aliás muito bem — as melhores peças do seu variadissimo reportorio.

Foram queimados foguetes dum efeito verdadeiramente deslumbrante.

A iluminação e o embandeiramento foram dirigidos pelo nosso particular amigo A. Sequeira, cuja proficiencia e bom gosto para estas *coisas* e congeneres todos lhe conhecem e admiram; portanto, desnecessario se torna dizer aqui quanto surpreendente e caracteristico foi o efeito dos balões de varias côres, colocados nos ramos das arvores e arbustos que povôam aquele aprazivel logar.

A concorrencia foi grande, encontrando-se bem representado o belo sexo.

Na terça feira ás 19 horas houve corrida de bicicletes, cujo percurso foi do edificio da Camara a Cortiçô, ida e volta. Tomaram parte: Carlos Osorio, Antonio Ascenção, Antonio Mané e Ernesto Miranda.

O juri foi constituido por os srs. dr. Francisco F. do N. Bravo, presidente; Mario de Sena Cunhal, cronometrista; Joaquim Candido da Silva Pereira, juiz da *partida* e *chegada*.

Ganhou o 1.º premio o arrojado ciclista Carlos Osorio, filho do nosso dedicado amigo Antonio A. M. Osorio, que fez o percurso (14 quilometros) em 32 minutos, entrando na *méta* muito *fresco*, e com um avanço sobre o seu *rival* Ascenção de mais de 100 metros. Portou-se bem e por isso deve continuar a *usar*, mas não a *abusar*... deste genero de *sport*.

O 2.º premio foi ganho pelo Ascenção, que chegou extenuado, o que causou estranheza nos que contavam ve-lo vencedor. Precisa de se *poupar*... para que as forças lhe não faltem...

Antonio Mané *entrou* em 3.º logar —por milagre de S. João, com quem dividiu o seu premio pecuniario.

Ernesto Miranda acompanhou por bastante tempo os corredores mais *rijos*, e teria ganho, pelo menos, o 3.º premio, se não fosse... o ultimo a chegar.

Aqui, pois, felicitamos novamente os distintos corredores, que bem mereceram... as palmas que receberam.

A.

Ultima hora

Continua fechado todo o comercio de Coimbra. Até á hora de fecharmos o nosso jornal, nenhuma alteração de ordem se deu. Tem chegado tropa de Lisboa, mas não tem sido necessario o emprego da força armada.

Varias camaras e paroquias teem aderido ao protesto ordeiro da cidade. O governo acaba de prometer compensações a Coimbra. O districto está entregue ao governo militar, dirigido por um capitão, com recomendações especiaes.

O protesto é ordeiro e patriotico.

ANUNCIOS

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

NO Juizo de Direito da comarca de Montemor-Velho, cartorio do terceiro officio e no inventario por obito de Luiza de Oliveira, e no qual é cabeça de casal o sogro Joaquim da Silva Rachado, correm editos de trinta dias a contar da ultima publicação d'este anuncio, citando para todos os termos até final do referido inventario o viuvo José da Silva Rachado, morador que foi nas Faiscas, freguezia de Arazede, e ausente em parte incerta no Brazil.

Montemór-Velho, 26 de junho de 1913.

Verifiquei a exátidão.

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

O Escrivão,

José de Paiva Bobela Mota.

Editos de 8 dias

(1.ª publicação)

NO juiso comercial da comarca de Montemór-o-Velho e pelo cartorio do escrivão Sampaio, nos autos de falencia aberta ao comerciante que foi da vila de Pereira, Virgilio Paiva de Carvalho, a requerimento de Carlos Augusto Louzada e João Vieira da Silva Lima, negociantes de Coimbra, correm éditos de oito dias contados da segunda publicação d'este anuncio no «Diario do Governo», citando o falido dito Virgilio Paiva de Carvalho, e os crédores dêste, á Fazenda Nacional, José Fernandes Giraldo, dos Casaes do Campo; Dona Maria da Encarnação Ferreira Couceiro de Melo, Augusto Giraldo, Joaquim Pedro Carrilho, estes de Pereira; Bernardino Faria das Neves Guimarães, do Porto; Felisberto José Lopes, de Taveiro, e os requerentes Carlos Augusto Louzada e João Vieira da Silva Lima, de Coimbra, para no praso de cinco dias, depois de findo o dos éditos, dizerem ácerca das contas apresentadas por Antonio José Dias Galvão, administrador da massa falida.

Montemór-o-Velho, 2 de julho de 1913.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei:

Lemos Viana.

Editos de 8 dias

(1.ª publicação)

NO juizo comercial da comarca de Montemór-o-Velho e pelo cartorio do escrivão Sampaio, nos autos de falencia aberta ao comerciante que foi da Vila de Tentugal, José Dias d'Abreu, a requerimento da firma comercial Novaes & Silva, Sucessor, do Porto, correm éditos de oito dias contados da segunda publicação do respectivo anuncio no *Diario do Governo*, citando o falido dito José Dias d'Abreu, e os credores d'este, a firma requerente Novaes & Silva, Sucessor, a Fazenda Nacional, João Vieira da Silva Lima, de Coimbra; M. Costa Duarte, de Lisboa, e a firma comercial Domingos Duarte & Companhia, do Porto, para no praso de cinco dias depois de findo o dos éditos, dizerem ácerca das contas apresentadas por Bernardo Gonçalves Ferreira, administrador da massa falida.

Montemór-o-Velho, 6 de julho de 1913.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei,

Lemos Viana.

ANUNCIO

O Doutor Delegado do Procurador da Republica na comarca de Montemór-o-Velho

FAÇO saber que por ordem da Excelentissima Comissão Jurisdicional dos bens das extinctas Congregações religiosas, nos dias 19 e 20 do corrente mez de julho pelas dez horas, no extincto convento de Nossa Senhora do Carmo em Tentugal, será vendido em hasta publica pelo maior lanço offerecido sobre o valor da respetiva avaliação, todo o mobiliario que não foi vendido na primeira praça e existente e pertencente ao aludido Convento que foi arrolado e está na posse do Estado.

Para constar se passou este e outros eguaes que serão devidamente afixados.

Montemór-o-Velho, 1 de julho de 1913.

Elisio de Pina Mascarenhas de Mancelos.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55

COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
TELEFONE 295

COMISSOES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

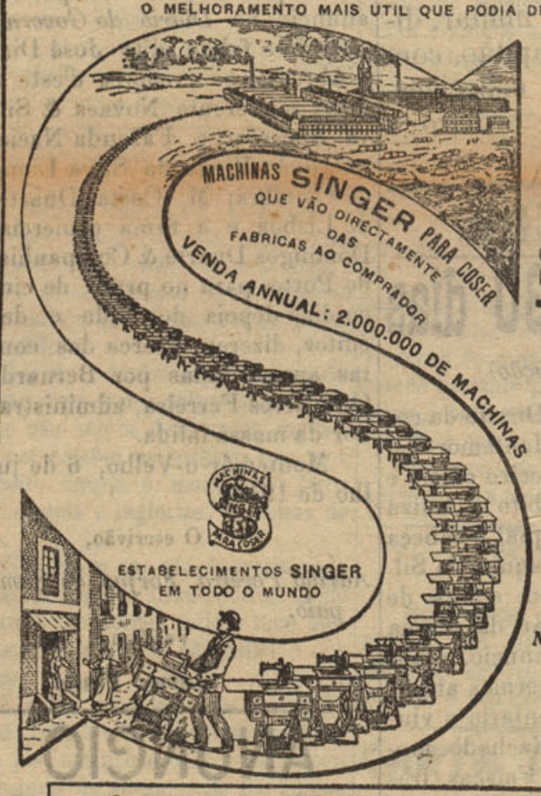
1$000
1$200
1$500

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.

O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.

Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

CASA HAVANESA

16 — Rua Ferreira Borges — 18

COIMBRA

Sortido completo em tabacos, papelaria e perfumarias. Molduras para quadros e galerias, o que ha de mais moderno. Artigos para desenho, pintura a oleo, aguarela, foto-miniatura e pirogravura.

BILHETES DE VISITA

Novidades para brindes, artigos de viagem e toilette, etc.

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne. Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

MELO & MARTINS

Com armazem de adubos quimicos, sulfato de cobre, enxofre e cal para construções

Endereço postal e telegrafico:

PAMPILHOSA DO BOTÃO

São nossos representantes em Mortagua:

NA POVOA, o snr. José Paulo

NA ESTAÇÃO, o snr. José Tomaz.

MURALINE — Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Por — Coimbra

Ano 2.° Arazêde, 13 de Julho de 1913 N.° 73

Biblioteca da Universidade S. R. Coimbra

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os originais, quere sejam ou não publicados. Não se aceitam informações anónimas.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

PORTUGAL E COLONIAS PORTUGUEZAS—Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trismestre, 30 centavos.
BRAZIL — Ano, 2 escudos, fortes.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

Considerações Sociaes

São já bastante do dominio publico, os acontecimentos sucedidos em Lisboa por ocasião das chamadas Festas da Cidade.

E por ser já tanto do dominio publico, e por terem sido já tão discutidos, nós temos receio que os nossos leitores — se realmente os temos — ao príncipio da leitura d'este artigo, tenham um movimento de aborrecimento.

Mas, isso não obsta a que façamos algumas considerações sobre os mesmos acontecimentos, porém, por um aspecto inteiramente novo.

Convém dizer, antes de tudo, que nós condenamos o atentado da capital, entre outras rasões, porque dele foram vitimas algumas pessoas que nada tinham com o caso e algumas crianças inocentes que em grande numero acompanhavam o cortejo.

Atentados como aquele, seja qual fôr a sua proveniencia, seja qual fôr o mobil que os determine, são sempre condenaveis, são sempre repelentes.

Atentados praticados naquelas circunstancias, num cortejo onde iam tantas crianças inofensivas, crianças que amanhã poderão muito bem ser anarquistas tambem, não teem desculpa possivel, não teem rasão alguma de ser. E não teem rasão alguma de ser, porque se eles são praticados em beneficio duma ideia, devemos dizer que essa ideia nada ganhará com isso.

Um ideal como o anarquismo, tão belo, tão sublime, não se alcança com bombas atiradas para o meio de criaturas inocentes e despreocupadas.

O anarquismo não se conquista com sangue. Conquista-se, sim, por meios persuasivos, pela persistencia na luta, por mil fórmas diferentes, mas em nada semelhantes com o atentado de Lisboa. Meditem bem nisto os autores da malvadéz e verão que profunda verdade encerram estas palavras. Mas, adeante.

Nós dissemos acima que condenavamos o atentado.

Em absoluto? Não. E aqui está o aspecto novo, sobre que vamos fazer algumas considerações.

* * *

Infelizmente, não é a primeira vez que entre nós sucedem casos mais ou menos semelhantes. D'algumas d'essas vezes temos acompanhado com verdadeiro interesse, o desenrolar dos acontecimentos.

Para isso lemos os jornaes de todas as *nuances* politicas, consultamos todas as opiniões que possam fornecer-nos elementos para um juizo mais ou menos seguro. Observamos, quere dizer, não vamos no enchurro das primeiras impressões.

Praticou-se um crime? Ha de haver uma causa. Ora é essa causa que nós devemos estudar; de compô-la nos seus elementos mais intrínsecos; analisa-la com serenidade, com imparcialidade; e se ela fôr, positivamente, um mal, combatamo-la então sem treguas.

Foi isto o que se fez? Não, praticou-se o crime e logo todos os jornaes, desde o de maior circulação ao mais humilde *canudo* da provincia, abriram as suas colunas a improperios, a imprecações contra os autores da proéza.

Não houve nome que não lhes chamassem, de bandidos para baixo.

Dirigiram-lhes os maiores enxovalhos, os maiores insultos, e até as maiores calunias.

Não houve apelo nem agravo para o crime que praticaram.

E pouco faltou para pedir para os seus autores a guilhotina, o castelo negro de Montjui.

Inconscientes!

Quantas vezes esses desgraçados, — este é que é o seu verdadeiro nome—aprenderam comvosco a pratica dos seus nefandos crimes?

Quantas vezes, no mesmo sitio onde hoje lhes chamais ralé, bandidos, eles foram beber o veneno asqueroso que lhes armou o braço de assassinos?

Chamais-lhes maus, odiosos, e não vos assalta a consciencia o pensamento de terdes tantas vezes, precisamente nas mesmas colunas onde hoje os insultais, exarado tanto odio contra o vosso semelhante, tanto venêno.

Sim, condenamos o atentado de Lisboa, mas para o condenar, temos de condenar tambem todos aqueles que directa ou indirectamente teem contribuido para este estado social enervante em que vivemos. para esta atomosfera cheia de odios e vinganças, que outra coisa não pode produzir senão atentados como este.

E depois, devemos confessar, que os verdadeiros culpados somos nós, os mais ou menos letrados, que julgando-nos orientadores da sociedade, a desorientemos com as nossas irritantes questões pessoalistas, com as nossas ambições de todos os dias.

Guilherme Ferreira da Silva.

NOTAS

O movimento de Coimbra

Da grande comissão de defeza dos interesses de Coimbra recebemos uns manifestos e um apêlo a todos os que desejem aderir ao movimento iniciado naquela cidade, a fim de que não se realise a ideia do desdobramento da faculdade de Direito.

Pela nossa parte, já dissemos que não concordamos com a fórma de protesto feito pelos conimbricenses, pois entendemos que, a querer fazer-se um monopolio da faculdade de Direito, devia antes ir uma commissão junto do governo protestar contra o desdobramento, em vez de se trazer á cidade uma suspensão de garantias e um aparato bélico que desagrada a quem vir as coisas pelo verdadeiro prisma.

Pelo snr. presidente do ministerio foi prometido a Coimbra um cérto numero de compensações. Requeira a comissão essas compensações o mais breve possivel, inste com o governo para que honre sem demora os seus compromissos e, se faltar a eles, então grandes motivos terá para o verberar. Conservar por longos dias a vida paralisada numa cidade, é que não achamos bem.

Um deputado

O snr. Bissaia Barreto, que foi eleito deputado pelo circulo da Figueira da Foz, nunca abriu o bico no parlamento a defender os interesses do seu circulo Agora, porém, no movimento de Coimbra, consta que aderiu, falando pelos cotovelos

Bem se diz lá que os homens não se medem aos palmos...

Guarda republicana

O parlamento aprovou o plano de reorganisação da guarda republicana, que ficará com um efectivo de 4:612 homens de infantaria, com 67 cavalos; e 1:229 de cavalaria, com 1:170 cavalos. O batalhão n.° 4 fará o serviço em cinco distritos, dentre os quaes Coimbra, com um efectivo de 62 homens de infantaria e 139 de cavalaria.

Chegará ao menos cá ao nosso burgo metade de um homem para guardar o que é nosso?

Ministro de instrução

Temos, finalmente, o ministerio criado, e a funcionar, e o respectivo ministro para o ministerio. Foi o snr. dr. Sousa Junior o funcionario escolhido para tal cargo.

Parece-nos que foi acertada a escolha, atendendo ás faculdades de trabalho e ás qualidades intelectuais do novo ministro.

Resta que s. ex.ª se empenhe em tomar a serio o seu papel, de maneira a merecer apenas as simpatias e a admiração dos seus subordinados. O peor é ser um ministro partidarista. E a politica é que estraga tudo.

Higiene

Uma folha da capital defende a higiene escolar como sendo uma das bases em que devem assentar as modernas gerações.

Mas quem fala em higiene dentro dos nossos *pardieiros* escolares, que mais se parecem com viveiros de ratos? Higiene das consciencias é do que se precisa primeiro. O resto virá depois.

Especulação

Uma gazeta evolucionista daqui perto, especulando com uma nota aqui publicada sobre *calotes*, chama-nos afonsistas. Mas quem lhe disse que o eramos?

Nós aplaudimos as obras de Afonso Costa sempre que elas revertam em beneficio do paiz, como aplaudiriamos as de qualquer outro estadista, se ele fosse capaz de fazer o que Afonso Costa tem feito. No entanto, sabemos fazer reparo ás faltas em que ele possa ter incorrido, não as escondendo nunca, o que a aludida gazeta não sabe fazer em relação ao seu chefe.

Ha só esta diferença. E depois disto, continue a gazeta a chamar-nos afonsistas. que nós só lhe chamaremos *sectaria*.

Novo colaborador

Começa hoje a sua valiosa colaboração neste jornal o nosso presado amigo, snr. Jorge das Neves Larcher, um novo a cuja inteligencia a imprensa periodica, especialmente a da provincia, muito deve.

Sobrinho do grande poeta aveirense Rangel de Quadros, o nosso novo colaborador foi sempre um dedicado amigo das letras, tendo já trabalhos seus em preparação que bem revelam a potencia do seu cerebro.

O *Dever* orgulha se por contar nas suas colunas com mais este elemento de valor e felicita por isso os seus presados leitores.

Horas d'insónia

«Já agora só um dia, quando o coval razo e humilde de um cemiterio apodrecer estas carnes flácidas e torturadas do meu corpo amarfanhado pelo sofrimento constante que o definha e contamina, nesse dia, que me não importa saber se está longe se está proximo, é que eu deixarei de amar com loucura, de sentir os sinistros pensamentos que são toda a cruz do meu pobre calvario de martirios!

Nós iludimo-nos com este mundo cruel e déspota que tortura os bons. que causa lagrimas sentidas, desditosas lagrimas aos que nasceram na humildade, aos que vivem para serem, afinal, escravisados por toda a gente!»

Sem embargo, as coisas são precisamente assim. O mundo é cruel, a Vida uma quiméra que nos atrofia pouco a pouco. Aquela carta que o acaso me trouxe ás mãos, não é uma carta banal, como as cartas de Nathanael, «sem perfume e sem côr». E' um papel cheio de encantos, repleto de ensinamentos que ilustram, cheio de conceitos saudaveis que nos convidam a olhar as coisas e os homens com o despreso que eles nos inspiram ou com a comiseração e respeito bem próprios do nosso temperamento de lutadores em prol da sincera regeneração desta humanidade vergada ao peso duro da ingratidão e da inconsciencia.

O mundo é cruel, a Vida uma ilusão. Com efeito, a gente não vê por toda a parte senão podridões, a sociedade iludindo-se e enganando-se mutuamente, sem escrupulos, sem pundonôr, sem senso de especie alguma.

Em quanto metade da humanidade, parasitariamente, se arrasta envolvida em farrapos e de estomago vasio, por esse mundo de ingratidões fóra, a outra metade, ou mais do outra metade, gosando de todos os confortos e de todos os prazeres, vae passando sobranceira e igoista, fazendo da logica um trapo cheio de pús, da vida um mar imenso de gosos sem fim.

E' que, já agora, só quando o coval razo e humilde de um cemiterio apodrecer estas carnes flácidas e torturadas do meu corpo, é que eu deixarei de ver o cancro mináz duma sociedade sem orientação defenida, só procurando na maldade a satisfação intima dos seus caprichos e das suas leviandades.

A ingratidão da Vida, como ela é torturante!...

ALMEIDA JUNIOR.

Coisas simples

Mea culpa

Dizem que a Culpa morreu solteira porque ninguem a quiz... e este rifão tem tanto de verdade como de velhice. Mas o mal quando é repartido custa menos a levar e por isso façamos o mesmo á *culpa* para que o seu peso nos não fatigue tanto.

Assim, a ultima crónica saiu deveras atrapalhada e eu, deitando a culpa aos snrs. tipógrafos, não quero eximir-me a uma parte déla.

Escrevi de noite, o que é uma atenuante embora o aposento fosse iluminado a acetilene e eu não padecer de miopia... mas sou culpada por não ter sequer lido aquela crónica que rabiscára ao mesmo tempo que ouvia acórdes de serenatas e descantes; por isso, apesar de ter rasoavel caligrafia (em que, sem vaidade o digo, fui classificada com a média de *muito bom*) confesso que a letra não ía apurada. Mas ha coisas inteiramente da responsabilidade dos snrs. tipographos como: *dm, estalactites* onde devia sêr: *em, estalactite*. Aquêle «exangue-a» quando devia ser a sua antitese: «a ensanguentada» é da minha lavra, ficam por isso livres os snrs. tipografos.

Vamos vêr agora se ainda fica peor a emenda que o soneto...

Embora as *gralhas* voltem a entrar em scena eu é que protesto jámais rabiscar crónicas á noite e muito menos sendo em noite de vésperas de S. João.

Aurea Judit Amaral.

Carta de Coimbra

11—7—913

Vou hoje encetar a minha modesta colaboração no bem redigido semanario *O Dever*.

In primo loco, devo felicitar-me por tão amavel convite e sentir-me satisfeito de pôr a minha humilde pena á disposição dum orgão tão independente como bem redigido.

Irei dar começo ás minhas cartas tão simples, como simples é a minha alma, dizendo-lhes semanalmente, meus caros leitores, tudo o que vos possa interessar, desta encantadora cidade que o poetico Mondego banha; e pesar tenho, destas minhas linhas não serem ornadas do rendilhado fino da rétorica e buriladas pelo estilo elevado da gramatica.

Apreciarei os factos com serenidade, pondo de parte as paixões partidarias, e empregarei todos os esforços para me livrar de arrebatamentos naturais dum temperamento quente e proprios dum povo meridional como nós.

* * *

O assunto do dia, como vós sabeis, é o desdobramento da faculdade de direito.

O povo de Coimbra, mantem-se intransigente no seu protesto e firme nas suas resoluçees.

O movimento é verdadeiramente

simpatico, visto a maneira correcta e ordeira como se têem conduzido todas as classes sociais.

Coimbra foi ferida nos seus interesses, e justo se torna uma reparação urgente que venha compensar a saida de 400 ou 500 rapazes.

E' preciso com a maior brevidade possivel dar uma solução a esta importantissima questão, que está acarretando gravissimos prejuizos a centenares de pessoas.

Se bem que, desde já tivesse ocasião para fazer a minha apreciação sobre este tão importante assunto, abstenho-me de tal, para a fazer em momento mais oportuno.

Coimbra, a velha e tradiçional Rainha do Mondego, está envolvida em crepes, e os seus salgueirais, que ainda ha pouco acalentavam as mais doces ilusões, curvados agora sobre as aguas, parecem sentir tambem a tristeza do Mondego que chora.

Jorge das Neves Larcher.

Cronica de Viagem

Em Madrid não foram só os padres que me chamaram a atenção. Esta cidade extraordinariamente pacata, bem poderia merecer o nome de *não te rales*, porque se vê nela toda a serie de abusos sem que ninguem os tome por tal: as bicicletas e mesmo automoveis, andam livremente e á vontadinha pelos passeios, estorvando assim os transeuntes.

Os *guardias* não se vêem intervir em nada, cada um faz o que quer e sobra-lhe tempo, o rapazio e os operarios jogam livremente em meio dos passeios e varios ciclistas se veem de noite montados sem lanterna. De resto até as variações atmosfericas concorrem poderosamente para este estado de coisas, pois tem muitos dias o inconcebivel capricho de variar: 15 graus centigrados!...

Simplesmente magnifico, para congestões e pneumonias!...

Os principaes pontos de movimento e concentração popular são: *Puerta del Sol*: logar onde muita gente caminha e se atropela numa confusão inconcebivel e sem razão explicavel e onde se vê em grande quantidade o elemento militar e eclesiastico.

Retiro: jardim grande com um grande lago e largos passeios.

Aqui, como em todas as partes de Madrid, não deixa de encontrar-se o elemento eclesiastico e pelo visto aqui em Espanha *ha mais padres do que gente*.

Existem mais dois ou tres passeios, alguns palacios, casinos etc., e está vista a cidade de Madrid.

Tem num dos seus arrabaldes, uma ponte magnifica sobre o rio Manzanares, a que muita gente chama «aprendiz de rio» e que não merece a ponte que tem. Em Madrid não se encontram tambem nem praças espaçosas, nem monumentos de valor: tudo ali é vulgarissimo, nem existe a beleza e luxo de uma grande capital, nem o poetico e pitoresco de um pequeno burgo. Não se ouve falar em mais nada, que em touros e toureiros, paixão predileta da alma espanhola; estes d'*Artagnans* d'aquem Pireneus, não sonham com outras coisas que não sejam touros e aventuras guerreiras.

E' o paiz por excelencia, dos padres, toureiros, generaes e *chulos*: estes elementos perniciosos, são os germens que a sugam, que a aviltam, que a empobrecem.

Tanto poderá valer que o sangue seja derramado com a metralha da guerra, como com o veneno da sifilis; os resultados são identicos.

E enquanto o povo boquiaberto assiste ás touradas e o padre corrompe pelo fanatismo, esbanjam-se em Marrocos os cofres... Mas a mim que me importa isso!? não é nada comigo e de resto não sou espanhol e ainda que o fosse não me devia importar, porque o mundo cada vez está mais egoista e despresivel.

Santos Machado.

RESPOSTA ABSTRACTA

Meus senhores, dão licença?

E' só para isto, que a ninguem ofende, porque a ninguem é dirigido:

Eu penso que quando alguem não sabe ser justo e não póde ser imparcial, não deve ser coisa nenhuma.

E' preferivel déixar supôr aos outros, ficando ao menos em silencio, que possivelmente sejamos o que de facto e realmente não somos.

Porque em extremos, saiba-se, ninguem nos excede, embora muitas vezes reconheçamos que neles só é possivel a existencia de contrariedades e prejuizos.

E, porque penso assim, assim vou dizer o que penso com referencia á «N. da R.» do proximo passado *Dever* na epigrafe «Sôco mortal».

O sr. V. Teófilo, na polémica que se debateu, não feriu só o sr. Gomes Monteiro, porque me magoou tambem a mim com o seu «nem Aristoteles, Archimedes ou Platão teriam tido tanta *originalidade*». A' verdadeira *intenção* eu entendi, por educação e por *tacto*, dever chamar *delicadeza*.

O sr. Gomes Monteiro, quando se referiu da primeira vez ao sr. V. Teófilo, nem sequer o chegou a melindrar, quanto mais a ofender.

Gomes Monteiro exteriorisa o que pensa em estylo filosófico idealista, embora por vezes tarjado de certo humorismo contundente, temperamento aliás proprio de sentimentaes.

Quem não souber responder de egual fórma, em estilo equivalente, deve calar-se, deve estar quieto, aliás fica autorisado o disparate, — cuja responsabilidade, ás vezes, nem sempre fica pertencendo, no todo, á sua origem mais directa.

E, cumprimentando de novo, novamente peço licença para me retirar, dando assim por terminado um assumpto cujo final profundamente me penalisou.

Lisboa, 1 de julho de 1913.

Leopoldo Torres Fernandes.

N. da R.— Só a imensa consideração que nos inspira o nosso querido amigo Torres Fernandes, é que faz com que publiquemos ainda esta sua tréplica sobre um assunto cujo desagradavel desfecho bastante nos desgostou, por terem os nossos distintos colaboradores enveredado no campo pessoalista, norma que nós aliás sempre detestámos, porque temos muito amor a êste pobre semanário, e ambicionamos justamente ve-lo util á sociedade e á Patria.

Horas d'Ocio

(N.º 19)

Feat lux

Néscios! Julgaveis por certo que, perseguindo os homens, mataveis a ideia?! Puro engano!

Semeada ela, tinha em tempo proprio de rebentar, florir e frutificar.

Lembra-me bem! A data não esquece.

Foi em 24 de Dezembro, ha uns trinta e tal anos.

Chovia copiosamente; e, o frio e o vento, completavam o termo de flagelos.

Eu, novo então, cheio de vida e de esperança, alimentado o espirito pelas sábias lições, bons conselhos e melhores exemplos, sentia-me revoltar contra a marcha perniciosa que levava o meu país, para mim tão querido, tão adorado, á beira do abismo.

Era, como digo, uma noite invernosa. Embuçado numa capa, mais parecendo um conspirador, (que de resto outra coisa não era), caminhei em procura deles. Sim. Procurava os dois mestres Sentia-me bem com o seu convivio. Tinha sempre muito e muito a aprender com eles; e, nem sei como explicar, eles, que eram, e bem denominados, os mestres, não tinham como desdoiro, o admitir-me nas suas conversas, a mim, que não passava de aprendiz.

Parece-me que os estou vendo! Apoz ter cautelosamente batido á porta da sala onde conversavam, e ter sido, por um outro irmão de ideias, reconhecida a minha humilde personalidade, foi-me facultada a entrada, e permitido que tambem falasse (por certo dizendo asneiras) sobre o assunto que discutiam, que era a defeza da Patria.

Um deles, **José Elias Garcia**, talvez por mais velho, era mais ponderado, mais evolucionista, e queria a transformação pela escola, pondo ali (consegui-o em parte) e tambem para incentivo ao estudo, os exercicios militares.

O outro, **Eliodoro Salgado**, era mais arrebatado, custava-lhe a esperar, e, com quanto aceitasse o exercicio na escola, queria a transformação dos regimentos em escolas práticas de guerra, a diminuição do tempo de serviço, e este obrigatorio sem remissão. E' o que já temos.

O armamento, dizia ele, mais tarde apareceria.

— Creio firmemente que, mudado o regime, algum ministro teremos que, conseguindo um saldo positivo nas receitas publicas, nos permita compra lo, talvez fabrica-lo.

E julgo que assim será; pelo menos tudo nos leva a julga-lo.

A mim, caros leitores, coube me o pequeno papel de, como testemunha, vos poder afirmar, que a ideia partiu daqueles dois grandes vultos e que não obstante as enormes perseguições que lhe moveram, muito trabalharam e muito merecem da Patria.

M. E.

Registo civil

Durante o mez de junho realizaram-se no posto de Arazêde os seguintes registos:

Nascimentos

Alexandre Cardoso, filho ilegitimo de Conceição Cardosa, do Meco.

Alice Baia, filha ilegitima de Antonio Maria da Costa Baia, de Arazede.

Isilda de Jesus, filha legitima de Manoel da Silva Julião Junior, dos Pelichos.

Palmira Cardosa, filha legitima de Joaquim dos Santos Cruz, da Bunhosa.

Maria da Piedade Marques, filha ilegitima de Tereza Marques, de Arazede.

Ana da Silva, filha legitima de José Rodrigues Liberado, dos Gordos.

Manoel Maria d'Oliveira, filho legitimo de Francisco de Oliveira, dos Resgatados.

Nazaré Teixeira, filha legitima de Antonio Brites, do Amieiro.

Manoel Maria da Silva, filho legitimo de Vitorino da Silva, do Amieiro.

Maria Emilia Monteiro, filha legitima de José Ferreira Jacinto, dos Gordos.

Elvira Gomes, filha legitima de Manoel Jorge Preguiça, dos Pelichos.

Maria da Ascenção Faria, filha legitima de José Antonio de Jesus, da Azenha do Amieiro.

Alvaro Mendes, filho legitimo de Manoel Mendes, da Moita Vaqueira.

Casamentos

José Gonçalves, de Vila Franca, com Maria de Jesus, do Casal do Gaio.

José de Oliveira, com Maria de Nazaré Ferreira, do Amieiro.

Obitos

Maria Luiza, de Arazêde.

José Jorge Buco, do Meco.

Maria da Felicidade, do Morteiro.

No «Dever»

Estiveram sexta-feira passada na nossa redacção os nossos amigos de Montemór-o-Velho, srs.: Antero da Veiga, digno administrador do concelho, e drs. Bátista Loureiro, ilustre sub-delegado de saude; Armando de Carvalho e Ismael de Sampaio, distintos advogados. S. ex.as vieram a Arazede para apurarem o que ha com relação ao lagar existente na fonte dos Telheiros, a que aqui nos referimos, partindo para aquele local para definirem situações.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

LXIV

Tréplica — O senadôr Silva Barreto e a vida dum educadôr — Silva Barreto indigitado para director geral de instrução primaria

Parece que o colega snr. Guilherme Ferreira da Silva se incomodou sériamente com o inofensivo epiteto de inglórios que de algum modo démos a dois dos seus artigos. Não tem razão para tal—a não ser que queira dar áquela palavra significação diferente da que ela rialmente tem. As suas considerações deram-me a ideia de arremetidas contra moinhos de vento. E o colega não vai decerto dizer-me que foi gloriosa a empreza semelhante levada a efeito pelo celebre heroe do romance de Cervantes...

* *

E já agora falêmos mais de Silva Barreto.

Foi professor primario em Figueiró dos Vinhos. Aqui tenho, ao pé da porta, um individuo que com ele aprendeu as primeiras letras, recordando-se ainda hoje amiude, para lhes dispensar os devidos elogios, das suas excelentes qualidades de educador.

De Figueiró dos Vinhos, de modesto professor primario, passou para membro do corpo docente da escola distrital de Bragança, onde continuou as suas belas tradições de pedagôgo moderno. E de lá, a seu pedido, foi transferido para a escola de ensino normal de Leiria, justamente no ano em que nós iniciavamos nela o nosso curso. Do que ele tem sido como professor normalista póde inferir-se do facto de contar em cada um dos seus antigos discipulos um amigo dedicado.— E' que ele sabe ensinar. E' que ele sabe manter a disciplina dum curso sem rigores excessivos.

Velho liberal—destes liberais que compreendem bem o que é a Liberdade e sabem dela fazer uso devido—; republicano intransigente, que conta no seu activo, uma grande parte da obra de democratisação do povo do distrito de Leiria,—foi por este investido nas altas funções de deputado ás Constituintes, de onde transitou para o Senado. A sua obra neste, de defeza constante da instrução e do professorado, é conhecida sobejamente dos amigos da escola, para que gastêmos tempo a ennumera-la.

Até hoje ainda a Silva Barreto não foi dada a minima recompensa dos seus valiosissimos serviços. Tem-lhe acontecido como a muitos outros que á republica deram e continuam a dar o melhor dos seus esforços, para verem erguer-se na sua frente, rindo ironicamente, com o riso que conservam nos elevados cargos para que vão sendo nomeados, muitos *talassas* de má morte, sem saber nem consciencia.—Até hoje ainda o não viram os nossos democraticos governos. Fala-se, porém, nele agora para preencher a vaga do dr. João de Barros, que se diz vai passar para a direcção geral de instrução secundaria, criada conjuntamente com o ministerio da instrução publica.

Se tal acontecer, é caso para nos darmos os parabens. Ninguem mais nos casos de suceder ao atual Director Geral de Instrução Primaria, a quem ainda no ultimo numero incidentemente prestámos as devidas homenagens.

Oxalá o boato venha a confirmar-se.

Prof. Manoel José Antonio.

Caros colegas e muito ilustres professores:

Não tenho a honra de vos conhecer pessoalmente, mas informado da vossa competencia e delicadeza, tomo a liberdade de vos perguntar se aceitaes a discussão sobre assuntos do nosso oficio, e com os quais, além de mim, talvez algum leitor aproveite.

Se a vossa benevolencia chegar ao ponto de dispensardes uns minutos para aturar um velho já liquidado, respondereis á seguinte pergunta:

Como se deve definir um numero decimal?

Figueira da Foz.

Prof. M. E.

Noites do Avozinho

Belezas da Historia de Portugal

Preço 100 réis

Está publicado o tomo 9.º desta magnifica obra de José Agostinho. Trata da Revolução de 1820, abrangendo o reinado de D. João VI. Quem quizer aprender a Historia de Portugal, tem nas *Noites do Avozinho* um excelente guia.

A edição traz uma capa a cores, lindissima.

LIVRARIA PORTUENSE, de Lopes & C.ª Succ., 119, Rua do Almada, 123 = PORTO.

Publicações

Recebemos o 9.º tomo das *Noites do Avôsinho*, de José Agostinho, edição da Casa Figueirinhas, do Porto. Ocupa-se de todo o reinado de D. João VI, e é escrito numa linguagem clara, acessivel á inteligencia do povo e das crianças. Recomendamo-lo aos nossos leitores, pois custa apenas 10 centávos.

—— Recebemos tambem a *Arte de se fazer ouvir*, para uso de advogados, conferentes e prégadores. E' um volume de 184 pag., ornado de gravuras elucidativas, representando os gestos que devem tomar os oradores. E' bem escrito, orientado com método, e, além disso, instrue. O seu autor é Harmand-Dammien, da Academia Francesa, e a edição em lingua portuguesa é da mesma Casa Figueirinhas. Preço em brochura, 50 cen.

—— O sr. Augusto de Castro, tesoureiro da Fazenda Publica em S. Cosme de Gondomar, tambem publicou, em elegante edição de ofertas, uma poesia comemorativa do 2.º aniversario da proclamação da Republica. Os versos são bem feitos, e escritos com sentimento e elevação do ideal. Acompanha a edição o retrato do autor e os paços do concelho de Gondomar.

A todos agradecemos os exemplares com que nos brindaram.

Notas pessoais

Tem estado gravemente enfermo o pai do nosso presado camarada de redacção, Almeida Junior. Desejamos melhoras ao doente.

—— Acha-se incomodada de saude a estremosa mãe da ex.ma sr.ª D. Assunção de Melo, de Mortagua. Folgaremos com o pronto restabelecimento da bondosa doentinha, que é uma excelente e virtuosa criatura, pronta sempre para praticar o Bem.

—— Tambem se encontra ausente do serviço, por doença, o nosso presado assinante sr. Casimiro de Sousa, funcionario da linha da Beira Alta. Desejamos-lhe melhoras.

—— Acha-se melhor do pertinaz incomodo que por largo tempo a reteve no leito, conforme o *Dever* noticiou, a mãe carinhosa da ex.ma sr.ª D. Idalina Correia, zelosa chefe da estação telegrafo-postal da Pampilhosa.

—— Fez exame do 3.º ano de liceu, ficando aprovada, a ex.ma sr.ª D. Paulina de Almeida, filha dedicada do nosso presado colaborador sr. Fernandes d'Almeida.

Parabens.

—— Faleceu em Pampilhosa a sogra do nosso patricio sr. Antonio dos Santos Teixeira, ha muito residente naquela localidade. A pobre velha morreu completamente queimada, em virtude de se lhe ter lançado, em casa, o fogo á roupa que trazia vestida.

Sentidos pezames.

Poetas e Prosadôres

Recordando

Aos meus bons amigos
Dr. Bátista Loureiro e Bobela da Mota

Olhai ao longe a límpida toalha
Dos verdes campos que a cheia alagou;
Vereis, eu vo-lo juro, a negra malha
Duma barca que a terra nos levou.

Chegamos. Bela terra é Montemór!...
Que linda com a *Vala!* O'vila!...Encanto!...
E o *Castelo?!*... O *Hospital?!*... E o *Martir Santo?!*...
E os *Anjos?!*... Meu bom Velho, és um primôr.

Tres dias de pagode!.. O' que dansar!...
A vila em festa?!... E' caso de espantar!...
Ah!... Recordo-me agora: era no Entrudo.

Tres dias e tres noites de folia...
Depois... Quaresma; jejuar noite e dia
Do Carnaval, dos bailes, disso tudo.

Coimbra—1912.

Salema Vaz.

—†—

Horas sentimentais

Era á beira do Tejo. As aguas deslisavam mansamente por entre a verdura magnificente das suas margens.

Algumas barcas iam e vinham no transporte de mercadorias. E os seus mastros, parecendo pontos de admiração, erguiam-se altivamente para o azul purissimo do ceu.

O sol, indo já a declinar para o seu ocaso, fazia ainda refulgir alguns fragmentos prateados, que, numa promiscuidade lindissima, se misturavam com a areia movediça da praia.

Ouvia-se ao longe uma voz rouca, quasi sumida. Era a voz dum pobre velho a quem os sessenta annos já tinham feito alguns destroços, de faces cavadas e tez enegrecida, curvado sobre a charrua que dois pachorrentos bois conduziam.

Pelo ar cruzavam-se algumas aves que iam e vinham, ora á procura de alimento, ora á procura do seu lindo ninho que elas com tanto cuidado tinham construido e onde haviam de passar a noite que se aproximava.

Num dos salgueiros que orlam a margem esquerda do rio, viam-se dois interessantes passaritos. Colocados sobre o mesmo ramo, afagavam-se ternamente, mutuamente, numa felicidade quasi absoluta, verdadeiramente invejavel, idealista.

Vagueando todo o dia pela imensidade dos espaços, vieram poisar levemente no mesmo ramo daquela arvore, onde ninguem ouviria os seus segredos e onde repartiriam, com todo o afecto, as suas dôres e as suas alegrias.

Margem do rio acima, contemplando o espectaculo maravilhoso que nos oferece o Tejo magestoso com os seus prados verdejantes e as suas aguas levemente movimentadas pela brisa fagueira da tarde, caminhava um simpático moço, alto, d'espingarda a tiracolo.

Pendiam-lhe da cinta algumas peças de caça.

Aparentando uns vinte e dois anos, assobiava a *Valsa dos beijos* do *Conde de Luxemburgo*, quando, ao passar em frente da arvore onde os dois passaritos se acariciavam, pára para ver aquele pequenino idilio amoroso.

Instintivamente, aponta-lhe a espingarda. Mas, de repente, a arma assassina... cai-lhe aos pés. E Jorge, não podendo equilibrar-se, desmaiando quasi, senta-se sobre o tapete de verdura que se estendia a seus pés.

Jorge apoia a cabeça sobre os ombros e scisma. Em quê? Em que pensará Jorge neste momento, parecendo tão triste?

E' que Jorge tambem amava. Havia na sua aldeia um outro cerebro que pensava unisonamente com o seu, e um coração que pulsava quando o seu pulsava.

Tinha lá ao pé da porta uns labios ternos que o osculavam e umas mãos de fada que o acarinhavam. Tinha com quem repartir as suas alegrias e os seus sorrisos, as suas dôres e as suas alegrias.

Jorge amava loucamente. E, pensando no que acabava de suceder, repugnara-lhe a sua acção criminosa.

Mas ele não podia ali permanecer eternamente; e, levantando-se, agarra na arma, agora estendida a seu lado, e caminha para casa, cabisbaixo, como que envergonhado e arrependido, pensando talvez no que lhe sucederia, no que ele faria, se alguem intentasse contra a existencia da sua Adelia que ele tanto adorava e a quem tanto queria. Na sua Adelia que era toda a sua existencia, toda a sua vida de *louco apaixonado*, de eterno sonhador...

Guilherme Ferreira da Silva.

Corrigenda

No artigo *Sonhando* publicado no passado numero, onde se lê: «Estavamos em meados de agosto sonhando», leia-se: «Estavamos em meados de agosto gosando».

Noticias

As sufragistas inglezas incendiaram a casa do rico industrial William Lever, que ficou reduzida a cinzas.

Foi mandada abrir ao serviço publico a estação telegrafo-postal em Ançã, concelho de Cantanhede.

Nos Balcons continuam os combates entre servios e bulgaros, perseguindo-se de parte a parte e dando os bulgaros provas de heroismo.

A tres kilometros da povoação de Alcacer formou-se uma tromba de fogo que arrasou tudo quanto se lhe deparava no caminho, causando imensos prejuisos. Desfez-se a 200 metros da mencionada povoação, mas as chamas produziram novos incendios.

Os habitantes, aterrorisados com o fenomeno, fugiram da povoação. Algumas mulheres foram, todavia, refugiar-se na egreja.

A tromba ignea tinha o diametro de 100 metros.

Foram dadas ordens para o rigoroso cumprimento da nova lei eleitoral na parte respeitante aos funccionarios encarregados de proceder ao recenseamento, a fim de evitar os abusos que se praticavam antigamente e de que resultaram diversas processos crimes. A repetirem se taes abusos, serão punidos em conformidade com a lei actual e com o regulamento disciplinar dos funcionarios publicos.

Na quinta-feira passada realisaram se os exames do 1.º grau na escola do sexo masculino desta localidade. O professor de Arazêde propôz 6 alunos, ficando com a classificação de *otimo* os meninos Soveral da Rocha, Luiz Baia, Joaquim do Espirito Santo e Arnaldo Tavares; *bom*, o menino Antonio Carvalho, e *suficiente* o meuino Herminio da Cruz. A professora Arazêde propôz duas alumnas, obtendo a nota de *otimo* a menina Maria Celeste do Espirito Santo, e a de *bom* a menina Maria Ferrão Tavares. O professor do Amieiro propoz 2 alumnos, de nomes Antonio da Cruz e Manoel Porêlo, que ambos obtiveram a nota de *suficiente*.

Transitou para a 3.ª classe do curso do liceu o menino Joaquim do Espirito Santo, filho do nosso assinante Manoel do Espirito Santo.

Parabens.

A camara ingleza dos comuns votou a separação da igreja do Estado no paiz de Gales por 103 votos de maioria.

Já terminou na quarta-feira a gréve em Coimbra, abrindo as lojas e as fabricas.

Agua da Curia

Semelhante á de Contrexeville

Estimula a acção dos rins, que são os filtros do corpo humano.

Experimentai a agua da Curia.

CORRESPONDENCIAS

Pampilhosa do Botão, 11.

Encontra-se entre nós a gentil menina Paulina d'Almeida, filha do nosso estimado amigo Fernandes de Almeida.

Consta serem na proxima semana os exames de instrução primaria do 1.º grau das escolas desta freguezia.

Os alunos são uns 17, sendo 3 do sexo feminino e 14 do masculino.

Consta que vai constituir-se uma comissão de individuos desta localidade, com o fim de elaborarem o programa para as festas tradicionais de Santa Marinha, que devem realisar-se no dia 3 do proximo mez de agosto. Entre os numeros do programa diz-se que figurará a organisação duma *kermesse* que reverterá em favor da Caixa Escolar.

Achamos bem e oxalá seja uma realidade.

Oportunamente indicaremos os nomes dos comicionados e mais alguns numeros do programa.

Encontra-se a banhos na Figueira da Foz o nosso amigo José de Melo, importante proprietario desta freguezia.

Desejamos-lhe um feliz regresso e que venha completamente restabelecido do seu impertinente reumatismo.

C.

Aos lavradores do Alemtejo

—(*)—

Muito importante

Modo de evitar ou atenuar a invasão da doença dos cereaes, conhecida vulgarmente pelo nome de «Alforra» ou «Ferrugem»

De muitas regiões do nosso paiz temos sido informados de que este ano foi muito intenso o desenvolvimento da «Alforra», e temos recebido algumas amostras de trigos atacados pela doença. Apezar disso, temos recebido centenas de magnificas informações do estado das searas e das respectivas colheitas, as quaes brevemente começaremos a publicar, mostrando todas elas que os efeitos dos adubos da marca registada «Trevo de 4 Folhas» continuam, como nos outros anos, a manter os seus creditos.

Com respeito á doença, alguns lavradores dizem que não é a »Alforra», outros dizem que efetivamente é esta doença que todos os anos costuma aparecer com mais ou menos intensidade, mas que este ano se desenvolveu com uma força e uma rapidez assombrosas, destruindo muita seara que tinha otimo aspeto, ou impedindo o desenvolvimento regular das espigas e diminuindo assim a colheita.

Não ha duvida de que o ano cerealifero esteve bastante prometedor e as searas tinham crescido em excelentes condições e tudo fazia prever uma boa colheita. As irregularidades do tempo foram prejudicar a vegetação normal, mas foram favoraveis para o desenvolvimento da doença a «Alforra». Foi na provincia do Alemtejo que a «Alforra» manifestou os seus perniciosos efeitos em maior escala, mas felizmente, nem em todas as regiões o ataque da doença foi grande. Até houve localidades em que a doença se manifestou, tendo outras searas pegadas, em que quasi não se notou a doença.

O que está provado pelo Laboratorio especial é que a doença é a *Alforra* (Puccinia Rubigovera), e estamos certos de que a maioria dos lavradores ignora a origem da *Alforra* e o modo de a evitar ou atenuar. A *Alforra* é uma doença devida a um fungo, a qual se transmite por um esporo; este esporo, pequenissimo e só visizel ao microscopio, é o propagandor da doença de um ano para o outro, pois que passa o inverno nas plantas selvagens, como são as borragineas, lingua de vaca, consolda, lingua de cão, gramineas selvagens, etc.

Chegada a epoca propria da germinação do esporo, se as condições de temperatura e humidade forem as favoraveis para o seu desenvolvimento, o esporo germina e ataca as searas proximas, desenvolvendo a doença que tão grandes prejuizos causa.

Ora, se a doença este ano tomou um grande incremento, foi porque já existia nas propriedades, este ano semeadas, e tendo este ano havido um tempo mais favoravel do que o costume, desenvolveu-se facilmente e atacou rapidamente.

E', pois, urgente que todos os lavradores seareiros contribuam para impedir o desenvolvimento e propagação da *Alforra*, ou atenuem os seus estragos, até completo desaparecimento. Convem, no entanto, acentuar que para a *Alforra* não ha nenhum remedio depois da sementeira feita, mas para impedir o seu desenvolvimento e propagação é indispensavel seguir as seguintes instruções:

1.º—Destruir, por meio de arranque e queima ou de queima na terra, todos os restolhos e as hervas espontaneas (com especialidade as que pertencem á familia das borragineas e gramineas selvagens, visto que é nestas plantas que está o esporo que propaga a *Alforra*).

2.º—Adubar com adubos exclusivamente quimicos, pois que os adubos, além de serem fertilisantes, dando alimentos ás plantas, são tambem desinfetantes como produtos quimicos que são, e, portanto, não são propagadores das doenças, mas, pelo contrario, atenuam e diminuem as consequencias da invasão das doenças.

3.º—Empregar variedades de trigos precoces e conhecidas na região como mais resistentes ás doenças. Ha toda a vantagem em empregar as sementes selecionadas, sementes provenientes de outras regiões que até então não tenham sido atacadas por *Alforra* e outras doenças.

4.º—Semear em linhas, para favorecer o arejamento e diminuir a humidade, pois que o excesso de humidade é egualmente prejudicial, sendo egualmente conveniente enxugar os solos humidos.

5.º—Lavrar bem profundamente o terreno, processo este muito favoravel, sob varios pontos de vista, para o perfeito desenvolvimento da vegetação em boas condições.

Além de tudo isto, convem fazer a lavagem do trigo com solução de sulfato de cobre; embora estas lavagens não evitem a *Alforra*, evitam outras doenças que pódem atacar os cereaes.

Não podemos, pois, deixar de chamar insistentemente a atenção de todos os lavradores, cultivadores de cereaes, para a necessidade de fazerem o que acima está indicado, visto que os unicos meios conhecidos para o combate da *Alforra* são os que apontámos.

E' claro que se torna urgente a destruição de todas as plantas e restolhos existentes nas terras, quer tenham sido semeadas este ano, quer não, porque tanto numas como noutras é natural que esteja o esporo que póde de futuro novamente estragar as searas, se as circunstancias do tempo lhe forem propicias. Não perder de vista este importante assunto, para evitar novo ataque intenso, tanto mais que o do presente ano não foi pequeno, devido ao desconhecimento dos lavradores.

Um outro ponto de enorme importancia, para que chamamos egualmente a maior atenção, é que aos Adubos quimicos se deve, em grande parte, não terem sido mais atacadas as searas, especialmente á Potassa, porque está reconhecido que todos os adubos exercem uma ação mais ou menos desinfétante. E' o que se tem verificado no nosso paiz, confirmando os resultados obtidos no estrangeiro. De lavradores que empregaram a Potassa, quer no estado de Kainite, quer no estado de Coloreto ou Sulfato de Potassio, temos as melhores informações, não só do aspeto das searas, como especialmente das colheitas, dizendo-nos que as sementeiras que tiveram Adubos Potassicos ou não tiveram a *Alforra* ou foram menos atacadas. Todos os lavradores devem sempre empregar, juntamente com os outros adubos fosfatados e azotados, a Potassa, porque este elemento, além de ser essencial á vegetação, tem uma influencia muito acentuada no trigo, dando mais peso e ficando o trigo mais rico e melhor formado, e ao mesmo tempo saneando o terreno.

A casa O. Herold & C.ª, de Lisboa, com sucursaes em Lisboa, Porto, Pampilhosa, Regoa, Santarem, Evora e Beja, dá todas as instruções sobre o modo de adubação para qualquer cultura e outros esclarecimentos.

A todos os lavradores que o desejarem se dão esclarecimentos mais detalhados sobre o modo de evitar a *Alforra*.

Todas as sucursaes estão completamente habilitadas a fornecerem todas as qualidades de adubos para qualquer sementeira. Peçam já as tabelas e folhetos e o jornal gratuito—*O Fertilisador*.

Dirigir tambem a *Fortunato Vaz* —**Camarneira**—CANTANHEDE.

ANUNCIOS

Editos de 8 dias

(2.ª *publicação*)

NO juiso comercial da comarca de Montemór-o-Velho e pelo cartorio do escrivão Sampaio, nos autos de falencia aberta ao comerciante que foi da vila de Pereira, Virgilio Paiva de Carvalho, a requerimento de Carlos Augusto Louzada e João Vieira da Silva Lima, negociantes de Coimbra, correm éditos de oito dias contados da segunda publicação d'este anuncio no «Diario do Governo», citando o falido dito Virgilio Paiva de Carvalho, e os crédores dêste, á Fazenda Nacional, José Fernandes Giraldo, dos Casaes do Campo; Dona Maria da Encarnação Ferreira Couceiro de Melo, Augusto Giraldo, Joaquim Pedro Carrilho, estes de Pereira; Bernardino Faria das Neves Guimarães, do Porto; Felisberto José Lopes, de Taveiro, e os requerentes Carlos Augusto Louzada e João Vieira da Silva Lima, de Coimbra, para no praso de cinco dias, depois de findo o dos éditos, dizerem ácerca das contas apresentadas por Antonio José Dias Galvão, administrador da massa falida.

Montemór-o-Velho, 2 de julho de 1913.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei:

Lemos Viana.

Editos de 8 dias

(2.ª publicação)

NO juizo comercial da comarca de Montemór-o-Velho e pelo cartorio do escrivão Sampaio, nos autos de falencia aberta ao comerciante que foi da Vila de Tentugal, José Dias d'Abreu, a requerimento da firma comercial Novaes & Silva, Sucessor, do Porto, correm éditos de oito dias contados da segunda publicação do respectivo anuncio no *Diario do Governo*, ditando o falido dito José Dias fi'Abreu, e os credores d'este, a vrma requerente Novaes & Silna, Sucessor, a Fazenda Nacional, João Vieira da Silva Lima, oe Coimbra; M. Costa Duarte, de Lisboa, e a firma comercial Domingos Duarte & Companhia, do Porto, para no praso de cinco dias depois de findo o dos éditos, dizerem ácerca das contas apresentadas por Bernardo Gonçalves Ferreira, administrador da massa falida.

Montemór-o-Velho, 6 de julho de 1913.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei,

Lemos Viana.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSOES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz** — Camarneira — Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

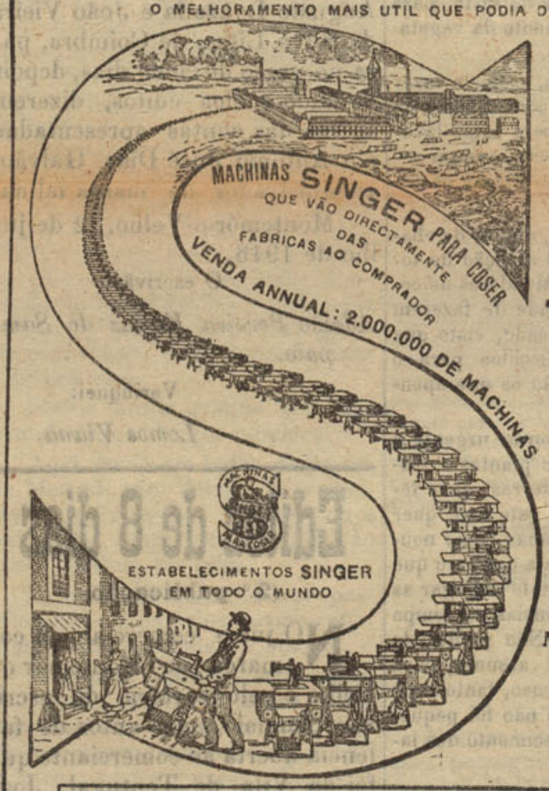
PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne. Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

MELO & MARTINS

Com armazem de adubos quimicos, sulfato de cobre, enxofre e cal para construções

Endereço postal e telegrafico:

PAMPILHOSA DO BOTÃO

São nossos representantes em Mortagua:

NA POVOA, o snr. José Paulo

NA ESTAÇÃO, o snr. José Tomaz.

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.

O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.

Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

MURALINE -Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle,,

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

CASA HAVANESA

16 — Rua Ferreira Borges — 18

COIMBRA

Sortido completo em tabacos, papelaria e perfumarias. Molduras para quadros e galerias, o que ha de mais moderno. Artigos para desenho, pintura a oleo, aguarela, foto-miniatura e pirogravura.

BILHETES DE VISITA

Novidades para brindes, artigos de viagem e toilette, etc.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Biblioteca da Universidade
Coimbra

21. JUL. 13

Ano 2.° Arazêde, 20 de Julho de 1913 N.° 74

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os originais, quere sejam ou não publicados. Não se aceitam informações anónimas.

O DEVER

Semanário Republicano

Assinaturas

PORTUGAL E COLONIAS PORTUGUEZAS—Ano 120 centavos; semestre, 60 centavos; trismestre, 30 centavos.
BRAZIL — Ano, 2 escudos, fortes.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO
Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR
Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*
Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ
Redação e Administração — ARAZÊDE
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

Pátria e Humanidade

MALDIZENTES

Tem sido verdadeiramente feroz a campanhada levantada pela politica evolucionista contra o governo a que preside o sr. dr. Afonso Costa, principalmente desde que este estadista, num gesto herculeo e esmagador, conseguiu equilibrar, com saldo, o orçamento do Estado. E dizemos feroz, porque todos os jornais da oposição, norteados pelo orgão do evolucionismo, parece que se coligaram para fundibular, num movimento desvairado, a obra dum governo que se tem interessado pelos destinos da nação.

A imprensa do sr. Antonio José d'Almeida tem sabido interpretar devidamente as intenções ambiciosas do seu chefe, os seus sentimentos de ódio ao adversario politico, e daí o mantêr-se no propósito agressivo de ferir de morte um homem que se tem avantajado em processos de governação desconhecidos no nosso país até ha pouco tempo.

Se ámanhã o sr. Antonio José d'Almeida subisse ao podêr e puzesse em prática o seu programa extraordinario, de que faz parte a amnistia aos conspiradôres e a paz religiosa, seria naturalmente aplaudido por aquêles que agora dizem mal de tudo o que faz o govêrno afonsista. Acham que é vantajôso o pacto com conspiradôres e com a cúria romana, e não reconhecem vantagem na extinção do nosso *deficit* e na implantação de muitos melhoramentos. Ha simplesmente a preocupação de dizêr mal, mas sem coerencia, sem uma excéção, sem a menor parcela de bem-senso.

Nós têmos sabido fazêr restrições á obra do sr. Afonso Costa, e poucos, cômo nós, em condições de independencia, têm a coragem para o fazêr. Não sômos dos que ocultam êrros ou desleixos governamentais para tão sómente turibular o que de melhor aparece á supuração. Sabêmos publicar e condenar o que de mau se pratica, fazendo a justiça de louvar o que se realisa com lógica. E procedendo assim, não nos confundimos com êsses amoucos dos partidos politicos que, duma e doutra parte, fazem traquibernias, fazem bandoleirismo, sem o menor respeito pela verdade e pela justiça, numa febre demolidôra de principios e de ataques á mão armada.

* * *

No ministério Afonso Costa têm-se praticado culpas que afectam mais ou mênos a vida nacional, ou, pelo mênos, que vão de encontro á vontade de certas classes que não têem respeitados os seus direitos inviolaveis? Sem duvida. Mas isso não é motivo para se lhe declarar uma guerra de morte, que apênas significa sectarismo, ódio, violencia e uma mávontade sistemática e inqualificável.

O govêrno ainda está a tempo de se penitenciar de tôdas as culpas em que haja incorrido, e isso simplesmente o dignificará. Ha questões pendentes e de gravidade, a que o govêrno não póde conservar-se alheio e que, estamos certos, ha de solucionar sem desdouro para os seus bons creditos e para a integridade da sua vida governativa.

Se o não fizer, então que aparêça alguem, que aparêça toda a gente a acusá-lo, porque unicamente cumprirá um devêr de justiça e de equidade.

Antes disto, todo o trabalho de sapa, tôda a guerra surda que se lhe tem movido, é intempestiva e é indicio de que ainda ha, infelizmente, no nosso pais, quem siga os processos da monarquia que a fizeram baquear.

Sofreiem, pois, os seus impetos os maldizentes, e saibam descriminar os bons dos maus actos, condenando estes, mas sabendo louvar aquêles.

E assim se evitam muitas hostilidades.

NOTAS

?

Pergunta a *Gazeta de Coimbra* onde poderá a cidade do mesmo nome encontrar novos elementos que supram a falta da academia.

Eis um assunto que a comissão de defeza deve estudar. Não se trata, porém, de suprir a falta de *toda* a academia, mas duma *parte*. E a comissão, interrogando directamente o governo e exigindo a rápida realisação dalgumas das prometidas compensações, obterá resposta á pergunta da *Gazeta*.

O que é preciso agora é agir perante o governo, e não ficar a cidade entregue a decisões proprias. O snr. Afonso Costa prometeu; o snr. Afonso Costa tem de cumprir, visto que ele sabe sempre honrar os seus compromissos.

Porquê?

Queixam-se-nos alguns professores do concelho de Montemór-o-Velho de que ainda não receberam o ordenado do mês de junho, parecendo mesmo que todo o professorado do concelho está no desembolso dos seus vencimentos.

Chamamos a atenção do snr. ministro da Instrução Pública para que mande averiguar quanto antes da falta de pagamento aos professores do referido concelho.

Já se lhes paga mal, e não é justo agora que se lhes pague tarde e a más horas.

Só o "Mundo"

A *Republica* não sabe senão ocupar-se, na sua secção *Ditos e feitos*, de coisas que o *Mundo* diz na sua secção de *Ecos*.

Parece que a *Republica* só lê o *Mundo*, mas vê-se bem a má intenção com que o lê. Lê-o para depois agredir homens e factos, fazendo assim, em vêz de politica, um verdadeiro bandoleirismo.

Não seria mulher que a *Republica* mudasse de processos, enveredando pelo caminho da paz, que tanto apregôa, e abandonando os atalhos da discórdia?

Azul e branco

Foram apreendidas na Guarda, um dêstes dias, bandeiras azues e brancas—simbolo daquela desavergonhada velha que todos nós conhecemos. O apreensor foi o mesmo que para lá as havia despachado, segundo nos informam.

O facto faz-nos lembrar coisa identica, que se deu a semana passada: um empregado do caminho de ferro levava contrabando d'armas num cesto. Como desconfiou que lhe deram com a marósca, faz passar um telegrama a si proprio para apreender a condessa com os revolveres.

Quando acabará, afinal, esta comedia?

Talvez que o das bandeiras soubesse que em Guarda ha falta de farrapos para limpar... qualquer coisa.

Nôvo ensino

O decreto que definitivamente entregou ás camaras municipaes a administração do ensino primario e pôs em plena execução a Reforma de 29 de março de 1911, implica para o professor a obrigação de já no proximo ano lectivo ministrar o ensino dos trabalhos manuais educativos. Parece tambem que nas estancias superiores ha o firme proposito de fazer cumprir rigorosamente essa parte—uma das melhores—dá tam discutida obra do snr. dr. Antonio José de Almeida, que aos trabalhos manuais e á modelação se refere nos seus artigos 5.°, 9.°, 10.° e 11.°.

Néstas circumstancias, muitos professores tratam de adquirir o unico livro que ha em portuguez, capaz de lhes fornecer as noções que o novo ensino dêles exige, a fim de durante as férias se habilitarem para utilmente colaborar na importantissima reforma pedagógica que o nosso ensino primario vai experimentar e que tam bons resultados tem dado no estrangeiro. Querêmos referir-nos ao *Guia Prático de Trabalhos Manuais Educativos*, organisado pelo distinto professor Manuel José Antonio.

A titulo de informação, dirêmos que, embora ele tenha marcado o preço de 500 réis, é remetido pelo correio a quem enviar 425 réis ao seu editor, o snr. J. Pereira da Silva, do Largo dos Loios, 45, Porto. Como nos conste que a edição foi pequena, achâmos conveniente aconselhar os professores a que não demorem os seus pedidos, para, no caso de ela se exgotar, poder ser feita outra ainda a tempo de servir para o proximo ano lectivo.

Transcrição

O *Bussaco*, tri-mensário evolucionista de Luzo, transcreveu a noticia sobre a oferta da poesia do snr. Augusto de Castro, e quasi todas as noticias incertas no numero passado do *Dever*. Agradecidos.

Horas d'insónia

«A nossa vida são páginas vivas onde o destino cruél marcou a ferro em braza um sofrimento sem fim.

Desejo ardentemente o pronto restabelecimento da mãe déssa santa velhinha cujos cabelos brancos merecem ser beijados um a um e amortalhados dentro da alma de todos os que tiverem uma mãe assim amigu e boa».

E' assim a vida de todos os párias. Páginas vivamente sentidas, nas quais o destino cruel marca sempre com profunda ingratidão um sofrimento interminavel.

E depois, ter uma mãe com cabelos brancos, sorridente e querida, sempre pronta e resignada para todas as intemperies, deve ser a suprema aspiração dos que, distinguindo-se pelos dotes de educação, se distinguiram sempre pelos dotes do caracter.

Quem seria o autor de tão sentimentais palavras? Algum desiludido? Fosse quem fosse, elas revelam uma inorme queda para a perfetibilidade humana, segredam-nos que nem tudo está inteiramente viciado, perdido, contaminado de maldade, atrofiado de cinismo.

O relato dos jornais dão-nos várias vezes noticias desagradaveis: filhos que espancam as mães, que maltratam os irmãos, que não querem saber dos seus, etc. E a gente lê aquilo e perguntamos a nós proprios se as aberrações psicologicas serão de tal natureza nocivas a ponto de causarem assim desvairamentos e actos de inqualificavel vandalismo. Uma coisa nos alegra, porém, e vem a ser a lembrança agradavel de que, contudo, no seio humilde do povo ainda se encontram criaturas capazes dos mais elevados rasgos de humanitarismo, sensiveis a todas as dôres alheias, submissos a todas as intemperies da vida, por mais prejudiciais que elas sejam.

Com efeito, as linhas que servem de tema a estas nossas considerações, e que fôram ditadas por um obscuro filho da plébe e dirigidas a alguem de superior cultura, como nos revelou o proprio que as escreveu, bem demonstram a sensibilidade do ser humano e de quanto ele é capaz em prol dos que sofrem e dos que têem fome e séde de justiça.

E' que a nossa vida, a vida de todos os párias são paginas vivas em que o destino cruel marcou para sempre, com ferro em braza, um sofrimento sem fim.

ALMEIDA JUNIOR.

Demagogia e Liberdade

E' extraordinariamente patetica a fórma como tem sido deturpados estes dois vocabulos da lingua portugueza, empregando-se muitas vezes para deprimir pessoas, colétividades e até as proprias instituições. No antigo regime todos se diriam liberais, e desde o mais estrenuo republicano, até ao mais requintado ultramontano defensor do trono e do altar punha nos labios a palavra liberdade. Era sem duvida para estes ultimos, o cumulo da incoerencia, mas como a fraze soava ás *massas*, empregava-se embora se sentisse o efeito contrario.

Eu tenho ouvido dizer que a palavra liberdade só se deve empregar quando ela represente a faculdade de agir, segundo os ditames da nossa vontade, ou o direito de poder fazer tudo que não seja contrario aos direitos dos outros; e a demagogia só póde existir nas classes populares onde predominem os agitadores da plebe com ambição de dominar.

Ultimamente tem socedido diversas manifestaçees populares, que são logo classificadas como actos de demagogia; muito principalmente por certa imprensa *talassica*, (e quem tal havia dizer) até por alguns republicanos.

Quando hoje aparece em publico, qualquer individualidade politica, que se tenha orientado na opinião, é recebida com vivas e palmas pelas massas populares, e este facto é logo classificado como um acto de demagogia. Se algum dos propagandistas do credo republicano se desviou das promessas que fez ao publico, nos comicios e na imprensa, nos congressos e nos clubs; entendendo que se deve dar desde já a anistia, a padres rebeldes e conspiradores, embora estes se conservem armados e aqueles em perfeita rebelia: o povo que se sente iludido e delubriado, demonstra-lhe, ainda que de uma fórma suave o seu desagrado, e logo ali se encontra um acto de demagogia.

O povo aplaude os homens do governo que melhor tem satisfeito aos principios e á doutrina do velho partido republicano, pois é imediatamente apodado de governo de demagogia.

Os republicanos manifestam o seu desagrado á imprensa monarquica, que só vive da calunia e da intriga, do suborno e do accinte depreciando as leis, e as autoridades legalmente constituidas; pois esses republicanos são logo apudados de demagógos. Meia duzia de canibaes com fórma humana reunem-se em uma casa a que dão o pomposo nome de *Sindical*, resolvem lançar bombas em plena rua de Lisboa no dia em que a capital do paiz celebrava um prestito publico em honra e gloria do maior poeta e patriota do nosso paiz, atingindo crianças e mulheres indefezas, sem responsabilidade moral ou politica, dos seus infortunios: o povo republicano (e por que não dizel-o) corre a casa sindical, ninho e covil dessa caterva de malfeitores, e no auge da sua indignação pretende inutilisar tudo, mas não estraga couza alguma e não faz mal a ninguem; e nas Camaras levanta-se um senador pedindo castigo para aquele acto de demagogia?!!

E' demagogia, snr. Senador?

Pois seja. Eu se lá estivesse fazia o mesmo.

Na antiga carta constitucional, que esse senador talvez ainda hoje lamente não ver em vigor; dizia-se que a soberania da Nação estava no Povo, todavia quando o povo se manifestava na praça publica, contra os roubos e latrocinios á fazenda publica, era dissolvido á pranchada pelos janizaros da municipal e pelos argus da policia civil, apodando-os de ralé, de vadios, de canalha. Hoje, em plena republica, ainda é a mesma imprensa, ainda são alguns homens do antigo regime, talvez aqueles que apoiavam no parlamento monarquico toda a quantidade de subornos e concussões, que vem chamar ao povo republicano a canalha, a demagogia!!

Eu não me repugna aceitar a classificação de demagogo, feita por essa imprensa latrinaria (como muito bem diz o grande orador Alexandre Braga) e por alguns monarquicos, que talvez não fizessem curso superior por falta

de bestunto, mas aprenderam divinamente as piadas do Padre Matos.

Tambem demagogos foram todos aqueles que nos libertaram da pata dos Filipes, de Castela, em 1640. Tambem foi a demagogia que expulsou do territorio da Patria Portugueza, as garras aduncas das Aguias Napoleonicas em 1810.

Foi egualmente a demagogia, quem fez as campanhas de 1820 a 1833, livrando-nos assim dum governo despota e reacionario, apologista e defensor da forca e do *cacete*.

E foi por ultimo ainda a demagogia quem nos trouxe essa aurora de redenção e essa data gloriosa a que chamamos o 5 de outubro de 1910!

Mas ainda tem de ser mais. A demagogia é quem tem sustentado a republica; a demagogia será sempre a sentinela vigilante das instituições republicanas; contra os conspiradores internos e externos.

A republica foi feita pelo povo e para o povo, e será sempre o povo, os liberaes, os demagogos, que a devem manter e garantir no futuro.

Vitorino Teofilo

CRÓNICA DE LISBOA

Eu quizéra que por esse prisma que nos mostra o flanco nú da Rialidade todos vissem, bem cláro, bem nitido, a vida do lar conjugal.

Poderia chamar a essas scenas, dramas horripilantes, todavia, atendendo a que esta vida não passa duma comedia, limito-me a rotulal-as com a etiqueta pueril de *fitas de animatografo*.

A energia começa a desenvolver-se por todas as vértebras metálicas do aparelho e os raios luminosos vão esbater-se no *ècram* que se encontra ao alcance de todas as vistas—a bisbilhotice popular.

Quasi sempre o cartaz traz o mesmo *film* de sensação — *O Ciúme*, embora com intérpretes diferentes. E sempre, positivamente sempre, tem enchentes, embora seja uma fita já corrida e estafada.

Para os evitar seria necessario que por uma vez se fechasse esse mercado infame—o Casamento.

Porque toda a mulher que se casa vende-se com todas as praxes de transação comercial.

Estou a vêr as minhas gentis leitoras lançarem-me uma miriade de olhares indignados. Pois quê? o casamento côr de rosa, tão lindo, que lhes faz palpitar o coração por sob os seios virgens, assetinados, ha de ser a causa de tantos males?!... Não, isso não! O cronista endoideceu....

Seja como quizerem. Todavia, sustento a minha acusação. Se vós amais e no fundo anciais uma união, para que firmais contratos e registos? Não será isso uma formalidade, uma reles formalidade dispensavel? Depois, olhai: quando o vosso querido vos pede um beijo, vós, nessa *ingenuidade imaculada*, antevêdes um arrojo a que chamais desgraça e só após o casamento cedeis. Isso prova a desconfiança, que, adentro do amor, não é admissivel.

No emtanto afirmais que o amais cegamente e que se ele vos faltasse buscarieis a morte em quatro pastilhas de sublimado—expediente vulgarissimo nas modernas creadas de servir.

Ora, essas *fitas animatograficas* não só se desenrolam nos lares que teem escritura de venda, mas tambem no conjunto das amantes e, porisso, talvez que alguma Julieta menos paciente me tente rasgar o libelo acusatorio ao casamento, que eu reputo de dispensavel, se não ignobil.

Mas eu perfilho esta doutrina: dois seres contraíram a união, dois seres pódem desfazer sem importunarem autoridades que pódem encarcerar o corpo mas nunca os desejos da nossa alma.

Partir sem fazer alarde, eis a questão.

A mulher não ficaria deshonrada em ter pertencido a outro homem. N'esse caso, as viuvas d'hoje seriam criaturas abjetas.

* * *

Após este punhado de verdades que nem todos acatarão, vejo surgir, donde menos espero, esta exprobação dolorosa: —Oh! você nunca amou, decerto! Engano. Amei, sim. Amei com todas as veras da minha alma um arcanjo por quem daria a ultima gôta do meu sangue. Era uma meretriz!...

Meretriz, mas não corrúta. Já viram criarem-se microbios em meio de sublimado corrosivo?...

Oh! pudessem as meninas que orgulhosamente conservam a corôla da virtude amar tão ternamente como esse junquilho do bordel!

Gomes Monteiro.

PAZ

Depois de ter escrito algumas linhas *abstratas* no *Dever*, não era corréto nem próprio do meu temperamento, retirar-me á paz do meu silencio sem alguma coisa deixar de *concreto* nas colúnas do mesmo jornal, para cujo fim apelo para a lealdade da respetiva redação.

Não fui compreendido ou não me fiz compreender, e é por isso que, *uma vez sem exemplo*, eu vou ser tão concreto quanto m'o permitam as posses de que disponho, pedindo desculpa se ainda assim o meu esforço não corresponder ao desejo que o determina.

Principio.

Está a Humanidade devidida em muitos grupos, cada um deles tendo a norteá-lo uma *especialidade* diferente, — especialidades tão boas umas como as outras, mas em cuja *diferença* consiste a causa de todas as desgraças do homem.

Não quero dizer que para os outros eu não esteja em êrro: para mim sei que o não estou, e isso me basta.

Mas vamos para deante, porque a Ignorancia crassa e invencivel seria até capaz de, com a ferocidade do seu voracissimo atrevimento, fazer pasmar de horror a propria hyena, no momento em que esta se estivesse dispondo para assaltar um cemiterio a fim de desenterrar os cadaveres e devorar-lhes depois a carne em decomposição.

Tudo o que se vê e se não vê, se ouve e se não ouve, se pensa e se não pensa, se sente e se não sente — ou seja Tudo e Nada, — só póde ser determinado por *Um Unico*, seja Ele Vida, Misterio, Natureza, Deus, Diabo ou o que fôr.

Ou existem *Dois?* Ou existem *Mais?*

Não se concebe! Não se admite!

Portanto, esse Unico é ou não é o Pae de Tudo e Nada? E'! Logo: Alcorão, Veda, Brahma e Biblia; altares e tronos, catolicos e apostolicos, romanos e cristãos, grêgos e protestantes, musulmanos e judeus, hebraicos e mahometanos, jesuitas e maçons, deistas e impios, livres-pensadores e atheus, politicos e indiferentes, traficantes e traficados, etc., etc., etc., abaixo o pendão da vossa egoista *especialidade* e vivam Todas as especialidades no *Conjunto!*

Sim, curvemo-nos todos, reverentes e respeitosos, perante o conjunto de Todo o Existente desde a linha divisoria do *Nada* para cá!

Não queiramos ser mais papistas do que o proprio papa!

Respeito por *Tudo* ou, então, passagem ao *Nada!*

E' esta a minha religião.

Lisboa (Bemfica), 8 de julho de 1913.

Leopoldo Torres Fernandes.

Dr. João Constantino

Já aqui se encontra desde terça-feira este nosso estimado amigo que, provisoriamente, acaba de instalar o seu cartório de notario no logar de Vila Franca.

Ao snr. dr. João Constantino apresentamos os nossos cumprimentos de boas-vindas.

Carta de Coimbra

Como sabeis, Coimbra, a formosa cidade do Mondego, resolveu manter o seu protesto, conquanto houvesse deliberado retomar a sua vida activa.

Coimbra conservou e conserva ainda hoje, uma atitude digna de registo, que o governo sem duvida deve tomar em linha de consideração.

E' devéras lamentavel, que num assunto desta ordem, alguns politicos se queiram intrometer, desvirtuando este movimento, que nada tem de politico e com o qual sómente se pretende defender os legitimos interesses duma cidade, que deseja progredir.

Se bem que, seja apologista da creação da Faculdade de Direito em Lisboa, devo mais uma vez dizer, que acho urgente, que esta nobre cidade tenha as compensações que tanto merece.

Parece-me excelente a ocasião para lembrar a creação duma escola de Belas Artes, neste cantinho portuguez, que os grandes artistas não cessam de admirar.

Segundo me consta, realisam-se nos dias 20, 22 e 24, as provas do concurso hipico, promovidas pela simpatica sociedade *Tiro e Sport*, que tanto tem trabalhado pelo desenvolvimento dos diferentes ramos sportivos.

No concurso tomam parte alguns dos nossos melhores cavaleiros, o que tudo leva a crer, que será uma excelente festa, que atraírá a Coimbra grande numero de visitantes, que não só terão ocasião de disfrutar encantadores panoramas, como tambem de apreciar essas soberbas delicadezas da arquitetura, que nos recordam atravez de tão longos anos, as paginas brilhantes dum passado glorioso.

J. N. L.

Imprensa

Completaram mais um ano de existencia os nossos colegas de Coimbra, *A Briosa* e *Gazéta de Coimbra*.

Cordeais felicitações.

Notas pessoais

Vitimada pela meningite cerebro-espinal, faleceu no dia 15, pelas 15 horas, a menina Inocencia Baía, extremosa filha do nosso amigo, snr. Antonio Baía, desta localidade. A desditosa menina contava apenas 14 anos de idade, e era muito estimada por todas as pessoas que lhe apreciavam as suas boas qualidades e os dotes do seu coração generôso. Por este motivo, causou infinita mágua o seu passamento, tanto mais que a terrivel doença conservou-a no leito por um espaço de tempo relativamente curto, roubando a a morte logo depois aos carinhos de seus pais e das pessoas que lhe tributavam uma justa simpatia.

O seu funeral realisou-se no dia seguinte, sendo muito concorrido, e vendo-se o caixão da finada cercado de muitas corôas e ramos artificiais com diferentes dedicatórias.

A' familia da simpática menina enviamos a expressão do nosso sentido pezar

— Visitou-nos ha dias na nossa redacção o snr. Salema Vaz, habil lidador aficionado.

— De S. Tomé (Africa Ocidental) regressou ao Zambujal, sua terra natal, o nosso amigo e assinante, snr. Luiz Francisco Monteiro, a quem cumprimentamos.

— Do Lobito (Africa Ocidental) chegou a Figueira da Foz, em goso de licença, o snr. Antonio Pereira Correia, empregado superior do caminho de ferro e antigo inspector do movimento da Beira-Alta.

Damos-lhes cordiais boas-vindas.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

LXV

O novo Ministro da Instrução
— Uma entrevista com o dr. João de Deus Ramos
— Queremos factos

Está nomiado o novo ministro da instrução publica. Foi o snr. dr. Sousa Junior o escolhido para tam importante cargo, numa assembleia de varios representantes do partido democratico.

Não nos agradou este facto, pelos motivos aqui expostos no nosso penultimo artigo. Temêmos muito que, na fiase do dr. João de Deus Ramos, numa entrevista que ha tempos concedeu á *Patria*,—a nomeação de um politico profissional para a pasta da instrução seja um erro, ou mesmo uma calamidade.

E já agora julgamos interessante transcrever para aqui uma parte da tal entrevista — porque apresentava para o assunto uma solução pratica e justa.—«A meu ver—dizia o ilustre filho de João de Deus—as coisas poderiam correr de outra maneira, a contento de todos e com vantagens. O ministro do interior oficiava aos conselhos das escolas superiores, secundarias, técnicas e especiais e Directorio do professorado primario, convidando cada uma destas corporações a eleger os seus delegados, que constituiriam uma especie de camara do professorado. Esse senado seria dividido em secções, cada uma das quais discutiria, separadamente, as bases da reforma da instrução. Discutidas e aprovadas nas secções respectivas, essas bases da reforma seriam apresentadas á camara do professorado e ai novamente sujeitas á discussão geral. Isto teria a vantagem de dar á reforma da instrução uma unidade, um espirito de sequencia de que ela carece para dar, na pratica, bons resultados.

«Logo que estivesse aprovada essa reforma da instrução, a camara elegeria tres dos seus membros para de entre elles ser escolhido, pelo Presidente da Republica, o ministro da instrução.

«Esse ministro não ia, por consequencia, executar uma obra exclusivamente sua, o que lhe evitaria erros, falta de conhecimento de determinados assuntos, etc., mas ia executar o esboço do programa que a camara tinha elaborado, programa em que todos os assuntos estavam harmonisados, em virtude da sua discussão particular, na secção respectiva, e da sua discussão geral. A obra desse ministro teria assim um caracter de uniformidade, que muito havia de contribuir para o desenvolvimento simultaneo de todos os ramos de instrução.»

Isto assim entendia-se e facilmente se conseguia. Mas... não convinha, e por isso a indicação valiosissima do dr. João de Deus Ramos foi despresada, como despresadas foram as do dr. João de Barros e outras.

Em todo o caso, como nos dizem ser o snr. dr. Sousa Junior uma inligencia brilhante e um trabalhador incançavel, indo de mais a mais para o novo logar animado da melhor vontade de acertar, conforme declarou ha poucos dias no *Seculo*, póde ser que a sua qualidade de politico profissional o não impeça de fazer obra util e duradoira. Agradaram-nos as suas declarações, no acto da posse, como igualmente muito gratas nos foram as do illustre chefe do governo. O que é preciso é entrar quanto antes no terreno dos factos. Nós cá estamos para os apreciar, conforme o seu valor.

Terminamos, como nos cumpre, saudando o novo ministro da instrução publica.

Prof. Manoel José Antonio.

O Ministerio da Instrucção

Está criado, finalmente, o Ministerio da Instrucção.

E' coisa de pouca importancia para os politiqueiros impiedosos que por ai abundam, e para aqueles para quem a Patria vale menos — sem serem anarquistas — do que o lustro envernisado das suas botas. Mas para nós, os professores de instrução primaria, que somos verdadeiros patriotas e vemos na instrução bem orientada, o mais seguro esteio duma nacionalidade, que temos os nossos interesses mais ou menos ligados a esse Ministerio —para nós, a sua criação é alguma coisa de vulto, é um facto de bastante importancia.

Pois é verdade; está criado o Ministerio da Instrução. E', portanto, ocasião sobejamente oportuna para fazermos algumas considerações sobre tão momentoso assunto.

Quem tiver acompanhado, dia a dia, o movimento do professorado portuguez; quem tiver olhado bem para as suas reclamações, terá visto, em primeiro logar, a criação do Ministerio da Instrução. Não é, portanto, uma aspiração de agora; é uma aspiração de ha muito tempo. Não é uma aspiração de novos; é uma aspiração de velhos lutadores, muitos dos quaes já tombaram na campa, arrastados pelo cançaço, batidos furiosamente pelo vento da desilusão. E' que a criação do nosso ministerio, impunha-se como uma necessidade rial, inadiavel.

A instrução, tal como estava, ligada ao Ministerio do Interior, estava muitissimo mal, visto que é um ministerio essencialmente politico, um ministerio, por assim dizer, cheio de intrigas e bisbilhotice. E a instrução —todos os professores são concordes n'este ponto, — deve estar absolutamente alheada dessas intrigas que só nos teem causado dano, dessa politica mesquinha e baixa que, segundo a pratica nos aponta, só nos tem sido prejudicial.

Mas, na escolha do Ministro, atender-se-ia rialmente a estes factos? O Ministerio da Instrução será, positivamente, uma barreira impenetravel contra a politica e a intriga, compreendendo assim, o seu representante, o papel que lhe está confiado? Receamos. E receamos com fundamentada rasão.

Toda a vida pugnámos porque o Ministro fosse escolhido fóra da politica, e, especialmente, que não fosse *matriculado* em determinado credo politico. Ora, foi precisamente o contrario disso, o que se fez.

Nós não negamos que o snr. Sousa Junior não seja uma inteligencia, um homem de caracter, um homem, emfim, com boas qualidades para governar. Mas é um politico, pertence a uma facção retintamente partidaria, e esse facto é motivo bastante para recearmos dos beneficios que elle possa fazer-nos.

Convém accentuar, entretanto, que não dizemos isto por partidarismo politico, que muito aborrecemos. Somos muito rebeldes e esse facto impõe-nos o dever de não deixarmos que no nosso pescoço roce qualquer das *coleiras* partidarias em que está dividida a politica portugueza. Não. Nós não dizemos isto por politiquice. Dizemol-o sinceramente magoado porque na escolha do Ministro se não seguissem os ditames da logica, e receosos, devido a estas circumstancias, de que no Ministerio da Instrução se vá respirar aquela atmosfera pesada, cheia de intriga, que se respira no Ministerio do Interior.

Nós não nos importamos que o snr. Sousa Junior pertença ao grupo *A*, *B* ou *C*. Preocupamo-nos simplesmente que ele pertença a qualquer desses grupos.

Oxalá que se nos desvaneça este pessimismo. Quando o snr. Sousa Junior nos provar com factos que não é um politico, e que põe, acima das paixões partidarias, os altos interesses da instrução e do professorado, nós não lhe regatearemos louvores, como de resto está no nosso habito, quando tratamos de prestar sincera homenagem a quem a ela tenha jus.

Prof. Guilherme Ferreira da Silva.

Agua da Curia
Semelhante á de Contrexeville
Estimula a acção dos rins, que são os filtros do corpo humano.
Experimentai a agua da Curia.

Uma justa reclamação

Veio novamente procurar-nos o snr. Manuel Pardal, pedindo-nos que dissessemos que, sôbre a questão do lagar dos Fornos, se manifestou ha tempo o snr. Augusto d'Andrade, vice-presidente da camara, no sentido de atender aos reclamantes, isto é, no intuito de melhorar a agua da fonte onde está situado o lagar. Nada fez, porém, e agora na visita a que compareceu o snr. sub-delegado de saúde, garantiu que a camara de nada tratava, visto o pôvo que reclama não pertencer ao concelho de Montemór.

Ora, é certo que esse pôvo pertence ao concelho de Cantanhede, mas a fonte está situada dentro do concelho de Montemór, e os habitantes dos Fornos não têm outra agua de que se utilizem nem probabilidades de a conseguir, visto no logar não haver facilidade em encontrar agua.

Disse-nos tambem o snr. Pardal que os proprietarios do lagar, que deram origem a esta questão, afirmaram, perante todos que aguardavam a chegada das autoridades, que se este ano o pôvo de Fornos se queixava da agua, para o próximo ano mais razão de queixa deverá ter.

Vê-se que isto assim não está bem. O pôvo não tem actualmente água potavel de que se possa abastecer, pois que a mesma água das valas de que se utilisava até aqui, apareceu infeccionada no dia imediato ao da visita dos snrs. administrador e sub-delegado de saude.

Urge, pois, que as autoridades do concelho não descurem o assunto e que o resolvam para beneficio duma população e não para servir clientelas, como alguem parece desejar. São estes os nossos votos. A camara de Montemór, até por um acto de benevolencia que muito a inalteceria, uma vez que se tratava dum beneficio popular, a camara de Montemór, queremos dizer, devia ser a primeira a provar, ao menos uma vez, que estava ao lado do povo. Mas as coisas, infelizmente, são o que são, e não o que parecem ser. Vamos a vêr, porém, se tudo isto acabará um dia.

O Cinematógrafo

PUBLICAÇÃO SEMANAL

por José Agostinho

CADA OPUSCULO 50 RÉIS

«O CINEMATÓGRAFO» É A CRITICA AUSTERA E IRÓNICA DA VIDA POLITICA DE PORTUGAL

Eis o sumario do 1.º numero:

PRIMEIRA FITA — *O dr. Teófilo e o dr. Camacho.—Dois odios em conflito.—Tres cançonetistas nos intervalos.*

SEGUNDA FITA — *No congresso.—Dois grandes senadores.—Ministros que revolucionam a Moral.—Os velhos parlamentares estadistas.*

TERCEIRA FITA — *O governador de Moçambique.— O congresso de Aveiro.—A conferencia no Porto.—Apoio... á China.—Quadros vários.*

E', como se depreende do sumário, uma bela sessão de cinematógrafo e barata.

Fitas de flagrante actualidade.

O Cinematógrafo encontra-se á venda nas principais livrarias e kiosques.

Deposito geral: Livraria Portuense de Lopes & C.ª—PORTO.

Recenseamento eleitoral

Começa ámanhã e termina em 2 de agosto o praso em que os cidadãos portuguezes devem apresentar os seus requerimentos para serem inscritos no recenseamento eleitoral. O requerimento a apresentar é do seguinte teor:

F... (nome, estado, profissão e morada), filho de F... e F..., de ... anos de idade, sabendo ler e escrever, e residindo ha mais de seis mezes neste concelho, pretende ser inscrito no recenseamento eleitoral. — Pede deferimento.

F...

(Reconhecimento autentico da letra e assinatura, se o requerente não provar, por certidão ou diploma especial, que sabe ler e escrever, pois neste caso basta o reconhecimento da assinatura.)

Devem juntar-se os documentos seguintes:

a) Certidão de idade passada nos termos ordinarios ou segundo este modelo:

Certifico, para fins eleitorais, que F..., filho de F... e F..., nasceu em... no dia... do mez de... de ... e foi registado (ou batisado) em ... (liv. ..., fl....)

(Data e assinatura.)

(Selo em branco ou reconhecimento.)

b) Atestado de residencia do presidente da camara, administrador do concelho, junta de paroquia ou regedor, conforme o modelo junto:

Atesto (ou atestamos), para fins eleitorais, que F... (nome, estado e profissão) reside neste concelho (ou bairro ou paroquia) de..., ha... mezes.

(Data e assinatura ou assinaturas.)

(Selo em branco ou reconhecimento da assinatura ou assinaturas.)

CARTA DE LISBOA

Com o aparato estrondôso tão próprio dos alemães, teve logar a bordo da canhoneira *Eber* uma festa em honra da colonia alemã. Isto em agradecimento a um chá que anteriormente fôra oferecido á oficialidade do elegante barco germanico pelo *club* Alemão.

Não ha que vêr: desde a arrogancia provocante dos bigódes do Kaiser ao kepi do ultimo dos seus granadeiros—emfim, tudo o que cheira a alemão—precisa niagáras de chá que nos tempos da infancia tão caro se tornou.

A França que o confecióne e sirva...

Seguindo rua Augusta acima eu vou esbarrár-me com a alcateia furibunda de elétricos, *autos*, charretes, motocicletas que, numa abalada doida se crusam em todas as direções. Um garôto passa distribuindo prospétos. Apodero-me de um e vejo em grandes carateres um protesto contra a construção de via elétrica ao Chiado.

Depois, empurrado por dezenas de vitimas, como eu expostas aos terriveis motauros, encontro-me sem saber como em frente da sucursal de «O Seculo» no Rocio.

Aí, em vistosos *placards* anunciam-se casos de sensação: O funesto epilogo da guerra turco-balkânica em que os aliados se tornam inimigos e se derrama um sangue inutilmente!

O julgamento do regicida Sancho Alegre que ha tempos tentou escorchár o rei de Espanha. E não saem daqui: é um doido, perdôem-lhe... é um criminoso, castiguem-no.

Cansado, aborrecido, compro o *Diario de Noticias*, e, nada; o mundo gira monotonamente como sempre.

Os meus olhos correm as colunas do jornal. De repente, um anuncio me detem: — «Cavalheiro estrangeiro deseja encontrar senhora nova, educada e de boa apresentação, falando francês ou inglês para praticar a lingua portuguêsa...»

Que dizeis, gentis leitôras? Um bom partido, não?...

Nitrato.

Com 17 anos

Uma infelicidade

Realisou-se em 9 do corrente no cemiterio dos Prazeres o funeral da menina Emilia das Dores Barreto, extremosissima filha do nosso amigo e conterraneo, snr. José Marques Barreto, 1.º sargento enfermeiro da Armada Portuguêsa.

A desditosa menina que cursava o 7.º ano de letras do Liceu Pedro Nunes, foi vitima duma infecção tifica e meningite que a roubou ao convivio e carinho de seus pais, ás 8 horas da noite, depois de 21 dias de sofrimento.

Ao acto concorreram muitos dos nossos conterraneos e outros amigos dos pais e da finada, e, ainda muitos alunos e alunas do liceu.

Representando os professores do Liceu Pedro Nunes, viam-se os ex.mos snrs. dr. Sá e Oliveira, dr. Silva Teles, Lente da Faculdade de Letras e dr. Reis Santos.

A armada, de que o nosso amigo faz parte, achava-se representada por inumeros individuos de diferentes graduações.

O sarcófago era uma rica urna de mogno, ultima oferta de seus pais, onde foi depositada a desventurada menina, tendo a acompanhá-la uma corôa de violetas e saudades brancas, em cujas fitas se lia: «Eterna saudade de seus pois, 7-7-913, que foi colocada sobre a cabeça da finada.

Pelas pessoas das suas relações foram-lhe oferecidas ainda muitas corôas com as seguintes dedicatórias:

«Eterna saudade, 7-7-913.—C. P.» De seus primos José, Piedade e Jorge: «Eterna saudade, 7 7 913» «Eterna saudade do seu grande admirador José de Mesquita Martins, 7-7-913» A' Emilia Barrêto: «Eterna saudade das suas amigas e admiradoras».

Ramos artificiais: «De sua tia Maria, o ultimo Adeus, 7-7-913.» A' Emilia; Eterna saudade, 7-7-913, Marita.» A' Emilia: «Eterna saudade, 7-7-913, Clara.» A' sua prima, eterna saudade, 7-7 913, Emilia Bernardes.»

Ramos naturais das ex.mas snr.as D. Maria Pinto Toscano, D. Ermelinda Alves, D Adelaide Saramago (aluna da Faculdade de Letras), meninas Clara, Marita, Helena e Cristina. D. Manuela Teles, D. Eugenia, D. Antonia Santos, Cristina Santos da Silva Teles, D. Eduarda Pimentel, D. Georgina da Silva Guimarães, D. Juliana Dias, D. Maria do Nascimento Quaresma, D. Maria de Jesus, D. Esperança Vioti, D. Luiza Bandeira de Melo Moreira (cravos brancos), D. Maria do Nascimento e dos ex.mos snrs. João Raposo, Manuel Jorge, Anibal Teles Henriques, Joaquim Cardoso, Afonso Moreira, e muitos outros sem dedicatoria.

O funeral saiu da rua do Cabo, n.º 25, a pé, sendo a urna conduzida por 6 homens, numa linda carreta de colunas brancas e vermelhas.

A homenagem prestada á infeliz menina, demonstrou duma maneira bem frisante e clara a consideração e estima que seus paes gosam e ao mesmo tempo a consideração que a finada gosava perante as suas condiscipulas e amigas.

No cemiterio organisaram-se os seguintes turnos: 1.º—Drs. Sá e Oliveira, Silva Teles, Reis Santos, e snrs. Abel Pessanha, Jorge Santos da Silva Teles, Joaquim José Xavier Henriques, Zacarias Alves Pereira e Anibal Pedro Cardoso.

2.º turno—José de Mesquita Martins, Afonso Moreira, Luiz Reis Santos, Manuel Jorge, Henrique Jorge, Francisco Teles, Henrique José de Amorim e Manoel Carlos Lopes.

3.º turno—Colegas do pae da finada.

4.º turno—Condiscipulas e amigas da finada.

Em quasi todos os olhos dos presentes se viam lagrimas de saudade.

O cadaver ficou depositado no jazigo da ex.ma snr.ª D. Maria Georgina da Silva Guimarães, onde os paes da infeliz menina e toda a sua familia a teem ido prantear.

Lisboa.

José Fernandes Jorge.

Noticias

As videiras do passal da igreja desta freguezia, postas em hasta publica, fôram arrematadas pelo regedor, sr. Antonio Tabanêz.

Em Lisboa morreu uma criança de 5 anos por ter ingerido uma porção de cabeça de vitela em mau estado.

No Porto ardeu a fabrica de calçado *A Portugal*, considerada a mais importante do país. 16 vagons de madeira de eucalipto, grande quantidade de fôrmas, oficinas e maquinas, tudo foi pasto das chamas.

Um aviador francês realisou em 10 horas de monoplano a viagem Berlim-Paris, percorrendo 1:100 quilómetros e ganhando 10:000 marcos de recompensa.

Sobre a guerra dos Balkans, está a Bulgária em serias dificuldades, entregando-se já nas mãos da Rússia e dispondo-se a desmobilisar as suas tropas a pedido do governo imperial. Sérvios e grêgos continúam a derrotar os bulgaros, praticando as maiores atrocidades.

Foi criado na Figueira da Foz um deposito penal, tendo já a camara daquela cidade oficiado ao governo, prometendo prestar todo o auxilio á nova instituição.

Foi guilhotinado na França Jorge Laage, por ter estrangulado uma mulher de avançada idade.

Na Figueira da Foz foi recapturado o conspirador dr. Antonio Rainha.

Em Coimbra já começaram as obras para o novo edificio da Escola Industrial Brotero, situado no bairro de Santa Cruz.

Faleceu em Coimbra o conhecido industrial, sr. José Maria Mendes de Abreu.

Vai ser construido em Coimbra, junto das escadas do liceu, um Instituto de Medicina Legal.

A Coimbra vai dentro de poucos dias fasêr uma conferencia o sr. dr. José de Alpoim.

Em 6, 7, 8, 9, 10 e 11 de outubro proximo, realisa-se em Londres uma exposição internacional das industrias de couro e correlativas

Foram assinados pelo sr. presidente da Republica os decretos nomeando reitor e vice-reitor da Universidade de Coimbra, respétivamente, os srs drs. Guilherme Alves Moreira e José Alberto dos Reis.

Nos termos da organisação do exercito realisam-se em setembro proximo as escolas de repetição e a que deverão concorrer as praças que se alistaram em 1912 e as que foram incorporadas no corrente ano.

Nestes exercicios, que devem durar duas semanas, tomam parte todos os oficiais e sargentos, quer dos quadros permanentes quer dos milicianos, que não fôrem dispensados por expressa determinação superior.

Nas escolas de repetição executar-se-ão exercicios de marcha, bivaque e estacionamento. adequando-os, tanto quanto possivel, á vida de campanha, fazendo, pois, cada unidade diversas provas, obedecendo a teorias de ante-mão preparadas.

A' Figueira da Foz têm já chegado muitas familias portuguêsas e espanholas. Há este ano mais casas alugadas do que nos anteriores. O Casino Peninsular abre hôje extra-oficialmente.

Parece que as festas da cidade de Coimbra se realisarão em meados de outubro, por ocasião da reabertura da Universidade.

Pelas diréções gerais de instrução primaria e instrução secundaria, superior e especial, vão ser expedidas circulares aos liceus, sobre a obrigação dos professores de ensino secundario no serviço de exames primarios do segundo grau e para organisarem a lista dos professores que, em cada liceu, estiverem nas condições de entrar em serviço de presidencia daqueles exames no proximo mez de agosto

Como está determinado, é remunerado todo o serviço além do dia 15 do referido mez e como é grande o numero de camaras municipaes que requereram que os exames se realisem na séde dos seus respectivos concelhos, esse serviço deve exceder o dia 20 de agosto.

Falta de espaço

Por tal motivo, vimo-nos obrigados a retirar nêste numero muitos artigos e noticias importantes.

Que os nossos leitôres e colaboradôres nos desculpem esta falta involuntaria.

CORRESPONDENCIAS

QUIAIOS, 14

Passáram os folguêdos de S. João. A mocidade folgasã, despida por completo do jugo avassalante do mar revoltôso da vida, deu alegre expansão aos agradaveis momentos que passou em deliciosas distráções, encontrando-se agora retira num constante socêgo. Antes assim, porque já não ia sem tempo, e as pernas precisavam um poucochinho de descanço.

Está a ferias o aplicado aluno dos liceus, snr. Artur A. da Silva Nobrêza.

Encontra-se veraneando na Figueira da Foz, com sua esposa e galantes filhinhos, o nosso estimado amigo, snr. Antonio Mariano.

Tiveram logar na nossa escola os exames de 1.º grau com ótimos resultados para os alunos, a quem damos os nossos cordeais parabens, assim como aos pais e professores.

O tempo continua calamitôso, fazendo ressentir bastante as searas, cujo aspecto é desoladôr e nos faz prevêr que estamos na espetativa dum novo ano de fome e de miseria.

Francisco F. de Carvalho.

BOM-SUCESSO, 14

A agricultura tem sofrido bastante com as nortadas ultimas, apresentando as searas amostra pouco prometedora e de infima qualidade. Apenas os batatais remuneraram o trabalho insano do pobre lavrador. Uma calamidade!

Saiu para o Brazil, acompanhado de seu filho filho, o nosso bom amigo, snr. Manuel Marques, estimado negociante desta localidade. Boa viagem e sórte próspera.

De passeio estiveram aqui os snrs. Julio Gonçalves Salvador e Julio dos Santos Timóteo, respectivamente professor e correspondente de companhias de navegação na visinha povoação da Tocha.

Tambem aqui esteve o snr. Albano de Souza, mui digno tesoureiro e vogal da comissão paroquial de Quiaios.

Em serviço profissional, tivemos o prazer de cumprimentar aqui o snr. José Joaquim Nossa, habil escultor nas Alhadas.

Carvalho.

VILA DE PEREIRA, 15

Realisaram-se ha dias os exames de instrução primaria, 1.º grau.

Presidiu aos exames o snr. Adriano Pires, tendo como vogaes os professores oficiaes desta vila, snr.ª D. Preciosa Dias Pereira e José Maria da Cruz.

Pela escola do sexo masculino foram apresentados 6 alunos que obtiveram a seguinte classificação:

José Ferreira da Costa, Antonio Carvalho e Antonio Girão, distintos; Mario Guerra Santos, Mario Correia dos Santos e Virgilio da Costa Figo, aprovados.

Pela escola do sexo femenino, a menina Anita Maia, que ficou com a classificação de distinta.

Aos distintos professores os nossos parabens, assim como a seus alunos, pelo feliz resultado dos seus trabalhos.

E' bom que a Camara Municipal vá reparando para o estado vergonhoso em que se encontra a estreda do Lagar, pois que no ultimo domingo lá ficaram dois automoveis partidos. Se isto não muda, estamos em lindos *lençois*.

Quando é que a Camara se lembra de pôr a concurso o logar de medico municipal nesta vila? Vejam, *Senhores*, se ao menos na *ultima hora* fazem alguma coisa que geito tenha, e isto sem reparo.

Azuil de Carvalho.

Montemór-o-Velho, 16

Permutaram as professoras, D. Carmina Larangeiro, da escola do sexo feminino de Montemór-o-Velho, e D. Etelvina Jorge da Silva, da escola do sexo feminino de Means do Campo.

A segunda recita da Troupe Dramatica Ester de Carvalho, é no proximo dia 20. Os bilhetes já se encontram á venda na antiga Farmacia Barros.

C.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSOES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston. S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz** — Camarneira — Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia. miudezas. vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

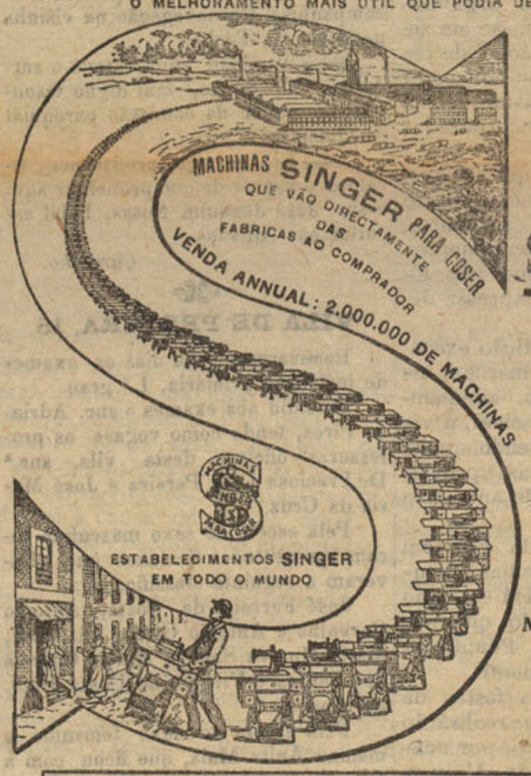
(Junto ao caminho de ferro)

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.

O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.

Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

CASA HAVANESA

16 — Rua Ferreira Borges — 18

COIMBRA

Sortido completo em tabacos, papelaria e perfumarias. Molduras para quadros e galerias, o que ha de mais moderno. Artigos para desenho, pintura a oleo, aguarela, foto-miniatura e pirogravura.

BILHETES DE VISITA

Novidades para brindes, artigos de viagem e toilette, etc.

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne. Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

MELO & MARTINS

Com armazem de adubos quimicos, sulfato de cobre, enxofre e cal para construções

Endereço postal e telegrafico:

PAMPILHOSA DO BOTÃO

São nossos representantes em Mortagua:

NA POVOA, o snr. José Paulo

NA ESTAÇÃO, o snr. José Tomaz.

MURALINE Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle,,

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Biblioteca da Universidade
S. E.
Coimbra

COIMBRA
28 JUL 12
CORREIO

Ano 2.° Arazéde, 27 de Julho de 1913 N.° 75

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os originais, quere sejam ou não publicados. Não se aceitam informações anónimas.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

Portugal e Colonias Portuguezas—Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trismestre, 30 centavos.
Brazil — Ano, 2 escudos, fortes.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO SMAEL DA CRUZ

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

AS ELEIÇÕES

As proximas eleições suplementares têm sido, nestes ultimos dias, a principal preocupação dos chefes politicos.

Os seus orgãos na imprensa quasi todos os dias, em *fundo*, do assunto se vêm ocupando. Prometimentos, palavras cantantes e retumbantes de fraternidade politica, exibição de programas, de intuitos, e não sabemos que mais.

Triste fado é ser politico em Portugal! Custa-nos abordar considerações, porque conhecemos bem a marcha das coisas e o *true* politico dos homens; mas, já que se trata de eleições, dum acto que nos recorda, com infinita magua e saudade, os tempos incertos, tutibiantes da oposição, quando ainda era um sonho a proclamação desta Republica já tão farta de sofrer, a despeito da sua idade infantil; já que de eleições se trata, diremos, ao menos, que seria bom haver juizo desta vez, e que as urnas dissessem, pela consciencia livre e espontanea vontade dos eleitores, de que lado está a razão, a dentro dos trez partidos politicos militantes — por emquanto dos trez, se não surgir mais algum, á ultima hora feito papagaio — a fim dêsse partido tomar então conta dos destinos de nós todos, de nós os que, cá longe, por entre matagais e sob o sol ardente dos campos, trabalhamos incessantemente para a vitoria do nosso ideal, para a consagração definitiva das nossas aspirações mais belas, — que não são bem as aspirações dum triunfo politico, no rigoroso significado da locução,—senão que a esperança de vêr radicada a ideia da Patria, amada a causa da Patria que o actual governo, quanto a nós — esqueçâmos sempre os homens — encarna mais saudavelmente, mais altivamente.

Por toda a parte se está tratando nêste momento do recenseamento eleitoral, para dár cumprimento ao que determina o art. 86.° da Constituição politica da Republica; só aqui, na nossa aldeia, o acto eleitoral, os eleitores não são cuidados devidamente. E' que nós não pudemos fazer tudo, e, estranhos a politica como sempre nos temos mantido, tambem agora pouco com politica nos devemos importar.

Por outro lado é bom acentuar que, quem como nós, nada dos dirigentes tem obtido, a despeito de havermos apontado os inadiaveis melhoramentos para a nossa terra, tais como: uma estação telegrafo-postal, uma escola, um posto medico, etc.: quem como nós, nada, ou quasi nada, tem conseguido, não se deve preocupar com eleições, isto é, com partidos politicos, uma vez que, a trabalharmos, por amôr a um partido, o teriamos que fazer. E nós não estamos dispostos a engrossar as fileiras de quem quere que seja, a darmos força politica a quem da nossa população não quere saber.

Temos um deputado eleito por este circulo, que tem feito a triste figura que o país conhece, jámais se tendo preocupado comnosco, e isso basta.

A comissão administrativa municipal, a parochial, etc., são o que se sabe e o mais que, por decôro, não temos querido apontar.

Nestes termos, natural é que ainda agora continuemos alheados da politica e de politiqueiros, a não ser que justiça nos fosse feita e que os problemas da nossa vida social e economico-local fossem resolvidos quanto antes. Porque nós só desejamos coisas de interesse colectivo e consequentes interesses do Estado.

Almeida Junior.

NOTAS

O milho

Lêmos nos jornais esta noticia:

> Consta que vai ser autorisada uma nova importação do milho, atenta a grande escassez deste cereal e sendo certa a insuficiencia da proxima colheita.

Achamos justo, mas era conveniente que o governo mandasse fiscalisar essa importação, pois o milho que já tem entrado apenas serve, e mal, para alimentação dos animais, por ser de pessima qualidade.

Importe-se milho para consumo das populações, mas milho que não seja lixo.

Bananeia

O nosso colega *Noticias de Cantanhêde* refere este caso tipico numa local intitulada *Ao pôvo* e o sub-titulo *O caso das participações:*

> Em serviço de sindicancia á fazenda, por causa do aspirante Maximino Ferreira Simão levar dinheiro pela mudança de predios, está nesta vila o snr. Inspector Nunes.
>
> Ao que nos consta e pelo que presenciamos está provadissimo que o Maximino apesar do que se ventilou, e em cuja polemica Sua Excelencia tomou parte, no ano findo sobre essa reverendissima pouca vergonha de se levar dinheiro ao contribuinte por passagem de predios, que é obrigatoria e gratuita, em face da velha e nova legislação, não trepidou em usar de tal pratica mas, com tanta infelicidade que os snrs. Antonio Marques das Neves, da Povoa da Lomba e Manoel Pereira, de Cadima, pagaram-lhe sim, mas, pouco depois lá voltaram á repartição de finanças a exigir-lhe o que ilegalmente e abusivamente haviam pago ao snr. Simão, o que ele restituiu no meio de grande escandalo e diante do secretario de finanças e povo.

Acautele-se o povo destes ganancios que especulam com a ignorancia dos outros, sem se lembrarem de que um dia podem ficar *tosquiados*, como agora sucedeu ao aspirante Simão.

Que zanga!

Já fôram pagas á Companhia dos Caminhos de Ferro as 72:000 obrigações que o Estado lhe devia; e ha dias subiram os nossos fundos, tanto o interno como o externo.

Isto é de causar engulhos aos *talassas* e aos bombistas! Mas tenham paciencia que têm ainda muito que roêr...

Pela imprensa

Visitou-nos *A Justiça*, semanario republicano da Covilhã. E' de bom formato, bem redigido e muito noticioso.

Manifesto

Recebemos um do snr. Paiva de Carvalho, referente a um folheto *Alma Negra*, atribuido áquele senhor, e que se ocupava da maneira como são tratados os serviçais em S. Tomé. A ele se referiram o *Mundo*, o *Seculo* e o parlamento. Agora o snr. Carvalho vem dizer de sua justiça, verberando o procedimento do *Seculo*, que o censurou por ele se colocar ao lado dos humildes que em terras de Africa são verdadeiros escravos.

Achamos bem.

Dr. João de Deus Ramos

Partiu para as Caldas do Moledo do Douro, onde fará uma temporada d'aguas, este nosso querido amigo e ilustre pedagogista. Desejamos o seu pronto restabelecimento.

Governador civil de Coimbra

Foi nomeado governador civil do nosso distrito o ilustre democrata portuense, snr. dr. Pereira Osorio.

E' um magistrado inteligente e digno, que por certo se não esquecerá do povo do seu distrito, que bem carece dos seus serviços e atenções.

Falta de escolas

O orgão evolucionista dizia um destes dias, pela pena do snr. Herculano de Carvalho, estas amargas verdades com as quais, sejâmos francos, inteiramente concordamos:

> Em um país de analfabetos, reconhecendo-se claramente a necessidade iniludivel do alargamento da instrução primaria, tendo por falta de dinheiro escolas fechadas, tantas pobrissimas de material escolar, tantas funcionando em casebres; vai-se agravar a despeza com a criação da faculdade de direito, de preferencia a aumentar a dotação da instrução primaria! Não sabes lêr? Não tens escolas? E' o diabo! Mas, olha—aqui tens mais uma fabrica de bachareis (?) em direito. Arranja-te.

Ora aqui está como nós estamos, pela primeira vez na vida, ao lado da gazeta do snr. Antonio José. Aquilo foi, com certeza, por engano. Talvez força de entusiasmo. Com efeito, nós conhecemos bachareis que andam por aí aos páus. Aos páus e ás... moscas.

Falta de espaço

A falta de espaço obriga-nos a retirar o artigo PINCELADAS, do nosso ilustre colaborador Manuel José Antonio, e um artigo do nosso devotado amigo padre Paulo Evaristo Alves e outros originais.

INTERESSES LOCAIS

Uma questão que revive — O posto medico em Arazêde — O nó-górdio da questão

Embora merecendo agravos, malquerenças e odios reconditos de certas pessoas inconscientes que interpretam mal os nossos esforços em favor dos legitimos interesses populares, não deixaremos de pugnar por tudo o que respeite ao bem duma freguezia que, para viver, precisa dalguem, seja quem fôr, que lhe desperte as energias, ainda mesmo que daí não derive mais do que a ingratidão de uns e a má vontade de outros.

Neste momento, volta a questão do posto medico a preocupar-nos a atenção, como um dos assuntos de maior importancia para uma freguezia de grande area como é Arazêde.

Ha tempo, quando aqui reclamámos no mesmo sentido, houve um alto movimento favoravel que se inclinava para o nosso lado, tanto da parte do municipio de Montemór como do proprio medico do partido a que esta freguezia pertence. O municipio, respondendo a uma consulta da Junta dos Partidos Medicos, informou da necessidade de se criar em Arazêde um posto que servisse a freguezia e logares limitrofes e mesmo outras freguezias circunvisinhas; o medico do partido na Carapinheira, que é, como se sabe, o snr. dr. Alfredo Couceiro, veio aqui tres vezes por semana, e durante uns seis ou sete mezes, prestar socorros clinicos ao povo da freguezia — embora a sua intenção, no dizer de alguem, fosse para se certificar se aqui era efectivamente necessario um posto medico.

O certo é que temos neste lance duas atitudes a analisar: a da Junta dos Partidos e a do snr. dr. Couceiro. A Junta, obtida a resposta da camara de Montemór, reforçada já previamente com a informação favoravel da junta paroquial desta freguezia, parece que devia logo atender a uma petição tão justa como necessaria. Não o fez, talvez por obedecer a imposições de alguem que sentia os seus interesses lesados com o desdobramento do partido; isto é, atendeu talvez a clientelas, e não ás necessidades duma população.

Quanto ao snr. dr. Couceiro, uma criatura tão bombastica como genial, entendeu, ao fim dos seis ou sete mezes de visitas tri-semanais, que devia abandonar a tarefa ingloria de vir até aqui dar consultas aos seus clientes que, ás vezes, impacientemente o esperavam. Quere dizer: ficou tudo como dantes. E' preciso um medico á pressa? Tem de se ir a Cantanhede ou á Carapinheira chamar o snr. dr. Couceiro. Este não está, porque anda a fazer o giro em Cascos de Rolhas, e só ao fim dumas longas duas ou tres horas é que aparece para vêr o enfermo que reclamava os seus socorros imediatos.

Se até ha pouco tempo vinha tres vezes por semana, agora nem uma sequer. Porquê? Fica-se em casa, ou anda por varias partes a fazer clinica? No segundo caso, e não tendo tempo material que lhe permita vir aqui como dantes, porque se opõe á criação dum posto medico em Arazêde? Acha o desnecessario? Mas isso é uma tolice, porque sua ex.ª tem colegas de opinião contraria. Ninguem de bom senso póde acreditar no parecer agora desfavoravel de sua ex.ª, quando noutro tempo foi o primeiro a reconhecer a urgencia de tal melhoramento.

Evidentemente, o snr. dr. Couceiro quere ser o nó-gordio desta já celebre questão. Mais ainda: quere ser o *cabrion* daqueles que advogam o desdobramento do seu partido; mas creia que da sua atitude quichotesca não lhe advirá a gloria e muito menos a simpatia das multidões. E no fim de tudo, talvez o snr. dr. Couceiro se venha a arrepender de ter sido um protagonista infeliz...

CRÓNICA DE LISBOA

— Escreve-me uma cartinha, por favor?

Foi a pergunta que uns labios deliciósos de criança me ciciáram ao ouvido.

— E' para o meu rapaz, compreende? Uma carta muito *chic* com muitas coisas bonitas, sim?

E a donzela calou-se por momentos. Depois animada por um sorriso dos meus, ajuntou:

— Oh! se eu soubesse escrever! Ninguem saberia dos meus segredos e depois, acredite, havia de *lhe* estar sempre a escrever coisas bonitas, coisas amorósas...

— Mas, ainda está em tempo, atalhei eu. A menina é uma criança. Lêr, escrever e contar são coisas que depressa se aprendem.

— Ora, ora, exclamou ela desanimada, quem tôrto nasce...

E por aqui fóra, num spasmo de desilusão, a joven foi desvendando as culpas da familia que, em vez de a enviarem para a escóla, lhe atrofiáram o seu viver desde o germen.

Com uma paciencia inquebrantavel, escrevi-lhe a carta o melhor que pude e da qual, por sinal, ela muito gostou.

— Adeus! me disse ela quando partiu, muito agradecida. São dos favores que não esquecem.

* * *

Ora, muitas vezes se acércam de mim novos e velhos que numa tristeza dolente se lastimam de não saberem lêr.

— Ah! que se eu soubesse! Outro galo me cantaria. Empregos tinha-os eu e bons...

Devêmos pensar—ou antes, o governo devia pensar—que a Instrução está atrazadissima neste recantosinho poético e os pobres professores primarios são miseravelmente remunerados.

Pobres professores!

E depois o que eles são, o que eles valem!

Maior que o navegador que, sulcando os mares, vae abrindo as portas dum doirado Oriente, o professor ergue-se mais nobre e mais sublime dissipando as trevas da Ignorancia. O nauta póde trazer-nos o oiro que, no final de contas, é vil metal; o professor oferta-nos a luz purissima da Sciencia que todos os tesoiros da terra não poderiam pagar.

O professor é o inimigo figadal

déssa Ignorancia que apaga ao homem o pouco que lhe resta de racional.

E' o demolidôr déssa barreira de Preconceito onde o sêr vivente, de ha seculos, vem amolgando o cérebro escurecido.

E' o colossal contrario do analfabetismo e, com isto, disse tudo.

Todavia, tudo dórme a coberto do manto gelado da Indiferença, porque, modernamente, a Educação é considerada como um ponto secundario e quasi dispensavel. As manobras de guerra surtem mais efeito. Sómente se pensa em embargar a entrada ao imaginario usurpador que, á semelhança da fénix, toma as mais estranhas metamorfóses.

Para quê? O analfabéto estará conciso do seu mais sagrado devêr—defendêr a Patria? Não se desenhará na sua mente imersa em treva um receio atrós por essa obrigação á qual se eximiria se pudésse? E se êle fôsse convenientemente instruido não acharia nesse devêr sagrado um prazer sublime em bem servir o canteiro florido que lhe embalou os primeiros vagidos?

E' tambem conveniente pensar-se que o prudente banqueiro não se limita sómente em bem guardar os cofres dos olhos cubiçosos do gatuno, mas tambem enriquecêl-os, tornal-os mais fecundos e prosperos.

... E os cofres são a nossa linda terra!

GOMES MONTEIRO.

Serro em braza...

Quando é que a junta de paroquia dêste pobre burgo se resolve a mandar limpar a *bela* vegetação que pulula ali em cima no adro? Aquilo não é um adro, é um matagal. Será preciso alguma pinga de agua-benta para a junta se mexer. A junta, que nem tornou mais a reunir ..

E porque é que a camara de Montemor não manda arranjar a fonte que ali está em baixo ao pé da estação postal, ou não promove antes os meios de mandar construir uma nova fonte, com melhores comodidades, estudando préviamente o melhor ponto donde deve promanar a agua?

Decididamente a camara de Montemor tambem se não mexe... senão á fôrça de *agua benta*.

Fausto de Figueirêdo

Regressou do estrangeiro, da sua visita ás principais cidades da Europa, para onde havia partido com sua ex.ma esposa ha cêrca de dois mezes, este nosso presado correligionario, que traz ótimas impressões de Inglaterra, Suissa, Alemanha e França.

O snr. Fausto de Figueiredo é um dos melhores administradores da companhia dos caminhos de ferro portuguezes, cujo pessoal muito lhe deve sob todos os pontos de vista.

No regresso esteve no Baraçal, terra que o viu nascer, e onde distribuiu mais uma vez algumas esmolas aos pobres da sua simpatia, da aldeia natal que ele nunca esquece.

O grande benemérito prometeu que a estrada do Arraial a Açôres se construiria muito em breve, visto que ela constitue um grande melhoramento para as povoações de Freches, Baraçal, Açôres e outras.

Depois de ter visitado a familia, regressou a Lisboa no *Sud-Express*, no domingo passado.

Damos-lhe cordiais boas-vindas.

CARTA

Recebemos do nosso amigo, snr. Rodrigues da Silva, da Pampilhosa, uma carta pedindo-nos que declaremos que não é da sua autoria a correspondencia daquela localidade inserta no n.º 73 dêste jornal.

Não é efetivamente da lavra do nosso amigo, que, de resto, tem assinado sempre os seus escritos; mas não contendo a aludida correspondencia palavra alguma censuravel, antes estando escrita com a maior correção, não descortinamos bem o motivo da declaração do snr. Silva, que, honrando-nos com a sua amizade, nos tem honrado com a sua cooperação.

Uma justa reclamação

Ex.mo Sr. Director d'«O Dever»:

O numero ultimo do semanario que V. Ex.ª honra com a sua direcção, insere uma local epigrafada —*Uma justa reclamação*, que versa sobre o assunto das aguas da fonte dos Fornos, actualmente prejudicadas pela construção de um lagar sobre a região da nascente, cuja albufeira se infiltrou pelo terreno areento, dando ás mesmas aguas pessimo cheiro e aspecto repugnante, e termina por pedir ás autoridades deste concelho que não descurem o assunto.

Pelo que me respeita, não ignora V. Ex.ª, sr. director, quanto eu tenho na maior consideração o interesse dos povos, sobretudo de aqueles cuja administração me esteja confiada, sem me esquecer tambem do respeito devido aos interesses dos visinhos, que, como neste caso, estejam simultaneamente ligados e dependentes da zona deste concelho.

E' este o meu dever e a ninguem obriga a agradecimento.

Não estando instalada neste concelho a comissão de saude a que se refere o Decreto de 10 de novembro de 1910, de que agora vou tratar, convidei o digno subdelegado de saude, sr. dr. Bátista Loureiro, a visitar comigo o local em questão, afim de satisfazer á reclamação dos povos prejudicados e se tomarem as providencias necessarias, e foi este ilustre medico de parecer que as aguas da fonte, como estavam, conspurcadas, eram improprias para o consumo publico.

Em virtude desta informação prometi logo não descurar o assunto, mas, como o mal levou o seu tempo a efectuar, tempo tem de levar a fazer desaparecer.

O lagar trabalhou pela primeira vez no ano pretérito, e aqui lhe afirmo que não trabalhará mais emquanto os seus proprietarios não curarem de remediar tudo. Quando ali fui tomei este compromisso para com o povo que em abundancia ali afluiu, e prometi levar lá um tecnico que indique aos proprietarios do lagar a melhor fórma de evitar a continuação de tais desarranjos e prejuizos. Por seu turno os proprietarios comprometeram-se comigo a fazer o que lhes fosse indicado.

Resta agora esperar que o tecnico lá possa ir, e lá irá por mera deferencia pelo meu pedido, e *gratuitamente*.

Ora como *a cavalo dado não se olha o dente*, um pouco de paciencia e menos desconfiança não fica mal a ninguem, e, com ordem e respeito, tudo se consegue

Creio bem que se não trata de uma questão de capricho, que, portanto, os povos interessados, não terão nenhum prazer com quaisquer prejuizos que tenham de sofrer os donos do lagar, e apenas reclamam e querem que a sua agua fique pura como era dantes

Para conciliar os interesses de todos, sem paixões descabidas, nem resoluções atabalhoadas, é que ha de servir a autoridade e, nestes termos, podem os povos contar com a minha acção e diligencia, que sei levar até onde fôr preciso.

Sobre a infecção da agua das valas, a que alude a mesma local, apenas tive conhecimento dei providencias, dependendo a respectiva investigação das informações que pedi ao sr. regedor.

Quanto ao resto da sua local, como respeita a coisas de ditos de uns e de outros, proprios das aldeias, nada tenho a dizer. Cada um que varra a sua testada como entender.. que cá na minha ninguem entra.

Agradecendo-lhe, sr. director, a publicação desta, para esclarecimento de todos, subscrevo-me

De V. Ex.ª
Crd.º At.º Mt.º Obrg.º
Antéro da Veiga.

Montemór-o Velho, 22 | 7 | 913.

CARTA DE LISBOA

Pela uma hora da madrugada de domingo passado, ouviram-se umas fortes detonações para os lados da Graça que, como os leitores devem estar lembrados, foi o local da estupida farçada de 27 de abril findo.

A policia, como era de prever, poz-se imediatamente em campo e, quando ia a desembocar á rua de Santa Marinha, divisou um automovel ali estacionado e, para mais, com as lanternas apagadas, o que despertou suspeitas. Para lá avançou, podendo capturar o *chauffeur* e dois individuos, apreendendo-lhes bombas explosivas que estes traziam acondicionadas num enorme cabaz. Com tão valiosa apreensão se dirigiram ao governo civil quando um grupo de populares, postando-se na frente, arremessou uma bomba sobre o veículo. E' de calcular a atrapalhação. Do policia 1:111, que tambem vinha no *auto*, sómente apareceu o maxilar inferior pegado ainda a um pedaço de pescoço! O *chauffeur*, que tambem foi atingido num braço e no peito, largou o guiador e desatou numa abalada doida rua abaixo, indo refugiar-se numa loja de sapateiro que áquela hora se encontrava ainda trabalhando. O carro ficou em lastimoso estado: *chassis* partido, vidro da frente esmigalhado, tejadilho desfeito, lanternas quebradas, mecanismo danificado, emfim, um feixe de destróços!

Pelas duas horas da madrugada outro grupo de civis tentou assaltar o quartel de marinheiros, o que não pôde levar a efeito, indo depois repetir a façanha ao posto da guarda republicana, ás Janelas Verdes. A sentinela defendeu-se briosamente, conseguindo derrubar um dos assaltantes com uma violenta coronhada entre os peitos. Este, que parecia ter pele de sápo, ergueu-se de subito e, puxando por uma pistola, desfechou contra o brioso martir do dever, pondo-se em fuga, em seguida. Aquele, ferido no ventre, foi conduzido imediatamente ao hospital da Estrêla, onde faleceu pouco depois.

Mais tarde, um outro automovel subia a rua Augusta, ao qual foi imposto fazer alto por um numeroso grupo que ali se encontrava. Como o *chauffeur* não acatasse prontamente, partiram trez tiros, um dos quaes foi atingir o passageiro nas costas, que sem um *ai* tombou para o lado. O seu estado é gravissimo, encontrando-se ainda sem fala. Pôde saber-se que era negociante em Cacilhas.

Nitrato.

INICIATIVAS

E' sempre agradavel falar daqueles que elevando-se acima do vulgar alcançam sobre os seus semelhantes um ascendente moral que os torna dignos da simpatia e admiração de todos.

Em Montemór houve um homem que imprimiu profundamente o seu nome em todos os melhoramentos da vila e que ainda hoje é venerado como um genio protetor da séde do concelho. Dentre todos a quem a vila deve alguma coisa, sobresae a figura sevéra e correta de José Galvão.

Muitos melhoramentos atestam a sua passagem e os rasgados Paços do Concelho são o mais soberbo atestado duma vontade energica e dum genio empreendedor.

Outro vulto porém se vae tornando credor de simpatias e ganhando jús á consideração.

Seriamos injusto se não notassemos no snr. Benedito Galvão o elevado sentimento de filantropia que trabalha pelo bem de todos e pela prosperidade da terra que lhe foi berço.

E' novo ainda e no entanto o atual teatro da vila é como que obra exclusivamente sua. Foi a sua energia, a sua força de vontade, a sua dedicação que dotou a terra com esse melhoramento tão necessario nos tempos atuaes. O teatro já não é só uma casa de recreio; é tambem uma escola instrutiva e um fóco de educação quando bem orientado.

A vida decorre em Montemór na tranquilidade doentia da inação. E' raro o movimento alegre que anima os espiritos e os reune como num amplexo fraternal. O campo é a escola antiga do proletário, a taberna o seu recreio; e neste marasmo vegeta a antiga vila que algum esplendor teve na historia.

O snr. Benedito Galvão meteu ombros á ardua tarefa de educar o povo. Formou e reuniu o atual grupo dramatico; e a sua valiosa energia manifestou-se duma maneira brilhante na primeira representação que se efetuou no dia 6 do corrente. Esse festa, onde concorreu todo o Montemór, mostrou a qualidade dum alto espirito organisador que sabe esperar e que trabalha para a realisação dum projéto que por fim se alcança.

A apresentação do grupo foi correto, o desempenho de todos os papeis nada deixou a desejar, e todos os amadores se houveram como verdadeiros artistas, honrando assim o seu ensaiador.

Mais deveria Montemór ao snr. Benedito Galvão se as suas funções juridicas fossem compativeis com cargos camararios. E temos realmente pena e muita pena que S. Ex.ª se não possa dedicar aos melhoramentos da terra na esfera de ação que lhe seria propria.

Por certo que a sua energia teria resolvido os problemas de capital interesse para a séde do concelho como a ponte sobre o Mondego, a questão dos esgotos, da vala e ainda a mudança do cemiterio, onde a morte estende o seu reinado sombrio sobre todas as casas, esmagando a povoacão com sinistros pesares e parecendo indicar a todos os forasteiros que Montemór morreu.

Montemór, Julho de 1913.

José Pereira Pinto.

Vida politica

DUAS CARTAS

Dos nossos amigos, snrs. drs. Armando de Carvalho e Ismael de Sampaio, recebemos as cartas que a seguir publicamos:

Snr. Director do *Dever*.

Tendo resolvido abandonar a vida activa da politica *nêste concelho*, venho rogar a V. se digne declaral-o no seu conceituado jornal.

Com a maxima consideração, sou

De V., etc.

Montemor-o-Velho, 15—7—1913.

Armando de Carvalho.

* * *

Snr. Director do *Dever*.

Não podendo, por motivos particulares, continuar a fazer parte do partido democratico *dêste concelho*, venho pedir a V. que no seu conceituado jornal faça publica esta minha declaração, pelo que lhe ficará muito grato o que é

De V., etc.

Montemor-o-Velho, 15—7—1913.

Ismael de Sá Carvalho Sampaio.

Lamentamos a resolução dos nossos amigos, ignorando as razões que os levaram a abandonar a politica no concelho de Montemor. Estimamos, todavia, que, apesar de tudo, continuem firmes no partido em que se filiaram, podendo ainda prestar, em qualquer conjuntura, os seus serviços de bons e sinceros republicanos.

Apesar de não sermos politicos, gostamos de ver alguem com firmeza num ideal, desde que esse ideal viva no seio das mais legitimas aspirações nacionaes.

* * *

REUNIÃO

A convite do presidente da comissão politica de Montemór-o-Velho, nosso amigo snr. José Luiz Ferreira Galvão, deve hoje reunir, pelas 12 horas, na casa da aula da filarmonica daquela vila, o Partido Republicano Portugués do concelho. A' reunião assistirá o ex.mo administrador, snr. Antero da Veiga.

... Na praça o despe

A Folha, jornal literario açoreano, da consagrada escritôra D. Alice Moderno, escreve o que abaixo se lê e que vem a proposito dum soneto ha tempo publicado no *Dever*, subscripto pelo snr. Edmundo de Azevedo:

Quem o alheio veste...

O Dever, *jornal vernaculamente redigído pelo snr. Manoel de Melo, inteligente professor de instrução primaria em Arazêde, na sua secção denominada* Poetas e Prosadores *inseriu em 13 de abril o seguinte soneto*:

AOS MEUS VERSOS!

O' meus versos d'abril cantando amor
E a doçura das horas mais felizes!
Meus versos de mais intimas raizes,
De mais balsamica e doirada flôr:

Nada sereis para a Belesa, nada!
Versos, que tudo sois para o meu sonho...
Um dia, ao meu outono já tristonho
Ha de sorrir a vossa madrugada.

Versos feitos da luz da Primavera,
Não é o templo, não, que vos espera,
Mas inda aquecereis minha velhice;

Aquecereis as minhas horas frias
Ao calor de lembradas alegrias
No ritmo ardente e claro em que eu vos disse.

Abril, 1913.

Edmundo d'Azevedo.

Em local do mesmo numero, informa aquele jornal que o snr. Edmundo d'Azevedo é um distinto quintanista da faculdade de direito...

Não contestamos; mas o que tambem podemos afirmar é que o snr. Edmundo d'Azevedo é um distintissimo plagiario, visto que o soneto que subscreve é da autoria do nosso presado amigo e colaborador, snr. Mario Pacheco, que o escreveu em 1911, tendo-o dado á estampa, sem alteração de uma virgula, no seu livro Horas Claras, *pagina 61, sob a epigrafe* Fim.

Tenha paciencia o moço universitario, mas... quem o alheio veste..

Vemos com magua que o soneto não é propriedade deste senhor, que fez um roubo literario ao livro *Horas Claras*, do snr. Mario Pacheco.

A proposito, o verdadeiro autor da poesia, snr. Mario Pacheco, escrevenos uma carta, queixando-se do plagiato e aconselhando-nos a que nos acautelemos dos *colaboradores ingenuos*. Efectivamente, nós fômos vitimas dum ludibrio, mas sem culpa nenhuma para nós, conforme o declara o proprio snr. Mario Pacheco. Não conhecemos o seu livro de versos, nem lemos o referido soneto que, segundo ele, foi transcrito na *Revista Pedagogica*, dos Açores. Não admira, pois, que deixassemos passar a *ficelle* do snr. Edmundo d'Azevede, que se serviu do nosso jornal para afirmar os seus *créditos* de poeta.

Que o snr. Mario Pacheco nos desculpe a nós, que desempenhámos um papel passivo, e ao snr. Edmundo, que usou de *bôa intenção* ao apoderar-se do que não era seu...

Agradecimento

Antonio Maria da Costa Baía vem agradecer, por este meio, a todas as pessoas das suas relações que partilharam do desgosto que sofreu com o falecimento da sua sempre pranteada filha, Inocencia da Piedade Baia, e a todos os que a acompanharam á sua ultima morada, demonstrando assim a sua eterna simpatia por aquela que em vida foi um exemplo do lar e um modelo de virtudes.

Nêste agradecimento deseja destacar a pessoa do ilustre farmaceutico desta localidade, snr. Alfredo Gomes Ferrão, que, durante a doença de sua extremosissima filha, deu provas do mais acrisolado carinho e zelo, recorrendo a todos os meios que a sciencia lhe permitiu para a salvar.

A todos, nêste momento, envia o testemunho da sua mais indelevel gratidão.

LUTUOSA

Damos hoje a relação das ofertas com que várias pessoas quizeram, pela ultima vez, significar a sua profunda estima pela desventurada Inocencia Baía, que ha dias se finou:

De seu tio Augusto Baía, Maria da Conceição, Maria Ferrão Tavares, Rosa Gonçalves Pereira, Maria Augusta, Elisa Marques, Fausto Ferrão e Laura Faria da Costa, ramos de flôres de laranjeira, com laços de fita de sêda e dedicatorias; de Maria dos Ramos Dias, Deolinda Conceição, Eliza da Piedade Baía, João Pires de Oliveira e Maria da Cruz Simões, corôas de flôres naturais com laços de fita de sêda e dedicatorias; de sua tia Maria Emilia da Piedade Baía, Laura Marques e Elisa Monteiro, corôas de flôres de cambraia branca com laços de fita da mesma côr e dedicatorias; de Alvaro da Rocha, Manuel Cunha e José Dias Marques, ramos de flôres naturais, com laços de fita de sêda; de sua tia Amelia da Conceição Baía, de sua prima Arminda da Piedade Baía, Maria da Conceição, Maria Monteiro e José Rodrigues Baía, grinaldas de flôres de cambraia, com fitas de sêda e dedicatorias; de Conceição Baía e Tereza Galvão, laços de fita de sêda branca; de Eugenio de Melo, uma silva de flôres de laranjeira e dedicatoria; de Isilda de Melo, uma saudade branca e dedicatoria; de Maria dos Ramos, uma corôa de rosaa brancas naturais e dedicatoria; de Elisa Fernandes, um ramo de malmequeres brancos, com fita da mesma côr; de seu primo Celso Rodrigues Baía, uma corôa de crisantemos brancos, com um laço da mesma côr e a legenda: «Descança em paz»; de seus tios Luiz Alves da Cruz e Nazaré Baía, uma corôa de flôres naturais, com um laço de sêda côr de rosa e as palavras: «Como póde o mundo sêr bom, se a Inocencia o abandona?...»; de Maria da Luz Ferrão Tavares, um veu de veludo de sêda branca e dedicatoria; de Fernandina Ferrão Tavares, uma corôa de flôres de laranjeira e uma pulseira de prata; de Guilhermina Queda, um par de luvas de sêda branca; de Carmina Ferreira, um par de meias de sêda bordada.

Ao funeral da infeliz criança, que teve a acompanha-lo a filarmonica da localidade, concorrêram umas 400 pessoas daqui e de logares limitrofes, o que prova as grandes simpatias de que gosava a pobre menina.

Devemos a esta nota acrescentar que Inocencia Baía, era uma distinta amadora de teatro, para cuja arte revelou grande vocação nas comédias *Patria* e *Pascoa e Quaresma*, levadas á scena no teatro arazedense, e que ella desempenhou com bastante correcção.

EXAMES

A distinta professora do Oiival (Gaia), sr.ª D. Aurea Judit Amaral, habilitou para exame do 1.º graú 11 alunas, ficando 6 distintas e 5 aprovadas.

As nossas cordeais felicitações á nossa ilustre colaboradôra.

ADMISSÃO ÁS ESCOLAS NORMAIS

Pela lei n.º 68, de 17 de julho corrente, publicada no D. do G. n.º 165, do mesmo dia, foi permitida, ainda no presente ano lectivo, a matricula no primeiro ano de todas as escolas de ensino normal, conforme o que dispõe o art. 1.º e § unico da lei de 29 de desembro de 1911.

A admissão será requerida até 30 de setembro, devendo os candidatos apresentar, com o requerimento, certidão de idade, pela qual provem não ter menos de quinse anos nem mais de vinte e cinco, completos até 31 de desembro proximo; certidão de registo criminal, e diploma de aprovação no exame da 3.ª classe do curso geral dos liceus, devendo aqueles que não possuirem este ultimo titulo apresentar o certificado de aprovação no exame do 2.º grau e submeterem-se a um exame de admissão.

Nos primeiros cinco dias de outubro realisar-se-ha a inspecção medica dos candidatos admitidos, e a seguir as provas do exame de admissão, cujo programa é o decretado em 11 de agosto de 1911, sendo, todavia, eliminada a prova de francês.

Incendio

No dia 21, pelas 14 horas, manifestou-se incendio no sitio da Barreira, na casa onde reside Manuel Balças. O fogo deu-se nuns montes de palha de trigo, cevada e avião que estavam na eira e junto á casa, destruindo-os por completo e causando tambem a morte a uns pintos que perto andavam.

Ao sinal de rebate dado no sino da freguezia, acudiu grande numero de pessoas, algumas prevenidas com canecos e baldes de agua, mas já nada conseguiram salvar. Os prejuizos são calculados em 15 a 20 escudos. Não houve desastres pessoais. Ignora-se qual a origem do incendio.

Instruções para o serviço de exames do 2.º grau

Foram enviadas aos inspectores escolares as instruções para o serviço de exames do segundo grau, publicadas em 8 do corrente.

Nelas se determina:

Durante o periodo dos exames, os professores das sedes dos circulos e dos concelhos onde haja aquele serviço, não poderão sair da residência oficial sem autorisação superior, embora não sejam nomeados os juris de exame.

São ainda abrangidos por esta disposição os professores das freguesias limítrofes das sédes dos círculos e concelhos onde haja exames e num raio de dois kilómetros.

Não terão direito ao subsídio de um escudo, determinado no artigo 56.º da lei de 24 de dezembro de 1901, mas apenas ás despezas de transporte até um escudo, o maximo, os professores das diferentes localidades que, sendo nomeados para o juri, regressem diáriamente á sua residencia oficial.

São mantidas as gratificações por serviço duplicado de exames.

A nomeação dos vogais deve ser precedida de informação do inspector do circulo, tendo preferencia, em igualdade de circunstancias, os professores que no ano anterior não prestaram serviço em qualquer juri no mesmo circulo ou concelho e, dentro dessa preferência, os que menos dispendio de transportes ocasionaram.

São dispensados da propina complementar de 1$07 os requerentes que faltem e tenham apresentado atestado de que são pobres, ou como tal considerados para dispensa de propina de admissão, 1$50.

Deve ainda usar-se desta benemerencia para os demais, quando justifiquem de maneira clara que a falta foi por circunstancia alheia á sua vontade.

Ainda com os examinandos das freguesias distantes da séde, o inspector do circulo, conforme o melhor critério, fará aplicação do disposto nos art.os 187.º e 188.º do regulamento.

Nos locais onde haja um só juri, e mesmo de 20 examinandos do sexo feminino, será tal numero completado para a primeira prova escrita com alunos do sexo masculino, que serão depois os ultimos a prestar a sua prova oral em relação a essa turma.

Os exames deverão começar das 9 para as 10 horas, com excepção do primeiro dia em que começarão das 10 para as 12 horas.

Em substituição do § 1.º do art. 195.º do regulamento, que prescrevia a duração total de uma hora para as provas orais de cada aluno, determinou-se que a duração minima das provas orais para cada examinando será de trinta minutos, podendo, porém, chegar a quarenta e cinco, se isso se tornar necessario em favor do aluno.

Por falta de presidentes, e no caso dos nomeados serem ainda necessarios para outros locais, poderá o numero de alunos a examinar diáriamente, quando não haja motivo para duplicação, ser de 4 a 6, contando-se o excedente como serviço extraordinario com direito ás respectivas gratificações, por cada grupo de quatro alunos ou fracção de quatro.

As duplicações e outros serviços com direito a gratificação, por excesso, só podem ser autorizadas pela direcção geral de instrução primária, sendo o respectivo despacho mencionado na folha dos vencimentos.

Para a presidencia do juri de exames nas sédes dos concelhos serão de preferência escolhidos os inspectores de circulo, quando não façam falta na sua séde, mas, por ser elevado o numero das câmaras que pedem a realisação dos exames na séde do seu concelho, poderá o inspector delegar no presidente nomeado a fiscalisação da lei e num vogal o serviço de expediente, quando na séde do concelho não haja professor disponivel para esse serviço e que não faça parte do juri.

Na constituição dos juris para as sédes dos concelhos atender-se-á a que, nos mesmos juris, não figurem como vogais dois professores da séde e até mesmo do concelho, se tanto for possivel.

As folhas dos vencimentos devem ser processadas com a designação das mezas ou juris completos, embora elas tenham, durante os dias de serviço, substituição de presidentes ou de vogais.

Para os exames nas sédes dos concelhos estão em vigor todas as disposições estabelecidas para os circulos escolares, na parte aplicavel.

Os inspectores de circulos deverão tornar conhecidas de todos os membros dos juris as instruções antecedentes, sendo-lhes permitido durante a época dos exames corresponder se directamente, por oficio ou telegrama, com a direcção geral de instrução primária em caso de urgencia, dando, no entanto, imediato conhecimento disso ao respectivo inspector da circunscrição.

Notas pessoais

Do Brazil chegou o nosso assinante, snr. José Bernardo, dos Gôrdos.

Faleceu na quarta-feira, 23 do corrente, em Pampilhosa, após doloroso e prolongado sofrimento, a mãe estremosa da snr.ª D. Idalina Corrêa, dedicada chefe da estação postal daquela localidade.

Era uma bondosa e virtuosissima senhora. O cadáver, encerrado numa rica urna de mogno, foi transportado para Coimbra em vagão armado em camara ardente, na quinta-feira, dia em que teve logar o funeral da desditosa extinta, que ficou depositada em jazigo de familia, naquela cidade.

Pezames sentidos á familia enlutada.

Noticias

Parece ser hoje que o sr. dr. José d'Apoim realisa em Coimbra a sua anunciada conferencia.

Por despacho de 15 do corrente, o sr. ministro da instrução pública ordenou que os professores das escolas normais não saiam da sua residencia oficial sem que esteja terminado todo o serviço de exames do 2.º grau e que tanto a esses como aos professores de escolas primarias, que se recusarem ou faltarem ao serviço, seja descontado o vencimento de exercicio por tantos dias quantos os necessarios para completar o serviço de exames na respétiva mesa.

No mesmo despacho, o sr. dr. Sousa Junior prorogou até 31 de agosto o praso para a terminação dos exames do 2.º grau nas localidades onde fôr absolutamente necessario

Então neste caso a maioria dos concelhos em numero superior a 100, cujas camaras municipais requereram exames.

Reuniu ontem, pelas 17 horas, a comissão encarregada de elaborar um livro patriotico, para uso nas escolas primarias.

Em Lisbôa houve quarta-feira um crime passional, em que um rapaz de 18 anos, de nôme Antonio Santos, despeitado por uma formosa rapariga de 17 anos, de nôme Custodia dos Santos Barroca, não querer com êle reatar as suas relações de namorados, a alvejou com um tiro de revólver, suicidando-se em seguida.

Tambem no hotel Camões, em Lisbôa, apareceu na terça-feira um hospede, vindo de Coimbra, e chamado Joaquim José de Carvalho, negociante no Pará, o qual, depois de instalado no seu aposenso, foi acometido dum ataque de loucura, desancando com uma bengala a mobilia do quarto e arrojando depois para a rua a cama, o guarda-vestidos, o lavatorio, mêsa de cabeceira e quantas bujigangas encontrou. Em seguida, arrombou a porta do quarto contiguo e procedeu da mêsma forma com a mobilia que ali estava, atirando por fim com o proprio fato e com uma carteira contendo 110 escudos em notas, de que a policia se apoderou. O povo, na rua, presenceava a scena indignado, sendo nessa ocasião presos dois indiuiduos, um por puxar de uma pistola contra o doido, e outro, por suspeita, que apareceu de olhos tapados com uns oculos de *chauffeur* e que, interrogado, declarou ser *oficial de pedras de esmeriz e andar trabalhando pelo bem da humanidade*, apreendendo-se-lhe no bolso um enorme chifre, e que ele disse ser herança de seu avô.

O calor tem sido horrivel em toda a parte. Em Portalegre o termometro chegou a marcar 60 graus ao sol; e na Espanha, a cidade de Madrid foi invadida por uma onda de calor, produzindo-se mais tarde um ciclone que partiu inumeras vidraças, derrubou muitissimas arvores, danificou as linhas telegraficas e telefónicas e causou ferimentos a várias pessoas.

A morte do grande lavrador alemtejano, José Maria dos Santos, vai dar ao Estado 3:550 contos aproximadamente.

No proximo ano lectivo a instrução primaria continuará a regular-se pela lei de 24 de dezembro de 1901 e seu regulamento de 19 de setembro de 1902, quando posteriormente não tenham sido modificados quaisquer artigos.

Foi determinado que os funcionarios publicos aposentados apresentem nas respectivas tesourarias da Fazenda publica, ao receberem os seus ordenados do mez de julho, um atestado do administrador do concelho onde residam, provando a sua residencia.

Já foram pagos aos professores do concelho de Montemór-o-Velho os ordenados do mez de junho.

O praso para a troca das notas de 20 escudos da antiga chapa foi prorogado até 20 de agosto proximo.

Transcrições

O *Comercio da Louzã* transcreveu em fundo o editorial aqui publicado, sob a epigrafe *Luxo e Miseria*, do nosso presado colega de redacção Almeida Junior; e *O Herminio* de Gouveia, transcreveu o artigo do nosso distinto colaborador Manuel José Antonio, inserto na secção *Voz dos Professores* e que diz respeito aos excursionistas gouveenses.

Agradecêmos.

CORRESPONDENCIAS

VILA DE PEREIRA, 23

No dia 19 fez seis anos o menino Alfredo, filho do nosso amigo snr. Eufrosino Alves Teixeira. A' galante criança, assim como a seus pais, damos as nossas felicitações, desejando que tal dia se repita por muitos anos.

Tambem fez anos no dia 22 a gentil menina Judit, filha da snr.ª D. Beatriz de Melo Freitas.

Agua mole em pedra dura... Quando é que nós teremos um relogio a funcionar cá no burgo? Quando é que se põe a concurso o partido medico?

A politica... é tão bonita!

Pois, sim. Vão indo, *meninos*, por esse caminho que hão de bater o fado em novembro proximo. O *Zé* espreita tudo.

Com vinagre nunca se apanharam moscas.

Hoje fico por aqui.

Azuil de Carvalho.

Pampilhosa do Botão, 25

Realisaram-se na sexta-feira, dia 25, os exames do 1.º grau das escolas desta freguezia. Os resultados foram magnificos, tanto em qualidade como em quantidade, motivo que sobremaneira envaidece os seus professores.

Os alunos d'ambos os sexos—3 do sexo feminino e 13 do masculino—apresentaram-se, no geral, muito bem.

As classificações foram as seguintes: Optimas—as meninas: Albertina da S. Santos, Amelia Teixeira Lopes, Maria Angelica Jordão, e os meninos: Henrique dos Santos Dias, Antonio de Sousa Andrade, Salvador de Castro, Julio Saraiva, Germano Godinho, Custodio Lindo e Manoel da S. Mano.

Bons—os meninos: Eugenio S. Lopes, José Gomes de Carvalho, Joaquim Carlos, Manoel F. Magalhães, Abilio P. Lopes e Francisco Saraiva.

A todos um grande abraço de parabens, bem como a seus pais, não esquecendo neste abraço os professores.

Como prometemos no penultimo numero do *Dever*, vamos hoje dar mais algumas informações sobre os festejos de Santa Marinha, que devem realisar-se no dia 3 do proximo mez de agosto.

Dissémos então que no respectivo programa figuraria a osganisação duma kermesse em beneficio da Caixa Escolar.

Hoje, só temos a confirmar essa noticia, o que muito nos regosija.

A comissão é composta dos seguintes cidadãos: Francisco Mourão, dr. Francisco Cruz, Joaquim Cruz, Domingos Rodrigues da Silva, Guilherme Ferreira da Silva, José Martins, Joaquim M. Pedrosa, D. Maria do Ceu Ferreira da Fonseca, João Loureiro e Manoel de Sousa Andrade.

Ha, além disso, no domingo á noite, um vistoso fogo do Minho, etc.

Para a kermesse ha já muitas e valiosas prendas.

C.

ANUNCIOS

Arrematação judicial

(*1.ª publicação*)

NO dia 10 de agosto proximo, pelas onze horas, á porta do tribunal judicial desta comarca, se hão-de arrematar pelo maior lanço que fôr oferecido além do que lhes vai designado e que é o da sua avaliação, os predios abaixo mencionados, penhorados na execução hipotecaria que Rita de Jesus da Silva, solteira, do logar de Alfarelos, move a José Antonio Alves Franco e mulher Ana Ribeiro, do mesmo logar, a saber:

Uma casa de habitação na rua da Egreja, em Alfarelos, vai á praça em cem escudos.

Uma outra casa de habitação na mesma rua, em Alfarelos, vai á praça em sessenta escudos.

Um quintal tambem na rua da Egreja, em Alfarelos, vai á praça em oitenta escudos.

Pelo presente são citados para a arrematação quaesquer credores incertos.

Montemór-o-Velho, 18 de julho de 1913.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio

Verifiquei.

Lemos Viana.

Agua da Curia

Semelhante á de Contrexeville

Estimula a acção dos rins, que são os filtros do corpo humano.

Experimentai a agua da Curia.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55

COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSOES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Séde em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

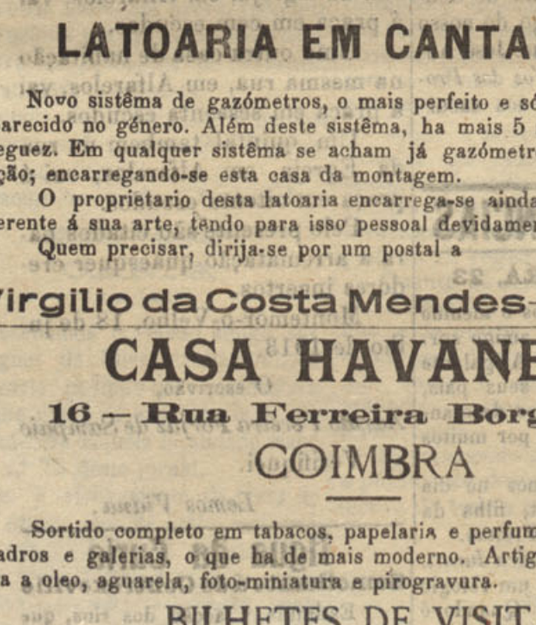
Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.

O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.

Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

CASA HAVANESA

16 — Rua Ferreira Borges — 18

COIMBRA

Sortido completo em tabacos, papelaria e perfumarias. Molduras para quadros e galerias, o que ha de mais moderno. Artigos para desenho, pintura a oleo, aguarela, foto-miniatura e pirogravura.

BILHETES DE VISITA

Novidades para brindes, artigos de viagem e toilette, etc.

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

CESAREO HERNANDEZ

—— COM ——

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

MELO & MARTINS

Com armazem de adubos quimicos, sulfato de cobre, enxofre e cal para construções

Endereço postal e telegrafico:

PAMPILHOSA DO BOTÃO

São nossos representantes em Mortagua:

NA POVOA, o snr. José Paulo

NA ESTAÇÃO, o snr. José Tomaz.

MURALINE

Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Biblioteca da Universidade Coimbra S. R.

Ano 2.° Arazêde, 3 de Agosto de 1913 N.° 76

COIMBRA & TELO 4.AGO.13 COIMBRA

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os originais, quere sejam ou não publicados. Não se aceitam informações anónimas.

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

Portugal e Colonias Portuguezas — Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trismestre, 30 centavos.
Brazil — Ano, 2 escudos, fortes.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Redactor e editor — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO SMAEL DA CRUZ

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

INCONSCIENTES?!...

Se é certo que a Humanidade caminha para a perfeição, abrindo novos horisontes em todos os ramos da Sciencia, é tambem certo que não póde a mesma Humanidade, ou pelo menos a maioria dos seus membros, aprovar um crime, como o de Lisboa, por ocasião das chamadas Festas da Cidade. E assim é que toda a imprensa, incluindo os *canudos*, condenaram um áto que só por si é condenavel, não havendo, como não ha, causas que o justifiquem!

Eu por mim confesso que, apezar de não vir á imprensa mostrar o meu desagrado, o classifiquei de selvageria, e ainda hoje sou do mesmo parecer, a não ser que me convençam de que aquêle áto foi uma manifestação do... *adiantamento e progresso das massas*, e por isso mesmo — um, dois... trez passos andados no mesmo progresso!!!

Se eu sou, em principio, contra a guerra, só por ser guerra, desejando o combate de ideias, embora me veja na dura necessidade de me conformar com as lutas sanguineas, de nação contra nação, luta que ha de sempre subsistir enquanto houver ambiciosos; como poderia eu, que vivo na doce ilusão de que a Humanidade se ha-de civilisar tanto que a polvora e dinamite só servirão para a economia da sociedade; como poderia eu, digo, aprovar um áto que nenhum — a meu vêr, entenda-se bem! — nenhum principio justifica?!... Vejamos:

Nenhuma áção se pratica que não tenda a um fim, e, se o fim é nobre, e alevantado, os meios a empregar para se chegar a esse fim, devem igualmente ser nobres, porque *os fins não justificam os meios*. Esta doutrina só serve á *Companhia de Jesus*, que por tal foi, e é, tam odiada, e que só apregoando que *os fins justificam os meios*, se defendeu da acusação de ter praticado tantos crimes, de haver queimado no tribunal da *Santa Inquisição* tantos dos nossos maiores. Ora, se os fins não podem justificar os meios, e os meios são tam condenaveis, que até os que, dalguma fórma, pretendem atenuá-los, insinuando-nos *que os fins seriam bons*, os reprovam, segue-se que os meios empregados pelos heroes do atentado, só serviram para mais os afastar do fim a que miram.

Mais ainda:—Para chegarmos a uma época de Justiça, Paz e Amôr, será necessario lançar mão de processos diametralmente opostos?! Não! A Justiça só vingará, apregoando-se e praticando-se átos justos! A Paz e Amôr nunca serão compreendidos, quando ensinados por meio da morte, da carnificina! Daí a minha persuasão de que os fins, ou fim em vista não era bom, ou então, e na melhor das ipóteses, nem bom, nem mau, por ser praticado por loucos, que nenhum fim tinham em vista.

O que é certo é que o facto alarmou o Paiz inteiro, precisamente na ocasião em que precisamos de mais socêgo! O que é incontestavel é que por isso mesmo aquêle atentado não póde deixar de considerar-se anti patriotico e anti-humanitario, porquanto eu não compreendo como se possa trabalhar pelo bem da Patria, saída duma revolução, promovendo receios, sustos, levantamentos; assim como não compreendo que se trabalhe pelo bem e felicidade do genero humano, matando *a tôrto e a direito* pessoas que *nada tinham com o caso!!!*

Parece me que tenho provado bastante que não nos cabe o epiteto de *inconscientes* por reprovarmos o que ninguem, de são criterio, aprovaria, e ainda que, para o reprovarmos, o analizámos em todos os seus detalhes, e com aquéla imparcialidade de que são capazes *pessoas estranhas ao caso*.

Abram se escolas; dêem-se ao professorado os meios indispensaveis para bem se desempenharem do seu munus, e nós, os *inconscientes*, não reprovaremos átos como o de Lisboa, porque não se poderá reprovar o que não existe!

Educação! Educação!

Padre Paulo Evaristo Alves,
Pensionista.

NOTAS

Jornais evolucionistas

Vão aparecendo vários, de diferentes formatos, de variegados tipos, mas todos ferindo a mesma nota de ataque ao governo actual. Póde dizer-se mesmo que a razão de ser da imprensa evolucionista está na besbilhotice, no odio, no destempêro.

Agora coube a vez á *Gazeta da Figueira*, que pôs o rotulo de evolucionista para, bem ás claras, entrar no campo do *diz tu, direi eu*, isto é, para fazer côro com as outras folhas *regateiras* da mesma côr.

Triste caminho é este que percorre uma parte do jornalismo nos modernos tempos!

Bombas

Continua a conspiração dos monarquicos por meio de bombas. Ha dias foi apreendida uma carroça em Lisboa, carregada de bombas e pedras.

Mas para quê? Desenganem-se os talassas que nada conseguirão, porque, felizmente, ha bons republicanos que não deixarão que frutifiquem os seus processos subversivos.

De cera vermelha

Eram de cera vermelha os selos que se usavam ha 337 anos. Com efeito, no arquivo da casa de Bragança existe uma importante carta que em 31 de julho de 1576 o rei D. Duarte I mandou ao escrivão de fazenda.

Dir-se-ia que até já naqueles tempos remotos a côr vermelha fascinava os reis. Aquela côr ideal que faz parte do simbolo querido da nossa Republica! Aquela côr saudavelmente bela em que amortalhamos, afinal, os gloriosos martires da Revolução triunfante...

Como é bela a côr vermelha!...

Factos

Em que peze aos refinadissimos tartufos que se entretem a propagandear toda a sorte de calunias contra o regime republicano, o cérto é que o país vae prosperando e a Republica resolvendo os mais inadiaveis problemas de ordem economica.

Assim é que, com a nova lei de contribuição predial, só no nosso concelho ficaram isentos de pagamento, no respeitante a propriedade rustica, 6:581 contribuintes, pagando menos 3:195, pagando o mesmo 412 e pagando mais 248, isto sem falarmos agora na propriedade urbana, cuja contribuição trouxe tambem grandes vantagens ao povo. Nem assim, com factos concretos, se convencerão os inimigos da Republica? Já é ter mau coração...

Greves

Declararam-se em greve, na Catalunha, perto de 8:000 operarios e estavam fechadas, já na quinta-feira, 70 fabricas de varios mistéres. Por toda a parte o operariado procura reagir energicamente contra a prepotencia do capital. Fazemos votos para que opressores e oprimidos, transigindo dentro dos limites do rasoavel, resolvam a questão sem complicação de gravidade.

Em Espanha, como em toda a parte, a paralisação do trabalho é sempre prejudicial á vida economica dos povos.

O que faz a evolução...

Governador Civil

Tomou posse no dia 29, do cargo de governador civil deste distrito, o snr. dr. Pereira Osorio.

Os conimbricenses pedem que olhe s. ex.ª, a valer, para os interesses da cidade, algó prejudicados.

E nós rogamos-lhe que lance as suas vistas para o concelho de Montemór, por emquanto feudo dos caciques.

Cada um, pois, chega a braza á sua sardinha

E s. ex.ª, se quizer, tem muito que fazer.

CRÓNICA DE LISBOA

Todos nós—os que lêmos—criámos sempre uma predilécção por este ou por aquêle autôr, predilécção esta que se avoluma mais ou menos e toca por vezes as raias do mais ferrenho fanatismo.

E', pois, por este ultimo género de simpatia que eu me sinto ligado de corpo e alma ás obras de Gabriel d'Annunzio.

E porque hão de as obras do genial estilista italiano provocar em mim um tão avantajado sentimento? Sim, porquê? Porque dentro délas revive a minha vida, porque délas se alimentam as minhas saudades tão deliciosas quão pungentes, porque com elas se partem, em candido cortejo, rôstos amados que eu amei na vida!...

O Crime, quem não conhéce *O Crime*, obra sublime, talhada em blócos imensos de tristeza, refúgio sácro dos corações feridos?...

* * *

Por uma déstas manhãs prazenteiras, o meu bom amigo Cardoso — unico amigo, talvez, nésta Sodôma pervertida — entrou pelo meu retiro de solitario com *O Seculo* na mão.

— Já viste a nova invenção do padre Himalaia? perguntou ele, rindo.

— Não, respondi eu sem desfitar as sacratissimas paginas d'*O Crime* que pela centesima vez relia.

— Oh! é muito curioso, continuou ele na sua alegria quasi infantil. O padre Himalaia, após as suas colossais descobertas que toda a gente conhece, acaba de tirar da massa dos impossiveis outra que faz perder a côr ao homem mais resoluto.

— Gracêjas? perguntei surpreendido.

— Nada mais, nada menos, continuou ele como se não tivesse ouvido a minha interrução, que o fazer chover quando muito bem lhe aprouvér. Quatro canhões assestados á abóbada infinita, quatro tiros cortando simultaneamente o ar e logo uma batega de agua capaz de inundár o mais ressequido nabal...

— E' assombroso! atalhei vivamente.

— Fenomenal, e isto é bom preságio. *Amanhã* o homem regerá a Natureza com o fluido terrivel da sua vontade indomavel...

E o meu amigo quedou-se pensativo emquanto eu, num extase suavissimo, continuava lendo *O Crime* de Gabriel d'Annunzio.

* * *

De repente, uma das paginas fez-me estremecêr. A minha dôce morta fôra-me evocada imprevistamente. Dir-se-ia que o sonhadôr da Quinta dos Lilazes amára o mesmo arcanjo ao mesmo tempo e nas mesmas condições!

Mas, éla morrêra!...

E, entretanto, os meus olhos poisáram nésta fráse de triste desalento: «... a minha alma sentia-se desesperada e só, assim inclinada sobre o abismo escuro déss'outra alma!»

Fechei o livro. Os meus olhos marejaram-se de pranto.

Gomes Monteiro.

A propósito dum velho têma

Do nosso amigo e distinto poeta David Diniz, residente no Congo Belga, foi recebida nesta redacção uma longa carta, dirigida ao director do *Dever*, e referente á questão do *Tudo e Nada* aqui levantada pelo snr. Torres Fernandes.

Tem passagens belas, alevantadas, mesmo eruditas, em que scintila bem a prosa de David Diniz; mas, porque fere, embora ligeiramente, a nota passoal, e tambem porque já agora o assunto foi ultimado, não querendo, além disso, abrir excéções, visto que deixámos de inserir um outro artigo, por sinal bem violento, do snr. Vitorino Teófilo, e respeitante ao mesmo assunto, pedimos licença ao nosso amigo David Diniz para não publicar a sua carta, afim de evitar que os animos se exaltem com uma questão que ficaria sempre estéril, por mais potentes que fossem os cérebros que a tratassem.

Apenas diremos ao snr. David Diniz que estamos autorisados a declarar que o individuo de nome Paratudo, a que se referiu um nosso colaborador e a que o snr. Diniz alude no final da sua carta, não é o snr. Gonçalves Paratudo, mas um cavalheiro que residiu por muito tempo em Lisboa e que actualmente reside na provincia.

De resto, o *Dever* honrar-se-á sempre com a colaboração dum espirito artistico e quintessenciado como é o do snr. David Diniz.

CORREIOS

Ao sr. Director geral dos correios e chefe da estação telegrafo-postal da Figueira da Foz, pedimos o favor de fazer entrar na ordem o condutor de malas Joaquim dos Santos, que faz serviço entre Alfarelos e Figueira, pois que este empregado, esquecendo-se de que estamos em plena democracia e em regime republicano, continúa com a sua maneira brusca de tratar o publico que, em serviço do Estado e no proprio interesse do Estado, carece dos seus serviços.

Vem isto a proposito do facto de um dos nossos redactores, carecendo na quarta-feira de fazer chegar da Pampilhosa á nossa redacção um pacote de jornais, devida e legalmente franquados, o colocar no compartimento destinado áquele condutor, não lh'o entregando pessoalmente por ele lá não estar, e este, por maldade e por pirraça—vinganças muito proprias do seu temperamento—o não querer deixar em Arazêde ao condutor desta localidade, originando assim uma demora inutil na entrega, que só no dia seguinte se efétuou, e consequentes prejuizos para este jornal.

Nós bem sabemos que é vedado aos condutores entregarem correspondencia á mão. Mas, senhor Director geral, tratava-se dum inofensivo maço de jornais, do dia, e áquela hora o nosso redactor não tinha outro meio de no-lo fazer chegar ás mãos nesse mesmo dia.

Por isso, aproveitando o comboio que parte de Pampilhosa ás 17,30 e que traz mala para aqui, fez o que já tem feito por diversas vezes sem que nenhum dos outros condutores se recusassem a traze-lo. O Santos, pela sua pouca educação e ausencia de urbanidade para com o publico, gosa de poucas simpatias, e não raras são as questões, que tem tido com varias pessoas. Que o diga, por exemplo, o snr. chefe da estação de Alfarelos.

Que nos desculpem os nossos leitores por hoje fugirmos um pouco da linha jornalistica que nos impuzemos. Mas parece-nos oportuno um corretivo e confiamos em que o snr. Director Geral tomará energicas medidas no sentido de corrigir abusos, tanto mais que a Direção Geral dos Correios está empenhada na simpatica missão de facilitar ao publico todos os meios ao seu alcance, para que a correspondencia chegue rapidamente a destino.

E bem haja.

No proximo numero

ARRUAÇAS

artigo de **José Pereira Pinto**

Carta de Coimbra

Causou aqui geral indignação, o caso das bombas, ocorrido ultimamente na capital.

O governo atalhou a tempo, e isso lhe valeu as mais elogiosas referencias dos jornais radicais da capital franceza.

Lamento tão tristes acontecimentos, que só podem ser perfilhados por individuos destituidos da mais infima parcela de senso.

E' indubitavelmente urgente o mais severo castigo a esse bando de criminosos, que procura pelos meios mais infames e condenaveis, ferir a integridade da Patria Portugueza.

——Segundo informações que reputo verdadeiras, o governo tenciona dar varias compensações a Coimbra, tais como a creação duma escola normal modêlo, séde dos serviços florestais, um manicomio, etc.

Coimbra deve sentir-se satisfeita com estes melhoramentos, pois que eles têm, fóra de duvida, a mais alta influencia na vida economica desta cidade.

——O conselho de arte, numa das suas ultimas reuniões, protestou contra a demolição da igreja de S. Bento. Na verdade, pêna é que queiram demolir essa velha reliquia de arquitetura, que é não só um trabalho arquitetonico de subido valor, como tambem uma recordação indelevel dum passado grandioso.

Entre nós, devido á falta de educação, está ainda muito pouco desenvolvido o culto pela Arte.

Raro é o dia em que infelizmente não temos que registar atentados contra esses padrões de pedra, que são paginas imorredouras da nossa historia.

E o mais lamentavel é quando esses atentados são praticados por criaturas duma certa cultura intelectual, que deviam ser as primeiras a ensinar a amar com carinho essas obras de arte que marcam todas as *étapes* da nossa vida, atravez de tantos anos.

J. N. L.

Coisas simples

Pequenas considerações

A cada passo ouvimos repetir: «a vida é um fardo muito pesado»; ora que se dissesse o contrario é que eu admiraria... Mas, por a vida assim sêr, é que muita gente, que se diz corajosa, se quere déla aliviar... pela porta larga do suicidio.

A vida é pesada porque nós assim a tornamos; é agreste porque não sabemos torná-la suave. Queremos néla encontrar um paraizo e todavia não nos esforçamos por combater os ódios, a imoralidade, a dissolução que campeiam infrenes aluindo de continuo os alicerces do tal sonhado paraizo.

Em vez do caminho do dever e da honra, trilha-se o dos vãos prazeres, das falsas alegrias, e depois o reverso dessa medalha de ouropel é o desgosto, o aborrecimento, a desilusão.

Para solucionar tudo isto é que se procura o suicidio. Os jornais noticiam o facto e engendram toda a sorte de atenuantes para desculpar o suicida e até ha quem chame ao que tal ato pratica, *corajoso*.

Quem põe termo á vida para déla se libertar não é corajoso, é fraco; e tão fraco que não teve força em si para vencer as vicissitudes da fortuna, para arrostar as asperezas da sorte. Quere libertar-se e escravisa-se. Tinha um papel a cumprir na sociedade e rasgou-o lançando os seus fragmentos, como um ultrage, á mesma sociedade.

Coragem é têr caráter e força moral, é trabalhar para vencer o vicio e a desfortuna, é arrostar as contrariedades com ánimo sereno e não deixar-se aniquilar por elas; nobilita-se quem se purifica no cadinho do sofrimento.

Mas ¿não terá nenhuma atenuante o suicida? Tem; é produto de um meio corruto onde o saneamento falta. São responsaveis morais do seu ato todos os que lhe déram maus exemplos de conduta, todos os que chasquêam da dôr de quem sófre, todos os que por indiferença não contribuem para morigerar os costumes, para que a sociedade se não abisme no tremedal; a par destes fautores indirectos não pouco contribuiu tambem a deficiente educação recebida que fez uma criatura frivola e não um consciente da realidade da vida.

Escreveu Camilo: Não pulsa um coração debaixo do ceu que não sófra. Ora o sofrimento não avilta, nobilita.

Moralisemos e eduquêmos: morigerar os costumes, e bem compete neste ponto a todos os que escrevem não usarem de sentidos ou linguagem ultra-realista que magoam as pessoas honestas; educar as crianças para que, quando chegarem á idade de pensar, encárem a vida não como «um fardo pesado» que nos tortura, mas como uma obrigação a cumprir.

Deixêmos, ao sêrmos riscados do numero dos vivos, um nome impoluto; e tenhamos a consolação de termos sempre praticado o Bem.

Aurea Judit Amaral.

CARTA DE LISBOA

Não ha dia nenhum, póde afoitamente dizer-se, que não estoire uma bomba, causando sempre desastres lamentaveis. Oh! Lisboa... Vê-la e depois... ficar pirotécnico!

——Na noite de 24 foi o quartel de infantaria 16 assaltado, o que se malogrou após uns tiros sem consequencias.

Isto—como a sonata de Chopin—*Muito trabalho para nada!*

——Quando o chefe do governo se dirigia á *cidade das tripas*, um *bico* qualquer que dá pelo nome de Cunha Neves foi preso junto da estação. Diz-se que estava ali para assassinar o snr. dr. Afonso Costa. E eu que julgava que só os anátemas da igreja puniam os que pécam por pensamentos!

——Realisou-se uma sentida romagem á ultima morada da desditosa Sára de Matos, vitima da matilha de Loiôla. A assistencia foi numerosissima.

——Para comemorar o malogrado corredôr pedestre Francisco Lazaro, que tão tristemente acabou nos campos de Stokolmo, o elemento sportivo desta cidade efetuou uma festa comemorativa que, a olhar ao desditoso homenageado, correu tambem ás mil maravilhas!

A vida é uma quiméra!...

Nitrato.

Livro sobre a Instrução militar preparatoria

Tem tido uma venda regular este livro, de que é autor o nosso prezado amigo e colaborador Jorge das Neves Larcher.

E' duma grande utilidade não só para os professores primarios, como tambem para os presidentes das juntas e mancebos até aos 20 anos.

O preço é de 200 réis cada exemplar, podendo os pedidos ser dirigidos á livraria França & Armenio, de Coimbra, e Marcelino & Costa, de Leiria.

Tambem já podem ser feitos os pedidos para o drama em 1 acto *O Sofrimento*, do mesmo autor, que já este mez vai ser posto á venda nas referidas livrarias.

Horas d'insónia

Ao imaginario contáto dos seus doces labios eu acórdo do meu doirado sonho e chamo essa creatura divinal que era, que não podia ser outra, senão minha mãe...

... Procuro entre os que me rodeiam e a ninguem posso dar esse nome.

Nos meus labios já não sinto os déssa Mulher idolatrada mas sobre o meu peito débil sinto todo o peso da lousa que m'a esconde ha tantos anos...

Não cheguei a conhece-la, mas sei que se vivesse o seu coração seria o escudo das desgraças que me teem ferido, que a sua mão, agora descarnada pelo Vérme, pelo Tempo, desviaria os golpes com que um mundo corruto me dilacéra...

... e o meu espirito liberto vae poisar sobre um tumulo... que é, que não podia ser outro, senão o de minha mãe!...

AMAZONA.

(Da *Voz da Justiça*).

Nota-se, nos tempos que vão correndo, uma certa tendencia para o misticismo. Os espiritos como que docemente se inclinam para um sentimentalismo quasi doentio. Este estado mórbido, que cértamente obedece a uma natural evolução humana, porventura a qualquer momentanea metamorfoze ou transformação psiquica, num estado natural de patologia definida, concorre imensamente para a pratica do Bem, mas tambem para um latente estado de desiluzão e enfado de viver.

Entretanto é notorio, agradavelmente notorio que, em nós os sentimentalistas, que vemos tudo atravez a nuvem sinistra de atrofiadores preságios, é a lembrança da Mulher-mãe, quere ela viva, quere haja adormecido o sóno eterno, aquele sóno adoravel de que mais se não acorda, que mais vivamente nos impreciona.

Efetivamente ninguem como a nossa mãe sabe chorar, ninguem como ela sabe sentir, ninguem como ela sabe amar...

E é por isso mesmo que eu não atino bem com a razão que leva muita gente a abandonar, quasi a esquecer a mulher que, por um capricho da sorte, foi mãe sem a realisação previa do acto estupido, da estupida convenção social que se chama o casamento, uma vez que ser mãe é, no altissimo significado da palavra, a suprema perfeição feminina, o ideal mais puro da parte consciente do sexo fragil.

Com efeito póde a gente procurar, percorrer todo o mundo, revolver todo o mundo, que não encontraremos ninguem mais, além da mulher que nos gerou, a quem possamos dar o dulcissimo nome de Mãe.

Ela aconselha-nos amigavelmente, sempre a sorrir e a sofrer; enxuga as nossas lagrimas, aquece as nossas carnes regeladas, purifica o nosso sangue, acarinha o nosso amôr.

E' a eterna visão da nossa alma. Deve ser doloroso, tragicamente doloroso ficar a gente sem mãe!...

E' que depois já não temos quem seja o «escudo das nossas desgraças», quem desvie os golpes traiçoeiros com que um «mundo corruto e preverso tente dilacerar-nos».

... E as corrupções são tantas, e as maldades tão enormes e perigosas!... Amae sempre vossa mãe.

ALMEIDA JUNIOR.

Ferro em braza...

O padre Larangeiro mandou fazêr, por seu alvedrio, uma porta nova para a sacristia da igreja cá do burgo, sendo posta de parte a que lá estava e que ainda era bastante resistente. A madeira foi fornecida pelo bombástico padre; mas madeira e feitio da porta serão pagos, ao que parece, pelo cofre da junta, porque das aljibeiras do padre estamos certos de que nada sairá.

Estamos agora para vêr se a junta aprova a verba das despêsas que o padre apresentar; isto é, se quer sujeitar-se a recebêr o banho de *agua benta* que o padre tenta lançar-lhe pela cabeça...

E a escola ali ao pé a desfazêr-se em caruncho!... Que grandes patriotas!

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

LXVI

O ensino manual—Dois trechos do "Guia Pratico,, — Um excelente meio para a educação população

Assunto não falta, presentemente, para estes artigos. O que ha é dificuldade na escolha. Este e outros motivos, que. por desnecessario, nos abstemos de apontar, levanos a preencher hoje a secção que no *Dever* nos foi gentilmente confiada com a transcrição de dois pequenos trechos do nosso «Guia Prático de Trabalhos Manuais Educativos». Como no penultimo numero deste jornal foi dito, o ensino manual é obrigatorio já no proximo ano lectivo; mas, que o não fôsse, pertencia-nos a nós, professores, preparar-nos de qualquer fórma para o ministrar, procurando assim pôr a pobre escola primária portuguesa ao nivel da dos paizes verdadeiramente civilisados.

Com a trascrição que vamor fazer crêmos, pois, que nada perderão os leitores benevolos que acaso ainda não conheçam o *Guia*:

«Se os professores primarios se convencessem bem da importancia que o trabalho manual tem como meio educativo e reflectissem sobre as vantagens da sua aplicação ao ensino, não haveria a estas horas escola onde ele se não exercitasse, mesmo iudependentemente dos conselhos de pedagogistas ilustres e dos decretos ministeriais que o tornam obrigatorio. Mas infelizmente, uns por não reflexionarem ácerca do seu valor educativo, outros para se não imporem a maçada de o ensinar, estes por lhes parecer que o seu ensino acarretará grandes despezas, aqueles por espirito contrario a todas as inovações, — o certo é que ha muitos professores que resistem a introduzir esta nova disciplina nas suas escolas.

«As experiencias feitas e os resultados correspondentes autorisam no entanto, a aconselhar a adopção do trabalho manual como excelente meio educativo, como metodo de ensino, como complemento emfim da *fórma* objectiva e experimental. Com a sua ajuda, não só poderá ser mais cuidada a educação da criança, tanto pelo lado fisico, como pelos inteletual, moral e estético, senão que tambem fáceis meios se depararão ao educador de tornar o ensino mais ameno e facil e, sobretudo, mais agradavel e proveitoso.

* * *

«A evolução dos métodos de ensino póde sintetisar-se em tres *fórmas* distintas: fórma exclusivamente oral; fórma oral associada a elementos graficos; e fórma objectiva, experimental ou pratica. A primeira reduz-se a dar a definição simples e algumas explicações que a confirmem; a segunda não se limita á enunciação e explicação verbais—fá-las acompanhar do desenho ou debuxo do objecto; finalmente, a terceira junta ás anteriores o exemplo pratico, a experiencia ou a apresentação do proprio objecto.

.....

«Mas ha hoje algo mais eficás que as *fórmas* referidas, algo que estimula a actividade e aviva a inteligencia, facilitando a compreensão da ideia. Esse algo, que póde considerar-se como uma nova *fórma*, é o trabalho manual educativo, ha tempo já exercitado pelos bons professores.

«Em vez de dar a definição oral, de desenhar o objecto ou de o apresentar a ele mesmo, — faz-se com que a criança o construa de papel, arame, barro, cartão, etc., adicionando-o depois, sempre que seja possivel, ao seu caderno, para estudo ou adorno. Quem ousará negar a superioridade deste ultimo meio sobre todos os outros?—No primeiro intervem principalmente o ouvido, nos dois seguintes o ouvido e a vista—mas no ultimo, além dos sentidos indicados, põem-se em jogo a inventiva propria, o trabalho das mãos, a observação minuciosa, o gosto individual e o prazer que sempre proporciona a contemplação das obras que nós mesmos produzimos. Não será, assim, mais intenso e de maior eficacia o resultado educativo?»

.....

Prof. Manoel José Antonio.

Notas pessoais

Faz hoje anos a menina Arminda Baía.

—— Está doente o snr. Antonio Cruz (Gôrdo).

—— Tambem ha algum tempo se encontra doente a menina Natividade Mendes, filha do snr. Joaquim Mendes da Cruz.

—— Encontra-se no Gerez, fazendo uzo das aguas daquela estancia termal, o nosso presado assinante do Canêdo, snr. Alipio Rodrigues.

—— Passou no dia 31 do p. p. o aniversario natalicio da snr.ª D. Isaura d'Oliveira, distinta medica pela Universidade de Coimbra. Felicitamos.

—— Encontra-se de licença o nosso presado patricio snr. Manoel de Almeida Junior, funcionario da Companhia dos Vagões Leitos.

—— Partiu para a Figueira no dia 31 o nosso presado amigo snr. Alphonse Humbert, distinto sub-inspetor da Companhia Wagons Lits, em Lisboa.

—— Tem estado doente a estremosa mãe do nosso querido companheiro de luta, Antonio Ismael da Cruz, administrador deste jornal.

Desejamos as melhoras da bondosa enferma.

—— De visita a seu irmão Rodrigues da Silva, nosso amigo, tem estado na Pampilhosa o nosso presado amigo sr. Antonio da Silva, activo chefe da estação de Runa.

EXAMES

Fez exame de botanica medica, ficando aprovado com 15 valores, em Coimbra, o snr. Carlos Climaco Batista, laureado e estudioso aluno da Universidade e filho dedicado do nosso presado amigo snr. João Climaco Batista, zeloso fiscal do governo do Movimento e Trafego junto dos caminhos de ferro.

*

Tambem a gentil menina Maria da Conceição Climaco Batista, filha daquele nosso amigo, fez exame do 1.º grau, obtendo a classificação de *distinto*.

Um abraço de felicitações.

ESCOLAS DE REPETIÇÃO

Como no ano ultimo sucedeu e nos termos da atual organisação do exercito, realisam-se em setembro proximo as escolas de repetição, a que deverão concorrer as praças que se alistaram em 1912 e as que foram incorporadas no corrente ano, no efectivo total de 55:000 homens.

Nestes exercicios, que devem durar duas semanas, tomam parte todos os oficiais e sargentos, quer dos quadros permanentes, quer dos milicianos, que não fôrem dispensados por expressa determinação superior.

Nas escolas de repetição devem executar-se exercicios de marcha, de estacionamento e de combate, adequando-os, tanto quanto possivel, á vida de campanha, fazendo, pois, cada unidade, diversas provas, obedecendo a temas de antemão preparados.

Ferro-viarios de Portugal

Recebemos a seguinte carta, que publicamos com prazer e com interesse, fazendo-lhe os devidos comentarios:

Meu caro Almeida Junior:

Por este correio lhe remeto o n.º 450 da Via Ferrea. *Recomendo-lhe a leitura do artigo que abre a 3.ª coluna da 3.ª pagina.*

Aquilo é a confirmação do que eu lhe disse na Brazileira, *ha tempo, quando você veio a Lisboa. Estavamos á mesma meza em que você e o fundador do jornal conversaram ha 4 anos, uma das ultimas vezes, intimamente sobre o mesmo assunto. Já elle então carpia maguas.*

Foi você que m'o referiu.

Creia que tenho pena!...

O artigo impressionou-me dolorosamente, pois ele é uma lição mestra para nós todos os que, com sacrificios de toda a natureza, pugnamos e defendemos á outrance *os interesses da classe que, sempre ingrata e cada vez mais desorientada, não sabe compreender esses esforços e esses sacrificios.*

Entretanto a culpa tiveram-n'a eles, que enveredaram por um caminho errado.

Quando eu e outros lhe quizemos acudir, era tarde. Havia apenas que conformar-nos. A classe estava perdida. Que pena, meu amigo, que tudo isto me faz!..

Todo seu,

Lisboa, 28—XII.

Julio.

Você, Julio, é pessimista em demasia. Nem tanto ao mar...

D'ha muito que eu previa, conhecendo a ingratidão que nos rodeia, tudo quanto o referido artigo diz. O despreso a que a classe votou a *Via Ferrea*, não está, quanto a mim, inteiramente justificado. Ninguem, como eu, póde falar com tanta imparcialidade.

O facto de estar, ha muito, de relações frias com a redação e fundador, é testemunho suficiente do que deixo dito.

Ha, entretanto, que considerar que um jornal de classe, com onze anos de existencia, nestes tempos que decorrem, tinha todo o direito a uma vida desafogada, se a classe, unindo-se disciplinadamente, bem compreendesse os seus deveres. Mas nem os ferro-viarios nem o jornal os compreenderam ainda. Uns e outros, caminhando mal, mal hão de ir até ao fim.

*

Agora mesmo cae nas minhas mãos o *Ferro-Viario*. Com tristeza o li! E' que ele traz-me mais desilusões, mais amargas desilusões, se bem que corrobore os meus vaticinios. Despediu-se a redacção em peso, em virtude de se não entenderem bem. Como tudo isto é triste! Ponha o publico os olhos neste estendal de miserias.

Uma classe, que podia ser a primeira classe do país, vae assim caíndo pouco a pouco, tão lamentavelmente!... Não ha, caro Julio, maneira de nos entendermos nunca mais. Bem avisados temos nós estado não nos querendo aproximar de lutas associativas.

Com efeito é doloroso vêr afastar, agora, alguns elementos que nos davam ainda esperança d'alguma coisa se conseguir de proveitoso para todos.

E o mesmo nos sucederia a nós.

Já em tempos alvitrámos medidas de interesse colectivo, que não foram bem acolhidas, de tal maneira a verdade ressaltava, limpida e evidente, dos nossos argumentos. Já então os conheciamos. Já então se havia apoderado de nós uma boa soma de desilusões, que nunca mais — nunca mais! — nos deixaram!

Aí temos, agora, uma completa desorganisação, e conseguido o *desideratum* de muita gente, de muito imbecil.

Resta-nos ver ainda mais alguma coisa. E ve-lo-hemos em pouco tempo, talvez.

Isto dá vontade de morrer, como dizia o grande solitario de Vale de Lobos.

De morrer ou de fugir.

Almeida Junior.

Escola Democratica

O snr. Conde de Santar acaba de oferecer cinco escudos para ajuda da construção, já começada, da Escola Democratica do Entroncamento da Pampilhosa.

O acto notabilitador e patriotico do snr. Conde de Santar, que foi sempre um grande amigo da instrução, deveria servir de estimulo a tantos espiritos retrogrados que infelizmente ainda campeiam por essas terras de Portugal fóra.

A comissão angariadora de donativos pede-nos que agradecemos, em seu nome colectivo, ao snr. Conde de Santar, o seu rasgado gesto de liberdade.

Registo civil

Durante o mez de julho realisaram-se no posto d'Arazede os seguintes registos:

Nascimentos

Maria d'Assunção de Jesus, filha legitima de Abel Mendes Nogueira, do Bebedouro.

Manoel Jorge Simões, filho legitimo de Joaquim Jorge Simões, da Volta da Tocha.

Maria Helena de Figueiredo Rodrigues Monteiro, filha legitima de Antonio Maria Rodrigues Monteiro, de Arazede.

José Maria Marques Junior, filho legitimo de José Maria Marques, do Casal do Gaio.

Manoel da Silva Julião e Deolinda da Cruz, gemeos, e filhos legitimos de Antonio da Silva Julião, dos Pelichos.

Maria Eugenia Ferreira, filha legitima de Julio Teixeira, do Amieiro.

Palmira da Cruz, filha legitima de Alberto da Silva Saltão, do Amieiro.

Manoel Pires Junior, filho legitimo de Manoel Pires, de Vila Franca.

Natividade Rosa da Cruz, filha legitima de Luiz da Costa Chegangas, dos Gordos.

Mabilia da Luz, filha ilegitima de Maria da Luz, da Bunhosa.

Joaquina Maria da Silva, filha legitima de Francisco da Silva, dos Resgatados.

Nazaré Jorge, filha legitima de Joaquim Maria dos Santos, do Casal do Gaio.

Obitos

José Maria Marques, do Zambujeiro.

Maria Jorge, da Volta da Tocha.

Inocencia da Piedade Baía, de Arazêde.

Ana de S. José, dos Resgatados.

José de Matos, do Amieiro.

Maria da Piedade Marques, de Arazêde.

Noticias

Regressaram a Lisboa, vindos do Porto, onde foram de visita, os srs. drs. Afonso Costa, Souza Junior e Antonio Maria da Silva, respectivamente ministros das finanças, instrução e fomento. Os ilustres visitantes foram alvo de carinhosas e repetidas aclamações, tanto no Porto, como em Lisboa, como ainda nas estações do percurso.

Foram concedidos 60 dias de licença ao meretissimo juiz da comarca de Montemor-o-Velho, dr. Agostinho Lemos Viana. e 30 dias ao delegado do Procurador da Republica na mesma comarca, dr. Elisio Mascarenhas de Mancelos.

Foi prezo em Santarem um individuo de nome Manoel Coelho da Cunha Neves, redactor do jornal monarquico de S. Paulo, *A Bandeira Portuguêsa*, por sêr acusado de tentar assassinar o sr. dr Afonso Costa.

Como se sabe, o parlamento votou, por proposta do governo, que no actual ano economico se despendesse a verba de 56 contos com a manutenção de escolas moveis. O sr. ministro de instrução publica deseja que quanto antes essas escolas funcionem, para que elas exerçam a sua acção de ensino e tambem de educação civica e patriotica. Por esse motivo, recebe desde já no ministerio requerimentos dos cidadãos que desejem ser professores e que necessitam ter as precisas habilitações literarias, a par dos requesitos morais para um apostolado dessa natureza. Entregues os requerimentos, serão apurados aqueles que melhores garantias ofereçam de se poder consagrar ao nobre papel. E' intenção do sr. ministro da instrução manter em Lisboa 10 escolas moveis, com cursos noturnos para adultos.

Foi expedida uma circular mandando convidar todos os oficiais, sargentos e cabos dos quadros activos e milicianos para prestarem a sua cooperação no ensino da instrução militar preparatoria no proximo mês de outubro, em que começa o segundo ano de instrução; e apelando para as camaras municipais e bons patriotas para auxiliarem a construção de carreiras de tiro e campos de jogos e ginastica.

Foi prêso em Alcobaça o republicano evolucionista, sr. Americo de Oliveira, por afirmar publicamente que as bombas que ultimamente explodiram em Lisboa, e tantas desgraças causaram, foram lançadas ou mandadas lançar pelo sr. dr. Afonso Costa e outros elementos democratas.

O norte e o sul da China estão revolucionados. Receia-se que a nação se fragmente em duas Republicas, e que haja uma intervenção estrangeira, se o presidente demonstrar a sua incapacidade para restabelecer a ordem.

A mais formosa das sufragistas norte-americanas, *miss* Ignez Milholland, acaba de casar se de um modo original. No caso interveiu tambem Marconi, o inventor da telegrafia sem fios.

Miss Milholland viaja no vapor «Mauritania», com destino á Inglaterra. Durante a viagem, Marconi, que é amigo da familia Milholland, apresentou á joven um seu amigo, de nome Eugenio Boissevain, de Amsterdam.

O enamoraram se deve ter sido um caso fulminante, porque a linda sufragista e o sr. Boissevain se casaram apenas desembarcaram em Liverpool.

A joven telefonou em seguida a noticia do casamento a sua mãe, que estava em Londres. O pae teve conhecimento do facto por um telegrama de Marconi, que o felicitava pelo casamento de sua filha, elogiando as qualidades do noivo.

A principio o sr. Milholland, cheio de surpreza, imaginou que se tratava de uma brincadeira; mas pouco depois a noticia era-lhe confirmada por um telegrama da propria filha, e então resolveu-se a enviar parabens aos novos esposos.

Miss Milholland é uma das mais entusiasticas propagandistas do movimento sufragista nos Estados Unidos, e distingue-se pela habilidade e pela originalidade que põe á prova na sua propaganda.

Quando se realisou a grande manifestação publica das sufragistas *yankees*, *miss* Milholland ia á frente, vestida de Joana d'Arc.

Tem o curso de direito e exerce a profissão de advogada em New-York.

Dois namorados, um Zeferino, de 22 anos, e uma Florinda, de 20, tentaram em Sacavem pôr termo á existencia, por os pais dela não consentirem nas relações amorosas. A conselho da Florinda, o Zeferino arranjou um revólver e um destes dias encontraram-se os dois num olival, e aí, depois de se despedirem dolorosamente um do outro, o Zeferino colocou o revólver debaixo do queixo da namorada e desfechou, recuando logo em meio da fumaceira do tiro, muito admirado de vêr que a Florinda ficára de pé a olhar para ele, tambem muito espantada. Então, o Zeferino aperrou de novo a arma e desfechou lhe segundo tiro num ouvido, caindo desta vez por terra. Nervoso, encostou tambem o revolver a uma das suas orelhas e fez fogo, mas sem resultado. Alucinado, repetiu trez vezes o gesto, mas o tiro nem sequer partiu. Foi então a correr para a linha férrea á espera que o comboio passasse e o fizesse em pedaços. Esperou, mas o comboio tardava. Voltou de novo para o olival, e aí encostou outra vez a arma ao ouvido, despechando e caindo tambem para o lado. Passados momentos, aparecem os dois vivinhos e já de pé, pois que apenas tinham desmaiado, ficando ligeiramente feridos, em virtude do revolver ser ordinario. Fôram pensados ambos, e depois o Zeferino recolheu a um calabouço e a Florinda foi entregue aos pais, acabando assim esta comedia original.

Numa escola feminina em Brême (Alemanha), deu se um deploravel acontecimento. Um alienado, empunhando um revolver, entrou na escola e encontrando no corredor uma das professoras desfechou sobre ela, sem que a atingisse.

Em seguida entron numa das salas, onde estavam reunidas 65 crianças. Aí, o individuo começou a atirar sem descanso sobre as infelizes crianças, e bem depressa trez delas caíam mortas, enquanto que uma dezena doutras tombavam gravemente feridas.

Produziu-se um indiscritivel panico. Todas as crianças queriam fugir para a rua, e uma delas, caindo na escada, fracturou o craneo. Um explicador, que queria dominar o louco, foi atingido num joelho, e o professor que, corajosamente, se lançou sobre ele, foi mortalmente ferido no ventre.

Logo que viu que a sala estava deserta, o desvairado colocou-se a uma das janelas e recomeçou a atirar sobre as raparigas que se encontravam no páteo da escola, depois do que procurou fugir.

Toda a gente, que a fusilaria atraíu, se reuniu para, com muito custo, o desarmar, porque ele possuia nada menos de seis revolvers e mais de cem cartuchos. Tomada duma legitima cólera, a multidão agrediu-o e ele foi conduzido á prisão semi-morto.

Uma das meninas, que ficára apenas ferida, sucumbiu pouco depois desta lamentavel scêna.

CORRESPONDENCIAS

VILA DE PEREIRA, 30

Tivemos o gosto de vêr entre nós o nosso amigo, dr. Juvenal Quaresma de Paiva, dentista em Coimbra, que aqui veio de visita a seu tio, snr. Silverio Luiz de Carvalho.

—— Em goso de ferias, encontra-se nesta vila o snr. Humberto Luiz de Carvalho, aluno da Universidade de Coimbra.

—— Tem passado bastante incomodado de saude o snr. Guilherme José da Silveira, encarregado dos correios nesta vila.

—— Tambem o menino Alfredo, sobrinho do snr. Manuel Pimentel Bicho, se encontra retido no leito. Desejamos-lhe pronto restabelecimento.

—— Realisou-se hontem o enterro civil dum filho do snr. José Mendes Tarrafa. No enterro encorporaram-se, além de muitos amigos do pai da desditosa criança, o Grupo Musical 5 de Outubro de 1910.

A' familia, os nossos sentidos pezames.

—— *Quem pergunta...* Quando é que eu verei candieiros nas ruas de Pereira?

Quem me avisa... O povo desta vila, Santo Varão e Formozelha, vão entregar á Comissão Municipal Administrativa um abaixo assinado, pedindo que seja nomeado medico do partido de Pereira o nosso amigo, snr. dr. Antonio Conceiro Martins.

Será desta vez feita a vontade do povo?

Vá, *meninos*, mãos ao serviço. O tempo tudo traz, e a politica fica de lado

Azuil de Carvalho.

TOCHA, 30

De visita a sua filha, snr.ª D. Olimpia Maximina de Andrade, encontra-se nesta localidade o snr. Manuel Simões Godinho, proprietario em Figueiró dos Vinhos.

Em gôso de ferias, encontra-se entre nós o snr. Julio Rodrigues Andrade, estudante do liceu de Lisboa.

Estacionam por enquanto os trabalhos da montagem do relogio da igreja, oferta do snr. Manuel Rodrigues Maia, dos Andrades. Consta recomeçarem em breve.

Foi transferida da escola da Caniceira para a de Febres a professora snr.ª D. Maria José Simões.

C.

N. da R. — Pudemos informar os nossos leitores de que o relogio da igreja foi já despachado em Lisboa, estando a caminho da Tocha. Deve chegar á estação proxima por estes dias.

BARAÇAL, 1

Poderá alguem dizer-nos quando é provida a escola do sexo masculino do Baraçal, concelho de Celorico da Beira?

Ignora-se que esta escola se encontra fechada ha mais de dois mezes?

As crianças (e algumas delas que deviam fazer exame), encontram-se privadas de quem lhes ministre a instrução e a educação civica.

Estará o Baraçal votado ao esquecimento?

Por hoje, fazemos apenas aquelas perguntas e pedimos providencias a quem competir, as quais já deviam ter sido tomadas, em beneficio das criancinhas que estão votadas ao abandono.

Confiamos, entretanto, que em breve seja nomeado professor, e, se assim não suceder, voltaremos ao assunto, apreciando-o como é de justiça.

Mais amor pela instrução que tão precisa é para a emancipação do povo e para o progresso da Patria.

A. F. A.

ANUNCIOS

Arrematação judicial

(2.ª *publicação*)

NO dia 10 de agosto proximo, pelas onze horas, á porta do tribunal judicial desta comarca, se hão-de arrematar pelo maior lanço que fôr oferecido além do que lhes vai designado e que é o da sua avaliação, os predios abaixo mencionados, penhorados na execução hipotecaria que Rita de Jesus da Silva, solteira, do logar de Alfarelos, move a José Antonio Alves Franco e mulher Ana Ribeiro, do mesmo logar, a saber:

Uma casa de habitação na rua da Egreja, em Alfarelos, vai á praça em cem escudos.

Uma outra casa de habitação na mesma rua, em Alfarelos, vai á praça em sessenta escudos.

Um quintal tambem na rua da Egreja, em Alfarelos, vai á praça em oitenta escudos.

Pelo presente são citados para a arrematação quaesquer credores incertos.

Montemór-o-Velho, 18 de julho de 1913.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio

Verifiquei.

Lemos Viana.

Agua da Curia

Semelhante á de Contrexeville

Estimula a acção dos rins, que são os filtros do corpo humano.

Experimentai a agua da Curia.

ABILIO LAGOAS

Praça do Comercio, 54 e 55

COIMBRA

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSOES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

—— COM ——

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

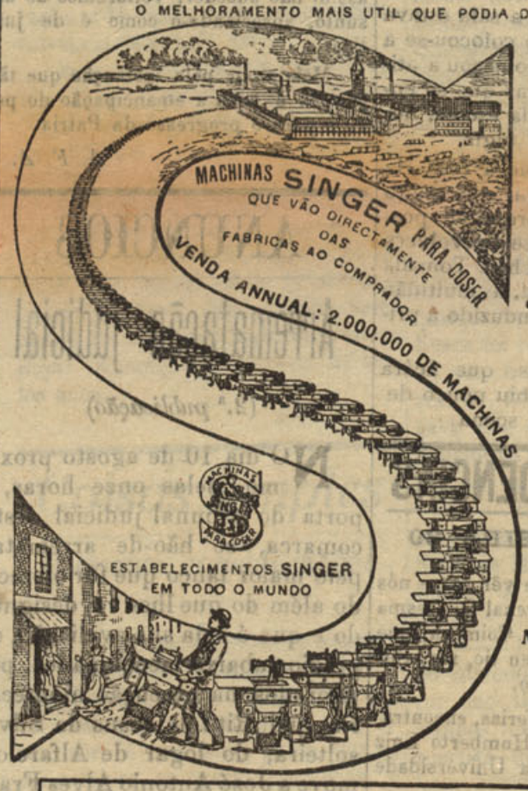
PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

MELO & MARTINS

Com armazem de adubos quimicos, sulfato de cobre, enxofre e cal para construções

Endereço postal e telegrafico:

PAMPILHOSA DO BOTÃO

São nossos representantes em Mortagua:

NA POVOA, o snr. José Paulo

NA ESTAÇÃO, o snr. José Tomaz.

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.

O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.

Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

CASA HAVANESA

16 — Rua Ferreira Borges — 18

COIMBRA

Sortido completo em tabacos, papelaria e perfumarias. Molduras para quadros e galerias, o que ha de mais moderno. Artigos para desenho, pintura a oleo, aguarela, foto-miniatura e pirogravura.

BILHETES DE VISITA

Novidades para brindes, artigos de viagem e toilette etc.

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

MURALINE

Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Biblioteca da Universidade Coimbra S. R.

Ano 2.° Arazêde, 10 de Agosto de 1913 N.° 77

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os originais, quere sejam ou não publicados. Não se aceitam informações anónimas.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

PORTUGAL E COLONIAS PORTUGUEZAS—Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trismestre, 30 centavos.
BRAZIL — Ano, 2 pesos fortes.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO SMAEL DA CRUZ

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

ARRUAÇAS

Ha-de haver muita gente que, ao ter conhecimento dos movimentos revolucionarios da capital e das continuas explosões de bombas, perguntará a si mesmo se a Republica não virá a tornar-se nessa anarquia social dos dinamitistas, ou se, num futuro proximo, não será um tipico modelo das estouvadas republicas da America Central. E ha-de haver muitos, que, perante a ideia dum futuro tal, sintam em volta de si a atmosfera carregada dos grandes cataclismos; e fitem com anciedade os nossos extensos dominios coloniais, perdidos irremissivelmente nessa desastrosa agitação interna.

No entanto, nunca Portugal esteve mais senhor dos seus destinos, nunca governo algum chamou sobre si tantos elogios das demais nações, nunca a vida entrou tão definitivamente na senda do progresso, da prosperidade e da paz!

Parece á primeira vista um contrasenso, mas basta meditarmos um pouco sobre as revoluções dos povos, para nos convencermos desta verdade.

Qualquer sociedade por mais perfeita e organisada que seja, tem no seu intimo, elementos de perturbação, de desordem, de revolta. São os descontentes, os ambiciosos sem escrupulos, os desordeiros de profissão.

Ora, esboce-se um movimento revolucionario e por mais elevados que sejam os seus fins, por melhores que sejam os seus propagandistas, essa malta anónima do odio e do rancor ha de fatalmente misturar-se com os apostolos da nova ideia e, á sombra da bandeira de elevados ideais, quere saciar os seus odios de desordeiros e fazer medrar as suas aspirações de ralé. Quantas vezes um movimento revolucionario de altos fins patrioticos, não foi comprometido por essa gente? Quantas vezes uma audaz tentativa de revolta, bem organisada, contra a tirania, não foi denunciada por um desses desordeiros, só porque tivesse sido desatendido nalguma proposta quixotesca e comprometedora? E no entanto se estes corifeus de lama vêem um dia como poder constituido da nação o ideal a que se acoitaram, julgam-se os unicos vencedores das instituições caducas e os unicos sustentaculos do novo regime. Até hoje ainda nenhuma revolução se pôde isentar dessa peste d'homens sem ideais, sem principios e sem patriotismo.

* * *

A Revolução Francêsa deve as páginas negras da sua historia a esse bando de verdadeiras féras que corre para o sangue e que encontra no cáos tremendo duma luta civil o elemento mais proprio para medrar.

Ora a Revolução Portuguêsa não foi isenta de arruaceiros. Ao lado dos que combatiam patrioticamente o edificio carcomido e escandaloso da velha monarquia, formaram alas os energúmenos que aspiram pela desordem.

Implantada a Republica, é natural que se julgassem os árbitros dos destinos deste país. Queriam a nação manchada com um tribunal revolucionario; queriam a demissão de todos os que, servindo a patria, tinham que curvar-se ao velho poder deposto; queriam a nação perdida na guerra civil pela perseguição acintosa de todos quantos não comungassem no seu credo. Nenhum governo, porém, continuou no poder a obra demolidora dos tempos de propaganda; e d'aí o descontentamento. Clamaram primeiro contra uma pretendida autocracia nas esferas administrativas. Clamaram depois contra uma pretendida inação nas esferas governamentaes.

E desfraldado o seu estandarte de revolta, nunca mais pararam. E' a eles que se deve a agitação desordenada das classes trabalhadoras arremessadas para gréves que as prejudicaram. E' a eles que se deve a agitação violenta que obrigou um governo a declarar Lisboa em estado de sitio.

Houve primeiramente movimentos encobertos, mas a constituição dum governo, que imprimiu marcha regular a todos os serviços publicos e o abandono das classes trabalhadoras que os repudiaram, fê-los revoltar sem pretexto nem rebuço. Essa revolta, porém, longe de enfraquecer a Republica, vem mostrar claramente como ela póde subjugar esses arruaceiros e reduzir a zero toda a tentativa de rebelião. E ai da Republica se esses elementos não tentassem revoltar-se. Ai déla se os desordeiros caminhassem de braço dado com as autoridades politicas do país.

A Republica nunca será, todavia, um regime de arruaceiros, ou onde a desordem possa viver. D'aí a agonia desses inuteis da sociedade, manifestada nesses simulacros de movimentos que não são mais que o estertor compassado dum fátor perigoso que tende a desaparecer da sociedade portuguêsa.

José Pereira Pinto.

Dr. José Eugénio Dias Ferreira

Foi nomeado professor do Instituto Superior do Comercio este nosso presado amigo e distinto jurisconsulto da capital que, no seu tempo de estudante, ocupou um logar de destaque na academia de Coimbra.

Sua ex.ª, que fica regendo a cadeira de direito internacional privado, bem merece a honra que o governo da Republica lhe acaba de conferir, pois que, pelo seu comprovado talento e pelas suas superiores qualidades, saberá dignificar o Instituto para que foi nomeado, tendo ainda a garantir-lhe a confiança do governo o prestigio profissional que possue em subido grau.

Ao snr. dr. José Eugénio apresenta, o *Dever* as suas mais cordeais felicitações, congratulando-se por tão honrosa nomeação.

NOTAS

Presidente da Republica

A doença do snr. dr. Manuel de Arriaga tem inspirado ao país os mais sérios cuidados pelos desgôstos e contrariedades que a sua perda provavel poderia ocasionar.

Felizmente as melhoras do ilustre Chefe do Estado vão-se acentuando, com o que muito se rejubilam os bons republicanos, fasendo nós ardentes votos para que dentro em pouco Sua Ex.ª reassuma a alta magistratura em que a nação o investiu.

Palavras irredutiveis

No nosso presado colega *O Rebate*, do snr. dr. Alfredo de Magalhães, lêem-se estas palavras dignas de toda a ponderação:

> «. . os homens só valem para nós como encarnação dos principios de emancipação que advogamos sempre; insurgindo-nos, sim, contra más influencias absorventes do regimen, explorando em beneficio proprio uma situação, que só terá razão de ser e triunfará em toda a plenitude, no dia em que a nação inteira entre nela decididamente, para se modificar por si, com a consciencia de integrar-se a valer no mundo moderno. Condição para nós todos de vida ou de morte».

E' esta a doutrina que temos sempre apregoado; isto é, dentro do mesmo país, dentro duma democracia, a deveres iguais deverão corresponder direitos iguais. Só assim se justificará a razão de ser de cada patria, a rasão de ser da Humanidade.

Autopsia

O mesmo jornal *O Rebate*, num dos seus numeros, diz que vai proceder a uma autopsia, em vida, aos serviços publicos.

Achamos bem, e aconselhamos *O Rebate* a que não deixe de autopsiar a Contabilidade Publica, onde parece que os serviços andam por vezes parados, sofrendo muito com isso os pobres funcionarios da instrução.

Milho! Milho!

A camara de Montemór já pensou na adjudicação dum fornecimento de milho para abastecimento do concelho, a exemplo do que têm feito outros municipios? Se ainda não pensou deve lembrar-se de que é uma necessidade instante para as classes pobres, que vêem encarecer a vida de dia para dia. E é com medidas desta ordem que as camaras se inaltecem e conquistam a simpatia e a confiança do povo, que é a base da sua sustentação

Um desequilibrado

Com este titulo publicou ha dias o *Mundo* um artigo referente a um franquista qualquer, de nome João Antonio d'Oliveira e Silva, que no Funchal exerce as funções de inspector escolar, logar para que foi nomeado no governo provisorio. Diz o artigo que esse franquista é um ignorantão de tal maneira que uma criança com o exame do 2.º grau seria capaz de o suplantar.

Ora, n'estas condições, para que se conserva um homem destes á frente duma inspecção? Não temos aí tantos professores distintos para desempenharem proficientemente um cargo de tal responsabilidade? E muitos dêles estão a ganhar 49 centavos por dia!...

Para isto não ha olhos.

Imprensa

Deu-nos a honra da sua visita o diario da capital *O Rebate*, dirigido pelo snr. dr. Alfredo de Magalhães. E' um jornal que se apresenta com boa orientação, lutando pelos principios basilares da Republica. Agradecemos e vamos permutar.

A independencia... dêles

O Diario de Coimbra, de 1 do corrente, insere uma correspondencia da Pampilhosa, referente ao regresso, do Porto, do snr. dr. Afonso Costa. O arrazoado tem tanto de maldade como de aleivosia.

Pretendeu o correspondente—dizem-nos que é uma criatura dos Campos Elisios, muito temente a Deus—achincalhar com o facto de ninguem ter preparado uma recéção ao snr. presidente do ministerio, comparando sua ex.ª com o pobre carregador Daniel Mendes. Nós não temos procuração do snr. dr. Afonso Costa para verberarmos o procedimento do escriba, mas sempre diremos que tais processos de ataque dão simplesmente vontade de... rir, porque eles bem caracterisam, exteriorisando o que lhes vae na alma, o procedimento dos inimigos do governo.

Mas... é assim a independencia... dêles.

Governador do distrito

Continuam os evolucionistas conimbricenses malhando no snr. dr. Pereira Osorio como quem bate em centeio verde. Ora dado o caso de os evolucionistas não terem tido ainda, como nós, tempo de apreciar a acção governativa daquele funcionario, constatado está que ha da parte da oposição um ataque sistematico, sem ordem e sem objetivo digno de registro.

Já é ter má vontade...

Dr. João Constantino

Foi autorisado a exercer a advocacia, este nosso presado amigo, inteligente notario nesta localidade.

Bom foi, pois que o povo, quando carecia de tratar questões juciais e orientar-se da lei, tinha que percorrer 15 kilometros para ir a Montemór, séde do concelho.

Interesses locais

Arazêde e o pôsto médico — Um "médico á fôrça„ que se recusa a ir visitar os doentes — Situação deploravel

O bacharel em medicina, dr. Alfredo Couceiro, continua a ser a *fita* desta questão que já vai irritando os animos mais moderados Sua ex.ª, como a celebre personagem criada por Molière, quere entrar ingloriamente na farça. Mas para quê? Não concorda o snr. dr. Couceiro que isso será indispôr contra si uma população inteira? Mas vamos aos factos, que são mais eloquentes do que as palavras.

O snr. dr. Couceiro é acusado de negligencia pela saúde dos seus clientes, pois se recusa a ir visitá-los, confiando ao acaso o bom ou mau curso das doenças. Dois casos recentes o demonstram: o primeiro foi quando uma filha do nosso amigo, snr. Antonio Baía, atacada de meningite cerebro-spinal, reclamava a assistencia do clinico, e o snr. dr. Couceiro, para tal fim convidado, respondeu que *quando fôsse preciso o mandassem chamar, pois podia esquecer-se de vir cá.* Isto explica bem o cuidado, o zêlo, o carinho que *o medico á força* dedica aos doentes que lhe são confiados.

O outro caso foi quando outro dia sua ex.ª aqui veio e, convidado pelo snr. Joaquim Mendes ou por pessoa da sua confiança a ir vêr o estado duma sua filha que está gravemente enferma, respondeu *que não tinha lá nada que fazer.* Querem melhor prova de negligencia pela saude dos outros? Viva eu e os mais que se governem — dirá o olimpico snr. dr. Couceiro.

Mas sua ex.ª é ainda acusado de votar ao desprêzo a saude pública, pois interrogado ha pouco tempo pelo regedor desta freguezia ácêrca do dia em que poderia vir até aqui revacinar os alunos das escolas oficiais, respondeu *que o assunto não era com ele, regedor, e que quando resolvesse cá vir, daria disso conhecimento ao padre.* Ao padre! Esta só lembrava ao olimpico snr. dr. Couceiro.

Argumentou ainda sua ex.ª que a época agora era de férias, e que não era facil, portanto, encontrar os alunos. E porque não veio o snr. dr. Couceiro mais cêdo? Não é isto uma prova de que o *medico á força* para nada quere saber da saude alheia? «Viva eu e côrra o marfim... para as minhas algibeiras —dirá para consigo mestre Sganarelo.—Tanto se me dá matar como dar saude. Eu até poderei dizer que dou saude quando mato, e mato quando dou saude. E' questão de inverter os termos».

Sim; está muito bem. Póde até mesmo dizer que o coração está do lado direito e o figado do lado esquerdo. O que não está bem é que tais arbitrariedades e tal procedimento para com o estado sanitario duma freguezia se admitam, só porque sua ex.ª possa ter vela acêsa em Meca.

Pondere a Junta dos Partidos Medicos em tudo isto que aí fica e desdobre o partido da Carapinheira, de que o snr. dr. Couceiro é pontifice, pois 400 escudos por ano, se não estamos em erro, dão bem para manter dois medicos e para melhor servir as populações interessadas.

Um pôsto medico em Arazêde —a freguezia maior do concelho— impõe-se á evidencia. Que se lembrem disto os que superintendem no assunto. Os interesses colectivos devem estar sempre acima dos interesses pessoais; e nesta questão estamos a vêr perfeitamente o contrario, o que não é da lógica nem da boa democracía.

Continuarêmos.

CRÓNICA DE LISBOA

Encontra-se gravemente enfermo o snr. Presidente da Republica.

(Dos jornais).

Adoeceu o velhinho. Que a Parca o poupe é o nosso mais ardente desejo e de todos aqueles que sentem pulsar dentro do peito um coração português. Com o venerando Presidente se perderia—quando mais não fôsse—uma das mais gratas reliquias dum passado de lutas e aflições, de torturas crueis e tragica incerteza.

Que a Parca o poupe...

Com o seu ultimo alento se incendiariam novas ambições porque, infelizmente — triste é dize-lo! — a ambição, nos tempos d'hoje, é uma enfermidade horrivelmente contagiósa.

E esse é um grande mal, um perigo bem terrivel ao castelo de ilusões que andámos arquitetando tantos anos, á custa de tantos sacrificios. Dos bandoleiros infames que lá de fóra nos abrem a dentuça de Judas Iscariótes, nada ha que temer porque temos por nós a voz do povo, o gládio inexoravel da Justiça.

O povo ama a Republica porque ela é a mais grata concéção das suas aspirações, porque é o reverso dum passado de excessos vergonhosos, porque é a alma da sua alma alimentada pelo seu sangue e purificada pela risonha alvorada de 5 de outubro de 1910.

Sim, o povo ama a Republica, mas isso não basta.

Que serve ao chefe do lar ser extremoso por seus filhos se não tem a educação para bem dirigir a boa paz do mesmo lar?

O amôr patrio, comquanto sublime, não passa dum platonismo ao qual seria preciso agregar a educação indispensavel a um povo que deseja manter-se altivo, independente. O povo deve saber reivindicar os seus direitos e cumprir os seus deveres. *Deve saber*, eis o caso. Amar a Patria não basta; sabe-la amar, eis o que é preciso.

E como resolver o problema?

Educando-o, instruindo-o, ensinando-o a soletrar a *Cartilha Maternal*. Haja vista a grande maxima: — «abrir uma escola é fechar uma cadeia».

Após as patifarias de que Lisboa tem sido teatro, com bombas, arruaças, *complots* de esterco e que sei eu, ainda ha, infelizmente, inconscientes que se curvam a acreditar tão nojentos perturbadores, para os quais o *knout* seria brando de mais.

Falam-lhes num futuro melhor, em sindicatos feitos á marrada, nas partilhas do grande espólio—o capital e para isso é preciso esfacelar crianças com explosivos, assassinar sentinelas que não passam de martires do dever, vomitar calunias por sobre o que é mais puro e mais sagrado—a Patria!

E os inconscientes seguem batendo as palmas porque lhes falta a Instrução, a dôce Instrução, que tem por base a *Cartilha Maternal* e por sacerdote o mestre-escola tão deitado á vala do Esquecimento.

. . . . . .

Entretanto, estará o nosso querido velhinho sofrendo silenciosamente no seu leito de dôr.

Que a Parca nos poupe mais um desgosto após tantos.

Com o venerando Presidente se perderia—quando mais não fosse—o timoneiro da nossa querida Republica neste mar encapelado de pulhismo.

GOMES MONTEIRO.

Tourada na Figueira da Foz

No proximo domingo, 17 do corrente, haverá na Figueira uma grande corrida em que serão lidados 10 bravissimos touros. Nela tomarão parte os conhecidos bandarilheiros Teodoro Gonçalves, Jorge Cadete, Guilherme Tadeu, Tomaz da Rocha, Ribeiro Tomé, Alexandre Vieira e o bandarilheiro espanhol Antonio Malagueño. Abrilhanta a corrida a Filarmonica 10 de Agosto.

Comboios a preços reduzidos.

Publicações

Horas Claras é um livro de sonêtos bem cinzelados do snr. Mario Pacheco, o poeta a quem o snr. Edmundo de Azevedo subtraiu o tal sonêto, que vem, efectivamente, no fim do livro.

O snr. Mario Pacheco revela na sua obra uma organisação de artista, pois ha nas suas poesias imagens felizes e em muitos dos seus versos pedaços d'alma que sente e que vibra.

Pena é que o seu livro esteja fóra do mercado, porque talvez lhe estivesse garantido um seguro exito literário.

Ainda o plagiario, snr. Edmundo d'Azevedo publicou no n.º 63 do *Dever*, como da sua lavra, o sonêto *O nosso adeus*, do snr. Mario Pacheco.

Apre! que já é ter audacia!

Agradecemos cordealmente o exemplar que nos ofertou.

—— Recebêmos a *Arte de adivinhar o futuro para os que nasceram em Julho*. E' um curioso fasciculo que diz o que é preciso empreender, o que é preciso evitar e o que é preciso fazer para ser feliz, ensinuando, além disso, o leitor a conhecer-se e a conhecer os outros. Edição da Livraria Académica, Porto. Preço: 5 centavos.

—— *Alfa*. E' um livro de versos de David Diniz. Nas suas poesias sente-se bem a alma dum poeta vibrante de entusiasmo e de sentimento. Revelam as locubrações dum estudioso e dum artista. Tem paginas de folego e rasgos de genio. A edição, ornada com o retrato do autôr, é da Livraria Portuense, do Porto. Um elegante volume de 127 paginas, 400 réis.

Agradecemos as ofertas recebidas.

Horas d'insónia

«Sentimos ambos o mesmo amôr, o mesmo sofrimento invade a nossa alma, a mesma tristeza, emfim, tudo por tudo! Eu não sei como são as outras pessoas, mas tambem devem amar, e talvez não sofram tanto! Tu, triste por lá; eu, triste por cá. E' assim a vida!»

Eu não sei se valerá a pena a gente sofrer por amôr das outras pessoas. Quasi sempre a nossa dedicação é mal compreendida, e não é raro ouvir queixumes a quem dispende sacrificios imaginando fazer bem. Mas já lá vae longe, em anos, o tempo em que a humanidade se sacrificava auxiliando-se mutuamente, comprazendo-se com o bem alheio, com a felicidade do semilhante. Hoje, só restam as saudades amargas désse tempo que vóou, déssas dedicações que a historia, orgulhosa, nos aponta para nosso ensinamento.

Ainda assim ha uma coisa que intimamente nos apraz constatar: é o patriotismo e a coragem que não deixaram, contudo, de continuar a ser a mais nobre e generosa caracteristica, mais dos que sofrem do que propriamente dos que tudo tendo, não avaliam a dôr dos pobres párias que, não sabendo de onde vieram, nunca se atreverão a saber para onde caminham, tão desabrida é a tempestade do seu enorme infortunio.

Sentimos ambos o mesmo amôr, o mesmo sofrimento invade a nossa alma, a mesma tristeza. Sim; é crivel, é lógico que assim seja. E os crimes passionais, esses mesmos, com todos os seus tragicos pormenores e nefastas causas determinantes, aí o estão a corroborar todos os dias, porque eles surgem, uns após outros, como se desencadeia a tempestade da sorte áqueles para quem a vida é um constante inverno sem brilho, uma longa noite sem encanto e sem poesia.

Antigamente não era tanta a sensibilidade humana, parece que havia mais resignação nos homens, mais arte e mais encanto, a despeito de haver menos liberdade.

Com efeito encanta-nos a historia dos aureos tempos medievais, em que a conquista dos direitos humanos se estava operando com afinco e entranhado interesse. E' que ao longe, por entre nuvens pardacentas de incertos dias de vitória, estava a luminosa aurora da Liberdade, refulgente e doce, a querer abrir suas inormes azas aos pobres que sofriam, á humanidade que lutava para chegar ao almejado fim, — a libertação dos vindouros para os quais os sorrisos da vida seriam mais cantantes de esperança, mais enebriantes de amôr, mais completos de felicidade, mais incensados de independencia e valor colectivo.

«Eu não sei como são as outras pessoas, mas tambem devem amar». Sim; com mais ou menos intensidade, todo o ser vivo ama mais ou menos.

Ainda hontem eu vi dois pombinhos amando-se. Estavam encantadores, trocando beijos!...

ALMEIDA JUNIOR.

Coisas simples

O JUDEU

Noticiaram os jornaes que a Camara de Lisboa resolveu coadjuvar a Junta Liberal na iniciativa que esta tomou de erigir um monumento á memoria do poeta cómico Antonio José da Silva, o *Judeu*.

Viveu este poeta na epoca em que as minas do Brazil despejavam ouro e diamantes em abundancia que o devotissimo D. João V aplicava: aquele, para comprar paramentos de igreja; estes, para recompensar os cardiais de Roma pelas indulgencias que mandavam a Portugal...

Antonio José da Silva, «chistoso» como Gil Vicente, não poupava á sua critica as hipocrisias que via pulular na côrte do rei *magnanimo*, o que lhe valeu ser queimado num «auto-de-Fé» a 18 de outubro de 1739.

A'cêrca disto escreveu Pinheiro Chagas na *Historia de Portugal*: ....«ao passo que Luiz XIV protegia Molière que escrevia o *Tartufo* contra os hipócritas indignados, D. João V consentia que os tartufos portugueses queimassem em plena Lisboa o poeta cómico Antonio José».

Gil Vicente foi mais feliz porque pôde á vontade fustigar nos seus «autos» tudo e todos; o *Judeu* por causa das suas comedias que o povo lisboeta ia ouvir ao teatro do Bairro Alto, foi parar ás fogueiras da Inquisição.

Os judeus foram muito perseguidos no reinado de D. João V; a conversão deles ao Cristianismo era considerada pelo povo e pelos inquisidores como uma ficção.

O povo odiava os judeus por serem ricos, a Inquisição perseguia-os para lhes confiscar os bens.

Foi tambem neste tempo que um judeu ilustre abandonou a terra onde nasceu, para se esquivar ás perseguições dos *tartufos*, e se refugiou em França; foi Jacob Rodrigues Pereira.

Era natural de Peniche, pois que ai nasceu a 11 de abril de 1715. Em França dedicou-se á dificil tarefa de ensinar surdos-mudos e os seus trabalhos foram coroados de um exito que encheu de gloria o seu nome. Apresentou o seu primeiro discipulo é Academia de Caen em 1746 e mais tarde patrocinado por Buffon apresentou-o á Academia de Sciencias de Paris. Luiz XV estabeleceu uma pensão ao pedagogista portuguez e outros reis lhe teceram os maiores elogios. O escultor Chatrousse fez um «baixo relevo» representando Jacob Rodrigues Pereira a ensinar um surdo-mudo, e apresentou-o na exposição universal de Paris em 1867.

Se este ilustre descendente da raça hebraica se conservasse em Portugal durante o reinado de D. João V, iria certamente parar ás fogueiras da Inquisição como o fôra o poeta cómico Antonio José da Silva, o *Judeu*.

Julho de 1913.

Aurea Judit Amaral.

A Justiça picarescamente descrita por Antonio José da Silva:

«Sabei, primeiramente, que isto de Justiça é cousa pintada, e que tal mulher não ha no mundo, nem tem carne nem sangue... porém como era necessario haver esta figura no mundo para meter medo á gente grande, como o papão ás crianças, pintaram uma mulher vestida á tragica, porque toda a Justiça acaba em tragedia; taparam-lhe os olhos, porque dizem que era vesga, e que metia um olho por outro; e como a Justiça havia de sahir direita, para não se lhe enxergar esta falta, lhe cobriram depressa os olhos. A espada na mão, significa que tudo ha de levar á espada, que é o mesmo que a torto e a direito. Os doutores que falavam nesta materia não declaram se era espada colobrina, loba ou de soliga; mas eu de mim para mim entendo que desta espada a folha era de papel, os terços de infanteria, os copos de vidro, a maçã de craveiro, e o punho seco; na outra mão tinha uma balança de dois fundos de melancia, como a dos rapazes; não tem fiel nem fiador, mas contudo dá boa conta de si, porque esta moça se não tem quem a desencaminhe, é mui sisuda».

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

LXVII

Manoel José Ferreira — Os trabalhos manuais na escola anecsa do Porto e o snr. ministro da instrução

Impressionou-nos fundamente a noticia da morte do velho professor Manoel José Ferreira — o Ferreira de Rio Maior. Com ele desapareceu um dos membros mais prestantes da classe do magisterio primario. Em todos os movimentos por ela levados a cabo, de ha perto de trinta anos a esta parte, apareceu sempre Manoel José Ferreira; que sobretudo se distinguia pelas suas excelentes qualidades de organisador.

O soberbo resultado, embora de pouca dura, da jornada de Coimbra, em 1909, deve-se, em grande parte, ao seu trabalho, á sua dedicação, aos seus sacrificios, monetarios até. Nunca a classe lhos compensou devidamente. O antigo professor de Rio Maior caíu ultimamente quasi no esquecimento. Foi preciso que a morte o atingisse para que a imprensa pedagógica voltasse a lembrar os seus serviços. E' assim este mundo...

Manoel José Ferreira era um jornalista ponderado, de boa orientação. Teve até ha poucos anos a sua *Civilisação Popular*, de que fômos tambem colaborador, Pouco antes de ela terminar a publicação, devido, segundo cremos, a dificuldades economicas, tinha-nos Manoel José Ferreira até convidado para seu co-redactor. Acedêmos, embora com grande sacrificio, em atenção ao velho lutador, Se bem nos recorda, chegou mesmo o nosso nome a aparecer no cabeçalho do jornal, ao lado do de Ulisses Machado.

São isto notas pessoais, com que queremos, no entanto, provar a consideração que tinhamos pelo prestante camarada desaparecido, a cuja familia enviamos as nossas sentidas condolencias.

* * *

Foi verdadeiramente notavel a festa da inauguração da exposição dos trabalhos manuais executados pelos alunos da escola anexa á Normal do Porto. O ilustre ministro da instrução publica, snr. dr. Sousa Junior, que a ela assistiu, tornou publicas declarações da maxima importancia para a escola primaria, Enviamo-las á redacção do *Dever*, para, sendo possivel, lhes ser dada publicidade.

O snr. dr. Sousa Junior está-se revelando um espirito moderno e um apostolo dedicado da instrução.

Oxalá nunca arrepie caminho. A obra a realisar é imensa. Exige muita perseverança, muito sacrificio até. Mas não é superior ás forças que o primeiro ministro da instrução parece revelar.

As nossas homenagens a sua excelencia.

Prof. Manoel José Antonio.

Noticias de Coimbra

Universidade

Agosto, 6—Conforme já noticiámos, é no dia 17 do corrente que o sr. dr. Guilherme Alves Moreira toma posse do lugar de reitor da Universidade.

Segundo consta, nesse dia não só a grande comissão de defeza de Coimbra, organisada em virtude do desdobramento da Faculdade de Direito, como outras colectividades irão apresentar a sua excelencia os seus cumprimentos afirmando-lhe toda a sua solidariedade e simpatia por esse instituto.

Os ultimos acontecimentos, que tanto sobresaltaram a gente de Coimbra pelo perigo que ameaça a nossa Universidade, vieram tornar muito mais apertados os laços que unem esta terra a esse estabelecimento scientifico e ao seu corpo docente.

Ha muito que isto se tornava preciso.

O doutor em sciencias fisico-quimicas, mr. René W. Férran, engenheiro em Lião, visitando ha dias esta cidade escreveu dela e da sua Universidade as seguintes impressões:

«Coimbra é na realidade uma cidade encantadora. Os seus passeios e os Jardins Botanico e de Santa Cruz são lugares magnificos que convidam á meditação. Aqui não ha o bulicio dos grandes centros, os divertimentos que tão prejudiciais são para o estudante. O socego é tal que eu chego a ter-lhe inveja.

Se Lião assim fosse, Lião seria um notavel centro universitario dos primeiros, senão o primeiro.

Os edificios da Universidade são como poucos tenho visto na Europa.

Nem os melhores edificios universitarios da França, mesmo os modernos, lhe são comparaveis. Heidelberg, uma das melhores universidades da Alemanha, não tem assim uns edificios».

Opinião insuspeita

A *Gazeta de Coimbra* publica hoje um interessante artigo do aluno da Faculdade de Direito, snr. Ambrosio Neto, apreciando Coimbra como terra muito mais adequada para o estudo do que Lisboa.

Eis alguns periodos desse artigo que aqui tem sido comentado muito favoravelmente pela justiça que se faz a esta cidade:

«Em 24 dias, com efeito, que em Lisboa estivemos, conseguiramos quase sem saber como, dispender pelas nossas necessidades diarias «3 vezes mais do que gastaramos em Coimbra». E podemos afiançar aos bons conimbricenses que não fizemos uma avaria. As nossas ocupações não nos permitiram sequer saborear a tanto em voga revista «De capote e lenço», de que muito poucos dos nossos camaradas se privaram.

60$000 reis em 24 dias, positivamente, não os dispenderiamos em Coimbra, desconhecendo tão facilmente o seu destino.

E' que Lisboa é um meio de absorção notavel. Criam-se e desfazem se a cada instante necessidades. E os rapazes, de si inexperientes, para se equilibrarem na vida, envolvem-se sem saber como nas volumosas ondas das exigencias crescentes da vida de Lisboa.

E depois — e desfaça-se de uma vez para sempre a lenda da especulação de Coimbra — quaisquer que sejam os aspectos sob que encaremos

a vida desta tão formosa cidade, em confronto com a sua rival de agora— Lisboa — a diferença resulta sempre a favor daquela...

Por 12$000 reis em Coimbra, abancados nos «Caçadores» ou no «José Guilherme», tem-nos sido fornecida alimentação que, muitos, com 24$000 réis não conseguiram em Lisboa. E se n'esta cidade, uma ou outra casa de hospedes fornece comida a 10 e 9$000, milagre tão raro que muito raramente se encontra, tal alimentação, alem de inferior, é sempre muito menos abundante e muito menos variada que a fornecida por cértas casas particulares de Coimbra, ao preço de 7$000.

Outro ponto critico de Lisboa assinalaremos aqui, que muito nos afectou a bolsa e a saude. Queremos referir-nos ás aguas. Não se tragam. Conhecemos Lisboa, de ha muito, e confessamos que nunca aborrecemos as suas aguas como agora. E não eramos só nós. Muitos colegas soubemos nós ameaçados de «interites»...

Outro aspecto oferece Coimbra que não deve ser descurado — é o da «convivencia».

O estudante em Coimbra vive num mundo que o conhece e enche de deferencias.

Em Lisboa passa desapercebido e não raro o confundem com qualquer caixeiro. Como que são seus, em Coimbra, os passeios publicos. A dama mais sensivel, á falta de etiquetas, não se desconcerta, atentando um estudante em mangas de camisa ou mesmo deitado no parque de Santa Cruz ou no Jardim Botanico. Outro tanto não póde acontecer nos grandes meios, como Lisboa.

A vida academica de Coimbra, tão alegre e tão livre, sobreleva, á vida de qualquer academia do paiz. E este brilho e esta graça não deve a Academia só a si.

Deve-o á terra, aos elementos naturais de que ela se encontra envolvida, que resultou a criação duma tradição unica, no país, que lhe dá todo o brilho.

E eis porque nós temos a impressão que abandonar Coimbra por Lisboa é sair da liberdade para entrar numa prisão.

E razão ainda não menos formidavel a favor de Coimbra é a do meio para o estudo. Com o camarada de trabalho e então tambem não menos agradavel companheiro de quarto, Martinho Simões, conseguimos nós, após algumas tentativas, alojar-nos num 1.º andar da rua das Pedras Negras, num quarto que deita para a rua da Madaléna. E parecia-nos que ali não deveriamos estar mal, posto que na baixa, porque o movimento ali não se fazia sentir muito. Não queremos, porém, recordar-nos das torturas por que passámos, quando procuravamos concentrar-nos para o trabalho.

O movimento destas ruas que não sofria confronto com o movimento das grandes arterias da capital, era todavia tal que não raro só poderiamos começar a trabalhar depois da meia noite. E noites houve em que, mais apertado com os trabalhos escolares, tivemos de resignar-nos a avançar pela noite fóra até ás 4 horas da manhã, levantando-nos pouco depois das 6 horas. E só assim poderamos, dignamente, dar complemento aos nossos deveres escolares.

E deste mal ouvimos queixar-se tantos colegas quantos conheciamos.

Outrotanto não acontece em Coimbra. Nesta fresca e mimosa terra, estuda-se quando se quer e como se quer. Meio feito pela natureza, como que predestinado ao estudo, a beleza e o encanto dos seus arredores força-nos á meditação, a grandesa e formosura da sua historia, abre-nos o estimulo para o trabalho.

E ao estimulo natural e a uma nitida compreensão dum dever a cumprir, resistir só poderá quem uma complicação morbida se sinta mal com o trabalho ou quem para tudo nasceu, menos para viver do produto do seu cerebro.»

Deputados

Parece que, além do sr. dr. Francisco Fernandes Costa será tambem proposto por este circulo o sr. dr. José Maria de Alpoim.

(Do *Diario de Noticias*).

ULTIMOS RACIOCINIOS

Mas quem é que estará enganado? Serei eu? Não, eu não posso estar enganado, porque sei muitissimo bem que o estou!

Enganados, sim, devem estar todos aqueles que julguem que eu estou enganado, pois que esses nem ao menos saberão que, tal como eu, tambem estão enganados!

Sim, mundo balôfo e pedante, isto que eu digo aqui é tão certo como certo é só saber alguma coisa aquele que vai sabendo que bem pouco sabe.

E quando chegue a saber que não sabe nada, então é quando saberá tudo o que é possivel saber-se.

Ah! se discorrer assim fosse estar mentecapto, como seria bela então a existencia num manicomio!...

Lisboa, 7 de agosto de 1913.

Leopoldo Torres Fernandes.

Notas pessoais

Para Coimbra partiu, em goso de férias, a snr.ª D. Virginia Fernandes Duarte, distinta professora nesta localidade.

—— De visita ao director e administrador do *Dever*, tem estado aqui o nosso presado amigo, snr. Manuel d'Almeida Junior. chefe de brigada da Companhia dos Vagons Lits e devotado cooperador do nosso jornal. Este nosso amigo ha dias que se encontra doente, estando, por este motivo, em tratamento nesta pitoresca povoação.

—— Partiu para as Caldas da Rainha, onde fará uma temporada de aguas, o nosso presado amigo e assinante, snr. Rodrigues da Silva, da Pampilhosa.

—— Passou no dia 4 do corrente o aniversario da snr.ª D. Alice de Oliveira, distinta pianista conimbricense. Muitas felicitações.

—— Tem estado doente o nosso amigo, snr. Matos Tavares, sub-inspectôr da Companhia da Beira Alta. Desejamos-lhe rapidas melhoras.

—— Partiu para o Minho, em cuja deliciosa região fará varios passeios no seu belo automovel, visitando no Gerez seu mano José, o nosso querido amigo Joaquim da Cruz, prestimoso presidente da Comissão Administrativa da Mealhada.

Feliz viagem.

Noticias

Segundo a lei da caça, aquele que quizer entregar-se a exercicios venatorios, terá de tirar uma licença, que custa um escudo, na secretaria da camara municipal, devendo ainda apresentar a sua fotografia para ser colada na referida licença.

═ Já chegou ao Tejo o submersivel *Espadarte*, depois de ter tido uma viagem acidentada de 76 dias.

═ Cumpriu já a pena de clausura em Montemór-o-Velho o snr. Antonio Caetano Louro, do logar de Vila Franca, que ha tres mezes foi condenado por crime de agressão.

═ Foi inventado mais um aparelho scientifico destinado a transmitir a escríta. E' o *telépano*, com o mesmo funcionamento do telefone. Reproduz automáticamente a fotografia da escríta e lança-a numa caixa onde o destinatário a seu tempo a encontrará.

═ Numa aldeia da Russia de 1:100 habitantes houve uma epidemia de variola que devastou a população inteira, sobrevivendo apenas um velho de 72 anos. Na maior parte das casas havia já cadaveres em decomposição.

═ No Albergue Nocturno de Lisboa pernoitaram, durante o ano de 1912, 4:021 pobres, sendo 409 estrangeiros, e pertencendo a maior percentagem destes á Espanha.

═ Ardeu, no domingo passado, quasi por completo a fabrica de ceramica das Devezas, em Vila Nova de Gaia, propriedade dos snrs. Almeida Costa & C.ª, com sucursal em Pampilhosa.

Os prejuizos foram calculados em cem contos, ficando sem trabalho perto de 400 operarios.

═ No sabado passado desenrolou-se em Cawnpore, India ingleza, um grave conflito.

Afim de protestar contra a demolição da mesquita de Bazar Machli, os mussulmanos tiveram uma numerosa reunião, em seguida á qual se dirigiram á mesquita, empunhando bandeiras negras, tentando reconstrui-la.

A policia interveio; mas os manifestantes correram-a á pedrada, dando isso origem a que os agentes fizessem uso dos revólveres, matando treze mussulmanos e ferindo trinta. Na refrega, tambem ficou morto um policia e feridos quarenta.

Em virtude da gravidade dos acontecimentos, o governador havia partido para Cawnpore em comboio especial.

As ultimas noticias recebidas são inquietadoras, por constar de fonte segura, que entre os mussulmanos lavra grande efervescência e que em algumas cidades, sobretudo em Calcutá, houve manifestações hostis de cérta importancia.

═ O correspondente do *New-York-Herald*, em Pekim, diz que o «comité» parlamentar de «Kuo-ming-tang», quer dizer: do partido democratico hostil a Yuan-Chi-Kai, fizera saber ao governo que não faz causa commum com o movimento revolucionario e que expulsára do partido aqueles dos seus representantes em Shangai que se tornaram responsaveis da efusão de sangue. Alguns membros do «comité» queixam se vivamente do que eles chamam «a traição dos seus agentes em Shangai».

Se esta noticia fôr oficialmente confirmada, o movimento revolucionario póde considerar-se terminado.

No entanto, continuavam ali a ser tomadas inergicas medidas para garantir a segurança dos europeus Um destacamento de soldados hindús foi mandado para Cantão, afim de guardar o bairro europeu e o governador geral de Cantão mandára egualmente tropas para guardar os caes e os bairros estrangeiros.

Os marinheiros francezes desembarcaram para proteger os seus concidadãos.

═ Tendo algumas autoridades administrativas levantado duvidas sobre se se podem ou não passar licenças de uso e porte de arma a individuos maiores de 14 anos e menores de 21, o snr. ministro do interior assinou uma portaria determinando que essas licenças sejam passadas sempre que, nos termos do decreto de 25 de outubro de 1836, esses individuos se achem munidos da autorização de seus pais e tutores e de fiador idonio.

═ A portaria, que mandou sujeitar ao exame duma comissão os livros de ensino primario abrange tambem os adoptados para o ensino normal primario.

Os dois exemplares de cada um dos compendios devem ser entregues, até 15 do corrente, na direcção geral de instrução primaria.

═ Acabou já finalmente a guerra nos Estados balkânicos.

Assuntos agricolas

NOVAS SEMENTEIRAS. — Começa o tempo em que todos os lavradores pensam nas suas novas compras de adubos.

A aplicação exclusiva do superfosfato crêmos ter provado suficientemente ser ela impropria. Os insucessos nos ultimos anos teem sido grandes em terras inconvenientemente adubadas, porque as sécas e as doenças atacaram ali muito mais do que em terras ferteis por terem recebido adubações completas. E' isto um facto que a casa O. Herold & C.ª, importantes negociantes de adubos em Lisboa e Porto, com sucursaes na Pampilhosa, Regoa, Santarem (S. Pedro), Evora, Beja e Faro, pode provar por muitas cartas recebidas dos lavradores, todos os quaes participam, radiantes com os resultados obtidos, que seguiram o conselho dos agronomos desta casa em toda a sua seara ou em parte dela, confrontando adubações, na aparencia caras, mas produtivas, com adubações baratas, mas improdutivas e, por conseguinte, de resultados negativos.

E' indispensavel que todo o lavrador faça estes confrontos e sem perda de mais um ano; do contrario, não se admire de que os insucessos continuem cada vez em maior numero e mais completos. Um adubo incompleto, ordinario, produz mal, deixando a terra cançada para futuras culturas. Um adubo completo, bom, contendo azote, acido fosforico e potassa, produz bem, continuando a sua ação pelo segundo e terceiro ano.

A *alfôrra* não podia ter prejudicado tão altamente os lavradores se estes aplicassem com mais regularidade os adubos potassicos.

Temos a certeza que lavrador algum, que tenha adubado bem as suas terras, não se esquecendo principalmente da potassa suficiente, tem a queixar-se da *alfôrra*.

Mais uma vez recomendamos, pois, aos lavradores que tomem a peito este assunto das adubações, mandando á casa O. Herold & C.ª amostras de terra, bastando um kilo, porque o insucesso deste ano e do ano passado de sobra mostrou que é preciso enveredar por outro caminho na questão das adubações e não só encomendar «adubo» sem se importar com mais do que o nome e satisfazendo-se com a indicação do fornecedor, que este adubo tem 12 % de acido fosforico, sem indagar se é, realmente, o acido fosforico que falta ás terras, ou se, em vez dele, ou além dele, o lavrador deve adquirir outros elementos.

O insucesso dos lavradores é proveniente da sua incuria sobre o adubo que devem aplicar e da indiferença com que os fornecedores mandam uma qualidade só para todas as culturas e para todas as terras.

Por isso, a casa O. Herold & C.ª ha muito tempo está fazendo o seu negocio de adubos em bases scientificas, preferindo não em grandes encomendas de lavradores que as façam á tôa; mas encomendas, mesmo que pequenas, de lavradores que, com consciencia e empenho de acertar, se entendam com os seus agronomos, por meio de amostras de terra, sobre o adubo mais conveniente a aplicar.

Dirigir tambem a Fortunato Vaz, CAMARNEIRA—*Cantanhêde*.

CORRESPONDENCIAS

Pampilhosa do Botão, 7

Como tinhamos referido, realisou-se no passado domingo a festa de Santa Marinha, que foi abrilhantada pela filarmonica de Cantanhede e Tuna Recreativa desta localidade.

A *kermesse*, cujo produto reverte em beneficio da Caixa Escolar, e a que nos tinhamos tambem já referido, deu um resultado magnifico, pois produziu a bela soma de 74$00.

H' um belo sintoma, pois o povo mostra assim que não esquece os seus mais sagrados deveres reconhecendo ao mesmo tempo que é na educação e instrução do povo que está o mais seguro esteio da Republica e o maior factor do progresso e da civilisação. Honra lhe seja.

E para os organisadores da *kermesse*, os mais sinceros parabens pelo resultado obtido.

A feira esteve bastante concorrida, fazendo-se bastantes transações.

═ Retira na proxima segunda-feira para a Figueira da Foz o nosso bom amigo José Martins Catarino, onde conta estar até ao fim deste mez.

Feliz viagem.

═ Consta que os exames do 2.º grau começam no sabado, dia 9.

A requerimento da Camara, estes exames devem efetuar-se na séde do concelho.

E' uma medida justissima, e por isso felicitamos o nosso amigo Joaquim da Cruz, que na qualidade de presidente da Camara fez esse pedido.

No proximo numero daremos o resultado dos exames. *C.*

Figueira da Foz, 7.

Decerto que os leitores d'*O Devêr* já me não contavam no numero dos vivos, mas felizmente assim não acontece.

A apreciação da politica portuguêza, um tanto ou quanto desorganisada pela fórma como certos ambiciosos tentam depreciar as obras postas em evidencia pelo ministerio da presidencia do grande estadista dr. Afonso Costa, tem-me conservado em espectativa.

Taes campanhas, de genero evolucionista, só prejudicam e depreciam os seus autôres. Mudem de processos, e enverédem pelo apregoado caminho da paz, que é o que ainda estão a tempo de fazer, de contrario continuem a procedêr da mesma fórma, mas não chamem depois aos democraticos, arruaceiros e impetuosos no que escrevem em orgãos jornalisticos, pois que esses defeitos são evidentemente os que eles possuem.

Até devido ás razões expostas no ultimo numero d'*O Devêr*, sobre a passagem a evolucionista da *Gazeta da Figueira*, já o mesmo orgão faz os seus comentarios, hoje, chamando-nos muito temperados.

Falta de tempêro não temos, decerto que é o que falta aos evolucionistas.

Que grande vista a *Gazeta* agora tem, que nem sequer permite que chamêmos aos evolucionistas destemperados, que é realmente um dos maiores defeitos que eles possuem.

Ora bolas...

═ No domingo de manhã houve um choque de comboios junto ás agulhas de entrada na estação de Figueira, no local da Carneira, entre o comboio n.º 12 da Beira Alta e a maquina da Companhia Portugueza que andava em manobras e estava para seguir com o comboio dos Banhos d'Amieira.

Felizmente não houve desastres pessoaes, embora haja a lamentar prejuizos materiaes de valor.

═ Está muito concorrida este ano a nossa praia, apesar de estarmos ainda em começos da epoca.

Apolon.

Tocha, 8.

Realizou-se no sabado passado, o casamento civil, da menina Eugenia Azenha, gentil filha do nosso amigo snr. Julio dos Santes Timóteo, com o snr. José Jorge Esteves. Paraninfaram o acto os snrs. Antonio Francisco Pais, José Luiz d'Andrade, de Cantanhede, e os snrs. Manuel Jorge e José Maia, desta localidade. Seguiu-se um lauto jantar. Os noivos seguirão em breve para o Brazil.

Aos noivos e familia, os nossos parabens.

═ Encontra-se um pouco melhor da doença que o tem detido de cama, o nosso amigo snr. Joaquim da Silva Saltão.

═ Chegou finalmente o maquinismo do relogio. Em breve estarão concluidos os trabalhos.

═ Encontram-se em Faro em tratamento de saude, o snr. Manuel Rodrigues Maia e sua Ex.ª esposa.

═ O nosso amigo snr. Julio dos Santos Timóteo, correspondente das companhias de navegação, abriu no passado dia 6 um escritorio em Montemór-o-Velho para venda de passagens para a America, Africa, etc.

Justiniano M. Pimenta.

ANUNCIOS

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais, etc.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

ANUNCIO

MANUEL DA SILVA LIRIO, faz publico que no proximo dia 18 do corrente procederá á venda dum desbaste de lenha na sua Mata das Faiscas, lenha que será vendida na dita Mata, em praça particular, a quem maior lanço oferecer.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSOES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sede em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz** — Camarneira — Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

MELO & MARTINS

Com armazem de adubos quimicos, sulfato de cobre, enxofre e cal para construções

Endereço postal e telegrafico:

PAMPILHOSA DO BOTÃO

São nossos representantes em Mortagua:

NA POVOA, o snr. José Paulo

NA ESTAÇÃO, o snr. José Tomaz.

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.

O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.

Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

MURALINE Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

CASA HAVANESA

16 — Rua Ferreira Borges — 18

COIMBRA

Sortido completo em tabacos, papelaria e perfumarias. Molduras para quadros e galerias, o que ha de mais moderno. Artigos para desenho, pintura a oleo, aguarela, foto-miniatura e pirogravura.

BILHETES DE VISITA

Novidades para brindes, artigos de viagem e toilette etc.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 2.° Arazêde, 17 de Agosto de 1913 N.° 78

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os originais, quere sejam ou não publicados. Não se aceitam informações anónimas.

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

PORTUGAL E COLONIAS PORTUGUEZAS — Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trismestre, 30 centavos.
BRAZIL — Ano, 2 escudos, fortes.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Redactôr e editor — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO SMAEL DA CRUZ

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

S. E. Biblioteca da Universidade Coimbra

Congressos e congressistas

Deixaram de despertar o interesse e de inculcar o respeito nacional essas assembleias, onde o espirito humano, numa conjugação de interesses e de estudos comuns, se esforçava por levantar cada vês mais o nivel do progresso e da civilisação que, em dados momentos historicos, recebiam os agentes energicos de causas colectivas que, para triunfarem, era indispensavel que tivessem uma defesa heroica, tenaz, e, sobretudo, franca e leal. Têm perdido já hoje o interesse e o respeito, sim, essas reuniões a que muitos, por megalomania e por desvairamento, procuram fazer realçar com a denominação de *congressos*.

Congressos como o de Munster, em 1648, o de Filadelfia, em 1776, o de Paris, em 1856, e poucos mais que posteriormente se realisaram, e em que se debateram ideias liberais, principios sagrados e questões de magnitude, esses sim, é justo que assim se qualifiquem, porque neles haja colaborado e neles possa ter ingresso o coração dum povo e a alma duma patria; mas essas aglomerações de individuos que, minados pela ambição, pela inveja e pelo odio, se concentram em locais préviamente estudados e onde só pódem penetrar todos os que abrigarem em si os mesmos sentimentos de ruindade manifesta, para aí, numa confusão de opiniões erróneas e de lamentaveis diatribes, ferirem honras alheias e conspurcarem consciencias limpidas, essas aglomerações de individuos que, longe de defenderem com amôr ideais que vivam no espirito de todos, se colocam ostensivamente ao lado de principios sem base e sem logica, não podem de fórma alguma denominar-se *congressos*. Serão, quando muito, uns *comicios* baratos, ou umas *zaragatas* de feira.

No congresso deve presidir o brilho, a solenidade, a grandeza de animo, e, mais que tudo isto, a vontade firme e inabalavel de acertar com o ponto de mira que originou essa reunião, isto é, o brio e a honestidade indispensaveis para levar a efeito tudo quanto de util e de benéfico se possa ter ventilado no decorrer das variadas sessões que, para serem fructuosas, têm de ser calmas, desapaixonadas, livres de todo o pessoalismo.

Com rarissimas excéções, os nossos congressos quase que apenas têm servido de passatempo mental, servindo tambem para fomentar ódios e para romper hostilidades. Admitem-se os congressos scientificos, admitem-se até certo ponto os congressos pedagógicos; mas os congressos politicos, quando não ha a cordura, o bom senso e as boas intenções dos congressistas, são além de inadmissiveis, insuportaveis e inuteis. Ou se realisa um congresso para cada qual emitir livremente a sua opinião, sem refolhos de linguagem, tirando-se, das opiniões mais sensatas e autorisadas, a conclusão necessaria para se traduzir em factos o que de melhor se haja discutido, ou se busca mão dum congresso para, em clamores retumbantes e em gestos de agressão, se condenar a obra de adversarios, por mais honesta e digna que seja, e se fazer sobrepôr aos processos sofriveis dum governo outros menos sofriveis e falhos de razão.

Isto pelo que respeita a congressos politicos. Dos outros não falamos, por serem menos perigosos, excéção feita aos pedagógicos, onde a politica traiçoeiramente tem penetrado, ocasionando-lhes formidaveis cheques para desprestigio de todos.

Restam os congressos populares, melhormente chamados congressos regionais, onde as diferentes classes duma região pódem defender os seus interesses, reclamando por tudo o que afecte a sua vida moral e economica. Falta experimentar estes. Talvez sejam mais toleraveis e menos amotinadores. E' questão de haver alguem assizado e prudente que, a par da imprescindivel cultura de inteligencia e de carater, os saiba orientar, conduzindo-os ao almejado fim.

De resto, congressos e congressistas como os que por aí brotam á supuração a cada passo, não merecem o nosso aplauso por não obedecerem a uma cuidada disciplina e a um alto intuito patriotico e humanitario.

NOTAS

Demencia?

Conforme lêmos, o partido evolucionista, tratando da lei da separação, parece ter acordado nestes pontos, apresentados ao Congresso:

Os padres podem usar habites talares, mesmo fóra dos actos do culto.

Liberdade de culto nos templos antes do nascer e depois do pôr do sol.

Permissão para os padres fazerem parte das congregações religiosas.

Permissão ás associações religiosas com o exclusivo fim de auxiliar materialmente o exercicio do culto — dispensando-as, portante, da obrigação de contribuirem para beneficencia.

Será isto loucura? Não sabemos; mas, pelo menos, é destempero muito peculiar a certos politicos.

Sintomatico

Domingo passado realizou-se aqui proximo, em Vila Nova d'Outil, a festa á Senhora da Esperança A' porta da capela via-se um reposteiro vermelho com a corôa e escudo da extinta monarquia. A autoridade local deve ter visto aquilo já mais vezes, e naturalmente faz que não vê. Pois bom será que haja quem lhe abra os olhos, visto a Republica por ali ser ainda um verbo de encher e haver ainda quem seja afecto á realeza.

Se ha gente que goste de evocar o passado á vista dos velhos simbolos, ha tambem cidadãos que se desgostam com isso e que até podem protestar, como sucedeu aos filarmonicos da Tocha que, dentro da capela, tocaram o hino nacional, com profunda indignação dalguns talassas presentes.

Não será mau, portanto, que a auctoridade concelhia mande arrear o velho reposteiro.

Que significa isto?

São gerais os clamores na imprensa porque não pagam em dia aos funcionarios da instrução e a outros funcionarios do Estado os vencimentos respeitantes ao mês anterior. Já o mês passado sucedeu caso identico e, pelo que se vê, vai-se repetindo por aí fóra. Nem ordenados nem outras verbas se pagam com pontualidade? Que significa isto, snr. Ministro de Instrução? Convem que V. Ex.ª mande inquirir quanto antes dos motivos de tais irregularidades.

Funcionarios humildes, que só vivem do seu mister, não podem esperar tanto tempo por aquilo que se lhes deve. Cumpra-se a lei para se evitarem justas reclamações

Visitas

O snr. dr. Souza Junior, ministro da instrução publica, andou em viagem oficial visitando varios estabelecimentos de ensino em diferentes terras do norte. Aplaudimos a iniciativa; mas bom seria que sua ex.ª viesse até ás aldeias vêr com os seus proprios olhos a miseria em que se encontram tantas escolas primarias. Recuaria de espanto, tal a degradação em que os poderes publicos têm afundado professores e alunos...

Ralham as comadres...

E' engraçado o que se está passando, em Lisboa, nos bastidores da politica. Dois vultos em evidencia, — o snr. França Borges e Alfredo de Magalhães — insultam se mutuamente, descobrem os seus pôdres, tocam as raias do rancôr. Ainda hontem se abraçavam, se beijavam e não sabemos que mais. Hoje odeiam-se, e estão dando ao paiz o triste espectaculo do dize tu, direi eu, como se o paiz, que é sempre a vitima, tivesse alguma coisa que vêr com a vida de um ou de outro. Ainda agora a missa vai em meio. Muito teremos ainda que aprender. Que aprender e que ouvir. Ralhando as comadres, as verdades ficam a nú...

Horas d'insónia

Um padre... modelar.— O padre José Morcira de Souza, famigerado paroco da freguezia de Canas, do concelho de Miranda do Corvo, seduziu e raptou ha dias uma das suas confessadas, filha de um respeitavel velho, professor de instrução primaria aposentado, em cujo lar não duvidou lançar, infamemente, a vergonha e a tristeza. Como este ha dezenas de exemplos e, apezar disso, os chefes de familia consentem ainda que as suas filhas, por cuja honra teem o dever indeclinavel de velar, se ajoelhem aos pés de um confessor imoral que as prostitua.

A religião cristã teve a discordia por berço, e natural, logico é que por mortalha a tenha tambem.

Religião de mentiras e superstições, toda a vida, desde a sua fundação, viveu de toda a sorte de estratagemas, explorando sobretudo com as almas dos ingenuos e dos ignorantes.

A' sombra do seu suposto Cristo, a religião de Roma tem cometido toda a serie de torpezas, toda a casta de infamias e maldades. Bem sabem os continuadores duma religião de preversidades que Cristo não teve nunca dogmas. Nem Cristo nem os Judeus. Fazer o que está ordenado na lei, eis toda a sua teologia. Disto mesmo se convenceram os teólogos da antiguidade, a despeito da sua charlatanice, que não permitiu que uns aos outros se compreendessem bem, incluindo mesmo os celebres metafisicos, de ordinario maniacos sem escrupulos, alguns, ainda assim, inteligentes.

Até aos dias de Loke a metafisica não foi outra coisa mais do que méra fantasia, que só servia para embrulhar as almas inexperientes, receiosas de tudo, por tudo se sentindo pequeninas e invalidas.

E a gente compara esse tempo, ainda assim, com os dias da atualidade em que um prior qualquer, embarrilando crenças alheias, ali em Miranda do Corvo, rapta uma menor e leva a inconsolação a um lar paterno, que só Deus *sabe quantos sacrificios supportou para criar e educar a pobre desflorada, a desgraçada inocente que um sátiro sem escrupulos não hesitou em perder, servindo-se, de mais a mais, do confissionario.*

Ingrato contraste, contudo: Dum lado estava a treva, a maldade, a corrúção, a mesquinhez; do outro a luz, a claridade fecundante da instrução: — um padre e um professor. O padre, mentindo e sofismando tudo, trocando tudo, esquecendo os seus deveres de mensageiro do Bem e do Justo, só para conseguir os seus fins, não olhando a meios. O professor, arrostando com mil dificuldades e contrariedades, levantando bem alto o mistér do seu belo sacerdocio, como educador e como pae, ou antes, duas vezes pae, para evitar o crime.

E como deve estar triste, a esta hora, o coração desse pobre pae, maldizendo a Vida, envergonhado! E como essa pobre creança, vitima dos insofridos e lúbricos desejos carnais dum tratante da mais infima especie, ministro do senhor, *ha de, agora perdida, maldizer os galanteios que a enganaram, que a iludiram!...*

Triste, bem triste coisa é a desilusão!...

ALMEIDA JUNIOR.

Considerações politicas

Em Portugal ha, actualmente, uma crise de caractéres extraordinaria, uma falta de bom senso que nos mete medo. E depois — caso verdadeiramente singular — essa crise de caractéres e essa falta de bom senso, encontram-se precisamente onde, por principio algum, deviam existir, porque se encontram, não nas classes baixas, mas nas classes que se dizem ilustradas.

A prova? Mas não vale a pena procura-la, porque ela patenteia-se-nos aí a todas as horas, a todos os momentos.

Quem acompanhar de perto os acontecimentos politicos portuguêses, ha-de reconhecer a imensa razão que nos assiste ao fazermos as duas afirmações que aí ficam.

Quando, após o 5 de outubro, os republicanos se dividiram, formando os seus respétivos partidos, nós fômos daqueles que apoiaram a divisão. Apoiámos, nem doutro modo podia ser, desde que essa divisão tivesse a sua origem nas divergencias de ideias, de principios, pela razão poderosa de que essas divergencias em nada afetariam a marcha regular da Republica.

Toda a gente compreende que se essas divergencias se mantivessem unicamente no campo das doutrinas, de maneira que elas se chocassem, que se batessem bem umas contra as outras, esse facto só poderia resultar em beneficios para o paiz. Mas assim, tal como tem sucedido, o odio estupido e aniquilador, ter substituido a ideia purificadora, as sãs doutrinas, só póde ser contraproducente, quando não seja bastante prejudicial, como crêmos.

Nós nunca previramos que a divisão do partido republicano fizesse passar á Republica transes tão dificeis como os que ela actualmente atravessa.

E' certo que nunca fômos tão ingenuos que acreditassemos na perfeita união dos republicanos, mesmo antes de 5 de outubro. Mas julgávamos, pelo menos, confiados na sua inteligencia e especialmente no seu patriotismo, que essas pequenas divergencias de doutrinas, jámais se transformassem nesse odio estupido, nesse rancôr, que só merece reprovação, e que para aí se patenteia desvergonhosamente.

Enganámo-nos, porém.

* * *

Veem estas considerações, a proposito da grande campanha aberta desde ha dias entre os jornais de Lisboa, o *Mundo* e o *Rebate*, ou para melhor dizer, entre os snrs. França Borges e dr. Alfredo de Magalhães.

Nós formámos sempre uma fraca ideia dos politicos profissionais, mas francamente, nunca julgámos que eles descessem tão baixo, que eles se cobrissem tanto de lama.

E, senão, vejâmos: Estes dois homens que ainda hontem eram amigos, mas amigos verdadeiros como ambos acabam de declarar, que ainda hontem se abraçavam enternecidamente, lançam-se hoje um contra o outro, numa luta feroz, numa luta desatinada.

E' o cumulo do imprevisto.

Se isto sucedesse entre as classes baixas, sem ilustração, não nos admirariamos. Mas precisamente nas classes mais ilustradas da nossa sociedade, surpreende-nos e bastante.

Decerto suas ex.as hão-de reconhecer quanto mal póde advir das suas questiunculas para a Republica, e, consequentemente, para a Patria. Porque não refream então os seus odios, as suas retaliações? Era um belo exemplo vindo do alto com que decerto se ganhava.

Mas nós estamos tão pouco acostumados a que os bons exemplos nos venham de cima...

Mas este já vai um bocado longo, e nós voltamos ao assunto.

Guilherme Ferreira da Silva.

CRÓNICA DE LISBOA

— Não sabe? A Gaby vai casar.

— Para quando? perguntei eu contendo a custo um ah! de estupefação.

— Para o inverno que é o tempo dos bailes e como deve saber ela é doidinha por valsas.

— E quem será o feliz noivo?

— Nem mais nem menos que D. Manoel de Bragança, ex, senão futuro, rei de Portugal e dos Algarves.

Aqui não me pude conter: dos

meus labios saiu um dolorido *ahi pá!* como se me houvessem pisado o mais estimavel dos cálos.

— Ah! continuou o alviçareiro, já me esquecia o melhor. O seu povo muito grato lembrou-se que a melhor prenda que poderia depôr na *corbeille* do noivado, seria o carcomido trôno dos Braganças, onde arrôbas e arrôbas de cêbo (incluindo chifre e outras miudêsas) se refastelâram durante 10 1|2 quarteirões de anos...

— Sim, senhor, sim, senhor, atalhei vivamente, tem o povo muitissima razão... Mas, agora, uma coisa: que darão á noiva? Sim, o amigo compreênde, um boneco de sabugo, um sáco de *bon-bons*, uma rôsca de pão de ló de Margaride, emfim, qualquer coisa servia. O que se não devia era esquecer a noiva que apesar de ser uma vénus da trama, ao pataco de todos, póde vir a ser—quem sabe lá?—a mais honesta e virginal rainha que se tenha anichado no trôno bragantino.

— Oh! com toda a certeza, ajuntou o homensinho com ares de entendido. Já Bocage o dizia no seu imorredoiro soneto á Nise:

Grandecissimas senhoras (*) tem reinado.

E com isto se foi embora todo ancho, rindo ás gargalhadas como um parvo.

Apoderado por essa vaidade inconcebivel da erudição, esquecera-se de me informar qual seria a prenda a ofertar á linda e feliz Gaby Deslys.

Oh! mas essa ingenua *perruche des boulevards* não ficaria olvidada. Não, isso não. Eu que nasci para o socego e me orgulho de pertencer á respeitavel agremiação da Atividade do Descanço, eu, leitores das minhas entranhas e leitoras do meu coração, armaria em Magriço, mais fogoso que um toiro, salvo seja.

De tudo me lembrei: um colar de brilhantes *béra* de quinze tostões, um kimóno de mangas muito curtas a fingir lenço do rapè, um *bidet* com quinhentas gramas de nitrato de prata, em suma, qualquer coisa.

Ou então... então... quatro pastilhas de sublimado para desinfétar a sua boquinha de francêsa.

Não acham, minhas senhoras?...

(*) Não me recórdo bem do termo. O leitor substitua-o como melhor entender.

GOMES MONTEIRO.

Ferro-viarios de Portugal

.....

...Snr.—Quando a Companhia manda um empregado para a terra com 3 mezes de ordenado por inteiro, já o snr. póde ver nas condições em que o empregado se encontra; pois estou eu nestas condições, que estou mais com os pés para a cova do que outra coisa. Por isso peço ao snr. se tiver a senha, me despache a remessa o mais breve possivel, porque estou dormindo em cima de uma mancheia de palha...

Campo de Besteiros—Portela, 13 de agosto de 1913.

José Fidalgo Ribeiro.
Carregador de Lisboa—P.

Eis, meus amigos, o que é a Vida! No fim de alguns anos de labor insano, ao sol e á chuva, de noite e dia, é a remuneração que se tem:—dormir, como qualquer cão lazarento e desprezivel, numas palhinhas pôdres.

Doente, bastante mal, a dois passos do coval humilde de um cemiterio, aquele camarada, que tanto conforto e tanto carinho necessitava agora, repousa, ha dias, em *cima duma mancheia de palha!...*

Eis, meus amigos, o que é a Vida!

Emquanto uns, agonisantes, miseraveis, sem eira nem beira, tendo por leito as mudas pedras das calçadas e por agasalho uns trapos pôdres e sem concerto, por manto a aboboda azulada do firmamento: outros, refestelando-se em belas e raras poltronas, banqueteando-se em lautas mezas, por ai se cruzam ociosos, esquecendo a miseria alheia, a pobreza e a desdita do semelhante!

Eis, meus amigos, o que é a Vida!

Nós trabalhamos, trabalhos sempre, com afinco e dedicação, produzindo, produzindo muito, aumentando o capital e tornando com o nosso sacrificio, prosperas as emprezas e desafogadas as finanças dum paiz, e, no fim de tudo, doentes, gastos, sem forças para produzir nem saude para proseguir na lucta pela vida, engrossando o capital, enriquecendo cada vez mais as finanças dum paiz, temos por agasalho uns farrapos apodrecidos, por leito as mudas pedras das ruas e por manto o firmamento azulado do ceu!...

Eis, meus amigos, o que é a Vida!

E depois, o que é mais triste ainda é que nós vejamos, por aí assim pavoneando-se inconscientemente, criaturas que se dizem defensoras de uma classe, dirigentes dos nucleos associativos. A maior parte dos carregadores, dos assentadores, não estão associados? De quem é a culpa? Deles? Não! Dos que se dizem dirigentes, dos que se arrogam o titulo de mentores. Onde está a propaganda, a preciosa propaganda, a consciente propaganda da grande conveniencia da Associação?

Onde os encontramos nós falando á classe, instruindo os humildes trabalhadores, gastando dinheiro proveitosamente, semeando a verdade, rasgando o veu atrofiador da ignorancia a esses párias obscuros que, passando a vida a trabalhar, a produzir para os outros, não encontram, afim, uma casa de socorros mutuos bem organisada, solidamente constituida a que, no fim de tantas ingratidões e vicissitudes, se aconcheguem, na esperança de melhores dias! Onde os vemos nós, empenhados na generosa cruzada de amparar os pobres funcionarios de menor categoria, para se evitar a tristissima situação a que chegou o sinatario da carta que aí fica?

Mas se os procurarmos bem, os que podiam orientar e educar pela palavra e pela acção estimulante, encontra-los-hemos indisciplinando, desorganisando, desconfraternisando, uzando de todos os processos para desorientar. Ambições e invejas, eis tudo...

Eis, meus amigos, o que é a Vida!

A Associação de Classe, qualquer que ela seja, tem que trabalhar muito para ver engrandecido o seu prestigio e aumentado o numero dos seus socios. Não deve esperar que os trabalhadores, expontaneamente, se vão abrigar á sua bandeira protetôra e amiga, porque isso, dado o deminuto grau de instrução e de educação colectiva que é ainda o grande mal das sociedades, não se póde conseguir, por emquanto.

Como o pobre carregador Fidalgo Ribeiro, ora ás portas da morte, como ele mesmo lacrimosamente confessa, ha de estar, como nós, inteiramente desiludido!

E' que ele está, na sua terra natal, vivendo dos magros centavos que a Companhia, ainda assim humanitariamente, lhe mandou dar!

E a gente não vê senão palavras, e de palavras não passamos. Coitados dos que, como o nosso desgraçado irmão de infortunio, se veem na necessidade, sem pão e sem abrigo, sem carinhos nem confortos.

Mas, eis, meus amigos, o que é a Vida!...

A. JUNIOR.

CARTA DE LISBOA

Através do Cine maravilhoso

Sinfonia. — Tarde de amêno outôno. Na Academia de Estudos Livres realisou-se a festa dos alunos da mesma. Monologos e poesias. A' falta de passarinhos as criancinhas cantâram.

1.ª fita.—Teve logar no passado domingo a romagem ao cemiterio dos Prazêres, em memoria do grande liberal Trindade Coelho, sendo, por essa ocasião, lançada a primeira pedra no mausoleu-monumento.

Pobre Trindade! Descêr na morte aos Prazêres quem só na vida tropeçou em Dôres!...

2.ª fita.— Com brilho intenso foi servido a bordo da fragata argentina *Presidente Sarmiento*, um almoço intimo, oferecido pelo seu comandante aos snrs. presidente do ministerio, ministros dos estrangeiros e da marinha. Ao *toast* fôram levantados muitos brindes, alguns dos quaes bem veementes e significativos... que esta vida são dois dias e as leis não pagam dividas.

3.ª fita. — Sensacional film de 15:000 metros. Prato do dia. — A policia prende, interroga, engaveta todos os dias gente implicada no já estafado caso das bombas, que tantas vitimas causou. Nada se apura. Misterio horrendo! A malvadez gargalha impúne!

4.ª fita. — Efetuou-se o 1.º Congresso Evolucionista... Mas valerá a pena falar disto? *Se êles tiverem fome deem-lhes balas* e por fim uma anistia ampla e fraternal.

Até nós chegam os acórdes dum fado da Mouraria. A voz dum fadista tranteia cem muitos v v o *Noivado do Sepulcro.*

Nitrato.

Notas pessoais

Realisou-se na segunda-feira o casamento civil do snr. Joaquim Alves Morteiro, filho do snr. Joaquim Alves Morteiro, de Vila Franca de Arazêde, com a snr.ª Maria do Espirito Santo, filha do snr. Manuel de Jesus Frade, de Lombofolar (Cadima). Felicitamos os noivos pelo bomsenso que tiveram de se limitarem ao acto civil.

—— A caminho de Portugal, partiu da Baía (Brazil) o nosso amigo e assinante, snr. Manuel Maria d'Andrade, da Tocha.

—— Passou no dia 11 o aniversario natalicio do nosso querido amigo e patricio, Manuel Simões Lopes, inteligente chefe de Pampilhosa. Abraçamo-lo.

—— Encontram-se aqui, chegados de Lisboa, os nossos presados assinantes, José Jacinto, Manuel Monteiro Crêspo, Manuel Ramos e José d'Oliveira, que aqui se demoram por alguns dias.

As eleições

Aproximam-se as eleições, e já se fazem conjecturas sobre o seu resultado, é claro, com o mesmo criterio que presidia a estes actos, no tempo da *outra senhora.*

Porque, infelizmente, ainda se procura uzar dos processos que tanto contribuiram para o descredito da *ominosa* monarquia, que foi sepultada na lama ignominiosa das suas infamias.

E' preciso, pois, que se não ponham em pratica taes processos para falsificar o acto mais nobre dum povo, —o direito do voto, e para isso é preciso que por toda a parte, em todo o País as autoridades da Republica uzem de todos os meios que a lei lhes faculta, para evitarem a compra de votos: exercendo imposição, o suborno e todas as veniagas sempre postas em pratica pelos galopins de oficio.

A acção das autoridades, procedendo com toda a energia e imparcialidade, póde tornar o acto eleitoral mais moral, assegurando aos cidadãos a liberdade de votarem em quem melhor entendam que defende os seus interesses, que são os sagrados interesses da nossa querida Patria, que todos devemos amar. E' preciso, porém, compenetrarmo-nos dum grande dever que todos nós, os sinceros republicanos, temos de cumprir:— fazer propaganda em comicios expondo ao povo a grandeza do ideal que com tanto sacrificio implantamos e chama-lo a interessar-se pelo bem da Patria, educando-o assim pela palavra, para que esse bom povo, que durante tantos seculos foi escravo, se torne livre e grande pelo seu civismo. Só assim se conseguirá fazer uma Patria nova: instruir e educar, eis o grande problema a resolver. E quando se chegar ao fim almejado, então as eleições serão a expressão da verdadeira soberania popular.

Pampilhosa.

J. Pedrosa.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

LXVIII

Calotes—Efeitos da descentralisação—Apêlo ao sr. ministro da Instrução Pública—Haja dignidade —O colega M. E.

O professorado queixa-se, pelas fórmas mais variadas, de lhe não serem pagas a tempos e horas as verbas que lhes são devidas de expediente e limpesa, subsidio de residencia, diferença de ordenado por virtude de promoção, etc. E tem rasão. O calote devia apenas ser uma das caracteristicas da monarquia. Um dos primeiros cuidados da Republica devia de ter sido extingui lo—para honra déla e para honra de todos nós, que, de uma fórma ou outra, para a sua implantação concorremos.

Mas o magistério está verdadeiramente alarmado com a demora havida no pagamento do ordenado do passado mez de julho. E neste ponto ainda mais rasão lhe assiste. Não basta que se diga, em varios tons, que a descentralisação de fórma nenhuma póde prejudicar o professor: é preciso provar com factos que assim é. E os factos começam, ainda mais cedo do que os péssimistas esperavam, a provar a rasão que assistia á parte da classe que hostilisou a passagem da instrução para a alçada das camaras municipais.

Ora veja-se.—O art. 65.º do decreto de 29 de março de 1911, atualmente em execução, preceitua insofismavelmente que os ordenados dos professores de instrução primária *serão pagos adiantadamente, recebendo-se no começo de cada mez os vencimentos a ele referentes.* Pois, senhores: ainda ha dois ou tres dias não tinham sido pagos os vencimentos, não diremos já do mez que corre, mas do anterior! Porquê?—Ninguem o sabe...

Mas é preciso que se saiba! Urge que o sr. Ministro da Instrução, que tam boas intenções tem revelado, averigue a entidade ou entidades que, faltando ao cumprimento dos seus deveres, parecem apostadas em malquistar a infeliz mas valiosissima classe do magistério com a Republica, ou ao menos com o atual Governo. E depois que o rigor da lei caia inexoravelmente sobre a cabeça dos culpados, sejam eles quem fôr.

O art. 66.º do citado decreto diz textualmente: — «As camaras municipais que faltarem ao cumprimento das obrigações que pelos artigos 64.º e 65.º lhes são impostas incorrerão na multa de 15$000 réis a 60$000 réis, pela qual serão solidariamente responsaveis todos os seus membros.

«§ 1.º No caso de reincidencia, serão dissolvidas e os seus membros suspensos dos direitos politicos por cinco anos.

«§ 2.º As penas de suspensão e de multa serão impostas em processo de policia correccional.»

Pois ha pouco, falando nós nisso ao presidente de uma camara municipal—note-se bem, ao presidente—, ouvimos como resposta uma gargalhada sonora, acompanhada da afirmação perentória de que nunca os professores receberiam adiantadamente os seus vencimentos! Parece que o homem lá sabia porque assim falava.

Mas então para que serve a lei? O capricho dos senhores vereadores poderá sobrepôr-se a ela?

Novamente pedimos a atenção esclarecida do sr. dr. Sousa Junior para estes factos. São graves, ao menos como sintôma, e muito convem evitar-lhes a repetição.

Prof. Manoel José Antonio.

P. S.—Não nos passou despercebida a carta nesta secção publicada pelo sr. M. E., ha quatro ou cinco semanas. Teriamos mesmo já respondido á pergunta tam delicadamente formulada pelo ilustre colega, se não tivessemos a consciencia de nada vir adiantar no assunto, de que apenas conhecemos generalidades, naturalmente superficiais, como *toda a gente.* Faça, pois, o sr. M. E. de conta que viémos definir o numero decimal como qualquer dos compendios que por aí andam nas mãos da nossa mocidade das escolas. E digne-se dar-nos a sua lição, que, como sempre, será recebida com agradecimento.

M. J. A.

Escolas Moveis

O *Diario do Governo* publicou ha dias o seguinte decreto:

Preceitua o artigo 28.º do decreto com força de lei 29 de março de 1911 que, não podendo, por quaisquer motivos, estabelecer-se em determinadas localidades escolas primarias fixas, criar-se-hão nos termos do artigo 27.º do mesmo decreto cursos temporarios ou escolas moveis, que funcionarão pelo menos dez mezes consecutivos.

A lei orçamental do ministerio do interior de 30 de junho ultimo, permite efectivar essa disposição, consignando a autorisação ao governo para despender com escolas moveis, exclusivamente para adultos, e sem dependencia de duodecimos até 56.000$. Nestes termos e convindo que no mais curto prazo possivel se inicie este ramo de ensino primario; hei por bem, sob proposta do ministerio de instrução publica, e usando da faculdade que me confere o n.º 3 do artigo 47.º da Constituição Politica da Republica Portuguêsa decretar o seguinte regulamento:

Art. 1.º São criadas escolas moveis para adultos, aos quais será ministrado o ensino de leitura, escrita, contas, rudimentos de geografia, historia patria e educação civica.

§ unico. A educação civica será principalmente ministrada em palestras desde a abertura do curso, não devendo nunca deixar de explicar a constituição politica da Republica Portuguêsa.

Art. 2.º Os cursos destas escolas durarão, em regra, dez mezes, podendo, entretanto, ser prorogado este periodo, sempre que se reconheça ser isso necessario para o ensino.

Art. 3.º O governo indicará, sob proposta da direcção geral de instrução primaria, as localidades em que as escolas moveis devem funcionar.

Art. 4.º As despezas de instalação, expediente e limpeza poderão ser feitas a expansas das corporações administrativas, ou de particulares, que assumam essa obrigação, não deixando, porém o governo de tomalas a seu cargo, quando nenhuma das referidas corporações, ou particulares, tomem esse compromisso, e seja de urgente necessidade o estabelecimento das escolas.

Art. 5.º A nomeação dos professores para estas escolas será feita por contrato, que durará por um ano, no maximo.

§ 1.º O governo poderá em qualquer ocasião, e sob proposta do inspétor, a que se refere o artigo 8.º, dispensar os serviços dos professores que não desempenhem convenientemente as suas funções.

§ 2.º Aos professores que prestarem bom serviço durante um ano, fica garantido o direito á renovação do contrato por igual periodo.

Art. 6.º Os professores para estas escolas serão nomeados pelo governo, de entre individuos que tenham reconhecida competencia para o exercicio do magisterio.

Art. 7.º Os professores terão vencimento de 400$, com direito a despesa de transporte.

§ unico. Os professores não perceberão qualquer ajuda de custo, mas aos que prestarem serviço em Lisboa e Porto serão abonados, a titulo de subsidio de residencia, respétivamente 100$ e 50$ anuais.

Art. 8.º Para a fiscalisação do fun-

cionamento destas escolas nomeará o governo um inspétor de reconhecida competencia pedagogica, e que ficará diretamente sobordinado á repartição superior de instrução primaria.

§ 1.º Este inspétor terá o vencimento de 1:200$ com direito ás despesas de jornada.

§ 2.º O inspétor, cuja residencia será em Lisboa, não perceberá qualquer ajuda de custo.

Art. 9.º O governo poderá confiar desde já á Associação das Escolas Moveis a organisação de trinta escolas, no maximo, a abrirem, o mais tardar, no dia 1 do proximo mês de outubro.

§ unico. As escolas a que se refere este artigo serão organisadas segundo a orientação pedagogica da referida associação, sem prejuiso do preceituado nos artigos 1.º e 7.º deste regulamento.

O ministro da Instrução publica assim o tenha entendido e faça executar. Dado nos paços do governo da Republica e publicado em 11 de agosto de 1913.—*Manoel de Arriaga—Antonio Joaquim de Sousa Junior.*

Na direção geral de instrução primaria está aberto concurso até 30 do corrente para a entrega de requerimentos, que devem ser acompanhados de documento ou documentos comprovativos das habilitações pedagogicas e do certificado do registo criminal dos concorrentes.

Poetas e Prosadôres

A UMA ROSA

Um dia, já bem distante, o acaso, o destino ou outra cousa semelhante fez-me encontrado com uma rosa — e quem sabe — talvez fatal encontro.

Essa rosa era diferente de todas as outras: ainda em botão e exalava um perfume suave, odorifero e estonteante. Nascera no campo.

Esse lindo botão, que magestosamente se balançava no seu gracioso hastil, acarinhado pela amena e fagueira brisa, atraiu-me, fascinou-me .. Poderosos laços nos uniram. Jurámos viver um para o outro.

Passaram-se dias—muitos dias— em que eu de longe a contemplava no seu canteiro, sem que dela pudesse aproximar-me.

Quando vinha a noite e nos envolvia no seu manto de crépes, eu, embuçado, acercava-me dela para lhe aspirar, para me embriagar no seu perfume.

Quando juntos bebiamos a longos tragos o calice da felicidade, a fatalidade quiz que eu deixasse de a vêr. Levaram-ma para muito longe...

Vivemos por longo tempo separados — eu sei lá se vivi...

Passados tempos, a brisa fresca e carinhosa, condoída do meu sofrer, quiz dissipar o meu pesar, dando-me a subita esperança duma consolação proxima. Disse-me, que em breve a veria, que viria para perto de mim.

Queria correr ao seu encontro, mas... não sei que se opôz.

Sabendo-a perto de mim, quiz passar junto ao seu canteiro, contempla-la, sorver-lhe com sofreguidão o seu perfume, e tudo me foi vedado.

Era-me permitido apenas, num certo momento, passar junto dela sem que pudésse parar para a contemplar, e quantas vezes sem a vêr!

Implacavel fatalidade que só amarguras me derramas na alma, e, talvez, talvez me estejam reservadas para sempre!

Oh! minha rósa, minha pobre rosa — preferia-te longe de mim!

Sim, eu sei que vais sofrer com a resolução que tomei, oh! mas eu sofro mais por a ter tomado! Prefiro viver escondido, entregue aos amargos sofrimentos que me devoram, do que voltar a passar perto do teu canteiro, até que eu — misero espinheiro já resequido pela dôr — possa enlaçar-te, arrebatar-te e longe muito longe, embriagar-me no teu perfume!

Lisboa, 13—9—913.

F. B. Cardoso.

Um menor que morre afogado

Ha dias deu-se um lamentavel desastre na visinha povoação de Tentúgal, no sitio da ponte do Rebolim, de que resultou a morte a um infeliz rapaz de 14 anos.

Andava este ao fim da tarde tomando banho numa vala proxima da ponte, quando descuidadamente se afastou para um ponto onde a corrente era mais caudalosa, tragando-o esta em seguida. O infeliz moço, filho do snr. José d'Almeida Machado, de Tentúgal, só por volta da meia noite é que foi encontrado na vala pelo snr. Joaquim Pereira Bátista, que conseguiu tirá-lo já cadaver.

Lamentamos o triste incidente e daqui enviamos ao nosso amigo e snr. Machado a expressão do nosso sentido pezar.

Bocados soltos

INSTRUÇÃO

Instruir é construir.
VICTOR HUGO.

Por certo ninguem ignora a grande percentagem de analfabetos existentes em Portugal, e contudo, nós vemos ainda a grande aberração pela escola, por essa preciosa fonte donde dimana a luz benéfica da instrução.

E' preciso que todos nós nos convençamos, que este pequeno torrão por nós tão adorado, não póde caminhar na estrada da civilisação e do progresso, sem que todos saibamos compreender a nossa dificil missão nas diferentes camadas sociais.

E' incontestavelmente urgente a conjugação dos nossos esforços, para fazer uma guerra tenaz ao analfabetismo; porque ele tanto nos prejudica, como envergonha, perante o mundo civilisado.

Trabalhemos, unidos com afinco e sem deliquios, por cultivar os cerebros ignorantes, espalhando a produtora semente da instrução e assim teremos a satisfação intima de prestar um bom serviço á grande e nobre causa da instrução.

Ponhamos de parte a politica mesquinha, e como bons portuguezes, tentemos por todos os meios ao nosso alcance de reconstruir sobre novos alicerces o velho Portugal; urge pois, pôr toda a nossa atividade em prol dum ideal tão justo, que certamente proporcionará melhores dias a esta ditosa patria, que teve um passado heroico e glorioso.

Quebremos as fortes algemas da ignorancia, e conseguido isto teremos dado, indubitavelmente, o primeiro passo na estrada risonha do futuro.

Façamos sem demora uma revolução na turba ignorante, fazendo-lhe vêr, que a instrução é a preciosa pedra em que se deve apoiar o futuro da Patria Portugueza.

J. das N. L.

Noticias

Toda a correspondencia, á excéção dos jornais, que no dia 22 do corrente transitar pelo correio, deve levar a estampilha de assistencia, além do porte respectivo.

A professôra da escola do Nadadouro (Caldas da Rainha), D. Maria d'Assunção, na ocasião em que estava limpando um revólver, foi atingida por uma bala, que se lhe alojou na região abdominal, deixando-a em estado grave. A infeliz senhora, apênas de 23 anos e solteira, recolheu ao hospital de S. José, em Lisboa, onde está em tratamento.

A Direcção do Sindicato dos Professores Primários de Portugal telegrafou ao sr. ministro da instrução, pedindo se digne tomar providencias rápidas afim de sêr ordenado o pagamento do vencimento do mês de julho aos professores de todo o país, e outras verbas em atrazo.

Em Telheiras de Baixo, proximo de Lisboa, foram apreendidas numa casa, pela policia judiciaria, várias matérias explosivas, sendo tambem prêsos 2 homens e 3 mulheres como fabricantes de bombas para movimentos revolucionarios. Um dos prêsos, de nome João Duarte, mantinha as mais estreitas relações com o dr. Mario Monteiro, director do jornal «A Alvorada», e que actualmente se encontra emigrado no Brazil, fazendo propaganda contra a Republica Portuguêsa.

No Mexico anda grande revolução. Dos insurrectos contam-se já 3:200 mortos, além de 200 das tropas federais.

Para os lados de S. Paulo de Frades, suburbios da Coimbra, houve na terça-feira um violento incendio num pinhal, avistando-se da cidade o enorme clarão.

Festividade

Realisou-se aqui no dia 15 a costumada festa á Senhora do Pranto, que decorreu com a animação dos anos anteriores.

Abrilhantou a festa a filarmonica de Liceia.

Assuntos agricolas

Adubos quimicos para as novas sementeiras

Uma das causas por que a nossa agricultura não consegue colheitas abundantes, é a errada aplicação dos adubos quimicos.

A casa O. Herold & C.ª diz-nos que os lavradores não atendem sufícientemente á lei da natureza, que exige que todas as plantas tenham á sua disposição, para poderem viver, ao mesmo tempo azote, acido fosforico e potassa.

Os lavradores portuguezes quasi não aplicam senão acido fosforico, não fazendo uso de quasi nenhum azote, e muito pouco da potassa, apesar de estar averiguado e confirmado que a maioria das plantas precisa de muito mais azote e potassa do que acido fosforico. O lavrador prefere o acido fosforico não porque tenha uma opinião formada sobre este assunto, mas porque um sáco de 50 kilos de um adubo contendo acido fosforico custa vulgarmente menos do que um saco de 50 kilos de um adubo contendo azote ou potassa.

Todavia, sempre são alguns, se bem que poucos os que conhecem o caminho que devem seguir; e, assim, a casa Herold mostrou-nos cartas de dois importantes freguezes, sendo uma do seguinte teor:

«Para *meu* uso, desejo adubos completos, emquanto que para os associados do sindicato agricola, do qual sou presidente, só poderei comprar superfostato».

O inteligente presidente deste sindicato vê que, para ele, não ha coisa melhor do que os adubos completos, e com muita persistencia já os aconselhou aos outros socios do sindicato, mas em vão: eles não querem abrir os olhos, não querem compreender, que, gastar 3 e colher 5 é muito menos vantajoso do que gastar 10 e colher 15 ou 20.

A outra carta, se não prova a aceitação dos adubos completos, prova pelo menos que ha quem, pelos factos resultantes das suas experiencias e de uma cuidadosa observação, chegasse á convicção de que entre um superfosfato esmerado e de fabrico cuidado e um outro que preenche, rez vez, as condições que se podem exigir, póde ir uma diferença enorme.

Diz a carta: «Para *meu* uso, queiram V. S.as enviar-me 4 vagões de superfosfato da marca ingleza *Galo*.»

Esta carta é de um importante revendedor da casa Herold, o qual se queixa, constantemente, de que os lavradores não querem ligar importancia suficiente á qualidade dos adubos e á perfeição do seu fabrico, julgando que toda a sua felicidade só consiste num preço, quanto mais baixo melhor.

A casa O. Herold & C.ª, que tem sucursais no Porto, Regoa, Pampilhosa, Santarem (S. Pedro), Evora, Beja e Faro, tem o maximo empenho em que os lavradores façam as suas seáras em condições de não se poderem repetir, com tanta facilidade, como na epoca cultural passada, desastres provenientes de seca e doença, como os que acabamos de presencear, e pede a todos os lavradores que abandonem a indiferença com que olham para o assunto dos adubos quimicos, começando a estudal-o com a maxima atenção por meio de experiencias confrontativas, feitas com toda a atenção e acerto.

Dirigir tambem a *Fortunato Vaz*, CAMARNEIRA—CANTANHEDE.

CORRESPONDENCIAS

Baraçal (*Celorico da Beira*), **13.**

Consorciou se hoje o nosso amigo e correligionario, Abilio Monteiro Lopes, com a ex.ma snr.ª D. Angelina do Nascimento Magalhães. Foram testemunhas o ex.mo snr. José Joaquim Pinto d'Almeida, major do exercito, e a ex.ma snr.ª D. Maria Miquelina Saraiva d'Aguilar.

Oficial do registo civil foi o nosso prestante correligionario, Rodrigues Direito, distinto professor oficial da freguezia de Minhocal, que explicou, duma maneira clara e positiva, a lei do registo civil, demonstrando, com factos, quanto a lei é humana e até que ponto de humanidade o seu legislador quiz chegar.

Demonstrou o bom republicano, de uma fórma digna, ao publico que assistiu ao acto, como são belas as leis da Republica e que todos os bons portuguezes têm o dever de abraçar como simbolo duma nova geração que deseja caminhar para o progresso da sua Patria.

De Madrid, onde residem, vieram assistir ao consorcio do nosso amigo seus cunhados (irmãos da noiva), os ex.mos snrs. Antonio do Nascimento Magalhães, Carlos do Nascimento Magalhães, e a esposa do primeiro, a ex.ma snr.ª D. Domitilia Tejada Orênas. Veio tambem de Coimbra mais um irmão da noiva, o nosso amigo Francisco do Nascimento Magalhães. Ao jantar, que correu muito animado, assistiram muitos convivas, entre eles muitas senhoras.

Trocaram-se brindes de afectuosa estima, que não só dignificaram as qualidades do nosso amigo Abilio e de sua esposa, a snr.ª D. Angelina, como tambem no tocante ao bondôso coração e qualidades da madrinha, a ex.ma snr.ª D. Maria Miquelina, a unica pessoa que na terra representa a raça, de saudosa memoria, da casa Moniz e Saraivas, de que sua ex.ª descende, e que só ela vive da numerosa familia que aqui, no Baraçal, era o esteio do respeito, da bondade e da disciplina.

Ouvimos tambem justas palavras salientando a maneira altiva e generosa como o ex.mo snr. major veio de tão longe prestar homenagem a um seu antigo subordinado e amigo. Acções como esta só engrandecem quem as pratica.

Fernandes d'Almeida.

TOCHA, 14

Por telegrama recebido da Bahia, sabemos que o nosso amigo snr. Manoel Maria de Andrade (Vencedor), importante proprietario em Belmonte (Brazil), partiu para Portugal no passado dia 6. Em breve, pois, teremos a honra de o cumprimentar.

Encontra-se ligeiramente incomodada de saude, a esposa do nosso amigo José Rodrigues Maia.

Tambem tem estado de cama, o nosso amigo Julio da Silva Diniz.

Estimamos-lhes completo restabelecimento.

Realisaram-se em Cantanhede os exames de 2.º grau, obtendo os alunos desta localidade as seguintes classificações:

Sexo masculino.—Professor, snr. Julio G. Salvador. — Manoel Manco, Arnoldino Andrade, Antero Inácio e José Maria Terezo, com a classificação de *Bons*.

Sexo feminino.—Professora, snr.ª D. Encarnação Cruz. — Joaquina Rosa de Abreu, Celeste Henriques, Aida Andrade e Gloria da Silva, todas classificadas de *Bem*.

A' hora a que escrevo devem estar a fazer tambem exame as meninas Olimpia Henriques e Preciosa Correia. No proximo numero darei suas classificações.

Abrilhanta a proxima festa que se realisa no Bomsucesso, dia 15, a distinta Filarmonica Recreativa Tochense, regida pelo novo mestre snr. Antonio Galvão.

Justiniano M. Pimenta.

Pampilhosa do Botão, agosto.

Não começaram no sabado, como dissémos na ultima correspondencia, os exames de instrução primaria do 2.º grau que devem efectuar-se na Mealhada.

Estes exames começaram na sexta-feira, dia 15, tendo entrado ás provas escritas os meninos Albano Cristino, Albano da Silva e Alberto da Silva, da escola desta freguezia.

Estes meninos foram todos admitidos ás provas orais.

No proximo numero daremos mais informações sobre este assunto.

Hoje tem logar no Gremio d'Instrução e Recreio uma esplendida sessão cinematografica, levada pela empresa portuguesa, de que é director o sr. Justiniano Gomes, cujas fitas são as seguintes:

1.º Chong Ki Long (Natural de lindo efeito)
2.º Marta (Film d'arte)
3.º As cerejas (Comedia Franceza)
4.º Falta de camisa (comico)
5.º Banho de cavalos
6.º A favorita (Drama de sensação)
7.º Um drama em Sevilha (emocionante drama)
8.º Moritz e o moscardo (Grande risota).

Ontem exibiu-se a fita «Vida de Cristo», que agradou imenso.

Bem haja o sr. Justiniano Gomes em nos proporcionar umas horas agradaveis.

Todos os espectadores saíram satisfeitos.

C.

ANUNCIOS

NA comarca de Montemór o Velho e pelo cartorio do terceiro oficio nuns autos de petição para assistencia judiciaria em que é requerente Maria de Nazareth de Jesus, solteira, das Faiscas, freguezia de Arazede, para investigação de paternidade ilegitima contra Leonardo Francisco Lage, solteiro, maior, serrador, ausente em parte incerta no Brazil, correm editos de trinta dias, a contar da ultima publicação deste anuncio, citando aquele Leonardo Francisco Lage para no prazo de cinco dias, depois de findo o praso dos editos, contestar o pedido feito na petição, cujo duplicado poderá ser-lhe entregue, no mesmo prazo, e se encontra egualmente nos autos.

Montemór o Velho, 14 de agosto de 1913.

O Presidente da Comissão d'Assistencia Judiciaria,

Elisio de Pina Mascarenhas de Mancelos.

O Escrivão,

José de Paiva Bobela Mota.

ANUNCIO

MANUEL DA SILVA LIRIO, faz publico que no proximo dia 18 do corrente procederá á venda dum desbaste de lenha na sua Mata das Faiscas, lenha que será vendida na dita Mata, em praça particular, a quem maior lanço oferecer.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSOES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sêde em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia. miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

MELO & MARTINS

Com armazem de adubos quimicos, sulfato de cobre, enxofre e cal para construções

Endereço postal e telegrafico:

PAMPILHOSA DO BOTÃO

São nossos representantes em Mortagua:

NA POVOA, o snr. José Paulo
NA ESTAÇÃO, o snr. José Tomaz.

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.

O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.

Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

MURALINE

Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle,,

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

CASA HAVANESA

16 — Rua Ferreira Borges — 18

COIMBRA

Sortido completo em tabacos, papelaria e perfumarias. Molduras para quadros e galerias, o que ha de mais moderno. Artigos para desenho, pintura a oleo, aguarela, foto-miniatura e pirogravura.

BILHETES DE VISITA

Novidades para brindes, artigos de viagem e toilette etc.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

25 AGO 13
COIMBRA

Ano 2.° Arazêde, 24 de Agosto de 1913 N.° 79

Biblioteca da Universidade
S. R.
Coimbr

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os originais, quere sejam ou não publicados. Não se aceitam informações anónimas.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

PORTUGAL E COLONIAS PORTUGUEZAS — Ano 120 centavos; semestre, 60 centavos; trismestre, 30 centavos.
BRAZIL — Ano, 2 escudos, fortes.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Redação e Administração — ARAZÊDE

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

SEM LAR E SEM PÃO

As revoluções, quando bem orientadas e com seguros objectivos, caminham a par e passo com a evolução das coisas e a natural diretriz da civilisação. Trazem mesmo sempre comsigo, por força, belos efeitos e saudaveis ensinamentos, perduraveis exemplos de confraternisação e intimas comunhões de idealismo.

Assim nas nações avançadas e prosperas, como nas mais atrazadas e pobres. A expansão imperialista das grandes potencias foi um facto de crescimento. A Inglaterra suplantou, por exemplo, algumas nações no fim de sucessivas derrotas, e outro tanto poderá acontecer, no futuro, a qualquer povo que se guie apenas pelos ditâmes da consciencia, almejando, com anciedade, o futuro da sua raça, o engrandecimento da sua patria ou o engrandecimento de todas as patrias, se olharmos a que toda a humanidade tem direito á vida, como toda tem dever á morte, quando se trate de interesse comum em via de protelação, sonegado ou gananciosamente apetecido com manifesta maldade por aqueles que, olhando só para si, tão lamentavelmente imaginam que a outra parcela dos seres viventes é lama vil que a onda da maledicencia amesquinha e degenera.

Entretanto ha que considerar que, infelizmente, as grandes revoluções, especialmente as que se têm produzido á mão armada, apenas têm aproveitado a uma parte da humanidade; e, se encararmos a questão sob o aspeto social, mais dolorosamente teremos que convir que tambem ainda só uma parte das sociedades tem aproveitado com a transição dos povos que se sentem, nobilitadoramente, chegados á *méta* almejada depois de dias e dias de luta, após anos e anos de conspiração consciente e ininterruta propaganda de ideal.

Aos povos, para se engrandecerem, é necessario o sofrimento. Uma nação sem catástrofes, e portanto sem conhecer o que é a Dôr, o que é a ingratidão do Destino, não sabe avaliar a Dôr das demais nações suas irmãs, havendo ainda que considerar que as reacções são indispensaveis ao avanço moral dos povos, ao seu estimulo e mesmo á sua conduta.

Se não fôra a catástrofe de 70, talvez que a França não monopolisasse as simpatias da Europa, e continuasse mais ou menos esquecida e ignorada perante a civilisação mundial.

Foi preciso aquele ponto de partida para a sua regeneração, aquele esteio alto da dura experiencia da Vida. Gambetta não seria mesmo tão gloriosamente imortal sem a glorificação dos seus planos estratégicos de Moltke.

Não se preocupe, pois, a nação com os manejos conspiratorios, porque eles, radicada como está na bela alma do povo a generosa e humana causa da Republica, pouco mal nos poderão causar. Do que nós carecemos é de que todos os que, sem lar e sem pão, sejam olhados com amor, tratados como legitimos filhos da mesma patria, para que eles, ainda que famintos e rotos, não deixem de lhe consagrar todo o seu amor de bons filhos, auxiliando-a e defendendo-a, quere expondo o seu corpo na luta, quere dando-lhe a sua alma para liberta-la na indecisa hora do perigo, no titubiante momento da vitoria.

Mas quasi nunca acontece assim. Quando os povos, quere os encaremos sob o ponto de vista social, quere os pretendamos olhar sob o ponto de vista humano, sáem vitoriosos, abraçados ao ideal que defendiam, se não orientam bem, tornando-se refugio das atenções do mundo, quasi sempre temos que a culpa não é dos humildes, dos sem pão e sem abrigo, mas dos dirigentes saídos da Revolução triunfante, que depois, em revolução de ideias mesquinhas e contraproducentes, se lançam, como feras, uns aos outros, prejudicando então os desgraçados que, sem pão e sem lar, os fizeram subir e os fizeram dirigir, para continuarem na vida o eterno fado de párias, agravado o seu infortunio com o desprezo dos grandes, com o desprezo dos que, podendo dar-lhes depois alguma coisa, tão desastradamente os esquecem.

E é assim que novas lutas se desencadeiam, mas estas agora muito prejudiciais á preciosa marcha e evolução das coisas, tudo contaminando, tudo pretendendo dissolver guiados pelo despeito e pela divida da confraternisação não liquidada.

E' que as revoluções, quando bem orientadas e com seguros objetivos, caminham sempre a par e passo com a evolução natural das coisas e a consequente diretriz da civilisação mundial.

Acontece isso nas nações mais atrazadas como nas mais adiantadas e prosperas.

ALMEIDA JUNIOR.

D. Aurea Amaral

Tem estado doente esta nossa estimada colaboradora, motivo porque não tem escrito a secção *Coisas simples*.

Desejamos-lhe rapidas melhoras

NOTAS

Cançado de viver

Alguns jornaes reacionarios têm explorado com o facto de se haver suicidado, no Porto, a pretexto do aumento da renda de casa, o operario Artur Alberto Teixeira Alves.

O *Jornal de Noticias* botou fundo, lamuriento e triste, explorando a pobre ignorancia do operariado nacional. Tudo serve aos pescadores de aguas turbas. A simples morte de um desgraçado é base para colunas e colunas de prosa extravagante e... *independente*.

Já não ha milagres

Noticiam de Vila Nova de Gaia para os jornaes:

IGREJA ROUBADA—Entraram, por meio de chave falsa, na igreja de Pedroso, roubando vários objectos de latão, que eram utilisados no culto.

Levaram ainda um resplendor de prata e uns oito escudos.

Que o tempo dos milagres já passou, sabiamos nós. Mas quando os santos deixam roubar a igreja, vendo entrar e sair os larapios, conservando-se mudos e quedos, a autoridade só tem um caminho a seguir:

Meter os santos no chelindró, como culpados. Lá que furtassem as panelas do caldo e de coser o bacalhau com batatas, vá lá; mas a *massa* das suas economias, é demais.

E ainda ha papalvos que acreditam em pantominices emanadas da igreja.

Presidente da Republica

Proseguem as melhoras do venerando chefe do Estado, sr. dr. Manuel de Arriaga. Todo o país rejubila com o facto. Sua ex.ª já saiu dos seus aposentos, e em breve sairá do palacio da Ajuda, a passeio.

O Dever, felicitando a nação portuguêsa que tanto ama o seu mais alto magistrado, abraça comovidamente o sr. Presidente da Republica, desejando o seu pronto e completo restabelecimento.

Amôr de velho

Em Almada um homem de 46 anos, viuvo, pae de filhos, apaixonou-se por uma rapariguita de 16 anos. Pediu, fartou-se de pedir e de galantear; como a petisa — 16 anos é uma idade tentadora, cheia de frescura e de seiva — não estivesse pelos ajustes, zás! prega-lhe dois tiros de revolver, que felizmente a não atingem.

Se a moda péga, temos que o sexo forte, á menor negativa das namoradas, começa a despegar-lhes balas na cabeça como um bebado despeja copos de vinho ao balcão duma tasca imunda.

E assim... não vale a pena ser mulher...

Superavidistas

Mais um aparece em publico no intuito de demonstrar o que é o *superavit* do sr. dr. Afonso Costa. E' o sr. Nobre França, antigo socialista e velho combatente do ideal emancipador, que vem, na *Republica*, misturando alhos com bogalhos. Temos acompanhado alguns dos seus artigos, e confessamos que neles outro objectivo não encontramos além do de dizer mal de tudo e de todos.

Emfim. São processos já gastos e bem conhecidos. Odios, e nada mais.

Sem politica

Nós não temos politica. Não é preciso apregoa-lo mais uma vez. Entretanto, como bons portuguezes que nos presamos de ser, não deixam de nos desgostar imensamente as lutas estéreis que para aí se continuam a desencadear entre os politicos militantes. Agora surgiu mais uma contenda.—O *Dia*, do sr. Moreira d'Almeida, e a *Republica*, do sr. Almeida (Antonio José).

E o país, pobresito, cá vai, coitadinho, caminhando aos trambulhões, sem orientadores, sem pão, sem economias, sem agricultura, sem nada!...

Outra vez

Voltou a suspender no dia 19 o *Diario de Coimbra*. Em tão curto praso de tempo, já é enguiço.

Volta e meia, toca em férias. E' o que fazem os cursos livres. Não seria melhor que o *Diario* não tornasse a reaparecer? Para isso ha uma coisa facil a praticar.—Deixar definitivamente de ver a luz da... *independente* publicidade. Nem se enganava o publico, nem mais se desiludia o corpo directivo da já celebre folha conimbricense.

Experimente e verá.

O Mario

A final o Mario Monteiro — o célebre Mario Fortunato — que tão mal dizia da monarquia bragantina, fazia-o só para *inglez ver*.

Convicções republicanas não havia. O que nele existia era muita ganancia e muita sêde de popularidade. Eterno pretendente a *tubarão*, mas a *tubarãosinho* altamente recomendado, para ele não havia consciencia. A questão era arranjar o meio de aproximar-se da sr.ª D. Amelia de Bragança, a quem escrevia sentidas e sofismadas cartas.

E ainda ha papalvos que acreditem nos intuitos de traficantes de tal jaez. E' que isto está tudo pôdre...

Interesses locais

A questão do partido medico—Destemperos dum bacharel—Uma conclusão necessaria

Hoje é um dever de consciencia que nos convida a vir aqui depôr sobre factos que muito nos custaria ter que narrar e a que só de relance aludimos, sem contudo deixarmos de expôr livremente a nossa opinião. Trata-se nada mais nada menos do que de umas palavras dissonantes proferidas pelo snr. dr. Couceiro numa farmacia desta localidade, a proposito dos artigos que aqui temos publicado.

Têm em certo modo desagradado ao snr. dr. as verdades aqui publicadas, e em especial as do numero anterior. Isto já originou um incidente ligeiro com o nosso amigo, snr. Antonio Baía, que, defrontando-se com o snr. bacharel, ouviu da boca dele palavras desceremoniosas, improprias dum clinico que quere prezar-se e que tão olimpicamente se apresenta sempre onde quer que seja. Além de varios destemperos em que caíu o snr. dr. e que definem bem o seu desespero mal contido, ha este insulto que merecia correctivo: segundo nos afirmaram, o snr. dr. Couceiro, num estado bilioso, disse *que o povo desta freguezia era mal educado, que vivia numa situação de anarquia, e que Arazêde era um escarro no mapa de Portugal*.

E' assim que destemperadamente o snr. dr. ofende uma população inteira que nada tem com o que aqui se publíca e, quando muito, dará o seu esforço para medidas que revertam em seu beneficio proprio; e é assim que o snr. dr. Couceiro corresponde á gentileza dos habitantes que o acolhem e naturalmente o hão-de acolher sem um movimento de protesto. Nada, porém, devia estranhar o fisico, se o contrario se désse. Não se insulta uma população com o ar farfante com que o fez o medico do partido da Carapinheira.

O snr. dr. Couceiro, se tem razões de queixa contra nós ou contra o povo de Arazede, proceda doutro modo, mas correctamente, e não recorrendo a processos que desnobilitam.

Repugna talvez ao nosso homem o desdobramento do seu partido. E daqui o seu odio a um povo ordeiro e trabalhador. Pois saiba o povo compreender os seus direitos. Reclame solidariamente a todas as autoridades a criação do partido em Arazede. Faça-se ouvir e atender por todos aqueles que, directa ou indirectamente, teem interferencia no assunto. Saiba corresponder ao insulto do sr. dr. Couceiro com o valor e a firmeza dos seus direitos e da sua vontade, e depois se saberá a quem pertence a vitoria.

Os melhores amigos do sr. dr. Couceiro reconhecem a necessidade e a vantagem de ser criado aqui um partido medico; só ele acha isso desnecessario ou, pelo menos, entende que *á força* é que ele não pode ser criado. Tem a sua opinião, mas a conclusão que o povo tem a tirar de tal atitude é esta: valorisar os seus direitos, impondo a força colectiva.

As autoridades da Republica, reconhecendo o indeclinavel direito que assiste á população da freguezia de Arazede, decerto não deixarão de fazer justiça. Acima de desmedidas ganancias e ambições, acima de teimosias impertinentes, devem estar os altos interesses do contribuinte, a não ser que tudo caminhe como dantes.

E é o que por agora se nos oferece dizer.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

LXIX

Palavras criteriosas — O problema economico é um problema pedagogico, di-lo um inteligente estadista

O sr. José de Macedo, que, se não laboramos em erro, é membro do Parlamento português, tem escrito no *Seculo* artigos esplendidos, versando vários assuntos. O ultimo que lemos intitula-se «Politica Pedagógica», e é na verdade merecedor de referencia especial, porque vem mostrar que nos nossos homens publicos começa a preponderar o bom-senso. Ainda bem.

Começa o autor por se referir a umas criteriosas palavras, ha tempos proferidas pelo simpatico estadista e homem de sciencia dr. Aurelio da Costa Ferreira. Essas palavras, que na verdade são uma sintese luminosa, ignoravamo-las nós. — «O nosso problema economico é, principalmente, um problema pedagogico» — dissera o ex-ministro do fomento. E', afinal, a sumula, a condensação de uma certa parte do que nós, os propagandistas da instrução, de ha bastantes anos a esta parte vimos proclamando.

O problema economico é, em ultima analise, um problema pedagogico. Igualmente se póde dizer, rigorosamente, que os restantes problemas que preocupam a nacionalidade outra coisa não são, bem feitas as contas, do que problemas pedagogicos. Até o problema da defeza nacional, que para ai tem incendiado, iamos quasi a dizer desorientado, o cerebro de muito boa gente. Mas deixemos isso...

O problema economico é, na verdade, o que presentemente mais nos deve preocupar. Precisamos, com efeito, de proseguir no caminho resolutamente começado a trilhar pelo atual ministro das finanças. Precisamos de aumentar as receitas publicas, a par e passo do bem-estar geral. Quere dizer, precisamos de desenvolver as fontes de receita — as industrias e o comercio.

Mas como? — Instruindo e educando. Dando uma nova orientação ao nosso ensino, tirando-lhe o mais possivel o que ele ainda conserva de livresco, para o tornar quanto possivel pratico, utilitario. E' assim que de ha muito se faz lá fóra, e assim é que ha anos nós o vimos aconselhando, sem nos preocuparem os risos escarninhos dos ignorantes e dos inconscientes.

Na escola primaria, introdução geral, tam rapida quanto possivel, dos trabalhos manuais educativos. Depois tanta consideração, pelo menos, dispensada ás escolas tecnicas, criteriosamente organisadas, como a que atualmente se dispensa aos estabelecimentos de ensino secundario e superior. Menos bachareis e mais operarios bem aprestados com uma racional aprendisagem, mais industriais com os conhecimentos e a consciencia necessarios para rectamente impulsionarem os seus ramos de atividade, mais comerciantes que conheçam as necessidades publicas, tam bem como as suas proprias. E verão como isto ha-de caminhar — como o bem estar geral aumentará, como o estado poderá cobrar impostos que permitam o nosso resgate financeiro.

Pensamos assim desde ha muito. Estamos mesmo fartos de o dizer. Por isso imensamente nos consola podermos lêr considerações como as do snr. José de Macedo. Oxalá sua excelencia continue.

Prof. Manuel José Antonio.

CRÓNICA DE LISBOA

Sobre a meza dum amigo encontro a fátidica receita: «Para ocasionar um desmancho—Banho...» (1).

Cruel selvageria a de esfacelar o candido inocente, carne da nossa carne, filho do nosso amôr!

E eu conheço tantas mães, tantas!...

Ainda, ha mêses, uma—mais *cocote* que espôsa — me afirmou secretamente, cinicamente que tinha horror á maternidade.

— Só o ventre disfórme, dizia-me éla, oh! que ideia!...

E provocou o abôrto.

Tantas assim, leitores, tantas para ahi, para as quaes Locusta ou Torquemada seriam suaves com todas as suas crueldades.

Ainda outro dia, no *Diario de Noticias*, vi este anuncio *ipsis verbis*: «Criança de cinco anos dá-se a quem a desejar tratar com carinho, por sua mãe a não poder sustentar devido á sua extrema miseria».

Criança *dá-se! Dá-se* como qualquer maltez após o laborioso parto de qualquer bichána no canto imundo do nosso sótão!

Oh! as mães! E chamam a isto mulheres sérias, honestas para quem a sociedade tem protestos de respeito, salamaléques de cortezia!

* * *

Foi hontem, senhores, hontem ainda, que uma meretriz chorou junto de mim, á lembrança duma filha que tem distante, na muito leal cidade do Porto.

Quanto ela daria por estar junto déla e quantas lagrimas lhe custou o apartamento. Só quem viu como eu vi é que poderia avaliar a amargura dêsse pranto sincero que lhe queimava as faces, tão raro nas esposas honestas que provocam abôrtos e *dão* os filhos como presente proprio de aniversarios.

E era uma meretriz!

* * *

Eu sei, e toda a gente sabe, quanto melhor seria que certas criaturas não tivessem nascido.

Eu, por exemplo, seria mais feliz se em pequenino houvesse partido ás paragens luminosas. Estaria hoje no céo a brincar com os anjinhos, como eu.

Morrer do garrotilho, do tifo, da meningite, mas nunca ás mãos infanticidas duma mãe.

Mas, se o mundo é assim e amanhã hão de sêr o joguete duma sociedade corruta, direi como Junqueiro:

Antes a morte os leve! antes a morte os leve!

GOMES MONTEIRO.

(1) — Não transcrevo a receita para evitar propagações criminosas.

Uma conclusão resumida

Ou sabes que sabes, ou sabes que não sabes.

Se sabes que sabes, suplico-te que faças desaparecer o Misterio e me digas, um minuto antes, o que vae suceder-me um minuto depois; e se sabes que não sabes, então lembra-te da imponente figura que póde fazer quem, seja a que respeito fôr, mentalmente se considere cego, surdo, mudo, insensivel e paralitico!

Sim; porque a Evolução,—determinante do infinito Aperfeiçoamento para o permanente Progresso,—não carece, para se desempenhar da missão que o Misterio lhe impõe, que uns aos outros os homens se odeiem e massacrem!

Amor? Não! não quero tanto, porque o amor, alem de, tarde ou cedo, se apresentar de braço dado com a Ingratidão—o mais hediondo de todos os nossos crimes!—tem inevitavelmente de estar assente sobre uma maior ou menor base de Odio.

Porque ninguem ama sem odiar, como ninguem odeia sem amar.

Portanto, Indiferentismo apenas; e ele bastará para que, entre a Humanidade, a Paz seja então o mais possivelmente absoluta!

Lisboa, 20 de agosto de 1913.

Leopoldo Torres Fernandes.

Notas pessoais

Faleceu no dia 16 a sr.ª Maria da Conceição Mendes, mulher do distribuidor rural sr. Joaquim Mendes da Cruz, vitimada por uma erisipela gravissima que se lhe desenvolveu na cabeça e laringe.

O funeral realisou-se no dia seguinte, pelas 8 horas e meia, sendo muito concorrido, atentas as boas qualidades que exornavam a extinta, por cujo motivo a sua morte foi muito sentida.

A' familia enlutada os nossos sentidos pezames.

—— Fez no dia 17 exame do 5.º ano do liceu, obtendo a classificação de 14 valores, o nosso amigo Francisco Ribas de Souza, filho do snr. Ribas de Souza, ilustre chefe da estação do caminho de ferro desta localidade.

Parabens.

—— Passou no dia 15 o aniversario natalicio da snr.ª D. Assunção de Melo, de Mortagua.

A' ilustre dama, que é um primôr de gentileza e bondade, apetecemos muitos outros aniversarios, e cumprimentamo-la afetuosamente.

—— Partiu já para Lisboa a retomar as funções do seu cargo de funcionario da Companhia Wagons Lits, o nosso presado cooperador Manuel d'Almeida Junior, que por alguns dias a doença fez conservar afastado do seu mistér.

Boa viagem.

—— Tem estado de licença o nosso presado assinante, snr. Pereira de Carvalho, zeloso chefe do caminho de ferro em Luzo.

CARTA DE LISBOA

Atravez do Cine maravilhoso

Ouverture.—Domingo passado, á tarde. Efetuou-se a grande festa sportiva da Amadora, exclusivamente executada por crianças até 14 anos de idade. Assim lutadores atletas, arbitros, segundos fôram desempenhados por tenras inocencias. Que belo tempo para o meigo Rabi da Galileia dizer como outr'ora: «Deixai vir a mim as criancinhas!» Estas em vez de sorrisos candidos teriam *swings*, rasteiras e golpes de *jui jitsu*.

1.ª *fita* (com castanhólas).—Muito fresquinha chegou a Lisboa uma carta autografa do Rei de Espanha participando o nascimento dum *nuevo hijo*. Parabens ao felicissimo pae. Aumentará a lista civil, todavia, onde comem dois comem quatro.

2.ª *fita* (dramática). — Os operarios da Fabrica do Conde da Ponte continuam nos seus firmes propositos de greve. E sempre provocando disturbios. O snr. governador civil tentou apasiguar os animos, sendo afirmado aos operarios que só poderia sêr solucionado o conflito após o regresso do diretor-gerente da mesma fabrica que se encontra no estrangeiro e breve chegará.

Será o que Deus Nosso Senhor quizer...

Termina a sessão. Na semi-obscuridade ouvem-se gritinhos argentinos de *coquettes*. Cá fóra o sol declina.

Nitrato.

Traidôres

Já os jornais falam de novo em couceiristas e dizem mesmo os nomes dos miseraveis que campeiam sem açâmo em terras da Galiza.

Temos, pois, novo ensaio á valsa, sem duvida para justificarem o dinheiro que os papalvos vão dando para a já estafada causa monarquica.

Que pretendem agora os miseraveis?

Que providencias toma o governo espanhol para afugentar para longe da fronteira portugueza os imbecis que pretendem inventar conspiratas e calunias contra a Republica?

Traidôres confessos e sem dignidade de especie alguma, que se esqueceram que são portuguezes e que ainda não se convenceram de que a Republica é o regime que o povo portuguez escolheu para o salvar das roubalheiras duma monarquia de bandidos!

Só monstros sem entranhas pódem ainda tentar praticar actos de banditismo, sob todos os pontos de vista condenados por toda a gente que tem um cerebro que pensa e um coração de portuguez que pulsa.

Já por duas vezes uma pequena multidão de bandidos, ou uma horda de selvagens, tentou assaltar a Patria onde nasceu.

Porque?

Por dinheiro e não por patriotismo.

A Patria que traistes, corrutos, não é a Serra Morena nem a Falperra.

Estae certos disso; e se tendes coragem, experimentae mais uma vez e vereis a recompensa recebida, em paga da vossa infamia e da vossa covardia.

Entrae, pois, bandidos, a combater os vossos irmãos que trabalham para uma Patria nova e que desejam a tranquilidade que é mister para o progresso da sua terra.

Trazei á frente os vossos heroes, mas dizei-lhes que não fujam quando encontrarem pela frente o nosso soldado, o nosso marinheiro e este povo amigo da Republica, para vos embargar o passo, ao primeiro atrevimento insidioso que o vinho ou a demencia vos possa fornecer para empreendimento da vossa vil e infame aventura,

Entrae, pois, facinoras, infames criaturas, corações de sapo, a terra portugueza para defenderdes a gamela do vosso menino que abalou no glorioso dia 5 de outubro.

Viva a Republica!

Fernandes d'Almeida.

Secção Instrutiva

Horas d'Ocio

(N.º 20)

Ex.mo Snr. M. J. A. e meu presado colega.

Ao lêr o *P. S.* da vossa primorosa correspondencia, publicada no n.º 78 deste semanario, compreendi desde logo, que, na minha local inserta no n.º 73 da mesma publicação, não tinha conseguido passar ao papel a expressão da minha ideia, e até tão mal redigi, que bem posso ser tomado por fórma diferente do que (permita-me a sinceridade), de facto sou.

Quando escrevo, só tenho em mira elucidar sobre um ou outro ponto de sciencia comesinha, aqueles que ainda saibam menos do que eu; ou então, provocar qualquer disertação dos que, como v. ex.ª, muito bem o podem fazer.

Eu sou, e de ha muitos anos, unica e simplesmente um propagandista da instrução, limitando-me, por falta de recursos proprios, a transmitir o que por aí corre nos compendios escolares. Aproveito, porém, todas as fórmas e ocasiões que se me oferecem, e não querendo perder tão bons auxiliares, como são os meus ilustres colegas, por isso os convidei para ventilarmos no *Dever* alguns dos pontos que se versam na escola, pois que com isso ganhariam os que, precisando, lá podem ir.

Era esta a ideia, que eu não soube expender; e, póde crêr, nunca tive a veleidade de fazer sciencia minha, e muito menos de dar lição a mestres. Digo mais: não escrevo as minhas pobres *Horas d'Ocio*, para v. ex.ª, nem para outro qualquer colega, porque eu nada aumentaria o peso da sua bagagem de conhecimentos; e, se por ventura me leem, só mostram com isso a sua muita benevolencia.

A pouca clareza, pois, do meu convite, e o requinte de cortezia de v. ex.ª, colocaram-me entre a espada e a parede.

Se respondo á pergunta que fiz, fico mal colocado, pois me podem tomar por pedante, que demais me falta o escudo do saber; se não responder, mal fico, porque então serei um descortez.

Tenho contudo de optar por um dos caminhos, e, certo de que v. ex.ª me fará o favor de acreditar na sinceridade das minhas intenções, escolho o primeiro, porque, ao menos, aproveito o continuar na pratica do programa, que a mim mesmo impuz (talvez por maniaco) de espalhar o pouco que sei.

Apresentadas, pois, gostosamente, as satisfações a que a minha falta deu logar, e as razões da resolução que fui levado a tomar, passo a responder:

Numero decimal, é o resultado da decomposição de um quebrado $\frac{A}{B}$, em uma soma de quebrados, cujos denominadores sejam as potencias sucessivas de um numero $\frac{D}{}$, no caso particular de $\frac{D}{}$ ser egual a 10.

Justifiquemos:

Suponhamos um quebrado $\frac{A}{B}$ e vamos decompol-o numa soma de quebrados cujos denominadores sejam as potencias sucessivas do numero D.

Teremos:

$$\frac{A}{B} = Q + R:B$$

$$= Q + \frac{D\,R:B}{D}$$

$$= Q + \frac{Q' + R':B}{D}$$

$$= Q + \frac{Q'}{D} + \frac{R':B}{D}$$

$$= Q + \frac{Q'}{D} + \frac{D\,R':B}{D^2}$$

$$= Q + \frac{Q'}{D} + \frac{Q'' + R'':B}{D^2}$$

$$= Q + \frac{Q'}{D} + \frac{Q''}{D^2} + \frac{R'':B}{D^2}$$

como se vê nesta facil transformação, temos como denominador do 1.º quebrado o $\frac{D}{}$ elevado a zero, do 2.º o $\frac{D}{}$ elevado a 1, do 3.º o $\frac{D}{}$ elevado a 2, e assim sucessivamente.

Pois bem; façamos o $\frac{D}{}$ egual a 10 e teremos

$$\frac{A}{B} = Q + \frac{Q'}{10} + \frac{Q''}{10^2} + \frac{Q''}{10^3}$$ ou, concretisando:

$$\frac{3}{7} = 0 + \frac{4}{10} + \frac{2}{100} + \frac{8}{1000} \ldots \text{etc.}$$

ou seja:

$$\frac{3}{7} = 0,428 \ldots \text{etc.}$$

Como este, assim nos aparecem todos os numeros decimaes; pelo que, só aquela definição nos póde servir, visto que só ela nos mostra de onde e como se fórma o numero decimal.

Figueira da Foz, 20-8.

M. E.

Pensamentos

Sobre a verdade

De S. Gregorio, o Grande:

Diz-se que a verdade escandalisa; mas é mais util deixar nascer o escandalo do que fazer calar a verdade.

*De * * *.*

A verdade é a flôr da ciencia.

De Vandelet:

Se o silencio é de ouro, a palavra é de prata, a verdade é de ferro!

De João de Deus:

A verdade é sempre bem vinda e e *superior* a tudo.

De Lacordaire:

A razão deve ter por base a verdade; o homem deve ter por escudo a razão.

Comp. de

J. F. Silveira.

Agua da Curia

Semelhante á de Contrexeville

Estimula a acção dos rins, que são os filtros do corpo humano.

Experimentai a agua da Curia.

Poetas e Prosadôres

E eu estava pobre!...

Moço e crente a Amizade abriu-me os braços
E ao seio me estreitou com ancia bella:
Dois corações n'um só! Que fortes laços!
Ella nos meus braços e eu nos braços d'ella!

Em nossa mente o mesmo sonho ardia,
Ardia em nosso peito a mesma lava;
A dôr que ella soffria, eu a soffria;
O goso que eu gosava, ella gosava.

Emquanto em alleluias, em delicias
O tempo me passou... oh! que *blandícias*,
Que *mimos*, que *ternura*... Amiga nobre!

Annos depois prostrou-me o negro fado.
Desde então vi-me só e despresado...
—E' que ella era rica... e eu estava pobre!

18 de julho—1913.

EDMUNDO D'AZEVEDO.

ASSUNTOS AGRICOLAS

Mais uma vez a casa O. Herold & C.ª lembra aos lavradores, que agora vão começar a tratar das suas compras de adubos, a imperiosa necessidade de olharem para este assunto com algum cuidado.

Comprando adubos ordinarios ou incompletos, o lavrador põe em risco toda a despeza feita com o lavrar da terra, com a semente e tambem com o juro que corresponde ao custo do terreno, deixando passar, improdutivo ou com saldo negativo, um ano da vida humana, que tão poucos anos de actividade conta.

Apesar do mais conpleto insucesso do ano que agora acaba, muitos lavradores continuam pedindo Superfosfato como unico adubo, quando é certo que a culpa dos insucessos, tão frequentes nos ultimos 10 a 15 anos, deve ser, em parte sensivel, atribuida ao Superfosfato, adubo este que, aplicado exclusivamente, escalda as terras e torna as searas sem resistencia a doenças e sêcas, produzindo além de isto uma semente cada vez mais fraca e pobre, incapaz de produzir futuras colheitas boas.

O que o lavrador deve aplicar são abubos combinados, contendo os elementos azote, acido fosforico e potassa, todos reunidos na proporção devida e no estado quimico competente para a respétiva terra; mas se algum lavrador persistir em empregar exclusivamente Superfosfato, deve pelo menos aplicar Superfosfato bom e do fabrico mais aperfeiçoado.

Uma grande parte dos lavradores portugueses já não sabe o que é um Superfosfato bom.

Aqueles que continuadamente não escolhem nas suas compras senão o Superfosfato mais barato tenham a coragem de abrir este ano uma excéção, substituindo uma parte da sua compra por um Superfosfato verdadeiramente bom e aperfeiçoado, confrontando este com aquele na sua seara.

Verão que ainda vai uma diferença importante entre uma e outra marca de Superfosfato e que o que lhes parece barato saiu caro e talvez carissimo.

A casa O. Herold & C.ª tem actualmente á descarga Superfosfato 12%% soluvel em agua, da magnifica marca registada «Trêvo de 4 Folhas», marca esta proveniente exclusivamente de fabricas da maior reputação no estrangeiro, e convida todos os lavradores a levarem uma pequena ou grande quantidade deste artigo.

Para aqueles lavradores que, nem vendo como S. Tomé, crêem, a casa O. Herold & C.ª tem ás suas ordens, na sua séde em Lisboa e nas suas sucursais estabelecidas no Porto, Regoa, Pompilhosa, Santarem, Evora, Beja e Faro, Superfosfato 12.%% soluvel em agua, dosagem tambem garantida por analise oficial da marca «Herold nacional».

A marca «Trêvo de 4 Folhas» é de proveniencia exclusivamente estrangeira, como poderão verificar todos os lavradores ou revendedores de adubos que o queiram, vindo a Lisboa e assistindo á descarga dos vapores.

Dirigir tambem a Fortunato Vaz, CAMARNEIRA—CANTANHEDE.

CORRESPONDENCIAS

Pampilhosa do Botão, 22

Na noite de segunda para terça-feira, desta semana, ardeu por completo a casa do nosso amigo Joaquim de Souza, que nessa mesma noite tinha ido para Lisboa acompanhado de sua senhora.

Foi um fogo horrivel, pois nada, absolutamente, se póde aproveitar.

Este nosso amigo tinha a casa, a loja e os moveis, seguros na companhia *Aliança Madeirense*.

Os estragos foram calculados em 3:442$ que a companhia ficou de lhe pagar.

Lamentamos profundamente o sucedido e por isso expressamos aqui, ao amigo J. de Souza, o nosso grande pezar.

Acabaram na passada quinta-feira, os exames do 2.º grsu, desta freguezia.

O resultado não podia ser mais satisfatorio, pois houve tres distinções e tres aprovações, sendo aquelas conferidas aos meninos, Albano Cristina, Antonio da C. Carvalho e Henrique P. Lopes; e estas, aos meninos, Albano da Silva, Alberto da Silva e Antonio Rodrigues Simões.

Felicitamos o distinto professor snr. Guilherme F. da Silva, pelo belo exito do seu trabalho, e bem assim as inteligentes crianças e seus paes.

O juri era composto dos snrs. Albino Gonçalves Amorim, presidente, e os vogaes, a snr.ª D. Matilde Pinto Sôto-Maior, distinta professora em Bolfiar, Agueda, e Antonio Ferreira da Costa, illustre professor na Mealhada.

Tambem fez exame de instrução primaria do segundo grau, ficando aprovada, a menina Natalia de Souza Andrade, filha do nosso bom amigo Manoel de Souza Andrade, distinto professor nesta freguezia.

As nossas mais cordiais felicitações.

C.

PEREIRA, 20

Quem o inimigo quere matar... O dr. Couceiro Martins não foi nomeado medico de Pereira (apesar da vontade expressa do povo) pelo simples motivo de ser medico da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, segundo a autorizada opinião dum membro da Comissão Municipal Administrativa. Se ele fosse evolucionista, estava certo! Assim, não. Valha-me Santa Mafalda!

Será verdade? — Dizem-nos, mas não possuimos dados seguros, que vae ser votado um orçamento de setenta mil escudos para a construção da estrada do Laguar, e trinta mil escudos para a iluminação desta vila. Que magnifico luar, meus senhores! Vou fornecer-me de lentes foscas por causa do brilho de tanta luz.

Agora, sim. O snr. Noronha póde contar com o meu voto; pouco vale, é certo, mas representa a opinião dum admirador do seu tacto administrativo.

Aquilo é que é um homem!

Os leitores não percebem?

Mas ele compreende e isto é o bastante por agora. Longos dias teem cem anos...

Tem passado incomodado de saude o snr. Silverio Luiz de Carvalho, comerciante nesta vila.

Esteve nesta vila por algumas horas o nosso amigo snr. Aldebrando Pessoa Leitão, empregado da casa comercial, Rodrigues Quinteira & C.ª, do Porto.

Em Montemor o Velho, realisaram-se nos dias 18 e 19 do corrente, os exames do 2.º grau, obtendo os alunos da escola do secso masculino desta vila a seguinte classificação: Americo Joaquim Marques, *distinto*; Antonia Correia d'Almeida, Henrique da Costa Fonseca, José Ferreira d'Almeida, João da Costa Silva e Guilherme Agostinho da Silveira, *bons*.

Ao professor oficial desta vila, sr. José Maria da Cruz, os nossos parabens.

Azuil de Carvalho.

Figueira da Foz, 22.

Bem dizia Danton que *depois do pão, a educação é a primeira necessidade do povo.*

Vem isto a proposito do charivari constante promovido por certos gaiatos politicos, que se armam á pressa em difamadores de tudo e de todos.

Tal modo de politicar, com o obscuro emprego de coisas a que nem sequer dão explicação, provem mais ou menos da oposição evolucionista, que duma fórma irrisoria é a primeira a condenar todos os actos do actual governo, rechaçando ao mesmo tempo a inteligencia de todos os seus membros, que de começo dá logar a orgãos parlapateiros d'imprensa de serem o porta-voz de tão aborrecidos quão vergonhosos assuntos.

Que salsifré se não fez da questão Freitas Ribeiro-Alfredo de Magalhães!...

Que salsifré se não faz e fará da questão França Borges-Alfredo de Magalhães!...

Que trapalhada vil de piadas e dichotes dirigidos a todo o democratismo, pelo simples facto de tres comadres do mesmo partido discutirem qualquer coisa, que nada é.

Não nos movem paixões politicas, e, seguindo sempre estes principios, só lamentamos a pouca educação empregada nestes casos, que só provêm da ambição do poder, que nem só os evolucionistas saberão dirigir, como disso se gabam.

Se estão a governar o paiz homens que teem demonstrado ter sabedoria no que fazem, qual a rasão porque se não ajudam a levantar Portugal do abismo em que no-lo deixou a monarquia dos adiantamentos?

Emfim, nós sabemos que é pelo desejo da grandeza, que é o principal inimigo da futura riqueza nacional, do desenvolvimento prospero da nação e do povo portuguez.

Infelizmente, cremos que nem todos a mandar neste pequeno paiz se contentavam, tamanha é a ambição de ser o mais forte.

Urge notar que o povo portuguez já está aborrecidissimo com tanta basofia jornalistica, pelo que urge tambem trabalhar mais, com menos emprego de cantigas e cantatas.

Haja educação, que todos encherão a barriga de poder,— mudando de processos, é claro.

Tivémos o prazer de apreciar a leitura de alguns artigos do n.º 1 da *Fraternidade Escolar*, que apareceu á luz da publicidade, ha dias, jornal que inteligentemente é dirigido pelo snr. Vasco de Souza Junior, e do qual é redactor o esperançoso aluno do Colegio Figueirense, snr. Armando Dias Coimbra.

O que desejamos é longas prosperidades ao novo orgão escolar, compensando assim os esforços dos talentosos rapazes que fundaram o dito jornal.

No Parque Cinema têm causado sucesso as simpaticas cançonetistas e bailarinas Hermanas Puchol, bem como a Companhia do Teatro Infantil do Rocio, que hontem deu a primeira recita com *O Sonho do Mosquito*, sendo os petizes muito ovacionados.

Movimento de banhos, enorme. Chegada de familias espanholas, muito superior á dos anteriores anos, o que desgostará os jogadores, que teem desejado o contrario, embora joguem á sucapa, com força, segundo nos informam.

Que a proíbição do jogo seja respeitada, e que a autoridade a saiba cumprir, é o nosso desejo.

Apolon.

ANUNCIOS

NA comarca de Montemór o Velho e pelo cartorio do terceiro oficio nuns autos de petição para assistencia judiciaria em que é requerente Maria de Nazareth de Jesus, solteira, das Faiscas, freguezia de Arazede, para investigação de paternidade ilegitima contra Leonardo Francisco Lage, solteiro, maior, serrador, ausente em parte incerta no Brazil, correm editos de trinta dias, a contar da ultima publicação deste anuncio, citando aquele Leonardo Francisco Lage para no prazo de cinco dias, depois de findo o praso dos editos, contestar o pedido feito na petição, cujo duplicado poderá ser-lhe entregue, no mesmo prazo, e se encontra egualmente nos autos.

Montemór o Velho, 14 de agosto de 1913.

O Presidente da Comissão d'Assistencia Judiciaria,

Elisio de Pina Mascarenhas de Mancelos.

O Escrivão,

José de Paiva Bobela Mota.

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais, etc.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

Prevenção

O abaixo assinado, na qualidade de procurador de Joaquim dos Ramos Granjo, ausente nos Estados Unidos do Brazil, previne todos os negociantes de que não fiem coisa alguma de sua mulher, Nazaré Camoiça; de contrario, não assumirá qualquer responsabilidade.

Arazêde, 24 de agosto de 1913.

Manuel dos Santos Reis.

(40) **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

VII

Um sentimentalista

I

Não descreverei todas as sortes maravilhosas, todas as perfeitas ligeirezas de mãos e a sessão de ventriloquía que o prestidigitador apresentou á assembleia vivamente admirada. Apenas me vou referir a uma sessão de ilusionismo que vai prender-se com o assunto que eu pretendo destacar.

Tinha o ilusionista descido ao pavimento inferior e ficára proximo de um grupo de cavalheiros, sentado nas cadeiras da ala direita. Propôz, numa voz timbrada e clara, que iria adivinhar o pensamento daquele que quizesse submeter-se a essa prova.

Surge de repente no meio do grupo um mancebo de rosto palido e ar triste, que se oferece á experiencia.

O meu amigo Armando Leite não pôde conter um movimento de surpreza e disse-me em voz baixa:

— E' ele!

— Ele, quem? — perguntei no mesmo tom.

— O Pedro d'Albuquerque, o tal rapaz que te quero apresentar.

— Ah!

E a minha atenção recaiu toda nele e nas palavras que lhe dirigia o ilusionista.

— O senhor vai pensar na pessoa a quem deseja oferecer esta rosa — dizia-lhe Aragrev, tendo na mão uma rosa formosissima. — E eu — continuou — vou entrega-la á pessoa em quem o senhor fixou o seu pensamento. Pense lá, senhor — disse ele, ao mesmo tempo que vendava os olhos com um lenço branco.

— Já pensei — murmurou o mancebo, tomado subitamente duma hipnose.

— Bem, vou procurar essa pessoa — volveu o ilusionista. — Acompanhe-me, senhor, e pense sempre.

O mancebo acompanhou automaticamente o prestidigitador que, de olhos vendados, seguia trémulo por entre as fileiras de cadeiras.

Tinha-se estabelecido um sepulcral silencio em toda a vastidão da sala.

Dir-se-ia que todos estavam hipnotisados sob a acção energica do ilusionista.

Apênas se ouvia o leve rastejar de passos dêste e do mancebo, que o seguia num estado de sonambulo.

De vez em quando Aragrev voltava-se febricitante para o seu ilusionado e dizia-lhe numa voz perentória:

— Pense, senhor, pense!

E o mancebo respondia-lhe num rumorejo que se finava por todo o salão:

— Estou pensando...

E seguiam ambos lentamente: Aragrev entre duas fileiras de cadeiras, todo ele numa grande tremura, passando as mãos pelos bustos das pessoas que as ocupavam; e o mancebo atraz dêle, palido e de olhar parado, fitando a pessoa onde se concentrava todo o seu pensamento.

Por fim, o ilusionista pára defronte duma senhora muito nova e bela, de vinte primaveras talvez, e que inclinou a fronte ao sentir-se palpada por êle, mostrando-se estranhamente comovida pela corrente hipnótica que lhe comunicára.

Aragrev volta-se ligeiramente e pergunta ao mancebo numa voz trémula:

— E' aqui?

— Sim — disse êle num murmurio.

E o ilusionista depôs nas mãos languescentes da dama a rosa de setínea corôla que a fez purpurejar e depois circumvolver um olhar triunfante para todas as pessoas que a fitavam.

Seguidamente quebra-se o silencio profundo em que todos se abismaram, e uma ovação resoante de entusiasmo ecôa por todo o salão, ao mesmo passo que o prestidigitador tirava a venda dos olhos e se preparava para dar começo a outras sortes curiosas, de efeito muito recreativo.

Acabado o sarau, tentámos, eu e o meu amigo, atravessar a multidão de pessoas que se aglomeravam no salão, e conseguimos chegar ao sitio onde estava Pedro d'Albuquerque, já preparando-se para saír.

Armando tocou-lhe no braço e ee voltou-se, admirado de o vêr ali.

Apresentou-me, e Pedro mostrou-se satisfeito, olhando-me com curiosidade e com uma grande simpatia espelhada no semblante. Sentimo-nos de repente atraídos um para o outro, e iamos já a entabolar conversação, quando Armando o convidou a acompanhar-nos; mas ele, esboçando o sorriso dos bons e dos simples, pede-nos que o esperemos um instante, emquanto vai cumprir um dever delicado.

E afastando-se de nós alguns passos, foi despedir-se da dama, a quem o ilusionista entregára a rosa, e de mais duas senhoras que a acompanhavam, e voltou a juntar-se comnosco, propondo-nos a retirada.

Saimos.

Pelo caminho conversámos largamente a respeito de diversões, de colétividades, e, por uma associação de ideias, dissertámos sobre o estado da sociedade atual.

(*Continua*).

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSOES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

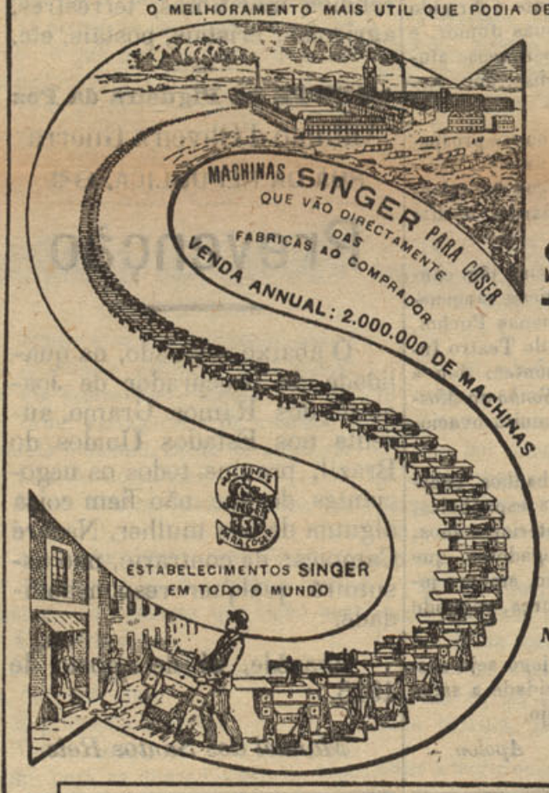
PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

MELO & MARTINS

Com armazem de adubos quimicos, sulfato de cobre, enxofre e cal para construções

Endereço postal e telegrafico:

PAMPILHOSA DO BOTÃO

São nossos representantes em Mortagua:

NA POVOA, o snr. José Paulo

NA ESTAÇÃO, o snr. José Tomaz.

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.

O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.

Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

MURALINE

Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle,,

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

CASA HAVANESA

16 — Rua Ferreira Borges — 18

COIMBRA

Sortido completo em tabacos, papelaria e perfumarias. Molduras para quadros e galerias, o que ha de mais moderno. Artigos para desenho, pintura a oleo, aguarela, foto-miniatura e pirogravura.

BILHETES DE VISITA

Novidades para brindes, artigos de viagem e toilette etc.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha—**COIMBRA**

Ano 2.° Arazêde, 31 de Agosto de 1913 N.° 80

S. R.
Biblioteca da Universidade
Coimbra

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os originais, quere sejam ou não publicados. Não se aceitam informações anónimas.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

Portugal e Colonias Portuguezas—Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trismestre, 30 centavos.
Brazil — Ano, 2 escudos, fortes.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO
Redactor e editor — ALMEIDA JUNIOR
Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*
Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ
Redação e Administração — ARAZÊDE
Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

POLITICA MODERNA

Tem sido causa de enormes obstaculos á vida integral da nação, origem de profundas derrocadas nos periodos de vitalidade do nosso país, o problema politico que, entre nós, como entre as nações progressivas, mas de pequeno fôlego, tem estado sujeito a várias interpretações de variados interpretadores, muito amigos de colaborarem nos interesses gerais da sociedade, mas mais amigos de trabalharem na defesa dos seus proprios interesses.

Sabe-se como é tradicional o costume de se ventilarem todas questões de fomento publico e de bem-estar colectivo debaixo da bandeira dos partidos, que valorisam ou aniquilam uma iniciativa, segundo a força sinergica dos seus organismos. O partido mais forte, embora o mais tirano, o mais dissolvente e o menos disciplinado, é que alcança o triunfo sobre todos os outros, pondo em jogo causas vitais, principios basilares para a vida dos individuos.

Daqui deriva inevitavelmente a tensão dos espiritos, a reacção politica que, por um brio partidario, embora erróneo, promove a neutralisação dos intuitos, bons ou maus, do partido vitorioso. E nesta oscilação de forças morais, neste degladiar intenso de homens e de principios, se vão malberatando tempo, energias e dinheiro, tres factores indispensaveis e insubstituiveis da vida politica duma nação.

Assim se tem passado e continua a passar no nosso país, mercê dos vários agitadores da opinião e de requintados megalómanos que, para armarem ao efeito, se servem de todos os expedientes, de todos os processos, com manifesto prejuizo pessoal e partidario. Isto, porém, tem sido o menos, no dizer deles, e por isso o país ainda não atingiu a fase definida e real da prosperidade e do florescimento interno e externo, embora a despeito de todos os sacrificios e de todas as embuscadas, para lá caminhe a passos agigantados e firmes.

* * *

Pois bem. Não é dificil a realisação do ideal de todo aquele que sinta bem o ardor republicano de ver a sua patria altiva e forte entre todas as patrias. Basta querer fazer os partidos disciplinados —visto que os partidos, mal do nosso país, continuam a fazer parte integrante das sociedades existentes—e depois, educados os individuos, apostados cada um em servir o seu país, sem preocupação particularista de servir homens, integrarem-se na verdadeira politica que consiste na satisfação plena dos direitos de cada população, e no compromisso indefectivel de respeitar a justiça de cada localidade, sempre que a justiça se erguesse imperiosa e altaneira, em defesa de interesses e de principios estabelecidos.

Maravilhosa cruzada seria essa que alguem se lembrasse de inaugurar neste pobre país, tão desprotegido sempre em cada um dos seus recantos. As energias, se as ha, vão enfraquecendo de ano para ano, mas por que não são fortificadas por resultados benéficos, eficazes e duradoiros.

Proceda-se a um inquerito geral, de norte a sul e de leste a oeste. Consultem-se as populações por meio das autoridades competentes, ácerca do que de mais urgente necessidade carecem nos seus meios. Analise-se ponderadamente o valor das informações colhidas; e em soguida, aplicando as receitas, pequenas ou grandes, existentes nas sédes das freguezias e dos concelhos, tem-se realisado as múltiplas obras de instrução, de assistencia e de utilidade publica, sem grande encargo para o Estado nem para o contribuinte.

Isto levaria anos, muitos anos a realisar? Tanto melhor. O país sentir-se-ia duplamente beneficiado: pelas reformas morais e materiais que ia sofrendo em todos os seus centros de actividade, e pela depuração constante em todos os seus ambientes politicos, então renovados pela frutificação dum trabalho másculo, ardente e fecundo.

Seria este então o verdadeiro resurgimento patriótico e a verdadeira politica moderna. Que os nossos politicos mais sabedores analisem o problema.

NOTAS

Cóios jesuiticos

Informa o nosso colega o *Mundo* da existencia em Lisboa dum coio jesuitico com o rotulo de *oficina de bordados*. E' proprietaria da casa a Associação de Santa Maria Madalena, de que é presidente a conspiradora D. Julia de Brito e Cunha, e é regente do coio uma tal D. Maria Joaquina Monteiro. O pessoal religioso é completo, e raparigas e mulheres foram todas educandas do Bom Pastor.

Como se vê, a coisa promete; mas as autoridades saberão mandar fechar o coio, dando assim um golpe nos reaccionarios, que se lembram ainda de espernear desta maneira.

Quem vê isto?

Contam os jornais este caso doloroso: Uma viuva, com oito filhos menores, vivendo na mais extrema miseria, mendigava todos os dias em Lisboa, na Praça da Figueira. Um policia lembrou-se ha dias de lhe deitar a unha, conduzindo-a para a esquadra, e dias depois para a Boa Hora, onde lhe exigiram 10 mil reis de fiança para a pôr em liberdade. Como ela nem 5 reis possuia, foi internada no Aljube, ficando os filhitos ao abandono.

As autoridades competentes foram sabedoras desta barbaridade?

Estamos convencidos de que não, aliás não consentiriam que numa Republica democratica se praticasse semelhante atentado. No nosso campo de defeza em prol das miserias sociais, reclamamos a atenção da justiça de Lisboa para esse caso horripilante que aí fica, e que é explorado por jornais reaccionarios.

Loucura

Os politicos atravessam a fase das descomposturas mutuas, sem se lembrarem de que assim hão é que cooperam para a civilisação. O snr. Alfredo Pimenta, que foi anarquista e que agora é evolucionista destemperado, diz do snr. Afonso Costa o que só um doido se lembraria de dizer, e apesar disso, confessa que lhe não tem odio, mas que se ocupa dele por ser presidente do ministerio... Isto dizia ele ha dias no jornal em que pontifica.

Já é ter arrojo e... loucura

Carolice

A beata da *Nação*, acedendo aos rogos de alguma outra beata criatura que, para curar uma cegueira de que sofre, se lembrou da Senhora de Lourdes, abriu uma subscrição em seu favor, e que já vai em 13 escudos, para, com o produto, a seráfica criatura ir até ao rochedo de Massabielle.

Não seria melhor que a *Nação* acompanhasse depois a criaturinha do Senhor, para vêr se se curava tambem da cegueira de que ha longos anos vem sofrendo? Se o não faz, perde com isso. Sempre era um milagre...

Não lhe toqueis...

O tenebroso *Dia* veio ha dias muito amofinado por alguns jornais republicanos se referirem á sorte do ex-rei Manuel, logo depois do casamento dêste, que é daqui a quatro ou cinco dias, segundo resam as cronicas. Lá porque esses jornais disseram que o Manuelsinho das Gabys adquirira em Londres uma casa com 20 quartos de dormir, 4 salas de banho e outras tantas de receção, logo o *Dia* responde: «Muito se interessa esta gente republicana pela sorte do Senhor D. Manuel!»

Ora essa! Então é só o *Dia* tenebroso que se interessa por ele, pelo *Senhor* (com *S* grande) *D. Manuel?* Nada. A gente rèpublicana tambem gosta dele. Com a diferença de que esta gosta de vê-lo de largo, e o *Dia* gosta de lhe servir de capacho.

P.e Evaristo Alves

E' bem louvavel o patriotismo deste nosso presado colaborador. Em quanto a maioria do clero portuguez se manifesta retrógrada, indiferente a tudo que seja liberdade de consciencia, aquele nosso amigo, que é seu distinto ornamento, não tem duvida em ceder, á sua propria custa, casa para educação dalgumas dezenas de crianças. O que é a gente ter a noção dos nossos deveres civicos...

Ferreira da Silva

Parte amanhã para o Minho, em visita de estudo áquela linda região do nosso país, este nosso presado amigo e valioso colaborador, professor muito distinto em Pampilhosa do Botão.

Boa viagem e um abraço de despedida.

Horas d'insónia

A timidez acompanha sempre as grandes paixões.

A. M.

Com efeito assim é. A timidez, o receio envolve sempre as almas idealistas. Quanto mais dificil fôr a realisação dum facto, a consumação dum ideal em facto, tanto mais o acanhamento, o medo se apossa das nossas almas.

Mas essa timidez é muitas vezes um escudo enorme dos nossos empreendimentos, leva-nos a grandes feitos, porque o fruto proibido é sempre o mais desejado.

A historia das grandes lutas pela vida está cheia de nobres exemplos desta natureza. Das grandes lutas pela vida e dos grandes sofrimentos pelo amor. Sem embargo, a Vida é isto: Se se trata do amor á patria, procuramos defende-la embora caminhando para a luta, embora vendo a propria morte. Se se trata de amor ao Ideal, não olhamos a sacrificios. Outro tanto acontece quando a nossa alma naturalmente se inclina para qualquer criatura que estimamos, seja homem ou mulher, seja criança ou seja velho.

Mas os rasgos de altruismo foram e hão de ser sempre acompanhados da timidez.

Desde as grandes batalhas em prol da emancipação da consciencia, sobretudo aquelas em que nos ultimos seculos a humanidade se tem lançado para fazer em farrapos doentios dogmas de opressão; desde os dias do Totemismo *até aos do* cristianismo, *para nos reportarmos ás sanguinolentas lutas das religiões, até este seculo de rutilantes auroras de liberdade, quantas vezes — quantas!—a timidez das almas se não tem manifestado! E contudo a liberdade vôa, vôa sempre, e a humanidade luta, luta sem cessar. Na politica como na arte, na religião como na familia, ao delinear-se uma empreza arriscada, de maior vulto e de maiores cautelas, o receio andou sempre junto desses cometimentos. Já na religião grega predominava a intriga, vinda de influencias de familias predominantes do Oriente e da Europa Central, e isso se viu quando da organisação do culto dos doze deuses imortais habitantes do Olimpo, e todavia os da oposição, timidamente, receiosamente muito embora, mas sem desfalecimentos, conspirando sempre para impôrem a sua vontade e fazerem triunfar a sua ideia, chegarem ao almejado fim.*

Assim acontece nos nossos dias.

E' questão de a gente amar um ideal com entranhado afecto ou uma mulher com profundo amor.

Almeida Junior.

CRÓNICA DE LISBOA

Ai, gramática, não chores
Que me entristeces tambem.

G. Oliveira.

Num vistoso cartaz manuscrito que fazia a inveja de Pedrinho — esse estudante preguiçoso que tantas vezes rabiscou as paredes do meu quarto — eu vejo um termo assás engraçado e divertido. Piramidal e tão piramidal que o seu autor deve sentir-se mais ancho que Napoleão, e, todavia, Napoleão conquistou as pirámides egípcias.

Estou a ver os meus queridos leitores a abrirem desmesuradamente os olhos como se eu os viesse aliciar ás hostes do Couceiro ou pedir-lhes alguns trinta mil réis emprestados.

Mas que será? Que termo virá a ser?

Oh! e as meigas leitoras—essas criaturinhas que eu adoro apesar de as não conhecer—estão boquiabertas, congestionadas tal como a deusa do pudor na inolvidavel noite do seu noivado!

O que virá a ser? oiço repetir aos quatro ventos a voz insaciavel da curiosidade.

Nada mais, nada menos que *grego-romána*. Mas *grego* é natural da Grecia, desse paiz sublime dos helenos, desse recanto sapiente de Epicuro e Sócrates, de Homero e Platão

Sim, ser *grego* é ser sabio, isto *biologicamente falando*. Como ser, pois, uma calinada, arquitecto supremo do Universo, se tudo isto é mais natural que a propria Natureza?

Falou a defeza, vamos ouvir agora a acusação:

Confesso que me vejo algo *grego* em destrinçar esta questão que se debate entre os paroxismos de uma agonia lenta. Enéas, quando com o pae ás costas, não se viu tão enrascado nem tão *grego* como eu.

Pensae bem: *grego-romána*!

Oh! estes senhores modernistas!

Assassinam a sacra Etimologia com a mesma facilidade com que um rufia esfaqueia uma gaja da tráma!

Piedade, Senhor, piedade para ela que, amamentada por Camões e Vieira, acalentada por Garrett e Camilo, vai hoje de braço dado com qualquer tipo até ao Magina encher o ventre láteo, escultuaal, a iscas de 3 centavos com elas ou sem elas

Fiat justitia! Castigo aos culpados!

. . . . . .

Tudo regressa ao silencio da treva apenas quebrado pelos gemidos da Desdémona etimológica para a qual o punhal é uma caneta de pataco.

Gomes Monteiro.

LIVROS

Uma obra de valor

Devido á extrema gentileza do nosso presadissimo colega Cezar Anjo, distinto director do jornal *Sul da Beira*, de Mortagua, recebemos e lemos com fervor um livro seu que ha pouco saiu a lume. Intitula-se *A Educação do Povo Portuguez* e, analisando o sumario que precede a doutrina do livro, reconhece-se logo que se trata duma obra de fôlego e de valor social. Eis o sumario:

«Aos que me lêem— Uma vista de olhos pela Historia—Revolução Social—Em que país triunfará primeiro?—Portugal antes de 5 de Outubro—Revolução—O que é o povo portuguez—Como conseguir o engrandecimento da nossa Patria e a felicidade dos seus filhos?—Instrução Popular: I Analfabetismo; II Instrução Primaria; III Educação Moral; IV Educação Civica—Vadiagem, Prisões e Penitenciarias: Como acabar com aquela e como substituir estas, por oficinas e colónias agricolas?—Prostituição, suas causas: Como atenuar êste terrivel cancro moral?—Mendicidade—Protecção á infancia desvalida: O que urge fazer para acabar com aquela vergonha?—Emancipação moral e económica do Operariado—Emancipação da Mulher—Mulher Portugueza: O que foi? O que é? O que será?

Basta a leitura deste sumario para se avaliar do alto merecimento do livro. Com efeito, ele não contem apenas um agregado de palavras bem

entalhadas e de belo efeito; mas o que é mais, deixa bem impressas e vividas muitas ideias que, a pôrem-se em pratica, fariam a felicidade de qualquer pais.

O sr. Cezar Anjo não é um escritor como os que por aí abundam, é um espirito analista, prático e trabalhador. A sua obra impõe-se, porque é oportuna e até indispensavel á sociedade actual.

O pouco espaço de que dispômos não nos permite mais larga referencia ao livro valioso do ilustre professor primario, que—diga-se bem alto—ainda estará, como milhares de colegas, a receber uns miseraveis 49 centavos!

Agradecemos cordealmente a oferta dum exemplar e a amavel dedicatoria com as imerecidas palavras que o acompanhavam, sem deixarmos, de felicitar Cezar Anjo pelo seu valiosissimo trabalho.

CARTA DE LISBOA

ATRAVEZ DO CINE-MARAVILHOSO

Sinfonia: — E' noite. Nos becos sujos do Bairro Alto, um fadista garganteia:

Anda o França em cheque-máte
Co'o Magalhães iracundo,
Toca o *Mundo* a *Rebate*,
Em bolandas anda o *Mundo*.

O' *Mundo* que fôste *Mundo*,
Mundo que já o não és,
Rebate falso no *Mundo*
Só corrido a pontapés...

1.ª fita:—Teve logar no passado domingo, 24, a ratificação solene do juramento de bandeiras do 2.º contingente de recrutas de 1913 no regimento d'infanteria 6. Houve festas desportivas que, por sinal, deixaram muito a desajar.

A célebre luta *grego-romana* foi tão impecavel e correcta que até misturou uma coisa muito saltitante que, a ter sido perfeita, seria *jiu-jutsu*, ou luta japoneza.

A' noite, a iluminação foi deslumbradora: até parecia uma vila sertaneja iluminada a candieiros de petroleo macanjo.

E a musica? Oh! essa foi gosar a fresca brisa do Tejo em vez de se conservar no quartel. Tambem que teria a fazer? Em face dessa fúnebre iluminação teria de ensaiar uma missa de *Requiem in pace*.

2.ª fita: — Em Cintra, pitoresco retiro dos pombos enamorados, organisa-se uma festa comemorativa em homenagem ao grande portuguez que foi Latino Coelho, nos dias 29, 30 e 31. Haverá musica, fogo, jogos desportivos, emfim o prato do dia em tais casos.

3.ª fita: — Foi aberto o concurso por 60 dias para apresentação dos modelos da nova moeda d'ouro da Republica. O felizardo que tiver melhor classificação abichará 200 escudos como quem não quer a coisa.

Pois cumié?

Nitrato.

UMA VELHA QUESTÃO

Por causa do celebre folheto «Alma Negra»

Ex.mo Director:

Nesta data envio ao snr. Francisco Mantero, director do Centro Colonial, a carta do teor seguinte:

«Pereira do Campo, 26-VIII-913. —Ex.mo Snr. Francisco Mantero.— Um agricultor do Principe informou-me hontem duma nova infamia — esta agora é de natureza gravissima!— que se prepara naquela ilha contra a minha pessoa, infamia que, dizem, é instigada e orientada por V. Ex.ª, como director do Centro Colonial, e obedece ao espirito de me reduzir a cinzas. Diz assim o agricultor: «Não posso deixar de prevenir-te de *que se está arranjando* (sic) um processo muito grave — de burla e furto!?— contra a tua pessoa, sendo este processo movido a instancias de Francisco Mantero, Freire de Andrade e outros, que pensam assim em inutilisarte como suposto autor do *Alma Negra*».

Se eu não conhecesse V. Ex.ª e a sua gente, pensaria que o citado agricultor pretendia brincar comigo, como os velhos costumam fazer ás crianças de peito. Mas como eu sei quanto mal me tem sido feito por V. Ex.ª e a sua gente, desde 1903 até hoje, e como tenho ainda a recente lembrança da celebre campanha feita no *Seculo*, aondé se apresentaram falsos documentos que, apesar de todo o scenario disposto com arte e gosto, não conseguiram fazer processo juridico no Porto contra mim, será muito provavel que o seu oiro espalhado a mãos cheias pense agora em mover, no Principe, um processo por burla e furto?! Seria o *golpe de misericordia* dado em quem nunca fez mal a V. Ex.ª, *nem tão pouco utilisou a sua sciencia para governar a vida e tornar-se milionario*.

No Principe... A ideia é boa e digna de si e de Freire de Andrade! Como lá é mais facil a V. Ex.ª *arranjar falsos testemunhos em tudo eguais aos falsos documentos da campanha do «Seculo»*, pensou em processar-me por lá. Todavia não se recordou disto: eu sou um branco, portuguez e homem livre. *Não sou milionario, espanhol como V. Ex.ª e esclavagista acerrimo, como posso provar com cartas suas em meu poder*. Logo... enganou-se! Não me deixarei ir para o matadoiro sem protestar. Demais sabe V. Ex.ª e a sua gente que nunca cometi qualquer burla ou furto, quer no Principe, quer em Portugal. Posso ter erros na minha vida. Quem os não tem? Mas roubos certamente que não tenho. Necessariamente se eu tivesse cometido no Principe qualquer *burla ou furto* não seria tres anos depois da minha saída dessa ilha que os lesados iriam para os tribunaes exigir-me a responsabilidade; necessariamente, não é logico que esse processo seja um produto de vingança mesquinha, torpe e miseravel contra o pseudo autor do *Alma Negra*, visto *que só intentaram o tal processo após o aparecimento do folheto?*

Se eu era criminoso, para que tiveram contemplações comigo? V. Ex.ª lá sabe as suas razões... Eu, que saí do Principe em 21 de setembro de 1910! A ideia é famosa, snr. Francisco Mantero. E famosa, exatamente, pelo fim a que visa: V. Ex.ª sabe que o julgamento, se tiver logar, dar-me-ha como inocente, mas como pelo processo serei obrigado a ir ao Principe sob prisão — que alegrão para si e sua gente! — e obrigado a *poisar* uns mezes na cadeia da ilha á espera do julgamento, o que significa, dado o estado da referida cadeia mil vezes peor do que a Cova da Onça (em Angola), que de lá não sairei com vida, a sua vingança será completa apesar da minha inocencia que só, após a morte, se provará!

Eis o seu pensamento, tão digno de si e do snr. Freire de Andrade! Ora bem. Tudo tem os seus limites. Eu estou cheio de aturar as suas *manobras* contra a minha dignidade, e *até contra a minha vida*, e não posso tranquilisar os nervos em face da infamia que se prepara agora. Um homem a tudo resiste, até á miseria, mas não poderá levar á paciencia que o levem, infamemente, á desonra do seu nome. Vou, portanto, falar-lhe com o coração nas mãos. Desde já o responsabiliso pela nova infamia preparada no Principe contra mim e desde já lhe afirmo que antes de seguir para lá — pois irei de vez! — falarei comsigo muito a serio durante alguns segundos. Não preciso de mais... Deve compreender que me seja preciso fazer testamento! Não é assim?... Ha males que vêm por bens. A sua infamia para comigo é um deles! Eu mantive-me sempre alheio a questão dos serviçais, *na sua essencia*, porque nunca me utilisei de fotografias, documentos e cartas de caboverdeanos que tenho em meu poder para fazer o *dossier* publico contra a mão de obra. Antes, fui sempre duma estranha benevolencia, porque acima de tudo—e até do mal que me fizeram!—colocava o bom nome do meu paiz. Parece-me, todavia, *que serei obrigado a fazer testamento* e a deixal-o em logar seguro para que venha a publico após a minha morte, não aproveitando assim em nada a sua intenção de me levar ao desespero moral. Fica, portanto, avisado, e com a maxima lealdade, como é meu costume fazer sempre ainda aos meus peores e odientos inimigos. Sem outro motivo, e desejando a V. Ex.ª um belo fruto do seu *precioso* trabalho, sou criado muito atento e obrigado—(a) *Jeronimo Paiva de Carvalho*».

Muito favor me fazia V. publicando na integra, no seu conceituado jornal, esta carta para identificação dos que não me conhecem e ainda para uma pequena amostra das *santas* almas dos onipotentes do oiro que no Principe, e em S. Tomé, vergalham os serviçais á sombra das leis tolerantes e que pretendem inutilisar quem, como eu, os conhece em demasia e lhes póde impedir as manobras.

De V., etc.

Pereira do Campo, 26-8-913.

Jeronimo de Carvalho.

P. S.—E' bom dizer-lhe, snr. Director, *as conclusões oficiais do seguinte mapa referente ao 2.º semestre de 1913*:

Serviçais contratados em Angola	3:290
Renovação de contratos em S. Tomé e Principe	4:066
Serviçais repatriados	1:382

Como se vê, a lei *está a cumprir-se* pelo que respeita á repatriação, não acha?

4.066 renovações! E' obra...

Jeronimo de Carvalho.

Secção Instrutiva

Horas d'Ocio

(N.º 21)

AP RELÉÇÃO DO BÁTISTA

— Por onde tem andado o amigo Bátista, que ha tanto tempo o não tenho visto?

— Fui de passeio á Serra da Estrela e á do Bussaco. Não calcula, meu amigo, quanto apreciei o belo panorama que, dos pontos mais elevados da Serra, se observa. Que encanto! Que maravilha!

— Calha bem, falar-me um pouco de Serras e Montes. Deve ser curioso saber como se formaram essas enormes elevações da Terra.

— Poderia o meu amigo dizer-me o que sabe a tal respeito?

— Direi:

Como deve saber, a Terra existiu primitivamente em completo estado de fusão; estado em que ainda se conserva a sua massa central, tendo solidificado a parte exterior, por motivo do resfriamento no espaço, não tendo contudo esta crôsta mais de uns 40 a 50 kilometros de espessura.

No periodo de incandescencia do globo, a agua e todas as materias que se volatilisam pela acção do calor, existiam no estado gazoso, de mistura com os fluidos elasticos, que formam o ar; e formavam uma atmosfera que devia pesar sobre a superficie do globo, trinta ou mais vezes que a atual. Isto é: devia pesar uns 31 ou mais kilos, por cada centimetro quadrado.

A Terra, então, por motivo de irradiação do calor, emitia para o espaço parte do seu calor primitivo, e ia portanto resfriando gradualmente.

Em virtude desse resfriamento, a superficie passou, pouco a pouco, ao estado sólido, formando-se as primeiras rochas igneas.

A' medida que o resfriamento progredia, engrossava a crusta, contraíndo-se, fendia em varios pontos, e exercia enormes pressões sobre o fluido interior, o que levaria a escapar-se por onde menor resistencia oferecia.

Esta influencia dinamica muitas vezes repetida, determinou, na crusta ainda pouco espessa, e muita gente, varias elevações e abaixamentos, denominando-se aquelas, segundo o seu tamanho e configuração, Outeiros, Montes, Montanhas, Serras e Cordilheiras.

Figueira da Foz.

M. E.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

LXX

A fobia das entrevistas—O professorado primário é retrógrado?—Não, na sua grande maioria ama a Liberdade e o Progresso.

Ninguem ignora que a entrevista é atualmente a moda dominante no jornalismo português. Entrevista-se toda a gente, para tratar de todos os assuntos. Ou melhor: é toda a gente a pedir aos jornalistas que nos seus jornais lhes publiquem uma entrevistasinha, acompanhada de alguns adjectivos encomiasticos e, sendo possivel, do retrato. Fala-se que qualquer ministro vai apresentar ao Parlamento ou submeter á presidencial assinatura um projecto de lei, visando a resolver este ou aquele problema de interesse publico, e logo a entrevistasinha aparece—com conselhos, indicações, muita sciencia balofa... e a sua facadinha á mistura. A lei sai na folha oficial, com todos os sacramentos regulamentares, e outro entrevistado aparece, quando não aparecem dois, tres ou meia duzia deles, a dizer-nos com enfase toda a sua sabença, elogiando ou corrigindo a obra ministerial... mas não se esquecendo de ferir, de envolta, individuos ou classes dignas da maior consideração.

Vem isto a proposito.. Vem isto a proposito de tudo. Ainda um destes dias um entrevistado de certo jornal, a pretexto não nos lembra de quê, afirmou, na esteira de outro, que o professorado primario portuguez era retrógrado. Nada menos: «geralmente retrógrado!» Para o provar veiu o seguinte argumento, na verdade providencial: de tres mil cento e vinte professores que depuzeram num plebiscito aberto por certo jornal, cerca de dois mil foram de opinião que nas escolas se deve ensinar doutrina religiosa. Por consequencia, a classe, composta de mais de seis mil membros, é «geralmente retrógrada!» E' claro como agua...

Ora os ilustres entrevistados sabem decerto, como nós o sabemos, que o jornal em que o plebiscito foi aberto era caracterisadamente um jornal reaccionario. Que, portanto, é de presumir que poucos professores retrógrados deixassem de o lêr e, consequentemente, de responder ao dito plebiscito em defesa da sua dama,—ao passo que os professores liberais o repeliam, admirando-nos até muito de que ainda mil e cento ou mil e duzentos lhe escrevessem manifestando-se ajuizadamente contra o ensino religioso na escola.

A verdade é esta, e só esta. O resultado do plebiscito, se alguma coisa serve para provar, é exactamente o contrario do que pretendem os detractores do professorado primario oficial—que, embora muito infeliz, constantemente vexado e com o estômago vasio, colabora na sua grande maioria, decididamente, com os defensores da Liberdade e os obreiros do Progresso.

Ha muito que andávamos para dizer isto, mas sempre a ocasião tem faltado. Como ela agora apareceu, aproveitámo-la.

Prof. Manoel José Antonio.

Notas pessoais

Foi nomeado administrador interino da circunscrição de Vilanados, o nosso estimado colaborador, snr. Neves Larcher. Felicitamos.

—— Esteve ha dias em Coimbra o ilustre senador, snr. dr. Pires de Carvalho.

—— Deram-nos o prazer da sua visita o snr. Justiniano Martins Pimenta, nosso estimado correspondente na Tocha, e o snr. Modesto A. Ferreira e sua ex.ma esposa, de Cantanhede.

—— Estiveram aqui os nossos estimados assinantes, snrs. Saul Jorge Melanda, de Lisboa, e Manuel da Silva, do Casal de Cadima.

—— Tambem aqui se encontra o snr. José Maria Teixeira, proprietario em Lisboa.

—— Fez exame de instrução primaria, 2.º grau, com a classificação de *distinto*, o menino Julio, filho do nosso amigo snr. José Lucas Caleiras, Agente de Transmissão reformado da companhia dos caminhos de ferro.

Foi seu professor o inteligente professor de Alfarelos. Parabens.

—— Ficaram isentos do serviço militar os mancebos Manuel Bispo, de Arazêde, José Mendes, da Mata, e Joaquim Chegangas, dos Gôrdos, além doutros, cujos nomes ignoramos.

—— Consta-nos estarem gravemente enfermos, o snr. Romão Pereira Cardoso, digno chefe da estação do caminho de ferro da Cerdeira, bem como seu filho Fernando. Aos doentes desejamos prontas melhoras.

A Voz do Público

Snr. Redactór:

Sabendo-o acérrimo defensôr de tudo quanto seja Moralidade e Justiça, venho pedir-lhe a publicação do seguinte:

Em 4 do vigente cometi a imprudencia de remeter a minha mãe, Inácia Pereira, correio de Arazêde, uma carta que não registei e na qual enviava uma nota de cinco escudos e mais uma ordem postal n.º 865, no valor de cem centavos. Pois tal carta não mais chegou ao seu destino, atribuindo eu esse caso, ao seguinte: Algum empregado, zeloso cumpridor dos deveres do seu cargo, entendeu que não devia deixar subtrair ao estado, que lhe paga, a fabulosa quantia de cinco centavos, importancia esta que eu teria pago mais, registando a referida carta; e daí guardar em seu proveito os cinco estudos, com parte dos quais certamente irá comprar cêra para alumiar a milagrosa «Santa Luzia», em acção de graças pela vista de lince que lhe concedeu, para assim vêr atravez da correspondencia o seu conteúdo Agora sobre a ordem postal: Tendo tido conhecimento da subtracção da carta, dirigi-me imediatamente á encarregada da estação, onde tinha adquirido a referida ordem, expondo-lhe o sucedido. Esta empregada fez a fineza de particularmente escrever ao recebedor da comarca de Cantanhede, aonde era destinado o pagamento da mesma ordem, preguntando se ali se havia apresentado alguem para a receber, sendo a resposta negativa. Nestas circunstancias, a aludida empregada pediu-me o talão da ordem que eu havia remetido, e juntando a um impresso de determinado modêlo, que preencheu, enviou-os para Cantanhede, para a ordem ser ali paga á destinataria. A resposta do recebedor foi devolver talão e impresso, escrevendo neste ultimo o seguinte: «Queira v. ex.ª vêr no decreto tal o artigo n.º tantos», artigo que a empregada me mostrou e em que eu li com verdadeira surpreza o seguinte: *As ordens postaes extraviadas não serão substituidas*. Ora, assim como a importancia é apenas de um escudo, se fôsse de vinte, o resultado era perfeitamente igual. Mas com que direito, pergunto, póde o estado ficar com esse dinheiro?

Será isto por ventura rasoavel que se faça? Não. Todavia, vai-se fazendo metendo-se, por uma fórma que eu não quero classificar, as mãos nas algibeiras dos cidadãos que teem a fatalista ideia de comprar ao estado documentos que este mesmo estado criou, para facilidade do público.

Virgilio Pereira.

Agua da Curia

Semelhante á de Contrexeville

Estimula a acção dos rins, que são os filtros do corpo humano.

Experimentai a agua da Curia.

Poetas e Prosadôres

Transformismo

«O' tu mortal que me vês
Reflete bem como estou,
Eu já fui o que tu és,
E tu serás o que eu sou».

(Anonimo).

(FALA UMA VOZ MISTERIOSA)

O' tu, mortal, que passas pela estrada
Detem-te um pouco, escuta a minha voz,
Que o dia virá breve; a alvorada
Já rompe iluminando a lousa amada,
A pedra tumular dos teus avós.

Detem-te e escuta a voz misteriosa
De tudo o que foi Sêr e aqui volveu;
De tudo quanto amou; da Luz, da Rosa,
Da planta resequida e caprichosa
Que o Universo gerou e dissolveu.

Detem-te e escuta: Ao teu olhar mortal,
Kaleidoscopio aberto á emoção,
Eu vou mostrar-te numa linha igual,
Como num mostruario universal
O secreto poder da Geração.

Ouve: Aí, a teus pés, que vês brilhando?
Uma gota de rócio cristalino...
Pranto que a noite escura, debulhando,
Depôz sobre esse caule puro e brando
Da nivea côr do jaspe alabastrino.

E, supões, mortal, que essa gota d'agua,
Ai vertida pela noite escura,
Não sentiu a vertigem da altura,
E afogou doce olhar em muita magua?

Ela já foi do céu e foi da terra,
Do abissal Oceano a filha azul.
Viveu e foi asceta em alta serra
E foi a gota impura num paul.

E assim da terra ao céu, do céu ao mar,
Quer onda borbulhando no abismo,
Ou alva espuma coroando a vaga,
Passou na vida vario transformismo:
Já foi a nuvem que o sol d'oiro afaga,
Já foi ribeiro manso a deslisar.

Hoje aí a tens, bem pura e diamantina,
Cingida loucamente a essa flôr;
No doce embalo duma cavatina
Dando-lhe a sua vida e o seu amor.

Logo virá o Sol — o *fous vitæ* —
Que num anceio estranho a sorverá,
E, ei-la, a pobre gota, que lá vai,
Viver em vida nova o que foi já.

Supunhas, pois, que tudo quanto avistas,
Ou seja terra ou mar, ou treva ingente,
Conserva as mesmas fórmas idealistas:
Ou o mar erguendo as espumosas cristas,
Ou a terra vomitando a lava ardente?

Na vida tudo é vário e se transforma;
Ou tu, mortal, vivendo a vida humana,
Ou roble secular d'espêssa rama
Emigra duma fórma a outra fórma.

A Morte não existe. E' um letargo
Que sobre as coisas passa num momento,
Químico provocando o Elemento,
Minerva transformando a nova Argo.

Kinshasa (Congo Belga).

David Diniz.

Carta de Maçal do Chão

Nunca quizemos intrometer-nos em assuntos que só dizem respeito á Comissão Paroquial desta freguezia, por deferencia a alguns dos seus membros, mas chegou o tempo de falarmos, embora nos custe.

Não será o nosso silencio que aprovará o desleixo com que a mesma Comissão tem tratado, e parece continuar a tratar, dos beneficios de que esta freguezia carece, demais tendo a coadjuva-la bons elementos, que não são para despresar.

Contemos agora o que se dá com a construção da casa da escola para o sexo feminino, e mais tarde irão outros factos que demonstrem exuberantemente o *muito amor* que os membros da mesma Comissão teem pela sua terra...

Haverá um ano lembrei eu a conveniencia da creação duma escola para o sexo feminino, e, a pedido das pessoas mais gradas, consultei as autoridades que deviam intervir no assunto, sendo todas unanimes em declarar-me a sua boa vontade, levantando apenas a dificuldade da construção da casa e mobiliario escolar. Pensei, pois, em remover este obstaculo e consegui-o da seguinte forma: Cedi, com bastante prejuizo meu, parte da minha casa de residencia para tal fim, e, a instancias minhas, foi em sessão resolvido se deviam, ou não, aceitar tal oferecimento. Nessa mesma sessão o benemerito Sebastião da Fonseca Leitão ofereceu cento e trinta e cinco escudos (30 libras) para o mobiliario, ou mão de obra, tomando a Comissão a responsabilidade das despezas que fossem além daquela quantia.

Aceitou a Comissão o nosso oferecimento e até nos louvou pela nossa iniciativa. Começaram os trabalhos da adaptação da casa por mim oferecida a casa escolar e... por aqui ficámos, ha quasi um ano!! As paredes descobertas... o entulho na rua sem ser removido... os portais á vontade de quem quer entrar, de fórma que, em vez de casa escolar, a a Comissão Paroquial arranjou... uma sentina publica!!!

Consta que um ferreiro, querendo fazer uma enxada de dois bicos, fez uma pistola de dois canos... A nossa Comissão tambem fez milagre, mas para peior.

Vejam se acabam com aquilo, do contrario teremos de voltar ao assunto e então não pouparemos o seu desleixo, que, tratando-se da instrução, se pode afoitamente acoimar de criminoso.

24—8—913.

Pad. Paulo Evaristo Alves.
(Pensionista)

Dr.ª Isaura de Oliveira

Por ter passado bastante incomodada com uma ulcera no olho esquerdo, partiu para Lisboa em companhia de seu pai, em procura de tratamento, esta nossa presada assinante, distinta medica conimbricense.

A reconhecida e provada competencia do dr. Eurico Lisboa, abalisado especialista das doenças de olhos, na capital, aos cuidados de quem a ilustre enferma está entregue, é rasão de sobra para que não haja a gravidade que a principio se receava. Isto mesmo o atestam as melhoras que dia a dia se teem acentuado, podendo mesmo dizer-se que são magnificas as vias de completo restabelecimento.

Felicitando-a, como ao dr. Eurico Lisboa, pelos resultados já obtidos, fazemos votos para que em pronto e já curada regresse á linda cidade do Mondego, aonde é esperada com anciedade não só pelos que lhe são mais queridos como pela sua já vasta clientela.

Noticias

O governo pagou ha dias 1:000 contos ao Banco de Portugal, unico contracto de divida ou suprimento feito na gerencia de 1912-1913.

O sr. ministro das finanças aprovou o projecto dum concurso para a cunhagem de moeda em ouro da Republica Portugueza.

Não haverá este ano segunda época de exames, visto só o parlamento poder autorisa-la e este agora não funcionar.

Faleceu em Almeida uma pobre mulhersinha com 106 anos de idade.

Tem sido extraordinario o movimento de passageiros e mercadorias transitando nas linhas ferreas, nestes ultimos dias.

Foi feito convite aos sargentos da armada para declararem se desejam ou não ser promovidos no logar de 3.º oficial de secretaria da Universidade de Coimbra.

Reuniu, sob a presidencia do sr. dr. Lopes de Oliveira, a comissão encarregada do exame aos livros adotados nas escolas oficiais primarias e de ensino normal.

Em virtude do processo disciplinar foi mandada afastar do serviço, sem vencimento, a professora do escola do sexo feminino de S Vicente do Pinheiro, concelho de Penafiel, Elisa Guedes Vaz de de Castro e Sousa, até que o concelho disciplinar do ministerio da instrução publica se pronuncie sobre aquele mesmo processo.

O sr. ministro do fomento concluiu já os trabalhos de distribuição de fundos para a construção e reparações de estradas do país, segundo a lei de 22 de fevereiro do corrente ano. Egualmente concluiu já a parte referente a distribuição de fundos para construção de pontes.

O Credit Franco Portugais enviou para Liverpool, pelo paquete «Lanfranc» uma caixa com 3:000 libras, no valor de 16:000$000 escudos.

Os jornais de Berlim referem com largos pormenores o seguinte sucesso:

Vivia naquela capital um pobre sapateiro carregado de familia e que mal ganhava para o pão de sua mulher e de seus filhos. Tinha pouco que fazer e o estado da sua saude tambem não lhe permitia trabalhar muito, pois era um cardiaco avançado.

Na sexta-feira estava o desgraçado sapateiro remendando umas botas no seu cubiculo, quando entrou um boletineiro que lhe entregou um telegrama.

Era dum notario norte americano anunciando-lhe a morte dum parente que residia nos Estados Unidos desde ha trinta e tantos anos e que lhe deixava toda a sua fortuna, avaliada em um milhão de marcos.

O sapateiro empalideceu ao ler o telegrama, e depois, como se tivesse sido atacado subitamente de loucura poz-se a rir e a dansar.

Em altos gritos poz-se a chamar a mulher e os filhos. Estes acudiram assustados e quando a mulher lhe perguntava se havia sucedido alguma desgraça, o sapateiro, com a voz meio embargada pela comoção, exclamou:

— Não! Pelo contrario! Estamos ricos!...

E ao dizer isto caiu sentado na sua cadeira, onde ficou imovel.

O desgraçado estava morto!

Um medico verificou o obito, declarando que a morte fôra causada por uma sincope cardiaca, devida á excitação nervosa em que ficou o sapateiro pela alegria de passar da miseria á opulencia!

De modo que uma noticia que devia ser jubilosa, veiu trazer o luto á familia do pobre sapateiro de Berlim!

Em consequencia de ter chegado tarde a Lisboa a maquina para os cunhos destinados ao fabrico dos escudos, a Casa da Moeda não póde pôr em circulação aquela nova moeda por ocasião do 3.º aniversario da proclamação da Republica, esperando, porém, no proximo mez de novembro ter pronta a primeira serie, na importancia de 500.000$. A cunhagem total dos escudos é, como já temos dito, de 5.000 000$.

ASSUNTOS AGRICOLAS

E' indispensavel dar ás terras, destinadas á grande cultura cerealifera, a consistencia necessaria para estas resistirem mais facilmente ás sécas e doenças

Uma das fórmas pela qual, no estrangeiro, se teem tornado ferteis grandes tratos de terrenos, é a sementeira de uma leguminosa enterrada quando em flôr, para dar corpo e humus á terra e para habilitá-la a conservar mais humidade.

Na Alemanha, por exemplo, uma provincia inteira constituida de areias pobrissimas, foi desta fórma tornada fertil. Para Portugal recomenda-se semear o tremoço em setembro ou outubro, adubando a terra com 300 kilos de Fosfato Tomaz e mais 300 kilos de Kainite, por hectare.

Adubado desta fórma o tremoço desenvolver-se-ha em boas condições e o lavrador dará á sua terra, quando enterrar o tremoço, não só outra vez o Fosfato Tomaz e Kainite que empregou na adubação deste, mas uma massa grande de materia organica, contendo muito azote, tão necessario á cultura cerealifera.

A casa O. Herold & C.ª, importantes negociantes de adubos chimicos, estabelecidos em Lisboa e Porto, com sucursais na Pampilhosa, Regoa, Santarem, Evora, Beja e Faro, recomenda com todo o empenho aos lavradores portuguêses esta pratica, aconselhando-os a que substituam o pousio deste anno, das terras destinadas a serem semeadas de trigo em 1914, por uma tremoçada.

O tremoço precisa de poucos cuidados culturais e de pouca lavoura; e a sementeira de trigo de 1914 não precizará de adubo algum a não ser, talvez, de algum Nitrato de Sódio em cobertura, em dezembro de 1914 ou janeiro de 1915, caso o tempo não tenha sido de todo favoravel.

Participa ainda a casa O. Herold & C.ª que para todos os lavradores que não chegaram ainda á conclusão que só adubos completos garantem o bom efeito nas suas searas, tem á descarga em Lisboa e no Porto, Superfosfato 12 0|0 soluvel em agua, da marca registada *Trevo de 4 Folhas* marca esta com que, sem exceção alguma, fornece unica e exclusivamente Superfosfato estrangeiro, sempre proveniente daquelas fabricas estrangeiras que mais se salientam pela perfeição do seu fabrico.

Para quem desejar Superfosfato nacional, a casa O. Herold & C.ª têmno á sua disposição, não com a marca *Trevo de 4 Folhas*, mas sim com a marca *Herold Nacional*.

CORRESPONDENCIAS

Baraçal (Celorico da Beira), 27

A vingança premeditada dum louco, ou a acção nefasta dum malvado, que friamente premedita e executa uma ação barbara e desumana, não obedece, como é sabido, a regenerar a sociedade, mas sim a satisfazer instintos ferozes, e a demonstrar que é supinamente máu.

Tambem certos cavalheiros que não são loucos, mas sim máus, não conseguem pelos processos de difamação e vingança, exautorar essa figura de alto valor moral e intelectual que se chama Afonso Costa, e a deitar abaixo o seu governo como blasônam.

E' inaudito que certos cavalheiros, que deviam prezar a sua posição social, se empreguem na demantada tarefa da difamação e da intriga politica.

Se é certo precizarmos de paz, porque só com a paz e com o trabalho podemos progredir, ha actos que não teem desculpa possivel.

Quer isto dizer que, um antigo cacique, e que hoje é evolucionista, não devia perguntar a um correligionario nosso se votava contra ele ou com ele, para se poupar ao vexame de não obter resposta alguma.

O assunto não terminou aqui, pois que o mesmo cavalheiro continuou, dizendo que era preciso deitar abaixo o governo Afonsista, etc...

Sem querermos por fórma alguma hostilisar ninguem, diremos apenas que sômos afonsista, e que nunca tivémos uma palavra que representasse desprimôr para o chefe do partido evolucionista, para quem temos o maior respeito, porque conhecemos quanto essa bela figura trabalhou pelo ideal que tanto abraçamos.

Não concordamos, é certo, com a sua politica, mas tambem não temos frases que o deprimam, antes o consideramos e respeitamos, como um bom e um sincero.

Porque não procedem assim alguns dos seus correligionarios?

Porque ainda alimentam o odio do caciquismo antigo e o rancôr pelos seus adversarios.

Pugne embora cada um pelo seu partido. Pregue cada um a sua ideia amplamente, mas sem prejuizo dos outros, porque a liberdade termina onde começa a liberdade dos demais cidadãos.

Da dezordem só póde sair o cáos.

Por decôro, não indicamos aqui o nome da pessoa que nos sugeriu estas modestas linhas, mas é certo que o faremos se nos constar que o caso se repete.

Devemos no entanto dizer que o referido cavalheiro avançou ainda na depreciação da lei da contribuição predial, manifestando que ela é abusiva e que ele paga mais 30$00 e assim, não dá nada aos pobres, visto que dá ao governo aquela importancia.

Em todos os tempos houve descontentes, mas estar descontente não é motivo para se pôr em pratica agressões injustificadas. A tranquilidade é muito precisa neste momento e por isso apelamos para toda a gente de bem, e que, cada um, trabalhe com coração para bem da Patria e da Republica, e terminem com o odio pessoal, e deixem trabalhar o homem que está á testa do Governo, que só tem feito obra grandiosa, ante todos os sacrificios.

Fernandes d'Almeida.

Figueira da Foz, 29

E' com bastante pezar que vamos registando a fórma politiqueira, pouco apresentavel, da *Gazeta da Figueira*, que enveredou pelo caminho do descredito a tudo e todas as coisas.

A menina de cêra dos tempos idos, tem actualmente uns processos que farão por força com que se lhe mude o apelido... e nós verêmos, apesar de desejarmos o contrario.

Sem comentario...

No domingo passado teve logar nesta cidade o juramento de bandeira dos recrutas de infanteria 28, acto este que revestiu a maxima solenidade.

Grandes festas tiveram tambem logar no domingo, em homenagem ao heroi de 1820, Manoel Fernandes Tomaz, que revestiram grande e inesquecivel importancia.

Agradou tambem no Coliseu a exibição da Companhia de Variedades.

Apolon.

Pampilhosa do Botão

Organisou-se nesta localidade uma comissão de individuos com o fim de angariar donativos para a compra de uma bomba de incendios.

E' uma ideia altamente simpatica, e por isso temos a certeza que terá um bom acolhimento por parte do povo da Pampilhosa, sempre pronto a sacrificar-se pelo bem-estar da sua terra.

Felicitamos os que aventaram a ideia.

Daremos mais pormenores.

Continuam as sessões cinematograficas no Teatro Recreio de Pampilhosa.

No proximo domingo será exibido o programa seguinte:

1.º—Pathé Jornal, 187 (com os assuntos da ultima semana).
2.º—Culpas ocultas (drama).
3.º—Pede-se uma avó (comedia).
4.º—Nich Winter contra o banqueiro (Rir! rir! rir!)
5.º—Palacio de Fontainebleau (natural color).
6.º—Romeu e Julieta—1.º acto.
7.º—Romeu e Julieta—2.º acto.
8.º—Fato branco de Robinet (grande risota).

Regressou das Caldas da Rainha o nosso bom amigo Domingos Rodrigues da Silva.

C.

MERCADOS

(EM 20 DE AGOSTO)

De Montemór-o-Velho

Feijão de mistura (14,63 litros)				700
» frade	»	»		640
» môcho	»	»		900
» branco	»	»		980
» pateta	»	»		980
Trigo	»	»		700
Milho branco	»	»		600
» amarelo	»	»		560
Centeio	»	»		580
Aveia	»	»		360
Cevada	»	»		360
Favas	»	»		520
Ervilhas	»	»		900
Grão de bico	»	»		900
Chicharos	»	»		480
Batatas				400
Tremoços (20 litros)				640
Sal				140
Galinhas				500
Frangos				160
Patos				300
Ovos, o cento				1$700

ANUNCIOS

Prevenção

O abaixo assinado, na qualidade de procurador de Joaquim dos Ramos Granjo, ausente nos Estados Unidos do Brazil, previne todos os negociantes de que não fiem coisa alguma de sua mulher, Nazaré Camoiça; de contrario, não assumirá qualquer responsabilidade.

Arazêde, 24 de agosto de 1913.

Manuel dos Santos Reis.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSOES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

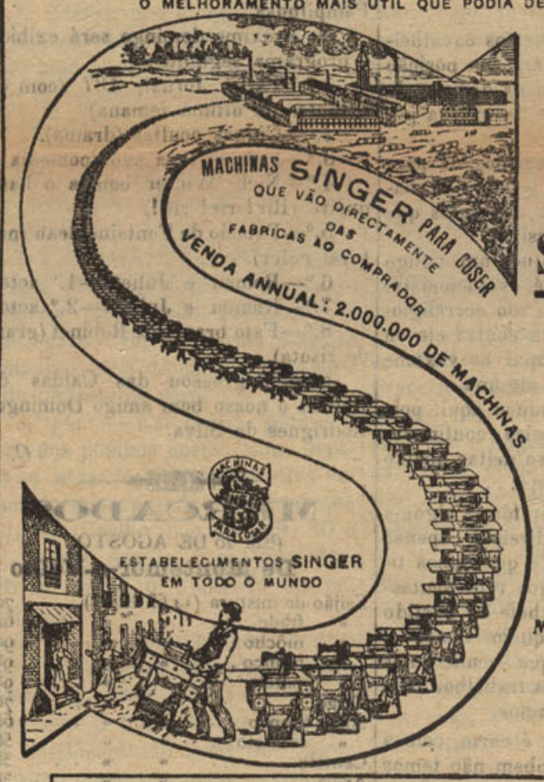
Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.

O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.

Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

CASA HAVANESA

16 — Rua Ferreira Borges — 18

COIMBRA

Sortido completo em tabacos, papelaria e perfumarias. Molduras para quadros e galerias, o que ha de mais moderno. Artigos para desenho, pintura a oleo, aguarela, foto-miniatura e pirogravura.

BILHETES DE VISITA

Novidades para brindes, artigos de viagem e toilette etc.

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

Companhia de Seguros
A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais, etc.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

MELO & MARTINS

Com armazem de adubos quimicos, sulfato de cobre, enxofre e cal para construções

Endereço postal e telegrafico:

PAMPILHOSA DO BOTÃO

São nossos representantes em Mortagua:

NA POVOA, o snr. José Paulo

NA ESTAÇÃO, o snr. José Tomaz.

MURALINE — Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 2.° Arazêde, 7 de Setembro de 1913 N.° 81

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os originais, quere sejam ou não publicados. Não se aceitam informações anónimas.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

Portugal e Colonias Portuguezas—Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trismestre, 30 centavos.
Brazil — Ano, 2 escudos, fortes.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Redação e Administração — ARAZÊDE

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

Biblioteca da Universidade Coimbra S. R.

Considerações politicas

Continúa acesa, mas cada vez com mais intensidade, a lucta entre os partidos politicos portuguêses.

Tal e qual como nos antigos tempos, tal e qual como os homens da monarquia, outr'ora — já lá vai tão longe! — tão combatidos pelas suas disputas mesquinhas, pelos seus processos governativos cheios de fraude.

Nós nunca julgámos que esse odio politico desvairado que por aí campeia tão impudicamente nas gazetas, nas conferencias e até nas simples palestras, tivesse forças para resuscitar dos escombros em que o povo, o heroico povo português, o tinha sepultado em 5 de outubro. Enganámo-nos, porém. O odio que existia entre os monarquicos, que os dividia e os lançara numa lucta furiosa, sem treguas, é o mesmo que agora aí vemos manifestar-se entre os republicanos.

Já o dissémos e não será demais repeti-lo: Fomos dos que apoiámos, inclusivamente na imprensa, a formação dos partidos politicos dentro da Republica. Mas, é claro, desde que os homens não deixassem de fazer politica na verdadeira acepção do termo, para fazerem politiquice como teem feito; desde que eles se conservassem no campo doutrinario, no campo das ideias, dos principios.

Parecia-nos—e tinhamos alguma razão—que dêsse facto só poderiam resultar beneficios para a Republica. Mas não.

Os republicanos, uns, desnorteados pelo poder que jámais tinham usufruido—são os que teem estado em cima—outros, roidos pela ambição e pela inveja—são os que teem estado em baixo—perderam por completo aquela linha de conduta que tanto os enobreceu no tempo da propaganda, aquela parcela de bom-senso que era o seu maior titulo de gloria.

Nós não dizemos isto, convem acentua-lo, com aquela satisfação intima que transparece por aí nos artigos d'alguns jornais; com aquela alegria verdadeiramente criminosa, que alguns jornalistas escondem atrás dos seus escritos fingidamente sérios, das suas palavras hipocritamente doridas. Não; nós dizemo-lo sinceramente maguado por vermos que na Republica se seguem os mesmos processos da Monarquia, processos outr'ora combatidos com tanto vigor, com tamanho denodo.

E é com o coração repleto de dôr, que vimos lembrar aos republicanos a alta conveniencia para a Republica e para a Patria, o deixarem essas lutas que nada produzem de benéfico, para estudarem com muita atenção e sobretudo com muito patriotismo, os problemas sociais de cuja resolução depende um enorme bem-estar para todos nós.

Vamos! Olhemos para o futuro da nossa Patria, porque ela bem merece de nós todos os maiores sacrificios.

Guilherme Ferreira da Silva.

NOTAS

Abaixo os dogmas!

Alvitra o snr. Fernandes Cabete, no *Povo*, de Lisboa, a conveniencia do snr. ministro da instrução sugerir á comissão encarregada de organisar um livro patriotico para as escolas primarias, a ideia de «dar por base a esse livro um estudo relatando a origem mecanica do mundo, segundo Pedro Laplace, para ser explicado nas escolas nos dias (sabados) em que antigamente era explicado o catecismo». E acrescenta: *Antes edificar sobre hipoteses cientificas, apelidadas por Larousse de celebres e luminosas, como a de Pedro Laplace, do que deixar de pé, afrontando a razão e o bom senso, dogmas religiosos tão estupidos como grosseiros.*

A ideia é genial e a Escola Primaria sentirá com ela uma acção benefica e salutar. Os dogmas têm sido a ruina e a perversão do nosso povo. Dê-se-lhes um golpe mortal, e terão acabado os intrujões que os impingem á crendice popular, usufruindo com eles.

Achamos bem

No mesmo jornal, a proposito de candidatos a deputados nas proximas eleições, lê-se o seguinte:

> E' preciso que os candidatos sejam tão regionais quanto possivel. Por uma região agricola deve ser proposto um agricultor, que bem conheça as necessidades do circulo que representa. Por um circulo industrial, deve ser candidato um operario ou um industrial. Por um circulo comercial, um comerciante ou um empregado do comercio.

E' esta a boa logica, mas é isto que se não faz. Escolhem-se nomes, sem se atender ás qualidades de caracter nem ás faculdades de trabalho. O resultado é muitos deputados serem uns burlões e não fazerem coisa que valha a pele dum gato.

Contribuição municipal

Quando se resolve o governo a isentar o professor primario desta odiosa contribuição? Dele não se lembram para lhe aumentarem o salario, dele não se aproximam para lhe garantirem uma situação remuneradora, não ha sequer solicitude em lhe pagar pontualmente o que lhe é devido; mas avisos para ele arrancar do magrissimo ordenado a importancia do imposto que sobre ele pesa por ser *professor primario*, isso não falta.

Pois aumentem-lhe primeiro o vencimento, e depois exijam dele sacrificios. Numa Republica democratica, o que se pratica é uma violencia. Por isso o nosso professor primario não passa ainda hoje de ser um triste *pária*, insultando-o ainda hoje muitos com o epiteto de... *parasita!*

Te rogamus...

Escreve-nos um professor primario:

«Consta que o colega de Extremoz, João Bernardo Gomes, amigo do ministro de instrução publica, vai ser nomeado inspector das escolas moveis, com o ordenado de um conto e duzentos». E termina dizendo: «O' colega, lembre-se de nós!»

Sim, é justo, visto que houve quem se lembrasse dele. Mas duvidamos. Do que ele se lembrará com certeza é disto: «Trata de ti, João, João, trata de ti». E já não é pouco.

E segue...

Continuam a ser pagos em atrazo os vencimentos dos professores primarios. Não vemos agora motivo para tal irregularidade. Convem que ponham cobro a isto, afim de que os adversarios não lancem mão de tão graves anomalias para tentarem desacreditar o governo e as instituições.

Já é tempo de se evitarem estes deslises.

Amabilidades

Teve-as, e cativantes, para com o nosso presado camarada de redacção, Almeida Junior, o nosso distinto colega de Mortagua, *Sul da Beira*, a quem agradecemos a gentileza das imerecidas palavras que lhe dirige e que bem caraterisam a sua costumada lhaneza e lealdade.

Engenheiro Ernesto Navarro

Acha-se já no goso de 30 dias de licença este ilustre engenheiro da 4.ª repartição do ministerio das colonias, que passará uma temporada na sua magnifica vivenda do Luzo.

CRÓNICA DE LISBOA

As *escolas de repetição!*... Deixai-me dizer-vos: processo de atrofiar saúdes.

Veem dizer-me que é muito necessario, indispensavel até, á integridade da patria, tais meios para expôr soldados á ultima prova de heroismo.

Mas, senhores, o Transvaal não tinha instrução preparatoria nenhuma e fez tremer o terrivel leopardo inglez.

Como eles se batiam pelo pequeno torrão que os viu nascer! Sim! Como eles rasgavam as carnes, vertiam o sangue com brio, nobreza e altivez sem instruções militares, nem marchas forçadas e estopantes!

Eu lembro-me de que o ano passado disse, neste jornal, coisas desagradaveis, referentes ás *escolas de repetição*. Pois bem, hoje que sou *tropa*, nem um só ponto transijo nas minhas afirmativas d'outr'ora.

Eu vi-os cair, aos pobres magalas, vitimas de fortes insolações, os pés em sangue, os bofes pela bôca fóra!

Ah! com que tristeza vos digo que se após tais marchas surgisse o inimigo, nós, os herdeiros do montante de Nun'alvares, seriamos corridos a sôco e pontapé!

Isto não é ser pessimista, é dizer verdades, e verdades, ainda que nos escaldem os labios, são sempre verdades e como tal não devem calar-se.

Não viso homens, viso principios...

Toda a atividade se volta para a inovação de fardamentos que se resume num barrete á bulgara, que nos dá a triste ideia dum *chauffeur* ou cosinheiro.

E ainda chamam louco ao grande Darwin! Que melhor prova querem para afirmar que o homem descendeu do macaco? Inegavelmente, que o macaco tem sempre em mira o espirito de imitação.

Gomes Monteiro.

Horas d'insónia

O indulto seria, no actual momento historico, uma das melhores obras da Republica. Perdoar é sempre humano, é sempre belo. E a Republica portugueza não deve esquecer o perdão. Se os carceres albergam alguns criminosos, para quem todo o rigor das leis seria pouco, a ninguem é licito duvidar que muitos inocentes sofrem os horrores tremendos duma desilusão atrós, porque, inconscientes, nunca tiveram, na hora da luta desvairada contra o novo regime ou no momento da difamação traiçoeira, a noção dos seus deveres nem a compreensão do perigo em que incorriam, pobres diabos atuando ás cégas, levados apenas pelo braço dos chefes que juraram demolir, a todo o custo, o estado de coisas que os pôz de banda, que lhes fez perder todo o prestigio.

Reconhecemos que a Republica tem que defender-se, defrontando-se com energia e decisão com o inimigo que a persegue. Entretanto o indulto, diferenciado o escalracho, será um passo mais dado para a demonstração da tolerancia que muitos lhe não admitem, tal é a maneira capciosa como tudo deturpam e como tudo pretendem desvirtuar.

A hora do perigo passou. E' necessario que todos trabalhem e que todos se compenetrem de que as coisas tem que caminhar, porque é o destino que tal impõe.

Hoje Republica, ámanhã outro regime de ideias mais avançadas, os factos se encarregarão de constatar que a evolução, com toda a sua profunda filosofia, não se póde deter na sua marcha acelerada para a perfetibilidade do ideal, para a união dos homens e para a grandeza dos regimes que mais satisfaçam ás aspirações da humanidade sempre sedenta da sua independencia e atraída ao seu doirado sonho de bondade e de amôr-proprio.

E' tempo de se enxugarem as lagrimas a tantas esposas e a tantas mães que vagueam esfarrapadas ás portas das prisões, e de se restituir o pão a tantos inocentes cujo infortunio agrava a desdita de terem nascido assim pobresitos e desgraçados.

E a Republica hade querer compreender bem o humanitario alcance do seu acto de magnanimidade abrindo a porta das cadeias e das penitenciarias a tantos inocentes que ha muitos mezes não gozam o tonificante sol da liberdade que é ainda o lémа desta Republica humanitaria e bóa.

Não esqueça o governo que o indulto seria, no actual momento historico, um dos seus melhores titulos de gloria. Lembre-se dos inocentes sem pão e das pobres mães sem abrigo e de seios chupados que não despregam os seus olhos já sem brilho das portas das cadeias e das penitenciarias, esperando impacientes o momento de saciarem a sede ardente dos seus beijos nos maridos inocentes que uma má hora da vida levou ás enxovias...

Almeida Junior.

CARTA DE LISBOA

ATRAVEZ DO CINE-MARAVILHOSO

A Febre do Sindicato. (Comica). —*Toujours la même chose*, como diria o sapateiro ali da esquina, assaz profundo em coisas de francez.

Juizo? Foi coisa que por aqui passou, poz o chapeu e abalou!

Os sindicalistas continuam esbracejando, e eu que sempre fui dado á sacra piedade, não se me dava vêr esperniar no triangulo dos condenados todos esses perturbadores da ordem. Lucrariamos todos: a humanidade e a propria terra que ficaria adubada para o cultivo das batatas.

Ainda no passado sabado dois sindicalistas e uma mulher, não sei se sindicalista tambem, recolheram aos calabouços do governo civil.

E' a febre do sindicato!

Ha dias, quando um comerciante da rua do Ouro visitava uma das celas do Limoeiro, foi brutalmente agredido pelos sindicalistas ali reclusos, que chegaram a puxar de navalhas!

Nem isto faltava. Pleno Montmartre, nesta grata Lisboa!...

Fabrica em chamas (dramatica). —No barracão onde está instalada a fabrica de sabão do snr. Caceres de Almeida, manifestou-se um violento incendio que em poucas horas reduziu tudo a cinzas. Os prejuizos estão cobertos pelas companhias *Aliance* e *Assurance*, na importancia de 10.000 escudos.

Isto é, *à quelque chose malheur est bon*, que quere dizer: ha males que veem por bens.

Volta a Azambuja? — O velho republicano Silvestre Falcão telegrafou ao chefe do governo que os monarquicos de Tavira se servem dos processos eleiçoeiros do Peral e Azambuja em nome do partido democratico.

Isto é grave e não deixará de ter éco no timpano de quem mais deve zelar a tranquilidade da Patria, que é o governo.

FOLHA ERRANTE

Se os teus labios fossem cravos
E teus braços uma cruz,
Não se me dava, meu anjo,
Ser martir como Jesus!

Nitrato.

Bocados soltos

Quadros tristes

Pobres dos pobres são pobresinhos
Almas sem lar, aves sem ninhos ..

G. Junqueiro.

Foi este o titulo mais proprio que encontrei para todas estas scénas da vida, que eu vou expôr não tanto ao vivo como seria meu desejo, mas muito ao de leve, para que ámanhã me não cognominem de utopista.

Aqui, ali, por toda a parte se veem constantemente quadros tão tristes, que revoltam a consciencia mais perversa e ferem o coração mais empedernido.

Então não será triste e doloroso vêr aquela creancinha loura de rosto mortificado pela fome, cheia de frio, pedindo cincoreisinhos!... Cincoreisinhos!...

A sua voz debil, toda meiguice e ternura, vae-te dizendo:

— Meu senhor, tenha dó des-

ta desgraçadinha, o meu pai está no hospital e minha mãe não pó de trabalhar... só cincoreisinhos!...

E tu, vilão avaro, deixas escapar dos teus labios um sorriso de hipocrisia e proferes um «não», tão sêco e brutal, como brutal é a tua alma.

Ali naquele antro onde vegeta a desgraça e vive a podridão, tu vês uma pobre mãe rodeada de filhos, revolver-se no lodaçal da miseria; ainda mais além, na berma daquela estrada, um aleijado todo velhice e miseria, coberto de farrapos, roga-te carinhosamente uma pequena esmola.

E tu, sem te lembrares do teu passado humilhante e vergonhoso, respondes ás suplicas dêsses desgraçados com um sorriso desdenhoso e irritante.

Modifica o teu genio, calca o teu orgulho e socorre essa turba de famintos que esmolam de porta em porta um bocado de pão para mitigar a fome de seus filhos.

Sê bom, tornando-te caridoso para com esses desgraçados que se aglomeram á porta do teu palacio, esperando as migalhas da tua lauta mêsa.

J. N. L.

Secção Instrutiva

Horas d'Ocio

(N.º 22)

A PRELÉÇÃO DO BÁTISTA

— O amigo Bátista conhece o factor X?

— Conheço muito bem. E' um desgraçado sifilitico, quasi cadaverico; e conheço tambem a mulher, uma doente, que só tem ossos e pele.

— Pois bem. Calcule que ela, ha dias, deu á luz uma criança de uma gordura desmesurada; e tão gorda é que, ao vê-la hoje, me deixou admiradissimo e sem compreender como, de dois esqueletos tão doentes, pôde haver um filho com aspéto tão gordo, tão sadío.

— Terá isto alguma explicação?

— Tem, certamente, e bem simples. Esse pequeno, a que o meu amigo chama sadío, é, e bem ao contrario, um doente. E' um sifilitico. Eu lhe explico:

A siflis, em muitos casos, mata a creança antes de nascer, e ainda mesmo em estado incompleto de formação, e expulsa-a do ventre materno.

Outras vezes o sangue da mãe alimenta e envenena o pobre inocente, mas por fórma que, por sua desgraça, chega a nascer; e, tem então, ou a aparencia de um velho pequenino, ou uma exagerada gordura.

E' este ultimo caso aquele que se nos depara no pequeno de que se trata.

Comquanto ele nos primeiros mezes da sua existencia não apresente sinal algum manifesto do veneno de que está inquinado, breve e de repente se cobrirá de placas mucosas, nos rebordos dos orificios naturaes. Ao mesmo tempo pelo tronco se formarão umas bolhas cheias de serosidade, como as empolas de um caustico, que, rebentando, dão logar a umas ulceras arredondadas e profundas, de onde sáe um pús cinzento de mistura com sangue. Emfim, para não fazer um triste relatorio das lesões integrantes ao mal, dizer-lhe-ei que, por fim, a criança emagrecida e incapaz de alimentar-se, morre de inanição.

— Gostava que o snr. Bátista dissesse mais alguma cousa, e de que eu pudesse aproveitar, pois que, o que contou, só serve para satisfação de alguma curiosidade de mau gosto.

— Está bem. Far-lhe-ei a vontade. Em pouco se resume, porém, o que tenho a dizer-lhe; mas, nem por ser pouco, perde da grande ou, antes, muito enorme importancia que tem.

Uma criança, tal como muito ao de leve descrevi o seu estado de doença, torna-se objeto de nôjo e até de horror. Contudo, a ignorancia das amas, das mães, e ainda em muitos casos, das pessoas de familia, transformam esses pequeninos e inocentes seres, nuns importantes fócos infeciosos, de uma enormissima irradiação mortifera.

O veneno de que esses inocentes são um farto repositorio, transmite-se traiçoeiramente por meio de amantissimos e suaves beijos Beijos que, levando em si coração, afecto e alma maternal, trazem e transmitem, pelo mesmo processo, o virús nefasto, que se acoita nas placas mucosas da boca do doentinho.

Oh Mães! Vós que estimaes tanto os vossos filhinhos, mais do que a vós mesmas, e muito mais do que eu serei capaz de compreender, raro devereis consentir em que alguem os beije na testa Na bôca, isso em caso algum.

No dia em que a humanidade conseguir libertar-se das cadeias da ignorancia que a escravisa e humilha, abolirá, por anti higiénico, o uso do aperto de mão e do beijo no acto dos cumprimentos.

Figueira da Foz.

M. E.

Casa de bicicletes

Os nossos amigos, snrs. Alfredo Ferrão e Joaquim Côca Junior, vão aqui fundar de sociedade uma casa de bicicletes e motocicletes com todos os acessorios indispensaveis a este ramo de serviços. Um dos sócios, o snr. Alfredo Ferrão, tem uma bem montada oficina de serralharia, destinada a todos os concertos e á construção perfeita de todas as peças necessarias ao ciclismo.

Felicitamos os empreendedores e o publico, que só tem a lucrar com a instalação da nova casa, a qual se esforçará por servir os seus freguezes o melhor possivel.

Lei da separação

O *Seculo* do dia 4 dizia o seguinte:

Um caso grave

Queixa contra dois individuos, por extravio de objétos do culto, riquissimos

Montemór-o-Velho, 2—C.—A fim de darmos para o *Seculo* a respectiva noticia e chamarmos para o assunto a atenção do sr. governador civil do distrito vieram queixar-se-nos os srs. Joaquim Pereira Batista e seu irmão José, respetivamente procurador da cenfraria do Santissimo e vogal da Junta de paroquia Tentugal, de terem sido extraviados pelos srs. dr. Antonio Soares Couceiro e Francisco Martins da Costa, aquele provedor da Misericordia e este presidente da referida junta de paroquia, paramentos e objetos do culto, muito antigos e riquissimos, de grande valor material e artistico, pertencentes ao suprimido convento de Nossa Senhora do Carmo, da mesma vila, devendo, por isso, estar a estas horas sob a posse do Estado, como aqueles ha dias vendidos em leilão, conforme o determina a lei da separação.

Dizem os srs. Batistas que os objetos extraviados tinham sido substituidos no convento, dias antes do referido leilão, por outros paramentos muito ordinarios da confraria do Santissimo, sem que até agora os srs. dr. Couceiro e Martins dessem conta deles á confraria, nem a ninguem. Entre estes objetos conta-se um altar e uma sineta.

Caso a queixa dos srs. Batistas seja justa, como parece não haver duvida, pelo grande numero de testemunhas que estão prontas a confirmal-a, é necessario que o integerrimo magistrado que se acha á frente do distrito adote desde já as mais energicas providencias, principiando por mandar inquirir, sem demora, da veracidade dos factos constantes da queixa.

O mais curioso, porém, é que sendo o sr. dr. Couceiro um dos extraviadores dos objetos acaba de requerer uma sindicancia contra a confraria do Santissimo, sendo ele mesmo escolhido para sindicante! Este facto ainda mais veiu agravar o estado de excitação em que os espiritos se encontram em Tentugal, receando-se que ali surjam graves acontecimentos.

O sr. Joaquim Batista, depois de nos fazer a queixa, entregou tambem ao sr. Antero da Veiga, administrador do concelho, a participação.

Assim, por emquanto, o povo está disposto a queixar-se e a protestar pelos meios legaes, esperando confiadamente do zelo e retidão das autoridades da Republica que lhe seja feita a justiça que reclama, prometendo, para isso, ir até á ultima instancia; porém, quando estes meios se exgotem e as suas esperanças sejam iludidas, então recorrerá aos meios extremos, declinando, préviamente, perante a autoridade administrativa, as responsabilidades do que possa acontecer, por isso que, por forma alguma, consentirá que no convento do Carmo e suas confrarias se deem os mesmos *extravios* que se deram no convento de Lorvão, á custa de cujas preciosidades um individuo de Tentugal fez, se não toda, pelo menos a maior parte da sua fortuna.

Sem comentarios.

Publicações

Hinos á Vida e ao Amôr—poesias por Mario Pacheco.—E' um novo livro deste ilustre poeta que se afirma um crente no Futuro, um heroi na luta pela Vida e um pioneiro duma sonhada Civilisação. Acima de tudo é um panteista dentro dum verdadeiro racionalista e dum moderno pensador. Os seus versos cantam, vibram, têm uma alma propria, onde se sente bem a alma de eleição do poeta. Torrenciais como o Pensamento, têm a seiva dos espiritos fortes e arrojados.

A Mario Pacheco as nossas saudações e os nossos agradecimentos pela sua generosa oferta.

O Meu Livro—Leitura corrente—por José Agostinho—Companhia Portugueza Editora—Porto — Preço: 24 cent. —E' um livro que trata de *agricultura, higiene moral, educação civica, governo domestico* e *vulgarisação scientifica*. Muito prático, escrito debaixo duma fórma atraente, a que dá enorme realce a profusão de gravuras elucidativas, *O Meu Livro* está destinado a um exito pedagógico bastante invejavel. Basta que José Agostinho o desempoeire dumas ligeiras frases rusticas que nada significam, e que apenas servem para atestar o seu incorrigivel temperamento deista, e póde afoitamente entrar nas escolas primarias, porque se impõe pela natureza e boa selecção dos trechos, e pelo preço convidativo, que é um escandalo de barateza num livro de 324 paginas.

Amôr e Liberdade—Drama social em 2 atos, por J. Fontana da Silveira — Lisboa. — O distinto escritor e nosso presado colaborador, snr. Fontana da Silveira, directôr dessa interessante publicação de propaganda educativa entre as crianças, *Revista Infantil*, acaba de lançar á publicidade um vigoroso drama social que colhe pelo imprevisto e pelo tecido do enredo. Sem calôr no 1.º ato, toma no 2.º uma efervescencia enorme e um interesse palpitante, em que se nota bem o movimentado da scêna, que no 1.º ato é quasi nulo. O podêr sugestivo, emocionante e moralisador assalta-nos o espirito e dispõe-nos bem, quando atingimos o fim do drama: o Ideal Socialista. No género, é uma das poucas obras que conhecêmos, dignas de figurarem em todas as bibliotecas e em todos os palcos.

Ao autôr as nossas saudações e a nossa gratidão pela tão cativante dedicatória.

Os meus pensamentos

A Vida — alma do Espaço e de todas as Imensidades do seu infinito conteúdo — é o Unico *concreto* constatavel, Tudo sendo perpetuamente inspirado por Ela e determinado pelo Misterio!

Consequentemente, achar bem ou achar mal *seja o que fôr* nas entranhas do Infinito, além de denotar crassa insuficiencia mental, seria indicador seguro de falta de respeito e de admiração pelo conjunto a que chamamos *Natureza*. se em nosso auxilio não viesse a lei da Dessimetria, a qual a Tudo e a todos dá razão de ser, por ser Ela a razão de Tudo o que prefaz o Todo — que não é *Todo* porque é Infinito!

E' dificil aprender a saber falar, mas aprender a saber ouvir é dificilimo!

A Verdade é o que é, unica e simplesmente.

Quem d'Ela disser menos, não diz bastante; quem d'Ela disser mais, é ignorante!

Aprecio a brutalidade *consciente*, porque n'ela vejo, com rarissimas excéções feitas á Dôr, a unica sinceridade que existe!

Ser sinceramente hipocrita, eis ao que a sociedade chama sinceridade.

Mas:

Ninguem *quer* o que quer, e unicamente o que lhe é determinado que queira, devendo, pois, suprimir-se a palavra — *Responsabilidade!*

Lisboa, 4 setembro de 1913.

Leopoldo Torres Fernandes.

Notas pessoais

Para Lisboa partiu o snr. Sebastião Rodrigues Louro, do Zambujal.

—— Estiveram aqui as nossas estimadas assinantes da Cerdeira (Guarda), snr.ª D. Maria Dolorosa Neves e sua mana D. Balbina Neves.

—— A nomeação de administrador da circunscrição de Valanado, a que nos referimos no anterior numero deste jornal, recaíu no irmão mais velho do nosso presado e distinto colaborador Jorge das Neves Larger, zeloso funcionario do ministerio da Guerra, e não neste, como por lapso dissémos.

—— De Lisboa, chegaram aqui no dia 4, o nosso amigo e assinante sr. Sebastião Rodrigues Louro, do Zambujal, e seu irmão Manoel, onde foram esperar a filha deste, a sr.ª Encarnação Raquel, que regressou do Rio de Janeiro a bordo do *Aragon*.

—— Faz anos no dia 12 a menina Isaura Tavares, gentil filha do sr. Matos Tavares, desta localidade.

—— Consorciou-se no dia 1 do corrente, com uma gentil senhora de Trancoso, o nosso presado amigo sr. Jacinto d'Almeida, filho do nosso querido colaborador Fernandes d'Almeida.

Desejamos aos noivos as felicidades de que são dignos.

—— Do Brazil chegaram aqui no dia 4 os snrs. Antonio Jorge Patrão, dos Pelicanos, e Joaquim Serrado, da Bunhosa.

Registo civil

No posto do registo civil de Arazêde realisaram-se durante o mez de agosto os seguintes registos:

Nascimentos

Joaquim Teixeira Roque Junior, filho legitimo de Joaquim Teixeira Roque, da Volta da Tocha.

David da Cruz Picanço, filho legitimo de Manuel da Cruz Picanço, dos Pelicanos.

Antonio Jorge Capacho, filho legitimo de Joaquim Jorge Capacho, dos Pelicanos.

Maria de Nazaré Cardosa, filha legitima de Joaquim Francisco Amado, dos Resgatados.

Antonio Monteiro Crespo Junior, filho legitimo de Antonio Monteiro Crespo, dos Gôrdos.

João Pessoa, filho legitimo de Antonio Pessoa, do Casal do Gaio.

José Teixeira Roque, filho ilegitimo de Manuel Teixeira Roque e de Rosalina de Oliveira, dos Pelicanos.

Manuel Rodrigues Azenha, filho legitimo de Joaquim Rodrigues Azenha, dos Pelichos.

José Teixeira Faria, filho legitimo de Joaquim Teixeira Faria, dos Catarruxos.

Calisto Jorge, filho ilegitimo de Luisa Jorge, de Arazede.

José Francisco da Silva, filho legitimo de Manuel Francisco, da Volta da Tocha.

Casamentos

Adelino José de Pina com Maria de Jesus, do Zambujeiro.

José Gomes Lourenço, do Zambujeiro, com Luisa Rosa, de Arazede.

Joaquim Alves Morteiro, de Vila Franca, com Maria do Espirito Santo, de Lombofolar, Cadima. (Estes apenas se registaram civilmente).

Manuel Luiz dos Reis, com Carolina Marques, de Arazede.

José Teixeira, com Maria de Oliveira, de Arazede.

Obitos

Augusto Matias, de 68 anos, do Morteiro.

Manuel Deodato Hermenegildo, de 50 anos, do Amieiro.

Manuel da Silva Tinoco, de 7 mezes, dos Gôrdos.

Maria da Conceição Mendes, de 38 anos, de Arazede.

A POLITICA

A politica está-se desenvolvendo em todos os actos da vida interna das nações, e estendendo a sua acção até aos invariaveis preceitos da vida intima e particular do cidadão.

Essa norma deprimente em que os caratéres se vexam, movidos pelas artimanhas d'uns e odios e vinganças de outros, cada vêz se acentua mais numa belicosidade imperiosa. Nada se faz, ainda que de maior utilidade e de sumo interesse para um pôvo, sem que essa mesquinha e fáciosa senhora se vá intrometer com a sua fanfarronice indiscreta, tentando destruir, abespinhar e muitas vezes entravar a realisação de preponderantes melhoramentos com os quais lucrariam aldeias, vilas, cidades e paizes.

Mas a ambição dos homens não tem até hoje podido ficar solidaria a este fim. Para fazerem guerra uns aos outros, abdicam o senso da rasão para procederem duma maneira degradante, praticando acções que os deprimem aos olhos do povo, que assiste impassivel ao desenrolar dessa fita funambulesca onde se retratam as mais baixas scenas duma sugestão ignominiosa.

Está mais que provado: onde entra a politica, estabelece-se a discordia; e, essa discordia, movida sempre pelo faciosismo interesseiro, conspurca aqueles que nela desempenham uma réles figura de trapaceiros.

Diz-se, pensa-se e trabalha-se para que a Sociedade tente aproximar-se duma epoca de regeneração em que os homens darão os braços numa estreita e fraternal união visando o interesse, a paz e a intimidade entre todos.

Mas o que se está vendo é o contrario do que deixamos dito.

Aquêles a quem os ditames da sua consciencia, o porte e brio do seu caráter havia de desviar d'essa atavica aberração, atiram-se cegamente para a lama imunda dêsse lodaçal onde se debatem em guerra acesa contra o seu adversario e maculando todos aqueles que lhe seguiram as pisadas.

A acção da politica — como disse — tem sido sempre nojenta e criminosa, porque tem estabelecido entre irmãos uma neutralidade procedida de rivalidades insultuosas e de má compreensão civilisadora.

Homens de todo o mundo! Deixai a torpe e baixa politica e trabalhai conjuntamente no engrandecimento das vossas nações e no bem estar colectivo e pessoal do povo!

Bom Sucesso.

Francisco Fernandes de Carvalho.

Poetas e Prosadôres

ONTEM

I

Eu era a tréva muda e desolada,
Que me estorcia em lutas de agonia
Por sobre a babilónia gangrenada
Onde pesava a dôr êrma e sombria.

E sob a minha capa esfarrapada,
De face dolorosa, horrenda e fria,
A multidão passava esgazeáda
A mendigar o pão de cada dia.

No fundo do meu seio noturnal
Já Loióla afiou o seu punhal
Para da Ideia esfaçelar o peito...

E a multidão passava alvar, mesquinha,
Murmurando, a chorar, a Ladainha
A's ordens verminais do Preconceito.

HOJE

II

Hoje, sou a vedêta que na guerra
Vigia a vastidão dos horisontes
Ao grito que rebôa serra em serra:
Abri da Educação as santas fontes!

Tenho visto ruir n'um ai! que aterra
Os cédros colossais de sôbre os montes,
E vejo vacilar, mordêr na terra,
Aos mais avantajados mastodontes;

Que a Virgem do Direito já surgiu
E ao lume d'estas águas emergiu
A sua face angelical, bemdita.

Voltêmos para ela o nosso olhar,
Bem certos n'um sentir, n'um só pensar,
Que vem—e muito breve—a Reivindita.

Lisboa, 25—8—1913.

Gomes Monteiro.

Um sonho

Foi numa dessas noites calmosas de estio, amenisada pela brisa impregnada do acre perfume das aguas salinas.

Sentado, com os cotovêlos apoiados na meza de trabalho e a cabeça entre as mãos, o meu cerebro entregava-se a mil devaneios pueris, a doces pensamentos que se chocavam em tão apertado espaço e que a imaginação coloria de vêrde, desse vêrde garrido, simbolo da inefavel esperança.

Atravez da silhueta da janela contemplava a lua que em toda a sua plenitude vagueáva na vastidão do infinito espaço, enviando-me com reconhecida gratidão os seus palidos reverberos coádos atravez da densa e verdejante folhagem.

Era alta noite.

A cidade de marmore e granito adormecia, mirando-se nas limpidas e serenas aguas do Tejo, que a lua prateava.

De tempos a tempos um surdo rumôr chegava quasi impercetivelmente ao timpano dos meus ouvidos.

Eram os ultimos beijos que a coquete cidade, impudica e devassa, depunha na fronte do seu amante já adormecido.

Estive por longo tempo absorto... e sublimes pensamentos se evolavam do meu cerebro.

Despertaram-me desta especie de letargo os acordes melodiósos duma guitarra.

As fibras do meu coração vibraram conjuntamente com as cordas do instrumento, e o meu pensamento elevou-se até ás regiões etérias para descer longe, muito longe.

Oh! Quem me dera, como o meu pensamento, adejar até essas ignotas regiões e pairar onde ele pairou!...

Calára-se o instrumento e eu acabei por adormecer.

Dormia a sôno sólto.

Esse sôno era velado, senão por um anjo, pelo menos pelo seu pensamento.

De repente, senti-me agarrado ternamente por dois braços, dois braços semi-nús, que me apertavam contra um seio aveludado e arfante.

Senti os nossos corações perto, muito perto um do outro, obedecendo ao mesmo ritmo cadenciado das pulsações, as nossas almas fundiram-se numa só, os nossos labios colaram-se num candido beijo e os nossos pensamentos amalgamaram se.

Era abraçado, era ternamente cingido por um anjo, por esse anjo com que tantas vezes sonhára.

Oh! oxalá eu nunca mais despertásse daquele sonho!

Quando despertei, já os bruxoliantes raios do sol coádos atravez da ramaria esperavam impacientes o meu despertar para me darem os bons dias.

Foi então que me acudiu á mente o sonho que tivera, e com o sonho nasceu a esperança.

Passaram-se alguns dias e esta esperança mais se fortificou.

Mas... um dia, um dia a terrivel realidade, por intermedio dum bocadinho de papel, veio dizer-me quanto o meu sonho tinha de quimérico, quanto a minha esperança era ilusória e quanto os meus pensamentos eram efémeros.

Lisboa, 20—8—913.

F. B. Cardoso.

Tourada na Figueira da Foz

Realisa-se hoje a 2.ª tourada da época, em que tomarão parte os conhecidos cavaleiros Manuel Casimiro e José Casimiro, e os bandarilheiros Teodoro Gonçalves, Jorge Cadete, F. Saldanha, Tomaz da Rocha, Ribeiro Tomé, Alexandre Vieira e Custodio Domingos. Serão lidados 10 touros. Abrilhantará a corrida a Filarmonica Figueirense.

Noticias

A reclamação da Companhia Portugnêsa de Fósforos, foi ha dias publicado no *Diario do Governo* um decreto, proíbindo o uso, o fabrico e a venda dos acendedores automáticos

Pela Casa da Moeda foi aberto concurso, por 60 dias, para apresentação dos modêlos das faces das novas moedas de ouro da Republica. Os dois concorrentes que, no modêlo do anvesso, ancançarem as mais elevadadas classificações, receberão os premios de 200$ e 100$ e os do modêlo do revesso, 100$ e 50$.

Uma faisca elétrica fez explodir um paiol, em Lerida (Espanha), durante uma tempestade que ali houve, morrendo um individuo e ficando feridos 35. São importantes os estragos materiais.

O *Diario do Governo* publicou ha dias os seguintes decretos: regulando a admissão dos professores para a faculdade de direito de Lisboa e ao mesmo tempo o edital abrindo o respectivo concurso; dando instruções sobre o pagamento, pelas camaras municipaes, aos professores de instrução primaria, sendo este decreto justificado pelo facto de algumas camaras não terem pago aos professores, com receio de caírem sob a alçada do codigo administrativo, quando aliás a lei de 29 de junho ultimo expressamente determinou que tal serviço fosse feito pelas camaras, que, portanto, estão laborando em erro; aprovando o regulamento da lei de instrução primaria promulgada pelo governo provisorio e habilitando desde já as camaras municipaes a fazerem o provimento de professores nos respectivos concelhos.

Corre que vão ser removidos do sitio em que atualmente estão, os armazens da pequena velocidade da estação e do caminho de ferro de Coimbra, ficando ali apenas o serviço de passageiros e de grande velocidade.

Ha muitos anos que se impõe uma reforma na estação, pois a que está não dá dara o movimento que felizmente tem Coimbra.

Consta que a faculdade de direito de Lisboa, começará já a funcionar no proximo ano létivo.

A exportação de azeite de oliveira, realisada pela praça de Lisboa durante a semana finda, teve o valor de 8:922$90' dos quais 5:169$50 foram para o Brasil, 181$80 pera o Congo belga, 2$00 para a Holanda, 3:048$60 para a nossa Africa ocidental, 45$00 para Moçambique e 476$00 para o consumo de navios.

Na Africa ocidental o mercado consumidor de relativa importancia foi o de Mossamedes, que absorveu mais de um terço da totalidade indicada.

Nas trinta e tres semanas decorridas deste ano a exportação lisbonense deste genero indicou o valor de 266 contos, tendo assim diminuido em 55 sobre a de igual periodo do ano passado.

O sr. ministro da guerra publicou na *ordem do exercito* o seguinte regulamento de continencias e honras militares:

«Art. 30.º—Uma força estacionada e armada apresentará armas ás bandeiras ou estandartes militares, ao chefe do Estado, aos ministros e aos generaes; perfilará armas a qualquer força e bem assim a todas as categorias a partir de aspirante a oficial, eguais ou superiores á do seu comandante; e tomará a posição de sentido á passagem de qualquer sargento sempre que este seja superior ao comandante da força estacionada.

§ unico—No caso de ser feita a continencia ás bandeiras militares ou Presidente da Republica, as musicas tocarão o hino nacional; nas continencias ao ministro da guerra e a qualquer general será tocado o hino denominado vulgarmente *Maria da Fonte*. Não havendo musica, os clarins ou corneteiros executarão a marcha de continencia em qualquer dos casos

Art. 65.º—Durante a revista as bandas de musica, tocarão o hino vulgarmente denominado da *Maria da Fonte*, ou o hino nacional se aquela fôr passada pelo Presidente da Republica. No caso considerado no artigo anterior, a musica tocará qualquer marcha durante a revista».

Ha dias, na praia da Nazaré, onde varias familias organisaram um *pic-nic*, 5 estudantes que nele tomaram parte lembraram-se de dar um passeio de barco pelo mar. De repente, o barco voltou-se, sendo todos êles arrastados na corrente. Dois morreram afogados, e os outros três conseguiram salvar-se. Dos naufragos, um completara ha pouco o curso dos liceus, e chamava-se Virgilio d'Oliveira, de Leiria; o outro regressára ha quasi um mês de Inglaterra, onde estivera estudando, e chamava-se Joaquim Agría, do Rio Maior.

Um aviador francês, de nôme Pegoud, realisou terça-feira passada, perto de Paris, uma experiencia curiosa:

Pegoud levantou vôo ás 10 h. e 15 da manhã, subiu rapidamente e depois colocou o aparelho verticalmente, com a cauda para o ar, e desceu com uma velocidade vertiginosa até 500 metros do solo descrevendo então um S gigantesco. Com a cabeça para baixo e o aparelho voltado com as rodas para cima, o aviador percorreu assim cerca de 500 metros. Em seguida, tomando a posição normal desceu a terra ás 10 horas e 40 minutos no meio de entusiasticas ovações.

E' de 5:000 escudos a verba incluida no orçamento geral do Estado para sêr aplicada aos festejos pelo 3.º aniversario da Republica.

Foi inaugurado o trôço do caminho de ferro de Vale do Vouga entre Vizeu e Bodiosa.

Foi aposentado o professor da escola da Pocariça (Cantanhede), o sr. Joaquim Pessôa da Fonseca, com a pensão anual de 346$670.

Foi indultado o regecida Sancho Alegre, que tentou contra a vida de Afonso XIII.

Foi apreendido pela guarda fiscal um caixote que se pretendia despachar para o estrangeiro, e que parece continha alguns dos presentes enviados a D. Manoel de Bragança e confeccionados na ourivesaria Leitão.

Constando ao sr. ministro do interior que nas Pedras Salgadas se instalara, com grande escandalo da moral publica, uma caravana de meretrizes, o sr. dr. Rodrigo Rodrigues ordenou ao sr. governador civil de Vila Real que puzesse imediatamente cobro a essa vergonha.

Em 31 de maio a divida interna era de 86.300:441$80(3) e a externa de 4 996:078$58. Total, 91.296:520$38(3).

Em 30 de junho era, respectivamente, 86.127:147$70(8) e a externa, 3.980:670$85.
Total, 90.196:818$55(8).

Em Inglaterra houve um choque de comboios, de que resultaram 14 mortes e 10 feridos. Nos Estados Unidos houve outro choque, causando a morte a 13 pessôas e deixando feridas 50.

Realisou-se no dia 4, em Alemanha, o casamento do ex-rei de Portugal, D. Manoel de Bragança, com uma princesa daquela nação. Desejamos-lhes muitos... meninos.

Parece que vão ser construidas novas carreiras no Arsenal da Marinha, afim de ali se construirem 4 contra-torpedeiros de 890 toneladas cada, com turbinas Curtis, com a velocidade de 30 milhas á hora e com combustão de petroleo.

Vai construir-se no Estoril um grande hotel, pois somos informados de que se realisou ha dias uma importantissima transacção dos conhecidos terrenos do sr. José Viana, do Estoril, adquiridos por algumas centenas de contos por um abastado capitalista da nossa praça.

Segundo consta, uma sociedade está formada ou vai formar-se para a construção de um grande hotel, de tipo dos «palaces» (Carlton, Palace Hotel de Bruxelas e Madrid, Adlon, etc.), o primeiro que se viria a edificar em Portugal, que já possue dois ou tres hoteis grandes, mas ainda não tem nenhum que rivalise com essas formidaveis instituições, que são os modernos «palaces»...

O Estoril é o grande centro, com efeito, para a sua construção. Grangeada a nomeada mundial do hotel, o turismo terá dado, entre nós, um passo de gigante.

A Federação nacional de ferro-viarios francezes resolveu dissolver-se, com o fim de engrossar o Sindicato nacional e contrabalançar assim a influencia enorme que adquiriram os ferro-viarios catolicos.

Terminou no dia 5 o tratado de comercio entre Portugal e Espanha. Proseguem as negociações entre os dois governos para o reviver.

Na madrugada de 5 manifestou-se incendio numa barraca de madeira contigua á habitação do nosso assinante snr. José Martins da Costa, junto á estação da Pampilhoza, que felizmente foi logo extinto, pelo que não teve consequencias de gravidade.

CORRESPONDENCIAS

Baraçal (Celorico da Beira), 4

Tem chovido regularmente estes dias e alguma coisa de bom tem feito ás uvas e azeite, que se encontravam quasi perdidas com a falta d'agua.

Devido aos grandes calores e á falta de chuvas, a fome deve ser geral nas classes pobres, porque a colheita da batata, feijão e milho foi a mais escassa que se tem notado ha muitos anos.

Nem mesmo nas terras que a agua beneficia a colheita foi boa.

Fruta, pouca e ordinaria, e alguma que poderia considerar-se boa não chega a amadurecer, porque os gatunos as vão roubar.

O roubo nas propriedades é constante e muito especialmente nestes ultimos dias.

Quando é que as estações competentes dotam este concelho com a guarda republicana?

E' urgente e indispensavel que a propriedade do cidadão seja guardada e que os gatunos tenham o premio que merecem.

As vinhas são assaltadas de noite e de dia, mostrando a gatunagem que medo algum tem de ser surpreendida, porque muito bem sabe que os donos se encontram seguros, noutras propriedades ou noutras ocupações.

Em nome do direito e da justiça, pedimos providencias ao sr. Administrador do concelho, para que, emquanto não vem a guarda republicana, requisite a sua ex.ª o Chefe do Distrito guardas civicos, para policiarem as povoações deste concelho.

A obra de Afonso Costa é aqui apreciada com regosijo pelos republicanos sinceros e amigos da Patria.

Começou a caça no dia 1 do corrente e muita teem morto os caçadores desta terra que possuem a respectiva licença.

Nalguns pontos já não se podia plantar couves, porque os coelhos devoravam tudo.

O preço da batata corre aqui por 360 cada arroba; feijão branco (16 litros), 1$600; centeio (16 litros), 800 réis.

Dirige atualmente a administração deste concelho o nosso amigo padre Paulo Evaristo Alves, em substituição de sua ex.ª o sr. dr. Ramires, administrador efectivo, que se encontra ausente por licença.

Padre Paulo, o bom republicano e amigo da Patria, fará sem duvida uma boa administração porque possue qualidades intelectuais e morais para o cargo de tanta responsabilidade que desempenha.

Que não esqueça agora, o nosso amigo, a estrada do Baraçal ao Maçal do Chão, que tão necessaria e urgente é para o comercio local.

Não seria acertado que o padre pensionista fosse á Guarda em visita a sua ex.ª o sr. Governador do Distrito e falasse no assunto?

O pão, que se vende por aqui, é pessimo e caro.

Que providencias se tomem, é o que pedimos, e que os padeiros sejam metidos na ordem, e não queiram enriquecer depressa, em prejuizo do pobre consumidor. Voltaremos ao assunto.

Fernandes d'Almeida.

VILA DE PEREIRA, 5

Pergunta do Zé:— Não me dirão quando o relogio desta vila dará horas?

Dou um doce ao leitor que fôr capaz de me responder no proximo numero do «Dever».

Encontra-se melhor o sr. Silverio Luiz de Carvalho.

Partiram para a Figueira da Foz, acompanhados de suas familias, os nossos amigos srs. dr. Couceiro Martins e Eufrosino Alves Teixeira, e a snr.ª D. Amelia Teixeira de Figueiredo; e para Lisboa os srs. Manuel Guerra Santos e filhos e Manoel Pimentel Bicho e esposa.

Que todos gosem muito, é o que mais lhe desejamos.

Tem passado um tanto incomodado de saude o sr. Jeronimo Paiva de Carvalho, membro da Comissão Municipal Politica de Montemór.

Fala-se que em breve se vai realisar nesta vila um comicio de protesto contra a nomeação do medico municipal. Assim é que é ver o povo.

Saberá tocar viola...— No novo recenseamento eleitoral desta freguezia aparece com o n.º 46 João dos Santos Torres, que não sabe ler nem escrever. E' bom que todos os eleitores do concelho saibam que este homem em face da lei nunca poderia ter voto.

Cumpra se a lei...

Minha mãe casai-me cedo...— O partido evolucionista, segundo dizem, já principiou cá pelo burgo pedindo voto.

A resposta á *lebre* deve ser esta: Que melhoramentos teem os *meninos* feito?

Azuil Paiva de Carvalho.

Agua da Curia
Semelhante á de Contrexeville
Estimula a acção dos rins, que são os filtros do corpo humano.
Experimentai a agua da Curia.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55

COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
TELEFONE 295

COMISSOES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Séde em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia. miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais, etc.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

MELO & MARTINS

Com armazem de adubos quimicos, sulfato de cobre, enxofre e cal para construções

Endereço postal e telegrafico:

PAMPILHOSA DO BOTÃO

São nossos representantes em Mortagua:

NA POVOA, o snr. José Paulo

NA ESTAÇÃO, o snr. José Tomaz.

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.

O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.

Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

CASA HAVANESA

16 — Rua Ferreira Borges — 18

COIMBRA

Sortido completo em tabacos, papelaria e perfumarias. Molduras para quadros e galerias, o que ha de mais moderno. Artigos para desenho, pintura a oleo, aguarela, foto-miniatura e pirogravura.

BILHETES DE VISITA

Novidades para brindes, artigos de viagem e toilette etc.

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

MURALINE

Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle,,

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 2.° Arazêde, 14 de Setembro de 1913 N.° 82

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os originais, quere sejam ou não publicados. Não se aceitam informações anónimas.

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

Portugal e Colonias Portuguezas—Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trismestre, 30 centavos.
Brazil — Ano, 2 escudos, fortes.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

S. E. Biblioteca da Universidade Coimbra

FACTOS PALPAVEIS

Têm os jornais de grande e pequena circulação dado um largo curso á obra do actual governo, ocupando-se do equilibrio do orçamento e das receitas arrecadadas e despezas pagas, o que tem em certo modo dado motivo a desconfianças de vários críticos, que se lançaram numa campanha de descrédito ao trabalho de reconstrução que, segundo as notas oficiais, representa a gerencia de 1912-1913.

Segundo essas notas, existe um saldo positivo de 111 contos, aumentando as receitas em 7:976 contos. Houve a supressão de contribuição de renda de casas, nenhum serviço público ficou prejudicado, o equilibrio do orçamento e das contas do tesouro é, segundo as mesmas notas, um facto assento.

Não obstante, á volta deste acontecimento tem-se arquitectado a mais formidavel rede de insidias e de odios mesquinhos, pondo-se em duvida que tal facto se tenha realisado, tão assombroso ele é e de tão dificil cometimento ele tem sido sempre em todos os tempos.

O governo defronta-se com os censôres da sua obra, respondendo com numeros que nem em todas as conjunturas exprimem toda a eloquencia que se lhes pretende atribuir. Ha numeros que se podem fantasiar com o fim exclusivo de inculcar no espirito publico a ideia duma administração honesta, grandiosa, inimitavel — dizem os adversarios do governo. A nação, ou antes a maioria dos portuguezes, vendo que esses numeros têm a documentação oficial e, portanto, sancionados pelos poderes do Estado, crêem neles piamente, porque não se faz oficialmente uma afirmação de tamanha gravidade, se não houver uma base indestrutivel em que ela tenha seguro apoio. Por isso, ha muitos crentes do *superavit* que, confiantes nos numeros, não negam a existencia dos que agora se acham em destaque.

Isto têm proclamado aí aos quatro ventos uma chusma de maldizentes e de despeitados que têm por mobil destruir o que tem levado tempo e trabalho a edificar com paciencia e inaudita boa vontade.

Mas quere o governo amordaçar a canzoada que procura atirar-se-lhe ás canelas para o fazer arrepiar caminho?

Quere dar um golpe nos engenhosos processos de descrédito de que se servem os amoucos de estudadas doutrinas?

Trate de se lançar na arena dos factos, mas dos factos palpaveis a toda a gente e que toda a gente entenda bem claro.

Assim, visto haver aumento de receitas, pague o governo a quem deve e a quem não precisa de estar a dever; remunere condignamente os que devotadamente trabalham; aplique o dinheiro disponivel á construção dalguns edificios escolares e doutras obras de necissidade evidente; mande reparar muitas estradas que se acham em lamentavel estado, abrindo outras para utilidade dos povos; procure, emfim, atender ás reclamações constantes que de toda a parte do paiz se erguem em grandes clamôres, e terá provado *de facto* a existencia de toda a sua obra de reconstrução e de vitalidade nacional.

De contrario, continúa sujeitando-se ás mais agravantes recriminações com que dia a dia o alvejam os que seguem um caminho diametralmente oposto ao seu, e que buscam os pequenos nadas para desvalorisar a obra governativa. São precisamente esses *pequenos nadas* que acima deixamos expostos — mas que para aqueles sobre quem incidem representam questões de grande monta — que o governo deve apressar-se em resolver, satisfazendo muitas necessidades e suprimindo assim *cavalos de batalha* em que comodamente montam os que fiscalisam todos os seus actos.

Seria este um dos melhores passos a dar no actual momento e cuja eficácia não pômos em duvida.

NOTAS

Quando será?

O *Diario do Governo* publicou ha dias dois decretos regulando as aposentações e promoções de classe dos professores primarios. Os decretos não trazem garantias para a classe. Era de esperar.

Mas quando virá na folha oficial o decreto aumentando o ordenado aos professores? Visto agora haver dinheiro...

Belas utopias

Numa entrevista que o ilustre senador sr. dr. José de Castro deu *A L'Humanité*, de Paris, conclue o entrevistado: «Quando comprenderão os homens a grande voz da Natureza que prega a paz e a fraternidade? O socialismo realisará esse ideal?...»

E' ponto de fé, mas quando? Na noite do Misterio — responde o oráculo.

Apesar de tudo

Num telegrama para o *Rebate* lê-se que o comercio nacional e estrangeiro de Lourenço Marques está encerrado, assim como os talhos e padarias, por causa duma portaria que obrigava ao encerramento dos estabelecimentos comerciais e industriais por um certo numero de horas que não convem aos interessados.

Ha greve em Lourenço Marques, e comtudo o cambio vai melhorando dia a dia.

Reaccionarios

O nosso presado colega *A Federação Escolar*, do Porto, referiu-se a um artigo de Manoel José Antonio publicado no *Dever* sobre o reaccionarismo do professorado, que alguem concluiu dum plebiscito aberto em tempos por um jornal católico.

Reaccionario o professorado primario?! Não; reaccionarios são aqueles que o não vêem com bons olhos, e não são poucos...

"O Mundo"

Passa amanhã o 14.º ano de existencia o nosso presado confrade da capital, *O Mundo*, que denodadamente tem combatido em prol da emancipação social e a quem a Republica deve uma grande soma de sacrificios de toda a natureza.

Com efeito é muito dificil e muito raro encontrar-se uma boa vontade tão acendrada e uma linha de conduta tão intransigente e exemplar, hoje que a corrução perverte quasi todos os jornalistas.

Saudamos o nosso importante colega cujo exemplo nos tem servido de norma, em alguns transes da nossa vida jornalistica, e desejamos-lhe prosperidades.

EXPEDIENTE

A todos os nossos assinantes, especialmente aos da freguezia de Arazêde, Brazil e Africa que ainda não pagaram as suas assinaturas, pedimos o favor de o fazerem o mais breve possivel, a fim de regularisarmos a nossa escrituração.

Pelo correio vamos tambem fazer cobrança aos demais assinantes que estão em débito, do continente, e pedimos-lhe a fineza de não deixarem devolver os seus recibos para nos evitarem mais despezas.

O pagamento das assinaturas a este jornal é adiantado, por que é no fim de cada mez que pagamos á tipografia as despezas do mesmo, e não no fim do ano.

A administração.

CRÓNICA DE LISBOA

Ainda que eu viva cem anos, nunca da mente se me apagará a visão tétrica duma caveira, que, no adro da minha aldeia, parecia rir da miséria humana. Ha dez anos, talvez...

Numa aldeia ha pouco que sujeitar ao escalpelo acerado da critica, e, porisso, é provavel que nesse riso sarcástico andasse um pouco de hipocondria, tão propria dos solitários.

Sim, se em vez do recanto florido da minha aldeia, onde as mãos piedosas das cachopas vão depôr saudades e amôres-perfeitos, ela tivesse o retiro faustoso de Agramonte ou Alto de S. João, então sim, então poderir rir ás gargalhadas que teria muito de quê.

Riria dos pacatos burguezes que, ás tres da tarde, vão fazer as suas digestões laboriosas por entre as murtas verdejantes e as cruzes funerais das sepulturas.

Riria das modernas Lolas do bom-tom, que, empavezadas nas suas *toilettes* provocantes, levantam salmos ao deus Cupído no mesmo lacal onde a Parca abriu um talho de carne humana.

Riria, emfim, dos doloridos epitáfios preparados por viuvas inconsolaveis, quantas vezes, após uma entrevista com o Eudimião dos seus sonhos.

Oh! sim, a caveira riria com mais maldade, com mais sarcasmo que nesse recanto florido da minha aldeia, onde as mãos piedosas das cachopas vão depôr saudades e amôres-perfeitos.

* * *

Quantas vezes a nossa alma sóbe ás regiões astrais em busca de sinceridade, de vergonha que neste momento se não encontra?

Mas, desçamos das estrelas ao lodo imundo dos corrutos tremedais.

Eis a politica...

Sempre o cancro verminoso a corroer o seio láteo e impoluto da nossa querida Patria!

Sempre as vaidades inconcebiveis, sempre a ambição!

Os politicos, que pomposamente se apelidam de *pais da patria*, é ve-los em formidavel combate de galos, de juba eriçada, se aos galos a juba é eriçada.

A Patria não quere combates galináceos, e não os quere, porque não é circo sportivo, nem redondel de praça de touros.

A Patria não quere politica, e não a quere, porque a politica é a máscara que muito *seroc* afivela ao rosto para passar por benemerito, heroi, Messias e... que sei eu?

A Patria quere instrução, educação, porque só ela pode trazer felicidade, paz e bem-estar.

«Depois do pão a educação é a primeira necessidade do povo», disse-o Danton, cujo verbo iluminou a França no sangrento clarão dum raio assustador.

Educar! educar! eis a questão.

* * *

Mas não, infelizmente, não.

A ambição eleva os atuais potentados, a ambição os precipitará.

Lampejará o gladio da Justiça? a voz da Razão far-se-ha ouvir?

Misterio!... Penumbra!... Noite escura!...

O Futuro o dirá, dando-nos as primicias dum Bem risonho ou gritando-nos o mais angustioso *salve-se quem poder!*

Oh! a caveira! como ela riria se cá estivesse, em vez de dormir no recanto florido da minha aldeia, onde as mãos piedosas das cachopas vão depôr saudades e amôres-perfeitos!...

Gomes Monteiro.

Horas d'insónia

Guilhermina Baptista, casada, com o marido tuberculoso, em tratamento no Hospital do Rego, e sobrecarregada ainda com dois filhos menores, pede, por nossa intervenção, aos leitores quaisquer auxilios que lhe minorem a desgraça em que caíu. A infeliz mora na rua do Vale, a Jesus, 61, loja.

E' aquele o brado d'angustia que inseria ha dias um diario da manhã. E emquanto o pobre pai espera no hospital a hora derradeira, com a imagem dos filhos e da mulher sempre diante dos olhos amortecidos pela enfermidade que lhe rouba a vida lentamente, os petisinhos, nusitos e com fome, esperam, ao abrigo amoravel da pobre mãe, que alguem, num rasgo de humanitarismo bem louvavel, lhes dê um pedaço de pão para irem entretendo a desgraça que os assaltou logo ao começo da sua existencia. Que a vida, para os pobres, é um martirio sem fim...

Emquanto ali ao lado se gasta desnecessariamente, em luxos e superfluidades, o bastante para aconchegar os estómagos debilitados dos inditosos que trabalham, vão estes arrastando-se doentes e esfarrapados, estendendo a mão á caridade alheia, por essas vielas e bairros pobres onde o sol chega a custo e o prateado deleitante da lua tem receio de aparecer. Mas a sociedade é assim: não reparte pelos humildes o que nenhuma falta lhe poderá fazer. Prefere estragar e fazer em fumo o que sobeja. E eu lembro-me da pobre Guilhermina, casada e com o marido tuberculoso, lutando para viver e para dar vida aos seus dois filhitos, que bem depressa ficarão sem o braço protector do pai. Lembro-me dela e do que se desperdiça, sem a menor utilidade, todos os dias ai assim nesses palacetes suntuosos onde a dôr não entra nem a desgraça importuna.

E lembrar-se a gente que uns morrem nos hospitais e nas enxovias, sem ar nem luz, e outros cáem bébados de orgia á lautas mezas ou consomem a energia vital nos lupanares onde é ainda maior a desdita humana!...

A desigualdade é flagrante, é demasiadamente flagrante. Mas já agora, e a despeito da marcha agigantada da evolução, não nos será dado constatar um pouco de modificação no proceder dos homens e no estado das coisas, tendo em vista que a propaganda é diminuta e a corrente dos adeptos a este ideal de suprema beleza escasseia a olhos vistos, parece que tanto quanto vão aparecendo as dificuldades e os obstáculos a vencer. E como a Guilhermina Baptista, casada e com o marido tuberculoso, ha muita gente que chora as amarguras dum futuro de ingratidões...

Almeida Junior.

D. Isaura d'Oliveira

Regressou da capital, completamente restabelecida da enfermidade que vinha sofrendo no olho esquerdo, conforme noticiamos no nosso penultimo numero, esta distinta medica conimbricense e nossa presada assinante.

Não nos enganámos quando dissémos que a demasiada competencia do dr. Eurico Lisboa, especialista de taes doenças, era razão de sobra para que se alcançasse um belo exito.

Felicitando de novo a snr.ª D. Isaura, endereçamos daqui, ao ilustre especialista, um voto de reconhecido louvor pelo resultado obtido, que foi a confirmação exata da sua reputação profissional.

Transcrições

A Folha e a *Revista Pedagogica*, jornais açoreanos, transcreveram respectivamente os artigos publicados no *Dever*, *O Judeu*, de D. Aurea Amaral, e *Novo Ensino*, de Manuel José Antonio.

—— Tambem o nosso presado colega *Poiarense* transcreveu o artigo do nosso presado camarada Almeida Junior, intitulado *Luxo e Miseria*.

Agradecemos a gentileza.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

LXXI

Por causa da caça — Determinações e decretos oficiais — Silva Barreto posto de lado

A semana passada ainda nós livrámos os leitores da maçada de nos lêr. O Manoel de Melo é que talvez estranhasse a falta das *Pinceladas*— tanto mais que até nos esquecemos de lhe escrever, justificando-a.

E' que no dia 1 foi a abertura da caça. E nós sômos um apaixonado amador deste género de desporto, embora não deixemos de dar rasão ás prédicas bondosas de Tolstoi e do sr. Luiz Leitão. Esperamos esta época com verdadeira anciedade. E, chegada ela, em quase todos os dias disponiveis nos lançamos por montes e vales, por charnecas e pelos campos, em cata da saborosa codornis ou da veloz perdis, perseguindo a lebre ágil ou o timido coelho.

Foi, pois, este o motivo da falta do meu ultimo artigo. Todos os dias da semana consumi no delicioso, conquanto talvez bárbaro, divertimento.

Nada se perdeu. Os acontecimentos profissionais têm ultimamente sido pouco interessantes. Apenas a publicação do decreto ácerca das escolas moveis para adultos tem produzido algum barulho nos arraiais da instrução. Nós cremos que elas darão bons resultados — tanto mais que consta que a sua fiscalisação vai ser entregue ao ilustre professor e pedagogista Silva Barreto, nosso querido amigo. Sabemos bem quanto valem o saber e a dedicação deste funcionario, para não termos duvida de que o ensino que as escolas moveis vão ministrar será proficuo.

Apareceu ainda qualquer determinação ministerial sobre o pagamento de ordenados aos professores. Visa a meter no bom caminho algumas camaras municipais que, pretextando peias da tutela, dêle começavam a desviar-se logo de principio. Em virtude dela, vimos até já um anuncio no nosso distinto confrade *Revista Pedagogica*, do qual se depreende que o municipio de Ponta Delgada vai pagar aos professores no principio do mez a que o ordenado diz respeito, como manda a lei. Bom seria que a todos os outros fosse eficazmente lembrada tal obrigação. As leis fazem-se para ser cumpridas.

Relativamente a promoções tambem saiu qualquer coisa na folha oficial. Ainda não tivemos ocasião de vêr bem de que se trata. Mas, atendendo a que o sr. dr. Sousa Junior tem mostrado um criterio muito apreciavel nas resoluções que tem tomado, confiamos que tal medida será favoravel ao professorado. Se sim, ou não, di-lo-êmos no proximo numero... se a caça nos permitir que para ele escrevâmos.

E, hoje, fiquemos por aqui.

Prof. Manoel José Antonio.

P. S. — Parece que se confirma a noticia da nomeação de um colega de Estremoz para o cargo de inspector das escolas moveis. Fica assim mais uma vez Silva Barreto de lado, não sabemos porquê. O que muito desejamos é que o feliz escolhido consiga tirar da medida governamental todo o proveito possivel.

M. J. A.

Ha escravatura em S. Tomé?

Ha quem diga que sim, ha quem diga que não: para muitos a questão é um scenario vistoso de interesses mutuos, para outros a questão participa daquele fogo sagrado que dignifica as campanhas morais.

Para mim resume-se nisto: o interesse dos chocolateiros inglezes em fomentar a *sua industria* á custa dum reclamo humanitario; e, por sua vez, o dos roceiros em normalisar *esse interesse* com a sua formal negativa a uma formula segura e conciliadora da mão de obra. Existe, porventura, a escravatura nas ilhas?

Conforme, direi eu. Se considerarmos a palavra na sua significação propria, ela não existe, de facto; mas, se tomarmos a palavra no sentido adequado de traduzir mais ou menos o facto concreto de erros ou abusos gravissimos, existe com todos os atributos. Daqui não ha que fugir; digam todos o que entenderem, façam ou não os chocolateiros a sua nefasta campanha duma moralidade duvidosa, multipliquem os roceiros essa campanha com os seus processos duma defeza viciada, que nada diz e nada prova de util, pois que toma por base a ária cantada dum bem estar ideal para o negro contratado, quando este bem estar é limitado ás *formulas* dos preceitos legais e ainda porque, para dár-se como certo e positivo, deveria consistir num céo lindissimo, na serie de confortos proprios dum clima africano e da actividade desenvolvida na região.

Muito naturalmente advogam os roceiros um regime de excéção para o trabalho nas ilhas com o proposito de opôr á audacia dos chocolateiros a audacia tão caraterística dos temperamentos meridionais.

E', como se vê, um duelo pessoal entre as duas potencias do oiro: estão em jogo licito ou ilicito de oligarquias dominantes na atmosfera do cacau, jogo que póde subir ou descer o valor do produto e por isso aniquilar ou engrandecer a obra de riqueza da agricultura nas ilhas.

Não tenho o menor interesse, porque não sou *milionario*, para intervir no *litigio legitimo* ou *ilegitimo* desses interesses em discussão; eles, que conhecem a escrita da casa e o ambiente do *comercio*, sabem valer-se dos proprios recursos para estabelecer a corrente de opinião favoravel que encontra éco valorisada nos centros coloniais e muito especialmente dentro do ministerio das colonias.

E' para lamentar este facto!

O negro contratado, o proletario em litigio eterno, nada recebe em tróca; mas as potencias arrulham atirando-se punhados de oiro á rua quando ele viveu, e vive ainda, sujeito ás oligarquias que o exploram á sombra de oiro que ele produziu!

Colocada a questão nestes termos, e liberto de quaisquer interesses, vou estudar com os elementos que possuo o problema da mão de obra.

Escusado será afirmar que não penso em dar uma opinião irrefutavel; a todos é lícito discutil-a, a todos é lícito emendal-a e, quando assim seja, aceitarei com o maior agrado essa emenda ou a discussão.

(*Continua*).

Jeronimo Paiva de Carvalho.

CARTA DE LISBOA

Atraves do Cine maravilhoso

A mala encantada.— Ha longos dias que dórme o sôno dos esquecidos a celebre mala que contém o presente de noivado oferecido a D. Manoel de Bragança por meia duzia de espiritos doentes. Ha longos dias que a já decantada mala tem por companhia os ratos enfadonhos, as centopeias asquerosas, nessa poeirenta arrecadação d'alfandega. Como indigitado remetente apresentou o sr. Robles, empregado da Legação Inglêsa que pretendeu passar a *prenda* aos direitos para bordo do transatlantico inglês.

Foi este *gentleman* intimado a comparecêr na alfandega afim de prestar declarações e até hoje ainda se não dignou aparecêr.

Calculem: se Manoel de Bragança resolvêsse fazer da mala a condecinha para mandar vir os meninos de Paris lá ficava o nobilissimo tronco de Bragança sem descendentes.

Escolas de repetição.— No passado domingo regressou a Lisboa o sr. ministro da guerra que foi assistir aos exercicios de escolas de repetição. Diz voltar muito bem impressionado com tudo.

Quére dizer: os *magalas* é que não acharam lá muito convidativo com a *cabra* ás costas.

Emfim... saude.

Greve textil.— Na séde da União Textil tem se realisado conferencias afim de sêr resolvido o que melhor convier.

Só nas cosinhas comunistas fôram, na passada segunda feira, distribuidas 970 rações pelos grevistas mais necessitados.

Pois que é a vida? Jantar. E morrer? E' ser jantado...

FOLHA ERRANLE:

Se as minhas penas voássem
Como vôa a codorniz,
Eu já teria chegado
A Londres. Berlim; París.

Nitrato.

Notas pessoais

Faleceu no dia 6, vitimado pela tuberculose, a menina Natividade Mendes, filha do sr. Joaquim Mendes da Cruz. A desventurada extinta, que contava 16 anos apenas, deixou profunda saudade por ser dotada de boas qualidades de coração. O seu funeral realisou-se no dia seguinte, vendo-se muitas pessoas das relações da casa da desditosa menina.

A' familia enlutada os nossos sentimentos.

— Esteve aqui o nosso amigo e assinante, snr. Antonio Trajoso Rocha, de S. Romão (Ceia).

— Realizaram o seu casamento civil, no dia 8, o snr. Antonio Mendes, dos Gordos, com Luísa do Espirito-Santo Catana, do Morteiro; e no dia 11, o snr. Serafim de Campos com Guilhermina de Jesus, de Arazede. Felicitamos os noivos, por compreenderem que tanto a igreja como as palavras untuosas do padre nada valem neste mundo.

— Estiveram aqui o snr. José Fonseca e sua esposa D. Joaquina Fonseca, da Figueira da Foz, que vieram paraninfar o casamento do snr. Serafim de Campos com a snr.ª Guilhermina de Jesus.

— Faleceu no dia 10, no hospital de Coimbra, a menina Maria Baía, filha mais velha do nosso assinante, snr. José Maria Veiga, da Andorinha, em virtude de ter sido vitima da mordedura dum insecto venenoso. Apesar dos socorros que imediatamente lhe foram prestados, a infeiiz menina não conseguiu salvar-se.

Aos pais inconsolaveis, os nossos pezames.

Secção Instrutiva

Horas d'Ocio

(*N.º 23*)

A preléção do Bátista

— Não desgostava que o snr. Bátista me esclarecesse sobre umas cousas que de ha muito ando para lhe perguntar, e que se referem a minerais.

— Pergunte e eu responderei, se souber.

— Ahi vai:

Os minerais podem determinar impressões diferentes no nosso sentido do gosto?

— Podem, certamente. Assim:
Fresco—o Salitre.
Caustico — a Sóda.
Amargo—o Sulfato de magnesia.
Salgado—o Sal marinho.
Picante—o Amoniaco.
Azedo—o Acido sulfurico.
Adstringente—o Alumen.
Hepatico—o Acido sulfidrico, etc., etc.

— E no sentido do táto?

— Tambem.
Macio como o Talco;
Untuoso como a Plombagina;
Aspero como os Pomes, etc.

— E no sentido do olfato?

— Tambem.
Sufocante como o Amoniaco e o Cloro.

— De que é formado o Quartzo?

— O hialino, é de silica pura e apresenta a fratura vitrea, transparente e inculor, e chamam-lhe cristal de rocha.

A agata, denomina se calcedonia quando é ligeiramente corada; sardonia, se é amarela com bandas alaranjadas; coralina, se é vermelha; salfirina, se é azul celeste; onix, se apresenta bandas de côr diversa.

O silex, tambem chamado pederneira, é um quartzo menos translucido do que a agata.

O jaspe é uma agata, ou silex que se tornou opáca, e que nalguns casos tem côres diversas.

A opala é um quartzo brilhante como as resinas.

— E o que é o feldespatho?

— E' um silicato duplo de alumina, com uma base alcalina, e tem um aspeto vitreo.

Na orthose, a base é a potassa;
Na Albite, a base é a soda;
Na trifana, a base é a lithia;
E na labradorite, a base é a cal.

— E o coral tambem é um mineral?

— Não é.

No Oceano Pacifico e nos mares das Indias, ha uns depositos tão grandes que chegam a formar ilhas, bancos e recifes. E' quasi sempre no topo das montanhas submarinas, que existem esses depositos de coral, formados pela aderencia de certos zoofitos, que para se desenvolverem, precisam que a agua seja clara, tranquila e pouco baixa.

— Não percebo bem! Se se formam nas montanhas submarinas, como é que constituem ilhas?

— E' facil de perceber. Essas montanhas estão em via de abaixamento, e assim morrendo legiões desses zoofitos, outros se lhe sobrepõem, formando assim as enormes massas; e, quando em via de elevação, aparecem fóra da superficie da agua, formando as ilhas.

— E a respeito de terrenos, como é formado o cambriano?

— E' formado de camadas alternadas, de grés schistoso e de calcareo; nêle se encontram fosseis vegetais e animais de organisação, a mais simples, como os polipos e os moluscos.

— E o siluriano?

— E' formado por schistos e calcareos, nele existiu pequeno numero de vegetais e grande numero de animais marinhos de dimensões e fórmas diferentes das que atualmente existem.

— E o devoniano?

— Consta de grés e schistos. Nele se encontra a antracite e a hulha.

— E o carbonifero?

— E' formado pelo grés sobre o calcareo, e nele se encontram possantes hulheiras.

— E o pormeeno?

— Tem por base o novo grés vermelho, sobreposto por calcareo magnesiano.

— Bem. Esta é uma palida ideia dos terrenos primarios e, emquanto aos outros, conversaremos noutro dia.

Figueira da Foz.

M. E.

O TEATRO

Num jornal da provincia onde em tempo colaborámos, diziamos nós a respeito de teatro:

Antigamente seria para louvar o pai que levasse os seus filhos a um teatro, porque ali iriam aprender alguma coisa de util nas peças educativas ou, pelo menos, iriam passar um momento de distracção; hoje, porém, sucede o contrario: vemo-nos na necessidade de encarar mal esse procedimento porque o teatro só serve para perverter o espirito da criança que ali vai aprender toda uma serie de imoralidades que ainda desconhecia...

Hoje mais do que nunca nos vêmos na necessidade de confirmar o que aí escrevemos. O teatro português atingiu o cumulo da decadencia.

As peças educativas, as peças literarias doutr'ora desapareceram do reportorio dos nossos teatros.

E para quê?

Para dar logar ás chamadas revistas do ano, comedias e operêtas escritas sem arte mas ao agrado do nosso povo inconsciente, desconhecedor do verdadeiro teatro.

A arte dramatica foi feita para dar ao drama a realidade da vida, cultivando a literatura e a arte; não deve, pois, proseguir no caminho errado que vem trilhando...

diziamos nós no citado artigo. E continuaremos a dizê-lo, a propaga-lo e a escrevê-lo enquanto o teatro em Portugal não fôr o que deve ser: um meio de educar as multidões no evangelho do Bem, dando á Arte o cunho da vida real, guindando o sentimento humano á altura que lhe compete.

J. Fontana da Silveira.

Poetas e Prosadôres

ANOMALIAS

Ao meu caro Almeida Junior.

Trabalha o pobre dia e noite, á bruta,
Para aquelles que a *Sorte divinisa*
Gôta a gôta o suor lhe crystalisa
Em *minerio*... que ao rico elle tributa.

Revolve a terra,—e a fome o martyrisa!
Cultiva a planta,—e não lhe come a fruta!
Inventa as artes,—e o ostracismo o enluta!
Fabrica a sêda,—e não possue camisa!

Elle é a força,—e julga-se fraqueza!
E' o poder,—e esmaga-o a avareza!
E' a alma do progresso,—alma jungida!

Emquanto os *outros*, os que nada fazem,
Como *defuntos* torpes, no ocio jazem...
Zangãos do mundo sem direito á vida.

18—julho—1913.

Edmundo Azevêdo.

TRATES IN NOMINE

Os homens são *irmãos*... Como eu me iludo!
Que engano!... A vida é uma sanha herdada:
—Uns teem milhões, e não produzem nada!
—Nada teem outros e produzem tudo!

Para todos, qual mãe, no ventre mudo,
O pão e o oiro cria a terra amada;
E quanta gente, pobre e malfadada,
Não morre á mingua n'um martyrio agudo!

A desgraça é a sombra da ventura,
Nunca a fortuna achou quem a procura,
Todo o mal vem d'um bem que se perdeu.

Feliz não é jámais quem o merece,
E nem sempre é feliz quem o parece...
Feliz... só é, talvez, quem não nasceu!

18—junho—1913.

Edmundo de Azevêdo.

EXCERTO

Num grão de trigo habita
Alma infinita.

Alma latente, incerta, obscura,
Mas que geme, que ri, que sonha, que murmura...

Quando a ceara é ceifada, acaso o grão
Terá dôr? Porque não?!

Um grão de trigo
Mil anos morto num jazigo,

Dêem-lhe terra e luz,
E ei-lo germina e cresce e floresce e produz.

Vêde lá, vêde lá
Quanto no eirado o trigo sofrerá!

Pelo malho batido num terreiro,
Um dia inteiro!

E um dia inteiro sem piedade,
Coitado! rodado pela grade.

Depois a tulha celular
A escuridão sem ar!

Depois, depois, oh negra sorte!
Entre rochedos triturado até á morte!

Oh pedras dos moinhos, mal sabeis
O que fazeis.

Quantos milhões de crimes por minuto,
Pedras do coração ferrenho e bruto

E as aguas da levada vão cantando,
Emquanto as pedras duras vão matando!

E a moleirinha alegre tambem canta,
E ri a agua, e ri o sol, e ri a planta!...

Enfarinhada, branca moleirinha,
E' pó de cemiterio essa farinha!...

Loiro trigo a expirar por nosso bem,
Sem um ai de ninguem!

Loiro trigo inocente,
Cuja morte horrorosa ninguem sente!

E é por isso que ao fim do teu martirio
E's côr de lua, és côr de neve, és côr de lirio...

Bendito sejas!

. . . . . .

(Da *Oração ao pão*, de Guerra Junqueiro)

NOTA TIPICA

Pugnando por um direito

Chegou ha dias a esta localidade um cavalheiro, vindo do Brazil, cujo nome não conseguimos saber, mas que, segundo é publico e notorio, vem a ser nada menos do que um filho putativo do padre Joaquim Maria Laranjeiro, que ainda é prior da freguezia de Arazêde.

O dito cavalheiro, cuja voz e fisionomia é bem a do bombastico padre, seu pai putativo, veio aqui, segundo nos informaram, afim de que o padre Laranjeiro o reconheça como seu filho legitimo. Parece que o tal cavalheiro, cujos ideais são bem diversos dos do padre, voltará aqui novamente para definir a sua atitude.

Dizem-nos que foi curioso o encontro do filho com o pai, que soube aparar pacientemente toda a sanha daquêle que agora lhe pede contas.

Havêmos de vêr.

ACABA DE SAÍR

O Meu Livro

Agricultura, Higiene, Moral, Educação civica, Governo domestico, Vulgarisação scientifica.

POR JOSÉ AGOSTINHO

1 vol. de 324 paginas, cheio de gravuras, br. 24 centavos e cart. 30 centavos.

E' um livro para as escolas e para o povo.

A' venda nas principais livrarias.

Companhia Partugueza, Editora — 119 R. do Almada, 123—PORTO.

Peso do Trigo

Só o trigo selecionado Rieti, União, alcançou este ano bom peso, resistindo á alforra

A tabela reguladora do preço dos trigos nacionaes em vigor é baseada no peso do trigo por cada hectolitro, de modo que quanto mais pesado fôr o cereal, melhor preço recebe o lavrador.

Este ano tem sido uma verdadeira calamidade, sendo o peso medio dos trigos de 70 a 73 kilogramas, e ainda estes são os melhores, á parte algumas excepções dos raros lavradores que até aqui davam preferencia na sementeira aos trigos selecionados. Ha quem tenha apressetado trigos com o peso ae 68 a 69 kilogramas por cada hectolitro e sabe se tambem que, em grande parte dos trigos d'este ano, além da miseria do peso, dá-se ainda a circumstancia da farinha ser má, ordinaria, de pessimas qualidades para a panificação.

E' este o quadro da situação cerealifera atual do paiz e mal irá para a lavoura nacional se não recorrer largamente á sementeira do trigo selecionado, pois é esse o unico caminho a seguir para se melhorar a economia agricola.

Assim, este ano, tivemos a demonstração, completa de que o trigo de *Rieti*, *União*, tem as mais altas qualidades para ser o restaurador da nossa produção cerealifera:

1.ª Resistencia á alforra.

2.ª Grande produção, antingindo, em média 20, 25 a 30 sementes.

3.ª Peso medio de 60 a 82 kilos por cada hectolitro.

4.ª Bela farinha e de otimas propriedades nutritivas.

5.ª A sua boa adaptação ás nossas terras cerealiferas.

E' pois o trigo *Rieti*, da *Unione Produttori Grano da Seme*, fornecido só pela casa O. Herold & C.ª o predestinado para levantar á agricultura cerealifera do abatimento em que se encontra. Era esse o trigo que o Mercado Central dos Produtos Agricolas tambem fornecia, como o unico trigo selecionado de absoluta confiança e garantia para a lavoura nacional.

Nalgumas regiões, onde se segue a má pratica agricola de *ceifar tarde*, ha quem sustente que o trigo descasula; a este respeito temos a esclarecer que todos os artigos sofrem na riqueza e peso do grão, uma vez que as ceifas se façam em adeantada maturação.

A boa pratica é *ceifar cedo*—em meia maturação, logo que a raiz da planta deixa de funcionar. Assim praticam já muitos lavradores no Alemtejo, com o mais belo resultado.

Noticias

Está marcado o dia 16 de novembro para a eleição dos deputados que faltam.

A Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta vai brevemente montar uma carreira d'automoveis entre a estação de Gouveia e Ceia, para o que acaba de construir uma garage naquela estação.

O *Diario do Governo* vai começar em 1 de janeiro próximo a publicar-se em formato mais manuseavel e sairá em tres séries, ao preço de 18 escudos por ano e 9 escudos e meio por semestre.

Em Lisboa organisou-se um Partido do Trabalho, destinado a velar pelas necessidádes do pôvo trabalhadôr.

Foi nomeado provedôr da Assistencia de Lisboa o sr. Luiz Filipe da Mata, membro do Díretorio do Partido Republicano Português.

Consta que será instalado ainda este mês o depósito penal e prisional da Figueira da Foz, assistindo á sua inauguração o sr. dr. Alvaro de Castro, ministro da justiça.

O comboio da Louzã, que chega a Coimbra ás 8,39, matou uma pobre mulher á passagem do nivel do Porto dos Bentos. Chamava se Maria Candida, de 47 anos de idade, e atravessava na ocasião a linha com um carrego de roupa.

Dois operarios, cujos nomes ignoramos, andando na 5ª feira, 11, a pintar na ponte do Crins, linha da Beira Alta, proximo a Santa Comba, desiquilibraram-se caindo ao rio. Supõe-se que um dos infelizes trabalhadores, vendo cair o companheiro, se assustou de tal maneira que ficou sem forças para continuar agarrado aos ferros da ponte

Principia ámanhã, no Porto, a venda de pão de milho á razão de 40 réis o kilo, feita pelas juntas de paróquia. O pão é manipulado na manutenção militar com o milho adquirido pela camara municipal.

Em virtude de terem sido massacrados alguns japonezes, de alguns oficiais da mesma nacionalidade terem sido terturados e dos insultos feitos á bandeira japoneza, durante os ultimos motins na China, o Japão reclamou o castigo dos culpados, desculpas oficiais e uma indemnisação, — devendo estas reclamações ser imediatamente satisfeitas, dispondo-se, em caso contrario, o governo japonez a tomar as medidas que o caso reclame.

NOVIDADE DE SOCIOLOGIA

CIVISMO E CATOLICISMO

Apareceu á venda o *Civismo e Catolicismo* de E. Julieu, professor da Universidade de Paris, e versão portugueza de Adriano de Matos. O indice do precioso livrinho é o seguinte:

Pode-se ser catolico e bom francez?

I—O racionalismo oficial no Estado e na Igreja.

II—O catolico, membro da Igreja e subdito do Papa, poderá reconhecer a soberania da Lei?

III—As ideias catolicas sobre a caridade neste mundo e sobre a justiça no outro, teem retardado o advento da justiça social?

Preço 100 réis

Livraria de Lopes & C.ª — 119, Rua do Almada, 123 — Porto.

MERCADOS

De Montemór-o-Velho

Feijão de mistura	(14,63 litros)		800
» frade	»	»	750
» môcho	»	»	1$100
» branco	»	»	1$050
» pateta	»	»	900
Trigo	»	»	730
Milho branco	»	»	600
» amarelo	»	»	560
Centeio	»	»	750
Aveia	»	»	420
Cevada	»	»	450
Favas	»	»	450
Ervilhas	»	»	680
Grão de bico	»	»	1$000
Chicharos	»	»	640
Batatas			400
Tremoços (20 litros)			640
Sal			140
Galinhas			500
Frangos			160
Patos			360
Ovos, o cento			1$700

De Formoselha

Milho branco	(14,163)		700
» amarello	»		660
Feijão branco miudo	»		900
» » graudo	»		960
» pateta	»		900
» frade	»		700
» mistura	»		700
» encarnado	»		900
Batatas, 15 quilos			420
Fava			600
Grão de bico			1$000
Galinhas de 400 a			500
Frangos de 160 a			280
Ovos, duzia			180

De Cantanhede

Milho branco	$66
» amarelo	$64
Trigo mouro	$90
» tremez	$75
» mourisco	$75
Centeio	$85
Cevada	$55
Aveia	$54
Aveão	$40
Arroz	2$00
Serradela	$60
Feijão mocho	1$25
» branco	1$25
» amarelo	1$25
» rajado	$85
» frade	$85
» carraço	1$10
» brazileiro	1$25
» canario	1$10
Ervilha	—90
Tremoço (20 litros)	$74
Grão de bico	1$00
Fava	—64
Chicharo	—38
Azeite	3$00
Vinho tinto (20 litros)	—80
» branco	1$00
Vinagre	$60
Aguardente	3$00
Geropiga	1$80
Batata	$26
Lã	3$40
Trevo	$08
Azevem	$14
Sal	$16

Valor da nova moeda

Um escudo ou avo de ouro (1$000 rs.) divide-se em 100 centavos:

1/4 centavo	equivale a	2 1/2 réis
1/2 centavo	»	5 »
1 centavo	»	10 »
2 centavos	»	20 »
5 centavos	»	50 »
10 centavos	»	100 »
20 centavos	»	200 »
50 centavos	»	500 »
1 escudo (100 centavos)	equivale a...	1$000 »
2 escudos (200 centavos)	equivale a...	2$000 »
5 escudos (500 centavos)	equivale a...	5$000 »

CORRESPONDENCIAS

Vila de Pereira, 12.

Ha quem diga que somoos o diabo... Já fixou residencia n'esta vila o snr. dr. Calixto Brandão, medico do partido.

Não temos a honra de conhecer s. ex.ª pessoalmente, mas parece-nos ser um cidadão modesto, completamente alheado da politica e, por isso, com todos os predicados necessarios para ser uma bela pessoa e, quando assim não fôsse, bastava o facto de fixar residencia na vila, para ser querido de todos e para que nós, que não somos bajuladores e nos prezamos de manter um caracter firme de independencia, felicitassemos o povo de Pereira.

Cumprimentamos s. ex.ª, fazendo os mais sinceros votos para que saiba impôr-se á frieza como foi recebido.

Na politica... Porque será?...

Dão-nos a lastimavel noticia de que um vulto democratico d'esta vila abandona a politica.

Isto é que são terras...

Um individuo que se diz juiz de *Paz* n'esta vila, foi encontrado ha dias caçando, sem que para isso tivesse tirado as respectivas licenças, e perguntando-lhe alguem porque as não tirava, respondeu que não precisava e que era parvo quem tal fizesse.

Vou vêr se sou nomeado juiz de *Paz* cá no burgo para meter no bolso o dinheiro das ditas licenças.

Ou eu tambem como!... Consta que o mesmo disse que com uma *Lébrezita* de vez em quando ao guarda rural lhe tapava a bôca. Eu estou como o *sapateiro de Braga*: não me calo sem ter parte na festa.

Tivemos o prazer de abraçar n'esta vila o snr. Vidal, socio da fabrica de Bolacha da Pampulha, de Lisboa.

Faleceu no dia 6 a snr.ª Maria Morena, antiga guarda do caminho de Ferro.

Azuil Paiva Carvalho.

Pampilhosa do Botão, 12

Encontra-se em Santa Comba-Dão, para onde partiu no passado domingo, a gentil menina Mabilia da Silva Santos, filha do nosso amigo Joaquim Martins dos Santos.

Encontra-se entre nós, de visita á ilustre professora de Pampilhosa, D. Maria do Ceu Ferreira da Fonseca, seu mano Amadeu Ferreira da Fonseca, distinto professor em Lavre, Montemór-o-Novo, acompanhado de sua ex.ma esposa.

Alguns lavradores começaram já as suas vindimas. Diz-se que a colheita deste ano é inferior á do ano passado.

C.

Publicações

Noções de estilo, por José Agostinho—Casa Figueirinhas, Porto. Preço br. 200 réis.—Como obra escolar, achamo-la muito util, pela sua simplicidade e clareza, e tambem pelos numerosos exemplos que a acompanham. E' um livro escrito com método e com probidade intelectual, com que os estudantes muito terão a lucrar.

O Poema do Lar

POR

JOSÉ AGOSTINHO

Acaba de sair, em 2.ª edição popular, este belo livro de versos do consagrado poeta do *Cristo*.

Preço 100 réis

Livraria Portuense de Lopes & C.ª. 119, Rua do Almada, 123 —Porto.

Á ultima hora sômos forçados a retirar vários artigos e noticias importantes.

ANUNCIOS

EDITAL

Armando Gerardo Pinto Monteiro de Carvalho, Presidente da Comissão Concelhia de Administração dos Bens das Egrejas no concelho de Montemór-o-Velho:

FAÇO saber que no dia vinte e um do corrente mez de setembro, se procederá em hasta publica na Administração deste concelho, pelas quatorze horas, ao arrendamento dos seguintes bens pertencentes ao «Passal de Montemór-o-Velho», sendo adjudicado o arrendamento a quem maior lanço oferecer:

Uma terra no Campo d'Ourique e sitio do Porto de Cães ou Salão;

Idem no Campo d'Ourique e sitio da Barroca da Sétela;

Idem no Campo d'Ourique e sitio do Batafal;

Uma costeira de terra no sitio de S. Pedro, limites de Alfarelos:

Uma arrotêa com oliveiras no sitio do Jogo da Bola, limites de Montemór-o-Velho;

Uma fazenda no sitio das Cubas, limites de Montemór;

Um quintal junto á Egreja de S. Martinho;

Um cerrado com oliveiras no sitio do Barrôco de Santo André;

Uma terra de semeadura denominada Passal de Baixo, no sitio das Hortas;

Uma terra denominada Passal de Cima proximo á Egreja de S. Martinho.

E bem assim a

Casa que foi residencia do páraco de Reveles, na freguezia de Reveles.

Qualquer esclarecimento deve ser pedido ao presidente.

Montemór-o-Velho, 6 de setembro de 1913.

O Presidente,

Armando Gerardo Pinto Monteiro de Carvalho.

Serviço da Republica

EDITAL

Armando Gerardo Pinto Monteiro de Carvalho, Presidente da Comissão Concelhia de Administração de Bens das Egrejas, no concelho de Montemór-o-Velho:

FAÇO saber que no dia vinte e um do corrente mez de setembro, se procederá, em hasta publica, na administração deste concelho, pelas trese horas, ao arrendamento do predio rustico chamado o PASSAL de Arazede, que por bem conhecido se não confronta, sendo adjudicado o arrendamento a quem maior lanço oferecer.

Qualquer esclarecimento deve ser pedido ao presidente da Comissão.

Montemór-o-Velho, 5 de setembro de 1913.

O Presidente,

Armando Gerardo Pinto Monteiro de Carvalho.

Revogação de procuração

Maria da Gloria Penas declara que a procuração que seu marido Cipriano Gomes Branco, hoje residente nos Estados Unidos do Brazil, passou ha seis anos, findos em abril ultimo, a Antonio Ferreira de Azambuja, da Carapinheira do Campo, concelho de Montemór-o-Velho, com o fim de lhe administrar os bens, fica revogada desta data em diante, em virtude de nova procuração passada pelo mesmo seu marido á declarante, em junho do ano corrente, declarando mais que ao dito Antonio Ferreira de Azambuja vai pedir contas da sua administração até á data da publicação do presente anuncio.

Tentugal, 9 de setembro de 1913.

Pela declarante,

Joaquim Jorge André.

Agua da Curia

Semelhante á de Contrexeville

Estimula a acção dos rins, que são os filtros do corpo humano.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSOES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston; S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Séde em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

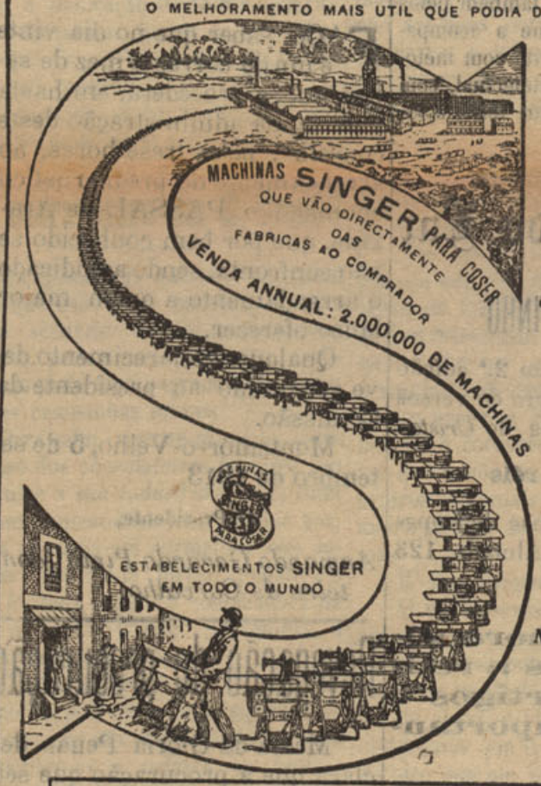
1$000
1$200
1$500

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.

O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.

Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

CASA HAVANESA

16 — Rua Ferreira Borges — 18

COIMBRA

Sortido completo em tabacos, papelaria e perfumarias. Molduras para quadros e galerias, o que ha de mais moderno. Artigos para desenho, pintura a oleo, aguarela, foto-miniatura e pirogravura.

BILHETES DE VISITA

Novidades para brindes, artigos de viagem e toilette etc.

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz** — Camarneira — Cantanhede.

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais, etc.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

MELO & MARTINS

Com armazem de adubos quimicos, sulfato de cobre, enxofre e cal para construções

Endereço postal e telegrafico:

PAMPILHOSA DO BOTÃO

São nossos representantes em Mortagua:

NA POVOA, o snr. José Paulo

NA ESTAÇÃO, o snr. José Tomaz.

MURALINE — Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 2.° Arazêde, 21 de Setembro de 1913 N.° 83

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os originais, quere sejam ou não publicados. Não se aceitam informações anónimas.

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

PORTUGAL E COLONIAS PORTUGUEZAS — Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trismestre, 30 centavos.
BRAZIL — Ano, 2 escudos, fortes.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

Biblioteca da Universidade Coimbra

Considerações politicas

Diz o snr. dr. Alfredo de Magalhães, no seu jornal *O Rebate* de ha dias:

«Por nossa parte, cértos de que a intervenção popular é indispensavel, iremos provocando-a...»

Disse isto o snr. dr. Alfredo de Magalhães, sem que a sua pena tremesse ao dizê-lo, com certêsa porque não pensou na latitude que o sentido das suas palavras podia tomar.

O snr. dr. Alfredo de Magalhães, é um homem com imensas responsabilidades no presente, porque é um antigo republicano, um combatente da velha guarda. Além disso, s. ex.ª ocupou já, na vigencia da Republica, um dos seus mais altos cargos burocraticos. Ora, parece-nos, por isso, que s. ex.ª devia medir melhor as suas palavras, ser mais comedido nos seus processos de combate, e não se deixar levar tanto pelos seus arrebatamentos, um tanto despeitados, talvez.

Os republicanos teem errado?

Teem, sim, e já não é a primeira vez que o temos dito, porque isso representa o nosso sentir.

A Republica que sonhámos antes de cinco de outubro, não é essa que para aí vemos, desordenada, ambiciosa, egoista.

Aquele triangulo infinitamente belo — Igualdade, Liberdade e Fraternidade, — em que os propagandistas republicanos escudavam os seus discursos e as suas conferencias, e pelo qual moldavam os seus artigos, encontra-se hoje bastante desvirtuado pelas mãos imperitas duns e pelas ambições nefastas doutros.

Nós crêmos até, que o mal de que enferma a Republica seja grande, mesmo muito grande. Mas isso não é rasão para os homens da Republica apelarem para o povo, com o fim dele ir debelar o mal que eles proprios fizeram. Além disso, o snr. Alfredo de Magalhães deve compreender muito bem, que, provocar o pevo nestas circunstancias, neste momento de excitação em que ele se encontra, é contraprodudente, é mesmo nocivo á vida da Republica.

Tira-lo do seu labor constante, da sua fabrica, da sua oficina, e arrastá-lo para uma luta encarniçada, feroz, que ele quasi não compreende e de que não tira proventos alguns, é altamente criminoso, e é, sobretudo, descouhecer as lições da historia.

Provocar o povo? Não.

Educa-lo, rodeá-lo de bons exemplos, formar-lhe o caráter para que ele tenha a consciencia dos seus deveres a cumprir, eis a grande tarefa, eis a maior das tarefas.

Não provoquemos o povo— orientemo-lo.

Nós hoje já não temos uma Republica a implantar. Temos apenas de purificar uma Republica implantada, limpá-la do escalracho que as mãos inabeis dos politicos deixaram medrar, o que faz uma enorme diferença. E para isso julgamos não ser preciso o esforço diréto do povo, julgamos desnecessarias as espingardas e os canhões.

Basta que haja, da parte dos politicos, menos ambição e menos vaidade, o que equivale a dizer muito bom senso e muito patriotismo.

Guilherme Ferreira da Silva

NOTAS

Um padre assassino

E' o que eles são, na sua maioria: assassinos do corpo e da alma. Ora leiam:

> A polieia prendeu o padre Hans Schmidt, coadjutor da igreja catolica de Saint-Josef, acusado do assassino da creada do presbitero, cujo corpo cortou em pedaços e deitou ao rio Hudsón. Foi averiguado que o acusado havia, em fevereiro ultimo, celebrado, ele proprio, o seu casamento com a vitima. Quando a mulher se achava em estado avançado de gravidez, Schmidt matou-a, retalhando-lhe o corpo com o qual fez embrulhos para atirar ao rio Hudson. Schmidt, ao ser preso, tentou suicidar-se, depois confessou o crime.

E ainda ha ingenuos que se vão ajoelhar aos pés de tal gente! Eles, os seraficos, os representantes de Cristo, que ainda são mais criminosos do que muitos profanos.

Vergonhoso

Perguntam-nos a razão porque a Camara de Montemor o Velho ainda não pagou aos professores o mez de agosto ultimo.

A culpa não será da Camara de Montemor, parece-nos, nem é só neste concelho que se dá tal irregularidade. A culpa atribuimo-la nós á Contabilidade Publica, que não prepara as suas contas á horas. O ministro da instrução dá ordens terminantes para tudo correr sem anomalias, mas crêmos que nem o ministro é atendido...

No concelho de Montemor o Velho devem aos professores o 3.º e o 4.º trismestre de expedimente de 1912-1913, o 1.º de 1913-1914, e o 1.º semestre de renda de casa de 1912-1913. E como este, outros quadros vergonhosos se encontram por esses concelhos além.

Parece-nos, comtudo, que o ordenado do mez de agosto já está ou vai estar em pagamento. Mas quando acabará esta vergonha? Antigamente recebiam os professores o seu ordenado no principio do mez, hoje recebem-no a 20 e mais de cada mez. Vergonhoso.

E' isto!

A proposito dum éco do *Mundo* sob o titulo *Falta de lógica*, alonga-se o snr. Juvenal de Carvalho, de Pereira, na demonstração do que é lógica, dirigindo-se no seu arrazoado, inserto no *Rebate*, ao snr. França Borges, que ameaçou as comissões partidarias por resolverem votar em lista branca ou neutra nas proximas eleições.

Depois de varios considerandos, conclue o snr. Juvenal a sua hermeneutica muito judiciosamente deste modo: «Falta de lógica, snr. França Borges, é *o eu ter sido sempre republicano, o ter criado odios e malquerenças, o ter perdido amigos, para agora, na vigencia da Republica, os antigos monarquicos, hoje mais republicaaos do que eu, satisfazerem o seu odio com a complacencia dos que no tempo da oposição me abraçavam afectuosamente*».

Sim, falta de logica é isto: E' os monarquicos, na vigencia da Republica, continuarem dominando em todos os burgos, em detrimento dos direitos e dos principios de bons republicanos que tem tido a veleidade de sanear o meio em que vivem, sem o apoio dos que hoje se vem nas culminancias do poder e que muito poderiam fazer, se quizessem. Falta de lógica é isto e só isto.

Horas d'insónia

Eu encontrei ha dias, bras de sous bras de sus, *caminhando tranquilamente, dois dos maiores lutadores do ideal emancipador.*

Julgava que a politica, que tanto tem pervertido as almas, os afastara pessoalmente. Mas não. Antonio José de Almoida e Guerra Junqueiro caminhavam de braço dado como dois grandes amigos que são. Não sei que agradavel impressão de saudade invadiu o meu espirito ao vel-os, assim tão amigavelmente confraternisar. Com efeito aquele seu grande exemplo de isenção e solidariedade pessoal alguma coisa de amoravel ensinamento me trouxe. Sempre sonhei a união dos homens, á parte o seu credo politico ou doutrinario, porque o amor mutuo na humanidade foi e ha de ser sempre o melhor factor da evolução e do progresso.

O seu aspecto de homens desiludidos trouxe-me, ao ve-los olhar bondosamente a mocidade que os rodeava, uma impressão de dolorosa saudade. Relembrei o passado daquelas duas extraordinarias cerebrações, e fiz o confronto entre o muito que têm produzido em prol da geração que desponta e a ingratidão que quer amesquinha-los; olhei para a obra de um e de outro, e senti que a corrução é cada vez mais palpavel e doentia, mais nociva e mais enlameada.

Podem politicamente não se entender. Isso que tem? Se o ideal, o amor da patria é neles da mesma maneira sacro, alevantado, nobre e impoluto; se em ambos vive o mesmo afêto pela humanidade que sofre: eu não encontro razão evidente para que se não deem as mãos num mesmo amplecso de comunhão de ideias e sentimentos.

Se todos assim fizessemos, se a ambição desmedida deixasse de ser o cancro destruidor do supremo ideal que nos inspira e guia, as coisas deixariam, consequentemente, de ser tão nocivas aos povos que trabalham e que lutam tenazmente pela sua independencia e pelo engrandecimento do ideal que defendem.

E assim, unidos e amigos, como vimos Antonio José e Guerra Junqueiro, é que nós queriamos ver os nossos politicos militantes. Amor pessoal, em vez de odio pessoal e odio politico, que é o que tudo derrue e contamina.

ALMEIDA JUNIOR.

O Congresso do Livre-Pensamento

E' um passo agigantado nas reivindicações da Humanidade o congresso que nos principios do proximo mez se vai inaugurar na capital, com a assistencia das maiores sumidades do Livre-Pensamento de todo o mundo culto.

A Magalhães Lima, o homem eminente que sabe encarnar os altos principios da democracia, se deve em grande parte esse torneio scientifico que se vai desenrolar em breves dias, e em que se hão de estudar, com admiravel proficiencia e superior erudição, os problemas mais humanos, mais intensos e mais nobilitantes de que é capaz a alma viril de gloriosos pensadores.

Não é um combate de ideias abstrusas ou de opiniões sistematicas o que dentro em pouco se vai travar em Lisboa; e, por muito que o julguem, tambem não será um movimento de ataques ao clericalismo ou á religião, apesar da necessidade inadiavel de extinguir estes dois agentes da nossa decadencia social. Será quando muito um movimento de ordem e disciplina nos espiritos, de que ha de resultar um trabalho ingente, másculo e fertilisante em prol da Verdade que ha de iluminar o Mundo.

E' este o pensamento do ilustre democrata dr. Magalhães Lima, e com ele hão de estar por certo os livre-pensadores de toda a Europa civilisada.

E' preciso orientar o espirito publico com firmeza e prudencia de maneira a integra-lo no caminho da libertação, alheando-o quanto possivel de crenças que o tresvariam, que o contaminam e o pervertem, e mostrando-lhe quanto a Ideia que guia os livre-pensadores é muito superior á que sugestiona essa multidão de espiritos fanatisados por dogmas absurdos e por velhas religiões.

O Livre-Pensamento a ninguem impõe a sua crença; demonstra apenas a sua superioridade e a pureza do seu Ideal. O alvo que visiona na sua senda de luz é a solidariedade e a harmonia entre todos os homens. Não é uma arma de ataque; é um instrumento de confraternisação e toleraucia entre todos os que, com devoção e pureza de intenções, seguirem a estrada da Verdade que no nosso paiz vai desdobrar-se de novo com o proximo congresso.

A Igreja fez sua epoca. Teve os seus pontifices e os seus sequazes, teve a sua acção e o seu predominio. Abalada nos seus alicerces mais fundamentais, ela vai perdendo terreno em todos os paizes, á medida que o progresso da luz nêles se vai infiltrando. Os paizes da Europa meridional vão-se emancipando das trévas, combatendo o fanatismo e a intolerancia da Igreja; os da Europa central e setentrional, mênos purificados na estrutura dos seus costumes, vão todavia lançando o passo firme a caminho da Ideia que vincula todos os livre-pensadores.

E' por isso que o Congresso Internacional do Livre-Pensamento que dos dias 4 a 8 do proximo mez de outubro se vai realisar em Lisboa ha de marcar uma *etape* gloriosa na historia da Humanidade, que mais vivida se afirmará no pensamento mundial, por vêr desentenebrecerem-se de momento para momento os quadros de ignominia e de escravidão que ainda a maculam nas suas paginas de luz e sangue.

Terá uma virtude o congresso de Lisboa: é a de não ser politico. Um merecimento o abrilhantará: é que ao lado dos melhores pensadores de todo o mundo figura o espirito forte e disciplinado de Magalhães Lima que, com o seu fino tacto de scientista e de diplomata, saberá orientar, a favor do nosso ambiente moral, as questões transcendentais que se hão de debater.

Desde já profetisamos a maior soma de beneficios de toda a ordem para Portugal que, tendo quebrado o ultimo elo que o ligava á igreja de Roma — a supressão da legação junto do Vaticano — ha de saber conquistar a posse de toda a sua independencia, tanto moral como intelectual, dignificando-se ainda, em mais ou menos tempo, pelo triunfo supremo da Ideia que a todos ha de abraçar como a mais radiosa e mais tonificante aspiração humana.

Tal será a obra do Congresso.

Crónica de marcha

Alcoentre, 16

Por entre himalaias de pó e catadupas de suór chegamos a esta pitoresca localidade por entre o sorriso beatifico dos honestos camponêses.

Oh! a gente do campo! Que santidade nos cabelos já brancos dos velhinhos trabalhadores a quem setenta anos de ardua labuta quasi canonisou! Que magestade no ar bondoso das mães que num carinho sem limites apertam aos seios os filhinhos queridos, os homens damanhã! Que de suavidade nos labios rosados das robustas moçoilas que, numa miriade de sofregos beijos, não seriam bastantes para nos trazerem saciedade!

Oh! a gente do campo!

Que pena terem-me talhado para formigar nos labirintos estontiadores duma cidade! Como eu daria um lavrador perfeito e como me sentiria rico, muito rico, em possuir uma junta de bois pachorrentos e sofredores! Usaria uma calça de saragoça, uma carapuça côr da noite e em vez duma bengala empunharia uma aguilhada de dois metros de castanheiro ou lódo...

Entretanto a tropa vai marchando, marchando por entre himalaias de poeira e catadupas de suór.

Os honestos camponios recebem-nos com vivas e foguetes. Emfim, do mal o menos: podia ser pior.

Efetua-se o bivaque e muito á pressa confeciona-se o rancho que sendo jantar toma as mais das vezes graduação de almoço.

Vai partir a mala posta. Não masso mais os leitores.

Até á vista se eu não morrer entre os horrores da marcha.

Gomes Monteiro.

FESTA ESCOLAR

Em Brasfemes, laboriosa freguezia do concelho de Coimbra, constituiram-se em comissão, a fim de angariarem donativos para custearem as despezas a fazer com a projétada

festa escolar, que no dia 26 de outubro ali se deverá realisar, os seguintes individuos daquela localidade:

D. Maria da Conceição Quadros, D. Adelina Abranches, D. Sofia Ramos, D. Adelaide Ramos, D. Maria Branca da Cruz, D. Candida Moura Machado, José da Costa Figueiredo, Antonio Augusto Marques Quadros, Manoel Maria Marques Quadros, Augusto Marques Quadros, Francisco da Silva Pinho, Adriano Fernandes Batista, José da Costa, Francisco S. Santos Cordeiro, Baltazar S. Santos Cordeiro, Joaquim Carlos da Cunha e D. Maria da Conceição Soares Cordeiro, presidente da respétiva comissão.

São sempre bem louvaveis e dignas de ilogio iniciativas desta naturéza, que sô concorrem para nobilitar quem as promove.

Ha escravatura em S. Tomé?

(CONTINUAÇÃO)

Sacrificado como fui sempre pelo espirito dos roceiros que não pódem vêr com paciencia que um portuguez se permita a audacia de criticar o que não encontrou normalisado de harmonia com os principios da sua consciencia ou da sua rasão, caluniados por eles que pensam assim em reduzir a cinzas quem ama acima de tudo a verdade e não se sujeita ao oiro das oligarquias do cacau, é justo que diga da minha justiça.

A Republica já entrou num periodo de resgaste de negro contratado, mas è necessario que essa melhoria não seja um produto da campanha dos chocolateiros, mas sim a satisfação das aspirações do povo republicano que deseja colocar o negro contratádo dentro da sua liberdade.

A critica dos inglezes é duvidosa; discutem o que dizem passar-se num paiz estranho, mas permitem nas suas colonias um estado peor para os seus negros contratádos. Esta moralidade restrita não póde servir a ninguem; deve-se, antes, olhar para as reclamações do povo.

E os negros contratádos não formarão uma legião formidavel do povo?

Eis a questão. Modos de vêr... Seja muito embora defeituoso aquilo que eu penso, no que me repugna acreditar, ha muita gente com opinião igual á minha e roceiros que levam a sua honradez ao apuro de não concordarem com a ganancia dos seus ambiciosos colegas.

E' possivel que pretendam ver nesta exposição de ideias a minha dependencia do governo atual como já houve quem visse a *minha venda* aos chocolateiros inglezes!

Tudo é possivel neste mundo...

Quando os roceiros pretendem valorisar o seu *riquissimo comercio* com a nota de que eu sou um burlista ou um ladrão — o que póde a imaginação dos farçantes! — tudo é licito esperar de tais caratéres.

O contrario é que seria para estranhar.

Muita gente dirá com os seus botões: então por S. Tomé e pelo Principe transitaram dezenas de homens, com responsabilidades oficiais, e só um veio para a luz do dia descobrir o que lá viu? Sô um teve essa audacia?

Não será isto um *truc* ou uma mentira?

Ha de vêr-se o *truc* e sentir-se a verdade.

Rôma e Pavia...

Mas a natural explicação do caso funda-se em duas coisas: a perseguição acintosa e infame dos roceiros para que a minha voz não diga o que sabe e um *crime*, este é verdadeiro, por mim cometido na melhor boa fé e que tem sido o maior remorso de toda a minha vida.

Oiçam a historia veridica do *crime*.

A fome, que em 1903 assolou a provincia de Cabo Verde, obrigou a maior parte da sua população a imigrar para S. Tomé e Principe. Era um exodo de famintos que metiam horror. Só para o Principe foram durante 1903 e 1904 perto de mil e quatrocentos cabo-verdeanos contratados por 3 anos.

(*Continua*).

Jeronimo Paiva de Carvalho.

Reclamações

Novamente vieram á nossa redação os snrs. Antonio Tabanês e Manoel Pardal reclamar contra a permanencia do lagar no sitio dos Fornos que está prejudicando a agua da fonte que ali ha tempo foi instalada.

Pedimos de novo a intervenção do snr. administrador do concelho para este caso urgente, esperando que s. ex.ª lhe dê imediata solução para bem de todos os que se interessam pelo progresso dos povos.

—— Pedem-nos que alvitrêmos á Companhia da Beira Alta a criação dum comboio de mercadorias, funcionando em dias alternados no percurso da Figueira a Vilar Formoso, afim de poupar aos passageiros que transitam nos comboios ordinarios muitas demoras e transtornos que ás vêses lhes acarretam grandes despêsas.

Tambem seria conveniente que a mesma Companhia estabelecesse bilhetes de ida e volta de Arazêde á Pampilhosa, do mesmo modo que estabeleceu de Arazêde á Figueira, para comodidade e garantia dos passageiros que circulam entre aquelas estações e que assim fariam menos despêsa.

Ferro-viarios de Portugal

Uniões, Sindicatos & C.ª

Muita gente se surpreenderá ao ver que o *sol* reaparece nesta secção, e com o mesmo titulo com que começou a publicar os seus artigos. Pelo facto de o *sol* estar encoberto, não significa que ele haja desaparecido para nunca mais voltar.

Não; ele tem estado na espectativa; ele tem deixado a liberdade de ação aos *dirigentes e defensores* das colectividades; calado, é certo, mas sem deixar de tomar as notas necessarias para um ataque leal e sincero, logo que as circunstancias o exigissem. Esgotou-se, porém, a paciencia, e eis que o *sol* reaparece para, com os seus raios, fulminar a calunia e a intriga que tão enraizada parece estar na classe ferro-viaria. Com efeito só se trata de lançar a discordia e a guerra entre dirigentes e dirigidos. Maus processos de combate. Este grande erro, parece um mal contagioso, pois, vae passando de companhia para companhia, ou, melhor, de ferro-viario para ferro-viario, nas diversas companhias. Os tristes e maus processos de combate que de ha muito se vem adotando no pessoal da Companhia Portugueza, parece que encontraram agora éco num funcionario da Companhia da Beira-Alta que, não sei em que se baseando, vem tambem com ataques, aos superiores, ataques desvairados que servem infelizmente para lançar a chama da desunião entre estes e os seus subordinados.

São acusações que morrem antes de vir á publicidade, e só desacreditam quem as escreve, podendo mesmo trazer consequencias desagradaveis para aqueles que são completamente estranhos a taes acusações. Eu tenho acompanhado as reclamações do pessoal da Beira, a quem me liga uma profunda admiração e tendo as encontrado tão justas, esperava, com franqueza, que elas fossem atendidas, quando não todas, pelo menos uma grande parte. Lamento ter que dizer que um camarada faz mal quando traz a publico acusações que não pode provar, e faz apreciações para que não tem absoluta competencia.

Talvez que o articulista do *Ferroviario* prestasse um grande serviço á companhia e a ele proprio, se expuzesse, duma maneira concreta, em que é que falta a competencia ao *tal* engenheiro V., e simultaneamente apresentasse projectos e formulas para serem confrontadas com as do *tal* engenheiro.

Não acham que seria uma grande vitoria para uma colectividade, a substituição dos projectos e formulas, apresentadas por um engenheiro, pelas apresentadas por um humilde e despretencioso funcionario? Eu assim o entendo. Na companhia da Beira Alta, ha apenas dois engenheiros no serviço da exploração, por cujos nomes eu tenho conhecimento de que são competentissimos para desempenharem as funções do cargo em que estão investidos, e para justificar estas palavras, basta simplesmente passar a vista pela larga folha de importantes serviços que, tanto um como outro, teem desempenhado junto das emprezas ferro-viarias.

Eu aplaudo o ataque quando tenho a certeza que não ha argumentos capazes de o destruirem. E só assim combatendo, o operariado se poderá levantar do charco em que até agora tem permanecido.

Os combates injustificados sob o ponto de vista colétivo, que dia a dia se adotam em todos os orgãos ferroviarios, ha de, por cérto, ser a causa duma guerra aberta entre uma classe tão laboriosa como trabalhadora e cujas consequencias só ela apalpará.

E é para isso demonstrar, que reaparece o

Sol.

Notas pessoais

Faleceu ha dias em Pampilhosa uma filhinha do nosso amigo sr. Augusto Felicio, empregado da Beira Alta. A desditosa criança chmava-se Mabilia.

Sentindo o infausto acontecimento, apresentamos os nossos sentidos pezames.

== Tem estado em Figueira em vigiliatura o nosso presado amigo e distinto advogado na capital, sr. dr. José Eugenio Dias Ferreira.

== No domingo passado foi colhido, na linha da Beira, proximo da estação da Pampilhosa, um rapaz de nome Ferreira, do Travasso, que, segundo afirmam, ia embriagado e teve morte instantanea. Era irmão do ex-empregado do caminho de ferro, Joaquim Ferreira, que ha tempo sucumbiu aos estragos da tuberculose.

Sentimos.

== Partiram daqui no dia 15 para Santos (Brazil) os srs. Antonio Fidalgo Junior, dos Gordos, e José Barreto, do Zambujeiro.

== Para Lisboa partiu tambem o nosso assinante José Ferreira Jacinto, dos Gordos.

Educação infantil

A Escola é a mãe do progresso. Nela pudemos adquirir trez grandes beneficios: a instrução, a paz do espirito e a pureza do caracter, e tanto mais o adquirirêmos quanto melhor o educador souber cumprir com a missão a que se impoz.

A Escola não deve ter apenas por fim «ensinar a lêr». Deve abranger a sua acção educativa desde o inicio da juventude até á idade em que se começa tendo a percepção nitida dos factos. A melhor Escola é aquela onde encontramos um professor carinhoso e uma camaradagem dedicada.

Infelizmente, porém, a preversão dos homens tem fornecido á criança uma orientação imoral que se vae reflectir logo nos primeiros alvôres da infantilidade. Isto faz com que a criança ao entrar na Escola esteja já eivada pelos maus costumes que logo se reflectem nos seus companheiros. Eu tenho ouvido com pesar a confissão de varios educadores atestando que é na Escola onde a criança aprende muitas vezes os costumes maus e a errada orientação moral que segue a maioria dos homens actuais.

E' isto infelizmente uma verdade, e para terminar com tal desgraça bastaria que a Escola fosse um poderoso guia que nos não abandonasse desde os alvores da infancia até á idade de 14 ou 15 anos. Por outras palavras: a Escola deve ser um asilo carinhoso e protétor onde bebemos os conhecimentos necessarios para conquistar a felicidade individual que se resume no socego espiritual, no abandono dos vicios e na batalha continua pelo bem-estar dos nossos irmãos.

J. Fontana da Silveira.

Bocados soltos

Data memoravel

E' no proximo dia 5, que se realisam festas em Lisboa, para festejar o 3.º aniversario da implantação da Republica.

Tudo quanto se possa fazer, será pouco, para comemorar esse grandioso dia, que tem o mais alto significado na historia da civilisação e do progresso.

Não encontro palavras, meus amigos com que vos possa dar uma pequena ideia do procedimento nobre e heroico do povo, desse povo de pé descalço, que soube honrar mais uma vez as velhas tradições deste canto portuguez, num esforço heroico mas ordeiro.

Parece-me ainda hoje estar ouvindo dentro do glorioso *16* o tiroteio das balas e o troar do canhão como que anunciando o despertar dum Povo, o resurgimento duma Patria; jámais do meu espírito se poderão apagar todas essas mil manifestações com que o povo portuguez aureolou a data memoravel de 5 de outubro de 1910.

Implantou-se a Republica, e foi esta sem duvida a *étape* alcançada na estrada risonha do progresso, mas é preciso agora não adormecer á sombra dos louros da vitória, mas sim, redobrar a nossa átividade, o nosso esforço, para ámanhã alcançarmos pela voz forte da Razão e da Justiça, o que ontem pediamos pela boca do canhão.

Ponhamos de parte toda essa politica mesquinha e réles, que agita os falsos patriotas, e reunidos conjuguemos nossos esforços para uma luta nobre e ideal, em prol deste cantinho, que mandou as primeiras caravélas, a sulcar *mares nunca dantes navegados*.

J. N. Larcher.

ACABA DE SAÍR

O Meu Livro

Agricultura, Higiene, Moral, Educação civica, Governo domestico, Vulgarisação scientifica.

POR JOSÉ AGOSTINHO

1 vol. de 324 paginas, cheio de gravuras, br. 24 centavos e cart. 30 centavos.

E' um livro para as escolas e para o povo.

A' venda nas principais livrarias.

Companhia Portugueza, Editora — 119, R. do Almada, 123—PORTO.

Instrução primária

O *Diario do Governo* publicou ha dias o seguinte decreto, regulando o processo de aposentação dos professores primários:

Art. 1.º Os professores que pretenderem a aposentação devem entregar os seus requerimentos na camara municipal respectiva, instruindo-os com os seguintes documentos:

a) Certidão de idade;

b) Certidão comprovativa da efectividade do seu serviço, passada pela repartição onde existirem archivadas as folhas de vencimentos desses professores;

c) Documento comprovativo de terem contribuido com a quota legal para a caixa de aposentações;

d) Atestado medico passado nos termos do art. 4.º do decreto n.º 1, de 17 de julho de 1886, quando se trate de aposentação extraordinaria;

e) Documento comprovativo da qualidade do serviço do professor quando se trate da concessão do terço do seu ordenado.

Art. 2.º A camara municipal, examinando o processo, envia-lo-ha ao respectivo circulo, acompanhado de proposta sobre a oportunidade da aposentação.

Art. 3.º O inspector do circulo, verificada a regularidade do processo, envia-lo-ha com a sua informação ao inspector da circunscrição, que por sua vez o enviará ao ministerio de instrução publica, acompanhado do mapa da liquidação do tempo de serviço do professor.

Art. 4.º O processo de aposentação decretado pelo governo será organisado nos termos do art. 1.º pelo inspector do circulo, que solicitará das estações competentes os necessarios documentos.

§ unico. O professor será inspecionado na conformidade do artigo 10.º e seus paragrafos do decreto n.º 1 de 17 de julho de 1886, e ouvido por escrito sobre se se conforma ou não com a aposentação.

Art. 5.º O professor que tendo sido inspecionado nos termos do artigo antecedente, tiver sido julgado absoluto e permanentemente incapaz para o serviço, póde ser desde logo colocado na inactividade pela respectiva camara municipal, com o vencimento de categoria que servir de base para o calculo da sua pensão de aposentação até que esta seja decretada ou fixada a mesma pensão de conformidade com os artigos 4.º e 5.º da lei de 14 de junho ultimo e artigo 12.º da lei orçamental do ministerio das finanças, de 30 do mesmo mez.

Art. 6.º O processo de aposentação decretada *ex-oficio* será mandado organizar pelo governo directamente ou por solicitação da camara municipal respectiva, devendo no primeiro caso o inspector do circulo, concluida pela sua parte a organisação do processo, ouvir sobre a aposentação a camara municipal, depois de que enviará o processo ao inspector da circunscrição.

Art. 7.º Os professores que atingirem o limite de idade estabelecida no artigo 1.º do decreto com força de lei de 21 de janeiro de 1911, deverão requerer a sua aposentação dentro do praso de sessenta dias, a contar da data em que tenham completado setenta anos de idade.

A falta de cumprimento da obrigação contida neste artigo será considerada como desobediencia.

Art. 8.º Os professores das cidades de Lisboa e Porto, em exercicio, começam a contribuir desde já para a caixa de aposentações com a cota de 3 por cento em relação ao subsidio de residencia.

Art. 9.º Os professores das cidades de Lisboa e Porto, a quem nos termos do artigo 96.º do decreto com força de lei de 29 de março de 1911, fôr concedido o acrescimo da pensão correspondente ao subsidio de residencia, contribuirão para a caixa de aposentações com a cota de 5 por cento até integral pagamento das quantias devidas á mesma caixa, como no citado artigo se preceitua.

§ unico. Esse acrescimo de pensão só será pago aos referidos professores emquanto residirem nas mesmas cidades.

O Poema do Lar

POR

JOSÉ AGOSTINHO

Acaba de sair, em 2.ª edição popular, este belo livro de versos do consagrado poeta do *Cristo*.

Preço 100 réis

Livraria Portuense de Lopes & C.ª. 119, Rua do Almada, 123 —Porto.

Poetas e Prosadôres

Os que sofrem

(A ÉLA)

De quando em quando, a amêna brisa, nas suas azas vivificantes e acariciadoras, arrastava na sua passagem surdos gemidos, brandos estertores, que me feriam levemente os ouvidos. Sêres que agonisavam.

Era o tapete verdejante dos pitorescos campos, que os teus gracis pésinhos tantas vêses pisaram, que secáva, mirrando-se com a fecunda terra, estiolado pelo sol ardente, porque lhe faltou o perfume orvalhado do teu halito.

Eram as loiras espigas, loiras como tu, que amadureceram á luz refulgente dos teus olhos e que, como veneração, se curvavam na tua passagem impelidas pelo vento, que agora lhe espalha os resequidos fragmentos.

Eram as fontes, que, soluçantes, choravam a perda da frescura dos teus róseos labios, que tantas vezes beijaram.

Eram ainda as débeis florinhas dos prados, que os teus sorrisos des abrocharam, dando-lhe a côr escarláte dos teus labios, que murcháram, porque lhes faltou a luz vivificante dos teus olhos e não mais tivéram luz.

Mas, perto, muito perto de mim, eu ouço distintamente gemidos abafados, dolorosas lamentações dum ente que sofre!

Oh! Deixa-o embriagar na luz vivida e scintilante dos teus olhos, deixa-o colher em doce extase um candido sorriso dos teus labios e, depois, depois... dá-lhe a morte ainda que atrós e cruciante!

Lisboa, 10-9-1913.

F. B. Cardoso.

Valor da nova moeda

Um escudo ou avo de ouro (1$000 rs.) divide-se em 100 centavos:

1/4 centavo equivale a	2 1/2 réis
1/2 centavo »	5 »
1 centavo »	10 »
2 centavos »	20 »
5 centavos »	50 »
10 centavos »	100 »
20 centavos »	200 »
50 centavos »	500 »
1 escudo (100 centavos) equivale a...	1$000 »
2 escudos (200 centavos) equivale a...	2$000 »
5 escudos (500 centavos) equivale a...	5$000 »

Os meus pensamentos

Livre Pensamento quererá dizer abandono absoluto de todos os centros de gravitação dogmatica. Mas nunca poderá dizer-se livre pensador aquele que, brutalisado pelo rancor, desceu até fazer do Odio um dogma de nova especie.

Quando uma coisa, seja ela qual fôr, tenha de ser combatida, deve sê-lo com processos dignos e cheios de correcção.

... Não é pondo o nome de Cristo a cães, ou urinando-lhe a imagem, que se guerreiam aqueles que da historia de Cristo fizeram um dogma e da sua memoria uma taboleta de negocio.

E' indigno de vivos tratar assim os mortos!

Devo estas palavras tardias ao muito que preso o Livre Pensamento, cujo prestigio, com a correspondente nobreza, desejo vêr sempre de pé.

Leopoldo Torres Fernandes.

Trabalhos da ocasião

Como é tempo e mais que tempo, não posso deixar de falar no assunto.

Agora é que os agricultores não pódem perder um só instante, porque o tempo é dinheiro, devido á grande faina das vindimas, que a chuva veio prejudicar. No entanto não deixa de ser util aos terrenos que dela necessitavam para se fazer a plantação da couve e outros vegetais.

E para não perder a ocasião, temos o grande auxilio dos bons adubos compostos que facilitam estes trabalhos e dão otimo resultado. Por isso nada ha que descuidar em os adquirir.

E' trabalho de ocasião!!

Pampilhosa, 17—9—913.

J. M. C.

Noticias

E' permitida a inscrição de professores de ensino livre até 31 de dezembro do corrente ano em qualquer das tres secretarias das circunscrições escolares, devendo para este fim comprovar que exerciam o magisterio primario á data da publicação do decreto de 29 de março de 1911 e que nesta data tinham, pelo menos, 19 anos de idade completos.

No dia 30 deste mês termina o praso para a entrega de requerimentos para exames de admissão e frequencia do 1.º ano do curso das escolas normaes. O praso para a entrega de requerimentos para a matricula do 2.º e 3.º anos das mesmas escolas vae de 1 a 10 de outubro proximo.

Ha hoje nova tourada na Figueira da Foz, a ultima da época, em que tomarão parte os melhores artistas do género.

Em Lisboa deu-se ha dias mm crime bastante emocionante. Um rapaz de 19 anos, desgostoso pelo mau porte duma sua irmã de 17 anos mata a com tres tiros de revolver, tentando suicidar-se quando o queriam prender. A vitima recolheu ao necroterio e o criminoso para o governo civil.

Apesar de estar já publicado desde 29 do mez passado o decreto que regula a forma pela qual as camaras devem regular a abertura dos concursos para provimento de grande numero de escolas que no paiz se encontram vagas, ainda nenhuma deu execução a esse serviço, de modo que, ao inaugurar-se o novo ano lectivo em outubro, muitas escolas continuarão fechadas.

Embora o mesmo decreto determine tambem os prasos dentro dos quais os inspétores devem dar conclusão aos respectivos processos, é certo, como a pratica de longos anos tem demonstrado, em consequencia do grande numero de assuntos a tratar pelos mesmos, que muitos dos concursos nem em dois meses estarão concluidos e feita a respétiva nomeação.

Ainda, em conrformidade com o citado decreto, a nomeação dos professores interinos passa a ser feita pelos municipios e por isso já não se deu cumprimento ao determinado no decreto de 19 de novembro de 1908 que mandava fazer neste mez convite, pelas inspéções aos professores diplomados que quizessem inscrever-se para prestar serviço como interinos dnrante o novo ano létivo.

Parece que as camaras é que deveriam ter agora essa obribação, e ainda mesmo as inspéções, porquanto o regulamento da fiscalisação do ensino, de 23 de agosto de 1911, no n.º 21 do artigo 4.º preceitua que os inspétores de circunscrição, nomeiem os professores interinos, quando as camaras municipais depois de solicitadas pelas vias competentes, o não façam ou quando os nomeados pelas mesmas não tenham as condições legais.

A fim de que se abram varias escolas que não podem funcionar, por licença ou impedimento legal do professor proprietario, já alguns inspétores teem oficiado ás camaras, a fim de que as mesmas tomem as necessarias providencias, para que tais escolas não deixem de abrir no periodo legal.

Neste sentido tambem já alguns professores e professoras legalmente diplomadas que teem conhecimento de tais vagas, teem requerido ás respétivas camaras, oferecendo os seus serviços nos termos legais.

Por não haver nenhuma disposição em contrario, estão a organisar na repétiva repartição os processos de permuta requeridos por varios professores, nos termos do regulamento de 19 de setembro de 1902, devendo os despachos ser publicados, á proporção que aqueles obtenham deferimento.

A comissão encarregada de proceder á apreciação do tempo de serviço dos professores primarios no paiz, para os efeitos da promoção, tem continuado nos seus trabalnos, tendo ainda que devolver ás inspéções varios boletins, por não virem devidamente preenchidos.

Embora haja varios professores que, com o tempo de serviço como ajudantes e interinos, se julgassem ao abrigo das disposições do decreto de 30 de março de 1913, parece que só poderão ser atendidos, depois de promovidos os que tinham 6 ou 12 anos de efétivos á data de 29 de março de 1911, e isto porque só o recente decreto de 10 de setembro manda contas áqueles todo o tempo como ajudantes e interinos para a promoção.

Por não terem ainda sido organisados pelos diferentes inspétores os processos dos professores que pediram promoção nos termos do decreto de 30 de março, não se pode prever quando estarão despachadas as pretenções dos interessados.

Por lapso, dissémos no ultimo numero que o desastre ocorrido na ponte de Cris, linha ferrea da Beira Alta, havia causado a morte a dois operarios que sobre a mesma ponte trabalhavam, sendo certo que apenas um dos pobres trabalhadores caiu ao rio, tendo morte instantanea. Chamava-se Augusto Rodrigues e era natural da Cunha Baixa, concelho de Mangualde e de cerca de 17 annos de idade.

Realisa-se no proximo dia 1 de outubro, no elegante teatro da Pampilhosa, um espectaculo pela companhia do Teatro Republica, de Lisboa, e dirigida pelo inteligente actor Carlos d'Oliveira, subindo á scena a magistral peça de D. João da Camara, intitulada *Os Velhos*.

No hospital de S. José foi ha dias pensado de um ferimento na cabeça José Ferreira, de 28 annos, empregado na fabrica Lisbonense e residente na rua Nova do Desterro, 21. O Ferreira, ao chegar a casa para jantar, como a mulher, Maria Sofia, ainda não tivesse a comida confeccionada, desesperou-se, e, agarrando um peso de ferro, agrediu-se a si proprio. O Ferreira, depois de pensado, seguiu para casa.

Ao que consta, foi já aberto na quinta-feira o caixote que continha o presente para D. Manoel de Bragança, na presença dos snrs. Robles, empregado da legação Inglêsa, Jaime Leitão, sócio da casa de cujas oficinas saiu a joia, e de varios funcionarios da alfandega.

Retirado o conteudo, viu-se uma famosa caravela, em parte desarmada, encontrando-se tambem uma caixa de pão santo, com tampa de vidro, e dentro dela uma pasta carmezim com incrustações de prata e uma aguarela ao centro. Supõe-se que deve ser a capa da mensagem, que parece ter realmente sido já entregue ao seu destinatario.

Afirmava-se que a caravela apenas tinha como legenda o conhecido verso de Camões:

> E julgareis qual é mais excelente
> Se ser do mundo rei se de tal gente.

A caravela e a caixa de pau santo foram novamente encerradas no estojo, que foi fechado, lavrando-se o auto que o escrivão do Contencioso Fiscal assinou.

Os snrs. Robles e Leitão retiraram-se em seguida, dizendo-se que nenhum outro embaraço se apresenta para o caixote ser remetido ao seu destino.

Vive na Golegã um lavrador muito conhecido no nosso paiz, de nome Henrique de Sousa, que conseguiu até hôje fazer fortuna, viver 103 anos e ter 29 filhos. Casou por tres veses, tendo uma filha que conta hôje 82 anos. Escreve sem oculos, gosa perfeita saude e cuida de todos os seus negocios.

Um homem feliz.

CORRESPONDENCIAS

Pampilhosa do Botão, 19

Retirou para banhos, para a Figueira da Foz, a distinta professora desta freguezia, snr.ª D. Maria do Ceu Ferreira da Fonseca. Acompanharam-na as meninas Adelaide Ferreira Cristina e Irene Simões Lopes. Desejamos-lhes um feliz regresso.

Encontra-se demissionaria a Comissão Paroquial desta freguezia, por causa, segundo consta, dum mal entendido havido entre ela e a Comissão Concelhia dos bens eclesiasticos.

Seria bom esperar pelas eleições administrativas, que, segundo julgamos, estão á porta.

Continua a grande tarefa das vindimas. A colheita, ao contrario do que se julgava, parece ser superior á do ano passado. Deve se isso, em grande parte, ás ultimas chuvas que caíram.

C.

(41) **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

VII

Um sentimentalista

I

— E' um meio corruto este em que vivemos — dizia Pedro de Albuquerque. — Corruto, porque é deseducado. Veja-se como o nosso povo acode doidamente aos teatros, aos bailes, ás festas recreativas, farejando o prazer, pervertendo o espirito, internando-se na devassidão. E veja-se como ele foge das reuniões onde se debatem questões de interesse geral, e como tem falta de iniciativa, quando uma localidade carece do seu auxilio. Mas a culpa não é propriamente do povo, não; a culpa é dos governos, que não estão educados para governar.

— Justamente — aplaudi eu. — Como hão de os governos pensar em dar ao povo uma educação civica, moral e profissional, se eles carecem de toda a edueação capaz de fazer entrar um paiz no caminho do progresso?

— E depois ha o desleixo criminoso por todos os principios da bôa doutrina — interveio Armando Leite. — As nossas escolas primarias servirão para tudo, menos para formar caratéres. Ha falta de higiene, de estética, de pedagogia, e sobretudo falta de civismo. Argumenta-se com a a escassez de dinheiro que obviaria a muitos inconvenientes, quando se devia antes argumentar com a falta de pundonôr.

— E' deploravel! — exclamou Pedro de Albuquerque. — Andamos todos os dias a lamentar-nos sem nunca vermos remedio para os nossos lamentos.

«Vamos perdendo o alto prestigio que tinhamos ha alguns anos, por culpa de quem devia esforçar-se por conserva-lo, ao menos. Que admira, por isso, que lavre a corrução na sociedade, se os seus primeiros factores se desdouram, envolvendo-se nela e aspirando os seus halitos pestilentes, se eles ostentam o vicio com a mesma serenidade e o mesmo goso com que se ostenta a virtude? Que admira que o proletariado aumente nas classes baixas, se ele vai entrando já pelas classes médias e até na classe nobre do professorado, que devia merecer atenção especial da parte de quem nele superintende?

— A tua sinceridade não diz tudo, Pedro — volveu Armando Leite. Não falaste ainda nos professores primarios sem cadeira, talvez por pertenceres ao numero desses infelizes que dispenderam vida e dinheiro para alcançar um diploma muitas vezes inutil. Não esperas advogar a tua causa, digna da mais flagrante justiça?

— Não — respondeu ele, com uma grande magua na voz. Espero agora que a justiça se lembre de advogar o minha causa que já tem clamado por ela.

— E se a Justiça não vier? — ponderei eu.

— Ha de vir, creia que ha de vir, talvez quando menos o cuidarmos.

E calou-se pensativo.

Eu via-lhe á luz baça da lua a expressão de sofrimento que lhe transluzia do semblante, e via-o caminhar de olhos baixos, como quem se concentra numa grande dôr d'alma.

Notava-lhe ao mesmo tempo na atitude e na melodia da voz uma bondade estremada e uma sensatez muito precoce.

As palavras ponderadas e afectivas traduziam-me um espirito nobre e crente que abertamente confiava num futuro de luz e de justiça.

Via-se que tinha a mudez dos corações sentimentais e o sofrimento das almas afogadas numa grande angustia.

— Sofre, snr. Albuquerque? — perguntei-lhe em voz quasi sumida.

Ele volveu-me um olhar perscrutador, um olhar de mágua, reprimida por uma doçura intima, e disse-me no mesmo tom:

— Se tem muito empenho em conhecer a vida dum infeliz, vá ámanhã a minha casa, por sete horas da noite.

— Não faltarei — disse eu.

E depois de andarmos mais alguns passos sem proferirmos uma palavra, Pedro parou, afim de se despedir de mim e de Armando Leite, e afastou-se em segnida.

No dia seguinte, ás sete horas da noite, estava eu em casa de Pedro de Albuquerque, a sós com ele no seu quarto, alumiado pela luz dum candieiro de petroleo.

— Meu amigo — começou ele — é o senhor a segunda pessoa a quem eu descubro a minha vida, que não tem nada de original, mas que tem muito de emocionante. Não desço a contar-lhe minudencias da minha infancia que seriam banais e desnecessarias. Basta que comece no periodo em que meus pais pensaram em dar-me um futuro.

«Desde criança recebi sempre uma educação defeituosa, porque tive constantemente o espirito encarcerado nas masmorras paternas, e enervado pelos cuidados excessivos que havia em não pervertê-lo o contacto com pessoas menos escrupulosas nos meios educativos, adotados por alguns pais que não querem mostrar aos filhos a sociedade no que ela tem de podre e trivial, talvez com o intuito ingenuo de lhes ocultar muitos abismos que a tornam ascorosa. E' uma boa-fé que não previne inconvenientes fatais e que, portanto, se torna quasi inutil.

«Assim passei o primeiro periodo da minha vida até aos treze anos, numa quase reclusão de espirito que se harmonisava perfeitamente com o meu temperamento calmo, dessedento de expansões, aclimado á serenidade do lar.

«Uma unica paixão começava de dominar-me nessa idade: os livros. Lia por necessidade e tambem por um natural prazer. Era o leitor favorito de folhetins, á noite, aos serões, no meio de todos os membros da minha familia, onde eu passava momentos ainda hoje saudosos.

(*Continúa*).

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSOES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Séde em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.

O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.

Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

CASA HAVANESA

16 — Rua Ferreira Borges — 18

COIMBRA

Sortido completo em tabacos, papelaria e perfumarias. Molduras para quadros e galerias, o que ha de mais moderno. Artigos para desenho, pintura a oleo, aguarela, foto-miniatura e pirogravura.

BILHETES DE VISITA

Novidades para brindes, artigos de viagem e toilette etc.

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais, etc.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia. miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

MELO & MARTINS

Com armazem de adubos quimicos, sulfato de cobre, enxofre e cal para construções

Endereço postal e telegrafico:

PAMPILHOSA DO BOTÃO

São nossos representantes em Mortagua:

NA POVOA, o snr. José Paulo

NA ESTAÇÃO, o snr. José Tomaz.

MURALINE — Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 2.° Arazêde, 28 de Setembro de 1913 N.° 84

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os originais, quere sejam ou não publicados. Não se aceitam informações anónimas.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

Portugal e Colonias Portuguezas—Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trismestre, 30 centavos.
Brazil — Ano, 2 escudos.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO

Redactôr e editôr—ALMEIDA JUNIOR

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Redação e Administração — ARAZÊDE

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

Biblioteca da Universidade Coimbra S. R.

TRATADO DE COMERCIO

Rompimento de relações comerciais entre Espanha e Portugal —Prejuisos economicos

Termina depois de amanhã o tratado de comercio entre Portugal e Espanha, em vigor entre os dois paizes desde 1 de setembro de 1894 e firmado em Madrid em 27 de março de 1893 por, entre outros, os snrs. Conde de S. Miguel e Sebastião Guedes Brandão de Melo, por parte de Portugal e Espanha, respétivamente.

Encarecer as enormes vantagens desse diploma, que extraordinariamente desenvolveu a acção comercial e industrial entre os dois povos peninsulares, é, neste momento historico, vantajoso sob todos os aspétos. Com efeito o rompimento de relações transacionais, que será um facto a partir de 30 do corrente, trará, sem duvida, graves embaraços á vida economica portugueza, mas não fica melhor nem mais garantida e desafogada a vida economica da nação visinha.

O tratado de comercio de que agora nos ocupamos beneficiou muito a economia dos dois povos, e não poucos são os generos espanhois mais favorecidos com as tarifas aduaneiras até agora em vigor. Sabe-o bem todo o mundo economico. Nem assim, como se vê, a Espanha quiz transigir nas negociações ha tempo entaboladas com o nosso representante junto do governo de Madrid.

Referem os ultimos telegramas vindos de Espanha que tambem Portugal se mostrou e está irredutivel quanto ao preço pautal sobre pescas nacionais, e a Espanha, fazendo finca-pé neste ponto da questão, e alegando antigas perseguições nas nossas aguas contra os barcos de pesca de nacionalidade espanhola, da mesma maneira não quere chegar a um acordo, que aliás favoreceria o comercio e a industria das duas nações.

Não é dificil descortinar, quanto a nós, que graves prejuizos nos assaltarão, por isso que a carestia das tarifas internacionais trará a consequente funesta diminuição na exportação dos nossos produtos, alguns importantes fontes de receita nacional, como por exemplo a madeira, o sal, o peixe, etc., especialmente a madeira em rolos cujo trafego quasi desaparecerá prejudicando centenares de bolsas, atendendo a que esta mercadoria, e as que especialisámos, estavam, até aqui, isentas de direitos alfandegarios. O snr. Romanones insiste nas suas declarações, achando dificil uma solução, visto que, diz ele, apenas se trata de interesses economicos do seu país e não de manejos politicos como nós asseveramos.

Quer dizer: se se tratasse realmente de uma questão politica, o problema seria solucionado quanto antes e sem desdoiro para ninguem. Como se debate uma questão de interesses economicos, teremos que esperar melhor oportunidade.

Não queremos de maneira nenhuma envolver aqui a politica, a parva da politica, mas seja-nos licito ao menos duvidar da sinceridade das palavras do snr. Romanones, uma vez que constatado está que, sob o ponto de vista politico, muito temos de que nos queixar.

Seja, porém, como fôr, o que é incontestavel é que o rompimento de relações comerciaes é um facto, e um facto é que estamos sujeitos ao regime aduaneiro estipulado na segunda coluna da pauta, ou seja, por muito favor, a que regula os preços da nação mais favorecida.

Que o tratado não era dos mais amplamente desafogados, todos nós sabemos. Mas o que é doloroso, o que mais nos deve preocupar é a circunstancia de, porventura, se não vir a conseguir outro melhor, ou, ao menos, igual. Muitos dos nossos exportadores apressaram-se a mandar para Espanha, nas ultimas semanas, toda a mercadoria que puderam e tinham pronta a seguir. Nos caminhos de ferro o movimento foi anormal, porque, como era logico, ninguem queria prejudicar-se, prevendo as desastradas consequencias do rompimento comercial e o depauperamento seguido dos seus negocios.

Assim, puzéram fronteiras fóra tudo o que lhes foi possivel embarcar, e agora quedam-se esperando o resultado final, porque, sendo já caras a maior parte das mercadorias, mesmo entre nós, o leitor avaliará porque preço ficam d'ora ávante no mercado estrangeiro após a sujeição a um preço exurbitante para satisfazer ás exigencias do novo tarifario internacional.

Lamentamos sinceramente o facto, e deploramo-lo tanto mais sentidamente quanto nos desgosta a previsão dum mau caminho para futuras relações comerciais.

Por outro lado é notorio o regosijo dos nossos inimigos internos e externos, e não poucas serão as provas evidentes da sua conduta sob o ponto de vista do mal que, do rompimento iminente, resultará para as nossas finanças felizmente em via de seguro e saudavel resurgimento, como o confere todo o mundo financeiro pela boca autorisada de alguns dos seus melhores e mais imparciais economistas.

Fazemos votos ardentes para que a questão se resolva quanto antes, pois tal situação não poderá prolongar-se sem enormes prejuizos para os dois paizes, o que convem evitar a todo o custo para completa tranquilidade da economia peninsular.

Almeida Junior.

NOTAS

Humanidade

Os presos da cadeia de Monte mór-o Velho queixam-se da falta de limpeza que por lá ha e reclamam a intervenção de alguem que os possa socorrer naquela situação.

E' triste que os encarcerados, além da infeliz sorte que os atingiu, se vejam na dura necessidade de pedir que os livrem dos miasmas que por lá se desenvolvem. Prendam-nos, muito embora, mas dêem-lhes ar e luz, saude e conforto. Sejam humanos... ou estamos num país de Peles-Vermelhas.

Quem decreta?

Ha uma coisa de utilidade nacional em que já se pensou um dia, mas que caíu no olvido como tantas outras coisas uteis que, mesmo por isto, não vingam na sua essencia. Queremos referir-nos á *policia rural*. Falou-se, foram tomadas disposições a tal respeito, mas, tal como o inglês da lenda, não passou de *words, words* — ou seja de *palavras, palavras*... De fórma que ainda hoje não temos *policia rural*. Quem se lembra de decretar isto?

... E mais isto?

E já que o nosso país se vai tornando *militarista*, quem se lembra de decretar que os nossos regedores das freguezias sejam verdadeiros militares, armados e a cavalo, em vez dos cidadãos que pouco respeito inspiram a muitos indisciplinados que só á ponta de baioneta deixariam de resistir?

Sim, visto termos tantos milicianos que, em tempo de paz, não fazem mais do que *flanar*, era justo que trabalhassem um pouco nas aldeias para a manutenção da ordem... Vejam lá

Amor de padre

Lê-se no nosso presado colega o *Correio da Feira*, em correspondencia de Romariz:

Ha mais de cinco anos que se dizia que o paroco desta freguezia, Abilio Pinto Veiga, mantinha relações amorosas com a esposa do snr. Antonio Leite de Sousa, serralheiro, do logar da Igreja, desta freguezia, que, apesar de já terem sido surpreendidps por diversas pessoas, a maior parte do povo não acreditava ou fingia não acreditar, naturalmente com o intuito de defender o paroco. Mas tantas vezes vai o cantaro á fonte que de alguma vez lá fica. Soou finalmente a hora que mostrou a prova da verdade. Na noite do dia 14 do corrente, ás 10 horas, foram a Margarida (é o nome dela) e o masmarro surpreendidos pelo proprio marido na ocasião em que estavam gosando as delicias do amor. O marido, deixando em paz o devasso, limitou-se a expulsar de casa a esposa, que, não satisfeita com os belos enfeites com que tinha brindado o marido, o roubou no dia seguinte, aproveitando para isso a sua ausencia da casa. O masmarro fugiu da freguezia para não ser linchado pelo povo. Segundo afirmam pessoas presenceadoras dos factos, aquele *belo* pastor de almas chegou a fazer da igreja casa de lupanar com diversas mulheres. E' o cumulo do escandalo e da devassidão. Crimes desta natureza não devem ficar impunes.

E' assim que os santos varões exemplificam a paz dos lares e a boa e sã doutrina de Cristo. Mas a culpa não é deles. E' de quem os procura para confessar-lhe podridões da vida.

E depois de tanta devassidão, ainda são capazes, os traficantes, de aconselhar o bem e o pudor, eles que nunca tiveram vergonha.

Considerações politicas

Dizem os jornais que os monarquicos portuguezes residentes no estrangeiro, se preparam para levar a efeito nova incursão.

E' a terceira vez, é, por isso, mais parece um numero de opereta de feira ou uma fita de Max Linder, que uma coisa a que se possa ligar importancia.

No entanto, é um facto que alguns portuguezes, extra-fronteiras, se preparam para entrar de armas em punho na sua Patria e derrubarem as instituições que o povo de Lisboa tão heroicamente implantou e que o da provincia aceitou sem mais relutancias, por ver que o advento da Republica era o unico meio de salvar Portugal do abismo em que estava prestes a despenhar-se.

Mas, perguntamos nós, muito serenamente, para que nos não tomem por exaltado: Qual é o motivo, a causa emfim, porque os monarquicos conspiram contra a Republica?

Não somos capazes de o descortinar, confessamos.

Será por amor ao seu Rei?

Será por amor á Patria?

Vejamos:

Se a primeira hipotese é verdadeira, eles são imensamente criminosos, porque é sempre infame pegar em armas contra o seu paiz, simplesmente por capricho, por amor a um Rei, a um idolo, a um homem; a um homem que nada fez que nos beneficiasse, antes concorreu, e em grande parte, para o desprestigio do seu paiz e para a sua desvalorisaçeo perante o estrangeiro.

Compreendia-se, e era até digno de todo o respeito, que, sendo monarquicos, combatessem pelos seus principios, mas serenamente, com a tranquilidade de quem tem a consciencia dum dever a cumprir. Mas irem para um paiz estranho, aproveitarem-se da sua *generosa* hospitalidade e prepararem-se para levar a efeito o seu crime, é perder, em absoluto, a noção dos seus mais sagrados deveres: os deveres para com a Patria.

Bem, mas a primeira hipotese está inteiramente fóra da logica.

Vejamos agora a segunda.

Será, realmente, por amôr á Patria? Não, mil vezes não.

Os monarquicos sabem de sobejo que a Patria se encontra hoje tão identificada com a Republica, são duas entidades tão estreitamente unidas, que a destruição da segunda seria consequentemente a ruina completa da primeira.

Patria e Republica, são dois orgãos inseparaveis, desempenhando a mesma função. Se aquela floresce, esta terá vida, progresso, civilisação, bem-estar. Se esta fôr aniquilada, aquela não tardará a despenhar-se no tenebroso abismo.

Republica e Patria conjugam-se o melhor possivel.

Se para esta rompe uma aurora de luz, para aquela nascerá uma madrugada de esperança. Se se toldar o sol da primeira, as mais densas nuvens aparecerão no orizonte da segunda.

Sabem isto perfeitamente os monarquicos e por isso a segunda hipotese está, como a primeira, fóra de logica.

Qual é então a razão porque conspiram contra a sua Patria, contra esta Patria que os viu nascer, que lhes ouviu os vagidos de creança e lhes serviu de terreno para ensaio dos seus primeiros passos? Ah! Recordamos... Disse-o ha tempos o snr. Eusebio Leão, nosso atual representante perante a Italia:

— E' que lhes faltou a gamela.

Eis o caso.

Guilherme Ferreira da Silva.

CRÓNICA DE LISBOA

Regresso á *perola do Atlantico*, extenuado, exangue, membros entumecidos, cerebro fráco e doente. Regresso de Santarem, do berço do alfagem lendario, com bem poucas saudades e bem tristes impressões. Não me cativaram os encantos dessa historica cidade que, em passeios ligeiros, percorri sob um tempo voluvel como voluveis devem ser as gentis santarênas caprichosas.

Uma noite, fui ao Jardim da Republica, onde uma banda regimental desferia melodiosos harpejos. Que de concorrencia feminina! Dir-se-ia que os vastos salões de Mahomet ficaram desertos para povoárem o Jardim de Santarem... Ali vi prepararem-se namoricos adocicádos, *moderno estilo*, onde não vibra uma parcela de platonismo, a mais fugás scentelha de sinceridade. Julguei vêr o radioso E'ros entrando por ali dentro, não empunhando o carcás doirado mas um pingalim de cavalariça e levar á chicotada toda essa matilha de Fifis idiotas e Manfredos pedantes para quem, na sua genése, um pontapé no ventre maternal teria sido uma obra de caridade. Mas, E'ros não veio. Receios, talvez, ao *Codigo Penal*.

Que elogiar, pois, em Santarem? A fruta: os excelentes melões, as boas melancias, as apetitosas uvas que, por vezes, fôram meu alimento e, todavia, eu não sou vegetariano, nem frugivoro.

De resto, Santarem tem o aspéto árido, só proprio para as meditações de S. Jerónimo ou maquinações de uma quadrilha de ladrões. Nem na propria corrução esse recanto tem atrativos. Nos mercados do amôr expôem-se rostos senis que mais dão a ideia dum jardim zoologico.

Não, não me deixou saudades o berço lendario do alfagême...

Gomes Monteiro.

Vidal Bizarro

Após uma temporada de permanencia em Figueira, onde veraneou, reassumiu as funções do seu cargo este nosso querido amigo, inteligente funcionario da 3.ª secção principal da companhia portugueza, em Coimbra.

Um abraço de boas vindas.

EXPEDIENTE

Aos nossos assinantes do continente que residam a grande distancia das sédes dos concelhos e que, por este motivo, não possam ir ou mandar satisfazer as importancias das suas assinaturas, lembramos-lhes a vantagem de recorrerem ás estações postais das suas localidades, remetendo-nos a sôma das suas assinaturas em estampilhas ou ordens postais.

Do mesmo modo lembramos aos nossos assinantes do Brazil a conveniencia de fazerem o pagamento das suas assinaturas, enviando-nos pelo correio, em carta registada, a quantia de 7 mil réis em notas do Banco, importancia relativa a um ano, facilitando-se desta maneira a liquidação de muitas assinaturas que ainda estão por solver desde o 1.º numero.

Sabendo-se que o pagamento das assinaturas deste jornal é feito adeantadamente, vamos dentro em pouco publicar os nomes dos cidadãos, tanto do continente como da Africa e Brazil, que ainda não satisfizeram importancia alguma a esta administração.

"Pinceladas,,

Ainda para este numero o nosso presado colaborador Manuel José Antonio não pôde enviar o seu habitual artigo, por se achar incomodado de saude.

Esperamo-lo, no entanto, no proximo numero, o que será uma prova do seu pronto restabelecimento, que sinceramente desejamos.

Coisas simples

Outra vez

E' verdade. Com umas tão longas ferias quase me desacostumei de escrever... Mas agora volto novamente a entreter meia duzia de linhas em *coisas simples*.

Factos independentes da minha vontade fizeram com que eu abrisse um tão demorado parentese de silencio nestas singelas crónicas, escritas quase sempre de fugida, sem erudição nem preocupações literarias e revelando apenas uns lampejos do meu sonho: vêr raiar o Bem em toda a Humanidade. Sou talvez um pouco idealista, mas são sempre sinceras as minhas palavras.

Fez em agosto ultimo um ano que iniciei estas crónicas; e, pois tão pouco, é escusado fazer balanço...

Mas eu tenho como um dever não só registar o benevolo acolhimento e a apreciação que, na imprensa e particularmente, os meus modestos artigos teem tido, como tambem daqui endereçar os meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que assim me teem estimado.

Do mesmo modo agradeço ao *Dever* os cumprimentos que me dirigiu, desejando-me o restabelecimento da saude que perdera.

* * *

Com este lapso de tempo que o *surmenage* me reteve fóra do convivio espiritual dos meus leitores, acabou de passar a quadra estival dos calores e das praias... O sol tem dardejado scintilantes raios que amadureceram já todos os cachos pendentes das ramadas e tornaram de verde em amarelecido, o tom dos milharais.

Outono visitou-nos hoje, muito jovial, muito alegre; que seja bemvindo, mas que roube poucas vidas daqueles para quem é época fatidica o tombar das folhas!

23 de setembro.

Aurea Judit Amaral.

O amôr dos italianos

«O Amôr», é uma das boas obras do talentoso escritor italiano Paulo Mantegazza, na qual se póde apreciar a sua fecunda inteligencia, e os seus profundos conhecimentos no estudo do amôr, sobre o qual já publicou uma «Fisiologia», uma «Higiene» e «Os amôres do homem».

O ilustre escritor, em algumas dezenas de admiraveis paginas, trata largamente dos problemas morais e sociais, e fala-nos da sua amada Italia e de seus apaixonados filhos, pretendendo convencer-nos de que são eles os que amam mais e melhor.

Paginas 223: «Embora os italianos sejam sem duvida os homens que amam mais e que amam melhor, o seu dicionario é contudo assás pobre».

Incontestavelmente, o ilustre Mantegazza foi duma generosidade sem limites para os seus italianos, fazendo uma afirmação dessa natureza, que ninguem póde fazer, e sobre este assunto vejamos o que o velho escritor nos diz, falando da opinião dos alemães:—«Sorriram-se da minha pretensão de querer dar aos italianos o primeiro logar entre os povos europeus na justa do principe dos sentimentos.

Disseram-me eles que cada nação crê ter esse primado, e que nenhuma póde demonstrar que o merece».

Assim como os alemães, tambem nós nos sorrimos da vossa pretensão, pois talvez com mais razão diremos que os portuguezes amam mais e melhor de que os italianos, e o seu dicionario em vez de pobre é rico em materia amorosa.

A paginas 223 e 224, lêmos:—«Sorri-me desta critica, mas fiquei depois de muitos anos da mesma opinião, e para a defender apelo para todas aquelas inulheres que tiveram a ventura ou desventura de haverem sido amadas por homens de diversos paizes da Europa, e, se elas quizerem ser sinceras, e se souberem, em materia tão escabrosa, manejar imparcialmente o metro e a balança, darnos-ão, certamente, a nós esse primado, o qual não se póde, com efeito, reconhecer no nosso dicionario, mas sim na estatistica dos suicidios e dos delitos, na poesia amorosa e em toda a historia do nosso paiz».

O inteligente escritor sorriu-se da critica dos alemães, e ficou sustentando a sua opinião depois de muitos anos; pois nós sómente nos sorrimos dos italianos, e estamos convencidos de que esse primado nos pertence, não só pelo nosso excecional temperamento, influencia do nosso aprazivel clima (veja-se a opinião do dr. Dyewisecki), como tambem pelos freqnentes arrebatamentos de paixão, proprios dum povo meridional como nós.

Estou convicto que se Mantegazza fizesse o seu apêlo ás mulheres que foram amadas por homens de diversos paizes da Europa, ficaria bem descontente e certamente não mais afirmaria que são os italianos que amam mais e melhor.

Creio que, além das hespanholas, até as proprias italianas não concordam com a opinião do seu ilustre compatriota, e para confirmação das minhas palavras basta dizer que é maior o numero de italianas casadas com portuguezes, de que italianos com portuguezas.

Temos tambem paginas de ouro na nossa historia, e na poesia tudo quanto de mais belo e sublime póde cantar a sentimentalidade portugueza.

Ontem batiamo-nos no campo da batalha para alcançarmos um sorriso da nossa amada, hoje pela calada da noite, debaixo da sua janela, cantamos inspiradas quadras cheias de amôr e sentimento em poeticas guitarradas.

O nosso amôr em tudo é diferente e em tudo mais belo, e para recordar apreciemos estes bocadinhos de ouro do talentoso escritor Julio Dantas:

Em quanto é diferente o amôr em Portugal!
Nem a frase subtil, nem o duelo sangrento...
E' o amôr coração... E' o amôr sentimento...
Tão simples tudo!... Amôr que de rosas se inflora...
Em sendo triste, canta, em sendo alegre, chora!
O amôr simplicidade, o amôr delicadeza...
Ai, como sabe amar, a gente portugueza!

Nós sabemos amar e amar sinceramente, com franqueza e sem vaidades.

A paginas 231, lêmos: — «Nós somos um povo poetico, soberanamente poetico, e ao mundo da poesia temos dado Dante e Porta, Petrarca e Leopardi, Mazoni e Carducci, mas na essencia somos ainda e sempre romanos».

A paginas 230 e 232, diz-nos Mantegazza: — «Mais de uma vez tenho ouvido aos estrangeiros e mais frequentemente ás estrangeiras da pudica Albion falar com horror da nossa expressão popularissima fazer amôr (fare all'amore).

Ora deixem dizer-lhes as virgens da casta Albion: fazer amôr é coisa verdadeira, bela e poetica, e deixem-nos fazê-lo a nosso modo—á sombra das laranjeiras e das nossas palmeiras».

Como se lê a paginas 231, o velho escritor continua com a sua excessiva modestia e cita-nos o nome de grandes poetas italianos; pois nós, sem sermos *soberanameute poeticos*, tambem démos ao mundo da poesia um Camões, um lirico João de Deus, um Guerra Junqueiro e muitos outros, e honra-nos muito o sermos lusitanos.

Pois nós portuguezes não fazemos amôr, namoramos, e deixe-nos tambem o ilustre poeta namorar entre perfumadas flôres, neste encantador jardim da Europa, onde tudo é poesia, «amôr», e não se convença de que os italianos amam mais e melhor de que os portuguezes.

J. N. Larcher.

Notas pessoais

De visita ao nosso estimado amigo e distinto notario nesta freguezia, snr. dr. João Constantino, estiveram aqui a semana passada seus primos, o snr. Fortunato Pereira, ilustre escrivão do 2.º juizo de investigação criminal, em Lisboa, sua esposa, D. Raquel Pereira e seus filhos Mario e Carlos Pereira.

—— Tambem aqui estiveram ha dias os nossos presados assinantes de Tentugal, snrs. José d'Almeida Machado e Francisco Martins da Costa.

—— Em Olival (Gaia) esteve de visita á nossa distinta colaboradora, D. Aurea Amaral, sua tia, a snr.ª D. Tereza Amaral, de Alfandega da Fé.

—— Tem estado doente a mãi do nosso estimado correspondente de Montemor-o-Velho, snr. Fernando Pessôa.

A' enferma desejamos prontas melhoras.

—— Partiu para as Caldas da Rainha o nosso amigo Antonio Baía.

O lar domestico

A bôa casa e a melhor das escolas, não aó na juventude, como na idade mais adiantada.

Smilles.

O lar domestico, tal qual o vêmos na época presente, não corresponde de fórma alguma, á bela razão porque foi creado.

Ali devia ser o unico passatempo do homem.

Mas, infelizmente, dezenas de razões afastam o homem desse templo.

Porquê? Porque a verdadeira educação ainda representa o privilegio de poucos.

O facto de que as condições economicas da atualidade prevertem o sentimento, não póde servir de pretexto para desculpar essa falta de religiosidade no lar domestico.

Todos podemos viver felizes desde que procedamos sempre em harmonia com as leis do Amor, desde que a nossa consciencia esteja tranquila e desde que em volta de nós vejamos aspirar o maior grau de felicidade, ou seja de bem estar. Isto só podemos conseguir desde que com a nossa presença e o nosso amor, nós proporcionêmos ás nossas companheiras e filhos os melhores momentos de tranquilidade.

Aquele que foge do lar domestico pretextando o aborrecimento que ali germina, não faz mais do que condenar-se a si proprio, porque é só á sua falta de orientação de carater e á sua falta de estudo que se deve o facto de não encontrar na casa de familia a ventura e o prazer que todo o homem ambiciona.

J. Fontana da Silveira.

PAGINA NOVA

Nada saíu do nada: nada é a obra dos deuses.

Lucrecio.

A crença na vida traz a negação de Deus?

Eu não compreendo os absurdos de carne e osso e detesto os absurdos imateriais. A chama que vitalisa o ser, que anima e circunda de reflexos intensos a expressão do olhar, que fomenta o movimento harmonico do corpo, que pondera e aciona as reflexões do cerebro, que reage contra as asperezas do coração, teve um principio?

Esta interrogação debate-se no espirito humano ha cem mil anos: nunca a voz humana, nunca a escrita do homem, conseguiram soluciona la em bases solidas, irrefutaveis e, todavia, as civilisações, ainda as mais simplorias, dela viveram.

A discussão gera a discussão. Palavras gastas, ao sabor das correntes ocasionais no tempo e no espaço, percorreram o mundo de lés a lés. E a verdade, se existe, jámais foi encontrada!

Eterna desgraça... O homem, após arduo trabalho, recolheu ao silencio. Gerou em si a crença: dela vive, como a arvore do suco da terra, como a criança do peito materno. Acredita, porque é visionario; e vê, porque é homem. Será a visão produtiva e produtora?

Quem sabe? Para a alma viver em paz basta a crença em si propria.

O mundo teve um principio? Hade ter um fim?

Na natureza nada se perde e tudo se transforma: a planta, a flôr, a alma, a fé, o amor. Se assim acontece, donde veio o homem e donde surgiu o mundo?

Eu olho para o espaço sidereo. Vejo o infinito? não: presinto-o apenas. Sei que nesse infinito outros mundos e outros homens, conscientes ou inconscientes, rolam ha milhares d'anos, tendo orbita e vida proprias.

Donde vieram e para onde vão? Misterio...

Do nada? O nada é a vida em percurso, é a alma em elevação. E' tudo quanto existe. E a vida? Um poço sem fundo; se um homem desce, a sua orla diminue.

E' assim o infinito: se o homem podesse conhecer-lhe os misterios, a sua rasão de ser já não seria plausivel, porque seria finita. O grande merecimento está no misterio que que envolve! A ninguem é proibido compreende-lo. Amei-o. E á vida tambem. A compreensão da vida está no sentimento assim como a gloria do esforço no sofrimento. Acomodar as fases duma existencia á facilidade egoista é corporisar o absurdo, é negar o infinito.

Trabalhar, lutar, sofrer: eis a grandiosa biblia.

Está nisto a essencia do infinito porque é a substancia da alma. Caminhar na vida, com o nosso trabalho, é compreendê-la; abandonar tudo em mãos alheias, é o suicidio.

E o suicidio representa o desanimo, a inepcia, a derrocada, a renuncia, a maldição.

Homem: dobra os teus joelhos na terra fecunda e adora o trabalho pelo amer.

E terás adorado a vida, o infinito, o nada:—Deus.

Jeronimo Paiva de Carvalho.

Ha escravatura em S. Tomé?

(CONTINUAÇÃO)

Para as roças da Sociedade Agricultura Colonial contrataram-se algumas dezenas desses emigrantes famintos.

Em março de 1905, um desses cabo-verdeanos, veio á curadoria queixar-se do administrador da roça Esperança, da referida Sociedade. Não apresentava quaisquer vestigios de maus tratos, nem justificava legalmente a sua saida da roça. Deste modo, e ainda porque o administrador da roça Esperança merecia á curadoria o melhor conceito pelo seu passado honestissimo e pela grandeza do seu caráter, resolvi não ouvir o negro que, aliás, não justificava o que dizia. E, com esta resolução, ordenei que fosse imediatamente para a roça. O negro, com os olhos rasos d'agua e tremulo de comoção, disse-me que a vida assim era insuportavel e que não podendo cumprir a minha ordem, ia enforcar-se no caminho. Ri-me. Eu tinha então 22 anos. Não medi, com a devida precisão, toda a responsabilidade do meu áto. O negro abandonou a curadoria e mandei o soldado, que o governo tinha á disposição da curadoria, com uma carta para o administrador da Esperança, recomendando-lhe a maior benevolencia para com o serviçal.

No dia seguinte o referido administrador participava que o negro se enforcara num cacoeiro, junto da roça Chalaça, a um quilometro do cemiterio e já no caminho da propriedade. Por dever de oficio, visto ser tambem o agente do ministerio publico na ilha, fui assistir ao levantamento e reconhecimento do cadaver.

Proximo duma ribeira, onde a agua saltava de pedra em pedra, á sombra dos grandes okás e dos cacoeiros em flôr, erguia-se no alto de uma pequena encosta, juncada de folhas sêcas, um cacoeiro e dum ramo elevado pendia o corpo do negro que enlaçara o pescoço na sua cinta azul, lançando-se no espaço. O vento, coando-se atravez a ramagem do arvoredo, onde os raios solares punham faiscas scintilantes, baloiçava o cadaver.

Era, enfim, um espetaculo duro e aspero para a minha consciencia. Aproximei-me: um negro, á ordem do delegado de saude, subiu ao cacoeiro e num golpe rapido de maquina cortou a cinta. O cadaver caiu sobre o folhedo com o rosto congestionado, a lingua pendente da bôca entreaberta num rictus doloroso e os olhos, aqueles grandes olhos acusadores, fitavam-me.

Um tremor convulsivo correu todo o meu corpo.

Era o remorso. O delegado de saude bateu-me no ombro, rindo:

—Que diabo, ó Paiva de Carvalho! Você nunca viu um enforçado? Quere um pedaço da cinta? Olhe que dá a felicidade...

Era demais; fugi como um criminoso, emquanto o medico, na inconsciencia do *crime*, ria do meu receio ante o cadaver.

O áto de loucura do negro produziu em mim a mais violenta das transformações.

(*Continua*).

Jeronimo Paiva de Carvalho.

INSTRUÇÃO PRIMARIA

O *Diario do Governo* publicou o seguinte decreto:

Tornando se necessario regulamentar os varios diplomas, reguladores das promoções da classe dos professores de instrução primaria:

Usando da faculdade que me confere o n.º 3 do artigo 47.º da Constituição Politica da Republica Portugueza:

Hei por bem, sobre proposta do ministro da instrução publica, e nos termos do art. 175.º do decreto com força de lei, de 29 de março de 1911, decretar o seguinte regulamento:

Artigo 1.º Os professores de instrução primaria, quer para o ensino infantil quer para o ensino elementar e complementar, constituem três classes e terão direito aos vencimentos fixados na tabela anexa ao decreto, com força de lei, de 29 de março de 1911.

Art. 2.º Pertencem á 1.ª classe todos os actuais professores dessa categoria ou que estejam nas condições indicadas no § 1.º do artigo 85.º do citado documento, os professores que á data da publicação do mesmo decreto tiverem doze anos de bom e efectivo serviço, e bem assim, dos professores da actual 2.ª classe, o numero preciso para completar o quadro respectivo.

§ unico. O quadro dos professores de 1.ª classe é de 2:600.

Art. 3.º Pertencem á 2.ª classe os actuais professores dessa categoria não abrangidos pela promoção indicada no artigo anterior, os que á data da publicação do citado decreto tinham seis anos de bom e efectivo serviço, e bem assim, dos professores da actual 3.ª classe, o numero preciso para completar o quadro respectivo.

§ unico. O quadro dos professores de 2.ª classe é de 2:300.

Art. 4.º Todos os demais professores actualmente em serviço, incluindo os ajudantos ou interinos, á data da publicação do decreto, com força de lei, de 29 de março de 1911, constituem a 3.ª classe e como tais são tambem considerados, para todos os efeitos legais, desde 1 de abril de 1911.

§ unico. O quadro dos professores de 3.ª classe é de numero indeterminado.

Art. 5.º A melhoria de vencimento por promoção de classe será devida ao professor desde 1 de julho ultimo, qualquer que seja a sua antiguidade, que continuará valendo para todos os demais efeitos.

§ 1.º São reconhecidos e garantidos aos professores primarios os direitos que anteriormente á reforma de 29 de março de 1911 eles hajam adquirido perante a legislação então vigente, devendo ser indemnisados pelas forças do artigo 45.º do capitulo 7.º do ministerio do interior, das diferenças de vencimentos que lhes pertençam por essa legislação, e entendendo-se que depois da reforma só terão direito á indemnisação os que, além das demais condições, tivessem cabimento na classe superior.

§ 2.º De futuro a melhoria de vencimento será devida desde o dia em que o professor tiver ingressado na classe superior, nos termos do presente regulamento.

Art. 6.º As promoções de classe serão feitas pelo governo, segundo a ordem de antiguidade dos professores e mediante a informação favoravel do inspétor da circunscrição.

Art. 7.º Nenhum professor poderá ser provido da 2.ª para a 3.ª classe, ou da 3.ª para a 2.ª ainda que nos quadros fixados pelo presente decreto haja cabimento, sem que, além disso, tenha respectivamente doze e seis anos de bom e efectivo serviço.

§ unico. Para a promoção de classe será contado aos professores de serviço prestado como ajudantes ou interinos.

Art. 8.º Todos os anos e até 31 de dezembro, publicar-se-ha para o efeito da promoção de classe, uma lista de professores pela ordem da sua antiguidade, contendo a indicação do tempo e qualidade do serviço de cada um dos que pertençam á 2.ª e 3.ª classe, devendo essa lista reportar-se a 31 de agosto.

§ unico. Para elaboração desta lista os inspectores de circunscrição enviarão todos os anos, até 30 de setembro, ao ministerio de instrução publica, um mapa nas condições indicadas no presente artigo relativo aos professores dos circulos pertencentes á sua circunscrição.

Art. 9.º As promoções de classe dos professores serão feitas em harmonia com a lista a que se refere o artigo antecedente e publicar-se-hão juntamente com elle, serão igualmente referidas a 31 de agosto.

Os meus pensamentos

Não faças mal, mas tambem não faças bem sem poderes ficar com a certeza de que só tu é que o sabes, pois assim evitarás, não só a infalivel ingratidão do beneficiado, mas tambem as mil varias interpretações desagradaveis a que o bem que fazes se presta.

*

O amor proprio, com as palmetas da farronca e o enchumaçado da vaidade, é o estojo que serve de *emballage* aos encefalos raquiticos, pois que, sem essa protecção, o craneo traria dentro uma *coisa* a chocalhar.

*

Se queres ser considerado pela gente culta e temido pelos imbecis, responde com o teu silencio a tudo o que te desagrade.

*

O asno humano que pensa com os olhos e fala com os ouvidos, não tem direito a exigir consideração de Gente.

*

Porque:

Nenhuma cavalgadura seria capaz de igualar, no desenvolvimento do coice, o *sport* que muitas criaturas cultivam e executam com muito maior perfeição e elegancia do que qualquer cavalo de raça.

*

E:

Se queres saber o que valem os grandes amigos, pesa um inimigo grande.

*

Mas:

Neste cemiterio da Existencia, diz um vivo morrendo aos mortos vivendo:

Perante a eterna impenetrabilidade do Misterio, curve-se o eloquente discurso do Silencio!

Leopoldo Torres Fernandes.

ASSUNTOS AGRICOLAS

Vae aumentando, se bem que lentamente, o numero dos lavradores que estudam a questão das adubações

Acabamos de vêr uma carta dirigida por um importante lavrador do distrito de Beja á casa O. Herold & C.ª, do seguinte teor:—«Numa terra que adubei com Superfosfato e outra com Fosfato Tomaz, reconheci, ao fazer a debulha, que o trigo da mesma qualidade acusou, nesta, mais peso, 3 kilos mais por hectolitro, e, em virtude disto, desisto do vagão de Superfosfato já encomendado por outro de Fosfato Tomaz, que desejo não demorem.»

A casa O. Herold & C.ª, diz-nos que muito mais cartas poderia mostrar-nos, que provam que, com a sua insistencia em aconselhar de preferencia a aplicação de certos adubos e o abandono de outros, tem ela toda a razão.

Os poucos casos em que os concelhos da casa O. Herold & C.ª, importantes negociantes de adubos, estabelecidos em Lisboa e Porto com Sucursaes na Pampilhosa, Regoa, Santarem, Evora, Faro e Beja, não tem dado os resultados desejados, só podem ser atribuidos á má qualidade da semente ou a outra qualquer causa independente dos adubos: e para que os lavradores comecem a ligar tambem maior importancia á escolha da semente e á escolha das boas plantas, a casa O. Herold & C.ª propõe se fazer larga propaganda tambem destes ultimos artigos para assim evitar por completo que possa haver insucessos, porque os não pode haver quando os adubos são bons e apropriados e quando as sementes e plantas são de preveniencia garantida.

A casa O. Herold & C.ª, preocupada com os constantes insucessos dos lavradores em certas culturas e vendo progredir a lavoura de outros paizes, a passos gigantescos, deseja, com toda a energia, ajunar os lavradores portuguezes a utilisarem-se dos mesmos meios que no estrangeiro asseguram o progresso.

Gremio de Instrução e Recreio da Pampilhosa

Conforme noticiámos, realisa-se na noite do proximo dia 1, no elegante teatro de Pampilhosa, um maravilhoso espectáculo pela companhia do teatro *Republica*, de Lisboa, subindo á scena a interessante comedia *Os Velhos*, de D. João da Camara.

A' ilustre direcção do Gremio agradecemos a amabilidade do convite e a generosa oferta dum bilhete para o referido espectáculo.

Noticias

Deve brevemente fazer-se a nomeação dos professores para a regencia das escolas moveis, cujo funcionamento começará em breve.

Além das dez escolas que vão funcionar para adultos na capital, será de cerca de 120 o numero das que se devem instalar, tambem para adultos, em diferentes localidades onde não haja cursos noturnos.

O numero de concorrentes é superior a 160 figurando tambem muitas professoras diplomadas pelas escolas normais.

Caso se dê algum impedimento, por parte do conselho superior da administração financeira do Estado, em relação ás nomeações do pessoal, o conselho de ministos tomará as devidas providencias.

Tambem será em breve feita a escolha de um pofessor para auxiliar o inspector das escolas moveis nos serviços de secretaria.

Foi tornado publico que os professores, cujos despachos de permuta, publicados na folha oficial antes de férias, com a clausula de que só podiam tomar posse no novo ano lectivo, poderão tomar posse antes dessa data, não devendo, porém, a permuta produzir os seus efeitos senão no principio do mesmo ano lectivo

Saiu já ou está para saír um decreto regulando a fórma de criação de logares de professores nas escolas primárias.

A direcção geral de instrução primária vai expedir uma circular aos inspectores dos diversos circulos escolares, recomendando-lhes o cumprimento duma recente portaria sobre a vacinação e revacinação dos alunos.

Estão a concurso a escola masculina da freguezia de Verride, e a mixta do logar da Ventosa, ambas do concelho de Montemór-o-Velho.

CORRESPONDENCIAS

Pampilhosa do Botão, 27

Faleceu em Sebrosa, concelho de Mortagua, vitimado por uma tuberculose pulmonar, o nosso amigo Casimiro de Souza, empregado na Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta. A sua morte foi muito sentida, não só entre os seus camaradas que o estimavam, mas tambem entre aqueles que com ele de perto conviviam, reconhecendo lhe as suas belas qualidades de caracter.

A' desditosa viuva, Delfina L. de Souza, endereçamos a expressão sincera do nosso pezar.

Segundo consta vão começar brevemente os trabalhos para o edificio da escola, que, por subscrição, se vai construir no Entroncamento.

Damos esta noticia com a maior satisfação, pois sempre julgámos que a instrução é o problema que mais atentamente deve ser estudado pelos governos, porque ele é o problema *maximo* duma nacionalidade.

Mas, perguntamos nós: Será desta vez?

Retirou para a Louzã, a Companhia Cinematografica que durante algum tempo esteve nesta localidade.

Com a intenção de se aformosear a casa do teatro desta localidade, a sua ilustre direcção vae mandar pintar a frontaria.

Achamos muito bem, pois como tem estado e ainda está, fórma uma grande contradição com o interior da casa.

Esse trabalho será entregue ao inteligente artista de Coimbra, Antonio Eliseu.

Lavra grande enthusiasmo pela recita que a companhia do *Republica*, dirigida pelo distinto átor Carlos de Oliveira tenciona dar no teatro desta localidade, no proximo dia 1 de outubro, como este jornal já referiu no seu passado numero. Subirá á cêna a interessante e bem portugueza peça em trez átos, de D. João da Camara, intitulada—*Os Velhos*

C.

Vila de Pereira, 25

Aumento da tosse — Segundo nos informam, um cidadão queixou-se ao director dos correios de Coimbra, contra as irregularidades do serviço na estação postal d'esta vila.

Parece-nos historia!...

Mais nos dizem que o serviço do correio, nesta vila, é feito com tamanha arte e gosto que um jornal saido de Aveiro a 15 de setembro chegou a Pereira a 20 de igual mez e um aviso sofreu a demora de 24 horas na estação postal, sendo entregue 3 horas antes da hora marcada ao avisado para se apresentar em Montemór a pagar a importancia nele citada!

Seriam estes os documentos da queixa?

Se foram, o queixoso andou mal, porque cometeu uma verdadeira herezia para com a biblia do correio desta vila que é o Deus supremo de todos os nossos *ricos* segredos.

Deve ser mentira... Os leitores o dirão depois.

E eu cá fico á espreita do *Coelho* ou da *Lebre* já prometida.

Desastre—Quando no dia 13 do corrente se apeava no apeadeiro desta vila do comboio n.º 18 o snr. dr. Manoel Duarte Areosa, foi colhido pelo comboio n.º 51, rapido de Lisboa-Porto, ficando com a fratura de duas costelas e varias contusões pelo corpo. Socorrido pelo snr. dr. Couceiro Martins, foi conduzido á farmacia Silveira, aonde recebeu os primeiros curativos, seguindo nesse mesmo dia para Coimbra.

Desejamos-lhe pronto restabelecimento.

Quem atraz de mim vier...—Assim parece que foi a deliberação da comissão municipal administrativa. Quartel general em Abrantes... Os candieiros continuam apagados á falta de gasolina.

Valha-nos S. Martinho.

Azuil Paiva de Carvalho.

Montemór-o-Velho, 25

No dia 19 do corrente, seriam 22 horas, pouco mais ou menos, manifestou-se incendio num pateo, contiguo á casa de habitação do snr. Antonio Manuel Teixeira, onde existia grande quantidade de palhiço e lenha. Ao que nos consta, na noite do incendio pernoitou, num telheiro que no mesmo pateo existia, um almocreve que, naturalmente depois de ter esvasiado alguns copos, se dirigiu para o referido telheiro e, acendendo uma vela que colocou sobre a manjedoira, deitou-se e provavelmente adormeceu logo, visto que não deu pelo fogo. Ao darem pelo fogo houve gritos, toque de sinos e os nossos rapazes, como sempre, prontamente acudiram, não perdendo a coragem e sangue frio que sempre e em casos analogos têm mostrado, conseguindo localisar o incendio, salvando ainda alguns suinos e uma burra, sendo completamente impossivel salvar as galinhas, coelhos e a mula do almocreve, que creio que acordou com os gritos e, ao que dizem, fugiu espavorido.

Não houve senão uns leves ferimentoe devido ao telheiro ter desabado com, salvo o erro, cinco homens em cima que, por alguem já experiente, foram prevenidos para não irem áquele sitio, visto que as traves estavam queimadas e por conseguinte a queda era certa.

Oxalá a companhia de seguros se lembre de gratificar os individuos dos dois sexos *que trabalharam*.

Já que estamos tratando de incendios, é-nos grato dar a noticia de que, nesta tão velha quão infeliz mas historica vila, se vai criar uma corporação de Bombeiros Voluntarios, para o que se está organisando uma comissão, composta dos melhores elementos, que tratará de estudar a maneira de angariar meios para a compra do respectivo material.

Os nossos sinceros parabens e que a comissão seja feliz nos seus trabalhos, a ver se alguma coisa de bom e humanitario existe neste pobre *velho*.

No dia 20 passaram aqui de regresso das escolas de repetição, sob o comando superior do ex.mo sr. tenente-coronel Almeida, e em direcção a Maiorca, onde bivacaram, os regimentos de infantaria n.º 28 e artilharia n.º 2, aquartelados na Figueira da Foz. Os militares tanto dum como doutro regimento, vinham muito bem dispostos. Os de infantaria, antes de entrarem na villa, já se sentiam a distancia cantar o Hino Nacional. Acompanhava-os a respectiva banda, que atravessou a vila tocando, sendo queimados alguns foguetes na sua passagem á Praça da Republica, onde estava muito povo.

C.

MERCADOS

De Montemór-o-Velho

Preços dos generos em 17 de setembro

Feijão de mistura (14,63 litros)			800
» frade	»	»	850
» môcho	»	»	1$100
» branco	»	»	1$100
» pateta	»	»	950
Trigo	»	»	750
Milho branco	»	»	620
» amarelo	»	»	600
Centeio	»	»	850
Aveia	»	»	440
Cevada	»	»	500
Favas	»	»	540
Ervilhas	»	»	680
Grão de bico	»	»	1$000
Chicharos	»	»	550
Batatas			500
Tremoços (20 litros)			700
Sal			140
Galinhas			550
Frangos			360
Patos			300
Ovos, o cento			1$700

ANUNCIOS

Internato Escolar

Rua Alexandre Herculano, n.º 42

COIMBRA

Este *Internato*, que se achava instalado numa casa situada na rua Oriental de Mont'Arroio, n.º 97, vai ser mudado, no fim de setembro, para a Alexandre Herculano, n.º 42, e continua a ser dirigido pelo professor da Escola Central de Santa Cruz.

Recebem-se alunos que frequentem a Escola Primaria, Liceu, Escola Normal ou Colegios, por preços rasoaveis, sendo todos tratados como pessoas de familia.

Envia-se o regulamento a quem o pedir.

O Director,

José Augusto da Silva.

Agua da Curia

Semelhante á de Contrexeville

Estimula a acção dos rins, que são os filtros do corpo humano.

Experimentai a agua da Curia.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSOES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

Relojuaria Probidade

— DE —

Saul Bahia

Encarrega-se de todo e qualquer trabalho em joias, relogios e gramofones de qualquer sistema, garantindo a sua perfeição.

Tambem possue artigos pertençentes aos objectos acima mencionados.

Rua Henrique Dias, n.º 41

S. PAULO — BRAZIL

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz** — Camarneira — Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

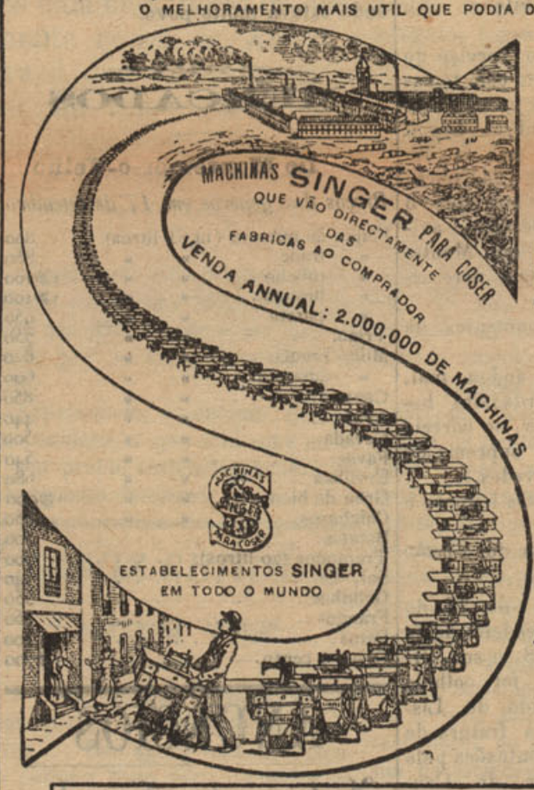
PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais, etc.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

MELO & MARTINS

Com armazem de adubos quimicos, sulfato de cobre, enxofre e cal para construções

Endereço postal e telegrafico:

PAMPILHOSA DO BOTÃO

São nossos representantes em Mortagua:

NA POVOA, o snr. José Paulo

NA ESTAÇÃO, o snr. José Tomaz.

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.

O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.

Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

MURALINE

Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela faciliddade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle,,

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

CASA HAVANESA

16 — Rua Ferreira Borges — 18

COIMBRA

Sortido completo em tabacos, papelaria e perfumarias. Molduras para quadros e galerias, o que ha de mais moderno. Artigos para desenho, pintura a oleo, aguarela, foto-miniatura e pirogravura.

BILHETES DE VISITA

Novidades para brindes, artigos de viagem e toilette etc.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 2.° Arazêde, 5 de Outubro de 1913 N.° 85

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os originais, quere sejam ou não publicados. Não se aceitam informações anónimas.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

PORTUGAL E COLONIAS PORTUGUEZAS—Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trismestre, 30 centavos.
BRAZIL — Ano, 2 escudos.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Redação e Administração — ARAZÊDE

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

Biblioteca da Universidade S. B. Coimbra

Um aniversario historico

Tres anos de Republica e dois periodos de reconstrução

E' necessario que todos os espiritos ardentes e disciplinados confraternisem entre si, vivendo na mais perfeita identificação com o Ideal libertador

Viva o Live-Pensamento!
Viva a Solidariedade humana!

Três anos de Republica Portuguêsa são três granadas formidaveis contra as velhas instituições e contra as adulteradas doutrinas.

Derrubar dum unico golpe, num dado momento historico, uma monarquia oito vezes secular, que cavou fundas raízes no seio das classes privilegiadas, e que conseguiu em todos os tempos esmagar a voz do Grande Eleito—o Pôvo anciadamente heroico como admiravelmente humano — constitue um feito unico que não tem registo similar nas paginas gloriosas da historia mundial.

E' um rasgo de heroicidade que caraterisa um povo e uma raça.

Fazer uma revolução é facil; dificil é prepara-la.

Canalisar os espiritos para o campo do ideal, orienta-los com firmêsa e dobrada energia, e tê-los a postos depois duma aturada e racional disciplinação — eis o que é admiravel e valoroso. Mas tudo isto se traduz e se sintetisa no momento psicologico. Então a revolução será tanto mais bela e prodigiosa quanto mais fielmente representar a obra de educação e de disciplina que colheram os espiritos integrados na ideia revolucionaria.

O movimento de Lisboa que precipitou a monarquia dos Braganças está neste caso, e por isso êle é incomparavel de heroismo e de abnegação. O 5 de Outubro que hoje se solenisa em todo o país justifica-se entre nós do mesmo modo que o 14 de julho na França. Apenas com esta diferença: é que emquanto este foi feito quasi todo de sangue, irrompeu aquele cercado quasi todo de luz.

* * *

Fez-se, pois, a Republica ha tres anos.

O Povo, num gesto leonino, marcou o 5 de Outubro, que se ergue altivamente como um marco miliário, desafiando fronteiras e assombrando mundos. Foi um dia de glorificações e de aleluias, a que se seguiram seis mezes de trabalho febril, heroico e renovador. Aqueles que alentadamente tomaram sobre os ombros a dura emprêsa de dirigir uma nação, reconstruindo, sob um novo e diverso plano, o edificio que haviam desmoronado, souberam ser dignos dos tempos d'outr'ora, em que a espada andava na mais estreita união com a dialética e com a Fé.

Assim decorreu, sem grandes laivos, o primeiro periodo de reconstrução nacional, que deu novas bases, novas leis, novos costumes ao sonhador e audacioso povo português. Depois, grandes e prolongadas tormentas vieram assombrear o ceu politico de Portugal, que viu naufragar impiedosamente muitas dedicações, muitas energias e alguns herois. A tendencia scismatica entre os homens manifestou-se, os odios nasceram, as ambições proliferaram. Caminhava-se para a Paz? Não, a Guerra avassalava os espiritos. Ai da Patria, e ai da Republica!

Mas eis que um novo periodo de reconstrução se desenha com firmêsa, com decisão, com esforço indomavel. A Patria não morre, a Republica quere florescer.

Alguem, a seu lado, dá-lhe todo o alento, dá-lhe todo o sangue para a tornar forte e vigorosa. Ha traições e malquerenças, os odios redobram ameaçadores, as paixões renascem devoradoras. Dentro e fóra do paiz ha setas ervadas que partem direitas ao coração da Republica; mas a mão misteriosa do Povo, sempre devotado e sempre animôso, consegue apará-las e reduzi las a pó.

E assim tem triunfado a Republica, através da sua estrada juncada de abrolhos, semeada de espinhos, com um olhar eloquente fixado no Ideal que a magnetisa e deslumbra.

* * *

E hoje? Hoje o 5 de Outubro tem de ser mais belo e mais sublime. Os homens têm de fazer a sua pofissão de fé igualitaria nos braços do Livre-Pensamento. Não ha inimigos, não ha ambiciosos, não ha sectarios; deve haver sómente espiritos que se liguem para a comunhão do Bem, da Verdade e do Amor. E' uma trilogia que se impõe, porque é ela que tem de engrandecer e de emancipar as grandes nações.

Portugal tem sido grande pelo Sofrimento; pois só conseguirá ser maximo pelo Amor.

A Luz só é intensa e magnética num céu diáfano e diamantino. Onde houver brumas, ha a penumbra; onde houver nimbos, ha a tempestade.

Purificar o ceu, clarear os espaços, balsamisar os corações, libertar as almas — eis a hora do Presente.

Cavêmos no passado para visionarmos o Futuro.

O Sol que hoje nos acaricia ainda tem manchas que o entristecem. Tornêmo-lo puro com o sangue dos nossos ideais; intenso com a vida do nosso pensamento; tranquilo e benéfico com a seiva dos nossos corações, hoje confundidos no mesmo amor, na mesma aspiração, no mesmo Supremo Ideal.

Só assim poderemos dizer num anceio ardente e com a alma ungida de beatitude:

Viva a Republica!

NOTAS

Outro caminho

Continua a ser triste a maneira como, a tres annos de Republica, os jornais vão orientando e educando o povo com questões minimas, picuinhas, notas ásperas resabiadas de vincos acrimoniosos, politiquices sem valor moral, emfim, verdadeiros petardos de esfacelamento entre um agregado de individuos que deviam formar entre si um bloco sentimentos unanimes, de opiniões criteriosas e disciplinadas. E o que é mais para lamentar é que esses processos dissolventes não são já só apanagio de muitos jornais de provincia, mas vão entrando tambem pelos jornais diarios, que mais responsabilidades teem no modo como vão formando a opinião publica.

Bem melhor seria que todos, possuindo a verdadeira noção do fim para que servem, abandonassem os seus processos de ataque, a coscovilhice indigena, que perverte e não educa, e entrassem no verdadeiro caminho da disciplina moral e intelectual do povo portuguez, cuidando da libertação dos espiritos que hoje, mais do que nunca, é mister empreender com energia, com coragem e com abnegação. Dêem lições de fraternidade ao povo que nos lê a todos nós, e não exemplos de antagonismo e de hostilidades funestas.

Reabilitem-se os que querem ter probidade jornalistica e não se afundem mais na lama da corrução.

A valêr?

Diz o *Rebate* de quarta-feira que «o que urge fazer antes de mais nada é guerra sem quartel ás quadrilhas partidarias, a todas sem excéção.» Muito bem. Mas é preciso que o snr. Alfredo de Magalhães se não lembre mais tarde de formar tambem um partido seu, que se converta nalguma quadrilha...

Emquanto se está fóra da agua, tudo está bem; mas depois de se molhar a cabeça, molha-se todo o corpo

Efeitos do álcool

Lê se no n.° 1125 da *Voz da Justiça*, e com o titulo que nos serve de epigrafe, a seguinte nota:

> Informam-nos que um snr. Andrade, farmaceutico no Amieiro, logar proximo de Arazede, que por vezes tem exercido ou exerce ainda hoje o logar de administrador substituto do concelho de Montemór-o-Velho, costuma beber de mais e, uma vez com o espirito esquentado, despeja as maiores tolices sobre os republicanos democraticos e sobretudo sobre o nome do snr. dr. Afonso Costo.
>
> E' claro que o snr. Andrade não pode, quando assim está, dizer outra coisa. Mas não seria mais decente que ele deixasse de fazer politica daquela, que o mesmo seria que deixar de se *entornar*?

Cada um só está bem no seu *meio*.

Mas é preciso que o nosso colega saiba que o snr. Andrade exerceu ultimamente tambem o cargo de juiz de direito da comarca de Montemór e é vice-presidente da comissão municipal administrativa. Tudo isto convém saber.

Triste sorte

Parece que o ex-rei Manoel, casado apenas ha um mez, vai ficar sem mulher, por causa duma doença infecciosa que ele lhe comunicou e de que ela se resentiu. Isto é o que têm dito os telegramas chegados. Ha quem diga o contrario, duvidando que se possa dar uma possivel separação de pessoas e bens. O que é cérto é que o examante da Gaby não está em muito bons lençois. Coitado! Ele perdeu o trono, perdeu a coragem, perdeu a Gaby, e agora por ultimo ha de querer o mau sestro que ele perca a mulher?

Imprensa

Passa hoje o 3.° aniversario jornalistico dos nossos estimados colegas *O Povo* e o *Sul da Beira*, que têm lutado sempre em prol do Ideal; e o 19.° aniversario da *Educação Nacional*, do Porto.

Aos nossos confrades muitas saudações.

Teatro

Realisou-se efetivamente no dia 1 do corrente, no Teatro Gremio de Instrução e Recreio da Pampilhosa, o anunciado espetaculo dirigido pelo distinto ator Carlos de Oliveira. Representou-se a peça em 3 atos, original de D. João da Camara, *Os Velhos*.

A' parte a carolice que manifestamente envolve todo o entrecho, a recita agradou extremamente, pois foi desempenhada com toda a correção pelos eximios artistas.

A casa não esteve má, e muito maior teria sido a concorrencia se o tempo o tivesse permitido.

Melo & Martins

Recebemos um livretesinho, brochado, contendo interessantes elucidações sobre adubos quimicos e seus preços, elaborado por estes nossos presados amigos, proprietarios do grande armazem de adubos em Pampilhosa, conforme anuncio na secção respetiva.

Agradecemos a gentileza da oferta.

Rei sem... trono

Lê-se nos jornais o seguinte telegrama, que nos fez rir:

> PARIS, 1—«Le Matin» publica um telefonema do seu correspondente particular em Berlim, segundo o qual a côrte de Munich fez publicar o seguinte boletim:
>
> «A rainha de Portugal caiu enferma no dia 18 do corrente, apresentando sintomas de febre gastrica. A doença foi provocada por baterias intestinais que atacaram todo o lado direito do baixo ventre. A enferma cousultou, por nosso conselho, a clinica do professor Romberg, no hospital da margem esquerda do Isar.
>
> Espera-se que se restabelecerá dentro em pouco.
>
> O rei D. Manoel tambem se instalou no hospital. — (a) Allwein, Romberg e Schwass.»

A rainha de Portugal!...

O rei D. Manoel!...

Mas de que Portugal? Talvez seja do Portugal da Silveira, nome bem conhecido de todos os incorrigiveis boémios da capital, mas contudo bom rapaz, coitado! O rei D. Manoel!

Talvez seja de D. Manoel, e portanto rei dele mesmo. Outra coisa ninguem a serio tomará.

Extinção de cães

A policia de Montemór extinguiu no dia 24 do mez passado mais de 30 cães nesta localidade. Houve quem se desgostasse com esta medida administrativa. Nós só temos que aplaudi-la. Quem tiver cães, que os tenha presos em casa ou nos quintais, visto que só nos quintais ou em casa é que eles são precisos. Cães para andarem pelas ruas, só convenientemente açamados ou na companhia dos donos;

de contrario, sorvirão mal os pobres viandantes com as suas furias e os seus importunos latidos. Ninguem tem que se queixar. Apenas convirá que, de futuro, tudo se previna, de maneira a serem imediatamente enterrados os cães que forem vitimas das bolas da policia, a fim de se evitarem exalações mefiticas.

O pendão

Aos portugêses pequeninos

Em tempos que já lá vão, houve um reino poderoso que levou a civilisação ás partes mais remotas, ás mais longinquas paragens.

Seu pendão era branco, todo branco, como branca era a alma desse povo nobre, generoso e bom que tem no seu sentir a poesia das noites meridionais.

Flutuára ao vento das vitorias em Cernêja, Val-de-Vez e Ourique pelo braço dum rei que o sabia ser. Tremulára, em convulsões leoninas, nos Atoleiros, Valvêrde e Aljubarrôta á voz potente do guerreiro e monge e depois, numa epopeia homerica, drapejou lá longe, muito longe, nos inospitos campos de Malaca, Ormús, Benasterim e Aden sobre o montante de um semi-deus—Afonso de Albuquerque.

Era o pendão, então, alvo da côr do arminho.

* * *

Um dia, enodoaram o simbolo sagrado com a côr azulada do manto da Senhora de Lourdes e o negro beatismo pairou sobre este jardim florido como avalanche de lama que tivesse tombado num matagal de lirios.

Ergueram-se os bandidos: o paiz ficou a saque!

O estrangeiro assistia, sorrindo, ao desmantelar desse castelo de herois, afiando as garras no atrito da sua ambição ignorante e charra...

A França escarrava na face ao leão moribundo empoleirada na sua barca *Charles et Georges* e, em vez dos berros dum clarim chamando á luta, os sinos tocavam á missa conventual!

A cidade, esbatida pelos ultimos alvôres crepusculares, tinha o aspecto algente duma musmê oriental amortalhada.

Campos desertos, luto e dôr! . .

Era o pendão, então, azul e branco.

* * *

Certa manhã, a Patria resurgiu.

Era ao caír das folhas. O fatidico sopro dos outonos tinha de ser fatal á quadrilha infame de vis testas coroadas.

Falou a voz do povo. Troaram os canhões. A cidade, estremecendo aos primeiros beijos da alva, despertava para a Luz e para a Vida, sobraçando o chicote das reivindicações.

E o pendão, que até ali tivera a côr azulada do manto da Senhora de Lourdes, tornou-se rubro e verde como rubra deve ser a alma da Revolução, o sangue dos Herois, como verde deve ser a esperança radiosa em dias mais felizes e venturosos.

Inocentes crianças, homens de amanhã: amai esse pendão. Nele está encarnada a vossa Patria. Quando ele passar hastiádo pela plebe amotinádа, ajoelhai á sua passagem, e, quando, amanhã, ele vos chame, dai-lhe o vosso sangue, a vossa fôrça, a vossa vida, fieis precursôres dos feitos de Malaca, Ormuz, Benasterim e Aden.

Gomes Monteiro.

Notas pessoais

Tem estado doente o nosso presado amigo, snr. Domingos Rodrigues da Silva, comerciante, da Pampilhosa do Botão.

—— Tambem está gravemente enfermo o snr. Abel de Noronha, chefe de Semide.

Desejamos o pronto restabelecimento dos nossos amigos.

—— Passou a exercer o seu cargo na linha de Valencia d'Alcantara a Lisboa, onde estará durante o corrente mez, o nosso presado amigo Manuel d'Almeida Junior.

CARTA DE LISBOA

Atraves do Cine maravilhoso

Quo-vadis? — Tem despertado indescritivel interesse a célebre *film* cinematografica extraida do conhecido romance de Eurik Scieukewicz. Pelo cunho de rialidade que traz impressa se veem os extraordinarios progressos que no animatografo se teem operado.

Comicio evolucionista. — Realisou-se, no passado domingo, em Algés, um comicio evolucionista, presidindo o snr. Antonio José d'Almeida. No final, dirigiram-se ao *The Splendid For Garden* onde lhes foi servido um jantar suculento, que, afinal, como dizia Junqueiro:

Que é a vida? Jantar. E morrer? Ser jantado,
Comer ou não comer, eis a eterna questão.

Após o banquete, quando os comensais saíam congestionados, risonhos, por entre vivas ao snr. Antonio José, troáram vivas ao snr. Afonso Costa e uma saraivada de pedradas que, pouco depois, serenou.

Otimo sistema para auxiliar digestões.

3.ª arremetida couceirista? — Fala-se numa nova parelha de coices realista. Será verdade? O mais bonito é que se encontram presos tipos sindicalistas que, para mim, é ponto de fé, terem conivencia nos manejos. Todavia, que venham. Portugal, hospitaleiro e bom, os receberá convenientemente.

FOLHA ERRANTE

Se te fizesses *canastra*,
Minha palida ametista,
Eu que sou republicano
Fazia-me couceirista.

Nitrato.

Os meus pensamentos

Não ha nada mais imponente e belo do que o olhar meigo e sincero duma criança. Mas entristece-me profundamente saber que esse dôce olhar d'hoje será o dum putrefacto adulto d'amanhã!

*

Na disciplina do Natural são meus professores os animais; em rudimentos de Perversão e Cinismo os meus mestres são os homens!

*

Ha quem condene a pena de morte, escudado no principio de que ninguem deve tirar o que não póde restituir. Acho bem.

Mas — caso curioso — eu defendo a pena de morte precisamente pela mesma razão, precisamente porque «não posso tolerar que se tire o que se não póde restituir!»

Logo: do meu lado ficaria o duplo respeito pela vida humana, ao passo que do lado oposto apenas um sentimento interesseiro existiria ainda: o da *utilisação* da féra em determinado serviço duma fração.

Todavia, eu melhor desejaria fazer parte duma Coletividade mais reduzida, mas onde o Respeito pela especie semelhante fôsse bem compreendido e mutuamente observado, do que pertencer—como por desgraça pertenço — a uma Grande Sociedade de doentes e degenerados, onde, por luxo, vicio, pedantismo e cobardia, se joga o *foot-ball* com o sagrado Respeito que uns aos outros devemos, digo, que uns aos outros *deveriamos dever*.

*

Patria e Humanidade são duas palavras que estão brigando no fundo da sua significação.

Porque:

Os patriotas fazem-me lembrar os filhos que unicamente gostassem dum braço de sua Mãe e lhe anavalhassem o resto do corpo!

*

Os fanaticos por uma ideia — átomo do Infinito—nunca poderão deixar de ser uns intelectuais mediocres, atendendo a que o seu *fanatismo* a isso lhes resumirá sempre a compreensão, desequilibrando-lhes não só a imparcialidade, mas tambem a nobreza de procedimento em todos os seus átos!

*

A doença pestifera da imbecilidade alastra aterradoramente!

Para a combater, creio, nada haverá melhor do que o desinfetante do dr. Despreso.

*

Mas — eu bem sei — ninguem tem culpa de ser o que é, posto que ninguem póde arredar-se da linha pela qual o misterioso Destino empurra Tudo e Nada!

Leopoldo Torres Fernandes.

Horas d'insónia

Paz, Liberdade, Amor!... Era o que sonhavamos, era o que nos alimentava a fé para sabermos esperar resignadamente a hora do triunfo durante as noites de vigilia em que o fogo do Idial abrazava a nossa alma na esperança do alentador sol da Liberdade, da Paz e do Amor... Ha 3 anos que, a esta hora, a nossa Patria estava em lucta. Por toda a parte o pregão da revolta para sacudir a tirania que sofucava os nossos gemidos de velhos espoliados, de pobres martirizados...

Lembro-me bem! A alma popular debatia-se entre arrebatamentos de patriotismo delirante e estremecimentos de desanimo e duvida, receiosa da hora fatal da perda da autonomia e da dignidade nacional.

Com efeito a alma portugueza em tudo é genuinamente perfeita, sobretudo quando se trata de dignificar a sua Patria ou acudir, em momento de perigo, aos seus irmãos de infortunio.

Fazer caír aos pedaços um edificio de sete seculos teria parecido dificil, se não fôra a lembrança de que ele estava completamente pôdre e que para o tombar bastaria um pequeno impulso dado com fé ardente no futuro e com asco profundo ao passado que tanto nos aproximara do abismo e nos vinha envolvendo em lama.

E assim, numa manhã de luz e de redenção, a alma do povo, a alma humilde dos que trabalham viu romper uma nova aurora de Liberdade que a todos acalentando e aquecendo os peitos frementes de idial, a todos dignificou apontando-nos o caminho da honra, a todos pedindo esforço e sacrificio, paz e harmonia.

Foi ha 3 anos. Lembra-nos bem da impaciencia e da coragem com que todo o país esperava o momento da libertação, e com que todo o país acordou dum longo sono de indiferentismo colectivo que foi todo o nosso mal, que ia sendo a nossa ruina.

Por isso mesmo convem que trabalhemos, que unidos caminhemos a mesma estrada de independencia e izenção, fazendo politica alta, politica sã que dignifique os caratéres, acabando-se o triste espectaculo que se está dando á Europa culta num pais de meia duzia de homens como é o nosso. Em vez de odio, que impere idialmente a Paz, a Liberdade, o Amor.

ALMEIDA JUNIOR.

Anti-alcoolismo

Consequencias da embriaguez

E' frequente vêr-se nas serralharias muitos operarios com a mão a tremêr, o olhar embaciado e o braço sucumbindo ao peso do martêlo. Qual é a causa disto?

E' o lume da forja e o ferro que continuamente está a ser batido na bigorna? Não, o trabalho fortifica; a devassidão é que mata. E' ela a causa de muitos individuos ficarem inválidos, ela é que enche as ruas de mendigos e os hospitais de doentes incuraveis.

E quem se introduzisse, de dia, nas trapeiras dos bairros, porque é que veria o lume apagado, o leito desguarnecido, o armario vazio e crianças tisicas a morrerem de fome?

Houve alguma crise industrial? As oficinas não querem dar trabalho? O pai não tem que fazer? Não, não é isso; a mulher e os filhos podiam viver, se ele quizesse; ele é que lhes rouba o leito e o vestuario, ele é que os condena ao frio, á fome e á morte; ele—o cobarde—que tudo gasta na taberna.

Tratado de comercio

No conselho de ministros do dia 1, a que presidiu o rei, o conde de Romanones referiu-se ao rompimento de relações comerciais entre a Hespanha e Portugal, acentuando o desgosto que tal facto produzira no governo, o qual esperava, todavia, que o parlamento facilitasse as negociações do novo tratado.

Aludindo á politica interna, o presidente do conselho observou que depois da visita do snr. Poincaré se desenrolarão os acontecimentos politicos que a opinião publica aguarda.

A'cêrca do estado da fazenda, declarou que além de sessenta milhões, prata e oiro, para pagamento do *coupon* deste mez, ha uma reserva de nove milhões, ouro, e de sessenta e oito e meio, prata.

Ha escravatura em S. Tomé?

(CONTINUAÇÃO)

Desde esse dia a minha consciencia nunca mais teve um momento tranquilo; a sua voz interior bramia o *crime* e cada negro que passava na curadoria era ouvido com o maior escrupulo e, ainda assim, quantas vezes o meu olhar ancioso não fitava a porta da curadoria quando se ouviam passos no corredor, temendo o anuncio doutro áto de loucura!

Esta agitação nervosa, doentia, que o *crime* motivara em todo o meu ser, originou a brandura com que desde então todos os serviçais fôram ouvidos na curadoria e motivou tambem a minha violenta demissão, porque aos roceiros não convinha a brandura para com os serviçais.

Eis a razão porque sempre defendi o negro contratado.

Para mim os chocolateiros inglezes e os roceiros são iguais nos fins e nos processos. Não devo diferencia-los na minha critica.

A proposito dos chocolateiros inglezes, permitam os leitores que eu lhes conte uma historia veridica. Ha quinze anos administrava uma roça em S. Tomé um inglez que, acostumado aos processos usuais das colonias inglezas, maltratava os serviçais. A sua crueldade chegava ao apuro de encaixotar os serviçais e lançava-os, depois, ao mar. Estes átos de uma crueldade espantosa tornaram-se publicos e o inglez esteve preso por esse motivo. Já morreu, mas a lembrança da sua *brandura* ainda perdura em S. Tomé. Isto não é gratuito; vivem ainda pessoas que podem confirmar, com todos os detalhes, as crueldades desse inglez.

Serão os chocolateiros de melhor caráter? Duvido. E é por isto que eu não os distingo dos roceiros, que podem ser crueis, mas incapazes de cometer átos duma barbarie provada.

* * *

Como toda a gente sabe, a população indigena de S. Tomé e Principe não trabalha e vive da apropriação dumas parcelas de terrenos, onde o cultivo da banana e da mandioca *dão o suficiente* para um homem levar a vida de barriga para o ar, á sombra dos okás.

Nestas condições a agricultura das ilhas luta com a falta de braços e busca-os noutras regiões. Assim recorre-se á emigração do negro para as ilhas, estando toda a discussão em saber *se ele vem ou não violentado*. Este ponto é secundario para a minha tese, porque, na verdade, ninguem de boa vontade abandona o seu lar e a sua terra nativa para desenvolver a atividade num solo estranho e num ambiente contrario ás manifestações naturais do seu temperamento.

(*Continua*).

Jeronimo Paiva de Carvalho.

Ferro-viarios de Portugal

A redação deste jornal enviou-nos uma carta que para ali anónimamente nos dirigiram, perguntando se nós emudecemos.

A redação fez uma coisa que nós talvez não praticassemos. O papel pedia barril do lixo, entretanto chegou ás nossas mãos.

Certo que não tentamos responder-lhe, nem ao menos comenta-la.

As considerações sobre a carta anónima estão feitas. O seu autor encarregou-se de fazer e *batizar*.

Entretanto seja-nos licito ao menos dizer que o facto não é unico e que revela, só por si, a falta de educação colectiva que ainda hoje se nota, mercê de uma grande desorientação que lavra no seio da classe ferro-viaria de Portugal.

Toda a gente imaginava que nas linhas ferreas havia, por parte dos trabalhadores, um pouco mais de bom-senso. Toda a gente pensava isso porque, antes de darem tanto sinal de si, os ferroviarios portuguezes, mudos e quedos, poupavam-se ao incomodo de se desmascarar perante o publico que os desconhecia.

Agora, sem cultura, sem preparação de especie alguma, atiram-se impensadamente para a luta sem se preocuparem com as tremendas responsabilidades que do lutar inconscientemente lhes poderá advir, uma vez que sem norte nem ponto assente, sem programa definido, se meteram em camisa de onze varas.

Nós queriamos vê-los, lutando em prol da sua emancipação, mas alheios a paixões obsecadoras, a inglorias paixões por vezes meramente pessoalistas, quer se trate de atacar o superior, quer se defenda pretenciosamente o inferior ou igual.

Se não, é vêr, é apreciar que de desordem lavra lá pelos nucleos e associações, onde é raro duas opiniões casarem-se imparcialmente, com lealdade e com firmeza de convições, dessas convicções intimas e desinteressadas que lustram os caratéres e os tornam altivamente independentes, saudavelmente impolutos.

E aí está como, sem querer, me alarguei em considerações, todas elas afinal sugeridas por uma simples e torpe carta anónima, ditada por criatura semilhante a outras criaturas que comnosco tanto parecem preocupar-se, mas sem coragem para desfivelar a mascara.

E' que são assim todos os corrutos.

Belmiro.

Poetas e Prosadôres

A filha do mestre escola

Nunca esquecerei...

Aquela casita branca, situada na falda da serra, como um pequenino ponto branco perdido no espaço.

Um pouco ao nascente passava por entre uns verdes salgueiraes, um filete de agua que mais abaixo fazia mover umas pezadas azenhas, ao poente o velho pinheiral, junto do qual habitava o mestre João.

Foi neste abençoado cantinho que deixei correr os meus verdes anos, na franca convivencia de santa gente, rude mas sincera, pobre mas caridosa.

A's vezes corria pelos campos, atraz das barboletas, como se fosse uma creança, outras vezes, sentava-me á beira do rio, contemplando durante longas horas os lindos salgueiraes, que batidos pela fresca viração, pareciam beijar as aguas correntes, que traziam até mim, os cantares alegres da pequena Rosita.

Rosita era a filha mais velha daquele respeitavel ancião, mais conhecido no logar pelo mestre João, porque passou toda a sua vida na mais grandiosa cruzada do bem de espalhar a flux, pelos cerebros ignorantes, a prodigiosa luz da instrução.

Hoje o pobre mestre escola esse grande obreiro da instrução, recebia do estado uns magros cobres, remuneração duma vida de trabalhos e sacrificios, que mal chegava para o seu sustento.

Muitas vezes eu vi correr pelas faces rugosas daquele santo velhinho uma lagrima triste e silenciosa, uma só lagrima, que vinha denunciar toda a tristeza que ia na alma daquele fragil corpinho, quasi sem vida.

A's vezes como que envergonhado limpando as lagrimas, todo tremulo, dizia-me:

Joãosinho!

Desculpe-me esta fraqueza, mas estou velho, cançado e não tenho que deixar a essas creancinhas, mais que o nome honrado e o exemplo do trabalho; ficam ao desamparo e quem sabe se ámanhã as pobres filhas do velho mestre escola terão que esmolar de porta em porta o pão de cada dia.

Os meus fracos proventos nunca me permitiram que eu reunisse algum dinheiro para lhes deixar, todos os meus ganhos mal chegavam para o nosso sustento e para repartir com esses desgraçados, que a natureza impossibilitou de trabalharem.

Felizes aqueles que podem morrer com a consolação intima de que deixam o preciso a seus filhos para que eles não sintam os horrorores da privação.

Pobre Rosita!...

Como ela tão nova desempenha todo este pesado serviço da casa e sempre atarefada não se esquece de nos alegrar ora com os seus ditos, ora com os seus cantos.

Pobre creança, que tão nova experimentou os duros golpes da dôr e tão nobremente cumpre o seu dever de irmã extremosa e de filha amantissima.

E o bom mestre João ao acabar de proferir estas palavras, deixava pender a sua cabeça já branca e assim ficava pensativo e triste durante compridas horas, fugindo-lhe ás vezes dos seus secos labios, um leve sorriso todo de dôr e tristeza.

.....

No dia seguinte ao pôr do sol, ouvia-se dos sinos o tanger; o povo da aldeia de regresso dos trabalhos da lavoura, de cabeça descoberta e de aspecto triste, dizia baixinho as suas orações; e o rio, com seus lindos salgueiraes, agora curvados sobre as aguas, parecia chorar a morte do mestre João e da Rosita.

.....

Lá ao fundo, por entre esguios ciprestes, num gelido coval, eu fui depôr sobre aquela ultima morada uma saudade em flôr, velada de pranto.

Jorge das N. Larcher.

Lei da separação

O caso de Tentugal

A proposito da questão de Tentugal transcrevemos, do *Seculo* do dia 8 de setembro p. passado, o seguinte:

Sr redactor.—Li no *Seculo* de 4 do corrente, sob o titulo *Lei da separação—Caso grave*, e datada de Montemór-o-Velho, um arrazoado que não posso deixar passar em claro sem o meu protesto. O caso está entregue ás autoridades e por isso não devo mexer nele, simplesmente direi que a sindicancia á confraria do Santissimo de Tentugal é feita com o unico fim dela ser dissolvida, para evitar que nela continuem as roubalheiras que lá tem havido, para que se não continue a deixar prescrever fóros e para que se não gaste de mais na... lampada do Santissimo. E quer v., sr. redactor, saber quem são os queixosos? Um, o José, é o sacristão, que na sua gerencia, como mezario da confraria sindicada, deixou prescrever os fóros que a ela devia; o outro, o Joaquim, é o andador, que tem por obrigação principal cobrar fóros e acender a lampada. Falta um terceiro que não entra em scena abertamente, porque não tem coragem para isso; mas está por detraz da cortina—é o paroco Gouveia Rodrigues, que está a vêr perdida a sua confraria; e os de Tentugal, sem coragem de lhe dar o correctivo que ele precisa levar.

Está v. a vêr o caso: de um lado o padre e os seus acolitos; do outro, a gente séria desta malfadada terra.

E o mais engraçado é que o caso é todo entre evolucionistas. Não têm de quem se queixar. Evolucionistas são o padre e os queixosos; evolucionista é o digno sindicante. Veja, sr. redactor, de que raça eles são!! Tanto querem comer, que acabam por se comer a si proprios, e até ao proprio sindicante, se ele os não fritar primeiro no azeite da lampada da confraria... —*Fausto Guedes Gaúcho.*

Sr redactor.—Lendo no seu muito lido jornal n.º 11:400, de 4 do corrente, uma local com o titulo—*Lei da separação—Um caso grave*—na qual se fazem referencias injuriosas e difamatorias contra nós, e estando o primeiro signatario encarregado pelo digno governador civil deste distrito de fazer uma sindicancia aos atos da confraria do Santissimo Sacramento de Tentugal, da qual é secretario José Pereira Boptista, e exerce dois empregos Joaquim Pereira Baptista, ácêrca do procedimento dos quais, sobre assuntos da dita confraria, tem de se dirigir a sindicancia, limitamo-nos por emquanto a declarar, sob nossa palavra de honra, que são falsos os factos que aleivosamente nos são apontados na referida local, por não convir, antes de terminada aquela sindicancia, responder devidamente ao conteúdo da mesma local, que se diz baseada nas queixas ou declarações dos ditos José e Joaquim Pereira-Baptista. Finda que seja a sindicancia e depois de concluidos os factos que por ela se averiguarem, daremos a devida resposta á dita local e procederemos como a lei de imprensa nos facultar contra quem assumiu a responsabilidade de tão injusta e indigna correspondencia.

Agradecendo a publicação destas linhas, somos —De v., etc. —*Antonio Soares Couceiro, Francisco Martins da Costa.*

Banditismo

Pelos jornais tivemos conhecimento do plano organisado por facinoras da peior especie, para matar Afonso Costa, essa figura de alto valor moral e inteletual, honra da raça portugueza.

Ouvimos, e nós tambem o ponsamos, que, só bandidos sem alma, sem coração e sem consciencia poderiam atentar contra a vida do homem que tantos sacrificos tem feito em prol da Republica e da Patria, evitando a que falsos portuguezes voltem a enlamear esta terra, tantas vezes roubada e enxovalhada.

O atentado contra Afonso Costa causou nesta região a maior indignação de protesto, e tivemos ocasião de, mais uma vez, reconhecer quanto é apreciado e estimado o homem que a canalha quer fazer desaparecer, não reconhecendo que estadistas como o chefe do governo, não é vulgar que abundem nesta terra paixões raivosas e mesquinhas.

Porque se formam grupos para liquidar Afonso Costa?

Porque aquele estadista moralisou a administração do Estado, acabou com o *deficit* monarquico, não transige com conspiradores, não quer que a cidade de Lisboa e o Paiz estejam á mercê de bandidos e traidores?

Sim, deve ser assim:

E' vizivel que, cértos reaccionarios, e a cáfila monarquica, alugados á Companhia de Jesus, (amen) desejam eliminar homens, fazer tumultos para enlamearem mais uma vez a Patria que traíram.

Apareça de cara descoberta essa malta asquerosa e verá como recebe o castigo do povo que a odeia, amando a Republica.

Que o governo tome providencias tendentes a castigar com rigor a canalha que tanto nos incomoda, e limpe duma vez esta terra que tão enlameada tem sido por *sicarios* de tão infima especie, por farçantes sem nome e sem dignidade moral.

Viva a Republica.

Fernandes d'Almeida.

Azilo Militar

Impressões dum visitante

Todo o país conhece, ao menos por tradição—generosa e nobre tradição, por sinal—o Azilo de Invalidos Militares, de Runa, obra caritativa doada pela princeza do Brazil, D. Maria Benedita, filha de D. José I.

Pois é sobre esta bela instituição, uma das melhores e mais justas casas de beneficencia portugueza, que um dos nossos redatores teve ha dias uma rapida conversa com o snr. José Martins Ferreira Pires, proprietario, da Pampilhosa do Botão, que, de passeio, visitou em Runa o Azilo dos Invalidos, tendo-o acompanhado nessa interessante digressão o actual chefe do Caminho de Ferro daquela localidade e tambem nosso amigo, Rodrigues da Silva, Dr. Varela, ilustre tenente medico e 2.º sargento José Braz Monteiro, amanuense do hospital.

—Pois é verdade, meu amigo. Venho encantado,—nos diz Ferreira Pires. Percorri todo o Azilo, devido á amabilidade de amigos meus, e não me foi possivel olvidar ainda a grata impressão, a saudavel impressão que me deixou aquela obra de caridade, bem digna de ser vista por todos os portuguezes que avaliam quanto é generosa uma casa de invalidos daquela natureza.

O actual comandante do Azilo, o brioso general snr. Carlos Bazilio Damasceno Rosado, é bem uma criatura do seu tempo. Gentil, dedicadissimo,—gestos aliás bem proprios da sua alta educação de militar digno—tudo me explicou, tudo me mostrou, sempre solicito e atencioso.

—Estão lá muitos invalidos?

—Não, felizmente. Apenas 48: 2 oficiais, um 1.º sargento, 4 segundos, 4 1.ºs cabos, 37 segundos e soldados. Conversámos com alguns deles. Todos se mostram saudosos dos tempos idos. Relembram, maguados, as horas venturosas em que, ao romper da aurora, a corneta lhes anunciava, na parada dos quarteis, a aproximação do café e á noite, findo o labor diurno, a hora do recolher. Um deles, velhinho e gasto, mostrou-se-me duma afabilidade original. Cheio de esperanças na vida, com 90 anos de idade, encara as coisas a sorrir,—sorrisos queridos dum velho simpatico—e tem esperanças de chegar aos 100. Tudo no Azilo, meu amigo, respira liberdade e conforto. Vale a pena ir lá. A gente revive horas ditosas de historia patria.

Lembra-nos a bravura do soldado portuguez, o seu alto patriotismo de certo bem evidente em todos os actos da sua vida de guerreiro destemido, o rigor indispensavel da sua disciplina, e, por fim, a santa confraternisação militar que fez a Republica.

Saí maravilhado. Com efeito é bem incontestavel que, no fim da vida, a nossa melhor e mais intima aspiração é ter um braço protector, uma côdea de brôa, um cobertor para nos agazalharmos das infortunadas intemperies da sorte.

E' por isso que o Azilo dos Invalidos militares é uma instituição simpatica sob todos os pontos de vista.

Abriga no seu seio os homens que, em horas de perigo, não hezitaram em arriscar a vida na defeza da Patria, ora lá longe, em hinospitas terras dalem-mar, ora cá perto como é da historia.

E assim terminou o nosso presado informador a sua bela palestra, que nós não pudemos fugir á tentação de referir aos nossos amaveis leitores, tendo em vista tornar conhecida tão bela como util instituição de caridade.

CORRESPONDENCIAS

Pampilhosa do Botão, 3

Consorciaram-se no dia 1 o snr. Abel Simões d'Almeida com a menina Maria Ludovina.

Tambem ámanhã, 4, tem logar o consorcio do snr. José Simões d'Almeida com a menina Arminda da Silva, gentil filha do velho ferro-viario snr. Joaquim Manuel da Silva, todos desta localidade.

Parabens.

Diz-se que na retrete da fabrica de ceramica dos snrs. Almeida Costa & C.ª foi encontrado um féto.

As autoridades procedem a averiguações, afim de castigar o culpado ou culpados.

Tivemos o prazer de cumprimentar no dia 1 os nossos amigos, snrs. Manuel de Melo e Ismael da Cruz, director e administrador deste jornal, respectivamente. Vieram assistir ao espectaculo que aqui se realisou.

Tambem cumprimentámos o nosso amigo, snr. Gonçalves, administrador do *Sul da Beira.*

C.

Noticias

O comboio das 19 e 40 matou em Coimbra B, quando em manobras no dia 2, o guarda da mesma estação, Manoel Loureiro, cujo cadaver foi removido para a Morgue.

O professor Vibert publicou um artigo a proposito da campanha difamatoria contra a Republica Portugueza, a qual diz que é paga pelos jesuitas, e cujas acusações trata de rebater.

Faleceu em Lisboa a snr.ª D. Maria Amelia de Figueiredo, com 107 anos de idade. Esta senhora assistiu, da janela da sua residencia, Largo de Camões, á construção e inauguração da estatua do grande poeta.

Está em perspectiva uma guerra entre a China e o Japão.

Em Lisboa está decorrendo com brilhantismo a Exposição Nacional das Artes Graficas e o Congresso do Livre Pensamento.

No dia 7 não se publicarão os diarios da manhã, por motivo do feriado oficial da vespera.

Um rapaz de 15 anos assassinou em Nantes 7 pessoas com um machado enorme. Foi preso confessando o crime.

Vai sair o decreto organisando o quadro do pessoal da secretaria do ministerio de instrução, fazendo as respectivas nomeações.

A comissão revisôra dos livros de ensino primario e normal, terminou os seus trabalhos, tendo entregado no ministerio de instrução o relatorio sobre o exame e escolho das obras a adotar no ano lectivo de 1913-1914. Em 45 dias de trabalho realisaram-se 31 sessões, analizando-se 100 livros de ensino.

Na rua do Tesouro, n.º 5, em Madrid, residia com sua mãe um rapaz de 25 anos, de nome Jesus Sanchez, que ha pouco tempo vinha apresentando sintomas de um leve desarranjo cerebral Levantando-se cedo, entrou no quarto de sua mãe, senhora de sessenta anos e que se encontrava enferma, arrastou a pelos cabelos até junto de uma tina, na qual a estrangulou e a degolou com uma faca. Aos gritos da vitima acorreu uma criada, que diligenciou socorrer sua ama. Sanchez, porém, repeliu-a, não sem que a ferisse gravemente na cabeça. No entretanto, a criada conseguiu abrir uma janela e chamar por socorro. A policia acudiu, mas Sanchez recebeu-a armado, defendo-se os agentes com os seus sabres e disparando para o ar. O louco assustou-se com os tiros, fugiu e foi refugiar-se numa loja de bebidas, onde o prenderam. Quando os policias o conduziam ao comissariado Sanchez tentou bater num padre que passava perto.

Depois escarrou na cara duma rapariguinha que olhara para ele. Sanchez declarou ao juiz de instrução que matara sua mãe porque ela para nada servia. Quando os agentes lhe punham as algemas, ameaçou-os.

Uma hora depois, na rua do Almagro, outro rapaz demente, chamado Jesus San José de la Torre, num ataque de furia, penetrou no vestibulo da casa n.º 3, ferindo á punhalada a porteira, que o não conhecia.

No logar dos Carvalhaes, proximo da vila de Espinhal, manifestou-se incendio na residencia e estabulo de José Ferreira Gião, que ali vivia com um seu filho, os quaes só deram pelo fogo quando a casa se desmoronou, conseguindo fugir espavoridos e gritando por socorro. Acudiram-lhe varias pessoas, que empregaram todos os esforços para lhes salvar os parcos haveres, mas não o conseguiram porque o incendio lavrou com tão grande intensidade que em breve trecho tudo ficou reduzido a um montão de cinzas Algumas cabeças de gado que estavam no estabulo morreram queimadas. Os prejuizos foram totaes.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSOES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

Relojoaria Probidade

— DE —

Saul Bahia

Encarrega-se de todo e qualquer trabalho em joias, relogios e gramofones de qualquer sistema, garantindo a sua perfeição.

Tambem possue artigos pertencentes aos objectos acima mencionados.

Rua Henrique Dias, n.º 41

S. PAULO = BRAZIL

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz** — Camarneira — Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÉ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais, etc.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

MELO & MARTINS

Com armazem de adubos quimicos, sulfato de cobre, enxofre e cal para construções

Deposito de gazolina

Endereço postal e telegrafico:

PAMPILHOSA DO BOTÃO

São nossos representantes em Mortagua:

NA POVOA, o snr. José Paulo

NA ESTAÇÃO, o snr. José Tomaz.

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.

O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.

Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

MURALINE

Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle,,

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

CASA HAVANESA

16 — Rua Ferreira Borges — 18

COIMBRA

Sortido completo em tabacos, papelaria e perfumarias. Molduras para quadros e galerias, o que ha de mais moderno. Artigos para desenho, pintura a oleo, aguarela, foto-miniatura e pirogravura.

BILHETES DE VISITA

Novidades para brindes, artigos de viagem e toilette etc.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

S. R.
Biblioteca da Universidade
Coimbra

Ano 2.º — Arazêde, 12 de Outubro de 1913 — N.º 86

13 OUT 13

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os originais, quere sejam ou não publicados. Não se aceitam informações anónimas.

O DEVER

Semanário Republicano

Assinaturas

PORTUGAL E COLONIAS PORTUGUEZAS — Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trismestre, 30 centavos.
BRAZIL — Ano, 2 escudos.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO

Redactor e editor — ALMEIDA JUNIOR

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Redação e Administração — ARAZÊDE

Pátria e Humanidade

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

FALE O POVO

Terminaram as festas. Extinguiram-se os ultimos ecos das diversões, as ultimas notas das bandas regimentais. As apoteoses á Republica, com elas findando os ultimos dias de repouso das classes trabalhadoras. Ha já alguns dias que todos voltaram de novo ao seu mister, retemperados de forças para um trabalho saudavel, másculo e fecundo, sem vis preocupações nem baixos interesses que não sejam os de bem servir a patria, nem sempre tranquila e ridente, porque a espreitam variados abutres do seu sangue, ainda não completamente regenerado e forte, ainda não de todo puro e arterial.

Como quer que seja, todos voltaram ao trabalho, pondo de parte passatempos mentais e assuntos recreativos. Mas será esse trabalho diferente do que tem sido? Haverá nesse trabalho menos desalento e mais força de vontade? Eis o que é preciso analisar.

O trabalho governamental, nestes ultimos meses, não tem acusado a perseverança e a proficuidade que afirmou no principio. Porquê? Tem havido uma certa tibieza, uma certa depressão de energia que é facil constatar pelos factos mais recentes. A febre tumultuosa de produzir e de reformar tem baixado muito de intensidade. Talvez haja motivo que justifique esse decrescimento, mas que nós não conseguimos descortinar.

E' possivel agora que tudo entre de novo a movimentar-se, a vibrar, a efervescer, mas para um fim unico: a questão das eleições. No nosso paiz, o periodo eleitoral é o de mais intensa vitalidade e o de mais destrambelhado egoismo, quando devia ser o de mais perfeito criterio e o de mais firme consciencia. Não se trabalha para dignificar a Patria e para enriquecer o paiz; trabalha-se para ganhar eleições e servir clientelas partidarias. Daí o nosso mal, a nossa ruina, a reprodução fiel do passado, tanto em materia de convicções politicas, como em assuntos de administração geral.

Prometeu-se largamente democratisar o paiz, imprimir á sociedade portuguesa um caracter novo, modelar, independente, fazer dum povo escravisado um povo autonomo de vontade e de opiniões; mas o que se vê é uma democracia ainda mal delineada, um caracter interesseiro e servil, uma autonomia subjugada e mal compreendida.

Impõe-se uma reforma em todo o ser do nosso povo. Para isso basta que o proprio povo apareça em publico a combater tudo quanto lhe seja nocivo, tudo quanto ele reconheça constituir uma exploração aos seus direitos e á sua propriedade. O povo não é sómente explorado pelos governos obcecados; é tambem por aqueles que o cercam, que vivem com ele e que sobre ole imperam. Saiba o povo expulsar de si em primeiro logar os jesuitas locais, que á sombra dele se elevam e em nome dele predominam, e depois facil lhes será derrubar os que, do alto, não traduzirem a sua vontade ou não realisarem as suas aspirações.

Vai iniciar-se um novo ano de trabalho, um novo ano de lutas, uma nova fase social. Esteja o povo de prevenção, acautele-se dos exploradores da sua consciencia e da sua bolsa, não se deixe seduzir pelo canto da sereia, e tenha a probidade moral, a independencia de caracter, de falar bem alto e de se impôr a todos os que lhe apareçam com intenções reservadas e para fins inconfessaveis.

E' preciso que os conhecidos ladrões da consciencia do povo não especulem com as proximas eleições, e que o povo, agora avisado e orientado sobre o caminho a seguir, não tenha depois que se queixar de ser uma vitima dos mandarins locais e uma cabeça de turco do feudalismo governamental.

Tenha o povo voz activa para falar e braço energico para se defender.

NOTAS

A Espanha desleal

El Radical de Madrid inseriu num dos seus ultimos numeros o seguinte telegrama:

> SALAMANCA, 28—O consul de Portugal em Ciudad Rodrigo denunciou o cura espanhol D. Arturo Marcos como hospedando em sua casa os padres portuguezes irmãos Gonçalves, que conspiram contra a republica visinha. Efétuou-se uma busca em casa do mencionado cura e encontraram-se lá 1:200 cartuchos e 44 carabinas Winchester, vindas de França. Os padres continuaram em completa liberdade. A provincia está infestada de conspiradores e as autoridades permanecem cegas perante os manejos de todo o bando de perturbadores.

Sabemos já que a Espanha monarquica não tem sido leal para com os portuguêses, e por isso não é de estranhar que agora deixe praticar mais este atentado; o que estranhamos é o snr. Romanones, presidente do governo, e parecendo ser um espirito liberal, tornar-se conivente nos manejos dos conspiradores duma maneira tão vexatoria.

Ou o direito internacional está proscrito das fórmulas politicas, ou o vento da insânia vai alastrando pelo cerebro dos ministros madrilenos. Já era tempo do governo de Madrid ter respeito pelas nossas instituições.

O que eles são

Lê-se numa correspondencia de Condeixa para a *Democracia* de Coimbra: *O masmarro, padre José Baltazar Santos, prior de Condeixa-a-Velha, uzeiro e vezeiro em proezas de amores, auxiliou manobras de infanticidio para esconder as vergonhas duma sua serva:*

Duma correspondencia de Vizeu para o *Mundo:*

O prior da Lapa, do concelho de Sernancêlhe, aconselhou os seus paroquianos a que lhe entregassem diretamente a ele as quantias que costumam ofertar á imagem da Lapa; porque, entregando lhas a ele, sempre olhava pela conservação do culto e, se acaso as destinassem para os cofres do Estado, andavam muito mal porque a Republica nada faria em beneficio do santuário.

Aqui está o que *eles* são: ladrões da bolsa e da honra do proximo. Especulando com os incautos e com os ignorantes, vão enchendo o estomago e satisfazendo os seus prazeres, embora á custa de crimes nefandos.

Misterio

Perguntam-nos alguns professores primarios porque é que ainda lhes não pagaram dividas em atraso. E' um misterio que não conseguimos desvendar.

Exigem-se-lhes responsabilidades, exige se-lhes o cumprimento da lei, mas proceder para com eles com a mesma dignidade com que eles procedem para com o Estado, não vemos isso.

Calotes! Calotes!—repetem os écos.

Lei de funil

Os funcionarios do ministerio das finanças e das colonias foram aumentados nos seus vencimentos; os dos outros ministerios ficaram a chuchar no dedo. E' isto digno? O governo não vê isto? Por isso as reclamações não cessam de troar um só instante.

O sol quando nasce é para todos.

Manoel Jorge Cruz

Passou no dia 9 o aniversario natalicio deste nosso querido amigo, que, na diréção do nosso colega a *Voz da Justiça*, da Figueira da Foz, tem sobejamente demonstrado os primores do seu carátér e os fulgores da sua inteligencia.

Um grande abraço de cordiais felicitações.

Coisas simples

Andrinópla

A luta esmoreceu, não terminou. As espingardas, apesar de em repouso, conservam ainda o calor das ultimas descargas e pelos campos talados onde as ruinas avultam se reconhece bem que ainda ha pouco ali passára Marte destruidor.

Serenou um pouco a região dos Bálcans; se não trovêjam os canhões, existe contudo o ódio. A grande conflagração dos estados em luta esmoreceu devido a muitas causas, mas repetem-se ainda, com intermitencias, os seus reflexos; a força do ódio que irrompia da boca dos canhões, dissiminou-se, perdendo a intensidade, mas ficou embora latente. Remorde-se ainda a féra em peito humano. Os talhões de terreno, causa de tanta cubiça não estão ainda bem demarcados, bem repartidos; as ambições mesquinhas não estão ainda satisfeitas porque nunca o avaro se contentou com o muito. Desgraçada humanidade!

Para quem ficará Andrinopla? E' agora uma pergunta apezar de ha mezes ser julgada aquela praça de inteiro dominio bulgaro.

Quando o ateádo incendio da guerra crepitava igneo de sangue e de valor; quando dia a dia as gazetas nos traziam as resenhas, os ultimos écos, do espetáculo da guerra; quando a falange bulgara vencia incessantemente embriagada no valor da conquista, quando o seu sonho era a posse de Andrinopla, eu lia com atenção aquelas noticias e desejava mesmo com anciedade, e sem saber porquê, que aquela praça ficasse em poder de tão heroico povo. Simpatisava com ele embora eu detestasse a guerra; via nêle uma sêde de engrandecimento, embora eu detestasse a ambição.

Um dia o baluarte turco fôra tomado de chôfre; os bulgaros eram senhores da praça! Quase parecia terminar a guerra. Deante daqueles vetustos e fortes muros de Andrinopla quantos corações bateram de anciedade: os que de dentro da praça defendiam a patria, os que de fóra queriam orgulhar-se com a sua conquista; quanta vez os batalhões assaltantes ficavam desvanecidos deante daquelas muralhas, com a mesma decepção com que Massena contemplava os redutos inexpugnaveis das linhas de Torres Vedras. Mas os muros de Andrinopla cederam como já tinham cedido os da cidade de Constantino quando em 1453 os turcos otmanos a tomáram.

Mas como é fragil e contingente a potencia do mando! e vão o poderio da cubiça! A Bulgaria conquistou o que não julgava, antes da guerra, e por isso quere mais, muito mais. Ah! mas tem ante si os seus aliados de ontem que, para lhe estorvar os movimentos, são os inimigos de hoje. E ela, impotente contra tamanhas forças, vê retalhar pouco a pouco o que havia conquistado, arroja-se submissa aos pés dos aliados; perde Andrinopla!

E' então que chovem os doestos. Quando Milciades é o vencedor de Maratóna o povo aclama-o, enche-o de honras e favores; quando foi infeliz na expedição a Páros, os mesmos atenienses multam-no em cincoenta talentos São os reversos «daquilo a que por uso se chama a fortuna, amante dos audazes e filha dilecta da sorte, que é céga», na frase burilada de Oliveira Martins.

Então céssa o côro das hossanas para dar lugar ao sudario das atrocidades praticadas pelos bulgaros; aqui massacram povoações, ali incendeiam choças, mais além torturam criaturas pacatas e indefezas; despojam dos seus valores os cadaveres das vitimas, cortam dedos e orelhas onde brilham aneis e brincos daquele «vil metal» como disse Bocage, o ouro; que macabros despojos!

A simpatia que me inspirávam as conquistas dos bulgaros decaíu. Pois se as guerras só mostram horrores!... Fique Andrinopla ao sabor de quem puder ter mando nela! Será ainda pômo de discordias futuras decerto a avareza e a cubiça se não extinguem no mundo.

E a Paz almejada pelos sonhos utopistas ainda tão longe!... Mas é mister que ela venha para que terminem as incertezas em que as nações hoje adormécem, acordando ámanhã ao som belicoso de Marte.

Venha a Paz porque sem ela nem a Liberdade dá fruto.

Aurea Judit Amaral.

O 5 DE OUTUBRO

E' um devêr de tôdo o bom cidadão republicano lembrar ao pôvo esta data gloriosa, por meio de qualquer manifestação ainda a mais simples, visto que ela nos traz ao pensamento horas de anciedade e de esperança que é grato rememorar, além de marcar o advento duma nova ressurreição nacional.

Em Arazêde foi o 5 de Outubro anunciado ao pôvo por algumas duzias de foguêtes, pelo embandeiramento da nossa redacção e de alguns edificios particulares, e por um bôdo aos pobres distribuido pela junta de paroquia na sala das sessões, o qual constou de meio quilo de bacalhau, meio quilo de arroz, meio quilo de pão e dez centavos em dinheiro. Fôram contemplados 40 pobres.

E assim passou um dia tão glorioso para a nossa historia, a que a chuva impertinente veio pôr uma nota discordante, assombreando o quadro vivo e empolgante duma Revolução.

CRÓNICA DE LISBOA

Tres anos se passaram por sobre a proclamação da Republica.

Grande foi o entusiasmo desse povo recordando a sua emancipação, sonhada ha tantas eras, acalentada com tantos sacrificios, reivindicada á custa de tanto sangue.

Enorme foi o regosijo da plebe que, nessa manhã gloriosa, poude traçar a sua independencia nas costas do cobardola coroado que fugia...

Não bastam, todavia, recordações pomposas, que a Patria não se levanta á lembrança de epopeias passadas, nem o povo se alimenta de feitos homericos, só bons para engalanarem as paginas da Historia.

Não se vive de recordações, pelo mesmo facto que um pai estremoso não continua alimentando a familia com a ideia que deu uma lauta ceia pelo aniversario do filhito mais novo.

Não. Recordações são recordações que se desfazem mais breves que os prantos multicôres do foguetorio que para aí estoirou no dia patriotico.

O governo deve olhar para isto, para os sujos tremedais que nos cercam, para os miasmas que nos envolvem, para tudo, emfim, que o desleixo dos *outros* nos deixou.

Olhai a emigração. Que horror! Que sinistro contagio! Como evita-lo?

E o governo pensou, meditou, cogitou, e, batendo na testa, en-

viou arautos aos quatro cantos do paiz.

O governo teve uma ideia! Para evitar a emigração a melhor solução é dificultar os meios de partida.

Depositos, cauções, hipotecas, fiadores e... que sei eu?...

Senhores! Senhores! O povo que labuta sol a sol para arrancar á Terra-Mãe o loiro pão que vós comeis, vê-se a braços com a miseria crúa, horrepelente.

Todas as noites, vai assentar-se no seu lar sem fogo uma Medusa fria, muito fria que tem por nome—*Fome!*

Tiritam as criancinhas sob os andrajos que mal lhes ocultam a nudez e o pai, o pobre pai, pensa nos palacetes do senhor brazileiro, ali proximo. E se êle fosse tambem para o Brazil? Os seus filhos, decerto, não tornariam a tiritar sob os tristes andrajos e não voltaria a sentar-se no seu lar sem fogo essa Medusa fria, muito fria, que tem por nome—*Fome!*

Partir, eis o remedio! soluça, acabrunhado, o pobre pai.

Não partir! impõe o governo sem pensar na boa orientação do fomento, da agricultura, fonte inexgotavel d'este lindo canteiro ocidental que traria ao torturado trabalhador o que êle procura em vão, em vão!...

Senhores! Senhores! existem para aí cavadores, a quem se dá quatorze centávos por um dia de insano mourejar curvados ao cabo d'uma pesada enxada!

Pobres que têem lar, que têem filhos!

Pobres que nos dias chuvosos não têem, mesmo, quem os chame a grangiar a miseravel quantia!

Que fazer, senhores a quem está confiado o timão d'uma nação inteira e sobre quem seis milhões de olhos pedem misericordia?

Que fazer, senhores?

E vêde: a agricultura definha-se, a estas horas, não morreu já de triste abandono, qual joven Lilia de lendaria memoria.

Algum dia o conforto entrará nessas choupanas desmanteladas e abrirá as pandas asas côr de neve sobre esses lares afogados em lagrimas?

Misterio...

Dove sia nessum lo sa! (*)

Gomes Monteiro.

(*) «Onde está, ninguem sabe» — frase tradicional que fecha todos os contos na Italia.

Horas d'insónia

A percentagem dos que bem compreendem a humanidade, dos que praticam actos a ela conformes é, neste país d'ambiciosos, diminuta. Não falta porém quem a apregôe, quem, em horas de amargura e desalento, invoque o piedoso e sensivel sentimento de Humanidade.

Mas a vida é isto: hipocrisia, podridão, lagrimas e sorrissos sarcasticos de imbecilidade. Um faminto chora e trabalha, adoece e morre.

O que lhe acontece? Coisa bem simples: estendido sobre duas tabuas humildes e carunchosas, vai ocupar, nos tres palmos de terra que lhs estão reservados ali no velho cemiterio, o logar d'honra que os homens, egoistas e vaidosos, lhe juncam por fim de impropperios e ingratidões. Emquanto vive e trabalha, produzindo enormemente para os outros, ha quem o olhe e quem lhe estenda a mão.

Doente, alquebrado, gasto, faminto e desgraçado, é posto de banda como uma coisa incómoda e sem prestigio.

E a Humanidade, que muitos apregoam mas não sabem praticar, nunca aparece. Não ha solidariedade colectiva, não ha um rasgo de alevantado sentimentalismo a abrilhantar e a fortalecer a esperança na alentadora perfétibilidade humana.

O sentimento de crueldade que empana as almas egoistas que só vivem tranquilas quando alheiadas d'algum bem que ainda pudessem fazer, é, a maior parte das vezes, o escudo para grandes erros de interpretação psicologica. Por isso mesmo é que é cada vez maior e mais nefasto o numero de criaturas que não conhecem nem se preocupam com o cumprimento dos deveres que o profundo sentimento de humanidade lhes impõe em todas as conjunturas da sua vida e da existencia do seu semilhante.

E' mais facil compadecermo-nos com as miserias morais que todos os dias para aí se exibem no seio duma sociedade apodrecida *de corrução, do que propriamente com as verdadeiras miserias da carne dos que se vendem e mercadejam a carne dos eguais para satisfação de caprichos, quer se trate de lhe enterrar o punhal envenenado em hora de desespero e raiva, quer se trate de retrógradas e imbecis satisfações de torpeza e vandalismo.*

E a Humanidade que muita gente finge ostentar mas foge de pôr a claro com factos bem palpaveis, não é mais do que, em muitos, uma bela arma de perversão e malandrismo que permite o conseguimento das mais vis baixezas...

ALMEIDA JUNIOR.

Ha escravatura em S. Tomé?

(CONTINUAÇÃO)

O que importa averiguar é como em S. Tomé e Principe, se utilisam os produtos dessa emigração e quais as condições em que decorre a vida agricola.

Isto sim, é que representa alguma coisa.

As fontes de emigração para as ilhas são a Guiné, Cabo Verde, Angola e Moçambique. Vê-se qual deve ser a *natureza especial* do ambiente agricola nas ilhas, onde se ligam á força raças absolutamente diferentes pelo clima, pela lingua e pelo temperamento.

Da confusão de tantas raças em conjunto para um fim unico — o cultivo do cacoeiro — sai essa *confusão* de leis de protecção ao negro que *dão margem a possiveis abusos.*

Compreende-se bem que a lei reguladora do trabalho do negro angolense não sirva para regular o trabalho do negro cabo-verdeano, não é assim?

A lei, todavia, é egual para todos e regulamenta *indistintamente* o trabalho, sem atender aos diversos carateres das raças que valorisam as ilhas.

Não será isto um erro gravissimo?

E'. Posso afirmar que constitue a causa negativa da *bondade legal* para com o negro contratado.

Vê-se, agora, como á multidão de tantos carateres diferentes seja preciso opôr uma disciplina de ferro, moldada em formulas legais e secundada por *processos particulares.*

Desta *base essencial* da mão de obra advem a desconfiança que aos espiritos cultos merece o sistema atual.

E' de facil compreensão que a disciplina seja necessaria *para socegar o instinto selvagem de milhares de negros e como medida prévia da segurança individual;* mas, pode-se utilisar a mesma com formulas menos severas e que permitam um pouco de liberdade.

Não é assim? A principal disciplina está precisamente no reconhecimento dos direitos do negro. Negar-lhe, só por ser negro contratado, os seus direitos, é um gravissimo erro quer urge remediar com rapidez.

Que vem a ser um negro?

Um ser humano, de côr, rude e selvagem.

Acostumado ao ar livre do sertão, onde a vida decorre impetuosa, onde as sensações duplicam a intensidade do temperamento nativo, o negro é colhido de surpresa quando um dia se encontra, depois de variadas circunstancias, no centro das plantações de cacau.

Que misterio doloroso não advem na sua alma!

Dá-se tudo isto com o negro de Angola, porque é este a quem de preferencia se nega a liberdade.

A repatriação começou em 1912. Poucos foram repatriados. No primeiro semestre de 1913, de 5:448 serviçaes angolas que terminaram o seu contrato, só foram repatriados 1:382! E não ha motivo, dizem as gazetas, para que se faça barulho ante esta escandalosa protecção ás oligarquias do cacau!

Os roceiros não querem de fórma alguma que os angolenses sejam repatriados (porque são os que melhor conhecem o trabalho das plantações e que têm um *valor intrinseco* superior) e tanto assim é que, tendo escrito em julho de 1910 ao roceiro Francisco Mantero sobre o não cumprimento da lei, aquele, em resposta, dizia-me *que tais serviçais não podiam repatriar-se pelo grave prejuizo que resultaria para os roceiros, e se houvesse um ministro que decretasse uma tal coisa, esse ministro precisava de entrar imediatamente em Rilhafoles!*

Que tal?

Por isto se vê a opinião dominante nas oligarquias do cacau e a razão porque se permite a continuação do atual sistema de trabalhos, embora todos reconheçam que um semelhante estado de coisas não deve continuar, para honra do paiz.

(*Continúa*).

Jeronimo Paiva de Carvalho.

CARTA DE LISBOA

Atrapez do Cine Maravilhoso

Sinfonia.—Chove torrencialmente com breves entreabertas de sol. Dir-se-ia que o Tempo, com o miôlo azoeirádo pelas explosões do fogo de artificio, não sabe a quantas anda.

1.ª fita.—Amôr conjugal.—A' rua Poiais de S. Bento, num predio onde reside uma dama ingleza, Miss Kuder, foi ha mezes um individuo alugar duas salas com o fim de ali montar um consultorio dentario. Desde aí vinha ele declarando ser solteiro e viver bem, naturalmente na mira de se atracar á loira *miss* locataria.

No dia 3, porém, viu esta entrar para casa do inquilino uma senhora e dois petizes, que afirmou ser esposa do dentista e vir ali afim de vêr as festas, no fim das quaes se retiraria para Evora, onde é professora oficial. Ora, o nosso *D. Juan*, ou porque esta lhe viesse estragar o *arranginho*, ou coisa parecida, principiou por lhe encher a cara de sôcos, ao que a corajosa consorte lhe respondeu com revólver que não estava carregado, mas cuja corônha serviu para esmagar os queixos ao agressor.

Que belo assunto para o bom Paulo de Kock.

2.ª fita. — As festas do 5 d'Outubro. — Não podiam ser mais brilhantes os festejos do 3.º aniversario da Republica. Em todos eles imperou, sem lacuna dum só instante, o entusiasmo popular.

Eis, num breve esboço, o que fôram as festas:

Pelas 9 horas de 5, efétuou-se o lançamento da primeira pedra para o monumento do grande poeta Antonio José da Silva, o «Judeu», que a matilha de Loiola fez queimar num horroroso *auto-de-fé*. Assistiu o ilustre chefe do governo que deu as três pancadas sobre a primeira pedra, segundo o rito maçónico. Durante a cerimonia tocou a banda dos alunos da Casa Pia os hinos da Maria da Fonte e Portugueza, que fôram cobertos por ruidosas salvas de palmas e vivas á Patria e á Republica.

Em seguida, pelas 12 horas e meia, teve logar o festival das crianças no vasto recinto da Avenida da Liberdade, sendo distribuidos aos pequeninos 10:000 *lunchs*, que constaram de uma *sandwich* de fiambre, dois bôlos sêcos e *bon-bons* de chocolate encerrados numa caixinha com as côres nacionais.

Ao desfilar das criancinhas, todas elas entoávam freneticamente a Sementeira, Maria da Fonte e hino nacional.

Tão alegres, tão satisfeitas, boquitas rósias ainda a deliciarem com *bon-bons* perfumados!

Pelas 13 horas realisou-se a parada dos marinheiros num total superior a 860 praças, sob o comando do capitão de mar e guerra, Alves Loureiro. Ao desfilarem junto da Camara Municipal, em cujas janelas se encontravam o venerando presidente, chefe do governo, ministros da marinha, da guerra, interior, estrangeiros, governador civil, etc., a banda executou a Portuguêsa e o povo rompeu numa carinhosa manifestação ao chefe de estado que, deveras comovido, agradeceu.

Após estas manifestações que bem provam a alma portuguêsa, o snr. dr. Manuel de Arriaga dirigiu-se para o Alto de S. João, afim de visitar as campas dos precursores da Republica, depondo sobre os tumulos de Miguel Bombarda e Candido dos Reis dois ramos de flores.

A 6, pelas 17 horas, teve logar a parada dos bombeiros, que despertou interesse incalculavel.

3.ª fita.—Brincadeira estupida. — No dia 5, á noite, emquanto estralejáva o foguetório, ouviu-se para os lados d'Alfama um estampido enorme. Correram para ali muitas pessoas, sabendo-se então que fôram uns graciosos de mau gosto que tinham lançado um petardo, ignorando as consequencias e que tudo tinha sido por brincadeira porque, afinal a cidade estava em festa e... era *bórga*, era *bórga*...

Os resultados da explosão, comquanto não fossem pessoais, partiram as vidraças proximas e fizeram apagar os bicos do gaz de quasi toda a rua.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

LXXII

Dr. João de Barros — Respeitem-se os direitos do professorado — Modificação no ministerio de instrução publica — Funcionarios distintos

Um pouco de cansaço, que ia degenerando quasi em doença grave, tem impedido ultimamente que no *Devêr* colaborêmos com a assiduidade que muito desejavamos.

E olhem que bem preciso tem sido escalpelisar certas medidas que ha tres ou quatro semanas vêm emanando do *alto*. Parece que o afastamento temporario da Direcção Geral da Instrução Primaria a que a doença, hoje felizmente debelada, obrigou o dr. João de Barros se ia transformando num flagelo para o professor primario.

Não entraremos na analise dos ultimos decretos, porque, para cabalmente ser feita, ela exige espaço de que aqui não podemos dispôr. Mas lavramos o nosso protesto contra o cerceamento de regalias que dia a dia vai sendo feito ao magisterio oficial, sem contemplações pelos serviços valiosissimos que ele, com uma constancia admiravel, presta na democratisação do paiz. O snr. ministro da instrução, inteligente e bem intencionado como nos dizem ser, decerto não tardará em remediar os êrros que ultimamente certos dos seus subordinados têm originado.

A proposito vem dizer que se volta a falar na organisação do ministerio da instrução publica conforme a lei que o criou. Talvez até essa modificação esteja já feita quando estas linhas forem publicadas. A dar credito aos boatos que correm, a que certas informações particulares dão consistencia, o dr. João de Barros passa para a repartição de ensino secundario, que é separado do superior. Para chefe do ensino primario será, enfim, nomeado o senador Silva Barrêto, professor e pedagogista distintissimo e dedicado amigo do professorado primario. Não sabemos se a modificação irá mais longe. Mas devia de ir. Na frase de Bebiano Astreia, cronista lisbonense da *Federação Essolar*, ha muita necessidade de vassourada na Direcção Geral a que estamos subordinados.

Ao snr. dr. João de Barros deixamos mais uma vez aqui consignadas as nossas homenagens. De uma inteligencia brilhante, trabalhador como poucos, sincero amigo dos professores,—ele tem-se sabido impôr á consideração dos seus subordinados honestos, que decerto nunca o esquecerão nem os serviços que lhe devem.

Prof. Manuel José Antonio.

FOLHA ERRANTE

Se eu soubesse que voando
Achava a felicidade,
Atava-me num foguête
Das festas cá da cidade.

Nitrato.

Notas pessoais

Regressou da Figueira da Foz, onde tinha ido passar uma temporada, o nosso amigo e assinante, snr. José Teixeira, professor no Amieiro.

—— Tambem já regressou a esta localidade a ilustre professora, snr.ª D. Virginia Fernandes Duarte.

—— Completou o curso dos liceus o nosso presado conterraneo, snr. Alvaro da Silva Ferrão, que acaba de matricular-se no 1.º ano de medicina, na Universidade de Coimbra.

Um abraço de felicitações.

FEMINISMO

SER MÃE

(*A uma mulher*)

Minha senhora: V. ex.ª resume em si o prototipo da força e da bondade. V. ex.ª é mãe, e ser mãe é ser «uma Heroina», como com razão disse D. Alice Moderno.

Depois v. ex.ª é feliz: tem um companheiro bom e estudioso, um seu sincero amigo e, alem disso, a sua união foi efetuada por livre acordo e mutua simpatia, o que é caso para os felicitar.

V. ex.ª não calcula o prazer que se apossa da minh'alma ao contemplar o cuidado cem que v. ex.ª guia os seus pequeninos.

No entanto oiça: v. ex.ª já pensou na educação a dar-lhes quando eles forem maiorsinhos?

Olhe que é um assunto um tanto dificil de estudar. Primeiro v. ex.ª tem de partir do principio de que, dosde que a sua união marital foi efétuada segundo os principios do verdadeiro amor, v. ex.ª não póde *nem deve* impôr ás criancinhas o que v. ex.ª entenda ser mais conveniente.

Por um lado isto ha de parecer-lhe talvês um contracenso mas, no fundo, creia que o não é.

Um dos primeiros cuidados que

v. ex.ª deve ter é não deixar que seus filhos se aborreçam da casa e sintam por isso a necessidade de ir para a rua buscar os divertimentos ou as sensações que no lar não encontram. Na rua as crianças prevertem-se. E para que v. ex.ª possa ver os seus pequeninos trilhando um bom caminho, deve fazer com que o lar domestico seja para eles um motivo de prazer e satisfação, estabelecendo nele todo o genero de atrativos infantis que possam suprir os prejudiciais devaneios da rua.

Ao mesmo tempo, v. ex.ª adotando esta tática, não só proporciona ás criancinhas um bom refugio ás preversõs atuais, como ainda as acostuma a procurarem no lar o melhor consolo e o melhor atrátivo da vida.

Depois, ha ainda uma outra circunstancia que v. ex.ª não deve perder de vista: as paixões das crianças. Sabe-se que entre todos os membros da humanidade existem paixões varias que cada um demonstra mais acentuadamente na infantilidade.

Convem, pois, á mãe e ao educador, analisar com cuidado essas inclinações e encaminhar, em harmonia com elas, a orientação da criança. Nada de imposições, ex.ma snr.ª. Na consciencia de cada um de nós reside um secreto poder que nos encaminha no decorrer da vida.

Ir, pois, contra essa vontade é cometer um verdadeiro crime que o criterio de v. ex.ª decerto não póde sancionar.

Numa palavra: se realmente v. ex.ª deseja que seus filhos sejam para si um motivo de orgulho e vê-los uteis para a sociedade, deve educa-los e ampara-los na vida, tendo sempre em atenção a grandiosa maxima de Cristo:

«Amai-vos uns aos outros».

Neste conceito, ainda não compreendido pelos homens, creia v. ex.ª que reside a felicidade humana.

Com a mais alta dedicação e respeito, creia-me

Seu dedicado,

J. Fontana da Silveira.

Poetas e Prosadôres

A minha amáda

Ao amigo F. B. Cardoso

Tu ámas um arcanjo sideral
Que em sônhos te sorri, num riso santo...
Que a Ventura te cubra com seu manto
E te faça feliz sem têr egual.

Que a vida sem amôr é tremedal
Onde não bróta o lirio sacrosanto.
Amar é deliciôso e dôce encanto
E tu ámas um anjo eterial.

Amas e és amádo — que ventura
A contrastar na minha noite escura
Que a vida me tortura em rude espinho...

Eu tive já tambem a minha amada
Mas levaram-m'a, um dia, amortalhada
Num caixãosinho branco, côr de arminho!

Lisboa, 27—IX—1913.

Gomes Monteiro.

HORAS TRISTES...

Ao correr da pêna

A impressão, que neste momento sinto em meu espirito, é deveras amargurada.

A minha pena corre vaga e lentamente ao longo do papel, verdadeiramente sugestionada pela ação nervosa que lhe imprime a minha mão...

Não só corre vaga e lentamente, mas fria e tremula!

Corre fria e tremula, porque a ação predominante em meu espirito é, no fundo, sentimento e dôr, e digo dôr porque a saudade que devóra um coração assim me impele; digo sentimento porque não posso um momento sequer deixar de banhar meu rosto com um sentido pranto que traduza fielmente a chama ardente que devora o meu espirito. que consome a minha alma e que aniquila e tolhe as divagações de meu pensamento!...

Não vão longe os dias em que para mim tudo era prazer e gôso!

Hoje que um verdadeiro sentimento me pesa na consciencia... que uma sincera paixão me consome... e que o meu semblante tão fielmente traduz, não posso, por mais esforço que faça, calar em meu coração a sua voz sonora e sombria, que tão melodiosamente representa a musica sentimental, essa musica funebre que num ritmo de verdadeira harmonia, tão solenemente acompanha á derradeira moroda... aqueles que na onda deste sentimento puro se deixam embalar por uma tristeza profunda que os conduz á compa fria!...

* * *

. . . . . .

Em volta da campa, o arcipreste imprime-lhe sentimento, e as flores velam dé noite e de dia, como sentinelas nos postos avançados!

Ainda hoje, momentos ha, em que me dera possuir uma vontade de ferro para podermos esquecer essas saudades tão simbolicas dum passado tão triste!

Ah! mas não desanimo, porque a estrófe do poeta:

Saudades! tambem são gosos.
Nem sempre são amarguras.
Quem tem saudades! relembra
Suas passadas venturas!...

Faz com que eu guarde com fervor e devoção essas saudades!

. . . . . .

E assim pensando e temendo estar exagerando essa magua profunda que se chama sentimento amoroso, que tão traiçoeiramente me apunha-la, vou deixar em reticencias, neste campo de desventuras, o bico da minha pena correndo...

Lisboa, 1—10—913.

R. F. Sardinha.

Registo civil

Durante o mez de setembro realisaram-se no posto da freguezia de Arazêde os seguintes registos:

Nascimentos

José Cardoso, filho legitimo de Manuel Cardoso, dos Pelichos.

Maria Emilia Mendes, filha legitima de José Alves Morteiro, de Vila Franca.

Manuel Dias Serralheiro, filho legitimo de Manuel Dias Serralheiro, do Zambujeiro.

Manuel dos Santos, filho legitimo de José dos Santos, da Bunhosa.

José Martins da Rocha Junior, filho legitimo de José Martins da Rocha, de Arazêde.

Manuel Alves Morteiro Junior, filho legitimo de Manuel Alves Morteiro, de Vila Franca.

Eugenia de Jesus, filha legitima de João Dias Teixeira, dos Gôrdos.

Maria, filha ilegitima de pais incognitos, do Casal do Gaio.

Joaquim Ramalho, filho legitimo de Joaquim da Costa Ramalho Junior, dos Gôrdos.

Casamentos

Antonio Mendes, dos Gôrdos, com Luiza do Espirito Santo Catana, do Morteiro.

Antonio da Costa com Maria da Silva, de Vila Franca.

Serafim de Campos com Guilhermina de Jesus, de Arazêde.

Joaquim Marques Craveiro com Maria de Nazaré, da Ribança.

Obitos

Maria da Natividade Gonçalves, de 16 anos, de Arazêde.

Nado-morto do sexo feminino, filho legitimo de Manuel Carvalheiro, dos Pelicanos.

Maria de Jesus, de 50 anos, da Volta da Tocha.

Joaquina Violante, de 50 anos, das Faiscas.

Tereza Ferreira, de 70 anos, do Amieiro.

Brigida d'Oliveira, de 70 anos, do Amieiro.

Joaquina da Cruz, de 80 anos, dos Pelichos.

Maria Valente, de 80 anos, de Arazêde.

Pela imprensa

A *Educação Nacional*, do Porto, publicou o 1.º numero do seu novo ano em ótimo papel, impresso a côr vermelha e dando-lhe um conjunto mais artistico, melhorando assim tecnicamente o seu aspecto.

Felicitamo-la.

Ao Professorado Primario Portuguez

Colégas:

Recomeçaram os trabalhos escolares, depois de ter sido posta «em plena execução» a Reforma de 29 de Março de 1911, que em grande parte preceitua uma nova orientação no ensino. Assim, para apenas frisar o ponto que de momento interessa, os trabalhos manuais educativos devem, de ora ávante, ser exercitados na escola primaria, em todas as escolas primárias, com a intensidade que as circunstancias e os meios permitirem.

Quando menos, ao ensino da geometria poderão todos os professores aplicá-los, na certeza de que os resultados serão o mais possivel animadores.

Ora está publicado, ha mezes já, o *Guia Pratico de Trabalhos Manuais Educativos*, que á custa de muito trabalho, vencendo enormes dificuldades, consegui organisar. Do seu valor, não me compete a mim ajuizar. Certo é, porém, que a ele se têm referido, com palavras que me desvanecem, muitos dos individuos mais em destaque no nosso meio pedagogico — tais como o dr. João de Barros, diretor geral de instrução primária; os inspétores Vidal Oudinot, Brito Moreno e Abel Grilo; os professores José Nunes do Graça, D. Maria Evelina de Sousa, Cardoso Junior, Manoel de Melo, Francisco Santos, Manoel Boaventura, João de Sousa Vairinho, etc., etc. Nestas circunstancias, acrescidas ainda da de ser ele a unica publicação no genero existente em português, — eu tomo a liberdade de vos vir recomendsr a sua aquisição, que apenas vos acarretará um pequeno sacrificio, cérto como estou de que da leitura atenta do meu trabalho mesmo os mais leigos no assunto tirarão ensinamentos que lhes permitam cumprir a lei e concorrer com a sua cota parte para a tam necessaria modernisação da nossa pobre escola primaria.

De tal fórma ajudareis, além disso, um camarada que nunca se furtou a canceiras, não raras vezes seguidas de dissabores, para defender a classe prestantissima do magisterio.

Com antecipados agradecimentos, subscrevo-me

Colega dedicado,

Manoel José Antonio.

P. S. — O preço do *Guia* é de 50 centavos. No entanto, é imediatamente remetido pelo correio a quem enviar 42,5 centavos ao seu editor, o sr. J. Pereira da Silva, do Largo dos Loios, 45—Porto.

M. J. A.

Noticias

Foi nomeado o snr. José Monteiro Leandro Junior, professor primario de Murtede, Cantanhede, para substituir no seu impedimento o snr. dr. Albino Cabral Saldanha, inspétor do circulo escolar da Figueira da Foz.

Foram marcadas as eleições suplementares de deputados para o dia 16 de novembro, as administrativas para o dia 30 e as das juntas de paroquia para o dia 14 de dezembro.

No decurso duma caçada, foi praticado um atentado contra o rei da Saxónia, sendo-lhe disparados uns tiros que o não atinjiram.

As comissões distritais e concelhias, creadas pelo decreto, com força de lei, de 25 de maio de 1911, foram autorisadas a corresponder-se oficialmente pelo correio com todas as autoridades, repartições e funcionarios, sobre assuntos da sua competencia.

A eleição para presidente definitivo da Republica Chinêsa recaíu com grande entusiasmo em Yuan-Chi-Kai, por 507 votos contra 179

O governo de Italia dissolveu o parlamento, convocando os eleitores para as lutas do sufrágio no dia 26 do corrente.

Em Lachang (India) morreu um empregado de comercio que pesava 300 quilos, sendo por muitos considerado como o homem mais gordo do mundo.

Em Nomo (Alaska) sobreveio ha dias uma tempestade que destruíu quasi inteiramente a cidade. Ficaram demolidas 500 casas, sendo os prejuizos calculados em 1 milhão e 500 mil dolars (cerca de 1.620 contos). Numerosas pessoas ficaram sem abrigo.

O presidente da Republica Francêsa, Mr. Poincaré, está na Espanha, de visita ao rei Afonso XIII.

Baixou a todos os governos civis uma circular contendo instruções acerca da execução da lei de 25 de abril de 1907, que obriga os funcionarios civis a usar bilhetes de identidade, e a qual começará a vigorar no dia um de Janeiro de 1914.

Em 31 de dezembro do corrente ano termina a circulação e validade das estampilhas fiscais atualmente em uso As da nova emissão terão a indicação do ano e serão de côr verde.

O snr. ministro da guerra prorogou, novamente, até ao dia 30 do corrente, o praso para os pedidos de adiamento do serviço militar, para os individuos residentes no estrangeiro ha mais de 6 meses e á data do ultimo recenseamento

O *Diario do Governo* publicou já os diversos modelos a anexar ao codigo eleitoral, indicando o modo como devem ser passados os seguintes documentos: certidão de eleitor, anunciando as candidaturas, alvará de nomeação de um novo delegado eleitoral no áto da eleição, alvará de nomeação, edital, constituição da assembleia eleitoral, idem de encerramento da votação. idem do apuramento de votos, áta da eleição e áta da assembleia de apuramento.

Terminou o congresso do Livre-Pensamento em Lisboa, ficando resolvido que o próximo congresso se realisará em Praga, como homenagem a João Huss.

O *Diario do Governo* publicou ha dias o relatorio da comissão encarregada do exame dos livros adotados no ensino primario e normal. E' concedido aos interessados o praso de oito dias para reclamações, facultando-se-lhes a leitura das actas das sessões durante o mesmo praso.

Já se acham livros oficialmente aprovados para o ensino primário e normal.

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguêses em 1912 rendeu mais do que no ano anterior o seguinte: Passageiros, 90:000$; mercadorias, grande velocidade, 50:000$; mercadorias, pequena velocidade, 273:000$; receitas diversas, 35:000$. Total 448:00$o.

Por causa das proximas eleições politicas na Italia, ha já a lamentar 28 suicidios, casos de loucura, mortes e ferimentos. O ministro do interior mandou retirar a licença de porte d'arma durante o periodo eleitoral.

Descobriram-se emfim os autores do roubo feito nesta localidade a Eloi Rodrigues, espanhol, em 8 do mez passado.

São eles: José Maria Jorge, Manuel dos Santos, José Costa, filho Manuel Costa e José Costa, filho de José Costa.

Aos meliantes, em quem a educação escaceia e o sentimento de corrução abunda, foram apreendidos 5 duzias e meia de oculos e lunetas e a quantia de seis mil reis.

Transcrição

O nosso prezado colega de Aveiro, *A Liberdade*, transcreveu o artigo do *Dever*, intitulado *O Congresso do Livre-Pensamento*.

Agradecemos a amabilidade-

CORRESPONDENCIAS

BARAÇAL (Celorico da Beira), 8

Felicitamos *O Dever* pelo belo artigo de fundo inserto no n.º 85 de 5 do corrente — *Aniversario da Republica*.

Nesta terra tambem se festejou o 5 de Outubro, sendo queimadas algumas dezenas de duzias de fogo, na noute de 3 para 4, e no dia 5, que um grupo de amigos da Republica comprou á custa do seu bolso.

A festa, que correu sempre animada, ouvindo se vivas á Republica e á Patria, vivas que eram correspondidos não só pela assistencia como ainda por gente que repousava nas suas camas das fadigas do dia, bem demoustrou que a Republica está radicada no espirito do povo que moureja nos campos e na oficina.

Tambem ouvimos vivas ao Dr. Afonso Costa e devemos confessar que justo é falar no nome desse grande portuguez, porque Afonso Costa é o homem publico em quem a Patria pode e deve depositar as suas esperanças, tendo dado disso sobejas provas.

O nosso Paiz, para levantar a sua atividade, que infelizmente se encontrava pela hora da morte, precisava de um pulso forte que não transigisse fosse com quem fosse, para bem da Patria, encarreirando a nossa administração por um caminho novo.

Esse pulso forte já demonstrou Afonso Costa que o possuia, pois que em poucos mezes de governo levantou as finanças do Paiz.

Que todos os patriotas ajudem o governo e deixem a politica pessoal; e se assim fizerem, não só serão correspondidos quando sejam governo, como engrandecem a Patria e farão forte a Republica.

Deixem, pois, caminhar o governo na obra redentora a que se entregou, e esqueçam odios pessoais, que dia a dia estamos vendo na imprensa, que é impropria de homens que teem ligadas responsobilidades d'outróra.

Tomou posse da regedoria o nosso amigo snr. Manoel Pina do Nascimento, e esperamos qne dentro da ordem e da lei se desempenhe da sua missão, honrando o seu nome e a Republica

Se ha casos para que tem de olhar e corrigir um deles e o mais urgente é olhar para as duas fontes que se encontram no mais completo estado de imundice. Para a estrada que liga a povoação com o apiadeiro, tambem o nosso amigo deve olhar, providenciando para que seja reparada a tempo pela verba chamada braçal.

E a proposito, Snr. Regedor: — Qnem tem a bandeira da terra? Indague, e faça-a recolher á regedoria, onde nos parece deve ser guardada.

F. A.

Relojoaria Probidade

Vêr anuncio respectivo.

Agua da Curia

Semelhante á de Contrexeville

Estimula a acção dos rins, que são os filtros do corpo humano.

Experimentai a agua da Curia.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSOES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

Relojoaria Probidade

— DE —

Saul Bahia

Encarrega-se de todo e qualquer trabalho em joias. relogios e gramofones de qualquer sistema, garantindo a sua perfeição.

Tambem possue artigos pertencentes aos objectos acima mencionados.

Rua Henrique Dias, n.º 41

S. PAULO — BRAZIL

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz** — Camarneira — Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia. miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

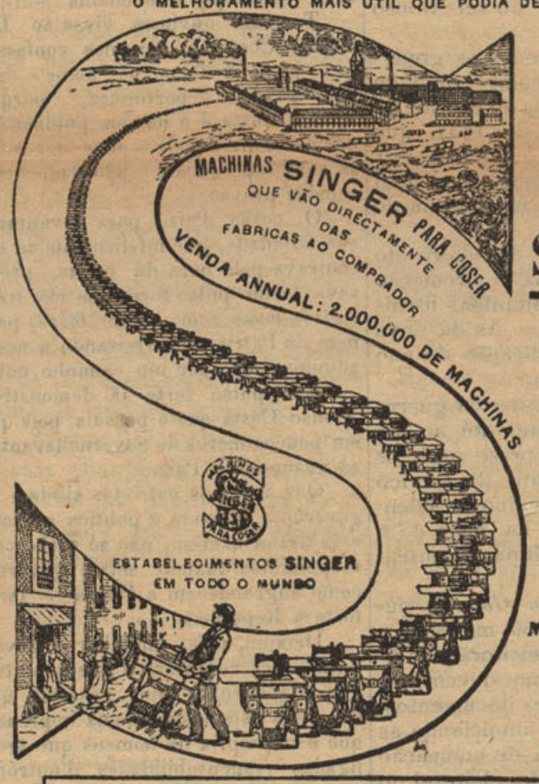
PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais, etc.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

MELO & MARTINS

Com armazem de adubos quimicos, sulfato de cobre, enxofre e cal para construções

Deposito de gazolina

Endereço postal e telegrafico:

PAMPILHOSA DO BOTÃO

São nossos representantes em Mortagua:

NA POVOA, o snr. José Paulo

NA ESTAÇÃO, o snr. José Tomaz.

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.

O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.

Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

MURALINE

Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

CASA HAVANESA

16 — Rua Ferreira Borges — 18

COIMBRA

Sortido completo em tabacos, papelaria e perfumarias. Molduras para quadros e galerias, o que ha de mais moderno. Artigos para desenho, pintura a oleo, aguarela, foto-miniatura e pirogravura.

BILHETES DE VISITA

Novidades para brindes, artigos de viagem e toilette etc.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 2.° Arazêde, 19 de Outubro de 1913 N.° 87

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os originais, quere sejam ou não publicados. Não se aceitam informações anónimas.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

PORTUGAL E COLONIAS PORTUGUEZAS—Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trismestre, 30 centavos.
BRAZIL — Ano, 2 escudos.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — *ANTONIO ISMAEL DA CRUZ*

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

CORREIOS E TELEGRAFOS 20.OUT.13 COIMBRA

S. E. Biblioteca da Universidade Coimbra

CONSIDERAÇÕES

A *Révue Financière*, analisando a obra do governo portuguez, escreveu, ha tempos, que uma vez assegurada a estabilidade politica, o resurgimento de Portugal era uma eventualidade digna de consideração.

Ha, porém, noticias que a imprensa relata em tres linhas e que contudo encerram tremendas revelações.

Não será esta uma delas?

Quando penso sobre qual virá a ser essa consideração de que será digna a eventualidade do nosso resurgimento, lembra-me sempre a consideração das grandes potencias pelo resurgimento da nação turca.

Emquanto a Turquia seguia sem administração firme, numa vida nula e retrograda, as grandes potencias deixaram-na viver em paz.

Sem força, sem defeza, sem orientação, sem patriotismo, a Turquia seria sempre um fátor nulo no concerto das nações.

O tradicional estandarte do Islam, o povo mais guerreiro da idade media, já não tinham o brilho nem a fama das suas grandezas épicas. Tinham a vida mesquinha no lodaçal do charco onde o alvo comum era o bem-estar individual á custa do Estado, e a politica nacional a intriga das camarilhas. Mas um partido forte de iniciativa e audacia mudou as velhas instituições e propunha-se a refundir a gasta nação num povo adaptado a todas as exigencias da vida moderna. A eventualidade do resurgimento da nação turca foi então digna de consideração e realmente as grandes potencias consideraram...

Anteviram um poderoso exercito bem organisado e municiado, um povo forte bastante para defender-se e atacar e o que se seguiu é conhecido de todos.

Surgiu a questão do Caucaso, depois a Italia, com previo consentimento, anexou provincias, a Russia afagou e excitou os povos slavos, e a Turquia, sempre a debater-se numa guerra tenaz, interna e externa, caiu exausta nos limites da Asia Menor sem ter logrado ainda lançar as bases do seu resurgimento.

*

Não será licito perguntar qual a consideração que terão pelo nosso resurgimento as grandes nações? Tal como viviamos no tempo da monarquia não passavamos duma nação nula. Possuidores dum extenso dominio colonial, poderiamos em qualquer altura saciar a gula dos poderosos sem que as nossas forças nacionais pudessem obstar a que a nossa independencia fosse imolada no festim de qualquer convenio.

Incapazes de atacar ou defender, as grandes potencias deixar-nos-iam viver em paz porque nunca oporiamos obstaculos aos caprichos das suas resoluções.

A implantação da Republica veio avivar a ancia do nosso resurgimento. Pode mesmo dizer-se que ele começou já. Mais alguns anos de administração como se tem feito e poderemos ter os nossos portos artilhados, o nosso exercito na altura de defender-nos a nossa casa e uma pequena esquadra que pelo menos possa fazer flutuar a nossa bandeira sem humilhação do nosso brio nacional.

Deixarão as grandes potencias realisar os nossos desejos? Ainda o ousamos esperar, apesar da campanha violenta de parte da imprensa da nação britanica e apesar de na nação visinha se atropelar o direito internacional sem um unico protesto das demais nações.

Seja qual fôr, porém, o acolhimento que tivermos, é bom sabermos que a Turquia, que caiu exausta nos limites da Asia Menor, ha de erguer-se forte e poderosa, porque a anima o fogo sagrado do patriotismo, elevado ao rubro na desgraça e acrisolado nas humilhações que sofreu.

José Pereira Pinto.

NOTAS

Comerciantes de sotaina

Duma correspondencia de Penacova para o *Rebate*:

> Para a festa religiosa no Travasso convidaram um padre que pedia, pelos seus serviços, uma quantia exagerada. Convidado um outro, este prestou-se a fazer grande redução, o que enfureceu o seu colega a ponto de oficiar ao bispo, o qual verberou o procedimento do reverendo que fizera o desconto. O resultado foi realisar-se a festa sem padre, com o concurso da Filarmonica Penacovense, sendo a importancia que estava destinada ao paroco distribuida pelos pobres.

Como se vê, é uma questão de comercio. Quem mais barato fizer o serviço é que ganha. O altar é o balcão, a cruz é o reclamo. Os freguezes escolhem e, se lhes convier, compram e pagam. Mas os do Travasso tiveram juizo desta vez. Se todos lhes seguissem o exemplo...

Sanha partidaria

Andam aves agoureiras a vaticinar a queda do governo, havendo até quem atice o fogo para vêr se ele cai depressa. Mas para que desejam a queda do governo? Para vir outro peor? Sim, porque isto de governos são como os alcatruzes duma nora: sobem uns, descem outros, tendo todos mais ou menos pezo, conforme a camada de furrugem que os cobre. Quanto mais ferrugem, mais sujeitos a esburacarem-se; e os nossos governos tão ferrugentos e esburacados andam, que não ha remendo que os concerte.

Sem partido

O snr. Herlander Ribeiro é apologista da pena de morte em Portugal. Quere que se restabeleça esta medida de punição, naturalmente por estar convencido de que só retrocedendo podemos progredir. Lançou esta granada para vêr se o fogo alastrava, mas parece que não surtiu efeito. O snr. Herlander não arranja partido. Advogue antes o restabelecimento da inquisição, que talvez seja mais feliz. A inquisição hoje dava resultado para supliciar talassas, jesuitas e cretinos.

Palavras de Fr. Tomaz

Um jornal de provincia aconselhava ha dias que era bem melhor que a imprensa mudasse de rumo, entrando no campo da educação e da evangelisação, em vez de se destinar a corromper e a perverter a sociedade com politiquices e mexericos... Mas o que tem graça é que esse mesmo jornal parece não viver doutra coisa que não seja da politica avariada. E' o caso: vê um argueiro no olho do visinho e não vê uma trave no seu.

Imprensa

Visitou-nos um novo semanario que começou a publicar-se em Mealhada, e que se diz orgão do partido evolucionista daquele concelho. Intitula-se *Mealhada*, e é seu diretor o inteligente clinico snr. dr. Alvaro Machado.

Apresenta-se bem redigido.

Desejamos ao novo colega longa vida e prosperidades.

Coisas simples

Num aniversário

Passa hoje o aniversario do fuzilamento de Ferrer. Os sucessos dados anteriormente á sua morte são ainda pouco longiquos e a lembrança do ocorrido na «semana tragica» de Barcelona está ainda na memoria.

Raras pessoas teem baixado ao túmulo que o seu passamento désse tanto que falar como o de Ferrer; de raros homens foi tão glorificada a memoria como a dele.

Porque se deu isto? Era Ferrer portador de ideias novas, mas terriveis, fundamentalmente demolidoras; arrebatou adeptos, doutrinou discipulos; desencadeou revoltas, inquietou governos; era propagandista estrénuo da demolição do existente. E nada mais era preciso para que o seu nome fôsse constantemente repetido, ora pelos seguidores da sua ideia, ora pelos contrarios que viam nele um inimigo perigoso. Mas, sobre essa exquisita popularidade conquistada em alternativas vem um facto popularizá-lo mais: foi fuzilado por sentença de um tribunal marcial!

Uma ideia nunca morre. Fizéram cair sobre os fossos do castelo de Montjuich o corpo ensanguentado de Ferrer; mas esse sangue derramado fez germinar mais a ideia. Caíra decepada pelo cadafalso a cabeça do huguenote Villemongis, e Maria Stuart encostada ao braço de seu esposo o rei Francisco II da França, sorrira do suplicio da vitima; passam anos e a cabeça esbelta da irlandeza, a cabeça daquela que tantas provações já passára — Maria Stuart, cai tambem decepada num cadafalso, vai rolar aos pés da rainha protestante — Izabel de Inglaterra. Conta a Historia estas lições.

Condenáram Ferrer á morte. Foi com justiça? Foi injustamente? A turba não quere sabê-lo; vê no justiçado um mártir e por isso tece-lhe uma aureola de louvores ao nôme. A ideia não morreu: germinou.

Eu não discuto a justiça ou injustiça da pêna de morte, mas tenho horror á disposição do Código que a permite. Ainda ha pouco um poéta (admira!) numa conferencia no Porto defendeu a pena de morte tecendo para isso muitos argumentos. A minha compreensão, porém, não admite que tal pena dêva ser aplicada, porque se rouba o que jámais se póde restituir.

Mas defenderei Ferrer por isso? Não. Eu vejo hoje á «luz fria da razão» este caso. Eu não elevo Ferrer ás nuvens como se tem feito; houve quem o julgasse digno duma estatua junto da *Sacré Cœur*; mas, apesar de eu não quer lançar palavras amargas sôbre a sua memória, eu não sei no que constituiu o seu amor ou auxilio á humanidade.

Não sei. A sua ideia era construir, mas os seus actos foram o inverso, demoliu; queria uma sociedade perfeita e ajudou a perverter a existente incitando ao lançamento de bombas e ao emprego do punhal; condenava a dissolução dos costumes e ele dava um exemplo do contrario abandonando a esposa e as filhas; o seu ideal era a instrução, mas as bases em que assentou a «escola moderna» quando era possivel serem reais?

Eu vejo portanto um inigma em Ferrer; um contraste entre as ideias e as acções. E' isto o que depreendo da leitura das suas circulares e programas.

Admiro-o e lastimo-o.

Realmente destruir, desbaratar a êsmo, não é prestar auxilios á sociedade.

Esquèçamos, porém, as scenas da «semana tragica». Respeite-se a memoria do justiçado.

13 de outubro.

Aurea Judit Amaral.

Horas d'insónia

A hipocrisia é ainda hoje, e cada vez ha-de ser mais, a grande arma de que se serve a maior parte da gente para fazer valer o que não é, e para encobrir o que não vale. Com efeito, eu vejo muitas vezes sorrisos que são verdadeiros pontos de apoio da minha duvida. Duvidar sempre póde parecer um paradoxo, mas é, quanto a mim, um necessario e indispensavel expediente em certas circunstancias da vida.

Quantas vezes não vemos nós uma criatura sorridente, cheia de galhardia e cortezia, acabando de cometer um acto de perversão, um acto condenavel? Entretanto essa criatura, dada a sociedade em que vive, dada a esfera alta da sua acção social ou politica, pessoal ou financeira, tem sempre quem a corteje, quem sorridentemente a corteje, embora os que o fazem como eu duvidem sempre.

E' exatamente como quem aperta a mão a um estranho, a mesma mão que horas antes praticára um crime, desenhára uma obscenidade, ofendera o semelhante e lhe causára lagrimas de dôr e de desalento. E' que na troca de sorrisos e no aperto de mão ha afinidades profundas. A mão aperta traduzindo a alegria do sorriso, e, ambos, cautelosamente, não deixando que se exteriorise o que realmente se sente e que a hipocrisia tão bem sabe dissimular. Uma coisa, porém, ha que, quando bem sentida, quando brutalmente sentida se não póde deixar de pôr a claro, saltando mesmo por cima da Hipocrisia sarcastica que entorpece as almas e torna vandalos os caracteres:—é a Dôr.

Vem isto muito a proposito dum sorrisinho amarelo *que ha pouco me despediu uma criatura que tem o dom de saber iludir. Iludir, já se vê, quem se deixar embalar pelo canto de tal* sereia. *E assim, ha duas ordens de coisas a considerar: 1.ª, a esperteza de quem pretende enganar; 2.ª, a oportunidade e a penetração de vistas de quem está para ser enganado. Por isso mesmo eu duvido sempre. A hipocrisia e traiçoeira, e raramente deixa após si um rastro luminoso de isenção, mas com frequencia um lago enorme e ingrato de sangue e de pús.*

ALMEIDA JUNIOR.

CRÓNICA DE LISBOA

O snr. J. N. Larcher, a cujo talento presto a devida homenagem, têve ha dias umas apreciações algo injustas, embora profundamente patrioticas.

Foi o seu artigo *O amor dos italianos*, publicado no n.° 84 d'*O Dever*, no qual tenta desmentir o grande escritor e fisiólogo Paolo Mantegazza.

O snr. Larcher não retirou as suas expressões porque elas não chegaram ao grande Apóstolo do Amor, dado já o caso que este se resolvesse a ligar importancia.

Todavia, coisas destas não se dizem, snr. Larcher. São proprias dum fanático e o fanatismo, como deve sabêr, foi sempre prejudicial e aviltante.

Com que então os portuguêses amam mais e melhor?

Que bebedeira — perdõe — de amor patrio, meu caro camarada!

E não contente, ainda, cita, com toda a autoridade, que é maior o numero de italianas casadas com portuguêses, que de italianos com portuguêsas.

Ora, que ideia, snr. Larcher, ora, que ideia!

Então as mulheres não amam, que diabo?

«Temos tambem paginas d'ouro na nossa historia, — diz o snr., ainda, no seu artigo, — e na poesia tudo quanto de mais belo e sublime póde cantar a sentimentalidade portuguêsa».

Referente a poesia, vou contar-lhe uma historia:

Era uma vez um poeta chamado Sá de Miranda que, ao vêr a decadencia das letras portuguêsas, se dirigiu á Italia em 1521, na ancia de estudar o elixir com que dár vida á moribunda musa lusitana.

«As relações de Sá de Miranda com os artistas e eruditos italianos abriram novos horisontes ao seu espirito e este insensivelmente foi recebendo a direção que devia dár ao génio da Renascença em Portugal» (1)

Todo o genero de poesia foi profundamente estudado com o fim de o adaptar á sua patria — Portugal—.

Quer dizer: a mãe, o berço, o ninho perfumado da inspiração portuguêsa foi a Italia, essa Italia sentimental, a quem o snr. tentou apelidar de inexperiente em materia amorósa e poética.

Se não fôra a preciosa bagagem que Sá de Miranda soube despachar para a sua patria é muito provavel — quem sabe? — que Camões, Garret, João de Deus e ou-

(1) *Sá de Miranda e a sua obra*, de Decio Carneiro.

tros, não tivessem brilhado com tanta intensidade.

Irá o snr., agora, apodar-me de anti-patriota? Embora. Detesto fanatismos, porque pertenço aquele nucleo que toma por divisa: pão-pão, queijo-queijo.

* * *

Agora, amor em Portugal...

Ah! ah! que ironia acérba!... Quem lhe contou isso, snr. Larcher?

Foi, outro dia, n'*O Seculo* — lembra-se? — aquele sátiro que deshonestou uma criancinha de sete anos. E' naqueles lares d'além, a horas mortas, a voz avinhada do marido que praguêja contra a esposa que, espancada, chora a um canto.

E nessas noites invernosas, meia duzia de pedantes que gargarêjam por sob os balcões das suas Dulcineias e com todo o descaro expõem as cartas recebidas nos cafés de má-nota.

Sim, snr. Larcher, é este o bom processo de amar em Portugal com raras excéções, bem entendido.

Sou tão amigo do acôrdo que até me vergo a acreditar que o snr. em questões amorosas suplanta a Dante ou a Petrárca.

Sim, porque para um exaltado patriota o rosto sifilisado da rameira portuguêsa encarna mais candura, mais sentimento que a alma diamantina de Laura ou Beatriz.

Gomes Monteiro.

TRAÇOS

O snr. ministro da Instrução Publica, decerto na louvavel intenção de elevar ao seu verdadeiro logar, o nivel instrutivo do povo português, instituiu umas 120 escolas moveis, que devem começar a funcionar no proximo dia 15.

Estas escolas hão-de com certeza trazer-nos bastantes beneficios, pois elas irão espalhar por esse paiz além a luz bendita da instrução, desobstruindo ao mesmo tempo, de muitos cerebros, certas velharias poeirentas que a cega ignorancia lhes deixou insuflar.

Hoje, povoações ha, em que os seus habitantes mal sabem pronunciar o seu nome. Mas ámanhã saberão, com suficiente presteza, decifrar esse interessante inigma que se chama *A B C*.

Centenas d'homens saberão amanhã escrever uma carta a um amigo e ler a sua resposta, evitando desta maneira que os seus visinhos saibam da vida intima do seu lar, — vida muitas vezes cheia de miseria e de dôr e que por isso mesmo convem esconder o melhor possivel á hipocrita sociedade de hoje.

Bem, mas a nossa pena vai resvalando para um assunto muito diferente daquele que nos propuzemos tratar.

Adeante.

Nós apoiamos, como era de prevêr, a ideia da criação das 120 escolas, e até de mais, como era necessario. Mas um facto nos surpreendeu ha dias, quando ao lermos um dos jornais da capital, vimos que o snr. ministro de instrução, *por experiencia*, mandava que em duas das referidas escolas de Lisboa, se ensinasse por metodos diferentes: numa, pelo metodo de João de Deus; noutra, pelo metodo de Borges Grainha.

Admirámo-nos. E admirámo-nos, porque sempre supozemos que um qualquer ministro da Instrução fosse jamais capaz de impôr a um professor de instrução primaria, a obrigação de ensinar por um determinado metodo.

Houve já — e ainda ha, cremos nós — quem aventasse a ideia de tornar o metodo de João de Deus obrigatorio para todas as escolas do paiz.

Essa ideia não vingou, e até foi bastante combatida.

Era logico que assim sucedesse, porque um metodo, por rasão alguma se impõe. O metodo, o verdadeiro metodo, é o professor.

E' ele que estuda a psicologia das crianças da sua escola, que lhe estuda — chamemos-lhe assim — a sua *maneira de ser*, e é em face desse estudo, que ele faz, com certeza, com todo o cuidado, que orienta o seu metodo de ensino. E' o professor que faz o metodo. Não são os outros que lho ensinam.

João de Deus, Borges Grainha e tantos outros, podem, quando muito, fornecer-lhe alguns elementos que ele desconhece e que lhes podem ser uteis, auxiliando-o na sua tarefa. Mas impôr-lhe um metodo qualquer, é um grande disparate, é uma rematada asneira.

Quantas vezes um professor, tem de ensinar na sua escola, por metodos diferentes?

As mais das vezes.

Mas dir-nos-ão que o snr. Sousa Junior não tenciona impôr ao professorado, um determinado metodo. Para que será então a experiencia?

Prof. Guilherme Ferreira da Silva.

CARTA DE LISBOA

Atravez do Cine Maravilhoso

Sinfonia.—Dias lindissimos de sol. O Outôno ri despreocupadamente...

Tambem os tisicos na sua ultima quadra, teem momentos de alegria quasi infantil.

E morrem!...

1.ª fita.—Levas de presos.—Pelas duas e meia da madrugada de 12, chegou á cadeia do Limoeiro, uma força da Guarda Republicana, afim de acompanhar ao fôrte de Elvas, 120 presos na maioria implicados nos casos de 27 de abril e 10 de junho.

Os guardas daquela prisão *viram-se á brócha*, porque os reclusos ao saberem do passeio matutino desataram a gritar, acabando, emfim, por cederem á força.

Que a Republica não manda gritar, manda marchar...

E lá foram.

3.ª fita.—Gatunos pouco amaveis.—Na noite de 10, o snr. Francisco Flôres, comerciante á rua do Carmo, quando, na estação do Rocio, se encontrava esperando um filho seu, foi abordado por trez *mélros* que, sem dizerem *agua vae*, desataram a tosal-o como quem se despede.

Quando o agredido poude tomar um pouco de ar, deu por falta do chapeu de chuva e uma mala que continha objectos no valor de 60 escudos.

Os ladrões foram presos pouco depois.

3.ª fita.—Bomba moderna.—Na rua da Emenda, portal 46, foi achado um embrulho que se tornou suspeito sendo chamado o guarda de serviço. E' uma bomba! afirmavam. Com todas as precauções levaram o perigoso achado até á esquadra onde se verificou ser.... uma lata de goiaba, excelente dôce brazileiro!

Ai, o mêdo a quanto obriga!

FOLHA ERRANTE

Nos mimos com que te cerco
Chamo-te fada, anjo meu,
Chamo-te filha e, no entanto,
Tens mais dez anos do que eu!

Nitrato.

Notas pessoais

Esteve aqui o nosso estimado amigo e assinante, snr. Antonio Baêta da Fonseca, empregado do comercio no Porto.

—— Regressou já a semana passada das Caldas da Rainha o nosso amigo Antonio Baía.

—— Faleceu no dia 16 a snr.ª Maria Tereza, sogra do nosso assinante, Manuel Gômes Monteiro.

ALERTA, REPUBLICANOS!

A'parte o despreso que nos merecem criaturas vis e repelentes, é preciso, em todo o caso, estar atentos e unidos, mais do que nunca, para que a primeira tentativa dos miseraveis traidores, os possamos apanhar de surpreza para que, duma só vez, tenham o castigo que merecem, pondo de parte todas as contemplações a que é de uso recorrer.

Os miseraveis mexem-se e organisam *comités* de bandidos da peior especie, não para defender uma causa, mas sim para pôr em pratica crimes pessoais, provocar a desordem aqui e acolá, para que desta organisação infame e baixa possa estabelecer-se a guerra civil no Paiz.

A'lérta, pois, amigos da ordem e da Republica, e dentro da ordem não consintamos que seja feita a mais pequena alteração de ordem publica.

Se apesar da nossa vigilancia não podermos evitar que a ordem seja alterada, quando se manifestem, corramos com toda a energia todos os roupêtas, reacionarios e malandrins encapotados, não consentindo que *sucios* duma seita de bandidos ofusquem a Patria que, desde 5 de outubro de 1910, deixou de estar debaixo do jugo nefasto dos Braganças e dessa gente disfarçada em seita maldita dos Loiolas.

Vigilancia, pois, com esses vâmpiros criminosos, e façamos vêr, dentro da ordem e da coerencia, a essa canalha, que o povo republicano não dorme e fará manter, a preço da propria vida, a Republica que proclamou para salvar esta Patria querida.

A luz faiscante da verdade, nunca poderá ser ofuscada pela sombra negra dos jesuitas e das sotainas dos masmarros da Companhia de Jesus.

Para trás, pois, vilões!

Viva a Republica!

Fernandes d'Almeida.

CARTA

respondendo a M. R., famoso anarquista do tempo do juiz Veiga, de celebrada memoria, martir do seu ideal mal compreendido, mas sublime por que sofreu 14 anos de reclusão e deportação para não denunciar um companheiro, autor dum atentado. Uma das mais interessantes personagens da «Patologia social» de Abel Botelho, no «A'manhã»

MEU CARO ANARQUISTA:

Recebi a sua carta e li-a com toda a atenção.

Sinto deveras que o amigo tenha topado com tantas dificuldades para conseguir trabalho e que o emprego que atualmente exerce seja tão pouco remunerador.

Tambem lamento todos os factos que me aponta relativos á desorganisação que me assegura existir em o nosso meio, quer pela parte desses em quem nós delegamos o direito de nos governar quer por parte do povo, que, segundo diz, numa desorientação geral ameaça subverter num medonho cataclismo toda a acção reconstrutiva que era licito esperar dum regimen novo onde puzemos todas as nossas esperanças e pelo qual dispendemos e vamos dispendendo uma das parcelas mais importante da nossa vitalidade.

A sua carta produziu-me o efeito dum fino e agudo punhal com que me tivesse perfurado o coração. As letras dela vi-as bailar deante dos olhos, num alinhamento horrivel de fantasmas negros e hediondos, que me apavararam.

Vi nelas um pouco de tudo: Da vaidade «a vã cubiça» de muitos, da inconsciencia d'outros tantos; vi os impacientes, os timidos, os politico-profissionais, os conspiradores, os rotundistas, os grévistas e toda uma cáfila de malandros anónimos, perturbadores da ordem e do progresso.

Feriu-me a sua carta: desalentou-me até! Tive por alguns minutos a vizão de que tudo quanto me descreveu se estava realisando e que da nossa Patria nada mais restava que um montão de escombros fumegantes, revolvendo-se neles infinitos corpos, soltando aquele lancinante grito historico, «Patria, morro comtigo» e a bandeira armilar esfarrapada, humilhada, feita pedaços dispersos pelo chão, o vermelho semelhando manchas sangrentas, do ultimo sangue da Patria, vertido no ultimo arranco, perdido na ultima agonia.

Este cenário de desgraças, porém, em breve desapareceu. Foi a fita animatografica que deslumbra, rapida como o vento, veloz como a gazela.

Comecei a lembrar-me dos tempos em que convivemos, ligando a causa das nossas pugnas politico-sociais.

O meu amigo é o anarquista exaltado de sempre. Ingressou no grande ideal sem uma preparação intelectual suficiente. Daí preveio-lhe um misticismo anarquista de tal modo violento que julgou viavel a transformação da sociedade pelo colorato e pela dinamite quando esgotadas as ultimas palavras de rétórica convincente. O amigo só via isto: Nem analisava as turbas, nem tinha a força da paciencia. O Povo tinha obrigação de o compreender, e de o seguir ao campo das reivindicações humanas.

Não se lembra já de quantas vezes eu lhe disse que o anarquismo, ideal que eu tambem aprecio, não era nem será para as gerações mais proximas?

Que a propria Republica não era para nós nem talvez para os nossos filhos?

Que o nosso dever, portanto, seria apenas, dentro da esfera das instituições actuais, e da preparação intelectual dos povos pugnar pelo maximo das regalias, fazendo com que os proprios governos libertassem os povos das opressões das castas e das religiões, procurando-lhe o maximo bem-estar material, e o bem espiritual abrindo-lhe templos de instrução?

O que me opunha?

Um tenaz dogmatismo anarquico que algumas vezes me levou a duvidar da sua rasão e a pensar que as doutrinas de Louise Michel e Kropotkine e outros foram mal interpretadas.

O seu exemplo recordava-me a intolerancia dos pagãos nos primeiros tempos do cristianismo e depois a intolerancia dc S. Paulo nas eras primevas da igreja catolica.

Os ideais impostos assim morrem cêdo. Ainda que a sua teoria tenha os melhores intuitos, penso que, só podem ser viaveis e aceites para profundamente se radicarem aqueles principios que deslisam do nosso cerebro e do nosso coração, como naturalmente deslisa e corre a agua cristalina duma fonte, que vai pelo proprio impulso da sua força motriz irrigar e dar seiva ás plantas que lhe ficam no caminho.

De resto, de tudo o mais que o amigo me expõe, eu tiro as ilações que a minha rasão, prevenida contra o seu dogmatismo, me aconselha.

Cértamente que aí, nessa Patria que eu adoro, com as incertezas duma vida agitada, o que é naturalissimo, perturbada por mil e um agentes dissolventes, ha de ter sido e será por mais algum tempo dificil a vida. E emquanto esses agentes não entrarem na ordem, e não se convencerem que sem ordem não pode haver paz e sem trabalho não pode haver riqueza, scndo, portanto, indispensavel que haja Ordem e Trabalho; sim, emquanto disso não se convencerem esses agitadores, ou emquanto dessa grande verdade *não forem convencidos*, a vida aí continuará agitada.

(*Continúa*).

David Diniz.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

LXXIII

Um decreto — A caminho da moralidade — Escolas moveis — O que vale a iniciativa particular

Afinal, lá foi á ultima assinatura presidencial o decreto que organisa o ministerio da instrução publica. Parece-nos, porém, que ele não seguiu o que, aprovado pelo Parlamento, criou o mesmo ministerio.

Fica ainda na Direcção Geral, ou melhor na secção da Instrução Primaria o snr. dr. João de Barros, que superintenderá apenas na parte pedagogica. O movimento do pessoal foi posto a cargo do snr. dr. Teixeira de Azevedo, chefe de uma das repartições da extinta Direcção. Ao contrario do que nos constou e de que no ultimo numero das *Pinceladas* nos fizemos éco, Silva Barreto continua na sua anterior situação—professor normalista. Bom foi por isso, que o dr. João de Barros não fosse deslocado, como se esperava, para a secção da Instrução Secundaria. Porque continuará assim o magisterio primario com um chefe amigo e sabedor.

A vassourada cuja necessidade frisámos a semana passada tambem já começou, parece, a ser dada: principiou, ao que informaram os jornaes, numa sindicancia em certa repartição da Direção Geral. Vamos a ver o que se apura. No entanto, temos a impressão de que as coisas se irão normalisando, embora a pouco e pouco.

Foram tambem tomadas novas determinações relativamente ás escolas moveis, determinações que nos parecem boas. Na nomeação do seu pessoal ensinante crêmos que se tem atendido á competencia e aos serviços prestados á Republica, e isso merece igualmente o nosso aplauso — que nunca regatearemos quando dele julguêmos dignas as medidas do *alto*.

Para terminar, notarêmos ainda que a iniciativa particular tem ultimamente acorrido desusadamente em favor da instrução—o que é um sintôma consolador.

Oferecimentos de edificios escolares, alguns parece que quasi sumptuosos; compra de mobiliario escolar e de utensilios de ensino; subsidios para a realisação de festas escolares, de um altissimo valor educativo — tudo se tem observado, de algumas semanas a esta parte, com uma persistencia a que não andavamos habituados.

Bem hajam os benemeritos da escola! Os paizes em que esta tem atingido o maior desenvolvimento e perfeição devem uma e outro, em grande parte, aos que, podendo, se não esquecem de ajudar a acção do estado.

Prof. Manuel José Antonio.

Poetas e Prosadôres

NA DESPEDIDA

Vê-la partir, essa visão querida,
Veloz, ligeira, como pomba aláda,
P'la implacavel voragem arrancada,
Do seio da minha alma desprendida.

Vêr num simples momento destruída...
Que de ventura e de ilusão sonháda!...
E a sua doce imagem arrastada
Para longe de mim, triste e dorida.

Naquéla triste face eu descobria
O sofrimento, a dôr cruel, sombria,
Um sorriso forçádo, contrafeito.

E na separação, na despedida,
Eu senti desprender-se-me alma e vida,
E, só o seu pranto me ficar no peito!...

Lisboa, 3—10—913.

Botelho Cardoso.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
TELEFONE 295

COMISSOES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

Relojoaria Probidade

— DE —

Saul Bahia

Encarrega-se de todo e qualquer trabalho em joias, relogios e gramofones de qualquer sistema, garantindo a sua perfeição.

Tambem possue artigos pertencentes aos objectos acima mencionados.

Rua Henrique Dias, n.º 41

S. PAULO — BRAZIL

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz** — Camarneira — Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais, etc.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.

O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.

Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

CASA HAVANESA

16 — Rua Ferreira Borges — 18

COIMBRA

Sortido completo em tabacos, papelaria e perfumarias. Molduras para quadros e galerias, o que ha de mais moderno. Artigos para desenho, pintura a oleo, aguarela, foto-miniatura e pirogravura.

BILHETES DE VISITA

Novidades para brindes, artigos de viagem e toilette etc.

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

MELO & MARTINS

Com armazem de adubos quimicos, sulfato de cobre, enxofre e cal para construções

Deposito de gazolina

Endereço postal e telegrafico:

PAMPILHOSA DO BOTÃO

São nossos representantes em Mortagua:

NA POVOA, o snr. José Paulo

NA ESTAÇÃO, o snr. José Tomaz.

MURALINE — Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

COIMBRA TELO 27.OUT.13 COIMBRA

Ano 2.° Arazêde, 26 de Outubro de 1913 N.° 88

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os originais, quere sejam ou não publicados. Não se aceitam informações anónimas.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

Portugal e Colonias Portuguezas—Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trismestre, 30 centavos.
Brazil — Ano, 2 escudos.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Redação e Administração — ARAZÊDE

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

26 OUT. 13 ARAZEDE

S. R. Biblioteca da Universidade Coimbra

Libertêmos a consciencia

Nesta hora suprema de emancipação colectiva, em que a sociedade portuguêsa acaba de marcar com um congresso do livre-pensamento a sua firme decisão na obra do resurgimento nacional, urge que todos, sem distinção de partidos, se congreguem em volta deste principio, que é a base de toda a independencia e de toda a felicidade:— a libertação da consciencia.

Ha dias em Lisboa, a distinta escritora castelhana D.Belen Sarraga, realisou uma conferencia subordinada ao tema— *A familia*, em que, a par dum raro bom senso, se fizeram eruditas afirmações que muito convem serem conhecidas pela mulher portugueza, especialmente por aquela que vive longe dos grandes centros e, por isso, mais inquinada de preconceitos transmitidos por taras ancestrais e fortificados pelos agentes da Igreja, sempre nocivos e sempre dissolventes.

Diz D. Belen Sarraga que a familia ideal ainda hoje não existe nas democracias por vários motivos, entre os quais se destaca a influencia perniciosa da igreja catolica, «que não deixa á mulher um momento de paz, que prostitue a honestidade da familia, dia a dia, hora a hora, proseguindo a sua obra de toupeira, transformando a mulher em agente pernicioso e contrario a toda a obra de evolução». A mulher entregue a esses falsos directores espirituais, mais conhecidos por *corvos de Roma*, converte-se num instrumento de fanatismo e de intolerancia que faz dela uma inimiga das sociedades que querem ser livres e que a todo a custo querem progredir.

Sugestionada pelas imposições de muitos e pelas falacissimas palavras de todos, a mulher frequenta a igreja, vai á missa, á confissão, toma parte em actos religiosos, associa-se a manifestações do culto, identifica-se, finalmente, com o incenso, com o altar, e... com os jesuitas de roupêta.

Mas, depois disto, o que magôa mais os espiritos livres é vêr-se que as mulheres — as nossas mãis portuguezas, por exemplo—titeres infortunados nas mãos dos padres canalhas, querem fazer das suas filhas o mesmo que élas já são — dispenseiras da sacristia e servas da Igreja intolerante. Levam-nas á igreja, impõem-lhes que elas se ajoelhem, pela confissão, aos pés dum homem muitas vezes mais criminoso do que o peor dos bandidos, e falam-lhes num Deus que elas não sabem o que é, porque nunca o viram, ou que julgam ser um carrasco vigilante que mora nas alturas, porque o padre, nas suas prédicas mentirosas, assim lho retratou e assim lho fez crer.

Desta maneira, qual será a influencia da mãi na educação de seus filhos? E' facil a resposta. Longe de desempenhar uma missão, toda de harmonia, de paz e de felicidade domestica, representa o papel inglório de fomentadora das falsas doutrinas e de organisadora de seres inconscientes, nocivos a si e á sociedade. Ela cuida que não. A mãi julga que é uma coisa indispensavel a igreja para o bem-estar de seus filhos; julga que vai buscar á igreja a felicidade, quando afinal trás de lá muitas vezes a ruina e a perdição do seu lar. Fanatisa-se a si e fanatisa os seus. O fanatismo é uma doença social: conduz á loucura e ao crime. Que admira vêrmos rapazes e raparigas crescidos, na nubilidade, dizerem que vão á igreja casar porque já seus pais fizeram o mesmo?

Sim, a culpa é das mãis; a culpa de muitos erros, de muitos preconceitos e de muitos [illegible] que, por vicios de educação hereditários, estão acorrentadas á batina do padre e aos umbrais da igreja.

Liberte-se a Mulher portuguêsa de tudo quanto fôr prejudicial á sua missão de educadora, reconsidere que os vinte seculos de tradição já quasi passados nos têm legado, por influencia da Igreja, grandes males e grandes conflagrações, e depois disto, emende-se, corrija os seus maus habitos e o seu feitio dado ás crendices, e contribua para libertar a consciencia de seus filhos, que hão de ser os educadores dámanhã e, portanto, os organisadores duma nova sociedade que é preciso que seja mais prospera, mais perfeita, mais consciente e mais disciplinada.

Se assim não fôr, assumirá a Mulher graves responsabilidades.

NOTAS

Secção politica

Com o presente numero abre o *Dever* uma nova secção, que, apesar do seu titulo e do fim a que visa, não importa adesão a nenhum partido militante. Queremos continuar o nosso caminho, sem peias, mas sempre prontos a defender ou a atacar os que mereçam ser defendidos ou estejam sujeitos, pelos seus erros e faltas manifestas, a ser atacados. Fique isto bem assente.

Esperamos, porém, o concurso valioso de todos os nossos amigos, estejam filiados ou não em qualquer partido politico, porque é do auxilio de todos que este jornal muito carece.

Zaragata

Pelos jornais diarios já os leitores conhecem os ultimos acontecimentos. Neles, por isso, não vale a pena falar.

Queremos, porém, referir bem o facto de terem sido assaltadas as redacções do *Dia* e da *Nação*, fazendo-se-lhe em fanicos o mobiliario e material tipografico.

Não somos apologistas de selvagerias de tal natureza, porque entendemos que não é assim que se defende a Republica.

Naqueles jornais trabalhavam algumas desenas de operarios, que ganhavam o pão para sustento dos seus, e eles nenhuma culpa tinham do monarquismo ou traição dos seus patrões.

Se os jornais estavam, pela violenta linguagem de que usavam e abusavam, fóra da lei, havia uma maneira de liquidar a contenda. Chama-los aos tribunais, castiga-los. Mas nunca fazer disturbios. Porque, vejam bem, a Republica pouco se dignifica com tais processos de defeza e de combate.

Padres á solta

Tem-se notado, nestes ultimos dias, um desusado movimento de padres transitando nos comboios, a pé pelas estradas, em biciclete, etc. Um enorme formigueiro de roupetas.

Não sabemos se o leitor perspicaz já reparou nos olhares esgazeados que nos dirigem os ministros do senhor. Desconfiados, de rabo caído, em tudo vêem fantasmas perseguindo-os. Depois, não olham de fronte erguida. Dir-se-ia que os cega a luz do sol, assim á maneira de morcegos que só vivem contentes na escuridão. De que teem medo?

A Quinta de Fôja se falasse!...

Imprensa

Visitou-nos o primeiro numero dum jornal democratico de Pereira, do concelho de Montemór, que se intitula *Verdade*. E' seu redactor principal o sr. Jeronimo de Carvalho, e proprietario o sr. Azuil de Carvalho, nossos amigos que em tempo dirigiram o extinto semanario *União*.

A *Verdade* destina-se, como o seu antecessor, a fiscalisar, dissecando, a politica do concelho em todos os organismos que o constituem.

Folgamos com o aparecimento da *Verdade* e concordamos com o seu programa, sempre que ele não atraiçôe o titulo que o jornal tomou como divisa.

Ao novo colega desejamos longas prosperidades.

Cuidado

E' preciso agora que o governo se acautele melhor de varios conspiradores que fôram absolvidos nos tribunais civis, e que agora novamente fôram presos. Iludiram uma vez, não devem iludir mais. Haja mais rigôr para tais bandidos, e basta de benignidade.

"O DEVER,,

Tem despertado interesse a propaganda que fizemos pelos nossos assinantes, no intuito de alargarmos a acção do *Dever*. Muitos nos têm devolvido já os boletins expedidos com novas assinaturas, que virão beneficiar o jornal e imprimir-lhe maior circulação. A todos os nossos prezados assinantes que compreenderam a nossa intenção e têm apoiado o nosso esforço com a remessa de assinaturas, aqui deixamos o nosso indelevel reconhecimento.

Secção politica

UNIÃO REPUBLICANA

O partido unionista vai desenvolvendo-se e tomando vulto—Sua constituição no concelho da Mealhada—O que nos diz o belo patriota sr. Joaquim da Cruz

O *Dever*, sempre estranho a politica, alheio a contendas politicas, mas no intuito de desenvolver a sua acção de maneira a tornar-se proveitoso e util por toda a parte onde quer que chegue, resolveu abrir uma nova secção, que será colaborada por politicos de todas as côres.

Queremos inicia-la, porém, ouvindo um dos bons amigos deste jornal, o prestimoso cidadão sr. Joaquim da Cruz que, com zelo e invulgar atividade, vem, desde as primeiras horas da proclamação da Republica, dirigindo, na qualidade de seu presidente, o Municipio da Mealhada.

O sr. Cruz era um dos homens que, dada a sua preponderante situação naquele concelho, e atendendo á alta simpatia de que gosa por toda a parte, estava naturalmente indicado para ser o primeiro a depôr.

Com efeito, um destes dias lá o fomos encontrar, jovial e alegre, como sempre, no escritorio da sua importante fabrica de serração, junto da estação do caminho de ferro da Pampilhosa. Ao lado estava, entregue ao seu labor de guarda-livros, o nosso estimado amigo sr. Eduardo Nogueira Pinho, e pouco depois chegava, no automovel, o ilustre deputado dr. Francisco Cruz, irmão do nosso entrevistado.

Assim que deparou comnosco, o sr. presidente da Comissão Administrativa olhou-nos com o seu amavel e habitual sorriso.

Modesto, muito afavel e muito gentil, o nosso entrevistado mandou-nos sentar a seu lado, pôz-nos inteiramente á vontade, e, após a troca de meia duzia de palavras, expuzemos-lhe o motivo que ali nos levava.

— Quere então o meu amigo a minha opinião ácerca de politica, não é assim?

«Eu lhe digo: Eu não sou bem um politico militante. Apenas, por amor ao meu paiz, consagro algumas horas, sempre que posso, á propaganda dum partido politico que, como nenhum outro, se casa com o meu humilde modo de encarar as coisas.

«Você sabe que o homem que fundou o partido unionista tem sido, para todos os governos, duma amisade e solicitude nunca desmentidas, sem abdicar dos seus principios, sem arredar um pé do programa que se impôz. Sem embargo, todos sabem que o sr. dr. Brito Camacho tem sido, pela sua coerencia, pela logica dos seus golpes de vista, pelo seu caracter e pelo seu temperamento de homem excessional, o fiel da balança dentro da Republica.

«Nunca atacou por comprazer, limitando-se a defender-se, como todo o bom portuguez, dos ataques que lhe dirigem despeitados e insensatos.

— Mas o Cruz vê viabilidade na eleição dum deputado unionista pelo circulo d'Aveiro? Haverá votação suficiente para o eleger no proximo acto eleitoral do mez que vem?

— Porque não?! Pelo menos conto com isso. Disputar as eleições, disputamos nós. E estou convencido que algum fruto se colherá. Não serão eleições como as transatas, bem vê, porque eu sou o proprio a recomendar aos meus amigos a maxima urbanidade e circunspecção para com os adversarios.

— Já escolheram deputado?

— Sim, senhor. E' o grande patriota sr. Ribeiro d'Almeida, verdadeiro homem de estado, inteligente e trabalhador. Antigo capitão do porto e governador civil de Aveiro, já no tempo da Republica, o futuro deputado corresponderá, no Parlamento, á estima dos seus amigos, pondo-se ao lado do distrito que representar.

«Na Mealhada, á hora a que o seu jornal estiver em circulação, estará o sr. Ribeiro d'Almeida expondo aos eleitores o seu programa e enaltecendo a grande vantagem da formação do partido Unionista no concelho que administro e em prol do qual tenho trabalhado pela minha propria terra, creia.

«Na Pampilhosa criou-se, com o meu esforço e concurso de dedicados amigos meus, o mercado semanal, a feira mensal, etc., e todos sabem que nem um só momento eu deixo de pugnar pelos interesses colectivos, pelo bem-estar de todos.

«O partido Unionista carece do auxilio de toda a gente bem intencionada. Tem por fim unir a grande familia republicana, e ha de conseguir o seu *desideratum*, com honestidade, com honra, a contento de todos.

«As lutas inglorias que para aí vemos, algum mal teem causado ao regime. Carecemos de trabalhar e de trabalhar muito, unidos e disciplinados. Só assim se conseguirá alguma coisa. E como a União Republicana trabalha com esse fim, tem todo o meu apoio e o apoio decidido e leal dos meus amigos.

«No domingo, 26, tencionamos reunir na Mealhada, e trocar lá impressões sobre o caminho a seguir.

— Conta já muitos elementos?

O sr. Cruz, a esta nossa impertinencia, responde com uma carta circulatoria que nos dá. Contém ela os nomes que convidam para a reunião e que noutro logar publicamos.

Era tarde, e a massada estava-se prolongando muito. Despedimo-nos do nosso amigo, sempre risonho e afavel, muito gentil e delicado, e partimos, caminho da estação, para tomarmos o comboio das 5 e meia da tarde.

O sr. Cruz fala-nos com entusiasmo na constituição do seu partido, no apoio e amisade dos seus amigos, dentre os quais conta o sr. João de Melo e Mota, dr. Engenio Couceiro, Augusto Brandão, Julio Teixeira Lopes, Feliciano Rocha, Bazilio Fernandes Jorge, etc.

E' necessario, pois, ter fé no futuro e trabalhar com afinco e perseverança — nos diz, por fim, o nosso amigo.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

LXXIV

"A Educação do Povo Portuguez,, do professor Cezar Anjo — Afirmações criteriosas — Um professor, como muitos, que vive esquecido dos nossos estadistas

Deve haver quatro ou cinco semanas, foi-nos enviado pelo correio, com uma amavel dedicatoria que muito agradecemos, uma esplendida brochura de 107 paginas, intitulada *A Educação do Povo Portuguez*, por Cesar Anjo.

Nem este nome nem aquele titulo nos eram já desconhecidos. De Cesar Anjo, professor primario oficial em Mortagua, conheciamos, não nos recorda de onde, um ou mais criteriosos artigos jornalisticos. Do seu livro ouviramos falar da maneira mais lisonjeira, e chegámos mesmo a lêr algumas criticas que desusadamente o enalteciam.

Tivemos agora ocasião de verificar quanto elas eram justas. A leitura, comquanto rapida, que acabamos de fazer do trabalho do distinto professor deixou-nos as melhores impressões. E' obra de um principiante—ele mesmo o confessa,—mas afasta-se muito, muitissimo, das estreias dos literatos enfatuados que vegetam nos grandes centros, sem talento nem originalidade.

A Educação do Povo Portuguez tem capitulos que merecem ser lidos e meditados até pelos nossos legisladores. E, se muita utopia igualmente contem que o generoso coração e os verdes anos do snr. Cesar Anjo arquitetaram, o certo é que a gente as lê sem o enfado que sempre provocam os disparates. São manifestações de um espirito bem formado, que, sentindo a hediondez do Mal, lhe não mediu, no entanto, ainda a consistencia. De resto, pensamos como Guerra Junqueiro, quando, [illegible] *João*, nos diz:

«Ah! ideal, ideal!
E's a concentração da força universal
Irradiando o trabalho, a vida, o
movimento».

Hão-de sempre ser lidas com agrado produções como aquela de que nos ocupamos, em que se visiona «o estado social em que todo o governo se tenha tornado inutil, porque cada qual fará o que deve fazer, sem outros senhores mais que a sua razão e a sua consciencia» (pag. 23). Que bélo! — «Todavia, para isso, serão precisos ainda biliões de anos» — não se esquece de dizer o snr. Cezar Anjo. Devem ser, devem...

Impressiona fundamente o arraigado da crença do autor. Quasi no final do livro, a paginas 104, diz ele: — «Sou um impenitente optimista. A idade, o meu temperamento, a ideia que tenho do Bem, o desejo insano que me devora a alma para conseguir o triunfo da Verdade — tudo isto me arrasta para o mundo diafano e côr de rosa que se chama optimismo». O que de alguma maneira justifica o que diz a paginas 29: — «Pois bem! Unamo-nos todos, grandes e pequenos, ricos e pobres, (enquanto quizérem esta odiosa e estupida designação) e sem um minuto de desanimo, com os olhos fitos no olhar da patria e no bem da Humanidade, marchemos pela estrada do Trabalho e da Virtude até chegarmos ao Eden da felicidade, que ainda está longe. Neste caminho, centenas de gerações sucumbirão ainda. Que importa, porém, se temos a certeza absoluta da sua conquista? Ao nosso encontro vem certamente a Revolução Social, que se aproxima. Abracemo-la com todo o entusiasmo dos nossos corações, porque será ela que virá abrir-nos a porta desse Eden».

O snr. Cesar Anjo, no entanto, tambem de vez em quando desce ao lodaçal em que todos estamos atascados e faz observações como as que seguem, a que não faltam profundidade e justeza: — «O respeito pela autoridade e pelas leis não existe. Se estas se cumprem, é unica e simplesmente porque se temem e não porque se respeitem» (pag. 62). «Repudia-se o movimento a favor da educação da mulher com a galhofeira alegação de que ela quererá governar os Estados, obrigando os homens a amamentar os filhos. Que puerilidade! A mulher só ha-de ser aquilo que puder ser. Se o homem receia que a mulher tanto virá a valer, então terá que se resignar a ser o que a sua inferioridade lhe permitir» (pag. 101).

Como se vê, o snr. Cesar Anjo escreve muito bem. Tem uma prosa arrebatada, mas cristalina e sonora. Se nem sempre é de uma correcção impecavel, deve-se isso principalmente á pouco cuidada revisão do livro. Mas não se encontra nele nada que contenda com os nervos dos amadores de boa literatura.

No entanto, Cesar Anjo, com todo o seu inegavel talento, é um modesto professor primario. E talvez nunca os nossos estadistas o venham a vêr para lhe confiar um cargo em que os seus conhecimentos e a sua atividade se possam mais livremente expandir e seguramente frutificar. Porque esses cargos são só para os que... não correm o risco de morrer moiros.

Prof. Manuel José Antonio.

CRÓNICA DE LISBOA

Eu não obedeço senão ás leis da Natureza, por estarem conformes com o meu conceito de ordem e de beleza ao qual sugeitei o meu ser livre.

Gabriel d'Anunzio.

Ainda que respirando as auras duma liberdade já sofrivel, eu sinto todo o meu ser apoderado por uma força arcanica e enigmatica que me arrasta ao vácuo gelado duma tristêsa enorme.

Não ardem, em nossos dias, as fogueiras do Santo Oficio, nem a descarnada mão de Torquemada continúa pedindo sangue e bifes de carne humana.

O excelso Prometeu pode, hoje, revoltar-se contra o ceu, impunemente.

Sem embargo, a treva campeia ainda em muitos cerebros alheios á sã Razão, essa Razão sublime que, na lenta evolução dos tempos, tão grandes beneficios tem trazido em seu manto nevado e columbino.

Afirmam os teologos que dentro de nós existe um *quê* de imaterial e puro que não póde morrer: —a alma.

Para onde vai? Misterio, dizem...

Não. Ainda que ligeiramente, exponho a minha metafisica:

Eu julgo que a alma é uma forja de bons ou maus sentimentos, movida pela energia eletrica da vida. Com a morte a alma extingue-se como se extingue o som dum sino que se parte.

O homem baixa todo á sepultura. Tudo nele é morto, tudo nele é materia sujeita ao alambique inexoravel da putrefação. Aquela força a que chamam alma que o levou á senda gloriosa das boas obras ou ao sinistro tremedal do crime só tem a prestar contas no tribunal inflexivel da critica dos povos.

O homem desceu á sepultura... Vêde que desilusão! Essa terra irmana a todos:

César com seu escravo, Jesus com Iscariotes, Bonaparte com o seu cavalo. O martir que expira, o heroi que baqueia, o scelerado que sóbe o cadafalso são o mesmo jantar ao estomago colossal da vala comum. Seus actos só terão peso na reminiscencia dos menos esquecidos.

Paraizo? Inferno? *Bombons* de chocolate ou o papão com que se mete mêdo ás crianças turbulentas.

Viver, gosar, aproveitar os acasos fortuitos desta vida, que *l'homme est peu de chose!...*

* * *

Oh! a vaidade a quanto nos obriga!

G. Junqueiro.

A vida, realmente, em nossos dias, é suportavel, com todos os diabos!

No nosso tempo podemos passear, a horas mortas, sem receio das rondas do Santo Oficio.

Mas, compensando, temos zoilos que nos espreitam, que nos espiam, que nos criticam as mais intimas e sagradas acções.

Temos mestres em materia amorosa que enaltecem o amor em Portugal — estafado sentimento que principia por um *vê-la e ama-la foi obra dum momento* e continua por gargarejos noturnos com arrufos de bichano á mistura.

Ainda assim, isto seria, como disse Voltaire, o melhor dos mundos possiveis, se não fôra, ai! se não fôra... a vaidade humana.

E de quanto é capaz essa giboia venenosa!

Ela fez sorrir a Nero os laureis de grande artista, ela acalentou no coração desse louco sublime, que se chamou Jesus, a doce ideia de dominador do mundo, ela inspira criticos que discutem amor português puro e candido e, quantas vezes,—quem sabe?—o praticam nos fôfos almofadões das damas *demi-monde* muito *à la française!*

Oh! sim. A vaidade é capaz de tudo, infelizmente!

. . . . . .

Chorarão as estrelas diamantinas, que povoam o azul tão lindo do nosso céu português, arrepelar-se-ão as Lolas que me lêem, os peraltas esvurmarão sobre mim a refinada essencia do seu rancôr.

Embora. A's estrelas, ás Lolas e aos peraltas responderei qual Cagliostro: *—Ego sum qui sum*, e sendo quem sou, cumpro o meu dever escalpelando o Infame.

Gomes Monteiro.

Horas d'insónia

Perdoar, esquecer agravos e injurias, deve ser o lema de todos os que, anciosos pelo raiar libertador duma nova aurora de emancipação, procuram, no bem estar espiritual, a baze para a tranquilidade da sua vida.

Rancores e doestos, agravos brutaes que enodoam e desasocegam a alma dos que sofrem, são, na humanidade, a causa da maior parte dos afastamentos da pratica das boas acções.

Aceita-se, no homem, a delineação dum acto criminoso, dum gesto denotador de maus instintos, quando, num momento de irreflexão, essa creatura obedece simplesmente aos impulsos da sua constituição psicologica, á flexibilidade do seu temperamento de nevrotico incorrigivel.

Mas que se pense a serio, a valer, friamente, reflictidamente na pratica duma vingança, tenha ela por fim o que tiver; e sem um arrependimento, sem uma hesitação, levar por deante a satisfação de inqualificaveis vandalismos, de inenarraveis actos de crueldade, deve ser tudo quanto ha de mais desumano, de mais estupidamente desumano e preverso.

Vem isto a proposito de uma altercação que eu ouvi, ha poucas horas, entre duas criaturas outrora amigas.

Dias antes encontrara-as eu a passear juntas conversando amigavelmente. Trocaram beijos e amaram-se, eis tudo.

Agora lá longe, a caminho doutra patria, por certo sofrendo muito, uma delas, pondo a mão na consciencia, ha de encontral-a segredando-lhe quão mau é ser-se mau, quanto sofrimento traz a maldade das almas e a imperfeição da humanidade que causa assim saudades amargas, mas não deixa que se desenhe um gesto de perdão, que haja uma hora de arrependimento sincero, de profundo esquecimento do passado, ainda mesmo que esse passado seja de agravos injustos, que muitas vezes inconscientemente se produzem por um mal entendido ou uma erronea interpretação.

Perdoar deve ser, sim, assim o entendo eu, o léma caritativo de todos os bons, de todos os que, sugeitos ás mesmas leis e aos mesmos erros, ás mesmas lagrimas e ás mesmas dôres, agora fazem mal e amanhã, por circunstancias tristemente furtuitas da vida, pedem aos outros que lhes façam bem.

Aceita-se, no homem, a delineação dum acto criminoso, num momento de irreflexão; o que se não póde admitir é a perpetração dum crime havendo a consciencia do mal que se vae causar.

Almeida Junior.

Carta de Vizeu

24—10

Ao iniciar as minhas simples correspondencias para este jornal, anceio-lhe sinceramente uma longa vida de perenes felicidades, fazendo votos ardentes para que jámais se desvie do nobre caminho tão dignamente trilhado, pugnando sempre pela democracia.

E a vós, presados leitores do *Dever*, peço-vos uma benevolencia desmedida para uma vez ou outra que a minha pena ferrugenta não cumpra fielmente com aquilo a que um correspondente deve obedecer. Convicto de que as vossas almas magnanimas não despresarão o meu apêlo, atrevo-me hoje a dar-vos uns traços bem largos da cidade de Vizeu e a desempenhar-me da missão que me honra sobremaneira.

A velha cidade de Vizeu, capital da poetica Beira de Silva Gaio, teatro do celebre *Amor de Perdição* de Camilo, orgulha-se de ser uma das terras que maiores genios tem legado á posteridade. E se Viriato II, o valente pastor guerreiro, não é vulto suficiente que sirva de brasão á formosa cidade da Beira, investigai a sua historia que bem rica é de individualidades que nunca deverão esquecer aqueles que veneram o valor de seus compatriotas.

Berço de D. Duarte, Grão Vasco, Reboredo, Gata, Gaspar Barreiros e dum João de Barros que com a sua notavel obra das *Décadas* soube inspirar o grande Epico Português a tecer as paginas maravilhosas do seu poêma: *Os Luziadas*.

Liberal por tradição, ciosa da liberdade da sua patria, mostrou com um gesto nobilissimo, quando o Cardeal-rei não tinha pejo em deixar baquear o trono da sua terra, com ele se afundando por largos anos a patria portuguêsa, que a alma dos honrados beirões não se tinha deixado atravessar pela lamina da desonra.

E assim quando o nefando governo dos Filipes estava prestes a escravisar com as suas manhas jesuiticas o laborioso povo português, a cidade de Vizeu optava por a subida ao trôno do Prior do Crato, repudiando o proceder ignobil da maioria da nobresa portuguesa.

Decorrem anos e quando os córvos da reáção, os falsos discipulos da doutrina de Cristo, se esforçam por estrangular o ideal da liberdade, de Vizeu, surge a figura insigne, desse liberal de lei, o bispo austero que se chamou D. Antonio Alves Martins.

Este prelado compreendeu como poucos qual a missão que competia aos ministros da igreja. E se no decorrer de largos anos as suas virtudes jazeram na alfurja do esquecimento, hoje, devido a admiradores sinceros, Vizeu ostenta garbosamente aos olhos dos que a visitam um monumento donde irradia continuamente a verdadeira crença cristã: a estatua do seu bispo.

Quando alguma vez vos afirmarem que Vizeu é uma cidade reaccionaria, afirmai-lhe que é falso o que dizem. Bem tem tentado essa serpente venenosa tolher este povo honrado, viciar-lhe a alma, arrancar-lhe do peito o amor verdadeiro da patria, obcecar-lhe o entendimento com as suas doutrinas falsas, faze-lo baquear do seu pedestal de honra para depois o chafurdar num lodaçal de ignominia e trevas.

Esteril intento!

O facho rutilante da verdade tem-se encarregado de alumiar as suas almas e guia-los não para a mentira, mas sim para o campo que devem seguir todos os patriotas.

—— Abriu o liceu desta cidade com uma frequencia inferior á do ano anterior.

—— No domingo passado realisou-se na praça de touros do Campo de Viriato a ultima corrida da época. Gado regular, casa boa, artistas diligentes, mas faltava-lhes a... arte.

—— No teatro *Viriato* começaram as sessões cinematograficas, sendo esperada brevemente uma das melhores companhias de Lisboa.

—— No *Paraiso* estreia-se em breve uma companhia de zarzuela.

Francisco Ribas de Sousa.

CARTA

respondendo a M. R., famoso anarquista do tempo do juiz Veiga, de celebrada memoria, martir do seu ideal mal compreendido, mas sublime por que sofreu 14 anos de reclusão e deportação para não denunciar um companheiro, autor dum atentado. Uma das mais interessantes personagens da «Patologia social» de Abel Botetho, no «A'manhã»

(*Continuação*)

Meu caro anarquista:

Mas ha, sobretudo, um grande, um enormissimo mal que era preciso extirpar: o mal dos *impacientes*, que, pouco versados na filosofia da historia, não buscam nela as lições do passado, que nos ensinam que a vida das nações não é como a vida fisiologica dos animais. Para se operar o seu desenvolvimento é necessario tempo e dinheiro. E para sanar do mal essas nações são tambem necessarias novas gerações, com nova orientação, mais humana e mais coerente com os principios racionais da vida do Universo.

A Republica em Portugal não se fez, não a fizemos para nós, mas sim para os nossos filhos, para os vindouros. Pensando em te-la feito para nós, os atuais, cheios de vicios de educação, tarados por um passado tenebroso que nos legou a dinastia Bragantina, é pensarmos muito mal, muito erradamente.

E' certo que muita terra da Republica podia, pelo menos, estar já arada, pronta a receber a semente, mas não é menos certo que os agentes perturbadores da ordem, toda essa cáfila, tem impedido muito trabalho fecundante. Ainda uma outra classe não menos perigosa, senão asquerosa, tem perturbado o andamento da vida portuguêsa; a dos *politico-profissionais* esses *apaches* de S. Bento, que têm na politica um *meio* e não um *principio*, esses que dão murros nas carteiras.. dos cofres do Estado... mais nas de S. Bento e que juntam a eloquencia perissologica á eloquencia *murrologica*, fazendo uma safra de cem escudos mensais a encebar as mezas do Martinho com os fundilhos das calças, emquanto o presidente da camara constata no Parlamento tantas faltas seguidas do senhor deputado de tal...

Tudo isto é o mal, meu caro intolerante, o mal de que não nos podemos ver livres tão depressa como o desejam os bons patriotas e que só o tempo dentro do espaço poderá vantajosamente modificar.

Quem somos nós, os da Republica? Na sua maioria os mesmos do tempo da monarquia, diz do lado o meu visinho e compadre Zé

Sapateiro, que de seixo sobre os joelhos vai filosoficamente contundindo umas aparas de carneira para encher os saltos dumas botas que devia levar boa sola, sola da melhor... e que vai cantarolando por entre dentes uma canção satírica, comparando os politico-profissionais aos sapateiros seus iguais, que, emquanto uns batem carneira em vez de sola, os outros batem *sorna* e enchem as carteiras de aparas de papel onde inutilmente esfumaram uns preludios de medidas de... *grande alcance*, demonstrando empiricamente que é facil evitar que o João Portugal morra dum cancro que lhe destroe um pé, dês que lhe separem cirurgicamente a tibia e seus adicionais do femur ainda não corrompido.

Ora bolas, meu caro anarquista!

Os nossos males atuais são estes: Os Impacientes, os Malandros anonimos, os Rotundistas e os Grevistas.

Já disse que os primeiros, pouco ou nada versados na Historia, julgam tão facil a laboração e aplicação das leis sociologicas, que devem obedecer, e cada vez mais, a um certo numero de particularidades achadas nas multidões que formam os Povos, como é facil a fabricação de sapatinhos de trança e colherinhas de folha estanhada Elas são não só de dificil apreensão como importantes nos efeitos que produzem, pelo que é mister a um fazedor de leis estuda-las profunda e sensatamente de modo que os efeitos das mesmas não vão contrariar abruptamente o estado mecologico dessas multidões a que se destinam, atendendo a que dentro dum paiz ha regiões unificadas politicamente, sujeitas ao mesmo ideal patriota, mas heterogeneas no seu *modus-vivendu* regionalista.

Um legislador moderno tem que ser, rigorosamente, um cientifico, um sociologo, profundo conhecedor da ciencia biologica, observador atilado da idiosincrosia dos povos, para os quais legisla, sem o que todos os trabalhos neste sentido resultarão improficuos, absolutamente inuteis.

Certo é que o nosso paiz não é grandemente regionalista, pois que as leis teem uma aplicação comum, havendo só diferenças nas posturas municipais.

Apenas o extremo setentrião portuguez varia um pouco do meridional pelas influencias étnicas exercidas em epoca já remota pela raça arabe, cuja influencia foi apenas politicamente varrida do Algarve por D. Afonso III. Daqui o não ser demasiadamente dificil aos nossos legisladores a confecção das leis para o nosso paiz. Todavia não deve subsistir esta opinião e devemos lembrar-nos que em 1755 o *terremoto de Lisboa* destruiu em poucos dias aquilo que tinha levado seculos a construir, donde se deduz que para demolir todos teem geito e parola, sendo uma habilidade que pouco saber requer bastante ser audaz, mas não acontecendo o mesmo para erguer, que exige cinzeis como os de Miguel Angelo, e como o do ignorado autor da Venus do Milo, pinceis como os de Rubens e de Murilo, penas como as de Camões e Schiler, cerebrações musicais como as de Mozart e Rossini.

Ha, pois, uma diferença que é um abismo.

Seja anarquista, mas em vez de fazer explodir clorato, faça explodir a luz da bondade. Não caminhe com o seu ideal para onde caminharam os cristãos, que falsearam as doutrinas do Galileu fazendo do cristianismo uma força opressora, em vez de uma atracção carinhosa.

O anarquismo é um ideal sublime, é o do proprio Cristo, por outras palavras. E' o bem inato, que só pelo bem pode ser radicado nas almas, e não pelo sistema de coacção forçada, o «crê ou morre dos catolicos, a bolsa ou a vida dos bandidos.»

Adeus.

David Diniz.

Agua da Curia

Semelhante á de Contrexeville

Estimula a acção dos rins, que são os filtros do corpo humano.

Experimentai a agua da Curia.

Partido Unionista

A seguir publicamos uma carta-circular que nos foi enviada, convidando a uma reunião do Partido Unionista que hoje se efectua na Mealhada.

Ex.mo Snr.

Os abaixo assinados, no empenho de pugnar pelos interesses gerais do Concelho da Mealhada, e no proposito de congregar os principais elementos do mesmo, resolveram dar todo o seu apoio ao partido Unionista que tem por chafe o ilustre estadista Ex.mo Snr. Dr. Brito Camacho, cuja orientação tem principalmente por fim, unir o mais estreitamente possivel toda a familia republicana.

Confiados em que V. Ex.a, debaixo desta orientação, não terá a minima relutancia em dar-nos o seu valioso apoio, vimos convidar V. Ex.a para uma reunião no proximo domingo, 26 do corrente, a qual terá logar no teatro desta vila pelas 12 horas.

O Ex.mo Snr. Ribeiro de Almeida, deputado unionista proposto por este circulo, fará nessa reunião uma conferencia, na qual exporá mais detalhadamente o programa do mesmo partido.

Dr. Eugenio Couceiro, Joaquim da Cruz, B. Fernandes Jorge, Augusto Brandão, João de Melo e Mota, José Martins Catarino, Eduardo Nogueira Pinho, Manoel A. Batista, Alfredo Sales, Julio Teixeira Lopes, Feliciano Rocha, Joaquim Miranda, José de Melo, Joaquim de Melo, José do Carmo Abreu, Manoel Cerveira de Almeida, Manoel Batista Pinto, João Lopes de Abreu, Antonio Lopes Breda, Antonio Ferreira Batista, Adrião Guedes, Albano Cristina, Armando Lopes de Castro Cabral, Manoel Martelo, Manoel de Souza Andrade, José de Almeida Junior.

O nosso jornal far-se-ha representar por um dos nossos redatores.

CARTA DE LISBOA

Atrapez do Cine Maravilhoso

Sinfonia: — A alma das crianças é avesinha melodiosa e terna, sedenta de luz e ar vivificante. Dêem-lhe carinhos e «bons-bons», e ei-la saltitante, alegre e folgasã.

Por isso, na Padaria do Povo foram distribuidos 100 lanches a outras tantas criancinhas, a expensas da Junta Paroquial de Santa Isabel.

Discursaram os srs. tenente-coronel Eduardo Sá, dr. Carneiro de Moura, e as ex.mas sr.as D. Maria Veleda e D. Filipa d'Oliveira.

A Tuna Democratica da Liga Republicana das Mulheres Portuguezas fazia-se ouvir numa harmonia sacra, docemente, docemente...

1.a fita — Justiça de Fafe: — V. Ex.as não sabem o que é justiça de Fafe?

E' aquela que substitue a espada da Temis por um marmeleiro. Compreendem?

Ora, no passado domingo, organisou-se a tradicional feira das Mercês, em Cintra, que teve numerosa concorrencia.

Tudo teria decorrido sem incidente se não fôra a quixotesta arremetida dum sebastianista manuelino, que dá pelo nome de D. Carlos de Mascarenhas, que estupidamente censurou um conhecido seu, pelo facto deste trazer uma gravata encarnada, e tendo as mais sujas afrontas para o novo regime.

Um guarda dos impostos que, casualmente, passava admoestou o *melro* nestes termos: — Ora, você, que tem um exemplo lá em casa: o seu irmão a gemer na Penitenciaria como conspirador e vem para aqui com provocações que lhe podem trazer o mesmo caminho.

Não foi preciso mais nada. A populaça caiu sobre o realista e deu-lhe um *arripio* decente, desses que reclamam lençois de vinho, sendo preso em seguida com dois irmãos que o acompanhavam e que, na devida altura, comeram da canja, igualmente.

Assim é que é! Nunca as mãos lhe dôam.

2.a fita — Trambulhão fatal: — No passado domingo, o estudante militar Decio Campos Silva, quando passava á Junqueira, em vistosa cavalgada, espapaça-se no chão, morrendo pouco depois.

E' isto: metem-se em cavalarias altas...

3.a fita — A eterna malandrice: — Na madrugada de 21 foi a cidade alarmada que se desenrolava uma revolução partidaria, sindicalista, monarquica ou o diabo que os carregue.

Efectivamente para os lados do Castelo foi um policia agredido por um grupo numeroso e, provocado o motim, compareceu a força armada prendendo os façanhudos revolucionarios.

Em varios pontos da cidade trocaram-se tiros entre os desordeiros e a policia e guarda republicana, dando origem a ferimentos, alguns bem graves.

Figurava entre os revoltosos um soldado de infantaria 5 que disse ter sido aliciado por um oficial do exercito.

Pulhismo, cinico pulhismo!

Eu não peço a morte para esses canalhas. Detesto a chacina.

Oh! mas as nossas colonias precisam de braços, e, uma vez ali, picareta nas mãos, cavalo marinho sobre o lombo, talvez eles tivessem um pouco de utilidade.

Emquanto estes acontecimentos se desenrolavam, o povo indignado dirigiu-se ás redações dos diarios monarquicos *O Dia* e *A Nação*, escavacando tudo.

FOLHA ERRANTE

E's feia, és velha e teu rosto
E' picado das bexigas,
Mas tens *massa* e neste mundo
Não se vive de cantigas.

Nitrato.

A tentativa revolucionaria

Pelos jornais diarios já os nossos leitores conhecem pormenorisadamente os acontecimentos que alarmaram o paiz na madrugada do dia 21. Não obstante, damos em resumo o relato desses acontecimentos.

O movimento na capital principiou ás 3 horas e meia da manhã daquele dia. A's 5 estava completamente restabelecida a tranquilidade. Os factos anormais que se passaram foram os seguintes: Assalto á esquadra policial do Caminho Novo, ao palacio das Côrtes e ao Museu da Revolução, sendo os assaltantes, em numero de 50, dispersos pela cavalaria da guarda republicana. Corte de comunicações; em varios pontos foram destruidas a dinamite as linhas ferreas. O comboio do Porto esteve na eminencia dum desastre, que não chegou a consumar-se pela prudencia do condutor, que foi alarmado com 4 detonações de tiros de dinamite, proximo da estação de Torres Novas, onde a linha fôra levantada na extensão de mais de 2 quilometros. Junto ao pontão de Mato de Miranda foram encontrados 17 cartuchos de dinamite intactos, e 4 postes telegraficos da linha militar foram serrados pela base. Houve atrasos nos comboios, o mais importante dos quais foi o do comboio do Porto, que chegou a Lisboa com mais de 5 horas de atraso. No telegrafo ferro-viario houve grandes estragos feitos pelos conspiradores.

Estes tinham planeado o movimento por dois *comités*, um civil e outro militar, dizendo-se que fazia parte do 1.º, entre outros, Constancio Roque da Costa, Moreira d'Almeida, Cunha e Cunha, o guarda-livros Gomes, do capitalista Seixas; dr. José Lobo d'Avila Lima, engenheiro Trigueiros de Martel, dr. Abel de Andrade, dr. Anibal de Azevedo, João de Morais Machado e João Diogo Peres, que, tendo sido preso, fugiu do Caminho Novo. Do *comité* militar faziam parte o coronel Beça, Castro Ornelas, coronel Seabra de Lacerda, João d'Azevedo Coutinho, tenente de marinha Pereira de Matos e outros.

Parece que o plano dos conspiradores era começar o movimento pelo assassino dos ministros e principais funcionarios publicos, para que a Republica ficasse sem direcção e sem defesa. Em seguida organisar-se-iam tres colunas de combatentes em Alcantara, Beato e Intendente, sendo aquela comandada por Azevedo Coutinho, que se apresentaria fardado e com todas as suas condecorações, no quartel de marinheiros.

Ao mesmo tempo surgiriam movimentos no Porto, Braga, Evora e Viana, procurando-se em Lisboa, se aqueles não dessem resultado, manter a desordem durante dois ou tres dias, a fim de que tivesse repercussão.

E' claro que tudo isto indignou os grupos de civis, que trataram de desafrontar-se por varias maneiras. Assim, assaltaram as sédes dos jornais o *Dia* e a *Nação*, destruindo todo o mobiliario, taboletas e o material tipografico da *Nação*. Tentaram tambem assaltar o *Intransigente* o os *Ridiculos*, mas a policia obstou a isso.

Ha ordem de prisão contra o dr. Cunha e Costa e Moreira d'Almeida, director do *Dia*, tendo sido já presos numerosos conspiradores, entre os quais figuram o major Madureira Beça, o alferes dr. José Figueirinhas, irmão do ex-director da *Educação Nacional* sr. Antonio Figueirinhas, o celebre padre dr. Correia Pinto, o conde de Mangualde e o seu ajudante Ferreira de Mesquita. Tambem agora foram presos alguns dos individuos absolvidos nos tribunais civis.

No Porto e provincias houve movimentos identicos, reinando, porém, agora em todo o paiz a mais absoluta tranquilidade.

COIMBRA

Armazens do Chiado

Não é uma nota de réclame, mas de musica na clave de dó, que vamos contar:

No dia 18 do corrente, tivemos ocasião de ver que, nos Armazens do Chiado, em Coimbra, o pessoal da Secção de fanqueiros tambem trata de politica, no exercicio do seu mister. Senão vejamos:

Pelas 15 horas do referido dia entrou naquele Armazem um cidadão que não conhecemos e que cumprimentou o pessoal da Secção; depois de transpôr a porta para a via publica, disseram, quasi em côro, os empregados da referida secção, o seguinte:

«Aquele (referindo-se ao já citado cidadão) tambem é *dramatico*; ao que outro retorquiu; não é, não, é evolucionista, afirmaram os outros colegas; é, sim, é *dramatico*. Estes *dramaticos* é tudo uma sucia.»

Depreende-se que se queriam referir aos cidadãos democraticos, depreciando-os com o apelido de *dramaticos*. Será isto sério? Será isto proprio dum estabelecimento cujo pessoal só devia tratar de assuntos comerciais, durante as horas de trabalho? Parece-nos pouco sério e contrario, decerto, aos regulamentos daquela casa comercial.

Que serão os referidos empregados da Secção de Fanqueiro? Comicos? Talassas, sem duvida.

Tenham mais respeito pelos democraticos, que só teem pelos comicos o mais completo despreso.

Quem escreve estas linhas não quiz intervir no caso, por lhe ter aborrecido a gente que assim procede e esquece os deveres do logar que ocupa.

Fernandes d'Almeida.

ASSUNTOS AGRICOLAS

Estamos na época das novas sementeiras e por isso não podemos de fórma alguma passar sem chamar a atenção dos snrs. agricultores, pois temos no nosso armazem adubos de todas as especies, fornecidos das principaes casas do nosso paiz, é claro, em materias primas, mas não deixamos de não lembrar as nossas boas formulas de adubo composto que atualmente temos, que tem dado excelente resultado; e, para provarmos a verdade, temos no nosso escritorio á disposição dos nossos clientes, todos os atestados devidamente assinados, por isso quasi que podemos assegurar uma boa compra com a nossa marca registada, *Peixe*, que hoje podemos tornar publico, porque é nossa em todo o paiz. A nossa casa é muito nova, mas no entanto pedimos a todos os snrs. Agricultores para não deixarem de nos fazer uma visita, porque, se o fizerem, então se convencerão de que tudo o que nós aqui afirmamos é verdade e seria isso o nosso unico desejo. Nós, atualmente estamos habilitados a fornecer todos os adubos que nos pedirem, assim como a analise das terras, sendo o nosso agronomo o snr. Mario Vieira de Sá, dignissimo empregado no Instituto de Agronomia em Lisboa. Portanto uma experiencia de nossa casa não será perda de dinheiro para os snrs. agricultores, podendo assim dirigir pedidos a

Pampilhosa do Botão,

Melo & Martins.

Anuncio

O Delegado do Procurador da Republica na comarca de Montemór-o-Velho, em nome da Ex.ma Comissão Jurisdicional dos Bens das Extintas Congregações Religiosas, faz constar que no dia 29 do corrente mez, pelas 11 horas, na Delegação da Procuradoria da Republica, da referida comarca, será arrematada em hasta publica toda a azeitona existente nos olivais da Freguezia de Pereira, da mesma comarca, pertencente ao extinto Colegio dos Ursulinos, hoje na posse e administração do Estado.

As condições estão patentes nesta Delegação em todos os dias uteis, das 10 ás 15 horas.

E para constar, se lavrou este e outros de igual teor, que vão ser afixados nos logares publicos do costume.

Montemór-o-Velho, 20 de outubro de 1913.

O Delegado do Procurador da Republica,

Elisio de Pina Mascarenhas de Mancelos.

Revogação de procuração

(1.a publicação)

NO Juizo de direito da comarca de Montemór-o-Velho e pelo cartorio do terceiro oficio foi feita, a requerimento de Cipriano Gomes Branco, atualmente no Brazil e de sua mulher Maria da Gloria Penas, do Casal do Mato, notificação ao procurador Antonio Ferreira d'Azambuja, dos Palames, de que fica revogada a procuração que a este passaram para poder realisar quaisquer contratos. E para que chegue ao conhecimento de todos se passou este anuncio que será devidamente publicado.

Montemór-o-Velho, 19 d'outubro de 1913.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

O escrivão,

José de Paiva Bobela Mota.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSOES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

Relojoaria Probidade

— DE —

Saul Bahia

Encarrega-se de todo e qualquer trabalho em joias, relogios e gramofones de qualquer sistema, garantindo a sua perfeição.

Tambem possue artigos pertencentes aos objectos acima mencionados.

Rua Henrique Dias, n.º 41

S. PAULO — BRAZIL

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais, etc.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

MELO & MARTINS

Com armazem de adubos quimicos, sulfato de cobre, enxofre e cal para construções

Deposito de gazolina

Endereço postal e telegrafico:

PAMPILHOSA DO BOTAO

São nossos representantes em Mortagua:

NA POVOA, o snr. José Paulo

NA ESTAÇÃO, o snr. José Tomaz.

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.

O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.

Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

CASA HAVANESA

16 — Rua Ferreira Borges — 18

COIMBRA

Sortido completo em tabacos, papelaria e perfumarias. Molduras para quadros e galerias, o que ha de mais moderno. Artigos para desenho, pintura a oleo, aguarela, foto-miniatura e pirogravura.

BILHETES DE VISITA

Novidades para brindes, artigos de viagem e toilette etc.

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

MURALINE

Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 2.° Arazêde, 2 de Novembro de 1913 N.° 89

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os originais, quere sejam ou não publicados. Não se aceitam informações anónimas.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

Portugal e Colonias Portuguezas—Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trismestre, 30 centavos.
Brazil — Ano, 2 escudos.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Redação e Administração — ARAZÊDE

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

CORR.ºETELº 2 NOV 13 ARAZEDE

Biblioteca Universidade S. R. Coimbra

O culto da Liberdade

Ha, na vida dos povos sobretudo nos de mais adiantada civilisação, uma queda extraordinaria para o culto da Liberdade. Nas nações mais atrazadas, ainda mesmo naquelas onde a reacção nociva de ideias mais predomina, nessas mesmo não sabemos que inclinação profunda, que extranha sensação as gentes sentem quando se trata de lutar por uma causa ou de combater por uma ideia, primeiramente havendo a certeza de que, na treva da ignorancia, na alma tôrva dos reacionarios fervilha o quer que seja de retrocesso e negação.

Vem de longos seculos o amor ao Ideal. Antes e depois da presente éra o Sacrificio foi sempre o mais saudavel e delicado apanagio da humanidade.

Lutar e sofrer, alheio, por vezes, ao proprio instinto da conservação, deve ser o lema sacratissimo, o exemplo nobre e estimulante de todos os que, emancipados de velhas teorias, libertos de velhos dogmas, de nefastos preconceitos, especialmente dos preconceitos que a Igreja tem procurado impôrnos acima de tudo, a todo o custo e em todas as épocas; lutar e sofrer deve ser o alto exemplo de todos os precursores duma ideia, de todos aqueles que, acima de tudo, colocam bem á vista a limpidez do seu caracter e sentem bem intimamente o dever que os guia e o Bem que podem fazer em prol da humanidade.

Com efeito a Igreja Romana tem feito mal a uma grande parte dos povos do mundo, e, a despeito das lutas titanicas contra ela suscitadas e sustentadas, é o seu dogma, nocivo e anti-humano, um dos que mais liberais tem produzido. O proprio Lutero, que apesar do despreso votado pelos teologos aos bons e sãos principios de emancipação colectiva, mesmo dentro das normas da propria doutrina de Roma se conservou por largo tempo fiel ás tradições da Igreja, bajulador do pontifice, Lutero teve mais tarde, em face de tanta perversão e de tanta devassidão, de tornar-se inimigo déla, redobrando a sua furia ainda de intensidade ao ver os desmandos dalguns dos seus membros, como Tetzel, o desumano agente do tráfico em algumas provincias da Alemanha, e outros que cometeram a maior soma de vandalismos possivel, tudo em nome da Mãe-Romana, da Fé e do Amor proximo.

E como Lutero, Hugo Latimer, Bugenhagem, Knox, muitos mais se emanciparam em face do despotismo e das Mentiras convencionais de que os evangelhos romanos estão apinhados.

E' que nesse tempo, muito antes e muito depois, nunca a liberdade deixou de pairar, óptimista e resplandecente, por sobre a cabeça dos que, sonhadores por temperamento e libertarios por educação, despresaram imposições, abandonaram praxes que envelhecem os espiritos e os obcecam assim á guize de fanatismo doentio, á maneira de escravidão e vandalismo.

Depois, uma obra será tanto mais notavel, tornar-se-ha tanto mais util e simpatica, quanto a acompanhar uma boa acção e quanto fôr dificil leva-la a cabo. Assim uma Ideia.

Muitos teem sido, em todos os tempos, os homens que se têm oposto, por espirito de maledicencia, á consumação de obras de utilidade geral, e muitos mais os que, vergados ao duro pezo dum fanatismo mórbido e retrogradativo, por efeitos de tacanhez espiritual e deficiencia de caracter, por ausencia do feitio liberal, á propagação da Ideia e ao culto da Liberdade.

As revoluções sociais tiveram sempre por base a Liberdade, quer conquistando-a quer reconquistando-a, jamais deixando de perder o fito, de medir a responsabilidade do acto, mas todavia amando-a com entranhado aféto, com justificado anceio esperando o seu bafejo ressurgidor, o seu beijo caritativo e amigo em horas amargas de incerteza e luta, de incerta vida.

Com efeito nada mais sublime, nada mais generoso, mais cantante de suavidade e amor social do que se poder gosar sempre a Liberdade tónificante, aquela Liberdade que encanta as almas e torna felizes e amigas as sociedades que por ela arriscam a vida, que para ela correm de braços bem abertos, ou em busca da sua gloriosa dignificação caminham através de todos precipicios. Porque, na vida dos povos, sobretudo nos de mais adiantada cultura intelectual, ha uma profunda inclinação para o culto da Liberdade...

A. Junior.

NOTAS

Um belo exemplo

Consta que a Inglaterra tem em projecto a criação dum novo ministerio que se denominará *Ministerio da Terra*, e que tem por fim melhorar a sorte das populações ruraes. Se um proprietario da terra se encontrar embaraçado nos projectos de melhoramentos das suas propriedades, não terá mais que dirigir-se ao *Ministerio da Terra*, o qual no caso de os projectos do proprietario serem aprovados, aplanará todas as dificuldades. O novo ministerio fará cultivar a terra nas suas minimas parcelas, tornando uteis e comprando por preço rasoavel, todas as terras despresadas pelos seus proprietarios. A muitos outros fins visa o novo ministerio, mas o que aí fica é suficiente para demonstrar quanto é audacioso o governo a que preside Lloyd George.

Não poderia o nosso paiz seguir este exemplo ao mesmo tempo tão liberal e tão humano?

Original

Ainda não repararam num anuncio que anda aí pelos jornaes e que faz um reclamo ao processo de cada um que fôr pequeno crescer em altura?

Nós não sabemos em que consiste esse processo, mas ainda gostavamos que alguem descobrisse o meio de muitos dos nossos homens publicos crescerem em justiça e moralidade...

CRÓNICA DE LISBOA

Partiram a mobilia dos diarios monarquicos *O Dia* e *A Nação*, com a mesma cem-ceremonia que se parte um vaso de noite que para nada serve.

Foi mal feito, afirmo-o aqui, num jornal insuspeito, eu que desde o berço—deixai-me assim dizer—tenho pugnado por uma Republica de paz e fraterdidade, de egualdade e amor.

Eu não quero defender aqueles que desejariam vêr um D. Miguel no trono e um papa sobre o altar. Não, eu não os quero defender. Limito-me, simplesmente, a frisar aquela local do ultimo numero d'*O Dever* que «naqueles jornais trabalhavam algumas dezenas de operarios que ganhavam o pão para sustento dos seus, e êles nenhuma culpa tinham do monarquismo ou traição dos seus patrões».

E, com isto, eis tudo...

* * *

Eu dava-me muito com o director d'*A Nação* a despeito dos seus idiais de miguelista ferrenho. Podia ser miguelista e ser um homem sincero. Disse-me ele, um dia, no seu gabinete de trabalho, no qual figurava, em luxuosa moldura, o retrato de D. Miguel:

—Olhe, Gomes Monteiro, só haverá paz e harmonia, nesta patria que eu tanto amo, quando aquele senhor subir ao trono portuguez!

E apontava a efigie do Bragança expulso, numa ingenuidade sacra, num tom convicto e firme

O fanatismo, ai, de quanto é capaz!

Eu senti perpassarem-me ante a vista, afeita á biblia santa de santos patriarcas como Tolstoi e Kropotkine, as scênas horrorosas do miguelismo: a cada canto uma fôrca, em cada esquina uma fogueira e, atraz de tudo, rindo estupidamente Inácio de Loiola com a sua sotaina côr da noite.

Tudo isso me acudiu á mente, e, todavia, eu ri, eu ri num riso misto de nausea e compaixão. Aquele homem falava sinceramente, numa ingenuidade de criança, apesar dos cabelos brancos que lhe emolduravam a fronte.

Eu não lhe queria mal porque respeito a sinceridade, e aquele homem era sincero.

Nasceu com o miguelismo e com o miguelismo hade morrer — eterno sebastianista em busca dessa nunca aparecida manhã de nevoeiro.

* * *

Não deviam ter partido as redações. Foi mal feito, repito.

Não ha duvida que foi a indignação popular que tudo fez e, contra ela, não ha resistencia.

A Bastilha desmoronou-se ao seu sopro fatidico e tinático.

Todavia, pense-se bem, e fechem-se os tribunais, mandem os juizes vender limonada e a justiça para uma viela de rameiras. A espada que sobráça servir-lhe-ha para meter na liga, á guisa de naifa de ponta e mola.

Mais pratico e mais economico.

... E os lares dos pobres operarios que nessas redações trabalhavam? Decerto, o Deus todo misericordia e bondade, que os seus patrões tantas vezes invocávam nos seus artigos, não terá para eles o maná do Deserto.

Gomes Monteiro.

Cancioneiro popular

(CONCURSO)

Abrimos hoje um concurso poético dedicado aos cultôres das musas que decerto não deixará de ser interessante. Todos poderão concorrer (senhoras e cavalheiros), desde que as suas produções obedeçam ás regras literarias.

Eis as condições:

1.ª — As produções enviadas devem ser compostas em *redondilha maior*, ou sejam, quadras de sete silabas.

2.ª — As produções não devem exceder quatro quadras.

3.ª — Não se permitem pseudonimos.

Aos trez primeiros classificados serão conferidos premios de livros dos melhores autôres.

Coisas simples

Na eterna paz

Pelo findar da tarde de um dia dêstes, tristonho e chuvoso, trouxe-me o *Janeiro* a noticia do falecimento da professora D. Maria de Jesus Mendes que exercia o magisterio oficial no concelho de Gaia e cujo passamento se deu num hospital do Porto.

Foi uma vitima da tuberculose. E, se bem que esse desenlace fosse ha muito esperado, chocou-me um pouco.

Passam indiferentemente estas noticias de resumo ligeiro de necrologia aos olhos de quem procura avidamente os jornais para lêr os acontecimentos ruidosos, a fita dos sucessos politicos mundo em fóra que se desenrola; mas a mim tocou-me um pouco este passamento. A extinta era professora, morreu tuberculosa num hospital e era minha amiga: eis tudo.

Fôra num dia de outono já triste, outono ainda polvilhado com uns reflexos de verão, mas com o sólo juncado de folhas amarelecidas que ela, tão nova ainda, expirou.

E pensei um pouco na vida do professor primario. Exgota a sua energia no estudo e no exercicio dos seus deveres profissionais; atrofia-se durante horas seguidas numa casa sem ar e sem luz, de linhas inestéticas e sem condições pedagógicas como são em geral as escolas primarias que não tem edificio proprio: respira uma atmosfera viciada; é amesquinhado em regulamentos e leis; e depois quando a tuberculose se apodéra do corpo do martir do ensino, quando já não tem forças para desbravar mais cerebros incultos de crianças e difundir mais luz — vai terminar seus dias ao hospital!

Assim foi que a morte a levou.

Agora que outubro abre novamente as escolas á alegre criançada é que aquela professora vê dissipar numa nuvem os ultimos alentos de vida. De certo á sua róda se não encontrou uma unica das crianças que ela ensinara; de certo no seu derradeiro momento não recebeu um carinho das familias das mesmas a quem ela tanto prodigalisára.

E' assim ingrata a vida do professor até mesmo quando se apaga nas brumas do tumulo.

Abriram os crisântemos e as despedidas as suas farpádas pétalas polvilhadas ainda por umas resteas purpurinas de sol e ela já as não viu florir. E, talvez agora perto na comemoração de «finados» na modesta campa do Agramonte ali receba as pétalas da saudade desfolhadas pelas mãos de alguma pessoa amiga.

27 de Outubro de 1913.

Aurea Judit Amaral.

ESTRADAS

Reclamámos em tempo competente a reparação dalgumas estradas de esta localidade que se achavam em mau estado. Agora, com as chuvas, vão-se tornando intransitaveis e por isso mesmo a documentarem o desleixo de quem superintende no assunto. O inverno aproxima se, e então é que nós estamos para vêr.

E' como o largo fronteiro á estação do caminho de ferro. Dizem-nos que á Companhia da Beira Alta é que compete a reparação do mesmo. Porque não manda a Companhia um delegado seu verificar o lodaçal que lá está e que é uma vergonha para todos? Os sitios de maior transito são sempre os mais descurados, e depois quem por eles passar que limpe as botas á lama.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

LXXV

Pedantes e pedantices — O professor Manoel Boaventura e o seu novo livro No Presidio — Como se prova que o professorado primario se vae ilustrando e dignificando

Não é raro ouvir-se a certos pedantolas ou mesmo ler se nas colunas de jornaes que pretendem passar por orgãos da opinião publica — que o magisterio primario é geralmente composto de ignorantes ou pelo menos de inteligencias pouco cultas. E de tal fazem esses pedantolas ou esses jornaes cavalo de batalha para negar justiça ás nossas constantes reclamações economicas. Que ganhamos mesmo mais do que merecemos tem-se chegado a dizer, como ainda não ha muito fez um senhor *doutor* Carlos Babo, em livro a que a imprensa pedagógica indirectamente fez um imerecido reclamo.

Pois os factos todos os dias estão a provar a sem-razão de taes assêrtos. Não falando já nos assombrosos resultados que as estatisticas apontam aos trabalhos escolares, efectuados em pessimos edificios, completamente desprovidos, na sua maioria, de mobiliario e material ensinante, — amiude estão sendo publicadas obras de professores primarios, que rivalisam em valor com as de publicistas profissionaes ou com as dos funcionarios publicos de elevada categoria.

Ainda no numero passado nos referimos, neste mesmo lugar, á *Educação do Povo Portuguez*, com que nos brindou o professor de Mortagua, snr. Cesar Anjo. E já hoje temos ocasião de fazer referencia a um grosso volume de 454 paginas, produção de outro distinto professor oficial, o snr. Manoel Boaventura, de Palmeira, Espozende. E notem que não se trata, desta feita, de uma estreia. Manoel Boaventura traz já no mercado dois excelentes romances, que a critica recebeu optimamente — *O Solar dos Vermelhos* e *Os Crimes de um Usurario*.

A sua ultima publicação, que começa por ter uma parte material excelente, intitula-se *No Presidio* e tem como sub-titulo *Memorias de um Conspirador*. Compõe-na um feixe de crónicas, mais de cem, escritas na sua maior parte, no presidio de S. Barnabé, em Braga, aonde intrigas politicas e odios pessoaes, como se provou no tribunal militar que funcionou na velha cidade dos arcebispos, arrastaram Boaventura. Que este — nós conhecemo-lo desde os bancos da escola — nunca poderia ser um conspirador monarquico. E' um avançado — talvez um socialista, talvez mais ainda do que socialista. Mas fazia sombra a alguns grandes senhores de Espozende, denunciava-lhes na imprensa os crimes e as traquibernias. Daí a vontade que eles tinham de o perder. Não o conseguiram, porque a justiça militar se não dobrou aos seus caprichos infames.

Nas *Memorias de um Conspirador* chama-nos sobretudo a atenção o bom humor que emerge de quase todas as paginas. Vê-se bem que o professor Boaventura tinha a consciencia tranquila e uma extraordinaria força de vontade, que é apanagio dos fortes. Até alguns vexames que a boçalidade dos guardas lhe infligiu são motivos para divagações jocósas. O que não quere dizer que, de tempos a tempos, uma nuvem negra lhe não perpassásse pela fronte. E então produzia ele capitulos como o XVII, de uma sentimentalidade admiravel.

Todo o livro — áparte ligeiros deslises a que ninguem consegue eximir-se — está bem escrito. E tem trechos de uma perfeição que não é facil ultrapassar. O capitulo LXXXVII, por exemplo, e o principio do LXXXV. Vê-se que Manoel Boaventura fez em pouco tempo progressos maravilhosos. Felicitamo-lo por isso.

Agradecemos a fraternal dedicatoria que acompanha o exemplar que nos enviou, retribuindo-a com outro abraço.

Prof. Manoel José Antonio.

TRAÇOS

A Federação Escolar — O pagamento ao professorado — Desleixo do Estado — O patriotismo da classe

Agasta-se todo um semanario republicano do Porto, porque a *Federação Escolar*, jornal da classe do professorado, disse que o Estado não trazia em dia os pagamentos aos professores primarios.

Toda a gente sabe que o professor primario portuguez é o martir por excelencia, a respeito dos seus pagamentos. Tem havido, em todos os tempos, o maior desleixo, o mais infame desleixo, assim se pode dizer, no pagamento dos seus ordenados, não obstante a sua mesquinhez, não obstante a sua insignificancia aterradora.

O ordenado que se deve receber, como estipula a lei, desde o dia 1 a 10 de cada mez, não é raro receber-se passado esse praso, e algumas vezes até só nos mezes seguintes nos é pago; o expediente e limpeza anda sempre atrazado uns poucos de trimestres; e na renda de casa nem é bom falar. E para prova, vejamos os jornais diarios, onde não é raro vir um grito dum desses desventurados clamando por justiça, pedindo que lhes paguem o que lhes é devido, para que não morra á fome: ele e a sua prole, muitas vezes numerosa.

No entanto, ha quem clame contra nós, por chamarmos caloteiro a um estado que raras vezes nos paga no devido tempo.

Queriam naturalmente que dissêssemos maravilhas desse estado, quando só temos rasões para o contrario? Não.

O professor primario, apesar dos desgostos que tem sofrido, das angustias que o teem martirisado, dos insultos e vexames que constantemente recebe, ainda tem o caracter, ainda possue a altivez bastante para não se rojar perante o Estado, como qualquer cão rafeiro aos pés do seu dono quando este o maltrata.

O professor primario conhece bem quais são os seus deveres, e desnecessario seria dizer-se que os cumpre o mais integralmente possivel; mas tambem não desconhece os seus direitos, e, embora tardiamente, sabe bem pugnar por eles.

Foi o que fez agora e tem feito sempre a *Federação Escolar*, intemerato defensor dos interesses da classe. Pensa o já aludido jornal portuense que fez mal a Federação por desta vez coincidir com o 3.º aniversario da Republica, dia em que todos nós deviamos ser unanimes, elogiando a sua obra.

Mas isso é ofender o passado honrado da Federação e duvidar do republicanismo e, sobretudo, do patriotismo do seu director e bem assim dos seus colaboradores.

O jornal portuense póde ser mais republicano do que nós, o que duvidamos muito; mas o que ele não é, temos disso a mais firme certeza, é mais patriota. Por isso, as palavras da Federação, embora causticas como costumam ser, não devem ser tomadas como anti-republicanas ou como anti-patrioticas.

Elas são, antes disso, um grito sincero de quem, tendo confiado muito no desenvolvimento da instrução sob todos os aspectos, com o advento da Republica, sente que a desilusão se vai apoderando de si, por ver o desmazelo criminoso a que continua a ser votada a Escola.

Prof. Guilherme Ferreira da Silva.

CARTA DE LISBOA

Atrapez do Cine maravilhoso

Sinfonia: Chuva a cantaros. Dir-se-ia que o Jehovah das Escrituras, novamente arreliado com os pobres mortais, se lembrou dum novo dilúvio.

1.ª fita — Protecção á infancia: Foram publicados o relatorio e contas das juntas paroquiais de Lisboa, eleitas no corrente ano, para ministrar banhos aos pequeninos na praia de Caxias.

Com alegria se regista que durante os 45 dias de banhos nenhum facto desagradavel ocorreu, o que já é alguma coisa.

A receita que a comissão obteve foi de 4.337$66 e a despeza de 4.840$28, o que demonstra um *deficit* de 502$62 que foi coberto pela Assistencia Publica.

Foram 2.025 as crianças que tomaram banhos, excedendo estes a 30:000, consumindo-se nas refeições servidas em Caxias 63.350 pães, 10.679 litros de leite, 132 quilos de chocolate e 290 quilos de assucar.

Bem hajam!

2.ª fita — A intentona monarquica: De ha muito se vinha dizendo que se conspirava dentro da cadeia do Limoeiro e porisso se passou rigorosa busca aos grupos A e B, onde se encontram reclusos os implicados no celebre *complot* de Evora, sendo encontrados *bonets* de oficial do exercito, pistolas automaticas e cargas respétivas em abundancia.

Vejam lá que desfaçatez!

Tambem constou que o mesmo havia na redação do semanario catolico *O Universal* pelo que foi passada uma busca em forma de cêrco sendo apanhados um verdadeiro regimento de realistas.

A fita corre e correrá... Adeante.

3.ª fita — A gatunagem: Tem sido extraordinario o numero de roubos praticados estes ultimos dias em pleno centro da cidade, á luz do sol, em plenas barbas da policia.

Porque será?

FOLHA ERRANTE:

Chamas-me a luz do teu dia,
E oh que torturas fatais!
Tambem os dias se passam
E depois... não voltam mais!

Nitrato.

Resposta a um pensadôr

Com a epigrafe *Os meus pensamentos*, vi publicado, no *Dever* de 19 do mez findo, um artigo do snr. Leopoldo Torres Fernandes, com o qual não posso concordar, porque vai ainda além do absurdo.

Custa-me a crêr que este senhor chegasse a conceber tais pensamentos, mas tenho de curvar-me: vejo-os publicados.

E, nos seus pensamentos geniais, fantasticos e piramidais, este senhor diz:

«Para que combater o analfabetismo, para que mais instrução, se é ela a origem de todas as desarmonias sociais?»

Não, meu caro senhor, não atribua á instrução a origem de todas as desarmonias sociais, mas sim aos baixos sentimentos, ao instinto do mal de que uma grande parte da humanidade é possuida, e que nascem com a propria humanidade.

Quanto mais ignorante fôr um pôvo, quanto mais inculto, mais selvagem.

Mas não é só isto. Na humanidade inculta, na humanidade ignorante, ha perversão, hipocrisia e infamia, e, encontrará disso irrefutaveis provas, dando-se ao cuidado de lêr um pouco a historia antiga.

E, embora, admitindo a hipótese de que na humanidade inculta e ignorante não houvesse perversão, hipocrisia e infamia, havia a selvageria, a barbaridade, o que é peior.

Diz ainda, que de cem analfabetos póde existir um que não seja sério, emquanto que, entre cem instruidos *ha, com certeza*, noventa e nove que o não são.

Ha, com certeza! Nesse caso, é o senhor o unico revestido de seriedade...

Não julgue que pretendo reclamar para mim um pouco de seriedade; não, de maneira alguma.

Mas o que eu não posso admitir é que o senhor reprove a instrução, porque será ela o unico caminho que, com segurança, ha de conduzir a humanidade ao bem estar geral, á Paz, a uma vida nova.

Prefere a ignorancia, o cerebro inculto, a barbarie? Pois bem, nesse caso, aconselha-lo-ei a que viva entre o gentio d'Africa ou entre os antropófagos da Oceania.

E, para pôr ponto, lembrar-lhe-ei o tão conhecido proverbio:

L'ignorance est la plus grande maladie du genre humain.

Botelho Cardoso.

Ferro-viarios de Portugal

Com a devida vénia transcrevemos do nosso presado colega lisbonense, o *Ferro-Viario*, de 20 do mez findo, o seguinte artigo do nosso camarada de redação, Almeida Junior, escrito a proposito da existencia, em Vila Nova de Gaia, de uma escola para educação dos filhos dos empregados nos caminhos de ferro.

Instrução popular

A instrução popular foi e ha de ser sempre a base principal da emancipação colectiva.

Um povo ou uma colectividade sem instrução não se engrandece: actua e caminha á mercê do acaso.

As grandes revoluções, as revoluções que mais teem frutificado, tem sido precisamente aquelas em que a instrução, actuando em alto grau, bem tem norteado a conduta dos povos que, tendo por lêma a confraternisação universal e com um programa escolhido, caminham a par e passo com a evolução e o progresso.

A instrução é indispensavel á vida das nações, ao seu problema económico, ao seu ser revolucionário, á paz interna e externa, ao amôr mutuo da humanidade, á harmonia das almas, ao desenvolvimento da familia. O analfabetismo, especialmente nos povos que mais entranhadamente amam o progresso, que mais intimamente notam a sêde de engrandecimento, a fome espiritual da perfectibilidade humana, é um cancro cujo pús envenenante trocida e perverte caracteres, amesquinha intuitos, adoece desejos de libertação, embrutece consciencias.

A Europa latina enferma ainda, infelizmente, muito do mal contaminante da ignorancia das letras, a despeito do seu povo ter, nos ultimos seculos, avançado extraordinaria e assombrosamente.

Falamos da Europa latina porque nos envergonha referir-nos, separadamente, a Portugal. Conhecemos bem a nossa situação, sob o ponto de vista do desenvolvimento intelectual, e ser-nos-ia ingrato constatar neste momento factos entristecedores do nosso manifesto atrazo. E' que a lei é dura, mas é lei. Está escrito que caminhêmos na rétaguarda, estimulando-nos ao menos o avanço consideravel das demais nações que seguimos com interesse.

———

Vem tudo isto a proposito do desenvolvimento da escola ferro-viaria de Vila Nova de Gaia, que eu vi fundar, com José Duque á frente, ha bem pouco tempo ainda. Referiu-se a ela este jornal no seu penultimo numero, e o facto sugeriu-me esta meia duzia de considerações. Com efeito, são simpaticamente uteis instituições daquela natureza, num meio acanhado e embrutecedor como é o nosso, aferrados como estamos aos variados misteres da nossa obrigação profissional.

Entretanto carecemos de exemplificar, pelo esfôrço, ás demais colectividades nacionaes, que sabemos compreender os nossos deveres de solidariedade associativa, que o amôr ás letras é tanto como o amôr á Patria.

Legar a nossos filhos o pão espiritual, inundar-lhes as almas de luz, eis o problema que com afinco devemos procurar resolver.

Nem só as revoluções á mão armada dão o resultado desejado. Demolir pela violencia explica-se em determinadas circunstancias da vida dos povos. Demolir pela instrução, impõe-se sempre.

E depois, meus amigos, que grandiosas são sempre as lutas conscientes e ponderadas! Abrir uma escola é disparar uma granada certeira sobre a alma ateante de retrocesso do jesuita perversor. Educar a mocidade é alicerçar ponderadamente o edificio do futuro.

As gerações transátas teem persistido em conservar-se alheias á emancipação da consciencia, e agora a história impõe-nos o indeclinavel dever de avançar e ensinar, de nortear, de construir. E' por isso que aplaudimos a obra de meia duzia de pensadores que, em Gaia, rasgando o veu da ignorancia, iluminando a estrada do futuro aos novos que prometem, esquecendo falsos preconceitos, dão assim um vivo exemplo de isenção e patriotismo. Porque a instrução popular foi e ha de ser sempre a base indestrutivel da emancipação colétiva.

A. J.

União Republicana

Efectua-se hoje, no Gremio Instrução e Recreio da Pampilhosa, uma reunião do partido unionista, para apresentação do candidato respectivo, o brioso oficial de marinha sr. Julio Ribeiro de Almeida, que com agrado e entusiasmo já se fez ouvir na Mealhada, no passado domingo.

A proposito do assunto recebemos uma carta circular, a que gostosamente damos publicidade. Ei-la:

Ex.mo Sr.

Os abaixo assinados convidam V. Ex.ª para uma reunião no proximo domingo, 2 de novembro, pelas 14 horas, nas salas do Gremio de Instrução e Recreio da Pampilhosa, para apresentação do candidato unionista proposto por este circulo, o Ex.mo Sr. Julio Ribeiro d'Almeida e eleger a comissão eleitoral unionista desta freguezia.

Pampilhosa do Botão, 29 de outubro de 1913.

Francisco B. Mourão, Joaquim da Cruz, Julio Teixeira Lopes, Feliciano Rocha, Joaquim Simões Miranda, José de Melo, Joaquim de Melo, Alipio Rodrigues, Abel da Costa Loureiro, Albano Cristina, José d'Almeida Junior.

E assim vai progredindo extraordinariamente o partido do inteligente estadista dr. Brito Camacho, que é composto, como diz alguem de elevada categoria social, de *gente a quem ainda se póde apertar a mão.*

Folgamos com o facto.

Agua da Curia

Semelhante á de Contrexeville

Estimula a acção dos rins, que são os filtros do corpo humano.

Experimentai a agua da Curia.

Poetas e Prosadôres

Balada d'amôr

No Alto Minho, ao pé dum dos rios mais formosos
Que romanticas regiões espelha e banha,
Do Lima ás margens, onde em tempos belicosos
Dos mui ricos barões feudaes ardia a sanha.

Um castelo erguia seus torreões famosos...
Porém hoje a ruina é tetrica e tamanha
Que os loiros pastores lá passam temerosos,
Se tarde co'os rebanhos descem da montanha.

Duas sombras alvacentas vêem abraçadas,
Como almas ardentes, gemeas, enamoradas,
Que suspiram e que se beijam ao luar.

—Foi um nobre que uma serrana idolatrava
E quando as nupcias já na ermida celebrava,
O pai a ambos com seu punhal mandou matar!

Gondomar.

A. Castro.

HORAS TRISTES...

Noite d'amôr!...

Meia noite dada. Por entre as densas nuvens que sombreiam o espaço vê-se refulgir de quando em quando uma estrêla, com o seu prateado scintilante.

Ela é guia de pastôr, ou olhar d'amante.

Guia de pastôr, porque, irmã da estrêla alva da manhã, essa linda e formosa estrêla que refulge no espaço ao romper d'aurora e serve de horario ao pastôr para começo da sua labuta, na mudança do bardo, ou ordenho de seu rebanho; olhar d'amante, porque no scintilante de seu prateado eu vejo o brilho de seu olhar, fulgoroso e quente, de apaixonada sincera!

Vagueiam no firmamento, como vagabundas errantes, sombrias nuvens, que formando um denso e compacto tapete, tornam a noite triste e melancolica...

No céo já a esta hora não se divisa uma unica estrêla; tudo é escuridão.

Respira-se um ambiente quente, caíndo de quando em quando pequenos choviscos.

A minha alma mergulhada em profunda melancolia, é repassada por uma dôr intensa, que atrozmente a apunhala e a deixa absorta por instantes.

Assim, absorto e unicamente acalentado pelas caricias dum ente por quem sofro, eu me recosto ao seu peito arfando e aí deliro como um ente febril, devorado pelas chamas do amôr, queimado pelo fulgor dos olhos seus!...

Aí, adormeço meditabundo... Sonhando, julgo-me só e sinto-me feliz, entregue sómente aos meus cuidados.

Perpassa-me pela mente uma reflexão literaria de Alvaro Pinto, que o meu espirito relembra e ao meu coração serve de alimento profícuo.—«Em volta? —Ninguém. Melhor. A solidão é tudo. Na solidão florescem as rosas do sonho e alimentam-se os dons do espirito. São mais sublimes os misterios da luz, são mais puras as revelações da alma».

Na profundeza duma melancolia tão pura sinto-me desfalecer...

Cobre-se-me o corpo de suores frios e o sangue regela-se-me nas veias...

O meu corpo, completamente inanimado, e a minha fisionomia aparentemente cadaverica, enchem de terror o ente querido que me ampara, que numa ancia do fundo d'alma chora copiosamente a sua malfadada sorte julgando-se só e para sempre separada do ente querido em quem vê a sua felicidade e a quem ama e adora com acrisolado amôr!...

. . . . . .

. . . . . .

Desperto.

O silencio é quasi profundo. Ouço apenas os soluços cadenciados de minha amada, vejo o seu rosto marejado de lagrimas, e de quando em quando o monotono cantar do ralo e o chio prolongado da coruja, a roubadora do azeite dos templos, que bem perto de meus ouvidos chia...

A voz de meu coração cala-se á sonancia que escuta!...

São queixumes, são gemidos, são ais, tão sentidos e tão melodiosos, que deleitam o meu coração e embalsamam a minha alma!...

. . . . . .

Sobre o Oriente, o céo está agora recamado de fulgentes estrêlas.

As nuvens, em cortejo, dirigem-se para o Oeste, e o Oriente, revestindo-se de rubras côres, anuncia o primeiro clarão qne ha de eclipsar o brilho das estrêlas.

. . . . . .

Olhando a minha amada, ela fita-me sorrindo e com esse sorriso contemplando a minha tristeza e o meu silencio.

Evoca uma recordação d'amôr, sobre que flutua a minha amargura, e eu, cingindo-a num fremito de prazer volutuoso, deponho-lhe na sua fronte... na sua fronte... um terno beijo!...

O ondeado franzido de seus cabelos, soltos á aragem refrescam e saciam o desejo que me perpassa.

São tres horas...

A aurora já despertou e o movimento pelas ruas começa a inquietar-nos.

Com o coração despedaçado por tanta dôr, despeço-me e parto em direcção ao meu quarto, onde, bemdizendo e maldizendo, agora, as venturas e desventuras duma noite d'amôr, eu choro recostado á minha secretária, cançado e sem forças, os excessos de loucura em que me vi mergulhado!...

Lisboa, 16—10—913.

R. F. Sardinha.

Falta de espaço

Ficam por publicar, por este motivo, muitos artigos, a secção politica, etc.

Contamos com a costumada benevolencia dos nossos presados leitores e estimados colaboradores.

Carta de Vizeu

31—10

Continuam as investigações policiaes para se apurarem responsabilidades no *heroico* movimento realista.

Graças ao talentoso jurisconsulto snr. dr. José Augusto Pereira, as autoridades em breve ficaram conhecedoras de toda a meada urdida por tão malvadas creaturas.

O plano dos conspiradores era, insurrecionadas as povoações visinhas, virem de madrugada sobre a cidade conjuntamente com cavalaria 7 aquartelada em Nelas e com este regimento e artilharia 7 obrigariam infantaria 14 a render-se.

Mas cavalaria não aderiu, artilharia deixou-se ficar com as suas peças de molde a proporcionar-lhes uma recéção condigna e a causa foi-se por agua abaixo.

Em Orgens fôram presos diversos individuos com braçadeiras brancas na ocasião em que se dispunham a vir para o *terrivel assalto*. E' grande o numero de bombas e armamento apreendido, bem como algumas bandeiras azues e brancas. O paroco de Orgens, um dos cabecilhas detido por a policia, tentou suicidar-se cortando as veias do braço direito. No hospital civil foram-lhe prestados socorros encontrando-se livre de perigo. Em Bassar, em casa do padre José de Almeida Pereira, foi encontrado um edital á semelhança dos que foram afixados noutras povoações, em que os masmarrões, falsificando a assinatura do digno governador civil do distrito, afirmavam que estavam fechadas as egrejas e proíbidos os atos religiosos.

Já têm sido postos em liberdade diversos individuos, por nada se ter apurado, e entre eles, os parocos de Nelas, Caes e Mangualde.

Entre os presos conta-se o dr. Luiz Ferreira, antigo governador civil da monarquia, e seu filho.

Em Coimbra foi preso, a requisição do governador civil desta cidade, o padre José de Almeida Correia, conhecido reacionario.

Em virtude de algumas acareações que a autoridade tenciona fazer, os presos já não são removidos para a Penitenciaria de Coimbra, mas sim provisoriamente para o Azilo-Oficinas de Santo Antonio.

Consta ter sido preso um oficial de cavalaria 7.

São dignas de louvor as autoridades locaes pela maneira justa como tem procedido.

Foram postos em liberdade todos os aliciados, ficando sómente os cabecilhas.

E, completamente convencidos de que a Republica é indestrutivel e quão falsas eram as insinuações que os santarrões dos abades lhes faziam, lá marcharam para as suas aldeias os pobres camponios, amaldiçoando aqueles que com calunias bem torpes os incitavam a combater contra esta Republica generosa que apenas tem requerido dos seus inimigos respeito pelas suas leis. Ao sairem da cadeia, ao gosarem novamente da liberdade perdida apenas por umas horas, o seu brado unanime era um viva á Republica e um morra a reacção.

— Com geral agrado, estreou-se, no teatro Paraiso de Viseu, a grande companhia espanhola de zarzuela e opereta, dirigida pelo actor D. Felix Angoliti e pelo maestro concertista D. Francisco Campos.

— Em beneficio do Azilo da Infancia Desvalida, realisou-se no dia 25, no Teatro Viriato, um atraente espectaculo com numerosa assistencia, sendo todos os interpretes muito aplaudidos. O distinto advogado, snr. dr. José do Vale Matos Cid, pronunciou um brilhante discurso de apresentação, e o snr. dr. Manoel Duarte Roque, dissertou durante largo tempo sobre a aleitação da primeira infancia.

— Maria Natalia, costureira, de 16 anos de idade, residente na rua Direita, tentou suicidar-se, disparando dois tiros na cabeça. O seu estado, posto que inspire cuidado, é no entanto animador, havendo todas as esperanças de salvação. Amores mal correspondidos consta terem impelido a desventurada rapariga á pratica de tão tresloucado acto.

— Ficou adiada a exposição de frutos que o Sindicato Agricola de Nelas tencionava realisar numa das salas do Gremio Viziense.

— No dia 26, realisou-se o concurso local de tiro ao alvo, tendo havido muitos concorrentes da classe civil. Após o certamen, procedeu-se á distribuição de premios. O acto foi abrilhantado pela banda de infantaria 14.

Francisco Ribas de Sousa.

Notas pessoais

Para o Brazil, partiram os nossos estimados assinantes, snrs. Conego Moisés Nora e Manoel Maria de Andrade.

— Foi despachada para a escola feminina do logar do Moeiro (freguezia de Pedroso), a nossa presada cronista, D. Aurea Amaral.

Felicitações.

— Foi exonerado, a seu pedido, de encarregado da estação postal desta localidade, o nosso amigo snr. Augusto Baía.

— Acha-se gravemente enferma em Coimbra, com uma pneumonia, a mãi extremosa da snr. D. Ana Colaço, distinta professora naquela cidade.

Desejamos-lhe prontas melhoras.

Assuntos agricolas

Debaixo do mesmo nome, pode haver adubos de valor muitissimo diferente

Acontece isto, por exemplo, com os Surperfosfatos; e, por esta rasão, a casa O. Herold & C.ª, que importa, de uma das principaes fabricas estrangeiras, o Superfosfato da marca registada «Trevo de 4 Folhas», pede a todos os lavradores que gastam este adubo o favor de, em confronto com qualquer outra marca de Superfosfato, aplicarem agora Super desta marca registada «Trevo de 4 Folhas», para assim verem qual é a marca que, para o futuro, lhes convem gastar.

A casa O. Herold & C.ª lembra, porém, que nenhum Superfosfato, por muito bom que seja, contém todos os elementos de que as plantas precisam.

E' necessario juntar ao Superfosfato, que só contém acido fosforico e cal, um adubo azotado e mais um potassico. A mesma casa, que tem a sua séde em Lisboa e sucursaes no Porto, Pampilhosa, Regoa, Santarem, Evora, Beja e Faro, está pronta a dar a todos os lavradores, sobre este assunto, as indicações que desejarem, devendo os lavradores, para sua propria comodidade e vantagem, escrever sempre aquela das sucursaes desta casa, que mais perto lhes ficar, embora a expedição convenha serlhe feita só de Lisboa ou do Barreiro, conforme a provincia em que o freguez viver.

Publicações recebidas

Brazil — Romance historico por José Agostinho — Companhia Portugueza Editora — Porto — Preço: 500 reis. — E' um romance interessante, bem escrito, e cheio de verdade historica, onde resaltam imagens vivas e sugestivas.

Um Evangelisador da Bondade e da Beleza—E' um feixe de artigos de homenagem a Luiz Leitão, o bem conhecido e apreciado propagandista da Luz e da Verdade, que na sua *Revista do Bem* demonstra quanto é dedicado ao pacifismo, zoofilia e feminismo.

Agradecemos os exemplares oferecidos.

Noticias

Foi assinado um decreto permitindo a permuta entre os professores primarios, sempre que contem um ano de bom e efétivo serviço na respetiva escola. Os professores que pretenderem permutar os seus logares deverão entregar os requerimentos aos inspetores dos circulos respetivos, a fim de que estes instruam com o mapa da qualificação do serviço dos requerimentos e, quando pertençam a concelhos diferentes, com a informação da camara municipal, enviando-se em seguida ao inspetor da circunscrição, que, por sua vez, informará sobre a efetividade do serviço dos professores, remetendo o processo ao ministerio da instrução on á camara municipal, conforme se trata de permuta entre professores de concelhos diferentes ou do mesmo concelho.

Está aberto concurso, até 28 de novembro, para logares de 1.º aspirantes do quadro dos telegrafos.

Por decreto de 30 de agosto ultimo foram aposentados 131 professores primarios, de quasi todos os distritos do continente e ilhas.

O tempo por aqui tem estado detestavel chovendo torrencialmente.

O candidato ás proximas eleições de deputados, pelo circulo da Figueira, é o sr. Antonio Artur Baldaque da Silva, engenheiro hidrógrafo e capitão de mar e guerra.

Está preso em Lisboa o advogado José d'Arruela, implicado na conspiração.

A folha oficial publica hoje a portaria determinando que os contadores das comarcas enviem á diréção geral de justiça um relatorio do Estado em que se encontram as execuções pendentes, por custas, selos e multas em divida á fazenda nacional.

Está aberto concurso para provimento das seguintes escolas: sexo masculino—da freguesia séde do concelho de Mogadouro; Santa Cruz, concelho de Lagôa, Açores; sexo feminino—Nossa Senhora da Conceição, Ribeira Grande, Açores; mixta—Povoa da Rainha, Gouveia.

Na nascente de Penacova havia consideraveis rimas de toros que aguardavam as primeiras aguas para seguirem rio abaixo até á estação de Coimbra. Sofreram os empresarios o prejuizo de cerca de dois mil escudos com a primeira enchente, não obstante as centenas que se encontram em todos os portos até Montemor-o-Velho, retiradas para a margem a 3 centavos cada um.

Em virtude do resultado da votação duma moção de confiança ao governo eshanhol, o presidente Romanones deu a demissão de todo o gabinete, que foi substituido por outro do partido conservador, sob a presidencia de Dato.

Partiu para o estrangeiro o sr dr. Magalhães Lima.

Foi preso na quinta-feira de manhã, a bordo do vapor dinamarquez *Texas* que fundeou em S. José de Ribamar, proximo de Lisboa, o conspirador Moreira d'Almeida, diretor do *Dia*, e seu filho, o bacharel João Moreira d'Almeida, sendo conduzidos, aquele para a quartel dos Paulistas e este para o quartel do Carmo, onde ficaram incomunicaveis.

Ao ser interrogado, Moreira d'Almeida declarou primeiro que se dirigia para a Inglaterra, depois declarou que fujia porque tinha a vida ameaçada.

Por causa da revolução que tem havido no Mexico, os insurretos fizeram ir pelos ares, por meio de dinamite, um comboio militar em Zuarteca, proximo de S. Salvador, havendo a registar 115 mortos e numerosos feridos.

MERCADOS

De Montemór-o-Velho

Preços dos generos em 15 de outubro

Feijão de mistura (14,63 litros)			800
» frade	»	»	800
» môcho	»	»	1$150
» branco	»	»	1$150
» pateta	»	»	900
Trigo	»	»	800
Milho branco	»	»	620
» amarelo	»	»	600
Centeio	»	»	800
Aveia	»	»	450
Cevada	»	»	500
Favas	»	»	580
Ervilhas	»	»	680
Grão de bico	»	»	1$000
Chicharos	»	»	500
Batatas			500
Tremoços (20 litros)			720
Sal			140
Galinhas			500
Frangos			300
Patos			300
Ovos, o cento			1$800

CORRESPONDENCIAS

Pampilhosa do Botão, 23

Devido á boa vontade do snr. Joaquim da Cruz, vae proceder-se á reparação geral nas fontes desta localidade, especialmente á dos Outeiros, que é um bom melhoramento. Ao mesmo tempo teriamos muito gosto que aquele bom cidadão conseguisse fazer a exploração da agua para o novo chafariz, proximo da estação do Entroncamento.

Retiraram para a Figueira, a banhos, os snrs. José Lourenço, Elizio Miranda e sua irmã, e já regressou da mesma praia o snr. Antonio Ferreira Inacio.

C.

ANUNCIOS

Revogação de procuração

(2.ª publicação)

NO Juizo de direito da comarca de Montemór-o-Velho e pelo cartorio do terceiro oficio foi feita, a requerimento de Cipriano Gomes Branco, atualmente no Brazil e de sua mulher Maria da Gloria Penas, do Casal do Mato, notificação ao procurador Antonio Ferreira d'Azambuja, dos Palames, de que fica revogada a procuração que a este passaram para poder realisar quaisquer contratos. E para que chegue ao conhecimento de todos se passou este anuncio que será devidamente publicado.

Montemór-o-Velho, 19 d'outubro de 1913.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,
Lemos Viana.

O escrivão,
José de Paiva Bobela Mota.

ARRENDA-SE

O lagar da Azenha Derrabada. Para tratar com Joaquim Antonio Pedro.

Largo Miguel Bombarda, 11, 1.º—Coimbra.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSOES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.
Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.
Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

Relojoaria Probidade
— DE —
Saul Bahia

Encarrega-se de todo e qualquer trabalho em joias, relogios e gramofones de qualquer sistema, garantindo a sua perfeição.
Tambem possue artigos pertencentes aos objectos acima mencionados.

Rua Henrique Dias, n.º 41
S. PAULO — BRAZIL

HOTEL PORTO
Proprietário, Luiz Franco
Rua do Amparo, 12
LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**
Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:
1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.
Preços limitados.
Dirigir a **Fortunato Vaz** — Camarneira — Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ
— COM —
Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas
PAMPILHOSA DO BOTÃO
(Junto ao caminho de ferro)

Alfaiataria Figueirense
214, Rua da Republica, 218
FIGUEIRA DA FOZ
ANTONIO JOSÈ ABRANTES
Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.
Sucursal na Praça das Galinhas
ABRANTES & GENRO
LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA
DE
JOSÈ MARIA DE BRITO
Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.
Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade e tem pessoal completamente habilitado.
As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.
Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.
Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.
Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA
PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER
SINGER
MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Companhia de Seguros
A Lusitana
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais, etc.

AGENTE na Figueira da Foz
Antonio d'Oliveira Guerra
RUA DA REPUBLICA, 84

GAZÓMETROS
LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.
O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.
Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

CASA HAVANESA
16 — Rua Ferreira Borges — 18
COIMBRA

Sortido completo em tabacos, papelaria e perfumarias. Molduras para quadros e galerias, o que ha de mais moderno. Artigos para desenho, pintura a oleo, aguarela, foto-miniatura e pirogravura.

BILHETES DE VISITA
Novidades para brindes, artigos de viagem e toilette etc.

JOSÉ MARQUES
CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL
Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

SAPATARIA CONFIANÇA
ZEFERINO COELHO RIBEIRO
(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.
Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.
40—Rua 11 de Setembro—42
FIGUEIRA DA FOZ

MELO & MARTINS
Com armazem de adubos quimicos, sulfato de cobre, enxofre e cal para construções
Deposito de gazolina

Endereço postal e telegrafico:
PAMPILHOSA DO BOTAO

São nossos representantes em Mortagua:
NA POVOA, o snr. José Paulo
NA ESTAÇÃO, o snr. José Tomaz.

MURALINE — Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„
O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE
Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Silva & Filho
FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR
ARMAZENS DE CALÇADO
Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Biblioteca da Universidade
S. F.

Ano 2.° Arazêde, 9 de Novembro de 1913 N.° 90

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os originais, quere sejam ou não publicados. Não se aceitam informações anónimas.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

Portugal e Colonias Portuguezas—Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trismestre, 30 centavos.
Brazil — Ano, 2 escudos.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO

Redactor e editor — ALMEIDA JUNIOR

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Redação e Administração — ARAZÊDE

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

Pão caro

Lógicamente soube Danton colocar o pão como sendo a primeira necessidade do homem. E assim sendo, logico e humano será que todos os países, integrados nesta verdade, procurem todos os meios de a valorisar com factos que não desmintam a elementar noção da vida que todos devem possuir bem firme, bem palpavel e na mais rigorosa concretisação.

O pão é a primeira necessidade do homem. Pois bem. No nosso país parece não interpretar-se devidamente este axiôma; porque, sendo cérto, como muitos dizem, que nas aldeias a vida é muito mais barata do que nas cidades, chegamos á triste conclusão de vêrmos nas aldeias o milho subir a 72 centavos, esperando que vá mesmo ao preço de 80! Isto é um cumulo.

O milho exótico que muitos concelhos têm importado não tem correspondido ás necessidades dos povos, especialmente no que respeita a qualidade que é bastante inferior. Nestas condições, é este milho posto de parte, o que constitue um desprestigio tanto para o país que exporta como para o que importa, e o povo vê-se na dura necessidade de comprar o milho indigena, de qualidade muito superior é cérto, mas de preço exageradamente elevado. Compreende-se os resultados que derivam do enorme desiquilibrio no preço deste cereal. As classes proletarias, sem uma leira de terra onde cultivem meia duzia de pés de milho, dão tratos á imaginação buscando o melhor meio, o meio licito e viavel, de angariar 18 ou 20 centavos com que pos possam comprar *uma quarta* de milho. Essas classes queixam-se e deploram-se amargamente por vêrem a vida correr uma onda assoladora de infortunio que ameaça subvertêlas a cada momento. Mas isto de nada vale. A vida encarece cada vez mais, os rendimentos são minguados, a terra remunera mal o trabalho agricola e o pão sóbe de preço de dia para dia.

Como remediar este mal? Fazer o nosso país o mesmo que a Inglaterra pensa em fazer: criar o Ministerio da Terra ou criar uma secção agricola anexo ao Ministerio do Fomento, que cuide exclusivamente em mandar cultivar os terrenos baldios, charnecas e outras terras incultas que muitos proprietarios deixam em pousio, por falta de meios para o seu arroteamento. Desta fórma, destinados esses terrenos, devidamente corrigidos, á cultura exclusiva do milho, era este posto no mercado pelo governo, que o venderia ás populações pobres pelo preço invariavel de 50 centavos o alqueire.

Com esta medida, lucrava o gaverno e lucrava o paiz, pouco importando que os grandes proprietarios se sentissem lesados com ela.

E' necessario que se pense a sério neste magno problema que concorrerá muito para o bem-estar das classes proletarias, qne ainda são aquelas por quem a Republica precisa de velar com carinho, com amor e com desvelo e que, apesar de tudo, fazem parte da nação.

NOTAS

Um depoimento

O manifesto a que alude o nosso correspondente do Porto, é referente á pescrição dos bens e direitos da Fazenda Nacional.

E' um libelo acusatorio de usurpação de terrenos em S. Tomé, em que o snr. João de Freitas envolve os snrs. José d'Abreu, França Borges e Afonso Costa. Nele se fazem acusações gravissimas que o *Mundo* tem repelido sempre com energia. Como, porém, o caso toma uma feição politica devéras irritante, chegando-se ao insulto soêz e baixo, abstemo-nos de comentar o referido manifesto. Se a razão estiver do lado do snr. João de Freitas, o tempo se encarregará de o demonstrar.

Uma entrevista

Segundo a *Libre Parole*, o snr. Antonio José d'Almeida disse numa entrevista áquele jornal estrangeiro *que em Portugal não existe a Republica, mas um regime que faz pesar sobre o pais a peor das tiranias e que é a propria negação da Republica.*

Isto dito por um chefe de grupo republicano, é de pasmar. Sempre desejavamos vêr a Republica ideal que o snr. Antonio José d'Almeida implantaria neste país, deixando que os padres e jesuitas andassem por aí á redea solta. Nem pensar em tal.

Radicalismo...

Lê-se no nosso colega *A Humanidade*, de Coimbra:

> Cá pela parvónia é costume muito seguido, os festeiros percorrerem, semanas antes, as casas das freguezias, esmolando para a festa de tal santo
> Em dia de todos os santos Paris acautelou-se — fechou a Bolsa.

Tal qual o que se dá por Arazêde: homens, de saco ás costas, esmolando milho e dinheiro para a festa do Zambujeiro, do Amieiro. da Senhora do Pranto, do S. Pancracio, do S. Tiburcio, etc., etc. Uma pagodeira! E' claro que o produto da esmola é metade para os padres, que no dia da festividade enchem a pança *á* custa dos seus paroquianos, e metade para os mordômos que fazem a festa. Ultimamente andou-se por aqui tirando a esmola para o snr. prior, que é um pobresinho de Cristo que não tem eira nem beira e que, por isso mesmo, precisa dos alqueiritos de milho que lhe dão muitos dos seus religiosissimos paroquianos. Nós, se nada lhe démos, foi porque os catolicos que audaram esmolando para ele não vieram bater á nossa porta... De resto, dizem muitos ingenuos que é bom fazer festas, que com isso lucra o comercio e lucram todos. O comercio talvês; os mais só se lucrarem uma tremenda inferneira de *Zé P'reira* e um cérto alivio nas algibeiras.

E chama-se a isto progresso!

Arrufados

Os democraticos parece não irem ás boas com os unionistas. Lá se avenham. Como não somos politicos, porque de politica nada queremos saber, visto ela já agora ser incuravel em Portugal, encaramos muito naturalmente todas as zarguncha das com que os nossos homens mutuamente se brindam.

União republicana

Mais uma gloriosa démarche realisaram os partidarios da *União*, efectuando, no domingo passado, uma reunião no teatro da Pampilhosa, como noticiámos.

Constituiu-se a meza, que foi presidida pelo snr. Ramiro Mourão, irmão do nosso valioso amigo e importante industrial, Francisco Bastos Mourão, que teve por secretarios o nosso estimado assinante Feliciano Rocha e o irmão do presidente.

Falou o candidato snr. Ribeiro d'Almeida e o snr. Ramiro Mourão, que agradaram imensamente.

Felicitando-os, pelo brilhante exito do seu empreendimento, folgaremos que consigam o almejado desiderato.

O CORVO

Não tem o natural dos bons curas d'aldeia
Nem a suave unção dos justos e dos crentes;
Tem o pús da vingança a abrir-lhe em cada veia
E a raiva ensanguentada a escumar-lhe dos dentes.

Quando ás vezes o vejo, os olhos repregados
Nas pedras da calçada onde circula o verme,
Eu julgo vêr-lhe bem por sob a epiderme
A fibra intestinal dos grandes scelerados.

Tem o olhar tigrino, olhar de jesùita,
E um sorriso cruel a enodoar-lhe a face,
Se acaso alguem lhe fala aonde quer que ele passe,
Conversa, ri, corteja, e afinal ninguem fita.

Traz Deus na bôca, assim como todos os padres,
E á sombra desse Deus pratica vilanias;
Come hostias no altar e, á custa d'almas pias,
Devora bons manjar's á mêsa c'os compadres.

O' soberbo histrião! ó côrvo de Loiola!
Lembra-te de que és padre, e um padre ama a Virtude;
Tu has de aconselha-la ao povo humilde e rude
E és tu que a prostitues, meu grande mariola!

Eu hei de expôr-te bem á execração da rua,
Porque és um monstro hostil aos novos ideais;
E's mais tirano e vil que alguns irracionais,
E então has de ficar co'a calva toda nua.

Dizem que és semi-deus e representas Cristo,
Quando afinal não és mais do que um vil bandido;
E's um canalha, um pulha, um cafre e um vendido:
E aqui 'stá o que tu és, tu não és mais do que isto.

* * *

Horas d'insónia

Mestre Coito

Era um bom o snr. Mestre. *Sorria sempre. Ainda mesmo quando zangado, quando arreliado com a petizada, o velhinho bondoso sorria sempre. Eu gostava de o ver sorrir, de o vêr brincar comnosco, inteiramente alheiado da sua posição de educador, ali no adro da velha egreja...*

Doce, jovial e afavel, foi sempre o mais respeitavel dos velhos desta aldeia amiga.

Ali passou toda a sua mocidade, naquela casinha pobre e carcomida, sem ar, sem luz, mas bem aquecida pelo sol de agosto e bem fustigada pelo rigor do estio. Todos nós, a mocidade palpitante de agora, por lá passámos.

Já por lá haviam passado nossos pais e até mesmo nossos avós.

Mas o snr. Mestre *foi o educador da geração que passou, e parte da actual geração sentiu nas mãos o efeito dumas* bôlasitas *que faziam doêr imenso. Era* a menina de cinco olhos. *Eterna companheira do velhinho, desapareceu da escola quando ele desapareceu.*

Surpreendem-me ainda, aterradoramente, aquelas pancadas bruscamente dadas na meza professoral. E ao mesmo tempo que batia com a palmatoria sobre a meza, olhava para as nossas carteiras com os olhos muito abertos, muito grandes, ele que tinha uns olhos pequenitos e faiscantes.

Quando vinha da escola ou quando ia para a escola, o snr. Mestre, *sempre a sorrir, a sorrir muito, dizia* adeus *ás mocetoilas e gostava de passar-lhes pelas faces rozadas de sádias camponezas a sua mão pequenita de compridos e delicados dedos.*

A's vezes ia para o tribunal — ele era juiz de paz, muito zeloso e muito cumpridor da lei e mantenedor da ordem — e emquanto ele ia lá boixo, tratar de questões judiciais, a gente, os rapazes todos da aula, sem direcção e sem peias, saiamos todos ali para o adro e vá de jogar a bilharda, de rís-car as paredes da egreja, de fazer mil diabruras.

Ah! o tempo da mocidade! Vae longe, voou, e nunca mais voltará, nunca mais!...

O snr. Mestre *foi sempre um dos meus mais dedicados amigos. Já eu namorava e ainda ia á aula. Ali em cima, naquela casita velha, sem ar, sem luz, sem conforto de especie alguma, sem nenhumas condições pedagogicas que a recomendem e onde um professor novo, um rapaz do nosso tempo, inteligente e sabedôr se está estiolando e neurastenizando; ali em cima, na velha casa da escola, eu escrevi algumas cartas ás minhas namoradas de então, sempre a esconder-me do snr.* Mestre, *não fosse ele ralhar me, não fosse ele dizer, ao passar-lhe á janela, á namorada que eu tinha...*

E o Mestre Coito *morreu!*

Lutou, sorriu, sorriu muito, sorriu toda a sua vida de imaculado educador, e morreu...

E é por isso que eu ás vezes me ponho a scismar, pensativo, no tempo que voou, e me recordo com saudades dos dias longinquos em que, namorando, eu andava ainda na escola...

Estou certo que uma grande parte dos que me lerem conheceram o snr. Mestre *e conservam dele, vivas e queridas, recordações saudosas dum tempo que passou cheio de encantos e de atrativos, polvilhado de iluzões.*

E os dias decorrem agora de outra maneira. Por mais que procure já não vejo passar o snr. Mestre, *por noites de luar claro, por noites de amor sentido, ali assim para casa do snr. Ferrão. Já se não joga o* sólo.

Mas... muito felizes devem ser os que, como o snr. Mestre, *nascem chorando e morrem, depois de semear o Bem, conscios do dever cumprido...*

Almeida Junior.

A abundancia de original obriga-nos a retirar nêste numero a «Crónica de Lisboa», «Coisas simples», e varios artigos e poesias que oportunamente serão publicados.

CARTA DE LISBOA

FOLHA ERRANTE:

Rialmente, os rialistas
Levaram tunda rial...
Mas quem mandou os farcistas
Trazêrem fogo de vistas
Para o nosso Portugal?

E, após esta baixêsa.
Erguêmos olhos ao céo
E cantêmos com tristêsa:
Coitada da rialêsa,
Foi mesmo um ár que lhe deu!...

Voltareis, ó monarquia?

Após o mal feito, os *engraxadôres* dum trono carcomido fôgem como cobardões ignobeis, encobertos por desênas de inconscientes que a fóme arrastou á critica situação da Responsabilidade. E' certo que a culpa morreu solteira porque ninguem a quiz para casar, todavia, eles vão caindo na ratoeira, lentamente, lentamente.

E assim, na quinta-feira, 30, foi apanhado o famôso diretôr d'*O Dia*, Moreira d'Almeida, que, com seu filho, pretendia embarcar para a Dinamarca a bordo dum vapor de mercadorias. O *inocente*, que, como está provado, era um dos dirigentes da *intentóna monarquista*, afirma que se fugia era com mêdo á morte e ia homisiar-se na Inglaterra, alheio a politica. Coitado! é pêna que tão tarde se lembrasse... Não fazia falta a ninguem.

O Azevedo Coutinho teve mais sorte, pois conseguiu transpôr a fronteira. E' justo que se registe uma sua fanfarronada que, decerto, o imortalisará na galeria dos grandes capitães: — «se as anteriores incursões não deram resultado, sómente se deve esse mau exito a Paiva Couceiro. Eu lhes mostrarei como se *faz a coisa* mesmo em pleno coração da Republica, que é Lisboa!»

E assim foi. Orelha murcha, rabo entre as pernas, safou-se ainda mais vergonhosamente que o Couceiro que êle depreciáva.

Efétuou se a prisão do aspirante da alfandega Marques Ferreira como

conivente na tentativa de fuga de Moreira d'Almeida.

Os monarquicos, que se encontravam já condenados na cadeia do Limoeiro, fôram removidos para as penitenciarias de Lisboa e Coimbra, procedendo-se assim não só como castigo ás suas culpas de traição, como ainda á conspirata urdida mesmo dentro das prisões, onde foi apreendido armamento, como *O Dever* já noticiou no passado numero.

O diretôr d'*O Dia* partiu para o Porto, escoltado por uma força, afim de sêr ali acareado com outras personagens envoltas no *complot*.

Foi presa aquela celebre conspiradora D. Julia de Brito e Cunha que, pelo que consta, teve um papel preponderante na conspirata. A expensas suas, organisou em Campolide um vasto hospital de sangue afim de servir aos monarquicos.

Entregou-se voluntariamente á prisão o dr. Lobo d'Avila Lima, que a policia procurava como implicado nos ultimos acontecimentos.

Quer dizer: a fita vai correndo, correndo...

Explosão de gasolina

Na noite de 31, explodiu a bordo duma fragata da Companhia Fluvial Terras do Povo uma grande carga de gazolina destinada á companhia Oil Company. A explosão espalhou um vivo terrôr a quantos a presenciaram, tanto mais que as labarêdas, irrompendo de todos os lados, ameaçavam devorar a fragata e o vapor a que esta estava atracada. Valeu a coragem do arrais que, avançando por entre as chamas, conseguiu cortar os cabos da amarração, sendo retirado dali horrivelmente queimado. Um moço fluvial, Antonio Silva Parrano, que, entre os muitos que acudiram, foi de uma dedicação a toda a prova, foi atingido pelos fragmentos das latas que explodiam e por horriveis queimaduras. Conduzido ao hospital de S. José, faleceu nas mãos do doutor que lhe prestava os primeiros socorros.

Banquête á magistratura

Sábado, 1 do corrente, foi oferecido pelo snr. ministro da justiça um banquete, comemorativo da iniciação do ano juridico, á magistratura, no Avenida Palace.

Assistiram o snr. dr. Afonso Costa, ministro da justiça, presidente do Supremo Tribunal de Justiça, procurador geral da Republica e presidentes das Relações do Porto e Lisboa.

Ao *toast*, falaram o snr. presidente do ministerio, ministro da justiça, presidente do Supremo, terminando o snr. dr. Alvaro de Castro por saudar o snr. presidente da Republica como o primeiro magistrado da nação.

Um mercador de mulheres

Foi preso, nesta cidade, o espanhol José Alberto Fernandez, que se ocupava em arrebanhar raparigas afim de negociar com elas nos prostibulos das ilhas Canarias, conseguindo apanhar duas e tendo cinco já contratadas.

Emfim... maneiras de ganhar a vida honradamente e livre de vergonhas do mundo.

Os ferro-viarios

Em 2 do corrente, convocou-se uma assembleia magna á sede da Caixa Economica Operaria, na qual os ferro-viarios se levantaram a reclamar justissimos direitos de ha muito atirados ao esquecimento. A mais grave reclamação baseava-se na reorganisação da caixa de pensões e reformas. A reunião foi extraordinariamente concorrida. Estavam presentes as delegações de Gaia, Castelo Branco, Entroncamento, Alfarelos e Caldas. O numero de adesões recebidas elevou-se a mais de 2:000.

Todavia, o que causou maior sensação foi a comunicação do snr. Afonso Costa em que, se o dispensavam, deixava de ser intermediario déssa questão, desinteressando-se por completo.

A assembleia interrompeu, bradando: — «Isso mesmo é o que nós queremos. Não precisamos de intermediarios. Temos força bastante para sustentar as nossas reclamações».

Foi resolvido, então, entregar-se á Companhia dos Caminhos de Ferro o projéto, sem intervenção do governo, dando se áquela 15 dias de praso.

Que sairá daqui?

Nitrato.

"O DEVER,,

Vende se em **Lisboa**, na rua do Ouro, n.º 178, 2.º D, sendo nosso agente o snr. A. Soares, a quem os nossos presados leitores e assinantes da capital se poderão dirigir.

Um caso da rua

O snr. José Laranjeiro, filho putativo do prior Laranjeiro desta frèguezia, cá voltou ha 15 dias com a intenção formada de este o reconhecer como seu filho. Mas, como da primeira vez, não foi bem sucedido, porque o padre meteu-se em casa, fechou a porta a sete chaves e o reclamante, por mais que bradasse cá de fóra em altos gritos para que ele lhe aparecesse, não conseguiu o seu desejo.

Com grande receio dalgum atentado, manda o padre chamar o regedor substituto, para que fosse meter na ordem o snr. José Laranjeiro. E assim foi. Este senhor, depois de haver terminado as suas invectivas, serenou o seu espirito impulsivo, não sem nos vir pedir á nossa redáção que declarassemos que ele, reconhecendo os direitos que lhe dá a sociedade, vinha pugnar pelo direito da sua perfilhação.

Outro caminho, porém, terá de seguir o snr. Larangeiro, porque o padre, ao que consta, buscando logo a protecção de pessoas que nós muito bem conhecemos, tem as costas no seguro e não se deixa levar assim á valentona. Bem haja o snr. prior, que continua a ser o régulo deste burgo —apesar do *Mundo* dizer um dia que devia ser metido na ordem. Bem hajam aqueles que, por via da porca da politica, lhe dispensam a sua protecção, não querendo que ele receba o menor desacato, afim de que não seja interrompido no caminho de *virtudes* e de *boas obras*, na senda da *paz* e do *perdão*, que um dia encetou tão *generosamente!*

Bem haja o *bom* pastor d'almas. Bem hajam os seus adeptos.

O snr. José Laranjeiro, se não tem coragem para mais, não volte cá, senão arrisca-se a ser preso e a ir para o *chelindró* como os melhores.

E' assim que o mundo marcha...

RACIONALISMO

Cháos, meus queridos irmãos, cháos e só cháos! Não?! Então sigam-me

Comquanto no fundo de *Tudo* esteja o *Nada*, nós consagramos a *Tudo* uma atenção apenas relativa, talvez porque *Tudo* seja uma coisa já conquistada e, por isso, do dominio do saber de todos, visto que, maior ou menor, conforme a inteligencia de cada um, todos nós possuimos um *Tudo* exclusivamente nosso.

Mas o *Nada*, esse *Nada* misterioso, subjuga e amesquinha, arrebata e aniquila!

Qual rafeiro faminto, o homem, impelido pelo *Nada* com aquela sequencia que provém da ininterrução, segue na perseguição do *Nada*, só d'Ele conseguindo, de longe em longe, uma réles codea para alimentar o seu esquelético saber, — para aumentar um pouco mais o insignificante volume *Tudo!*

Roída, porém, e digerida em seguida a miseravel codea oferecida, eis que recomeça o martirio da fome voraz, e assim sucessivamente pela eternidade fóra.

Porque:

O maior *Tudo* que exista será sempre infinitamente menos do que *Nada*, atendendo a que *Tudo* não deixará nunca de ser limitado, ao passo que o *Nada* terá eternamente aquelas incomensuraveis dimensões cuja latitude o sêr humano só poderia abranger com a sua compreensão no proximo futuro momento em que um formidavel tiro de peça lhe fizesse voar os estilhaços do craneo!

Meditando, pois, um momento, facilmente se conclue que é mais acertado, num supremo e perpetuo extase do cerebro, fechar desde já a sensibilidade mental, dizendo apenas, docemente: Está Bem!

E como não ha de ser assim, se foi o *Nada* que nos desperton Cá, é o *Nada* que se entretem comnosco e ainda é o *Nada* que nos reconduzirá Lá?

Assim, tão rélesmente imperfeito, eu nunca poderei saber se não isto: Vim de algures, mas não sei de onde vim; estou em alguma parte, mas não sei onde estou; hei de ir para qualquer sitio, mas não sei para onde vou.

Ou, ainda: Não sei se sei que sei, nem sei se sei que não sei.

Sendo assim, como, pois, não acreditar numa Força Superior — Infinita! — da qual *Nada* e *Tudo* são Filhos?

Diga-se o que se disser, o Fatalismo é o unico dogma com razão de ser!

... Mas, ah! Misterio, Misterio; quanto mais te agradecêra que me tivesses deixado ficar em regiões que estivessem ainda mais para lá do *Nada*, — completamente fóra do que fosse *alguma coisa!*

Leopoldo Torres Fernandes.

* * *

P. S.—Ao snr. Botelho Cardoso, que teve a *gentileza* de me enviar uma *resposta* que não lhe pedi, lembrava a conveniencia que talvez houvesse, — desejando que eu lhe responda, é claro — em nomear um intermediario que, sem prejuizo da mediana compostura que alguns principios de educação exigem, me deixasse a impressão de que compreenderia o que eu tivesse de dizer-lhe.

Porque, snr. Cardoso, eu não tenho culpa de que alguns pobres sejam tão pobresinhos...

E, quanto á sua falta de cortezia para comigo, snr. Botelho Cardoso, não pense nisso: fica-lhe desde já relevada, porque -- *Aquila non capit muscas.*

L. T. F.

CARTA DO PORTO

Começo hoje a enviar as minhas cartas para *O Dever*, encetando a espinhosa missão de correspondente e colaborador.

Desde já peço aos estimados leitores toda a benevolencia para a minha coadjuvação.

—— Nesta cidade ainda continuam as investigações policiaes para apurar responsabilidades dos envolvidos na intentona.

Chegaram aqui, vindos de Lisboa, Moreira d'Almeida, diretor do *Dia*, seu filho, e João Anastacio Gomes, implicados nos acontecimentos.

Estes presos vieram em 1.ª classe, desembarcando em Campanhã, onde se juntou muito povo, que não fez manifestação alguma. Estão no Aljube incomunicaveis. Trez pessoas de sua familia, que vieram de Lisboa para os visitar, tiveram permissão de o fazer, mas no gabinete do snr. dr. João Eloi, que esteve presente.

—— A' hora em que termino esta carta, está chovendo copiosamente: -- o inverno com seus rigores.

—— Foi distribuido aqui um manifesto assinado pelo senador João de Freitas, de que envio um exemplar á redação do *Dever*, que fará seus comentarios.

Duarman.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

LXXVI

Escolas moveis — Os que mais trabalham são os que menos ganham — Apelo ás instancias superiores

Funcionam já por esse Portugal fóra as escolas moveis para adultos. Não fômos dos poucos professores oficiais que receberam a sua criação sem o minimo azedume. E' que todos os esforços e medidas atinentes a diminuir o nosso pavoroso analfabetismo nos merecem simpatia e apoio.

Como se sabe, foi estipulado o ordenado de 400$ para os professores das novas escolas. E, para serem nomeados, não se lhes exigia diploma de habilitação em qualquer escola normal, como parece que deveria acontecer. Quere dizer: quanto a habilitações, os nossos colegas das escolas moveis podem ter menos do que nós; mas, pelo que diz respeito a proventos, o caso muda de figura, visto que auferem muito mais. Dá-se até um caso singular: á ultima hora foi resolvido que os professores primarios oficiais pudessem acumular as suas funções com as de professor das escolas moveis — mas, por esse facto, arbitraram-se-lhe gratificações, geralmente, que juntas ao ordenado que já recebiam não perfazem os 400$! Como exemplo, opresentarei o caso do distinto professor Francisco Santos, de Rio Maior.

Mas passemos adiante.

No *alto* entendeu-se, como iamos dizendo, que só com 400$ um professor poderia manter-se condignamente em qualquer ponto de Portugal. E ainda se juntou áquele ordenado o pagamento das despezas de transporte. Logo, a não se supôr que lá por cima julguem que o professorado primario oficial tem um estômago e necessidades diferentes, tem de concluir-se que a melhoria de situação economica, por que ha muito almejamos, está já no espirito dos que podem concorrer para que ela nos seja dada. Juntando a isto o facto da nossa situação financeira, mercê dos patrioticos esforços do ilustre estadista dr. Afonso Costa, ser atualmente já muito regular, quase desafogada, somos levados a crer que dentro em pouco os ordenados miseraveis com que o Estado paga o fatigante trabalho dos professores primarios serão aumentados como de justiça.

400$ é o que de direito lhes pertence. Pagando-lhes com eles, já se lhes pode exigir o maximo de trabalho. E, quando tal acontecer, os progressos da instrução — todos os dias observados aliás — aumentarão extraordinariamente.

... Porque com pouco mais de quarenta centavos por dia... não pode haver energias que em toda a sua plenitude se manifestem. Que isto se pondére no *alto*.

Prof. Manoel José Antonio.

Cancioneiro popular

CONCURSO

Respeitadas as condições publicadas no numero anterior para o presente concurso, todos poderão enviar as suas produções, dirigindo-as, para maior facilidade, ao nosso cronista da capital, snr. Gomes Monteiro, Cova da Moura, D. R. 16 — Lisboa, que foi encarregado pelo *Dever* de dirigir o concurso.

Carta de Vizeu

Nas ultimas investigações policiaes foi descoberto em casa do paroco de Abravêses um documento que bem atesta os intentos da cambada monarquica. Já varios jornaes da capital se têm ocupado do assunto, o que é uma prova de que os padres são os peores inimigos da Republica.

=== Fundou-se nesta cidade a Associação dos Construtôres Civis. Ainda bem que o operariado vai reconhecendo as vantagens das suas associações de classe.

=== A antiga residencia do bispo, o Paço de Fontelo, foi aproveitado para a instalação da séde da 2.ª divisão militar.

=== A guarnição da cidade foi aumentada com 30 praças de infantaria 9, de Lamêgo.

=== E' destituido de fundamento o boato da prisão dum oficial de cavalaria 7, como implicado no movimento realista.

Ribas.

TRAÇOS

O dia de finados

Recorda-nos, lá já muito ao longe, o terror que sentiamos ao chegar o dia de finados. Alguem nos tinha ensinado que os mortos, nesse dia, transpunham os muros tenebrosos do cemiterio, deixando por instantes de guarda ás suas campas os ciprestes esguios e familiares, e vinham até junto de nós, comer da nossa ceia, beber do nosso vinho. E nós, porque eramos ainda muito criança e tinhamos da vida a noção que dela póde ter... uma criança, acreditavamos nesses ensinamentos sem nos lembrarmos sequer que eles podiam ser menos verdadeiros.

A nossa inteligencia, naquela fase de indecisão por que todas as inteligencias atravessam, e que é o ponto de partida para o seu aperfeiçoamento, não tinha poder para descernir o *bom do mau*, o *falso do verdadeiro*. E, por isso, nós viamos a cada canto da nossa casa, no dia de finados, a sombra dum esqueleto, pressentiamos a cada momento a visita dum membro de familia, dum amigo, dum conhecido, que a morte, no seu *motu continuo*, já tivesse arrebatado á nossa convivencia.

Nós eramos crentes, sinceramente crentes. Mas na nossa crença, havia uma parcela de terror. E assim, quando á noite, o sino da nossa ermida feria vagarosamente a sua nota sentimental, nós sentiamo-nos acometidos por uma comoção estranha e não eramos capazes de transpor os umbraes da nossa porta, com receio de que os nossos olhares se encontrassem com a semi-claridade, que na noite de finados alumiava o nosso cemiterio.

Hoje, porém, como tudo mudou para nós!

Primeiro a descrença veio baterno-nos á porta de mansinho e foi apoderando-se de nós a pouco e pouco. Depois veio o materialismo e conquistou-nos quasi por completo.

Sim, nós somos materialistas, se materialistas se pode chamar áquele que olha com a maxima indiferença para essa multidão vestida de crepes que durante aquela noite se dirige ao cemiterio, com o fim, dizem, de espargir flôres ou iluminar a campa daqueles que na vida lhes foram caros.

*

Os crentes, ou, para melhor dizer, os religiosos, os fanaticos, tratando de absurdo o materialismo, comentam:

A multidão que nós vimos, composta de viuvas que já não teem quem lhes ganhe de comer, de orfãos que jámais souberam o que era carinho maternal, de velhos a quem faltou um filho, seu unico amparo, não vae ao cemiterio adorar o nada, adorar a Materia.

Vae adorar Deus, e pedir-lhe, nas suas preces cheias de unção e de fé, o melhor repoiso do paraiso para aqueles dos seus que a morte arrebatou já á alegria dos seus lares.

E nós, repelindo o qualificativo

de absurdo que dão ao materialismo, dizemos simplesmente:

Sim, tudo isso estava muito bem, se a *fria realidade* de que nos achamos possuidos e de que eles desdenham, não nos tivesse demonstrado que noventa e nove por cento das lagrimas ali caídas vão enxovalhar a memoria dos que ali se encontram.

Sim, tudo isso era muito bonito, se a *fria realidade* não nos tivesse dito, que não é saudade que faz ir ali, uma vez por ano, os orfãos e as viuvas, mas sim um dever imposto pela sociedade.

Vêr as coisas superficialmente, já não é do nosso tempo. Hoje, após a ocorrencia de qualquer facto, não falta quem queira vêr de perto a determinante desse mesmo facto.

E' o que faz o materialista atravez do prisma da sua *fria realidade*.

Ele concorda que naquela multidão que na noite de finados se acotovela nos cemiterios, haja muitos crentes sinceros; mas, o que não póde deixar de concordar é que ha tambem muita hipocrisia, e sobretudo muita creatura que vae, não em missão adorativa, mas simplesmente espargir umas petalas de saudade sobre a campa que esconde um querido companheiro de lucta, que encerra um coração e um cerebro que pulsou e pensou como ainda hoje pensa e pulsa o seu cerebro e o seu coração.

E porque pensamos assim, já não sentimos hoje o terror que outr'ora sentiamos quando se aproximava o dia de finados.

Guilherme Ferreira da Silva.

Notas pessoais

Está felizmente melhor, o que muito estimamos, a mãi da distinta professora da Sé Nova, de Coimbra, snr.ª D. Ana de Jesus Colaço.

—— Ficou encarregado da estação postal desta localidade, o nosso amigo e administrador deste jornal, snr. Ismael da Cruz.

—— Faleceu em Lisboa, no dia 6, o inspetor dos caminhos de ferro, snr. José Dias. A' familia enlutada, os nossos pezames sentidos.

—— Foi transferido para Pampilhoza, a seu pedido, o snr. Moisés d'Oliveira, antigo chefe de Carregal do Sal.

Noticias

O capitão Sanchez, que matou e esquartejou em Espanha o infeliz Jalon, foi fuzilado na madrugada de segunda feira, tendo confessado, pouco antes, o crime ao seu advogado.

Tendo-se reconhecido que, da criação e estabelecimento de muitas estações telegrafo e telefono postaes, nestes ultimos dois anos, tem resultado graves dificuldades para o regular funcionamento das comunicações telegraficas já existentes, em virtude de não se haver previamente adotado um plano de notificação de rede geral, ao qual fossem subordinadas as ligações a construir de novo, o sr. ministro do fomento determinou que de futuro se não estabeleçam novas estações, excetuadas as que nesta data estejam em via de execução ou já autorisada a sua instalação, até que se ultimem os estudos necessarios, a que se está procedendo, para se remediar as dificiencias tecnicas existentes nas redes telegraficas do continente e ilhas.

Foi proibido aos parocos Manoel Joaquim Marques, de Ribeira, concelho de Terras do Bouro, Antonio Vieira Rosa, de Gradil, Mafra, e Adelino Rodrigues dos Santos, de S. Cipriano, Viseu, de residirem durante 6 meses os dois primeiros e 3 meses o ultimo dentro dos limites dos seus concelhos e dos limitrofes, além de perderem os beneficios materiais do Estado e sem prejuiso do procedimento criminal que no caso couber.

Consta ter-se suicidado em Chaves Manoel Luiz Morais, em virtude de ter perdido ao jogo todos os seus haveres.

Foi preso no dia 4 na Universidade de Coimbra o quintanista de direito Magalhães Colaço, futuro genro de Moreira d'Almeida, para o qual havia mandado de captura. Magalhães Colaço é o mesmo que um dia, abusando da confiança que nele depositou o sr. dr. Teofilo Braga durante uma conversa, fez publicar no *Dia* um artigo a tal respeito á laia de entrevista, que comprometia bastante as convicções republicanas do ilustre pensador.

A proposito da guerra dos Balcans, ainda não terminada, enviará a Austria ás agnas gregas uma forte esquadra.

Em Melun (França) deu se um terrivel choque entre um comboio rapido e um correio, de que resultou ficarem mortas umas 40 pessoas. Os primeiros vagons do rapido ficaram voltados para o ar e incendiaram-se. Os vagons do correio ficaram feitos em pedaços. Varios cadaveres ficaram carbonisados. Um passageiro do rapido declarou que este marchava a mais de 100 quilometos á hora. O maquinista foi preso. As causas da catastrofe atribuem-se ao medonho nevoeiro que fazia e á exagerada velocidade que o comboio levava.

Em Condeixa, Penéla, Louzã, Tentugal, Montemór o Velho, Alfarelos, Soure, Poiares, Gois e Arganil, começou no dia 1 deste mez o recenseamento de animais e veículos, feito pelas autoridades dos respectivos concelhos.

Deviam ter chegado hontem a Coimbra os deputados democraticos, snrs. Helder Ribeiro e França Borges, que ali foram fazer conferencias politicas de propaganda eleitoral.

Diz se que a Universidade de Coimbra vai determinar que os estudantes que a frequentam e que usam capa e batina, não possam estar dentro daquele estabelecimento, quando assim vestidos, senão observando todo o rigor do traje.

Tambem consta que vai ser destinada uma sala de espera para as alunas da mesma casa, a pedido dos pais, afim de terem onde possam estar nos intervalos das aulas.

Em Coimbra ficam funcionando 3 escolas moveis, uma em S. Bartolomeu, outra em Santa Clara, e outra em Santo Antonio dos Olivais, respectivamente dirigidas pelos snrs. Francisco José da Costa Ramos, padre Francisco Nunes Xavier e Manoel Bernardo.

Consta que se vai transferir o Colegio Militar de Lisboa para Coimbra. A noticia, porém, carece de fundamento.

Segundo o meteorologista Sfeijoon, haverá ainda chuvas até ao dia 15.

Nos Açôres uma mulher deu á luz 4 crianças do sexo feminino.

Em Coimbra morreu afogado e sr. Manoel da Fonseca, escriturario dos srs. Polaco & Camões, com alquilaria ás Ameias, sendo o seu cadaver agarrado junto á ponte do caminho de ferro e entregue á autoridade que o fez remover para a morgue. Ignora-se se houve desastre ou suicidio.

Ferro em braza...

Porque é que o prior Larangeiro, desta freguezia, ainda tem ordem para receber a renda da casa da escola, a 7 escudos e meio por semestre?

Responda-nos quem tem responsabilidades nêste assunto. Dar se-á o caso que seja a politica que faça isto? A porca da politica!

MERCADOS

De Coimbra

Feijão vermelho (13,16 litros)		1$000
» branco	»	840
» amarelo	»	600
» rajado	»	700
» frade	»	700
Trigo branco	»	660
» tremez	»	660
Milho branco	»	540
» amarelo	»	520
Centeio	»	440
Azeite (decalitro) 2$750 e		2$700
Grão de bico graudo		1$000
Batatas, 440 a		460

Libras, 5$260. Ouro, 12 %.

De Formoselha

Milho branco	(14,163)	640
» amarello	»	600
Feijão branco miudo	»	1$000
» » graudo	»	1$000
» pateta	»	950
» frade	»	740
» mistura	»	700
» encarnado	»	1$000
Batatas, 15 quilos		480
Fava		600
Grão de bico		1$000
Galinhas de 400 a		460
Frangos de 100 a		300
Ovos, duzia		200

ANUNCIOS

Arrematação judicial

No dia 9 de novembro proximo, á porta do Tribunal Judicial em Montemór-o-Velho, se hão de arrematar para pagamento de dividas e pelo maior lanço oferecido álém do da sua avaliação, que é o abaixo designado, os seguintes predios descritos no inventario orfanologiro por obito de Maria de Jesus Lopes, do Casal Novo do Rio, no qual é inventariante José Correia Monteiro, do mesmo logar.

Uma terra lavradia que mede 3240m2 (seis aguilhadas) no Campo de Cima e sitio da Requeixada, vai á praça em noventa escudos.

Uma terra lavradia que mede 4860m2 (nove aguilhadas) no mesmo Campo e sitio do Bico, vai á praça em cento e oitenta escudos.

A contribuição de registo respectiva fica integralmente a cargo do arrematante.

Pelo presente são citados para a arrematacão quaesquer credores incertos.

Montemór-o-Velho, 17 de outubro de 1913.

O escrivão,
Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei,
Lemos Viana.

Editos de 180 dias

(*1.ª publicação*)

PELO Juizo de Direito da Comarca de Montemór-o-Velho, cartorio do escrivão do segundo oficio—Mamede, e nos autos de acção especial para entrega de bens em que são autores Francisco Queda e mulher Maria Carapinheira, trabalhadores, moradores na Quinta da Fonteireira, Queluz—Belas; Joaquim Mendes Laranjeira Queda, tambem conhecido por Joaquim Queda, solteiro, empregado no comercio, morador na rua da Palma, n.º 34, 3.º andar, em Lisboa, e Laurinda Marques de Oliveira ou Laurinda Queda e marido José Coelho, trabalhadores, residentes em Dona Maria, freguezia d'Almargem, comarca de Cintra, e reus Francisco Mendes Laranjeira, ausente em parte incerta ha mais de vinte anos; Eugenia Marques de Oliveira, residente em Valcanosa, freguezia das Means, desta comarca, e José Marques Laranjeira, Alfredo Marques Laranjeira e Adelino Marques Laranjeira, solteiros, proprietarios, ausentes em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, correm editos de 180 dias, a contar da segunda publicação deste anuncio no *Diario do Governo*, citando o reu Francisco Mendes Laranjeira, e de 30 dias, tambem contados da segunda publicação deste anuncio no *Diario do Governo*, citando os reus Jos Marques Laranjeira, Alfredo Marques Laranjeira e Adelino Marques Laranjeira, todos ausentes em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, e bem assim todos os interessados incertos, todos para na segunda audiencia, findo o praso dos editos, verem acusar a citação e marcar o praso legal para contestarem a referida acção, sob pena de revelia.

Declara-se que as audiencias deste juizo têm logar todas as segundas e quintas-feiras, não sendo esses dias feriados, porque sendo-o, se fazem nos dias determinados por lei e sempre por 10 horas no Tribunal Judicial em Montemór-o-Velho, sito nos Paços do Concelho, na Praça da Republica.

Montemór-o-Velho, 28 de outubro de 1913.

O escrivão,
João Pais da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão:
O Juiz de Direito,
Lemos Viana.

ARRENDA-SE

O lagar da Azenha Derrabada. Para tratar com Joaquim Antonio Pedro.

Largo Miguel Bombarda, 11, 1.º—Coimbra.

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

No juiso de direito da comarca de Montemór-o-Velho, cartorio do escrivão Sampaio, no inventario orfanologico por obito de Augusto Matias, morador, que foi, no Monteiro, freguezia d'Arazede, no qual é inventariante a viuva Maria do Espirito Santo, correm editos de trinta dias contados da segunda publicação do respectivo anuncio no «Diario do Governo», citando para todos os termos até final do mesmo inventario, os interessados Maria do Espirito Santo e marido Luiz da Silva Tinoco; Antonio Dias Ferreira, Joaquim Matias e mulher, cujo nome se ignora; José Matias e Maria da Luz do Espirito Santo, o segundo ausente em parte incerta em Lisboa e os restantes ausentes em parte incérta no Brazil.

Montemór-o-Velho, 14 de outubro de 1913.

O escrivão,
Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.
Lemos Viana.

---

(41) **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

VII

Um sentimentalista

I

«Um dia meu pai perguntou-me que carreira pretendia eu seguir, pois era necessario cuidar da vida real, da vida concreta, da vida em que se põe á prova as inclinações do homem.

«Ora as minhas inclinações nessa altura eram todas religiosas, efeito da educação que recebera, de molde a despertar o contemplativismo. Muita vez me enfronhava num *Ripanso*, cantando o *Misrere* de José Mauricio e as *matinas* e *laudes* que os seminaristas cantam pela Semana Santa.

«Revelava-se a tendencia pronunciada parr a vida eclesiastica.

«Disse a meu pai que queria ser padre. Meteu-me no Seminario como estudante externo.

«Dai a dois anos, sem que eu mesmo podesse descobrir a causa, opera-se uma transformação no meu espirito: já não queria ser padre. Minha mãe desgostou-se, quiz mostrar-me as grandes vantagens da vida sacerdotal, a possibilidade dum goso beatifico como paroco duma freguezia, falou-me na mitra, não sei se na tiara, tudo para me convencer a proseguir a carreira encetada; mas eu, sempre inabalavel no meu proposito, sacrifiquei todas as regalias que poderia dar-me a tonsura á escolha de outra carreira no estado secular.

«Minha mãe, mal podendo contra o despeito que lhe provocara a minha renitencia, perguntou-me então que direcção de vida desejava eu tomar, pois era necessario pensar no trabalho a sério, encarar a vida que nos habilita a um futuro mais ou menos feliz, mas sempre mantenedor de existencia.

«Travou-se naquele momento uma grande luta dentro em mim. Que carreira devia seguir? Devia ser uma que me garantisse qualquer remuneração logo de começo, porque não podia estar mais tempo a sobrecarregar minha familia.

«Escolhi a carreira comercial, apesar de adversa ao meu temperamento mais dado a coisas de espirito; mas, para quebrantar o materialismo de tal mister, disse que seria guarda-livros dum armazem de comercio ou doutra casa onde se fizesse escrituração mercantil.

«Meu pai falou a um comerciante, amigo dele, perguntando-lhe se podia arranjar o logar que eu desejava numa casa comercial, onde necessitassem dum empregado para fazer a escrituração da casa. O comerciante prometeu satisfazer á petição, e daí a algumas semanas recebi a noticia de que podia partir para o Porto, afim de assumir o logar de ajudante de guarda-livros num dos melhores armazens daquela cidade.

«Fui com grande mágua da separação da familia e da terra que sempre me acolhera com desfastio.

«O armazem fazia transacções de compras e vendas por atacado; e o proprietario era um volumoso paquiderme, cuja catadura me não agradou.

«Lembro-me bem de que, quando veio falar-me, começou a medir-me sobranceiramente d'alto a baixo, com ar de quem recebe uma surpreza desagradavel. O homem estranhava o meu porte correcto e o meu aspecto urbano de mais para o fim que ele ocultamente tinha em vista.

«Disse-me que na sua casa todos trabalhavam, que era tudo gente expedita e desceremoniosa, e que não admirasse de fazer serviços no armazem, onde necessitava mais de mim do que no escritorio.

«Fiquei chocado com a noticia e aguardei todas as consequencias. O biltre abusou da boa-fé do individuo que se lhe dirigira a pedir-lhe o logar de ajudante de guarda-livros, e iludindo-o a ele, iludiu-me tambem, pois planeara certamente aproveitar-me para fazer serviços proprios dum marçano.

«A certeza disto tive-a logo na primeira noite, quando ele, com aquela rispidez, com aquela sequidão que deslustra homens endinheirados e autoritarios, me disse que fosse buscar uns fardos de pano crú a um outro armazem que ficava contiguo ao armazem de venda. Fui sem pestanejar, mas sofreando um desespero intimo e um odio por aquele homem.

«Dali por diante tive sempre uma vida toda material, uma vida monotona e pesada que me sufocava o espirito.

«Revoltava-me contra o despotismo do patrão, contra a malquerença dos empregados e contra a escravisação a que me reduzia a vida comercial. Se tentava fugir para o escritorio, pedindo ao guarda-livros que me désse trabalhos de escrita, era logo chamado para o armazem, onde me mandavam fazer serviços grosseiros a que não estava habituado.

(*Continúa*).

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSOES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

Relojoaria Probidade

— DE —

Saul Bahia

Encarrega-se de todo e qualquer trabalho em joias, relogios e gramofones de qualquer sistema, garantindo a sua perfeição.

Tambem possue artigos pertencentes aos objectos acima mencionados.

Rua Henrique Dias, n.º 41

S. PAULO — BRAZIL

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.

O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.

Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

CASA HAVANESA

16 — Rua Ferreira Borges — 18

COIMBRA

Sortido completo em tabacos, papelaria e perfumarias. Molduras para quadros e galerias, o que ha de mais moderno. Artigos para desenho, pintura a oleo, aguarela, foto-miniatura e pirogravura.

BILHETES DE VISITA

Novidades para brindes, artigos de viagem e toilette, etc.

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais, etc.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

MELO & MARTINS

Com armazem de adubos quimicos, sulfato de cobre, enxofre e cal para construções

Deposito de gazolina

Endereço postal e telegrafico:

PAMPILHOSA DO BOTAO

São nossos representantes em Mortagua:

NA POVOA, o snr. José Paulo

NA ESTAÇÃO, o snr. José Tomaz.

MU ALINE — Tintas feitas com agua

Estas ntitast eem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle,,

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 2.° Arazêde, 16 de Novembro de 1913 N.° 91

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os originais, quere sejam ou não publicados. Não se aceitam informações anónimas.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

PORTUGAL E COLONIAS PORTUGUEZAS—Ano, 120 centavos; semestre, 60 centavos; trismestre, 30 centavos.
BRAZIL — Ano, 2 escudos.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Redação e Administração — ARAZÊDE

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

S. E. Biblioteca da Universidade Coimbra

CORREIO 16 NOV. 13 ARAZEDE

CONSCIENCIA

E' hoje que em todo o país se põe á prova a consciencia do povo.

E' hoje que a nação elege os seus representantes no parlamento, sendo tambem hoje que se saberá se o atual governo conquistará mais um triunfo na consciencia popular, ou se esta lhe recusará o seu apoio, porque o governo lhe não mereça confiança. Sobejas provas tem dado o governo de boa administração, entre as quais se destaca esta: converter um *deficit* de cêrca de 8 mil contos num saldo de 167 contos, o que demonstra que o governo tem uma vontade firme de acertar no caminho do resurgimento nacional.

Como quer que seja, o povo compreendedor dos seus direitos e deveres tem a obrigação de hoje escolher com bom-senso e criterio aqueles que no parlamento sejam legitimos depositarios das suas aspirações e que, pelo seu passado politico sem mancha e pela sua dedicação patriotica, tomem o compromisso de honra de concretisar em factos todos os pontos do seu programa que digam respeito a interesses regionais.

Sabe-se o costume de muitos senhores deputados que, na propaganda eleitoral, apregôam principios basilares e que no parlamento são a perfeita negação deles. E' necessario que o povo agora se acautele. Nem votar por aqueles que só defendem interesses da reacção e que querem a anarquia dissolvente dentro do paiz, nem pelos que, em palavras de sereia, muito prometem em beneficio das localidades, e que depois rapidamente se esquecem de tudo quanto de util prometeram.

Colabore o povo para a implantação da perfeita Democracia, pondo ao serviço da Patria e daqueles que encarnam os melhores principios toda a sua dedicação e todo o seu amor, e assim procedendo, com consciencia, com despaixão e com sinceridade, terá lutado pelos seus direitos, pelas suas regalias e pelo bem estar do seu paiz.

Sobretudo não se esqueça o povo de que o acto eleitoral não deve ser uma chicana como as que se faziam no tempo da monarquia, mas uma luta franca e leal donde deve derivar uma corrente de prestigio e de beneficios para a Nação. E desta fórma, não teremos que lamentar e que combater a onda de dissolução que ameaça alastrar em Portugal, mercê dos seus inimigos e dos que perderam as suas primitivas convicções republicanas.

NOTAS

Vaidade e ambição

Em Coimbra circulou um manifesto da autoria do snr. Fernandes Costa. Nêle dizem-se coisas espantosas contra o governo e coisas mirabolantes a favor do evolucionismo. O partido evolucionista vale tudo, o partido democratico nada vale. Este é um partido intoleravel, indigno, corruto e mau; aquele é o partido da Ordem, da Tolerancia (para os padres), da Honradez e da Liberdade (para os talassas). E assim por aí fóra, sem que se apontem factos ou sem que se exprimam verdades.

E não sabe esta gente combater doutra maneira? Está-se a vêr que hoje os manifestos eleitorais são um precioso reclamo para o *penacho*. «Eu é que faço tudo e tudo mêto nos eixos. Os outros não sabem nada e só fazem asneiras». E' a teoria moderna.

Colónias

Lê-se no *Jornal de Benguéla*:

> Mais um ano—o terceiro—passa depois da implantação da Republica. Queixas e clamores se ouviram durante estes 12 mezes decorridos, mas não contra o rejime. Que o paiz lhe deve muito, ninguem contesta; mas as colonias continuam á mingua de um sistema administrativo que as deixe caminhar, sem tropeçar a cada instante, e isto justifica as queixas, os desalentos.

De quem é a culpa? Se é do governo, que ele cuide a sério dêste problema, que é um dos mais importantes para a vida da Republica, e do qual derivarão inesgotaveis beneficios; se é dos varios *tubarões* que por lá ha, aplique-se-lhes o devido correctivo, escorraçando-os de logares para que não tenham competencia. Das colonias depende em grande parte o futuro do paiz, e se não olharmos para elas com carinho, fazendo-as produzir o que elas guardam no seio uberrimo, não têmos direito a considerar-nos a *terceira potencia colonial*... sómente por exibicionismo.

Vida politica

Os candidatos a deputados pelo circulo da Figueira da Foz são os snrs. Baldaque da Silva, oficial da armada e engenheiro hidrógrafo, pelos democraticos, e dr. Augusto Cimbron, medico, pelos evolucionistas.

Fez a sua adesão ao partido democratico, o nosso amigo snr. Augusto Baía, considerado comerciante nesta localidade.

Estradas

A proposito duma local aqui publicada, referente a estradas, pede-nos um habitante destes sitios, que, como nós, tem limpado muitas vezes as botas á lama, que lembremos ao snr. directôr das obras publicas a grande vantagem em ser concluida e reparada a estrada de Arazêde á Tocha. Na epoca das chuvas ha pontos dessa estrada que ficam completamente alagados, tornando-se por este motivo impossivel o transito. Convem, por isso, que se mande reparar quanto antes a referida estrada, para mais tarde se não ter de gastar mais tempo e dinheiro.

Coisas simples

«Revista Infantil»

O' homens do mundo novo,
Amai os filhos do povo!

GOMES LEAL.

As crianças são alegres como os passaritos, são os frutos do amor.

Mas quanta atenção elas requerem! quanto deve ser cuidada a sua educação.

Almas niveas de arminho, corações de meiguice, é necessario não lhes deixar embaciar a sua candura.

Eu tenho uma afeição extraordinaria ás crianças e sinto prazer em conviver com elas. Mas por isso mesmo, por eu lhes prezar a inocencia é que mais penso na sua educação.

Sim. O mal, o grande mal hodierno é a deficiencia de educação, é a falta de caracter que se vê. No campo moral é muito superior a educação á instrução; estes dois termos não são identicos no seu significado, mas sim complemento um do outro, evidentemente.

Para andarmos sempre em caminho errado, por ser tão necessaria a educação infantil é que ela é tão descurada entre nós.

Pobres crianças! Umas, nos colegios aprendem muita coisa para vista: pintura, musica, linguas, mas salvo raras excepções, não aformosearam o coração na pratica do Bem, nem aprenderam verdadeiramente a entrar na Vida; outras — os filhos do povo, os bastardos da sorte, andam a mendigar ou errando em vagabundagem rua em fóra.

As tutorias da infancia, as creches, os jardins infantis é que pódem minorar ou atenuar os absurdos da sorte e encaminhar para o Bem e para a Luz as crianças desgarradas.

[illegible] mentos tão uteis e de tão alevantados designios? Ha poucos; quasi nenhuns em relação á necessidade deles. Os governos descuram o assunto porque a *politica* a isso os obriga; dos particulares pouco se vê. Qual a causa? A indiferença e a falta de iniciativa.

A escola primaria, infelizmente, não tem podido cumprir o seu verdadeiro papel de educadora porque todo o tempo é pouco para *instruir*, a fim de obedecer a programas, regulamentos e quejandas trapalhadas.

Todavia o professorado oficial tem a si imposto o apostolado do Belo, da Bondade e do Amor.

Bem haja quem o auxilia na sua augusta missão! Bem haja quem se lembra da educação das crianças, das quais depende o bem-estar do futuro.

Como meios poderosos de propaganda educativa ha o livro e a revista. A criança lê: cuide se-lhe a leitura e ela instruir-se-á educando-se, e educando-se se instrue.

Pois um amigo das crianças que tem esperança no Futuro, que anceia pelo Bem na sua verdadeira acepção, o publicista da causa social — snr. J. Fontana da Silveira, oferecendo gratuitamente a *Revista Infantil* para ser distribuida pelas crianças pratica uma obra meritoria. Os pequenitos lêem aquelas folhas que lhes dão ensinamentos morais e aprendem a ser bons.

Ao ilustre publicista agradeço os exemplares recebidos, que foram distribuidos pela criançada alegre como os passaritos . .

Eu tenho uma afeição extraordinaria ás crianças: são pequenas, são inocentes. Anceio aformosear-lhes o coração para que de futuro a vida seja o que deva ser; para que a solidariedade humana se estenda num amplexo fraternal mundo em fóra; para que surja o sol da harmonia no seio da Humanidade tão cansada de lutas e dôr.

Bem hajam os educadores dos pequenitos.

3 de novembro.

Aurea Judit Amaral.

CANCIONEIRO

(CONCURSO)

I

OS TEUS OLHOS

Anjo puro que verteste
Doçuras no peito meu,
Desde o dia em que nasceste
Morreu a lua no ceu.

Na curva do ceu, tão linda,
Nunca mais brilhou o luar,
Para quê? se havia ainda
O brilho do teu olhar?

Hoje, no mar infinito
Dos males d'amor, só meus,
Tenho por farol bemdito
O brilho dos olhos teus!

Jaime Levi Brites Pereira.

CORRESPONDENCIA:

JASMIM (Porto) — O meu amigo não satisfez a terceira condição do nosso concurso. Emende.

LAURA GOMES (Lisboa) — Versinhos errados. Nem todas podem ser Marquezas d'Alorna.

Toda a correspondencia referente ao concurso deve ser dirigida a Gomes Monteiro, Cova da Moura—D. R. 16—LISBOA.

A nova Delegação da Direcção dos Serviços Agricolas do Centro na Figueira da Foz

Portugal precisa, de um modo inadiavel, de progredir agricolamente, acompanhando no seu incessante avançar os paizes civilisados, com os quais mantem mais ou menos estreitas relações.

A Republica veio encontra-lo nas mais lamentaveis condições de atrazo, tributado com a importação anual do seu trigo, milho, centeio e arroz, da carne, e até ultimamente do azeite, para não falarmos ainda de outros produtos não menos importantes á vida. A's mais nações poderá parecer que se trata de um paiz árido, improdutivel ou esterilisado, sem condições algumas agricolas.

Todavia, é certo que poucos paizes possuem mais esplendidas condições naturais de produtividade do que o nosso, pelos seus climas variados, pelo seu feliz relevo orografico, terrenos das mais variadas composições que lhe permitem as mais diversas e rendosas culturas.

Trata-se, pois, apenas de uma crise de energia, de um adormecimento de atividades que é preciso despertar quanto antes, orientando-as e estimulando-as.

Nem só o governo, nem só a iniciativa particular dos agricultores pódem realisar essa obra grande e necessaria.

E' preciso que um e outra nela colaborem com a sua melhor boa vontade.

A ultima reforma dos Serviços Agricolas criou na Figueira da Foz, como séde, uma Secção da Direcção dos Serviços Agricolas do Centro, que abrange na sua area os concelhos de —*Cantanhede, Condeixa, Figueira da Foz, Mira, Montemór-o-Velho, Penela* e *Soure*.

Nessa Secção existe uma Delegação da referida Direcção, que já se instalou provisoriamente no edificio da Associação Comercial da Figueira da Foz, que expontanea e gentilmente lhe cedeu a sua casa, estreitando assim, com uma elevada compreensão das coisas e desde o principio, as boas relações que entre o Comercio e a Agricultura devem sempre existir.

Pelo pessoal tecnico e auxiliar de que dispõe — um *engenheiro-agronomo*, um *regente agricola*, um *agente agricola* e um *escriturario*, póde a Delegação prestar aos agricultores dos concelhos citados auxilio, esclarecimentos, serviços da sua competencia, que nos parece que eles não devem nem hão-de desprezar.

A lei de 9 de julho do corrente ano designa a estas delegações a missão:—de desenvolver a instrução rural por meio de uma propaganda o mais activa possivel dos conhecimentos uteis mais apropriados á agricultura de cada região e localidade;

de exercer a sua inspecção tecnica nas oficinas e armazens agricolas e fazer o exame dos planos e projectos da sua construção;

de fiscalisar tecnicamente a genuidade e boa qualidade dos produtos agricolas e muito especialmente pão e farinhas, vinhos, vinagres, azeites, manteigas e queijos;

de fazer a estatistica agricola da região, tornando-a gradualmente mais exata e perfeita;

de fazer o estudo da economia rural da região, elaborando estudos e monografias que, indicando e assinalando as origens do seu estacionamento, atrazo e progresso, muito pódem contribuir para este;

de dar emfim aos agricultores associações agricolas e camaras regionais de agricultura, os esclarecimentos que lhe sejam solicitados com o auxilio tecnico compativel com os meios, material e de instalação de que essas delegações possam dispôr.

Desde os instrumentos que trabalham a terra, dos adubos e aguas que a fertilisam, das sementes que nela se distribuem, amanhos e tratamento culturais do nascimento á colheita; até á sua arrecadação, conservação, transporte e venda dos produtos, ha muito que substituir, que refundir, orientar e divulgar.

Sabe-se quanto é grande o atrazo da mecanica agricola entre nós e como o dispendio com a mão de obra sobrecarrega as culturas com as ver-

bas que imensamente elevam o custo da produção.

Muito pouco ha feito em hidraulica agricola, dando-se muitas vezes o caso de rios e mananciais que deviam ser origem inexgotavel de fertilidade, serem, pelo contrario, agentes de destruição.

Alguma coisa se tem caminhado em adubações, mas ha ainda muito a fazer.

De sementes, sua selecção, cuidadosa escolha e conservação pouco se trata e isto é só por si um problema que, uma vez resolvido, pode decuplicar e até centuplicar o rendimento cultural.

O tratamento das culturas e dos produtos armazenados, abrangendo o vasto capitulo das doenças dos vegetais e dos vinhos, vinagres e azeites; a introdução de culturas novas de bom rendimento; a criação da facil venda pelo barateamento da produção, boa apresentação dos produtos, facilidade de transportes, são outros tantos vastos campos que se oferecem á agricultura portugueza.

E para esse combate, que tem de ser sem treguas, incessante e de nós todos, pomos desde já á sua disposição toda a nossa boa vontade.

Teles de Menezes,

ENGENHEIRO-AGRONOMO.

E' esta uma obra digna de registo que, sob a direcção inteligente do sr. Teles de Menezes, ha de produzir frutos maravilhosos, visto que a agricultura ha de ser sempre uma das melhores fontes de riqueza de Portugal, e que por isso mesmo convem desenvolver.

Esperamos que da boa vontade e inteligencia do ilustre funcionario derivem para esta região os melhores resultados, e desde já, oferecendo-lhe os nossos modestos serviços, colocamos ao seu dispôr as colunas do nosso jornal.

"O DEVER,,

Vende se em **Lisboa**, na rua do Ouro, n.º 178, 2.º D, sendo nosso agente o snr. A. Soares, a quem os nossos presados leitores e assinantes da capital se poderão dirigir.

CRÓNICA DE LISBOA

Os dias passam melancólicos, tristes, desoladores, sombrios.

Nos vastos arcános dos dominios de Satan, os dias devem ser assim.

Os dias tristonhos que inspiraram os queixumes de exilio do Dante, deviam ter a mesma algidês, a mesma friêsa quasi selvagem, que este soturno recanto da Cova da Moura.

A' noite, nas franças dos arvoredos, a ventania suspira ténias tão tristes, tão desoladas como as préces de Maria Madalena, após a morte do seu amante dileto — o meigo Nazareno.

Quem saberá nunca traduzir a linguagem da ramaria espessa, que uma nortada fére e faz gemer?

Talvez que sobre estas paragens que eu piso, no meu passeio de triste notivago, em remotas eras vivesse uma bela oriental que, entre os braços carinhosos do seu trovador, morresse, formosa e virgem, nalguma noite de verão...

E daí o nome— *Cova da Moura.*

Quem sabe lá traduzir remotos dramas, só harmoniosos, doces e recordaveis á alma sentimentalista dos poetas?

Idilios inocentes só gratos ao coração diamantino dos poucos que ainda sobraçam o alaúde português e não procuram o galicismo banal da musa parisiense.

* * *

Estas são as divagações penitenciarias do meu sentimento chumbado á grilheta eternal das coisas tristes, embora do Porto, um leal amigo me pergunte pelo meu estilo doutr'ora.

Que estranha coisa!

Pergunta-se pelo estilo a um rapaz de vint- e um anos!

Mas, sim, deveis ter rasão, caro amigo; eu sou um moço já senil, um moço—velho—se me permitis —a quem vinte e uma primaveras déram o gelo de vinte e um invernos.

Sem embargo, eu não estou desligado deste mundo, embora o sonhasse mais amplo de venturas, mais pleno de belezas.

Vivo e aspiro a vida, na espétativa de horisontes mais risonhos.

Ainda que despida, a arvore da minha loira Esperança tem ainda rebentos que virão depôr — quem sabe?—graciosas flores, deliciosos frutos nas óras misteriosaz dos meus anos futuros.

E, durante os momentos de tormentosa espera, eu vou entretendo a minha mente, numa divagação constante, por entre as miserias sociais.

Aqui se levantam meia duzia de tarados a restaurarem um regime que, se alguma coisa deixou de memoravel, foram roubos e infamias, vergonhas e despotismo.

Os cabecilhas fogem e a arraia miuda fica a recordar, na algidês celular, a sua vil loucura que veiu roubar o pão de pobres inocentes sem culpa dos átos criminosos de seus pais.

Ali, naquela fabrica portentosa, um operario ficou esmagado pelo monstro daço dessa maquina enorme. Soluça a viuva desolada, emquanto os filhos pedem pão e perguntam pelo paisinho. Entretanto, o capital, comodamente refastelado em poltrona fofáda, digére um suculento jantar por entre as azuladas espirais do duodecimo havano.

Além, é um gatuno, arrastado pelo classico *ande ló p'ra diante* de dois policiarrões de enerme bigodeira.

Que odisseia—mãe genésica—que de torturas secretas, dignas da pena genial de Luc ou Victor Hugo!

* * *

E tantas mais, tantas mais!...

Por isso, não admira que, á força de emoções, o meu estilo morresse e o perfume das minhas vinte e uma primaveras se convertesse em gelo glacial de vinte e um invernos.

E depois, — quem sabe?— talvez que a minha alma ande absorta nessa meiga oriental de negras tranças, por quem a ramaria espessa solta gemidos de saudade intensa.

Sim, talvez!...

Gomes Monteiro.

Resposta a um post-scrito

Ao snr. Leopoldo Torres Fernandes, que com ordinaria fanfarronada pretende esquivar-se a explicações, isto sob o irrisorio pretexto da minha inferioridade, por ele manifestada e patenteada na sua frase — *aquila non capit muscas* — dir-lhe-ei: que modesto panegirico fez á sua pessoa, porquanto o julgo capaz de mais, e até de tudo...

E, quanto a escolher um intermediario, que lhe deixe a impressão de que compreende o que tiver de dizer-lhe, ser-me-á extremamente facil encontra-lo, e digno do mesmo «senhor»...

Lisboa, 12—11—913.

Botelho Cardoso.

Notas pessoais

Fez 12 anos na sexta-feira, 14, o menino Julio Caleira, filho do antigo agente de transmissão reformado, snr. José Lucas Caleira.

Parabens.

— Estiveram aqui a semana passada os nossos amigos, snrs. Antero da Veiga e dr. Ismael Sampaio, de Montemór-o-Velho.

— Tambem aqui esteve o snr. Antonio Franco, distinto farmaceutico na Figueira da Foz e ilustre democrata.

O amor dos italianos

No n.º 87 do jornal o *Dever* deparei com algumas considerações do ilustrado jornalista e inteligente escritor Gomes Monteiro, sobre um artigo meu publicado neste jornal.

Após os meus mais profundos agradecimentos pela sua homenagem a um predicado que não possuo, permita-me sua ex.ª que alguma coisa diga sobre a sua critica, com a qual de forma alguma posso concordar.

Não sou um fanatico, mas sim um amigo da verdade e um defensor sincero deste cantinho florido da Europa, berço encantador da minha infancia.

Tambem, como o sr. Gomes Monteiro, pertenço ao tal nucleo que tem por divisa: *pão-pão, queijo-queijo.*

E por tal motivo continuo mantendo a minha afirmação de que nós, portuguezes, sabemos amar e amar muito neste jardim da Europa e temos na poesia tudo quanto de belo e sublime pode cantar a sentimentalidade portugueza.

Camões, esse incomparavel Camões, o grande cantor das nossas glorias, não precisou da inspiração italiana para ter o brilhante nome de «principe dos poetas portuguezes».

As desenas de poetas que antecederam Sá de Miranda, não necessitaram da musa italiana para fazerem excelentes composições cheias de mimo e de graça, e o meu ilustre camarada sabe perfeitamente que os portuguezes tocaram a meta do espirito cavalheiroso e o conservaram em toda a pureza e vigor, desde a reinado de D. Fernando, pois já nesse tempo tão amaveis se tornavam para com suas damas que chegavam a ser ridiculos, como muito bem dizem os escritores Manoel Correia e Jorge Ferreira de Vasconcelos.

Já Rocha Martins, no seu livro sobre a amante de D. Sancho I, nos diz: «Guitarras mouriscas soavam e os saraus decorriam em ousadias dit[illegible] mulheres, coisas d'amor tão sentidas que havia mesmo quem, por não lhas ouvirem, fosse morrer trespassado de desesperos.»

Referindo-se á Ribeirinha, continua o escritor: «Os poetas então acorriam delirantes a oferecerem-lhe as suas poesias como se fosse a unica divindade daquela reduzida côrte.»

Incontestavelmente Sá de Miranda foi um grande poeta e a ele se deveu sem duvida o impulso dado á poesia lirica no seculo XVI; e muitos são os escritores, que dêle se ocupam, dos quaes saliento o conhecido literato e professor Teofilo Braga.

Mas o que nenhum dêles afirma, nem poderá afirmar é que a *Italia seja a mãe, o berço, o ninho perfumado da inspiração portugueza.*

Repito: Sá de Miranda foi um distinto autor do lirismo no seu tempo e um apreciavel fabulista, com quanto não competisse com La Fontaine, ou com Floriau, e da escola italiana tirou fóra de duvida, admiraveis resultados para as letras portuguezas.

O snr. Gomes Monteiro, como tive ocasião de apreciar, foi um pouco precipitado na sua critica, pois doutra forma se não compreende que o inteligente jornalista queira abranger numa regra geral esses factos correntes tanto aqui como na Italia e em toda a parte e que são négras manchas para a historia dos povos.

Não. Não. Este argumento nunca poderá servir para contradizer as minhas afirmações de que, nós portuguezes, sabemos amar, amar muito e temos soberbas paginas, desde tempos imemoraveis, na historia do amôr.

Mantegazza foi arrojado dizendo que os italianos amavam mais e mez lhor, pois varios foram os escritores de diferentes nacionalidades que não concordaram com a opinião do venerando escritor italiano.

Finalizando, deixe-me dizer-lhe *que o rosto sifilisado da rameira portugueza*, a que o presado colega se refere, *póde encarnar mais sentimento que a alma diamantina de Laura ou Beatriz.*

Jorge das Neves Larcher.

Gazetilha

—1.ª—

Anda aí correndo um caso
C'um padre de certa aldeia
Que um dia, assim por acaso,
Quando a sorte lhe deu azo,
Fez um filho d'alta veia.

O padre, que é um maltez,
Não qu'rendo ter filhos seus,
Diz, pois, ao filho uma vez:
«Meu amigo, vai com Deus,
Não te quero p'ra fréguez».

Abandonou mãi e filho
Como um soberbo vilão;
E seguindo o mesmo trilho
Dos patifes d'eleição,
Fica o padre sem cadilho.

Sósinho como um nababo,
Sósinho mais a criada,
O padre, cara de nabo,
Teve vida regalada
Sem o tentar o diabo.

Azorrague.

CARTA DE LISBOA

FOLHA ERRANTE:

Haviam certas alminhas
Que diziam com chibanças
Que o sr. Afonso Costa
Não pescava de finanças.

Mas á face do que viram,
Oh! meu Deus, que grande cheque!
Deram pinotes de corça,
Mas achataram o beque!...

POLICIA CAMPESTRE

Foi organisado e assinado pelo chefe do Estado o regulamento da policia campestre, devido á iniciativa do sr. ministro do fomento.

E' mais um trabalho de valor que grandemente protege a agricultura nacional—inexaurivel fonte de riquezas para este fertil paiz que se levanta para a luta e para a vida.

OS «CAMIONS» NO EXERCITO

Após varias experiencias, sempre com o melhor resultado, foram adotados os *camions* para o serviço da Manutenção Militar.

E' uma medida que oferece muito mais vantagens que as classicas carroças de muares, porque suportando um peso superior a 2 toneladas, andam mais depressa e fazem menos despeza.

SANGUE & MISERIA

Domingo, 9, numa taberna de Xabregas, travou-se uma rija discussão entre um operario conhecido pelo *Varino* e um outro conhecido tambem por *João da Velha.* Este defendia a honra de seu irmão e, a certa altura, ferrou-lhe com um copo de vinho na cabeça.

Em resumo: o *Varino* foi munir se a casa de um revolver e mandou a vida ao pobre João para casa de uma senhora.

Nem só Ponson du Terrail soube engenhar disto.

Tambem numa hospedaria, á Guia, se deu um caso lamentavel e, ao mesmo tempo engraçado.

A dona da referida hospedaria tem um amante por alcunha o *Cristo* que, tendo encontrado no seu leito de amor um tal Covilhã dormindo a sésta com a linda amásia, armou em Otelo e zás! desata á facada ao atrevido intruso, que recolheu em perigo de vida ao hospital.

Cristo armado em rufião de esquina, após o renegar doutrinas de castidade e amor com que engrinaldou os crassos evangelhos

AINDA A INTENTONA

Por denuncia do pessoal da fabrica Sociedade de pescarias, Limitada, de Santos, foi passada ali uma rigorosa busca por constar que ainda existiam bombas ali deixadas pelo ex-guarda mnnicipal José Marcelino. Não foi infrutifera a busca, pois ainda apareceram 88 *larangi-nhas* devidamente carregadas a dinamite e escondidas entre o carvão, ali em deposito.

O patife, que se encontra preso, declara que as bombas não são suas e que não tem mais.

Os leitores estão certos dos acontecimentos de 10 de junho? Viram a quantidade de criancinhas que todos os dias iam para o hospital massacrados por esses horriveis explosivos? Pensem no caso e, se teem filhos, digam qual o castigo a aplicar a um tal bandido.

PROGRAMA EVOLUCIONISTA

Com muito assucar, os evolucionistas apresentam o seu programa de governo.

Nós já conhecemos assim um noivo esperançoso. Ainda o almejado consorcio vinha nas alturas do impossivel já o felizardo dizia: Heide comprar a casa do sr. brasileiro. Naquela alcova forrada a papel da China será o nosso quarto de noivado. Ao lado ficará o berço do nosso primeiro filho.

Ora, o sr. brazileiro nunca se resolveu vender a casa, a noiva nunca se dignou acompanha-lo aos pés do altar e... o sr. Antonio Zé ficou solteiro ouvindo o canto dos fadistas de Alfama por entre o gemer das guitarras dolentes:

Neste canto solitario
Onde a desgraça me tem
Suspiro por um penacho,
Olho e não vejo ninguem!

Nitrato.

Horas d'insónia

Meia duzia de esfomeados percorriam ha dias, na capital, as ruas, empunhando bandeiras, nas quais se lia: «pão ou trabalho». Nada mais simples, nada mais justo! Pão ou trabalho. E a policia prendeu-os. Prendeu-os, não por que eles houvessem feito mal, prejudicando a sociedade, posto em perigo quem quer que fosse. Mas porque... pediam pão ou trabalho.

E á mesma hora em que eles, póbres párias da humanidade, sem pão e sem trabalho, sem camisa e sem conforto, esmolavam de porta em porta um pedaço de pão para os filhitos que os esperavam como avesinhas implumes esperando o alimento da mãe; e á mesma hora em que os operarios pediam pão, quantos ociosos, refestelando-se em poltronas caras, não sabendo como gastar o que lhes sobeja, pensavam em mil e uma orgias, davam largas á mandriice e procuravam o meio de se divertir!...

E depois, é necessario atentar bem: Os homens pediam pão, depois de não terem trabalho, porque tinham tanto direito á vida como qualquer principe ou qualquer felizardo que nunca soubesse a que são lagrimas amargas de tortura, o que são sofrimentos sem fim, o que é a lucta contra a fome depois de se saber o que e a lucta contra a tirania e contra os maus. A responsabilidade de tanta desgraça e de tanto desasocego como por aí lavra, cabe sómente aos que, tendo uma falsa noção dos seus deveres, menosprezando a vida do semelhante, se julgam os deuses da terra, não importa se, apezar de tudo, vão cometendo os maiores vandalismos de que é possivel a besta humana.

Pão ou trabalho. *Uma coisa tão simples. Matar o corpo, tira-lo da rua, trazer o casaco limpo do pó das paredes das esquinas, o bigode do vinho das tavernas, faz todo o pobre diabo que procura o caminho da honra. Mas assim, despresados da sociedade, que não lhes dando pão lhes nega trabalho, o que se espera dele?*

Só isto: Assassinos ou ladrões.

E dos seus delitos teriamos nós a responsabilidade...

ALMEIDA JUNIOR.

CARTA DO PORTO

11 de novembro.

Esta cidade, denominada de granito, tem estado á mercê do mais desencadeado inverno: não se póde saír de casa sem ser vestido com impermiaveis; mas de quando em quando ainda se mostra o sol, ainda que passageiramente.

Esteve cá no passado domingo, 9, o ilustre chefe do governo, snr. dr. Afonso Costa. Veio acompanhado de diversos cavalheiros, alguns dos quais o acompanharam apenas desde as estações proximas desta cidade.

O snr. dr. Afonso Costa reali-

sou uma conferencia no Teatro Sá da Bandeira, tendo por têma o estado financeiro de Portugal.

Não posso fazer a descrição do que foi a conferencia, pois gastaria muitas colunas do *Dever*.

Sua ex.ª, que foi alvo de entusiasticas manifestações, retirou para a capital na segunda feira.

O comentario que fez o *Dever* ao depoimento que lhe enviei, não podia ser outra coisa, falando lealmente.

Continuam nesta cidade, ainda, as investigações policiais para punir os responsaveis na intentona monarquica.

Chegou a esta cidade o snr. Lino Ferreira da Silva, viajante da casa comercial portuense Domingos Duarte & C.ª Sucessores, que vem de uma larga digressão pela Beira Alta, aonde foi fazer negocio para aquela importante casa.

E por hoje termino amigo leitor, desejando que não tenha inverno tão mau como está aqui.

Doarman.

Um caso grave

Recebemos a seguinte carta, cuja publicidade nos é pedida :

Snr. Redactor :

Pensámos sempre que o advento da Republica vinha saniar por completo processos encobertos que se usavam no tempo da monarquia. Os factos de todos os dias, porém, estão corroborando a nossa duvida.

Senão, vejamos : Na administração da Mealhada, de ha muito que, com a questão dos emigrantes, um tal José Iria, secretario, vem cometendo atropelos inqualificaveis, levando aos pobres diabos, em vez de 50 centavos, como é da lei, 1$5, 7$5 e ultimamente 5 escudos. Como o administrador, snr. Raul Pereira, chamasse o homem á ordem, tal foi o ódio contra o administrador, que não hesitaram em fazer com que o licenciassem, para mais livremente *enterrarem a faca*. Mas o que mais nos surpreendeu ainda foi o facto de prejudicarem um funcionario da Republica a todos os titulos reto e cumpridor, zeloso como ainda não houve outro no concelho.

O snr. Raul Pereira era um dos melhores e mais fieis democratas do concelho. O desrespeito á lei era por ele considerado como um desrespeito á propria Republica, e não podia vêr que a propria lei da separação fosse menospresada. Assim o atestou com a proíbição de varias procissões no concelho, etc., e por isso estranhamos que sobre ele tão grande represalia fosse injustamente exercida.

O tempo dirá, entretanto, de que lado está a razão Mas sabe você, snr. redactor, quem deu a posse ao novo administrador? Não tape os olhos. Foi o proprio José Iria, sobre quem recaem acusações graves e pelas quais lhe foi movido um processo disciplinar, que ora transita nas estações superiores, com a agravante de lhe ter sido aplicada a pena de suspensão.

E é isto moralidade?

Moralidade pedimos nós, para bem da Republica e tranquilidade dos cidadãos honestos e espoliados dos seus mais legitimos direitos.

Seu amigo,

Mealhadense.

Não ha comentarios possiveis.

Racionalismo

Assim como ninguem conseguirá passar á frente daqueles que *saibam* estar quietos, assim tambem nenhum bom palrador chegará a falar com tanto acerto como aqueles que, esperanda que a Evolução actue, *sabem* estar calados.

*

Em nenhuma hipotese e sob pretexto algum sou partidario de combates. Todavia, se um dia mudasse de ideia, eu apenas saberia combater os combatentes que procurassem ou provocassem o combate, deixando porém em paz, contrariamente ao que me ensina o mundo, aqueles que em paz estivessem.

Leopoldo Torres Fernandes.

Assuntos agricolas

Com bons adubos obteem-se boas colheitas

Um lavrador, morador no Ramalhal, concelho de Torres Vedras, tendo, o ano passado, comprado adubos á casa O. Herold & C.ª, importantes negociantes deste genero, acaba de participar á mesma o seu contentamento com os adubos que dela recebeu nos seguintes termos :

«Os seus adubos, tanto a Purgueira, marca Extra-Almirante, como os mais adubos da marca registada Trêvo de 4 Folhas, entre eles o Chloreto de Potassio e outros mais, deram muito bom resultado, tanto em trigo como em batatas, milhos e favas e outras novidades. Todas se crearam com uma força imensa a mais do que as mesmas culturas semeadas com outras marcas de adubos.

Conhecia-se bem a diferença a grande distancia».

Adubos eguaes tem-nos, á disposição de todos os lavradores, a dita casa O. Herold & C.ª em Lisboa ou nas suas sucursaes estabelecidas no Porto, Pampilhosa, Regoa, Santarem, Evora, Beja e Faro, devendo aqueles lavradores, que se fornecem por intermedio de revendedores, exigir sempre a marca registada «Trevo de 4 Folhas», pintada na téla dos sacos e no selo de metal que está na boca dos mesmos.

Desordem e agressões

No dia 9 do corrente, no sitio da Azenha Derrubada, proximo do Amieiro, houve uma desordem num bailarico, entre Adelino da Silva, vulgo *Vagueiro*, Joaquim Teixeira, Joaquim Maria Teixeira, José Antonio Garrido, Manuel Teixeira e José Teixeira, em virtude de provocações da parte dum deles e de rixas já antigas. Como provavelmente andavam já com um grão na aza, passaram a vias de facto, jogando o pau, resultando dai ficarem feridos Joaquim Teixeira e Joaquim Maria Teixeira, ficando bastante maltratado e quasi em perigo de vida o Adelino.

E' o que faz o S. Martinho, que no seu tempo foi um grande zaragateiro e muito amigo do dr. Videira.

Noticias

Como ha contribuintes que incorrem em multas por falta de cumprimento das leis que regulam a contribuição de registo por titulo gratuito, lembramos que todos os cidadãos em cuja casa falecer qualquer pessoa que deixe bens e os seus herdeiros por sucessão legitima ou por qualquer titulo, seja qual for a qualidade e valor da herança e ainda os que aceitarem doações, são obrigados a fazer perante a repartição de finanças as competentes declarações no praso de trinta dias a contar do obito ou doação, e dentro de sessenta dias a fazer a discrição dos bens transmitidos, embora as doações sejam feitas com reserva do usufruto para os doadores e quer se proceda quer não se proceda a inventario judicial.

A falta de cumprimento daquelas disposições legais nos prasos referidos faz incorrer os infratores na multa que vai de 10 a 100 escudos a cada um.

Sob a acusação de ter incutido no espirito do povo a ideia de se oporem á cultual estabelecida na freguesia de Santo Antonio dos Olivais, foi preso no domingo, o padre José Maria da Silva, aluno do 2.º ano da Faculdade de Letras.

E' tambem acusado de ter mandado da capela do Dianteiro para a da Carapinheira da Serra o calice e o missal para o padre da cultual ali não poder celebrar missa, indo ele celebre-la nesta ultima localidade.

Em Arnas, concelho de Sernache, uma pequena de 12 anos, que se supunha atacada de vermes, tomou santonia e expeliu uma cobra de 26 centimetros.

Foi decretado que a habilitação moral dos individuos que pretendam estabelecer institutos particulares de instrução e a de director ou professores que requeiram o respectivo diploma, deve ser comprovada por certificado de registo criminal passado pela autoridade administrativa e policial competente, quando a haja na localidade.

Consta que uma comissão de musicos militares pretende fazer uma petição ao parlamento para lhe ser concedida continencia e outras regalias que são dadas aos sargentos.

Na ultima ordem do exercito sairam os diplomas criando o regimento de sapadores mineiros, para Lisboa, e o batalhão de telegrafistas, para a Ajuda O grupo de artilharia de montanha foi transformado em regimento, indo um grupo para Evora e outro desde já para Portalegre.

Foi proíbido aos presbiteros Francisco de Almeida Leitão, paroco de Sarrilhos Grandes encarregado na ausencia do respetivo paroco, da paroquialidade da freguezia da Moita, Basilio José Ribeiro, paroco de Vagos, Casimiro Sarabando, de Lombomeão, coadjutor da mesma freguezia, Manoel de Oliveira Junior, de S. Romão, Vagos, e Joaquim da Rocha, professor oficial em Vagos, de residirem dentro dos limites dos respetivos concelhos e dos limitrofes, durante quatro meses os tres primeiros e tres meses os dois ultimos alem de aqueles tres perderem os beneficios materiais do Estado e ainda sem prejuizo do procedimento criminal que no caso couber ao primeiro e de aplicação das disposições do codigo de registo civil ao mesmo presbitero.

As despesas feitas com a guerra dos Balcans montam á importancia de 405 mil contos da nossa moeda, contando-se fora do combate, isto é, mortos e feridos, 446.600 soldados, não falando nos massacres das populações das terras devastadas pela guerra, na fome e no cólera, o que deve elevar-se aquele total a mais de um milhão de mortos e estropiados.

Está-se preparando terreno para uma arbitrajem entre a Inglaterra, França e Espanha, com Portugal, sobre a questão da confiscação dos bens relijiosos, pertencentes a congregações daquelas nacionalidades

Foi creada uma legação portuguesa no Rio de Janeiro, sendo seu representante nesta capital o sr. dr. Bernardino Machado.

CORRESPONDENCIAS

Pampilhosa do Botão, 15

Noticiamos ha tempos que a Direção do Teatro de Instrução e Recreio desta localidade, tenciona mandar pintar a frontaria do mesmo teatro, no sentido de o aformosear.

Hoje vimos dizer aos leitores, com verdadeiro jubilo, que já começaram esses trabalhos, pelo que felicitamos os membros da Direção.

Devem realisar-se amanhã domingo, as eleições.

Segundo uma disposição da nova Lei Eleitoral a Pampilhosa terá este ano tambem uma assembleia eleitoral qne deve funcionar no edificio da escola para o sexo masculino desta freguesia.

Segundo consta, a maioria dos eleitores votarão no sr. Ribeiro de Almeida, deputado unionista por este circulo.

O nosso amigo Domingos Rodrigues da Silva foi nomeado Presidente da Assembleia Eleitoral da Mealhada.

Um grupo de individnos desta localidade tenciona dar brevemente uma recita em beneficio da escola cuja construção já começou.

Damos um abraço de felicitações ao nosso amigo Alfredo Fernandes Almeida que é o promotor dessa festa. Oportunamente daremos mais pormenores.

C.

Bom Sucesso, 9-XI-913

COMICIO. — Esta povoação que ha centenas de anos tem escutado as doutrinas fementidas do sacerdocio e em cujo idiaf os povos comungavam, ouviu pela primeira vez no passado domingo as leis emancipadoras e liberaes proferidas por bôcas autorisadas. Era meio dia quando chegaram os oradores snrs. dr. José Gomes Cruz e Antonio L. Franco. No vasto arraial que se encontrava polvilhado de povo notou-se um ar agradavel d'uma impressão deveras satisfeita. Os oradores dirigiram-se então para a Escola Oficial a cuja porta foi levantada uma improvisada tribuna que o povo rodeou com interesse.

Fez a apresentação dos oradores o nosso amigo snr. Antonio Mariano que em breves traços esboçou a obra do partido republicano, aconselhando ao povo a maxima atenção no assunto que lhes vão esplicar—ou seja o confronto das duas formulas de regimen —Monarquia e Republica. Seguiu-se o snr. dr. Cruz: Começa por manifestar aos povos destes logares a sua gratidão pelo lisongeiro acolhimento, e por ter a dita de falar pela primeira vez ao povo onde ele começou a sua vida clinica. Expõe claramente o que tem sido a administração Republicana á testa da qual tem estado homens de envergadura e sentimentos nobres. Não vem aqui para pedir votos porque condena esse procedimento que vexa o caracter e conspurca a consciencia do cidadão, mas o que é preciso é estar de atalaia para repelir certos senhores pouco escrupulosos que os possam ludibriar com fantasiosas quimeras. Votem em quem a consciencia lhe ditar. Faz a apologia do candidato proposto pela Figueira a quem tece os mais rasgados elogios quer como cidadão quer como brioso oficial da armada, e a quem reconhece aptidões para pugnar pelos interesses da região provaveis com a realisação do posto do Cabo Mondego, etc. Terminou encitando o povo a amar a Republica como as suas proprias familias porque é ela a encarnação da Patria, do nosso lindo Portugal. Foi muito ovacionado Fala a seguir o snr. Antonio Franco, que em palavras fluentes e fervorosas faz a apologia do candidato espraiando-se seguidamente sobre considerações religiosas. Terminou o seu discurso erguendo um viva á Republica que foi correspondido.

E assim terminou esta propaganda deixando no espirito popular as mais gratas impressões.

Chico.

QUIAIOS, 9

Doente — Tem estado bastante abalado de saude o sr. José Costa Maia, zeloso professor oficial. O seu completo restabelecimento é o que lhe desejamos.

De visita — Esteve aqui o nosso amigo sr. Francisco Andrade Pereira, professor oficial do Bom Sucesso.

Inverno — Tem-se feito sentir bastante vendo-se muitas familias das menos abastadas em lucta com diversos embaraços que lhe dificultam as probabilidades de ganhar a vida.

F. de Carvalho.

ANUNCIOS

Editos de 180 dias

(2.ª *publicação*)

PELO Juizo de Direito da Comarca de Montemór-o-Velho, cartorio do escrivão do segundo oficio—Mamede, e nos autos de acção especial para entrega de bens em que são autores Francisco Queda e mulher Maria Carapinheira, trabalhadores, moradores na Quinta da Fonteireira, Queluz—Belas; Joaquim Mendes Laranjeira Queda, tambem conhecido por Joaquim Queda, solteiro, empregado no comercio, morador na rua da Palma, n.º 34, 3.º andar, em Lisboa, e Laurinda Marques de Oliveira ou Laurinda Queda e marido José Coelho, trabalhadores, residentes em Dona Maria, freguezia d'Almargem, comarca de Cintra, e reus Francisco Mendes Laranjeira, ausente em parte incerta ha mais de vinte anos; Eugenia Marques de Oliveira, residente em Valcanosa, freguezia das Means, desta comarca, e José Marques Laranjeira, Alfredo Marques Laranjeira e Adelino Marques Laranjeira, solteiros, proprietarios, ausentes em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, correm editos de 180 dias, a contar da segunda publicação deste anuncio no *Diario do Governo*, citando o reu Francisco Mendes Laranjeira, e de 30 dias, tambem contados da segunda publicação deste anuncio no *Diario do Governo*, citando os reus José Marques Laranjeira, Alfredo Marques Laranjeira e Adelino Marques Laranjeira, todos ausentes em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, e bem assim todos os interessados incertos, todos para na segunda audiencia, findo o praso dos editos, verem acusar a citação e marcar o praso legal para contestarem a referida acção, sob pena de revelia.

Declara-se que as audiencias deste juizo têm logar todas as segundas e quintas-feiras, não sendo esses dias feriados, porque sendo-o, se fazem nos dias determinados por lei e sempre por 10 horas no Tribunal Judicial em Montemór-o-Velho, sito nos Paços do Concelho, na Praça da Republica.

Montemór-o-Velho, 28 de outubro de 1913.

O escrivão,

João Pais da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão :

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

Azeite

Compra-se grande ou pequena porção de azeite, isto é, todo o que fôr oferecido.

Quem quizer vender, dirija-se a **Melo & Martins,** *Pampilhosa do Botão*, junto ao caminho de ferro.

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

No juiso de direito da comarca de Montemór-o-Velho, cartorio do escrivão Sampaio, no inventario orfanologico por obito de Augusto Matias, morador, que foi, no Monteiro, freguezia d'Arazede, no qual é inventariante a viuva Maria do Espirito Santo, correm editos de trinta dias contados da segunda publicação do respectivo anuncio no «Diario do Governo», citando para todos os termos até final do mesmo inventario, os interessados Maria do Espirito Santo e marido Luiz da Silva Tinoco; Antonio Dias Ferreira, Joaquim Matias e mulher, cujo nome se ignora; José Matias e Maria da Luz do Espirito Santo, o segundo ausente em parte incerta em Lisboa e os restantes ausentes em parte incérta no Brazil.

Montemór-o-Velho, 14 de outubro de 1913.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.

Lemos Viana.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSOES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

Relojoaria Probidade

— DE —

Saul Bahia

Encarrega-se de todo e qualquer trabalho em joias, relogios e gramofones de qualquer sistema, garantindo a sua perfeição.

Tambem possue artigos pertencentes aos objectos acima mencionados.

Rua Henrique Dias, n.º 41

S. PAULO — BRAZIL

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

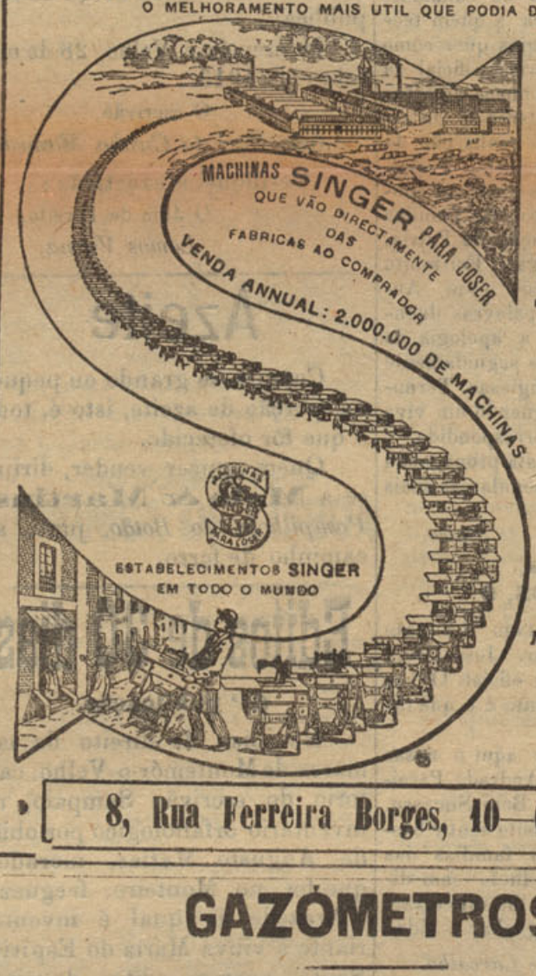
Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.

O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.

Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

CASA HAVANESA

16 — Rua Ferreira Borges — 18

COIMBRA

Sortido completo em tabacos, papelaria e perfumarias. Molduras para quadros e galerias, o que ha de mais moderno. Artigos para desenho, pintura a oleo, aguarela, foto-miniatura e pirogravura.

BILHETES DE VISITA

Novidades para brindes, artigos de viagem e toilette etc.

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais, etc.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

MELO & MARTINS

Com armazem de adubos quimicos, sulfato de cobre, enxofre e cal para construções

Deposito de gazolina

Endereço postal e telegrafico:

PAMPILHOSA DO BOTAO

São nossos representantes em Mortagua:

NA POVOA, o snr. José Paulo

NA ESTAÇÃO, o snr. José Tomaz.

MURALINE — Tintas feitas com agua

Estas ntitast eem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha—COIMBRA

Ano 2.° Arazêde, 23 de Novembro de 1913 N.° 92

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os originais, quere sejam ou não publicados. Não se aceitam informações anónimas.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

PORTUGAL E COLONIAS PORTUGUEZAS—Ano 120 centavos; semestre, 60 centavos trismestre, 30 centavos.
BRAZIL — Ano, 2 escudos.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

CORR.ºs e TELG.ºs 24 NOV. 13 COIMBRA

S. E. Biblioteca da Universidade Coimbra

CORR.ºs e TELG.ºs 23 NOV. 13 ARAZEDE

CACICADAS

As eleições suplementares realisadas ha oito dias, foram grandiosas no seu significado moral? — Mais no seu significado moral do que mesmo no seu significado politico.

O povo confraternisou, com fé, com entusiasmo, e por toda a parte uma coisa se notou — o entranhado amor á Republica. Aqui e ali houve falcatruas, explosiu odio, resaltou colérica vingança? Sim. Eu acredito. Mas todas essas baixas manifestações, essas desagradaveis manifestações não partiram, certamente, dos bons republicanos. Os velhos caciques, que na politica estão treinados, que de manigancias eleitorais conhecem o suficiente para corromper um povo inteiro, esses mesmos, nem que quizessem, não podiam deixar de exteriorisar o que lhes vae na alma de bandoleiros e traficantes.

Que pena que nos causa tudo isto! E depois, o que mais incomoda ainda, — porque não deve revoltar ninguem que tenha um pouco de sentimentalidade — é o facto de, nas terras pequenas da provincia, o mandão local, que quer tanto á Republica como eu quero á morte; o que entristece é o antigo contratador de consciencias dar-se, nestas ocasiões, ares de quem tem a propria Republica na barriga, não perdendo ensejo de enlamiar aqueles que, acima de tudo, presam a dignidade nacional, depois de haverem dado ás novas instituições uma boa soma de sacrificios e de auxiliar os seus homens mais em evidencia.

Deixa-los, que a intuição deles é diversa da de toda a gente de bem.

Percorri, de proposito, algumas mezas eleitorais. Eu não tinha ainda visto funcionar nenhuma. No tempo da monarquia, só uma vez, se bem me recordo, estive uns dez minutos, se tanto, numa assembleia eleitoral, ali na Figueira da Foz. Levou-me lá o José Luiz d'Almeida. A egreja matriz estava apinhada de inconscientes, de analfabetos, que o Pereira dos Santos lá fazia ir.

Eram poucos os votos republicanos, pois eles conheciam-se bem antes mesmo de entrar na urna.

Dir-se-ia que logo á entrada da porta principal, a Republica chamejava nos olhos dos republicanos.

Olhavam de frente, caminhavam de cabeça bem erguida, visionando o Ideal, levando no coração á propria Liberdade. Passaram-se anos, os acontecimentos impeliram a Republica para a vitória, e os grandes caciques continuam a olhar por baixo, ruminando vingança, não envergonhados, porque vergonha nunca existiu em almas corrompidas, mas pervertendo almas ingenuas, continuando a mercadejar e a acorrentar pobres diabos inofensivos.

Uma coisa, porém, me satisfaz: Os inconscientes de então, os filhos do povo e o povo, esses não são a mesma coisa. Veem os factos á luz cintilante da razão, sentem o magnifico efeito da mudança que sofreu a politica neste país, e não teem duvida em o constatar palpavelmente. Os outros, aqueles que, pela sua cultura ou pelas experiencias da vida pratica, tinham obrigação de ver as coisas tais e quais elas se nos deparam, não teem duvida em negar tudo, e ainda, o que é mais, em trabalhar para que os outros as neguem.

Vi carripanas carregadas de eleitores e não eleitores, frétadas por conta dos caciques; vi *bebedeiras*, como antigamente originadas pelo vinho dos caciques; a mesma furia, a mesma bandalheira, a mesma pedincheira de votos a desôras da noite aqui assim em Arazede.

Uma pequena diferença: não prometiam mundos e fundos, porque tinham medo de errar.

Mas só os monarquicos fariam tudo aquilo? Não senhor. Alguns republicanos o fizeram tambem.

Haja em vista os nove centos mil reis perdidos numa aposta pelo deputado evolucionista Malva do Val. Asseverava ele a derrota do governo, isto é, deitou se a advinhar, tal era a sua convicção de que a vitoria caberia ao seu partido. Fosse como fosse, estas coisas desmoralisam um pouco.

A mim tanto se me dava com a derrota como com a vitoria. Encaro as coisas sem paixão partidarista, satisfazendo-me entretanto qualquer dos partidos militantes, uma vez que a moralidade fosse o seu lema e a honra politica o seu credo.

De resto, e em materia de eleições, ninguem se atreva a dizer que foi a consciencia nacional que expontaneamente se manifestou. Assim deveria ter sido para honra da Republica, para decôro de nós todos.

Muito longe está ainda o povo da verdadeira educação civica...

Mas o povo confraternisou, com fé, com entusiasmo, e por toda a parte uma coisa agradavelmente se notou—o entranhado amor á Republica.

ALMEIDA JUNIOR.

NOTAS

Dr. João de Deus Ramos

Foi eleito deputado por Lamego este nosso querido amigo, distinto professor da Universidade de Lisboa e um dos mais notaveis pedagogistas da nossa patria.

No Parlamento, ao lado do Partido Republicano Portuguez, saberá defender e bem representar o povo que o elegeu.

Um grande abraço de felicitações.

Na espectativa

Segundo as urnas e por efeito do caciquismo, foi eleito deputado pelo circulo da Figueira o snr. Augusto Cimbron, evolucionista.

Todos sabem o que fez em beneficio do seu circulo o deputado Bissaia Barreto, tambem evolucionista. Fez menos do que um zero, porque nunca abriu bico no parlamento senão uma vez, para errar, dizendo que não havia numero suficiente de deputados num dia de sessão.

Agora que fará o snr. Cimbron? Seguirá as pisadas do snr. Bissaia? Irá para a Camara fazer berrata sem resultado algum para as regiões do seu circulo? E' o que estamos para vêr.

Mais carneiros?

Os politicos cá do burgo *pastôr d'ovelhas á frente*—andam se mexendo para as eleições da camara, que devem realisar-se de hoje a oito dias. Arrebanharão mais *carneiros*, seguindo os processos monarquicos que puzeram em prática outro dia? Sim, póde-se fazer propaganda, mas não se pede votos, invocando favores pessoais e ameaçando eleitores com a pêrda de beneficios particulares, que nada têm com os deveres de civismo de cada um. Que aqueles que outro dia se deixaram ir pelo beiço, procedam agora com a maior isenção e independencia de caráter.

Ingénuos

Achamos graça áqueles que dizem que não se deve condenar o snr. Antonio José d'Almeida, porque ainda se não sabe o que dará o seu governo. Mas então não basta o programa que ha uns 20 dias saíu nos jornais diarios para se aferir do governo que faria? Ou não souberam lêr esse programa os que estão muito esperançados no governo almeidista?

Pois nós prevemos tristes resultados para o paiz, visto um programa politico ser sempre o prenuncio do que está no espirito de qualquer estadista; e o programa do snr. Almeida póde ser muito bom para o seu partido, mas tem muitos pontos que prejudicariam altamente o paiz. Haja vista o problema religioso e a maneira como o snr. Antonio José o resolve.

Desabafos

Diz-se que a oposição parlamentar anda tramando a não comparencia á camara dos deputados, na proxima reabertura do Congresso. Assim será. Já agora faltava mais esta prova de fraqueza, tantas são já as fraquezas da oposição.

Deixa-los desabafar...

Socialismo

A *Capital* acha extraordinario a eleição dum deputado socialista por Vila Nova de Gaia, e diz que *não póde nem deve ser eleito*.

Mas porque? Se perguntarem á *Capital* a razão da sua antipatia pelo socialismo, nem ela mesma o saberá explicar.

Dir-se-ia que não póde avançar além do seu crédo politico. Ha muita gente assim. São o que lhe convem ser...

CANCIONEIRO

(CONCURSO)

II

QUADRAS SOLTAS

Ao oceano revolto
minhas maguas fui contar.
Minhas tristezas sem conto
das ondas fui confiar.

No mar velozes barquinhas
eu agora estou a vêr.
Naquelas frageis casquinhas
quero amortalhado ser.

Teus cabelos anelados,
feitos da luz do luar,
são como fios dourados
que a luz mais faz rebrilhar.

Teus labios da côr da rosa
dos coraes lembram a côr.
A' tua boca mimosa
dão mais graça e mais frescôr.

Lisboa, 16—11—913.

Jorge das Neves Larcher.

CORRESPONDENCIA:

Americo B. Teixeira (Porto)—Mande. Porque não?
Ferreira Balga (Senhora da Hora)—Idem... idem.

Toda a correspondencia referente ao concurso deve ser dirigida a Gomes Monteiro, Cova da Moura—D. R. 16—LISBOA.

Secção politica

ELEIÇÕES E REACIONARISMO

O resultado das ultimas eleições suplementares foi de completa vitoria para o governo e para a Republica, que viu mais uma vez confirmado o seu prestigio e a sua força na confiança que o paiz depositou domingo passado, votando nos homens que defendem o ideal republicano e que estão ao lado do governo.

De 37 vagas de deputados que havia, foram preenchidas 33 pelos democraticos, 2 pelos evolucionistas e 2 pelos unionistas. Destes dois ultimos grupos ainda se espera a perda de um deputado almeidista e um camachista, em virtude de terem sido inelegiveis. São eles os snrs. Fernandes Costa, evolucionista, e Vicente Ferreira, unionista, sobre os quais se ha de pronunciar a comissão de verificação de poderes.

Dos candidatos propostos pelo circulo da Figueira da Foz, ganhou o snr. Cimbron por 105 votos. Como se vê, é uma maioria extremamente reduzida, se atendermos a que o caciquismo, lavrando n'uma efervescencia doida por toda a parte do circulo, contava em elevar aquele numero a muitas centenas.

Os eleitores das fréguezias de Arazede, Liceia, Seixo e Gatões, votaram no Seixo. De 278 eleitores, houve 194 entradas e 84 abstenções. O candidato Baldaque teve 86 votações, Cimbron 108. Ganhou a oposição nas 4 freguezias apenas por 22 votos.

E' do mesmo modo uma pequena maioria, se levarmos em linha de conta o caciquismo desenfreado que houve em Arazede, pelo menos da parte dos evolucionistas, salientando-se os *vassalos* dos régulos que ainda hoje, pela tuba dos seus *carneiros*, valem mais do que todos os republicanos juntos! Eles — *régulos*, *vassalos* e *carneiros* — votaram pela monarquia... evolucionista; os outros, os bons cidadãos, os que não tomaram por missão ingloria mendigar votos, os que não farejavam eleitores, falando-lhes em favores pessoais, os que, após o acto eleitoral, levaram os cidadãos, como um rebanho de cornigeres, a beber vinho e a comer bacalhau com batatas, esses, que procederam nobremente, impelidos apenas pela dedicação patriotica e pelos principios que os norteiam, votaram pela Republica, que querem ver dignificada, prospera e vitoriosa, apesar das habilidades politicas dos reaccionarios que aqui, como em toda a parte, pretendem abalar os seus alicerces. Esses é que souberam cumprir o seu dever civico.

*

Dissemos no nosso artigo de fundo do numero passado que no dia de eleições se ia pôr á prova a consciencia do povo; mas hoje acrescentamos que a essa prova se submeteu tambem a consciencia dos caciques e dos mandarins de via reduzida, que são os inspiradores das ideias reacionarias.

Assim, cá por Arazêde, sabemos que houve um *pastor d'ovelhas*, bombastico eleiçoeiro, que dias antes das eleições prometera, na presença dos snrs. Antero da

Veiga, Joaquim Figueiredo e João Constantino, não fazer oposição ao governo, e foi esse mesmo pastor que trouxe vassalos seus angariando votos evolucionistas, provando assim que a consciencia para ele vale menos do que um tortulho pôdre. Se fossemos nós que assim procedessemos, chamavam-nos, sabem o quê? *Canalhas*. E com muita razão.

*

Mas um dia de eleições traz sempre alegrias para uns e tristezas para outros. Riem os que ganham e choram os que perdem. Neste caso, choram desta vez, como era de esperar, os evolucionistas, que verão no parlamento apenas um ou dois deputados, de 37 que foram propostos. Apenas dois circulos venceram nas eleições: Coimbra e Figueira. Dos camachistas não falamos, porque estavam, por assim dizer, fóra de combate. A quem cabe, pois, a vitoria? Aos democraticos, ao governo de Afonso Costa. Este ficou triunfante em toda a linha, apesar de não ter vencido nas regiões onde os reaccionarios pululam, como aqui em Arazêde. Nessas regiões os evolucionistas riem, estralejam foguetes e sentem-se ovantes de entusiasmo. Mas isso não passa de uma gloria ficticia, efemera, enganadora. A verdadeira vitoria cabe aos democraticos que até hoje têm visto em Afonso Costa o homem de principios e de ideais solidos e indestrutiveis, e que da pugna eleitoral saíu triunfante.

Em Arazêde, assim sucedeu: os evolucionistas aclamaram o seu candidato; os democraticos festejaram o governo. Uns e outros têm razão; apenas com a diferença de que os primeiros gosaram um dia apenas, e os segundos hão de gosar mezes.

E' a lei dos fados.

CRÓNICA DE LISBOA

(A uma aldeã que amei)

Se, por vezes, recordo a nossa aldeia, revejo a columbina imagem dessa ermidinha branca, toda branca, aonde tantas vezes te acompanhei ás novenas de Santo Amaro.

Era em janeiro. . Lembras-te?...

Um dia, no decorrer desses oficios religiosos, o padre disse:— *Memento homo qui pulvis es*...

E tu, aldeã tão rude quão apetitosa, perguntáste o que aquilo queria dizer.

Lembras-te, ainda?.. Como isso já vai longe!

Naquele tempo eu, precoce colegial, só afeito ás frias queixas duma gramatica de vinte centavos, e, quiçá, ás tremendas palmatoadas do snr. Zezinho da Pedreira, não podia sondar a lingua mãe em que Virgilio cantou e os padres teem pios de corujas agoureiras.

Hoje sou homem. A minha mente, liberta das pesadas cadeias do Preconceito, olha em volta. Que vê? Ninguem... Melhor um pouco. A solidão é um bem para aqueles que, cançados da hipocrisia humana, cuspiram o seu despreso sobre tudo, tudo.

Todavia, embora *tudo isso* me cause nausias incoerciveis, eu tenho dó, indizivel dó, de todos aqueles que acorrentados á grilheta sombria da sua ignorancia, acreditam piamente, e, sobretudo, de ti que mancharias a honra do teu lar se, em troca, o roupeta sinistro te prometesse o céo.

Sim, meiga aldeã tão rude quão apetitosa, eu sinto por ti um dó intenso, uma profunda compaixão.

* * *

Aquele padre que, após a Cinza, te ouve de confissão e, entre frases meigas, te impõe o sexto mandamento, é o mesmo qne atentou contra o pudor daquela menor de doze anos e que tão falado foi entre o povo religioso e bom da nossa aldeia.

Aquele padre que, na Pascoa da Resurreição, te ministrava a hostia do altar, aconselhando a purêsa, a honestidade, é o mesmo que fez partir trez criadas suas ao hospital de Braga, para aí, liberto da censura popular, encobrir as suas proêsas inauditas.

Aquele padre, emfim, que na missa conventual, te predicava o quarto mandamento, é o mesmo que aconselhou á tua visinha (que tão bem conheces) o aborto depois do adulterio tão fatalmente fecundo.

Lembraste? Lembraste?...

E aí tens o *memento homo qui pulvis es*...

Que todo o ser que raciocina que é pó e em pó se torna, que tem a fazer? Ser epicurista e, como tal, gosar á vida todos os acasos fortuitos.

Tinha razão o padre quando te expôs a maxima latina que, apesar de estafada, é uma grande verdade e tinhas rasão tu, ó meiga aldeã apetitosa, em perguntares, porque não compreendias a lingua de Tito Livio.

Hoje, porém, que sou homem, a esta resposta, embora tardia, acrescentarei que vivo sem saber porquê.

Expulsei de mim as falsas divindades, calquei os dogmas mais sagrados e derribei o meigo Nazarêno do pedestal dos deuses, num delirio selvatico de iconoclasta.

Mas.. de sobre esse montão de ruinas, eu não quero arrancar-te a doirada ilusão da tua sacra e fervorosa fé.

Não. «Seria, já o disse Junqueiro, como quem roubasse a uma mendiga as trez achas que leva, á noite para o lar!»

Quanto a mim, fitando *tudo isso*, direi como d'Annunzio:

«Não quero ser o que sou: lama na lama. Puah!»

Gomes Monteiro.

União Republicana

Alcançou verdadeiro triunfo a *União Republicana* em varias terras do país, se atendermos a que o partido unionista é um partido honesto, propagandeando pelo facto a sua politica e a sua maneira de ver.

Maior seria, porém, a sua vitória, proporcionalmente considerada, se os seus partidarios e adeptos não houvessem seguido o camfnho indicado pelo chefe supremo, isto é, pelo diretor, que é um modelo de virtudes sob todos os aspétos.

Em Pampilhosa do Botão, por exemplo, entraram na urna 84 votos, contra 16 democraticos e um evolucionista, salvo o erro. Deve-se esse exito brilhante á preponderancia dos snrs. Joaquim da Cruz, presidente da Camara da Mealhada e Francisco de Bastos Mourão, capitalista e industrial.

O snr. Mourão, por exemplo, é uma criatura que, tendo entrado pela primeira vez em politica, não deve de tal estar arrependido, pois a urna demonstrou quanto o estima o povo da Pampilhosa que, confiando no seu valor e na sua perseverança, tem esperanças no futuro.

Zéro.

"O DEVER"

Vende-se em **Lisboa**, na rua do Ouro, n.º 178, 2.º D, sendo nosso agente o snr. A. Soares, a quem os nossos presados leitores e assinantes da capital se poderão dirigir.

Coisas simples

A primeira advogada portugnêsa

...«apresentou-se hoje pela primeira vez nos nossos tribunais uma advogada a defender os acusados oficiosamente, a snr.ª D. Regina Quintanilha.»...

(No *Janeiro* de 15 do corrente).

Esta singela noticia de que tanto gostei fez reviver na minha mente um mundo de impressões; fez-me recordar algumas paginas do livro do Passado.

Sorri. E' que eu estava-me vendo em saudosas tardes de calma e mansuetude ao lado da Regina. Era no *Jardim*, ali entre os canteiros cultivados a capricho, embriagadas pelas vaporosas emanações de perfume libado pela aragem no calice das flores, que nós, no despontar da vida, entreteciamos sonhos e quiméras na tela viva da nossa imaginação.

Tinha eu 17 anos, tinha ela 14. Trilhavamos o caminho do estudo, mas nos livros ainda não encontráramos espinhos porque ambas contavamos uma distinção em cada exame feito.

Conversavamos. Naquela idade de sonho nós já nos atreviamos a *pensar*; a causa social prendia-nos. O Feminismo que mal delineávamos ainda na nossa mente e que mal compreendiamos nos livros e revistas que liamos, já nos merecia simpatia. Ligada a esta questão estava a politica e a Regina era republicana convicta, democrata fervorosa; é verdade que os seus gestos eram polvilhados ainda por uns lampejos de orgulho de educação e atavismo... mas no seu sonho erguia um altar á Democracia.

Falavamos sobre o futuro o qual viamos envolto em nuvens tenues de gaze... Mas as aspirações da Regina, formuladas tantas vezes junto de mim, rodeadas ambas de flores, verduras e mariposas sob um purissimo céo brigantino, as aspirações da Regina eram: ser doutora em Direito— a primetra advogada portuguêsa e ver a republica como fórma de governo na nossa patria.

Ambas as conseguiu e em tão pouco espaço de tempo: 7 anos apenas!

Muitas vezes são as influencias do meio, as deliberações de familia e tantas e tantas coisas contingentes quem faz com que sigamos esta ou aquela carreira. A Regina talhou-a ela propria e levou-a a final: é feliz por isso. O mesmo me não sucedeu a mim; aqueles sonhos que arquitectava não se realisaram... Ainda não é tarde, dirá a Regina se lêr estas *coisas simples* a ela dedicadas. Talvez!... direi eu.

O Feminismo em Portugal deu um grande passo. Regosijo-me imenso por ser uma transmontana e uma amiga sincera dos tempos idos em que arquitectavamos sonhos e quiméras, quem para isso tanto contribuiu. Do grupo que nesse tempo formávamos um nome aponto aqui que me merece muita estima: Clarisse Lopo, uma cultora do Bem.

A' Regina Quintanilha endereço as minhas leais felicitações por ter conseguido realisar as suas aspirações que formulava quando em tardes amenas passeavamos em Bragança, no *Jardim*, embriagadas pelo perfume das flores.

Carvalhos (Gaia), 18—XI—913.

Aurea Judit Amaral.

Notas pessoais

Tem estado doente o nosso presado amigo e assinante, snr. Antonio Pelicano, zeloso condutor da Beira Alta.

Desejamos as melhoras do nosso amigo.

== Realizaram na segunda-feira passada o seu casamento civil o snr. Antonio da Costa com Tereza Simões Ferreira, de Vila Franca, irmã do nosso presado amigo e chefe da Pampilhosa, Manoel Simões Lopes. Aos noivos muitas felicitações, por se limitarem ao acto civil, unico legal e conforme á rasão.

—— Foi promovido a chefe interino o nosso presado amigo, snr. Augusto Marques Martins, zeloso funcionario da Beira Alta.

Felicitamo-lo.

== Esteve entre nós o nosso amigo Simões Lopes, digno chefe de Pampilhosa, acompanhado por sua filha mais velha.

Os novos deputados republicanos eleitos pelo povo portuguez

Viana do Castelo: Major Sá Cardoso.

Barcelos: Dr. Manoel Monteiro.

Bragança: Cerveira de Albuquerque.

Moncorvo: João de Almeida Pessanha.

Ponte de Lima: Dr. Queiroz Vaz Guedes, Damião Lourenço Junior e Francisco de Abreu Coutinho.

Porto: Rodrigo Rodrigues, Augusto Nobre e José Alves Pimenta.

Vila Real: Antonio Ribeiro de Paiva Mourão.

Gaia: Domingos Cordeiro e dr. Bernardo Lucas.

Penafiel: Dr. Daniel Rodrigues.

Santo Tirso: Leão Meireles.

Aveiro: Julio de Sampaio Duarte.

Estarreja: Dr. Pedro Chaves.

Lamego: Dr. João de Deus Ramos.

Moimenta da Beira: Dr. João Barroso Dias.

Pinhel: Dr. Almeida Ribeiro.

Alcobaça: Almirante Ferreira do Amaral.

Torres Novas: Dr. Henrique de Vasconcelos.

Aldegalega: Luiz Derouet e Anibal Lucio de Azevedo.

Portalegre: Dr. Joaquim Portilheiro Junior.

Elvas: Dr. João Tierno.

Estremoz: Dr. Alberto Xavier.

Beja: Urbano Rodrigues.

Aljustrel: Antonio Santos Silva.

Funchal: João da Camara Pestana.

Lisboa: General Antonio Carvalhal, Luiz Filipe da Mata e Ricardo Covões.

BISPO-CONDE

Faleceu na quarta-feira, 19, na sua casa da Carregosa, o bispo-conde de Coimbra.

Por nos parecer interessante, dada a simpatia de que gosou no nosso distrito, damos, a titulo de curiosidade, a seguinte noticia:

O sr. D. Manoel Correia de Bastos Pina nasceu no logar da Costeira, freguezia de Carregosa, concelho de Oliveira d'Azemeis, a 19 de novembro de 1830. Foram seus pais o sr. Antonio Correia de Bastos Pina e a sr.ª D. Maria Joaquina da Silva.

Fez os seus primeiros estudos na sua terra natal, indo depois para Ilhavo estudar francez e logica com o dr. José Antonio Pereira Bilhano, que depois foi arcebispo de Evora. Daí foi para Coimbra, onde concluiu os seus estudos, matriculando-se no 1.º ano da faculdade de direito em 1838. Concluiu a sua formatnra, com muita distinção, em 1853.

Pouco depois foi nomeado secretario do bispo de Bragança, D. José Manoel de Lemos. Foi ordenado presbitero em 19 de fevereiro de 1854 e nomeado chantre da Sé de Bragança por decreto de 6 de dezembro do mesmo ano e vigario geral por provisão de 20 de janeiro de 1855. Em 5 de novembro do mesmo ano foi nomeado professor do Seminario Brigantino.

Sendo D. José Manoel de Lemos transferido para Vizeu, em 1856, o dr. Bastos Pina acompanhou-o, desempenhando ali os mesmos cargos. Transferido D. José Manoel de Lemos de Vizeu para Coimbra, em 1858, continuou a acompanha-lo. Em 1862 foi nomeado vigario capitular da *séde vacante* de Vizeu, nomeação que chegou a estabelecer cisma numa parte do bispado. Monsenhor Bastos Pina de tal fórma se houve que evitou que o cisma incipiente se generalisasse.

Deixando de exercer o cargo, com a nomeação de D. Antonio Alves Martins para bispo de Vizeu, no mesmo ano voltou para Coimbra a desempenhar o cargo de vigario geral.

Em 1865, achando-se muito doente D. José Manoel de Lemos, foi nomeado governador do bispado de Coimbra, começando desde logo a introduzir importantes reformas no seminario diocesano. Por decreto de 7 de janeiro de 1870 foi nomeado coadjutor e futuro sucessor do bispo de Coimbra, nomeação que mereceu as melhores referencias da imprensa local. Foi confirmado bispo de Coimbra, pelo consistorio, em 22 de dezembro de 1871.

No dia 14 de janeiro de 1872 realisou-se na Sé Catedral um solene *Te-Deum*, em ação de graças pela confirmação do bispo-conde, não havendo então memoria em Coimbra de ter-se realisado um ato tão concorrido e que tanta simpatia inspirasse.

A 19 de maio de 1872 realisou-se a sua sagração, sendo o ato luzidissimo. Foi sagrante o bispo de Bragança, por ser o prelado mais antigo, e assistentes o bispo resignatario de Angola e o bispo do Porto.

Em obediencia á recomendação de Leão XIII, creou o bispo-conde, em 1879, uma cadeira de filosofia de S. Tomaz, no seminario diocesano, e cuja regencia foi confiada ao lente da faculdade de teologia, dr. Luiz Maria da Silva Ramos, fundando por essa ocasião a Academia de S. Tomaz e promovendo sessões literarias, que, com enorme brilho, foram realisadas no seminario durante muitos anos.

Esta academia teve em 1883 um orgão na imprensa, as *Instituições Cristãs*.

Em 1886, Leão XIII elevou o bispo-conde á dignidade de bispo assistente ao Solio Pontificio, honra conferida sómente aos prelados tidos em maior consideração.

Juntando o produto de uma subscrição destinada a uma cruz peitoral, com que o clero de Coimbra celebrava as suas bodas de prata, ao produto de outra subscrição para os inundados, fundou um bairro operario, onde teem sido albergados alguns trabalhadores necessitados. Deve-se tambem á sua unica iniciativa a creação do Tesouro da Sé, rico museu da arte sacra.

Reorganisou o colegio de Santa Joana, em Aveiro, e contribuiu poderosamente para a conservação de um grande numero de templos, entre os quaes se conta a Sé Velha.

Era socio da Real Academia de Historia, de Madrid.

Liberal por temperamento, o snr. Bispo-conde foi um amigo dos pobres, e faz falta ao clero, de que era o mais brilhante ornamento.

Seja dito em abono da verdade.

GAZETILHA

=2.ª=

Mas um dia é que são elas,
Caíu o Carmo e a Trindade,
Saltou alguem ás canelas
Do cara de feijão frade,
Descobrindo-lhe as mazelas.

Quem vem a ser esse alguem
Que ataca assim de surpreza
O pa reca Jã-Ninguem?
E' o filho que, com firmeza,
Levanta o nome da mãi.

Borra-se o padre de mêdo
Ouvindo o filho falar;
Mete-se em casa mui quêdo
E o filho sempre a bramar,
Descobrindo-lhe o segrêdo...

«Ah! meu grande javalí!
— Diz o filho cá da rua —
Quer's negar que estás aí,
Que esta cara não é tua
E que a vida devo-a a ti?»

Açorrague.

Transcrições

A Folha, jornal açoreano, transcreveu os sonetos *Hontem* e *Hoje*, de Gomos Monteiro; e a *Educação Escolar*, do Porto, transcreveu o ultimo artigo *Pinceladas*, do nosso colaborador Manoel José Antonio.

Poetas e Prosadôres

A'MANHÃ

E ámanhã que serei ? Uma campina
Toda bordada de singelas flôres
Onde, graciosa, a estrela matutina
Despeje amêmos, siderais frescôres.

Já não serei a treva viperina
Toda coberta a lividos terrores
E, soluçante, em hora vespertina,
A multidão não chorará de dôres.

As criancinhas brincarão felizes
Por sobre os prados de gracís matizes,
Será bem grato então nosso viver...

A Razão erguerá brado potente
E a multidão dirá, altivamente:
—Somos ditosos; já sabemos lêr !

Lisboa, 1—IX—1913.

Gomes Monteiro.

Mais notas

Manifestações

No Brazil um comerciante daquela republica deu um jantar abundante em honra da politica portugueza. Achamos bem que o patriotismo dos nossos se manifeste lá fóra. Mas entendemos que, emquanto uns comem até mais não puder, não é justo que outros estendam, por aí, a mão á caridade publica. Egualdade, onde vens tu ainda !...

Governador civil

Perguntam-nos alguns leitores se o governador civil do distrito está em ferias. Não sabemos. E certo que ha muito tempo não ouvimos falar de sua ex.ª, mas crêmos que está de perfeita saude. Assim mesmo é que é. Mudo e quedo, e quem tem pressa vá andando.

Não ha nada como é ser dado á boa paz.

A pinga do snr. prior

Que é deliciosa a *pinga* do snr. prior, vinham dizendo, rua abaixo, no domingo, alguns eleitores cá do burgo. Acreditámos. O snr. prior sabe bem da *póda*. Da *póda* e... da vindima.

Se o nosso director fosse rapaz dado a esturdias, convida-lo-iamos a ir ali acima á adega do snr prior. Havia de gostar. O snr. prior é bom *rapaz*. Não reparou o leitor ainda que ele anda sempre a rir, a rir muito? Principalmente quando passa ali em baixo e olha para a taboleta da nossa redação. E' como se olhasse para a *Luz* da noite. Ele é tão nosso amigo !...

Quem não hade dar-lhe o voto! Ele tem tão bôa pinga !

No concêlho

A autoridade administrativa de Montemór-o-Velho vai fazêr notificação a todos os galopins eleitorais que andaram por aí mendigando votos pelos processos monarquicos. Em Arazêde já alguns fôram notificados por esse motivo.

Achamos bem a medida, e bom será que ela sirva de lição no futuro.

Instrução Militar Preparatoria

Por nos ser pedido e por conter doutrina de interesse publico, publicamos a seguinte circular que foi distribuida aos professores do circulo da Figueira da Foz pelo capitão de infantaria, snr. Pestana Lopes:

Devendo começar brevemente o novo ano escolar e bem assim a instrução militar preparatoria do 1.º grau, em cumprimento do n.º 2.º do art.º 3 do Decreto de 4 de junho ultimo inserto na O. E. N. 8 (1.ª série), exponho a V. Ex.ª a orientação a seguir na instrução militar preparatoria do 1.º grau, esperando do patriotismo e do amor ao trabalho de todos os professores que no fim do ano os resultados obtidos sejam bastante apreciaveis

E' a escola primaria a base para o progresso e desenvolvimento da Patria que nós amamos e por isso todo o trabalho que a ela se dedique é um trabalho patriotico.

Atualmente, que se olha com mais algum amôr pela escola primaria, compete aos professores, pelo seu trabalho e dedicação, mostrar bem á evidencia o valor da escola, quer na instrução quer na educação do povo.

E' a escola primaria que fórma o caráter da criança e, portanto, o do homem do futuro, e nesse trabalho não póde o professor esperar atualmente o auxilio da familia, que tanto era para desejar, visto que os paes, na sua maioria analfabetos e mal educados, não poderão por emquanto cooperar na educação.

Assim, o professor, contando só com o seu trabalho, terá que desenvolver uma grande soma de energia para ser o educador não só dos seus alunos como dos proprios paes, não devendo portanto limitar o seu esforço ás horas das aulas e sim aproveitar todas as ocasiões para incutir no povo da sua aldeia os principios da educação, sendo o seu orientador, empregando para isso a persistencia, a persuasão e o exemplo, qualidades que o bom educador precisa possuir.

O professor que conseguir ter o povo da sua aldeia conscio dos seus deveres e direitos póde orgulhar-se de ter prestado um alto serviço á sua Patria e, como tal, com jus ao respeito e consideração dos seus concidadãos.

A instrução militar preparatoria, quer do 1.º quer do 2.º grau, tendo por fim preparar os mancebos para, ao serem chamados ao serviço militar, estarem os verdadeiros cidadãos conscios das suas obrigações civicas e com o desenvolvimento fisico necessario a serem uns bons soldados, não póde por isso deixar de merecer de todas as pessoas a maior atenção e dedicação, pois ela fará com que de futuro o povo portuguez ocupe o logar que deverá ocupar no conceito das nações.

Esta instrução consta, no 1.º grau, de tres partes: educação civica, ginastica e canto coral.

Na parte educativa não deve o professor ensinar aos seus alunos os deveres militares, como alguns no ano findo fizeram, deveres estes que aos mancebos serão ensinados quando chamados a prestar o serviço militar, mas sim desenvolver no aluno o amôr da Patria; o respeito pelos simbolos da Patria; a obediencia ás leis; o respeito pela autoridade; a beneficencia; a dedicação pelos seus semelhantes; o respeito pela propriedade alheia, pela liberdade, reputação e honra de outrem; o respeito, obediencia e assistencia aos paes; o respeito pela velhice; e bem assim, os deveres para comsigo, como limpeza, temperança, trabalho, economia, ordem, coragem, prudencia, respeito pela palavra dada, a honra e dignidade pessoal, etc.; pois estes é que são os deveres que todos devem conhecer—militares e civis.

Os deveres militares faceis são de cumprir a quem cumpria já os deveres geraes de cidadão.

Na 2.ª parte: (desenvolvimento fisico) deve o professor dividir os mancebos pelo menos em duas classes: uma dos 7 aos 9 anos inclusivé, outra dos 10 aos 14 anos nos alunos da escola. Aqueles que não frequentam a escola deverão ser divididos tambem em duas classes, uma dos 10 aos 13 anos e outra dos 14 aos 16.

A ginastica a ensinar deve ser a racional, cujo manual brevemente será enviado aos professores.

Esta ginastica, tendo por base a correção das posições fundamentaes e a sua conservação durante qual quer exercicio, obriga, portanto, para algum resultado se tirar, que a atenção do professor se fixe em o exercicio ser feito, conservando as referidas posições fundamentaes, não devendo portanto mandar fazer exercicios compostos sem que os simples sejam executados na maior perfeição.

O professor não deve preocupar-se com o ensino de exercicios de aparato que nenhuma utilidade teem, principalmente quando mal executados.

Como meio empregado no desenvolvimento dos alunos, bom será que o professor lhes incuta o gosto pelos jogos deportiros, ensinando-lhes jogos escolares na ocasião do recreio, jogos que cáiam no agrado d'eles. Estes jogos estão infelizmente sendo pouco usados actualmente pelos mancebos e sendo substituidos por jogos de azar que nenhuma utilidade teem e são perniciosos á educação civica dos povos.

As caracteriticas das lições de ginastica são:

1.ª—Completa, isto é, exercitando todo o corpo:

2.ª — Progressiva, aumentando gradualmente de intensidade;

3.ª — Higienica, executada nas condições mais favoraveis ao organismo;

4.ª—Recreativa, afim de conseguir do aluno a boa vontade e gosto que são uns ótimos factores no bom exito.

A primeiras lições devem ser constituidas apenas por exercicios de respiração, exercicios d'ordem e posição inicial de pé e exercicios preparatorios.

Nas subsequentes lições deve-se ir introduzindo os exercicios fundamentaes pela seguinte ordem:

Exercicios: de pernas e braços, de extensão dorsal, de suspensão e de equilibrio (caso haja aparelhos), de marcha, de dorsaes, de abdominaes e lateraes.

Saltos.

Exercicios calmantes da respiração.

Os exercicos de pernas e braços dada a sua acção fisiologica (derivativa) devem ser intercalados na lição logo que se execute um exercicio que congestione o cerebro.

Em seguida a exercicios que acelerem a respiração e circulação, executar-se-ão movimentos respiratorios ritmados por movimentos de braços.

A lição torna-se progressiva por qualquer das fórmas:

1.ª—Executando o mesmo movimento em posições iniciaes mais dificeis;

2.ª—Pelo aumento da amplitude, correção e velocidade;

3.ª—Executando maior numero de vezes o mesmo exercicio;

4.ª—Combinando exercicios que ponham em ação diferentes partes do corpo.

A lição é higienica respeitando as seguintes prescrições:

1.ª— Sempre que o tempo permitir executar as lições ao ar livre e quando não haja inconveniente, nus da cintura para cima; não conservando, porém, as escolas voltadas para o sol ou expostas ao vento frio.

2.ª—A duração das lições deve ser de 45 a 60 minutos, executadas 3 horas depois do almoço e meia hora antes do jantar (visto os alunos entrarem na escola depois das 9 horas, porque, de contrario, conviria que as lições tivessem logar antes do almoço).

3.ª—Não permitindo o tempo a ginastica a dorso nú, não se deve comtudo permitir aos alunos fatos que lhe dificultem os movimentos, o que prejudica o desenvolvimento racional.

Na 3.ª parte os professores deverão empregar os seus exforços para que todos os alunos saibam entoar pelo menos o hino nacional e das escolas.

Nos mezes de maio e junho a Inspeção de Infantaria da 5.ª Divisão do Exercito tenciona organisar festas escolares desportivas em todos os concelhos da divisão, contando para isso com o auxilio e coadjuvação de todos os professores e dos corpos administrativos para que elas tenham o maior exito.

Publicações recebidas

Almanaque Ilustrado da «Educação Nacional» — Porto — Preço: 20 centavos. — E' um dos melhores almanaques publicados, contendo uma agenda para notas, escolhidos trechos literarios e uma larga secção pedagogica para uso dos professores primarios, onde se acha colecionada toda a legislação ultimamente saida.

Agradecemos a oferta dum exemplar.

CARTA DE LISBOA

FOLHA ERRANTE:

Apareceu, cá na cidade,
Um seguidor de Jesus
Que, com toda a humanidade,
Dissipava a enfermidade
E á cegueira dava luz.

Se eu soubesse dessa pura
Fonte d'aguas milagreiras,
Iria lá com ternura
Para que me désse cura
A' minha dôr de... algibeiras !

CRISTO II

Foi preso, nesta cidade, um cidadão espanhol que, dizendo-se inspirado por Jesus, se ocupava fazendo milagres, curando toda a casta de enfermidades.

Os medicos alfacinhas protestaram e o pobre visionario lá foi parar á gaiola, donde saiu mediante uma fiança de cem escudos.

Se nos tempos de Herodes não se podia ser Cristo, hoje, em pleno seculo das luzes, muito menos...

UMA ADVOGADA

A Mulher triunfa em toda a linha, salvo seja !

Ha dias, apareceu, pela primeira vez, nos tribunais da capital uma senhora, habilitada com o curso da faculdade de direito, a tomar parte numa audiencia.

D. Regina Quintanilha (assim se chama a gentil advogada) conta a poetica idade de vinte primaveras e possue um dom de palavra irrefutavel.

As mulheres avançam assustadoramente. Cortam-lhes o *direito natural?* Embora. Elas usam, com vantagem, o *direito artificial* e pódem fazer gréve... conjugalmente.

FALA O POVO

No passado domingo, o povo português manifestou a força indomavel da sua vontade, comparecendo á urna eleitoral

Em Lisboa, como em todo país, as eleições correram ordeiramente, pacificamente, ao contrario das aleivosías do snr. Antonio Zé, que afirmava no orgão do seu partido que os democraticos eram desordeiros por instinto.

O governo venceu em toda a linha, ficando provado, por uma forma altiva e terminante, que governa com a vontade do povo.

Ora, perante uma derrota assim vexatoria e humilhadora, que deveria fazer a oposição? Curvar-se aos fados, resignar-se. Mas não, o snr. Antonio Zé, que ainda ha pouco entrevistado por um jornalista estrangeiro, teve esse gésto de *renegado* cuspindo sobre o bom nome da sua patria, estampa em tipo garrafal no seu diario: «O principal significado dessas eleições é a abstenção do eleitorado, traduzindo uma lamentavel indiferença pela Republica».

Indiferença pela Republica ?!

Ah! sim, compreendemos o chefe evolucionista, e nem mesmo nos admiraremos se S. Ex.ª fôr amanhã conspirar para a Galiza.

Evoluções do seu *evolucionismo*...

CHOQUE DE ELÉTRICOS

Em Alcantara, no passado domingo, chocaram-se dois elétricos que originaram a morte a um passageiro e graves ferimentos a varios outros. O aspéto dos destroços era horrivel, simplesmente.

O serviço dos socorros foi prontamente prestado pelos Bombeiros Voluntarios Lisbonenses que foram duma dedicação inexcedivel.

Como a eletro-terapeutica está adiantada! Inegavelmente... *le monde marche*...

CIVILIDADE POLICIAL

Ha dias, seguia, pelo Bairro Alto, um policia acompanhando uma mulher toda ensanguentada. Um transeunte, como parásse a *destorcer a fita*, foi provocadoramente interrogado pelo civico: «Que tem, você, que estar a olhar?» ao que o interpelado respondeu: «Não sabia que era proibido olhar». Tanto bastou para que o policia rapasse do *chanfalho* e fizesse do costado do pobre curioso o bombo duma festa.

O agredido recolheu ao hospital.

Abençoado país, onde os proprios policias são professores massagistas, por modicos preços, ao alcance de todas as bolsas !

EVOLUÇÕES DE BEIQA

Na minha aldeia dá-se vulgarmente o nome de *beiça* á cara de condenado que o vencido eleitoral costuma fazer.

Ora, eu sempre gostei de *beiça* que, anatomicamente falando, é um pedaço de carne de boi, saborosissima, mas... como aqui, em Lisboa, toma o nome de *fressura* e *fressura* é, no puro calão, *amor lesbio*... abstenho-me como os partidarios do snr. Antonio Zé, por indiferença.

Nitrato.

Noticias

O *Diario do Governo* inseriu um decreto determinando que nos proximos futuros anos nenhum aluno seja admitido á matricula nos estabelecimentos de ensino dependentes do ministerio de instrução publica fóra do prazo legal.

Parece que as novas eleições gerais se efectuarão em julho do ano proximo.

O governo Afonso Costa conta ter na camara uma maioria de cêrca de 40 votos.

As danças atualmente em moda em Paris, são: o tango, o maxixe e o *dandy-step*, ultima creação da dança.

A Belgica pediu á França que subscrevesse 500 milhões para o emprestimo belga de um milhar. O governo francez, que tenciona contrair um emprestimo de milhão e meio, respondeu que não era ocasião.

Foi eleito maire de Battersea, importante arrabalde de Londres, sabem quem? O mulato snr. Archer. E' o primeiro caso que se dá na historia do povo inglez. O eleito, discursando, orgulhou-se de ser mulato, acrescentando que a sua eleição constituia um verdadeiro acontecimento historico.

Na legação de Portugal em Bangkok (Siam), foi comemorado o 3.º aniversario da proclamação da Republica Portuguêsa.

Fez na quinta-feira 7 anos que os snrs. drs. Afonso Costa, Antonio José d'Almeida, Alexandre Braga e João de Menezes fôram expulsos da camara dos deputados, por acusarem o rei Carlos de receber adiantamentos ilegais.

Valor da nova moeda

Um escudo ou avo de ouro (1$000 rs.) divide-se em 100 centavos:

1/4 centavo equivale a		2 1/2 réis
1/2 centavo	»	5 »
1 centavo	»	10 »
2 centavos	»	20 »
5 centavos	»	50 »
10 centavos	»	100 »
20 centavos	»	200 »
50 centavos	»	500 »
1 escudo (100 centavos) equivale a...		1$000 »
2 escudos (200 centavos) equivale a...		2$000 »
5 escudos (500 centavos) equivale a...		5$000 »

ANUNCIOS

Azeite

Compra-se grande ou pequena porção de azeite, isto é, todo o que fôr oferecido.

Quem quizer vender, dirija-se a **Melo & Martins**, *Pampilhosa do Botão*, junto ao caminho de ferro.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSOES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.
Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.
Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

Relojoaria Probidade

— DE —

Saul Bahia

Encarrega-se de todo e qualquer trabalho em joias, relogios e gramofones de qualquer sistema, garantindo a sua perfeição.
Tambem possue artigos pertencentes aos objectos acima mencionados.

Rua Henrique Dias, n.º 41

S. PAULO — BRAZIL

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

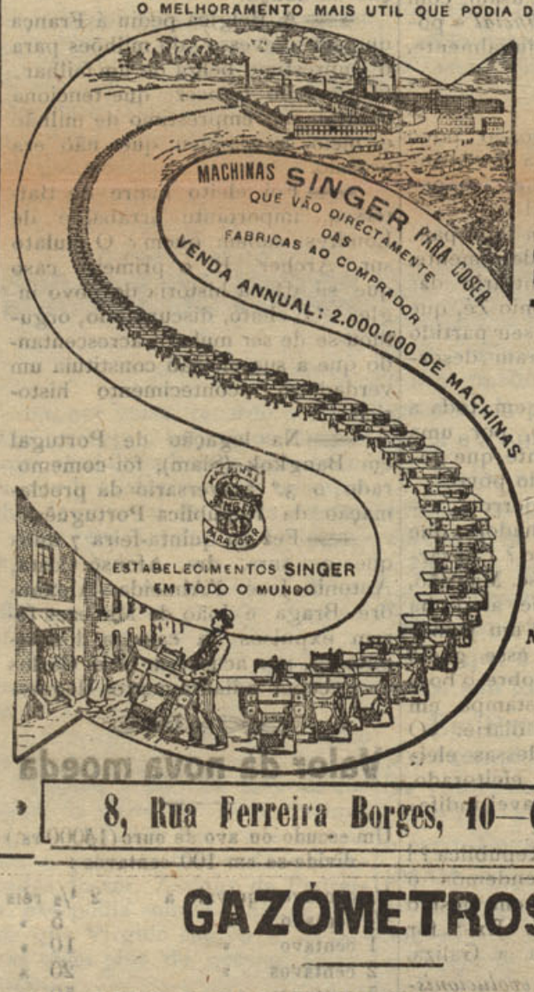
Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**
Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:
1$000
1$200
1$500

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.
O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.
Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

CASA HAVANESA

16 — Rua Ferreira Borges — 18

COIMBRA

Sortido completo em tabacos, papelaria e perfumarias. Molduras para quadros e galerias, o que ha de mais moderno. Artigos para desenho, pintura a oleo, aguarela, foto-miniatura e pirogravura.

BILHETES DE VISITA

Novidades para brindes, artigos de viagem e toilette etc.

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.
Preços limitados.
Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218
FIGUEIRA DA FOZ
ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.
Sucursal na Praça das Galinhas
ABRANTES & GENRO
LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

Companhia de Seguros
A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz
Antonio d'Oliveira Guerra
RUA DA REPUBLICA, 84

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL
Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO
(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.
Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.
40—Rua 11 de Setembro—42
FIGUEIRA DA FOZ

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO
(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.
Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade e tem pessoal completamente habilitado.
As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.
Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.
Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.
Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

MELO & MARTINS

Com armazem de adubos quimicos, sulfato de cobre, enxofre e cal para construções

Deposito de gazolina

Endereço postal e telegrafico:

PAMPILHOSA DO BOTAO

São nossos representantes em Mortagua:

NA POVOA, o snr. José Paulo
NA ESTAÇÃO, o snr. José Tomaz.

MURALINE — Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 2.° Arazêde, 30 de Novembro de 1913 N.° 93

CORREIO 1.DEZ.13 COIMBRA

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os originais, quere sejam ou não publicados. Não se aceitam informações anónimas.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

Portugal e Colonias Portuguezas—Ano 120 centavos; semestre, 60 centavos trismestre, 30 centavos.
Brazil — Ano, 2 escudos.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO

Redactôr e editor — ALMEIDA JUNIOR

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Redação e Administração — ARAZÊDE

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

Biblioteca da Universidade Coimbra S. R.

Democracía em esbôço

Vai-se estabelecendo entre nós uma corrente que tende a fortificar a fórmula de ha muito posta para garantia e prosperidade das nações que desejam caminhar na vanguarda da civilisação. Essa formula que consiste em *fazer progredir os povos por meio duma consciente democratisação*, encontra esteio na nossa sociedade que felizmente ha de acordar do letargo em que ha muito se acha mergulhada.

E' principio asseote que um país democratico, norteado por governos de feição democratica, é um país com seguras probabilidades de possuir uma remuneradora vida economica e uma equilibrada e harmónica vida politica.

Que ha de fazer, porém, a democracia no país? Eis um ponto que, á primeira vista, parece ter solução dificil, por sêr o ponto básico da questão. E todavia nada mais simples de resolver. A democracia ha de fazê-la o professor primario bastantemente preparado e todos os educadores desapaixonados que saibam ensinar o povo a pensar livremente. Nada de imposições, nada de desvios da linha directriz do pensamento nacional.

Um corpo a rolar numa estrada não deve, para girar normalmente e em linha recta, encontrar dos lados outros corpos que aos encontrões pretendam fazê-lo caminhar. Do mesmo modo o país, para entrar de vês na linha do progresso, isto é, para se saber dirigir, para se apoiar numa opinião sua, independente de opiniões alheias, não deve ter dos lados oposições que, sem fazes racionais, tentem conduzi-lo para onde ele não quere ir. Deixar que o país decida por si só em todas as questões de interesse nacional, que são precisamente aquelas que lhe dizem respeito e cujos resultados têm de recair nele proprio — eis o dever daqueles que têm por missão dirigi-lo, ou melhor, que têm a seu cargo orientá-lo.

Dêmos plêna liberdade ao país para pensar, para agir, para discutir problêmas gerais, para fazer a vida nacional — e teremos feita a democracia em Portugal, que é a expressão mais larga do pensamento republicano.

Por emquanto, está essa democracia apenas em esbôço, visto que se vão cavando ao menos os alicerces sobre que ela ha de assentar e elevar-se grandiosa, firme e indestrutivel como nós queremos que seja para completa felicidade e riqueza desta patria, nem sempre engrandecida pela insanía de muitos de seus filhos.

NOTAS

Verdades

O snr. Vidal Oudinot, inspector escolar, entrevistado ha dias pelo *Mundo* sobre assuntos de instrução, disse que o unico agente capaz de democratisar o povo das aldeias é o professor primario; que este humilde obreiro da civilisação se acha mal remunerado; que convinha que o ministro da instrução se lembrasse dos párias do ensino e organisasse as inspecções, de maneira a poderem desempenhar cabalmente a sua missão.

Muitas mais coisas disse o snr. Oudinot, que vibraram no grande diario da capital como ouro de lei.

Mas quando é que as verdades flagrantes proclamadas pelo snr. Vidal Oudinot se hão de traduzir em factos concretos? Aguardêmos mais uma eternidade...

Tadinhos!

Lê-se nos *Ridiculos* esta nota:

Em Arazede aderiu ao partido democratico o snr. Augusto Baia.
Já estavam precisadinhos!

Quem chamou para o caso a atenção dos *Ridiculos*? Ha certos evolucionistas arazedenses que não podem contêr a sua sanha, e depois... mandam soprar.

O snr. prior

Escreve-nos um amigo e diz-nos que o snr, prior Larangeiro se riu muito, muito, abrindo muito a boca e mostrando todos os dentes que... não tem, ao lêr a nossa *nota* do numero passado.

Acreditamos. Diz-nos mais o nosso informador, que o padre só lê o *Dever* quando vae para a cama. Diz que é para adormecer mais depressa. Tambem acreditamos, porque o mesmo acontece comnosco, quando nos pômos a lêr a *biblia*. Dá-nos logo o sôno.

E' levado do diabo, o snr. prior. Anda sempre a rir...

Buzinas

Ha dias um gaudarez, entrando numa farmacia cá do burgo, com as mãos na barriga, grita pelo dono da mostarda. Vem de lá o homem a correr, e traz, distraídamente, na mão a buzina dum automovel, ou coisa que o valha.

E o pobre gaudarez, muito aflito, põe-se a fugir. Diz que queria pápas de linhaça, porque buzina por buzina, tinha lá em casa a buzina da mulher, que era mesmo uma carraça a buzinar-lhe aos ouvidos todas as vezes que ele chegava ao pé dela com um grão na aza. E o homem teve que marchar para outra freguezia, porque, em vez de pápas vendiam-lhe... buzinas...

1.° de Dezembro

Passa amanhã mais um aniversario da independencia de Portugal. Por toda a parte é dia de festa. Com efeito, é nobre o sentimento portuguez que festeja com júbilo justificado a data da sua emancipação, da sua libertação. Em quanto houver patrias e humanidade consciente, serão sempre bem-vindas e bem queridas festas desta natureza.

Pômo amargo

(A certo padre)

Hoje que um novo sol imaculado nasce
Na curva horisontal dum hemisferio inteiro,
Roupeta, tambem eu quero lançar-te em face
O meu despreso atrós, mas réto e justiceiro.
E, qual macaco vil,
Vou expôr-te ao zombar da multidão hostil:

As *laranjeiras* dão uns frutos saborosos
Emquanto tu, meu traste, esvurmas baba e pús,
E, mostrando boçal os dentes verminosos,
Em hostias vais mordendo o corpo de Jesus,
Que em terras de Salem
Expirou, numa cruz, como um João-Ninguem!

Serás irmão da hiena? Oh! não. A fera alvar
Acoberta no peito afétos paternais,
Emquanto tu, meu pulha, expulsas do teu lar
O fruto dos teus vis apetites carnais,
Improprios de infelizes
Que fazem seu viver das pobres meretrizes.

Nós só teremos paz que em nossos dias falha,
(Embora enraivecido e estupido me ladres),
Quando nas tripas más do ultimo canalha
A justiça enforcar o ultimo dos padres,
O pulha jesuita
Que segue a negra seita em rotina maldita.

Não mais veremos mau, infame e venenoso
O roupeta ferós, impune a gargalhar,
E não veremos mais, ignobil, rancorôso,
O servo de Jesus que cospe no altar
E antes do sol abrir
A missa vai dizer ébrio, quasi a cair!

Mas, vê o que te espera, ó rapôso daninho,
Nêsse manso logar de que vigario és:
Uma sã despedida a cavalo marinho
Acompanhada a bons e fortes pontapés!
E terás terminado
O teu pulhismo atrós entre esse povo honrado.

Lisboa, 25—XI—1913.

Gomes Monteiro.

Secção politica

OS CHEFES

Por nos parecer interessante transcrevemos, com a devida vénia, o seguinte pedaço de prosa, inserida no nosso colega portuense, o *Diario do Norte*:

Ninguem põe em duvida que tanto o sr. dr. Antonio José d'Almeida como o sr. dr. Afonso Costa são dois insofismaveis, sólidos, autenticos republicanos. Pessoalmente creio-os a ambos duas creaturas excelentes, uma a melhor do Mundo, outra a melhor da Republica, e do sr. dr. Antonio José de Almeida tenho mesmo ouvido que a bondade e a candura são dois pontos essenciais do seu programa politico. Com similhantes predicados de coração e de caracter, para empregar o nobre estilo das noticias de casamento, o sr. dr. Antonio José de Almeida é incapaz de guardar rancores, alimentar odios, exercer vinganças, e outro tanto é licito pensar-se do sr. dr. Afonso Costa, que se tiver de dirigir-se ao sr. dr. Antonio José de Almeida nunca o fará sem lhe desejar oficial e cordealmente — Saude e Fraternidade.

Sendo assim, porque é que tanto se guerreiam? Que diferença ha entre partido democratico e partido evolucionista, ambos republicanissimos e portanto defendendo o mesmo ideal verdadeiro? E se defendem o mesmo ideal verdadeiro, porque constituem dois partidos distintos?

Ai está uma das poucas perguntas a que, apesar de se tratar de politica, não é dificil responder. O partido democratico difere do evolucionista apenas neste ponto do seu laconico programa.

Art. 1.° — Emquanto estiver no Poder o sr. dr. Antonio José de Almeida, tudo irá sistematicamente mal.

§ *unico* — Fica se entendendo que emquanto o mesmo poder estiver nas mãos do sr. dr. Afonso Costa, tudo irá impreterivelmente bem.

Por seu lado o partido evolucionista inscreve:

Art. 1.° — Emquanto estiver no Poder o sr. dr. Afonso Costa, tudo marchará horrivelmente.

§ *unico* — Para os efeitos do artigo antecedente, compreende-se que emquanto o Poder estiver entregue ao sr. dr. Antonio José de Almeida tudo irá pelo melhor e no melhor dos mundos possiveis.

Mas além dos partidos do sr. dr. Antonio José de Almeida e Afonso Costa ha tambem o do sr. dr. Brito Camacho. Talqualmente acontece com os dois oradores precedentes, o sr. dr. Brito Camacho é um republicano indiscutivel, historico como a propria Historia, cheio de bons e leais serviços, e fiel depositario dum grande amor á Republica. Nestas circunstancias, porque tambem se distancia dos dois correligionarios? E em que é que o seu partido se difere dos antecedentes?

O sr. dr. Brito Camacho é um homem sereno, moderado, dos de ir pouco ás do cabo, como vão os srs. drs. Afonso Costa e Almeida; qual é portanto o numero do seu programa que lhe individualisa o partido? Pela boa logica das coisas não pode ser outro senão este:

Art. 1.°—Emquanto estiverem no Poder os srs. drs. Afonso Costa e Antonio José d'Almeida, nada irá bem nem mal, antes pelo contrario.

§ *unico*—Confiado o mesmo Poder ao sr. dr. Brito Camacho, nada irá mal nem bem, antes pelo mesmo adjectivo.

Será isto? Se é, não deixa de ser bem lamentavel que por tão pequenas diferenças não sejamos antes todos simplesmente—republicanos.

Guedes de Oliveira.

CRÓNICA DE LISBOA

To-be or not to-be?

Volto á carga, meu caro adversario e sr. Larcher, conciso que como epilogo do nosso recontro teremos a santa paz dum amigavel acordo.

Reparai em volta: para vós o apoio valioso dos corações femininos que nos lêem, para mim o odio inveterado dos mesmos corações.

Já vêdes que a minha situação é mais precaria, infinitamente mais fraca.

Mas embainhar a espada inda não tinta de sangue? Não, isso nunca! Se assim usasse o genio da guerra, que foi Napoleão, não teria a engrinaldar-lhe a fronte os loureis imarcessiveis de Iena, Wagram, Marengo ou Austerlitz.

Continuemos, pois.

Reparei que no vosso artigo não mais voltaste a usar a frase que se tornou o pomo da discordia: *os portuguezes amam mais e melhor*. Disseste—emendando, talvez—*que os portuguezes sabem amar e amar muito*, o que faz diferença, muitissima diferença.

Para se roubar o tradicional sentimentalismo á Italia, a essa bela Italia em cujas auras andam dispersos, ainda, gemidos do sublime Petrarca, soluços do excelso Dante, seria necessario um coração de salteador de estrada, os instintos crueis dum bandoleiro vil.

Cuspir sobre as amorosas doçuras desse canteiro florido dum ceu azul tão lindo, irmão do nosso, em cujas aras a lenda enflorou os nomes de Paolo e Francesca, Romeu e Julieta, seria como quem roubasse á virgem imaculada as sagradas primicias reservadas ao trovador dos seus sonhos.

Ora o meu amavel adversario, embora apoderado por um grande patriotismo saudosista, deve concordar que a Italia é sentimental e não nos assiste o direito de nos colocarmos na vanguarda dessas questões, por demasia amorudas.

Quando muito, egualarmo-nos e... andar com sorte!

E depois, dizeis vós, que nós portuguêses não fazemos amôr mas namoramos, como se n'essa estafada formalidade social, que principia por uma cartinha em papel *royal saphir* e termina por um vulgarissimo arrufo de bichános, se

traduziu amôr ou coisa semelhante.

Sem embargo, sei bem, imensamente bem, que sempre existe uma excéção e mesmo me curvo a acreditar que neste lindo jardim florescente se ama sinceramente, mas, meu presado antagonista, 35 por cento, quando muito!

Os portuguêses são sentimentais por natureza—sabemo-lo bem—e não sou eu que vá abocanhar o sentimentalismo aos filhos deste querido paiz, onde até os padres expulsam de casa os filhos dos seus amores para assim encobrirem as suas malandrices.

Dir-me-eis que são nodoas negras, muito vulgares na historia de todos os paizes?

Diabo! á força de tanta nodoa, já era tempo de empregar o fato em rodilhas de cosinha.

Se vós me provasseis que em Portugal pairava esse divino Eros de azas brancas, muito brancas, dulcificando corações; que esses bailes de *élite*, onde as donzelas anemicas e cloroticas rodopiam num raivoso furor de cadelas insaciadas, são raros, muito raros; se vós, emfim, me provasseis que o amor neste paiz era puro como os anjos, imaculado como as brancas açucenas, então, sim, Portugal seria amoroso por excelencia e em vez de vos estar agora a importunar com a minha prosa incolor, estaria sorvendo a longos haustos o perfume dumas carnes virginais de joven sedutora.

Mas, não... São nodoas para a historia de todos os paizes, vós mesmo o confessastes, e não vejo, portanto, em que a nossa patria leve a palma ás demais nações.

Que os portugueses *saibam amar e amar muito* é natural, todavia, o que é inacreditavel é que *amem mais e melhor*.

Dizeis, ainda, que Camões não precisou da inspiração italiana para ser o principe dos poetas portuguêses.

Comquanto isso seja uma grande verdade, devemos concordar que Camões estudou n'um tempo em que as letras estavam sob o influxo da escola que Sá de Miranda fundou após os vastos conhecimentos que trouxe dessa linda Italia, e se essa mesma escola lhe não tivesse guiado os primeiros passos, o épico sublime não teria reunido em si uma literatura inteira, como disse Schlegel. O mesmo vos teria acontecido: se vos não tivessem enviado á escola, vós não poderieis expandir o vosso verbo incisivo, nem eu, misero competidor, fruiria o prazer de me encontrar, frente a frente, com um adversario tão honesto e tão delicado.

Terminarei por dizer-vos que Portugal é terra de poetas, e aqui, na França, ou em casa de Satan defenderei o bom nome da minha querida patria, sem para isso me servir de dotes que ela não possue.

O que tem lhe basta, felizmente...

Gomes Monteiro.

Coisas simples

Data histórica

Passa segunda-feira o aniversario da restauração de Portugal, celebra-se a festa da Independencia e da Bandeira.

A data do 1.º de dezembro de 1640 é um dos gloriosos padrões que marcam *étapes* na nossa historia e deu-lhe complemento ao significado a festa realisada em 1 de dezembro de 1911. Na primeira um povo cansado da escravidão ao paiz estranho parte algemas e atira, num arranco de hercúlea fôrça, a grilheta ás faces do opressor; na segunda o povo saúda uma nova Bandeira, simbolo de uma nova Patria.

Portugal quere viver. Tem um passado de gloria em que assêntam trofeus imorredouros. Trabalhêmos por ele. Inoculêmos nas crianças o amôr pela Patria; as mães que ensinem aos filhos nas préces que lhes mandam rezar.

Em vez de caminharmos para a almejada Paz universal só antevemos escuros horisontes. E' que os grandes estados cubiçosos do que os outros teem de bom, espreitam a presa com olhar de lince, com fôrça de leão.

Ainda ha pouco se propalou que a Espanha, a nossa rival de todos os tempos, fizera um tratado com a França no qual havia um artigo bem pouco honroso para nós. E' sabido que Alemanha e Inglaterra fazem acordos ácêrca das nossas riquissimas possessões africanas. Estes factos são bem fracos sintomas de uma eventualidade futura...

Na memoria das gerações da actualidade deve estar ainda patente a lembrança do *ultimatum* de 1891 que tanto patriotismo desenvolveu, que tanto ateou a chama do brio nacional. Pois não queira esse mesmo povo deixar-se abater no presente. Antes morrer que deixar fraccionar a nossa autonomia territorial e politica.

Nesta data de 1 de dezembro, agora proxima, que nas escolas se façam prelecções ás crianças e que as mães se não esqueçam dos exemplos que ilustres mulheres portuguezas lhes deixáram nas paginas da historia patria.

Queremos Portugal livre.

Uma patria feliz, altiva e generosa.

25 de novembro de 1913.

Aurea Judit Amaral.

Horas d'insónia

Nem só os párias passam maus quartos d'hora. Muito embora sejam os mais desgraçados de toda a humanidade, os humildes, que, sem uma camisa para agasalhar as carnes enregeladas pelo frio deste inverno agreste, passam quasi toda a vida sem um sorriso consolador, sem um beijo carinhoso, tambem teem a sua hora de alegria, o seu instante de contentamento. E' quando alguem, compreendendo bem a dôr do proximo, os ampara e guia, lhes enxuga as lagrimas e lhes mata a fome. Mas nem só os párias sofrem.

Em França, um pobre conde, maldizendo a hora que o viu nascer, a ele e a mais 13 irmãos, viu-se na dura contingencia de caminhar de porta em porta, pedindo, não sabem o quê?—Trabalho. Era bacharel e por isso sentia-se com direito a uma colocação condigna. Apenas podia dispôr dum braço, visto que o outro estava inutilisado, mas mesmo assim, antes trabalhar que esmolar.

Eu não sei que sentimentalismo de mim se apodéra, que comiseração de mim se apodéra quando sei que alguem, seja quem fôr, procura trabalho. Com efeito nada mais simples, nada mais exemplificador de nobreza de caracter, de equidade de vista, no meio de tanta perversão que hoje em dia nos satura e nos aborrece.

Querer trabalhar é o procurar fugir ao vicio, á degradação, ao pús social que corrompe e estióla, adoece e apodrece. E essa pratica será tanto mais elevada e digna quanto partir duma criatura cuja educação fôra o ultimo apuro, cuja compreensão de deveres fôr cada vez mais nitida, mais conscienciosa, mais livre e mais ponderada.

Assim o conde parisiense, o pobre conde egualando com desgraçados, dormindo sob o mesmo této de infortunios, sob o mesmo ceu de desdita e lagrimas passando a vida de sofrimentos.

E é assim que temos que nem só a morte eguála nobres aos desditosos. Em vida mesmo, tendo sido bem diferentes, fundamentalmente diversos os berços em que foram embalados, os fidalgos passam os mesmos transes dos inditosos, trilham o mesmo caminho escabroso de dificuldades e de martirios, porque nem só os párias passam maus quartos d'hora...

ALMEIDA JUNIOR.

CANCIONEIRO (CONCURSO)

III

Soluços dum trovador

Ha quatro anos, talvez,
Numa noite de luar,
Veio um bardo, certa vez,
Suas maguas contar:

«Nos meus tempos de rapaz
Chorava fados ás bélas,
Sonhos de amôr e de paz
A's bisantinas janelas...

Noites brancas, luarentas,
Eu passei a dedilhar
E as Marilias sonolentas
Eu fazia despertar.

Lêdos sonhos d'aurio vulto,
Desfolhae rozas gracis
Sobre o chão onde eu oculto
Os meus vinte e quatro abris!»

Castelo Branco, 26—XI—913.

Clementino Hormigo.

* * *

CORRESPONDENCIA:

Clementino Hormigo—(Castelo Branco)—Agradecidos.

Eugenio P. Soares — (Porto) — Então?... Olvido?

Luz — Pelo carimbo do correio vejo que é das Taipas. Mande nome e será recebida de braços abertos.

Toda a correspondencia referente ao concurso deve ser dirigida a Gomes Monteiro, Cova da Moura—D. R. 16—LISBOA.

Eleições na Mealhada

Na secretaria da Camara foram apresentados os seguintes candidatos, pertencentes aos tres partidos—evolucionista, unionista e democratico—para a Camara Municipal:—Efectivos, Abilio Luiz Rodrigues, Manuel Ruivo de Figueiredo, Antonio Rodrigues Vicente, Adriano Cerveira Batista, Augusto Cerveira, Adelino José de Melo, dr. Eugenio Couceiro, Francisco Bastos Mourão, Basilio Fernandes Jorge, Joaquim da Cruz, Manuel Batista Pinto, Antonio Mascarenhas de Almeida, Alexandre Lopes de Moraes, Abel Godinho Lopes Carreira, Manuel Antonio Batista e Joaquim Luiz Simões de Melo. Substitutos, Daniel Alves Cerveira, Antonio Duarte Cabral Junior, José Gonçalves Mendes, José da Costa Sales, Manuel Diniz, Joaquim Fernandes Cristina, Manuel Alves de Matos, Armando Lopes de Castro Cabral, Alfredo Sales, Feliciano Rocha, Antonio Lopes Breda, Benjamin Pais Pinto, Anibal Soares da Cruz, Carlos Antonio d'Oliveira, Luiz Gualberto Teixeira e João Lopes de Abreu. Procuradores á Junta Distrital: — Efectivo, major Antonio Azevedo Pinho; substituto, Luiz Miranda.

Parece que no concelho de Anadia as eleições são renhidas.

Foi o melhor passo que deram, os tres grupos politicos deste concelho. Assim mesmo, unidos e disciplinados, é que nós anciamos vê-los sempre. Porquê do seu acordo prestimoso resultará a maior soma de beneficios para a população das freguezias.

Muito se tem feito, e muito se continuará, temos esperanças, a praticar em favor de todos, tanto mais que novos elementos, e preciosos elementos, vão fazer parte do municipio, tais como, dentre outros, os snrs. Bastos Mourão, dr. Eugenio Couceiro, Abel Godinho, Gualberto Teixeira, Feliciano Rocha, etc., dos quais muito ha a esperar.

Antecipamos, por isso, ao povo os nossos abraços de congratulação.

Zéro.

Teatro d'Instrução e Recreio

Pampilhosa-Entroncamento

No Teatro Gremio de Instrução e Recreio, activam-se os ensaios do drama em 3 actos — *Quinze anos de prisão*, que será desempenhado no dia 7 pelo Grupo Dramatico de Beneficencia, dirigido pelo nosso bom amigo e muito habil Alfredo Fernandes d'Almeida e em que obsequiosamente tomam parte, além de distintos amadores, as ex.mas sr.as D. Alexandrina d'Almeida e D. Beatriz d'Almeida, revertendo o produto deste espectaculo em favor do fundo necessario á construção da Escola Democratica desta localidade.

Falará sobre a instrução popular, enaltecendo as suas vantagens, o nosso colega de redacção. Almeida Junior.

CARTA DE LISBOA

FOLHA ERRANTE:

«Sendo perguntado ao Papa pelos padres se podiam absolver os penitentes que confessavam dançar o tango, respondeu este que o tango era pecado.»

(Dos jornais.)

Os penitentes francêses,
Segundo o rito latino,
Aos *padrecas* tão chuéses
Contaram que muitas vezes
Dançaram tango argentino.

Será falta? comentavam
Os corvos de rosto humano,
E tão pasmados andavam
Que, em seguida, perguntavam
Ao santo padre romano.

E' o danças! diz o Pio
Um tanto desconfiado,
O inferno nu e frio
Para semelhante ousio...
Dançar o tango é pecado!

CONFERENCIAS

No passado domingo, no Centro Almirante Reis, realisou o sr. capitão-tenente Leote do Rego uma conferencia sobre a defeza nacional, subordinada ao tema: «O armamento das pequenas potencias.»

No decorrer da interessante palestra, o conferente foi muito aplaudido.

Tambem na Associação do Registo Civil, o sr. Lino da Silva realisou uma conferencia que visava «A religião e Estado».

Após a defesa do ensino laico como base do engrandecimento de uma raça atrofiada por preconceitos, o orador encerrou a sua conferencia, sendo muito aplaudido, egualmente.

PULHISMO REACIONARIO

Ha dias foi anunciado em varios jornais que, como regosijo da vitoria do governo nas ultimas eleições, se daria um bodo aos pobres, devendo estes dirigir-se á rua da Esperança, 214.

E' claro, os necessitados dirigiram-se ali deparando com o espanto do proprietario do referido predio que de nada sabia e, como bom republicano que sempre tem sido, calcula-se que fosse algum pulha, afecto á *antiga senhora*, que tão estupido gracejo engenhasse.

Zombar da miseria! Infame, simplesmente...

SANGUE & SELVAGERIA

Para os lados de Bucelas, um lavrador, após uma valente provocação a quatro inimigos, foi por estes esperado e morto á cacetada.

O agredido ainda tentou defender-se a revolver—mas qual! a malta caiu-lhe em cima e malharam como quem malha em cereal nas eiras.

E ainda se diz que Portugal descura a agricultura!

COMOVEDOR!

O sr. coronel Silveira, em face dos desacatos a varios cidadãos por parte dos policias de seu mui digno comando, pediu a demissão do cargo. Por isso, entre sentidos prantos, fez as suas despedidas aos seus queridos subordinados.

Deveras emocionante! Coisas assim comovedoras só na despedida das freiras a seus coios, após a proclamação da Republica.

UMA PAGINA DE ROMANCE

No sabado passado, um caixeiro de mercearia, Augusto Rodrigues, depois de convencer a sua noiva, Adelina Guerreiro, a um passeio pelo pitoresco logar da Amadora, desfechou sobre ela dois tiros de revolver, tentando suicidar-se em seguida.

A desventurada foi conduzida em estado gravissimo ao hospital, onde contou ter combinado com o tresloucado Romeu, abandonar a porca *di* a vida.

«Oh! como sabe amar a gente portugueza!» dirá novamente o sr. Julio Dantas.

Nitrato.

AGULHA MAGNETICA DESTRAMBELHADA

—...

—Eu sei que é dificil a um organismo vivo resistir aos efeitos desse fenomeno fisico, quando o mesmo fenomeno provoca uma subida de temperatura superior ao calorico especifico desse organismo...

Deve ser como uma agulha magnetica, quando mais do que um ponto de atracção a reclamam á sua invariavel fixidez. A agulha, como louca, lembra um ofidio em natação, que deslisa com um movimento pendular de cabeça, destrambelhado, pelo efeito duma corrente d'agua muito viva e revolta.

—Resultando desse corolario que, na tua compreensão, o correspondente da «Carta de Lisboa», por efeito de vibrações caloricas superiores á capacidade do seu organismo, como um lago que trasborda, foi vêr em Alcolena e Alcobaça aquilo, precisamente, que estava sucedendo aos alfacinhas, por efeito dum calor equatorial.

—Nem mais.

—Realmente...

—Mas vê tu se pódes compreender uma anomalia destas!...

—Com efeito...

—Então o homem faz uma correspondencia de Lisboa, supondo que «talvez devido ao excesso de calor...»

—Sim...

—Sim... «de calor, os cerebros alfacinhas se encontravam algo avariados», e depois...

—E depois?

—E depois vem dizer que «um dia destes um fulano de Alcolena (?) pregou uma tareia na mulher, partindo-lhe um braço». Então os de Alcolena são alfacinhas?

—Mas, tu és de Alcolena?

—Não, mas...

—Ah!...

—Sim, não me posso conter quando vejo incongruencias em letra redonda! «E que uma criadinha de servir lá para os lados de Alcobaça (imagina tu, alfacinhas em Alcobaça!), por diabruras de Cupido, zás! pregou no fole uma boa dose de sublimado».

—Então isto não é para a gente se indignar?...

—Lá isso é, mas...

—Qual mas, nem meio mas... Diz lá para o director d'*O Dever*, que se não póde tolerar uma coisa destas. São correspondencias, bem sei, mas isso não é motivo para assim se publicarem sem uma mais acurada leitura.

—Talvez por ser uma correspondencia é que o Director...

—Qual carapuça! Dize-lhe isto: dize-lhe que fui eu, Ramires Salgado, pessoa que ele não conhece, quem te pediu para lhe mandar dizer estas coisas...

—Pois sim.

* * *

Este dialogo encetado entre mim e o director técnico dum estaleiro, travou-se um dia destes quando aquele cidadão, visitando-me no meu gabinete particular, passava rapidamente pelo olhar varias revistas e jornaes, entre os quaes se encontrava um numero d'*O Dever*, já de julho proximo passado.

Chamou-lhe a atenção, por ser de Lisboa, uma carta daquela cidade, de cuja leitura resultou o dialogo precedente.

Pediu-me para escrever ao ex.mo director e eu, escrevo.

Devo, porém, esclarecer, que quasi no fim da nossa palestra sobre a «Carta de Lisboa» eu chamei a atenção de Ramiro Salgado, para o facto de o correspondente escrever exátamente de Lisboa, lá onde em 3

de julho do corrente ano, «o calor mortificava de uma maneira atroz, marcando os termómetros 36 graus á sombra», e onde, «não se sabia se pelo excesso da calma, os cerebros alfacinhas se encontravam algo avariados».

O meu amigo a esta chamada conciliatoria, concordou então, dizendo:

— Por esse lado tens tu, director e até o proprio auctor da «Carta de Lisboa» carradas de razão... mas... escreve sempre ao director, não te esqueças...

E vai eu escrevi.

David Diniz.

GAZETILHA

—=(*)=—

= 3.ª =

«O' meu cara de caipira,
O' meu grande safar. ana,
Vem p'ra aqui dançar o vira;
Já que és homem duma cana,
Canta tu que eu toco lira!»

«Tens cara de jacaré,
Enganas o mundo inteiro;
Ninguem parece quem é
E é um ditado verdadeiro;
Meu pulha, meu chimpanzé!»

«Anda cá fóra, ó macaco,
Quero-te vêr bem de perto!
Não vales mais que um pataco;
Dizem que és um homem esperto
E és afinal homem fraco».

«Tens coragem de cobarde,
Não sais fóra do cortiço;
Vou-me embora, já é tarde,
Mas crê que se não fôsse isso,
Fazia aqui grande alarde».

Azorrague.

Vida politica

No domingo passado os nossos presados amigos de Montemor-o-Velho, snrs. Antero da Veiga, José Galvão, drs. Ismael de Sampaio e Armando de Carvalho, dirigiram-se ao Seixo onde fizeram um comicio de propaganda eleitoral, falando ao povo que atentamente os escutou e que teve ocasião de apreciar quanto valem a firmeza de convicções e a disciplina dum partido, quando esse partido se orienta pelos processos racionaes e traduz as aspirações do povo, como faz o partido democratico.

Não assistimos ao comicio, mas sabemos de boa fonte que aqueles nossos amigos, nos seus aplaudidos discursos, fizeram apenas politica de principios, expondo factos incontestaveis, sem exercerem a menor pressão na consciencia do auditorio. Todavia, houve gente mal intencionada que, de proposito, para estabelecer o desacôrdo e o desprestigio num partido que tem sabido manter-se numa perfeita integridade, deturpou a verdade dos factos apresentados no comicio, dando uma interpretação falsa ás ideias e opiniões dos oradores que, prevendo isto mesmo, reptaram quem quer que fosse que naquele momento desejasse apresentar factos contra factos. Escusado é dizer que ninguem se atreveu a defrontar-se com os oradores que se retiraram satisfeitos com a bela jornada que fizeram.

Que as más linguas nunca deixaram de vomitar as maiores sandices sobre aqueles que têm por lêma a Verdade e a Justiça...

* * *

Na assembleia do apuramento foi proclamado Manuel Antonio da Costa deputado pelo circulo de Coimbra.

Desta fórma, os evolucionistas levam apenas um representante ao parlamento, pelas ultimas eleições, que é o snr. Augusto Cimbron.

* * *

Continua hoje a luta das eleições, sendo desta vez as municipaes.

São estas as listas apresentadas ao sufragio dos eleitores. Pelos evolucionistas:

Efetivos: Antonio Faria Branco Junior, José Pereira Batista, Acacio Aires Pinheiro, Antonio Augusto Rodrigues de Campos, Mario Augusto Mota, dr. Antonio Joaquim Simões, Basilio Tavares Lebre, José Fernandes Patrão, Joaquim Goes, José Antonio Esteves de Barros, Fernando Angusto Barbosa, Boaventnra Augusto Simões, Augusto Ferreira de Andrade, Armenio Rodrigues Pato, José Antonio Monteiro da Costa, Antonio Mendes Laranjeiro, Joaquim Cantante e José Nunes da Silva; substitutos: José Maria Lopes, José Maria Betista, José Alves da Silva, Joaquim Monteiro da Costa Maia, José Maria Lopes de Sousa, Francisco Simões Caldeira, Joaquim dos Santos Mauricio Junior, José Simões das Lapas, Manuel Maria Lopes, João Maria da Silva Batista, José Joaquim da Cunha, dr. José Maria Mendanha Raposo, Manuel Dias, José Melo Fagundo, Manuel Maria Ricardo. Domingos dos Santos, Antonio Rodrigues Baía e Antonio Manuel Teixeira.

Pelos democraticos. Efetivos: João de Deus Ferreira do Vale, dr. Antonio Soares Couceiro, José Luiz Ferreira Galvão, dr. Francisco dos Santos Neto, Antonio Mota de Matos, Eugenio Brandão Pereira de Melo, Godofredo Pessoa Leitão, José Maria d'Andrade, Manoel Batista da Costa, dr. Carlos Gaspar de Lemos, Guilherme dos Santos Pinto, José Batista Monteiro, Antonio Maria Fernandes Duarte, José da Costa Monteiro, Antonio Ismael da Cruz, Serafim da Cruz Vieira, Antonio d'Oliveira Rosado e Francisco Lopes d'Oliveira Bomtempo; substitutos: Olegario Simões Cantante, José Graça, Emidio Pastor Meireles, Joaquim da Silva Coelho, José Simões Lameira, Levi Vieira Rocha, Julio Esteves da Costa, José Milheiro d'Oliveira, Augusto Mendes da Silva, Joaquim Duarte Ferreira, Alfredo Marques de Castro, Ilario Bicho, Zacarias de Almeida, Elisio Nunes da Serra e Moura, José Augusto Pereira Veloso, José Nobre de Freitas e Eleuterio Duarte Cádima.

Notas pessoais

Estiveram aqui na passada segunda-feira os nossos amigos de Montemor-o-Velho, snrs. Antero da Veiga, José Galvão, drs. Ismael de Sampaio e Armando de Carvalho.

— Chegaram aqui no dia 23, vindos do Brazil, os snrs. Joaquim Pessoa e José Jorge.

— No mesmo dia chegaram tambem ao Zambujal, vindos do mesmo paiz, os snrs. Joaquim Rodrigues Louro e seu filho Manuel e João Louro Junior, dos Fornos.

Noticias

Requereu a aposentação a professora da escola de Means, concelho de Montemór-o-Velho, a snr.ª D. Carmina Rainho Larangeira.

Foi expedida pelo ministerio das finanças uma circular determinando que, a partir de 1 de janeiro proximo, não sejam aceites, em caso algum, recibos passados em qualquer data, de vencimento do modelo anterior ao recentemente adotado. Emquanto outras medidas não forem tomadas, os recibos dos empregados de cada repartição devem ser apresentados em conjunto por um serventuario, evitando-se assim a repetição de factos pouco honrosos para os funcionarios que os praticam e comprometedores para os encarregados dos pagamentos. A' secção do Estado no Banco de Portugal foram dadas ordens terminantes para não aceitar os recibos, cujo selo branco não pertença á repartição onde o interessado esteja exercendo as suas funções e para apreender qualquer duplicado, tomando nota do nome de quem o apresenta a pagamento e mais esclarecimentos para se instaurar o respétivo processo disciplinar.

O ministro da guerra pediu ao seu colega do fomento que, em harmonia com o decreto com força de lei de 26 de maio de 1911, os inspetores e professores de instrução primaria sejam autorisasados a corresponderem-se oficialmente com os inspetores de infantaria que pela mesma lei são tambem inspetores da instrução militar preparatoria.

Foi assinado um decreto permitindo a permuta entre os professores primarios, sempre que contem um ano de bom e efetivo serviço na respetiva escola.

Os professores que pretenderem permutar os seus logares deverão entregar os requerimentos aos inspetores dos circulos respetivos, afim de que estes instruam com o mapa da qualificação do serviço dos requerentes e, quando pertençam a concelhos diferentes, com a informação da camara municipal, enviando-os em seguida ao inspetor da circunscrição, que, por sua vez, informará sobre a efetividade do serviço dos professores, remetendo o processo ao ministerio da instrução a camara municipal, conforme se trata de permuta entre professores de concelhos diferentes ou do mesmo concelho.

Foi aposentado com a pensão anual de 170 escudos o professor de Reveles, do concelho de Montemór-o-Velho, sr. Antonio Alves.

O *Diario do Governo* publicou uma portaria determinando que a faculdade concedida pelo diploma de 1 do corrente aos contadores de juizos de direito para examinarem nos cartorios dos escrivães os processos de execução pendentes por custas, selos e multas devidas á fazenda nacional, seja substituida pela obrigação dos delegados do procurador da Republica examinarem a relação dos mapas laquelas execuções. Os escrivães apresenta-las-ão aos delegados e estes no mesmo mapa lançarão o seu voto, atestando a conformidade das relações com o numero e estado dos processos. No caso de não haver conformidade, assim o declararão, comunicando imediatamente esse facto aos seus superiores hierarquicos, para o efeito disciplinar.

Foi encarregado o chefe da repartição de instrução primaria e normal, dr. João de Barros, de faser uma inspeção ao serviço de instrução primaria e normal em todo o paiz, combinando previamente com o ministro da instrução o plano de trabalho em cada digressão.

Foi publicado um decreto autorisando todos os professores e inspectores escolares a corresponderem-se oficialmente, por meio de telegramas, com o ministro da instrução.

Segundo informações dadas pelo governador de Timor, a agricultura naquela provincia vai tomando grande incremento. Nas diversas propriedades agricolas, pertencentes a nacionais e estrangeiros, está-se tratando activamente da cultura do cacau, café, arroz, algodão e chá, tendo para esta ultima sido adquiridas magnificas plantas na Birmania. A cultura da borracha, visto as oscilações que está tendo nos mercados europeus, tem sido um pouco descurada pelos agricultores. Ultimamente formou-se ali uma especie de companhia para exploração de madeiras ricas existentes nas vastas florestas, no intuito de as exportar para os mercados da Europa.

O governador, logo que retome o seu cargo, vai mandar proceder ao cadastro da propriedade, sendo a repartição respectiva encarregada de anualmente fazer um relatorio sobre o estado agricola de cada uma delas. Vão ser construidos tambem varios edificios com madeiras da região, afim de neles serem instalados alguns serviços publicos, como, por exemplo, a repartição de agrimensura e de minas.

Foi nomeado comissario do governo da Republica Portuguêsa na Exposição Internacional da Industria do Livro e Artes Graficas, que deve realisar-se em Leipzig (Alemanha), no ano proximo, o snr. Luiz Derouet, director geral da Imprensa Nacional.

Num casebre da cidade do Porto foram apreendidos pela policia 127 cartuchos de dinamite, 30 bombas e 8 maços de rastilho.

"O DEVER"

Vende se em **Lisboa**, na rua do Ouro, n.º 178, 2.º D, sendo nosso agente o snr. A. Soares, a quem os nossos presados leitores e assinantes da capital se poderão dirigir.

Valor da nova moeda

Um escudo ou avo de ouro (1$000 rs.) divide-se em 100 centavos:

1/4 centavo	equivale a	2 1/2 réis
1/2 centavo	»	5 »
1 centavo	»	10 »
2 centavos	»	20 »
5 centavos	»	50 »
10 centavos	»	100 »
20 centavos	»	200 »
50 centavos	»	500 »
1 escudo (100 centavos)	equivale a...	1$000 »
2 escudos (200 centavos)	equivale a...	2$000 »
5 escudos (500 centavos)	equivale a...	5$000 »

CORRESPONDENCIAS

Montemór-o-Velho, 25.

Havendo constado ao administrador do concelho que os galopins andavam fazendo pressões e ameaças sobre os eleitores, a proposito da eleição municipal que se deve realisar no proximo domingo, a mesma autoridade, acompanhada dos srs. José Galvão, presidente da comissão municipal; drs. Ismael Sampaio e Armando de Carvalho, tem percorrido algumas freguezias do concelho, realisando conferencias de propaganda eleitoral, a fim de elucidar os eleitores sebre a liberdade do voto e direitos que a lei lhes confere, para se defenderem daqueles que procurem coagilos a votar contra a sua consciencia.

C.

ANUNCIOS

CASA

Arrenda-se em boas condições a casa pertencente ao sr. João Beirão.

Para tratar com Manoel Monteiro — Casal do Gaio — ARAZEDE.

(42) **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

VII

Um sentimentalista

I

«Assim decorreu mez e meio, por entre lagrimas, saudades, sufocações de desespero e ideias tenebrosas.

«Imagine se não tinha rasão para tudo isto; se um rapaz de quinze anos, como eu era, com alguns exames, com habilitações de francez, inglez e escrituração comercial, e separado pela primeira vez da familia que sempre me cercára de carinhos e me educára literariamente para uma vida menos servil, imagine se não havia de revoltar-me comigo mesmo e se não havia de ter crises de amargura intima por não poder remediar a minha situação.

«Escrevia cartas a meu pai a contar-lhe tudo o que se passava e o muito que eu sofria, sem lucro de especie alguma, além do prato e da cama que me davam, e que eram o unico conforto proporcionado a todos os empregados da casa.

«Respondia-me a principio, aconselhando-me a paciencia e a preserverança, virtudes muito preciosas, mas muito dificeis de seguir no meu caso: depois, quando viu as minhas repetidas queixas, ordenou-me que regressasse ao lar para tomar outro expediente de vida.

«Respirei mais livremente. Era menos opressão ser dominado pela familia que por um estranho.

«Comuniquei a noticia ao paquiderme que resmoneou com indiferença e eu, voltando-lhe as costas, preparei-me para sair, e só me despedi do guarda-livros, a quem devia trato mais afavel e cortez.

«Cheguei a Coimbra com a alma desafogada e sedenta de impressões agradaveis e tonificantes. Deu-mas a familia e deram-mas o sol, as flôres, as estrelas e as brisas da minha terra.

«Sentia o coração enternecido e mesmo inquieto. Mas queria expandir-me; e então abria o coração ao papel e escrevia frases de magua e frases de revolta contra mim proprio e contra a sociedade que me não compreendia.

«Salteava-me, porém, a vida real. Era o Futuro que clamava por mim, e era eu que tinha de ir em busca do Futuro.

«Que lacerações d'alma que eu sofria, meu amigo, sempre que tinha de tentar uma profissão! Mas nunca era uma profissão definida, porque operava sempre em circunstancias muito adversas á minha indole. Eu queria fugir da vida material e agitada, e era ela todavia que eu encontrava mais facilmente.

«Entrei na burocracia, no campo da ganancia, da injustiça e da supremacia que irrita.

«Fui amanuense temporario em duas secretarias oficiais, onde aprendi a conhecer os homens na sua vaidade, no seu egoismo e em muitos defeitos que deslustram quem priva com eles. Repeli-os.

«Ao que eu aspirava era á solidão, e a uma vida simples e benefica, a uma vida construtiva e que ajuda a edificar, expungindo a sociedade de erros e de preconceitos.

«Ao tempo, instalaram-se as Escolas Normais em Coimbra. O coração palpitou-me de entusiasmo, porque parecia deparar-se-me a vida que eu ambicionava.

«Disse a meu pai que queria ser professor primario e matriculei-me na Escola Normal. Trabalhei, encarei a vida a sério, durante tres anos tornei me positivista, no fim deles deram-me um diploma que me habilitaria a agenciar meios de subsistencia e me permitiria realisar todo o ideal que eu planeava.

«Pugnei pela minha causa nalguns jornais com todo o ardor e com toda a fé do meu espirito. A sociedade riu-se de mim, e eu continuei a ver confirmada a perversão dos homens, que ultimamente me deram a desilusão de tudo em que estava esperançado.

«Hoje sofro o escarneo dalguns, o sarcasmo de muitos, o despreso de todos.

«Vivo do Martirio, vivo da Dôr, que tambem alimenta, e espero que a Justiça venha.

«E' esta toda a minha vida, meu caro amigo. Acha-a triste? acha-a lamentavel?

— Acho-a propria do seu temperamento, que começo a conhecer— respondi eu, que até então o escutára com grande religiosidade. O sr. Albuquerque fala com grande sentimento e com gravidade profunda. Creia que me sinto imensamente feliz por te-lo conhecido e por lhe merecer a honra de me considerar amigo particular, digno de saber passo a passo todas as fases da sua vida intima. Mas serão todas?

— Que quere dizer?—perguntou ele num espasmo subito.

— Não atravessou ainda uma fase que alguns homens encaram com alma e muitos com o desdem? Uma fase, em que o coração é geralmente a pedra de toque, e que faz despertar muitas vezes sentimentos novos, ignorados pelo homem sincero e bom?

(*Continúa*).

traduziu amôr ou coisa semelhante.

Sem embargo, sei bem, imensamente bem, que sempre existe uma excéção e mesmo me curvo a acreditar que neste lindo jardim florescente se ama sinceramente, mas, meu presado antagonista, 35 por cento, quando muito!

Os portuguêses são sentimentais por natureza—sabemo-lo bem—e não sou eu que vá abocanhar o sentimentalismo aos filhos deste querido paiz, onde até os padres expulsam de casa os filhos dos seus amores para assim encobrirem as suas malandrices.

Dir-me-eis que são nodoas negras, muito vulgares na historia de todos os paizes?

Diabo! á força de tanta nodoa, já era tempo de empregar o fato em rodilhas de cosinha.

Se vós me provasseis que em Portugal pairava esse divino Eros de azas brancas, muito brancas, dulcificando corações; que esses bailes de *élite*, onde as donzelas anemicas e cloroticas rodopiam num raivoso furor de cadelas insaciadas, são raros, muito raros; se vós, emfim, me provasseis que o amor neste paiz era puro como os anjos, imaculado como as brancas açucenas, então, sim, Portugal seria amoroso por excelencia e em vez de vos estar agora a importunar com a minha prosa incolor, estaria sorvendo a longos haustos o perfume dumas carnes virginais de joven sedutora.

Mas, não... São nodoas para a historia de todos os paizes, vós mesmo o confessastes, e não vejo, portanto, em que a nossa patria leve a palma ás demais nações.

Que os portugueses *saibam amar e amar muito* é natural, todavia, o que é inacreditavel é que *amem mais e melhor*.

Dizeis, ainda, que Camões não precisou da inspiração italiana para ser o principe dos poetas portuguêses.

Comquanto isso seja uma grande verdade, devemos concordar que Camões estudou n'um tempo em que as letras estavam sob o influxo da escola que Sá de Miranda fundou após os vastos conhecimentos que trouxe dessa linda Italia, e se essa mesma escola lhe não tivesse guiado os primeiros passos, o épico sublime não teria reunido em si uma literatura inteira, como disse Schlegel O mesmo vos teria acontecido: se vos não tivessem enviado á escola, vós não poderieis expandir o vosso verbo incisivo, nem eu, misero competidor, fruiria o prazer de me encontrar, frente a frente, com um adversario tão honesto e tão delicado.

Terminarei por dizer-vos que Portugal é terra de poetas, e aqui, na França, ou em casa de Satan defenderei o bom nome da minha querida patria, sem para isso me servir de dotes que ela não possue.

O que tem lhe basta, felizmente...

Gomes Monteiro.

Coisas simples

Data histórica

Passa segunda-feira o aniversario da restauração de Portugal, celebra-se a festa da Independencia e da Bandeira.

A data do 1.º de dezembro de 1640 é um dos gloriosos padrões que marcam *étapes* na nossa historia e deu-lhe complemento ao significado a festa realisada em 1 de dezembro de 1911. Na primeira um povo cansado da escravidão ao paiz estranho parte algemas e atira, num arranco de hercúlea fôrça, a grilheta ás faces do opressor; na segunda o povo saúda uma nova Bandeira, simbolo de uma nova Patria.

Portugal quere viver. Tem um passado de gloria em que assêntam trofeus imorredouros. Trabalhêmos por ele. Inoculêmos nas crianças o amôr pela Patria; as mães que ensinem aos filhos nas préces que lhes mandam rezar.

Em vez de caminharmos para a almejada Paz universal só antevemos escuros horisontes. E' que os grandes estados cubiçosos do que os outros teem de bom, espreitam a presa com olhar de lince, com fôrça de leão.

Ainda ha pouco se propalou que a Espanha, a nossa rival de todos os tempos, fizera um tratado com a França no qual havia um artigo bem pouco honroso para nós. E' sabido que Alemanha e Inglaterra fazem acordos ácêrca das nossas riquissimas possessões africanas. Estes factos são bem fracos sintomas de uma eventualidade futura...

Na memoria das gerações da actualidade deve estar ainda patente a lembrança do *ultimatum* de 1891 que tanto patriotismo desenvolveu, que tanto ateou a chama do brio nacional. Pois não queira esse mesmo povo deixar-se abater no presente. Antes morrer que deixar fraccionar a nossa autonomia territorial e politica.

Nesta data de 1 de dezembro, agora proxima, que nas escolas se façam prelecções ás crianças e que as mães se não esqueçam dos exemplos que ilustres mulheres portuguezas lhes deixáram nas paginas da historia patria.

Queremos Portugal livre.

Uma patria feliz, altiva e generosa.

25 de novembro de 1913.

Aurea Judit Amaral.

Horas d'insónia

Nem só os párias passam maus quartos d'hora. Muito embora sejam os mais desgraçados de toda a humanidade, os humildes, que, sem uma camisa para agasalhar as carnes enregeladas pelo frio deste inverno agreste, passam quasi toda a vida sem um sorriso consolador, sem um beijo carinhoso, tambem teem a sua hora de alegria, o seu instante de contentamento. E' quando alguem, compreendendo bem a dôr do proximo, os ampara e guia, lhes enxuga as lagrimas e lhes mata a fome. Mas nem só os párias sofrem.

Em França, um pobre conde, maldizendo a hora que o viu nascer, a ele e a mais 13 irmãos, viu-se na dura contingencia de caminhar de porta em porta, pedindo, não sabem o quê?—Trabalho. Era bacharel e por isso sentia-se com direito a uma colocação condigna. Apenas podia dispôr dum braço, visto que o outro estava inutilisado, mas mesmo assim, antes trabalhar que esmolar.

Eu não sei que sentimentalismo de mim se apodéra, que comiseração de mim se apodéra quando sei que alguem, seja quem fôr, procura trabalho. Com efeito nada mais simples, nada mais exemplificador de nobreza de caracter, de equidade de vista, no meio de tanta perversão que hoje em dia nos satura e nos aborrece.

Querer trabalhar é o procurar fugir ao vicio, á degradação, ao pús social que corrompe e estióla, adoece e apodrece. E essa pratica será tanto mais elevada e digna quanto partir duma criatura cuja educação fôra o ultimo apuro, cuja compreensão de deveres fôr cada vez mais nitida, mais conscienciosa, mais livre e mais ponderada.

Assim o conde parisiense, o pobre conde egualando com desgraçados, dormindo sob o mesmo této de infortunios, sob o mesmo ceu de desdita e lagrimas passando a vida de sofrimentos.

E é assim que temos que nem só a morte eguála nobres aos desditosos. Em vida mesmo, tendo sido bem diferentes, fundamentalmente diversos os berços em que foram embalados, os fidalgos passam os mesmos transes dos inditosos, trilham o mesmo caminho escabroso de dificuldades e de martirios, porque nem só os párias passam maus quartos d'hora...

ALMEIDA JUNIOR.

CANCIONEIRO
(CONCURSO)

III

Soluços dum trovador

Ha quatro anos, talvez,
Numa noite de luar,
Veio um bardo, certa vez,
Suas maguas contar:

«Nos meus tempos de rapaz
Chorava fados ás bélas,
Sonhos de amôr e de paz
A's bisantinas janelas...

Noites brancas, luarentas,
Eu passei a dedilhar
E as Marilias sonolentas
Eu fazia despertar.

Lêdos sonhos d'aurio vulto,
Desfolhae rozas gracis
Sobre o chão onde eu oculto
Os meus vinte e quatro abris!»

Castelo Branco, 26—XI—913.

Clementino Hormigo.

* * *

CORRESPONDENCIA:

Clementino Hormigo—(Castelo Branco)—Agradecidos.

Eugenio P. Soares — (Porto) — Então?... Olvido?

Luz — Pelo carimbo do correio vejo que é das Taipas. Mande nome e será recebida de braços abertos.

Toda a correspondencia referente ao concurso deve ser dirigida a Gomes Monteiro, Cova da Moura—D. R. 16—LISBOA.

Eleições na Mealhada

Na secretaria da Camara foram apresentados os seguintes candidatos, pertencentes aos tres partidos—evolucionista, unionista e democratico—para a Camara Municipal:—Efectivos, Abilio Luiz Rodrigues, Manuel Ruivo de Figueiredo, Antonio Rodrigues Vicente, Adriano Cerveira Batista, Augusto Cerveira, Adelino José de Melo, dr. Eugenio Conceiro, Francisco Bastos Mourão, Basilio Fernandes Jorge, Joaquim da Cruz, Manuel Batista Pinto, Antonio Mascarenhas de Almeida, Alexandre Lopes de Moraes, Abel Godinho Lopes Carreira, Manuel Antonio Batista e Joaquim Luiz Simões de Melo. Substitutos, Daniel Alves Cerveira, Antonio Duarte Cabral Junior, José Gonçalves Mendes, José da Costa Sales, Manuel Diniz, Joaquim Fernandes Cristina, Manuel Alves de Matos, Armando Lopes de Castro Cabral, Alfredo Sales, Feliciano Rocha, Antonio Lopes Breda, Benjamin Pais Pinto, Anibal Soares da Cruz, Carlos Antonio d'Oliveira, Luiz Gualberto Teixeira e João Lopes de Abreu. Procuradores á Junta Distrital: — Efectivo, major Antonio Azevedo Pinho; substituto, Luiz Miranda.

Parece que no concelho de Anadia as eleições são renhidas.

Foi o melhor passo que deram, os tres grupos politicos deste concelho. Assim mesmo, unidos e disciplinados, é que nós anciamos vê-los sempre. Porquê do seu acordo prestimoso resultará a maior soma de beneficios para a população das freguezias.

Muito se tem feito, e muito se continuará, temos esperanças, a praticar em favor de todos, tanto mais que novos elementos, e preciosos elementos, vão fazer parte do municipio, tais como, dentre outros, os snrs. Bastos Mourão, dr. Eugenio Conceiro, Abel Godinho, Gualberto Teixeira, Feliciano Rocha, etc., dos quais muito ha a esperar.

Antecipamos, por isso, ao povo os nossos abraços de congratulação.

Zéro.

Teatro d'Instrução e Recreio

Pampilhosa-Entroncamento

No Teatro Gremio de Instrução e Recreio, activam-se os ensaios do drama em 3 actos — *Quinze anos de prisão*, que será desempenhado no dia 7 pelo Grupo Dramatico de Beneficencia, dirigido pelo nosso bom amigo e muito habil Alfredo Fernandes d'Almeida e em que obsequiosamente tomam parte, além de distintos amadores, as ex.mas sr.as D. Alexandrina d'Almeida e D. Beatriz d'Almeida, revertendo o produto deste espectaculo em favor do fundo necessario á construção da Escola Democratica desta localidade.

Falará sobre a instrução popular, enaltecendo as suas vantagens, o nosso colega de redacção. Almeida Junior.

CARTA DE LISBOA

FOLHA ERRANTE:

«Sendo perguntado ao Papa pelos padres se podiam absolver os penitentes que confessavam dançar o tango, respondeu este que o tango era pecado.»

(Dos jornais.)

Os penitentes francêses,
Segundo o rito latino,
Aos *padrecas* tão chuéses
Contaram que muitas vezes
Dançaram tango argentino.

Será falta? comentavam
Os corvos de rosto humano,
E tão pasmados andavam
Que, em seguida, perguntavam
Ao santo padre romano.

E' o danças! diz o Pio
Um tanto desconfiado,
O inferno nu e frio
Para semelhante ousio...
Dançar o tango é pecado!

CONFERENCIAS

No passado domingo, no Centro Almirante Reis, realisou o sr. capitão-tenente Leote do Rego uma conferencia sobre a defeza nacional, subordinada ao tema: «O armamento das pequenas potencias.»

No decorrer da interessante palestra, o conferente foi muito aplaudido.

Tambem na Associação do Registo Civil, o sr. Lino da Silva realisou uma conferencia que visava «A religião e Estado».

Após a defesa do ensino laico como base do engrandecimento de uma raça atrofiada por preconceitos, o orador encerrou a sua conferencia, sendo muito aplaudido, egualmente.

PULHISMO REACIONARIO

Ha dias foi anunciado em varios jornais que, como regosijo da vitoria do governo nas ultimas eleições, se daria um bodo aos pobres, devendo estes dirigir-se á rua da Esperança, 214.

E' claro, os necessitados dirigiram-se ali deparando com o espanto do proprietario do referido predio que de nada sabia e, como bom republicano que sempre tem sido, calcula-se que fosse algum pulha, afecto á *antiga senhora*, que tão estupido gracejo engenhasse.

Zombar da miseria! Infame, simplesmente...

SANGUE & SELVAGERIA

Para os lados de Bucelas, um lavrador, após uma valente provocação a quatro inimigos, foi por estes esperado e morto á cacetada.

O agredido ainda tentou defender-se a revolver—mas qual! a malta caiu-lhe em cima e malharam como quem malha em cereal nas eiras.

E ainda se diz que Portugal descura a agricultura!

COMOVEDOR!

O sr. coronel Silveira, em face dos desacatos a varios cidadãos por parte dos policias de seu mui digno comando, pediu a demissão do cargo. Por isso, entre sentidos prantos, fez as suas despedidas aos seus queridos subordinados.

Deveras emocionante! Coisas assim comovedoras só na despedida das freiras a seus coios, após a proclamação da Republica.

UMA PAGINA DE ROMANCE

No sabado passado, um caixeiro de mercearia, Augusto Rodrigues, depois de convencer a sua noiva, Adelina Guerreiro, a um passeio pelo pitoresco logar da Amadora, desfechou sobre ela dois tiros de revolver, tentando suicidar-se em seguida.

A desventurada foi conduzida em estado gravissimo ao hospital. onde contou ter combinado com o tresloucado Romeu, abandonar a porca *di* a vida.

«Oh! como sabe amar a gente portugueza!» dirá novamente o sr. Julio Dantas.

Nitrato.

AGULHA MAGNETICA DESTRAMBELHADA

— ...

— Eu sei que é dificil a um organismo vivo resistir aos efeitos desse fenomeno fisico, quando o mesmo fenomeno provoca uma subida de temperatura superior ao calorico especifico desse organismo...

Deve ser como uma agulha magnetica, quando mais do que um ponto de atracção a reclamam á sua invariavel fixidez. A agulha, como louca, lembra um ofidio em natação, que deslisa com um movimento pendular de cabeça, destrambelhado, pelo efeito duma corrente d'agua muito viva e revolta.

— Resultando desse corolario que, na tua compreensão, o correspondente da «Carta de Lisboa», por efeito de vibrações caloricas superiores á capacidade do seu organismo, como um lago que trasborda, foi vêr em Alcolena e Alcobaça aquilo, precisamente, que estava sucedendo aos alfacinhas, por efeito dum calor equatorial.

— Nem mais.

— Realmente...

— Mas vê tu se pódes compreender uma anomalia destas!...

— Com efeito...

— Então o homem faz uma correspondencia de Lisboa, supondo que «talvez devido ao excesso de calor...»

— Sim...

— Sim... «de calor, os cerebros alfacinhas se encontravam algo avariados», e depois...

— E depois?

— E depois vem dizer que «um dia destes um fulano de Alcolena (?) pregou uma tareia na mulher, partindo-lhe um braço». Então os de Alcolena são alfacinhas?

— Mas, tu és de Alcolena?

— Não, mas...

— Ah!...

— Sim, não me posso conter quando vejo incongruencias em letra redonda! «E que uma criadinha de servir lá para os lados de Alcobaça (imagina tu, alfacinhas em Alcobaça!), por diabruras de Cupido, zás! pregou no fole uma boa dose de sublimado».

— Então isto não é para a gente se indignar?...

— Lá isso é, mas...

— Qual mas, nem meio mas... Diz lá para o director d'*O Dever*, que se não póde tolerar uma coisa destas. São correspondencias, bem sei, mas isso não é motivo para assim se publicarem sem uma mais acurada leitura.

— Talvez por ser uma correspondencia é que o Director...

— Qual carapuça! Dize-lhe isto: dize-lhe que fui eu, Ramires Salgado, pessoa que ele não conhece, quem te pediu para lhe mandar dizer estas coisas...

— Pois sim.

* * *

Este dialogo encetado entre mim e o director técnico dum estaleiro, travou-se um dia destes quando aquele cidadão, visitando-me no meu gabinete particular, passava rapidamente pelo olhar varias revistas e jornaes, entre os quaes se encontrava um numero d'*O Dever*, já de julho proximo passado.

Chamou-lhe a atenção, por ser de Lisboa, uma carta daquela cidade, de cuja leitura resultou o dialogo precedente.

Pediu-me para escrever ao ex.mo director e eu, escrevo.

Devo, porém, esclarecer, que quasi no fim da nossa palestra sobre a «Carta de Lisboa» eu chamei a atenção de Ramiro Salgado, para o facto de o correspondente escrever exátamente de Lisboa, lá onde em 3

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSOES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

Relojoaria Probidade

— DE —

Saul Bahia

Encarrega-se de todo e qualquer trabalho em joias, relogios e gramofones de qualquer sistema, garantindo a sua perfeição.

Tambem possue artigos pertencentes aos objectos acima mencionados.

Rua Henrique Dias, n.º 41

S. PAULO — BRAZIL

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

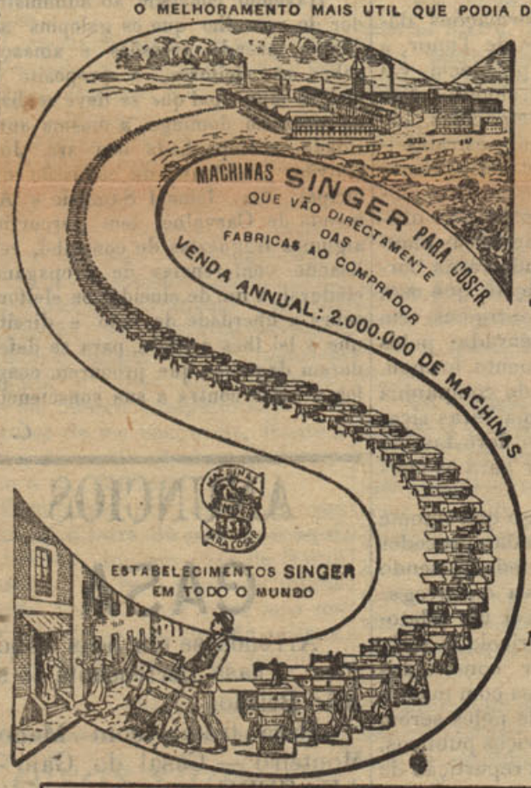
(Junto ao caminho de ferro)

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.

O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.

Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

MELO & MARTINS

Com armazem de adubos quimicos, sulfato de cobre, enxofre e cal para construções

Deposito de gazolina

Endereço postal e telegrafico:

PAMPILHOSA DO BOTAO

São nossos representantes em Mortagua:

NA POVOA, o snr. José Paulo

NA ESTAÇÃO, o snr. José Tomaz.

CASA HAVANESA

16 — Rua Ferreira Borges — 18

COIMBRA

Sortido completo em tabacos, papelaria e perfumarias. Molduras para quadros e galerias, o que ha de mais moderno. Artigos para desenho, pintura a oleo, aguarela, foto-miniatura e pirogravura.

BILHETES DE VISITA

Novidades para brindes, artigos de viagem e toilette etc.

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

MURALINE

Tintas feitas com agua

Estas ntitast eem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha—**COIMBRA**

Ano 2.° Arazêde, 7 de Dezembro de 1913 N.° 94

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os originais, quere sejam ou não publicados. Não se aceitam informações anónimas.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

PORTUGAL E COLONIAS PORTUGUEZAS—Ano 120 centavos; semestre, 60 centavos trismestre, 30 centavos.
BRAZIL — Ano, 2 escudos.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO

Redactor e editor — ALMEIDA JUNIOR

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Redação e Administração — ARAZÊDE

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

Biblioteca da Universidade Coimbra S. B.

PAZ SOCIAL

Recordar o passado é reviver com entusiasmo e doçura as paginas gloriosas da nossa historia, os momentos ditosos da nossa vida, ou sentir na alma o enorme pezadelo que atormentou a nossa patria, que algum dia nos desgostou.

Emquanto houver patrias, emquanto a humanidade compreender que a delimitação de fronteiras importa divisão de direitos entre o homem, emquanto o homem fôr a fera do homem, não poderá a felicidade colectiva passar de um mito, ir além do acanhado e doentio ambiente que a envolve. Uma religião progride sempre tanto mais quanto fôr nociva aos povos que a adotam. E ha religiões por via das quais têm corrido rios de sangue, se têm juncado muitos campos de cadaveres, revolucionado sem exito a maior parte dos povos do velho e do novo mundo.

A ambição desmedida da humanidade tem sido a natural determinante de profundos desgostos entre as nações cujo credo é roubar os haveres de nações diferentes, pouco preocupando o facto de, para isso, ser necessaria a destruição, indispensavel o sacrificio de milhares de vidas, uma vez que se tenha a certeza da saciação de odios, da realisação de feitos canibalescos. Triste sintoma, na verdade, se atentarmos bem no adiantado grau de perfetibilidade social, de elevada civilisação familial. Poderemos lêr, com indiferença, paginas de historia antiga relatando lutas continuas para uzurpar o alheio, atravessar marcos fronteiriços na conquista de submeter o fraco e o menos numeroso; podemos admitir o escrupulo e a dôr do vencido por se vêr subjugado a imposições do vencedor.

Hoje, admira-nos precisamente que tais factos se dêem, e que a liberdade, tão apregoada nas camadas sociais mais evidentes, não passe de um farrapo vil, mais sujo do que um estregão de cosinha. E eis a razão porque nos é dificil compreender aberrações psicologicas como aquelas de que está dando provas concludentes esta Europa esfaimada, inimiga da familia, perversora da colectividade; esta Europa de vis instintos e negregados intuitos, sem coração, indiferente ao amor e ao Progresso, á paz e á harmonia, sempre sedenta de sangue, á vida de caruificina, pantera irritante e vingativa.

Com efeito é falsa a noção que leva povos a odiar povos, que arranca paizes ao seu socego, á sua tranquilidade de seculos para lançar-se no campo de batalha lutando contra o proximo, contra aqueles que, tendo no peito um coração sensivel á dôr, uma alma sentimental e boa, vão morrer em nome duma gloria ficticia, de uma má interpretação de deveres de humanidade. Mas as nações armam-se, e com os seus instrumentos de guerra consomem rios e rios de dinheiro, que quasi chegava para, bem repartidinho, tornar felizes todos os miseraveis do mundo, e até todos aqueles que, amando a guerra e a destruição, dela fázem modo de vida em detrimento de todos os que, de mãos calejadas e sem eira nem beira, vão trabalhando e engrossando os capitais para aquisição dos objetos com que vão ser assassinados.

Dir-se-ia que é diferente o ceu que agasalha uns e outros; que para todos o sol não tem o mesmo brilho, a Natureza não é a mesma mãe amiga e boa, prodiga e consoladora.

Mas vem longe, muito longe ainda o dia em que as fronteiras desapareçam; em que a humanidade, amando-se, reparta em paz o que não faz falta. Porque, recordar o passado, é reviver com saudade paginas gloriosas da nossa historia.

ALMEIDA JUNIOR.

NOTAS

Que contraste!

Leiam hoje a carta do Maçal do Chão que vai publicada noutro logar e qua é da autoría do nossso presado colaborador padre Paulo Evaristo Alves Leiam e meditem. Vejam como um padre, um dos poucos que o sabem ser e um dos rarissimos que são dignos de ser cidadãos, compreende o valor e os beneficios da instrução popular. O snr padre Paulo Evaristo Alves, um ornamento distinto da sua classe, quere uma casa de escola em condições higienicas e pedagogicas para néla se educar o povo. O snr. padre Paulo ama a Luz, ama a Instrução, ama o Progresso do seu país, porque ama o progresso da região em que vive. Quantos e quantos padres por aí alem são a perfeita negação de todos estes principios! Quantos e quantos odeiam a Escola e a instrução do povo, porque desejam espécular com a ignorancia, fanatisando os espiritos rudes e querendo que eles vivam inconscientes!

Um exemplo basta e têmo-lo ao pé da porta: O padre Larangeiro, que móra ali em cima, foi um dia solicitado por nós para mandar reformar as tres janélas do *pardieiro* que ali está no adro. Gastava nessa pequena reforma uns cinco mil reis, pouco mais ou menos. Ele tinha a obrigação moral de a fazer porque recebia—e ainda hóje recebe—quinze mil reis por ano. Quinze mil reis por aquele viveiro de ratos! Pois sabem o que ele nos respondeu? «Que tinhamos luz suficiente e que as janelas não precisavam de reforma.» Argumentámos varias coisas para o convencer da justiça da nossa reclamação, mas o *senhor prior* não se quiz render á evidencia dos factos, porque ele, ao contrario do snr. Padre Paulo Evaristo Alves, quere o povo ignorante, escravisado, sem escolas para aprender os seus direitos e os seus deveres e para conhecer o que são os maus padres, inimigos do bem estar social.

Emquanto o snr. padre Paulo cede parte da sua residencia para instalação duma escola e estimula a junta paroquial a beneficiar a instrução, o prior Larangueiro não quiz ceder 5 escudos para reformar umas janelecas e vai recebendo ainda hoje, pagos pelo governo do snr. Afonso Costa, 15 escudos anuais a que não tem direito nenhum, visto o *pardieiro*-escola ser uma pertença do Estado.

Mas o que queremos frizar é o contraste entre os sentimentos liberais e altruistas do snr. padre Paulo Evaristo Alves e o feitio ganancioso e jesuitico de certos *pastores de ovelhas* que por aí abundam.

Desmentido

Não tem fundamento a nota publicada no numero passado sob o titulo *Buzinas*. Por erro de informação a escreveu um redátor deste jornal, que hoje a dá como improcedente.

Faz-se este desmentido por espirito de lealdade e porque não queremos que se suponha que criticamos por gosto, mas sim baseados na verdade dos factos.

Eleições

Novamente ganharam os monarquicos as eleições da camara tanto em Arazêde como em todo o concelho. Era de esperar. Utilisando-se as *habilidades* já conhecidas, como pedinchisse de votos e passagem de listas, não muito longe das urnas, utilisando-se urnas alcavalas só de monarquicos sabidas e perfilhadas, não é de estranhar que as eleições fossem mais uma vez ganhas por eles.

Os individuos arregimentados que, por causa do estomago, acompanharam os monarquicos até á beira das urnas, revelaram mais uma vez a sua inconsciencia e a miseria do seu espirito, deixando-se guiar pelos monarquicos que, como ninguem, os sabem prender pelo *beiço*, lembrando-lhes os favores já prestados.

Por isso é que as eleições no Seixo, pelo menos foram uma *razzia*. Lá vimos, á frente de tudo, o *pastor d'ovelhas*, estadeando o seu eterno sorriso tão jesuiticamente canibalesco... E lá vimos tambem desta vez o *doutor* Videira a meter a sua colherada para o triunfo ser completo.

Emfim, o que predominou na vitória das eleições monarquicas foi esta coisa mesquinha — o *estomago*. Uns recordavam o estomago, outros palpavam-no, e outros, constituindo a maioria, sentiam-no encolhido.

E por isso toca a ir ás eleições votar pelos monarquicos, que têm dinheiro para emprestar, que têm pipas de vinho para oferecer e o mais que o bestunto recomendar.

Consciencia? Não; barriga e só barriga.

Barriguistas

E depois digam-nos os barriguistas — *chefes*, *sub-chefes* e *manequins* — se não temos razão de falar. Pois não era melhor organisar-se uma *lista do concelho*, com elementos dos partidos dominantes, para que todos, suportando iguais responsabilidades, trabalhassem harmonicamente pelo progresso e desenvolvimento das comissões concelhias? Não seria melhor que, em vez de *barriga* houvesse *patriotismo*, visto que só com principios patrioticos poderá haver harmonia, ordem e boas intenções de parte a parte? Para que servem rivalidades, intuitos reservados? Para que se faz politica de campanario? Para que se põe o estomago acima da Republica? Para que ha a preocupação de ganhar eleições com o fim de pôr de lado bons e convictos republicanos?

Mas continuem a pôr a claro o seu caráter e os seus processos que trouxeram da monarquia, que nós não abdicaremos do direito de fazer a critica merecida.

... E depois chamem-nos nômes.

«Crónica de Lisboa»

Chamamos a atenção dos funcionarios da instrução publica para a Crónica da capital, começando pelo ministro da respétiva pasta. Nunca é demais repetirem se verdades como as que ali se registam, bastando que se tomasse na devida consideração tudo o que naquele sentido se escreve. Ao menos no limite do possivel; e já era meio caminho andado.

CAMARA DA MEALHADA

—=(*)=—

Quando começamos a trabalhar e a interessar-nos pelas eleições, especialmente pelas eleições da Camara, ainda tivemos algumas esperanças no futuro, atentos os nomes que figuravam na lista. A breve trecho, porém, nos chegava a desilusão.

Estão eleitos os membros camararios que hão de governar, que hão de administrar os interesses deste concelho. Uma coisa nos surpreendeu, e dificilmente podemos conseguir que a nossa magua não transpareça.

Referimo nos ao facto de, com dolorosa surpreza nossa, vermos afastado da presidencia o snr. Joaquim da Cruz, que, com brio e simpatia do povo, presidiu aos seus destinos desde as primeiras horas da implantação da Republica. Entretanto, quando ele lá não quizesse ficar, por se encontrar justamente enfadado, esperámos ainda, e como nós quasi todo o povo do concelho, ver sentar-se na cadeira da presidencia o snr. Francisco Mourão ou Abel Godinho. Nenhum deles, porém, lá ficou, e cremos que o snr. Mourão tinha probabilidades de ser, a esta hora, o chefe do municipio.

Que surprezas nos terá reservado ainda a ingratidão do destino?

Zéro.

CRÓNICA DE LISBOA

N'essas noites serênas, luarentas—noites de que só Portugal é relicario—quem não sentirá palpitar as fibras da existencia, envoltas no manto diamantino da Ilusão?

Recordam-se amôres passados, horas deliciosas de velupia e as velhinhas de face encarquilhada recordam tempos ditosos em que foram amadas com ardôr, com frenesi.

O tempo! O tempo! Que grande escultôr se revéla n'esse QUE misterioso e vago que deforma montanhas, sufóca vontades e esmaga gigantes portentósos. Tudo obedece a uma força invisivel, quer seja no mais fecundante *fiat*, quer no mais doloroso *consumatum*.

... E tudo expira e tudo esquece! Mas, coisas ha que não podem esquecer, coisas para as quais a inexoravel ampulheta do velho Tempo não consegue marcar horas de olvido e indiferença.

O 1.° de Dezembro, por exemplo.

Tambem em noites serenas, luarentas, esse punhado de bravos portuguêses traçaram o seu plano de repulsa, de raiva e represália.

Que de anceios, de vigilias, de sacrificios por essa *querida morta* que, em tempos mais ditosos, o divino Camões definiu no seu verso sublime: «Esta é a ditosa patria minha amada!»

E a *morta* resurgiu n'esse memoravel 1.° de Dezembro, emquanto o leão empalhado de Castela era levado aos pontapés, qual ratazana moribunda, exposta á crueldade infantil do rapazio.

Como esquecer, pois, a suspirada desforra para esta querida patria, ainda ferida pelo desastre lamentavel de Alcantara? Não. Ha coisas que não esquecem, nem o tempo—sombrio demolidor—póde soterrar nas ruinas glácidas do olvido.

Recordar, recordar sempre... Não bastam altivos pedestais encimados por bem modelado bronze, não bastam alegorias a resentirem um laivo de mitologia grêga, é necessario o amor patrio que nos faz estremecer fibra por fibra o nosso coração de puros portuguêses.

O dominio castelhano foi o ladrão que, aproveitando ocasião fortuita, nos roubou o que de mais caro podiamos ter: a nossa independencia.

Durante o infame saque—60 longos anos—fômos oprimidos, vilipendiados, escarnecidos. Expulsámos o bandoleiro usurpador? Não bastou. Seguiu se essa enfiada de Braganças pulhas, ladrões ou cobardólas. Expulsaram-se? Não bastou, ainda.

Reconstruir, consolidando a Republica e educando o povo para Ela.

Acabar com essas lutas politiqueiras que mais parecem *habilidades* de *clown* em sujos barracões de feira.

Educar, repito, educar o povo e para isso a instrução primaria é um grande remedio.

Ampliem na, expandam na, desenvolvam-na abrindo escolas, que são os santos tabernáculos onde se aprende a compreender a educação civica.

Ora, eu não sou professor primario, mas sei imensamente bem que o professorado é mal remunerado, mesquinhamente pago. Sei-o bem, infelizmente!

* * *

Ao contrario do desprezo atroz a que o professor português está lançado, a Alemanha e a França, especialmente, remunera generosamente quem ocupa tão sagrado quão espinhoso cargo.

Senão, vejâmos o que diz a um redator do *Seculo* o capitão Correia dos Santos, ha pouco chegado d'aqueles paizes:

«O vencimento anual do professor é, inicialmente, de 2.700 marcos (602$10) e vai até 7.200 marcos (1.605$60), com um aumento de 700 marcos (156$10). Além desta soma, esse funcionario recebe anualmente, para auxilio de renda de casa, de 630 marcos a 1.300 (289$90).

O ordenado é pago adeantadamente, em periodos trimestrais. E' pago *adeantadamente*, veja bem, e não julgue que, como na nossa terra, se coloca o professor na situação de credor ao Estado, durante mezes e mezes. E é esta uma das nossas maiores vergonhas e

uma coisa de que lá fóra nos censuram asperamente

.....

Outro aspéto importante da organisação do professorado é a reforma na inabilidade. Essa inabilidade começa aos 95 anos, com tres quartos do vencimento total. Essa pensão é paga pelo Estado, pois que o professor não desconta coisa alguma no seu ordenado. Como vê, esse grande povo cuida dos seus mestres-escolas e, confiando-lhes o seu futuro, entende que não deve fazer d'eles uns pobres párias...

Outra coisa que na Alemanha se concebe, é o vencimento de categoria e exercicio, invenção puramente portuguêsa, e que consiste em tirar ao funcionario uma parte do seu vencimento na doença, isto é, precisamente quando ele está mais necessitado! O professor alemão, como o francês, póde estar doente durante um ano ou mais, porque o seu vencimento está certo. Mais: se o professor morre, o Estado toma-lhe conta da familia, ficando a viuva com dois quintos do vencimento e os filhos com um terço».

A' vista do que acima fica exposto, o nosso professor terá de cruzar os braços n'um ar de supremo desdem e dizer com o grande Scipião: «*Ingrata patria, non possidebis ossa mea!*»

Gomes Monteiro.

Teatro Gremio

Por motivo de força maior foi adiado para domingo, 14, o espétaculo a que nos referimos no numero passado deste jornal. São mais 8 dias de impaciencia, tal é o interesse que está despertando a representação, no elegante teatro da Pampilhosa, do drama *Quinze anos de prisão*, cujos ensaios se estão ultimando sob a direção inteligente do nosso estimado amigo snr. Alfredo Fernandes d'Almeida, funcionario superior da Secretaria Geral da Companhia Portugueza.

Ao espétaculo assistirá a tuna do logar, uma das melhores destas circunvisinhanças.

Tudo faz prevêr uma enchente.

INSTRUÍ!

A felicidade! Em que consiste essa iluminação? *No amor? na saude? na riqueza?* De que serve que um homem encontre todas essas fortunas invejadas, se por cada homem que as possue ha um milhão de homens que as não tem? Ha-de nascer o primeiro venturoso quando morrer o ultimo desgraçado.

Amantes apaixonados e milionarios sibaritas que no vosso egoismo vos julgais inteiramente, completamente felizes, para aumentar ainda mais a vossa felicidade, dedico-vos o seguinte idilio gracioso, escolhido agora, e ao acaso, de entre muitos outros que sucedem no vosso paraizo terreal.

* * *

A praça está deserta. A noite, fria como gêlo. E, emquanto as legonias dormem no conforto das estufas, ha ali uma creatura humana que dorme nas pedras das calçadas.

De dia pede esmola, á noite exige-a. A' hora da missa encontra-se á porta das igrejas, é o mendigo; á hora do crime, encontra-se á esquina das vielas, é o ladrão. E' um mendigo e um ladrão. De dia traz mulêtas, de noite traz navalha.

Vêde-o. E' uma ignominia embrulhada num farrapo. Caiu ali como um fardo na miseria, estupidamente, brutalmente, mascando pragas.

Donde veio esse homem? Da prostituição, do todo anonimo. Entrou na vida pelo postigo duma roda e ha de sair da vida pelo alçapão de uma guilhotina. Rompeu dum ventre como um sapo dum esgôto. A mãe, quando o deu á luz, não viu o fruto do seu amôr, viu a prova do seu crime.

Escondeu-o no misterio, como o assassino esconde a sua vitima. E o pai?

Seria um principe ou um refugiado das galés? E' indiferente. Em ambos os casos um bandido. E de resto que lhe importa a ele!... E' um fruto do chão, um fruto pôdre. Vem do estrume e vae para a forca. Aos 10 anos conhecia todos os vicios, ignorando todas as virtudes.

Na epoca em que as crianças apanham ninhos, ele roubava relogios. Precocidade!...

Na idade em que se aprende a lêr, ele aprendia a assobiar.

Os preconceitos e os crimes *buscam os cerebros analfabetos*, como os morcegos e os chacaes buscam os subterraneos ás escuras.

Ha mais luz nas vinte e cinco letras do abcedario do que em todas as constelações do firmamento. Não teve pai, não teve mãe, não teve berço e não teve escola.

Germinou como um tortulho venenoso. A lama ensanguentada da miseria tem destas gerações espontaneas!

Aos 15 anos deixou de ser gatuno para começar a ser ladrão. Já não tirava lenços das algibeiras; tirava libras das gavetas.

Ao principio, entrava pelas portas, depois, chegava a entrar pelos telhados...

Seis anos de cadeia: *uma formatura em ladroagem*. Quando entrou levava uma gazúa, quando saiu trouxe uma navalha. Foi rapazóla e veio tigre.

A cadeia engoliu um malandro e vomitou um assassino. Aperfeiçoou-o no roubo e lecionou-o na facada.

Dai por diante distribuiu o seu tempo deste modo: tres anos nas galés e tres mezes na taberna. Um assassino sai muitas vezes duma garrafa. O vinho, propriedade tenebrosa!... combinado com o sangue.

A' bebedeira seguiu-se a indigencia, o *delirium tremens*. Naquele cerebro de perversidade passou um terremoto de loucura. Por fim ai o tendes. E amanhã, a estas horas, quem saberá? Estará talvez numa guilhotina, dentro duma cova ou no fundo dum rio. O cutélo, a miseria e o suicidio disputam-no entre si: tres abutres á espera dum cadaver.

* * *

Filantropos sociaes, respondei-me a isto:

As vossas estatisticas dizem:—A instrução diminue a perversão, quer dizer o alfabeto diminue o crime. O crime é uma doença da alma, como uma pneumonia é uma doença dos pulmões. Para a doença ha um remedio e para o envenenamento ha um antidoto. Como se deita abaixo uma cadeia? Acotovelando-a com uma escola. O professor ha-de eliminar o carcereiro. A luz absorve os miasmas dos espiritos como os miasmas dos pantanos.

No homem ha duas coisas:—O instinto, que é o cego, e a consciencia, que é um farol. As consciencias são as sentinelas dos instintos. A razão é o domador dos apetites. Como se faz a reparação?

Iluminando as ruas? Não; iluminando os cérebros. A grilhêta castiga os assassinos, mas não ressuscita os assassinados.

Não indemnisa, vinga. Ora muito bem, senhores economistas filantropos.

Se as vossas estatisticas, com a exatidão precisa dum termómetro, vos declaram que a instrução faz baixar a criminalidade cincoenta, quarenta, vinte por cento que seja; se elas vos afirmam, repito, essa verdade indiscutivel, repondei-me claramente á pergunta que vos faço.

Dentro duma cadeia ha cem analfabetos. Se a sociedade tivesse ensinado a soletrar, esses cem crimes ficariam reduzidos a oitenta. Quem é, pois, responsavel pelos outros vinte? A sociedade.

Se não admitis a conclusão, rasgai as estatisticas. Se a admitis, como creio, fazei o seguinte:

Ha um juri instituido para julgar um assassino analfabeto.

A sentença deve ser esta:

Considerando que a miseria do criminoso foi um incentivo para o crime;

Condenamos o monstro a ser metido numa jaula;

Condenamos o ignorante a ser metido numa escola;

e condenamos o vadio a ser metido numa oficina. Deem-lhe uma cadeia, um alfabeto e uma ferramenta.

Mas, considerando que, se a sociedade tivesse fornecido um—*a*—*b*—*c* ao ignorante e um oficio ao mendigo, a soma da ignorancia com a miseria não produziria este resultado: —O crime; Considerando que a sociedade foi a causa e o bandido foi o efeito; Condenamos a sociedade a que dê instrução a todas as creanças, e dê trabalho a todos os famintos, aplicando-se mais a evitar os assassinatos do que a regenerar os assassinos.

Guerra Junqueiro.

Publicações

Do nosso estimado colaborador Jorge das Neves Larcher recebemos um opusculo teatral com o titulo de *O Sofrimento*. E' um pequeno drama em 1 acto, bem escrito e com grande sentimento, o que comprova as faculdades de inteligencia do seu autor. Vende-se na Livraria França & Armenio, de Coimbra, pelo reduzido preço de 10 centavos.

Felicitamos o nosso amigo pela sua produção e agradecemos o exemplar com que nos brindou.

—— Tambem do mesmo autor recebemos um livro sobre *Instrução Militar Preparatoria*, que contem toda a legislação sobre o assunto, com indicações valiosas.

Agradecemos o exemplar oferecido.

CARTA DE LISBOA

FOLHA ERRANTE:

«Uma gentil discipula da escola de equitação «Antonio Correia» resolveu estriar-se como *ecuyére*. Apresentar-se-ha montando á americana..»

(Dos jornais)

Sim, a mulher, francamente,
Vai conquistando terreno,
Ora no fôro excelente,
Ora no desporte ameno
Mostrando as *fórmas* á gente!

Temos agora, tambem,
Uma *ecuyére* duma cana
Que, sem o menor desdem,
Monta á moda americana...
Mulher montada... que bem!

INSTITUTO SUPERIOR DO COMERCIO

Teve logar no dia 29 do mez passado a abertura do Instituto Superior do Comercio a que assistiram o snr. Presidente da Republica, ministros das finanças, fomento e instrução. Discursaram os snrs. Marrecas Ferreira e Rodrigo Pequito que frisaram a extrema necessidade do ensino em Portugal. Quando o venerando presidente saía foi-lhe feita uma carinhosa manifestação pelos estudantes daquela casa de ensino.

A MULHER-HOMEM

Para os lados do Campo Grande deu-se, no domingo passado, uma triste ocorrencia com o seu *quê* de romanesco e original.

Uma gentil boémia brazileira veiu, ha tempos, para esta cidade na companhia de uma outra não menos atiradiça. Logo nos primeiros dias Lisboa embasbacou em face das excentricidades das reinadias cariocas. E era vê-las passar fumando, envergando trajes masculinos, etc.

Por fim, á força dos maiores comentarios, soube-se que a que mais se evidenciava nessa enfiada de inovações era jornalista e sa chamava Lucy Pfeiffeur. Foi essa que, no passado domingo, para os lados do Campo Grande, quando passiava de bicicleta foi apanhada por um automovel, ficando em perigo de vida.

As mulheres, oh! as mulheres!

ELEIÇÕES ADMINISTRATIVAS

Novamente o governo venceu em quasi toda a linha. Que diz o snr. Antonio Zé? Ora o que diz? Aquilo que todos os dias nos diz a gaita do capador. Abstenção da parte deles só para fazerem desfeita aos democraticos!

Ora toma!... Bem feito!

——

No ultimo numero d'*O Dever* vi um pedaço de prosa, devida a um maduro qualquer, na qual se repreende este servo humilde.

Mas quê?!... *O Dever* não terá em que gastar o espaço? Eu não terei mais que fazer que dar côdeas de atenção a qualquer parlapatão que apareça?

Adeante.

Nitrato.

Carta do Maçal do Chão

(*Retardada*)

Prometi na minha carta de ha mezes continuar a chamar a atenção de quem competir para a negligencia que a comissão paroquial desta freguezia tem demonstrado na construção da casa escolar para o sexo feminino, para a qual eu contribui com parte da minha casa de residencia, prometendo outro cidadão, Sebastião da Fonseca Leitão, trinta libras para o mesmo fim.

Começou a comissão por provar o seu afan e carinho por tudo o que se relacione com instrução, de que tanto carece o nosso povo, e nisto, apezar de só cumprir o seu dever, aproveitando os auxilios que voluntariamente lhe ofereciam, era digna de louvor, se aquele carinho se não extinguisse tão depressa como os lindos clarões dum foguete de lagrimas! As paredes fôram demolidas e construidas de novo com portaes adequados ao fim a que se destinava Mas ha já um ano e desde então até agora as mesmas paredes estão descobertas, ameaçando uma delas vir por terra! E se cair não será de toda a justiça que a mesma comissão dispenda do seu bolso particular aquilo que criminosamente deixa arruinar? Não julguem os membros da comissão que esta freguezia já está ilustrada bastante para prescindir da ação benefica duma casa escolar! Não! Haverá, sim, muita barriga inchada com importancia que as mesmas barrigas arrotam, mas a respeito de ilustração... estás a vêr!

Eu poderia aqui apontar alguns factos demonstrativos da pouca ou nenhuma instrução que possuem os filhos desta terra, e talvez um dia o faça. Por agora vae só este: Houve em tempo competente reclamações pela indevida inscrição nos cadernos do recenseamento eleitoral dalguns individuos daqui, e uma delas contra um membro da comissão atual com o fundamento de que não sabia lêr, nem escrever! E era verdade! O homem ficou sem voto. E' fantastico e só aqui sucederia!

Por isto e pelo que fica ainda para subsequentes cartas, nas quais diremos do que se passa noutras repartições, se póde avaliar o grande alcance que para esta freguezia adviria da creação duma escola! Não o intende assim quem tem por obrigação faze-lo, mas deste logar lhe afiançamos que jámais largaremos mão do assunto, indo por dózes dando a conhecer ao publico a capacidade intelectual dos *mandões* cá do burgo e o seu *republicanismo nunca desmentido!*

E se com estas purgas que lhe iremos aplicando se deixar ficar no seu *dolce far niente*, levaremos embora bastante contrariados, estes factos até ás autoridades superiores, que por certo mandarão investigar, e os obrigarão a cumprir com os sagrados deveres que lhes impõe o seu cargo, sendo um deles proporcionar aos habitantes desta localidade os beneficios que se lhes requerem, demais sendo, como o de que vimos falando, de tanta necessidade e justiça. Falaremos.

28—XI—1913.

Padre Paulo Evaristo Alves,
Paroco pensionista.

Coisas simples

Fins do outono

Dia de sol, cheio de luz! São restos do outono, mas dum outono sereno quase alegre...

Exultam contentes os lavradores: depois de uma primavera do esperanças e dum estio de canseiras é preciso um outono de colheitas.

Aqui e ali, nos terrenos baixos, veem-se ainda nos campos algumas hastes de milho, amarelecidas, de uma côr desbotada: estão sem vida e formam um perfeito contraste com o verde-esmeralda do chão do mesmo terreno onde as plantas forraginosas exuberantes de vida, fasem um aveludado tapete.

Nas eiras, a secar ao sol, a loirar, os grãos de milho — a riqueza do casal, o antidoto da fome do pobre, são todos os dias espalhados carinhosamente pelas mãos bronzeados do lavrador. E o sol, rútilo, numa despedida, polvilha de oiro a eira e o campo, as arvores e as relvas.

A naturesa descansa das galas que ostentou. De manso, muito manso desceu o outono e despojou as arvores das suas vestes de folhas; até os passaritos olham tristes, dos ramos denudados, a terra dormente.

A naturesa é bela e encantadora a vida campezina. Os amplos horisontes, onde se estendem varzeas e colinas, onde as arvores se acastelam nos outeiros e os tons de verde se casam, se confundem, se mesclam sob a abobada purissima do firmamento, teem para mim encantos.

Aborreço a Cidade com as suas casarias de aspecto monotono, com a sua vida ficticia onde tudo engana sob aparencias de candura; aprecio o Campo onde se respira uma atmosfera sadia e onde a mentira e a hipocrisia, não estabeleceram solar. Não é preciso lêr a *Cidade e as Serras* de Eça de Queiroz para reconhecer este flagrante contraste. E contudo a cidade com a sua vida super-civilisada, aniquila-nos...

.....

O sol doira, lá ao longe na despedida, os corucheus dos pinheiros.

Está o outono na despedida; vai dormindo a naturesa até que Eolo fustigue os ares com as suas tufadas frementes de cólera, e a chuva arraste nas enchurradas as ultimas folhas amarelecidas despegadas das arvores.

3 de Desembro.

Aurea Judit Amaral.

1.º de Dezembro

Na escola de Moeiro (Gaia) superiormente regida pela ilustre professora, snr.ª D. Aurea Judit Amaral, comemorou-se a data historica da Independencia de Portugal, com festa da Bandeira, discursando e prelecionando ás crianças a distinta professora.

Poetas e Prosadôres

Ventura morta...

A lua triste, compungida, chora
E entre soluços de saudade expira,
Saudade infinda d'um bem que partira,
Anjo querido que a minh'alma adora.

E quando, á tarde, morre e se evapora
A luz serena que o azul tingira,
Minh'alma chora, o coração suspira
Doce ventura que perdeu outr'ora!

Doce ventura que em minh'alma entrára,
E que um momento, apenas, só durára
Cedendo abrigo á crua desventura...

O destino cruel assim quizera,
E, enexoravel, não o demovera
O meu triste viver entre amargura!

Lisboa, 13—10—913.

Botelho Cardoso.

Continuamos lutando com falta de espaço, pelo que ficam ainda retidos muitos artigos e outras noticias.

O progresso na agricultura

E' consolador o progresso que se nota na agricultura.

Com efeito, o desenvolvimento dos processos para fazer progredir um dos ramos de maior fonte de receita nacional vão-se notabilisando, e assim é bom, pois a economia do paíz muito lucrará com isso.

Queremos referir-nos á dinamite empregada na plantação de arvores, arroteamento de terra, etc., descoberta maravilhosa que se deve ao grande inventor portuguez e já celebre padre Himalaia.

Assistimos, no sabado, a umas experiencias realisadas nas propriedades dos nossos amigos snrs. José e Joaquim de Melo, na Pampilhosa, e viémos maravilhados com o magnifico resultado obtido. Acompanharam-nos os snrs. deputado Cruz, Joaquim da Cruz, Domingos Rodrigues da Silva e José Martins Catarino, nossos presados amigos, e todos foram concordes em que a himalafte se póde empregar com exito satisfatorio.

Lançou-se fogo a alguns cartuchos colocados em orificios feitos com alavancas, obliqua e órisontalmente, e o resultado foi o mais eficaz possivel. Constatou-se que é, álem de tudo, inofensivo o seu emprego.

Jornais

Recebemos o primeiro numero de um semanario republicano, intitulado *O Defensor*, e que se publica nas Caldas da Rainha. E' bem impresso, bem redigido e com boa orientação, pois, não tendo partido, propõe-se defender os interesses do concelho e da região onde vê a luz da publicidade.

Saudamos o novo colega, desejando-lhe largas prosperidades.

Ferro-viarios de Portugal

Todos os superiores são maus...

Sem nos querermos arvorar em defensor d'este ou d'aquel'outro, não receiando que nos tomem ou venham a considerar como bajuladores, para, a sombra da benevolencia ou protéção que os superiores nos dispensassem, podermos passar á frente d'um ou d'outro, sermos atendidos n'este ou n'aquele pedido, nós, muito terminantemente, declaramos já, que tudo quanto vamos escrever, é simplesmente ditado pela nossa consciencia de funcionario sincero, que indignadamente se revolta contra a *chicana*, a *verrina* e a calunia, com que alguns ferro-viarios menos escrupulosos pretendem cobrir aqueles que, como funcionarios, estão em posição mais elevada e que, por conseguinte, a lama que sobre eles lançarem nos virá atingir a nós, dando um resultado negativo, que muito nos tem prejudicado.

E' com mágua que constantemente vemos em determinados periodicos, homens que se dizem ferro-viarios, mas que se põem sempre a coberto, fazendo uzo do cobardissimo anonimato, e lançarem sobre os seus superiores, epitetos os mais vergonhosos, uzando d'uma linguagem baixa, impropria de individuos em constante convivio com gente de todas as castas, e que, por este mesmo motivo, bem devem saber quaes os termos que devemos utilisar, quando nos dirigimos a alguem que, pelo seu saber, ou pelo seu trabalho, se encontra n'um nivel superior ao nosso, simples obreiros d'uma poderosa companhia.

Muitas vezes, quando em viagem, fugimos de declinar perante outros passageiros, a nossa perfissão, temendo, e com razão, que nos confundam com muitos dos que, ocupando profissão egual á nossa, aproveitam todos os momentos, para apreciarem, junto do publico, desconhecedor d'esta engrenagem ferro-viaria, todos os superiores e as suas obras.

Para a maioria dos ferro-viarios, quando em conversas ou discussões, não se trata d'outro assunto que não seja subordinado ao tema: *todos os superiores são pessimos e todos os inferiores são... bons.* Como se póde fazer compreender tal coisa e como isto póde ter *cabidela* no bestunto de muitos, é o que não podemos compreender, nem ninguem de senso, que veja as coisas tal qual elas devem ser.

Que conceito formarão de nós aqueles que, embora sigam outro modo de vida, receberam melhor educação e que estarão de certo costumados a obedecer e a serem obedecidos? Dirão simplesmente que a maioria dos ferro-viarios, são inimigos de todos aqueles que, pelo seu trabalho, pelas suas aptidões, pela educação que receberam e pela sua conduta, ocupam, entre nós, logares mais elevados.

A dentro dos caminhos de ferro, como em toda a parte, cometem-se injustiças, mas nós não vemos, salvo rarissimas excepções, aqueles que se julgam vitimas, recorrer, sem alardes e com a delicadeza precisa, pelas vias legais, aos seus superiores hierarquicos.

Não, senhor.

No caminho de ferro, a imprensa da classe representa tudo, desde o simples encarregado de apeadeiro, que porventura tenha pessoal sob suas ordens, até ao conselho administrativo, que é a ultima entidade na escala ascendente, e por meio da qual todos fazem as suas reclamações, berram, barafustam, e as mais das vezes mentindo, querem provar a sem razão de qualquer penalidade sofrida.

(Continua).

Erre.

CANCIONEIRO

(Concurso)

IV

Lira agonisante

Amo o brilho refulgente
Do teu cabelo gentil,
Semelhante ao sol nascente
Nas lindas manhãs d'abril.

Amo na flôr a candura,
Que bróta d'entre os abrólhos;
Adoro a luz que fulgura
No ceu azul dos teus olhos.

Quando um sorriso atraente
Te assoma á boca rosada,
Semelha-se á luz candente
Do despontar da alvorada.

Deixa no teu peito arfante
A face triste esconder;
Da amarga dôr cruciante
Que me invade sem te vêr!

Lisboa, 25—11—913.

Botelho Cardoso.

Notas pessoais

Passou no dia 2 o aniversario natalicio da distinta professora de Carvalhos (Gaia), snr.ª D. Gracinda Alves Beleza, realisando-se por esse motivo em sua casa uma *soirée*, que decorreu muito animada até ás 2 horas da manhã, e a que não faltou o brilho e graciosidade que souberam emprestar-lhe muitas damas da *élite*, entre as quaes figurou com distinção a nossa muito apreciada cronista, D. Áurea Judit, que conjuntamente festejou o despacho do seu provimento definitivo na escola para que ultimamente foi despachada.

"O DEVER,,

Vende se em **Lisboa**, na rua do Ouro, n.º 178, 2.º D, sendo nosso agente o snr. A. Soares, a quem os nossos presados leitores e assinantes da capital se poderão dirigir.

GAZETILHA

= 4.º =

Pois senhor's, o padre Xico,
Com toda esta salsada,
Dizem que foi p'ró penico
Esconder-se co'a criada
Das furias do demonico.

Vir dar cá fóra um abraço
Ao filhinho do diabo,
Isso sim, nem a compasso;
'Stava com medo no rabo
E mãos presas ao cachaço.

Olha lá não fôsse tôlo
Pôr a cabeça cá fóra;
Nem que lhe dessem um bôlo.
O cuzinho áquela hora
'Stava mesmo sem consôlo.

— Oh! Senhor! mas que martirio!
— Dizia o padre a tremer,
Agarra-o ao santo cirio —
— Que mal fiz eu p'ra sofrer,
Eu, mais puro do que um lirio?

Azorrague.

MERCADOS

De Coimbra

Feijão vermelho (13,16 litros)				1$000
» branco	»	»		840
» amarelo	»	»		600
» rajado	»	»		700
» frade	»	»		700
Trigo branco	»	»		660
» tremez	»	»		660
Milho branco	»	»		540
» amarelo	»	»		520
Centeio	»	»		440
Azeite (decalitro) 2$750 e				2$700
Grão de bico graudo				1$000
Batatas, 480 a				460

Libras, 5$360. Ouro, 15 %.

De Montemór-o-Velho

Feijão de mistura (14,63 litros)				800
» frade	»	»		750
» môcho	»	»		900
» branco	»	»		1$050
» pateta	»	»		1$000
Trigo	»	»		750
Milho branco	»	»		640
» amarelo	»	»		590
Centeio	»	»		680
Aveia	»	»		420
Cevada	»	»		460
Favas	»	»		580
Grão de bico	»	»		1$000
Chicharos	»	»		500
Batatas				500
Tremoços (20 litros)				760
Ovos, o cento				2$050
Galinhas				500
Frangos				300
Patos				400

Noticias

Consta que volta a ser por folhas a forma de pagamento dos vencimentos dos funcionarios do Estado, proibindo-se-lhes que passem procurações para a recepção desses vencimentos. Quando o empregado estiver impossibitado de sair de casa, mandar-se-lhe-á a respectiva folha, para que a assine, recebendo nessa ocasião o seu vencimento.

Tendo as estampilhas fiscaes de ser substituidas por outras de côr verde e com a indicação do ano, foi determinado o seguinte:

1.º Cessará em 31 de dezembro do corrente ano a circulação e validade das estampilhas atualmente em uso e começará a adotar-se em 1 de janeiro de 1914 o padrão destinado a este ano.

2.º A troca pelas de nova emissão efetuar-se-á, nos termos da alinea *a*) do artigo 7.º do regulamento de 24 de dezembro de 1901, nas tesourarias dos bairros e concelhos do continente e ilhas durante o mez seguinte áquele em que terminar o periodo da validade.

Começou no dia 2 a sessão legislativa, tendo havido tumultos, provocados pelos evolucionistas.

ANUNCIOS

Azeite

COMPRA-SE grande ou pequena porção de azeite, isto é, todo o que fôr oferecido.

Quem quizer vender, dirija-se a **Melo & Martins**, *Pampilhosa do Botão*, junto ao caminho de ferro.

CASA

Arrenda-se em boas condições a casa pertencente ao sr. João Beirão.

Para tratar com Manoel Monteiro — Casal do Gaio — ARAZEDE.

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

NO Juizo de Direito de Montemór-o-Velho, cartorio do escrivão Sampaio, no inventario orfanologico por obito de Antonio dos Santos Oliveira, morador que foi em Pereira, e no qual é cabeça de casal Emilia da Costa Pinheiro, tambem de Pereira, correm editos de trinta dias, contados da segunda publicação do anuncio no *Diario do Governo*, citando o herdeiro Antonio dos Santos Oliveira, solteiro, maior, ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, para assistir a todos os termos até final do mesmo inventario.

Montemór-o-Velho, 19 de novembro de 1913.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.

Lemos Viana.

(43) **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

VII

Um sentimentalista

I

— O amor! quere dizer o amor, exclamou ele dolorosamente. Oh! sim, amei, amo ainda; mas, por quem é, não queira saber agora essa odisseia triste que me punge e me reaviva a chaga que tenho tentado cicatrisar. Um dia, quando o meu espirito fôr talvez sético, quando ele talvez transigir com o espirito desses homens que encaram o amor com desdem, então lhe falarei dum amor infeliz, sem scenas palpitantes, simples e perfeito, como ele deve ser, sincero e puro, cómo eu quiz que ele fosse.

— Respeito muito os sentimentos alheios, disse eu, quendo eles provêm de homens generosos e firmes de crença como o sr. Albuquerque. Pena é que não seja esse o caracter duma parte da sociedade que quere a regeneração e procura ostouvadamente o que a perverte e o que a dissolve. O materialismo, e só o materialismo, é o imperador da vida social. A mundanalidade infesta todas as classes duma maneira assustadora e revoltante. A's vezes chego a crer que os homens mundanos não teem alma para sentir as impressões do bem e do belo, porque só gosam as relatividades que o mundo lhes dá, e esse goso pertence ao coração túmido de prazeres.

— Diz bem, diz bem. Tambem assim o penso — afirmou Pedro d'Albuquerque, cheio de convicção.

— E' necessario agora que me retire, disse eu. Agradeço-lhe do fundo d'alma a sua generosidade invulgar e a sua bondade estremada, e fico esperando pelo cumprimento da sua promessa.

— Pois sim—me disse ele—um dia, talvez brevemente.

E despedimo-nos.

II

Passaram-se muitos dias sem que eu visse Pedro d'Albuquerque.

As minhas ocupações urgentes não me deixavam estar com ele um momento, não obstante o prazer que sentia em me comunicar com um amigo daquela tempera extraordinaria, cheio de ideias e de bons sentimentos, todo espirito e simplicidade, inimigo da materia e do egoismo.

Homens assim ha poucos; e esses que o são, merecem a nossa estima e o nosso respeito fervoroso.

O demasiado apêgo pela materia mostra carencia da alma e ceguidão de espirito. Vêem os olhos do corpo, porque têm muito onde se pascerem; cegam, porém, os olhos da alma, porque lhes falta o nétar que os alimenta e a região sonora onde eles parecem librar-se.

Um dia Armando Leite deu-me a noticia pungente de que Pedro d'Albuquerque estava gravemente enfermo, atacado de tuberculose e de neurastenia.

Acerbou-me a noticia e fui visitalo imediatamente.

Encontrei-o no leito, com o rosto livido e descarnado, a cabeça descaida, e os olhos velados, postos na mãi que estava sentada á beira dele.

Comoveu-me o quadro e não pude represar duas lagrimas que me derivaram pelas faces.

O meu amigo, assim que me viu, abriu um sorriso triste e disse-me:

— Já o esperava.

— Como assim! estranhei eu.

— O amigo nunca esquece o amigo—volveu ele.

E pediu á mãe que se retirasse por momentos para estar a sós comigo. A mãe, uma senhora já idosa, saiu compungida, depois de me volver um olhar de agradecimento, mas repassado de augustia.

Assim que a porta do quarto se fechou, perguntei-lhe eu:

— O que foi que o prostrou assim tão rapidamente?

— Em primeiro logar o infortunio — respondeu ele; em segundo logar, a injustiça dos homens.

— Não veio então a Justiça?

— Não, veio o esquecimento.

— Diga antes a vilesa, a ingratidão, a perfidia dos homens. Este é que é o caracter dominante dos norteadores do paiz.

(*Continua.*)

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55

COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSOES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

Relojoaria Probidade

— DE —

Saul Bahia

Encarrega-se de todo e qualquer trabalho em joias, relogios e gramofones de qualquer sistema, garantindo a sua perfeição.

Tambem possue artigos pertencentes aos objectos acima mencionados.

Rua Henrique Dias, n.º 41

S. PAULO = BRAZIL

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.

O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.

Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

CASA HAVANESA

16 — Rua Ferreira Borges — 18

COIMBRA

Sortido completo em tabacos, papelaria e perfumarias. Molduras para quadros e galerias, o que ha de mais moderno. Artigos para desenho, pintura a oleo, aguarela, foto-miniatura e pirogravura.

BILHETES DE VISITA

Novidades para brindes, artigos de viagem e toilette etc.

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

MELO & MAATINS

Com armazem de adubos quimicos, sulfato de cobre, enxofre e cal para construções

Deposito de gazolina

Endereço postal e telegrafico:

PAMPILHOSA DO BOTAO

São nossos representantes em Mortagua:

NA POVOA, o snr. José Paulo

NA ESTAÇÃO, o snr. José Tomaz.

MURALINE Tintas feitas com agua

Estas ntitast eem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela faciliddade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha —**COIMBRA**

Ano 2.° Arazêde, 14 de Dezembro de 1913 N.° 95

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os originais, quere sejam ou não publicados. Não se aceitam informações anónimas.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

PORTUGAL E COLONIAS PORTUGUEZAS—Ano 120 centavos; semestre, 60 centavos trismestre, 30 centavos.
BRAZIL — Ano, 2 escudos.
Numero avulso, 3 centavos.

.nunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Redação e Administração — ARAZÊDE

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

S. R. Biblioteca da Universidade Coimbra

Confraternisação social

Nada mais simpatico, quanto a nós, do que a confraternisação social, quando ela, bem compreendida e conscienciosamente executada, leva uma boa soma de felicidade a todos aqueles que, tendo nascido para a luta pela vida, lutam constantemente com a morte, sentem bater-lhe todos os dias a miseria á porta.

E' manifesto o nosso atrazo, não ha duvida, mas chegaremos mesmo a retroceder se nos deixarmos definhar pouco a pouco, indiferentes á comunhão do ideal, voltando as costas a iniciativas tendentes a tornarem-nos mais ou menos contentes, a satisfazer de certo modo uma parte das nossas exigencias de todos os dias, exigencias quasi todas filhas de uma desdita atroz, de um sem numero de dificuldades na nossa economia, mais ainda do que na nossa saude.

Por isso o projecto que foi entregue ao governo por uma comissão composta de membros de diferentes classes sociais do Grande Oriente Lusitano Unido de Lisboa deve ser bem meditado, bem ponderado, dando-lhe as classes de Portugal todo o seu incondicional apoio e prestando-lhe a maior soma de auxilios possivel, os sacrificios que a cada um seja dado fazer. Transcrevendo-o em seguida, julgamos que, com a sua divulgação, teremos de certa maneira contribuido tambem alguma coisa para o tornar prospero e efectivo,

Leiam os nossos leitores amigos:

Este projecto, isento completamente de toda a ideia ou partido politico, e só baseado em principios filantropicos universaes, tem por fim exclusivo resolver do modo mais pratico o grande problema social, a fim de fazer desaparecer a fome, o desespero e a malvadez da sociedade, tanto da classe dos pobres operarios como de todas as outras classes que vêem proximo de si um cataclismo que não conseguem resolver — uns, porque o desespero na luta do trabalho não lhes dá a suficiente garantia para o futuro, exgotando-os até ao ultimo átomo da sua existencia, sem conseguirem afastar de si essa miseria; os outros, porque se vêem acometidos e acossados pelos famintos que os odeiam até ao exterminio, sem poderem livrar-se desse mal que aflige todos, porque eles mesmos não podem garantir o socego e bem-estar de seus filhos no futuro.

Para a solução deste grande problema é necessario conseguir por meios pacificos que o Governo permita lançar 1|2 p. c. anualmente sobre os lucros liquidos comerciaes, alfandegarios, de aluguer de casas, de industrias havidas e por haver, etc., para que o capital assim obtido, unido ao que provem do 1|2 p. c. dos salarios e ordenados com que contribuirão todos os operarios, funcionarios publicos, etc., seja depositado em cofre comum municipal, a fim de que uma comissão administrativa para esse efeito eleita pelo povo, se encarregue de fazer produzir esse capital (que entrará no cofre anualmente) quer seja na industria, quer por outros meios convenientes, para que pelo seu rendimento seja beneficiado todo o povo pela forma seguinte:

1.° Os rendimentos dos primeiros anos serão distribuidos como reforma entre os operarios invalidos ou impossibilitados de trabalhar.

2.° Quando, decorrido mais tempo, esse capital haja aumentado os rendimentos, serão reformados todos os operarios que hajam atingido 50 anos de edade, e, quando o rendimento chegue a proporções avultadas pelo constante aumento do capital, serão considerados n'essa reforma todos os funcionarios publicos e militares de todas as categorias que hajam atingido a já citada idade de 50 anos. Convem, porém, observar que todo aquele que tiver direito á reforma deixará o seu logar vago para outro individuo, sem o que não receberá a reforma.

3.° Considerando que este capital irá sucessivamente aumentando e que poderá chegar um dia em que as quantias que correspondem á reforma possam ser exorbitantes, a comissão administrativa então poderá distribuir o excesso igualmente entre todos os que trabalham, sem distinção de classes, começando pelos mais necessitados, e assim sucessivamente.

4.° As viuvas e orfãos dos operarios, etc., serão socorridos conforme a comissão administrativa ou o Governo acordar.

Deste capital, que constantemente irá aumentando (aceitando-se tambem para este fim todos os donativos, legados, etc.) e que chegará um dia a atingir uma soma fabulosa, nunca se poderá dispôr senão para faze-lo produzir pela fórma já indicada. Se, porém, a comissão administrativa entender que o rendimento dos primeiros 4 ou 5 anos não chega suficientemente para uma reforma desafogada convirá então que naquele espaço de tempo se utilise a metade do capital anual para que o beneficio seja maior. Concluido aquele praso todo o capital será inviolavel.

Arredado de paixões politicas, sem partidarismos balôfos, tendo apenas em mira o bem-estar da humanidade que sofre, a comissão compreendeu que acima de tudo estava a felicidade do proximo, e enxugar as lagrimas de dôr e minorar a desdita dos que tudo produzindo, teem o catre do hospital como ultimo recurso depois de terem enchido os cofres de oiro aos poderosos da terra.

Mas vamos a ver se a escravidão terá um fim...

ALMEIDA JUNIOR.

NOTAS

Miôlo a menos

Não sabemos se o leitor arguto tem reparado na triste figura da oposição desde que reabriu o Parlamento. Se tem reparado em tal, ha de ter notado que a esterelidade é manifesta e muito mais palpavel a falta de... miôlo.

E foi para isso que nós por cá tanto nos sacrificamos para auxiliar os parlamentares que, não tendo a noção do dever, imaginam que o país está disposto a aturar os seus desmiolados bestuntos. Já agora só com um novo Parlamento acabará tanta prova de inépcia.

Até lá, teremos que aguentarnos com cabeças a mais e... miolo a menos.

Vereadores ás aranhas

E' o que por cá se vê, cá pelo concelho onde o feudalismo criou raizes de tal maneira profundas, que não ha destrui-las.

Vereadores, politicos, tudo anda na lua. Na lua e... nas tabernas entretendo-se a debicar em criaturas que só pecam por não correlos com o bico da bota. Muito póde o dr. Videira, quando senhor do grau da esquentação que não permite deixar ver ao longe, mais ao largo do que deviam atingir as luzes brilhantes dos seus cabaços avinhados

Por quanto tempo estaremos nós ainda sob a *alçada* patusca de certos governantes e *mandões* con celhios?

O snr. Prior

Vimos ha dias o snr. prior, sempre risonho e jovial, com aquela alegria bem propria do seu temperamento de homem independente, a aconselhar a um paroquiano a paz do lar. E falava com convicção, o bom do padre. Exemplificava a sua atitude correta, por ter, ha dias, *reconhecido como filho* uma criatura que, como tal, se lhe apresentou.

E' simplesmente bondoso o snr. prior. E' assim, afinal, que fazem todos os bons pastores. E é assim que devem proceder todos os que do amor paternal teem a verdadeira noção.

E o snr prior, sempre a rir, a rir muito, não cessou de aconselhar concordia ao seu pobre paroquiano.

E' assim, prégando a doutrina de *Frei Tomaz*, que se conduzem almas pecadoras ao bom caminho da luz que... cega afinal os... cegos.

Conhecem o snr. prior, ali de cima? Nós gostamos de ve-lo aqui junto de nós, onde ele confessa que está contente.

E com efeito, ele dá-nos muitas vezes o prazer dos seus olhares... por baixo do côco.

CRÓNICA DE LISBOA

—=(*)=—

Teremos em breve a moeda de oiro da Republica.

Não ha que dizer. Já é alguma coisa, felizmente.

O seu modelador, Jcão da Silva, que a este junta muitos ontros trabalhos que o notabilisam aos olhos do mundo artistico, refere a sua concéção genial: — «Foi em Pariz, ouvindo a aria inimitavel dos *boulevards*, que eu tracei a *maquette*. Como se vê do meu modelo, e como o indica a minha propria divisa, idealisei uma figura simbolica, alegoria á fortuna pelo trabalho. As moedas estão cheias de cabeças da Republica e eu quiz arranjar uma coisa diversa. A minha moeda é um hino de esperança: esperança na renascença nacional. Ela signi fica uma apoteóse ao trabalho e á fortuna que nasce naturalmente do trabalho».

Grande artista e nobre coração!

Mas, essa esperança que sobre ele lança os gratos prenuncios, de uma grandeza futura será visivel, palpavel, realisavel?

Não sei...

Subamos ás culminancias do Olimpo.

Ali, os trônos aérios dos altos senhores para quem a fortuna, embora voluvel, tem sorrisos de amor e garridice.

A ventura enflora-lhes os oleosos, bonacheirões, desperdiçando aquilo que a boa estrela lhes prodigalisou numa generosidade sem limites e outros — quantos e quantos! — mordendo aindr a mão que os acaricia.

Olhai agora as miserias terrênas:

Aquele é o mestre-escola.

Que fundas rugas se lhe vincam nas faces! Que dolorida magua lhe sombreia o rosto de eterno martir.

Se essas rugas falassem, se essa magua dolorida contasse os seus segredos, ha! o que não diziam!

Traçariam o libelo acusatorio a sua ex.ª o Desleixo que, amancebado com Madame Indiferença, sufóca, no som das suas bacanais, o grito aflitivo dos pobres oprimidos.

Que contraste! Horror!

E fala-se em esperança: esperança na renascença nacional!

Que o teu presagio se cumprisse com a mesma espontaneidade que tu arrancáste á massa bruta do oiro a fórma genial do belo!

Gomes Monteiro.

Coisas simples

Canto coral nas escolas

De todas as artes a principal é a musica por causa da sua influencia moral.

ARISTOTELES.

Reuniram, já nem sei quando, em Lisboa alguns professores, poetas e cultores de musica para assentarem as bases em que deveria ser organisado um livro de composições apropriadas ao canto coral nas escolas primarias.

Creio que dos seus trabalhos se não colheu resultado pois que alguns associados se não conformaram com o parecer do *relator* e vice-versa. Uns condenavam o canto sentimental, saudosista; que o povo português é profundamente triste, mas que ha cantos populares muito alegres principalmente no Minho, diziam outros. Ficaram a final sem nada resolvido e apenas com a impressão de que somos descendentes de iluminados sonhadores e nós sonhadores tambem...

Eu julgo muito importante nas escolas o ensino do canto coral. A missão do professor não é só instruir, é tambem educar e por isso precisa de lançar mão dos meios para adquirir o seu fim e a musica e o canto auxiliam-no.

E' trivial ouvir-se dizer que o povo português é sentimentalista e que no nosso paiz toda a gente é musico e poeta. Será verdade, mas é preciso aproveitar essa tendencia natural para o campo educativo.

Sei que a musica efeminada e o lirismo poetico excessivo enervam, mas o canto coral com musica e letra escolhidas será interprete da beleza e da harmonia e cultiva a bondade. O coração tem a sua linguagem que a musica torna conhecida e compreendida.

Para que a musica tivesse valor educativo e o canto coral fosse util nas escolas bastava-lhe apenas a parte estetica, a cadencia e o ritmo. Beethowen, Chopin e Verdi não foram decerto uns benemeritos da humanidade, mas foram interpretes da dôr e da alegria que as suas almas de artistas compreenderam e deixaram para a posteridade, nos caratéres graficos chamados figuras musicais que a inspiração de Guido d'Areso inventara.

Na Grecia antiga o ensino da musica era considerado como parte integrante da educação; os povos destrutivos e guerreiros corriam na sua marcha de exterminio ao som de mavorticos hinos; e até os romanos, que punham o que é *util* acima do que é *belo*, pagaram o seu tributo á arte musical, tributo embora tardio que deu a ridicula figura de Nero que envergava a purpura imperial e era ao mesmo tempo bôbo, musico e cantor. Os selvagens mesmo gostam de musica; nos seus *batuques* os grunhidos soltos ao ritmo dos *tan-tans* de improvisados bombos, fazem perceber que sob aquela tez, tisnada pela imprudencia de Faeton quando guiava o carro do Sol, ha um coração que sente, embora com rudeza porque não fôra ainda lapidado pela civilisação.

. . . . . .

E' preciso que as nossas escolas primarias possam servir para o fim a que foram destinadas: instruir e educar. Para isso é mister que sejam melhoradas as condições economicas do professorado e que se dispense protecção á escola afim de que ela seja alegre e atraente.

Aurea Judit Amaral.

CANCIONEIRO

(Concurso)

V

Sons dispersos

—*—

Já em teu rosto sentiste
Rósios labios de carmim,
Osculando-te amorósos
Como a alvorada um jardim.

Embriagado de amôr,
Já sonhei sobre os teus seios,
Almofadas de alabastro
Onde depús meus enleios!

Como são meigas sa flôres
Seus perfumes exalando,
Dir-se-ia que Cupido
Entre elas anda brincando!

Em teu rosto diamantino
Ha um profundo misterio,
Triste, mais triste que as lousas
Das campas d'um cemiterio!

Lisboa, 28—11—913.

Ricardo Fernandes Sardinha.

Correspondencia:

X. (Lisboa). Terminantemente, não se publicam originaes anonimos.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

LXXVII

A Escola Primaria em fóco — Excelentes medidas sôbre instrução — O governo impõe-se á consideração do professorado primario

O Governo apresentou ao Parlamento um relatorio excelente, em que se apontam as medidas tomadas no interregno parlamentar e aquélas que, segundo o seu criterio, se devem tomar de futuro. Além do sintôma que a apresentação de tal documento revela, visto que, pelo que dêle conhecemos, se vê que a sua redacção obedeceu a uma clara sinceridade e desusado espirito de justiça,—ha na parte que se refere ao ministerio da instrução materia que muito deve interessar o professorado primario.

Anuncia o Governo da presidencia do insigne estadista dr. Afonso Costa «que acompanhará cuidadosamente a discussão da reforma do ensino normal, já votada no senado e que procurará aperfeiçoa-la o melhor possivel; que proporá uma medida referente ao ensino primario, no sentido de dispensar os respectivos exames, substituindo-os por provas de aula, semelhantes ás já adoptadas para a passagem de classe e destinadas sómente a graduar os alunos; que proporá que se consigne o principio da resolução dos pleitos entre as camaras municipais e os professores por meio de arbitragem; que, devidamente autorisado, reunirá, num só diploma, toda a legislação sôbre ensino normal e primario, para então possuirmos o nosso codigo de instrução primaria».

Parecerá pouco a muitos colegas — mas é na realidade muito. Tanto mais que a efectivação de tais promessas nos é garantida pela mais que provada probidade do presidente do conselho de ministros e pela ainda não desmentida bôa vontade do ministro da instrução. Sempre nos cançámos de dizer que o bom ensino normal é o principio indispensavel do bom ensino primario; que os exames não são, bem feitas as contas, mais do que exibições balôfas, senão ridiculas, de saber; que a parte grave da entrega da administração escolar ás camaras municipais era principalmente a facilidade com que estas haviam de, fortes com a sua autoridade, provocar conflitos com os professores que lhes desagradassem; finalmente, que a mescla de decretos, portarias, circulares, o diabo — enormemente prejudicavam o ensino. A tudo isto o governo está disposto a pôr termo. Os drs. Afonso Costa e Souza Junior, contra o que andavamos habituados, ouviram-nos. Não deve a classe negar o necessario apoio ás suas boas intenções. E só resta que o Parlamento cumpra igualmente o seu dever.

E' o que esperamos.

Prof. Manoel José Antonio.

CARTA DE LISBOA

—=)•(=—

FOLHA ERRANTE:

A. A.

«Desejo que esperes até vêres o fruto colhido da tua obra. —*Isaura*».

(D'*O Seculo*).

Safa! que é ser inocente...
Pois o que é que hade saír?
Um petiz gordo e valente
E uma parteira a assistir!

NA ACADEMIA DAS SCIENCIAS

Na Academia das Sciencias foram proferidos, domingo 7, os elogios historicos de Bulhão Pato e Souza Monteiro em sessão soléne á qual presidiu o venerando presidente da Republica. O laureado escritor dramatico snr. Julio Dantas traçou em eloquentes palavras o panegirico do excelso cantor da *Paquita*, impressionando fortemente a assistencia, sobretudo quando fecheu o seu discurso com esta chave doiro:

«... estou a vê-lo fidalgo, suntuoso, exagerado, hespanhol, como se o vestisse um gibão preto de Velasquez, sacudir a juba, cofiar a pera de fauno velho, avançar na luz ofuscante de além-tumulo, pôr a mão sobre o hombro formidavel de Deus e perguntar-lhe familiarmente:—Rapaz, como vais tu?»

MOMENTOS DE DESESPERO

Pela tarde de sexta-feira, 5, correu pela cidade a noticia que o professor Carlos de Melo se tinha suicidado. Efectivamente assim era: o distinto pedagogo aproveitando a ausencia duma filha com quem vivia encerrou-se num quarto de banho e abrindo a valvula do esquentador a gaz foi por esse meio ao encontro da morte. O suicida deixou duas cartas, uma endereçada ao snr. presidente da Republica e a outra ao presidente da Camara Municipal, ignorando-se os motivos da triste resolução.

ERMETE ZACCONI

A empreza do teatro da Republica ofereceu, no sabado passado, ao grande atôr italiano Zacconi um almoço de homenagem ao qual assistiu por convite o snr. Afonso Costa. Abriu os brindes o snr. Visconde de S. Luiz Braga que enalteceu os dotes artisticos do grande tragico, seguindo-se-lhe o snr. presidente do concelho que num caloroso improviso saudou Zacconi e a Italia, declarando que o governo se associa sempre a manifestações darte.

Por fim, o sexteto do teatro tocou o hino italiano sendo erguidos muitos vivas á Italia, a Zacconi e por este a Portugal.

PAULO BARRETO

Em consequencia da brusca partida para Paris do distinto jornalista fluminense, ficou adiado o banquete de homenagem que os seus amigos tencionavam efectuar em sua honra.

Terá logar, brevemente, quando regresse, para o qual já estão inscritos os snrs. dr. João de Deus Ramos, João de Barros, Tomaz da Fonseca, Afonso Lopes Vieira e outros.

Nitrato.

Almeida Junior

—=—

Fez hontem anos este nosso querido companheiro de trabalho, tendo sido festejado cordealmente por muitos dos seus amigos e pessoas das suas relações.

Um abraço de parabens.

SPORT

O que é o *sport?*

E' um divertimento que distrae e ao mesmo tempo desenvolve o organismo fisico.

Qual é então o *sport* que mais se usa em Portugal?

Respondo sem hesitar: — é o *foot ball*. Não ha ninguem que não desconheça este genero de *sport*.

Entre muitos que podiamos citar, ha os seguintes: o ciclismo, o pedestrianismo, etc., mas como o *foot-ball*, nenhum conta tantos adeptos.

Aqui no Porto, por exemplo, são inumeros os clubs que exercem o *foot-ball*, apesar de muitos deles não terem regulamentação alguma.

Pudemos citar o *Boa-Vista Foot-Ball Club*, *Foot-Ball Club do Porto* e *Império Foot-Ball Club*, muito bem organisados e com boa orientação; mas como estes ha muitos outros.

Nesta cidade fundou-se ultimamente a *Associação Foot-Ball do Porto* com a qual pretendem socialisar os clubs mais cotados, formando nucleos fortes. Isto porém é um tanto problematico porque todos os socios querem viver independentes e proceder a seu modo, sem ter quem os domine.

Porto, 26—11—913.

Armando Duarte,
1.º secretario do I. F. C.

Desigualdades

—=—

Segundo consta, vai ser apresentada, na atual sessão legislativa, uma proposta tendente a equiparar os vencimentos dos funcionarios dos ministerios do Fomento, Marinha, Guerra, Interior e Instrução aos dos seus colegas das Finanças e Colonias.

Esta proposta, que decerto será bem acolhida por todos os partidos politicos vem terminar com a desigualdade revoltante e inexplicavel que existe entre os funcionarios das Finanças e Colonias e os seus colegas dos demais ministerios.

E repito, inexplicavel porque de fórma alguma se compreende que o aumento se estendesse sómente aos dois indicados ministerios, cujos funcionarios tinham e têm o mesmo numero de horas de trabalho e identicos deveres que têm os seus colegas dos ministerios não beneficiados.

Além disto, era mesmo muito mais rasoavel, atendendo á triste situação economica do paiz naquela ocasião, que o aumento destinado áqueles dois ministerios fosse proporcionalmente dividido por todos, pois que, do cumprimento desta acertada medida, resultaria um beneficio geral com que muito lucraria o tesouro.

Uma comissão de funcionarios de varios ministerios chegou a apresentar um completo estudo deste assunto, que dava o resultado seguinte:

Importancia dispendida a mais com o aumento feito aos funcionarios das diversas categorias dos ministerios das Finanças e Colonias

129:426$000 reis

Importancia que se dispenderia unificando os ordenados dos funcionarios das diversas categorias de todos os ministerios

113:504$000 reis

Saldo positivo, 15:922$000 reis

Como se vê pelos presentes numeros, esta unificação não só trazia um certo contentamento aos empregados citados, como ainda beneficiava o tesouro com a quantia de 15:922$000 reis.

Posta de parte esta unificação de vencimentos, provavelmente para não ferir direitos adquiridos, só mais tarde se começou pedindo a equiparação de vencimentos, tendo em atenção a atual situação desafogada das finanças portuguêsas.

A verba a dispender com o aumento a fazer aos funcionarios dos ministerios não recompensados é relativamente diminuta, pois que o total dos empregados é aproximadamente um terço do pessoal dos ministerios das Finanças e Colonias.

O snr. dr. Afonso Costa, apresentando tal proposta, cumpre nobremente a sua palavra e termina com a vergonhosa injustiça impropria dum regimen democratico, que tem por lema essa encantadora trilogia:

Liberdade, *Igualdade* e Fraternidade.

Jorge das N. Larcher.

GAZETILHA

=5.ª=

«O' Virgem dos Navegantes,
Tu que és a santa advogada
Dos patifes e tratantes,
Livra-me a mim e á criada
Dêstes infernos constantes!

«Ora em que assados eu 'stou!
Ora que marôto aquele!
Eu sou pai, lá isso sou,
Mas dizer que sou pai dele
Nessa fita é que eu não vou.

«Todos os padres têm filhos,
Toda a gente o sabe bem;
Quem tem filhos tem cadilhos,
E eu metido nêl's tambem!
Cebôla p'ra tais sarilhos!»

«Quem lhe quer mal 'stá vingado,
—Diz-lhe o coiro da criada
Em quem êle 'stava abraçado —
O senhor não lhe fez nada
E ele parece estar danado...

Azorrague.

Ferro-viarios de Portugal

Todos os superiores são maus...

(*Continuação*)

Como iamos dizendo, «todos os superiores são maus», mas nós, apesar de novo no oficio, contamos já na nossa matricula algumas notas, que vão desde a simples repreensão até á suspensão de vencimento e exercicio e comtudo, bem alto o dizemos, não ha um unico superior a quem tenhámos de acusar ou censurar por motivo das penalidades sofridas, pois que todas elas, mais leves ou mais violentas, nos teem sido aplicadas, devido unica e simplesmente a nós, que ou por simples descuido ou por não prestarmos a atenção precisa a este ou aquele serviço que nos foi distribuido, a isso levamos aqueles que teem por missão fiscalisar e velarem pelo bom andamento do serviço.

Já alguns castigos nos teem sido aplicados, dos quaes nos não julgamos responsaveis pelas faltas que lhe deram origem, ou ainda por demasiado violentos e nós, na ocasião oportuna, muito bem soubemos reclamar, tendo sido sempre atendidos quando podemos provar que a rasão está do nosso lado.

Os ferro-viarios do Norte, então, levam as *lampas* aos colegas d'outras linhas nos insultos e nas *alcunhas* com que mimoseiam os seus e nossos superiores. A este chamam «caixeiro de amostras», «pescoço torto», «sóba»; áquel'outro chamam o «policia», o «guarda-portão», etc.

Ora todos muito bem devem compreender, que nada ha que mais nos prejudique, no conceito desses superiores, de quem em quase tudo dependemos, que lançar sobre eles epitetos vergonhosos — pois que os que acima citamos são os de somenos importancia em linguagem propria de quem só vive em vielas frequentadas pelo vagabundagem das cidades, ou que nelas tenha nascido ou sido educado.

Pondo em confronto a obra dos inspectores do Norte com a dos inspectores d'outras secções, somos obrigados a acreditar que aqueles sob as ordens dos quaes trabalhamos, não são peores e comtudo não vemos nos jornaes dirigir aos outros inspectores as incorrecções que aos do Norte continuamente estão dirigindo.

A' testa da 3.ª Secção, temos nós um inspector que, como profissional inteligente e trabalhador como é, pode e deve estar na vanguarda de todos os outros inspectores e que, como homem tambem digno, é merecedor que todos lhe rendamos a homenagem devida.

A este inspector se devem beneficios d'ordem moral que os nossos colegas d'outras secções ainda não usufruem, pois que estamos sempre vendo no *Ferro-Viario* e n'outros jornaes que o pessoal se queixa contra as 16, 18 e mais horas de serviço a que os obrigam e na 3.ª Secção desde ha muito que o Inspector Principal compeliu todos os chefe sob as suas ordens a elaborarem as escalas das estações de forma que a cada agente não coubessem mais de 12 horas de serviço em cada 24.

Não representará isto um enorme beneficio? Comtudo este inspector é um dos mais atingidos pelas *vaias* dos seus subordinados. E qual a rasão? Não sabemos, nem ninguem no-lo poderá dizer, a não ser que essas *vaias* sejam obra d'algum despeitado ou de algum incompetente, sem meritos proprios e, por conseguinte, que não gose dos beneficios que estão na alçada de um inspector conceder. E quem são os prejudicados com tudo isto?

Somos nós, os que trabalhamos e que fazemos por cumprir o mais possivel as obrigações que nos dizem respeito.

Não se cobrissem os autores de tendenciosissimas noticias que temos lido debaixo do miseravel anonimato, e nós bem saberiamos da autoridade com que eles poderiam falar.

Alguma vez acusaram o inspector a que nos vimos referindo de ter cometido algum crime contra as regalias ou direitos dos seus subordinados, ou de ter prejudicado gravemente nns em beneficio d'outros? Não!

Mais poderiamos dizer ainda, mas falta-nos o tempo para tratarmos das obrigações do nosso cargo.

Erre.

Notas pessoais

Para o Brazil partiram na semana passada os nossos estimados assinantes, snrs. Antonio Pina e Adelino Pina, do Zambujeiro.

Boa viagem.

=== Passou no dia 11 o aniversario natalicio do nosso amigo, snr. Manuel Simões Lopes, de Vila Franca.

Parabens.

=== Regressou do Porto o nosso prestimoso amigo, snr. Francisco Bastos Mourão, membro da camara municipal da Mealhada e bemquisto industrial em Pampilhosa.

Teatro da Pampilhosa

E' finalmente hoje que se realisa a recita a que temos aludido, no elegante teatro da Pampilhosa, por certo um dos melhores e mais modernisados da provincia. Com efeito, são dignos de todo o elogio os seus fundadores e todos aqueles que para o engrandecer teem denodadamente trabalhado.

Falará sobre a educação popular e utilidade da escola primaria o nosso camarada de redacção, Almeida Junior.

Para melhor elucidação dos nossos leitores, a seguir transcrevemos o respectivo prospéto, agradecendo á Direcção a gentileza do convite que nos foi dirigido:

Récita extraordinaria

Promovida pelo «Grupo Dramatico de Beneficencia», sob a direcção do ex.mo sr. Alfredo Fernandes d'Almeida, com o benemerito e patriótico fim de beneficiar o fundo necessarario á construção da Escola Democratica da Pampilhosa.

Hoje, ás 8,30 da noite

Entusiasticamente colabora nesta simpatica festa a orquesta composta dos melhores elementos artisticos da Tuna Recreativa da Pampilhosa, que executará lindos trechos do seu novo reportorio.

—=—

CONFERENCIA

Por especial deferencia, preleciona sobre a utilidade da Escola, o ex.mo sr. José d'Almeida Junior.

A representação do drama de

grande sucesso, em 3 actos, de Afonso de Castro

Quinze anos de prisão

Distribuição: — Conde de Santelmo, Alfredo Augusto Cabral; Marquez de S. Jorge, Mario Pedrosa; Paulo Gagelet e Deloné, João Fernandes de Almeida; Saint-Pierre, Antonio Cigarra; e Maria Santelmo, D. Beatriz de Almeida.

A DESPEDIDA
(Sonho Dourado)

Canto e côro—D. Beatriz d'Almeida e Alfredo Cabral.

A engraçada comedia em 1 acto

ESTÁ CÁ O AUGUSTO

Personagens:—Cesar de Vasconcelos, Joaquim Pires; Augusto do Vale, Mario Pedrosa; Augusto Duval, Alfredo Augusto Cabral; Valentim (creado), João Fernandes d'Almeida; D. Rosaria, D. Alexandrina d'Almeida; Magdalena, D. Beatriz d'Almeida.

A comedia em 1 acto

O Tio Torquato

Tio Torquato, Alfredo A. Cabral; Engenio, Joaquim Pires; Luiza, Alexandrina Almeida; Creado, João F. d'Almeida.

PREÇOS — Camarotes de frente, 1 a 6, 1$550; Idem, 7 a 12, 1$250; Idem, 13 a 16, 1$050; Cadeiras, 220; Geral, 120.

"O DEVER,,

Continuamos a receber muitos boletins de assinaturas, devido á amabilidade de muitos dos nossos assinantes e presados colaboradores. Isto prova unicamente que *O Dever* conta com muitos amigos e que tem probabilidades de longa vida, o que é um protesto aos pequeninos despeitos de certa gente que não vê *O Dever* com bons olhos.

Aos nossos amigos e colaboradores o penhor da nossa gratidão.

Anti-alcoolismo

O COPITO

São seis horas da manhã. De todas as partes vêm chegando os operarios que vão para o trabalho. Uns param nas vacarias; outros, em muito maior numero, infelizmente, entram na taberna. Vão *matar o bicho*, ingerindo uma certa quantidade de aguardente ordinaria. Ignoram por completo que o alcool tomado em jejum é tanto mais prejudicial quanto é certo neste momento fazer-se a absorção com uma extrema rapidez, devido ao estomago estar vazio.

Todavia, um operario ainda novo ia andando pelo seu caminho sem parar.

— O' Paulo, então tu não entras?—diz-lhe um companheiro.

— Não, acabei agora de almoçar, não tenho sêde.

— Essa agora! Não tenho sêde! Como se fosse preciso ter sêde para beber! Anda cá, homem, sou eu que pago.

Paulo, depois de hesitar um momento, lá foi. Tinha pensado: «Que diabo! um copito, que mal poderá fazer?»

Que mal?... A'manhã, ou talvez logo, toma outro copito, depois outro, e assim sucessivamente, até que completa a sua ruína: — a ruína da saúde, a ruína da bolsa e a ruína do lar domestico.

MERCADOS

De Cantanhede

EM 6 DE DEZEMBRO

151

Milho branco	$70
» amarelo	$60
Trigo mouro	$88
» tremez	$80
» mourisco	$80
Centeio	$70
Cevada	$60
Aveia	$60
Aveão	$48
Arroz	1$80
Serradela	$60
Feijão mocho	1$10
» branco	1$10
» amarelo	1$06
» rajado	$90
» frade	1$00
» carraço	1$10
» brazileiro	1$10
» canario	1$00
Ervilha	$70
Tremoço (20 litros)	$65
Grão de bico	$80
Fava	$54
Chicharo	$50
Azeite	3$00
Vinho tinto (20 litros)	$55
» branco	$60
Vinagre	$65
Aguardente	2$70
Geropiga	1$60
Batata	$44
Lã	3$00
Trevo	$06
Azevem	$12
Sal	$16

Publicações

A Caprichosa (novela), por Diego de Pastrana. Preço: 10 centavos. — E' um conto muito curioso, editado pela redacção do nosso colega *A Humanidade*, de Coimbra. Tem um entrecho invulgar, o que atesta as qualidades de inteligencia do seu autôr.

Agradecemos o exemplar que nos foi oferecido.

Valor da nova moeda

Um escudo ou avo de ouro (1$000 rs.) divide-se em 100 centavos:

1/4 centavo	equivale a	2 1/2 réis
1/2 centavo	»	5 »
1 centavo	»	10 »
2 centavos	»	20 »
5 centavos	»	50 »
10 centavos	»	100 »
20 centavos	»	200 »
50 centavos	»	500 »
1 escudo (100 centavos)	equivale a...	1$000 »
2 escudos (200 centavos)	equivale a...	2$000 »
5 escudos (500 centavos)	equivale a...	5$000 »

Noticias

Por circular da Direção Geral das Contribuições e Impostos de 21 d'outubro do corrente ano, foi determinado que as propostas d'avença do real d'agua sejam apresentadas até ao dia 20 do mez anterior áquele em que respeitar o trimestre pelo qual se pretendam avençar.

Assim, neste mez, deverão os contribuintes apresentar as suas propostas até ao dia 20 impreterivelmente.

Pela pasta das finanças vai ser publicado um decreto prorogando por seis meses o praso para os funcionarios publicos requererem os seus novos diplomas de encarte, formalidade que respeita unicamente aos que teem ordenados superiores a 360$ anuais. Os modelos dos novos diplomas estão sendo executados na Imprensa Nacional.

No dia 2 de janeiro proximo devem abrir em todo o país os cofres publicos para a cobrança da contribuição predial.

A Companhia Geral de Credito Predial Portuguez foi autorisada a criar e emitir 10:000 obrigações prediais, em titulos de uma, cinco e dez obrigações, do valor nominal de 90 escudos cada obrigação, do juro de 6 por cento, pagavel aos semestres, em 1 de abril e 1 de outnbro de cada ano e amortisaveis por sorteio semestral, ao par, no praso maximo de setenta e cinco anos.

Vai ser brevemente posta em circulação a moeda de ouro de 10 escudos (10$000 reis), para o que já foram apresentados a um determinado juri os respectivos modelos. A nova moeda terá o diametro das moedas de dez tostões.

Realisou-se em Petropolis o casamento do marechal Hermes da Fonseca, presidente da Republica brasileira, com *mademoiselle* Teffé, assistindo ao acto os ministros, o corpo diplomatico e varias pessonalidades brasileiras em destaque.

Na França demitiu se o governo Barthou, que foi substituido pelo governo Doumergue. Os jornais radicais rejubilam com o novo governo

Pelo ministerio da guerra vão ser expedidas instruções sobre antropometria, a aplicar aos mancebos da instrução militar preparatoria, a fim de nas diversas inspecções de infantaria se poderem organisar com a segurança necessaria estatisticas que sirvam de base para quaisqner trabalhos que sobre o assunto se possam de futuro realisar. Com essas instruções irão alguns mapas já devidamente preenchidos, a fim de elucida-las quanto possivel.

Pelo ministerio da instrução foram dadas ordens terminantes aos inspectores escolares para o fiel cumprimento do art. 10.º do regulamento da instrução militar preparatoria, que manda que os professores primarios remetam ás inspecções de infanteria as relações nominaes por idades dos respectivos alunos. Em vista disso, já essas relações começaram a ser enviadas.

O *Diario do Governo* vai publicar uma portaria normalizando a situação dos condutores auxiliares adidos ao quadro das obras publicas das colonias. Determina que estes condutores sejam submetidos a provas praticas nas direcções de obras publicas onde servem, a fim de se apreciar com fundamento a sua capacidade para o desempenho do cargo, devendo os que forem classificados concorrer aos lugares de condutores de 2.ª classe e os que não a obtiverem ficam adidos, emquanto não tiverem vaga para regressarem aos cargos de menor graduação, que anteriormente desempenhavam.

O museu de arte religiosa, instalado junto da Sé Catedral de Coimbra, de que era director o bispo-conde, foi mandado passar para a direcção do museu Machado de Castro, de que aquele era uma secção, a cargo do snr. Antonio Augusto Gonçalves.

Em circular a todos os administradores dos concelhos do continente e ilhas, foi comunicada a prorogação do prazo até 31 de janeiro proximo futuro para remessa dos inventarios dos bens com valor artistico ou historico a que se refere a circular de 13 de setembro ultimo do comissão central da lei da separação.

O presidente da Comissão de imigração dos Estados Unidos apresentou á Camara dos representantes uma proposta de lei pela qual será negada a entrada nos Estados Unidos a toda a pessoa que não saiba ler nem escrever.

Já o Parlamento havia votado uma lei nesse sentido, mas o então presidente Taft pôz lhe veto e não entrou em execução.

O *Diario do Governo* publicou um decreto revogando o art 4.º n.º 23, do regulamento de 23 de agosto de 1911 e passando para as camaras municipais a competencia de nomear, transferir, exonerar e demitir os serventes das escolas primarias.

Registo civil

O movimento no posto de Arazêde, durante os mezes de outubro e novembro, foi o seguinte:

OUTUBRO

NASCIMENTOS

Emila Purêla, filha legitima de Manuel Carvalheiro, da Bunhosa.

Maria da Cruz, filha legitima de José dos Santos, da Bunhosa.

Anunciação de Jesus, filha legitima de José de Matos, do Amieiro.

Antonio Maria Mendes de Carvalho, filho legitimo de José Maria Mendes de Carvalho, de Arazêde.

José da Silva Carapêto, filho legitimo de Antonio da Silva Carapêto, do Zambujeiro.

José de Matos Girão Junior, filho legitimo de José de Matos Girão, do Zambujeiro.

Maria d'Almeida, filha legitima de Alberto d'Oliveira, da Volta da Tocha.

Joaquim de Jesus Barreto Junior, filho legitimo de Joaquim de Jesus Barreto, do Zambujeiro.

Carmina Reis, filha legitima de Carlos dos Santos Reis, do Casal do Gaio.

Joaquim Maria de Campos, filho legitimo de Antonio Souza de Campos, do Bebedouro.

Antonio da Costa, filho legitimo de Antonio da Costa, do Meco.

José da Silva, filho legitimo de José da Silva, dos Catarruxos.

José Gomes da Costa, filho legitimo de João Gomes da Costa, da Azenha Derrubada.

Maria da Luz da Silva, filha legitima de Antonio Ferreira Valerio, da Mata.

CASAMENTOS

Manuel Jorge, do Bebedouro, com Maria Ferreira, de Vila Franca.

Antonio Domingues Claro, dos Resgatados, com Maximina da Cruz, do Amieiro.

José Mendes Laranjeiro, de Tentugal, com Maria da Luz Andrade, dos Resgatados.

Manuel Fernandes Pelicho, da Bunhosa, com Maria José, dos Pelicanos.

OBITOS

Maria de Jesus, de 64 anos, dos Resgatados.

Belarmina Marques, de 50 anos, do Casal do Gaio.

Joaquim Maria, de 10 mêses, do Amieiro.

Maria Terêza, de 70 anos, de Vila Franca.

Maria Joaquina, de 70 anos, de Vila Franca.

Antonio Tocha, de 90 anos, dos Pelichos.

Antonio Pires dos Santos Junior, de 6 mêses e 18 dias, de Vila Franca.

Marcolino de Matos Girão, de 19 mêses e 7 dias, do Zombujeiro.

Dionizia da Conceição, de 70 anos, do Tojeiro.

Joapuina Mendes, de 61 anos, da Moita Vagueira.

Adelino Francisco, de 7 anos e meio, dos Pelichos.

Roza Gomes, de 80 anos, dos Catarruxos.

NOVEMBRO

NASCIMENTOS

Manoel da Silva Carapinheiro, filho legitimo de Antonio da Silva Carapinheiro, do Zambujeiro.

Maria da Cruz, filha legitima de Francisco Marques, dos Catarruxos.

Deolinda Dias Clara, filha legitima de José de Souza, dos Catarruxos.

Henrique Simões Lameiro, filho legitimo de Antonio Simões Lameiro, de Arazêde.

Lucinda Gomes, filha legitima de Manuel Jorge Vilanova, dos Resgatados.

Manuel de Jesus, filho legitimo de Joaquim de Jesus, do Amieiro.

Maria da Luz Oliveira, filha legitima de Serafim dos Santos, da Bunhosa.

Silvia da Costa Ferreira, filha legitima de Antonio de Souza, do Zambujeiro.

Maria da Conceição, filha legitima de Manuel Teixeira Moinho, dos Pelicanos.

Floriano Correia Orfão, filho legitimo de Joaquim Maria Correia Orfão, do Amieiro.

Bernardino Estêves da Silva Carvalho, filho legitimo de Bernardino Esteves da Silva Carvalho, de Vila Franca.

CASAMENTOS

Joaquim Rodrigues Rôlho, com Luiza Ferreira, de Vila Franca.

Joaquim da Silva Rapozeiro, da Volta da Tocha, com Joaquina Cardosa, dos Bizarros.

José Gomes Carvalheiro, dos Inácios (Tocha), com Maria da Cruz, dos Pelicanos.

José Maria, dos Pelicanos, com Maria José da Silva, do Bebedouro.

Antonio da Costa, com Tereza Ferreira, de Vila Franca.

Antonio Simões Matias, dos Pelichos, com Maria Emilia da Cruz, dos Pelicanos.

Joaquim d'Oliveira Paulino, de Liceia, com Ana Ermelinda, dos Pelicanos.

João d'Oliveira Carromeu, dos Pelicanos, com Maria Emilia da Cruz, dos Catarruxos.

José Maria Teixeira Roque, do Tromelgo (Ferreira-a-Nova), com Ana da Cruz, do Tojeiro.

Manuel Joaquim Gonçalves, com Ludovina da Cruz, dos Pelicanos.

"O DEVER,,

Vende-se em **Lisboa**, na rua do Ouro, n.º 178, 2.º D, sendo nosso agente o snr. A. Soares, a quem os nossos presados leitores e assinantes da capital se poderão dirigir.

ANUNCIOS

Azeite

COMPRA-SE grande ou pequena porção de azeite, isto é, todo o que fôr oferecido.

Quem quizer vender, dirija-se a **Melo & Martins**, *Pampilhosa do Botão*, junto ao caminho de ferro.

CASA

Arrenda-se em boas condições a casa pertencente ao sr. João Beirão.

Para tratar com Manoel Monteiro — Casal do Gaio — ARAZEDE.

Agua da Curia

Semelhante á de Contrexeville

Estimula a acção dos rins, que são os filtros do corpo humano.

Experimentai a agua da Curia.

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

NO Juizo de Direito de Montemór-o Velho, cartorio do escrivão Sampaio, no inventario orfanologico por obito de Antonio dos Santos Oliveira, morador que foi em Pereira, e no qual é cabeça de casal Emilia da Costa Pinheiro, tambem de Pereira, correm editos de trinta dias, contados da segunda publicação do anuncio no *Diario do Governo*, citando o herdeiro Antonio dos Santos Oliveira, solteiro, maior, ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, para assistir a todos os termos até final do mesmo inventario.

Montemór-o-Velho, 19 de novembro de 1913.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.

Lemos Viana.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSOES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

Relojoaria Probidade

— DE —

Saul Bahia

Encarrega-se de todo e qualquer trabalho em joias, relogios e gramofones de qualquer sistema, garantindo a sua perfeição.

Tambem possue artigos pertencentes aos objectos acima mencionados.

Rua Henrique Dias, n.º 14

S. PAULO = BRAZIL

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40--Rua 11 de Setembro--42

FIGUEIRA DA FOZ

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.

O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.

Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

CASA HAVANESA

16 — Rua Ferreira Borges — 18

COIMBRA

Sortido completo em tabacos, papelaria e perfumarias. Molduras para quadros e galerias, o que ha de mais moderno. Artigos para desenho, pintura a oleo, aguarela, foto-miniatura e pirogravura.

BILHETES DE VISITA

Novidades para brindes, artigos de viagem e toilette, etc.

MELO & MARTINS

Com armazem de adubos quimicos, sulfato de cobre, enxofre e cal para construções

Deposito de gazolina

Endereço postal e telegrafico:

PAMPILHOSA DO BOTAO

São nossos representantes em Mortagua:

NA POVOA, o snr. José Paulo

NA ESTAÇÃO, o snr. José Tomaz.

MURALINE Tintas feitas com agua

Estas ntitast eem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Hotel de la Paix

JEAN OZUN

Situado num dos pontos mais centrais da capital, belas vistas sobre o Rocio, é um dos modernos hoteis que mais comodidades oferece.

Bom serviço de cosinha á franceza

Almoços, 60 centavos. — Jantares, 80 centavos. — Serviço á lista.

3, Calçada do Duque, 3 — **Lisboa**

Ano 2.° Arazêde, 21 de Dezembro de 1913 N.° 96

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os originais, quere sejam ou não publicados. Não se aceitam informações anónimas.

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

Portugal e Colonias Portuguezas—Ano 120 centavos; semestre, 60 centavos, trismestre, 30 centavos.
Brazil — Ano, 2 escudos.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Director — MANUEL DE MELO

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Redação e Administração — ARAZÊDE

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

Biblioteca da Universidade S. E.

Juntas de Paroquia

Estas agremiações populares, células vibrateis do movimento organico do país, têm uma alta função a desempenhar no progresso e bem-estar das populações que estão debaixo da sua influencia. Muito poucos compreenderão o valor e a importancia moral desses organismos sociais nos destinos da massa anonima do povo, sempre que eles queiram repercutir a sua acção em todo o seu nucleo de viabilidade.

Os proprios elementos que formam as corporações, a que vulgarmente se dá o nome de *juntas de paroquia*, desconhecem muitas vezes, especialmente nos meios pequenos, o papel que o sufragio popular entendeu cometer-lhes. E isto porque o povo ignorante, alheio a todos os problemas que deviam interessar-lhe, escolhe ao acaso, sem consciencia nem calculo, cidadãos inexperientes, alguns quase analfabetos, para dirigir os negocios duma freguezia.

Acresce que muitas vezes, neste caso, os membros da junta, menos conscientes e menos sabedores, pretendem servir de entrave aos planos de patriotismo e de humanitarismo delineados pelos membros mais conscientes e de mais segura orientação. E se o numero daqueles é em maioria, é cérta a derrota em detrimento dos interesses mais sagrados dos paroquianos civis. Eis o que é preciso evitar. Eis ao que devem atender todos os que amam verdadeiramente o progresso do seu país e o desenvolvimento das suas regiões.

Tem havido, felizmente, algumas juntas de paróquia que, antes e depois de proclamada a Republica, realisaram verdadeiros prodigios de altruismo, dignificando a sua missão e contribuindo grandemente para a formação da Democracia portuguêsa.

Haja vista as juntas de Lisboa que, sem subsidio oficial, promoveram *os banhos ás crianças pobres, as cantinas, os balnearios, maternidades, vestiram, calçaram, deram livros a milhares de crianças e criaram escolas.* E' assim que devem fazer todas as Juntas que querem honrar o seu mandato.

* * *

Em Arazêde foi eleita a junta paroquial pela vontade dos elementos oposicionistas, sem peias nem agravos dos elementos governamentais. Podemos garantir que á confecção da lista votada não presidiu um espirito patriotico e alevantado, mas, como sempre e como é proprio de monarquicos, uma ideia tenebrosa e reservada que, na primeira oportunidade, é posta em pratica sem escrupulos. Todavia, sabemos que ha um ou dois membros de feição democratica, votada na lista de domingo, que vão assumir o seu mandato com intuitos generosos, esforçando-se por iniciar obras de ressurgimento para a freguezia e de levantamento moral.

E' preciso apenas que a oposição se não lembre de fomentar discordia, inspirada por elementos reacionarios. E' preciso que os membros da Junta, que de administração local não têm uma noção exacta, sigam pelos ditâmes sensatos e justos dos que alguma experiencia administrativa têm tido e que mostrem vontade de acertar.

Obras de assistencia publica e de protecção á infancia — tais são os problemas que devem preocupar o pensamento da Junta que no principio do novo ano vai assumir a sua gerencia. E agora que são mais largas as suas atribuições, melhor poderá fazer o que as anteriores não puderam ou não souberam realisar.

Assim o esperamos nós, que folgaremos em ter que registar sómente obras de patriotismo; e assim o esperam todos aqueles que põem a sua confiança nos novos eleitos, julgando-os capazes de trabalharem com fé e perseverança pela Causa do Povo e pelo progresso e rejuvenescimento da Republica.

NOTAS

Um espelho

Lê-se no *Mundo* esta nota:

> Foi instaurado processo disciplinar ao paroco da freguezia de S. Pedro, de Porto de Mós, Francisco Carreira Pôças, por se haver manifestado contra o regime e seus dirigentes, inspirar terrôr entre a povoação, exercer a maior pressão sobre os eleitores a quando das eleições suplementares e por no dia 21 de outubro ultimo ter realisado com outros padres um solene *Te-Deum* para implorar a graça divina a fim de que a tentativa monarquica fôsse coroada de exito.

Bom será que os padres Pôças, como os padres Larangeiros, se revejam neste espelho, e que não caiam em imitar o paroco de S. Pedro, que não lhes abrirá as portas do ceu, mas sim as do inferno... para maior gloria de Deus, como dizem os jesuitas.

Um desmiolado

Dizem-nos que na ultima sessão de camara, o conspicuo snr. Andrade se insurgiu contra o facto de não terem comparecido nas respectivas assembleias eleitorais das justas de paroquia alguns cidadãos que haviam sido indicados pela comissão municipal para substitutos dos presidentes das respectivas mezas. Um desses cidadãos dizem-nos ser o director do *Dever*. Mas o que é certo é que o snr. Manoel de Melo não teve conhecimento oficial de ter sido nomeado para qualquer parte. Como se compreende, pois, que o desmiolado snr. Andrade pudesse ter notado a sua falta?

Vejam como aquilo anda por lá por Montemor, que até ha quem nas sessões de camara se põe a dizer sandices que nem uma regateira da praça. Aquele snr. Andrade, para dizer coisas sem nexo e vomitar cobras e lagartos sobre pessoas honradas, é melhor do que um *pierrot* ou do que um *Cerbéro*.

O snr. prior

Têmos dó do snr. prior. E' um vencido. Aparenta de forte, de diplomata, de homem da actualidade, quando afinal não passa duma criatura minuscula, sem prestigio nem capacidade, consagrado apenas por aquele eterno sorriso tão carateristico e tão proprio dos sectários de Loiola.

Nas ultimas eleições cá estava o snr. prior na brecha, dispondo tudo, mostrando-se solicito para organizar uma junta á sua imagem e semelhança. Diz-se que mostrou *beiça* (aquela *beiça* que ele costuma fazer com o labio inferior) quando viu na lista o nome do snr. Antonio Maria Ferreira Monteiro, como se este senhor fosse capaz de o tragar.

Deixa estar, padre, não te amofines, que ainda has-de ser coroado em vida, visto teres já a tonsura um pouco gasta...

De conserva

Diz o *Povo*, de Lisboa, que a partir do dia 12 os deputados e senadores funcionarios publicos não receberão nem mais um centavo além do seu subsidio. E pergunta se os conservadores do registo civil tambem passarão a receber só o subsidio, e se a choruda receita das conservatorias reverterá a favor dos cofres do Estado.

Não, senhor. Reverte a favor dos mesmos conservadores, que *conservam* todo o dinheiro que o Estado se lembre de lhes entregar. Dinheiro *de conserva*, além de poder render, tem o valor estimativo.

Natal dos pobres

Daqui a quatro dias é o Natal, esse Natal que noutros tempos tinha a unção de religiosidade em cada lar, junto da brazeira, onde os *sonhos*, os *filhós* e as *rabanadas* se aloiravam num mar de azeite escaldante e estrugidôr, para passarem depois á travessa luzidia onde serviam de repasto saudavel aos membros de cada familia que, numa afabilidade cativante, cantavam o Natal, confraternisando na maior ventura.

Hoje, porém, o Natal não é menos glorificador, porque, como Festa de Familia, convida os pobres, cheios de frio e de fome, a comer o pão alvo, o pão do trabalho, contentando muitos estomagos e enchendo de jubilo muitos corações.

O *Dever*, inspirado nesta verdade, distribuirá no dia 25, pelas 12 horas, a esmola de 10 centavos em dinheiro a cada um dos 20 pobres mais necessitados da localidade.

Hotel de la Paix

Chamamos a atenção dos nossos leitores para o anuncio sobre este Hotel que vai na secção respectiva.

Agradecendo

Teve o nosso distinto colega, *Sul da Beira*, as mais penhorantes palavras para com o nosso camarada Almeida Junior, a proposito da sua conferencia na Pampilhosa do Botão. Agradecemo-las muito reconhecidamente, vendo nelas apenas a sinceridade que as ditou e a amisade que nos é dispensada.

Aguas do Luzo

Chamamos a atenção dos nossos leitores para este anuncio que vae na secção respectiva e recomendamos as magnificas **Aguas do Luzo.**

Escola primaria e instrução

Realisou no domingo passado a sua anunciada conferencia sobre instrução popular, no elegante teatro da Pampilhosa do Botão, o nosso presado camarada Almeida Junior, que se fez ouvir com agrado e recolheu fartos aplausos da numerosa assembleia.

Para realçar mais saudavelmente a patriotica festa, não faltou ali o elemento femenino, que enchia por completo os camarotes e deu ao acto um magnifico e deslumbrante aspéto.

Com efeito a assistencia era numerosa, facto pouco vulgar na terra pequena, o que demonstra que a corrente evolutiva da instrução se vai desenvolvendo extraordinariamente.

Principiamos hoje a publicar um resumido extrato do trabalho do nosso colega, para ser apreciado por todos os nossos leitores que não puderam assistir.

A meza foi constituida pelos nossos amigos snrs. Alfredo Fernandes de Almeida e Guilherme Ferreira da Silva, tendo sido o conferente apresentado á assembleia pelo ultimo daqueles nossos amigos, habil professor oficial da localidade, que em breves mas inteligentes frazes se referiu ao nosso camarada.

Eis, muito resumidamente, o extrato da preléção:

Minhas senhoras e meus amigos:

Convidado por alguns amigos, dos mais certos e dos mais liais, a vir aqui dizer duas coisas sobre instrução popular, sobre a utilidade da escola primaria, eu não pude, ainda que para isso houvesse de fazer os maiores sacrificios, deixar de comparecer nesta assembleia. Eles sabem bem que estou cheio de trabalhos e responsabilidades, e que o ingrato mister em que me ocupo, mal me deixa tempo para tomar as minhas refeições.

Eles sabem-no bem.

Um desses amigos, decêrto o mais leal e o mais querido, chegou a pôr-me condições: ou vinha aqui, ou perdia a sua amisade. Por tão pouco, e dada a enorme simpatia do problema e o altruismo do seu intuito, eu não quiz ficar privado dum amigo dos d^e sempre, dum amigo dos melhores. Refiro-me a essa bela alma que é Alfredo Fernandes de Almeida, o promotor desta festa, o promotor de tantas outras já realisadas em beneficio da instrução e em prol da patria.

Ponderado isto, meus senhores, eu vou entrar propriamente no assunto que aqui me trouxe, e não estranhe a assembleia se porventura eu não o expozer com aquela clareza e precisão que é apanagio dos grandes oradores e dos que são deste problema mais conhecedores do que eu. Entretanto duas coisas me sobejam: a sinceridade profunda da minha palavra e a satisfação enorme com que lhes falo.

* * *

A instrução popular em Portugal tem atravessado em todos os tempos diferentes fazes, todas mais ou menos no sentido de a impôr á consideração dos outros paizes, para que nós, como as nações congéneres, possamos ocupar um logar de relevo na escala dos paizes cultos.

Se formos a analisar passo a passo todas as «étápes» da instrução em Portugal, nós veremos com magua, meus senhores, que muito pouco se tem feito para que ela atinja o grau de superioridade a que havia mister.

Apesar de todas as providencias [illegible] 1844 e outras reformas posteriores, até á reforma de 1905, nunca a instrução popular frutificou com aquela pujança e vitalidade de que tanto careceu sempre o nosso povo portuguez.

Tudo foi sempre duvidoso; tudo foi sempre hesitante, procedeu-se em todo o sempre com profundo despreso pela instrução e educação do povo, como se instrução e educação fossem duas coisas que pudessem banir-se facilmente da nossa sociedade.

No tempo da monarquia, o que se viu?

Escolas fechadas! Professores diplomados sem cadeira! Antros miseraveis a que só por escarneo se dava o nome de escolas e onde todos os dias se acumulavam, numa promiscuidante degredante, professores e alunos, tentando receber a largos haustos a luz bemdita e tenificante do espirito.

As verbas orçamentadas pelo Estado monarquico eram verdadeiramente irrisorias!

Emquanto o pobre professor lutava titanicamente, dia a dia, numa resignação sublime, para emancipar, para iluminar o cerebro da criança, e para elevar a nossa patria, patria de heroismo e de abnegação, ao nivel superior a que ela tinha direito, o jezuita, o padre de roupeta negra e face alv r, espreitava, como o corvo daninho lá do fundo escuro do seu antro de podridões e mentiras, de estupidas convenções e doentios subterfugios, a melhor oportunidade para demolir, para ofuscar, para denegrir toda a obra gloriosa desse reformador social que é o professor primario.

(*Continua*).

Por absoluta falta de espaço fômos obrigados a retirar o brilhante artigo da nossa estimada colaboradora D. Aurea Amaral e outros originais, que breve serão inseridos.

CRÓNICA DE LISBOA

Ha dias o professor Carlos de Melo suicidou-se.

Foi um vencido que, obedecendo á louca precipitação de momento, tombou na fria algidez da vala comum quando poderia ter lutado ainda algum tempo mais.

Isto dizem os bafejados da sorte para quem a vida é um lindo jardim empregnado dos perfumes do gosar, das delicias do viver.

Foi um valente, direi eu, um forte para quem a hipocrisia deste bloco infame tomou a fórma asquerosa do sapo, o aspecto nausiabundo dum mastodonte com os intestinos de fóra.

Carlos de Melo não acabou como geralmente acabam os seus semelhantes. Não. Carlos de Melo foi-se embora, abandonou a plateia deste mesquinho teatro porque era inteligente de mais para aplaudir essa comedia ignobil, porque era delicado de mais para a patear, incomodando assim os demais assistentes.

Aborreceu-se, enojou-se, foi-se embora. Assistia-lhe esse direito.

Não pagou ele o seu bilhete como qualquer?...

Obedeceu á louca precipitação de momento quando poderia ter luctado ainda?

Mas luctar para quê, se tudo isto é mentira, infamia e falsidade?

Sabe-se lá ha quanto tempo essa lucta se travava no intimo da sua alma?... desde a infancia, talvez?... sabe-se lá!

Emfim, Carlos de Melo abandonou este vale de suplícios, por onde o sangue das vitimas tem confirmado milhões de vezes a fraze do nobre Plauto: *D'um ridebunt saturati, mordebunt famelici,* isto é, emquanto rirem os fartos morderão os famintos.

Sim, Carlos de Melo partiu. A viver entre o lamaçal hediondo e a nobreza do seu carater, preferiu lançar o desprezo supremo: cerrar os olhos, fechar os ouvidos, voltar as costas e partir, partir para não mais voltar.

Demais, o homem baixa todo a sepultura. Torturas? Agonias? Não. A vida não merece tanto, que a vida é coisa pouca.

* * *

Mas, expondo assim a genuina essencia do meu sentir, eu não previ o mau acolhimento que por certo a minha *Cronica* vai encontrar nos modernos zoilos e muito mais entre os sectarios do mais cerrado reacionarismo — o padre dessa freguezia, por exemplo.

Todavia, é sempre dificil agradar a gregos e troianos.

Talvez que essa mão descarnada que já serviu para expulsar de casa o proprio filho me vá condenar á furibunda excomunhão.

Talvez que esses dedos de toupeira que tantas vezes tem erguido a hostia do altar me apontem os humbrais horripilantes do inferno e tudo porque acho bom, imensamente bom, o gesto do professor Carlos de Melo que partiu sem confissão ou comunhão e sem os oleos da extrema benzedura.

Paciencia, ó padre! Terei o supremo gosto de descer á caldeira de Pedro Botelho sobre o teu dorso como o faria sobre um garrano de trez libras.

E, agora, como remate, queres um conselho proveitoso? Segue o caminho de Carlos de Melo. Com isso lucrariamos todos: tu remirias as tuas faltas infamantes e nós ficariamos libertos duma prenda asseada...

Receias? Ora que ideia! O suicidio não escolhe sentimentos, tanto se contenta com homens honestos, como o Carlos de Melo, como com canalhas perigosos, como tu.

Gomes Monteiro.

Bandeira da Patria

Por iniciativa do comandante do posto da Guarda Fiscal, em Pampilhosa, snr. José Maria Antão Nunes, foi aberta uma subscrição para compra de uma bandeira nacional, que será inaugurada, festivamente, no 1.º de janeiro do ano proximo futuro.

A subscrição atingiu, rapidamente, a bonita soma de perto de 60 escudos, facto que bem demonstra o belo patriotismo dos subscritores.

Abrilhantará o acto, provavelmente, a banda do 23, de Coimbra. Haverá iluminações diferentes, embandeiramentos á porta do quartel, junto á estação do caminho de ferro, e á noite espectaculo no elegante teatro, subindo á scena o drama em 4 actos, *Jocelyn*, que já está em ensaios sob a direcção inteligente do snr. Fernandes de Almeida.

A todos envia o *Dever* cordiais saudações.

CANCIONEIRO
(Concurso)

VI

SAUDADES

Soluça comigo, ó lira,
Geme com meu coração,
Que a minha pobre alma expira
Nesta cruel solidão...

Com teus gemidos plangentes
Sufoca, amenisa, acalma
Estas saudades pungentes
Que me saturam a alma!

Longe desse ente querido
Já não posso mais sofrer,
Já o meu pranto ei vertido,
Resta-me apenas morrer!..

Lidia Henriques de Campos e Silva.

VII

Recordações

Quando a guitarra delira
Segredos que eu tão bem sei,
O meu coração suspira
Pelos tempos em que amei...

A minh'alma docemente,
Docemente se elevava
Nessa harmonia inocente
Da guitarra que trinava...

Perdem-se ao longe meus ais
Tristes pela vida fóra,
E o tempo não volta mais...
Por isso a guitarra chóra!

Maria Sequeira.

Correspondencia:

D. Maria Sequeira (Porto). Não sei. O tempo o dirá...

Toda a correspondencia referente ao concurso deve ser dirigida a Gomes Monteiro—Cova da Moura—D. R. 16—Lisboa.

Carta de Maçal do Chão

Penhorado com as amaveis e imerecidas referencias que o *Dever* me faz, cumpre-me agradece-las, tanto mais que, para mim, basta-me a consciencia de bem cumprir com as obrigações que impendem sobre todos os bons cidadãos, já tornando-se util a quem faz parte da grande familia — a Humanidade, — e principalmente dentre os seus membros, aos que mais desprotegidos são da sorte, já cooperando, no que couber nas nossas forças, na obra que se propôz a Republica: a regeneração do povo portuguez por meio da instrucção. E porque assim penso, esforço-me por exteriorisar com factos a minha boa vontade em derramar Luz em cerebros obscurecidos, sem esperar mais do que a minha intima satisfação de ter contribuido para aquele fim. Se algum sacrificio fiz, quer cedendo a casa, quer pedindo as madeiras, visto a comissão paroquial não poder com todas as despezas da construção duma escola, aquele sacrificio transformar-se-á em contentamento logo que ela funcione, sendo o dia da sua abertura um dia feliz para este povo, e para mim muito particularmente.

E não julguem os leitores que a Comissão paroquial se opõe a estes nossos desejos! Não. Eu só a acuso do pouco disvélo e cuidado que até hoje tem mostrado pela consecução dum beneficio de que tanto carecemos e que está nas nossas mãos alcançar.

Não póde o Estado ocorrer ás necessidades que o extinto regime nos legou; mas muito já tem feito e muito mais fará, por cérto, se nós o ajudarmos. O auxilio de cento e trinta e cinco escudos e casa não é para despresar, e daí a obrigação moral que, a meu vêr, a Comissão paroquial tinha, e tem, de o aceitar, pondo em execução aquilo a que se comprometeu em sessão de tres de novembro do ano findo.

Ha mais de um ano, pois, que esta freguezia espera a continuação das obras, na casa escolar, e não é sem rasão que a acoimam de menos solicita èm pugnar pelos interesses e beneficios de todos nós.

Dizem-me que o meu apêlo vai ser, ou foi ouvido e que não tardará que eu veja os meus desejos cumpridos. Oxalá! E se assim fôr, não regatearei louvores a quem, cumprindo com o seu dever, vem proporcionar um melhoramento de tanta magnitude. Até lá não deixarei de gritar, cheio de razão, contra o abandono a que votaram a casa por mim cedida, e o despreso que tem merecido á comissão o auxilio que outros prestimosos cidadãos lhes ofereceram.

A Junta de Paroquia desta freguezia, eleita em 14 do corrente, ficou constituida sem oposição:—José Nunes, proprietario; José Bernardo Vicente, proprietario; José Bernardo de Jesus, ferreiro, Antonio Martins Marques, carpinteiro, e Luiz da Silva, sapateiro.

16—XII—913.

Padre Paulo Evaristo Alves.

INSTRUI?!

Não, respeitabilissimo Mestre, não é humano quem pede, quem reclama, quem exige instrução. Perdoai, mas não é humano! Quem, como vós, sentiu e escreveu os *Mercadores Sinistros*, possuindo no peito o santo amor do Bem, certamente não será vingativo, não desejará vingar-se de inocentes criaturas, instruindo-as para, assim, lhes facilitar a compreensão do que são, a repulsão de si mesmas, o odio á especie maldita, ao animal mais velhaco e daninho da Creação.

Demais, Mestre bondoso, vós bem deveis saber de que genero é o sofrimento que a instrução inócula ás almas boas.

Voltar a ser analfabeto, seria para mim, seria para vós talvez o ideal. Viveria então na ilusão de que sabia alguma coisa, que pertencia á especie maia perfeita da terra... Mas assim, para que me serviu, para que me serve a instrução?

Serviu-me para me fazer compreender que devia levado pelo desespero e pelo nojo de mim proprio, esborrachar a cabeça de encontro a um penedo; e serve-me para me facilitar a compreensão de que o Fatalismo é o *unico absoluto* e *infalivel* que existe, — e que Bergson teve efectivamente razão quando escreveu que tudo é necessario a tudo.

* * *

As pessoas ignorantes, analfabetas e de maus instintos podem ser más, podem ser perversas, mas, não possuindo a arma da instrução, é-lhes impossivel chegar á categoria de féras velhacas e traiçoeiras.

Religião, Filosofia, Sciencia, tudo isso o que é? São barcos perdidos no imenso mar do cáos, ignorando-se que se não fosse o lastro que o Nada lhes proporciona essas frageis embarcações fariam naufragar na loucura ou na morte os seus tripulantes.

Porque, Mestre indulgente, estiquem ou espremam quanto quizerem, no fundo de Tudo hão-de encontrar eternamente o Nada.

* * *

Eu desejava, sim, que a todos fosse ministrada a instrução, mas queria que não se desse diploma de instruido se não áqueles que podessem provar que JA' sabiam que não sabiam nada.

Sim, Mestre! Porque os instruidos desta época são a causa de todas as desarmonias sociais, em tudo manifestando a mais desesperada ignorancia.

Só se lembram do que sabem e não se recordam do que ignoram.

* * *

E, quanto a crimes praticados pelos faltos de instrução, concedei-me este raciocinio: *A pedra caía quando passava o homem, ou o homem passava quando caía a pedra?*

A instrução póde fazer diminuir os crimes desmascarados das vielas, mas, como o Todo está nivelado, multiplica-os nos salões, onde a mascara da convenção os facilita e encobre.

Assim: a instrução diminue o crime sincero e de facil despeza, para aumentar o crime hipocrita e dificil de evitar. A vitima póde fugir do primeiro, do segundo não escapa.

E, se a instrução faz aumentar a consciencia, eu não me explico como haja instruidos com tão pouca.

A pedra caía quando passava o homem e este passava quando caía a pedra. Não póde deixar de ser assim.

Tudo é necessario a Tudo, Tudo constituindo a base-razão do Todo, (que não é *Todo* porque é infinito) estando Tudo, por isso, bem sucedido.

Diminuir o numero dos criminosos para aumentar multiplicando-o o dos patifes, é dificil a escolha para mim. Todavia, é mais suportavel o crime do ladrão, do assassino, peito a peito, embora filho da *falta de instrução*, do que o crime do ladrão, do assassino das salas, filho então... como se diz? filho então do Destino, da *pouca sorte*.

* * *

Sceptico? não sou. Os scepticos duvidam de tudo, e eu acredito, creio, com fé ardentissima. Em quê? O infinito Nada é o meu Deus, o Fatalismo a minha Religião!

* * *

O cerebro, séde do espirito, é materia. A inteligencia, os pensamentos são materiais, tal qual o vapor da agua quando ferve. O espirito tem de limitar-se á quantidade de materia que anima, de que dispõe, não podendo dar o que não possue. Nós não *queremos*, não *pensamos* nem *fazemos* o que queremos, mas sim o que nos é determinado que queiramos, que pensemos e que façamos. Se não fosse assim, eu poderia facilmente *querer* ser sempre feliz, não precisando dizer, como agora digo, que a felicidade do ignorante está na estupidez e a do instruido no fatalismo.

Não póde, quanto a mim, deixar de ser assim, porque nós sômos a resultante da Existencia, nunca ésta a nossa consequente.

Instruir, pois, sim, mas até que cada um fique sabendo que não póde saber nada, e não só até que se fique julgando que se *sabe*.

E' isto o que penso, Mestre indulgente, suplicando vos uma lição ou uma desqualificação.

Esta ultima, vindo de Guerra Junqueiro, será para mim sempre honrosa.

Bemfica.

Leopoldo Torres Fernandes.

Teatro da Pampilhosa

Realisou-se no domingo, como o *Dever* noticiou, o espectaculo cujo programa publicámos. Casa á cunha. Os amadores andaram com correcção, destacando-se, pela habilidade que revelou, o snr. Alfredo Cabral.

O ensaiador, nosso querido amigo Alfredo Fernandes d'Almeida, deve estar satisfeito pelo brilhante exito alcançado.

A todos aplaudimos com estusiasmo.

Hoje repete-se o drama *Quinze Anos de Prisão*, seguindo-se um deslumbrante baile. O entusiasmo é enorme, e certamente será outra noite bem passada.

CARTA DE LISBOA

FOLHA ERRANTE:

A *Gioconda*, o celebre quadro de Vinci cujo roubo tanto deu que falar, reapareceu em Italia. O ladrão, Vicente Perugia, declarou que simplesmente obedeceu a um impulso patriotico, tentando assim restituir á sua patria a obra prima do grande mestre.

(Dos jornais).

O tal gatuno em questão,
Vejam, vocês, que cinismo!
Declara que deitou mão
Mas foi só por patriotismo
Que lá roubar, isso não!

Por patriotismo tambem
Vou a França, qualquer dia,
Sem causar mal a ninguem,
Fazer a mão corredia
A' massa que eles lá tem.

Suavisarei muitas dôres,
Matarei muitos tormentos,
Pagando sem mais temores
Atrazados vencimentos
Aos pobres dos professores!

CANDONGA EM ALTA ESCALA

Para os lados da Buraca (Bemfica) foi filado um candongueiro, moderno estilo, que se propunha a frustar a vigilancia do fisco transportando a bagatela de 1:000 litros de alcool. Para essa honesta empreza servia-se dum automovel cuja *carrosserie* na parte superior do *chassis* os assentos e demais armação de madeira eram construidos em fórma de caixa forrados interiormente de zinco. Mais foram apreendidos sete ôdres com alcool egualmente sabendo-se que o eximio artista se chamava Nascimento Barbosa e tinha um estabelecimsnto numa rua do Bairro Alto.

Emfim... maneiras de ganhar a vida honradamente.

COMICIO PROIBIDO

Afim de tratar de assuntos referentes ás prisões de operarios por questões sociais, resolveu a comissão respectiva efectuar um comicio que foi proibido pela autoridade. O povo que para tal fim havia afluido, dispersou cantando a *Internacional* o que deu origem a conflitos graves com a tropa, trocando-se *peixe espada* com pedras á mistura.

Voltará o João Franco?

ELEIÇÕES PAROQUIAIS

Tiveram logar, no passado domingo, as eleições paroquiais vencendo como era de prever a lista democratica. A despeito dalguns pequenos incidentes o socego foi completo.

Que dirá o snr. Antonio Zé? Abstenção? Anda cá abstenção que te quero vêr!

DISCUSSÃO FATAL

Na calçada da Ajuda deu-se no domingo passado uma lamentavel ocorrencia provocada pelas eleições. Foi o caso que tendo-se envolvido em desordem partidarios de varios credos um mais exaltado, musico de infanteria 1, descarregou uma espadeirada na cabeça dum dos antagonistas. Como a esse disturbio acudisse um popular de nome Carlos Maria dos Santos o ferido, na ideia que fosse mais um agressor disparou um revolver atingindo o desditoso pacificador no baixo ventre.

Presos os motivadores do conflito, seguiu o ferido para o Hospital de S. José onde ficou em gravissimo estado.

Nitrato.

Junta de Paroquia

Publicamos hoje os nomes dos cidadãos que foram eleitos para a junta paroquial da freguezia de Arazêde. São os seguintes:

Efectivos:—Antonio Maria Ferreira Monteiro, proprietario; Bernardino Esteves da Silva Carvalho, proprietario; Antonio Mendes Fidalgo, proprietario; José Fortunato Teixeira, lavrador.

Substitutos: — Manoel Monteiro Godinho, lavrador; Manoel de Barros, proprietario; José Antonio da Silva, proprietario; José Maria Lobo, lavrador.

Antero da Veiga

A *Verdade*, de Pereira, que desde o seu inicio havia levantado uma campanha de descredito contra o digno administrador do concelho de Montemór-o-Velho, pondo em duvida as suas convicções de republicano e de servidor fiel das novas instituições, publicou no seu ultimo numero o artigo que abaixo damos na integra, e que agora põe no seu verdadeiro pé a figura moral do snr. Antero da Veiga.

Sempre confiámos em que o tempo havia de desfazer, mais tarde ou mais cedo, a rêde de suspeições que á volta daquele nosso amigo havia levantado a *Verdade;* porque sempre reconhecemos no espirito de Antero da Veiga a intransigibilidade de caracter e a firmeza de opiniões que são apanagio dos bons republicanos. Folgamos, pois, com a justiça agora feita pela *Verdade* ás qualidades de Antero da Veiga, a que só informações erroneas puderam dar má interpretação. Segue o artigo:

A *Verdade* tem sido violenta em demasia contra o dr. Antero; o principal culpado do facto foi sem duvida o mesmo sr. Antero porque, como maçon filiado na Republica, tinha o dever de elucidar-nos sobre as informações recebidas a seu respeito.

Lamentamos que fosse a maçonaria e a carbonaria, por intermedio dos seus elementos mais valiosos, quem informassem a serio, e com bases solidas, o republicanismo do sr. Antero.

Este, que era maçon filiado na republica, anteriormente a 5 de outubro, e nesta qualidade prestou revelantes serviços no Bussáco, em setembro de 1910, informando os comités revolucionarios da vida que levava D. Manuel II naquele local, devia ser mais correto para com velhos republicanos como nós a quem o regimen muito deve sem que até agora tivessemos recebido o minimo favor.

E' certo que os factos deram motivo bastante á *Verdade* para supôr seguras as suas informações, mas tambem é veridico que o snr. Antero, apesar de aparentar de monarquico na politica concelhia, levou sempre ao conhecimento das lojas e dos grupos de defeza as mais seguras informações sobre a defeza da Republica.

E' digno de registo o facto. Deixamos, por isto, o snr. Antero em paz. A disciplina partidaria assim o exige, temos a maior satisfação em declarar em publico o nosso erro!

E com tanta mais justiça quando á certo que o carbonario Mario Augusto da Costa, que a *União* tornou conhecido no concelho, apezar de ser um dos elementos que defendeu a revolução se encontra hoje de mãos dadas com os monarquicos, tendo entrado para a camara eleita pela mão do dr. José Raposo!

Como se vê, fazemos toda a justiça a quem é digno dela.

Registo civil

Novembro

OBITOS

Maria da Conceição, de 7 mezes, do Bebedouro.

Francisco Jorge Preguiça, de 52 anos, da Volta da Tocha.

Maria Emilia Ferreira, de 60 anos, dos Gordos.

Emilia Purêla, de 2 mezes e 4 dias, da Bunhosa.

Maria de São José, da Bunhosa.

Manuel de Souza, de 66 anos, dos Catarruxos.

Joaquina de Oliveira, de 72 anos, da Bunhosa.

Elisio de Oliveira, de 8 mezes e 3 dias, do Tojeiro.

Maria Correia de Souza, de 28 anos, da Azenha Derrubada.

Maria Gomes, de 80 anos, da Bunhosa.

João Rodrigues Forneirinho, de 70 anos, dos Resgatados.

GAZETILHA

= 6.ª =

«Má peste mate aquêl' bicho!
P'ra o que lhe havia de dár!
Anda aí a fazer lixo,
E veio cá p'ra o tentar
Sómente por um capricho.

«Mas então sempre é verdade
O senhor ter filhos seus?!
O' senhor, por caridade,
Diga-me isso, p'r'amôr Deus,
Que eu creio na castidade.

«Aquêl' maroto afinal
Chama-lhe pai, que vergonha!
Ser pai daquele animal
Que parece ter peçonha,
Isso até parece mal.

«Ai, mas que inferno, que inferno!
O' senhor, vamos p'r'ali
P'ra rezar ao Padre Eterno
Que tire este homem daqui
E que o leve p'ró inferno».

Azorrague.

Uma conferencia

ENSINO INICIAL DE LEITURA

O nosso estimado colega José Maria dos Santos, ilustre professor em Castelo Viegas, Coimbra, fez, no dia 11 do corrente, na escola do sexo masculino da Figueira da Foz, uma notavel conferencia sobre o *ensino inicial de leitura*, inculcado no seu método — «Cartilha Popular».

Damos hoje o extrato dessa conferencia, porque, na verdade, merece ser conhecida e lida por todos os professores que desejam integrar-se na corrente das ideias da moderna pedagogia.

O *Dever*, que sempre tem defendido os superiores interesses da nossa escola primaria, dá gostosamente publicidade a esse trabalho, revelador do profundo e aturado estudo do autor.

Depois de cumprimentar todos os assistentes e de agradecer a todos os colegas a honra da sua presença, que julga uma prova de solidariedade e um exemplo bem frisante do interesse que o professorado tem por todas as questões de ensino e da solicitude com que desempenham as suas funções de educadores, disse o conferente:

Exerço o magisterio ha 16 anos. Durante este tempo adoptei, ensaiei, experimentei diversos *sistemas de leitura*, para saber qual deles me daria melhor resultado.

Com todos me familiarizei e com todos chegava ao mesmo fim—*ensinar a lêr;* mas ao esforço e tempo despendidos não correspondia o aproveitamento desejado: rendimento maximo do cerebro com o menor dispendio possivel de energia.

O facto que observava e sucedia na minha escola, dava-se exatamente noutras, aliás regidas por distintos professores, os quais, sempre que trocavam impressões, não ocultavam o seu desalento e a improficuidade dos seus esforços.

Isto, porém, fez com que no meu espirito perpassasse a ideia de que a causa do insucesso provinha e derivava da contextura e enredo do proprio metodo, cuja base não era segura.

Na verdade, todo o ensino que não seja baseado na razão harmonisada com a marcha ou evolução psiquica da criança, e da formação e organisação do cerebro, é um ensino aparente, artificial, inconsciente, e portanto improficuo. Sabe-se que nem todas as crianças têm na mesma idade a mesma constituição fisica e possuem o mesmo grau de desenvolvimento. Algumas pódem receber ensino aos seis ou sete anos, que outras só poderão receber aos nove ou aos dez anos, em razão da sua propria natureza fisica e psiquica. Os recentes estudos realisados vieram trazer-nos esta clara demonstração, com a qual o nosso espirito plenamente se conforma.

Nestas circunstancias, nem nos métodos tradicionias, nem nos chamados *métodos modernos*, encontrei ou pude descobrir um principio *logico* e *racional*, um fio certo e determinado, em que o ensino se baseie. Os diferentes e variados interesses que existem fundam-se: uns, na evolução da linguagem, no funcionamento dos orgãos da fala e na leitura *imediata* de palavras, sem o devido conhecimento dos elementos de que ela se compõe; outros, em processos fônomimicos, não falando já nos métodos ou sistemas legográficos em que a letra e palavra impressa é acompanhada dos manuscritos, principios verdadeiramente absurdos e condenaveis, pela dificuldade que oferecem aos principiantes.

Não ha, pois, motivo que justifique essa enorme confusão em que temos andado, nem razões para que deixemos de condenar os principios até agora seguidos e indicados nesses métodos. Deve haver e ha com certeza um *unico* caminho para se ensinar a ler, e é por sua natureza tão simples, tão claro e tão natural, que admira ter-se despresado, ou ignorado e desconhecido.

O ensino inicial de leitura é bem mais facil do que parece; tem as suas leis a que é preciso obedecer. Se para falar é preciso *associar ideias*, para ler é preciso associar fonêmas ou sons. As operações intelectuais que se efectuam para falar, são as mesmas que se efectuam para ler. A palavra oral é uma associação de fonêmas, cuja adição é natural e instantanea; a palavra escrita é constituida por *sinais convencionais*, a que chamamos letras, cuja combinação e adição deve ser tambem natural e espontanea, e não imposta e obrigada como, em geral, se tem feito, com gravissimo prejuizo da *intuição* e da propria inteligencia.

E' por tanto pela letra, que, como *ideia* tem de fixar-se e reter, que o ensino deve começar, visto que não podem ou não devem associar-se fonêmas, quando se trate da palavra escrita, sem prévio e perfeito conhecimento dos sinais que os representam ou concretisam. A base fundamental do ensino inicial de leitura é o conhecimento *integral* da letra. Mesmo que ou sigamos o método *analitico-sintético* ou *sintético-analitico*, aparece sempre como elemento componente a *letra*, sem o conhecimento da qual não ha *análise* e *síntese* possivel.

A *receptividade*, porém, da letra não se faz imediatamente á sua apresentação, em virtude da propria naturesa psiquica da criança, cuja atenção é pouco intensa e denuviada; além de que o espirito só pode assimilar e entrar em elaboração, depois de muito observar e verificar, examinando e comparando as coisas e os factos, que se lhe vão deparando. São estas as leis da acquisição de conhecimentos, desconhecidos ou ignorados, até agora, pelos diversos *metodologistas*.

A pedagogia não deve fazer-se sómente na solidão do gabinete, isolada e monotonamente, obedecendo apenas ás lucubrações do espirito ou ás inspirações dos livros que nem tudo indicam; a verdadeira sciencia pedagogica é a que resulta e se adquire da experiencia e da observação directa e consciente dos fenómenos e dos factos.

Tem o meu *sistema* a virtude de ser experimental; e a sua superioridade consiste em desenvolver, gradual e harmonicamente, o espirito da criança; em oferecer um ensino *suave, atraente, vitalisante* e *criador*; em não ocasionar qualquer esforço, ou cansaço; e em respeitar, absolutamente as Leis da Logica e da Natureza.

Não tenho a veleidade de o julgar sem imperfeições, nem de supôr que ele possa substituir ou dispensar a acção do professor. Os métodos são coisas mortas e frias, cuja alma, vida, inteligencia e professor, e, portanto, o método será tanto melhor, quanto mais penetrante e vivo fôr o espirito que o acalente e anime.

Vou explicar a sua execução. A *Cartilha* compõe-se de tres partes: A primeira trata do ensino das letras; a segunda da formação das silabas e palavras; e a terceira de pequenos exercicios de leitura. Além da Cartilha, ha um pequeno quadro e os caratéres moveis, que fazem parte do *sistema*.

Primeira parte. As letras estão dispostas no quadro e no livro pela ordem alfabetica. Ao lado de cada uma letra acha-se uma gravura, cujo nome é iniciado pela letra correspondente.

Antes de iniciar o ensino das letras, colocam-se em frente os caratéres moveis e o quadro ou livros.

Os caratéres moveis dispõem-se na ranhura duma pequena regua pela ordem alfabetica. Depois aponta-se no quadro qualquer letra e pede-se ao aluno que indique o caratér movel correspondente; ou apresenta-se o caratér movel e manda-se procurar no livro ou no quadro a letra respectiva.

Feita a indicação pelo aluno, de per si ou auxiliado, dispõe-se o caratér movel sobre o fixo, dizendo-lhe em seguida o nome e o da gravura, que se acha junto dela.

Convem aqui dizer que a gravura serve apenas para auxiliar a fixação da letra iniciadora da palavra, e nunca para denominar a letra, porque uma andorinha não é certamente um *a*, nem uma bota um *b*, etc. A gravura e o caratér movel, são, pois, bons auxiliares, representando o caracter movel o *factor* mais importante do ensino. Facilita a receptividade da letra e analise e sintese da palavra.

Do mesmo modo como se iniciou o ensino da primeira letra, far-se-ha o das restantes, até que o aluno, dispondo-as e comparando-as no livro ou no quadro, fique seguro do alfabeto. Logo que o aluno tenha noção das letras impressas, iniciar-se-ha no quadro preto e na ardosia o ensino das manuscritas, cuja ordem parece-me mais facil a seguinte: i, u o a d g q m n c e b f h k l j p r s t x z, seguindo depois a ordem alfabetica.

Desta maneira fica o aluno preparado e habilitado a escrever o que fôr lendo, deduzindo da letra impressa a manuscrita, o que é da maxima importancia para o conhecimento integral duma e doutra, e para a escrita das palavras.

Segunda parte. As letras que vão formando silabas e palavras estão dispostas pela ordem alfabetica, que é a mais simples e natural.

As primeiras combinações fazem-se com os caratéres moveis, podendo e devendo fazer-se todos os ensaios e combinações possiveis, antes de entrar propriamente na combinação das letras no livro, para assim se evitarem ligações e combinações inconscientes, que causam embaraços e perturbações no espirito do aluno; e servem de obstaculo no ensino subsequente. E' esta a orientação que deve seguir-se, para que o ensino seja o que deverá ser ministrado na escola do nosso tempo.

Terceira parte. Os exercicios de leitura estão dispostos pela ordem das gravuras no alfabeto. O primeiro trecho refere-se á andorinha, cuja palavra serve de epigrafe e é iniciada pela letra maiuscula, encontrando-se o respectivo alfabeto na pagina antecedente, e do qual só, nesta altura, se deve dar conhecimento.

As palavras do primeiro exercicio, como de resto todos os outros, são claras e simples e só tem relação com a gravura, para mais facilmente poderem ser deduzidas e compreendidas, e deixar o aluno em condições de lêr em qualquer livro de segunda e terceira classe, sem necessidade de adquirir outro. Basta apenas possuir o que contem todo o meu método, para que se apodére de toda a fonologia, sem pejar o cerebro de explicações e palavras abstratas, e para que se familiarize com a leitura das palavras e se identifique com as ideias que elas representam. Esta parte merece uma conferencia especial, que reservo para ocasião oportuna.

Sobre o método que acabo de expôr, peço licença para lêr uma carta do Ex.mo Dr. Augusto Alves dos Santos, ex-Inspector da segunda Circunscrição Escolar, actual professor de pedagogia da Universidade de Coimbra, e director do laboratorio de psicologia experimental da mesma Universidade. Segue a leitura da carta, cujo documento evidencia o que fica dito sobre o assunto.

Notas pessoais

Esteve gravemente enfermo, na sua casa da Ereira, o nosso presado assinante, snr. Antonio Maria Fernandes Duarte, que agora vai felizmente melhor.

"O DEVER"

Vende-se em **Lisboa**, na rua do Ouro, n.º 178, 2.º D, sendo nosso agente o snr. A. Soares, a quem os nossos presados leitores e assinantes da capital se poderão dirigir.

Valor da nova moeda

Um escudo ou avo de ouro (1$000 rs.) divide-se em 100 centavos:

1/4 centavo	equivale a	2 1/2 réis
1/2 centavo	»	5 »
1 centavo	»	10 »
2 centavos	»	20 »
5 centavos	»	50 »
10 centavos	»	100 »
20 centavos	»	200 »
50 centavos	»	500 »
1 escudo (100 centavos)	equivale a...	1$000 »
2 escudos (200 centavos)	equivale a...	2$000 »
5 escudos (500 centavos)	equivale a...	5$000 »

CORRESPONDENCIAS

Vila de Pereira, 18

Realisou-se a eleição da Junta da paroquia nesta vila, onde o partido democratico venceu a maioria e minoria. Foram eleitos os cidadãos José Maria da Cruz, professor primario; Azuil Paiva de Carvalho, empregado do comercio; Manoel Ferreira Paralta, proprietario; Manoel Gonçalves Pereira, comerciante; João dos Santos Torres, proprietario.

Em Santo Varão a lucta foi renhida, saindo vencedor o partido Democratico por 3 votos. O povo destas duas freguezias mostrou mais uma vez não estar ao lado do caciquismo e que deposita toda a confiança no partido democratico.

E' bom que os eleitos saibam cumprir com o seu mandato.

Viva a Republica! . .

Viva o partido democratico! . . .

A. de C.

ANUNCIOS

Azeite

COMPRA-SE grande ou pequena porção de azeite, isto é, todo o que fôr oferecido.

Quem quizer vender, dirija-se a **Melo & Martins,** *Pampilhosa do Botão*, junto ao caminho de ferro.

Agua da Curia

Semelhante á de Contrexeville

Estimula a acção dos rins, que são os filtros do corpo humano.

Experimentai a agua da Curia.

AGUA DE LUSO -- Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABÉRTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais sugestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivos

Muito radicativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tipico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc.), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos -- LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Relojoaria Probidade

— DE —

Saul Bahia

Encarrega-se de todo e qualquer trabalho em joias, relogios e gramofones de qualquer sistema, garantindo a sua perfeição.

Tambem possue artigos pertencentes aos objectos acima mencionados.

Rua Henrique Dias, n.º 14

S. PAULO = BRAZIL

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:

1$000
1$200
1$500

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.

O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.

Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

CASA HAVANESA

16 — Rua Ferreira Borges — 18

COIMBRA

Sortido completo em tabacos, papelaria e perfumarias. Molduras para quadros e galerias, o que ha de mais moderno. Artigos para desenho, pintura a oleo, aguarela, foto-miniatura e pirogravura.

BILHETES DE VISITA

Novidades para brindes, artigos de viagem e toilette etc.

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas
ABRANTES & GENRO
LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

MELO & MARTINS

Com armazem de adubos quimicos, sulfato de cobre, enxofre e cal para construções

Deposito de gazolina

Endereço postal e telegrafico:

PAMPILHOSA DO BOTAO

São nossos representantes em Mortagua:

NA POVOA, o snr. José Paulo
NA ESTAÇÃO, o snr. José Tomaz.

MURALINE Tintas feitas com agua

Estas ntitast eem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Hotel de la Paix

JEAN OZUN

Situado num dos pontos mais centrais da capital, belas vistas sobre o Rocio, é um dos modernos hoteis que mais comodidades oferece.

Bom serviço de cosinha á franceza

Almoços, 60 centavos. — Jantares, 80 centavos. — Serviço á lista.

3 Calçada do Duque, 3 — **Lisboa**

Ano 2.º — Arazêde, 28 de Dezembro de 1913 — N.º 97

Publicações

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 10 centavos a linha ou espaço; na 2.ª, 6 centavos; na secção respetiva, 3 centavos; repetições na mesma secção, 2 centavos.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os originais, quere sejam ou não publicados. Não se aceitam informações anónimas.

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Assinaturas

Portugal e Colonias Portuguezas — Ano 120 centavos; semestre, 60 centavos, trismestre, 30 centavos.
Brazil — Ano, 2 escudos.
Numero avulso, 3 centavos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

Biblioteca da Universidade Coimbra

Aos nossos presados leitores, colaboradores, anunciantes e amigos, envia o DEVER

BOAS-FESTAS

Na sazão

Elaborado em sentimentos moldaveis á opinião publica, instituiu-se o governo que preside aos destinos da nação e que, com passo firme, encetou o caminho da emancipação social, decretando medidas que o valorisassem no conceito do povo. Mas, na precipitação natural de quem quére produzir muito em pouco tempo, tem-se esquecido o governo de metodisar os seus trabalhos, harmonisando a pratica com a teoria, justificando esta com a intervenção indispensavel daquela, para mais facilmente e mais racionalmente atingir a meta desejada, que é a satisfação da sua propria consciencia pela plenitude dos direitos devidos á consciencia alheia.

Assim — e seja isto dito muito imparcialmente — o governo tem-se dedicado em demasia pela publicação de decretos, postarias, circulares e outras formulas de transmitir o pensamento oficial, sem muitas vezes publicar a doutrina desse formulario com os efeitos imediatos que ele deveria originar em todas as modalidades. Amontôa-se desta maneira uma legislação que, ou não é executada por mau calculo dos legisladores, ou por incompatibilidade de circunstancias que os mesmos não conseguem vencer.

Um exemplo bastará a demonstrar a verdade dos nossos argumentos: os serviços da instrução primaria. Tem-se decretado uma multiplicidade de coisas, muitas das quais não teem tido até hoje as consequencias que havia mister. Daqui resulta um fatal desequilibrio na organisação desses serviços que, infelizmente, ainda se não acham coordenados a tres anos de Republica.

Ora, é preciso atendermos a um ponto de relevo: O governo que melhor satisfaz ás aspirações do país, pela firmeza e decisão dos seus planos, pelo aperfeiçoado tacto administrativo, pelo valor e rigidez do seu tino politico, é sem duvida o governo de Afonso Costa, tendo feito já muito em todos os ramos de administração, ainda não fez tudo; e, todavia, atingiu já o *zenit* do poder, isto é, chegou ao maior apogeu do seu curso governativo. Está, portanto, na sazão. Cremos, por isso, que é este o momento psicologico, que é esta a melhor oportunidade de o governo dar balanço aos seus trabalhos, regularisando-os e legalisando-os convenientemente.

Dar efectividade a leis que se acham decretadas; corrigir e actualisar muitos pontos dessas leis que não obedeçam ás necessidades instantes da vida moderna; e estabelecer um nivel de garantias por todos os ministerios, que possam beneficiar uniformemente todos os que se achem sob a alçada do Estado.

E' este, quere-nos parecer, o caminho mais acertado que deverá seguir o governo no actual momento da sua gerencia. Fechada hermeticamente, por agora, a valvula dos projectos de lei, trate-se de fazer funcionar o organismo social com a aplicação cuidada dos já existentes. E então, haverá razão de repetir a frase de Pelletan:

Le monde marche.

NOTAS

Boa doutrina, mas...

Um professor primario entende que se deve reclamar do parlamento as seguintes medidas: — Uma boa reforma, sábiamente regulamentada, garantindo: melhoria da situação economica; pagamento de todas ás dividas em atrazo; promoções segundo a lei de 1902; provimentos, preferindo qualidade e tempo de serviço; abolição da contribuição camararia; desconto de 75 o|o nos caminhos de terro; criação de um Monte-Pio oficial com pensões a orfãos e viuvas; vencimentos por inteiro durante os primeiros 30 dias de doença, devidamente comprovada, em cada ano, etc., etc.

São na verdade medidas urgentes as que reclama o dito professor e já por mais duma vez têm sido reclamadas nos jornaes de classe

Mas, por um desprendimento hereditario em coisas de instrução, ha de custrar a entrar tudo isto na mioleira dos nossos parlamentares e na de mais alguem.

Padre L.? Não, padre D.

Enviaram-nos um manifesto com esta epigrafe: «Historia de um jesuita». E ao lermos a epigrafe, quiz-nos parecer que se tratava do padre Larangeiro, e mais iludidos ficámos quando vimos periodos como estes:

«E' um espirito demoniaco que urge analisar até ao amago da sua personalidade. Padre, e portanto senhor duma missão toda feita de paz e de bondade, trocou a mascara natural da sua profissão pela mascara hipocrita duma natureza doentia, anormalisada.

Quando podia ser um justo, aparece-nos sob o tipo dum jesuita de peor qualidade. E' fino, sem duvida; esta qualidade em nada atenua a sua obra, antes realça as peores qualidades do seu caracter, porque melhor do que um ignorante, sabe as consequencias do seu procedimento. A finura, quando aliada á jesuitice de caracter, é um perigo grave.

....

...perdêra a honra duma mulher do povo, entre tantas, e desse amor sacrilego houve um filho que ainda hoje vive e abandonou ..

Um filho? Só? Quem sabe... Um padre, como ele, deixa atraz de si um rastro de impureza e de maldição. Não é um ser humano. E' uma féra.»

Pois é verdade. Supuzemos que o que aí fica era o retrato do padre Laranjeiro; mas depois notámos que a inicial era diferente e ficámos a ruminar...

Lei eleitoral

Diz o «Povo», de Lisboa, que pelo novo projecto de lei, atualmente em discussão no Parlamento, vão novamente as Juntas de Paroquia ser encarregadas da organisação dos recenseamentos eleitorais.

Achamos bem, porque se evitarão muitas ilegalidades e respeitar-se ão os principios do eleitorado.

Costumes velhos

Agora foi uma comissão de empregados do ministerio do fomento pedir ao snr. presidente do ministerio a equiparação dos seus vencimentos aos dos seus colegas dos ministerios das finanças e colonias. Amanhã, se se lembrarem, irão os do interior, a seguir os da justiça, e por aí fóra, sempre em caravanas e aos poucochinhos para não parecer mal. Ora não seria melhor o governo equiparar os vencimentos dos funcionarios de todos os ministerios, sem esperar que estes fossem pedir uma coisa que é, sob todos os pontos de vista, justa e humana?

Ou a logica não existe.

Cezar Anjo

Foi nomeado para exercer interinamente as funções de inspetor escolar no impedimento do respetivo funcionario, em Santa Comba Dão, este [illegible] amigo distinto professor em Mortagua

Acertada foi a escolha, pois que Cezar Anjo, a par das altas faculdades de trabalho que o exornam, possue uma cerebração mascula e bem disciplinada.

Um grande abraço.

José Torres

Vai partir para Barcelona, e dali para França, Belgica, Alemanha e outras nações da Europa, este nosso presado assinante, que representa com zêlo, em Pampilhosa, uma das principais casas de negocio de aves, de Barcelona.

Feliz viagem e um abraço de despedida.

Escola Democratica da Pampilhosa

Mais um valioso donativo acaba de ser conferido á caixa de beneficencia que se propõe a construção desta preciosissima escola. Referimo-nos a 10 escudos dados pelo eminente patriota e inteligente senador, sr. Pedro Boto Machado, governador de S. Tomé.

Não estranhamos o alevantado gesto deste benemerito da Patria, pois são inumeros os donativos por ele dispensados em prol da sacratissima causa da instrução popular, que o *Dever* vem apregoando com entranhado amor desde o seu primeiro numero.

Em nome da comissão angariadora de fundos, agradecemos a sua Ex.ª a generosidade da sua dadiva.

Notas pessoais

Faleceu em Coimbra a snr.ª D. Maria da Piedade Henriques Miranda, mãe extremosa do snr. dr. Afonso Henriques, distinto medico em Quiaios, e do snr. Floro Henriques, comissario de policia em Coimbra. Os nossos sentimentos.

Escola primaria e instrução

(*Conclusão*)

A seguir publicamos a conclusão do extrato da conferencia do nosso camarada Almeida Junior, que começamos a inserir no numero passado:

E senão vejamos: As escolas, na sua maioria, achavam-se construidas ao lado das egrejas. E para quê, meus senhores? Era precisamente para que o padre, na sua obra de demolição perniciosa, pudesse mais á vontade entravar a marcha do progresso que paredes meias ia construindo o professor primario.

Eram estes os processos da monarquia, no que respeitava a instrução.

Com o advento da Republica, meus senhores, a instrução do povo progrediu e progrediu muito. Não tanto quanto o permitem as exigencias modernas; porque ainda temos muitas escolas em pessimo estado, principalmente nas aldeias, onde a corrente educativa pouco se tem desenvolvido. Mas no entanto, nota-se já uma grande diferença entre os processos do velho e do novo regime.

A monarquia, por exemplo, desde 1908 a 1910, apenas aumentou de 115 o numero de escolas que era então de 5:330. A Republica, em menos de trez anos, cria 1:069 escolas, das quais funcionam já 600.

Aumentou-se para 700 contos o subsidio para a instrução, o qual era apenas de 300. Compreendeu a Republica a enorme vantagem da instrução. Assim compreenda agora o povo que tem que mandar os seus filhos á escola. Não só o governo o entendeu. Alguns particulares, almas abertas á generosidade e espiritos acessiveis ao bem, o entenderam assim, criando, com nobre esforço, á sua propria custa, varias escolas por esse paiz além. Aqui mesmo, nesta festa de saudavel patriotismo, temos o exemplo bem frisante do que acabo de afirmar.

A escola, meus senhores, é a base essencial da emancipação da familia. A escola, meus amigos, deve ser a egreja escolhida onde todos os dias deverá comungar, em fraternal convivio, a multidão de crianças que nela receberá salutares principios de fé patriotica, de firme solidariedade, de liberdade e amôr.

Todas as vezes que eu passo por essas ruas e vejo bandos de crianças indiferentes á escola, indiferentes á compreensão da utilidade escolar, eu sinto invadir-me o espirito uma onda de desespero, por me lembrar de que essas crianças, pudendo mais tarde colaborar no engrandecimento da nossa patria, contribuir para que ela conquiste o grau de rejuvenescimento a que tem jús, estão colhendo o virus da indolencia, estão caminhando inconscientemente para a sua propria desgraça, para o abismo do seu infortunio.

Mas a culpa, meus senhores, a culpa não a atribuo eu a essas crianças inexperientes, sem a noção do dever, sem a compreensão do Bem e da Verdade. A culpa cabe exclusivamente aos pais, que, mais conhecedores, pela experiencia da vida pratica, da necessidade da instrução no futuro de seus filhos, os não mandam á escola para eles lá aprenderem o que eles não sabem nem podem ensinar-lhes.

Vem a proposito referir-lhes um facto que comigo se deu ha bem pouco tempo ainda.

Eu fazia vêr a um pae o inconveniente, o grave inconveniente do analfabetismo dos filhos, e increpava-o por ele os não mandar á escola. Querem saber, meus senhores, o que esse pae me respondeu, com toda a sua inconsciencia de aldeão honrado e trabalhador?

Que se toda a gente aprendesse a lêr, ninguem ia cavar as vinhas, arrotear as terras, revolve-las e fazer produzir os campos. Que queriam depois ser fidalgos, procurar emprego, á boa-vida.

Se essa sua fraze traduzia um grande amôr pelo Campo, que é preciso nutrir em todo o caso, esse pae, inconsciente mas honrado, esquecia-se de quê a agricultura, principal fonte de receita, base profundamente economica dum povo, progride tanto mais quanto fôr elevado o grau de instrução dêsse mesmo povo. Esquecia-se disso!...

Aquela criatura, como tantas outras, desconhece que o agricultor instruido, o pequeno lavrador instruido convenientemente, póde produzir muito mais e melhor, sabendo lêr e compreendendo, portanto, o grande alcance da economia domestica e da economia agricola. Compreendem muito bem, meus senhores, que um agricultor, embora possuindo uma instrução superficial, está apto para fazer calculos sobre o estado e garantia dos seus produtos, pois que, semeando e colhendo quasi sempre sem orçamentar as despezas que poderá fazer com determinados trabalhos, acontece encontrar no fim de tudo um resultado negativo.

Não acontecerá isso aos que, sabendo lêr, escrever e contar, e compreendendo a significação destas operações, orçamentam primeiro os seus trabalhos, fazem calculos sobre o que podem dispender e o que lhes póde produzir tal ou tal propriedade.

Quantos e quantos, meus senhores, passam a vida sem saberem o que ganham, o que gastam e o que podem lucrar. Dai a ruina, a desgraça de um lar, o definhamento da familia.

Por outro lado traz ainda um maior inconveniente o analfabetismo.

Refiro-me ao facto, bem lamentavel por sinal, de muitas donas de casa irem aos estabelecimentos comprar coisas a praso, levando um livrete onde o negociante, que nem sempre é consciencioso, que nem sempre é um homem de seriedade, aponta a seu belo talante as somas que no fim da semana um pobre operario tem que satisfazer-lhe.

Porque, meus senhores, é preciso atentar bem nesta verdade flagrante: muitas vezes podem ser vitimas dum ludibrio, podem ser até descaradamente roubados.

E isso não acontecerá se o chefe da familia ou a dona da casa souber lêr.

E como este exemplo outros lhes podia frizar, se não estivesse sobejamente demonstrado que a luz radiante das letras, iluminando os cerebros menos cultos e principalmente os que

trabalham de sol a sol, é a garantia mais segura e mais sólida da estabilidade da sua vida domestica e da sua vida economica.

Por isso mesmo a escola, cuja utilidade não me canço de proclamar, deve ser o alvo principal de todos aqueles que amam verdadeiramente o progresso desta patria onde infelizmente a noção do dever e da verdade, é ainda encarado por um prisma bem diferente daquele que eu visiono.

Vou concluir, meus senhores, por um conselho aos chefes de familia e ás mães generosas e dotadas de sensibilidade.

Aos paes menos cultos aconselho que façam o sacrificio de mandar os seus filhos á escola, embora isso possa causar-lhes transtorno á sua vida domestica, porque o sacrificio feito agora, traz largas compensações no futuro, como já tive ocasião de lhes mostrar.

E ás mães, que em vez do *padre nosso*, o qual pelo seu uzo excessivo, se tornou já vexatorio e degradante, ensinem, no lar onde só paz e harmonia deve existir, o crédo sublime da fraternidade e do amôr, abstraindo-se de preconceitos que sempre são a causa da desorganisação familial e da desagregação do lar domestico.

Que não tenham escrupulo de os mandar á escola com o receio pueril de que lá sómente aprenderão a escrever cartas para namoros, que é ainda o que muitas dizem, quando se lhes faz ver a conveniencia da instrução de seus filhos, mórmente se são do sexo feminino.

Esse erro tem sido a causa de funestas consequencias, e de desaproveitamento de vocações que poderiam vir a aproveitar-se em beneficio da colétividade e da patria.

Porque, como diz Danton naquela sua sublime frase já tanto em vóga: «Depois do pão, a educação é a primeira necessidade do povo».

Eu sei que muitos se tem perdido na senda ingrata da vida precisamente porque os paes, numa ignorancia atavica e perniciosa, já de si hereditaria, não mandaram os seus filhos á escola, e assim temos que, homens que podiam tornar-se ilustres e prestimosos, nunca deixarão de viver sob uma atmosfera de humildade degradante.

Assim compreendido tudo isto que venho de expôr, haverá a certeza de todos terdes colaborado para o engrandecimento e prosperidade da raça, para o bem-estar da Republica e para a confraternisação universal.

Viva a instrução popular!

Viva a Republica!

ALMEIDA JUNIOR.

Errata: — No extrato do numero passado, onde se lê *reforma de 1905*, deve lêr-se: *reforma de 1902*.

Outras correções devem ter feito os nossos leitores, que por serem faceis não apontamos.

CRÓNICA DE LISBOA

Os altos magnates da Ciencia protestam contra o beijo porque ele é o transmissor da tuberculose, da sifilis, da morte!

Heresia suprema!

Após o retalharem sobre a pedra do necroterio os mais doces encantos, depois de devassarem os mais reconditos segredos querem ainda tirar nos as doçuras do beijo, d'esse contato ardente de dois seres que se elevam mansamente, docemente, n'um extasi sublime e delirante.

Eles, os Galenos devassos, que no seio dos seus laboratorios profanam as materias que formam essas perolas cristalinas que a dôr arranca ás noivas sentimentais, ás mães estremosas, ás viuvas desoladas; êles, os Esculapios sapientes que riem sobre o ritus desesperado que vinca a face do cadaver já frio, eles condenam o beijo abrindo as paginas dos seus *tratados de higiene modelar*.

E, no final de contas, excetuando alguns timoratos que tudo acreditam, nós, aqueles que perdoamos o mal que nos faz pelo bem que nos sabe, rimos e riremos por entre o murmurio suave de ternos beijos que tanto podem sair d'uma alcôva nupcial como d'um lupanar de seis vintens.

* * *

Os labios puros da mais pura virgem conteem microbios, dizem êles os altos magnates da Ciencia...

Profanos! Como suportar uma tal blasfemia?

O beijo não mata, o beijo dá vida, embriaga os sentidos, dulcifica o coração.

Na Idade Média o cumprimento em voga a qualquer dama era, nem mais nem menos, que um beijo sobre a fronte candida, imaculada.

Felizes tempos esses!...

Mudaram-se os tempos, mudaram-se os costumes, todavia, o beijo continuou sendo o nuncio venturoso dos afagos que a voz dum namorado fogoso não poderia articular.

Eu quizera, gentilissimas leitoras, que no seio dos vossos lares fazeis o enlevo dos vossos pais, o vosso parecer sobre as blasfemias dos coribantes da matrona Higiene.

Que direis vós, que direis se entre os beijos carinhosos de vossas mães, os beijos fraternais de vossos irmãos, os beijos ardentes dos vossos namorados se erguesse, livida e fria, horrenda e má, a figura espetral dos escrupulos boçais da Higiene?

Protestareis, não é assim? E' o mesmo que eu faço sempre revestido do meu riso mordás que sempre me acompanha perante a *idiotice sapiente* dos Galenos imbecis, do nosso tempo.

Gomes Monteiro.

Reclamações

Uma escola

Pedem-nos que lembrêmos a quem competir a necessidade de criar uma escola para o sexo feminino no logar do Amieiro, desta freguezia. A população escolar é muito densa naquêle sitio, que dista desta localidade mais de 3 quilómetros.

Estão assim já ha muitos anos centenares de crianças privadas da luz da instrução, por não terem uma escola acessivel que possam frequentar.

A necessidade duma escola feminina no Amieiro é efectivamente urgente; e esperamos que a nova junta de paroquia, ao assumir o seu mandato, encare esta questão de frente, esforçando-se, dentro do ambito das suas atribuições, por a resolver com o melhor exito.

Carta do Porto

Continuam ainda as investigações policiais sobre a conspirata, mostrando-se a opinião publica muito interessada no caso Homero de Lencastre, a que os jornais se teem referido.

— Fundou-se aqui mais uma associação de *sport*.

— Chegou de larga digressão pelo sul de Portugal, o sr. Antonio Baeta da Fonseca, bemquisto viajante da casa Domingos Duarte & C.ª.

25—XII—1913.

Duarman.

Coisas simples

Harmonias intimas

Não pulsa um coração debaixo do céu que não sofra.

CAMILO.

A dôr é a nossa solicita companheira no mundo e nunca se enfastia do seu mister... Segue-nos desde o berço e encontramo-la na juventude até onde vemos florir rosas e voejar esperanças; no ocaso da vida é ainda ela quem se debruça sôbre a lousa tumular, ali, na quietude serena do campo dos mortos.

Eu aprecio a Dôr. Não esta dôr fisica proveniente de mil uma contingencias, mas a dôr moral, aquela que se sente e não cabe em palavras exprimi-la; aquela dôr que penetra até ao âmago das fibras do coração e que abrange todo o nosso sêr como se fosse impelida com os glóbulos sanguineos na sua vivificadora revolução a todo o organismo.

E' o sistema nervoso quem sente, é este fluido imaterial e insubstituivel a que chamamos pensamento e alma?...

Aprecio a Dôr. Extranha harmonia neste conceito; aprecio-a e respeito-a porque me convenço que «não pulsa um coração debaixo do céu que não sofra».

Repilo os estoicos, os sectarios da doutrina de Keão. São corpos de pedra mascarados de virtude; fechou-se o coração á compaixão para se abrir ao egoismo.

Faz a inteligencia o império das ideias que agrupam os homens na mesma comunhão; mas a dôr tem mais vastos domintos porque a ninguem poupa. O que a razão muitas vezes não doma, vence-o o amor; o coração tem mais poder que o cérebro. Luiz Anaxagoras petrificar o coração da mulher, torna-lo de insensivel granito; mas o edificio, pela sua propria fortaleza se fendeu...

Eu respeito a dôr alheia quer quando a vejo vinculada na face macerada do necessitado, quer quando provém dos golpes de Atropo, quer quando a advinho por sob a mascara da bonómia e da resignação, num coração aflito.

E porque a respeito é que eu vejo como um latego acercado o sorrir do perverso em face da dôr alheia. E' martir o que sofre; é bôbo o que escarnece.

Vejo a dôr desenhar-se no arroxeado da madrugada, sinto-a palpitar até mesmo no dardejar cantante de Apolo e tambem a pressinto no esvair dolente do crepusculo vespertino. Vejo-a ainda na orla do mar quando as ondas veem abrandar na areia e ao lado, na penedia, soltar a alcion dolorida voz ao pôr do sol.

Não se chasqueie a dôr, porque ela nas suas azas abrange o mundo.

E porque é este o pensar da pessoa que hoje me inspirou esta crónica, a G. B. a dedico.

16 de dezembro.

Aurea Judit Amaral.

BANDEIRA DA PATRIA

Lavra grande entusiasmo pela festa da inauguração da bandeira oferecida ao posto da guarda fiscal da Pampilhosa, que deverá realisar-se no proximo dia 1.

A subscrição, que atingiu 61:20, prova bem quanto patriotismo envolve já a alma generosa do povo portuguez. Foram recebidos, por intermedio do nosso prezado assinante snr. Bartolomeu Delho, 200 balões com as côres nacionais, oferta do snr. Antonio Ribeiro Amaral, recebedor proposto em Gouveia, que maior realce e brilho darão á simpatica festa.

Consta que a banda do 23 de Coimbra, não póde comparecer, e que virá abrilhantar o acto a filarmonica do Luzo.

Tem sido incansavel o snr. José Maria Antão Nunes, 2.º sargento comandante do posto, a cuja boa vontade e bela iniciativa se deve tudo. Com efeito este brioso militar que gosa de gerais simpatias entre o elemento civil das circumvisinhanças de Pampilhosa, tem evidenciado o seu grande amôr pela causa da Patria, esforçando-se por arredar a festa da nefasta politiquice.

Bem hajam todos es que compreendem o alcance das boas doutrinas.

Letras perdidas

Estão em poder da redação deste jornal, as letras de cambio n.os 11752, na importancia de 362 escudos, em nome de Matias da Cruz Barreto e pagavel pelos srs. Duarte Reis & Sobrinho, de Cantanhede e a n.º 11753, na importancia de 115 escudos, em nome de Joaquim Gonçalves Salvador e pagavel pelos srs. João Antonio Rodrigues, sucessores, de Montemór-o-Velho, as quais serão entregues aos repectivos donos, em Pampilhosa, no escritorio do nosso redactor, Almeida Junior.

Horas d'insónia

Passou ante-hontem uma data que, pelo seu profundo significado moral, ainda não deixou de impressionar viva e profundamente a humanidade. E' um dia universalmente historico, o de Natal, em primeiro logar no mundo cristão. Outr'ora os catolicos chegaram mesmo a exagerar, explorando o povo crente, as almas ingenuas com as festas do nascimento dum cristo que o homem, na sua sêde de superstições e crendices, criou um dia á sua imagem e conveniencias mercantilistas.

A' sombra do ideal cristão, menos tido em conta ainda pelos cristãos confessos do que dos adesivos a esse credo; á sombra da ideia de Cristo se têm praticado infamias sem nome, canibalismos sem nome, mas é de justiça constatar que gloriosos feitos de humanidade, de amor e solidariedade se têm egualmente posto em obra patrocinados pelo mesmo credo de que é simbolo secular, mas em via de ruina incontestavel, a dantes tão potente e celebre Igreja Romana.

Só quem não tiver familia, quem nunca tivesse amado um filho ou acarinhado um ente em horas de longinqua ventura, é que não sente vibrar intensamente todo o seu ser psicologico ao vêr passar, ausente dos seus, longe do lar onde viveu a infancia, onde recebeu e deu beijos ardentes dum sentimentalismo quasi doentiamente amoravel, o dia festivo que ante-hontem decorreu.

Nesse dia, ao lembrarmo-nos dos que estão longe, dos que não têm uma acha humilde para aquecer as mãos enregeladas pelo frio, dos que, sentando-se a uma pobre meza, têm por toalha as lagrimas rolando por sobre a taboa carunchosa; nesse dia nós vivemos amarguras, amamos os ausentes que nos são caros, amamos, como diria o orador e Manuel de Melo relembra muito, o proprio amor.

Antigamente o povo confraternisava nas igrejas, de mistura com os padres e com as hostias bezuntadas de incenso. Agora, que são outros os tempos, e que o ceu multicor da liberdade esparge por sobre nós um mais intenso e nobilitante clarão de independencia de credos e ideias, o povo, nós todos já sabemos mais procurar o grande templo do lar domestico, do lar familial para nos estreitarmos em grandes amplexos de verdadeira caridade sentimental.

Deve ter sido deploravel, sim, o dia de Natal para aqueles que não puderam gosar o tonificante aroma dum beijo de criança; que não puderam aquecer a alma á tepida viração duma noite de festa familiar. Deve ter sido triste, sim, o dia de Natal para todos aqueles que, á sombra lugubre duma masmorra, estão morrendo uma vida de presidio e de inconsolações, longe dos filhitos que pedem pão e das esposas que rogam beijos e imploram momentos de felicidade que acasos furtuitos da vida lhes roubaram!

Rios de lagrimas devem ter corrido dos olhos amortecidos dos pobresitos que dormem na rua, ávidamente olhando os palacetes dos quais tempestades de risos e chuvas de oiro se evolavam por entre olôres de perfumes caros e constelações de raras pedrarias! E os filhos de amores eventuais, sem um pai amigo e caritativo, vivendo do riso e do afago das mães?...

E' que a data que ante-hontem passou é um dia que, pelo seu profundo significado moral, se eternisou e gravou no seio da humanidade que sofre...

ALMEIDA JUNIOR.

Poetas e Prosadôres

OS POBRESINHOS

Pobres de pobres são pobresinhos,
Almas sem lares, aves sem ninhos...

Passam em bandos, em alcateias,
Pelas herdades, pelas aldeias.

E' em Dezembro, rugem procelas,
Deus nos acuda, nos livre delas.

Vem por desertos, por estevais,
Mantas aos hombros, grandes bornais,

Como farrapos, coisas sombrias,
Trapos levados nas ventanias...

Filhos de Cristo, filhos d'Adão,
Buscam no mundo codeas de pão!

Ha-os ceguinhos, em treva densa,
D'olhos fechados desde nascença.

Ha-os com f'ridas esburacadas,
Rôxas de lirios, e gangrenadas.

Uns de voz rouca, grandes bordões,
Quem sabe lá se serão ladrões!...

Outros humildes, riso magoado,
Lembram Jesus que ande disfarçado...

Engeitadinhos, rotos, sem pão,
Tremem maleitas d'olhos no chão...

Campos e vinhas!... hortas com flôres!...
Ai, que ditosos os lavradores!

Olha, fumegam tetos e lares
Fumo tão lindo!.. branco, nos ares!...

Batem ás portas, erguem-se as mães,
Choram meninos, ladram os cães...

Resam e cantam, levam a esmola,
Vinho no bucho, pão na sacola.

Fruta da horta, caldo ou toucinho,
Dão sempre os pobres a um pobresinho.

Um que tem chagas, velho, coitado,
Quer ligaduras ou mel rosado.

Outro, promessa feita a Maria,
Deitam-lhe azeite na almotolia.

Pelos alpendres, pelos currais,
Dormem deitados como animais.

Em caravanas, em alcateias,
Vão por herdades, vão por aldeias...

Sabem cantigas, oraçõesinhas,
Contos d'estrelas, reis e rainhas...

Choram cantando, penam resando,
Ai, só a morte sabe até quando!

Mas no outro mundo Deus lhes prepara,
Leito o mais alvo, ceia a mais rara...

Os pés doridos lh'os lavarão,
Santos e santas com devoção!

Para lava-los, perfumaria,
Em gomil d'ouro, d'ouro a bacia.

E embalsamados, transfigurados,
Tunicas brancas, como em noivados.

Viveram sempre na eterna luz,
Pobres bemditos, amen, Jesus!

Guerra Junqueiro.

CARTA DE LISBOA

—=(*)=—

FOLHA ERRANTE:

«Foi preso Carlos de Lemos, gatuno perigoso mais conhecido por «Princeza do Brazil» por uns furtos por este praticados, recolhendo ao Limoeiao.»

(Dos jornais).

Mas a que tempos cheguei,
Oh! senhor, por vida minha,
já não se pode ser rei,
nem *princeza*, nem rainha,
nem outras coisas que eu sei.

Os reis fogem quais doninhas
dos tronos sem mais rodeios,
e as *princezas*, coitadinhas!
fazem mão baixa aos alheios
como gatunas mesquinhas.

E neste rude furor
veremos, não tarda nada,
o bom do nosso *prior*
a vender a limonada
quando chegar o calor...

OS ACONTECIMENTOS DE 27 DE ABRIL

De Angra do Heroismo chegaram na passada segunda-feira os presos militares implicados nos acontecimentos de 27 de abril.

Desembarcaram na Trafaria em cujo forte ficarão até serem julgados.

Os primeiros a despontar ás centenas de olhos curiosos foram o general Guedes, capitão Lima Dias, capitão de fragata Soares Andrea, tenente Lobo Pimentel e o dr. Lomelino de Freitas.

Apesar da chuva impertinente que então caia muita gente se dirigiu ao local afim de presenciar um espetaculo soberbo: meia duzia de vencidos que o Destino fez rolar na rocha Tarpeia!

HOMERO DE LENCASTRE

Deve estar na memoria de todos os ótimos serviços que, por ocasião da *intentona* de outubro ultimo, o *detetive* Homero de Lencastre prestou á Republica destrinçando a meada conspiratoria.

Pois bem, o mesmo cidadão passou-se para a Galiza onde se encontra nas boas graça dos monarquicos em evidencia.

Mais um *truc* de Sherlok Holmes moderno?

Veremos...

O HEROE DOS DEMBOS

Apesar do tribunal marcial de Braga ter absolvido o ex-capitão João d'Almeida, foi, em recurso interposto pelo promotor de justiça do mesmo tribunal, condenado em Santa Clara em 6 anos de prisão maior celular, seguidos de 10 de degredo ou na alternativa em 20 de degredo em possessão de segunda classe.

JULIO DANTAS

Por um grupo de amigos e admiradores foi oferecido um banquete de homenagem a Julio Dantas com a comparencia do sr. dr. Afonso Costa.

O palacio da Sociedade Nacional de Belas Artes, onde se realisou a festa, encontrava-se lindamente ornamentado.

PANTEON NACIONAL

O snr. Ramos Costa levou á camara um projecto de lei criando nas nunca acabadas obras de Santa Engracia o Panteon Nacional.

A proposta foi muito bem recebida, todavia, é preciso ver quem escolher para ai dormir o eterno sono. Ele ha tantos...

SPORT

IMPERIO SPORTING CLUB

Com este titulo fundou-se no Porto mais uma associação de *sport*, tendo por divertimento essencial o *foot-ball*.

Esta associação, que tem á sua frente os *sportmen* portuenses Armando Duarte, Joaquim Nunes da Rocha Junior, Simplicio M. Teixeira e J. M. C. Garcia, conhecidos *foot-ballers*, conta com valiosas adesões, esperando ver dentro de pouco tempo o progresso desta associação.

Em breve realisar-se-á uma assembleia para eleger os corpos gerentes.

A. D.

TRANSCRIÇÃO

O *Correio de Aveiro* transcreveu o artigo *Revista Infantil*, publicado num dos ultimos numeros do *Dever*, e da autoria da nossa estimada cronista D. Aurea Judit Amaral.

Agradecidos.

Publicações

Almanaque do «Mundo» para 1914.—Preço, 20 centavos.—Como nos anos anteriores, insere este excelente almanaque um calendario com as mais curiosas efemérides, grande numero de retratos dos vultos mais eminentes da Democracia, muitas informações sobre organisação partidaria, o codigo eleitoral, etc., etc. E' emfim um dos bons almanaques dignos de figurarem nas melhores bibliotecas, lendo-se as suas paginas, onde a literatura não falta, com extremo agrado.

A edição é muito elegante e com uma bela capa colorida.

Agradecemos o exemplar oferecido.

Coisas uteis

Belas palavras da sr.ª D. Aurea Judit Amaral, ilustre professora, colhidas de sua autoria inserto no jornal *O Dever*, de Arazede:

«Moralisemes e eduquemos: morigerar os costumes, e bem compete neste ponto a todos os que escrevem não usarem de sentidos ou linguagem ultra-realistas que magoam as pessoas honestas, educar as crianças para que, quando chegarem á idade e pensar, encarem a vida não como «um fardo pesado» que nos tortura, mas como uma obrigação a cumprir.

Deixemos, ao sermos riscados do numero dos vivos, um nome impoluto; e tenhamos a consolação de termos sempre praticado o Bem».

Folgamos em poder verificar que esta inteligente senhora veio enfileirar comnosco na propaganda dos bons principios que teem por lema o melhoramento moral e intelectual da humanidade.

Bemvindo seja, como bemvindos são sempre todos os que teem um coração que sente e compreende as necessidades do nosso proximo!

J. Fontana da Silveira.

(Da *Humanidade*, de Coimbra).

GAZETILHA

=7.ª=

«Cala-te, mulher, ou cá
Nem já sei que hei de dizer.
— Retruca-lhe o padre *Sá*
Sempre de rabo a tremer —
Diz-me uma coisa, olha lá:

«Tu já ouviste falar
Em eu ter filhos d'alguem?
Tu já viste aí andar
Os filhos atraz da mãe
E eu tê-los que sustentar?»

«Eu lhe digo, meu senhor,
Eu por mim não os tenho seus,
Mas 'stá aí esse *estepór*,
Diz que é filho p'r'amôr Deus
E o pai é o senhor prior...»

Padre Xico, ao ouvir isto,
Prior das Terras Talassas,
Ficou varado, 'stá visto;
E ele que não é p'ra chalaças,
Ficou logo a pensar nisto.

Azorrague.

Noticias

Nos dias 30 de dezembro e 1 e 2 de janeiro tem o publico que pôr o *selo de assistencia* de 1 centavo em toda a correspondencia que transitar pelos correios, á exceção dos jornais.

A comissão incumbida de elaborar o quadro dos professores primarios oficiais para os efeitos da sua promoção de classe, entregou já no ministerio de instrução o seu relatorio, acompanhado das relações de professores relativos á 1.ª, 2.ª e 3.ª classes. A comissão apurou que á data de 29 de março de 1911 existiam 2:573 professores de 1.ª classe, 1:302 de 2.ª e 2:428 de 3.ª, devendo passar á 1.ª classe 141 professores de 2.ª e á 2.ª classe 413 de 3.ª Depois de tirados do quadro da 1.ª classe todos os professores ul.imamente aposentados devem ainda ficar bastantes vagas e na 2.ª classe depois de feitas as promoções ficam ainda 726 vagas. Não póde a comissão concluir os seus trabalhos ha mais tempo porque, sendo o boletim do professor o elemento basico, a comissão só em principios de dezembro recebeu das inspeções escolares o resto dos boletins.

— O ilustre ministro de instrução publica ordenou o encerramento de sete colegios onde se infringiam as leis, no respeitante ao ensino de materia religiosa. Esses estabelecimentos são o Colegio Joana d'Arc, o Novo Colegio do Porto; o Colegio Inglez e o Colegio de Liverpool, do Porto; o Colegio de Santo Antonio dos Carvalhos, de Vila Nova de Gaia; o Colegio Povoense e o Colegio Moderno, da Povoa de Varzim; e o Colegio de S. Tomaz de Aquino, de Braga. Em todos eles se praticavam atos de culto religioso, em comunidade, os quais são legalmente interditos, A averiguação destas infracções resultou do inquerito a que se procedeu ultimamente.

— Na administração do concelho de Montemór-o-Velho foi levantado auto de investigação sobre uma queixa apresentada pelo snr. dr. Francisco Fausto Guedes Gavicho contra o paroco de Tentugal, Antonio Gouveia Rodrigues, na qual se expõem varios factos atentatorios da lei da Separação.

— Faleceu no Rio de Janeiro o conego da Sé de Lisboa, Sena Freitas, que foi um escritor de renome, apesar das suas ideias racionarias.

— O parlamento encerrou no dia 22 e reabrirá no dia 5 de janeiro.

— Consta oficialmente ter morrido o *negus* Menelik, da Abissinia.

— Chegaram te rça-feira a Lisboa, vindos de Angra do Heroismo, a bordo do vapor *Funchal*, 114 presos implicados no movimento de 27 de abril ultimo, e que deram entrada no forte da Trafaria.

Agradecendo

Ao nosso presado assinante sr. Tibério d'Oliveira & C.ª, bemquisto comerciante em Benguela, agradecemos as magnificas colecções de postais ilustrados que teve a gentileza de nos oferecer.

O nosso amigo, que é um dos proprietarios do grande *Basar de Paris*, naquela florescente cidade africana, é um dos poucos que, lá longe, sabem honrar as belas tradições portuguesas, esforçando-se por divulgar as nossas importantes possessões d'alem mar.

Um abraço.

A adubação de culturas horticolas

E' esta a epoca em que nas hortas, sobretudo nas dos arredores dos grandes centros, onde em geral os produtos horticolas têm procura e são bem pagos, tomam maior atividade os trabalhos de cultura.

E', portanto, nesta ocasião que mais convem lembrar aos agricultores, no seu proprio interesse, que por nenhum principio devem deixar de adubar convenientemente as culturas que tenham de fazer o mesmo ás que já estão feitas, porque a verdade é que das boas adubações dependem principalmente as qualidades dos produtos horticolas e ainda a quantidade.

Recomendamos, portanto, aos lavradores que não deixem de adubar as culturas horticolas, porque não se arrependerão de o ter feito.

O que mais convem para se obter nas hortas o melhor resultado possivel, é sempre empregar adubos completos apropriados, adubos em que o elemento POTASSA entre em percentagem elevada, porque a POTASSA desempenha um importantissimo papel na vegetação, aumentando os rendimentos e melhorando as qualidades dos produtos.

Quando porem, os agricultores não desejem empregar os adubos completos, que são os melhores, bem farão aplicando juntamente com os estrumes que houverem de empregar um adubo POTASSICO, o CLORETO ou o SULFATO DE POTASSIO, segundo as terras são ou não calcarias, na dose de 200 a 300 kg. por hectare ou sejam 20 a 30 gramas por cada metros quadrado. Uma boa adubação para as culturas horticolas é a que consiste na aplicação de uma mistura de Guano de Per? (Ohlendorf) e CLORETO DE POTASSIO, na proporção de 4 partes do primeiro adubo para 1 parte do segundo, empregando-se este adubo na doze de 100 gramas por metro quadrado.

Seja como fôr, o que convem é que os agricultores não deixem de aplicar nas suas hortas os ADUBOS POTASSICOS porque a sua influencia é em extremo benefica.

Tanto o Guano de Perú, como o CLORETO ou o SULFATO DE POTASSIO e ainda todos os outros adubos agricolas podem e devem ser requisitados a

O. Herold & C.ª

Com armazens e escritorios em Lisboa, Porto, Pampilhosa, Santarem, Evora, Beja e Faro devendo ser sempre exigida nos sacos a marca registada

"Trevo de 4 folhas,,

que é a melhor garantia da boa qualidade do adubo.

"O DEVER,,

Vende-se em **Lisboa**, na rua do Ouro, n.º 178, 2.º D, sendo nosso agente o snr. A. Soares, a quem os nossos presados leitores e assinantes da capital se poderão dirigir.

Azeite

COMPRA-SE grande ou pequena porção de azeite, isto é, todo o que fôr oferecido.

Quem quizer vender, dirija-se a **Melo & Martins,** *Pampilhosa do Botão*, junto ao caminho de ferro.

Agua da Curia

Semelhante á de Contrexeville

Estimula a acção dos rins, que são os filtros do corpo humano.

Experimentai a agua da Curia.

(44) **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

VII

Um sentimentalista

I

«Não vê como eles se deshonestam, como eles saqueiam, como eles assassinam? Quem o ludibriou no começo da sua carreira foram eles; quem lhe contaminou a existencia preciosa foram eles; quem o prostou nesse leito do dor e de agonia foram eles tambem. A crueldade dos covardes irá até ao aniquilamento?

— Sim, até ao tumulo, disse Pedro.

— Resista, meu amigo, veja se resiste. Já não tem fé?

— Somente no Ideal que ha de triunfar — respondeu ele com voz tremula. — A fé que tinha nos homens está abalada.

— E' horrivel! disse.

E sai profundamente comovido com o estado deploravel em que tinha encontrado o meu novo amigo.

Fui vê-lo ainda mais tres dias sucessivos. No ultimo, achei-o completamente perdido.

Quando ia entrar no quarto, disse-me ele com voz debil e assustada:

— Não entre...

— Porquê? perguntei, parando no limiar da porta.

— Porque não entra já ninguem neste quarto... a não ser a Morte... E vi-o bolçar uma golfada de sangue.

— Meu pobre amigo! meu pobre amigo! disse eu, aproximando-me dele, e sentindo-me retransido de compaixão.

— Está tudo consumado... vê? E tossia cavernosamente.

Os olhos, cercados de bistre, salientavam-se na palidez mormórea do semblante amaciado. Era um corpo á beira do tumulo.

Ele pedia-me muito que me retirasse; mas, fazendo um movimento de reflexão, soergue o busto e tira um caderno de papel debaixo do travesseiro.

— Olhe, disse ele, respirando a custo. Como é impossivel já agora... falar-lhe no amor que me escalavrou o peito... tome este *diario* que escrevi... e por ele verá o muito que sofreu a minha alma...

E entregou-me o caderno de papel.

— Retire-se agora, meu amigo... E adeus disse, ao mesmo tempo que tossia e vomitava sangue num berço já retinto.

Sai mais perturbado que nunca. Estava irremediavelmente perdido aquele corpo quase cadaver.

Oh! Como é duro o sofrimento das boas almas!

No dia seguinte pela manhã, quando fui visita-lo, já Pedro tinha expirado.

Morreu com o coração asseteado, mas com a alma purificada no sentimento e na poesia.

Eis o *diario* que ele me entregou e que denuncia um espirito acrisolado ao bafejar dum amor incompreendido, por ser demasiado sincero.

III

Diario

E' este o refugio dos desprotegidos da sorte, cujo espirito, estremado do comum dos homens, se ála ao mundo das fazes lôbregas da vida, para depois as transmitir ao papel, num desafogo supremo da alma.

Onde ha ai oprimidos do infortunio que tomem para refrigério á sua dor este que naturalmente vai alheando o espirito das ideias tenebrosas que o observam? Onde ha ai temperamentos que saibam reagir ás conturbações da existencia, tonificando as angustias por um dialogo com o papel?

(*Continua*).

AGUA DE LUSO -- Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABÉRTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais sugestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivos

Muito radicativa — 4,49 miligramas — minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tipico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos -- **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 423. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª**, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Relojoaria Probidade

— DE —

Saul Bahia

Encarrega-se de todo e qualquer trabalho em joias, relogios e gramofones de qualquer sistema, garantindo a sua perfeição.

Tambem possue artigos pertencentes aos objectos acima mencionados.

Rua Henrique Dias, n.º 14

S. PAULO — BRAZIL

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:
1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

MELO & MARTINS

Com armazem de adubos quimicos, sulfato de cobre, enxofre e cal para construções

Deposito de gazolina

Endereço postal e telegrafico:

PAMPILHOSA DO BOTAO

São nossos representantes em Mortagua:

NA POVOA, o snr. José Paulo

NA ESTAÇÃO, o snr. José Tomaz.

GAZÓMETROS

LATOARIA EM CANTANHEDE

Novo sistêma de gazómetros, o mais perfeito e sólido que até hoje tem aparecido no género. Além deste sistêma, ha mais 5 modêlos, á escolha do freguez. Em qualquer sistêma se acham já gazómetros prontos para instalação; encarregando-se esta casa da montagem.

O proprietario desta latoaria encarrega-se ainda de qualquer serviço inerente á sua arte, tendo para isso pessoal devidamente habilitado.

Quem precisar, dirija-se por um postal a

Virgilio da Costa Mendes—CANTANHEDE

CASA HAVANESA

16 — Rua Ferreira Borges — 18

COIMBRA

Sortido completo em tabacos, papelaria e perfumarias. Molduras para quadros e galerias, o que ha de mais moderno. Artigos para desenho, pintura a oleo, aguarela, foto-miniatura e pirogravura.

BILHETES DE VISITA

Novidades para brindes, artigos de viagem e toilette etc.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

MURALINE — Tintas feitas com agua

Estas ntitast eem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Hotel de la Paix

JEAN OZUN

Situado num dos pontos mais centrais da capital, belas vistas sobre o Rocio, é um dos modernos hoteis que mais comodidades oferece.

Bom serviço de cosinha á franceza

Almoços, 60 centavos. — Jantares, 80 centavos. — Serviço á lista.

3 Calçada do Duque, 3 — **Lisboa**